Tai Pan

James Clavell

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

TAI PAN

James Clavell - VOL. I

SÔNIA COUTINHO

Tradução

Para Tai-Tai, Para Holly e Para Michaela

LIVRO I

Dirk Struan subiu ao tombadilho da nau capitânia *H.M.S. Vengeance* e caminhou em direção ao passadiço. O navio de linha, com seus 74 canhões, estava ancorado a meia milha de distância da praia. Em torno, encontrava-se o restante das belonaves da frota, embarcações para o transporte de tropas e clíperes de ópio dos negociantes chineses.

Amanhecia, naquela cinzenta e fria terça-feira, 26 de janeiro de 1841.

Enquanto Struan caminhava pelo convés principal, deu uma olhada em direção à costa e ficou todo excitado. A guerra com a China fora como ele planejara. A vitória havia sido alcançada de acordo com suas previsões. E o prêmio da vitória — a ilha — era algo que ele cobiçava há vinte anos. Agora, ia desembarcar para presenciar a cerimônia de posse, ver uma ilha chinesa tornar-se uma jóia na coroa de Sua Majestade, a Rainha Vitória da Grã-Bretanha.

A ilha era Hong Kong. Trinta milhas quadradas de pedra montanhosa, ao norte da embocadura do grande Rio Pérola, ao sul da China. A mil jardas de distância do continente. Inóspita. Árida. Desabitada, tendo apenas ao sul uma pequena vila de pescadores. Varrida pelas monstruosas tempestades que explodiam todo ano, originadas no Pacífico. Marginada a leste e oeste por perigosos baixios e recifes. Sem utilidade para o mandarim — nome dado a qualquer oficial do imperador chinês — em cujos domínios se situa.

Mas Hong Kong continha o maior porto da terra. E era o degrau de acesso de Struan à China.

— Amarrar os cabos! — bradou o jovem oficial de vigia para o fuzileiro de

capote vermelho. — A chalupa do Sr. Struan no passadiço a meia-nau!

— Sim, senhor! — O fuzileiro inclinou-se por sobre a amurada e repetiu a ordem.

— Não vai demorar nem um minuto, senhor — disse o oficial, tentando conter seu pavor do príncipe dos mercadores, que era uma lenda nos mares da China.

— Não tem pressa, rapaz.

Struan era um homem gigantesco, com o rosto castigado por mil tempestades. Seu casaco azul de marinheiro tinha botões prateados e as calças brancas e apertadas estavam enfiadas, descuidadamente, em botinas navais. Estava armado da maneira usual — uma faca na prega às costas e outra na bota direita. Tinha quarenta e três anos, cabelos ruivos, olhos verdes-esmeralda.

— Está um dia lindo hoje — disse.

— Sim, senhor.

Struan desceu o passadiço, entrou na proa de sua chalupa e sorriu para seu meioirmão mais moço, Robb, sentado a meia-nau.

— Estamos atrasados — disse Robb, sorrindo.

— Sim. Sua Excelência e o almirante falaram demais. — Struan olhou a ilha, por um momento. Depois, virou-se para o mestre. — Ao mar. Vamos até à praia, Sr. McKay!

— Sim, sim, senhorrr!

— Afinal, depois de tanto tempo, hein, Tai-Pan? — disse Robb. “Tai-Pan”, em chinês, significava “líder supremo”. Numa empresa, exército, armada ou nação só há um homem desses, o que exerce o poder absoluto.

— Sim — disse Struan.

— Ele era o Tai-Pan da Casa Nobre.

CAPÍTULO UM

— Esta ilha horrorosa que se dane — disse Brock, cujo olhar percorria a praia e se elevava pelas montanhas. — A China toda a nossos pés, e tudo que conseguimos é este rochedo estéril e inútil.

Ele estava na praia, acompanhado de dois de seus colegas negociantes na China. Espalhados em torno deles, havia outros grupos de negociantes e oficiais da força expedicionária. Estavam todos à espera de que o oficial da Marinha Real começasse a cerimônia. Uma guarda de honra de vinte fuzileiros encontrava-se formada em duas linhas bem arrumadas, junto ao mastro, o escarlate de seus uniformes como um repentino salpico de cor. Perto deles, havia grupos desarrumados de marinheiros que haviam acabado de lutar para trazer aquele mastro e sua bandeira até o solo pedregoso.

— As oito badaladas marcaram a hora de içar a bandeira — disse Brock, com a voz rouca de impaciência. — Já se passou uma hora. Por que diabo essa demora?

— É mau pagode praguejar na terça-feira, Sr. Brock — disse Jeff Cooper. Era um americano magro de Boston, com nariz adunco, e usava casaco negro e cartola de feltro, inclinada num ângulo elegante. — Muito mau!

O sócio de Cooper, Wilf Tillman, empertigou-se ligeiramente, sentindo as ocultas arestas da voz anasalada do companheiro mais jovem. Ele era baixote e corado, e vinha do Alabama.

— Digo-lhe com toda certeza, toda essa merda é um mau pagode! — disse Brock. Pagode era uma palavra chinesa significando sorte, destino, bom e mau, tudo junto. — Mau como diabo.

— Melhor que não seja, senhor — disse Tillman. — O futuro do comércio na China está aqui, agora... mau pagode ou bom pagode. Brock olhou-o com firmeza.

— Hong Kong não tem futuro nenhum. É de portos abertos no continente chinês que precisamos, e você sabe disse, por Deus!

— O porto é o melhor que há nessas águas — disse Cooper. — Há espaço de sobra para querenar e reparar todos os nossos navios. Espaço de sobra para construir nossas casas e armazéns. E sem qualquer interferência chinesa, afinal.

— Uma colônia precisa ter terra arável e camponeses para trabalhar a terra, Sr. Cooper. E renda — disse Brock, com impaciência. — Já caminhei por aí tudo, e o senhor também. Não é possível cultivar nada aqui. Não há prados e nem rios, tampouco pastagens. Então, não haverá carne e nem colheita. Tudo aquilo que for necessário terá de vir por mar. Pense no preço. Ora, até os peixes apodrecerão. E quem vai pagar a manutenção de Hong Kong, hein? Nós e o nosso comércio, por Deus!

— Ah, é esse o tipo de colônia que deseja, Sr. Brock? — disse Cooper. — Pensei que o Império Britânico — ele cuspiu habilmente, na direção do vento — já tinha bastantes colônias desse tipo.

A mão de Brock aproximou-se de sua faca.

— Está cuspindo para limpar a garganta ou cuspindo no Império?

Tyler Brock tinha quase cinqüenta anos e era um homem grandalhão, tão duro e resistente como o ferro que fora obrigado a mascatear em Liverpool, quando jovem, e tão forte e perigoso como os navios mercantes, dos quais fugira e, afinal, aos quais chegara a comandar, como diretor da Brock e Filhos. Suas roupas eram opulentas e a faca que tinha à cintura era cravejada de pedras preciosas. Sua barba começava a ficar grisalha, como o cabelo.

— O dia está frio, Sr. Brock — disse Tillman depressa, aborrecido, interiormente, com a língua solta de seu jovem sócio. Brock não era homem para ser provocado, e eles não podiam permitir-se ainda uma aberta inimizade com ele. — O vento está um bocado frio, hein, Jeff?

Cooper fez um rápido sinal afirmativo com a cabeça. Mas não tirou os olhos de Brock. Não tinha faca, mas havia uma pistola em seu bolso. Era da mesma altura de Brock, porém mais magro, e destemido.

— Vou dar-lhe um conselho, Sr. Cooper — disse Brock. — É melhor não cuspir com muita freqüência depois de dizer “Império Britânico”. Talvez não lhe concedam o benefício da dúvida.

— Obrigado, Sr. Brock, eu me lembrarei — respondeu Cooper, despreocupadamente. — E vou dar-lhe também um conselho: é mau pagode praguejar numa terça-feira.

Brock conteve a raiva. Acabaria esmagando Cooper e Tillman e a companhia deles, a maior entre os negociantes americanos. Mas, agora, precisava dos dois como aliados contra Dirk e Robb Struan. Brock praguejou contra o pagode. O pagode tornara Struan e Companhia a maior casa de comércio da Ásia, tão rica e poderosa que os outros negociantes na China denominaram-na, com medo e

inveja, a Casa Nobre — nobre porque era a primeira em riqueza, a primeira em tamanho, a primeira em comércio, a primeira em navios mas, principalmente, porque Dirk Struan era Tai-Pan, o Tai-Pan de todos os tai-pans da Ásia. E o pagode tirara de Brock um olho, há 17 anos, no ano em que Struan fundara seu império.

Aconteceu ao largo da Ilha Chushan. Chushan ficava logo ao sul do grande porto de Xangai, perto da embocadura do grande Rio Yang-tsé. Brock atravessara a monção com uma grande carga de ópio — e Dirk Struan vinha atrás dele, com um atraso de alguns dias, também carregando ópio. Brock chegou a Chushan primeiro, vendeu sua carga e começou a voltar, satisfeito por saber que agora Struan teria de ir mais para o norte, e tentar chegar a outro ponto da costa, com novos riscos. Brock seguiu velozmente em direção ao sul, onde morava — em Macau — com os cofres cheios de barras de ouro, o vento soprando favoravelmente. Mas, então, uma grande tempestade se formou sobre os mares da China. Os chineses chamavam essas tempestades de *tai-fung*, os ventos supremos. Os negociantes as designavam tufões. Eram o próprio terror.

O tufão castigou impiedosamente o navio de Brock e ele ficou preso entre os mastros e vergas caídos. Uma adriça cortada, impelida pelo vento, açoitara-o, enquanto ele se encontrava sem movimentos. Seus homens cortaram o madeirame, soltando-o, mas, antes, a corda partida, com um aro na ponta, vazou-lhe o olho esquerdo. O navio ficou inclinado sobre o costado, com perigo de naufragar, e ele os ajudou a cortar o cordame e os mastros que estavam ao sabor das ondas. Quase por milagre, a embarcação retomou o prumo. Então, ele derramou conhaque na órbita sangrenta; ainda se lembrava da dor.

E se recordava de como se arrastara até o porto, muito tempo depois de ter sido dado como perdido, com seu belo clíper de três mastros reduzido a um mero casco, as soldaduras soltas, sem mastros, sem canhões e nem cordame. E, quando Brock conseguiu substituir a mastreação, os cabos e as torres de amarração, bem como as armas e a pólvora, as balas e os homens, e comprara outra carga de ópio, todos os lucros daquela viagem já haviam desaparecido.

Struan fora atingido pelo mesmo tufão numa pequena *lorcha* — embarcação com casco chinês e cordame inglês, usada para fazer contrabando costeiro, em

ocasiões de bom tempo. Mas Struan saíra da tempestade e, elegante e intocado como de hábito, já estava no cais para cumprimentar Brock, com seus estranhos olhos verdes zombando dele.

Dirk e seu maldito pagode, pensou Brock. Com esse pagode, Dirk transformara aquela única lorcha fedorenta numa frota de clíperes e centenas de lorchas, em armazéns e barras de ouro para entesourar. Na amaldiçoada Casa Nobre. E o pagode empurrou Brock e Filhos para o amaldiçoado segundo lugar. Segundo. E, ele pensou, o pagode o fez cair nas boas graças de nosso amaldiçoado e cagão plenipotenciário, o Ilustre Amaldiçoado Longstaff, todos esses anos. E agora, juntos, eles nos traíram. Hong Kong que se dane, e Struan também!

— Se não fosse o plano de Struan, vocês jamais teriam ganho essa guerra tão facilmente — disse Cooper.

A guerra começara em Cantão dois anos antes, quando o imperador chinês, decidido a controlar os europeus, tentara eliminar o contrabando de ópio, essencial ao comércio britânico. O Vice-Rei Ling cercou de tropas o núcleo dos estrangeiros em Cantão e pediu que fossem entregues todas as caixas de ópio existentes na Ásia, como resgate para as vidas dos indefesos negociantes ingleses. Finalmente, foram entregues e destruídas vinte mil caixas de ópio e os britânicos tiveram permissão para se refugiar em Macau. Mas os ingleses não poderiam aceitar interferências assim em seu comércio, ou ameaças a pessoas de sua nacionalidade. Seis meses depois, a Força Expedicionária Britânica chegara ao Oriente e fora colocada, ostensivamente, sob o comando de Longstaff, o Capitão-Superintendente do Comércio.

Mas foi Struan quem concebeu o inspirado plano de se desviarem de Cantão, onde

o problema todo tinha começado, e enviarem, em vez disso, a força expedicionária ao norte, a Chushan. Seria simples tomar esta ilha sem perdas, teorizara Struan, porque os chineses não tinham preparo e nem defesa para enfrentar qualquer exército ou frota moderna européia. Deixando uma pequena força de resistência em Chushan, e alguns poucos navios bloqueando o Yang-tsé,

a força expedicionária poderia navegar para o norte, até a boca do Rio *Pei Ho*, e ameaçar Pequim, a capital da China, que ficava a apenas uma centena de milhas rio acima. Struan sabia que só uma ameaça assim tão direta faria o imperador pedir paz imediatamente. Uma idéia soberba. E funcionara de maneira brilhante. A força expedicionária chegara ao Oriente em junho passado. Em julho, Chushan tinha sido tomada. Em agosto, a frota já estava fundeada no Pei Ho. Duas semanas mais tarde, o imperador enviava um oficial para negociar a paz — a primeira vez, na história, que qualquer imperador chinês reconhecia oficialmente uma nação européia. E a guerra terminara quase sem perdas de ambas as partes.

— Longstaff foi muito sábio ao seguir o plano — disse Cooper.

— Qualquer negociante na China saberia como fazer os chineses se ajoelharem — disse Brock, com a voz rouca. Ele empurrou mais para trás, sobre a testa, a sua cartola, e afrouxou a venda do olho. — Mas por que Longstaff e Struan concordaram em negociar lá em Cantão, hein? Qualquer tolo perceberia que "negociar" para o chinês quer dizer ganhar tempo. Deveríamos ter ficado no norte, no Pei Ho, até a paz ser firmada. Mas não, fizemos a frota voltar e, durante os últimos seis meses, estamos esperando interminavelmente que os patifes assinem alguma coisa. — Brock cuspiu. — Uma estupidez, uma louca estupidez. E toda essa perda de tempo e dinheiro por causa desta merda de rochedo. Deveríamos ter ficado com Chushan. Aquela ilha valia a pena. — Chushan tinha vinte milhas de comprimento e dez de largura e sua terra era fértil e rica com um bom porto e uma grande cidade, *Ginghai*. — Ali tem espaço para um homem respirar de verdade. Ora, de lá três ou quatro fragatas podem bloquear o Yang-tsé num abrir e fechar de olhos E quem controla aquele rio controla o coração da China. Pelo amor de Deus, é onde devíamos nos estabelecer.

— O senhor ainda tem Chushan, Sr. Brock.

— Sim. Mas não está citada no amaldiçoado tratado e, então não vai ser nossa. — Ele bateu os pés no chão, para aquecê-los, pois o vento ia ficando cada vez mais frio.

— Talvez devesse falar disso a Longstaff — disse Cooper. — Ele é sensível a conselhos.

— Não aos meus, aposto. Como sabe muito bem. Mas eu lhe digo, quando o Parlamento souber desse tratado, vai ser preciso pagar um dinheirão, pode ter certeza. Cooper acendeu um charuto.

— Estou inclinado a concordar. É um espantoso pedaço de papel, Sr. Brock. Para os nossos tempos. Quando toda potência européia está louca por terra e poderes.

— E os Estados Unidos não, quer dizer? — O rosto de Brock se endureceu. — E os índios? A compra de Louisiana? Da Flórida espanhola? Vocês têm andado de olho no México e no Alasca russo. Segundo as últimas notícias, até tentaram roubar o Canadá. Hein?

— O Canadá é americano, não inglês. Não vamos fazer uma guerra no Canadá. Eles se juntarão a nós por vontade própria — disse Cooper, escondendo seu aborrecimento.

Ele puxou com força as suíças e envolveu mais apertadamente os ombros com seu casaco de marinheiro, para se proteger do vento, que esfriava mais ainda. Sabia que a guerra com o Império Britânico seria desastrosa naquela ocasião e arruinaria Cooper-Tillman. Malditas guerras. Ainda assim, tinha certeza de que os Estados Unidos precisariam ir fazer a guerra no México e no Canadá, a menos que fosse assinado um acordo. Exatamente como a Grã-Bretanha precisara guerrear com a China.

— Não haverá guerra — disse Tillman, tentando diplomaticamente acalmar Cooper.

Ele suspirou, e desejou estar de volta ao Alabama. Lá, um homem pode ser um

cavalheiro, pensou. Lá, não é preciso lidar todo dia com os amaldiçoados ingleses, ou com gente da ralé, blasfemos e desbocados como Brock, ou um demônio em forma de homem, feito Struan, ou até com um jovem impetuoso, e sócio importante, como Jefferson Cooper, que tinha Boston como o centro do mundo.

— E esta guerra acabou, bem ou mal — acrescentou.

— Ouça bem o que eu digo, Sr. Tillman — disse Brock. — Esse maldito tratado não é bom nem para nós, nem para eles. Devíamos conservar Chushan e portos abertos no continente chinês. Estaremos em guerra outra vez, dentro de algumas semanas. Em junho, quando o vento estiver bem forte, a frota terá de navegar para o norte, novamente até Pei Ho. E, se estivermos de novo em guerra, como conseguiremos os chás e as sedas da temporada? Ano passado, quase não houve comércio, por causa da guerra. No ano anterior, comércio nenhum, e eles nos roubaram todo ópio. Só minhas, oito mil caixas. Isto me custou dois milhões de *taéis* de prata. Em dinheiro vivo.

— Aquele dinheiro não está perdido — disse Tillman. — Longstaff nos mandou entregá-lo. Para resgatar nossas vidas. Ele nos deu papel, em nome do Governo britânico. E há um acordo no tratado. Seis milhões de taéis de prata para pagar aquilo.

Brock riu, rudemente.

— Acha que o Parlamento vai respeitar o papel de Longstaff? Ora, qualquer governo seria derrubado na hora em que pedisse dinheiro para pagar ópio. Quanto aos seis milhões... servirão para custear as despesas da guerra. Conheço o Parlamento melhor do que o senhor. Despeça-se para sempre de seu meio milhão de taéis, é o conselho que eu dou aos dois. E, se estivermos em guerra outra vez, este ano, novamente não haverá comércio. Se não houver comércio este ano, entraremos todos em bancarrota. O senhor, eu e todos os que comerciam na China. Até a maldita Casa Nobre.

Puxou com impaciência o relógio. A cerimônia deveria ter começado há uma hora. O tempo expirava, pensou. Sim, mas não para Brock e Filhos, pelo amor de Deus. Dirk tivera um período de dezessete anos de *bom pagode* e agora era hora de mudar.

Brock se encantava ao pensar em seu segundo filho, Morgan, que controlava — com implacável competência — todos os seus interesses na Inglaterra. Ficou imaginando se Morgan tinha conseguido minar a influência de Struan no Parlamento e nos círculos bancários. Nós vamos fazer você naufragar, Dirk, pensou ele, e Hong Kong junto com você.

— Por que diabo será essa demora? — perguntou, aproximando-se apressadamente do oficial da Marinha que caminhava de um lado para outro, perto dos fuzileiros. — Que há com você, Jeff? Sabe que ele está certo a respeito de Hong Kong — disse Tillman. — Devia entender que não deve arreliá-lo. Cooper deu o seu magro sorriso.

— Brock tem uma maldita auto-suficiência. Não consegui conter-me.

— Se ele estiver certo com relação ao meio milhão de taéis, ficaremos arruinados.

— Sim. Mas Struan vai perder dez vezes isso, se não houver pagamento. Ele vai receber o dele, não tenha medo. Então, nós receberemos o nosso. — Cooper acompanhou Brock com o olhar. — Acha que ele sabe do nosso acordo com Struan?

Tillman encolheu os ombros.

— Não sei. Mas Brock tem razão quanto ao tratado. É estúpido. Vai nos custar um bocado de dinheiro.

Durante os últimos três meses, Cooper-Tillman tinham atuado como agentes secretos para a Casa Nobre. Belonaves britânicas bloqueavam Cantão e o Rio Pérola, e os comerciantes ingleses ficaram proibidos de negociar. Longstaff — a pedido de Struan — colocara em vigor o embargo, como outra medida para forçar o tratado de paz, sabendo que os armazéns de Cantão estavam repletos de chá e de sedas. Mas, como a América não declarara guerra à China, os navios americanos podiam atravessar livremente o bloqueio, passando pelos navios de guerra. Então, Cooper-Tillman haviam comprado quatro milhões de libras de chá a *Chen-tsé Jin Arn* — ou *Jin-qua*, como era apelidado — o mais rico dos mercadores chineses, e embarcaram-nas para Manilha, supostamente destinadas a comerciantes espanhóis. A autoridade espanhola local, em troca de um considerável suborno, emitira as necessárias licenças para importação e exportação e o chá fora transferido — livre de impostos — para os clíperes de Struan, que o levaram apressadamente para a Inglaterra. O pagamento a Jin-qua foi toda uma carga de ópio, entregue secretamente por Struan, em algum ponto da costa.

Um plano perfeito, pensou Cooper. Todos estão mais ricos e conseguem as mercadorias que querem. Mas teríamos feito uma fortuna, se nossos navios pudessem ter entregue o chá diretamente à Inglaterra. E ele amaldiçoou os Decretos de Navegação Britânica, que proibiam qualquer navio, com exceção dos britânicos, de levar mercadorias até portos ingleses. Malditos sejam, são os donos do mundo.

— Jeff!

Cooper acompanhou o olhar de seu sócio. Por um momento, não conseguiu entender o que Tillman queria que ele visse, no porto apinhado. Depois, viu a chalupa afastar-se da nau capitania, conduzindo o alto e ruivo escocês, tão poderoso a ponto de dobrar o Parlamento aos seus objetivos e fazer entrar em guerra a maior nação do mundo.

— Seria esperar muito ver Struan afogar-se — disse Tillman. Cooper riu.

— Você está enganado a respeito dele, Wilf. De qualquer maneira, o mar nunca ousaria fazer uma coisa dessas.

— Talvez sim, Jeff. Já é tempo. Por tudo que é sagrado.

***

Dirk Struan estava em pé à proa da chalupa, cavalgando a crista das ondas. E, embora já estivesse atrasado para a cerimônia, não apressou os remadores. Sabia que nada começaria até ele chegar.

A chalupa estava a trezentos metros da praia e as ordens de comando do mestre misturavam-se agradavelmente com a forte monção que vinha do nordeste. Lá longe, nas alturas, o vento ganhava força e impelia os cúmulus do continente para a ilha e, de lá, em direção ao oceano.

O porto estava cheio de navios, todos ingleses, com exceção de umas poucas embarcações americanas e portuguesas, barcos mercantes de todos os tamanhos. Antes da guerra, esses barcos mercantes teriam fundeado em Macau, a pequena colônia portuguesa, numa ponta do continente, quarenta milhas sudoeste, por sobre a grande embocadura do Rio Pérola. Ou ao largo da Ilha de *Whampoa*, treze milhas ao sul de Cantão. Esta era a maior aproximação de Cantão permitida a qualquer navio europeu, segundo a lei chinesa. De acordo com um decreto imperial, todo comércio europeu restringia-se a esta cidade. Dizia a lenda que mais de um milhão de chineses viviam dentro de suas muralhas. Mas europeu algum tinha certeza disto, porque nenhum deles caminhara jamais por aquelas ruas.

Desde a Antigüidade, os chineses tinham leis rígidas excluindo os europeus de

seu país. A inflexibilidade dessas leis, a falta de liberdade, para os europeus, de irem onde queriam, e de comerciar como queriam, provocara a guerra.

Enquanto a chalupa passava perto de um navio mercante, algumas crianças acenaram para Struan, e ele respondeu ao aceno. Será bom para as crianças terem, afinal, os seus lares, em terra própria, pensou ele. Quando a guerra começara, todos os cidadãos britânicos haviam sido evacuados para os navios, a fim de ficarem em segurança. Havia aproximadamente cento e cinqüenta homens, sessenta esposas, oitenta crianças. Algumas das famílias ficaram a bordo de navios por quase um ano.

Em torno dos navios mercantes, estavam as belonaves da Força Expedicionária Britânica: navios de linha de 74 canhões, 44, 22, brigues, fragatas, uma pequena parte da mais poderosa armada que já existira no mundo.

E, entre esses navios, estavam os bonitos clíperes de ópio, com seus mastros enviesados, as mais velozes embarcações já construídas.

Struan sentiu um calor de excitação ao examinar a ilha, com sua montanha principal que se elevava a cento e oitenta pés, quase a prumo do mar.

Ele jamais pisara na ilha, embora soubesse mais a seu respeito do que qualquer outro homem. Jurara não desembarcar ali até o local pertencer aos britânicos. Agradavalhe ser assim arrogante. Mas isto não o impedira de mandar seus capitães e o irmão mais moço, Robb, à terra, a fim de explorar a ilha. Conhecia os recifes, os rochedos, os vales e as colinas, e sabia onde ia construir seus armazéns e a Grande Casa, bem como o local em que passaria a estrada.

Virou-se para olhar o seu clíper, o *China Cloud*, de 22 canhões. Todos os clíperes de Struan e da companhia tinham *Cloud* como segundo nome, em honra de sua mãe, cujo sobrenome era McCloud, morta há anos. Marinheiros pintavam e limpavam a embarcação, que já reluzia. Os canhões eram examinados e o cordame testado. O pavilhão do Reino Unido tremulava orgulhosamente à popa, e a bandeira da companhia no alto da vela.

A bandeira da Casa Nobre era o real leão vermelho da Escócia, entrelaçado com o dragão verde imperial da China. Drapejava em vinte clíperes armados, espalhados pelos oceanos do mundo numa centena de velozes *lorchas* armadas que contrabandeavam ópio pela costa acima. E também em três grandes navios-depósitos para o abastecimento de ópio — antigos navios mercantes, atualmente ancorados no porto de Hong Kong. Drapejava ainda no *Resting Cloud*, embarcação na qual estava seu quartel-general, com quartos-fortes repletos de barras de ouro, escritórios, suítes luxuosas e salões de refeições.

É uma bela bandeira, pensou Struan, orgulhosamente.

O primeiro navio a içar a bandeira fora uma *lorcha* pirata carregada de ópio, que ele tomara à força. Piratas e corsários infestavam a costa, e as autoridades chinesas e portuguesas ofereciam uma recompensa em prata para quem os capturasse. Quando o vento impedia o contrabando de ópio, ou quando ele não tinha ópio algum para vender, esquadrinhava os mares da China. As barras de ouro ganhas com os piratas, investiu no ópio.

Maldito ópio, pensou. Mas sabia que sua vida estava inexoravelmente ligada ao ópio — e que, sem ele, nem a Casa Nobre e nem o Império Britânico poderiam existir.

A razão para tanto remontava a 1699, quando o primeiro navio britânico negociara pacificamente com a China e levara de volta sedas e, pela primeira vez, a inigualável planta chamada chá — que só a China, no mundo, produzia de maneira barata e em abundância. Em troca, o imperador só recebia barras de prata. E esta diretriz persistira, desde então.

Dentro de pouco mais de cinqüenta anos, o chá se tornara a bebida mais popular do mundo ocidental — particularmente na Grã-Bretanha, a maior nação comerciante da terra. Em setenta anos, o chá era a única fonte importante de renda interna de impostos para o Governo britânico. Num século, o fluxo de riqueza derramado na China esvaziara de maneira crítica o tesouro inglês, e a troca desequilibrada de chá por prata tornou-se uma catástrofe nacional.

No curso do século, a Companhia das índias Orientais Britânica — a gigantesca firma semiprivada, semipública que detinha, através de um decreto parlamentar, o monopólio do comércio indiano e asiático — oferecera de tudo, com crescente desespero — algodão, teares, até canhões e navios — em substituição à prata em barras. Mas os imperadores, autoritariamente, recusaram. Consideravam a China auto-suficiente, sentiam desprezo pelos "bárbaros", como chamavam os não chineses, e encaravam todas as nações do mundo apenas como Estados vassalos da China.

E então, há trinta anos, um navio mercante britânico, o *Vagrant Star,* subira o Rio Pérola e ancorara ao largo da Ilha de Whampoa. Sua carga secreta era ópio, que a Bengala britânica produzia barato e abundante. Embora o ópio fosse usado na China há séculos — mas só os muito ricos o consumiam, e os moradores da Província de *Yunnan*, os locais onde a papoula também florescia — era considerado contrabando. A Companhia das índias Orientais autorizara clandestinamente o capitão do *Vagrant Star* a oferecer ópio. Mas só em troca de barras de prata. A Guilda de Mercadores Chineses que, por decreto imperial, monopolizava o comércio ocidental, comprou a carga e a vendeu em segredo, com grande lucro. O capitão do *Vagrant Star,* em particular, entregou as barras de prata a oficiais da Companhia, em Cantão, e tirou seu lucro em papel moeda, em Londres, voltando em seguida, às pressas, a Calcutá, a fim de conseguir mais ópio.

Struan lembrava-se bem do *Vagrant Star.* Ele fora camaroteiro a bordo. Nesta embarcação se tornara homem — e vira a Ásia. E jurara destruir Tyler Brock, na época terceiro-imediato do *Vagrant Star.* Struan tinha doze anos, Brock dezoito, e era muito forte. Brock o odiara à primeira vista e se deliciava em encontrar erros seus, cortar-lhe a ração de alimentos, mandá-lo fazer turnos extras, vigia de mastreação em ocasiões de mau tempo, em atormentá-lo, aguilhoá-lo. Ao menor engano, mandava amarrar Struan no cordame e açoitá-lo com os azorragues.

Struan ficara no *Vagrant Star* por dois anos. Então, certa noite, o navio bateu num recife, no Estreito de Málaca, e afundou. Struan nadou para a costa e conseguiu chegar a Cingapura. Mais tarde, soube que Brock sobrevivera também, e isto o fez sentir-se muito feliz. Queria vingança, à sua maneira, na ocasião oportuna.

Struan embarcou em outro navio. Agora, a Companhia das índias Orientais dava autorizações, secretamente, a muitos capitães negociantes independentes, cuidadosamente selecionados, e continuava a lhes vender com exclusividade o ópio de Bengala, a preços vantajosos. A Companhia começou a ter grandes lucros e adquiriu grande quantidade de barras de prata. A Guilda Chinesa de Mercadores e os mandarins fecharam os olhos para

o comércio ilícito, porque também tinham grandes lucros. E estes lucros, sendo secretos, não estavam sujeitos aos impostos imperiais.

O ópio se tornou a mercadoria de comércio de torna-viagem. A Companhia, rapidamente, monopolizou o fornecimento mundial de ópio, fora da província de Yunnan e do Império Otomano. Em vinte anos, as barras de prata trocadas pelo ópio contrabandeado igualavam as barras devidas pelos chás e pelas sedas.

Afinal, o comércio se equilibrava. Depois, houve uma ultrapassagem, porque havia vinte vezes mais clientes chineses do que clientes ocidentais, e aí começou um pasmoso fluxo de barras que mesmo a China não poderia agüentar. A Companhia ofereceu outras mercadorias para represar a maré. Mas o imperador permaneceu inflexível: barras de prata em troca do chá.

Quando Struan chegou aos vinte anos, era capitão de seu próprio navio, no comércio do ópio. Brock era seu principal rival. Competiam implacavelmente. Dentro de seis anos, Struan e Brock dominavam o mercado.

Os contrabandistas de ópio ficaram conhecidos como negociantes da China. Eram um grupo intrépido, rijo e enérgico, de capitães-proprietários, individualistas — ingleses, escoceses e alguns americanos — que, sem pensar duas vezes, dirigiam seus pequenos navios para águas desconhecidas e perigos ignorados, fazendo disto um estilo de vida. Navegavam para comerciar pacificamente: a fim de tirar lucros e não conquistar. Mas, se enfrentavam um mar hostil, ou um decreto hostil, seus barcos se tornavam navios de guerra. E, se não combatiam bem, desapareciam e eram logo esquecidos.

Os comerciantes da China logo perceberam que, enquanto eles assumiam todos os riscos, a Companhia ficava com a maior parte dos lucros. Além disso, eram completamente excluídos do comércio legítimo — e altamente lucrativo — de chá e seda. Então, embora continuassem a competir ferozmente, persuadidos por Struan começaram a se agitar, coletivamente, contra a Companhia, a fim de romper seu monopólio. Sem o monopólio, os comerciantes poderiam converter ópio em barras de prata, barras de prata em chá e, depois, levar o chá para seu país e vendê-lo diretamente aos mercados mundiais. Os negociantes da China controlariam eles próprios o comércio mundial de chá e seus lucros se tornariam gigantescos.

O Parlamento se tornou seu foro de agitação. O Parlamento dera à Companhia seu monopólio exclusivo há dois séculos, e só o Parlamento poderia retirá-lo. Então, os negociantes da China jogavam pesadamente, comprando votos, apoiando membros do Parlamento que acreditavam na livre competição e no mercado livre, escrevendo para jornais e para membros do Governo. Estavam decididos e, com o aumento de sua riqueza, também cresceu seu poder. Eram pacientes, tenazes e indomáveis — como só conseguem ser os homens treinados no mar.

A Companhia ficou furiosa com os insurgentes e relutava em perder seu monopólio. Mas precisava desesperadamente que os comerciantes da China fornecessem as barras de prata, para pagarem o chá, e agora dependiam muito da grande renda decorrente da venda do ópio de Bengala. Então, lutou cuidadosamente para se defender no Parlamento. Este se encontrava em igual armadilha. Clamava contra a venda de ópio, mas precisava da renda dos chás e do Império Indiano. O Parlamento tentou ouvir os comerciantes da China e a Companhia, mas não satisfez a nenhum dos dois lados.

Então, a Companhia decidiu fazer de Struan e Brock, seus principais antagonistas, um exemplo. Retirou-lhes suas autorizações para negociar o ópio e as rompeu.

Brock ficou com seu navio, Struan sem nada. Brock entrou em sociedade secreta com outro comerciante da China e continuou a agitar. Struan e sua tripulação atacaram um refúgio de piratas ao sul de Macau, destroçaram-no e tomaram a

lorcha mais veloz. Então, ele se tornou um negociante clandestino de ópio a serviço de outros negociantes e, incansavelmente, tomava outros navios piratas, ganhando cada vez mais dinheiro. Em associação com os outros negociantes da China, jogava de maneira cada vez mais pesada, comprando ainda mais votos e continuando a importunar, e exortar, até o Parlamento uivar pela total destruição da Companhia. Sete anos antes, o Parlamento aprovara o decreto que eliminava o monopólio da Companhia na Ásia, e abria o continente ao livre comércio. Mas permitira à Companhia conservar o direito exclusivo de negociar com a índia Britânica — e o monopólio mundial do ópio. O Parlamento lamentava a venda do ópio. A Companhia não queria negociar com ópio. Os próprios comerciantes da China teriam preferido outra mercadoria — se fosse igualmente lucrativa. Mas todos eles sabiam que, sem a balança do chá-barra de prata-ópio, o Império seria destruído. Era uma evidência do comércio mundial.

Com liberdade para negociar, Struan e Brock tornaram-se príncipes mercadores. Suas frotas armadas se expandiram. E a rivalidade aguçou ainda mais sua inimizade.

Para substituir o vácuo político deixado na Ásia, quando o controle da Companhia fora anulado e o comércio liberado, o Governo britânico nomeara um diplomata, o Nobre William Longstaff, como Capitão-Superintendente do Comércio, para proteger seus interesses. Os interesses da Coroa eram um volume crescente de comércio — para ganhar mais com o produto dos impostos — e a contínua exclusão de todas as outras potências européias. Longstaff era responsável pela segurança do comércio e dos cidadãos britânicos, mas seu mandato era vago e ele não recebeu nenhum poder real para colocar em vigor uma política.

Pobrezinho do Willie, pensou Struan, sem malícia. Mesmo com todas as minhas pacientes explicações, no curso dos últimos oito anos, nossa “exaltada” Excelência, o Capitão-Superintendente do Comércio, ainda não consegue enxergar um palmo adiante do nariz.

Struan olhou para a praia, enquanto o sol crestava as montanhas e banhava os homens ali reunidos com uma luz repentina: amigos e inimigos, todos rivais. Virou-se para Robb.

— Você acha que eles são um comitê de recepção? — Todos os anos afastado da Escócia não haviam apagado completamente seu sotaque escocês. Robb Struan deu uma risadinha e colocou seu chapéu de feltro num ângulo mais definido.

— Eu acho que todos eles estão esperando ver-nos morrer afogados, Dirk. — Tinha trinta e três anos, cabelos escuros, rosto barbeado, com olhos fundos, nariz delgado e suíças bastas. Sua roupa era negra, com exceção de um manto de veludo verde, camisa branca pregueada e gravata branca. Os botões da camisa e do punho eram rubis. — Meu Deus, aquele é o Capitão Glessing? — perguntou, espiando a praia.

— Sim — disse Struan. — Achei oportuno que fosse ele a pessoa a ler a proclamação.

— O que disse Longstaff, quando você sugeriu o nome dele?

— "Tudo bem, Dirk, se você acha apropriado".— Ele sorriu. — Por Deus, já percorremos uma longa estrada, desde que começamos.

— Você sim, Dirk. Já estava tudo pronto quando eu apareci aqui.

— Você é o cérebro, Robb. Eu sou apenas o músculo.

— Sim, Tai-Pan, apenas o músculo. — Robb sabia bem que seu meio-irmão era o Tai-Pan de Struan e Companhia e que, na Ásia, Dirk Struan era o Tai-Pan. — Um belo dia para içar a bandeira, não?

— Sim.

Robb ficou a observá-lo, enquanto ele virava as costas para a praia. Parecia tão grande, em pé ali na proa, maior do que as montanhas, e tão duro quanto elas. Eu queria ser como ele, pensou Robb.

Robb só fizera uma vez o contrabando do ópio, pouco depois de chegar ao Oriente. O navio em que os dois se encontravam fora atacado por piratas chineses e Robb ficara aterrorizado. Ainda sentia vergonha, embora Struan tivesse dito “não tem nada demais nisso, rapazinho. A primeira vez em que se combate é sempre ruim”. Mas Robb sabia que ele não era um combatente, nem um bravo. Servia a seu meio-irmão de outras maneiras. Comprando chás, sedas e ópio. Arranjando empréstimos e vigiando as barras de prata. Compreendendo os procedimentos modernos, cada vez mais complicados, do comércio e do financiamento internacional. Defendendo seu irmão, a companhia e sua frota, e dandolhes segurança. Vendendo chás na Inglaterra. Fazendo a escrituração e todas as coisas necessárias para o funcionamento de uma companhia moderna. Sim, disse Robb a si próprio, mas sem Dirk você não é ninguém.

Struan estava observando os homens na praia. A chalupa ainda se encontrava a duzentos metros de distância. Mas ele via nitidamente os rostos. A maioria deles olhava para a chalupa. Struan sorriu de si para consigo.

Sim, pensou, estamos todos aqui, neste dia histórico.

***

O oficial de marinha, Capitão Glessing, esperava pacientemente pelo começo da cerimônia de hasteamento da bandeira. Tinha vinte e seis anos, era capitão de um navio de linha, filho de um vice-almirante, e a Marinha Real estava em seu sangue. A praia ficava cada vez mais iluminada, e mais longe, na direção leste, na linha do horizonte, o céu estava cheio de nuvens.

Haverá uma tempestade dentro de poucos dias, pensou Glessing, sentindo o vento. Afastou a vista de Struan e, automaticamente, verificou a posição de seu

navio, uma fragata de 22 canhões. Aquele era um dia monumental em sua vida. Não acontecia sempre novas terras serem tomadas em nome da rainha, e o privilégio de ler a proclamação era promissor para sua carreira. Havia muitos capitães na frota de posição superior à dele. Mas sabia que fora escolhido por estar naquelas águas há mais tempo, e porque seu navio, o H.M.S. *Mermaid,* envolvera-se fortemente em toda a campanha. Que não fora absolutamente uma campanha, pensou ele, com desprezo. Mais um incidente. Tudo poderia ter sido ajeitado há dois anos, se o tolo do Longstaff possuísse alguma energia. E, com certeza, se eu tivesse tido permissão para levar minha fragata até os portões de Cantão. Diabo, afundei toda uma maldita frota de juncos de guerra, e o caminho estava livre. Poderia ter bombardeado Cantão, capturado aquele demônio pagão que é o Vice-rei Ling, e o enforcaria no laís de verga.

Glessing chutou a praia, com irritação. Não é que eu me importe com o fato de os pagãos roubarem o amaldiçoado ópio. É muito correto querer parar o contrabando. Um insulto à bandeira. Vidas de ingleses postas sob resgate por demônios pagãos! Longstaff deveria ter deixado que eu agisse imediatamente. Mas não. Ele humildemente, retirou-se, evacuou todos para a frota mercante, e depois me incapacitou. A mim, por Deus, que tinha de proteger toda frota mercante. Que um raio o parta! E maldito seja Struan, que o leva para o lado que quer.

Bom, acrescentou para si próprio, mesmo assim você tem sorte de estar aqui. Esta é a única guerra que temos, no momento. Pelo menos, a única guerra marítima. As outras são simples escaramuças; a mera tomada dos Estados indianos pagãos — caramba, eles adoram as vacas, queimam as viúvas e se curvam diante de ídolos — e as guerras afegãs. E ele sentiu uma irrupção de orgulho por integrar a maior armada da terra. Graças a Deus nascera inglês!

Abruptamente, notou que Brock se aproximava e ficou aliviado ao vê-lo interceptado por um homem baixo e gordo, sem pescoço, na casa dos trinta, com uma grande barriga que lhe sobrava por cima das calças. Era Morley Skinner, proprietário do *Oriental Times, o* mais importante entre os jornais ingleses do Oriente. Glessing lia todos os exemplares. Era bem escrito. É importante ter um bom jornal, pensou. Importante ter as campanhas bem registradas, para a glória da Inglaterra. Mas Skinner é um homem revoltante. E todo o resto deles. Bom,

nem todos. O velho Aristotle Quance é uma exceção.

Deu uma olhada no homenzinho feio, sentado sozinho numa encosta de onde se descortinava a praia, num banco diante de um cavalete, obviamente pintando, sem parar. Glessing deu uma risadinha de si para consigo, lembrando os bons tempos que passara em Macau, com o pintor.

Além de Quance, Glessing não gostava de mais ninguém ali na praia, com exceção de Horatio Sinclair. Horatio era de sua idade, e Glessing tinha chegado a conhecê-lo muito bem, nos dois anos em que estivera no Oriente. Horatio era também auxiliar de Longstaff, seu intérprete e secretário — o único inglês no Oriente que falava e escrevia fluentemente o chinês — e eles tinham precisado trabalhar juntos.

Glessing perscrutou a praia e viu, com desagrado, que Horatio estava junto à rebentação, conversando com um austríaco, Wolfgang Mauss, um homem a quem ele desprezava. O reverendo Mauss era o único outro europeu no Oriente que escrevia e falava chinês. Era um homem grande, de barba negra — um padre renegado, intérprete e contrabandista de ópio de Struan. Havia pistolas em seu cinto e as abas de seu casaco de marinheiro estavam emboloradas. Seu nariz era vermelho e bulboso e o cabelo comprido, negro-acizentado, emaranhado e revolto como a barba. Os poucos dentes que lhe restavam estavam quebrados e escurecidos, e os olhos dominavam a obesidade do rosto.

Um contraste tão grande com Horatio, pensou Glessing. Horatio era louco, frágil e limpo como Nelson, a quem devia o nome — por causa de Trafalgar e porque ele perdera ali um tio.

Incluído na conversa dos dois, estava um eurasiano alto e esbelto, um rapaz que Glessing só conhecia de vista, Gordon Chen, bastardo de Struan.

Caramba, pensou Glessing, como podem os ingleses exibir tão abertamente bastardos mestiços? E este se vestia como todos os malditos pagãos, uma roupa comprida, com um rabicho horroroso caindo-lhe pelas costas. Se não fossem os

olhos azuis e a pele clara, ninguém diria que ele tinha sequer uma gota de sangue inglês. Por que diabo não corta o cabelo como um homem? Nojento.

Glessing virou as costas para eles. Suponho que o mestiço nada tem de errado, não é culpa dele. Mas aquele maldito Mauss é má companhia. Má para Horatio e má para sua irmã, a querida Mary. Ah, uma moça que vale a pena conhecer! Será uma boa esposa, caramba.

Ele hesitou, em sua caminhada. Era a primeira vez que considerava realmente Mary como uma possível companheira.

Por que não? Perguntou a si próprio. Você a conhece há dois anos. Ela é a flor de Macau. Dirige a casa Sinclair impecavelmente e trata Horatio como um príncipe. A comida é a melhor da cidade e ela dirige os criados maravilhosamente. Toca harpa como um sonho e canta feito um anjo, Deus é testemunha. Obviamente, ela gosta de você — por que outra razão você teria um convite permanente para jantar, sempre que você e Horatio estão em Macau? Então, por que não casar, hein? Mas ela nunca esteve lá em nosso país. Passou a vida inteira entre pagãos. Não tem nenhuma renda. Os pais estão mortos. Mas que importância tem isso, hein? O reverendo Sinclair era respeitado em toda Ásia, quando vivo, e Mary é linda e tem apenas vinte anos. Minhas perspectivas são excelentes. Tenho quinhentas libras por ano e herdarei, um dia, a casa senhorial e as terras. Caramba, talvez ela seja a mulher indicada para mim. Poderíamos casar-nos em Macau, na igreja inglesa, e alugar uma casa até terminar esta incumbência, e então iremos para nossa terra. Quando chegar a hora, eu direi a Horatio — “Horatio, meu velho, há uma coisa a respeito da qual quero falar com você...”.

— Por que essa demora toda, Capitão Glessing? — A voz rouca de Brock encerrou seu sonho. — Oito toques do sino marcaram a hora de hastear a bandeira, e já se passou uma hora.

Glessing deu uma volta. Não estava acostumado com um tom de voz agressivo de pessoa alguma com escalão inferior a vice-almirante.

— A bandeira será içada, Sr. Brock, quando acontecerem uma ou duas coisas. Basta Sua Excelência desembarcar, ou um tiro de canhão dar o sinal, da nau capitania.

— E quando vai ser isso?

— Observo que não estão ainda com a representação completa.

— Refere-se a Struan?

— Claro. Ele não é o Tai-Pan da Casa Nobre? — Glessing disse isto deliberadamente, sabendo que irritaria Brock. Depois, acrescentou — sugiro que tenha paciência. Ninguém mandou nenhum de vocês, comerciantes, desembarcarem.

Brock enrubesceu.

— Seria melhor que aprendesse a diferença entre comerciantes e mercadores. — Movimentou seu naco de tabaco para mascar na bochecha, e cuspiu nas pedras, junto aos pés de Glessing. Alguns pingos de saliva mancharam o brilho dos sapatos de fivelas prateadas. — Perdão — disse Brock, com fingida humildade, e se afastou.

O rosto de Glessing gelou. Se não fosse o “perdão” ele o teria desafiado para um duelo. Miserável ralé, ele pensou, cheio de desprezo.

— Com licença, senhor — disse o mestre-d’armas, fazendo continência — o sinal da nau capitania.

Glessing semicerrou os olhos, ao vento forte. Diziam as bandeiras de sinalização: “Todos os capitães se apresentem a bordo, quando soarem quatro badaladas do sino.” Glessing estivera presente, a noite passada, numa reunião

particular com o almirante e Longstaff. O almirante dissera que o contrabando de ópio era a causa de todos os problemas da Ásia. “Deus do céu, senhor, eles não têm nenhum senso de decência”, explodira ele. “Só pensam em dinheiro. Eliminem o ópio, e não teremos mais nenhum maldito problema com os malditos pagãos, ou os malditos negociantes. A Marinha Real cumprirá sua ordem, por Deus!” E Longstaff concordara, justificadamente. Suponho que a ordem será anunciada hoje, pensou Glessing, esforçando-se para conter sua satisfação. Bom. E estava na hora. Fico imaginando se Longstaff acabou de dizer a Struan que está dando a ordem.

Deu uma olhada para trás, em direção à chalupa que se aproximava, lentamente. Struan o fascinava. Ele o admirava e detestava — o marinheiro mestre que pilotara navios em todos os oceanos do mundo, que destruíra homens, companhias e navios para a glória da Casa Nobre. Tão diferente de Robb, pensou Glessing; eu gosto de Robb.

Estremeceu, sem querer. Talvez houvesse alguma verdade nas histórias sussurradas pelos marinheiros em todos os mares da China, histórias de que Struan cultuava em segredo o Demônio e, em troca, o Demônio lhe dera poder sobre a terra. De que outra maneira poderia um homem de sua idade ter um aspecto tão jovem e ser tão forte, com dentes brancos e todo o cabelo, e os reflexos de um rapaz, quando, na maioria, os homens estariam enfermos e gastos, e perto da morte? Por certo, os chineses sentiam terror de Struan. “O velho rato com os olhos verdes do Diabo”, eles o apelidaram, e puseram-lhe a cabeça a prêmio. Pois ninguém o apanharia vivo.

Glessing, com irritação, tentou mover os dedos do pé dentro dos sapatos afivelados. Seus pés doíam, e ele não se sentia confortável no uniforme com galões dourados. Maldita demora! Maldita ilha, e o porto, e o desperdício de bons navios, e de bons homens. Lembrou-se de seu pai, dizendo: “Amaldiçoados civis. Tudo que pensam é em dinheiro ou poder. Não têm o menor sentido de honra, o mínimo sequer. Cuidado com a bunda, filho, quando um civil estiver no comando. E não esqueça que até Nelson teve de colocar o telescópio em seu olho cego, quando havia um idiota no comando”. Como poderia um homem como Longstaff ser tão estúpido? Ele é de boa família, bem-nascido — seu pai era diplomata na corte de Espanha. Ou fora em Portugal? E por que Struan

compeliu Longstaff a parar a guerra? Com certeza conseguimos um porto onde podem fundear as armadas do mundo. Mas, o que mais? Glessing observou os navios no porto. A nave de guerra de 22 canhões de Struan, o *China Cloud.* E o *White Witch*, 22 canhões, orgulho da armada de Brock. E o brigue americano de 20 canhões de Cooper-Tillman, *Princess of Alabama.* Todos umas belezas. Valia a pena era combater com eles, pensou. Sei que eu poderia afundar o americano. Brock? Ele é resistente, mas eu sou melhor do que Brock. Struan?

Glessing imaginou uma batalha naval com Struan. Então percebeu que tinha medo de Struan. E, por causa de seu medo, ficava cheio de raiva e repulsa, diante da pretensão de não serem piratas todos os comerciantes da China.

Por Deus, jurou para si próprio, logo que a ordem for oficializada, eu vou comandar uma flotilha que fará todos eles sumirem da água, com uma explosão.

***

Aristotle Quance estava sentado, cheio de mau humor, diante da pintura inacabada em seu cavalete. Era um homem pequeno, com o cabelo meio grisalho. Suas roupas, com relação às quais ele se mostrava incrivelmente exigente, eram da última moda: calças cinzentas justas, meias brancas de seda e sapatos negros amarrados com um laço. Colete de cetim-pérola e casaco de lã negra. Colarinho alto, gravata com alfinete de pérola. Meio inglês, meio irlandês, ele era, aos cinqüenta e oito anos, o mais velho europeu no Oriente.

Tirou os óculos de ouro e começou a limpá-los com um imaculado lenço de renda francesa. Este dia me causa desgosto, pensou. Maldito Dirk Struan. Se não fosse por ele, não existiria nenhuma amaldiçoada Hong Kong.

Sabia que testemunhava o fim de uma era. Hong Kong destruirá Macau, pensou. Roubará todo o comércio. Todos os *tai-pans* ingleses e americanos vão transferir para cá seus quartéis-generais. Viverão aqui e construirão aqui. Depois, virão todos os vendedores portugueses. E todos os chineses que vivem à custa dos ocidentais e do comércio ocidental. Bom, eu jamais viverei aqui, jurou. Terei de vir aqui para trabalhar, de vez em quando, a fim de ganhar dinheiro, mas Macau será sempre meu lar.

Macau era seu lar há mais de trinta anos. Apenas ele, entre todos os europeus, pensava no Oriente como um lar. Todos os outros vinham por uns poucos anos, e depois partiam. Só aqueles que morriam ficavam. Mesmo neste caso, quando podiam se dar ao luxo, determinavam em seus testamentos que seus corpos fossem levados de navio de volta para “casa”.

Serei enterrado em Macau, graças a Deus, ele disse a si próprio. Passei tão bons tempos ali, todos passamos. Mas acabou. Maldito seja o Imperador da China! Um louco em destruir uma estrutura construída de maneira tão inteligente, há um século.

Tudo estava funcionando tão bem, pensou Quance amargamente, mas agora acabou. Agora tomamos Hong Kong. E agora que a poderosa Inglaterra está comprometida no Oriente e os negociantes provaram o poder, não se satisfarão com Hong Kong apenas.

— Bom — disse ele, involuntariamente alto — o imperador vai colher o que semeou.

— Por que está tão mal-humorado, Sr. Quance?

Quance pôs os óculos. Morley Skinner estava em pé, à beira da encosta.

— Não mal-humorado, meu jovem. Triste. Os artistas têm o direito... sim, uma obrigação, de serem tristes. — Guardou a pintura inacabada e colocou no

cavalete um pedaço de papel limpo.

— Concordo plenamente, concordo plenamente. — Skinner subiu arrastadamente a encosta, com os olhos castanhos claros parecendo resíduos de cerveja velha. — Só queria pedir sua opinião a respeito deste dia solene. Vou fazer uma edição especial. E não estaria completa sem algumas palavras de nossos cidadãos mais destacados.

— Tem toda razão, Sr. Skinner. Pode colocar — "O Sr. Aristotle Quance, nosso maior artista, *bon vivant* e querido amigo, não quis dar uma declaração, pois estava no processo de criação de outra obra-prima". — Tomou uma pitada de rapé e espirrou com força. Depois, com o lenço, espanou o rapé acumulado em seu casaco e os respingos do espirro do papel. — Bom-dia, senhor. — Mais uma vez se concentrou no papel. — O senhor está perturbando a imortalidade.

— Sei exatamente como se sente — disse Skinner, com um amável aceno afirmativo de cabeça. — Exatamente como se sente. Sente-se do mesmo jeito que eu, quando tenho algo importante para escrever. — Ele se afastou, arrastando-se.

Quance não confiava em Skinner. Ninguém confiava. Pelo menos ninguém com algum segredo no passado, e todos ali tinham algo que queriam esconder. Skinner gostava de fazer o passado ressuscitar.

O passado. Quance pensou em sua mulher e estremeceu. Que um raio me parta! Como posso eu ter sido tão estúpido a ponto de pensar que aquele monstro irlandês daria uma boa companheira? Graças a Deus voltou para o detestável pantanal irlandês, e não vai mais perturbar minha vida. As mulheres são a causa de todas as tribulações do homem. Bom, ele acrescentou, cautelosamente, nem todas as mulheres. Não a queridinha Maria Tang. Ah, sim, aquela é uma tremenda gatinha. E se alguém conhece um cruzamento perfeito de português com chinês é você, querido e inteligente Quance. Diabo, tive uma vida

maravilhosa.

E ele percebeu que, embora estivesse testemunhando o final de uma era, também fazia parte de outra, nova. Agora tinha uma nova história para testemunhar e pintar. Uma nova cidade para perpetuar. E novas moças para namorar e novos traseiros para beliscar.

— Triste? Nunca! — ele rugiu. — Vamos trabalhar, Aristotle, seu malandro velho!

***

Aqueles que, na praia, escutaram as palavras de Quance riram uns para os outros. Ele era muito popular e sua companhia disputada. E costumava falar sozinho.

— O dia não estaria completo sem o nosso querido velho Aristotle — disse Horatio Sinclair, com um sorriso.

— Sim. — Wolfgang Mauss coçou os piolhos da barba. — Ele é tão feio que seu rosto chega a ser suave.

— O Sr. Quance é um grande artista — disse Gordon Chen. — Por isso, ele é lindo. Mauss movimentou o corpanzil e olhou para o eurasiano.

— A palavra é “simpático”, rapaz. Eu lhe ensinei durante anos e você ainda não sabe a diferença entre “simpático” e “lindo”, hein? E ele não é um grande artista.

Seu estilo é excelente e ele é meu amigo, mas não tem a magia de um grande mestre.

— Eu quis dizer “lindo” num sentido artístico, senhor.

Horatio viu o momentâneo relâmpago de irritação passar através de Gordon Chen. Pobre Gordon, pensou, sentindo pena dele. Não pertencia a nenhum dos dois mundos. Tentando desesperadamente ser inglês, mas usando túnicas chinesas e um rabicho. Embora todos soubessem que era o bastardo do Tai-Pan, filho de uma prostituta chinesa, ninguém o reconhecia abertamente, nem mesmo o pai.

— Acho a pintura dele esplêndida — disse Horatio, com voz suave. — E ele também. É estranho como todos o adoram e, entretanto, meu pai o desprezava.

— Ah, seu pai — disse Mauss. — Ele era um santo entre os homens. Tinha elevados princípios cristãos, não era como nós, pobres pecadores. Que sua alma repouse em paz.

Não, pensou Horatio. Que sua alma arda no fogo do inferno para sempre.

O reverendo Sinclair era membro do primeiro grupo de missionários ingleses que se estabeleceu em Macau, há pouco mais de trinta anos. Ajudara a traduzir a Bíblia para o chinês e fora um dos professores na escola inglesa fundada pela missão. Toda sua vida o honraram como cidadão de destaque — menos o Tai-Pan — e, ao morrer, há sete anos, fora enterrado como um santo homem. Horatio conseguira perdoar o pai por levar sua mãe a uma morte precoce, porque seus elevados princípios lhe faziam ver a vida de uma maneira estreita e tirânica, por seu fanatismo ao adorar um Deus aterrorizador, pela coerência obsessiva de seu zelo missionário, e por todas as surras que dera no filho. Mas, mesmo depois de todo aquele tempo, não poderia jamais perdoar as surras que ele dera em Mary ou as maldições que acumulara sobre a cabeça do Tai-Pan.

Foi o Tai-Pan quem achou a pequena Mary quando, aos seis anos, ela fugiu aterrorizada. Ele a acalmara e depois levara-a para casa e, ao entregá-la ao pai, advertira-o de que, se tornasse a pôr as mãos nela, ele o arrancaria do púlpito e o chicotearia pelas ruas de Macau. Horatio, desde então, venerava o Tai-Pan. As surras pararam, mas foram impostos outros castigos. Pobre Mary.

Ao pensar em Mary, seu coração bateu mais rápido e ele olhou para a nau capitania onde estavam temporariamente instalados. Sabia que ela estaria observando a praia e, como ele, contava os dias que faltavam para chegarem em segurança a Macau. Apenas a quarenta milhas de distância, em direção ao sul, mas tão longe. Vivera todos os seus vinte e seis anos em Macau, com exceção de um período na escola, na Inglaterra. Detestava escola, tanto em seu país como em Macau. E detestara receber ensinamentos do pai; tentara desesperadamente satisfazê-lo, sem conseguir nunca. Ao contrário de Gordon Chen, o primeiro menino eurasiano aceito na escola de Macau. Gordon Chen era um aluno brilhante e sempre conseguira satisfazer o reverendo Sinclair. Mas Horatio não o invejava: Mauss fora o torturador de Gordon Chen. Por cada surra que seu pai lhe dera, Mauss havia dado três em Gordon Chen. Mauss era também um missionário; ensinava Inglês, Latim e História.

Horatio afrouxou as dragonas nos ombros. Viu que Mauss e Gordon Chen olhavam fixamente outra vez para a chalupa e ficou imaginando por que Mauss teria sido tão duro com o rapaz na escola — por que exigia tanto dele. Supôs que fora porque Wolfgang odiava o Tai-Pan. O Tai-Pan decifrava seus pensamentos e lhe oferecera dinheiro e o posto de intérprete em viagens para o contrabando de ópio, pela costa. A troco da permissão para Wolfgang distribuir bíblias chinesas e opúsculos e pregar para os pagãos, sempre que o navio parava — mas só depois de terminada a negociação do ópio. Supunha que Wolfgang desprezava a si mesmo por ser um hipócrita e estar associado a um demônio daqueles. E era forçado a fingir que o fim justificava os meios, quando sabia não ser verdade.

Você é um homem esquisito, Wolfgang, ele pensou. Lembrou-se de ter ido à Ilha de Chushan, no ano passado, enquanto estava ocupada. Com a aprovação do Tai-Pan, Longstaff indicara Mauss como magistrado temporário, para colocar em vigor a lei marcial e a justiça britânica.

Contra os costumes, ordens estritas haviam sido dadas em Chushan, proibindo o saque e a pilhagem. Mauss oferecera a todo saqueador — chinês, indiano, inglês — um julgamento justo e aberto e depois condenara cada um deles à forca, usando as mesmas palavras: "*Gott im Himmel, perdoai este pobre pecador. Enforquem-no*". Logo a pilhagem acabou.

Como Mauss costumava entregar-se livremente às recordações, no tribunal, entre os enforcamentos, Horatio descobrira que ele fora casado três vezes, todas com moças inglesas; as duas primeiras morreram de corrimento e a atual não estava em boas condições. Que, embora Mauss fosse um marido dedicado, o Demônio ainda conseguia tentá-lo a ir ao prostíbulo e aos botequins de Macau. Que Mauss aprendera chinês com os pagãos em Cingapura, para onde fora enviado como jovem missionário. Que vivera vinte, de seus quarenta anos, na Ásia e jamais estivera em seu país durante todo esse tempo. Que carregava pistolas agora porque: "Nunca se sabe, Horatio, quando um dos demônios pagãos vai resolver matar a gente, ou os malditos piratas tentarão nos roubar". Que ele considerava todos os homens pecadores — e ele próprio mais do que qualquer outro. E que seu único objetivo na vida era converter os pagãos e tornar a China uma nação cristã.

— Em que está pensando? — a frase interrompeu os pensamentos de Horatio. Ele viu Mauss a observá-lo.

— Ah, em nada — disse, depressa. — Eu estava apenas... apenas pensando. Mauss coçou a barba, pensativamente.

— Eu também. Este é um dia que faz a gente pensar, hein? A Ásia inteira vai mudar para sempre.

— Sim, creio que é verdade. Vai mudar-se de Macau para cá? Construir casa aqui?

— Sim. Será bom possuir terra, ter nosso próprio chão, longe daquele esgoto papista. Minha mulher vai gostar disso. Mas, e eu? Eu não sei. Pertenço àquele

lugar — acrescentou Mauss, cheio de nostalgia, e sacudiu o grande punho em direção ao continente.

Horatio viu os olhos de Mauss carregarem-se, quando ele olhou para a distância. Por que a China é tão fascinante? Perguntou a si mesmo.

Esquadrinhou cansadamente a praia, com o olhar, sabendo que não havia nenhuma resposta. Queria ser rico. Não tão rico quanto o Tai-Pan, ou Brock. Mas rico o bastante para construir uma bela casa e receber todos os negociantes e levar Mary para uma luxuosa viagem à Inglaterra, percorrendo a Europa.

Gostava de ser intérprete e secretário particular de Sua Excelência, mas precisava de mais dinheiro. A pessoa é obrigada a ter dinheiro, neste mundo. Mary devia possuir vestidos de baile e diamantes. Sim. Mas, mesmo assim, estava satisfeito de não ter de ganhar seu pão de cada dia como os negociantes. Os negociantes precisavam ser implacáveis, implacáveis em excesso, e seu ganho era demasiado precário. Muitos que hoje se acreditavam ricos, dentro de um mês estariam arruinados. Bastaria perder um navio e poderiam estar liquidados. Até A Casa Nobre era ocasionalmente prejudicada. Seu navio *Scarlet Cloud* já estava um mês atrasado, talvez reduzido a um casco castigado, virado e sob reparos, em alguma ilha fora do mapa, entre o ponto onde se encontravam e a Terra Van Diemen, duas milhas fora do curso. Ou, mais provavelmente, no fundo do mar, com ópio no valor de meio milhão de guinéus no bojo.

E as coisas que um negociante precisava fazer aos homens em geral e aos amigos, a fim de sobreviver, quanto mais para prosperar! Terrível.

Viu o olhar fixo de Gordon Chen para a chalupa e ficou imaginando em que pensaria ele. Devia ser terrível a condição de mestiço, pensou. Suponho que, se a verdade viesse à tona, verificaríamos que também odeia o Tai-Pan, embora finja que não. Eu apostaria...

***

A mente de Gordon Chen estava voltada para o ópio e ele o abençoava. Sem ópio não haveria Hong Kong — e Hong Kong, ele pensava, com exultação, é a mais fantástica oportunidade para ganhar dinheiro que eu poderia ter e o mais inacreditável golpe de *pagode* para a China.

Se não existisse o ópio, disse a si mesmo, não haveria comércio na China. Se não houvesse comércio na China, então o Tai-Pan jamais teria tido dinheiro para comprar minha mãe e tirá-la do bordel, e eu jamais teria nascido. O ópio pagou a casa que o pai deu à mãe há anos, em Macau. O ópio pagou nossa comida e nossas roupas. O ópio pagou minha escola e os professores de inglês e de chinês e então, agora, hoje, eu sou o jovem mais educado do Oriente.

Deu uma olhada em Horatio Sinclair, cujo olhar percorria a praia, enquanto ele franzia a testa. Sentiu uma punhalada de inveja porque Horatio fora enviado à Inglaterra para estudar. Jamais estivera lá.

Mas afastou a inveja. A Inglaterra viria depois, prometeu a si mesmo, todo feliz. Dentro de poucos anos.

Virou-se para observar outra vez a chalupa. Adorava o Tai-Pan. Nunca chamara Struan de “pai” e jamais fora chamado de “meu filho” por ele. Na verdade, só falara com ele vinte ou trinta vezes na vida. Mas tentava tornar o pai muito orgulhoso dele, e sempre pensava em Struan, secretamente, como “pai”. Abençoou-o outra vez por vender sua mãe a Chen Sheng, como terceira esposa. Meu *pagode* foi grande, pensou.

Chen Sheng era *compradore* da Casa Nobre e quase um pai para Gordon Chen.

O *compradore* era o agente chinês que comprava e vendia em nome de um estabelecimento estrangeiro. Cada mercadoria, grande ou pequena, passava pelas mãos do *compradore.* Segundo o costume, em cada mercadoria ele acrescentava uma percentagem. Esta se tornava seu lucro pessoal. Mas seus ganhos dependiam do sucesso da casa à qual pertencia e ele tinha de cobrir dívidas pesadas. Então, precisava ser muito cauteloso e nunca ficar rico.

Ah, pensou Gordon Chen, ser rico como Chen Sheng! Ou, melhor ainda, rico como Jin-qua, o tio de Chen Sheng. Ele sorriu para si próprio, achando divertido que os ingleses tivessem tanta dificuldade com os nomes chineses. O verdadeiro nome de Jin-qua era Chen-tsé Jin Arn, mas até o Tai-Pan, que conhecia Chen-tsé Jin Arn há quase trinta anos, ainda não conseguia pronunciar o nome. Então, há anos, o Tai-Pan o apelidara "Jin". O "qua" era uma má pronúncia da palavra chinesa que significava "Sr.".

Gordon Chen sabia que os chineses não se importavam com seus apelidos. Só se divertiam, por ser outro exemplo, para eles, de uma falta de cultura própria de bárbaros. Ele lembrou-se quando, anos atrás, ainda menino, observava Chen-tsé Jin Arn e Chen Sheng secretamente, através de um buraco no muro do jardim, enquanto os dois fumavam ópio. Ouvira-os rir juntos de Sua Excelência — os mandarins em Cantão haviam apelidado Longstaff "Odioso Pênis", um trocadilho referente ao seu nome, e diziam como os caracteres chineses para a tradução cantonesa haviam sido usados em cartas oficiais endereçadas a Longstaff por mais de um ano — até Mauss explicar a Longstaff o que estava acontecendo e estragar uma brincadeira ótima.

Ele olhou disfarçadamente para Mauss. Respeitava-o por ser um professor implacável e lhe estava grato por forçá-lo a ser o melhor aluno da escola. Mas o desprezava por sua sujeira, por seu fedor e por sua crueldade.

Gordon Chen gostara da escola da missão e de aprender e de ser uma das crianças de lá. Mas, certo dia, descobrira que era diferente das outras crianças. Diante deles, Mauss lhe dissera o que significavam as palavras "bastardo", "ilegítimo" e "mestiço". Gordon Chen fugiu para casa, aterrorizado. E viu sua mãe com clareza pela primeira vez, e a desprezou por ser chinesa.

Depois, aprendeu com ela, através das suas lágrimas, que era bom ser meio-chinês, pois os chineses constituíam a raça mais pura da terra. E soube que o Tai-Pan era seu pai.

— Mas por que vivemos aqui, então? Por que é Chen Sheng o “pai”?

— Os bárbaros só têm uma esposa e não se casam com chinesas, meu filho — explicou Kai-sung.

— Por quê?

— É o costume deles. Um costume estúpido. Mas eles são assim.

— Odeio o Tai-Pan! Eu o odeio! Eu o odeio! — ele explodiu. Sua mãe lhe bateu no rosto, selvagemente. Jamais lhe batera antes.

— Ajoelhe-se e peça perdão! — disse, com raiva. — O Tai-Pan é seu pai. Ele lhe deu a vida. Ele é meu Deus. Ele me comprou para si mesmo e depois me abençoou, ao me vender para Chen Sheng como *esposa*. Por que Chen Sheng tomaria uma mulher com um filho impuro de dois anos como *esposa*, quando poderia comprar mil virgens, se não fosse porque o Tai-Pan assim o quis? Por que o Tai-Pan me daria propriedades, se não nos amasse? Por que o aluguel viria para mim, e não para Chen Sheng, se o Tai-Pan não determinasse que fosse assim? Por que Chen Sheng me trataria tão bem, mesmo já velha, se não fosse em troca do favor perpétuo do Tai-Pan? Por que Chen Sheng trata você como filho, seu estúpido ingrato, se não por causa do Tai-Pan? Vá para o templo e se ajoelhe com a testa no chão, implorando perdão. O Tai-Pan lhe deu vida. Então ame-o, honre-o e o abençoe, como eu faço. E, se você tornar a dizer isso, jamais voltarei a lhe dirigir a palavra.

Gordon Chen sorriu para si mesmo. Como a mãe estava certa, e como ele estava errado e era estúpido. Mas não tão estúpido quanto os mandarins e o maldito imperador, ao tentarem impedir a venda de ópio. Qualquer louco sabe que, sem

ele, não haverá barras de prata para os chás e as sedas.

Uma vez, ele perguntara à sua mãe como o produto era feito, mas ela não sabia, e nem ninguém na casa. No dia seguinte, interrogou Mauss, que lhe informou ser o ópio a seiva — as lágrimas — da vagem madura contendo as sementes de papoula.

— O plantador de ópio faz um corte delicado na vagem e deste corte pinga uma lágrima de líquido branco, hein? A lágrima endurece dentro de poucas horas a sua cor muda, do branco para marrom-escuro. Então, a pessoa raspa a lágrima, guarda-a e faz um novo corte delicado. Depois, raspa a nova lágrima e faz um outro corte. As lágrimas são reunidas e modeladas em forma de bola — dez libras é o peso costumeiro. O melhor ópio vem de Bengala, na Índia Britânica, hein? Ou de Malwa. Onde fica Malwa, menino?

— Na Índia Portuguesa, senhor!

— *Era* portuguesa, mas agora pertence à Companhia das Índias Orientais. Que a tomou para completar seu monopólio mundial de todo ópio e assim arruinar os negociantes portugueses de ópio aqui em Macau. Você comete erros demais, menino, então pegue o chicote, hein?

Gordon Chen lembrava-se de como odiara o ópio, aquele dia. Mas agora o abençoava. E agradecia seu *pagode* por causa do pai e por causa de Hong Kong. Hong Kong ia enriquecê-lo. Muito.

— Vão ser ganhas fortunas aqui — disse ele a Horatio.

— Alguns dos negociantes vão prosperar — disse Horatio, distraído, olhando para a chalupa que se aproximava. — Uns poucos. O comércio é um negócio diabolicamente complicado.

— Sempre pensando em dinheiro, Gordon, hein? — A voz de Mauss era rouca.

— Melhor pensar em sua alma imortal e em sua salvação, menino. O dinheiro não é importante.

— Claro, senhor. — Gordon Chen escondeu seu divertimento diante da estupidez do homem.

— O Tai-Pan parece um príncipe poderoso que vem reivindicar seu reinado — disse Horatio, quase para si mesmo. Mauss tornou a olhar para Struan.

— É verdade, hein?

***

A chalupa estava nas ondas da praia.

— Remos ao alto! — gritou o mestre, e a tripulação guardou os remos na embarcação, escorregou por sobre o costado e arrastou a chalupa, habilmente, por sobre a rebentação.

Struan hesitou. Depois saltou da proa. No momento em que suas botas de marinheiro tocaram a praia, ele soube que a ilha ia ser a morte para ele.

— Santo Cristo!

Robb estava a seu lado e viu sua repentina palidez.

— O que está errado, Dirk?

— Nada. — Struan forçou um sorriso. — Nada, garoto.

Limpou da testa os respingos do mar e caminhou pela praia em direção ao mastro. Pelo sangue de Cristo, pensou, suei e planejei durante anos, para ter você, Ilha, e você não vai me derrotar agora. Não, por Deus.

Robb o observava, e a seu leve capengar. O pé dele deve estar doendo, pensou. Ficou imaginando como seria uma dor na metade do pé. A causa disto era um fato ocorrido na única viagem de contrabando feita por Robb. Ao salvar a vida de Robb, quando ele estava inerme e paralisado pelo medo, Struan ficou à mercê dos piratas. Uma bala de mosquete arrancou-lhe a parte externa do astrágalo e dois dos dedos menores do pé. Quando o ataque acabou de ser repelido, o médico de bordo cauterizou as feridas e derramou sobre elas breu derretido. Robb ainda podia sentir o fedor da carne queimada. Se não fosse por minha causa, pensou, isto jamais teria acontecido.

Seguiu Struan pela praia, consumido por um desgosto consigo mesmo.

— Bom-dia, cavalheiros — disse Struan, ao encontrar alguns dos negociantes, perto do mastro. — Bela manhã, por Deus.

— Está frio, Dirk — disse Brock. — E seria mais gentil de sua parte ser mais apressado.

— Cheguei cedo demais. Sua Excelência ainda não desembarcou e não foi dado o tiro como sinal.

— Sim, está com uma hora e meia de atraso, e aposto que foi tudo combinado

entre você e aquele lacaio cagão.

— Eu lhe agradeceria, Sr. Brock, se não se referisse a Sua Excelência nesses termos — exclamou o Capitão Glessing.

— E eu lhe agradeceria se guardasse suas opiniões para si mesmo. Não estou na Marinha e nem sob seu comando. — Brock cuspiu acintosamente. — Melhor pensar a respeito da guerra que não está travando.

A mão de Glessing apertou sua espada.

— Jamais pensei que um dia a Marinha Real fosse chamada para proteger contrabandistas e piratas. É o que vocês são. — Olhou para Struan. — Todos vocês. Fez-se um silêncio repentino e Struan riu.

— Sua Excelência não concorda com você.

— Temos decretos parlamentares, por Deus, os Decretos de Navegação. E um deles diz “Qualquer navio armado sem autorização pode ser tomado como prêmio pela marinha de qualquer nação”. A frota de vocês tem autorização?

— Há muitos piratas nessas águas, Capfitão Glessing. Como sabe — disse Struan, descontraidamente. — Temos armas para nos proteger. Apenas isso.

— O ópio é contra a lei. Quantos milhares de fardos vocês contrabandearam para a China, pela costa, violando as leis da China e da humanidade? Três mil? Vinte mil?

— O que fazemos aqui é bem conhecido em todos os tribunais da Inglaterra.

— O “comércio” de vocês desonra a bandeira.

— É melhor agradecer a Deus por esse comércio, porque sem ele a Inglaterra não teria chá algum e nem seda, e sim uma pobreza generalizada, que a arruinaria.

— Tem razão, Dirk — disse Brock. Depois, virou-se de novo para Glessing. — É melhor meter logo em sua cabeça que sem negociantes não haverá Império Britânico e nem impostos para comprar navios de guerra e pólvora. — Olhou para o uniforme imaculado de Glessing e suas joelheiras e meias brancas, sapatos afivelados e chapéu de três bicos. — E dinheiro nenhum para pagar muito aos capitães!

Os fuzileiros piscaram os olhos e alguns dos marinheiros riram, mas muito cautelosamente.

— É melhor que agradeça a Deus a existência da Marinha Real, por Deus. Sem ela, não haveria negociantes por aqui.

Estrondeou um tiro de canhão da nau capitania, era o sinal. Abruptamente, Glessing marchou para o mastro.

— Apresentar armas!

Pegou a proclamação e a multidão silenciou. Então, com a raiva algo abrandada, começou a ler:

— “Por ordem de Sua Excelência, o Venerável William Longstaff, CapitãoSuperintendente do Comércio na China de Sua Majestade Britânica, a Rainha Vitória. De acordo com o documento conhecido como o Tratado de Chuenpi, assinado em 20 de janeiro deste ano de Nosso Senhor, por Sua Excelência, em nome do Governo de Sua Majestade e por Sua Excelência Tin-sen, Plenipotenciário de Sua Majestade Tao Kuang, Imperador da China, eu,

Capitão Glessing, RN, tomo, por meio deste, posse desta Ilha de Hong Kong, em nome de Sua Majestade Britânica, de seus herdeiros e cessionários, em caráter perpétuo, sem estorvo ou impedimento, neste dia 26 de janeiro, ano da Graça de 1841. O solo desta ilha é agora solo inglês. Deus Salve a Rainha!”

O pavilhão do Reino Unido irrompeu, desfraldado, no topo do mastro, e a guarda de honra dos fuzileiros disparou uma salva. Depois, os canhões rugiram em toda frota e o vento ficou espesso com o cheiro penetrante de pólvora. Os que se encontravam na praia deram vivas à rainha.

Agora, está feito, pensou Struan. Agora, estamos comprometidos. Agora, podemos começar. Afastou-se do grupo e foi até a linha da rebentação e, pela primeira vez, virou de costas para a ilha e olhou o grande porto e a terra, atrás: a China continental, a uns mil metros de distância.

A península continental era de terras baixas, com nove colinas achatadas, e projetava-se para dentro do porto que a cercava. Era chamada “Kau-lung” — “Kowloon”, como pronunciavam os mercadores — “Nove Dragões”. E ao norte ficava a ilimitada e desconhecida extensão da China.

Struan lera todos os livros já escritos pelos três europeus que tinham ido à China e voltado. Marco Polo, há quase seiscentos anos, e dois padres católicos, que haviam obtido permissão para entrar em Pequim, há duzentos anos. Os livros quase nada revelavam.

Durante duzentos anos, nenhum europeu tivera permissão para entrar na China. Uma vez — contra a lei — Struan fora até uma milha de distância da costa, para o interior, chegando perto de Swatow, isto quando vendia ópio, mas os chineses eram hostis e ele estava sozinho, apenas em companhia de seu primeiro-imediato. Não foi a hostilidade que o fez voltar. Simplesmente, a enormidade de seu número e a ilimitada extensão da terra.

Sangue de Cristo!, ele pensou. Nada sabemos a respeito da mais antiga e mais populosa nação da terra. O que existe dentro dela?

— Longstaff vai desembarcar? — Robb perguntou, quando ele se aproximou.

— Não, garoto. Sua Excelência tem coisas mais importantes para fazer.

— O quê?

— Coisas como ler e escrever despachos. E fazer acordos particulares com o almirante.

— Para quê?

— Para proibir o comércio de ópio. Robb riu.

— Não estou brincando. Era para isso que ele queria me ver... com o almirante. Queria pedir meu conselho a respeito de quando emitir a ordem. O almirante disse que a Marinha não teria nenhum problema para colocá-la em vigor.

— Deus do céu! Longstaff está louco?

— Não. É apenas um sujeito de mente simples. — Struan acendeu um charuto. — Eu lhe disse para emitir a ordem aos quatro toques do sino.

— Isto é loucura! — exclamou Robb.

— É muito sensato. A Marinha não colocará em vigor a ordem durante uma semana: “a fim de dar aos negociantes da China tempo para dispor de seus abastecimentos”.

— Mas então, o que vamos fazer? Sem ópio, estamos liquidados. O comércio na China está liquidado. Liquidado.

— Quanto dinheiro vivo nós temos, Robb?

Robb olhou em torno para se certificar de que não havia ninguém por perto, e baixou a voz.

— Existe o ouro na Escócia. Um milhão e cem mil libras esterlinas em nosso banco na Inglaterra. Cerca de cem mil em barras de prata, aqui. Devem-nos três milhões pelo ópio apreendido. Temos duzentos mil guinéus de ópio no *Scarlet Cloud,* de acordo com o atual preço do mercado. Existe...

— Cancele o *Scarlet Cloud*, garoto. Está perdido.

— Ainda há uma chance, Dirk. Vamos dar a ele mais um mês. Há cerca de cem mil guinéus em ópio no navio. Devemos nove mil em saques à vista.

— Quais são os custos de operação durante os próximos seis meses?

— Cem mil guinéus em pagamento por navios e salários e impostos.

Struan pensou um momento.

— Amanhã haverá pânico entre os negociantes. Nenhum deles, exceto Brock, talvez, pode vender seu ópio em uma semana. É melhor você embarcar todo nosso ópio para a costa esta tarde. Eu acho...

— Longstaff terá de mudar esta ordem — disse Robb, com crescente ansiedade. — Ele tem de fazer isso. Vai arruinar o erário e...

— Quer me ouvir? Quando o pânico estiver instalado, amanhã, pegue todo tael que tem, e todo tael que puder pedir emprestado, e compre ópio. Você deverá poder comprar a dez centavos de dólar.

— Não poderemos vender todo o nosso em uma semana, quanto mais uma quantidade maior. Struan sacudiu a cinza de seu charuto.

— Um dia antes que a ordem seja colocada em vigor, Longstaff vai cancelá-la.

— Não compreendo.

— É uma questão de salvar as aparências, Robb. Depois que o almirante saiu, eu expliquei a Longstaff que proibir o ópio seria destruir todo o comércio. Pelo sangue de Deus, quantas vezes terei de explicar? Depois, observei que ele poderia muito bem cancelar a ordem imediatamente, sem se desmoralizar, e sem fazer o almirante, que é bem-intencionado, mas nada sabe a respeito de comércio, se desmoralizar. A única coisa a fazer seria dar a ordem e depois, para salvar a cara e o emprego do almirante, *e o seu próprio*, cancelá-la. Eu prometi explicar o "comércio" ao almirante, enquanto isso. A ordem também agradará aos chineses, e vai colocá-los em desvantagem. Haverá outro encontro com Ti-sen, dentro de três dias. Longstaff concordou inteiramente e me pediu para manter o assunto particular.

O rosto de Robb se iluminou.

— Ah, Tai-Pan, você é um grande homem! Mas que garantias há de que Longstaff cancelará a ordem?

Struan tinha no bolso uma proclamação, assinada e datada para dali a seis dias, que cancelava a ordem. Longstaff a empurrara em cima dele. "Olha aqui, Dirk, leve isso agora, senão posso esquecer. Diabo! Toda essa papelada, sabe... terrível. Mas é melhor manter em particular, até chegar a hora."

— Você cancelaria uma ordem estúpida dessas, Robbie?

— Sim, claro. — Robb teve vontade de abraçar o irmão. — Se são seis dias e ninguém mais sabe disso com certeza, nós vamos ganhar uma fortuna.

— Sim.

Struan deixou os olhos vagarem até o porto. Ele o descobrira há mais de vinte anos. A borda externa de um tufão o apanhara e impelira para mar alto e, embora ele estivesse preparado para tempestades, não conseguiu escapar e foi empurrado inexoravelmente em direção à terra. Seu navio ficara ameaçado, enfrentando mar com dificuldade, no dia em que o céu e o horizonte se apagaram, sob os lençóis de água que os Ventos Supremos arrancaram do oceano e atiraram diante deles. Perto da praia, no mar tenebroso, as âncoras de tempestade cederam e Struan percebeu que o navio estava perdido. O mar agarrou a embarcação e atirou-a contra a praia. Por milagre, o vento alterou seu curso uma fração de grau e a impeliu para além dos rochedos, para dentro de um estreito canal não registrado no mapa, com menos de trezentos metros de largura, que a extremidade leste de Hong Kong formava com o continente — e eles entraram no porto que existia atrás. Em águas protegidas.

O tufão destroçou a maior parte da frota mercante em Macau e afundou dezenas de milhares de juncos pela costa. Mas o navio de Struan e os juncos que se abrigavam em Hong Kong conseguiram suportar a tempestade. Quando passou, Struan navegou em torno da ilha, mapeando-a. Depois guardou a informação em sua mente e começou a planejar em segredo.

E agora que você é nossa, agora eu posso partir, ele pensou, com a excitação aumentando. Agora, o Parlamento.

Há anos Struan sabia que o único meio de proteger a Casa Nobre e a nova colônia estava em Londres. O verdadeiro centro de poder na terra era o Parlamento. Como membro do Parlamento, apoiado pelo poder que lhe dava a grande riqueza da Casa Nobre, dominaria a política externa da Ásia, como

dominara Longstaff. Sim.

Alguns poucos milhares de libras colocarão você no Parlamento, ele disse a si próprio. Bastava de trabalhar através de terceiros. Agora você poderá fazer o serviço por si mesmo. Sim, afinal, garoto. Uns poucos anos, e então um título de cavaleiro. Depois, o Gabinete. E então, por Deus, você dirigirá os caminhos do Império e da Ásia, e a Casa Nobre durará mil anos.

Robb estava a observá-lo. Sabia que tinha sido esquecido, mas não se importava. Gostava de espiar o irmão, quando seus pensamentos estavam distantes. Quando o rosto do Tai-Pan perdia sua dureza e seus olhos o verde frio, quando sua mente estava cheia de sonhos, que ele sabia jamais poderia partilhar, Robb se sentia muito próximo dele e muito seguro.

Struan quebrou o silêncio.

— Dentro de seis meses, você vai assumir como Tai-Pan. O estômago de Robb esfriou de pânico.

— Não. Não estou preparado.

— Você está preparado. Só no Parlamento eu posso nos proteger e a Hong Kong.

— Sim — disse Robb; depois acrescentou, tentando manter a voz no mesmo tom.

— Mas isto deveria ser no futuro... dentro de dois ou três anos. Há coisas demais para fazer aqui.

— Você pode fazê-las.

— Não.

— Você pode. E não há dúvidas na mente de Sarah, Robb.

Robb olhou para o *Resting Cloud*, seu navio-depósito, onde sua mulher e filhos estavam vivendo, temporariamente. Sabia que Sarah era ambiciosa demais para ele.

— Não quero ainda. Há tempo bastante.

Struan pensou a respeito do tempo. Ele não lamentava os anos passados no Oriente, longe de seu país. Longe de sua mulher, Ronalda, e de Culum, Ian, Lechie e Winifred, seus filhos. Teria gostado que estivessem com ele, mas Ronalda odiava o Oriente. Casaram-se na Escócia, quando ele tinha vinte anos e Ronalda dezesseis, e partiram imediatamente para Macau. Seu primeiro filho morrera ao nascer e, no ano seguinte, quando o segundo filho, Culum, nasceu, também ficou doente. Então Struan mandou sua família para casa. A cada três ou quatro anos, voltava, de férias. Passava um mês ou dois em Glasgow, com eles, e depois voltava ao Oriente, porque havia muita coisa a fazer e era preciso construir uma Casa Nobre.

Não lamento um só dia, disse ele a si mesmo. Nem um dia. Um homem precisa sair pelo mundo, para fazer dele e de si próprio o máximo possível. Não é esta a finalidade da vida? Ainda que Ronalda seja uma moça bonita e eu ame meus filhos, um homem precisa fazer o que tem de fazer. Não foi para isso que nascemos? Se o antepassado dos Struans não tivesse tomado todas as terras do clã e as cercado, e expulsado a todos nós — a nós, seus parentes, que trabalhávamos as terras há gerações — então eu poderia ter sido um seareiro, como meu pai foi. Mas ele nos mandou para uma favela fedorenta em Glasgow, e tomou todas as terras para si, a fim de se tornar o Conde de Struan, e dispersou o clã. Então, quase morremos de fome, e eu fui para o mar e o *pagode* nos salvou e agora a família está próspera. Todos eles. Porque eu fui para o mar. E porque A Casa Nobre deu certo.

Struan aprendera muito rápido que dinheiro era poder. E ia usar seu poder para destruir o Conde de Struan e comprar de volta algumas das terras do clã. Não lamentava nada em sua vida. Descobrira a China, e a China lhe dera o que seu país nunca pôde dar. Não apenas riqueza. A riqueza por si própria era uma obscenidade. Mas riqueza é uma finalidade para ele. Tinha uma dívida para com a China.

E, ele sabia, ainda que fosse para a Inglaterra e se tornasse membro do Parlamento, ministro do Gabinete, destruísse o conde e cimentasse Hong Kong como uma jóia na coroa britânica, voltaria sempre. Pois seu verdadeiro objetivo — secreto para todos, quase secreto para ele mesmo, a maior parte do tempo — levaria anos para ser alcançado.

— Não há nunca tempo suficiente. — Olhou para a montanha mais elevada. — Vamos chamá-la “O Cume” — disse distraidamente, e outra vez teve a estranha e repentina sensação de que a ilha o odiava e queria que ele morresse. Sentia o ódio a cercá-lo, e ficava imaginando, perplexo, por quê?

— Dentro de seis meses, você dirigirá A Casa Nobre — repetiu, com voz rouca.

— Não posso. Sozinho não.

— Um *Tai-pan* está sempre sozinho. Esta é sua alegria e também seu sofrimento.

— Por sobre o ombro de Robb viu o mestre de guarnição que se aproximava. — Sim, Sr. McKay?

— Com licença, *senhorrr.* Permissão para tomar uma bebida? — McKay era um homem atarracado e corpulento, com o cabelo amarrado num rabicho alcatroado e sórdido.

— Sim. Uma bebida dupla para todos os homens. Ajeite tudo como ficou combinado.

— Sim, sim *senhorrr.* — McKay saiu, apressadamente. Struan tornou a se virar para Robb e Robb teve consciência apenas dos estranhos olhos verdes, que pareciam despejar luz em cima dele.

— Vou mandar vir Culum, lá pelo fim do ano. Ele terá terminado então a universidade. Ian e Lechie irão para o mar e depois virão também. Nessa ocasião, seu filho Roddy estará com idade suficiente. Graças a Deus temos filhos em número suficiente para nos suceder. Escolha um deles para suceder você. O Tai-Pan deve sempre escolher quem vai sucedê-lo, e decidir quando. — Depois, com determinação, ele deu as costas para a China continental e disse — Seis meses! — E se afastou.

***

— Querem beber conosco, cavalheiros? — Struan perguntou a um grupo de negociantes. — Um brinde para nosso novo lar? Tem conhaque, rum, cerveja, vinho branco espanhol seco, uísque e champanha.

Ele apontou para sua chalupa, onde seus homens descarregavam barris e punham mesas. Outros estavam vergados ao peso de cargas de carne assada fria — frangos, traseiros de porco, vinte porquinhos de leite e um quarto de boi — além de pães, pastéis de porco frio, salgados, paneladas de repolho frio, cozido com presunto gordo, trinta ou quarenta presuntos defumados, cachos de banana de Cantão, tortas de frutas em conserva, copos finos e canecas de estanho, até mesmo baldes de gelo — que as *lorchas* e os clíperes tinham trazido do norte — e garrafas de champanha.

— Tem comida para quem quiser.

Houve vivas de aprovação e os negociantes começaram a convergir para as mesas. Quando todos já tinham pegado seus copos ou canecões, Struan ergueu o seu copo.

— Um brinde, cavalheiros.

— Vou beber com você, mas não por causa deste maldito rochedo. Vou beber à sua queda — disse Brock, erguendo um canecão de cerveja. — Pensando melhor, vou beber ao seu pequeno rochedo também. Eu lhe darei um nome: “A Extravagância de Struan”.

— Ah, é pequeno demais — respondeu Struan. — Mas suficientemente grande para Struan e o restante dos negociantes da China. Se é grande bastante para Struan e Brock... esta é outra questão.

— Vou lhe dizer com certeza, Dirk, meu rapaz: nem a China inteira é. Brock esvaziou o canecão e atirou-o em direção ao interior da ilha. Depois caminhou altivamente para sua chalupa. Alguns dos negociantes o seguiram.

— Puxa vida, que maneiras horrorosas — disse Quance. Depois bradou, rindo. — Vamos, Tai-Pan, o brinde! O Sr. Quance tem uma sede imortal! Façamos a História!

— Desculpe, Sr. Struan — disse Horatio Sinclair. — Antes do brinde, não seria apropriado agradecer a Deus pela graça que nos concedeu neste dia?

— Claro, rapaz. Tolice minha esquecer. Quer conduzir a prece?

— O Reverendo Mauss está aqui, senhor.

Struan hesitou, apanhado desprevenido. Observou o jovem, gostando do profundo humor que se escondia no fundo dos olhos cinza-azulados. Depois disse, alto:

— Reverendo Mauss, onde está o senhor? Vamos rezar uma prece.

Mauss se elevava acima dos negociantes. Ele se movimentou, hesitante, diante da mesa e depôs o copo vazio, fingindo que sempre estivera vazio. Os homens tiraram os chapéus e esperaram, com as cabeças descobertas sob o vento frio.

Agora tudo estava tranqüilo na praia. Struan ergueu os olhos para os sopés das colinas, para um afloramento onde ficaria a igreja. Com os olhos da mente, viu a igreja, bem como a cidade, o cais, os armazéns, lares e jardins. A Casa Grande onde o Tai-Pan tomaria decisões referentes a sucessivas gerações. Outros lares para a hierarquia da casa e suas famílias. Pensou a respeito de sua atual amante, T'chung Jen May-may. Comprara May-may há cinco anos, quando ela tinha quinze e estava intocada.

Ayeeee yah, disse ele para si próprio, cheio de felicidade, empregando uma das expressões cantonesas dela, que significava prazer, raiva, desgosto, felicidade, desamparo, a depender de como era dita. É uma gata selvagem como não tem outra.

— Ó Deus cheio de brandura que rege os ventos selvagens, as ondas, e a beleza do amor, Deus dos grandes navios e da estrela do Norte e da beleza do lar, Deus Pai do Cristo menino, olhai por nós e tende piedade de nós. — Mauss, com os olhos fechados, erguia as mãos. Sua voz era sonora, e a profundeza de seu anelo envolveu-os. — Somos os filhos dos homens e nossos pais se preocuparam conosco como Vos preocupastes com

o Vosso Filho ferido, Jesus. Santos são crucificados na terra e os pecadores se multiplicam. Contemplamos a glória de uma flor e não Vos vemos. Percorremos os poderosos oceanos e não Vos sentimos. Segamos a terra e não Vos tocamos. Comemos e bebemos, mas não Vos provamos. Vós sois todas essas coisas, e

ainda mais. Sois a vida e a morte e o sucesso e o fracasso. Sois Deus e nós somos homens...

Fez uma pausa, com o rosto contorcido, enquanto lutava com sua alma torturada. Oh, Deus, perdoai meus pecados. Deixai que eu expie a minha fraqueza convertendo os pagãos. Deixai que eu seja um mártir da Vossa Santa Causa. Fazei com que eu mude, do que sou agora para o que era antes...

Mas Wolfgang Mauss sabia que não havia retorno, ao começar a servir Struan sua paz o abandonara, e as necessidades de sua carne o absorveram. Certamente, ó Deus, o que eu fiz era certo. Não havia nenhuma outra maneira de entrar na China.

Ele abriu os olhos e ficou fitando em torno, desamparadamente.

— Desculpem. Perdoem-me. Não sei as palavras. Posso vê-las, grandes palavras, para fazer que O conheçam, como outrora eu O conhecia, mas não posso mais dizer essas palavras. Perdoem-me. Ó Senhor, abençoai esta ilha. Amém.

Struan pegou um copo cheio de uísque e deu-o a Mauss.

— Acho que falou muito bem. Um brinde, cavalheiros. À rainha!

Beberam e, quando seus copos ficaram vazios, Struan mandou que fossem cheios novamente.

— Com sua permissão, Capitão Glessing, gostaria de oferecer a seus homens um duplo. E ao senhor, claro. Um brinde para a nova propriedade da rainha. O senhor entrou para a História hoje. — Ele bradou aos mercadores. — Devemos prestar uma homenagem ao capitão. Vamos chamar esta praia de “Cabo Glessing”.

Houve um bramido de aprovação.

— Dar nome a ilhas ou à parte de uma ilha é função do oficial de escalão mais elevado — disse Glessing.

— Vou mencionar isto a Sua Excelência.

Glessing fez um aceno brusco de cabeça e gritou para o mestre-d'armas:

— Marinheiros, um duplo, com os cumprimentos de Struan e Companhia. Fuzileiros, nada. Relaxar.

Apesar de sua fúria com Struan, Glessing não pôde deixar de se regozijar ao saber que, enquanto houvesse uma colônia em Hong Kong, seu nome seria lembrado. Porque Struan jamais dizia nada impensadamente.

Foi feito um brinde a Hong Kong, e dados três vivas. Depois, Struan fez um aceno de cabeça para o tocador de gaita de foles e o toque do clã Struan encheu a praia.

Robb nada bebeu. Struan tomou um copo de uísque e passeou por entre a multidão, cumprimentando aqueles a quem queria cumprimentar e fazendo acenos de cabeça para outros.

— Não está bebendo, Gordon?

— Não, obrigado, Sr. Struan. — Gordon Chen fez uma curvatura à moda chinesa, muito orgulhoso de ser notado.

— Como vai você?

— Muito bem, obrigado, senhor. O garoto se transformara num belo jovem, pensou Struan. Quantos anos tem agora? Dezenove. O tempo passa tão depressa.

Lembrou-se com ternura de Kai-sung, a mãe do rapaz. Ela tinha sido sua primeira amante e era linda. *Ayeeee yah,* ela lhe ensinara uma porção de coisas.

— Como está sua mãe? — Perguntou.

— Está muito bem. — Gordon Chen sorriu. — Ela gostaria que eu lhe falasse de suas orações por sua segurança. Todo mês ela queima bastões do *pagode* em sua honra, no templo.

Struan ficou imaginando qual seria seu aspecto, agora. Há dezessete anos não a via. Mas se lembrava, nitidamente, de seu rosto.

— Mando-lhe as minhas saudações.

— O senhor lhe faz muita honra, Sr. Struan.

— Chen Sheng me contou que vocês estão trabalhando duro e lhe são muito úteis.

— Ele é por demais generoso comigo, senhor.

Chen Sheng não era jamais generoso com alguém que não fizesse mais do que ganhar seu sustento. Chen Sheng era um velho ladrão, Struan sabia, mas, por Deus, estaríamos perdidos sem ele.

— Bom — disse Struan — você não poderia ter um professor melhor do que Chen Sheng. Haverá uma porção de coisas a fazer nos próximos meses. Vai ser um aperto.

— Espero ser útil à Casa Nobre, senhor.

Struan sentiu que seu filho tinha algo em mente, mas simplesmente fez um aceno amável de cabeça e se afastou, sabendo que Gordon encontraria uma maneira de lhe dizer, quando chegasse a ocasião oportuna.

Gordon Chen curvou-se e, depois de um momento, aproximou-se de uma das mesas e ficou esperando, cortesmente, ao fundo até haver espaço para ele, consciente dos olhares, mas sem se importar; sabia que enquanto Struan fosse o Tai-Pan ele estava completamente seguro.

Os negociantes e marinheiros na praia fizeram em pedaços com as mãos os frangos e porquinhos de leite e se encheram de carne, a gordura a lhes escorrer pelo queixo. Que bando de selvagens, pensou Gordon Chen, e agradeceu seu *pagode* por ter sido criado como chinês e não como europeu.

Sim, pensou ele, meu *pagode* foi grande. *Pagode* lhe trouxera seu professor chinês secreto, há alguns anos. Ele não contara a ninguém sobre o professor, nem mesmo à sua mãe. Com esse homem, ele aprendera que nem todos os ensinamentos dos reverendos Sinclair e Mauss eram necessariamente verdadeiros. Aprendera sobre Buda e sobre a China e seu passado. E como pagar a dádiva da vida e usá-la para a glória de sua terra natal. Depois, no ano passado, o Professor o iniciara na mais poderosa, mais clandestina e mais militante das sociedades secretas chinesas, a Hung Mun Tong, que esteve disseminada por toda China e cujo empenho, através dos mais sagrados juramentos de irmandade de sangue, era derrubar os odiados Manchus, os Ch’ings estrangeiros a dinastia governante da China.

Por dois séculos, sob vários disfarces e nomes, a sociedade fomentara a insurreição. Haviam ocorrido revoltas em todo o Império Chinês — do Tibete à Formosa, da Mongólia à Indochina. Onde quer que houvesse fome, opressão ou descontentamento, a Hung Mun reunia os camponeses contra os Ch’ings e contra seus mandarins. Todas as insurreições fracassaram e foram selvagemente esmagadas pelos Ch’ings. Mas a sociedade sobrevivera.

Gordon Chen sentia-se orgulhoso com o fato de, sendo apenas parte chinês, ter sido considerado digno de ser um Hung Mun. Morte aos Ch'ings. Ele abençoou seu *pagode* por ter nascido naquela época da história, naquela parte da China, com o pai que tinha, pois sabia ter quase chegado a hora de uma revolta em toda a China.

E ele abençoou o Tai-Pan, pois dera a Hung Mun uma pérola de valor inestimável: Hong Kong. Afinal, a sociedade tinha uma base segura, longe da perpétua opressão dos mandarins. Hong Kong estaria sob controle dos bárbaros e ali, naquela pequena ilha, ele sabia que a sociedade floresceria. De Hong Kong, em segurança e secretamente, eles esquadrinhariam o território continental e atacariam os Ch'ings até chegar o Dia. E com *pagode*, pensou ele, eu posso usar o poder da Casa Nobre para a causa.

— Pula fora, pagão maldito!

Gordon Chen ergueu os olhos, espantado. Um marinheiro atarracado, rijo e baixinho o fitava. Tinha nas mãos um pedaço de porquinho de leite e o partia com seus dentes quebrados.

— Pula fora, senão eu vou enrolar seu rabicho em volta de seu maldito pescoço! O mestre McKay aproximou-se às pressas, e afastou o marinheiro.

— Cala a boca, Ramsey, seu sujo — disse. — Ele não é perigoso, Sr. Chen.

— Sim, obrigado, Sr. McKay.

— Quer "bóia"? — McKay cortou um frango com a sua faca e ofereceu-o.

Gordon Chen, cuidadosamente, partiu o osso final da asa do frango, horrorizado com as maneiras bárbaras de McKay.

— Obrigado.

— Só vai querer isso?

— Sim. É a parte mais tenra. — Chen fez uma curvatura. — Obrigado outra vez.

— Afastou-se.

McKay aproximou-se do marinheiro.

— Você está bom da cabeça, imediato?

— Eu devia arrancar seu coração de veado. É seu queridinho chinês, McKay?

— Fala baixo. Aquele chinês tem de ser deixado em paz. Se você quer apoquentar um bastardo pagão, existem muitos outros. Mas não aquele, pelo amor de Deus. Ele é o bastardo do Tai-Pan, nada mais, nada menos.

— Então por que não usa um maldito sinal... ou corta aquele maldito cabelo? — Ramsey baixou a voz e lançou olhares de soslaio. — Ouvi dizer que são diferentes... as bichas chinesas. Feitos de maneira diferente.

— Não sei. Nunca cheguei perto de um desses tipos. Tem uma porção de nossa raça em Macau.

***

Struan estava olhando uma sampana ancorada ao largo. Era um barco pequeno, com uma cabina bem-arrumada feita de finas esteiras de palhinha entrançada, esticada sobre arcos de bambu. O pescador e sua família eram Hoklos, gente que morava em barcos e vivia toda sua vida flutuando, raramente, ou nunca, indo à praia. Ele podia ver que havia quatro adultos e oito crianças na sampana. Algumas das crianças estavam amarradas no barco por cordas em torno da cintura. Deviam ser os filhos. As filhas não eram amarradas, porque não tinham nenhum valor.

— Quando acha que poderemos voltar para Macau, Sr. Struan? Ele se virou e sorriu para Horatio.

— Creio que amanhã, rapazinho. Mas acho que Sua Excelência vai precisar de você para o encontro com Ti-sen. Haverá mais documentos para traduzir.

— Quando será o encontro?

— Dentro de três dias, acredito.

— Se tiver um navio indo para Macau, dará uma passagem à minha irmã? A pobre Mary está a bordo há dois meses.

— Com a maior satisfação. — Struan ficou imaginando o que Horatio faria, quando soubesse a verdade a respeito de Mary. Struan descobrira a verdade sobre ela há pouco mais de três anos...

Ele estava num mercado apinhado, em Macau, e um chinês, de repente, empurroulhe um pedaço de papel nas mãos e fugiu correndo. Era uma nota escrita em chinês. Ele mostrou o papel a Wolfgang Mauss.

— É o endereço de uma casa, Sr. Struan. E um recado: “O Tai-Pan da Casa Nobre precisa de informações especiais, por causa de sua casa. Venha secretamente à entrada lateral, na Hora do Macaco.”

— O que é Hora do Macaco?

— Três horas da tarde.

— Onde é a casa?

Wolfgang lhe disse e depois acrescentou:

— Não vá. É uma armadilha, hein? Lembre-se de que sua cabeça foi posta a prêmio por cem mil taéis.

— A casa não fica no bairro chinês — disse Struan. — E à luz do dia não seria uma armadilha. Reúna a tripulação do meu navio. Se eu não tornar a aparecer, são e salvo, dentro de uma hora, venham procurar-me.

E então ele partiu, deixando Wolfgang e a tripulação do navio armada e por perto, de prontidão, caso fosse necessário. A casa ficava junto de outras, enfileiradas, numa rua tranqüila e arborizada. Struan entrou por uma porta no alto muro, e chegou a um jardim. Uma criada chinesa o esperava. Ela estava vestida de maneira asseada, com calças negras e casaco da mesma cor, e seu cabelo estava penteado num coque. Ela fez uma curvatura e um sinal para que ele ficasse em silêncio, e a seguisse. Mostrou-lhe o caminho através do jardim, até dentro da casa, subindo em seguida por um lance de escadas internas, que davam num quarto. Ele a acompanhou cautelosamente, pronto para qualquer problema.

O quarto estava ricamente mobiliado e as paredes de madeira eram cobertas de tapeçarias. Havia cadeiras, uma mesa e móveis chineses de teca. O quarto cheirava singularmente a limpo, com uma leve sugestão de sutil incenso. Havia uma janela que dava para o jardim.

A mulher foi até à extremidade de uma parede lateral e, cuidadosamente, movimentou um segmento de madeira. Havia um pequeno buraco na parede. Ela espiou por ali, e depois fez sinal para que ele fizesse a mesma coisa. Ele sabia que havia um antigo truque chinês para enganar um inimigo: fazê-lo colocar o olho num buraco assim, na parede, enquanto alguém esperava, do outro lado, com uma agulha. Então manteve o olho a algumas polegadas do buraco. Mesmo assim, podia ver o outro quarto, claramente.

Era um quarto de dormir. Wang Chu, o principal mandarim de Macau, encontravase na cama, nu e corpulento, roncando. Mary estava nua, a seu lado. Com a cabeça apoiada nos braços, ela olhava para o teto.

Struan espiava com um horror fascinado. Mary, langorosamente cutucou Wang Chu e acariciou-o até acordá-lo, rindo e conversando com ele. Struan não sabia que ela falava chinês, e ele a conhecia mais do que qualquer outra pessoa, com exceção do irmão. Ela tocou uma pequena sineta e uma criada entrou e começou a ajudar o mandarim a se vestir. Wang Chu não podia vestir a si mesmo porque suas unhas tinham quatro polegadas de comprimento e eram protegidas por folhas de metal cravejadas de jóias. Struan virouse, cheio de repulsa.

Houve um repentino ruído de vozes, numa cadência monótona, vindas do jardim, e ele, cautelosamente, olhou pela janela. Os guardas de Wang estavam reunidos no jardim; poderiam impedir-lhe a saída. A criada fez-lhe um sinal para não se preocupar e esperar. Ela foi até à mesa e serviu-lhe chá; depois, fez uma curvatura e saiu.

Dentro de meia hora, os homens saíram do jardim e Struan viu que se enfileiravam diante de uma liteira, na rua. Wang Chu foi ajudado a entrar na liteira e carregado.

— Olá, Tai-Pan.

Struan fez um giro, puxando a faca. Mary estava em pé num pórtico antes escondido na parede. Usava um traje de tecido fino e diáfano, que nada escondia.

Tinha o cabelo comprido e louro, olhos azuis e um queixo com uma covinha; longas pernas, cintura estreita e seios pequenos e firmes. Um pedaço de jade entalhado, de valor incalculável, estava pendurado numa corrente de ouro em torno de seu pescoço. Mary observava Struan com um sorriso curioso e aberto.

— Pode guardar a faca, Tai-Pan. Não está em perigo. — Sua voz era calma e zombeteira.

— Você devia ser chicoteada — disse ele.

— Conheço muito bem o chicote, não se lembra? — Ela se movimentou em direção ao quarto. — Teremos mais conforto aqui dentro. — Ela foi até uma escrivaninha e despejou uísque em dois copos. — Que é que há? — disse ela, com o mesmo sorriso perverso. — Nunca esteve no quarto de uma moça antes?

Ela lhe entregou um copo e ele o pegou.

— Somos iguais, Tai-Pan. Ambos preferimos amantes chineses.

— Por Deus, sua cadela maldita, você...

— Não seja hipócrita; não fica bem para você. Você é casado e tem filhos. Entretanto, tem muitas outras mulheres. Mulheres chinesas. Sei tudo a respeito delas. Empenhei-me em descobrir.

— É impossível que você seja Mary Sinclair — disse ele, mais ou menos para si mesmo.

— Não é impossível. Surpreendente, sim. — Ela bebia seu uísque calmamente. — Mandei buscá-lo porque queria que você me visse como eu sou.

— Por quê?

— Primeiro, é melhor você mandar seus homens embora.

— Como sabe a respeito deles?

— Você é muito cuidadoso. Como eu. Não viria aqui secretamente sem um guarda-costa. — Seus olhos zombavam dele.

— Em que você está metida?

— Quanto tempo disse a seus homens para esperarem?

— Uma hora.

— Preciso de um espaço maior de seu tempo. Mande-os embora. — Ela riu. — Eu esperarei.

— É melhor esperar. E vista alguma coisa.

Ele saiu da casa e disse a Wolfgang para esperar mais duas horas e então ir procurá-lo. Contou-lhe a respeito da porta secreta, mas não sobre Mary. Quando ele voltou, Mary estava deitada na cama.

— Por favor, feche a porta, Tai-Pan — disse ela.

— Eu lhe disse para vestir alguma coisa.

— Eu lhe disse para fechar a porta.

Raivosamente, ele bateu a porta. Mary tirou o vestido transparente e o atirou para um lado.

— Acha que eu sou atraente?

— Não. Você me enoja.

— Você não me enoja, Tai-Pan. Você é o único homem que eu admiro no mundo.

— Horatio devia ver você agora.

— Ah, Horatio — disse ela, enigmaticamente. — Quanto tempo você disse a seus homens para esperarem, desta vez?

— Duas horas.

— Você lhes contou a respeito da porta secreta. Mas não a meu respeito.

— Por que tem tanta certeza?

— Conheço você, Tai-Pan. Por isso lhe confio o meu segredo. — Ela brincava com o copo de uísque, os olhos baixos. — Já tínhamos terminado, quando você espiou pelo buraco?

— Sangue de Deus! É melhor você...

— Tenha paciência comigo, Tai-Pan — disse ela. — Já tínhamos?

— Sim.

— Fico satisfeita. Satisfeita e aborrecida. Queria que você tivesse certeza.

— Não entendi.

— Queria que você tivesse certeza de que Wang Chu era meu amante.

— Por quê?

— Porque tenho informações que lhe podem ser úteis, Tai-Pan. Tenho muitos amantes. Chen Sheng vem aqui algumas vezes. Muitos dos mandarins de Cantão. O velho Jin-qua, uma vez. — Os olhos dela gelaram e pareceram mudar de cor. — Não me desagradam. Eles gostam da cor de minha pele e eu lhes dou prazer. Eles me dão prazer. Tenho de lhe dizer essas coisas, Tai-Pan. Não faço mais do que pagar a dívida que tenho com você.

— Que dívida?

— Você impediu os espancamentos. Você impediu tarde demais, mas não foi por culpa sua. — Ela se levantou da cama e vestiu um traje grosso. — Não quero aborrecê-lo mais. Por favor me ouça e depois pode fazer o que quiser.

— O que você quer me contar?

— O imperador indicou um novo vice-rei para Cantão. Esse Vice-rei Ling, leva um edito imperial para proibir o tráfico de ópio. Ele chegará dentro de duas semanas, e dentro de três semanas cercará a Colônia em Cantão. Nenhum europeu sairá de Cantão até todo o ópio ter sido entregue.

Struan riu com desprezo.

— Não acredito nisso.

— Se o ópio for entregue e destruído, qualquer pessoa que tenha cargas de ópio fora de Cantão ganharia uma fortuna — disse Mary.

— Não será entregue.

— Vamos dizer que toda a Colônia seja posta sob exigência de resgate, em troca do ópio. O que poderiam vocês fazer? Não há navios armados aqui. Vocês estão indefesos. Não estão?

— Sim.

— Mande um navio a Calcutá, com ordens de comprar ópio, todo que puder, dois meses depois de chegar. Se minha informação for falsa, isto lhe dará tempo suficiente para cancelar a ordem.

— Wang lhe disse isso?

— Só a respeito do vice-rei. O resto foi idéia minha. Queria pagar a dívida que tenho com você.

— Você não me deve nada.

— Você nunca foi chicoteado.

— Por que você não mandou alguém me contar, secretamente? Por que me trazer aqui? Para ver você assim? Por que me fazer passar por isto... este horror?

— Queria lhe contar. Eu mesma. Queria que alguém mais, além de mim mesma, soubesse quem eu sou. Você é o único homem em quem confio — ela disse, com uma inesperada e infantil inocência.

— Você está louca. Devia ser trancafiada.

— Por que gosto de ir para a cama com chineses?

— Deus do céu! Não entende quem você é?

— Sim. Uma vergonha para a Inglaterra. — A raiva aflorou em seu rosto, endurecendo-o, envelhecendo-o. — Vocês homens fazem o que lhes agrada, mas nós mulheres não podemos. Bom Deus, como posso ir para a cama com um europeu? Eles não conseguem se conter e vão contando logo aos outros, e me cobririam de vergonha diante de todos vocês. Desta maneira, ninguém se prejudica. A não ser eu, talvez, e isto aconteceu há muito tempo.

— O que aconteceu?

— É melhor você encarar uma verdade da vida, Tai-Pan. A mulher precisa de homens tanto quanto o homem precisa de mulheres. Por que deveríamos nos satisfazer com um homem apenas? Por quê?

— Há quanto tempo isto vem acontecendo?

— Desde que eu tinha quatorze anos. Não fique tão chocado! Quantos anos tinha May-may quando você a comprou?

— Isso é diferente.

— É sempre diferente para um homem. — Mary sentou-se à mesa, diante do espelho, e começou a escovar o cabelo. — Brock está negociando secretamente com os espanhóis em Manilha a compra da colheita de açúcar. Ele ofereceu a Carlos de Silvera dez por cento pelo monopólio.

Struan sentiu um assomo de fúria. Se Brock conseguisse fazer funcionar aquele truque com o açúcar, poderia dominar todo o mercado das Filipinas.

— Como você sabe?

— O *compradore* dele, Sze-tsin, me contou.

— Ele é outro dos seus... clientes?

— Sim.

— Tem mais alguma coisa que queira me contar?

— Você poderá ganhar cem mil taéis de prata com o que eu lhe contei.

— Acabou?

— Sim.

Struan levantou-se.— O que vai fazer?

— Contar a seu irmão. É melhor que você seja mandada de volta para a Inglaterra.

— Deixe-me viver minha própria vida, Tai-Pan. Eu gosto do que eu sou e jamais mudarei. Nenhum europeu, e poucos chineses sabem que eu falo cantonês e mandarim, exceto Horatio e, agora, você. Mas só você conhece meu verdadeiro eu. Prometo que serei muito, muito útil a você.

— Você estará em casa, fora da Ásia.

— A Ásia é a minha casa. — Ela franziu a testa e seus olhos pareceram suavizarse. — Por favor, deixe-me como eu sou. Nada mudou. Há dois dias, nós nos encontramos na rua e você foi gentil e bondoso. Ainda sou a mesma Mary.

— Você não é a mesma. Acha que isto não é nada?

— Somos todos pessoas diferentes, ao mesmo tempo. Este é um dos meus *eus,* e a outra moça, a doce e inocente virgenzinha, que conversa bobagens e adora a igreja, o cravo, cantar e bordar, também sou eu. Não sei por que, mas é verdade. Você é o Tai-Pan Struan, demônio, contrabandista, príncipe, assassino, marido, fornicador, santo e centenas de outras pessoas. Qual desses é, verdadeiramente, você?

— Não contarei a Horatio. Você pode simplesmente ir embora para casa. Eu lhe darei o dinheiro.

— Tenho dinheiro suficiente para minha própria passagem, Tai-Pan. Ganho muitos presentes. Possuo esta casa e a vizinha. E irei quando decidir, da maneira que decidir. Por favor, deixe que eu tenha o meu próprio *pagode,* Tai-Pan. Sou quem sou, e nada do que você fizer poderá mudar isso. Antigamente, você poderia ter-me ajudado. Não, isto também não é honesto. Ninguém poderia ter-me ajudado. Gosto do que eu sou. Juro que jamais mudarei. Serei o que sou: secretamente, sem que ninguém saiba, exceto você e eu... ou abertamente. Então por que ferir os outros? Por que ferir Horatio?

Struan observou-a. Sabia que ela estava falando sério.

— Sabe o perigo em que se encontra?

— Sim.

— Vamos dizer que você tenha um filho.

— O perigo dá tempero à vida, Tai-Pan. — Ela o olhou fixamente, com uma sombra nos olhos azuis. — Só uma coisa eu lamento, por ter trazido você aqui. Agora jamais poderei ser sua mulher. Eu teria gostado de tentar ser sua mulher.

Struan abandonou-a ao seu *pagode*. Tinha direito de viver como lhe agradava, e expô-la à comunidade nada resolveria. Pior, destruiria seu dedicado irmão.

Ele usara sua informação, com um lucro imenso. Por causa de Mary, A Casa Nobre teve monopólio quase total de ópio durante um ano e ganhos que ultrapassaram as despesas de sua parcela do ópio — doze mil caixas — que servira para resgatar a Colônia. E a informação de Mary a respeito de Brock era correta, e Brock foi impedido de executar seu plano. Struan abriu uma conta secreta para Mary na Inglaterra e depositou, nesta conta, uma proporção do lucro. Ela lhe agradecera, mas jamais parecera interessada no dinheiro. De vez em quando, dava-lhe mais informações. Mas jamais quis dizer-lhe como começara sua vida dupla, e nem por quê. Meu Deus do céu, pensara ele, jamais entenderei as pessoas...

E agora, na praia, ele estava imaginando o que Horatio faria quando descobrisse. Era impossível para Mary manter sua segunda vida secreta — com certeza, acabaria cometendo algum erro.

— O que há, Sr. Struan? — disse Horatio.

— Nada, rapaz. Estava apenas pensando.

— Tem algum navio que parta hoje ou amanhã?

— O quê?

— Que vá para Macau — disse Horatio, rindo. — A fim de levar Mary para Macau.

— Ah, sim, Mary. — Struan se recompôs. — Amanhã, provavelmente. Eu lhe informarei, rapaz.

Ele abriu caminho entre os negociantes, dirigindo-se para Robb, que estava de pé perto de uma das mesas, fitando o mar.

— Qual o próximo, Sr. Struan? — bradou Skinner.

— Ah?

— Temos a ilha. Qual o próximo passo da Casa Nobre?

— Construir, naturalmente. Os primeiros a construir serão os primeiros a lucrar, Sr. Skinner. — Struan fez um aceno bem-humorado de cabeça e seguiu adiante. Ficou imaginando o que os outros negociantes — até mesmo Robb — diriam se soubessem que ele era o proprietário do *Oriental Times* e Skinner seu empregado.

— Não vai comer, Robb?

— Mais tarde, Dirk. Há tempo bastante.

— Quer chá?

— Obrigado.

Cooper aproximou-se, e ergueu seu copo.

— Para a “Extravagância de Struan?”

— Se for, Jeff — disse Struan — todos vocês vão descer pelo cano conosco.

— E vai ser um cano caro, se Struan não tiver nada com isso. — disse Robb.

— A Casa Nobre realmente faz as coisas em alto estilo! Perfeito uísque, conhaque, champanha. E copos de vidro veneziano.

— Cooper bateu no vidro com a unha e a nota produzida era pura. — Lindo.

— Feito em Birmingham. Acabaram de descobrir um novo processo. Uma fábrica já faz mil por semana. Dentro de um ano, haverá dúzias de fábricas. — Struan fez uma pausa, por um momento.

— Entregarei quantos quiser em Boston. Dez centavos americanos por copo. Cooper examinou o copo mais detidamente.

— Dez mil. Seis centavos.

— Dez centavos. Brock lhe cobraria doze.

— Quinze mil a sete centavos.

— Fechado, com uma ordem garantida de trinta mil, pelo mesmo preço, por ano, a partir de hoje e a garantia de que você só importará através de Struan.

— Fechado, se você fretar uma carga de algodão pelo mesmo navio, de Nova Orleans e Liverpool.

— Quantas toneladas?

— Trezentas. Nas condições de costume.

— Fechado, se você trabalhar como nosso agente em Cantão durante esta temporada do chá. Se for necessário. Cooper ficou instantaneamente na defensiva.

— Mas a guerra acabou. Por que você iria precisar de um agente?

— Estamos de acordo?

A mente de Cooper estava fervilhando, como um vespeiro. O Tratado de Chuenpi abria Cantão imediatamente ao comércio. No dia seguinte, eles iam voltar à Colônia em Cantão, para fixar residência outra vez. Iriam assumir o controle de suas feitorias ou *hongs,* como suas casas de negócios no Oriente eram chamadas — e ficariam na Colônia, como sempre, até maio, quando terminasse a temporada de negócios. Mas A Casa Nobre necessitar de um agente, agora, em Cantão, era uma loucura tão grande como dizer que os Estados Unidos da América precisavam de uma família real.

— Negócio fechado, Jeff?

— Sim. Você está esperando uma nova guerra?

— A vida é sempre problemática, não? Não foi isto que Wolfgang estava tentando dizer?

— Não sei.

— Quando vai ficar pronto seu novo navio? — perguntou Struan, abruptamente. Os olhos de Cooper se estreitaram.

— Como você descobriu a respeito disso? Ninguém sabe, fora da nossa companhia. Robb riu.

— Nosso negócio é saber, Jeff. O navio pode representar uma competição injusta. Se navegar como Dirk pensa que navegará, talvez nós o compremos, tirando-o de seu controle. Ou podemos construir quatro outros parecidos.

— Vai ser algo diferente para os ingleses, comprarem navios americanos — disse Cooper, tenso.

— Ah, não vamos comprar, Jeff — disse Struan. — Já temos uma cópia do projeto. Construiremos onde sempre construímos. Em Glasgow. Se eu fosse você, daria aos mastros um caimento de mais um ponto, aumentaria o cordame e acrescentaria mastaréus de sobrejoanete ao mastro principal e à vela. Como é que vai batizá-lo?

— *Independence.*

— Então vamos chamar o nosso de *Independent Cloud.* Se o seu for digno disso.

— Vamos tirar vocês do mar. Já os derrotamos duas vezes na guerra, e agora vamos derrotar onde realmente dói. Vamos tomar seu comércio.

— Vocês não têm a mínima chance. — Struan notou que Tillman se afastava. Abruptamente, sua voz se endureceu. — E muito menos quando metade de seu país se baseia na escravidão.

— Isso vai mudar, no devido tempo. Foram os ingleses que começaram.

— Foi a ralé quem começou!

Sim, e os loucos continuam com isso, pensou Cooper, amargamente, lembrando-se das brigas particulares violentas que estava sempre tendo com seu sócio, que tinha escravos para a lavoura e fazia o tráfico negreiro. Como poderia Wilf ser tão cego?

— Vocês traficavam há cerca de oito anos.

— Struan jamais transportou carga humana, por Deus. E, em nome de Cristo, eu vou explodir qualquer navio que pegar fazendo isso. Dentro ou fora de águas britânicas. Fomos os pioneiros no mundo. A escravidão proibida. Pelo amor de Deus, demorou até 1833 para se conseguir isso, mas foi conseguido. Qualquer navio, lembre-se!

— Então faça outra coisa. Use sua influência para nos deixar comprar ópio da maldita Companhia das Índias Orientais. Por que todos, com exceção dos comerciantes ingleses, seriam totalmente excluídos dos leilões, hein? Por que devemos ser forçados a comprar ópio turco de má qualidade, quando há mais do que suficiente em Bengala para todos nós?

— Fiz mais do que podia para destruir a Companhia, como você sabe muito bem. Gaste algum dinheiro, rapaz. Jogue um pouco. Agite, em Washington. Pressione o irmão do seu sócio. Ele não é senador por Alabama? Ou será que está ocupado demais tomando conta de quatro malditos navios de tráfico de escravos e alguns “mercados” em Mobile?

— Você sabe minha opinião a respeito disso, por Deus — disse Cooper. — Abram os leilões de ópio e vamos derrotar vocês no comércio, no mundo inteiro. Acho que estão com medo de competir livremente, a verdade é essa. Por que motivo manter em vigor os Decretos de Navegação? Por que fazer uma lei dizendo que só navios ingleses podem levar mercadorias para a Inglaterra? Com que direito monopolizam o maior mercado consumidor do mundo?

— Não é por direito divino, rapaz — disse Struan asperamente — embora ele, segundo parece, esteja sempre presente no pensamento americano e em sua

política externa.

— Em algumas coisas estamos certos e vocês errados. Vamos competir livremente. Malditas tarifas! Comércio livre e mares livres... isto é que está certo!

— Struan concorda com você, nesse ponto. Não lê os jornais? Não me incomodo de lhe dizer que compramos dez mil votos por ano para apoiar seis parlamentares dispostos a votar a favor da liberdade de comércio. Estamos fazendo um grande esforço.

— Um voto, um homem. Não compramos votos.

— Vocês têm seu sistema, e nós o nosso. E vou lhe dizer mais uma coisa. Os *ingleses* não eram a favor das guerras americanas, nenhuma das duas. Nem a favor daqueles malditos reis hanoverianos. Vocês não ganharam as guerras, nós as perdemos. Felizmente. Por que iríamos guerrear amigos e parentes? Mas se a gente das Ilhas decidir um dia fazer guerra aos Estados Unidos, cuidado, por Deus. Porque vocês estarão liquidados.

— Acho que está na hora de fazer um brinde — disse Robb. Os dois homens arrancaram os olhos um do outro e o fitaram. Para espanto de ambos, ele encheu três copos.

— Você não vai beber, Robb — disse Struan, tendo na voz uma violência de chicote.

— Vou. Pela primeira vez em Hong Kong. A última vez. Robb entregou-lhes os copos. O uísque era marrom-dourado e destilado exclusivamente para a Casa Nobre em Loch Tannoch, onde eles tinham nascido. Robb precisava da bebida; um barril inteiro.

— Você fez um juramento sagrado!

— Eu sei. Mas traz má sorte brindar com água. E este brinde é importante. — A mão de Robb tremia, quando ele ergueu seu copo. — Ao nosso futuro. Ao *Independence* e ao *Independent Cloud.* À liberdade nos mares. À liberdade, contra todos os tiranos.

Ele tomou um gole e conservou a bebida, sentindo-a arder, com o corpo torcendose de necessidade dela. Depois cuspiu-a e despejou o que restava nas pedrinhas da praia.

— Se eu tornar a fazer isso, arranque o copo de minha mão com um soco. — Ele se virou, nauseado, e caminhou em direção à terra.

— Eu não teria força para tanto — disse Cooper.

— Robb é louco, de tentar o Demônio desse jeito — disse Struan.

Robb começara a beber até à loucura há seis anos. No ano anterior, Sarah viera a Macau, da Escócia, com seus filhos. Durante algum tempo, tudo fora ótimo, mas depois ela descobrira a respeito da amante chinesa que Robb tinha há anos, Ming Soo, e sobre a filha dos dois. Struan lembrou-se da raiva de Sarah e da angústia de Robb, e ficou triste por ambos. Eles deveriam ter-se divorciado há anos, ele pensou, e amaldiçoou o fato de que o divórcio só poderia ser obtido através de um decreto parlamentar. Afinal, Sarah concordou em perdoar Robb, mas só se ele jurasse por Deus livrar-se imediatamente de sua adorada amante e da filha de ambos. Odiando a si próprio, Robb concordara. Dera secretamente a Ming Soo quatro mil taéis de prata e ela e a filha partiram de Macau. Ele jamais tornara a vê-las, e nem ouvira novamente falar delas. Mas, embora Sarah cedesse, jamais esquecera a bela moça e a menina, e continuou a atirar sal na ferida aberta para sempre. Robb começou a beber muito. Logo a bebida dominara-o, e ele ficara embrutecido por meses a fio. Então, certo dia, desapareceu. Afinal, Struan encontrara-o, num dos fedorentos botequins de Macau, carregara-o para casa e lhe curara a bebedeira; depois, dera-lhe uma arma.

— Atire em si próprio, ou jure por Deus que não tocará em bebida outra vez. É veneno para você, Robb. Você esteve bêbado por quase um ano. Você tem de pensar em seus filhos. As pobres crianças estão aterrorizadas com você e têm razão; e eu estou cansado de tirar você da sarjeta. Olhe para você mesmo, Robb! Vá!

Struan forçou-o a se olhar num espelho. Robb jurara, e então Struan mandara-o para o mar, durante um mês, com ordem de que não lhe dessem nenhuma bebida. Robb quase morrera. Depois de algum tempo, voltara a ser o que era, e agradecera ao irmão, tornando então a viver com Sarah, após fazer as pazes. Mas jamais houvera paz outra vez entre eles — e nem amor. Pobre Robb, pensou Struan. Sim, e pobre Sarah. É terrível marido e mulher viverem assim.

— Por que diabo Robb fez isso?

— Acho que ele queria impedir uma briga — disse Cooper. — Eu estava começando a ficar zangado. Desculpe.

— Não peça desculpas, Jeff. Foi minha culpa. Bom — acrescentou Struan — não vamos desperdiçar a coragem de Robb, hein? E nem o brinde que ele fez.

Beberam, silenciosamente. Em torno, pela praia inteira, negociantes e marinheiros divertiam-se ruidosamente.

— Ei, Tai-Pan! E você, maldito colono! Cheguem aqui! Era Quance, sentado perto do mastro da bandeira. Ele acenou para ambos e gritou de novo.

— Diabo, venham cá!

Tomou uma pitada de rapé, espirrou duas vezes e tirou o pó, com impaciência, de cima de sua roupa, usando um lenço de renda francesa.

— Por Deus, senhor — disse ele a Struan, espiando-o por sobre seus óculos sem aros — como pode um homem trabalhar com toda essa barulhada e esse tumulto, com mil demônios? Vocês e sua maldita bebida!

— Já provou o conhaque, Sr. Quance?

— Impecável, meu caro camarada. Como as testas da Srta. Tillman. — Tirou a pintura do cavalete e segurou-a. — O que acham?

— De Shevaun Tillman?

— Da pintura. Débeis mentais, como podem pensar num rabo de saia, quando estão diante de uma obra-prima? — Quance tomou outra pitada de rapé, ficou sufocado, bebeu conhaque Napoleão em seu canecão e espirrou.

A pintura era uma aquarela mostrando a cerimônia daquele dia. Delicada. Fiel. E algo mais. Era fácil identificar Brock e Mauss, e Glessing estava lá, com a proclamação nas mãos.

— É muito boa, Sr. Quance — disse Struan.

— Cinqüenta guinéus.

— Comprei uma pintura a semana passada.

— Vinte guinéus.

— Não apareço aí.

— Por cinqüenta guinéus eu o pintarei lendo a proclamação.

— Não.

— Sr. Cooper. Uma obra-prima. Vinte guinéus.

— Salvo o Tai-Pan e Robb, eu tenho a maior coleção de Quance de todo Oriente.

— Diabo, cavalheiros, preciso arranjar algum dinheiro, em algum lugar.

— Venda a Brock. Consegue vê-lo com muita nitidez -; disse Struan.

— Maldito seja Brock! — Quance tomou um gole enorme de conhaque e disse, com a voz rouca. — Ele me recusou, que vá para o inferno! — Deu furiosas pinceladas, fazendo Brock sumir. — Por Deus, por que deveria eu torná-lo imortal? E malditos sejam vocês dois. Vou mandar o quadro para a Real Academia. Em seu próximo navio, Tai-Pan.

— Quem vai pagar o frete? E o seguro?

— Eu pagarei, meu rapaz.

— Com o quê?

Quance contemplou a pintura. Sabia que, mesmo na velhice, seria ainda capaz de pintar, e de se aperfeiçoar; seu talento não se deterioraria.

— Com o que, Sr. Quance?

Ele acenou para Struan uma mão imperiosa.

— Dinheiro. Taéis. O *cobre.* Dólares. À vista!

— Conseguiu mais crédito, Sr. Quance?

Mas Quance não respondeu. Continuou a admirar seu trabalho, sabendo que conseguira fisgar sua presa.

— Vamos, Aristotle, quem deu o crédito? — insistiu Struan. Quance bebeu um enorme gole de conhaque, tomou mais rapé e espirrou. Sussurrou, como quem conspira.

— Sente-se. — Verificou se não havia mais ninguém escutando. — Um segredo.

— Ergueu a pintura. — Vinte guinéus?

— Muito bem — disse Struan. — Mas espero que valha esse preço.

— É um príncipe entre os homens, Tai-Pan. Quer rapé?

— Diga logo!

— Parece que uma certa senhora se admira muito. Num espelho. Sem roupa nenhuma. Fui contratado para pintá-la assim.

— Meu Deus do céu! Quem é?

— Ambos a conhecem muito bem. — Depois Quance acrescentou, com tristeza fingida. — Jurei não revelar seu nome. Mas vou colocar na história o seu traseiro. É soberbo. — Outro gole de conhaque. — Eu, anh, insisti em vê-la inteira. Antes de concordar em aceitar a incumbência. — Beijou os dedos, com êxtase. — Impecável, cavalheiros, impecável! E seus mamilos! Meu Deus, quase enlouqueci! — Outro gole de conhaque.

— Você pode nos contar. Vamos, quem foi?

— A regra principal com relação a nus é a mesma que vale para a fornicação.

Nunca revelar o nome da senhora. — Quance acabou com pena o canecão. — Mas não existe um só homem, de vocês, que não pagasse mil guinéus para possuí-la. — Levantouse, arrotou com gosto, espanou-se, fechou sua caixa de pintura e pegou seu cavalete, satisfeitíssimo consigo mesmo. — Bom, isso é negócio suficiente para esta semana. Vou cobrar trinta guinéus a seu *compradore.*

— Vinte guinéus — disse Struan.

— Um original de Quance retratando o dia mais importante da História do Oriente — disse Quance, com desdém — por quase o preço de um barril de Napoleão. — Voltou para sua chalupa e dançou uma giga, quando o saudaram com vivas, a bordo.

— Deus todo-poderoso, quem terá sido? — disse Cooper, afinal.

— Deve ser Shevaun — disse Struan, com uma curta risada. — É o tipo de coisa que aquela moça faria.

— Nunca. Ela é uma danada, mas nem tanto assim. — Cooper olhou pouco à vontade para o navio-depósito de Cooper-Tillman, onde estava alojada Shevaun Tillman. Ela era a sobrinha de seu sócio e viera para a Ásia há um ano, de Washington. Neste período, ela se tornara a favorita do continente. Era bonita, tinha dezenove anos, era ousada e desejável, e nenhum homem conseguia apanhá-la — nem para a cama e nem para casar. Todo solteirão da Ásia, incluindo Cooper, fizera-lhe propostas. E todos haviam sido recusados e, ao mesmo tempo, não recusados; mantidos numa rédea, como ela fazia com todos os seus admiradores. Mas Cooper não se importava. Sabia que ela ia ser sua mulher. Fora mandada para ficar sob a guarda de Wilf Tillman pelo pai dela, um senador do Alabama, na esperança de que Cooper gostasse dela e ela dele, a fim de cimentar mais solidamente os negócios da família. E ele se apaixonara por ela, no momento em que a vira.

— Então, anunciaremos os esponsais imediatamente — Tillman dissera, deliciado, há um ano.

— Não, Wilf. Não há pressa. Vamos deixar que ela se acostume com a Ásia e comigo.

Quando Cooper virou as costas para Struan, sorriu para si mesmo. Por uma gata selvagem como aquela valia a pena esperar.

— Deve ser uma das “moças” da Sra. Fortheringill.

— Aquelas coelhinhas fazem qualquer coisa.

— Claro. Mas não *pagariam* a Aristotle para fazer isso.

— A velha Cara de Cavalo poderia pagar. Faz bons negócios.

— Ela tem negócios a granel, agora. Sua clientela é a melhor da Ásia. Consegue imaginar aquela bruxa dando dinheiro a Aristotle? — Cooper puxou com impaciência as suíças. — O máximo que ela faria era dar o dinheiro a ele, para fazer negócio. Talvez ele esteja brincando conosco, não?

— Ele brinca a respeito de tudo e de todos. Mas jamais sobre a pintura.

— Uma das portuguesas?

— Impossível. Se for casada, o seu marido lhe arrancará a cabeça. — Se for viúva... isto faria cair toda a cúpula da igreja católica. — As rugas com que os ventos haviam marcado o rosto de Struan retorceram-se num sorriso. — Vou colocar todo o poder da Casa Nobre a serviço da descoberta de quem é. Aposto vinte guinéus com você que descubro primeiro!

— Fechado. Fico com a pintura, se ganhar.

— Diabo, eu gostei dela, agora que Brock foi apagado.

— O vencedor fica com a pintura, e pediremos a Aristotle para colocar nela o perdedor.

— Fechado. — Apertaram-se as mãos.

— Houve um repentino disparo de canhão e eles olharam em direção ao mar. Um navio se aproximava pelo canal leste, navegando a toda força. Suas velas soltas, quadradas, mastaréus e mastaréus de sobrejoanete estavam enfunados a sotavento, enquanto os bri*ó*is lhes davam formas redondas e o cordame esticado tornava-se mais tenso e cantava sob o vento forte. O clíper, com seus mastros inclinados, tinha uma grande extensão da amura a sotavento, e a onda formada pela sua proa se erguia muito alta, molhando a amurada. Sobre a espuma de sua esteira — muito branca, contra o verdeazulado do oceano — gaivotas gritavam suas boas-vindas.

Outra vez o canhão rugiu e uma baforada de fumaça agitou-se sobre a quadra da popa, onde drapejava o Pavilhão do Reino Unido, enquanto o Leão e o Dragão flutuavam no alto da mezena. Aqueles que, na praia, haviam ganho suas apostas deram altos vivas, pois grandes somas de dinheiro tinham sido apostadas no navio que chegaria primeiro na Inglaterra, e no primeiro a voltar.

— Sr. MacKay! — bradou Struan, mas o mestre já se aproximava correndo, com o duplo óculo de alcance.

— Três dias de avanço, tempo recorde, *senhorrr* — disse o Mestre McKay com um sorriso desdentado. — Olha lá o vôo dele. Vai custar a Brock um barril de prata! — Saiu correndo em direção à terra.

O navio, *Thunder Cloud*, saiu velozmente do canal e, agora que tinha o caminho

livre, corria adiante do vento, ganhando rapidez.

Struan colocou diante dos olhos o curto óculo de alcance e focalizou as bandeiras de código que procurava. A mensagem dizia: “Crise não resolvida. Novo tratado com o Império Otomano contra a França. Conversa sobre guerra”. Depois, Struan examinou o navio; sua pintura estava boa, a cordame retesado, os canhões em seus lugares. E, num canto de sua vela dianteira, havia um pequeno remendo negro, sinal de código, usado apenas em emergências e cujo significado era: “Importantes despachos a bordo.”

Ele baixou o binóculo e ofereceu-o a Cooper.

— Quer emprestado?

— Obrigado.

— É chamado bi-óculo, ou binóculo Dois olhos. Você focaliza com a rosca central — disse Struan. — Mandei fazer especialmente.

Cooper espiou através do binóculo e viu as bandeiras de código. Ele sabia que todos na armada estavam tentando ler a mensagem e todas as companhias gastavam muito tempo e dinheiro tentando decifrar o código da Casa Nobre. O binóculo era mais poderoso do que um telescópio.

— Onde posso conseguir doze dúzias disso?

— Cem guinéus por peça. Um ano para entregar.

É pegar ou largar, pensou Cooper, amargamente, conhecendo aquela entonação de voz.

— Fechado.

Novas bandeiras de código foram erguidas e Cooper devolveu o binóculo. A segunda mensagem era uma única palavra, “Zenith”, um código dentro do código principal.

— Se eu fosse você — disse Struan a Cooper — eu descarregaria o meu algodão da temporada. Depressa.

— Por quê? Struan deu de ombros.

— Só estou tentando ser útil. Com licença.

Cooper observou-o, enquanto se afastava para interceptar Robb, que se aproximava com o mestre. O que haverá naquelas malditas bandeiras? — perguntou a si mesmo. E o que ele queria dizer com relação ao nosso algodão? E por que diabo não chegou o naviocorreio?

Era isso que tornava o comércio tão excitante. Comprava-se e se vendia para um mercado quatro meses antecipado, sabendo apenas a posição deste mercado quatro meses antes. Qualquer erro representava a ameaça de prisão por dívida. Um jogo calculado que, se perdido, resultava na aposentadoria e partida para sempre do Oriente. Sentiu uma dor de barriga. Uma dor do Oriente, que o acompanhava sempre — e à maioria deles — e também um estilo de vida. Teria sido uma informação amistosa do Tai-Pan ou uma manobra calculada?

***

O Capitão Glessing, acompanhado de Horatio, estava observando o *Thunder Cloud* com inveja. E também com impaciência. Era um prêmio que valia a pena conquistar, e o primeiro navio do ano a fazer a viagem da Inglaterra a Calcutá, com certeza com os porões cheios de ópio. Glessing ficou imaginando qual seria o significado das bandeiras. E por que havia um remendo negro na vela da frente.

— Belo navio — disse Horatio.

— Sim, é mesmo.

— Mesmo sendo pirata? — Horatio perguntou, ironicamente.

— A carga e os proprietários é que fazem com que seja pirata. Mas um navio é um navio, e este é um dos mais belos que já serviram ao homem — respondeu Glessing secamente, aborrecido com a brincadeira de Horatio. — Falando de coisas belas — disse ele, tentando não ser óbvio — será que você e a Srta. Sinclair aceitariam cear comigo esta noite? Gostaria de lhes mostrar o meu navio.

— É muita gentileza, George. Sim, aceito. E imagino que Mary ficará encantada. Ela nunca visitou uma fragata. Talvez esta noite, disse Glessing a si mesmo, surja uma oportunidade para descobrir o que Mary sente a meu respeito.

— Mandarei uma chalupa buscá-los. Estará bem às três badaladas do sino... o último toque de três?

— É melhor às oito badaladas — disse Horatio, despreocupadamente, só para mostrar que sabia que às três badaladas seu relógio marcaria sete e meia, mas as oito horas seriam assinaladas por oito badaladas.

— Muito bem — disse Glessing. — A Srta. Sinclair será a primeira dama que vou receber a bordo.

Meu Deus, pensou Horatio, será que Glessing teria por Mary mais do que um interesse passageiro? Claro! O convite era realmente para ela, não para mim. Que coragem! Idiota enfarpelado! Pensar que Mary chegaria a considerar uma união dessas. Ou que eu permitiria que ela se casasse agora.

Um mosquete bateu ruidosamente nas pedras e eles deram uma olhadela em torno. Um dos fuzileiros desmaiara e estava caído na praia.

— Que diabo ele tem? — perguntou Glessing. O mestre-d'armas virou o jovem fuzileiro.

— Não sei, *senhorrr.* É o Norden, *senhorrr.* Há semanas que ele está se comportando de uma maneira esquisita. Talvez tenha a febre.

— Bom, deixe-o onde está. Reúna os marinheiros e fuzileiros ... aos botes! Quando todos estiverem a bordo, volte para pegá-lo.

— Sim, *senhorrr.* — O mestre-d'armas pegou o mosquete de Norden e o atirou para outro fuzileiro, fazendo em seguida os homens se afastarem, marchando.

Quando já era seguro mover-se, Norden — que tinha apenas fingido desmaiar — esgueirou-se e procurou abrigo sob alguns rochedos, escondendo-se. Oh, Cristo, protegeime, até eu poder chegar ao Tai-Pan, ele rezava, desesperadamente. Jamais terei uma oportunidade como esta, outra vez. Protegei-me, ó Jesus abençoado, e ajudai-me a encontrá-lo antes que voltem à minha busca.

***

Brock estava em pé no tombadilho de seu navio, com o telescópio dirigido para as bandeiras. Ele decifrara o código de Struan há seis meses e entendeu a primeira mensagem. Agora, o que queria dizer aquele “Zenith”? Qual o significado? — perguntou a si mesmo. E o que haveria de tão importante com relação ao tratado otomano, a ponto de Struan se arriscar a ver a notícia dada assim abertamente, mesmo em código, em vez de em segredo, quando se encontrasse a bordo? Talvez saibam que decifrei o código. Talvez queiram que eu entenda, e “Zenith” signifique, para eles, que a mensagem é falsa. Crise e guerra significam que o preço do chá e da seda vai aumentar. E do algodão. É melhor comprar muito. Se for verdade. E talvez eu coloque a minha cabeça na armadilha de Struan. Onde diabo está o *Gray Witch*? Não é direito que tenha sido derrotado. Maldito Gorth! Ele me fez perder mil guinéus.

Gorth era seu filho mais velho, capitão do *Gray Witch.* Um filho que dava orgulho. Tão grande quanto ele, tão duro, tão forte, tão bom marinheiro como nunca houvera navegando pelos mares. Sim, um filho para sucedê-lo, e merecedor de ser o Tai-Pan dentro de um ano ou dois. Brock rezou silenciosamente pela segurança de Gorth e depois o amaldiçoou outra vez, por não estar à frente do *Thunder Cloud.*

Focalizou seu óculo de alcance na praia, onde Struan se encontrava com Robb, e desejou ouvir o que estavam dizendo.

— Com licença, Sr. Brock. — Nagrek Thumb era capitão do *White Witch*, um alto e robusto natural da Ilha de Man, com mãos grandes e um rosto da cor de carvalho em conserva.

— Sim, Nagrek?

— Está correndo um boato pela frota. Não creio muito nele, mas nunca se sabe. O boato é de que a Marinha está conseguindo poderes para nos fazer parar de contrabandear ópio. E assim poderemos ser presos como piratas.

Brock escarneceu.

— Seria mesmo uma coisa estrambólica.

— Também dei risada, Sr. Brock. Até ouvi dizer que a ordem vai ser dada às quatro badaladas. E até ouvi dizer que Struan disse a Longstaff que deveríamos ter, todos, seis dias de prazo para vender todo nosso estoque.

— Tem certeza? — Brock mal teve tempo de absorver a chocante notícia, quando foi distraído por uma movimentação no passadiço. Eliza Brock entrou pesadamente no convés. Era uma mulher grande, com braços grossos e a força de um homem; seu cabelo cinza-aço estava preso num coque frouxo. Estavam com ela suas duas filhas, Elizabeth e Tess.

— Bom-dia, Sr. Brock — disse Liza, batendo solidamente os pés no convés, com os braços cruzados sobre a enormidade de seu busto. — Dia bonito, puxa vida!

— Onde esteve, amor? Bom-dia, Tess. Olá, Lillibet, querida — disse Brock, com a adoração pelas filhas dominando-o.

Elizabeth Brock tinha seis anos e cabelos castanhos. Aproximou-se correndo de Brock e fez uma curvatura, quase caindo, depois pulou nos braços dele e o abraçou, fazendo-o rir.

— Estivemos em casa da Sra. Blair — disse Liza. — Ela está mesmo ruim.

— Vai perder o bebê?

— Não, se Deus quiser — disse Liza. — Bom-dia, Nagrek.

— Bom-dia, Madame — disse Thumb, tirando os olhos de Tess, que estava em pé na amurada, olhando em direção à ilha. Tess Brock tinha dezesseis anos, era alta e encurvada, com a cintura elegantemente fina. Seus traços eram marcados e

ela não era bonita. Mas tinha um rosto forte e a vitalidade que nele existia tornava-o atraente. E muito desejável.

— Vou pegar um pouco de comida. — Liza notou a maneira como Nagrek olhara para Tess. Está em tempo de ela casar, pensou. Mas não com Nagrek Thumb, por Deus.

— Desça daí, Tess. E cuide de você própria, Lillibet — disse, enquanto Elizabeth estendia os braços para ser carregada.

— Por favor, por favor, por favor, mãezinha. Por favor, por favor.

— Use suas próprias pernas, menina. — Mas, ainda assim, Liza acabou arrastandoa, com seu grande braço, e carregou-a para baixo. Tess seguiu-as e sorriu para o pai, fazendo com embaraço um aceno de cabeça para Nagrek.

— Tem certeza quanto a Struan e Longstaff? — perguntou Brock outra vez.

— Sim. — Nagrek virou-se para Brock, forçando a mente acalorada a não pensar na menina. — Um guinéu de ouro na mão de um homem torna longas suas orelhas. Tenho um espião na nau capitânia.

— Struan jamais iria concordar com isso. Não poderia. Ele iria ficar arruinado, como todos nós.

— Bom, foi dito com bastante certeza. Hoje de manhã.

— O que mais foi dito, Nagrek?

— Fui tudo que o espião ouviu.

— Então deve ser um truque... mais uma de suas sujas maldades.

— Sim. Mas o quê?

Brock começou a examinar possibilidades.

— Mande um recado para as *lorchas*. Levem todas as caixas de ópio para a costa. Enquanto isso, mande uma bolsa com vinte guinéus para nosso espião a bordo do *China Cloud*. Diga-lhe que receberá mais vinte se descobrir o que há por trás disso. Que tenha cuidado. Não queremos perdê-lo.

— Se Struan chegar a pegá-lo, ele vai nos mandar a sua língua.

— Junto com a cabeça. Aposto cinqüenta guinéus como Struan tem um homem seu a bordo do nosso navio.

— Aposto cem que está enganado — disse Thumb. — Todos os homens a bordo são de confiança!

— É melhor que eu nunca o pegue vivo em sua frente Nagrek.

***

— Mas por que ele sinalizaria “Zenith”? — Robb estava dizendo.

— Claro que iremos para bordo imediatamente.

— Não entendi — disse Struan. *Zenith* significava: “Proprietário venha para bordo

— urgente.” Franziu a testa, olhando para o *Thunder Cloud*. O Mestre McKay estava fora do alcance da voz, na praia, mais adiante, esperando pacientemente.

— Vá você a bordo, Robb. Dê meus cumprimentos a Isaac e lhe diga para vir à praia imediatamente. Traga-o ao vale.

— Por quê?

— Há muitos ouvidos a bordo. Pode ser importante. — Depois, ele gritou — Mestre McKay!

— Sim, sim, *senhorrr!* Desculpe, *senhorrr* — disse Mestre McKay, desajeitadamente. — Tem um rapazola. Ramsey. No *H.M.S. Mermaid*, o navio de Glessing. Os Ramseys são parentes dos McKays. O primeiro-imediato acabou com o rapaz. Trinta chicotadas ontem e mais para amanhã. Ele foi recrutado em Glasgow.

— E daí? — Struan perguntou, com impaciência.

— Ouvi dizer, *senhorrr* — disse o mestre, cuidadosamente — que ele gostaria de encontrar emprego em algum lugar.

— Pelo sangue de Cristo, você é idiota? Não acolhemos desertores a bordo de nossos navios. Se recebermos um deles, sabendo o que é, poderíamos perder o navio... e com justiça!

— É verdade! Pensei que poderia comprá-lo — disse McKay depressa — porque vi como o Capitão Glessing é amigo seu. O dinheiro ganho por mim como prêmio iria ajudar, *senhorrr.* Ele é um bom rapaz e mudaria de navio, se não

houvesse nenhum obstáculo.

— Vou pensar a respeito.

— Obrigado, *senhorrr.* — O mestre tocou em seu topete e disparou.

— Robb, se você fosse Tai-Pan, o que faria?

— Homens sob pressão são sempre perigosos, e jamais se deve confiar neles — disse Robb, imediatamente. — Então eu nunca o compraria. E agora vigiaria McKay. Talvez McKay seja agora um homem de Brock e tenha tramado tudo. Eu submeteria McKay a um teste e também um inimigo de McKay... e poria Ramsey na mesma lista, jamais voltando a confiar em suas informações.

— Você me disse o que eu faria — observou Struan com um toque de humor. — Eu perguntei o que você faria.

— Não sou Tai-Pan, então o problema não é meu. Se fosse, provavelmente não lhe diria, de qualquer jeito. Ou talvez dissesse e então faria o oposto. Para testar você. — Robb ficou satisfeito de poder odiar seu irmão, de vez em quando. Isto fazia com que gostasse muito mais do outro.

— Por que você tem medo, Robb?

— Eu lhe direi, dentro de um ano. — Robb caminhou atrás do mestre.

Durante algum tempo, Struan ficou pensando sobre seu irmão e o futuro da Casa Nobre; depois pegou uma garrafa de conhaque e começou a caminhar ao longo da abertura entre os rochedos, em direção ao vale.

A multidão dos negociantes diminuía, e alguns já partiram em suas chalupas. Outros ainda estavam comendo e bebendo e havia repentinas gargalhadas por causa de alguns que dançavam uma quadrilha escocesa.

— Senhor!

Struan parou e olhou para o jovem fuzileiro.

— Sim?

— Preciso de sua ajuda, senhor. Desesperadamente — disse Norden, com olhos estranhos e rosto pálido.

— Que ajuda? — Struan estava consciente, sombriamente, da arma à cintura do fuzileiro, uma baioneta. — Estou com sífilis... apanhei com uma mulher. O senhor pode ajudar. Me dê o remédio, senhor. Farei tudo, qualquer coisa.

— Não sou médico, rapaz — disse Struan, com os pêlos do pescoço arrepiando-se.

— Você já não deveria estar em seu barco?

— O senhor teve a mesma coisa. Mas tinha o remédio. Tudo que eu quero é o remédio. Farei qualquer coisa — a voz de Norden era um grasnido e seus lábios estavam com respingos de espuma.

— Jamais tive essa doença, rapaz. — Struan notou o mestre-d’armas que se encaminhava para eles, gritando algo que parecia um nome.

— É melhor você ir para seu barco, rapaz. Estão esperando você.

— O remédio. Diga-me como. Tenho minhas economias, senhor. — Norden puxou um trapo sujo, amarrado com um nó, e o ofereceu orgulhosamente, com o rosto coberto de suor. — Sou econômico e aqui está... tem cinco xelins completos e quatro *pence*, senhor, isto é tudo que tenho no mundo, e tem também o meu pagamento, vinte xelins por mês, que o senhor pode guardar. Pode ficar com tudo, senhor, juro por Cristo, senhor!

— Nunca tive essa doença apanhada com as mulheres, rapaz. Nunca.

Struan disse outra vez, com o coração oprimido à lembrança de sua infância, quando riqueza eram moedas e não barras de prata valendo dezenas de milhares de taéis. E vivendo outra vez o horror inesquecível de toda sua juventude — sem dinheiro, sem esperança, sem calor, sem teto, e os estômagos inchados e protuberantes das crianças. Deus do céu, eu posso esquecer minha própria fome, mas nunca a das crianças, nunca seus gritos, sob o vento enregelante, num canto de sarjeta.

— Farei tudo, tudo, senhor. Aqui. Posso pagar. Não quero nada por nada. Aqui, senhor. O mestre-d’armas aproximava-se, pela praia.

— Norden! — gritou ele, zangado. — Você vai levar cinqüenta chicotadas por sair do alinhamento, por Deus!

— Seu nome é Norden?

— Sim, senhor. Bert Norden. Por favor. Só quero o remédio. Ajude-me, senhor. Aqui. Fique com o dinheiro. É todo seu, e haverá mais. Em nome de Jesus Cristo, ajudeme!

— Norden! — gritou o mestre-d’armas, a cem metros de distância, vermelho de raiva. — Pelo sangue de Deus, venha cá, seu filho da mãe!

— Por favor, senhor — dizia Norden, com crescente desespero — ouvi dizer que

foi curado pelos pagãos. O senhor comprou o remédio aos pagãos!

— Você ouviu uma mentira. Não há remédio chinês, que eu saiba. Nenhum remédio. Nenhum. É melhor você voltar para seu navio.

— Claro que há remédio! — Norden gritou. Ele puxou sua baioneta. — Me diga onde conseguir, ou então vou abrir sua barriga a faca! O mestre-d'armas começou a correr horrorizado.

— *Norden!* Algumas pessoas na praia viraram-se, espantadas: Cooper, Horatio e um outro. Começaram a correr em direção a eles.

Então, a cabeça de Norden estalou e, balbuciando e espumando, ele se atirou contra Struan e dirigiu-lhe uma perversa cutilada, mas Struan deu um passo para o lado e esperou-o sem medo, sabendo que poderia matar Norden no momento que quisesse.

Pareceu a Norden que ele estava cercado de demônios gigantescos, todos com o mesmo rosto, mas não podia jamais tocar nenhum deles. Sentiu o ar explodir para fora de seus pulmões e a praia bateu-lhe no rosto, enquanto ele parecia suspenso numa agonia indolor. Depois, foi a escuridão.

O mestre-d'armas virou Norden de frente e tornou a lhe dar um soco. Agarrou Norden e sacudiu-o, como se fosse uma boneca de trapos, atirando-o em seguida outra vez ao chão.

— Que diabo aconteceu com ele? — perguntou, levantando-se, com o rosto turvo de raiva. — O senhor está bem, Sr. Struan?

— Sim.Cooper, Horatio e alguns dos negociantes aproximaram-se às carreiras.

— O que aconteceu?

Struan, cuidadosamente, virou Norden com o pé.

— O pobre louco apanhou a doença com mulheres.

— Cristo! — disse o mestre-d'armas, nauseado.

— É melhor se afastar dele, Tai-Pan — disse Cooper. — Se respirar seu fluxo poderá pegar a doença.

— O pobre louco pensou que eu tinha contraído a doença e me curara. Em nome de Deus, se eu soubesse a cura para isso, eu seria o homem mais rico da terra.

— Vou mandar pôr esse patife a ferros, Sr. Struan — disse o mestre-d'armas. — O Capitão Glessing vai fazer ele desejar nunca ter nascido.

— Basta arranjar uma pá — disse Struan. — Ele está morto. Cooper rompeu o silêncio.

— Primeiro dia, primeiro sangue. Mau *pagode.*

— De acordo com o costume chinês, não — disse Horatio, distraidamente, sentindo-se mal. — Agora seu fantasma vai velar este lugar.

— Seja bom ou mau agouro — disse Struan — o pobre rapaz está morto. Ninguém lhe deu resposta.

— Que Deus tenha piedade de sua alma — disse Struan.

Depois virou-se e seguiu pela linha da arrebentação em direção a oeste, para o espinhaço de montanha que descia do alto da serraria e quase tocava o mar. Ele estava cheio de pressentimentos, enquanto bebia o ar limpo e bom, e sentia o

cheiro penetrante da espuma do mar. Mau *pagode,* disse a si mesmo. Muito mau.

Ao se aproximar do espinhaço, sua premonição se intensificou e quando, afinal, chegou ao vale onde decidira que a cidade seria construída, sentiu pela terceira vez um imenso ódio rodeando-o.

— Bom Deus — disse alto. — O que há comigo?

Jamais sentira antes um terror tão grande. Tentando mantê-lo sob controle, enviesou os olhos em direção ao outeiro onde ficaria a Grande Casa e, abruptamente, percebeu por que a ilha era hostil. Riu alto.

— Se eu fosse você, ilha, eu odiaria a mim, também. Você odeia o plano! Bom, eu lhe digo, ilha, o plano é bom, por Deus! Bom, está ouvindo? A China precisa do mundo e

o mundo precisa da China. E você é a chave para abrir os portões da China e sabe disso, e eu sei disso, e é o que eu vou fazer, e você vai ajudar!

Pare com isso, disse ele a si próprio. Você está agindo como um louco. Sim, e todos pensariam que você está louco, se lhes dissesse que sua intenção secreta não é apenas a de ficar rico com o comércio e ir embora. Mas usar as riquezas e o poder para abrir a China ao mundo e, particularmente, à cultura britânica e à lei britânica, de modo que cada um possa aprender com o outro e crescer, em benefício de ambos. Sim. É o sonho de um louco.

Mas ele tinha certeza de que a China possuía algo especial para oferecer ao mundo. O que, ele não sabia. Um dia, talvez fosse descobrir.

— E nós temos algo especial para oferecer também — Struan continuou, em voz alta — se você quiser receber. E se a oferta não for conspurcada na entrega. Você é solo britânico, seja isto bom ou ruim. Nós a trataremos com carinho e a transformaremos no centro da Ásia... que é o mundo. Empenho a Casa Nobre no

plano. Se virar as costas para nós, será o que é agora. . . um insignificante pontinho árido, formado por um inútil rochedo estéril ... e você morrerá. E, finalmente, se a Casa Nobre algum dia virar as costas para você... pode destruí-la com a minha bênção.

Ele escalou o outeiro e, desembainhando seu punhal, cortou dois longos ramos. Partiu um deles ao meio, encravou-o ao chão e com o outro formou uma cruz tosca. Banhou a cruz com conhaque e ateou-lhe fogo.

Aqueles que, na armada, podiam ver o vale e notaram a fumaça e as chamas, pegaram seus óculos de alcance e viram a cruz em chamas e o Tai-Pan a seu lado, e estremeceram, supersticiosamente, a imaginar que feitiçaria ele estaria fazendo. Os escoceses sabiam que a queima de uma cruz era uma convocação do clã e de todos os parentes, de todos os clãs aparentados: um chamado para todos se reunirem diante da cruz, e partirem em combate.

E a cruz em chamas só era erguida pelo chefe do clã. Segundo a lei antiga, uma vez erguida, a cruz em chamas comprometia o clã a defender a terra até à extinção do clã.

CAPÍTULO DOIS

— Bem-vindo a bordo, Robb — disse o Capitão Issac Perry. — Quer chá?

— Obrigado Isaac — Robb sentou-se, bem reclinado, aprazivelmente, na funda poltrona de couro, sentindo seu travoso perfume, e esperou. Ninguém conseguia apressar Perry, nem mesmo o Tai-Pan.

Perry despejou o chá em xícaras de porcelana.

Era magro, mas incrivelmente forte. Seu cabelo tinha a cor do cânhamo envelhecido, marrom com fios de prata e negro. Sua barba era grisalha e o rosto marcado de cicatrizes, e cheirava a cânhamo alcatroado e espuma salgada.

— A viagem foi boa? — perguntou Robb.

— Excelente.

Robb estava feliz, como sempre, por se encontrar na cabine principal. Era grande e luxuosa, como todos os alojamentos. As instalações, no navio inteiro, eram de latão, cobre e mogno, e as velas de tela de melhor qualidade, com cordas sempre novas. Canhões perfeitos. A melhor pólvora. A política do Tai-Pan, em toda sua frota, era dar aos oficiais

— e homens — os melhores alojamentos e comida de qualidade superior, além de uma parcela nos lucros, havendo ainda, sempre um médico a bordo. E os açoites eram proibidos. Havia apenas um castigo para a covardia ou a desobediência, tanto para oficiais como para marinheiros: serem obrigados a desembarcar no primeiro porto e jamais receberem uma segunda chance. Então os marinheiros e oficiais lutavam para fazer parte da frota, e jamais havia um lugar vago.

O Tai-Pan nunca esquecera seus primeiros navios, e os castelos de proa e os chicoteamentos. Nem os homens que os ordenavam. Alguns haviam morrido, antes de encontrá-los. Os que encontrou, destruiu. Só em Brock não tinha tocado.

Robb não sabia por que seu irmão poupara Brock. Ele estremecia, sabendo que, fosse qual fosse a razão, um dia haveria um ajuste de contas.

Perry pôs uma colherada de açúcar e leite condensado. Entregou a Robb uma

xícara e depois se sentou atrás da escrivaninha de mogno e ficou observando em torno, com seus olhos fundos sob sobrancelhas hirsutas.

— O Sr. Struan está com saúde?

— Como sempre. Esperava que ele estivesse doente?

— Não.

Houve uma batida na porta da cabina.

A porta se abriu e Robb abriu a boca diante do jovem que estava em pé ali.

— Deus do céu, Culum, meu rapaz, de onde você veio? — Levantou-se cheio de excitação, derrubando sua xícara. “Despachos muito importantes”, na verdade, e, naturalmente, “Zenith”!

Culum Struan entrou na cabina e fechou a porta. Robb segurou-o com afeto pelos ombros e depois notou sua palidez e as faces cavadas.

— O que há de errado, rapaz? — ele perguntou, cheio de ansiedade.

— Estou muito melhor, obrigado, tio — disse Culum, com a voz fraca.

— Melhor do que, meu filho?

— A peste, a peste de Bengala — disse Culum, confuso. Robb virou-se para Perry.

— Você tem peste a bordo? Em nome de Deus, por que não está com a bandeira

amarela?

— Claro que não há peste a bordo! Foi na Escócia, meses atrás. — Perry parou. — *Scarlet Cloud*! Nunca chegou?

— Está com atraso de quatro semanas. Nem uma só notícia, nada. O que aconteceu? Diga, homem.

— Devo contar a ele, Culum, meu rapaz, ou você contará?

— Onde está papai? — perguntou Culum a Robb.

— Na praia. Ele está esperando por vocês na praia. No vale. Pelo amor de Deus, o que aconteceu, Culum?

— A peste chegou a Glasgow em junho — disse Culum, obtusamente. — Dizem que chegou outra vez num navio. De Bengala, na índia. Primeiro atingiu Sutherland, depois Edimburgo, e enfim chegou até nós, em Glasgow. Mamãe está morta, Ian, Lechie, Vovó... Winifred está tão fraca que não vai durar. Vovô está tomando conta dela. — Ele fez um gesto desamparado e se sentou no braço da cadeira. — Vovó está morta. Mamãe. Tia Uthenia e os bebês, e o marido dela. Dez, vinte mil pessoas morreram, entre junho e setembro. Depois, a peste desapareceu. Simplesmente desapareceu.

— Roddy? E Roddy? Meu filho está morto? — perguntou Robb, cheio de angústia.

— Não, tio. Roddy está ótimo. Ele não foi atingido.

— Tem certeza, tem, Culum? Meu filho está salvo?

— Sim. Eu o vi na véspera da minha partida. Muito poucos em sua escola contraíram a peste.

— Graças a Deus!

Robb estremeceu, lembrando-se da primeira onda de peste que misteriosamente varrera a Europa, há dez anos. Cinqüenta mil mortes, só na Inglaterra. Um milhão na Europa. Milhares em Nova York e em Nova Orleans. Alguns chamavam esta peste por um novo nome — cólera.

— Sua mãe está morta? — disse Robb, sem acreditar. — Ian, Lechie, a Vovó?

— Sim. E tia Susan e prima Clair, e tia Uthenia, e primo Donald e o pequeno Stewart e... Houve um silêncio monstruoso. Perry rompeu-o, nervosamente. — Quando ancorei em Glasgow, bom, o garoto Culum estava sozinho. Não sabia o que fazer, então achei melhor trazê-lo a bordo. Partimos um mês depois do *Scarlet Cloud.*

— Você fez bem, Isaac — Robb ouviu a si próprio dizer. Como iria comunicar a Dirk? — É melhor eu ir. Farei sinal a vocês para desembarcarem. Fiquem a bordo.

— Não. — Culum disse isso alto, como se falasse para si próprio, lá no fundo de si mesmo. — Não. Eu desembarcarei primeiro. Sozinho. É melhor. Verei papai sozinho. Devo contar a ele. Irei para a praia sozinho. — Ele se levantou e, tranquilamente, caminhou para a porta, com o navio balançando suavemente, ao doce ruído das ondas que o lambiam, e partiu. Depois, lembrou-se de alguma coisa e voltou para a cabina. — Levarei os despachos — disse ele com sua vozinha fraca. — Ele vai querer ver os despachos.

***

Quando a chalupa se afastou do *Thunder Cloud*, Struan estava no outeiro onde iria ficar a Grande Casa. Logo que viu seu filho mais velho no meio da nau, seu coração disparou.

— Culummmmm! — ele gritou exultante, do alto do outeiro. Arrancou seu casaco e acenou com ele, freneticamente, como um náufrago há seis anos isolado numa ilha e que vê o primeiro navio. — Culummmmmm!

Ele correu num ímpeto, através das ásperas sarças, sem se importar com os espinhos, e esquecido do caminho que levava da praia à vila de pescadores e aos refúgios de piratas na extremidade sul da ilha, passando por sobre a serrania. Esqueceu tudo, exceto que ali estava seu querido filho, no primeiro dia. Mais depressa. Agora ele estava correndo pela praia, cheio de êxtase.

Culum viu-o primeiro.

— Ali. Parem ali. — Apontou o local mais próximo de desembarque.

Mestre McKay girou a cana do leme.

— Força, queridos — disse, exortando os homens a remarem mais rápido para a praia.

Todos sabiam agora, e a notícia voava por toda a frota — e, com ela, a ansiedade. Entre Sutherland e Glasgow viviam muitos parentes de todos e, na cidade de Londres, a maioria do resto. Culum levantou-se e escorregou pela amurada, entrando na água rasa.

— Deixem-nos sós. — Ele, começou a caminhar em direção à praia.

Struan correu para as ondas que varriam a praia, dirigindo-se diretamente para seu filho, e viu as lágrimas, e gritou:

— Culum, meu garoto.

Culum parou por um momento, desamparado, afogando-se na abundância da alegria de seu pai. Depois, começou também a correr através das ondas e, finalmente, encontrou-se na segurança dos braços do pai. E todo, o horror daqueles meses explodiu como um abscesso e ele chorava, apertando-o, apertando-o, e então Struan acariciou o filho e carregou-o em seus braços para a praia, murmurando:

— Culum, meu garoto... Ah, meu menino... E Culum soluçava:

— Estamos mortos... estamos todos mortos... Mãezinha, Ian, Lechie, vovó, as tias, prima Clair... estamos todos mortos, papai. Só restaram eu e Winifred, e ela agora deve estar morta. — Ele repetia os nomes várias vezes, e eram facadas nas entranhas de Struan.

Mais tarde, Culum dormiu, exausto, afinal seguro, na força e no calor. Seu sono foi sem sonhos, pela primeira vez desde que a peste chegara. Dormiu aquele dia, e a noite, e parte do dia seguinte, e Struan o embalava, balançando-o suavemente.

Struan não notou a passagem do tempo. Algumas vezes falava com sua mulher e filhos — Ronalda, Ian, Lechie e Winifred — como se estivessem sentados na praia, a seu lado. Outras vezes, quando iam embora, ele os chamava, baixinho, para não acordar Culum e, mais tarde, eles voltavam. Em certos momentos, cantava as suaves canções de ninar que Ronalda usava para pôr seus filhos para dormir. Ou as gaélicas de sua mãe, ou de Catherine, sua segunda mãe. Acontecia também um nevoeiro cobrir-lhe a alma, e ele nada via.

Quando Culum acordou, sentia-se em paz.

— Olá, papai.

— Você está bem, rapaz?

— Agora, estou bem. — Ele se levantou.

Estava frio na praia, à sombra do rochedo, mas ao sol ficava mais quente. A frota estava tranqüilamente ancorada e os navios-tênderes navegavam velozmente, de um lado para outro. Havia menos navios do que antes.

— É ali que ficará a Grande Casa? — perguntou Culum, apontando para o outeiro.

— Sim. É ali que podemos morar no outono, até à primavera. O clima é ótimo, então.

— Como se chama o vale?

— Não tem nome. — Struan movimentou-se para o sol e tentou dominar a dor entranhada em seus ombros e nas costas.

— Deveria ter um nome.

— A pequena Karen, sua prima Karen, a filha mais nova de Robb, quer chamá-lo Vale Feliz. Teríamos sido felizes ali. — voz de Struan ficou mais carregada. — Eles sofreram muito?

— Sim.

— Você vai me contar como foi?

— Agora não.

— A pequena Winifred. Ela morreu antes de você partir?

— Não. Mas estava muito fraca. Os médicos disseram que estando tão fraca... Os médicos só deram de ombros e foram embora.

— E o avô?

— A peste nunca o atingiu. Ele chegou como o vento até nós, e então levou Winifred. Fui para a casa de tia Uthenia para ajudar. Mas não ajudei. Struan encarava o porto, sem vê-lo.

— Você contou ao tio Robb?

— Sim. Acho que sim.

— Pobre Robb. É melhor eu ir para bordo. — Struan estendeu a mão e pegou os despachos, meio enterrados na areia. Estavam fechados. Ele limpou a areia.

— Desculpe — disse Culum. — Eu esqueci de entregá-los a você.

— Nada, rapaz. Você os entregou — Struan viu uma chalupa dirigindo-se para a praia. Isaac Perry estava à popa.

— Boa-tarde, Sr. Struan — disse Perry, cautelosamente. — Meus pêsames pela perda que sofreu.

— Como está Robb?

Perry não respondeu. Ele caminhou para a praia e gritou à tripulação: “Depressa!” e Struan ficou imaginando, em sua mente ferida e obscurecida, por que Perry tinha medo dele. Não havia razão para ter medo. Nenhuma.

Os homens carregaram para a praia uma mesa, bancos, e alimento, chá, conhaque e roupas.

— Depressa! — Perry repetiu, com irritação. — E vão embora! Para longe daqui, para o inferno, mas fiquem afastados!

Os remadores empurraram rapidamente a chalupa, fazendo-a retroceder, ficaram por sobre as ondas, satisfeitos de estarem longe. Struan ajudou Culum a vestir roupas secas e depois enfiou-se numa camisa limpa, pregueada, e num jaquetão mais quente. Perry ajudou-o a tirar suas botas encharcadas.

— Obrigado — disse Struan.

— Está doendo? — perguntou Culum, vendo as botas.

— Não.

— Quanto ao Sr. Robb, senhor — disse Perry. — Depois que Culum saiu, ele foi procurar bebida. Eu lhe disse que não, mas não quis ouvir. — Ele continuou, com hesitação. — O senhor tinha dado ordens. Então, a cabina ficou meio torta, mas eu tirei a bebida de suas mãos. Quando ele voltou a si, estava bem. Eu o levei a bordo do *China Cloud* e entreguei-o à sua mulher.

— Fez bem, Isaac. Obrigado.

Struan ajudou Culum a se servir de alimento — carne cozida, bolinhos de massa, frango frio, batatas, biscoitos duros de bordo — e pegou um canecão de estanho cheio de chá quente e doce para si próprio.

— Sua Excelência envia suas condolências. Ele gostaria que o senhor subisse a bordo, quando lhe convier.

Struan esfregou o rosto e sentiu o espetar da barba, imaginando logo por que sempre se sentia sujo, quando tinha as faces não barbeadas e os dentes sem escovar.

— Sua navalha está ali — disse Perry, indicando uma mesa lateral. Ele previra a necessidade que Struan sentiria de se arrumar. O Tai-Pan tinha uma fanática obsessão com seu asseio pessoal. — Tem água quente.

— Obrigado.

Struan encharcou uma toalha na água e limpou o rosto e a cabeça. Em seguida, cobriu o rosto de sabão e se barbeou habilmente, sem espelho. Depois, mergulhou uma pequena escova em seu canecão de chá e começou a limpar os dentes, vigorosamente. Enxaguou a boca com chá e atirou fora o resíduo. Lavou o canecão com chá fresco e tornou a enchê-lo, bebendo grande quantidade. Havia um pequeno vidro de água-de-colônia junto às suas coisas de barbear, e ele derramou algumas gotas nas mãos, esfregando-as no rosto.

Sentou-se, reanimado. Culum só brincava com a comida.

— Você precisa comer, rapaz.

— Não tenho fome, obrigado.

— Coma, de qualquer jeito. — O vento agitou os cabelos vermelho-dourados de

Struan, que os usava compridos e lisos, e ele os escovou para trás. — Minha tenda está armada, Isaac?

— Claro. O senhor deu ordens. Está num outeiro, acima do local onde se encontra

o pau da bandeira.

— Diga a Chen Sheng, em meu nome, para ir a Macau comprar mel e ovos frescos. E conseguir ervas chinesas que curem as indisposições e seqüelas resultantes da peste de Bengala.

— Eu estou bem, pai, obrigado — Culum protestou, fracamente. — Não preciso de nenhuma infusão de feiticeiros pagãos.

— Não são feiticeiros iguais aos que conhecemos como tal — disse Struan. — E são chineses, não pagãos. Já me salvaram muitas vezes. O Oriente não é como a Europa.

— Não precisa se preocupar comigo, pai.

— Preciso, sim. O Oriente não é lugar para os fracos. Isaac, mande o *China Cloud* a Macau, com Chen Sheng e, se não voltar em tempo recorde, o Capitão Orlov e todos os oficiais estarão desligados. Chame a chalupa.

— Talvez Culum devesse ir para Macau no navio, Sr. Struan.

— Ele vai ficar sob minhas vistas até eu considerar que está bom.

— Ele seria bem tratado em Macau. A bordo não há...

— Pelo sangue de Deus, Isaac, não vai fazer o que eu disse? Chame a chalupa.

Perry enrijeceu-se instantaneamente e gritou para a chalupa vir à praia. Struan, com Culum a seu lado, sentou-se a meia-nau, Perry estava atrás deles.

— Para a nau capitânia! — Struan ordenou, verificando automaticamente a posição de seus navios, o vento, e estudando as nuvens, numa tentativa de ler sua mensagem de tempo. O mar estava calmo. Mas ele pressentia perturbações.

A caminho da nau capitânia, Struan leu os despachos. Lucros relativos ao chá do ano passado, bom. Perry fizera uma viagem lucrativa, bom. Uma cópia da conta da carga do *Scarlet Cloud*, comprada por Perry em Calcutá, ruim: duzentas e dez mil libras esterlinas de ópio perdidas. Graças a Deus, o navio estava no seguro — embora isto não fosse substituir os homens e o tempo perdido, enquanto outro navio estava em construção. A carga de ópio era contrabando e não poderia ser segurada. Lucro de um ano desaparecera. O que acontecera com a embarcação? Tempestade ou pirataria? Tempestade, mais provavelmente. A não ser que tivesse deparado com um dos navios corsários espanhóis, franceses ou americanos — sim, ou ingleses — que infestavam os mares. Finalmente, ele rompeu o selo da carta de seu banqueiro. Leu-a e explodiu de raiva.

— O que é? — Culum perguntou, assustado.

— Apenas uma dor antiga. Nada. Não é nada. — Struan fingiu ler o próximo despacho enquanto, interiormente, estava cheio de raiva com o conteúdo da carta. — Meu Deus do céu! “Lamentamos informar-lhe que, inadvertida e momentaneamente, o crédito foi exageradamente ampliado e houve uma corrida ao banco, iniciada por malignos rivais. Por isso, não podemos mais manter nossas portas abertas. A junta diretiva determinou que poderemos pagar seis centavos por libra. Tenho a honra de ser, senhor, seu mais obediente criado...” E temos quase um milhão de libras esterlinas em letras deles. Vinte e cinco mil libras esterlinas por um milhão, e nossas dívidas elevando-se a quase um milhão de libras esterlinas. Estamos em bancarrota. Meu Deus, adverti Robb para não colocar todo o dinheiro num só banco. Principalmente com toda a especulação que estava sendo feita na Inglaterra, um banco podendo emitir papel-moeda na

quantia que quisesse.

“Mas esse banco é seguro”, dissera Robb, “e precisamos do dinheiro num só bloco, para garantir empréstimos” — e Robb continuara explicando os detalhes de uma complicada estrutura financeira que envolvia bônus espanhóis, franceses e alemães e bônus da Dívida Nacional e, no final, dava a Struan e Companhia uma posição bancária internacionalmente segura e um enorme poder aquisitivo para expandir a frota, como Struan queria, e comprar para a Casa Nobre privilégios especiais em lucrativos mercados alemães, franceses e espanhóis.

— Muito bem, Robb — ele disse, sem entender as complicações, mas confiando que as palavras de Robb fossem sábias.

Agora, estavam quebrados. Bancarrota.

Deus do céu!

Ele ainda se achava espantado demais para pensar numa solução. Só conseguia se deter no que havia de terrível na Nova Era. A sua complexidade. Sua inacreditável velocidade. Uma nova rainha — Vitória — a primeira monarca popular em séculos. E seu marido, Albert — não sabia muita coisa a seu respeito ainda, pois ele era um maldito estrangeiro de Saxe-Coburg, mas agora o Parlamento se tornara forte e controlava a situação, e o desenvolvimento aumentara. Paz por vinte e seis anos e nenhuma grande guerra iminente — o que não ocorria há centenas de anos. O Demônio Bonaparte seguramente morto, a violenta França bem contida e a Inglaterra dominando o mundo pela primeira vez. A escravidão proibida há oito anos. Canais, um novo método de transporte. Estradas com pedágio, cujas superfícies eram de uma suavidade e permanência até então desconhecidas, fábricas, indústrias, teares, produção em massa, ferro e carvão, companhias de capital social e tantas outras coisas novas dentro dos últimos dez anos: o correio por vinténs, o primeiro correio barato do mundo, a primeira força policial, e o “magnetismo” — fosse isto que diabo fosse — e martelo mecânico a vapor, o primeiro Decreto das Fábricas e o Parlamento, afinal, tirado das mãos dos poucos ricos e aristocráticos proprietários de terras, de modo que, agora, inacreditavelmente, qualquer homem na Inglaterra que

possuísse um negócio rendendo vinte libras por ano poderia votar, poderia realmente votar, e qualquer homem poderia tornar-se Primeiro-Ministro. E a incrível Revolução Industrial, e a Grã-Bretanha fantasticamente rica, e suas riquezas começando a se disseminar. Novas idéias sobre o governo e a humanidade rompendo barreiras de séculos. Todas britânicas, todas novas. E agora, a locomotiva!

— Essa é uma invenção que vai abalar o mundo — murmurou.

— O que disse, papai? — Culum perguntou. Struan voltou a si.

— Eu só estava pensando a respeito de nosso primeiro passeio num trem — ele inventou.

— Já esteve num trem, *senhorrr*? — perguntou McKay. — Como é? Quando foi isso?

— Fizemos a viagem inaugural da locomotiva de Stephenson, a *Rocket.* Eu tinha doze anos — Culum disse.

— Não, rapaz — disse Struan — você tinha onze. Foi em 1830. Há onze anos. Era a viagem inaugural da *Rocket*, o primeiro trem de passageiros do mundo. De Manchester a Liverpool. De diligência, demoraria um dia, mas fizemos a viagem em hora e meia.

E, outra vez, Struan começou a meditar sobre o destino da Casa Nobre. Depois lembrou-se das instruções que dera a Robb para pedir emprestado todo dinheiro que pudesse, a fim de açambarcarem o mercado do ópio. Vamos ver — poderíamos ganhar entre cinqüenta e cem mil libras esterlinas, com isso. Sim — mas é uma gota d'água, para o que precisamos. Os três milhões que nos devem pelo ópio roubado! Sim, mas não poderemos recebê-los, até o tratado ser

ratificado — e isso levará entre seis e nove meses — e precisaremos saldar nossos saques dentro de três!

Como conseguir dinheiro à vista? Nossa posição é boa — nosso conceito é bom. Embora haja hienas salivando em nossos calcanhares. Brock em primeiro lugar. Cooper-Tillman também. Será que Brock iniciou a corrida ao banco? Ou foi seu lacaio Morgan? Os Brocks têm poder suficiente, e dinheiro suficiente. É de dinheiro à vista que precisamos. Ou um grande empréstimo. Apoiados por dinheiro vivo, não papéis. Estamos na bancarrota. Pelo menos estaremos na bancarrota, se nossos credores caírem em cima de nós.

Sentiu a mão do filho em seu braço.

— O que disse, rapaz? Estava falando do *Rocket*?

Culum estava muito perturbado com a palidez de Struan e o verde penetrante e luminoso de seus olhos.

— A nau capitânia. Já chegamos.

Culum seguiu seu pai, no convés. Jamais estivera a bordo de um navio de guerra, quanto mais uma embarcação capitânia. O *H.M.S. Titan* era uma das poderosas naves do mar. Era grande — três mastros — com 74 canhões montados em três conveses de tiro. Mas Culum não ficou impressionado. Não dava importância a navios e detestava o mar. Tinha medo da sua violência, do seu perigo e enormidade, e não sabia nadar. Ficou imaginando como seu pai poderia amar o mar.

Há tanta coisa que não sei a respeito de meu pai, pensou. Mas não é de estranhar. Só o vi umas poucas vezes em minha vida, e a última foi há seis anos. Papai não mudou. Mas eu, sim. Agora sei o que vou fazer com a minha vida. E agora que estou sozinho. Gosto de estar sozinho e, ao mesmo tempo, detesto.

Ele seguiu o pai pelo passadiço e entrou no principal convés de tiro. Tinha o teto baixo e eles precisavam curvar-se, enquanto caminhavam em direção à popa, onde se encontrava a cabina com a sentinela. O navio todo cheirava a pólvora, alcatrão, cânhamo e suor.

— Bom-dia, senhor — disse o fuzileiro a Struan, com o mosquete formalmente apontado para ele. — Mestre-d'armas!

O mestre-d'armas, com uniforme vermelho e resplendentes acessórios brancos, engomados, saiu batendo os pés da cabina do guarda. Ele era duro como uma bala de canhão e tinha a cabeça tão redonda quanto ela.

— Bom-dia, Sr. Struan. Espere um momento, senhor. — Ela bateu com deferência na porta de carvalho da cabina. Uma voz disse: "Entre", e ele fechou a porta atrás de si. Struan tirou um charuto e ofereceu-o a Culum.

— Já está fumando agora, meu rapaz?

— Sim. Obrigado, papai.

Struan acendeu o charuto de Culum e outro para si próprio. Ele se encostou num dos canhões de doze polegadas de comprimento. As balas do canhão estavam empilhadas ordenadamente, sempre à mão. Balas de trinta quilos.

A porta da cabina se abriu. Longstaff, homem esguio e buliçoso, saiu. Seu cabelo era escuro, com elegantes cachos e suíças bastas. Tinha uma testa alta e olhos escuros. A sentinela apresentou armas e o mestre-d'armas voltou para a cabina do guarda.

— Olá, Dirk, meu caro amigo. Como vai? Fiquei tão triste ao saber da notícia.

— Longstaff apertou a mão de Struan, nervosamente, depois sorriu para Culum e ofereceu a mão outra vez. — Você deve ser Culum. Eu sou William Longstaff. Sinto que tenha vindo em circunstâncias tão terríveis.

— Obrigado, Excelência. — disse Culum, espantado com o fato de ser tão jovem o Capitão-Superintendente do Comércio.

— Incomoda-se de esperar um momento, Dirk? Uma conferência com o almirante e os capitães. Voltarei em poucos minutos. — Longstaff disse, com um bocejo. — Tenho uma porção de coisas para lhe falar. Se estiver preparado.

— Sim.

Longstaff olhou ansiosamente para o relógio de bolso de ouro, com pedras preciosas encravadas, que pendia de seu colete de brocado.

— Quase onze horas! Não parece nunca haver tempo suficiente! Gostaria de descer para o salão dos oficiais?

— Não. Esperaremos aqui.

— Fiquem à vontade. — Longstaff rapidamente tornou a entrar na cabina e fechou a porta.

— Ele é muito jovem para ser o plenipotenciário, não é? — perguntou Culum.

— Sim e não. Ele tem trinta e seis anos. Os impérios são construídos por jovens, Culum. São perdidos pelos velhos.

— Ele não parece inglês, absolutamente. Será galês?

— Sua mãe é espanhola. — O que explicava sua veia cruel, pensou Struan. — Ela era condessa. O pai era diplomata credenciado junto à corte espanhola. Foi um desses casamentos “de boa estirpe”. A família dele tem ligação com os condes de Toth.

Quando não se nasce aristocrata, pensou Culum, por mais inteligente que se seja não há esperança. Nenhuma esperança. A não ser com uma revolução.

— As coisas estão muito ruins na Inglaterra — disse ele ao pai.

— Como assim, rapaz?

— Os ricos estão ricos demais e os pobres demasiado pobres. As pessoas afluem em massa para as cidades, procurando emprego. E seu número é maior do que o das ocupações disponíveis. O povo está morrendo de fome. Os líderes do movimento de reforma democrática ainda se encontram na prisão.

— Também tem o seu lado positivo. Aqueles miseráveis agitadores deveriam ter sido enforcados ou deportados, não apenas colocados na prisão.

— Não aprova a Carta? — Culum ficou repentinamente em guarda. A Carta do Povo fora escrita há menos de três anos e agora se tornara o símbolo da luta pela liberdade, para todos os descontentes da Grã-Bretanha. A Carta pedia que todo homem tivesse o direito de votar, a abolição da qualificação à propriedade para os membros do Parlamento, distritos eleitorais equitativos, votação em pleito secreto, Parlamentos anuais e salários para os membros do Parlamento.

— Aprovo como um documento com reivindicações justas, mas não aprovo os cartistas e seus líderes. A Carta é como uma porção de boas idéias... que caem nas mãos dos líderes errados.

— Não é errado agitar para defender reformas. O Parlamento precisa fazer mudanças.

— Agitar, sim. Conversar, discutir, escrever petições, mas não incitar a violência e comandar revoluções. O Governo estava certo ao sufocar as rebeliões em Gales e Midlands. A insurreição não é uma solução, por Deus. Há histórias no sentido de que os cartistas ainda não aprenderam sua lição e estão comprando armas e mantendo reuniões secretas. Deveriam ser postos a correr, por Deus.

— Não se pode pôr a Carta a correr. Muitos a desejam e estão preparados para morrer por ela.

— Então haverá uma porção de mortes, rapaz. Se os cartistas não se encherem de paciência.

— Você não sabe o que são agora as Ilhas Britânicas, papai. Você ficou aqui muito tempo. É difícil ter paciência com a barriga vazia.

— A mesma coisa acontece na China. É igual no mundo inteiro. Mas a revolta e a insurreição não estão de acordo com a natureza britânica.

Logo estarão, pensou Culum, sombriamente, se não forem feitas reformas. Ele lamentava agora ter partido de Glasgow para o Oriente. Glasgow era o centro dos cartistas escoceses, e ele era líder dos estudantes que, em segredo, comprometeram-se a trabalhar e suar — morrer, se necessário — para a causa cartista.

A porta da cabina se abriu outra vez e a sentinela enrijeceu-se. O almirante, um homem corpulento, saiu com o rosto tenso e zangado, e se dirigiu para o passadiço, seguido por seus capitães. A maioria dos capitães era jovem, mas uns poucos tinham cabelos grisalhos. Todos estavam vestidos com uniforme naval,

usavam chapéus de três bicos e suas espadas batiam ruidosamente.

O Capitão Glessing foi o último. Parou diante de Struan.

— Posso apresentar-lhe meus pêsames, Sr. Struan? Foi uma grande falta de sorte.

— Sim. — Foi só falta de sorte, pensou Struan, perder uma linda mulher e três lindos filhos? Ou será que Deus, ou o Diabo, meterem a mão no *pagode?* Ou são eles, Deus, o Diabo, sorte, *pagode*, apenas nomes diferentes para a mesma coisa?

— Teve toda razão de matar aquele maldito fuzileiro — disse Glessing.

— Eu não o toquei.— Ah, é? Supus que tivesse tocado. Não pude ver o que aconteceu do ponto em que me encontrava. Não tem importância.

— Sepultou-o em terra?

— Não. Não valia a pena conspurcar a ilha com aquele tipo de doença. Será que o nome Ramsey significa alguma coisa para o senhor, Sr. Struan? — Glessing perguntou, encerrando as amenidades.

— Ramsey é um nome bastante comum. — Struan ficou em guarda.

— É verdade. Mas os escoceses mantêm-se unidos. Não é esta uma chave para o sucesso dos empreendimentos dominados por escoceses?

— É difícil encontrar pessoas de confiança, sim — disse Struan. — O nome Ramsey significa alguma coisa para o senhor?

— É o nome de um desertor do meu navio — disse Glessing com dureza. — Ele

é primo de seu mestre, o Mestre McKay, eu acho.

— E então?

— Nada, só estou passando adiante a informação. Como sabe, naturalmente qualquer navio mercante que abrigar desertores, armado ou não, pode ser tomado como presa pela Marinha Real. — Glessing sorriu. — É uma estupidez desertar. Para onde pode ele ir, a não ser para outro navio?

— Para lugar nenhum. — Struan se sentiu preso numa armadilha. Tinha certeza de que Ramsey estava a bordo de um de seus navios e a convicção de que Brock tinha a ver com isso, e talvez Glessing também.

— Estamos fazendo uma busca na esquadra, hoje. Não tem nenhuma objeção, claro?

— Claro. Tomamos muito cuidado com a tripulação dos nossos navios.

— É muito sensato. O almirante achou que a Casa Nobre deveria ter prioridade, e então seus navios serão revistados imediatamente.

Nesse caso, pensou Struan, não há nada que eu possa fazer. Então tirou o problema da cabeça.

— Capitão, gostaria que conhecesse meu filho mais velho... meu filho Culum. Culum, este é nosso famoso Capitão Glessing, que ganhou para nós a batalha de Chuenpi.

— Bom-dia para você. — Glessing deu um aperto de mão, polidamente. A mão de Culum era macia e tinha dedos longos, com um leve toque feminino. Meio dândi, pensou Glessing. Casaco de marinheiro cintado, gravata azul-clara e colarinho alto. Deve ser um estudante. É curioso apertar a mão de alguém que

teve a peste de Bengala e sobreviveu. Fico imaginando se eu sobreviveria. — Não foi uma batalha**.**

— Duas fragatas pequenas contra trinta juncos de guerra e trinta ou mais navios armados? Isto não é uma batalha?

— Uma escaramuça, Sr. Struan. Poderia ter sido uma batalha... — Se não fosse aquele maldito covarde Longstaff e você, seu maldito pirata, ele teve vontade de dizer.

— Nós negociantes achamos, Culum, que foi uma batalha — disse Struan, ironicamente. — Não compreendemos a diferença entre uma escaramuça e uma batalha. Somos apenas pacíficos mercadores. Mas a primeira vez em que as armas da Inglaterra foram contra as armas da China merece o título de “batalha”. Foi exatamente há um ano. Nós disparamos primeiro.

— E o que teria feito, Sr. Struan? Foi a decisão tática correta.

— Claro.

— O Capitão-Superintendente do Comércio concordou plenamente com minhas ações.

— Claro. Ele praticamente não poderia ter feito outra coisa.

— Travando velhos combates, Capitão Glessing? — Longstaff perguntou. Ele se achava à porta da cabina e estivera escutando, sem ser observado.

— Não, Excelência, apenas dando nova feição a uma antiga escaramuça. O Sr. Struan e eu jamais vimos Chuenpi com os mesmos olhos, como sabe.

— E por que deveriam? Se o Sr. Struan estivesse no comando, sua decisão poderia ter sido a mesma. Se estivesse no lugar do Sr. Struan, então poderia ter tido a certeza de que eles não atacariam, e arriscaria. — Longstaff bocejou e brincou com seu relógio de bolso.” — O que teria feito, Culum?

— Não sei, senhor. Ignoro as complicações que existiam.

— Muito bem dito. “Complicações” é uma boa palavra. — Longstaff deu uma risadinha. — Gostaria de se unir a nós, Capitão? Um copo de vinho?

— Obrigado, senhor, mas é melhor eu voltar para meu navio. — Glessing fez uma elegante continência e se afastou.

Longstaff levou os Struans para o salão de conferências que, atualmente, servia como quartel-general particular para o Capitão-Superintendente do Comércio. Era espartano e funcional, e as fundas poltronas de couro, mesas com mapas, cômodas e uma pesada mesa de carvalho estavam todas fortemente amarradas ao convés. A escrivaninha de carvalho, elaboradamente entalhada, tinha atrás o semicírculo das escotilhas da proa. A cabina cheirava a alcatrão, fumo velho, mar, e, inevitavelmente, a pólvora.

— Camaroteiro! — chamou Longstaff. Imediatamente, a porta da cabina se abriu.

— Sim, *senhorrr.*

Longstaff virou-se para Struan.

— Vinho? Conhaque? Porto?

— Vinho branco, seco, obrigado.

— A mesma coisa, por favor, senhor — disse Culum.

— Tomarei Porto. — Longstaff bocejou novamente.

— Sim, *senhorrr.* — O camaroteiro tirou as garrafas de um aparador e despejou os vinhos em finas taças de cristal.

— É sua primeira viagem de navio, Culum? — perguntou Longstaff.

— Sim, senhor.

— Mas suponho que está bem atualizado quanto às nossas recentes "complicações"?

— Não, Excelência. Papai não escreve muito, e a China não é mencionada nos jornais.

— Mas logo será, hein, Dirk?

O camaroteiro ofereceu as taças a Longstaff e a seus convidados.

— Não deixe que nos perturbem.

— Sim, *senhorrr.* — O camaroteiro colocou as garrafas num local ao alcance e saiu.

— Um brinde — disse Longstaff e Struan lembrou-se do brinde de Robb e lamentou que ele tivesse chegado primeiro à nau capitânia. — A uma agradável

estada, Culum, e uma viagem segura de volta para a pátria.

Beberam. O vinho branco estava excelente.

— A história está sendo feita aqui, Culum. E não há ninguém melhor equipado para contá-la a você do que seu pai.

— Existe um velho ditado chinês, Culum: “A verdade tem muitas faces” — disse Struan.

— Não entendo.

— Apenas, minha versão dos “fatos” não é necessariamente a única. — Isto lembrou-lhe o vice-rei anterior, Ling, agora caído em desgraça em Cantão porque sua política precipitara conflito aberto com a Grã-Bretanha e, atualmente, condenado à morte.

— Aquele demônio, Ling, ainda está em Cantão?

— Acho que sim. Sua Excelência, Ti-sen, sorriu quando lhe perguntei isso, há três dias, e respondeu, enigmaticamente — “O Escarlate é o Filho do Céu. Como pode o homem saber o que o Céu deseja?” O imperador chinês é chamado o Filho do Céu — Longstaff explicou, esclarecendo Culum. — “O Escarlate” é outro de seus nomes, porque ele sempre escreve com tinta vermelha.

— Gente estranha, muito estranha, os chineses, Culum — disse Struan. — Por exemplo, só o imperador, entre três milhões de pessoas, tem permissão para usar tinta escarlate. Imagine se a Rainha Vitória dissesse: — “De agora em diante, só eu tenho permissão para usar o escarlate”, por mais que a amemos, quarenta mil britânicos imediatamente repudiariam todas as outras tintas, menos a vermelha. Inclusive eu.

— E todos os negociantes da China — disse Longstaff com um inconsciente sorriso escarninho — imediatamente lhe enviariam um barril de tinta desta cor, pagamento contra entrega, e diriam a Sua Majestade Britânica que ficariam satisfeitos em abastecer a Coroa, ao preço tal. E escreveriam a Carta com tinta vermelha. Seria exatamente assim, suponho. Onde estaríamos, se não fosse o comércio?

Houve um pequeno silêncio e Culum ficou imaginando por que seu pai deixara passar o insulto. Ou não era um insulto? Não se tratava apenas de mais um fato corriqueiro, os aristocratas sorrirem sempre de maneira escarninha para qualquer pessoa que não fosse também aristocrata? Bom, a Carta resolveria o caso dos aristocratas de uma vez por todas.

— Queria me ver, Will? — Struan sentia-se mortalmente cansado. Seus pés doíam, e os ombros também.

— Sim. Algumas coisinhas aconteceram desde que... nos últimos dois dias. Culum, quer nos desculpar por um momento? Quero falar com seu pai a sós.

— Certamente, senhor. — Culum levantou-se.

— Não há necessidade disso, Will — disse Struan. Se não fosse o sorriso escarninho de Longstaff, ele teria deixado Culum sair. — Culum é sócio de Struan, agora. Um dia ele será o dirigente, o Tai-Pan. Pode confiar nele como confia em mim.

Culum queria dizer: “Jamais farei parte disto, jamais. Tenho outros planos.” Mas não podia falar nada.

— Devo congratulá-lo, Culum — disse Longstaff — por ser sócio da Casa Nobre.

— Bom, este é um prêmio incalculável. Não quando se está em bancarrota,

Struan quase acrescentou.

— Sente-se, Culum.

Longstaff caminhou pela sala e começou:

— Está combinado para amanhã um encontro com o plenipotenciário chinês, a fim de discutir os detalhes do tratado.

— Ele sugeriu a ocasião e o lugar, ou foi você?

— Foi ele.

— Talvez seja melhor mudar. Escolha outro lugar e outra ocasião.

— Por quê?

— Porque, se concordar com sua sugestão, ele e todos os mandarins vão interpretar isso como fraqueza.

— Está bem. Se acha assim. Depois de amanhã, então? Em Cantão?

— Sim. Leve Horatio e Mauss. Irei com você, se quiser, e devemos chegar quatro horas atrasados.

— Mas diabos, Dirk, por que chegar a todos esses extremos ridículos? Quatro horas? Puxa vida!

— Não é ridículo. Agindo como superior diante de um inferior, você os colocará em desvantagem. — Struan deu uma olhada em Culum. — É preciso fazer o

jogo oriental com regras orientais. Coisinhas se tornam muito importantes. Sua Excelência tem uma posição muito difícil aqui. Um pequeno erro agora, e o resultado durará cinqüenta anos. Ele precisa fazer as coisas depressa, mas com extrema cautela.

— Sim. E sem nenhuma ajuda, que inferno! — Longstaff esvaziou o copo e encheu outro. — Por que diabo eles não podem agir como gente civilizada, eu não sei. E nunca vou saber. Além de seu pai, não há ninguém que ajude. O Gabinete, em nosso país, não sabe os problemas que enfrento e não se preocupa com isso. Estou completamente sozinho aqui. Eles me dão instruções impossíveis e esperam que eu lide com pessoas impossíveis. Puxa vida, precisamos nos atrasar quatro horas para provar que somos “superiores”, quando é claro que todos sabem que somos superiores! — Ele tomou um pouco de rapé, cheio de irritação, e espirrou.

— Quando vai pôr as terras à venda, Will?

— Bom, ahn, quando o Gabinete aprovar o tratado, eu acho. Há tempo bastante. Digamos, em setembro.

— Não se lembra de sua idéia? Pensei que queria começar a construir em Hong Kong imediatamente.

Longstaff tentou lembrar-se. Parece que se recordava de ter falado a respeito com Struan. O que era mesmo?

— Bom, naturalmente, a cessão de Hong Kong não será oficial até os dois governos aprovarem o tratado... quero dizer, este é o costume, não?

— Sim. Mas essas circunstâncias não são usuais. — Struan brincava com seu copo.

— Hong Kong é nossa. Quanto antes começarmos a construir, melhor, não foi

isso que disse?— Bom, naturalmente é nossa. — Qual *era* o plano? Longstaff prendeu outro bocejo.

— Você disse que toda terra deveria pertencer à rainha. Que até você ser oficialmente o primeiro governador de Hong Kong, todo governo deveria ficar em suas mãos, como plenipotenciário. Se você fizer uma proclamação especial, então tudo será como planejou. Se eu fosse você, realizaria uma venda de terras no próximo mês. Não esqueça, Willy, de que você precisará de renda para a colônia. O Gabinete é sensível com relação a colônias que não pagam seus próprios gastos.

— Correto. Sim. Absolutamente correto. Naturalmente. Deveríamos começar logo que possível. Realizaremos a primeira venda de terra no próximo mês. Vejamos. Deverá ser no sistema de propriedade livre, arrendamento ou o quê?

— Arrendamentos de novecentos e noventa e nove anos. Os acordos costumeiros da Coroa.

— Excelente. — Longstaff fez um gesto de desamparo. — Como se não tivéssemos preocupações suficientes, Culum! Agora temos de agir como malditos comerciantes. Como se faz para construir uma colônia, ora? É preciso ter esgotos, ruas e prédios, Deus sabe o que mais. Um tribunal e uma prisão, por Júpiter! — Ele parou diante de Culum. — Você tem alguma prática legal?

— Não, Excelência — disse Culum. — Apenas metade de um curso universitário.

— Não tem importância. Precisarei ter um secretário colonial, um ajudante-geral, tesoureiro e Deus sabe quem mais. Será necessária uma força policial de algum tipo. Gostaria de ficar encarregado da polícia?

— Não, obrigado, senhor. — Culum tentou não demonstrar o choque que sentira.

— Bom, tenho certeza de que haverá algum lugar onde poderemos utilizá-lo. Todos terão de pôr mãos à obra. Não posso tomar conta de tudo. Pense a respeito do que gostaria de fazer, e me diga. Precisamos de pessoas em quem possamos confiar.

— Por que não colocá-lo em seu *staff* como suplente? — disse Struan. — Nós o emprestaremos a você por seis meses.

— Excelente. — Longstaff sorriu para Culum. — Bom. Você é agora vicesecretário colonial. Vejamos. Faça os acertos para a venda de terras. Esta é a sua primeira tarefa.

— Mas eu nada sei a respeito de venda de terras, senhor. Não sei nada a respeito...

— Sabe tanto quanto qualquer outra pessoa, e seu pai poderá orientá-lo. Você seria, ah, vice-secretário colonial. Excelente. Agora eu posso esquecer aquele problema. Descubra o que pode ser feito e como, e me informe o necessário para oficializar tudo. Faça um leilão. Esta é a maneira justa, eu imagino. — Longstaff tornou a encher seu copo. — Ah, a propósito, Dirk, eu determinei a evacuação da Ilha de Chushan. Struan sentiu o estômago revirar.

— Por que você fez isso, Will?

— Recebi uma carta especial de Sua Excelência, Ti-sen, há dois dias, pedindo que isto fosse feito, como um ato de boa fé.

— Você poderia ter esperado.

— Ele queria uma resposta imediata e não havia, bom... nenhuma maneira imediata de alcançar você.

— Imediata, no estilo chinês, significa até um século. — Ah, Willie, seu pobre louco, pensou ele, quantas vezes eu terei de explicar? Longstaff sentiu o olhar de Struan a apunhalá-lo.

— Ele ia mandar uma cópia do tratado ao imperador, e queria incluir o fato de que havíamos ordenado a evacuação. Nós devolveríamos a ilha, de qualquer jeito, não? Era este o plano. Diabo, que diferença faz, agora, ou mais tarde?

— A escolha do momento é muito importante para os chineses. A ordem já seguiu?

— Sim, seguiu ontem. Ti-sen teve a gentileza de nos oferecer o correio montado imperial. Enviei a ordem por ele. Maldito seja, pensou Struan. Seu louco impossível.

— É muito ruim usar o serviço deles para enviar nossas ordens. Perdemos prestígio e eles ganharam um ponto. Não adianta mandar um navio agora. — Sua voz estava fria e áspera. — Quando chegasse a Chushan, a evacuação estaria realizada. Bom, está feito, não adianta mais. Mas não foi sensato. Os chineses só vão interpretar isto como uma fraqueza.

— Achei o ato de boa fé uma esplêndida idéia, esplêndida — Longstaff prosseguiu, tentando vencer seu nervosismo. — Afinal, temos tudo que desejamos. A indenização deles é leve... apenas seis milhões de dólares, e isto mais do que cobre o custo do ópio que destruíram. Cantão está novamente aberta ao comércio. E temos Hong Kong. Afinal. — Seus olhos brilhavam, agora. — Tudo de acordo com o plano. A Ilha de Chushan não é importante. Você disse para tomá-la apenas como um recurso. Mas Hong Kong é nossa. E Ti-sen disse que nomearia um mandarim para Hong Kong, dentro de um mês, e eles vão...

— Ele o quê? — Struan estava horrorizado.

— Ele nomeará um mandarim para Hong Kong. O que há? Contenha seu gênio,

Struan advertiu a si próprio, com um grande esforço. Você tem sido paciente todo esse tempo. Este incompetente de mente fraca é o instrumento mais necessário de que você dispõe.

— Will, se você permitir que faça isso, irá dar-lhe poder sobre Hong Kong.

— Absolutamente, meu caro, por quê? Hong Kong é britânica. Os pagãos ficarão sob nossa bandeira e sob nosso governo. Alguém precisa encarregar-se dos demônios, não? É preciso haver alguém a quem pagar as taxas alfandegárias. Onde melhor do que em Hong Kong? Eles terão sua própria alfândega, seus prédios e...

— Eles o quê? — A palavra estrondeou para além dos tabiques de carvalho. — Pelo sangue de Deus, você não concordou com isso, eu espero?

— Bom, não vejo nada errado nisso, Dirk, hein? Puxa vida, não muda nada, não é? E nos livra de uma porção de problemas. Não precisamos ir para Cantão. Podemos fazer tudo daqui.

Para evitar esmagar Longstaff como se fosse um piolho, Struan caminhou até à escrivaninha e se serviu de conhaque. Contenha-se. Não o destrua agora. A ocasião não é oportuna. Você precisa usá-lo.

— Você concordou com Ti-sen que ele *pode* nomear um mandarim para Hong Kong?

— Bom, meu caro camarada, não concordei exatamente. Não faz parte do tratado. Eu simplesmente disse que concordava que parecia uma boa idéia.

— Você fez isto por escrito?

— Sim. Ontem. — Longstaff estava perplexo com a violência de Struan. — Mas

não é o que vínhamos tentando fazer há tanto tempo? Tratar diretamente com os mandarins, e não por intermédio dos donos de armazéns chineses?

— Sim. Mas não em nossa ilha, pelo amor de Deus! — Struan mantinha a voz baixa, mas estava pensando: “Seu maldito arremedo de líder, seu estúpido aristocrata indeciso, montão de esterco que só toma decisões erradas.” — Se permitirmos isso, afundaremos Hong Kong. Perderemos tudo.

Longstaff puxava o lobo da orelha, encolhendo-se sob o olhar de Struan.

— Por que, papai? — perguntou Culum.

Para alívio de Longstaff, os olhos viraram-se para Culum e ele pensou: sim, por quê? Por que perderemos tudo, hein? Achei que era um acerto simplesmente maravilhoso.

— Porque eles são chineses.

— Não compreendo.

— Eu sei, rapaz. — Para afastar a dor da perda de sua família, que repentinamente cresceu dentro dele, e para tirar da cabeça sua frenética preocupação com a perda de sua riqueza, ele decidiu explicar, tanto a Longstaff como a Culum. — A primeira coisa que é preciso compreender: durante cinqüenta séculos, os chineses vêm chamando a China de Império do Meio, a terra que os deuses colocaram entre o céu, *acima,* e a terra, *abaixo.* Por definição, um chinês é um ser de superioridade sem igual. Todos eles acreditam que qualquer outra pessoa, qualquer, é um bárbaro e não deve ser levado em consideração. E que eles sozinhos, como habitantes da única nação realmente civilizada, têm o direito divino de dominar a terra. No entender deles, a Rainha Vitória é uma vassala bárbara e deve pagar tributos. A China não tem armada,

nem exército, e podemos fazer o que quisermos com ela... mas eles acreditam que vivem na mais civilizada, a mais poderosa e a mais rica, quanto a isto, acho que estão potencialmente certos, nação da terra. Conhece os Oito Regulamentos?

Culum abanou a cabeça.

— Bom, eram os termos através dos quais o imperador da China concordou em negociar com os "bárbaros", há cento e cinqüenta anos. Os regulamentos confinavam todo comércio "bárbaro" a um único porto, o de Cantão. Todo o chá e a seda deveriam ser pagos com prata, não havia permissão para nenhum crédito e o contrabando era proibido. Os "bárbaros" foram autorizados a construir armazéns e fábricas num pedaço de terra de meia milha por duzentas jardas, em Cantão; e deviam permanecer totalmente confinados a essa área amuralhada, a Colônia de Cantão, mas só durante a temporada de inverno da navegação, de setembro a março, e depois precisavam sair e ir para Macau. Nenhuma família "bárbara" tinha permissão para ir à Colônia, em nenhuma circunstância, e o ingresso de todas as mulheres era proibido. Absolutamente não se podia levar armas para lá. Aprender chinês, andar de barco como divertimento, ou em liteiras, e misturar-se com os chineses, tudo era proibido; navios de guerra "bárbaros" eram proibidos de entrar no estuário do Rio Pérola. Todos os navios mercantes "bárbaros" deveriam ancorar em Whampoa, a treze milhas, rio abaixo, onde as cargas tinham de ser baldeadas e as tarefas de exportação pagas em prata. Todo comércio dos "bárbaros" deveria realizar-se exclusivamente através de um monopólio, uma guilda de dez mercadores chineses que chamamos a Co-hong. A Co-hong era também a única fornecedora de alimentos, a única autoridade a conceder licença para um número estabelecido de criados, barqueiros e compradores. E, finalmente, o regulamento que nos crucificava, e o tratado cancela, especificava que a Co-hong era a única recebedora de todas as petições dos "bárbaros", seus pedidos e queixas, que seriam encaminhados aos mandarins exclusivamente através do órgão." A intenção básica dos Regulamentos era nos manter ao alcance, a fim de nos incomodar, e tirar de nós cada centavo. Lembrem-se de outra coisa a respeito dos chineses: eles adoram dinheiro. Mas a sangria só beneficiou a classe dirigente dos manchus, não a todos os chineses. Os manchus acham que nossas idéias, Cristandade, Parlamento, votos e, acima de tudo, igualdade perante a lei e um sistema de júri, são revolucionárias, perigosas e más. Mas eles querem nossas barras de prata.

“Sob os Regulamentos, estávamos sem defesa, nosso comércio era controlado e poderia ser sangrado à vontade. Mesmo assim, ganhamos dinheiro. — Ele sorriu. — Ganhamos uma porção de dinheiro, e eles também. A maioria dos Regulamentos foi desobedecida por causa da cobiça das autoridades. Os importantes, relativos à proibição de navios de guerra, de contato oficial fora da alçada dos mercadores da Co-hong, da presença de esposas em Cantão, de ficar além de março e chegar antes de setembro, permaneceram em vigor.

“E, o que é tipicamente chinês, os pobres mercadores da Co-hong foram considerados responsáveis por nós. Quaisquer “complicações”, e a ira do imperador caía sobre eles. O que, outra vez, é tão completamente chinês. A Co-hong foi taxada pesadamente e está sendo taxada, até que vá à bancarrota a maioria de seus membros. Possuímos seiscentos mil guinéus de seu papel sem valor. Brock tem quase a mesma quantidade. De acordo com o costume chinês, a Co-hong tem de comprar suas posições ao imperador, e se espera que enviem continuamente grandes “presentes” para seus superiores... cinqüenta mil taéis de prata é o “presente” costumeiro, no dia do aniversário do imperador, de cada um dos membros.

“Acima da Co-hong, está a taxação do chefe de cobrança pessoal do imperador. Nós o chamamos Hoppo. Ele é o responsável pela sangria dos impostos cobrados aos mandarins de Cantão, à Co-hong, ou a qualquer pessoa. O Hoppo também compra sua posição... ele é o maior comerciante de ópio, aliás, e ganha uma fortuna com isso.

“Então, se permitirem a presença de um mandarim em Hong Kong, permitem a entrada de todo o sistema. O mandarim será um Hoppo. Todo chinês estará sujeito a ele.

Todo comerciante chinês que vier negociar terá de “comprar” licenças e será obrigado a pagar impostos e, em troca, eles nos sangrarão. O Hoppo destruirá aqueles que nos ajudarem e ajudará aqueles que nos odiarem. E não desistirão até nos expulsarem.

— Por quê?

— Porque são chineses.

Struan se espreguiçou para aliviar os ombros, sentindo o cansaço dominá-lo, depois caminhou até o aparador e despejou outro conhaque. Gostaria de poder ser chinês mais ou menos por uma hora, pensou ele, exausto. Então, poderia manobrar para conseguir um milhão de taéis de alguma parte, sem nenhum problema. Se esta é a resposta, disse ele a si próprio, então tente pensar como um chinês. Você é o Tai-Pan dos "bárbaros", o mandarim, com poder ilimitado. De que adianta o poder, se você não o utilizar para mudar o *pagode* e ajudar a si mesmo? Como pode você usar seu poder? Quem tem um milhão de taéis? A quem você poderá pressionar, para consegui-los? Quem lhe deve favores?

— O que deveremos fazer, Dirk? Quero dizer, concordo plenamente — disse Longstaff.

— É melhor você mandar a Ti-sen um despacho imediato. Diga-lhe... não, ordene-lhe...

Struan parou abruptamente, enquanto seu cérebro clareava. Sua fadiga desapareceu. Você é um lacaio estúpido, parlador e idiota! Ti-sen! Ti-sen é a sua chave. Um mandarim. É tudo que você precisa arranjar. Duas medidas simples: primeiro, cancelar seu acordo, Longstaff, como deve ser cancelado, de qualquer maneira; segundo, dentro de uma ou duas semanas, fazer uma oferta secreta a Ti-sen, dizendo que, em troca de um milhão, em barras de prata, você fará Longstaff modificar sua posição e permitir a presença de um mandarim em Hong Kong. Ti-sen vai aceitar correndo porque, imediatamente, terá de volta tudo o que a guerra o forçou a conceder; ele arrancará o milhão em impostos da Co-

hong, e eles ficarão satisfeitíssimos em pagar, porque, imediatamente, acrescentarão isso ao preço do chá que estão loucos para nos vender, e nós estamos loucos para comprar. O pobrezinho do Willie não representa nenhum problema, e não haverá objeções, por parte dos outros negociantes, a um mandarim. Não chamaremos o homem “mandarim”, nós vamos inventar um novo nome, para afastar qualquer um da pista. “Comissário de Comércio”. Os negociantes não farão objeções ao “comissário de comércio” chinês, porque ele assistirá o comércio e simplificará o pagamento alfandegário. Agora, como fazer a oferta secreta? Obviamente, o velho Jin-qua. Ele é o mais rico e o mais astuto dos integrantes da Co-hong e nosso principal fornecedor, e você o conhece há vinte anos. Ele é o homem, sem a menor dúvida.

Um mandarim garantirá o futuro da Casa Nobre. Sim. Mas ele destruirá Hong Kong. E destruirá o plano. Quer apostar como você fará o trato, sabendo que terá de lográ-lo depois? É um risco terrível... você sabe que um mandarim significa todo o sistema. Você não pode deixar esse legado diabólico para Robb ou Culum, ou os filhos deles. Mas, sem o dinheiro, não haverá Casa Nobre, e nem futuro.

— Você dizia o que, Dirk?

— Ordene a Ti-sen, em nome da rainha, para esquecer a idéia de colocar um mandarim em Hong Kong.

— É exatamente a minha maneira de pensar. — Longstaff, todo feliz, sentou-se à escrivaninha e pegou a pena. — O que devo dizer?

E o que deverei eu fazer, pobre Willie, com relação à segunda medida?, Struan perguntou a si mesmo. Será que o fim justifica os meios?

— Escreva isto: “Para Ti-sen, em Cantão. Uma Proclamação Especial: Só Sua Majestade Britânica, a Rainha Vitória, tem a autoridade para nomear funcionários para a ilha britânica de Hong Kong. Não haverá funcionários chineses aqui, e nem alfândega nenhuma.” — Hesitou e depois continuou,

deliberadamente, sentindo que a oportunidade era aquela. — “E todos os chineses residentes na Colônia de Sua Majestade, Hong Kong, serão doravante súditos britânicos e estarão submetidos apenas às leis da Inglaterra.”

— Mas isto ultrapassa minha autoridade!

— O costume é que os plenipotenciários ultrapassem sua autoridade. Por isso são tão cuidadosamente escolhidos, Will. Este é o motivo de termos um império. Raffles, Hastings, Clive, Raleigh, Wellington. Você tem a autoridade plenipotenciária do Governo de Sua Majestade para acertar um tratado com a China. O que eles sabem sobre a China em nosso país, ou o que se importam com ela? Mas você é um inovador, um artífice da História, Will. Estará disposto a aceitar uma pequena ilha, estéril, quase desabitada, quando é um costume mundial se apoderar de continentes inteiros, quando você poderia tomar toda a China, se quisesse? Você é inteligente demais para se contentar com tão pouco.

Longstaff hesitou e chupou o alto da pena.

— Sim, mas já concordei que os chineses em Hong Kong estariam submetidos à lei chinesa, com a proibição de todas as formas de tortura. — Uma gota de suor alcançou-lhe o queixo. — Era uma cláusula do tratado e eu emiti uma proclamação especial.

— Você mudou de idéia, Will. Do mesmo modo como Ti-sen mudou também. Não havia cláusulas para que fosse nomeado um mandarim.

— Mas ficou combinado.

— Em sua cabeça, não. E nem na minha. Ele está tentando enganar você. Como fez no caso de Chushan.

— Está certo — concordou Longstaff, feliz de ser convencido. — Você tem razão, Dirk. Absoluta. Se permitirmos qualquer controle... você tem razão. E eles

voltarão aos seus antigos procedimentos incorretos, não é? Sim. E está na hora de os chineses verem o que a justiça realmente é. Lei e ordem. Tem razão.

— Conclua a carta como o imperador faria: “Tema, e obedeça tremulamente”, e assine com seu título completo — disse Struan, e abriu a porta da cabina.

— Mestre-d’armas!

— Sim, *senhor*?

— Sua Excelência quer que seu secretário, o Sr. Sinclair, venha até aqui correndo.

— Sim, *senhorr.*

Longstaff parou de escrever. Releu a carta.

— Não está um tanto dura, Dirk? Quero dizer, assim sem colocar nenhum dos títulos dele, e terminando como se fosse uma proclamação imperial?

— Aí é que está. Você vai querer publicá-la no jornal.

— Mas é um documento particular.

— É um documento histórico, Will. E você pode se orgulhar dele. E o almirante vai gostar de sua atuação. Aliás, por que estava ele aborrecido?

— Ah, os motivos de costume. — Longstaff imitou o almirante. — “Diabo, senhor, fomos enviados para cá a fim de combater os pagãos e, depois de duas incursões sem nenhuma resistência apreciável, o senhor assina um tratado desprezível, que nos dá ainda um pouco menos do que o Secretário de Relações

Exteriores nos mandou pedir?” Você tem certeza, Dirk, de que pedir menos é o procedimento correto? Sei que você disse isso antes mas... bom, os mercadores parecem pensar que foi um erro terrível. Nenhum porto aberto, quero dizer.

— Hong Kong é mais importante, Will.

— Espero que você continue tendo certeza disso. O almirante também está muito irritado com algumas deserções e, ainda, com a demora da colocação em vigor da ordem contra o contrabando. E, bom, houve uma grande gritaria por parte de todos os negociantes.

— Encabeçados por Brock?

— Sim. Aquele patife mal-educado. O coração de Struan confrangeu-se.

— Você disse aos mercadores que ia cancelar a ordem?

— Bom, Dirk, não foi bem assim. Mas insinuei que seria cancelada.

— E insinuou ao almirante que cancelaria a ordem?

— Bom, eu sugeri que não era aconselhável levar aquilo avante. Ele ficou muito irritado e disse que ia levar seu ponto de vista ao conhecimento do Almirantado. — Longstaff suspirou e bocejou. — Puxa vida, ele não tem a menor visão dos problemas. Nenhuma, Eu ficaria muito grato, Dirk, se você explicasse “comércio” a ele, está bem? Eu tentei, mas não consegui meter nada em sua cabeça.

E eu não consigo meter nada na sua Willie, pensou Struan. Se Robb comprou o ópio, estamos numa confusão ainda maior. Se não comprou, ainda assim estamos liquidados. Só resta um negócio a fazer — um maldito mandarim por um maldito milhão.

— Não sei o que faria sem o conselho de seu pai, Culum. — Longstaff pegou rapé de uma caixinha ornamentada com pedras preciosas.

Diabo, pensou ele. Sou um diplomata, não um fomentador de guerras. Governador de Hong Kong é apenas o rótulo. Depois de ser governador de Hong Kong, então virá alguma coisa que valha a pena, Bengala, talvez. Jamaica... aquele é um bom lugar. Canadá. Não, é frio demais. Bengala, ou outro dos Estados indianos.

— É tudo muito complicado na Ásia, Culum. Ter de lidar com tantos e tão diferentes pontos de vista e interesses... da Coroa, dos negociantes, dos missionários, da Marinha Real, do Exército e dos chineses... todos em conflito. E, diabo, os chineses estão divididos em grupos que se chocam. Os mercadores, os mandarins e os soberanos manchus. — Ele encheu de rapé as duas narinas, cheirou profundamente e espirrou. — Creio que sabe que os dirigentes da China não são chineses?

— Não, senhor.

— Metade dos problemas vem daí, segundo nos disseram. São manchus. Da Manchúria. Bárbaros selvagens vindos do norte da Grande Muralha. Governam a China há dois séculos, segundo nos disseram. Devem pensar que somos idiotas. Disseram-nos que existe uma enorme muralha, como a Muralha de Adriano, uma fortificação atravessando todo o norte da China, para protegê-la das tribos selvagens. Supõe-se que tenha mais de três mil milhas e meia de comprimento, quarenta pés de altura e trinta pés de espessura e tem largura suficiente, no topo, para oito cavaleiros cavalgarem, lado a lado. E, segundo supõe, há postos de observação a cada trezentas jardas. É feita de tijolo e granito, e foi construída há dois mil anos. — Ele riu com desdém. — Ridículo!

— Eu acredito que exista — disse Struan.

— Ora, vamos, Dirk — disse Longstaff. Seria impossível construir tal fortificação há dois mil anos.

— Diz a lenda, Culum, que um em cada três homens na China foi recrutado para trabalhar na muralha. Foi construída em dez anos. Segundo contam, um milhão de homens morreu, e eles foram enterrados na muralha. Seus espíritos a protegem, também.Culum sorriu.

— Se é tão grande, papai, os manchus nunca teriam podido rompê-la. Não é possível que exista.

— A lenda conta que os manchus atravessaram a muralha usando um estratagema.

O general chinês encarregado da muralha vendeu seu próprio povo.

— Isso é mais do que provável — disse Longstaff, com repulsa. — Não têm o menor sentido de honra esses orientais, hein? O general achou que poderia usurpar o trono usando o inimigo. Mas os manchus o usaram e depois o destruíram. Seja como for, a história é essa.

Culum disse:

— É uma história e tanto, senhor.

Os olhos de Struan se endureceram.

— É melhor você se acostumar com muitas histórias estranhas. E um novo pensamento, Culum: os chineses têm civilização há cinco mil anos. Livros, máquinas impressoras, arte, poetas, governo, seda, chá, pólvora e milhares de outras coisas. Há milhares de anos. Somos civilizados há quinhentos anos. Se é que podemos nos considerar assim.

Houve uma batida na porta. Horatio entrou apressadamente.

— Queria me ver, Excelência?

— Sim. Quero que traduza isto imediatamente para o chinês e envie por correio especial. E mande uma cópia ao Sr. Skinner, para publicação.

— Sim, senhor. — Horatio pegou o papel e se virou para Struan. — Senti muito ao saber da terrível notícia, Sr. Struan.

— Obrigado. Este é o meu filho Culum. Horatio Sinclair.

Apertaram-se as mãos, gostando imediatamente um do outro. Horatio leu a carta.

— Vou precisar de algum tempo para colocar isto nas frases certas da corte, senhor. — Sua Excelência quer que seja enviada exatamente como está — disse Struan. — Exatamente.

A boca de Horatio se abriu completamente. Ele fez um fraco aceno afirmativo com a cabeça.

— Sim. Ahn, farei isto imediatamente. Mas Ti-sen jamais irá aceitá-la, Sr. Struan. Jamais, Excelência. Ele perderia prestígio demais. Longstaff eriçou-se.

— Prestígio? Eu vou mostrar àquele pagão algum prestígio, por Deus. Apresente meus cumprimentos ao almirante e lhe peça para enviar a carta a Whampoa por um navio de linha, com ordens de seguir de imediato para Cantão, se não for aceita prontamente!

— Sim, senhor.

— Veja só, não a aceitarão! — disse Longstaff, após a partida de Horatio. — Maldita insolência. São todos bárbaros pagãos. Todos eles. Chineses. Manchus.

Não têm nenhuma justiça, e seu desprezo pela vida humana é inacreditável. Vendem suas filhas, irmãs, irmãos. Inacreditável.

Culum repentinamente, pensou em sua mãe e em seus irmãos e em como haviam morrido. Vômito e fezes aguadas, mau cheiro, dores no ventre, agonia, olhos fundos e espasmos. E as convulsões, e mais mau cheiro e depois a morte por sufocação. E, depois da morte, os repentinos espasmos musculares — sua mãe, morta há uma hora, de súbito retorcendo-se na cama, os olhos mortos e abertos, a boca morta e aberta.

O medo antigo começou a fazê-lo sentir-se doente, e ele procurou algo em que pensar, qualquer coisa capaz de lhe tirar a lembrança de seu terror.

— Quanto à venda de terras, senhor. Em primeiro lugar, a terra precisa ser demarcada. Como vai fazer isso, senhor?

— Conseguirei alguém, não se preocupe.

— Talvez Glessing — disse Struan. — Ele tem experiência de mapeamento.

— Boa idéia. Falarei com o almirante. Ótimo.

— Você poderia considerar a possibilidade de designar a praia onde a bandeira foi içada como “Cabo Glessing”. Longstaff ficou pasmo.

— Jamais eu o compreenderei. Por que se dar ao trabalho de perpetuar o nome de um homem que o odeia?

Por que bons inimigos são valiosos, pensou Struan. E tenho um serviço para Glessing. Ele morrerá para proteger o Cabo Glessing, e isto significa Hong Kong.

— Agradaria à Marinha — disse Struan. — É apenas uma idéia.

— É uma boa idéia. Estou satisfeito de que a sugestão tenha sido sua.

— Bom, obrigado, acho que vamos voltar para nosso navio — disse Struan. Ele estava cansado. E havia muitas coisas para fazer.

***

Isaac Perry estava no tombadilho do *Thunder Cloud* observando os fuzileiros fazerem uma revista sob longas alcatroadas, nas chalupas e no paiol. Ele detestava fuzileiros e oficiais da Marinha; mas fora pressionado a entrar nela.— Não há desertores a bordo — disse, outra vez.

— Claro — disse o jovem oficial.

— Por favor, mande seus homens não desarrumarem tudo, desse jeito. Vai ser preciso um turno inteiro de trabalho para limpar isso, depois que forem embora. — Seu navio será uma bela presa, Capitão Perry. O navio e a carga — zombou o oficial.

Perry olhou para McKay, que estava junto à prancha de desembarque, sob guarda armada. Você é um homem morto, McKay, pensou Perry, se ajudou Ramsey a vir para bordo.

— Chalupa no passadiço da popa — gritou o terceiro-imediato. — O proprietário está Vindo para bordo. Perry saiu correndo para receber Struan.

— Acham que temos um desertor a bordo, senhor.

— Eu sei — disse Struan, ao chegar ao convés. — Por que está o meu mestre sob guarda? — ele perguntou ao arrogante jovem oficial, com uma perigosa irritação na voz.

— Apenas uma precaução. Ele é parente de Ramsey e...

— Malditas sejam as precauções! Ele é inocente, até se provar que é culpado, por Deus — estrondeou Struan. — Vocês estão aqui para fazer uma busca, e não para incomodar e prender meus homens.

— Não sei de nada, *senhorrr* — explodiu McKay. — Ramsey não *tá* a bordo por ação minha. Ele não *tá.* Não *tá.*

— Que Deus lhe ajude, se ele estiver — disse Struan. — Você está confinado ao navio, até que eu mande o contrário. Vá para baixo!

— Sim, *senhorrr* — disse McKay, e fugiu.

— Pelo sangue de Deus, Isaac! — berrou Struan. — Você é ou não é capitão deste navio? Que lei autoriza a Marinha a prender um homem sem mandado, só como precaução?

— Nenhuma, senhor — Perry ficou intimidado, e preferiu não discutir.

— Saia do meu navio e vá para o inferno. Você está demitido!

Perry empalideceu.

— Mas, senhor...

— Saia do meu navio até o entardecer. — Struan caminhou para o passadiço que levava ao interior do navio. — Vamos, Culum. Culum alcançou Struan no corredor que conduzia à cabina principal.

— Não é justo — ele disse. — Não é justo. O Capitão Perry é o melhor capitão que você tem. Você disse isso.— Ele era, rapaz — disse Struan. — Mas não defendeu os interesses de seu subordinado. E ele tem medo. Do que, eu não sei. Mas homens assustados são perigosos, e não temos lugar para eles.

— McKay não sofreu nada.

— A primeira norma a ser obedecida por um capitão meu é proteger seu navio. A segunda, seus homens. Assim, eles o protegerão. Pode-se comandar sozinho um navio, mas não se pode operá-lo sozinho.

— Perry não fez nada errado.

— Ele permitiu que a Marinha colocasse McKay sob guarda, contra a lei, por Deus

— disse Struan, com dureza. — Um capitão precisa saber mais do que simplesmente fazer a embarcação navegar, por Deus! Isaac deveria ter enfrentado aquele jovem peralvilho. Mas ele teve medo e abandonou seus homens, numa ocasião importante. Da próxima vez, poderá abandonar o navio. Não vou me arriscar a isso.

— Mas ele está com você há anos. Isso não conta?

— Sim. Isto quer dizer que tivemos sorte por anos. Agora não confio mais nele. Então, agora ele vai embora e não se discute mais o assunto! — Struan abriu a porta da cabina.

Robb estava sentado à escrivaninha, espiando para fora através das escotilhas da proa. Caixas, arcas, roupas e brinquedos de crianças encontravam-se espalhados pelo chão. Sarah, a mulher de Robb, estava meio encolhida numa das cadeiras, cochilando. Era uma mulher pequena, estava grávida e, no sono, seu rosto apresentava-se marcado e cansado. Quando Robb notou Struan, e Culum, tentou sem sucesso forçar um sorriso.

— Olá, Dirk. Culum.

— Olá, Robb. — Struan pensou: “Ele envelheceu dez anos em dois dias.” Sarah acordou, num sobressalto.

— Olá**,** Dirk. — Levantou-se pesadamente, e se aproximou da porta.

— Olá, Culum.

— Como vai, tia Sarah?

— Cansada, querido. Muito cansada. E detesto estar num navio. Gostaria de tomar um pouco de chá?

— Não, obrigado.

Robb observou Struan, com ansiedade.

— O que posso dizer?

— Nada, Robbie. Eles estão mortos e nós estamos vivos, não podemos fazer mais nada.

— Será, Dirk? — os olhos azuis de Sarah endureceram-se. Ela alisou o cabelo

castanho-avermelhado e endireitou o longo vestido verde, com pufes. — Será?

— Sim. Dá licença, Sarah? Preciso falar com Robb.

— Sim, claro. — Ela olhou para o marido e desprezou sua fraqueza. — Estamos de partida, Dirk. Vamos deixar para sempre o Oriente. Já decidi. Dei a Struan e Companhia cinco anos de minha vida e um bebê. Agora, é tempo de ir embora.

— Acho uma boa decisão, Sarah. O Oriente não é lugar para uma família, atualmente. Dentro de um ano, quando Hong Kong estiver construída... bom, então será ótimo.

— Para algumas famílias, talvez, mas não para nós. Não para o meu Roddy, para Karen, Naomi ou Jamie. E nem para mim. Jamais moraremos em Hong Kong. — Ela saiu.

— Você comprou ópio, Robb?

— Comprei um pouco. Gastei todo nosso dinheiro à vista e tomei emprestado cerca de cem mil... não sei a soma exata. Os preços não baixaram muito. Então, bom, eu perdi o interesse.

Então afundamos mais no buraco, pensou Struan.

— Por que a nossa família? É terrível, terrível — disse Robb, com a voz atormentada. — Por que toda nossa família?

— *Pagode.*

— Maldito *pagode.* — Robb olhou para a porta da cabina. — Brock quer ver você, logo que possível.

— Por quê?

— Ele não disse.

Struan sentou-se, afrouxou a bota por um momento e pensou a respeito de Brock. Depois disse:

— Tornei Culum sócio.

— Ótimo — disse Robb. Mas sua voz estava arrasada. Ele ainda olhava para a porta.

— Papai — Culum interveio — quero falar com você a respeito disso.

— Mais tarde, garoto. Robb, existe mais alguma coisa. Estamos diante de problemas graves.

— Há uma coisa que eu preciso dizer imediatamente. — Robb afastou os olhos da porta. — Dirk, vou partir do Oriente com Sarah e as crianças. No próximo navio.

— O quê?

— Jamais serei um *tai-pan,* e nem quero ser.

— Você vai partir porque Culum é sócio?

— Você me conhece o bastante para saber que não é isso. Você devia ter discutido o assunto comigo, sim, mas não tem importância. Ouero ir embora.

— Por quê?

— Todas as mortes lá em nosso país me fizeram pensar. Sarah tem razão. A vida é breve demais para ficarmos aqui suando e morrendo. Quero alguma paz. E existem mais coisas além do dinheiro. Você pode comprar a minha parte. Quero partir no próximo navio.

— Por quê?

— Estou cansado. Cansado!

— Você é apenas fraco, Robb. Sarah deu em cima de você outra vez, não foi?

— Sim, sou fraco e... sim, ela deu em cima de mim outra vez, mas já decidi. São mortes demais. Em excesso.

— Não posso comprar sua parte. Estamos em bancarrota. — Struan entregou-lhe a carta do banqueiro. Robb leu a carta. Seu rosto envelheceu ainda mais.

— Malditos!

— Sim. Mas isto não muda a situação... continuamos em bancarrota. — Struan enfiou outra vez as botas e se levantou.

— Sinto muito, Culum, a sociedade não tem valor. Houve uma corrida ao nosso banco. O ar na cabina pareceu ficar mais espesso.

— Temos cem mil na Escócia — disse Robb. — Eu fico com a metade e você pega

o resto.

— Obrigado, Robb. Falou como um homem. Robb esmurrou a escrivaninha.

— Não foi minha culpa se o banco fechou as portas!

— Sim. Então não peça metade do nosso dinheiro, quando precisamos de cada centavo.

— *Você* precisará, não eu. Você vai encontrar uma solução, sempre encontra.

— Cinqüenta mil libras não bastarão a Sarah por cinco anos.

— Isso é problema meu! O dinheiro não está nos livros, de maneira que é legalmente nosso. Vou pegar metade. Minha parcela nos negócios vale vinte vezes isso!

— Estamos em bancarrota! Será que não consegue meter isso na cabeça? *Bancarrota*!

A porta da cabina se abriu e entrou na sala uma menininha de cabelos dourados. Tinha nas mãos uma boneca de palha. Tinha o rosto contraído.

— Olá, paizinho. Olá, tio Dirk. — Ergueu os olhos para Struan. — Eu sou feia? Com um esforço, Struan tirou os olhos de Robb.

— O quê? Karen, minha garotinha.

— Sou feia?

— Não. Não. Claro que não, Karen. — Struan levantou-a do chão. Quem andou

dizendo essas coisas terríveis a você, garota?

— A gente estava brincando de escola no *Resting Cloud*. Foi Lilibet.

— Lilibet Brock?

— Ah, não. Ela é minha melhor amiga. Foi Lilibet Não-Sei-de-Quê.

— Bom, você não é feia. Diga a Lilibet Não-Sei-de-Quê que *é* falta de educação dizer uma coisa dessas. Você é muito bonita.

— Ah, bom! — Karen sorriu amplamente. — Meu papai sempre me diz que sou bonita, mas eu queria lhe perguntar, porque você sabe. Você sabe tudo. — Ela lhe deu um grande abraço.

— Obrigada, tio Dirk. Agora me ponha no chão. — Ela dançou até a porta. — Estou feliz de não ser feia. Robb se deixou cair em sua cadeira. Afinal, disse:

— Malditos banqueiros. Sinto muito. É minha culpa... e sinto muito. Eu disse... sinto muito.

— Eu também sinto muito, rapaz. Robb tentava inutilmente pensar.

— O que poderemos fazer?

— Não sei. Será que você não pode fazer isso, Robb? Dar-me alguns meses. Enviaremos Sarah e as crianças pelo primeiro navio. Quanto antes, melhor, assim escaparão à temporada dos tufões.

— Talvez eu possa arranjar um empréstimo em algum lugar. Precisamos pagar as letras à vista. Perderemos os navios... tudo.

— Robb forçou a mente a parar de pensar em Sarah. — Mas como, no curto espaço de tempo de que dispomos? — Torceu nervosamente os dedos. — A correspondência chegou ontem. Nada importante para nós. Nenhuma notícia do nosso país. Talvez outros saibam da corrida ao nosso banco. Compramos algumas ações de Brock, para mantê-lo sob vigilância. Talvez ele saiba da corrida ao nosso. Será por isso que ele quer encontrar você?

— Talvez. De qualquer maneira, ele vai colocar a corda em nosso pescoço, e bem colocada, se descobrir. Se é que não foi ele quem começou tudo. Ele comprará nossas letras e nos arruinará.

— Por quê? — perguntou Culum.

— Porque eu o arruinarei, se tiver a mínima chance. Culum teve vontade de perguntar por que, e dizer a eles que também ia voltar para casa no próximo navio. Mas seu pai parecia tão triste e Robb estava tão taciturno. Amanhã ele lhe diria.

— Preciso dormir durante algumas horas — disse Struan. — Vou desembarcar. Você e Sarah voltem para o *Resting Cloud*, hein? Perry recebeu ordens de ir embora ao entardecer. Eu o demiti.

— Quem vai substituí-lo?

— Não sei — disse Struan, enquanto saía. — Mande um recado para Brock. Irei vê-lo em terra, ao entardecer.

CAPÍTULO TRÊS

Struan dormira um pouco. A comida, na mesa, estava intacta. Ele olhou, através da porta da tenda, para os navios ancorados. O sol se punha e uma lua nublada estava próxima à linha do horizonte. Grandes massas de cúmulo dominavam o céu. O vento prometia tempestade.

Ti-sen, sua mente continuava a repetir. Ti-sen. Ele é o único que pode salvar você. Sim, mas isto é traição para com tudo em que você acredita, tudo aquilo para que trabalhou.

McKay chegou com uma lanterna acesa e depositou-a sobre a mesa. A tenda era espaçosa e confortável. Havia tapetes no chão pedregoso.

— A chalupa de Brock se aproxima da praia, *senhorrr.*

— Leve os homens e se mantenha afastado, McKay.

— Sim, *senhorrr.*

— Sabe se já encontraram o Ramsey?

— Não, *senhorrr.*

— Onde está ele?

— Não sei, *senhorrr.*

Struan fez um sinal com a cabeça, distraidamente.

— Amanhã colocarei em ação todos os meus espiões, para descobrir onde ele está.

— Peço perdão, *senhorrr,* já espalhei a notícia, *senhorrr.* — McKay tentou esconder sua ansiedade. — Se ele estiver a bordo, é por maldade de alguém. — Depois, acrescentou — eu me sinto mal por causa do Capitão Perry, *senhorrr.*

Os olhos de Struan endureceram-se de repente.

— Vou lhe dar quinze dias para provar que eu tinha razão quanto a Isaac. Quinze dias, senão você vai ser demitido com ele.

— Sim, *senhorrr.* — McKay sentiu um espinho lhe subir dos testículos às tripas, e maldisse a si próprio por abrir a boca. Você nunca vai aprender, seu louco idiota? Os passos de Brock eram pesados, na praia. Ele ficou em pé à entrada da tenda.

— Permissão para subir a bordo, Dirk?

— Sim, Tyler.

McKay saiu. Brock sentou-se à mesa e Struan serviu-lhe uma grande dose de conhaque.

— Foi horrível a perda de sua família. Sei como a gente se sente. Perdi duas mulheres de parto, as crianças também. Horrível.

— Sim.

— Não tem muito espaço para manobrar — disse Brock, examinando a tenda.

— Está com fome? — Struan indicou a comida.

— Muito obrigado. — Brock pegou um frango, partiu-o em dois e arrancou metade da carne branca. Usava no dedo mínimo um anel de ouro com uma grande esmeralda. Parece que o *pagode* da Casa Nobre acabou.

— *Pagode* é uma palavra forte demais.

Brock riu.

— Vamos, Dirk. Uma companhia precisa ter barras de ouro para sustentar seu crédito. Até a Casa Nobre.

— Sim.

— Gastei muito tempo, Dirk, e muito dinheiro, investigando vocês. — Brock retirou a outra metade do peito do frango e devorou-o. — Você tem um bom cozinheiro. Diga-lhe que lhe darei emprego.

— Ele gosta do que tem.

— Sem dinheiro não há emprego, meu caro. E nada de banco, nada de crédito, nada de navio, nada de nada! — Brock partiu outro frango. — Está guardando o champanha? Deve ser para uma ocasião especial, aposto.

Struan abriu com habilidade a garrafa e encheu copos limpos para Brock e para si mesmo.

— Está bem gelado, rapaz. No ponto. — Brock estalou os lábios. — Vinte e cinco mil não é grande coisa por um milhão, verdade? Struan nada disse. Seu rosto estava impassível.

— Seis centavos a libra, eles disseram. Recebi uma carta no pacote de correspondência de ontem. Perdi dez mil mangos. É ruim. É muito ruim que um banco jogue com o dinheiro de seus clientes. — Brock deu uma risadinha. — Por acaso, encontrei aquele patife do Skinner. Ele também achou ruim. Vai escrever um artigo. A manchete do jornal, aposto. E com toda razão. Cortou um pedaço de torta de maçã e comeu com gosto.

— Ah, sim, a propósito, possuo oitocentas mil letras à vista de Struan e Companhia. Andei comprando, nos últimos seis meses, apesar das dificuldades. Pelo menos, meu filho Morgan e nossos agentes da cidade de Londres andaram comprando.

— Um bom investimento, Tyler. Muito bom.

— Sim. Skinner também achou isso, Dirk, meu rapaz. Ele ficou muito chocado com seu *mau pagode,* mas eu lhe disse que manterei os nomes de seus navios. É *mau pagode* mudar os nomes. Mas ele melhorarão sob minha bandeira.

— Você precisa conseguir esses navios, primeiro.

— Dentro de trinta dias, eles serão meus, rapaz. É quando as letras vão vencer. Todo mundo já saberá o que aconteceu. E você deixará de ter crédito no Oriente. Está liquidado, rapaz.

— Talvez eu destrua meus navios, antes de você ficar com ele.

— Você não faria uma coisa dessas, Dirk. Eu o conheço muito bem. Outros fariam, mas não você. Somos parecidos, quanto a isso. Navios são uma coisa toda especial. Melhor do que qualquer prostituta. — Ele terminou seu champanha. Struan tornou a encher o copo.

— Foi você quem começou a corrida ao banco?

— Não. Se tivesse pensado nisso eu teria começado, há muito tempo. Uma ótima idéia. Imagine você com os colhões presos no laço da armadilha.

— Se tiver sido proposital, eu descobrirei.

— Foi proposital, rapaz.

— Quem fez isso?

— Morgan — disse Brock. — Tenho de creditar a ele... o moleque está crescido. Sim. Foi meu filho, e estou orgulhosíssimo. — Ele coçou, todo satisfeito, os piolhos que representavam um estilo de vida. — Então, você está quebrado, Dirk. Depois de todos esses anos. Liquidado.

— Muita coisa pode acontecer, em trinta dias.

— Sim, pode. Ouvi dizer que seu filho está encarregado da venda das terras.

— Sim. Mas será honesta. Quem fizer a oferta mais alta fica com a terra. Não enganamos ninguém, Tyler. Outras pessoas, sim. Nós não precisamos.

— Um raio lhe parta! — Brock berrou. — Está querendo dizer que eu trapaceio?

— Você trapaceia o tempo todo — disse Struan, encolerizado. — Você trapaceia

com seus homens, trapaceia com seus navios, e é isto que vai destruí-lo. Não se pode construir sempre com o chicote.

— Não faço nada além dos outros, por Deus. Só porque você andou recebendo umas merdas de idéias da moda, isto não quer dizer que os outros estejam errados. O chicote mantém a ralé em seu lugar. Ralé!

— Você vive do chicote e vai morrer através dele.

— Quer acertar nossas contas agora? Chicote contra chicote? Faca contra faca? Ora, por Deus! Ou será que é um covarde?

— Eu já lhe disse, um dia, e vou dizer-lhe pela última vez. Um dia, eu irei atrás de você, com um chicote... talvez esta noite, talvez amanhã, talvez no dia seguinte. Mas, por Deus, um dia eu irei atrás de você. E vou lhe dizer outra coisa. Se, por acaso, você morrer antes de eu estar preparado, irei atrás de Gorth e Morgan e destruirei sua companhia.

Brock puxara a faca.

— Talvez, rapaz, eu corte sua garganta agora.

Struan serviu mais champanha. Agora, a garrafa estava vazia.

— Abra outra garrafa. Há muitas mais.

Brock riu.

— Ah, Dirk, rapaz, você é um tipo único. Está falido e ainda quer fingir. Você está liquidado, está ouvindo, rapaz? Sua Casa Nobre está no fim da linha. E você é um covarde!

— Ah, não sou um covarde, Tyler. Você sabe disso.

— Sabe aquele outeiro onde ia ficar sua Grande Casa? — perguntou Brock, com os olhos reluzindo.

— Sim.

— É meu, rapaz. Eu vou comprá-lo. Você pode oferecer quanto quiser, eu vou oferecer mais.

Struan sentiu o sangue subir-lhe à cabeça, pois sabia que não tinha dinheiro para competir com Brock agora. A não ser que fizesse o pacto com Ti-sen. A não ser que entregasse Hong Kong.

— Vá para o inferno!

— Será meu, rapaz. E todo este rochedo maldito. — Brock esvaziou o copo e arrotou outra vez. — Depois que sua companhia falir, eu vou expulsar você e sua gente desses mares. — Ele pegou uma bolsa e contou vinte guinéus de ouro. Depois atirou as moedas no chão da tenda. — Compre um caixão para você.

Saiu da tenda, com arrogância.

— Com sua licença, *senhorrr* — disse McKay. Struan saiu de seu devaneio.

— Sim?

— O Sr. Culum está em terra. Ele quer falar com o senhor. Struan ficou espantado ao ver que a lua aguada estava alta no céu, e era noite fechada.

— Eu vou falar com ele.

— Vieram outras pessoas, *senhorrr.* Aquele chinês, Gordon Chen. A Srta. Sinclair. Um casal que não conheço. O velho Quance. Eu disse que o *senhorrr* ia falar com eles amanhã. Espero ter feito bem, deixando o Sr. Culum vir, sem pedir. — McKay viu os vinte guinéus de ouro no chão, mas nada disse.

— Enquanto obedecer às ordens, você nunca estará errado, McKay.

Culum apareceu à porta da tenda.

— Estou perturbando você, papai?

— Não, rapaz. Sente-se.

Culum viu as moedas no chão e começou a pegá-las.

— Deixe onde estão.

— Por quê?

— Porque quero que sejam deixadas aí. Culum sentou-se.

— Quero falar com você.

— Não estou com disposição para falar, rapaz.

— Falava sério, quando me tornou sócio?

— Sim.

— Não quero ser sócio. Não quero ficar no Oriente. Quero voltar para nossa terra.

— Sei disso mais do que você, Culum. Mas me dê tempo.

— O tempo não vai fazer diferença.

— Você é jovem, rapaz. Terá muito tempo. Tenha paciência comigo. E com a China. Robb lhe disse como proceder, quanto à venda de terras?

— Sim. — Maldito tio Robb, Culum pensou. Se, pelo menos, não tivesse explodido com papai e dito que ia embora. Maldito, maldito, maldito. Que vá para o inferno aquele banco amaldiçoado. Arruinou tudo. Pobre papai. — Acho que serei capaz de fazer tudo.

— Você não terá problema nenhum, se tudo for feito de maneira correta. Quem oferecer mais fica com a terra.

— Sim, claro. — Culum olhou para os guinéus. — Por que quer que as moedas fiquem aí?

— São o dinheiro para eu comprar meu caixão.

— Não compreendo.

Struan contou-lhe o que acontecera com Brock.

— É melhor você saber a respeito dele, Culum. Tenha cuidado, porque ele irá atrás de você, como eu vou atrás de Gorth.

— Os pecados do pai não são culpa do filho.

— Gorth Brock é igual ao pai.

— Cristo não ensina o perdão?

— Sim, rapaz. Mas eu não posso perdoá-los. Eles são o que há de mais podre sobre a face da terra. São tiranos e acreditam que o chicote responde a todas as perguntas. Uma coisa certa, na terra: dinheiro é poder... seja você rei, proprietário de terras, caudilho, mercador ou seareiro. Sem dinheiro, a pessoa não pode proteger o que tem, e nem melhorar a sorte de outrem.

— Então, está dizendo que os ensinamentos de Cristo estão errados?

— Não estão errados, rapaz. Estou dizendo que alguns homens são santos. Alguns são felizes sendo mansos, humildes e desprovidos de ambição. Alguns homens nascem contentes com o segundo lugar... mas não eu. E nem Brock. Você é assim?

— Não sei.

— Você será submetido ao teste, mais cedo ou mais tarde. Então conhecerá a si próprio.

— Então, quer dizer que o dinheiro é tudo?

— Quero dizer que sem poder não se pode ser santo, nos tempos que correm. O poder por si mesmo é um pecado. O dinheiro por si mesmo é um pecado.

— É tão importante assim ter dinheiro e poder?

— Não, rapazinho — disse Struan, com um sorriso irônico.

— O importante é a falta de dinheiro.

— Por que você quer poder?

— Por que você quer, Culum?

— Talvez eu não queira.

— Sim Talvez. Gostaria de tomar uma bebida, rapaz?

— Vou querer um pouquinho de champanha.

— Já comeu?

— Sim, obrigado. Ainda não conheço muito a mim mesmo. — disse Culum.

— Tem tempo, rapazinho. Estou tão satisfeito, de você se encontrar aqui! Muito satisfeito. Culum tornou a olhar para as moedas.

— Realmente, não tem importância, não é? Eu ser sócio ou não, e todo o resto. A companhia está liquidada. O que você vai fazer?

— Por vinte e nove dias, ainda não estamos liquidados. Se o *pagode* estiver contra nós, esta versão da Casa Nobre morrerá. Então começaremos de novo. — Não se iluda, ele pensou, você não pode jamais começar outra vez.

— Uma batalha interminável?

— O que você pensa que é a vida, rapaz?

— Posso desistir de ser sócio se não estiver gostando, ou se achar que não sou bom, e não mereço o lugar? De acordo com meus desejos?

— Sim. Mas, se um dia chegar a ser Tai-Pan, não. O Tai-Pan não pode jamais renunciar, até ter certeza de que a casa está em boas mãos. Ele *precisa* ter certeza. É sua responsabilidade final.

— Se os mercadores chineses nos devem tanto, não podemos cobrar? Assim teremos o dinheiro para pagar a Brock.

— Eles não têm o dinheiro. — Com mil demônios, disse Struan a si próprio, você está numa armadilha. Decida. É Ti-sen ou nada.

— E Sua Excelência? Ele não pode adiantar alguma coisa? Do dinheiro do resgate?

— Pertence à Corôa. Talvez o Parlamento cumpra seu acordo, talvez o repudie. O dinheiro não nos chegará às mãos em menos de quase um ano.

— Mas nós o conseguiremos. Com certeza, Brock aceitará suas garantias, não? A voz de Struan tornou-se áspera.

— Já lhe descrevi a medida da caridade de Brock. Eu não lhe daria vinte guinéus, se eu o tivesse preso em armadilha igual. Maldito seja, e maldita seja sua cria.

Culum mexeu-se, desajeitado, na cadeira. Seu sapato tocou num dos guinéus, e a moeda reluziu repentinamente.

— Sua Excelência não é muito... bom, ele não é um tanto tolo?

— Ele está deslocado na Ásia... isto é tudo. O homem errado para o posto. Eu estaria perdido, nas cortes da Europa. Mas ele é plenipotenciário. É tudo que importa. Sim, ele é tolo... mas tenha cuidado com ele também. Tenha cuidado com todo mundo.

— Ele sempre faz o que você manda?

Struan olhou a noite, lá fora, através da porta da tenda.

— Ele aceita meus conselhos, na maioria das vezes. Desde que eu seja o último a dá-los. Culum mexeu em outro guinéu.— Deve haver alguma coisa... Alguém a quem recorrer. Você deve ter amigos.

Inexoravelmente, a mente de Struan estava cheia do nome da única pessoa que poderia desmontar a armadilha: Ti-sen. Brock vai tomar os navios com toda tranqüilidade, ele pensou, fervendo de raiva impotente. Sem os navios, você está perdido, rapazinho. A casa, Hong Kong, o plano. Sim, você pode começar outra vez, mas não se iluda. Você não pode construir e tripular uma armada assim, outra vez. Jamais se equiparará a Brock novamente. Jamais. Vai ficar em segundo lugar. Será o segundo lugar para sempre.

Struan sentiu pulsarem as veias de seu pescoço. Sua garganta estava seca. Não vou ficar em segundo lugar. Por Deus Nosso Senhor, eu não posso. Eu não posso. Eu não posso. Diante de Brock ou de qualquer outra pessoa.

— Amanhã, quando o *China Cloud* voltar, eu vou a Cantão. Você vai comigo.

— E a venda de terras? Não devo começar os procedimentos?

— O diabo carregue a venda de terras! Temos a casa para salvar, em primeiro

lugar. Vá para bordo do *Resting Cloud*, rapaz. Partiremos logo que possível.

— Está bem. — Culum levantou-se.

— Boa-noite, rapazinho.

As moedas prenderam o olhar de Culum, hipnotizando-o. Ele começou a pegá-las.

— Eu lhe disse para deixar aí essas moedas!

— Não posso. — Havia gotas de suor na testa de Culum. As moedas pareciam queimar-lhe os dedos. — Eu preciso... eu preciso ficar com elas.

— Por que, pelo amor de Deus, hein?

— Não sei. Simplesmente, quero ficar com elas. — Ele pôs as moedas em seu bolso. — Agora são minhas. Boa-noite, papai.

CAPÍTULO QUATRO

Struan estava jantando sozinho no espaçoso salão de refeições da majestosa feitoria da companhia, na Colônia de Cantão. A grande mansão de três andares fora construída pela Companhia das índias Orientais, há quarenta anos. Struan sempre a cobiçara como o local perfeito para a Casa Nobre. Oito anos atrás, ele a comprara.

O salão de refeições ficava no segundo andar, com vista para o Rio Pérola. Abaixo deste piso, havia um labirinto de escritórios, armazéns e depósitos. Acima, aposentos residenciais e os cômodos particulares do Tai-Pan, cuidadosamente separados. Havia pátios, passeios, suítes e dormitórios em toda a extensão do interior. Entre quarenta e cinqüenta funcionários portugueses viviam e trabalhavam no prédio, e entre dez e quinze europeus de outras nacionalidades. Cem criados chineses do sexo masculino. As criadas não eram permitidas, de acordo com a lei chinesa.

Struan afastou da mesa sua cadeira entalhada, e acendeu um charuto, cheio de irritação. Uma grande lareira aquecia o mármore que revestia paredes e piso. À mesa poderiam sentar-se quarenta pessoas, a prataria era georgiana, e o candelabro de cristal, todo iluminado por velas. Ele caminhou até uma janela e ficou olhando para os negociantes que passeavam pelo jardim, lá embaixo.

Para além do jardim, havia uma praça que ia de um extremo a outro da Colônia, no sentido do comprimento, e era contígua aos cais, na margem do rio. A praça estava, como de hábito, apinhada de vendedores ambulantes chineses, transeuntes, negociantes e compradores, advinhos, escrevedores de cartas, mendigos e cachorros. Fora da feitoria da Companhia, apenas no Jardim Inglês — como era chamado — os mercadores podiam movimentar-se com relativa tranqüilidade. Os chineses, fora os criados, tinham acesso proibido ao jardim e às feitorias. Havia treze prédios no terraço, com colunas que iam de uma ponta a

outra da Colônia, com exceção de duas estreitas vielas — a Rua Hog e o Beco Velha China. Só Struan e Brock possuíam prédios inteiros. Os outros negociantes dividiam os restantes, ocupando o espaço necessário às suas necessidades, e. pagavam aluguel à Companhia das índias Orientais, que construíra a Colônia há um século.

Ao norte, a Colônia tinha como fronteira a Rua Treze, das feitorias. As muralhas da cidade de Cantão ficavam à distância de um quarto de milha. Entre as muralhas da cidade e a Colônia havia um formigueiro de casas e galpões. O rio estava congestionado com as inevitáveis cidades flutuantes, dos moradores em barcos. E, acima de tudo, havia um perpétuo murmúrio, pulsante e monótono, sugerindo uma enorme colméia.

Num dos lados do jardim, Struan viu Brock absorto numa conversa com Cooper e Tillman. Ficou imaginando se estariam explicando as complexidades da venda espanhola de chá-ópio a Brock. Boa sorte para eles, pensou, sem rancor. Vale tudo no amor e no comércio.

— Onde estará, com mil demônios, Jin-qua? — Ele comentou, em voz alta.

Durante vinte e quatro dias, Struan tentara ver Jin-qua, mas a cada dia seu mensageiro voltava à Colônia com a mesma resposta:

— Eli num volto du mesmu jeito. Sinhô tem de espelá. Manhã devi tá di volta Cantão. Num si incomodi.

Culum passara dez dias na Colônia de Cantão com ele. No décimo primeiro, chegara uma mensagem urgente de Longstaff, pedindo a Culum para voltar a Hong Kong: havia problemas relativos à venda de terras.

Junto com a mensagem de Longstaff chegou uma carta de Robb. Robb escrevia que o editorial de Skinner a respeito da bancarrota de Struan provocara consternação entre os negociantes, e a maioria mandara despachos imediatos

para seu país, espalhando seu dinheiro em vários bancos; que a maior parte estava esperando pelo décimo terceiro dia; que não haveria crédito, e as sugestões por ele feitas aos inimigos de Brock tinham sido inúteis; que a Marinha ficara enfurecida, quando foi divulgada a negativa oficial da ordem referente ao contrabando de ópio emitida por Longstaff, e o almirante despachara uma fragata para a Grã-Bretanha, com um pedido para que o Governo lhe desse a permissão desejada diretamente; e, finalmente, que Chen Sheng, o *compradore* da Companhia, fora procurado por inúmeros credores pedindo pagamento de dívidas de menor importância que, normalmente, seriam cobradas no devido tempo.

Struan sabia que seria derrotado, se não encontrasse Jin-qua dentro dos próximos seis dias, e perguntou a si próprio, outra vez, se Jin-qua o evitava, ou se estaria mesmo fora de Cantão. Ele é um velho ladrão, pensou Struan, mas não me evitaria nunca. E se você, realmente, o encontrar, rapazinho, vai mesmo fazer a oferta àquele demônio Ti-sen?

Houve um ruído de vozes cadenciadas, e a porta se abriu com violência, deixando entrar uma suja jovem Hoklo — a gente que vivia nos barcos — e um criado tentando segurá-la. A mulher usava o grande chapéu cônico costumeiro, o sampana, calça e blusa negras e encardidas e, sobre elas, um também encardido colete acolchoado.

— *Ninguém pudê pará esta vaca cria aqui, sinhô* — disse o criado, numa

corruptela de inglês falado na China, enquanto segurava a moça que lutava. Só através dessa corruptela os negociantes podiam conversar com seus criados, e vice-versa. “Vaca” significava “mulher”. E “cria” era uma variante de “criança”. “Vaca cria” significava “jovem mulher”.

— Vaca cria sai! E bem depressa, entendido? — disse Struan.

— Quer vaca cria, quer? Vaca cria boa na cama. Dois dólar *tá* bom — gritou a moça.

O criado agarrou-a e o chapéu dela caiu, possibilitando a Struan ver seu rosto claramente, pela primeira vez. Ela quase não estava reconhecível, por causa da sujeira, e ele morreu de rir. O criado ficou boquiaberto, diante dele, como se ele estivesse louco, e soltou a moça.

— Essa cria de vaca — disse Struan, em meio às risadas — pode ficar, não se preocupe.

A moça limpou iradamente suas repugnantes roupas e gritou outra torrente de insultos para o criado que partia.

— Vaca cria muito boa, você vê, Tai-Pan.

— É você, May-may? — Struan olhou para ela. — Que diabo está fazendo aqui, e qual o motivo de toda essa sujeira?

— Vaca cria acha que você está fazendo *pim-pim* com nova vaca cria, *né?*

— Pelo sangue de Cristo, garota, estamos sozinhos, agora! Pare de usar inglês *pidgin*! Gastei bastante tempo e dinheiro ensinando a você o inglês da rainha! — Struan ergueu-a até onde seus braços alcançaram. — Meu Deus, May-may, você está fedendo tanto que se sente à distância.

— Você também *fedê* se *usá* estas roupas *fedolentas!*

— *Federia, se usasse essas roupas fedorentas* — ele disse, corrigindo-a, automaticamente. — O que está fazendo aqui, e qual o motivo de usar essas roupas fedorentas?

— Me bota no chão, Tai-Pan. — Ele assim fez, e ela se curvou, com tristeza. — Cheguei aqui em segredo e com grande tristeza pela sua perda da Suprema Senhora e de todas as crianças que ela teve, menos um filho. — As lágrimas

faziam sulcos na sujeira em seu rosto. — Sinto muito, sinto muito.

— Obrigado, garota. Sim. Mas agora já aconteceu, e não há dor que possa trazê-los de volta. — Ele deu pancadinhas na cabeça da moça e acariciou-lhe o queixo, tocado por sua compaixão.

— Não conheço seus costumes. Como devo me vestir, em sinal de luto?

— Não ponha luto, May-may. Eles foram embora. Não adianta todo pranto e nem todo luto.

— Queimei incenso, para um perfeito renascimento.

— Obrigado. Agora, o que está fazendo aqui, e por que partiu de Macau? Eu lhe disse para ficar lá.

— Primeiro banho, depois mudar de roupa, depois conversar.

— Não temos roupas aqui, May-may.

— A tola da minha ama, *Ah Gip,* está lá embaixo. Ela carrega roupas, e minhas coisas, não se preocupe. Onde é o banheiro?

Struan puxou a corda do sino e, imediatamente, apareceu o servo, com os olhos arregalados.

— Vaca cria quer banho, sabe? Ama pode fazer tudo. Pegue comida! — E depois, para May-may — Diga que comida quer. May-may conversou com o criado boquiaberto, em tom imperioso, e saiu.

Seu modo de caminhar oscilante jamais deixava de comover Struan. May-may

tivera os pés atados. Eles tinham apenas três polegadas de comprimento. Quando Struan a comprara, há cinco anos, cortou as ataduras e ficou horrorizado com a deformidade que os antigos costumes tinham decretado ser um sinal essencial de beleza para uma moça — pés pequenos. Só uma moça com pés pequenos — *pés de lótus* — poderia ser uma esposa ou uma concubina. As que tinham pés normais tornavam-se camponesas, criadas, prostitutas de baixa classe, amas e operárias, e eram desprezadas.

Os pés de May-may eram aleijados. Sem o apertado envoltório das ataduras, a agonia que ela sentira causava pena. Então, Struan permitiu que as ataduras fossem recolocadas e, após um mês, a dor já diminuíra e May-may pudera andar outra vez. Só na velhice os pés atados se tornavam insensíveis à dor.

Struan perguntara-lhe, então, usando Gordon Chen como intérprete, como aquilo fora feito. Contara-lhe, orgulhosamente, que sua mãe começara a atar seus pés quando ela tinha seis anos.

— As ataduras eram bandagens de duas polegadas de largura e doze de comprimento, e úmidas. Minha mãe amarrou-as com força em torno dos meus pés... em volta dos calcanhares e sobre o peito e plantas dos pés, dobrando os quatro dedos menores para baixo da sola e deixando livre o dedo grande. Quando as bandagens secavam e se apertavam, a dor era terrível. No curso dos meses e anos, o calcanhar se aproxima do dedo e o peito se arqueia. Uma vez por semana, as bandagens são retiradas por alguns minutos, e os pés lavados. Depois de alguns anos, os dedos menores ficam encarquilhados e mortos, e são removidos. Quando eu tinha quase doze anos, podia andar muito bem, mas meus pés ainda não eram suficientemente pequenos. Foi então que minha mãe consultou uma mulher entendida na arte de atar os pés. No dia do meu décimo segundo aniversário, a sábia mulher veio para nossa casa com uma faca aguçada e óleos. Ela fez um profundo corte com a faca no meio da sola dos meus pés. Este corte fundo permitiu que o calcanhar fosse empurrado para mais perto dos dedos, quando as bandagens foram recolocadas.

— Que crueldade! Pergunte a ela como suportou a dor**.**

Struan lembrava-se de seu olhar trocista quando Chen traduziu a pergunta e de como ela respondeu numa cadência encantadora.

— Ela diz: “Para cada par de pés atados, há um lago de lágrimas. Mas, o que são as lágrimas e a dor! Agora não tenho vergonha de deixar ninguém medir meus pés.” Ela quer que o senhor os meça, Sr. Struan.

— Não vou fazer uma coisa dessas!

— Por favor, senhor. Isto a deixará muito orgulhosa. Eles são perfeitos, dentro do estilo chinês. Se não o fizer, ela vai pensar que o senhor está envergonhado dela. Perderá prestígio terrivelmente, diante do senhor.

— Por quê? .

— Acha que o senhor tirou as bandagens porque pensava que ela o estava enganando.

— Mas, por que eu pensaria assim?

— Porque o senhor é... bom, ela não conhecia nenhum europeu, antes. Por favor, senhor. Só o orgulho que sentir por ela compensará todas as lágrimas.

Então ele medira seus pés e manifestara uma alegria que não sentia, e ela se prosternara diante dele três vezes. Ele detestava ver homens e mulheres prosternando-se, com a testa a tocar o chão. Mas o costume antigo pedia este sinal de obediência de um inferior a um superior, e Struan não podia proibi-lo. Se protestasse, May-may ficaria assustada outra vez e se sentiria embaraçada diante de Gordon Chen.

— Pergunte se seus pés estão doendo agora.

— Vão doer sempre, senhor. Mas eu lhe garanto que ela sentiria muito mais dor se tivesse pés grandes e feios.

May-may então disse algo a Chen, e Struan reconheceu a palavra *fan-quai*, que significava “demônio bárbaro”.

— Ela quer saber o que fazer para agradar um não-chinês — disse Gordon.

— Diga a ela que os *fan-quai não* são diferentes dos chineses.

— Sim, senhor.

— E lhe diga que você vai lhe ensinar inglês. Imediatamente. Diga-lhe que ninguém pode saber que ela pode falar inglês. Diante dos outros, deve falar só chinês, ou *pidgin*, que você também lhe ensinará. Finalmente, você a protegerá com sua vida.

***

— Posso entrar agora? — May-may estava à porta, curvando-se delicadamente.

— Por favor.

O rosto dela era oval, os olhos amendoados, e as sobrancelhas perfeitos

crescentes. Um perfume cercava-a agora, e seu vestido comprido e flutuante era do mais fino brocado de seda azul. Seu cabelo estava penteado em crescentes no alto da cabeça, e enfeitado com alfinetes de jade. Ela era alta, para uma chinesa, e sua pele tão branca a ponto de parecer quase translúcida. Era da província de *Soochow*.

Struan a comprara de Jin-qua, e discutira o preço por muitas semanas, mas sabia que, na realidade, Tchung May-may era um presente de Jin-qua, em troca de muitos favores, no curso de anos; que Jin-qua poderia tê-la vendido facilmente ao homem mais rico da China, a um príncipe manchu e até mesmo ao imperador, pelo seu peso em jade — e não apenas pelos quinze mil taéis de prata que, finalmente, acertaram. Ela era única, sem preço.

Struan ergueu-a e beijou-a, suavemente.

— Agora, conte-me o que está acontecendo. — Ele se sentou na poltrona, e segurou-a em seus braços.

— Em primeiro lugar, vim disfarçada por causa do perigo. Não apenas para mim, mas para você. Sua cabeça ainda está a prêmio. E o seqüestro em troca de resgate é um costume antigo.

— Onde deixou as crianças?

— Com a Irmã Mais Velha, claro — ela respondeu.

A Irmã Mais Velha era como May-may chamava a ex-amante de Struan, Kai-sung, de acordo com o costume, embora as duas não fossem parentes. E agora Kai-sung era a terceira esposa do *compradore* de Struan. Entretanto, entre May-may e Kai-sung havia um intenso afeto, e Struan sabia que as crianças estariam em segurança, e receberiam tantos carinhos como se fossem dela própria.

— Muito bem — disse. — E como estão eles?

— Duncan está com o olho machucado. Escorregou e caiu, e então eu chicoteei sua amaldiçoada ama, até ficar com o braço cansado. Duncan tem mau gênio, por causa do sangue bárbaro.

— É... o seu, não meu. E Kate?

— Nasceu seu segundo dente. Sinal de muita sorte. Antes do segundo aniversário.

— Ela se aninhou em seus braços um momento. — Então, li jornal. Aquele homem, Skinner? Mais *pagode* ruim, não? Aquele maldito Brock quer falir você, usando grandes dívidas em dinheiro. É verdade?

— Em parte, é. Sim, a menos que aconteça uma mudança de *pagode*, estamos falidos. Não vai haver mais sedas, perfumes, jades e casas — ele brincou.

— *Ayeeee yah!* — disse ela, abanando a cabeça. — Você não é o único homem na China.

Ele lhe deu uma palmada no traseiro, e ela o espetou com suas unhas compridas, até ele lhe agarrar o pulso.

— Não diga isso outra vez — declarou ele, e beijou-a apaixonadamente.

— Sangue de Cristo — disse ela, tentando respirar outra vez. — Veja o que você fez com meu cabelo. Aquela puta preguiçosa, *Ah Gip*, passou uma hora fazendo esse penteado, e veja só!

Ela sabia que o agradava muito e tinha orgulho de poder agora, aos vinte anos,

ler e escrever inglês e chinês e falar inglês e cantonês, bem como seu próprio dialeto de Soochow, e também mandarim, a língua de Pequim e da corte do imperador; e também por saber muitas coisas que Gordon Chen aprendera na escola, pois ele ensinara bem, e entre eles havia um grande afeto. May-may sabia que ela era única em toda a China.

Houve uma discreta batida na porta.

— Um europeu? — ela sussurrou.

— Não, garota. É apenas um criado. Eles têm ordem para anunciar todos que chegam. Sim?

O criado estava acompanhado de dois outros, e todos afastaram os olhos de Struan e da moça. Mas sua curiosidade era óbvia, e eles gastaram mais tempo do que o necessário para pôr os pratos contendo comida chinesa e os pauzinhos.

May-may atacou-os com uma torrente de cantonês e eles curvaram-se nervosamente e saíram às pressas.

— O que você disse a eles? — perguntou Struan.

— Eu simplesmente os avisei, por Deus, que se dissessem a alguém que eu estava aqui eu cortaria pessoalmente suas línguas e lhes arrancaria os olhos, e depois convenceria você a acorrentá-los num de seus navios e o afundaria no mar, junto com suas malditas esposas e filhos e parentes e, antes disso, você colocaria mau-olhado nesses malditos patifes e em sua maldita descendência, para sempre.

— Pare de praguejar, sua diabinha. E pare de brincar a respeito de mau-olhado.

— Não é brincadeira. Você tem isso, seu demônio bárbaro. Para todo mundo,

menos para mim. Eu sei lidar com você.

— O diabo carregue você, May-may. — Ele interceptou-lhe as mãos e a carícia íntima. — Coma, enquanto a comida está quente e, mais tarde, eu vou cuidar de você. — Ele a pegou e carregou-a até à mesa.

Ela o serviu de camarões fritos, porco magro, cogumelos cozidos requintadamente em soja, noz-moscada, mostarda e mel, e depois serviu a si própria.

— Pela morte de Cristo, estou faminta — disse ela.

— Faça o favor de parar de praguejar!

— Você se esquece do seu "por Deus", Tai-Pan! — Ela estava exultante, e começou a comer com grande gosto.

Ele pegou os pauzinhos e começou a usá-los, habilmente. Achou a comida soberba. Levara meses para se acostumar com o sabor. Nenhum dos europeus comia comida chinesa. Struan também, antes, preferia a cozinha sólida da velha Inglaterra, mas May-may lhe ensinara que era mais saudável comer como os chineses.

— Como você chegou até aqui? — perguntou Struan. May-may escolheu um dos grandes camarões fritos e cozidos em seguida em molho e verduras com gosto de soja, e elegantemente o decapitou, começando a lhe tirar a casca.

— Comprei passagem numa *lorcha*. Comprei um bilhete fantasticamente barato, de terceira classe, e me sujei para maior segurança. Você me deve cinqüenta mangos.

— Tire de sua mesada. Não pedi a você para vir aqui.

— *Esta vaca cria faz dinheilo bem fácil, não se incomodi.*

— Pare com isso e se comporte.

Ela riu, ofereceu-lhe o camarão e começou a tirar a casca de outro.

— Obrigado, não quero mais.

— Coma tudo. Fazem muito bem a você. Eu já lhe disse muitas vezes que eles dão muita saúde e muita potência a você.

— Desista, garota.

— É verdade — disse ela, muito séria. — Os camarões contribuem muito para seu vigor. É muito importante ter bastante vigor! Uma esposa precisa cuidar de seu marido.

— Ela limpou os dedos num guardanapo bordado e, depois, pegou uma das cabeças dos camarões com seus pauzinhos.

— Diabo, May-may, você precisa comer as cabeças?

— Sim, por Deus, você não sabe que são a melhor parte? — ela disse, imitando-o, e riu tanto que sufocou. Ele lhe bateu nas costas, mas suavemente, e depois ela bebeu um pouco de chá.

— Bem feito — disse ele.

— Mesmo assim, as cabeças são a melhor parte, pode ter certeza.

— Mesmo assim, são horrorosas, pode ter certeza.

Ela comeu, em silêncio por um momento.

— Brock tem sido duro de roer?

— Duro.

— É terrivelmente simples resolver essa dureza. Mate Brock. Chegou a hora.

— É uma das maneiras de resolver.

— De uma maneira ou de outra, você achará um jeito.

— O que faz você ter tanta certeza?

— Você não quer me perder.

— Por que deveria eu perder você?

— Eu também não gosto de segundo lugar. Pertenço *ao* Tai-Pan. Não sou uma maldita *Hakka*, ou mulher de barco, ou puta cantonesa. Quer chá?

— Sim.

— Beber chá com a comida é muito bom para você. Assim você nunca vai ficar gordo. — Ela despejou o chá e lhe ofereceu a xícara graciosamente. — Eu gosto de você, quando você está zangado, Tai-Pan. Mas você não me assusta. Sei que agrado a você por demais, como você me agrada por demais. Quando ficar em segundo lugar, outra me substituirá, tenho certeza. Isto é *pagode*. Para mim. E

também para você.

— Talvez você já esteja em segundo lugar agora, May-may.

— Não, Tai-Pan, agora não. Mais tarde, sim, mas agora não. Ela se curvou sobre ele e o beijou, e fugiu, enquanto ele tentava agarrá-la.

— *Ayeeee yah,* não posso dar tantos camarões a você! — Correu para longe dele, rindo, mas ele a agarrou, e ela colocou os braços em torno de seu pescoço e o beijou. — Você me deve cinqüenta mangos!

— O diabo a carregue! — Ele a beijou, sentindo necessidade dela, tanto quanto ela necessitava dele.

— Seu gosto é tão bom. Primeiro vamos jogar gamão.

— Não.

— Primeiro jogamos gamão e depois fazemos amor. Há tempo de sobra. Eu fico com você agora. Jogamos por um dólar o ponto.

— Não.

— Um *dóla* ponto. Talvez eu tenha dor de cabeça, estou cansada demais.

— Talvez eu não lhe dê o presente de Ano-Novo que eu estava pensando dar.

— Que presente?

— Deixa *p'ra* lá.

— Por favor, Tai-Pan, eu não vou mais aborrecer você. Que presente?

— Deixa *p'ra* lá.

— Por favor, me diga. Por favor. Era um alfinete de jade? Ou uma pulseira de ouro? Ou sedas?

— Como está sua dor de cabeça?

Ela lhe deu um tapa, zangada, e depois abraçou-lhe apertadamente o pescoço.

— Você é tão ruim para mim e eu sou tão boa para você. Vamos fazer amor, então.

— Jogaremos quatro partidas. Mil *dóla* ponto.

— Mas assim é jogo demais! — Ela viu o desafio trocista no rosto dele e seus olhos lampejaram. — Quatro jogos. Vou derrotar você, por Deus.

— Ah, não, por Deus.

Então, eles disputaram quatro partidas, e ela amaldiçoava e dava vivas, chorava e ria, e arquejava, consumida pela excitação, enquanto sua sorte mudava. Ela perdeu dezoito mil dólares.

— Pela morte de Cristo! Estou arruinada, Tai-Pan. Arruinada. Ah, que infelicidade, infelicidade, infelicidade. Todas as minhas economias e mais. Minha casa! Mais um jogo — ela implorou. — Você deve deixar-me tentar recuperar o dinheiro.

— Amanhã. Ao mesmo preço por ponto.

— Jamais jogarei outra vez com esses preços. Nunca, nunca, nunca. Só mais uma vez, amanhã.

***

Após fazerem amor, May-may saiu da cama de armação e foi até à lareira. Uma chaleira de ferro sibilava suavemente, na pequena prateleira de ferro perto das chamas.

Ela se ajoelhou e despejou a água quente da chaleira nas toalhas brancas limpas. As chamas dançaram sobre a pureza de seu corpo. Tinha os pés metidos em pequenas chinelas de dormir, e as ataduras estavam limpas, em torno de seus tornozelos. Suas pernas eram longas e bonitas. Ela escovou o cabelo negro-azulado e brilhante, que lhe caía pelas costas, e voltou para a cama.

Struan estendeu as mãos para pegar uma das toalhas.

— Não — disse May-may. — Deixe que eu faço. Me dá prazer, e é meu dever.

Quando acabou de enxugá-lo, ela lavou a si própria e, depois, instalou-se pacificamente ao lado dele, sob os cobertores. Um vento forte fez as cortinas de damasco farfalharem, e crepitarem as chamas na lareira. As sombras dançaram nas paredes e no teto alto.

— Veja, ali está um dragão — disse May-may.

— Não, é um navio. Você está bem aquecida?

— Como sempre, quando me encontro perto de você. E ali está um templo.

— Sim. — Ele pôs um braço em torno dela, exultando com o suave frescor de sua pele.

— *Ah Gip* está fazendo o chá.

— Ótimo. Chá será muito bom.

Depois do chá, ambos se sentiram reanimados, voltaram a se deitar na cama e ela apagou a lâmpada. Eles observaram, novamente, as sombras.

— O costume de vocês é que tenham só uma esposa, não é?

— Sim.

— O costume chinês é melhor. Uma *Tai-tai* é mais sensato.

— O que quer dizer isso, garota?

— "Suprema entre as supremas". O marido é o supremo na família, naturalmente, mas no lar a primeira esposa é a suprema entre as supremas. Esta é a lei chinesa. A lei também fala em muitas esposas, mas uma delas é *Tai-tai*. — Ela movimentou para uma posição mais confortável seu longo cabelo. — Quando você se casará? Qual é seu costume?

— Acho que não tornarei a me casar.

— Você deve casar. Uma escocesa, ou uma inglesa. Mas, primeiro, deve casar comigo.

— Sim — disse Struan. — Talvez eu deva.

— Sim, talvez você deva. Eu sou a sua *Tai-tai* — e depois ela se aninhou mais próxima a ele e se deixou mergulhar num sono tranqüilo. Struan ficou olhando as sombras, por muito tempo. Depois, dormiu.

***

Pouco depois do amanhecer, ele acordou, sentindo perigo. Tirando e face de debaixo do travesseiro, caminhou sem fazer ruído até à janela e abriu as cortinas. Para pasmo seu, viu que a praça estava deserta. Além da praça, no rio, um silêncio estranho parecia pairar sobre as cidades flutuantes.

Depois, ouviu passos abafados que se dirigiam para o quarto. Ele olhou para May-may. Ela ainda dormia tranqüilamente. Com sua faca em riste, Struan encostou-se à parede atrás da porta e esperou.

Os passos pararam. Uma batida suave.

— Sim?

O criado entrou no quarto sem fazer barulho. Estava assustado e, quando viu Struan nu, com a faca na mão, falou com voz entrecortada:

— Sinhô! Tem um sinhô de naliz de gancho e um sinhô de cabelo pleto aqui. Dizem pla sinhô ir diplessa.

— Diz que vô diplessa.

Struan se vestiu, rapidamente. Deixou cair uma escova de cabelo e May-may quase acordou.

— É cedo demais para se levantar. Volte para a cama — disse ela, sonolenta. E se encolheu mais, embaixo dos cobertores, tornando a dormir imediatamente.

Struan abriu a porta. *Ah Gip* estava pacientemente acocorada no corredor, onde dormira. Struan desistira de mandá-la dormir em outro lugar, porque *Ah Gip* simplesmente sorria, fazia um sinal afirmativo com a cabeça, dizia: “Sim, sinhô.” E dormia do lado de fora da porta. Era baixa e robusta, e um sorriso parecia permanentemente fixado em seu rosto redondo, com marcas de bexiga. Há três anos era a escrava pessoal de May-may. Struan pagara por ela três taéis de prata.

Ele a convidou para entrar no quarto.

— Senhola pode dulmi. Você espelá dentlo quarto, intende?

— Intende, sinhô...

Ele desceu as escadas, apressadamente.

Cooper e Wolfgang Mauss estavam a esperá-lo na sala de jantar. Mauss examinava soturnamente suas pistolas.

— Desculpe incomodá-lo, Tai-Pan. Há problemas — disse Cooper.

— O quê?

— Está circulando um boato de que dois mil soldados manchus com bandeiras de guerra entraram em Cantão, a noite passada.

— Tem certeza?

— Não — disse Cooper. — Mas, se for verdade, haverá problemas.

— How-qua mandou me chamar esta manhã — disse Mauss, pesadamente.

— Ele disse se Jin-qua já voltou?

— Não, Tai-Pan. Ele ainda diz que seu pai está viajando. Quanto a mim, não acredito nisso, hein? How-qua estava com muito medo. Contou que fora acordado muito cedo, aquela manhã. Um edito imperial, assinado pelo próprio imperador, havia sido entregue a ele, e dizia que todo comércio conosco deveria cessar, de imediato. Eu o li. Os selos estavam corretos. Toda a Co-hong está num rebuliço.

Houve um estardalhaço lá embaixo. Eles correram à janela. Uma companhia de soldados montados manchus trotou para a extremidade leste da praça e desmontou. Eram homens altos, fortemente armados — mosquetes, longos arcos, espadas e lanças embandeiradas. Alguns eram barbados. Eram chamados *bandeireiros* por serem soldados imperiais e conduzirem as bandeiras imperiais. Os chineses não tinham permissão para ingressar em seus regimentos; eram a elite do exército do imperador.

— Bom, há com certeza quarenta ou cinqüenta em Cantão — disse Struan.

— E se houver dois mil? — perguntou Cooper.

— É melhor nos prepararmos para partir da Colônia.

— Bandeireiros são um mau sinal — disse Mauss. Ele não queria sair da Colônia; queria ficar com seus convertidos chineses e continuar a pregar para os pagãos, o que ocupava todo seu tempo, quando não estava servindo de intérprete para Struan. — *Schrechlich* mau.

Struan considerou as possibilidades e depois tocou a campanhia, para chamar um criado.

— Traz bastante comida, *diplessa, diplessa. Caie*, chá, ovos, carne... *diplessa, diplessa*.

— Há bandeireiros na praça e você só pensa em tomar o desjejum? — perguntou Cooper.

— Não adianta se preocupar com o estômago vazio — disse Struan. — Estou com muita fome, hoje de manhã.

Mauss riu. Ele ouvira o rumor, sussurrado entre os criados, de que a legendária amante do Tai-Pan chegara em segredo. Por sugestão de Struan, há dois anos ele secretamente ensinara o cristianismo a May-may e a convertera. Sim, pensou, com orgulho, o Tai-Pan confia em mim. Por causa dele, ó Senhor, pelo menos uma foi salva. Por causa dele, outros estão sendo salvos por Vossa divina mercê.

— O café é uma boa idéia.

Sentado junto à janela, Cooper via os negociantes esgueirando-se pelo jardim e entrando em suas feitorias. Os bandeireiros estavam reunidos numa massa desarrumada, acocorados e conversando.

— Talvez seja como da última vez. Os mandarins vão nos prender, em troca de resgate — disse Cooper.

— Não desta vez, rapazinho. Se começarem alguma coisa, vai ser nos liquidando.

— Por quê?

— Qual o motivo de mandarem soldados imperiais a Cantão? São combatentes... e não como o exército chinês local.

Os criados entraram e começaram a pôr a grande mesa. Mais tarde, a comida foi trazida. Havia frangos frios e ovos cozidos, pão, carne quente, bolinhos e tortas de carne quente, além de manteiga, marmelada e geléia.

Struan comeu com gosto e Mauss também. Mas Cooper estava sem vontade de provar sua comida.

— *Sinhô?* — disse um criado.

— Sim?

— *Sinhô* de um olho só está aqui. Pode?

— Pode.

Brock caminhou para dentro da sala. Seu filho Gorth estava com ele.

— Bom-dia, senhores. Bom-dia, meu caro Dirk.

— Quer café?

— Ah, muito obrigado.

— Fez boa viagem, Gorth?

— Sim, obrigado, Sr. Struan. — Gorth era da mesma altura do pai, um homem rijo, marcado por cicatrizes e com o nariz quebrado, cabelo grisalho e barba. — Da próxima vez, eu vencerei o *Thunder Cloud*.

— Da próxima vez, rapaz — disse Brock, com uma risada. — você será o capitão desse navio. Ele se sentou e começou a se fartar.

— Quer passar a carne, Sr. Cooper? — Estendeu o polegar esticado em direção à janela. — Aqueles filhos da mãe não significam nada de bom.

— Sim. O que acha, Brock? — perguntou Struan.

— O pessoal da Co-hong está arrancando os rabichos. O comércio está interrompido, no momento. É a primeira vez que vejo esses malditos bandeireiros.

— Vão evacuar a Colônia?

— Eu não serei expulso por chineses ou por bandeireiros.

— Brock se serviu de mais carne. — Claro que posso me afastar um pouco. Quando eu quiser. A maioria de nós vai sair amanhã para a venda de terras. Mas faremos bem convocando um conselho imediatamente. Têm armas aqui?

— Não suficientes.

— Temos o bastante para um cerco. Gorth as trouxe. Este lugar é o melhor para a defesa. Já é quase nosso, de qualquer jeito — acrescentou.

— Quantos guarda-costas você tem?

— Vinte. São rapazes do Gorth. São capazes, cada um, de derrubar cem chineses.

— Eu tenho trinta, contando os portugueses.

— Esqueça os portugueses. É melhor nós sozinhos. — Brock limpou a boca e partiu em dois um pequeno pão, passando nele, em seguida, manteiga e marmelada.

— Você não pode defender a Colônia, Brock — disse Cooper.

— Podemos defender esta feitoria, rapaz. Não se preocupe conosco. Você e o resto dos americanos vão se entocar na sua. Eles não vão tocar em vocês... é atrás de nós que estão.

— Sim — disse Struan. — E vamos precisar de vocês para vigiar nosso comércio, se tivermos de partir.

— Essa é outra razão que me fez vir aqui, Dirk. Queria falar francamente sobre o comércio e sobre Cooper-Tillman. Fiz uma proposta que foi aceita.

— A proposta foi aceita a depender o fato de Struan e Companhia não poderem cumprir acertos anteriores -— disse Cooper. — Vamos dar a você trinta dias, Dirk. Depois dos trinta dias...

— Obrigado, Jeff. É generoso de sua parte.

— Isso é estúpido, rapaz. Mas eu não me incomodo quanto à ocasião. Sou generoso também com seu tempo. Mais cinco dias, Dirk, hein? Struan virou-se para Mauss.

— Volte para a Co-hong e descubra o que puder. Tenha cuidado e leve um dos meus homens.

— Não preciso de um homem comigo. — Mauss arrancou o corpanzil da cadeira e partiu.

— Nós vamos realizar o conselho no andar de baixo — disse Struan.

— Ótimo. Talvez todos devam vir para cá. Haverá espaço suficiente.

— Isso nos denunciaria. É melhor nos prepararmos e esperarmos. Talvez seja apenas um truque.

— Você tem razão, rapaz. Estamos em segurança até os criados desaparecerem. Vamos, Gorth. Conferência dentro de uma hora? No andar de baixo?

— Sim.

Brock e Gorth partiram. Cooper rompeu o silêncio.

— O que significa tudo isso?

— Acho que é um plano de Ti-sen para nos deixar nervosos. A fim de nos preparar para algumas concessões que ele deseja. — Struan pôs a mão no ombro de Cooper. — Obrigado pelos trinta dias. Eu não vou esquecer.

— Moisés teve quarenta dias. Achei que trinta seriam adequados para você.

***

A conferência foi barulhenta e todos estavam irados, mas Brock e Struan dominaram as conversações.

Todos os negociantes — com exceção dos americanos — estavam no grande salão nobre que Struan usava como seu escritório particular. Barriletes de conhaque, uísque, rum e cerveja enfileiravam-se numa das paredes. Havia prateleiras com livros e volumes de escrituração na outra. Pinturas de Quance enchiam as paredes — paisagens de Macau, retratos e navios. Arcas com tampo de vidro, contendo canecas de estanho e canecões de prata. E armeiros com espadas e mosquetes, pólvora e balas.

— Não é nada, garanto a vocês — Masterson disse, bufando. Era um homem com

o rosto vermelho e papada, no início da casa dos trinta, diretor da firma de Masterson, Roach e Roach. Ele estava vestido como os outros homens — casaco de marinheiro de tecido de lã inglês, colete resplandecente e cartola de feltro.

— Os chineses jamais molestaram a Colônia, desde sua criação, por Deus.

— Sim. Mas isso foi antes de entrarmos em guerra com eles e ganharmos. — Struan queria que todos chegassem a um acordo e fossem embora. Segurava um lenço perfumado contra o nariz, para se proteger do fedor rançoso de seus corpos.

— Eu digo, vamos arrancar da praça os malditos bandeireiros agora mesmo — disse Gorth, tornando a encher seu canecão de cerveja.

— Vamos fazer isso, se for necessário — Brock cuspiu na escarradeira de estanho.

— Estou cansado de toda essa conversa. Agora, vamos concordar com o plano de Dirk, ou não? Ele olhou fixamente em torno do salão. A maioria dos negociantes devolveu o olhar. Havia quarenta ali reunidos — ingleses e escoceses, com exceção de Eliksen, o Dinamarquês, que era agente comercial de uma firma londrina, e um corpulento parse, com um traje flutuante. Rumajee, da Índia. MacDonald, Kerney, Maltby, de Glasgow, e Messer, Vivien, Tobe, Smith, de Londres, eram os principais negociantes, todos homens rijos, com uma dureza de carvalho, na casa dos trinta.

— Estou farejando problemas, senhor — disse Rumajee, e puxou seu grande bigode. — Aconselho uma retirada imediata.

— Pelo amor de Deus, o ponto central de todo o plano, Rumajee, é não nos retirarmos — disse Roach, causticamente. — Só nos retiraremos se necessário. Eu voto a favor do plano. E concordo com o Sr. Brock. Chega dessa maldita conversa, estou cansado. Retirar-se diante de pagãos? Nunca, por Deus.

O plano de Struan era simples. Eles esperariam em suas próprias feitorias; se começassem perturbações, a um sinal de Struan convergiriam para sua feitoria, sob fogo de cobertura de seus homens, se necessário.

— Posso sugerir algo, Sr. Struan? — perguntou Eliksen. Struan fez um aceno afirmativo de cabeça para o homem alto, de cabelos claros e taciturno.

— Claro.

— Talvez um de nós deva apresentar-se como voluntário para levar a notícia a Whampoa. De lá uma *lorcha* veloz pode ir procurar a armada, em Hong Kong. Só para o caso de eles nos cercarem e nos isolarem, como antes.

— Boa idéia — disse Vivien. Ele era alto, pálido e estava muito embriagado. — Vamos todos nos apresentar como voluntários. Posso tomar um uísque? Esse é um bom sujeito.

Então, de imediato, todos começaram a falar outra vez e a discutir sobre quem deveria apresentar-se como voluntário, e afinal Struan os pacificou.

— Foi sugestão do Sr. Eliksen. Se ele pensou nisso, por que não o deixar ter essa honra?

Eles se reuniram no jardim e espiaram quando Struan e Brock escoltaram Eliksen através da praça, até à *lorcha* que Struan colocara à sua disposição. Os bandeireiros não lhes prestaram a menor atenção, limitando-se a apontar e fazer troça.

A *lorcha* seguiu pelo rio.

— Talvez nós não tornemos a vê-lo — disse Brock.

— Não acredito que vão tocar nele, senão não o deixaria nunca partir. Brock resmungou.

— Para um estrangeiro, ele não é um mau sujeito. — Voltou com Gorth para sua própria feitoria. Os outros negociantes seguiram para as suas. Quando Struan ficou satisfeito com a disposição da guarda armada no jardim, e diante da porta dos fundos, que dava para a Rua Hog, voltou para sua suíte. May-may fora embora. E *Ah Gip*.

— Onde está a senhora?

— *Num sei, sinhô. Num vi mais vaca cria.* Ele procurou por todo o prédio, mas elas haviam desaparecido. Era quase como se jamais tivessem estado ali.

CAPÍTULO CINCO

Struan estava no jardim. Era pouco antes da meia-noite. Havia uma estranha quietude no ar. Ele sabia que a maioria dos negociantes devia estar dormindo vestida, e com as armas ao lado. Espiou, através do portão, os bandeireiros. Alguns dormiam, outros tagarelavam por sobre uma fogueira que haviam feito na praça. A noite estava fria. Havia pouco movimento no rio.

Struan saiu do portão e perambulou, pensativo, pelo jardim. Onde diabo estaria May-may? Sabia que ela não deixaria a Colônia sem motivo. Talvez tivesse sido atraída para isso. Talvez — ah, sangue de Cristo, isso não era maneira de pensar. Mas ele sabia que o mais rico senhor da China não hesitaria em tomá-la — pela força, se necessário — assim que a visse.

Uma sombra pulou por sobre o muro lateral e a faca de Struan, instantaneamente, estava em sua mão.

Era um chinês que, tremulamente, estendeu um pedaço de papel. Era um homem de baixa estatura, esbelto, com os dentes quebrados, o rosto esticado e amarelado pelo ópio. Impresso no papel, estava o carimbo de Jin-qua, um selo particular usado apenas em contratos e documentos especiais.

— *Sinhô* — disse o chinês baixinho. — Ninguém segue *sinhô.* Sozinho.

Struan hesitou. Era perigoso deixar a proteção da Colônia e de seus homens. Temeridade.

— Não poder. Jin-qua pode aqui vir.

— Não poder. Sem ninguém seguir. — O chinês apontou o selo. — Jin-qua quer ver, *diplessa, diplessa.*

— Amanhã — disse Struan. O chinês abanou a cabeça.

— *Agola. Diplessa, diplessa,* sabe.

Struan pensou que, possivelmente, o selo de Jin-qua caíra em outras mãos e isto poderia muito bem ser uma armadilha. Mas ele não ousava levar Mauss ou qualquer de seus homens, porque o encontro poderia ser muito secreto. E quanto antes melhor. Estudou o papel sob a lanterna e se certificou inteiramente de que o carimbo estava correto.

Fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Pode.

O chinês seguiu na frente até o muro lateral e escalou-o. Struan seguiu-o, pronto para uma traição. O chinês andou apressadamente ao longo da parede lateral da feitoria, e dobrou na Rua Hog. Inacreditavelmente, a rua estava deserta. Mas Struan sentia olhos observando-o.

No final da Rua Hog, o chinês virou em direção leste. Havia duas liteiras, com cortinas, à espera. Os cules das liteiras estavam aterrorizados. O seu terror se intensificou quando viram Struan**.**

Struan entrou numa das liteiras, o chinês na outra. Imediatamente, os cules

ergueram as cadeiras e seguiram a galope pela Rua da Décima Terceira Feitoria. Viraram em direção sul, por estreitas e desertas passagens entre edifícios, desconhecidos para Struan. Logo ele havia perdido todo o sentido de direção. Recostou-se e amaldiçoou sua estupidez, ao mesmo tempo exultando com a expectativa do perigo. Finalmente, os cules pararam numa suja viela de altos muros, cheia de lixo apodrecido. Um cão sarnento banqueteava-se.

O chinês deu aos cules algum dinheiro e, quando eles já se haviam evaporado na escuridão, bateu numa porta. Ela se abriu e ele se afastou lateralmente, para que Struan entrasse, Struan fez-lhe sinal para ir primeiro e depois, cautelosamente, seguiu-o até um rançoso estábulo, onde outro chinês estava à espera, com uma lanterna. Este homem virou-se e caminhou silenciosamente através do estábulo, passando por outra porta, sem olhar para trás. Agora, seguiam através de um grande armazém e, em seguida, subiram vacilantes escadas e desceram outras, indo dar em novo armazém. Ratos corriam pela escuridão.

Struan sabia que estavam em alguma parte próxima ao rio, porque ouvia um ruído de água batendo e cordas rangendo. Estava pronto para uma briga a qualquer momento, e tinha o cabo da faca dentro da mão fechada, enquanto a lâmina estava escondida em sua manga.

O homem com a lanterna mergulhou sob uma ponte de caixotes de embalagem e foi seguindo até outra porta, meio escondida. Bateu, e então abriram.

— Olá, Tai-Pan — disse Jin-qua. — Fazia tempo que nós *num si via.* Struan entrou na sala. Era outro armazém cheio de sujeira, fracamente iluminado por velas e cheio de caixotes de embalagem e redes de pescar emboloradas.

— Olá, Jin-qua — disse ele, aliviado. — *Num si via* faz tempo.

Jin-qua era velho, frágil, pequeno. Sua pele era como pergaminho. Mechas finas de barba grisalha caíam-lhe sobre o peito. Sua roupa era de um rico brocado e o chapéu tinha jóias. Usava sapatos bordados, de grossas solas, e seu rabicho era longo e brilhante. As unhas de seus pequenos dedos estavam protegidas por

lâminas cravejadas de pedras preciosas.

Jin-qua fez um sinal afirmativo com a cabeça, todo satisfeito, e se encaminhou para um canto do armazém, sentando-se a uma mesa posta, com comida e chá.

Struan sentou-se diante dele, de costas para a parede. Jin-qua sorriu. Tinha apenas três dentes. Eram cobertos de ouro. Jin-qua disse alguma coisa em chinês ao homem que trouxera Struan, e ele saiu por outra porta.

— Chá? — perguntou Jin-qua.

— Sim.

Jin-qua fez um sinal com a cabeça ao criado que carregara a lanterna e ele despejou o chá e serviu Jin-qua e Struan de alguma comida. Depois, foi para um lado e ficou observando Jin-qua. Struan notou que o homem era musculoso e estava armado, com uma faca ao cinto.

— *Favo* — disse Jin-qua, fazendo sinal a Struan para que se servisse.

— Obrigado.

Struan beliscou a comida e bebeu um pouco de chá, ficando à espera. Era preciso deixar Jin-qua fazer a primeira abertura. Depois de comerem em silêncio, Jin-qua disse:

— *Quelia mi vê*?

— Jin-qua fez bom negócio em Cantão?

— Negócio bom e ruim ao mesmo tempo, não se incomode.

— Comércio parou agora?

— *Palou agola. Hoppo mandalim muito ruim. Soldados muitos, muitos. Meu lucro tem glandes impostos pala soldados. Ayeeee yah!*

— Ruim.

Struan bebia seu chá! É agora ou nunca, ele disse a si próprio. E, agora que o momento certo, afinal, chegara, sabia que jamais poderia entregar Hong Kong. Maldito mandarim! Enquanto eu estiver vivo, não haverá nem um maldito mandarim em Hong Kong. Terá de ser Brock. Mas o assassinato não é maneira de resolver a bancarrota. Então, Brock está salvo porque todos esperam que eu solucione o problema dessa maneira. Mas *estará* mesmo salvo? Onde diabo se encontrará May-may?

— Ouvi dizer que Brock, o Demônio de Um Olho Só, botou o Tai-Pan com a corda no pescoço.

— Ouvi dizer que o Demônio Hoppo botou a Co-hong com a corda no pescoço — disse Struan. Agora que decidira não fazer um acordo, sentia-se muito melhor. — *Ayeeee yah!*

— Tudo mesma coisa. *Mandalim* Ti-sen tem raiva.

— Por quê?

— *Sinhô* “Pênis odioso” *escleveu calta* muito ruim.

— O chá está excelente.

— *Sinhô* “Pênis odioso” faz o que Tai-Pan diz, não é?

— Às vezes.

— É ruim quando Ti-sen tem raiva.

— É ruim quando *Sinhô* Longstaff tem raiva.

— *Ayeeee yah.* — Jin-qua, fastidiosamente, pegou alguma comida e a comeu, com os olhos estreitando-se ainda mais. — Sabe Kung Hay Fat Choy?

— O Ano-Novo chinês? Sim.

— Ano-Novo começa logo. Co-hong tem dívidas *glandes* de anos antigos. Bom *pagode* começa Ano-Novo quando não tem dívidas. Tai-Pan tem muito papel da Co-hong.

— Não se incomode. Pode *espelá.* — Jin-qua e os outros mercadores da Co-hong deviam a Struan seiscentos mil.

— Demônio de Um Olho Só pode *espelá?*

— Papel de Jin-qua pode *espelá.* Terminado. Comida muito boa.

— Muito ruim. — Jin-qua bebia seu chá. — Ouvi dizer que Suprema Senhora e filhos de Tai-Pan mortos. Mau *pagode,* sinto.

— Mau *pagode,* muito.

— Não se incomode. — Muito jovem, tem muitas outras jovens. Sua jovem

May-may. Por que Tai-Pan tem só um filho homem? Tai-Pan deve tomar remédio, talvez. Precisa.

— Quando quiser, eu peço. — Struan disse, afavelmente. — Ouvi dizer que Jin-qua tem novo filho homem. Que número é esse filho?

— Dez e sete — disse Jin-qua, radiante.

Deus do céu, Struan pensou, dezessete filhos — e provavelmente o mesmo número de filhas, que Jin-qua não conta. Ele curvou a cabeça e assobiou, apreciativamente. Jin-qua riu.

— Quanto chá quer esta temporada?

— Comércio parou. Como pode negociar? — Jin-qua piscou.

— Pode.

— Não sei. Venda a Brock. Quando eu querer chá eu pedir, está bem?

— Preciso saber em dois dias.

— Não pode.

Jin-qua disse alguma coisa, rudemente, a seu criado, que foi até um dos caixotes de embalagem embolorados e tirou a tampa. Estava cheio de barras de prata. Jin-qua apontou para os outros caixotes de embalagem.

— Aqui tem quarenta dólares *laque* (*Cem mil rúpias – N. Do T.*).

Um *laque* representava aproximadamente vinte cinco mil libras esterlinas. Quarenta *laques* eram um milhão de esterlinas. Os olhos de Jin-qua estreitaram-se ainda mais.

— Eu tomei emprestado. Muito difícil. Muito caro. Quer? Jin-qua empresta, talvez.

Struan tentou esconder seu choque. Sabia que haveria algum acordo difícil, vinculado a qualquer empréstimo. Sabia que Jin-qua devia ter arriscado sua vida, sua alma, sua casa, seu futuro e o de seus amigos e filhos, para reunir tanto dinheiro secretamente. O dinheiro tinha de ser secreto, senão o Hoppo o roubaria e Jin-qua, simplesmente, teria desaparecido. Se chegasse aos ouvidos dos piratas e bandidos, cujos refúgios abundavam dentro de Cantão ou nas imediações, a notícia de que havia até uma centésima parte de um tesouro assim nas proximidades, Jin-qua teria sido eliminado.

— São muitos *laques* de dólar — disse Struan. — Homem que recebe favor deve retribuir favor.

— Compre este ano duplo do chá ano passado, mesmo preço ano passado, pode?

— Pode.

— Venda duplo do ópio este ano mesmo preço ano passado Pode?

— Pode.

Struan pagaria pelo chá acima do preço do mercado e teria de vender o ópio a menos do que o preço atual, mas ainda teria um grande lucro. Se as outras condições forem possíveis, ele lembrou a si próprio. Talvez não estivesse liquidado, afinal de contas. Se Jin-qua não quisesse o mandarim. Struan rezou silenciosamente para que um mandarim não fizesse parte do acordo. Mas ele sabia que, se não houvesse mandarim em Hong Kong, não poderia haver Co-

hong. E, se não houvesse Co-hong e nem monopólio, Jin-qua e os demais estariam fora do comércio. Eles também precisavam do sistema.

— Só compre a Jin-qua ou ao filho de Jin-qua, dez anos. Pode?

Meu Deus, pensou Struan, se eu lhe der um monopólio sobre nossa casa, ele poderá nos apertar à vontade.

— Pode... se o preço do chá e o preço da seda forem os mesmos do resto da Co-hong.

— Vinte por ano. Preço do mercado mais dez por cento.

— Mais cinco por cento... acrescente cinco por cento. Pode.

— Oito.

— Cinco.

— Sete.

— Não pode. Não dá lucro. É demais — disse Struan.

— *Ayeeee yah.* É muito, muito lucro. Sete!

— Dez anos, seis por cento... dez anos, cinco por cento.

— *Ayeeee yah* — Jin-qua respondeu, acaloradamente. — Ruim, muito ruim. — Ele acenou a frágil mão em direção às arcas. — Grande custo! Grande juro. É muito. Dez anos seis, dez anos cinco, acrescente mais dez anos cinco.

Struan ficou imaginando se a raiva era real ou fingida.

— Suponha nenhum Jin-qua, nenhum filho de Jin-qua?

— Muito filho... muito filho de filho. Pode?

— Mais dez anos, acrescente quatro por cento.

— Cinco.

— Quatro.

— Ruim, ruim. Juro muito alto, muito. Cinco.

Struan manteve os olhos afastados das barras, mas sentia que o cercavam. Não seja tolo. Aceite. Concorde com tudo. Você está salvo, rapazinho. Você tem tudo.

— Mandarim Ti-sen diz um mandarim Hong Kong — disse Jin-qua, bruscamente. — Por que você diz não? — Jin-qua não gosta mandarim, hein? Por que eu gostar de mandarim, hein? — Struan respondeu, com um bolo no estômago.

— Quarenta *laques* de dólar, um mandarim. Pode?

— Não pode.

— É fácil. Por que você diz não pode? Pode.

— Não pode. — Os olhos de Struan não vacilaram nunca. — Mandarim não pode.

— Quarenta *laques* de dólar. Um mandarim. Barato.

— Quarenta vezes dez *laques* de dólar e não pode. Morrer primeiro. — Struan decidiu encerrar a barganha. — Acabou. — Ele disse, abruptamente. — Por meus pais, acabou. — Ele se levantou e caminhou para a porta.

— Por que ir? — perguntou Jin-qua.

— Nenhum mandarim... nenhum dólar. Para que conversar, hein?

Para espanto de Struan, Jin-qua riu e disse:

— Ti-sen quer mandarim. Jin-qua não empresta dinheiro de Ti-sen. Jin-qua empresta dinheiro de Jin-qua. Acrescente mais dez anos cinco por cento. Pode?

— Pode. — Struan sentou-se outra vez, tonto.

— Cinco *laques* de dólar compram para Jin-qua terra em Hong Kong. Pode?

— Por quê? — perguntou Struan a si próprio, desamparadamente. Se Jin-qua me emprestar o dinheiro, ele deve saber que a Co-hong está liquidada. Por que ele iria destruir a si mesmo? Por que comprar terra em Hong Kong?

— Pode? — Jin-qua disse outra vez.

— Pode.

— Cinco *laques* de dólar ficam seguros.

Jin-qua abriu uma pequena caixa de teca e tirou dois carimbos. Os carimbos

eram pequenos bastões quadrados de marfim, com duas polegadas de comprimento. O velho juntou-os habilmente e mergulhou-lhes as extremidades, que tinham elaborados entalhes, na grossa tinta. Imprimiu um carimbo numa folha de papel. Jin-qua deu a Struan um dos carimbos e colocou o outro de volta na caixa.

— Homem *levá* este pedaço de carimbo *dá* terra e dólar, cinco *laques*, está bem?

— Está bem.

— Seu filho homem Gordon Chen. Bom? Ruim, talvez?

— Bom filho. Chen Sheng diz que ele tem muitos pensamentos bons: — Obviamente, supunha-se que Struan fizesse alguma coisa por Gordon Chen. Mas por que, e como, Gordon Chen entrava nas maquinações de Jin-qua? — Penso dar Gordon talvez emprego melhor.

— Para que emprego melhor? — disse Jin-qua com desprezo. — Pense em emprestar um *laque* de dólar ao filho Chen.

— Com que juro?

— Metade do lucro.

Lucro em quê? Struan sentiu que Jin-qua estava brincando com ele, como se fosse um peixe. Mas você está fora do anzol, rapazinho, ele teve vontade de gritar. Vai conseguir o dinheiro sem o mandarim.

— Pode.

Jin-qua suspirou e Struan supôs que o acordo estava concluído. Mas não estava.

Jin-qua pôs a mão no bolso de sua manga e tirou oito meias moedas e colocou-as sobre a mesa. Cada uma das quatro moedas fora toscamente partida em duas. Com um de seus protetores de unhas, Jin-qua empurrou metade de cada moeda através da mesa.

— Final. Quatro favores. Homem leva uma dessas, você faz favor.

— Que favor?

Jin-qua recostou-se em sua cadeira.

— Não sei, Tai-Pan — disse ele. — Quatro favores, em alguma ocasião. Não minha vida talvez, filho talvez. Não sei quando, mas peço quatro favores. Metade de cada moeda, um favor. Pode?

Struan sentia os ombros molhados por um suor frio. Concordar com um pedido assim era um convite aberto ao desastre. Mas, se recusasse, o dinheiro estava perdido para ele. Você colocou sua cabeça numa armadilha diabólica, ele disse a si mesmo. *Aye,* mas decida. Quer o futuro ou não? Você conhece Jin-qua há vinte anos. Ele sempre foi correto. *Aye,* e o homem mais astuto de Cantão. Por vinte anos, ele o ajudou e guiou — e juntos vocês conquistaram cada vez mais poder e riqueza. Então, confie nele; você pode confiar nele. Não, você não pode confiar em homem nenhum, e muito menos em Jin-qua. Você prosperou com ele apenas porque sempre guardou a cartada final. Agora, pedem-lhe para dar a Jin-qua quatro coringas, em seu baralho de vida ou morte.

Mais uma vez, Struan ficou aterrorizado diante da sutileza e da esperteza diabólica de uma mente chinesa. Diante de sua majestade. Da crueldade. Mas então, disse Struan a si mesmo, eles estavam ambos jogando com apostas altas. Ambos jogando com a honestidade um do outro, porque nada havia para garantir que os favores seriam feitos.

Exceto que você os fará e deve fazê-los, porque um trato é um trato.

— Pode — disse ele, estendendo a mão. — Meu costume, apertar mão. Não é costume chinês, não se incomode. — Jamais apertara a mão de Jin-qua antes, e sabia que o aperto de mão era considerado uma coisa bárbara. Jin-qua disse: — Favor talvez contra lei. Minha, sua, entendido?

— Entendido. Você amigo. Você ou seu filho não mandam moeda pedir mau favor.

Jin-qua fechou os olhos por um momento, e pensou a respeito dos bárbaros europeus. Eles eram cabeludos feito macacos. Suas maneiras eram repulsivas e feias. Fediam inacreditavelmente. Não tinham nenhuma cultura, nem maneira, nem graça. Mesmo o mais ínfimo *cule* era dez mil vezes melhor do que o melhor europeu. E o que se aplicava aos homens aplicava-se ainda mais às mulheres.

Ele lembrou-se de sua única visita à prostituta inglesa, que falava inglês, de Macau. Ele a visitara mais por curiosidade do que por satisfação, encorajado por seus amigos, que diziam ser uma experiência inesquecível, pois não havia refinamento que ela não praticasse diligentemente, se encorajada.

Ele estremeceu ao pensar em seus braços cabeludos e em seus sovacos cabeludos, nas pernas e no sexo cabeludos, na aspereza de sua pele e do resto e no fedor de suor misturado com o sujo perfume.

E a comida que os bárbaros comem — horrorosa. Ele estivera em seus jantares muitas vezes e tivera de ficar sentado, enquanto eram servidos os vários pratos, quase desmaiando de nojo e fingindo não estar com fome. Observando, horrorizado, as estupendas quantidades de carne meio crua que eles enfiavam na boca, após cortar, com o caldo sanguinolento escorregando-lhes pelo queixo. E as quantidades de bebidas enlouquecedoras que eles tomavam em grandes goles. E seus repugnantes vegetais cozidos, sem gosto. E as indigestas empadas duras. Tudo em quantidades monstruosas. Como porcos — como suados e glutões demônios gargantuescos. Inacreditável!

Não têm nenhuma qualidade que possa recomendá-los, pensou. Exceto sua

tendência a matar, e isto eles podem fazer com incrível brutalidade, embora sem o menor refinamento. Pelo menos, são o meio que temos para ganhar dinheiro.

Os bárbaros são o Mal personificado. Todos, com exceção deste homem — este Dirk Struan. Antigamente, Struan era como os outros bárbaros. Agora, ele é parcialmente chinês. Em sua mente. A mente é importante, pois ser chinês é, em parte, uma atitude mental. E ele é limpo e cheira a asseio. E aprendeu algumas de nossas maneiras. Ainda é violento, bárbaro, um assassino. Mas está um pouco mudado. E, se um bárbaro pode ser transformado numa pessoa civilizada, por que isto também não poderá acontecer com muitos?

Seu plano é sábio, Jin-qua disse a si próprio. Abriu os olhos, estendeu a mão e delicadamente tocou a de Struan.

— Amigo.

Jin-qua fez sinal ao criado para servir chá.— Meus homens levam barras para sua feitoria. Dois dias. Noite. Muito segredo. — Jin-qua disse. — Muito perigo, entende? Muito, muito.

— Entendo. Dou papel e carimbo meu pelas barras. Mande amanhã.

— Nenhum carimbo, nenhum papel. Palavra melhor, hein? Struan fez um aceno afirmativo com a cabeça. Como seria possível explicar — digamos, para Culum — que Jin-qua lhe dera um milhão em prata e um acordo justo, sabendo que poderia pedir quaisquer condições, que lhe dará todo o necessário, com um aperto de mão?

— Três vezes dez dólares *laque* paga Jin-qua, dívidas da Co-hong. Agora ano novo, nenhuma dívida. Bom *pagode* — disse Jin-qua orgulhosamente.

— Sim — disse Struan. — Bom *pagode* para mim.

— Muito *peligo,* Tai-Pan. Não pode *ajudá.*

— Sim.

— Muito, muito *peligo.* Deve esperar duas noites.

— *Ayeeee yah* perigo! — disse Struan. Ele pegou as quatro metades das moedas.

— Obrigado, Chen-tsé Jin Arn. Muito obrigado.

— Não *agladece,* Dirk Struan. Amigo.

De repente, o homem que guiara Struan até Jin-qua apareceu correndo. Ele falou com urgência a Jin-qua, que se virou para Struan, assustado.

— *Cliados folam embola! Folam embola da Colônia. Todos folam!*

CAPÍTULO SEIS

Struan sentou-se na liteira e ficou a se balançar, descontraidamente, ao sabor de suas oscilações, enquanto os *cules* que a carregavam iam trotando pelas vielas silenciosas. O interior do compartimento, fechado com cortinas, estava encardido e com manchas de suor. De vez em quando, ele espiava as vielas através das janelas laterais, que eram simples aberturas vedadas pelas cortinas. Não conseguia ver o céu, mas sabia que o amanhecer estava próximo. O vento carregava o fedor de frutas podres, de fezes, lixo, de cozinha e de temperos e, misturado com ele, o cheiro do suor dos cules.

Ele elaborara com Jin-qua um plano seguro para fazer as barras de ouro chegarem a Hong Kong. Combinara que Jin-qua as colocaria, em seus engradados, numa *lorcha* armada. Em duas noites, a *lorcha* deveria ser levada secretamente às docas da Colônia. Exatamente à meia-noite. Se isto não fosse possível, a *lorcha* deveria ser deixada perto da extremidade sul do cais, com uma lanterna no mastro dianteiro e outra na proa. Para garantir que não haveria erro, Jin-qua dissera que, como sinal, pintaria o olho do lado esquerdo da *lorcha* de vermelho. Toda *lorcha* tinha dois olhos entalhados na teca de suas proas. Os olhos eram para dar *pagode* e também para ajudar a alma do barco a ver em frente. Os chineses achavam que era essencial um barco ter olhos, para enxergar com eles.

Mas, por que Jin-qua me deixou ter Hong Kong segura? — perguntou a si mesmo. Certamente, Jin-qua deve perceber a importância de um mandarim. E por que desejará um filho educado em Londres? Será que Jin-qua, entre todos os chineses que conhecia, era o único com uma visão tão ampla a ponto de entender que, a longo prazo, haveria uma ligação permanente entre os destinos da China e os destinos da Grã-Bretanha?

Ele ouviu cachorros latindo e, através das cortinas, viu-os atacarem as pernas do

cule da frente. Mas o cule, que carregava a lanterna adiante da liteira, correu para trás e, com uma habilidade advinda da prática, furou os cães com sua vara de ponta de ferro. Os cachorros fugiram correndo, a ganir, para dentro da escuridão.

Então Struan notou um grupo de bandeireiros desmontados — talvez cem deles — sentados num cruzamento distante. Estavam armados e tinham lanternas. Permaneciam agourentamente quietos. Vários dos homens levantaram-se e começaram a caminhar em direção à liteira. Os cules desviaram-se por uma viela, fazendo Struan sentir um grande alívio. Agora, tudo que você tem de fazer, rapazinho, ele disse a si próprio, é garantir a chegada das barras de prata a Hong Kong em segurança. Ou a Whampoa, de onde você pode transferi-las para o *China Cloud.* Mas até estarem em segurança a bordo, você não está seguro, rapazinho.

A liteira deu uma guinada, quando um cule quase tropeçou num dos buracos que pontilhavam o leito da estrada. Struan balançou-se dentro do espaço confinado, tentando segurar-se. Mais tarde viu mastros de navios, meio escondidos por choupanas. Em frente, não havia ainda nada reconhecível. A cadeira virou numa esquina, encaminhando-se em direção ao rio, depois cruzou uma estreita viela e entrou em outra. Afinal, mais adiante, por sobre as coberturas das choupanas, ele descortinou parte das edificações da Colônia, banhadas pelo luar.

Abruptamente, a liteira parou e foi posta no chão, atirando Struan para um lado. Ele abriu bruscamente as cortinas e saltou, com a faca na mão, justamente quando três lanças atravessavam os frágeis lados da cadeira.

Os três lanceiros tentavam desesperadamente libertar suas armas, quando Struan se atirou sobre o mais próximo, enfiou sua faca entre as costelas do homem e rodopiou, enquanto outro o atacava com um machado militar de lâmina dupla. A lâmina do machado cortou-lhe o ombro e ele fez uma careta de dor, mas desviou-se para um lado e lutou com o homem pela posse do machado. Arrancou-o da mão do homem e ele gritou, quando uma lança dirigida contra Struan espetou-o. Struan encostou-se à parede. O lanceiro restante cercou-o, arquejando e a praguejar. Struan negaceou e investiu contra ele com o machado, mas não acertou o alvo e o homem arremeteu. Sua lança furou o casaco de Struan, mas Struan rasgou-o, libertando-se, e enterrou sua faca até o cabo no

estômago do homem e a torceu, estripando-o.

Struan pulou por sobre os corpos, mantendo as costas protegidas contra a parede, e ficou esperando. O homem que ele esfaqueara estava gemendo. Outro permanecia inerte. O que ele estripara, estava segurando o estômago e rastejava para mais longe.

Struan esperou um instante, recobrando as forças, e então uma flecha bateu no muro acima de sua cabeça. Ele pegou uma das lanças e desceu correndo a viela, em direção à Colônia. Ouviu ruídos de passos atrás dele, e correu mais depressa. Ao virar na esquina, viu que a Rua da Décima Terceira Feitoria estava logo adiante. Jogou fora a lança e ziguezagueou pela rua, entrando na Rua Hog, que percorreu até à praça, mais cheia de bandeireiros do que antes.

Antes que os bandeireiros pudessem interceptá-lo, cruzou o portão do jardim. Um mosquete deu-lhe uma pancada no estômago.

— Ah, é você, Dirk — disse Brock. — Onde diabo você estava?

— Fora. — Struan arquejava, procurando recuperar o fôlego. — Pelo sangue de Cristo, fui atacado por malditos salteadores de estrada.

— Esse sangue é seu, ou deles?

À luz de lanterna, Struan rasgou o casaco e a camisa, descobrindo o ombro ferido. O corte era nítido e raso, através do músculo do ombro.— Uma mordida de inseto — zombou Brock. Ele pegou uma garrafa de rum e derramou um pouco na ferida, sorrindo quando Struan piscou. Quantos eram?

— Três.

— E você deixou cortarem seu ombro? Está ficando velho! — Brock encheu

dois copos de rum. Struan bebeu e se sentiu melhor.

— Pensei que você estava dormindo. Sua porta estava trancada. Para onde foi?

— O que está acontecendo aqui?

— Os criados sumiram há cerca de uma hora. É isso. Achei melhor não trazer todo mundo para cá antes do amanhecer. Quase meia centena de armas de fogo estavam cobrindo você, enquanto corria.

— Então, por que diabo enfiar um mosquete em minha barriga?

— Só queria lhe dar uma boa acolhida. — Brock tomou uns goles de rum. — Só queria que você soubesse que estávamos acordados.

— Alguém sabe por que os criados foram embora?

— Não. — Brock se aproximou do portão. Os bandeireiros se preparavam para voltar a dormir. Um nervoso amanhecer hesitava no horizonte. — O negócio parece muito ruim — disse ele, com o rosto sombrio. — Não gosto disso aqui nem um pouquinho. Esses filhos da mãe não fazem nada, mas ficam ali sentados e, de vez em quando, batem seus tambores. Acho melhor nos retirarmos, enquanto ainda podemos.

— Estamos seguros por uns poucos dias. Brock abanou a cabeça.

— Tenho um mau pressentimento. Alguma coisa está completamente errada. Melhor a gente ir embora.

— É uma manobra, Brock. — Struan arrancou um pedaço da camisa e enxugou com ele o suor do rosto.

— Talvez. Mas tenho esse pressentimento e, quando eu tenho um pressentimento assim, é melhor dar o fora. — Brock apontou com o polegar os bandeireiros. — Nós os contamos. Cento e cinqüenta. How-qua disse que deve ter mais uns mil, espalhados em torno da Colônia.

— Eu vi talvez duzentos ou trezentos. A leste.

— Onde você esteve?

— Fora. — Struan teve a tentação de contar a ele. Mas isso não vai ajudar, pensou. Brock fará tudo a seu alcance para impedir as barras de chegarem em segurança. E, sem as barras, você está mais morto do que nunca. — Tem uma garota ali do outro lado — ele disse em tom petulante.

— Maldita seja uma garota! Não pensei que você fosse tão estúpido a ponto de sair por causa de alguma putinha. — Brock puxou a barba, mal-humorado. — Pode me substituir, dentro de uma hora?

— Sim.

— Ao meio-dia, vamos embora.

— Não.

— Ao meio-dia, estou dizendo.

— Não.

Brock franziu a testa.

— O que está segurando você aqui?

— Se sairmos antes de haver algum problema concreto, perdemos muito prestígio.

— Sim, eu sei. Não me agrada fugir. Mas alguma coisa me diz que é melhor.

— Vamos esperar alguns dias.

Brock estava cheio de suspeitas.

— Você sabe que eu nunca me enganei a respeito da hora de fugir. Por que quer ficar?

— É apenas mais um dos velhos truques de Ti-sen. Desta vez, você está errado. Venho substituir você dentro de uma hora — disse Struan, e foi para dentro.

Ora, em que Dirk estará metido? Brock ficou matutando. Ele pigarreou alto, odiando o fedor de perigo que parecia vir da noite agonizante.

***

Struan subiu a escadaria de mármore até seus aposentos. As paredes estavam cheias de pinturas de Quance e rolos de seda chineses. Nos patamares, havia gigantescos dragões Ming em teca e arcas de teca. Os corredores que começavam no primeiro patamar tinham pinturas de navios e batalhas navais e, sobre um pedestal, estava um modelo bem proporcionado do *H.M.S. Victory.* Struan encontrou trancada a sua porta.

— Abram a porta — disse ele, e esperou. Ah Gip conduziu-o para dentro.

— Onde diabo esteve você, May-may? — disse ele, tentando não demonstrar seu alívio.

Ela estava em pé, nas sombras próximas à janela. Falou com Ah Gip e depois fezlhe sinal para sair. Struan aferrolhou a porta.

— Onde diabo estava você?

Ela se movimentou para a luz da lanterna e ele ficou chocado com a sua palidez.

— O que há de errado?

— Há muitos boatos, Tai-Pan. Dizem que todos os bárbaros vão ser mortos a espada.

— Não há nenhuma novidade nisso. Onde você esteve?

— Os bandeireiros são uma novidade. Há rumores de que Ti-sen caiu em desgraça. De que ele foi condenado à morte.

— Isso é tolice. Ele é primo do imperador e o segundo homem mais rico da China.

— Dizem os boatos que o imperador ficou tão aborrecido, porque Ti-sen fez um tratado, que Ti-sen vai ser torturado publicamente.

— Isso é loucura. — Struan ficou em pé junto ao fogo e tirou o casaco e a

camisa.

— Onde você esteve?

— O que aconteceu com você? — ela exclamou, vendo o corte.

— Fui atacado por salteadores de estrada.

— Você se encontrou com Jin-qua?

Struan ficou pasmo.

— Como sabe a respeito de Jin-qua?

— Fui prosternar-me, e apresentar meus respeitos, diante de sua Suprema Senhora. Ela me disse que ele acabara de voltar e mandara chamar você.

Struan esquecera que May-may conhecia a primeira mulher de Jin-qua, mas ficou tão furioso que tirou isso da cabeça.

— Por que diabo você não me disse para onde ia?

— Porque você teria proibido — retrucou May-may. — Eu queria encontrar com ela. Também tinha de fazer meu cabelo e consultar o astrólogo.

— O quê?

— Há uma cabeleireira ótima, à qual vão as mulheres de Jin-qua. Ela é maravilhosa para fazer o cabelo. Essa mulher é famosa em toda Kwangtung. Muito cara. Já o astrólogo disse que o *pagode* era bom. Muito bom. Mas para ter cuidado com a construção das casas.

— Você arrisca a vida para falar com adivinhos e tratar do cabelo? — ele bradou.

— Que diabo há com seu cabelo? Está ótimo, como sempre!

— Você não entende dessas coisas, Tai-Pan — ela disse, com frieza. — Foi lá que ouvi os rumores. No cabeleireiro. — Ela pegou na mão dele, e o fez tocar em seu cabelo.

— Veja. Está muito mais macio, não?

— Não! Não está! Deus do céu, se você tornar a sair sem primeiro me dizer para onde vai, eu lhe dou uma surra tão forte que você vai ficar sem poder se sentar por uma semana.

— Ah, experimente só, Tai-Pan — disse ela, e devolveu o olhar que ele lhe lançava.

Ele a agarrou depressa e a carregou, lutando, para a cama, arrancou-lhe o vestido e a anágua e lhe deu uma palmada nas nádegas que lhe fez doer a mão, atirando May-may, em seguida, na cama. Ele jamais lhe batera antes. May-may pulou da cama e investiu contra ele, arranhando-lhe perversamente o rosto, com suas longas unhas. Uma lanterna caiu no chão, quebrando-se, quando Struan a ergueu outra vez e recomeçou seu espancamento. Ela lutou para se libertar de seu braços e suas unhas projetaram-se em direção aos olhos dele, errando o alvo por uma fração de polegada e cortando-lhe o rosto. Ele prendeu-lhe os pulsos, virou-a de costas, rasgou-lhe o vestido e a roupa interna, e bateu em suas nádegas nuas com a palma da mão. Ela lutou ferozmente, dando-lhe uma cotovelada na virilha e

arranhando outra vez o rosto dele. Reunindo todas as suas forças, ele a prendeu na cama, mas ela livrou a cabeça e afundou os dentes em seu braço. Ele arquejou de dor e lhe bateu nas nádegas outra vez, com a palma da mão livre. Ela mordeu com mais força.

— Por Deus, nunca mais me morda outra vez — disse ele, através dos dentes cerrados.

Os dentes dela afundaram mais, porém ele, deliberadamente, não retirou o braço. A dor fazia seus olhos lacrimejarem, mas ele batia em May-may cada vez com mais força, sempre nas nádegas, até sua mão doer. Finalmente, ela abriu os dentes.

— Pare... não bata mais... por favor, por favor — ela soluçou e abriu em prantos, com o rosto enfiado no travesseiro, indefesa. Struan recuperou o fôlego.

— Agora, peça desculpas por ter saído sem permissão.

As nádegas dela, sarapintadas e avermelhadas, endureceram-se, e ela se retraiu como quem se protege da esperada pancada, mas ele não levantara a mão. Sabia que o temperamento de um puro-sangue deve ser apenas domado, nunca quebrado.

— Eu lhe dou três segundos.

— Desculpe... desculpe. Você está me magoando... você está me magoando — ela soluçou.

Ele saiu da cama e, segurando o braço sob a luz, examinou a ferida. Os dentes de May-may tinham penetrado profundamente, e o sangue escorria.

— Venha cá — disse ele, tranqüilamente. Ela não se moveu, mas continuou a

chorar. — Venha cá — ele repetiu, mas desta vez sua voz era um açoite, e ela deu um pulo. Ele não a olhou. Ela, rapidamente, enrolou em torno de si o que restava do vestido e começou a sair da cama.

— Eu não lhe disse para se vestir! Eu disse venha cá. Ela se aproximou dele às pressas, com os olhos vermelhos e o pó-de-arroz e a maquilagem dos olhos manchados.

Ele firmou o braço contra a mesa, limpou o sangue que escorria e despejou conhaque em cada ferida. Acendeu um fósforo e entregou a ela. — Toque fogo nas feridas, uma a uma.

— Não!

— Uma por uma — ele disse. — A mordida humana é tão venenosa como a de um cão raivoso. Depressa.

Foram precisos três fósforos e, de cada vez, ela chorava um pouco mais, nauseada com o cheiro da carne queimada, mas manteve a mão firme. E em todas as ocasiões em que o conhaque se inflamava, Struan cerrava os dentes e nada dizia.

Quando tudo terminou, ele derramou mais conhaque sobre as feridas enegrecidas e May-may pegou um urinol, sentindo-se muito enjoada. Struan, rapidamente, despejou um pouco de água quente da chaleira numa toalha e deu pancadinhas no traseiro de May-may, suavemente. Quando ela terminou, ele lhe lavou o rosto, com ternura, e fez com que ela lavasse a boca com um pouco da água quente. Depois, ergueu-a e a colocou na cama, e se preparou para ir embora. Mas ela agarrou-se a ele e começou a chorar, com aquele profundo choro interior que limpa o ódio.

Struan a acalmou e acariciou, até ela dormir. Então saiu e substituiu Brock na vigília.

***

Ao meio-dia, houve outro encontro. Muitos queriam partir imediatamente. Mas Struan dominou Brock e persuadiu os mercadores a esperarem até o dia seguinte. Eles concordaram relutantes, e decidiram mudar-se para a feitoria, a fim de se protegerem mutuamente. Cooper e os americanos foram para sua própria feitoria.

Struan voltou para sua suíte.

May-may deu-lhe boas-vindas apaixonadas. Mais tarde, dormiram, em paz. Quando acordaram juntos, ela o beijou, sonolenta, e sussurrou:

— Você tinha razão de me bater. Eu estava errada, Tai-Pan. Mas nunca me bata, quando eu não estiver errada. Porque, em alguma ocasião, você pode dormir, e então eu o matarei. No meio da vigília, a paz de ambos foi interrompida. Wolfgang Mauss batia à porta.

— Tai-Pan! Tai-Pan!

— Sim?

— Depressa! Lá embaixo! Depressa!

Agora eles podiam ouvir a turba aglomerando-se na praça.

CAPÍTULO SETE

— Meu pai avisou vocês todos, malditos sejam! — disse Gorth, afastando-se da janela da sala de jantar e abrindo caminho entre os mercadores.

— Já tivemos turbas assim, antes — disse Struan, bruscamente. — E você sabe que foram sempre controladas, e só se formaram por ordem dos mandarins.

— Sim, mas nenhuma como esta — disse Brock.

— Deve haver alguma razão especial. Não há ainda nenhum motivo para se preocupar.

A praça lá embaixo estava apinhada com uma massa crescente de chineses. Alguns carregavam lanternas, outros tochas. Uns poucos estavam armados. E eles gritavam em uníssono.

— Deve haver dois ou três mil desses vagabundos — disse Brock, e depois bradou

— Ei, Wolfgang! O que esses diabos pagãos estão gritando?

— “Morte aos demônios bárbaros.”

— Mas que ousadia! — disse Roach. Era um homem pequeno, parecendo um pardal, com um mosquete mais alto do que o dono.

Mauss tornou a olhar para a multidão, com o coração batendo penosamente, os flancos úmidos de suor. Será esta a Vossa hora, ó Senhor? A hora do Vosso incomparável martírio?

— Vou falar a eles, pregar para eles — disse, com voz rouca, desejando a paz de tal sacrifício, mas aterrorizado diante dele.

— Uma idéia respeitável, Sr. Mauss — disse Rumajee, agressivo, com os olhos negros movendo-se nervosamente de Mauss para a turba, e outra vez para ele. — Certamente, escutarão alguém com o seu poder de persuasão, senhor.

Struan viu o suor que escorria de Mauss, e sua estranha palidez, e o interceptou perto da porta.— Você não vai fazer uma coisa dessas.

— Chegou a hora, Tai-Pan.

— Você não vai comprar a salvação de maneira assim tão fácil.

— Quem é você para julgar? — Mauss começou a fazer força para passar, mas Struan ficou em sua frente.

— Eu queria dizer que a salvação é um longo e doloroso processo — declarou ele, gentilmente. Duas vezes, antes, vira a mesma esquisitice em Mauss. Tinham sido antes de um combate com piratas e, mais tarde, durante a batalha, Mauss deixara cair suas armas e fora em direção ao inimigo, num êxtase religioso, procurando a morte. — É um longo processo.

— A... a paz do Senhor é... difícil de encontrar — murmurou Mauss, com a garganta apertada sufocando-o, satisfeito por ser detido e odiando-se por estar satisfeito.

— Eu só queria...

— Muito bem. Eu sei tudo a respeito de salvação — Masterson se intrometeu. Ele juntou as mãos e sua atitude era piedosa. — Deus nos salve dos malditos pagãos! Concordo inteiramente, Tai-Pan. Maldito seja esse barulho, não?

Mauss se recompôs com um esforço, sentindo-se nu diante de Struan que, mais uma vez, enxergara as profundezas de sua alma.

— Você... você está certo. Sim. Certo.

— Afinal, se nós o perdermos, quem vai restar para pregar a Palavra? — disse Struan, e decidiu ficar vigiando Mauss, no caso de haver verdadeiro problema. — Completamente certo — disse Masterson, assoando o nariz com os dedos. — De que vale atirar um vaidoso cristão aos lobos? Aquele maldito bando de velhacos entrou em frenesi, e não está em estado de espírito para ouvir pregações. Que o Senhor nos proteja! Diabo, Tai-Pan, eu lhe disse que haveria um ataque.

— Disse coisa nenhuma! — gritou Roach, do outro lado da sala.

— Quem, com mil demônios, pediu sua opinião, por Deus? Estou tendo uma conversa tranqüila com o Tai-Pan e o Reverendo Mauss — gritou Masterson em resposta. E depois, para Mauss: — Por que você não reza uma prece para nós, hein? Afinal de contas, somos todos cristãos, por Deus! — Ele aproximou-se apressadamente da janela.

— Será que não se pode ver o que está acontecendo, hein?

Mauss enxugou o suor da testa. Ah, bom Deus e doce Jesus, Vosso único filho,

dai-me Vossa Paz. Enviai-me discípulos e missionários, para que eu possa depositar Vossa carga. E eu Vos abençôo por me enviar o Tai-Pan, que é minha consciência e que me vê como eu sou.— Obrigado, Tai-Pan.

A porta foi aberta violentamente e mais comerciantes afluíram para dentro da sala. Todos estavam armados.

— Que diabo está acontecendo? O que houve de errado?

— Ninguém sabe — disse Roach. — Estava tudo calmo; de repente, eles começaram a chegar.

— Aposto que não veremos jamais o pobre velho Elikson. O coitado, provavelmente, teve já a garganta cortada — disse Masterson, escorvando malevolamente seu mosquete. — Vamos morrer em nossas camas, esta noite.

— Ah, cale a boca, pelo amor de Deus — disse Roach.

— Você é um prenunciador de doçura e conforto, não? — Vivien, um negociante com aparência de boi, franziu a testa para Masterson. — Por que não mija em seu chapéu? Ou vai tomar na bunda?

Os outros negociantes vociferaram, e então Gorth abriu caminho aos empurrões em direção à porta.

— Vou pegar meus guarda-costas e mandar todo mundo pelos ares!

— Não! — a voz de Struan era uma chicotada. Fez-se silêncio. — Eles ainda não nos estão causando nenhum dano. O que há, Gorth? Está com medo porque um grupinho de homens amaldiçoa você?

Gorth ficou vermelho e partiu para Struan, mas Brock se meteu no meio.

— Desça — ordenou. — Monte guarda no jardim e o primeiro chinês que entrar, você lhe explode a maldita cabeça! Com esforço, Gorth controlou sua raiva e saiu. Todos começaram a falar outra vez.

— Não foi correto falar assim com o rapaz, Dirk. — Brock serviu-se de um canecão de cerveja e bebeu-o, sedentamente. — Ele poderia estar agora entregando sua cabeça a você.

— Poderia. E também poderia ter-lhe ensinado um pouco de boas maneiras.

— Desculpe-me, Sr. Struan — Rumajee interrompeu, com o nervosismo a superar sua polidez. — Há guardas na entrada traseira?

— Sim. Três dos meus homens. Eles podem resistir a um exército formado por essa ralé. Irrompeu uma discussão entre os comerciantes e depois Roach disse:

— Estou com Gorth. Digo que devíamos lutar para sair daqui, imediatamente.

— Nós faremos isso. Se for necessário — disse Struan.

— Sim — disse Brock. — Fazer isso agora é comprar barulho. Vamos esperar e nos manter em guarda, até o dia amanhecer. Talvez então já tenham ido embora.

— E se não forem? Hein? É isso que eu gostaria de saber.

— Então vamos derramar um bocado de sangue. Meto três dos meus homens em nossa *lorcha* e a coloco no meio da corrente. Tem um canhão pesado a bordo. Struan riu.

— Acho que o Sr. Brock merece um voto de confiança.

— Por Deus, Sr. Brock, o senhor é muito dinâmico — disse Masterson. Três vivas para o Sr. Brock! Foram dados vivas e Brock sorriu.

— Obrigado, muito obrigado, rapazes. Agora, é melhor dormir um pouco. Estamos com segurança suficiente.

— *Gott im Himmel!* Vejam! — Mauss apontava pela janela, com os olhos esbugalhados.

Uma procissão com lanternas, gongos e tambores saía maciçamente da Rua Hog e entrava na praça. Bandeireiros carregando manguais a precediam, abrindo caminho através da turba. À frente da procissão, ia um homem rotundo. Suas roupas eram ricas, mas ele estava descalço e sem chapéu, e caminhava com dificuldade ao peso de correntes.

— Deus do céu! — disse Struan. — É Ti-sen!

A procissão deu uma volta no centro da praça e parou. Todos os mercadores da Co-hong, com exceção de Jin-qua, a integravam. Não tinham nos chapéus os botões cerimoniais indicadores de sua posição, e tremiam. A multidão começou a zombar e assobiar. Depois, o bandeireiro-chefe, um guerreiro alto, com barba negra, fez soar um enorme gongo e a turba mais uma vez silenciou.

Uma liteira aberta, tendo à frente e atrás bandeireiros montados, foi carregada para a praça. Sentado na cadeira, com um traje cerimonial cinzento e vermelho completo, estava Hi’pia-kho, o Hoppo imperial. Ele era um atarracado e obeso mandarim manchu, quase sem pescoço, e tinha na mão o leque imperial que simbolizava seu posto. O leque era de marfim, com incrustações de jade.

A cadeira do Hoppo foi depositada no centro da praça e o bandeireiro-chefe gritou uma ordem. Todos na praça se prosternaram três vezes, tocando a cabeça

no chão, e depois tornaram a se levantar.

O Hoppo desenrolou um papel e, sob a luz de uma lanterna segura por um guarda, começou a ler em voz muito alta.

— O que ele está dizendo? — perguntou Brock a Mauss.— Vejam, é o velho How-qua — disse Masterson, com uma risadinha. — Ele não pára de tremer...

— Por favor. Quietos. Não posso ouvir — disse Mauss. Ele se espichou para fora da janela. Todos ficaram à escuta.

— É uma proclamação do imperador — disse Mauss, depressa. — "E o traidor Ti-sen, nosso ex-primo, deve ser imediatamente acorrentado e enviado para nossa capital sob sentença de morte e..." Não consigo escutar. Esperem um momento... "e o desprezível tratado chamado Convenção de Chuenpi, que ele assinou sem nossa autoridade, está revogado. Os bárbaros têm ordem para sair do nosso reinado e de Cantão e de Hong Kong, sob pena de morte imediata e sob tortura e..."

— Eu não acredito nisso — zombou Roach.

— Cala a boca! Como pode Wolfgang escutar?

Mauss ouviu atentamente a voz alta e fantasmagórica que cortava o silêncio sombrio.

— Temos ordem de ir embora — disse ele. — E deveremos pagar uma indenização por todos os problemas que causamos. Não será permitido nenhum comércio, a não ser regido pelos *Oito Regulamentos*. A Rainha Vitória tem ordem de se apresentar pessoalmente em Cantão, em sinal de luto... algo a respeito... parece que nossas cabeças estão a prêmio e... "como símbolo do nosso desprazer, o criminoso Ti-sen será açoitado publicamente, e todas as suas propriedades serão confiscadas. Temam e obedeçam tremendo."

O chefe dos bandeireiros aproximou-se de Ti-sen e apontou para o chão, com seu chicote. Ti-sen, branco como cera, ajoelhou-se, e o bandeireiro-chefe ergueu seu açoite e

o fez estalar sobre as costas de Ti-sen. Repetidas vezes. Não havia som algum na praça, a não ser o estalar do chicote. Ti-sen caiu para a frente, com o rosto no chão, e os bandeireiros continuaram a açoitá-lo.

— Eu não acredito nisso — disse Masterson.

— É impossível — disse Mauss.

— Se fizeram isso com Ti-sen... meu Deus, eles vão nos matar a todos.

— Tolice! Podemos tomar a China inteira... em qualquer ocasião.

Brock começou a gargalhar.

— O que é tão engraçado, hein? — Mauss perguntou, com impaciência.

— Isto significa guerra outra vez — disse Brock. — ótimo, digo eu. — Olhou para Struan, zombando dele. — Eu lhe disse, rapaz. É isso que você consegue, fazendo um tratado mole com a ralé.

— É algum truque — disse Struan, calmamente. Mas, por dentro, estava pasmado com os acontecimentos. — Ti-sen é o homem mais rico da China. O imperador conseguiu um saco de pancadas, um bode expiatório. E toda a riqueza de Ti-sen. É uma questão de prestígio. O imperador está defendendo seu prestígio.

— Você e o seu prestígio, rapaz — disse Brock, que não se divertia mais. — É

seu prestígio que anda ruim. O tratado foi cancelado, o comércio cancelado, Hong Kong cancelada, você está liquidado e tudo que fez é falar sobre prestígio.

— Você está completamente enganado, Tyler. Hong Kong mal começou — disse Struan. — Uma porção de coisas apenas começou.

— Sim, a guerra, por Deus.

— E, se houver guerra, onde estará a base para a armada, hein? Macau é inútil, como sempre foi... faz parte do território continental, e os chineses podem atacar aquilo quando quiserem. Mas não nossa ilha, por Deus. Não com a armada protegendo-a. Concordo que, sem Hong Kong, estaríamos liquidados. Que, sem ela, não poderíamos lançar uma campanha para o norte outra vez. Nunca. Nem proteger quaisquer portos continentais, ou colônias que conseguirmos no futuro. Está ouvindo, Tyler? Hong Kong é a chave para a China. Hong Kong pegou você pelo pé.

— Sei tudo a respeito de fortaleza em ilha, por Deus. — Brock esbravejou, por sobre o coro de aprovação. — Hong Kong não é o único lugar, estou dizendo. Chushan seria melhor.

— Não se pode proteger Chushan como Hong Kong — disse Struan, exultante, sabendo que Brock estava comprometido, como todos eles estavam comprometidos. — Este “rochedo árido e estéril” , como você a chama, é todo nosso maldito futuro.

— Talvez sim, talvez não — disse Brock, com impertinência. — Vamos ver isso. Mas você não vai apreciar Hong Kong, de qualquer jeito. Eu vou ficar com aquele outeiro, e você está liquidado.

— Não tenha tanta certeza assim.

Struan espiou a praça, outra vez. O açoite ainda se elevava e caía. Ele teve pena

de Ti-sen, que fora apanhado numa armadilha, não por escolha própria. Ele não procurara o posto de Plenipotenciário Chinês — recebera ordens para ocupá-lo. Tinha caído na armadilha da era em que vivia. Exatamente como Struan, Longstaff e Brock, e o Hoppo, todos eles estavam agora na armadilha, pois o primeiro passo fora dado. O resultado seria tão inexorável como o açoite. Haveria um ataque a Cantão, exatamente como antes. Primeiro, seriam tomados os fortes nas imediações de Cantão e, depois, a cidade seria apenas ameaçada. Não haveria necessidade de capturá-la, porque Cantão pagaria resgate primeiro. Depois, quando houvesse bons ventos, no verão, seguiriam mais uma vez em direção ao norte, à embocadura e aos pontos de desembarque do Rio Pei Ho e, novamente, o imperador, preso na armadilha, como todos os demais, imediatamente pediria paz. O tratado continuaria em vigor, porque era justo. Então, no curso dos anos, os chineses aos poucos iriam abrindo seus portos, por vontade própria — vendo que os ingleses tinham muito a oferecer: lei, justiça, a inviolabilidade da propriedade, liberdade.

Porque o chinês comum quer o que nós queremos, pensou ele, e não há nenhuma diferença entre nós. Podemos trabalhar juntos, para o benefício de todos. Talvez nós vamos ajudar os chineses a derrubar os bárbaros manchus. É o que acontecerá, enquanto existir um tratado razoável, e nós somos pacientes, e jogamos o jogo chinês com regras chinesas, no tempo chinês. O tempo não é medido em dias ou anos, mas em gerações. Basta que nos deixem negociar, durante o período de espera. Sem comércio, o mundo se tornará como antes — um inferno, onde só o braço mais forte e o chicote mais pesado eram a lei. Os mansos jamais herdarão a terra. Sim, mas pelo menos podem ser protegidos pela lei, para viverem suas vidas como desejarem.

Quando Ti-sen já levara cem chicotadas, os bandeireiros o levantaram. O sangue escorria de seu rosto e de seu pescoço, e a parte de trás de seu traje estava em farrapos e ensangüentada. A multidão zombava e vaiava. Um bandeireiro fez soar o gongo, mas a turba não prestou a menor atenção, e o bandeireiro investiu contra ela, dando chicotadas e machadadas. Houve gritos, e a multidão recuou e fez silêncio outra vez.

O Hoppo acenou imperiosamente com a mão em direção ao jardim. A liteira foi erguida, e os bandeireiros seguiram em frente dela, agitando seus chicotes, a fim

de abrir caminho até o local onde se encontravam os negociantes.

— Vamos — disse Struan a Mauss e a Brock. — O resto de vocês se prepare para o caso de haver um ataque. — Ele correu para o jardim, com Brock e Mauss logo atrás.

— Está com dor de cabeça? — perguntou Brock.

— Não.

Eles espiaram, cheios de tensão, a multidão se dividir e os bandeireiros aparecerem no portão do jardim. O Hoppo ficou em sua cadeira, mas se dirigiu a eles gritando imperiosamente.— Ele lhe ordena para pegar uma cópia da proclamação, Sr. Struan — disse Mauss.

— Diga-lhe que não estamos vestidos em roupas cerimoniais. Uma questão tão importante precisa de grande cerimônia, para lhe dar a dignidade que ela merece. O Hoppo pareceu confuso. Depois de um momento, falou outra vez.

— Ele diz: “Bárbaros não têm nenhuma cerimônia e são mais do que desprezíveis. Entretanto, o Filho do Céu pediu clemência para todos os que o temem. Uma delegação virá ao meu palácio pela manhã, na Hora da Serpente.”

— Que diabo é isso? — perguntou Brock.

— Sete da manhã — disse Mauss.

— Não vamos colocar nossas cabeças nessa maldita armadilha. Diga a ele para ir à merda.

— Diga-lhe — falou Struan — que, de acordo com os Oito Regulamentos, não

temos permissão para nos encontrarmos pessoalmente com o louvado Hoppo, mas devemos receber documentos através da Co-hong, aqui na Colônia. A Hora da Serpente não nos dá tempo suficiente. — Ele ergueu os olhos. O amanhecer clareava o céu — Que hora chinesa corresponde às onze da noite?

— A Hora do Rato — disse Mauss.

— Então diga-lhe que receberemos o documento da Co-hong aqui, com a "devida cerimônia", na Hora do Rato. *Amanhã* à noite.

— "Devida cerimônia", seja inteligente, Dirk — disse Brock. — Haverá tempo bastante para preparar um acolhimento sangrento! Mauss escutou o que dizia o Hoppo.

— Ele diz que a Co-hong vai entregar a proclamação na Hora da Serpente... às nove da manhã, de hoje. E todos os bárbaros ingleses terão de sair da Colônia na Hora do Carneiro ... ou seja, uma da tarde... hoje.

— Diga-lhe que uma da tarde de hoje não nos dá tempo suficiente. Na Hora do Carneiro, amanhã.

— Ele diz que deveremos evacuar a Colônia às três da tarde de hoje, a Hora do Macaco, e nossas vidas serão poupadas até essa hora, até à qual poderemos partir sem nenhum perigo.

— Diga-lhe: na Hora do Macaco, amanhã.

O Hoppo respondeu a Mauss, e gritou uma ordem. Sua cadeira foi erguida e o cortejo começou a se formar outra vez.

— Ele disse que devemos partir hoje. Na Hora do Macaco. Às três da tarde de hoje.

— Maldito seja! — disse Struan, enraivecido.

O cortejo dirigia-se para a Rua Hog. Um dos bandeireiros empurrou Ti-sen para trás da liteira e chicoteou-o, quando tropeçou nela; outros começaram a se aproximar da multidão, que correu para fora da praça. Os bandeireiros restantes dividiram-se em dois grupos. Um deles aproximou-se da feitoria, isolando-a da Rua Hog; o outro postou-se a oeste. A feitoria estava cercada.

— Por que você insistiu num retardamento? — perguntou Brock.

— Apenas uma negociação normal.

— Você devia saber que valia mais a pena esperar, do ponto de vista do Hoppo, depois do que aconteceu com Ti-sen! Por que achou tão importante ficar mais uma noite, hein? A maioria de nós ia embora hoje, de qualquer jeito. Para a venda de terras.

Deus do céu! Struan pensou, sabendo que Brock tinha razão. Como posso eu esperar pelo dinheiro?

— Hein? — Brock repetiu.

— Não havia razão.

— Há uma razão — disse Brock e entrou na feitoria.

***

Pontualmente, na Hora da Serpente, a totalidade dos mercadores da Co-hong entrou na praça, com uma escolta de cinqüenta bandeireiros que faziam soar gongos e tambores. A guarda de bandeireiros deixou-os passarem e depois fechou outra vez as fileiras. Novamente Jin-qua estava ausente. Mas seu filho How-qua, o principal mercador da Co-hong, encontrava-se ali. How-qua, um homem de meia-idade, rechonchudo, sorria sempre. Mas, naquele dia, estava sombrio e suado, tão aterrorizado que quase deixou cair a bem enrolada proclamação imperial, atada com uma fita escarlate. Seus companheiros negociantes estavam igualmente tomados de pânico.

Struan e Brock esperavam para recebê-los no jardim, vestidos com seus melhores casacos navais, gravatas brancas e cartolas. Struan acabara de barbear-se e Brock mandara pentear a barba. Ambos usavam aparatosas flores na lapela. Sabiam que aquela cerimônia os fazia ganhar muito prestígio e que o Hoppo perdia.

— Tem razão — dissera Brock, com uma risada rouca. — Struan e eu vamos pegar a maldita proclamação. Se não tivéssemos agido de maneira correta, então talvez nos queimassem como ratos numa ratoeira e não nos dessem esse prazo. Agora, vamos fazer exatamente como disse Struan.

O grupo parou no portão. Mauss abriu-o e Struan e Brock foram até o umbral. Os bandeireiros franziram a testa para eles. Struan e Brock estavam tristemente conscientes de que suas cabeças ainda se encontravam a prêmio, mas não demonstraram nenhum medo, pois tinham a proteção de armas escondidas nas janelas, atrás deles, e do canhão na *lorcha* de Brock, ancorada no meio do mar.

O bandeireiro-chefe falou acaloradamente, agitando seu chicote.

— Ele diz para sair e pegar a proclamação — interpretou Mauss. Struan simplesmente ergueu o chapéu e estendeu a mão, ficando com os pés firmemente plantados. — O Hoppo disse que a proclamação era para ser entregue. Entreguem-na. — Manteve a mão estendida.

Mauss traduziu o que ele dissera, e então, depois de um momento de nervosismo, os bandeireiros cobriram How-qua de imprecações, e How-qua correu para a frente e deu a Struan o papel enrolado.

Struan, Brock e Mauss imediatamente tiraram suas cartolas e gritaram o mais alto que podiam: “Deus salve a Rainha.” A este sinal, Gorth aproximou uma lamparina de alguns fogos de artifício e atirou-os no jardim. Os mercadores da Co-hong deram um salto para trás e os bandeireiros puxaram seus arcos e espadas, mas Struan e Brock, com os rostos solenes, ficaram perfeitamente quietos, segurando seus chapéus no ar.

Os fogos de artifício, ao explodirem, encheram o jardim de fumaça. Quando as explosões pararam, para horror da Co-hong, Mauss, Struan e Brock gritaram: “Malditos sejam todos os manchus!” e, de dentro da feitoria, foram proferidos três ressoantes vivas.

O bandeireiro-chefe caminhou para a frente, beligerantemente, e falou com Mauss.

— Ele pergunta para que tudo isso, Tai-Pan.

— Diga-lhe, exatamente como eu lhe disse. — Struan captou o olhar de How-qua e piscou-lhe às escondidas, sabendo do seu horror aos manchus.

Mauss disse em mandarim alto e sonoro:

— Este é nosso costume, numa ocasião muito importante. Nem todo dia temos o privilégio de receber um documento tão estimável.

Os bandeireiros o amaldiçoaram por um momento e, depois, ordenaram que o pessoal da Co-hong se afastasse. A Co-hong foi embora, mas agora, eles estavam mais ousados.

Brock começou a rir. E a risada espalhou-se por toda feitoria e ecoou na extremidade mais afastada da praça, onde estava situada a feitoria americana. Um pavilhão do Reino Unido apareceu numa de suas janelas e se agitou com bravura.

— É melhor nos prepararmos para ir embora — disse Brock. — Isso foi muito bom. Struan não respondeu. Atirou a proclamação a Mauss.

— Entregue-me uma tradução exata, Wolfgang — disse, e voltou para sua suíte.

Ah Gip fez uma curvatura diante dele e retornou para suas panelas. May-may estava vestida, mas permanecia deitada na cama.

— O que há, May-may?

Ela o olhou fixamente e virou-lhe as costas, erguendo o vestido e revelando as nádegas cheias de machucaduras.

— O que há! — disse, com raiva fingida. — Veja o que você fez, seu bruto bárbaro *fan-quai*. Preciso ficar em pé, ou então deitada de bruços.

— Deve ficar deitada — disse ele, e afundou soturnamente numa cadeira. May-may deixou cair o vestido e, cuidadosamente, saiu da cama.

— Por que você não ri? Pensei que isso faria você rir.

— Desculpe, garota. Eu deveria ter rido. Mas tenho uma porção de coisas em que pensar.

— O quê?Ele fez um sinal para Ah Gip.

— Você deve sair, entende? — e aferrolhou a porta. May-may ajoelhou-se ao lado da panela e mexeu o conteúdo com um pauzinho.

— Precisamos partir às três horas — disse Struan. — Mas, vamos dizer que você quisesse ficar na Colônia até amanhã, o que faria?

— Eu me esconderia — disse ela, imediatamente. — Num... como é que se diz... num pequeno quarto lá em cima, perto do telhado.

— Sótão?

— Sim. Sótão. Por que você quer ficar?

— Acha que revistarão a feitoria, quando tivermos partido?

— Por que ficar? Não é nada bom ficar.

— Acha que os bandeireiros vão contar nosso grupo quando formos embora?

— Aquela maldita ralé não sabe contar. — Ela pigarreou ruidosamente e escarrou no fogo.

— Quer fazer o favor de não cuspir?

— Eu já lhe disse muitas vezes, Tai-Pan, é importante, um costume chinês sábio — ela respondeu. — Há sempre veneno na garganta. E a pessoa fica muito doente, se não o expectorar. É aconselhável expectorar esse veneno. Quanto mais alto o pigarro, mais o deus do veneno do cuspe fica assustado.

— Isso é tolice, e é um hábito desagradável.

— *Ayeee yah* — disse ela, com impaciência. — Você não entende inglês? Algumas vezes eu fico imaginando por que me dou ao trabalho de explicar toda a sabedoria tão civilizada da China a você. Por que deveríamos nos esconder aqui? É perigoso não ir com os outros. Será muito perigoso, se os bandeireiros me virem. Vamos precisar nos proteger. Por que nos esconder?

Ele lhe contou a respeito da *lorcha*. E a respeito das barras de prata.

— Você precisa confiar muito em mim — disse ela, com muita seriedade.

— Sim.

— O que você deve dar a Jin-qua, em troca?

— Concessões de negócios.

— Claro. Mas, o que mais?

— Apenas concessões de negócios. Houve um silêncio.

— Jin-qua é um homem inteligente. Ele não ia querer só concessões de negócios — ela observou. — Que concessões eu pediria, se fosse Jin-qua! E você deveria concordar com tudo. Tudo.

— O que você iria querer?

Ela ficou olhando para as chamas, a imaginar o que diria Struan, se soubesse que ela era a neta de Jin-qua — a segunda filha da quinta esposa de seu filho mais velho How-qua. E ficou imaginando por que fora proibida de dizer isto a Struan — sob pena de retirada de seu nome para sempre dos pergaminhos ancestrais. Estranho, disse a si mesma, e estremeceu ao pensamento de ser expulsa da

família, pois isto significava que não apenas ela, mas sua descendência e a descendência deles para sempre estariam desligadas da corrente central, e assim privadas da ajuda mútua protetora que era o único amparo na sociedade chinesa. Um amparo perpétuo. A única coisa de valor verdadeiro que cinco mil anos de civilização e experimentação tinham ensinado ser segura e valiosa. A família.

E ela ficou imaginando por que, na verdade, fora dada a Struan.

— Segunda filha da quinta mãe — seu pai lhe dissera em seu décimo quinto aniversário. — Meu ilustre pai concebeu para você uma grande honra. Você será dada ao Tai-Pan dos bárbaros. Ficara aterrorizada. Jamais vira um bárbaro e acreditava que eles eram sujos e repugnantes canibais. Chorara e implorara perdão, mas depois, em segredo, mostraram-lhe Struan, quando ele estava com Jin-qua. O gigante Struan a assustara, mas ela vira que não era um macaco. Mesmo assim, ainda suplicara para se casar com um chinês.

Mas seu pai mostrara-se inflexível e lhe dera uma escolha:

— Obedeça, ou deixe esta casa e se considere expulsa para sempre.

Então ela fora para Macau e para a casa de Struan, com instruções de agradá-lo. De aprender o idioma dos bárbaros. E de ensinar a Struan coisas chinesas, sem ele saber que estava sendo ensinado.

Uma vez por ano, Jin-qua e seu pai enviavam alguém até ela, a fim de saber seus progressos e levar notícias da família.

Muito estranho, pensou May-may. Certamente, eu não fui enviada como espiã, mas para ser a concubina de Struan. E, certamente, nem meu pai e nem meu avô fariam uma coisa dessa sem seriedade — com alguém do seu próprio sangue. Eu não era a neta favorita de Jin-qua?

— Tanto dinheiro — disse ela, evitando responder à pergunta dele. — Tanto

assim, representa uma tentação imensa. Imensa. Todo num lugar só... com um simples roubo, vinte ou quarenta gerações estariam com a vida ganha. — Como fui tola de ter medo do Tai-Pan. Ele é um homem como qualquer outro, e meu senhor. Muito homem. E logo eu serei Tai-tai. Afinal. E terei prestígio, afinal.

Ela fez uma grande curvatura.

— Estou honrada porque você confia em mim. Eu abençoarei seu *pagode*, Tai-Pan, para sempre. Você me concedeu uma grande honra e me dá tanto prestígio. Porque qualquer pessoa iria considerar como roubar esse dinheiro. Qualquer pessoa.

— Como você faria isso?

— Mandaria Ah Gip ao Hoppo — disse ela, imediatamente, e voltou a mexer a panela. — Em troca de cinqüenta por cento garantidos, ele desconsideraria até o imperador. Permitiria que você ficasse, secretamente, se você quisesse, até a *lorcha* chegar. Quando tivesse certeza de que era a *lorcha* certa, deixaria você ir a bordo, em segredo, e interceptaria a embarcação no rio. E cortaria sua garganta. Mas então ele me enganaria, tirando-me minha parte, e eu ia ter de ser mulher dele. Porco sujo! Nem por todo chá da China, com aquele porco fornicador, não. Ele tem truques sujos. Sabe que é quase impotente?

— O quê? — disse Struan, sem realmente escutá-la.

— Todo mundo sabe — disse ela. Provou o cozido afetadamente e adicionou um pouco de molho de soja. — Ele precisa ter duas moças ao mesmo tempo. Uma tem de brincar com ele, enquanto a outra trabalha. Além disso, tem o órgão tão pequeno que coloca coisas em si mesmo, coisas enormes. E gosta de fazer sexo com patos.

— Não diga essas sandices.

— O que quer dizer “sandices”?

— Tolices.

— Ah, não é tolice. Todo mundo sabe — ela sacudiu a cabeça, com graça, e a longa pluma de seus cabelos dançou. — Eu não entendo você, de maneira nenhuma, Tai-Pan. Fica chocado, quando lhe digo coisas comuns. Muitas pessoas usam coisas para melhorar o sexo. É muito importante melhorar, quando se pode. Comer as comidas certas, usar os remédios certos. Quando a pessoa tem pequeno, *ayeee yah*, não há nada de mau em melhorar o *pagode* e dar mais prazer à garota da gente. Mas não como aquele porco sujo! Ele fez essas coisas só para ferir.

— Quer calar a boca, mulher?

Ela parou de mexer a comida e olhou-o. Franziu ligeiramente a testa.

— Todos os europeus são como você, Tai-Pan? Não gostam de falar abertamente sobre o relacionamento homem-mulher, não é?

— Sobre certas coisas não se fala. Ela abanou a cabeça.

— Isto é errado. É bom falar. Como se pode melhorar, se não for assim? Homem é homem, e mulher é mulher. Você não fica chocado por causa de comida! Por que tanta loucura, hein? Sexo é comida, pode ter certeza. — Os olhos dela se franziram, maliciosamente, e ela o examinou de alto a baixo. — Com tudo isso, o *sinhozinho dá trepadinha* do mesmo jeito, *né*?

— Todas as moças chinesas são como você, é?

— Sim — disse ela, calmamente. — A maioria. Como eu, mas não tão boas. Eu espero. — Ela riu. — Acho que você deve ser muito especial. Eu também sou

especial.

— E modesta.

— Maldito seja esse tipo de modéstia. Eu sou honesta, Tai-Pan. Os chineses são honestos. Por que eu não apreciaria a mim mesma? E a você. Eu gosto de você, como você gosta de mim. É estúpido fingir que não. — Ela deu uma espiada para dentro da panela e pegou um pedaço de carne com os pauzinhos, provando-o em seguida. Depois, tirou a panela do fogo e colocou-a perto das chamas o bastante para mantê-la aquecida. Abriu a porta e sussurrou algo para Ah Gip. Ela se afastou, arrastando-se. May-may voltou para o fogo.

— Onde ela foi?

— Descobrir um lugar para nos escondermos.

— Eu vou fazer isso.

— Ela sabe fazer isso melhor do que você. Primeiro, vamos comer, depois você decide a respeito de Brock.

— O que quer dizer?

— Ele não vai deixar você se esconder e ficar aqui assim facilmente, não é?

— Já decidi o que fazer com ele. — O rosto de Struan enrugou-se, com o amplo sorriso que deu. -— Você é muito, muito especial, May-may.

— Especial o suficiente para você fazer de mim Tai-tai? Sua Suprema Senhora, de acordo com seu costume.

— Vou decidir a respeito disso, depois que tiver realizado três coisas.

— Que três coisas?

— A primeira é levar as barras a salvo para o *China Cloud.*

— E a outra?

— A segunda é garantir uma segurança absoluta para Hong Kong.

— A última?

— Não tenho certeza. Você vai ter de ser paciente com relação a esta.

— Vou ajudar você nas duas primeiras. A última eu não entendo. Sou chinesa. Os chineses são muito pacientes. Mas também sou uma mulher.

— Sim — disse ele, depois de um longo momento.

CAPÍTULO OITO

Struan estava em seu escritório particular, no térreo, escrevendo um despacho para Robb. Eram quase duas horas. Lá fora, os negociantes, seus funcionários, cules e criados carregavam pertences de suas feitorias para suas *lorchas.* O Hoppo relaxara a ordem de retirada de todos os criados. Os criados e cules teriam permissão para ficar até a Hora do Macaco — três horas — ocasião em que a Colônia deveria ser abandonada. Os bandeireiros ainda estavam na praça, impedindo o acesso à feitoria americana.

Struan terminou a carta, afixou nela seu carimbo especial e selou-a com cera e o anel de sinete. Ele dissera a Robb para não se preocupar, pois levaria boas notícias para Hong Kong e, caso se atrasasse, Robb deveria ir para o leilão e comprar todas as terras que haviam escolhido há muito tempo. E comprar o outeiro, custasse o que custasse. Não importava a oferta de Brock, Robb deveria fazer o lance de um dólar a mais.

Em seguida, Struan recostou-se em sua cadeira, esfregou os olhos, para se livrar da fadiga, e começou a reconsiderar de novo o seu plano, tentando descobrir que falhas teria. Como todos os planos que envolviam as reações de outras pessoas, sempre seria preciso algum *pagode.* Mas sentiu que o cata-vento do seu *pagode* voltara à posição antiga, quando ele estava sempre protegido, e as coisas aconteciam como queria.

O alto relógio de pêndulo bateu três vezes. Struan levantou-se da escrivaninha de teca lavrada e uniu-se aos criados, que entravam e saíam da feitoria, sob a supervisão dos funcionários portugueses.

— Quase já terminamos, Sr. Struan — disse Manoel de Vargas.

Era um português idoso, de cabelos grisalhos e pálido, com grande dignidade. Trabalhava na Casa Nobre há onze anos, e era o chefe dos funcionários. Antes disso, tivera sua própria companhia, com sede em Macau, mas não conseguira competir com os negociantes ingleses e americanos. Mas não tinha nenhuma queixa deles. É a vontade de Deus, dissera, sem rancor, reunira em torno de si sua mulher e filhos e fora à missa, agradecer à Virgem todas as suas bênçãos. Ele era como a maioria dos portugueses — leal, calmo, contente e sem pressa.

— Poderemos ir logo que o senhor disser — declarou, cansadamente.

— Está se sentindo bem, Vargas?

— Um tanto febril, senhor. Mas, quando nos acomodarmos, eu vou ficar bem outra vez. — Vargas abanou a cabeça. — É ruim a gente não parar de se mudar de um lugar para outro. — Falou com dureza, em cantonês, com um cule que se demorava, ao passar, sob o peso de livros de escrituração, e apontou para uma *lorcha*. — Esta é a parte final dos livros, Sr. Struan.

— Ótimo.

— Hoje é um dia triste. Há muitos boatos ruins. Alguns estúpidos.

— Quais?

— De que seremos interceptados em nosso caminho, e mortos. Que Macau vai ser acabada, e seremos expulsos do Oriente, de uma vez por todas. E os costumeiros boatos de que voltaremos dentro de um mês, e o comércio será melhor do que nunca. Circula até um boato de que há quarenta *laques* de barras de prata em Cantão.

Struan manteve o sorriso no rosto.

— Não há tantos *laques* assim, nem em toda província de Kwangtung!

— Claro. É estupidez, mas é divertido contar. Supõe-se que as barras foram coletadas pela Co-hong, como uma dádiva para aplacar o imperador.

— Bobagem.

— Claro, bobagem. Ninguém ousaria ter tanto dinheiro num lugar só. Todos os bandidos da China cairiam em cima.

— Leve esta carta e entregue-a nas mãos do Sr. Robb. Logo que possível — disse Struan. — Depois, vá imediatamente para Macau. Quero que você reúna equipes de trabalhadores em construção. Quero que estejam na Ilha de Hong Kong daqui a duas semanas. Quinhentos homens.

— Sim, senhor. — Vargas suspirou e ficou imaginando por quanto tempo teria de manter o fingimento. Todos sabemos que a Casa Nobre está liquidada. Quinhentos homens? Para que precisamos de homens, quando não há dinheiro para comprar terra? — Será difícil, senhor.

— Dentro de duas semanas — repetiu Struan.

— Será difícil conseguir bons operários — disse Vargas, cortesmente. — Todos os negociantes estarão competindo por seus serviços... e a proclamação do imperador revogou o tratado. Talvez eles não concordem em trabalhar em Hong Kong.

— Bons salários farão com que mudem de idéia. Quero quinhentos homens. Os melhores. Paguem salários dobrados, se necessário.

— Sim, senhor.

— Se não tivermos dinheiro para pagar a eles — acrescentou Struan com um sorriso triste — Brock pagará você bem. Não há necessidade de se preocupar.

— Não estou preocupado com meu próprio trabalho — disse Vargas, com grande dignidade — mas estou preocupado com a segurança da casa. Não queria que a Casa Nobre deixasse de existir.

— Sim, eu sei. Você me serviu bem, Vargas, e eu aprecio isso. Leve todos os funcionários com você, agora. Eu irei com Mauss e meus homens.

— Devo trancar a porta, ou o senhor mesmo tranca?

— Faça isso quando todos os seus funcionários estiverem a bordo.

— Muito bem. Vá com Deus, senhor.

— E você também, Vargas.

Struan atravessou a praça. Em torno, todos se apressavam, fazendo acréscimos de última hora à carga das *lorchas* atulhadas, ao longo do cais. Mas acima, no cais, ele viu Brock e Gorth exortando com blasfêmias seus marinheiros e funcionários. Alguns dos negociantes já haviam partido, e ele acenou alegremente e para uma *lorcha*, enquanto seguia pelas águas. Do outro lado do rio, os moradores nos barcos espiavam o êxodo, bradando ofertas de suas sampanas para fazer cargas até o meio da água, pois a direção do vento tornava difícil a partida do cais.

A *lorcha* de Struan tinha dois mastros, quarenta pés de comprimento e era cômoda. Mauss já se encontrava à popa.

— Tudo ajeitado, Tai-Pan. Há um boato de que o Hoppo invadiu a casa de Ti-sen. Quarenta *laques* de barras de prata estavam lá.

— E daí?

— Nada, Tai-Pan. Um boato, hein? — Mauss parecia cansado. — Todos os meus convertidos desapareceram.

— Eles voltarão, não se preocupe. E haverá uma porção de gente para converter em Hong Kong — disse Struan, sentindo pena dele.

— Hong Kong é nossa única esperança, não?

— Sim. — Struan seguia ao longo do cais. Viu um cule alto sair da feitoria americana e unir-se à massa na praça. Mudou de direção. — Ei, o que você quer, ianque? — gritou para o cule.

— Vá para o inferno, Tai-Pan. — Cooper disse, sob o chapéu de cule. — Meu disfarce está tão ruim assim?

— É sua altura, rapaz.

— Só queria desejar a você feliz viagem. Não sei quando o verei outra vez. Você tem trinta dias, naturalmente.

— Não acha que são preciosos?

— Vou descobrir isso dentro de trinta dias, não é?

— Enquanto isso, compre oito milhões de libras de chá para nós.

— Com o que, Tai-Pan?

— Você paga o chá com o que, habitualmente?

— Somos seus agentes, certamente. Durante os próximos trinta dias. Mas não posso comprar para você sem barras de prata.

— Você vendeu todo seu algodão?

— Ainda não.

— É melhor vender depressa, rapaz.

— Por quê?

— Talvez as sobras não encontrem mercado.

— Se for assim, lá sé vai o *Independence.*

— Seria uma pena, não?

— Espero que você acerte com Brock, de alguma maneira. E construa seu *Independent Cloud.* Quero ter a satisfação de derrotá-lo eu mesmo.

— Fique na fila, rapaz — disse Struan, de bom humor. — Prepare-se para comprar muito, e depressa. Vou mandar notícias para você.

— Não seria a mesma coisa sem você, Tai-Pan. Se você for embora, todos perderemos um pouco.

— Talvez eu não vá, afinal de contas.

— Tem uma metade minha que quer ver você fora. Você, mais do que qualquer outro, teve uma fatia grande demais no mercado, por demasiado tempo. É hora de liberdade nos mares.

— Liberdade para navios americanos?

— E outros. Mas não em termos britânicos.

— Sempre dominaremos os mares, rapaz. Nós precisamos. Vocês têm um país agrícola. Nós somos industriais. Precisamos dos mares.

— Um dia, tomaremos os mares.

— Nessa ocasião, talvez não precisemos mais dos mares, porque dominaremos os ares. Cooper deu uma risadinha.

— Não se esqueça de nossa aposta.

— Estou lembrado. Recebi uma carta de Aristotle, há alguns dias. Ele me pedia um empréstimo para sustentá-lo porque “aquela adorável tarefa precisa esperar até o verão, devido ao fato de estar ela sofrendo de arrepios na pele”. Temos tempo suficiente para descobrir quem é... vamos procurá-la até na cama.

— Não pode ser Shevaun. Aquela tem gelo nas veias, em vez de sangue.

— Ela lhe disse não, outra vez?

— Sim. Diga alguma coisa a meu favor, sim?

— Eu não vou me meter numa negociação dessas.

Por sobre o ombro de Struan, Cooper viu Brock e Gorth se aproximando.

— Se os Brocks jamais chegarem a Hong Kong, você terá o tempo de que precisa, não é?

— Será que você está sugerindo um homicidiozinho?

— Não seria um homicidiozinho, mas um grande crime, Tai-Pan. Boa-tarde, Sr. Brock.

— Achei que era o senhor, Sr. Cooper — disso Brock maliciosamente. — Que gentileza vir ao nosso bota-fora. — Depois, para Struan — vai partir agora?

— Sim. Mostrarei a Gorth a popa do meu navio por todo o caminho até Whampoa. E depois, no *China Cloud*, por todo o caminho até Hong Kong. Como de costume.

— A única popa que você vai nos mostrar é a sua, dentro de quatro dias, quando será atirado na prisão por dívidas, que é o seu lugar. — disse Gorth, grosseiramente.

— O caminho todo, até Hong Kong, Gorth. Mas não adianta apostar corrida com você. Como marinheiro, você não tem condições para conduzir um barco.

— Sou melhor do que você, ora essa.

— Se não fosse seu pai, você seria alvo de riso da Ásia inteira.

— Por Deus, seu filho da...

— Cala essa boca! — gritou Brock. Ele sabia que Struan ficaria encantado de ser chamado de filho da puta publicamente por Gorth, porque assim poderia desafiá-lo para um duelo. — Por que provocar o rapaz, hein?

— Não o estou provocando, Tyler, mas apenas constatando um fato. É melhor você lhe ensinar algumas maneiras, bem como a navegar.

Brock manteve-se contido. Gorth ainda não era páreo para Struan. Ainda. Dentro de um ano ou dois, quando já fosse mais esperto, seria diferente. Mas não agora, por Deus. E não é próprio de um inglês dar um chute na barriga do inimigo, quando ele está deitado de costas, indefeso. Como o maldito Struan.

— Aposta amistosa. Aposto cem guinéus que meu rapaz pode derrotar você. Vamos ver quem é o primeiro a tocar o mastro da bandeira em Hong Kong.

— Vinte mil guinéus. O dinheiro dele, não o seu — disse Struan, zombando de Gorth com o olhar.

— Como você vai pagar, Tai-Pan? — perguntou Gorth, com desprezo, e Brock ferveu, diante da estupidez do filho.

— Ele está só brincando, Dirk — declarou Brock, depressa. — Vinte mil, tudo bem.

— Sim, uma brincadeira. Se você diz que é, Tyler. Struan estava frio por fora, mas interiormente exultante. Eles haviam engolido a isca! Agora Gorth e Brock iriam seguir às pressas para Hong Kong — vinte mil guinéus eram uma fortuna considerável, mas nada representavam, em comparação com quarenta *laques* salvos no *China Cloud*. Brock estava seguramente fora do caminho. Um jogo perigoso, entretanto. Gorth quase fora longe demais, e então sangue teria sido derramado. Era demasiado fácil matar Gorth.

Ele estendeu a mão a Cooper.

— Quero que mantenha o compromisso de trinta dias. — Eles se apertaram as mãos. Depois, Struan olhou para Gorth. — O mastro da bandeira em Hong Kong! Boa viagem, Tyler! — e correu para sua *lorcha*, que já desatracara e estava embicando para o meio da corrente.

Ele saltou por sobre a amurada, virou-se e acenou, zombeteiramente. Depois, desapareceu embaixo do convés.

— Com licença Sr. Cooper — disse Brock, puxando Gorth pelo braço. — Nós nos veremos!

Ele puxou Gorth em direção à sua *lorcha.* No convés da popa, empurrou-o violentamente contra a amurada.

— Seu debilóide, seu cretino! Quer que sua garganta seja cortada, de uma orelha a outra? Chame um homem de filho da puta aqui, e terá de lutar. Chame desse nome e ele terá o direito de matar você! — Deu uma bofetada em Gorth, com as costas da mão, e o sangue escorreu da boca do rapaz. — Eu já lhe disse cinqüenta vezes para ter cuidado com aquele demônio. Se eu preciso ter cuidado com ele, por Deus, quanto mais você!

— Eu posso matá-lo, papai, sei que posso!

— Eu já lhe disse, cinqüenta vezes, trate-o bem! Ele está esperando para liquidar você, seu idiota. E ele pode. Não se luta mais de uma vez com aquele demônio. Entendeu?

— Sim. — Gorth sentiu o sangue em sua boca, e o gosto fez sua raiva aumentar.

— Da próxima vez, eu deixo ele matar você, seu idiota. E mais uma coisa.

Jamais aposte com um homem como ele, que é devedor. Nem lhe dê um chute na virilha, quando ele está derrotado e indefeso. Não se age dessa maneira!

— Malditas sejam as maneiras de agir!

Brock esbofeteou-o outra vez, com as costas da mão.

— Os Brocks obedecem a um código de honra. Aberto. De homem para homem. Desobedeça a esse código, e ponho você para fora de Brock and Sons! Gorth enxugou o sangue da boca.

— Não me bata de novo, papai!

Brock sentiu o tom de violência na voz do filho e seu rosto endureceu.

— Não faça mais isso, papai. Juro por Deus que bato em você de volta — disse Gorth, apoiado solidamente nas duas pernas, com os punhos como se fossem de granito.

— Você me bateu pela última vez. Se me bater de novo, eu não vou ficar parado. Por Deus, você me bateu pela última vez.

As veias na garganta de Brock se enegreceram e pulsaram, enquanto ele se preparava para brigar com o filho, não mais como filho, porém como inimigo. Não, um inimigo, não. Apenas um filho que não era mais nenhuma criança. Um filho que desafiara seu pai, como todos os filhos desafiam todos os pais. Brock sabia, e Gorth também sabia, que se eles brigassem seria derramado sangue, e alguém seria expulso. Nenhum dos dois queria uma expulsão mas, se acontecesse, tanto o pai como o filho sabiam que se tornariam inimigos do mesmo sangue.

Brock odiou Gorth, por fazê-lo sentir-se velho. E o amou por resistir a ele,

quando sabia, sem a menor dúvida, que ele era mais astuto na arte de matar em combate do que Gorth jamais seria.

— É melhor você chegar a Hong Kong. Gorth descerrou os punhos, com esforço.

— Sim — disse, com voz rouca. — Mas é melhor você ajustar contas com aquele filho da mãe bem direitinho, se é que tem a cabeça no lugar... porque senão, da próxima vez, eu vou fazer tudo à minha maneira. — Olhou para o mestre. — Que diabo vocês estão esperando, seus miseráveis? Vamos embora!

Ele enxugou o sangue do queixo e cuspiu por sobre a amurada. Mas seu coração ainda batia muito forte e, ficou com pena de não ter havido uma terceira pancada. Eu estava preparado, por Deus, e poderia ter batido nele — como posso derrotar aquele filho da puta de olhos verdes. Eu sei que posso.

— Que rumo vamos seguir, papai? — perguntou, porque havia vários caminhos diferentes para se chegar lá. As abordagens a Cantão pelo rio eram através de um labirinto de ilhas, grandes e pequenas, e inumeráveis cursos d'água.

— Você se meteu nessa confusão. Escolha seu próprio caminho.

Brock caminhou para a amurada. Sentia-se muito velho e muito cansado. Lembrou-se de seu próprio pai, que era ferreiro, e de como, em menino, ele tivera de receber pancadas e ordens e tomar cuidado com o próprio gênio e fazer o que lhe diziam, até ter quinze anos e o sangue lhe subir à cabeça. Quando recuperou a calma, viu que estava em pé sobre o corpo inerte do pai.

Meu Deus, ele pensou, aquilo não está assim tão distante. Fico satisfeito de não ter precisado lutar com ele para valer. Não quero perder meu filho.

— Não chegue depois de Dirk Struan, Gorth — disse ele, com algo de gentil na

voz. Gorth não disse nada. Brock esfregou a órbita vazia e substituiu o pano preto. Observou a *lorcha* de Struan. Já se encontrava no meio do rio, e Struan não estava à vista. A sampana, num impulso, deu uma volta, e depois partiu, precipitadamente, para o outro lado. Um grupo de homens de Struan estava inclinado por sobre as cordas, e cantava, enquanto as velas eram erguidas. A sampana voltou em direção à *lorcha* de Vargas.

Não é próprio de Dirk partir tão depressa, Brock refletiu. Não está certo, de maneira alguma. Ele deu uma olhada no cais e viu que Vargas e todos os funcionários de Struan estavam lá, a *lorcha* ainda amarrada. Ora, nem parece coisa de Dirk. Ir embora antes de seus funcionários. Dirk é estranho com essas coisas. Sim.

***

Struan estava escondido na cabina da sampana. Enquanto o barco circulava em torno da *lorcha* de Vargas, Struan enterrou bem fundo na cabeça o chapéu cule, e puxou mais apertado em torno de si o casaco chinês acolchoado. O proprietário da sampana e sua família não pareceram notá-lo. Eles tinham sido bem pagos para não ouvir e nem ver.

O plano que ele articulara com Mauss era o mais seguro, nas circunstâncias. Dissera a Mauss para ir apressadamente ao *China Cloud*, que estava ancorado ao largo da Ilha de Whampoa, a treze milhas de distância; para tomar a passagem mais curta em direção ao norte, ao chegar lá, e depois ordenar ao Capitão Orlov para navegar a velas plenas e seguir a toda para a extremidade da ilha; para mudar de curso ali, e dar uma volta, dirigindo-se pelo canal sul outra vez, em direção a Cantão; ele advertira que era da máxima importância a manobra não ser observada por Brock. Struan, enquanto isso, esperaria pela *lorcha* com as barras de prata e depois tomaria o caminho longo e se esgueiraria por tortuosos

cursos d’água, até o lado sul da ilha, onde se encontrariam. Junto ao Pagode de Mármore. O pagode tinha duzentos pés de altura e era visto com facilidade.

— Mas por que, Tai-Pan? — perguntara Mauss. — É perigoso. Por que todo o risco, hein?

— Faça o que lhe disse, Mauss, apenas isso — declarara ele.

Quando a sampana chegou ao cais, Struan pegou alguns cestos que preparara e correu, através da multidão, até o portão do jardim. Ninguém lhe prestou a menor atenção. Uma vez lá dentro, ele atirou para um lado os cestos, correu para a janela da sala de jantar e espiou cuidadosamente através das cortinas. Sua *lorcha* estava bem afastada. Brock encontrava-se no meio do canal, ganhando distância, as velas inchando ao sabor da brisa. Gorth estava em pé à popa e Struan ouvia fracamente as obscenidades que ele dizia. Brock estava na amurada, a bombordo, olhando para as águas. Vargas acabara de checar os funcionários e voltava pelo jardim.

Struan saiu rapidamente da sala de jantar e correu para o andar de cima. Do patamar, viu Vargas entrar no saguão, fazer uma verificação final e sair. Struan ouviu a chave virar na porta. Relaxou e subiu por uma estreita escada, até o sótão. Seguiu mais devagar, enquanto passava por velhas caixas de embalagem, e caminhou cautelosamente em direção à frente do edifício.

— Olá, Tai-Pan — disse May-may.

Ela estava vestida com suas imundas calças Hoklo e colete acolchoado, mas não sujara o rosto. Encontrava-se ajoelhada numa almofada, perto de algumas caixas de embalagem. Ah Gip levantou-se e, depois, tornou a se acocorar, perto da pequena trouxa de roupas e utensílios de cozinha. May-may indicou outra almofada, diante dela, e a prancha de gamão montada.

— Vamos jogar, fazer algumas apostas, está bem?

— Espere só um momento, garota.

Havia uma clarabóia no sótão e outra na parede da frente. Struan podia examinar claramente toda a praça, em segurança. As pessoas ainda corriam de um lado para outro, praguejando e fazendo preparativos de última hora.

— Você me viu?

— Ah, sim, muito bem — disse ela. — Mas estávamos observando de cima. Lá embaixo, talvez ninguém tenha visto. Por que Brock bateu no filho, hein?

— Eu não sabia que ele tinha batido.

— Sim. Duas vezes. Por que aquelas bofetadas! Rimos até sufocar. O filho quase bateu de volta. Espero que lutem... matem um ao outro... e então não vai ser preciso pagar dinheiro nenhum. Eu ainda acho que você é muito louco de não pagar a algum pirata para assassiná-lo. — Ela se sentou na almofada, mas depois tornou a se ajoelhar, com uma praga.

— O que há?

— Minha bunda ainda está *duendo.*

— *Doendo* — disse ele.

— Foi só brincadeira. *Ayeee yah,* desta vez vou ganhar longe de você e recuperar todos os *meu dólar.* — Ela acrescentou, inocentemente. — Quanto devo? Catorze mil?

— Você se lembra muito bem.

Ele se sentou e pegou o copo dos dados.— Quatro jogos. E depois vamos dormir. Temos uma longa noite pela frente. — Ele lançou os dados e ela praguejou.

— Que *pagode* você tem! Duplo seis, duplo seis, maldito seja o seis duplo! — Ela lançou os dados, igualou-se com ele, jogou o copo para um lado e gritou — Ah, maravilhoso duplo seis!

— Fale baixo, senão não podemos jogar.

— Estamos seguros, Tai-Pan. Meu *pagode* está bom, hoje!

— Vamos esperar que esteja muito bom — disse ele. — E amanhã também.

— *Ayeeee yah* para o amanhã, Tai-Pan! Hoje. Hoje é que importa. — Ela tornou a lançar os dados. Outro seis duplo. — Dadozinhos queridos, eu adoro vocês. — E então franziu a testa. — O que quer dizer “adoro”?

— Amo.

— E “amo”?

Os olhos de Struan se enrugaram e ele esticou o dedo para ela.

— Não vou entrar nessa discussão outra vez.

Certa feita, ele tinha tentado explicar o que significava amor. Mas não havia nenhuma palavra chinesa para o conceito europeu.

***

O relógio antigo começou a badalar às onze. Struan mudou cansadamente de posição, junto à clarabóia da parede. May-may estava dormindo, encolhida, Ah Gip despencara em cima de uma caixa de embalagem embolorada. Há algumas horas, ele caíra no sono por um momento, mas seus sonhos eram bizarros e misturados com a realidade. Estava a bordo do *China Cloud*, esmagado ao peso de barras de prata. Jin-qua entrara na sala, tirara as barras de cima dele, e levara tudo, em troca de um caixão de defunto e vinte guinéus de ouro. Depois, não estava mais em seu navio, mas na praia, na Grande Casa sobre o outeiro. Winifred levou-lhe três ovos e ele comia seu desjejum quando May-may disse, atrás dele: “Pelo sangue de Cristo, como pode você comer os filhos ainda não nascidos de uma galinha?” Ele se virou, viu que ela estava sem roupa nenhuma, e lindíssima. Winifred dissera: “Mamãe era assim tão bonita, quando estava sem roupa?” E ele respondeu: “Sim, mas de maneira diferente”, e acordara, de repente.

Sonhar com sua família o entristecera. Tenho de voltar logo para minha terra, pensou. Não sei nem mesmo onde estão enterrados.

Ele se espichou e ficou olhando o movimento no rio, a pensar em Ronalda e May-may. São diferentes, muito diferentes — eram diferentes. Eu amei a ambas, igualmente. Ronalda teria gostado de Londres numa bela mansão, com temporadas em Brighton ou Bath. Teria sido uma perfeita anfitriã em todos os jantares e bailes. Mas agora eu estou sozinho.

Levarei May-may para a Inglaterra comigo? Talvez. Como Tai-tai? Impossível. Porque isto me afastaria daqueles que eu preciso usar.

Parou de meditar e se concentrou na praça. Estava deserta. Pouco antes do entardecer, os bandeireiros partiram. Agora, havia apenas o fosco luar e as sombras borradas, um vazio que Struan achava fantasmagórico e cruel.

Ele queria dormir. Você não pode dormir agora disse a si mesmo. Sim, mas estou cansado.

Ficou em pé, espichou-se e, depois, se colocou mais uma vez na posição de vigia. Os carrilhões bateram o quarto de hora e, depois, a meia hora, e ele decidiu acordar May-may e Ah Gip dentro de quinze minutos. Não há pressa, pensou. Não se permitiu especular sobre o que aconteceria, se a *lorcha* de Jin-qua não chegasse. Com os dedos tocando as quatro metades de moeda, em seu bolso, ficou meditando outra vez sobre Jin-qua. Que favores, e quando?

Agora compreendia parcialmente os motivos que haviam levado Jin-qua a fazer tudo aquilo. A queda de Ti-sen o esclarecera. Obviamente, haveria guerra. Obviamente, os ingleses iriam ganhá-la. Obviamente, o comércio começaria outra vez. Mas nunca sob os Oito Regulamentos. Então, a Co-hong perderia seu monopólio e ficaria cada um por si. Daí a extensão do comércio para trinta anos: Jin-qua, simplesmente, estava cimentando suas relações comerciais para as próximas três décadas. Essa era a maneira chinesa de agir, pensou: não se preocupar com o lucro imediato, mas com o lucro no curso de anos a fio.

Sim, mas o que realmente teria Jin-qua em mente? Por que comprar terra em Hong Kong? Por que educar um filho à maneira “bárbara”, com que objetivo? E quais seriam os favores? E agora que você concordou e prometeu, como vai fazer esses favores? Como pode garantir que Robb e Culum cumprirão a barganha?

Struan começou a pensar nisso. Ruminou uma dúzia de possibilidades, antes de chegar a uma resposta. Detestava o que sabia ser necessário fazer. Depois, tendo decidido, dirigiu os pensamentos para outros problemas.

O que fazer com Brock? E com Gorth? Por um momento, no cais, estivera

pronto para ir atrás de Gorth. Mais uma palavra e ele iria ter de desafiá-lo abertamente. A honra teria obrigado — e permitido — que humilhasse Gorth. Com uma faca nas tripas. Ou com o chicote. E Culum. Em que anda metido? Por que não escreveu? Sim, e Robb, também. E que tolice terá feito Longstaff?

Os carrilhões bateram às onze. Struan acordou May-may. Ela bocejou e se espreguiçou voluptuosamente, como um gato. Ah Gip levantara-se no momento em que Struan se mexera e já estava juntando as trouxas.

— A *lorcha* chegou? — perguntou May-may.

— Não. Mas podemos descer e ficar preparados. May-may sussurrou algo para Ah Gip, e esta soltou-lhe os cabelos e escovou-os vigorosamente. May-may fechou os olhos e se deliciou. Depois, Ah Gip entrançou os cabelos, como faria uma Hoklo, e atou-os com um pedaço de fita vermelha, deixando a trança cair-lhe às costas.

May-may esfregou as mãos na poeira e sujou o rosto.

— O que vou fazer com você, Tai-Pan? Esta poeira suja vai destruir a perfeição da minha bela pele. Vou precisar de muito dinheiro para consertar isso. Quanto, hein?

— Mexa-se!

Ele seguiu em frente, com cuidado, desceu as escadas até a sala de jantar e depois, fazendo sinal para que as duas se sentassem, pacientemente, foi até a janela. A praça ainda estava deserta. Havia lâmpadas a óleo nas sampanas aglomeradas das cidades flutuantes. Vez por outra, cães ladravam, soavam fogos de artifício e vozes se elevavam, em discussões, e eram silenciadas, mas algumas vezes também eram vozes felizes — além do sempre presente *cla-que-claque* das pedras do *mah-jong*, atiradas sobre um convés ou uma mesa, e da cantilena das conversas. Erguia-se fumaça das fogueiras onde se cozinhava. Juncos,

lorchas e sampanas enchiam o estuário. Tudo — os ruídos, cheiros e visões — parecia normal a Struan. Exceto o vazio da praça — ele supusera que estaria cheia de gente. Agora, tinham de atravessar uma extensão deserta e, ao luar, poderiam ser vistos a centenas de metros.

O relógio bateu meia-noite.

Ele espiou a praça, repetidas vezes, e ficou esperando.

Os minutos se tornaram mais longos e, depois de uma eternidade, os carrilhões

bateram o quarto de hora. Depois, a meia hora.

— Talvez a *lorcha* esteja no sul — disse May-may, sufocando um bocejo.

— Sim. Vamos esperar mais meia hora e, depois, iremos olhar.

Quase na hora, ele viu as duas lanternas numa *lorcha* que descia o rio. O barco estava distante demais para ele poder ver o olho pintado de vermelho, e prendeu a respiração, à espera. A *lorcha* navegava devagar, lenta e vagarosa na água. Era um sinal favorável para ele, porque as barras de prata pesariam muitas toneladas. Depois que o barco passou pela extremidade norte da Colônia, mudou de curso e se aproximou do cais. Dois dos tripulantes chineses saltaram em terra, com amarrações e as prenderam. Para alívio dele, outro chinês foi com a lanterna à proa, apagou-a e tornou a acendê-la, de acordo com o sinal combinado.

Struan observou a semi-escuridão, verificando se havia perigo. Não percebeu nenhum. Testou a escorva de suas pistolas e colocou-as à cinta.

— Sigam-me, depressa, agora!

Silenciosamente, foi até a porta da frente, destrancou-a, e guiou-as cautelosamente através do jardim. Abriu o portão, e os três seguiram depressa pela praça. Struan se sentia como se toda Cantão estivesse a observá-los. Ao chegar à *lorcha*, viu o olho pintado de vermelho e reconheceu à popa o homem que o levara até Jin-qua. Ajudou May-may a subir a bordo. Ah Gip pulou para dentro, com facilidade.

— Por que duas *vaca cria*, hein? Não poder.

— Como é seu nome? — perguntou Struan.

— Wung!

— *Vaca cria* minha. Desatraque, Wung!

Wung notou os pés pequenos de May-may e seus olhos se estreitaram. Ele não podia ver o rosto de May-may, porque ela mantinha o chapéu sampana bem baixo por sobre a testa. Struan não gostou da maneira como Wung hesitava, e nem de como olhava para May-may.

— Desatraque! — disse, asperamente, e cerrou o punho. Wung deu uma ordem brusca. As amarras foram retiradas e a *lorcha* afastou-se do cais. Struan levou May-may e Ah Gip pelo passadiço até o convés inferior. Virou em direção à popa, onde deveria estar a cabina principal, e abriu a porta. Havia cinco chineses lá dentro. Fez sinal para que saíssem. Hesitantes, eles se levantaram e foram embora, olhando May-may de alto a baixo. Também espiaram seus pés.

A cabina era pequena, com quatro beliches e uma mesa tosca, com bancos.

Cheirava a cânhamo e a peixe podre. Wung apareceu à porta da cabina e ficou examinando May-may.

— Para que *vaca cria*? Não pode.

Struan não prestou nenhuma atenção a ele.

— May-may, você tranca porta, hein? Só abre porta quando eu bater, entende?

— *Entende,* sinhô. Struan foi até a porta e convidou Wung a sair, com um sinal. Ouviu o trinco ser passado, atrás deles, e então disse:

— Vamos para o porão!

Wung levou-o ao porão. Os quarenta engradados estavam empilhados em duas fileiras certinhas, contra os lados do navio, deixando uma ampla passagem entre eles.

— Que tem nas *caixa,* hein?

Wung parecia confuso.

— Pra quê *dizê,* hein? Tudo que disse *Sinhô* Jin-qua.

— Quantos *homem* sabe?

— Só os *meu!* Todos que *sabe, ayeeee yah!* — disse Wung passando o dedo pela garganta. Struan grunhiu.

— Guarde a porta.

Escolheu um engradado, ao acaso, e o abriu, com um pé de cabra. Ficou olhando para as barras de prata e, depois, tirou um dos tijolos de prata da camada superior. Sentiu a tensão de Wung e isto aumentou a sua própria. Recolocou o tijolo e a tampa do cesto.

— Para que *vaca cria*, hein? — perguntou Wung.

— *Vaca cria* minha. É isso. — Struan certificou-se de que a tampa estava bem presa, outra vez. Wung enfiou os polegares na cintura de sua calça esfarrapada.

— Comida? Pode?

— Pode.

Struan foi para o convés e testou o cordame e as velas. Havia um canhão de quatro libras na proa e outro na popa. Verificou se os dois estavam carregados e escorvados e viu se o barrilete de pólvora estava cheio e a pólvora seca. A metralha e as balas estavam prontas, e ao alcance. Ele ordenou a Wung para reunir a tripulação e pegou uma malagueta. Havia oito homens a bordo.

— Diz para trazer — disse ele a Wung — todas as facas, todas as armas de fogo para o convés, depressa.

— *Ayeee yah*, não pode — protestou Wung. — Tem muito pirata no rio. Muito...

O punho de Struan alcançou-o na garganta e atirou-o contra a amurada. A tripulação conversou entre si, cheia de raiva, e se preparou para avançar contra Struan, mas a malagueta erguida desencorajou-os.

— Todas as facas, todas as armas de fogo no convés, bem depressa — repetiu Struan, com voz dura.

Wung soergueu-se com dificuldade e murmurou alguma coisa em cantonês. Depois de um agourento silêncio, atirou sua faca no convés e, com má vontade, os outros fizeram o mesmo, em seguida. Struan disse a Wung para reunir as facas e amarrá-las num pedaço de saco que se encontrava no convés. Em seguida, fez a tripulação dar a volta e começou a revistar a todos. Encontrou uma pequena pistola em poder do terceiro homem e, com a ponta da coronha, bateu-lhe no lado da cabeça. Mais quatro facas caíram com ruído sobre o convés, atiradas pelos outros homens. Pelo canto do olho, Struan viu Wung atirar por sobre a amurada uma machadinha militar.

Depois de revistar os homens, ordenou-lhes para permanecerem no convés e, levando as armas consigo, cuidadosamente revistou o resto da embarcação. Não havia ninguém escondido embaixo do convés. Descobriu um esconderijo com quatro mosquetes, seis espadas, quatro arcos e flechas e três armas de ferro, atrás de algumas embalagens, e levou tudo para a cabina.

— May-may, você consegue *escuta* o que se passa lá em cima? — ele sussurrou,

— Sim — disse ela, também baixinho. — Você diz que podemos falar inglês certo em frente de Ah Gip. Por que não fala, agora?

— Esqueci. Hábito. Ora, garota, está tudo bem.

— Por que bateu em Wung? Ele é da confiança de Jin-qua, não?

— A carga é o imã desta viagem.

— Imã?

— Magneto. Agulha de bússola.

— Ah, entendo. — May-may estava sentada no beliche, com os cílios piscando, por causa do cheiro de peixe podre. — Vou ficar muito enjoada, se continuar aqui. Não posso subir para o convés?

— Espere até nos afastarmos de Cantão. Você está mais segura aqui. Muito mais segura.

— Quanto tempo vai demorar, antes de encontrarmos o *China Cloudi*?

— Pouco depois do amanhecer... se Wolfgang não cometer nenhum erro, com relação ao que combinamos quanto ao nosso encontro.

— E isso é possível?

— Com essa carga, tudo é possível. — Struan pegou um dos mosquetes. — Sabe como usar isto?

— Por que eu iria atirar com armas de fogo? Eu sou uma velha mulher cheia de medo da civilização... de grande beleza, eu concordo, mas que não quer nada com revólveres.

Ele lhe mostrou como fazer.— Se alguém, além de mim, vier à cabina, você o mata. — Ele voltou para o convés, carregando outro mosquete.

A *lorcha* agora estava no meio do canal, sob a lua que se erguia, pesada e funda dentro d'água, viajando cerca de quatro nós. Ainda passavam pelos subúrbios de Cantão, e ambos os lados do rio estavam cheios de vilas flutuantes enfileiradas. De vez em quando, cruzavam com barcos, sampanas e juncos, que seguiam rio acima. O rio tinha ali meia milha de largura e havia embarcações de todos os tamanhos adiante e atrás deles, descendo a corrente.

O céu dizia a Struan que o tempo ia ser bom, mas o travo do vento era suave,

seco e sem frescor, incorpóreo. Sabia que esse vento iria diminuir e, mais tarde, reduziria a velocidade em que navegavam. Mas não ficou preocupado; fizera a viagem tantas vezes que conhecia intimamente os baixios, os rios e afluentes, bem como os pontos onde poderiam surgir dificuldades.

A aproximação a Cantão era feita através de um labirinto de cursos de água e ilhas, grandes e pequenas, cobrindo uma área de cinco por vinte milhas. Havia muitos caminhos diferentes para subir o rio. E descê-lo.

Struan ficou satisfeito por estar outra vez navegando. E feliz com o fato de ter começado a viagem para o Pagode de Mármore. Oscilava, descontraidamente, de acordo com os movimentos da *lorcha.* Wung estava perto do timoneiro, e a tripulação espalhada pelo convés, malévola e sombria. Struan viu que o vigia da proa estava em seu lugar.

Em frente, a meia milha, o rio se bifurcava em torno de uma ilha. Nas imediações da forquilha, havia um baixio que deveria ser evitado. Struan nada disse e esperou. Ouviu Wung falar com o timoneiro, que virou a cana do leme e desviou a *lorcha* do baixio. Ótimo, pensou Struan. Pelo menos Wung conhecia parte dos cursos de água. Estava ansioso para ver que itinerário Wung seguiria, em torno da ilha. Ambos os itinerários eram bons, mas o do norte melhor do que o do sul. A *lorcha* manteve seu curso e se encaminhou para o canal norte. Struan virou-se e balançou a cabeça, apontando para o canal sul, simplesmente para o caso de Wung ter armado uma emboscada.

O timoneiro olhou para Wung, pedindo confirmação. Struan fez apenas um levíssimo movimento em direção ao timoneiro. O leme foi virado depressa e as velas adejaram momentaneamente, enquanto a *lorcha* tomava o novo curso.

— *Pra* que *toma* esse caminho, hein? Pra que me *bate?* Muito ruim. Muito. — Wung foi até a amurada e olhou a noite. O vento refrescara ligeiramente e a *lorcha* aumentava de velocidade, enquanto eles se movimentavam em direção ao canal sul. No limite da amura, Struan fez sinal ao timoneiro para virar o leme. O barco deu a volta devagar e então, na nova amura, o vento pegou as velas adejantes. As retrancas rangeram por sobre o convés e o barco deu uma ligeira

guinada, e começou a seguir em frente outra vez.

Ele mandou que as velas fossem mareadas, e navegaram suavemente por meia hora, em meio do tráfego do rio. Então, pelo canto do olho, Struan viu uma grande *lorcha* aproximar-se deles rapidamente, a barlavento. Brock estava em pé à proa. Struan agachou-se e disparou em direção ao leme, afastando o timoneiro. Wung e o timoneiro ficaram pasmados e começaram a conversar excitadamente, enquanto toda tripulação observava Struan.

Ele virou o leme, com toda força, a estibordo, e rezou para que a *lorcha* respondesse rapidamente. Ouviu a voz de Brock, fracamente: “Leme a estibordo!” e sentiu o vento fugir de suas velas. Struan virou a toda o timão, cambando na direção oposta; mas a *lorcha* não respondeu, e a embarcação de Brock colocou-se ao lado. Ele viu os ganchos agarrarem sua *lorcha*, prendendo-a firmemente. Levantou um mosquete.

— Ah, é você, Dirk, por Deus! — gritou Brock, fingindo espanto. Estava debruçado na amurada, com um largo sorriso no rosto.

— Enganchar é ato de pirataria, Brock! — Struan atirou sua faca, com o cabo na frente, para Wung. — Corte os ganchos depressa, depressa!

— Você está certo, rapaz. Peço perdão pelos ganchos — disse Brock. — Pensei que sua *lorcha* precisasse de um reboque. Não vejo uma bandeira no alto. Talvez tenha vergonha dela, quem sabe?

Struan viu que a tripulação de Brock estava armada e em posição de quem se prepara para agir. Gorth se encontrava no convés da popa, junto a um pequeno canhão de rodízio, e embora a arma não estivesse apontada para ele, sabia que devia achar-se escorvada e pronta para disparar.

— Da próxima vez que engancharem um navio meu, vou supor que são piratas e estourarei a cabeça de vocês.

— Permissão para ir a bordo, Dirk?

— Sim.

Brock esgueirou-se por entre o cordame de seu navio e pulou a bordo. Três homens pularam na amurada para segui-lo, mas Struan ergueu o mosquete e gritou:

— Parem aí! Liquido quem entrar a bordo sem permissão.Os homens pararam no meio do caminho.

— Muito bem — disse Brock, sardonicamente. — Esta é a lei do mar. Um capitão convida a quem gosta ou a quem quer. Fiquem onde estão! Struan empurrou Wung para a frente.

— Corte os ganchos!

O assustado chinês correu até lá e começou a cortar as cordas. Gorth virou o canhão de rodízio e Struan fez pontaria para ele.

— Afaste-se, Gorth! — disse Brock, com voz dura.

A lei do mar estava ao lado de Struan: enganchar era um ato de pirataria. E entrar a bordo armado, sem permissão, constituía pirataria, e nenhuma das leis inglesas era tão zelosamente protegida ou colocada em vigor como as referentes a navios no mar e aos poderes de um capitão, enquanto navegasse. Para a pirataria, só havia uma punição: enforcamento.

Wung cortou o último cabo e os barcos começaram a se afastar um do outro. Quando a *lorcha* de Brock estava a trinta pés de distância, Struan depôs o mosquete e gritou:

— Se chegar a cinqüenta pés de distância sem permissão, por Deus, vou acusar você de pirataria! — Depois, recostou-se na amurada. — O que quer dizer tudo isso, Tyler?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta a você, Dirk — disse Brock, em tom despreocupado. — Eu vi você se enfiar naquela sampana ontem. — Seus olhos brilharam, à luz da lanterna. — Vi você, vestido estranhamente como um cule, voltar para a feitoria. Estranho, disse eu. Talvez o velho Dirk tenha enlouquecido. Ou talvez o velho Dirk precise de uma mão, para sair a salvo de Cantão. Então seguimos pelo rio e depois voltamos e ancoramos ao norte da Colônia. Vimos você a bordo desta embarcação fedorenta. Você e duas putas.

— O que eu faço só interessa a mim.

— Sim, é verdade.

A mente de Struan estava fervendo. Sabia que a *lorcha* de Brock era muito mais veloz do que a sua, a tripulação perigosa e bem armada, e não poderia enfrentá-la sozinho. Amaldiçoou a si mesmo por ter sido tão confiante e não se manter vigilante.

Mas, mesmo assim, você não poderia ter visto Brock esgueirar-se rio acima. Como escapar de Brock? Deve haver alguma maneira. Ele pode facilmente cair em cima de você durante a noite e, mesmo que você sobreviva, poderá provar muito pouco. Brock alegaria ter sido um acidente. Além disso, May-may não sabe nadar.— Esta banheira velha está lenta na água. Será que está vazando? Ou não será o peso da carga?

— O que tem na cabeça, Tyler?

— Boatos, rapaz. Havia boatos a manhã inteira, ontem. Antes de partirmos.

Boatos a respeito da prata de Ti-sen. Ouviu falar nisso?

— Havia dúzias de boatos.

— Sim. Mas todos diziam que havia um resgate de rei em Cantão. Andei pensando a respeito. Até ver você voltar. E achei muito interessante. Depois da aposta de vinte mil guinéus. Muito interessante. Você entra numa *lorcha* pesada, como um ladrão de noite, e se dirige para o sul, pelo canal errado. — Brock espichou-se e, depois, coçou a barba, vigorosamente. — O velho Jin-qua não está por aí, está?

— Ele está fora de Cantão.

— O velho Jin-qua é um cão seu. Ou melhor — disse Brock, com um olhar astuto

— ele é um empregado seu, não?

— Vá direto à questão.

— Não tem pressa, rapaz. Não, por Deus! — Brock olhou para a proa de sua *lorcha*. — Tem o nariz leve, não?

Ele referia-se ao espigão de ferro de um pé quadrado que se projetava até uma distância de seis pés da proa, logo abaixo da linha-d'água. Struan inventara o esporão, há muitos anos, como método simples de perfurar e afundar um navio. Brock e muitos comerciantes da China o adotaram.

— Sim. E nós estamos pesados. Mas também estamos bem armados.

— Sim, já vi. Canhão de popa e canhão de proa, mas nenhum de rodízio. — Um

silêncio cheio de escárnio. — Cinco dias e suas promissórias estão vencidas. Certo?

— Sim.

— Vai saldá-las?

— Você vai descobrir isso dentro de cinco dias.

— Quarenta ou cinqüenta *laques* de barras representam muitas toneladas de prata.

— Deve ser, sim.

— Eu perguntei a Gorth: “Ora, o que faria o velho Dirk, se ele tivesse algum mau *pagode!”* Gorth disse: “Ele ia tentar mudar esse *pagode”*. “Sim, eu disse, mas como?” “Pedir emprestado”, disse ele. “Ah, é mesmo, um empréstimo. Mas onde?” Então, Dirk, meu rapaz, pensei em Jin-qua e em Ti-sen. Ti-sen está liquidado, então tinha de ser Jin-qua. — Ele ficou ruminando por um momento. — Há duas mulheres a bordo. Eu ficaria satisfeito de levá-las a Whampoa ou Macau. Para onde você disser.

— Elas já têm passagem.

— Sim, mas essa banheira velha pode afundar. Não gosto de ver duas mulheres se afogarem sem necessidade.

— Não vamos afundar, Tyler.

Brock se espreguiçou outra vez e gritou para sua *lorcha*, pedindo uma chalupa. Depois, abanou a cabeça, tristemente.

— Bom, rapaz, eu só queria oferecer passagem às mulheres. E a você, é claro. Esta banheira não parece muito firme no mar. Estranhamente pouco firme.

— Tem muito pirata nestas águas. Se algum navio chegar perto demais, vou usar meu canhão.

— Será uma boa coisa, Dirk. Mas se, na escuridão da noite, eu enxergar de repente um navio adiante, tentando me evitar, e se esse navio for tão impertinente a ponto de disparar um canhão contra mim, bom, rapaz, você faria o mesmo que eu. Vou supor que é um navio pirata e acabar com ele. Certo?

— Isso se você ainda estiver vivo, depois do primeiro tiro.

— Sim. É um mundo cruel, este em que vivemos. Não é coisa boa disparar canhões. A chalupa parou ao lado.

— Obrigado, Dirk. É melhor você içar logo essa bandeira, enquanto ainda tem uma. Porque assim não vão acontecer malditos equívocos. Peço perdão pelos ganchos. Vejo você em Hong Kong.

Brock deslizou por sobre a amurada da *lorcha* e ficou em pé na chalupa. Ele acenou com desdém e se afastou, conduzido pelos remadores.

— O que o *sinhô* de um olho só *quelia*? — perguntou Wung, abalado. A tripulação estava horrorizada, diante da *lorcha* de Brock.

— O que você acha, hein? Façam todos o que eu disser, para não morrer — disse Struan, abruptamente. — A todo pano, depressa. Apaguem as lanternas, já!

Tomando impulso, eles apagaram as lanternas e correram ao sabor do vento.

Quando Brock pulou para bordo de sua própria *lorcha*, ficou olhando a escuridão.

Não conseguia distinguir a *lorcha* de Struan, no meio das muitas que navegavam como fantasma em direção ao sul, descendo a correnteza.

— Você a vê?

— Sim, papai.

— Eu vou para baixo. Se acontecer você afundar uma *lorcha* com o ferrão, isso será ruim. Muito ruim.

— As barras de prata estão a bordo?

— Barras, Gorth? — disse Brock, com surpresa fingida. — Eu não sei o que você quer dizer. — Baixou a voz. — Se você precisar de ajuda, me chame. Mas não use canhões, veja bem, a não ser que ele dispare em nós. Não vamos fazer pirataria com ele. Temos muitos inimigos que gostariam de nos marcar como piratas.

— Durma bem, papai — disse Gorth.

***

Durante três horas, Struan deu voltas por entre o tráfego do rio, recuando, mudando de curso, contornando perigosamente os bancos de areia, sempre se

certificando de que havia embarcações entre ele e a *lorcha* de Brock, que o perseguia bem de perto, incansavelmente. Agora estavam saindo do canal sul dando a volta pela pequena ilha e entrando mais uma vez no rio principal. Ele sabia que ali haveria mais espaço para manobrar, mas isto ajudaria Brock mais do que a ele.

Uma vez no canal sul, Brock poderia passar ao largo, a barlavento, com toda facilidade, e depois atacá-lo, quando ele estivesse na amura a sotavento. Struan não teria vento para impeli-lo e ficaria preso a meia-nau. Um golpe direto, ou de raspão, com a sonda de ferro, poderia furar sua embarcação e fazê-la afundar como uma pedra. Como seus canhões eram solidamente presos na proa e na popa, não poderia virá-los para o meio da nau, a fim de se proteger. Se tivesse sua própria tripulação, seria diferente; ficaria manobrando até o amanhecer, certo de que seus homens poderiam usar suas armas para evitar qualquer tentativa de aproximação maior. Mas tinha dúvidas quanto à tripulação chinesa, e quanto aos antigos mosquetes que podiam, provavelmente, explodir no rosto de quem puxasse o gatilho. E Brock tinha razão, também. Se disparasse primeiro, na escuridão, Brock tinha o direito de devolver o tiro. E, se fosse dado com habilidade, no costado, iriam pelos ares.

Ele olhou para o céu, pela milésima vez. Precisava desesperadamente de uma repentina tempestade, com chuva, ou de nuvens que pudessem esconder a lua. Mas não havia nenhum sinal de tempestade, de chuva ou de nuvem.

Espiou em direção à popa e viu a *lorcha* aproximar-se deles. Estava cerca de cem jardas, à popa, e adiantava-se a barlavento, com a amura mais próxima ao vento do que eles, ganhando distância.

Struan esgaravatou os miolos, em busca de um plano viável. Sabia que só poderia escapar facilmente se tornasse o navio mais leve, atirando ao mar as barras de prata. Meia milha adiante, o rio iria bifurcar-se outra vez, em torno da Ilha de Whampoa. Se tomasse

o canal norte, estaria mais seguro, porque a maior parte do tráfego do rio era por aquele canal, e ele poderia evitar o esporão. Mas jamais poderia escapar em

tempo suficiente para navegar ao longo de Whampoa, e em torno da ilha, a fim de se encontrar com o *China Cloud*, na extremidade sul. Era forçado a usar o canal sul.

Não conseguia ver nenhuma maneira de escapar à armadilha. A alvorada romperia dentro de duas ou três horas, e ele estaria perdido. De alguma maneira, tinha de escapar em meio à escuridão e se esconder, e depois deslizar, sub-repticiamente, até o seu local de encontro. Mas como?

Na escuridão, mais adiante, podia ver a bifurcação do rio, que reluzia, todo prateado, em torno da Ilha de Whampoa. Então notou Ah Gip no passadiço. Ela lhe fazia sinais. À popa, a *lorcha* de Brock estava bem afastada, ainda arribando a barlavento, preparando-se para correr em frente ao vento, se ele tomasse o canal norte.

Apontou para um pequeno pagode, na margem sul, dando ao timoneiro um rumo.

— Entendido?

— Entendido, *sinhô!*

— É bom ter entendido! — Struan fez um sinal com o dedo de um lado para outro da garganta. Desceu às pressas.

May-may estava muito enjoada. O fedor de peixe e o aperto da cabina, além do balanço do navio, fizeram-na quase desmaiar de náusea. Mas ainda segurava o mosquete. Struan ergueu-a e começou a carregá-la para o convés.

— Não — disse May-may, fracamente. — Chamei você por causa de Ah Gip.

— O que há com ela?

— Mandei que saísse, em segredo. Para escutar o que dizem os tripulantes. — May-may teve uma ânsia de vômito, mas se conteve. Quando o espasmo passara, disse — ela ouviu um homem falando com outro. Estavam falando sobre as barras de prata. Acho que todos sabem.

— Sim — disse Struan. — Tenho certeza de que sabem. — Ele deu pancadinhas no ombro de Ah Gip. — Seu pagamento grande vai chegar logo.

— *Ayeeee yah* — disse Ah Gip. — Para que pagamento, hein?

— Brock ainda está em nossos calcanhares? — perguntou May-may.

— Sim.

— Talvez um raio o parta.

— Sim, talvez. Ah Gip, faça comida que a senhora possa comer! Sopa. Entendido? Sopa. Ah Gip fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sopa não. Chá bom.

— Sopa!

— Chá.

— Ah, tudo bem — disse Struan, irritado, sabendo que seria chá, por mais vezes que ele dissesse sopa.

Carregou May-may para o convés e instalou-a no barrilete de pólvora. Wung, o timoneiro e os tripulantes não olharam para ela. Mas Struan sabia que estavam agudamente conscientes de sua presença e que ela fazia aumentar a tensão no

convés. Então, lembrou-se do que ela falara a respeito de um raio, e isto deflagrou nele um plano. Sua preocupação o abandonou, e ele riu alto.

— Por que esse ha-ha, hein? — perguntou May-may, respirando fundo o ar marinho, com o estômago começando a se acalmar.

— Pensei numa boa maneira de liquidar o *Sinhô de Um Olho Só* — disse Struan.

— Ei, Wung! Vem cá. — Struan deu a May-may uma de suas pistolas. — Homem chegar perto, matar, entendido?

— Entendido, *sinhô.*

Struan fez sinal a Wung para acompanhá-lo e seguiu adiante. Ao caminhar, descontraidamente, pelo convés, a tripulação chinesa se afastava, para lhe abrir caminho. Parou no castelo de proa, verificando pela última vez se a *lorcha* de Brock estava bem visível, e correu para baixo, com Wung logo atrás. Os alojamentos dos tripulantes consistiam numa única cabina ampla, abrangendo a largura da embarcação, com beliches alinhando-se de cada lado. Havia uma tosca lareira, feita de tijolos, sob uma portinhola gradeada e aberta. Uma chaleira pendia sobre os carvões, que brilhavam fracamente. Molhos de ervas e cogumelos secos, peixe seco e fresco e verduras frescas, além de um saco de arroz, estavam nas proximidades, junto a grandes e pequenos jarros de cerâmica.

Ele tirou as tampas dos jarros e cheirou seu conteúdo.

— *Sinhô* quer comida? Pode.

Struan abanou a cabeça. No primeiro jarro, havia soja. No segundo, gengibre em calda. Depois, raiz de ginseng em vinagre, e temperos. Havia óleos de cozinha, um jarro com óleo de amendoim e outro com óleo de milho. Struan despejou algumas gotas de ambos os jarros no fogo. O óleo de milho ardia mais do que o de amendoim.

— Wung, leve para cima — ele disse, apontando o jarro de óleo de milho.

— *Pra* que, hein?

Struan voltou correndo para o convés. A *lorcha* aproximava-se *do ponto* da forquilha onde teriam de virar para o canal norte ou o canal sul. Struan apontou para o sul.

— Por que caminho longo, hein? — Wung perguntou, pondo o jarro no chão.

Struan olhou para ele e Wung recuou um pouquinho. O timoneiro já virará a cana do leme. Eles se encaminhavam para o lado sul da forquilha. A *lorcha* de Brock seguiu rapidamente na mesma amura. Havia ainda muitos barcos entre as duas *lorchas* e Struan estava salvo por algum tempo.

— Você fica — disse ele a Wung. — Ei, *vaca cria*. Você fica. Use *pau de jogo* do mesmo jeito.

— Entendido, *sinhô* — disse May-may. Ela se sentia muito melhor.

Struan entrou na cabina principal e reuniu todas as armas, levando-as em seguida de volta para a popa. Escolheu um mosquete, os dois arcos e flechas, e um chicote de ferro, e atirou o resto das armas por sobre a amurada.

— Pirata pode, não tem arma de fogo — Wung murmurou sombriamente.

Struan pegou o chicote de ferro e volteou-o sem rumo. Era um açoite feito de metal encadeado, uma arma mortal, se usada de perto — hastes de ferro de três pés de comprimento ligadas entre si e, na extremidade, uma bola de ferro com farpas. O cabo curto de ferro encaixava-se comodamente na mão, e uma correia protetora de couro passava por sobre o pulso.

— Pirata vem, vai ter muita morte — disse Struan, duramente. Wung apontou furiosamente para a *lorcha* de Brock.

— *Ele a gente não pode pará,* não é? — Apontou para a praia mais próximas. — Ali. Corremos praia... salvos!

— *Ayeeee yah* — Struan virou as costas, com desprezo. Ele sentou-se no convés, com a correia de couro do chicote de ferro amarrada ao pulso. A assustada tripulação observou, pasmada, quando Struan arrancou a manga de seu paletó acolchoado de cule e rasgou-a em tiras, cuidadosamente amarrando-as em torno da cabeça e uma flecha com ponta de ferro. Recuaram quando ele ajustou a flecha no arco, mirou ao longo do convés, em direção ao mastro, e disparou. A flecha não acertou no mastro, mas se encravou na porta de teca do castelo de proa. Arrancou a flecha com dificuldade.

Voltou e desatou a tira do tecido acolchoado e molhou-a no óleo. Em seguida, cuidadosamente pulverizou-a com pólvora, tornou a amarrá-la em torno à ponta da flecha e amarrou uma segunda tira por fora.

— Olá! — o vigia da popa gritou. A *lorcha* de Brock aproximava-se, perigosamente. Struan pegou o leme e pilotou a embarcação, por um momento. Deslizou arriscadamente por trás de um pesado junco e mudou de direção habilmente, de maneira que, ao navegar sem obstáculos, corria na amura oposta. A *lorcha* de Brock se virou depressa, para interceptá-lo, mas teve de se desviar, a fim de evitar um comboio de juncos que se dirigia para o norte. Struan entregou o leme a um dos tripulantes e terminou de preparar quatro flechas. Wung não conseguia mais se conter.

— Ei, *sinhô o que pode?*

— Vai pagar o fogo de clarear.

Murmurando xingamentos, Wung foi embora e voltou com uma lanterna.

— Fogo de clarear!

Struan fez uma pantomima, como se mergulhasse a flecha na chama da lanterna e disparasse a haste inflamada na vela grande da *lorcha* de Brock.

— Muito fogo, hein? Eles param, nós vamos, hein?

A boca de Wung se escancarou. Depois, ele estourou de rir. Quando conseguiu falar, explicou tudo à tripulação e eles olharam radiantes para Struan.

— Você muito... muito Tai-Pan. *Ayeeee yah!* — disse Wung.

— Muito fantástico você — disse May-may, rindo também. — *Sinhô de Olho Só tá* perdido!

— Olá — o vigia chamou.

A *lorcha* de Brock já fizera a manobra, desviando-se, e se aproximava. Struan tomou a cana do leme e começou a fazer mil curvas, através do tráfego, chegando cada vez mais perto do canal sul. A *lorcha* de Brock se aproximava, inexoravelmente, quase já se colocando a barlavento. Struan sabia que Brock estava esperando o tráfego diminuir, antes de dar sua fatal estocada. Struan estava um pouco mais confiante agora. Se a flecha atingir |sua vela, disse a si mesmo, e se não a atravessar, se permanecer acesa enquanto estiver no ar, se a vela principal estiver suficientemente seca para pegar fogo, se eles esperarem pelo menos quatro milhas, antes de fazerem a primeira aproximação final, e se meu *pagode* estiver bom, então posso acabar com eles.

— Maldito seja Brock! — disse.

O tráfego do rio diminuía bastante. Struan moveu o leme e encaminhou-se a barlavento a fim de chegar tão perto quanto possível do lado sul do rio, de modo

que, ao se virar outra vez, o vento estivesse para a ré do través, e ele pudesse ser impelido diretamente. O lado sul do rio era cheio de baixios perigosos. Colocando-se numa amura tão a barlavento, Struan ficou em posição perigosamente aberta. A *lorcha* de Brock estava esperando para investir. Mas Struan queria que ele atacasse agora. Era tempo. Há muito, aprendera uma lei básica de sobrevivência: traga seu inimigo para o combate só em seus termos, jamais nos dele.

— Ei, May-may, vá para baixo.

— Quero *espiá. Pode,* não se preocupe.

Struan pegou o segundo mosquete e entregou-o a Ah Gip.

— Vão para baixo, agora! As mulheres obedeceram.

— Wung, pegue fogo de clarear, dois! Wung trouxe uma segunda lanterna e Struan acendeu as duas. Aprontou as flechas, e os dois arcos. Agora estamos comprometidos, disse a si mesmo.

A *lorcha* de Brock estava a duzentas jardas de distância, a barlavento. Gradualmente, o tráfego do rio desapareceu. Os dois barcos estavam sós. Instantaneamente, a *lorcha* de Brock virou de quilha para a frente e se atirou sobre ele. A tripulação de Struan se espalhou e correu para o passadiço mais afastado. Eles se penduraram no cordame e se prepararam para pular no mar. Só Wung permaneceu com Struan na popa.

Struan via Gorth nitidamente agora, pilotando a *lorcha*, com seus tripulantes em posições de ação. Examinou o convés, à procura de Brock, mas não conseguiu vê-lo, e ficou imaginando em que maldade estaria empenhado. Quando as *lorchas* estavam a cinqüenta metros de distância, Struan virou o leme e moveu-se pesadamente diante do vento, virando a popa para Gorth. Gorth avançava rapidamente, permanecendo a barlavento, e Struan sabia que ele era esperto

demais para fazer uma investida do seu lado abrigado do vento. Fez sinal a Wung para tomar o leme e manter o curso. Aprontou o arco e as flechas e mergulhou sob o passadiço. Via os mastros da *lorcha* avançando sobre ele rapidamente. Enfiou uma das cabeças de flechas na chama da lanterna. O tecido acolchoado, embebido de óleo, incendiou-se imediatamente e ele ficou em pé e fez pontaria. A *lorcha* estava a trinta jardas de distância. A flecha descreveu um arco inflamado, em meio a gritos de advertência, e atingiu em cheio a vela principal. Mas a força do impacto apagou a chama.

Gorth gritou para sua tripulação e ainda avançava, quando a segunda flecha atingiu sua *lorcha.* Esta bateu na vela principal e ficou presa ali, espalhando centelhas pelo convés. A pólvora que estava dentro do tecido acolchoado inflamou-se e explodiu. Involuntariamente, Gorth virou o leme e o navio se desviou, balançando com a violência da guinada.

Struan tinha uma terceira flecha pronta e, quando a *lorcha* passou, velozmente, ele a disparou e viu-a bater na grande vela principal. As chamas começaram a lamber o convés. Alegremente, virou o leme, afastando-se a barlavento, e viu Brock subir correndo de debaixo do convés, dar um empurrão em Gorth, agarrar o leme, virando o navio. Então, Brock deu um safanão ainda mais forte no leme, virando agora a embarcação para estibordo de Struan, a meia-nau, cortando-lhe a fuga.

Struan previra o movimento de Brock, mas sua *lorcha* não respondeu ao leme e ele sentiu que estava liquidado. Acendeu a última flecha e esperou, com seu peso pressionado de encontro ao leme, rezando para que a *lorcha* se virasse. Brock estava em pé à popa, gritando à tripulação, que tentava desesperadamente apagar o fogo. Uma massa de cordame em chamas caiu perto de Brock, mas ele não prestou a menor atenção, concentrando-se apenas no ponto a estibordo, a meia-nau, que ele escolhera para o impacto.

Struan fez pontaria cuidadosamente e, quando a *lorcha* estava a quinze jardas de distância, disparou. A flecha encravou-se no tabique junto à cabeça de Brock, mas a *lorcha* manteve seu curso. O barco de Struan começou a se virar, mas era tarde demais. Struan sentiu um forte impacto e ouviu o doloroso rangido de madeira se despedaçando, enquanto a farpa da *lorcha* de Brock cortava seu barco

a bombordo. A embarcação de Struan balançou para um lado e quase virou, atirando Struan no convés.

Salpicado de centelhas do cordame e das velas em chamas, Struan se ergueu. Houve gritos dos chineses em pânico e roucos berros dos homens de Brock, enquanto ambas as tripulações lutavam para se livrar do terrível emaranhamento. No meio do barulho, Struan ouviu Brock gritar: “Peça perdão”, e os dois barcos se separaram, com a *lorcha* de Brock movimentando-se em frente, as velas em chamas. A embarcação de Struan se endireitou, inclinou-se às tontas para estibordo, voltou a se endireitar, mas perigosamente adernada a bombordo.

Struan agarrou o leme e virou-o com toda sua força. A *lorcha* obedeceu vagarosamente e, quando o vento lhe apanhou as velas, Struan seguiu em direção à praia, esperando freneticamente poder alcançá-la antes que a embarcação afundasse.

Via que as duas velas de Brock estavam em chamas. Sabia que teriam de ser atiradas às ondas, cortadas, e depois substituídas. De repente, notou que seu convés estava num ângulo de dez graus a bombordo — o lado *oposto* ao impacto. Caminhou com dificuldade pelo convés inclinado e olhou por sobre a amurada o grande talho que fora aberto. A parte inferior do corte estava apenas uma polegada sob a linha-d’água e Struan percebeu que o choque do impacto mudara a posição dos engradados com as barras, no porão. O peso das barras estava mantendo o barco nesse adernamento permanente.

Ele gritou a Wung que tomasse o leme e o mantivesse no mesmo curso.

Então pegou o chicote de ferro, saiu engatinhando e, fazendo girar a arma, foi levando para baixo vários tripulantes. A caminho do porão, viu May-may e Ah Gip, ilesas, mas abaladas, em meio aos destroços da cabina principal.

— Subam! Segurem arma!

O porão estava em pedaços. Os engradados encontravam-se espalhados e havia tijolos de prata por toda parte. Os caixotes intactos estavam empilhados do lado a bombordo. A água entrava aos jorros pelo corte. Os tripulantes deram a volta, assustados, mas ele os impeliu para mais adiante, dentro do porão, e os fez apagar os pequenos incêndios provocados pelos carvões espalhados.

Praguejando e fazendo gestos, ele lhes mostrou que queria os engradados deslocados daquele lugar e empilhados mais adiante, a bombordo. Com água até os tornozelos, os chineses estavam mortos de medo de se afogar, porém mais assustados ainda diante do chicote de ferro que girava no ar, e então fizeram o que Struan ordenava. A *lorcha* inclinou-se perigosamente, rangendo, e o corte saiu da água por questão de poucas polegadas. Struan pegou a vela de reserva e começou a enfiar a lona no lado cortado da embarcação, usando como cunhas alguns poucos tijolos de prata.

— Pelo sangue de Cristo! — bradou. — Depressa, depressa! Os tripulantes pularam para ajudar e logo o corte estava fechado e protegido da água. Struan fez sinal à tripulação para pegar a vela que sobrara e conduziu-os de volta ao convés.

May-may e Ah Gip estavam abaladas, mas não haviam sofrido nada. May-may ainda agarrava a pistola, Ah Gip o mosquete. Wung, paralisado de terror, mantinha o curso. Struan impeliu os homens para a frente e, com a ajuda deles, passou a lona da vela sob a proa do navio, debaixo do casco, e depois atou-a fortemente por sobre o talho. A sucção da água endureceu a vela sobre o corte, enquanto o barco balançava loucamente, quase virando.

Mais uma vez, ele forçou os homens a descerem e, depois de prender com mais força a lona que servia para calafetar, fez com que tornassem a ajeitar o resto dos engradados, a fim de manter uma inclinação menos perigosa a bombordo.

Voltou para o convés e examinou as amarras da vela principal. Quando se certificou de que estavam firmes, tesas, prendendo bem, começou a respirar livremente outra vez.

— Você está bem, May-may?

— O quê? — perguntou ela.

— Feriu-se?

— Sim.

Ela apontou o pulso. Estava cortado e sangrando. Ele o examinou cuidadosamente. Embora doesse, não parecia estar quebrado. Ele despejou rum sobre as feridas e depois o bebeu em grandes goles e olhou em direção à popa. A *lorcha* de Brock estava à deriva, com a vela principal e a dianteira ardendo furiosamente. Ele espiou a tripulação cortar os cordames e as velas caíram no mar. Arderam por um momento, na água. Depois, ficaram completamente negras. Alguns juncos e sampanas estavam nas proximidades, mas nenhum deu assistência à *lorcha* em chamas.

Struan olhou para a frente. O Canal dos Seis Rochedos — um curso de água pouco conhecido, estava a sotavento. Experimentou o leme cautelosamente e o barco arriou alguns pontos. O vento empurrou as velas e o navio adernou bastante, fazendo o corte submergir. Houve um grito de advertência da tripulação e Struan corrigiu o adernamento. É perigoso navegar assim, pensou. Não ouso levar a amura a estibordo. As ondas podem rasgar a cobertura e nós afundaremos como uma pedra. Se eu chegasse ao Canal dos Seis Rochedos, Brock jamais me encontraria, mas não posso fazer essa manobra de amura. Então, tenho de ficar no rio. Correr na frente do vento, tão diretamente quanto possível.

Verificou sua posição. O Pagode de Mármore ficava a oito ou nove milhas, rio abaixo.

Com a vela protetora em torno à quilha funcionando como uma âncora de tempestade, a *lorcha* andava apenas a dois ou três nós. Ter de manter o curso do vento, a fim de evitar a amura, reduziria mais sua velocidade. Com *pagode,* eu

não vou ter de colocar a amura a estibordo. Baixarei as velas, vou deixar o barco à deriva, e levantarei as velas outra vez quando estiver em posição.

Deu o leme a Wung e desceu, verificando outra vez como ia a lona que servia como calafate. Vai agüentar por algum tempo — com *pagode* — pensou ele. Pegou algumas xícaras de chá e subiu para o convés.

A tripulação estava reunida de um lado, segurando-se sombriamente. Havia apenas seis homens.

— Ei! Seis *bois* só. Onde estão os outros dois? Wung apontou por sobre a amurada e riu.

— Plaft, caíram! — Depois fez um aceno a popa e deu de ombros. — Não tem importância.

— Pelo sangue de Cristo, por que não os salvou, hein?

— Pra que *salvá*, hein?

Struan sabia que era inútil tentar explicar. Segundo os chineses, era *pagode* o fato de que os homens tinham caído por sobre a amurada. Simplesmente *pagode* — o *pagode* deles — se afogarem, e também vontade dos deuses. Muito pouco aconselhável interferir na vontade dos deuses. Salvando um homem de morrer, fica-se responsável por ele pelo resto da vida deste homem. É certo. Porque, quando se interfere com a vontade dos deuses, deve-se estar preparado para assumir a responsabilidade deles.

Struan encheu uma taça de rum e deu-a a May-may. Ofereceu aos tripulantes, um de cada vez, uma dose dupla, sem esperar nenhum agradecimento, como de fato aconteceu. Estranho, disse a si mesmo, mas bem próprio dos chineses. Por que deveriam agradecer-me, por salvar suas vidas? Foi por *pagode* que não afundamos.

— Obrigado, meu Deus, por meu *pagode*, obrigado.

— Olá! — gritou um dos tripulantes, ansiosamente, olhando por sobre a amurada.

A lona da calafetação saía e flutuava. Struan foi correndo para baixo. Tirou do pulso o chicote de ferro e empurrou mais a vela ensopada na ferida do navio. Água com a altura de três pés enchia todo o fundo do casco. Empurrou um engradado mais para perto da lona e enfiou outros tijolos de prata nas fendas.

— Vai agüentar — disse ele, alto. — Sim, talvez.

Pegou o ferro de combate e foi para a cabina principal. Estava completamente destroçada. Olhou para o beliche, saudosamente, apanhou um colchão de palha e subiu o passadiço.

Ficou gelado, no alto da escada. Wung apontava uma pistola para ele. Um segundo chinês segurava o mosquete e Ah Gip estava inerte a seus pés. Um dos tripulantes agarrava May-may com um braço e mantinha uma mão sobre sua boca. Wung puxou o gatilho, enquanto Struan instintivamente erguia o colchão de palha e se arremessava para um lado do passadiço. Sentiu a bala arranhar-lhe o pescoço e mergulhou sobre o convés com o rosto mordido pela pólvora e o colchão de palha como patético escudo. O segundo chinês disparou à queima-roupa, mas o mosquete explodiu e lhe arrancou as mãos. Ele ficou olhando para os tocos dos braços, pasmado, e gritou.

Struan fazia girar o chicote de ferro, enquanto Wung e a tripulação atacavam. A bola farpada alcançou Wung em cheio do lado do rosto, arrancando-lhe metade da boca, e ele se afastou. Struan brandiu o chicote e outro homem caiu, e ainda outro pulou sobre suas costas, tentando sufocá-lo, a usar seu próprio rabicho como garrote, mas Struan atirou-o para um lado. O homem que segurava May-

may deu um salto para a frente e Struan bateu com o cabo do chicote de ferro em sua cara e então, quando o homem gritou e caiu, Struan pisoteou-o.

Os dois homens que estavam ilesos fugiram para a proa. Arquejando, numa tentativa de recuperar o fôlego, Struan imediatamente correu atrás deles. Eles pularam no mar. Houve um grito na popa. Wung, grotesco, com o sangue jorrando da metade do rosto, tentava cegamente agarrar May-may. Ela escapou às suas mãos e saiu manquejando à procura de proteção.

Struan recuou e matou-o.

O homem sem mãos gritava horrivelmente. Struan matou-o rapidamente, de maneira indolor.

Fez-se silêncio no convés.

May-may olhou para uma mão arrancada, caída ao chão, e ficou violentamente enjoada. Struan chutou a mão por sobre a amurada. Quando recuperou sua força, atirou todos os corpos, com exceção de um, pela amurada. Examinou Ah Gip. Ela respirava pela boca, com sangue escorrendo pelo nariz.

— Acho que vai ficar boa — disse ele, e ficou espantado com a rouquidão da própria voz. Apalpou o rosto. A dor ia chegando em ondas violentas. Ele despencou ao lado de May-may. — O que aconteceu?

— Não sei — disse ela, que já não tinha lágrimas. — Num momento, eu estava com a pistola, no próximo havia uma mão em cima de minha boca, e eles dispararam em você. Por que não o mataram?

— Eu me sinto inteiro — disse ele. O lado esquerdo de seu rosto encontrava-se muito chamuscado. O cabelo estava crestado e faltava metade de uma sobrancelha. A dor no peito diminuía.

— Por que eles... Wung e eles... fizeram isso? Por quê? Ele era da confiança de Jin-qua — disse ela.

— Você própria falou que qualquer pessoa tentaria roubar o dinheiro. Sim. Qualquer uma. Não os culpo. Fui um louco em descer. Ele verificou se o curso continuava para a frente. Ainda seguiam, dificultosamente, na direção certa. May-may viu a marca no pescoço dele.

— Mais uma polegada, meia polegada — ela sussurrou. — Agradeça aos deuses pelo seu *pagode.* Eu vou fazer uma grande dádiva.

Struan estava sentindo o doce fedor de sangue e, agora que estava salvo, seu estômago se revirou e ele se agarrou à amurada e vomitou. Em seguida, pegou um balde de madeira e limpou o convés. Depois, limpou o chicote de ferro.

— Por que você deixou aquele homem? — perguntou May-may.

— Ele não está morto.

— Atire-o na água.

— Quando estiver morto. Ou quando acordar, se chegar a isso, ele pode pular. — Struan respirou profundamente e sua náusea passou. Com as pernas doendo de cansaço, aproximou-se de Ah Gip e levou-a para o alojamento central. — Você viu onde ela foi atingida.

— Não.

Struan abriu-lhe o casaco acolchoado e examinou-a cuidadosamente. Seu peito e

as costas estavam sem nenhuma marca, mas havia um sinal de sangue na base do seu rabicho. Ele a embrulhou nas roupas outra vez e ajeitou-a o melhor que pôde. O rosto dela estava cinzento e sarapintado; sua respiração era difícil.

— Ela não está com bom aspecto.

— Vamos ter de viajar ainda por quanto tempo? — perguntou May-may.

— Mais duas ou três horas. — Pegou o leme. — Não sei. Talvez mais. May-may deitou-se de costas e deixou o vento e o ar fresco lhe desanuviarem a cabeça. Struan viu a garrafa quebrada de rum rolando nos embornais.

— Vá lá embaixo. Veja se há outra garrafa de rum, por favor. Acho que havia duas, não?

— Desculpe, Tai-Pan. Quase mato nós dois, por causa de minha estupidez.

— Que nada, garota. Foi o dinheiro. Vá dar uma olhada no porão.

Ela seguiu para baixo. Ficou por lá um longo tempo.Quando voltou, carregava um bule de chá e duas xícaras.

— Fiz chá — disse, orgulhosamente. — Fiz fogo e fiz chá**.** A garrafa de rum estava quebrada. Então, vamos tomar chá.

— Não sabia que você sequer era capaz de fazer chá, quanto mais acender fogo — disse ele, brincando com ela.

— Quando ficar velha e desdentada, eu vou ser ama. — Ela notou, distraidamente, que o último marinheiro chinês não estava mais no convés. Serviu o chá e lhe ofereceu uma xícara, sorrindo palidamente.

— Obrigado.

Ah Gip recuperou a consciência. Vomitou e depois tornou a desmaiar.

— Não gosto do aspecto dela, de maneira nenhuma.

— Ela é uma ótima escrava. Ele bebeu o chá, agradecido.

— Quanta água há no porão?

— O chão está cheio de água. — May-may bebia seu chá.

— Acho que seria bom... não sei como dizer... “comprar” o deus do mar para nosso lado.

— Fazer um pedido?

Sim, pedido.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sim, seria bom fazer um pedido ao deus do mar.

— Como você faz isso?

— Tem barras de prata demais, lá embaixo. Uma barra seria muito bom.

— Seria muito mau. Grande desperdício de prata. Já falamos nisso milhares de vezes. Não há deuses, mas um Deus.

— É verdade. Mas, por favor. Por favor, Tai-Pan. Por favor.

— Os olhos dela lhe imploravam. — Precisamos de uma ajuda fantástica e total. Acho aconselhável pedir imediatamente ao deus do mar bênçãos particulares. Struan desistira de tentar fazê-la compreender que havia apenas um Deus, Jesus era o Filho de Deus, o cristianismo era a única religião verdadeira. Há dois anos, ele tentara explicar-lhe o cristianismo.

— Quer que eu seja cristã? Então, sou cristã — disse ela, alegremente.

— Mas não é tão fácil assim, May-may. Você tem de acreditar.

— Claro. Acredito no que você quiser. Só há um Deus. O Deus bárbaro cristão. O novo Deus.

— Não é um Deus bárbaro e não é um novo Deus. É...

— Seu Senhor Jesus não era chinês, hein? Então, ele é um bárbaro. E o que adianta dizer-me que este Deus Jesus não é novo, quando ele nasceu há apenas dois mil anos, hein? É mesmo muito novo. *Ayeee yah,* nossos deuses têm cinco, dez mil anos de idade.

Struan ficara desnorteado, porque embora fosse cristão, freqüentasse a igreja, algumas vezes rezasse e conhecesse a Bíblia tão bem quanto a maioria dos homens, homens comuns, não tivera prática e nem habilidade para ensiná-la. Então, mandou Wolfgang Mauss explicar a ela o Evangelho em mandarim. Mas, depois de Mauss ensinar-lhe e batizá-la, Struan descobrira que ela ainda ia ao templo chinês.

— Mas por que ir lá? Isto significa que você se tornou pagã outra vez. Você se ajoelha diante de ídolos.

— Mas, para que serve a estátua de madeira do Senhor Jesus na Cruz, que está na igreja, se não for um ídolo? Ou a própria cruz? Tudo não é a mesma coisa que um ídolo?

— Não é a mesma coisa.

— O Buda é o único símbolo de Buda. Eu não adoro um ídolo. Sou chinesa. Os chineses não adoram ídolos, só a idéia da estátua. Nós, chineses, não somos estúpidos. Somos terrivelmente inteligentes a respeito dessas coisas de deuses. E como posso saber se o Senhor Jesus, que é bárbaro, gosta de chineses, hein?

— Quer fazer o favor de não dizer essas coisas? Isto é blasfêmia. Wolfgang explicou o Evangelho inteiro a você, nesses últimos meses. Claro que Jesus ama todos os povos do mesmo jeito.

— Então, por que os padres cristãos que usam saias compridas e não têm mulheres dizem que os outros padres cristãos, que se vestem como homens e geram muitos filhos, só são ouvidos pelos tolos, hein? *Sinhô* Mauss diz que antes havia muitas guerras e muitas mortes. *Ayeee yah*, os demônios de saias compridas queimam homens e mulheres em fogueiras. — Ela abanou a cabeça, com firmeza. — Melhor mudarmos agora mesmo, Tai-Pan. Vamos ser cristãos de saias compridas; depois, se perdermos, para eles, não vamos ser queimados. Seus cristãos bonzinhos não queimam gente, hein?

— Não se muda assim, por essa razão. Os católicos estão errados. Eles...

— Eu lhe digo, Tai-Pan. Acho que deveríamos ser cristãos de saias compridas. E, também acho, você cuida de seu novo Deus Jesus com muito cuidado e eu cuido do Deus Jesus o melhor que eu puder e, ao mesmo tempo, presto atenção aos nossos deuses chineses, próprios para nós, também com muito cuidado. — Ela balançou a cabeça com muita firmeza e depois sorriu, maravilhosamente. — Então o deus mais forte tomará conta de nós.

— Você não pode fazer uma coisa dessas. Só há um Deus. Um!

— Prove isso — dissera ela.

— Não posso.

— Está vendo? Como pode o homem mortal provar a existência de Deus, qualquer deus? Eu sou cristã, como você. Porém, felizmente, também chinesa, e nessas coisas de deus é melhor pensar um pouco como chinesa. É muito aconselhável manter uma mente muito aberta. Muito. É *pagode* para você que eu seja chinesa; assim, em nosso favor, eu também posso fazer pedidos aos deuses chineses. — Ela acrescentou, apressadamente. — Que, é claro, não existem. — Sorriu. — Não é ótimo?

— Não.

— Claro, se eu pudesse escolher... e não posso, porque só existe um Deus... eu preferiria um deus chinês. Não quer que seus devotos matem outros deuses, ou matem todas as pessoas que não se ajoelham diante deles. — E prosseguira, rapidamente. — O Deus bárbaro cristão, que é o único, o único Deus, me parece, a mim, uma pobre e simples mulher, muito sanguinário e difícil de se conviver mas, naturalmente, eu acredito n'Ele. É isso — ela concluíra, enfaticamente.

— Não tem nada de "é isso".

— Acho que o céu de vocês é infernalmente estranho, Tai-Pan. Todo mundo voando feito pássaro, e todo mundo de barba. Vocês fazem amor no céu?

— Não entendo.

— Se não podem fazer amor, eu não vou para o céu de vocês. Ah, não, absolutamente. Deus verdadeiro, ou não. Deve ser um lugar muito ruim, assim.

Preciso descobrir, antes de ir para lá. Sim, de verdade. E, outra coisa, Tai-Pan. Por que deveria o único Deus verdadeiro, portanto fantasticamente inteligente, permitir só uma única esposa, hein, o que é terrivelmente estúpido? E, se você é cristão, por que somos como marido e mulher, quando você já tem mulher? Adultério, hein? Muito ruim. Por que você desobedece a tantos dos Dez Mandamentos, hein, e ainda assim chama a si próprio, todo convencido de cristão?

— Bom, May-may, alguns de nós somos pecadores e fracos. Jesus Cristo perdoará alguns de nós. Ele prometeu nos perdoar, se nos arrependermos.

— Se fosse eu, não perdoava — disse ela, com muita firmeza. — Não perdoava, se fosse o Deus Supremo e Único. Não, de verdade. E, outra coisa, Tai-Pan. Como pode Deus ser Trindade e ter também filho número um que também é Deus e nasceu de uma mulher de verdade, sem ajuda de homem de verdade, e ela então se torna Mãe de Deus? Isto é que eu não compreendo. Mas, não me confunda, Tai-Pan, sou tão cristã como qualquer outra pessoa, por Deus. Hein?

Tiveram muitas conversas assim e, a cada vez, ele se encontrava preso numa discussão sem pé e nem cabeça, a não ser pelo fato de que sabia só existir um Deus, o verdadeiro Deus, mas sabia, também, que May-may jamais compreenderia. Esperara que talvez Ele se tornasse claro para ela, quando assim a desejasse.

— Por favor, Tai-Pan — disse May-may outra vez. — Um pouco de fingimento não vai fazer mal a ninguém. Eu já disse: uma oração para o Único Deus. Não se esqueça de que estamos, na China, e este é um rio chinês.

— Mas isso não vai fazer bem nenhum.

— Eu sei. Ah, sim, Tai-Pan, eu sei, é claro. Mas sou cristã há apenas dois anos, então você e seu Deus precisam ser pacientes comigo. Ele me perdoará — concluiu, triunfantemente.

— Está bem — disse Struan.

Ela desceu. Quando voltou, tinha lavado o rosto e as mãos, e seu cabelo estava entrançado. Em suas mãos havia um tijolo de prata embrulhado em papel. O papel estava coberto com caracteres chineses.

— Você escreveu os caracteres?

— Sim. Achei caneta e tinta. Escrevi uma oração para o deus das águas.

— O que diz?

— "Ó grande, Sábio e Poderoso Deus do Mar, em troca desta enorme dádiva, quase cem taéis de prata, por favor nos leve a salvo para um navio bárbaro chamado *China Cloud*, pertencente ao meu bárbaro, e depois para a ilha de Hong Kong, que os bárbaros roubaram de nós."

— Não gostei muito dessa oração — disse ele. — Afinal de contas, garota, é minha prata, e não gosto de ser chamado de bárbaro.

— É uma oração cortês, e diz a verdade. É um deus do mar chinês. Para um chinês, você é bárbaro. É da maior importância dizer a verdade, nas orações. — Ela caminhou, cautelosamente, pelo lado adernado do navio e, com grande dificuldade segurou o pesado tijolo de prata coberto de papel com o braço esticado, dizendo a oração que escrevera. Depois, com os olhos ainda fechados, desembrulhou o tijolo de prata, deixou o papel cair na água e enfiou o tijolo depressa nas dobras de seu casaco. Abriu os olhos e espiou o papel sendo sugado pelo rio, na esteira do barco.

Voltou alegremente, com a prata salva em seus braços.

— É isso. Agora, podemos descansar.

— Isso é uma trapaça, por Deus — disse Struan, explodindo.

— O quê?

— Você não jogou a prata na água.

— Psiuuu! Não fale tão alto! Você estraga tudo! — Depois sussurrou. — Claro que não. Acha que sou louca?

— Pensei que você queria fazer uma oferta.

— Eu fiz — ela sussurrou, perplexa. — Você não achou que eu ia realmente jogar toda essa prata no rio, achou? Pelo sangue de Cristo, sou alguma idiota? Sou maluca?

— Então por que fazer toda essa...

— Psssiuuu! — disse May-may, com premência. — Não fale tão alto! O deus do mar pode ouvir o que você está dizendo.

— Por que fingir atirar a prata ao mar? Isto não é uma oferenda.

— Juro por Deus, Tai-Pan, não entendo você de jeito nenhum. Para que os deuses precisam de verdadeira prata, hein? Para que usariam verdadeira prata? Para comprar roupas de verdade e comida de verdade? Os deuses são os deuses, e os chineses são os chineses. Fiz a oferenda e salvei sua prata. Juro por Deus, os bárbaros são pessoas estranhas.

E ela desceu, murmurando para si própria em dialeto de Soochow:

— Como se eu fosse destruir tanta prata! Será que sou uma imperatriz, para poder jogar prata fora? *Ayeeee yah* — disse ela, atravessando o corredor e chegando ao porão.

— Até a imperatriz do demônio não seria tão louca! — Ela colocou a prata no fundo do casco, onde a havia encontrado, e voltou para o convés. Struan ouviu-a voltar, ainda murmurando irritadamente em chinês.

— O que você está dizendo? — perguntou ele.

— Sou tão louca a ponto de gastar tanto dinheiro, ganho de maneira tão difícil? Sou uma bárbara? Sou uma gastadora...

— Muito bem. Mas ainda não entendo por que você achou que o deus do mar iria responder às suas preces, quando foi tão obviamente logrado. Essa história inteira é fantasticamente estúpida.

— Quer fazer o favor de não dizer essas coisas tão alto — disse ela. — Ele recebeu a oferenda. Agora, vai nos proteger. Não é prata verdadeira que o deus deseja, mas apenas a idéia. Foi o que ele recebeu. — Ela abanou a cabeça. — Os deuses são como as pessoas. Eles acreditam em tudo, se você disser da maneira certa. — Depois, acrescentou — Talvez o deus tenha saído, e ele não vai nos ajudar, de qualquer maneira, e então nós naufragaremos, não tem importância.

— Outra coisa — disse Struan, severamente. — Por que precisamos sussurrar, hein? É um deus do mar chinês. Como ele pode, ora essa, entender inglês, hein? Isso deixou May-may confusa. Ela franziu a testa, pensando muito. Depois, encolheu os ombros.

— Um deus é um deus. Talvez fale a língua dos bárbaros. Quer mais chá?

— Obrigado.

Ela despejou o chá na xícara dele e na sua. Depois, juntou as mãos, entrelaçando os dedos em torno dos joelhos, instalada sobre uma escotilha, cantarolando uma cançãozinha.

A *lorcha* chafurdava na corrente do rio. Amanhecia.

— Você é uma mulher e tanto, May-may — disse Struan.

— Eu também gosto de você. — Ela se aninhou contra ele. — Quantos homens são como você, em seu país?

— Cerca de vinte milhões de homens, mulheres e crianças.

— Existem, segundo dizem, trezentos milhões de chineses.

— Isto significaria que uma entre quatro pessoas na terra é chinesa.

— Eu fico preocupada com meu povo, se todos os bárbaros são como você. Você mata tanta gente, com tanta facilidade.

— Eu os matei porque eles estavam tentando matar-me. E não somos bárbaros.

— Estou satisfeita de ter visto você matando — disse ela, misteriosamente, com os olhos luminosos, a cabeça emoldurada pela luz crescente do amanhecer. — E estou muito satisfeita de você não ter sido morto.

— Um dia, eu serei morto.

— Claro. Mas estou satisfeita de ter visto você matando. Nosso filho Duncan vai ser digno de você.

— Quando ele tiver crescido, já não será preciso matar.

— Quando os filhos dos filhos dele estiverem crescidos, ainda haverá matança. O homem é um animal matador. A maioria dos homens. Nós chineses sabemos. Mas os bárbaros são piores do que nós. Piores.

— Você pensa assim porque é chinesa. Vocês têm muito mais costumes bárbaros do que nós. Os povos mudam, May-may. Então ela disse, simplesmente:

— Aprenda conosco, com as lições da China, Dirk Struan. Os povos nunca mudam.

— Aprenda conosco, com as lições da Inglaterra, garota. O mundo pode transformar-se num lugar ordeiro, onde todos serão iguais perante a lei. E a lei é justa. Honesta. Sem desvios.

— Será que isso é tão importante assim, quando se está morrendo de fome?Ele ficou pensando a respeito disso, por um longo tempo.

A *lorcha* se arrastava pelo rio abaixo. Outras embarcações passavam, subindo ou descendo o rio, e as tripulações olhavam para a *lorcha* com curiosidade, mas nada diziam. Adiante, o rio dava uma volta e Struan diminuiu a velocidade da *lorcha*, ao entrar no canal. O remendo de lona parecia estar resistindo.

— Acho que sim — respondeu ele, afinal. — Sim. Acho que é muito importante. Ah, sim, eu queria perguntar a você uma coisa. Você disse que foi visitar a Suprema Senhora de Jin-qua. Onde você a conheceu?

— Fui escrava em casa dela — disse May-may, calmamente. — Logo antes de

Jin-qua me vender a você. — Ela o olhou nos olhos. — Você me comprou, não foi?

— Adquiri você, segundo seu costume, sim. Mas você não é nenhuma escrava. Você pode ir embora ou ficar, livremente. Eu lhe disse isso no primeiro dia.

1.— Eu não acreditei em você. Acredito agora, Tai-Pan. — Ela olhou para a praia e para os barcos que passavam. — Eu nunca tinha visto mortes antes. Não gosto de matança. Será porque sou uma mulher?

— Sim. E não. Eu não sei.

— Você gosta de matança?

— Não.

— É uma pena que sua flecha não tenha acertado em Brock.

— Eu não fiz pontaria nele. Não estava tentando matá-lo, apenas queria que se desviasse. Ela estava cheia de pasmo.

1.— Juro por Deus, Tai-Pan, você é realmente incrível.

2.— Juro por Deus, May-may — disse ele, com os olhos se enrugando, enquanto sorria — que você é realmente incrível.

Ela ficou deitada de lado, espiando-o, acariciando-o. Depois, dormiu.

Quando ela acordou, o sol estava alto. As terras à margem do rio eram baixas e se estendiam até horizontes cheios de neblina. Uma terra abundante, coberta por inúmeros arrozais, verdes e cheios do arroz de inverno pendente. Montanhas

coroadas por nuvens, muito distantes.

O Pagode de Mármore estava bem à frente. Logo abaixo encontrava-se o *China Cloud*

.

LIVRO II

CAPÍTULO NOVE

Quatro dias depois, o *China Cloud* estava secretamente ancorado na Baía Deepwater, na extremidade sul da Ilha de Hong Kong. Era uma manhã fria, com um céu coberto de nuvens e mar acinzentado.

Struan estava em pé junto às janelas em forma de diamante da cabina principal, olhando para a ilha. As montanhas áridas desciam abruptamente até o mar, em torno da baía, com os cumes envoltos em nuvens. Havia uma pequena praia de areia no vértice da baía e depois a terra se erguia rapidamente mais uma vez, até as nuvens, agreste e solitária. Gaivotas grasnavam. As ondas lambiam suavemente o casco do navio e a sineta de bordo soou seis vezes.

— Sim? — disse Struan, em resposta a uma batida na porta.

— O cúter voltou — disse o Capitão Orlov, cansadamente. Era um corcunda musculoso e cabeça grande. Um chicote de ferro estava amarrado ao seu pulso, pela correia de couro. Desde que as barras de prata haviam chegado a bordo, ele usava o chicote de ferro dia e noite, e até dormia com ele.

— Pelas barbas de Odin, nossa carga é pior do que a peste negra.

— Mais problemas?

— Problemas, diz? Jamais num navio meu, pela cabeça da mãe de Jesus Cristo! — O homenzinho deformado riu com alegria malévola. Pelo menos, não

enquanto eu estiver acordado, hein, Olhos Verdes?

Struan encontrava Orlov vagueando pelas docas de Glasgow, há muitos anos. Era um norueguês que sofrerá um naufrágio nas perigosas Orkneys, e não conseguia encontrar um novo navio. Embora os marinheiros não fizessem distinção entre nacionalidades, nenhum proprietário confiaria um navio a um homem tão estranho, que não chamava ninguém de “sir” e nem de “mister” e servia só como capitão — nenhum escalão inferior a este.

— Sou o melhor do mundo — Orlov gritava, com seu rosto sarapintado, de nariz comprido, tremendo de fúria. — Já cumpri meu período de marinheiro... não volto mais! Faça um teste comigo e vou provar isso, pelo sangue de Thor!

Struan testara os conhecimentos de Orlov quanto ao mar e ao vento, e testara sua força e sua coragem, nada encontrando que deixasse a desejar. Orlov falava inglês, francês, russo, finlandês e norueguês. Sua mente era brilhante e sua memória espantosa. E, embora parecesse um diabrete e fosse capaz de matar como um tubarão, se necessário, era justo e completamente digno de confiança. Struan dera-lhe um navio pequeno, e depois um maior. Em seguida, um clíper. Ano passado, fizera-o capitão do *China Cloud* e sabia que Orlov correspondia a tudo que esperava.

Struan despejou mais chá, quente e doce, e temperou com rum.

— Logo que o Sr. Robb e Culum chegarem a bordo, parta para o porto de Hong Kong.

— Quanto antes melhor, hein?

— Onde está Wolfgang?

— Em sua cabina. Quer falar com ele?

— Não. E providencie para não sermos perturbados. Orlov ajeitou, irritado, suas roupas úmidas do mar, ao sair.

— Quanto antes nos livrarmos dessa carga empesteada, melhor. É a mais terrível que já transportei.

Struan não respondeu. Embora exausto, seu cérebro se mantinha alerta. Quase em casa, disse a si próprio. Mais algumas horas e você estará a salvo no porto. Graças a Deus existe a Marinha Real. Junto de uma das fragatas, você pode descansar.

A cabina central era luxuosa e ampla. Mas agora se encontrava repleta de mosquetes, facas, chicotes de ferro, espadas e punhais. Ele desarmara toda sua tripulação, antes de levar as barras de prata para bordo. Agora, só ele e o Capitão Orlov portavam armas. Struan podia sentir a violenta tensão que invadia o navio. As barras de prata haviam contagiado a todos. Sim, pensou, não deixarão nenhum homem intocado. Nem mesmo Robb. Nem mesmo Culum. Talvez nem mesmo Orlov.

***

Após a partida do Pagode de Mármore, Ah Gip entrara em coma e morrera. Struan desejara enterrá-la no mar, mas May-may pedira-lhe que não.

— Ah Gip era uma escrava fiel — dissera ela. — Seria mau *pagode* não devolvê-la a seus pais, e nem enterrá-la como chinesa, ah, seria uma coisa terrível, Tai-Pan.

Então, Struan mudara de curso e seguira para Macau. Ali, com a ajuda de Mauss, comprara para Ah Gip um belo esquife e o entregara a seus pais. Também lhes dera dez taéis de prata para seu funeral. Os pais eram gente Hoklo, moradores em barcos, e lhe agradeceram. Insistiram também para que levasse a irmã mais moça de Ah Gip, Ah Sam, no lugar dela. Ah Sam tinha quinze anos, uma mocinha alegre, de rosto redondo, que também falava *pidgin* e, o que não era costumeiro para uma Hoklo, tinha os pés atados.

May-may conhecera Ah Sam e a aprovara, e então Struan concordara. Os pais pediram três mil taéis de prata por Ah Sam. Struan lhes teria dado o dinheiro, mas May-may dissera que ele e ela perderiam grande prestígio se pagassem o primeiro preço pedido. Então, barganhou com os pais e diminuiu o preço para cento e dezesseis taéis.

Struan enfrentara a formalidade da compra da moça, porque era o costume. Mas depois, quando a venda estava concluída e ele, segundo a lei chinesa, possuía uma escrava, rasgou o documento diante de Ah Sam e lhe disse que ela não era uma escrava, mas uma criada. Ah Sam não entendera. Struan sabia que, mais tarde, ela perguntaria a May-may por que ele rasgara o papel e May-may diria que era uma das esquisitices dos bárbaros. Ah Sam concordaria com ela, e o medo que sentia dele iria aumentar.

Enquanto o *China Cloud* estava em Macau, Struan confinou sua tripulação a bordo

— com exceção de Wolfgang Mauss. Ele temia que a notícia da existência das barras já se houvesse espalhado e, embora habitualmente confiasse em sua tripulação, não confiava quando havia tanto dinheiro pronto para ser apanhado. Esperava ser alvo de pirataria, tanto interna como externa. Em Macau, houve quase um motim e, pela primeira vez, ele e seus oficiais tiveram de usar o chicote indiscriminadamente, colocar guardas no tombadilho e ancorar num ponto afastado do porto raso. Todas as sampanas foram proibidas de chegar à distância de cem metros do *China Cloud.*

Ele enviara seu primeiro imediato, Cudahy, a Hong Kong na frente, para levar

Robb e Culum ao local de encontro secreto, em Deepwater Bay, com instruções estritas para nada dizer a respeito das barras de prata. Sabia que isto aumentava o perigo, mas tinha de correr o risco. Com as barras de prata a salvo no *China Cloud,* teria tempo para pensar a respeito de Jin-qua e da Casa Nobre, de Robb e de Culum, e do que faria no futuro. Sabia que agora era o momento de determinar os moldes futuros da companhia. Com ou sem Robb e Culum. Custasse o que custasse.

Deixara May-may em Macau, na casa que lhe havia dado. Antes de embarcar, ele e May-may foram à casa de Chen Sheng.

Duncan, seu filho de três anos, começara a se prosternar, encostando a cabeça no chão, mas ele o erguera e lhe dissera que não devia jamais fazer aquilo outra vez, diante de homem nenhum. Duncan dissera: “Sim, Tai-Pan”, e o abraçara, bem como a May-may.

Kate, o bebê, fora tão acariciado quanto Duncan, e Chen Sheng se agitava como uma galinha velha. Foram trazidos alimento e chá e, depois, Chen Sheng pedira a Struan permissão para apresentar Kai-sung, que queria prosternar-se diante do Tai-Pan.

Kai-sung tinha agora trinta e seis anos. Estava lindamente trajada, com vestes em dourado e vermelho, tendo alfinetes de jade e prata no cabelo esticado. Era quase como se aqueles dezessete anos não houvessem passado. Seu rosto era como alabastro e os olhos tão penetrantes quanto em sua juventude.

Mas havia lágrimas escorrendo pelo seu rosto, e ela sussurrou algo em cantonês, que May-may traduziu, alegremente.

— A Irmã Mais Velha está triste porque sua Tai-tai morreu, Tai-Pan. A Irmã Mais Velha diz que sempre, quando quiser que as crianças venham para cá, serão como se fossem dela. E lhe agradece por ter sido generoso para com ela e seu filho.

— Diga-lhe que está muito bonita e lhe agradeça. May-may fez isso e, depois, chorou um pouco com Kai-sung, mas em seguida ficaram felizes. Kai-sung ajoelhou-se novamente e partiu. Chen Sheng afastara Struan para um lado.

— Ouvi dizer que talvez você tenha tido bom *pagode,* Tai-Pan. — Seu rosto grande abria-se num sorriso total.

— Talvez.

— Compro homens *construir* Hong Kong muito *balato,* se tem bom *pagode!* — Chen Sheng segurou seu grande estômago e estourou de rir. — Ei, Tai-Pan! Tenho escrava virgem. Quer? Compro para você, hein? *Balato, balato.*

— *Ayeeee yah,* que virgem! Já tenho problemas demais!

Struan e May-may pegaram seus filhos e voltaram para casa. O dinheiro que May-may perdera para ele era superior ao valor da casa. Ela, formalmente, entregou-lhe a escritura, com grande cerimônia e, simultaneamente, ofereceu-lhe um baralho.

— O dobro ou nada, Tai-Pan, no que se refere a dívidas. Ele tirou um valete e ela gemeu e arrancou o cabelo.

— Que horror, que horror! Sou uma louca, uma idiota! Para que fui abrir a droga da minha boca?

Em profunda agonia, ela fechou os olhos, pegou uma carta, encolheu-se e abriu os olhos pela metade. Era uma rainha e ela gritou de felicidade e se atirou nos braços dele. Ele combinou com May-may que voltaria depressa de Hong Kong ou enviaria o *China Cloud* para buscá-la, e depois navegou para a Baía

Deepwater.

***

A porta da cabina se abriu.

— Olá, papai — disse Culum.

— Olá, Dirk — disse Robb.

— Bem-vindos a bordo. Fizeram boa viagem?

— Bastante boa. — Robb deixou-se cair numa cadeira. Havia círculos escuros sob seus olhos.

— Você parece exausto, Robb.

— Estou. Tentei tudo, tudo. — Afrouxou seu pesado e quente sobretudo. — Ninguém quer dar-nos crédito. Estamos perdidos. Que boas notícias poderia você trazer, Dirk? — Apalpou o bolso de seu jaquetão e tirou de lá uma carta. — Temo também não trazer boas notícias. Isto chegou para você no pacote de correspondência de ontem. É de papai.

Toda a excitação e a felicidade de Struan com o que ele conseguira desapareceu. Winifred, pensou ele, deve ser a respeito dela. Pegou a carta. O selo estava intacto. Reconheceu a elaborada caligrafia de seu pai.

— Quais são as notícias de casa? — perguntou ele, tentando manter a voz sem alteração.

— Isso foi tudo que chegou, Dirk. Nada recebi. Sinto muito. Como está você? O que aconteceu com seu rosto? Você o queimou? Sinto muito ter ajudado tão pouco. Struan pôs a carta sobre a escrivaninha.

— Você comprou a terra?

— Não. A venda de terras foi adiada. — Robb tentou manter os olhos afastados da carta.

— Será amanhã, papai. Não houve tempo suficiente para examinar os lotes. Então, foi adiada. — Culum cambaleou, enquanto o navio adernava a uma pressão das velas. Ele se segurou na escrivaninha. — Posso abrir a carta para você?

— Não, obrigado. Você viu Brock?

—O *White Witch* voltou de Whampoa há dois dias — disse Robb. — Mas eu ainda não o vi. Estamos realmente em guerra outra vez?

— Sim — disse Struan. — A frota ainda está em Hong Kong?

— Sim. Mas quando Eliksen chegou com a notícia, os navios fizeram manobras de guerra. Patrulhas foram enviadas para proteger as entradas a leste e oeste. Será que atacarão Hong Kong?

— Não seja ridículo, Robbie. Robb ficou espiando a esteira do navio. Dirk parece diferente, pensou. Depois, notou a barafunda da cabina.

— Por que há tantas armas aqui, Dirk? O que está errado?

— O que Longstaff andou fazendo, Culum? — perguntou Struan.

— Não sei — disse Culum. — Eu o vi só uma vez, e foi para conseguir sua aprovação para o adiamento.

— Também não o vi, Dirk. Depois da matéria a nosso respeito no jornal tive grande dificuldade para ver uma porção de pessoas. Especialmente Longstaff.

— Ah, é? O que aconteceu?

— Eu o encontrei no dia seguinte. Ele disse: “Puxa vida, é verdade?” E, quando eu lhe respondi “Sim”, tomou uma pitada de rape e disse “Que pena. Bom, estou muito ocupado, Robb. Bom-dia”, e tomou outro cálice de Porto.

— O que você esperava?

— Não sei, Dirk. Suponho que esperava simpatia. Ou alguma ajuda.

— Longstaff não demitiu Culum. Isto está a seu favor.

— Ele me quis de volta só porque não havia nenhuma outra pessoa disponível, no momento, para fazer isto — disse Culum. Começara a engordar, nas duas últimas semanas, e estava perdendo a palidez provocada pela peste. — Acho que ele gosta do fato de estarmos falidos. — Quero dizer — acrescentou Culum, depressa — não que eu tenha alguma importância. Refiro-me ao fato de a Casa Nobre estar falida.

— Se não existirmos nós, existirá uma outra companhia, Culum.

— Sim, eu sei, papai. Queria dizer que... bom, eu acho que você foi muito especial para Longstaff. Ele se ajoelhava diante de seu conhecimento por causa de sua riqueza. Mas, sem riqueza, você não tem nenhum cultivo. Sem cultivo, não pode ser igual. Sem igualdade, você não pode ter conhecimento. Nenhum. Acho isso bastante triste.

— Onde você aprendeu essa de se “ajoelhar”?

— Espere até ver Hong Kong.

— O que isso significa, rapaz?

— Estaremos lá dentro de poucas horas. Você poderá verificar por si mesmo. -— Depois, a voz de Culum se endureceu. — Por favor, abra a carta, papai.

— A notícia pode esperar. Winifred estava combalida, quando você partiu. Espera um milagre?

— Espero, sim. Rezei, sim para que acontecesse.

— Vamos para baixo — disse Struan.

As pilhas bem-arrumadas de tijolos de prata reluziam fantasmagoricamente, sob a lanterna vacilante do porão. O ar estava abafado e penetrado pelo cheiro enjoativamente doce de ópio cru. Baratas pululavam.

— É impossível — sussurrou Robb, tocando as barras de prata.

— Não sabia que existia tanta prata assim num só lugar da terra — disse Culum,

também estarrecido.

— Está aqui, bem aqui — disse Struan.

Para se convencer, Robb pegou um dos tijolos, com a mão trêmula.

— É inacreditável.

Struan contou-lhe como obtivera as barras de prata. Contou tudo que Jin-qua dissera, exceto a respeito da barganha das quatro moedas, dos cinco *laques* a serem postos na terra de Hong Kong e os cinco *laques* a serem mantidos seguros e um *laque* para Gordon Chen. Descreveu a batalha naval com Brock. Mas não fez nenhuma menção a May-may.

— Aquele maldito pirata! — bradou Culum. — Longstaff vai mandar enforcar Brock e Gorth, quando ouvir falar disso.

— Por quê? — perguntou Struan. — Brock não fez mais do que eu fiz. Simplesmente, colidiu comigo.

— Mas isso é uma mentira. Você pode provar que ele...

— Não posso provar, e nada provarei. Brock tentou e falhou, foi tudo. É problema nosso, de mais ninguém.

— Não gosto disso — disse Culum. — Não é uma maneira legal de encarar um ato de deliberada pirataria.

— Haverá um ajuste de contas. Quando eu achar que chegou a hora.

— Por Deus, estamos salvos — disse Robb, com voz fraca. — Agora, todos os

planos internacionais referentes a dinheiro serão executados. Seremos a mais rica companhia do Oriente. Deus o abençoe, Dirk. Você é incrível.

Agora, o futuro está garantido, exultou Robb, interiormente. Agora, haverá o suficiente até para os gastos extravagantes de Sarah. Agora, eu posso ir para casa imediatamente. Talvez Dirk mude de idéia e nunca parta, nunca vá para nosso país, esqueça o Parlamento. Não haverá mais preocupações. Posso comprar um castelo e viver como um proprietário de terras, em paz. As crianças se casarão e viverão bem e haverá o suficiente para os filhos de seus filhos. Roddy pode terminar a universidade, ingressar no setor bancário e jamais se preocupará com o Oriente.

— Deus o abençoe, Dirk! Culum também ficou extasiado. Sua mente gritava. Isto não é prata, é poder. Poder para comprar armas ou para comprar votos, a fim de dominar o Parlamento. Aqui está a resposta para a Carta e para os cartistas. Como Tai-Pan, posso usar o poder de toda essa riqueza — e mais — com finalidades positivas. Agradeço-lhe, ó Senhor, ele rezava ardorosamente, por nos ajudar em nosso momento de necessidade.

Culum via o pai de maneira muito diferente, agora. Nas últimas semanas, pensara muito a respeito do que seu pai dissera a respeito da riqueza, do poder, e de seus usos. Ficando próximo de Glessing e à beira do poder de Longstaff, e sentindo os sorrisos escondidos e o divertimento evidente com a morte da Casa Nobre, ele percebera que um homem sozinho, sem nascimento nobre e nem poder, estava indefeso.

Struan podia sentir a avareza de Robb e de Culum. Sim, ele disse a si próprio. Mas sejam honestos. Isto é o que a prata causaria a qualquer pessoa. Examine a si próprio. Você matou oito, dez homens para protegê-la. Sim, e mataria mais cem. Veja lá o que ela está forçando você a fazer com seu filho e seu irmão.

— Existe uma coisa que quero deixar bem clara a vocês dois — disse ele. — Esta prata foi emprestada a mim. Dei a minha palavra, como garantia. Sou responsável por ela perante Jin-qua. *Eu* sou. Não a Casa Nobre.

— Não compreendo, Dirk — disse Robb.

— O que disse, papai? Struan pegou uma Bíblia.

— Primeiro, jurem sobre o Livro Sagrado que minhas palavras serão um segredo entre nós três.

— Será necessário jurar? — perguntou Robb. — Claro que eu jamais contarei a ninguém.

— Você vai jurar, Robb?

— Claro.Ele e Culum juraram segredo. Struan colocou a Bíblia sobre a prata.

— Estas barras serão usadas para salvar a Casa Nobre apenas com a condição de que, quando algum de vocês se tornar Tai-Pan, se isto acontecer, concordará, em primeiro lugar, em comprometer a companhia totalmente no apoio ao comércio com Hong Kong e com a China; em segundo lugar, o quartel-general da companhia será permanentemente em Hong Kong; em terceiro, deverão assumir minha responsabilidade e minha palavra para com Jin-qua e seus sucessores; em quarto, garantirão que o sucessor que escolherem para Tai-Pan fará o mesmo; finalmente — Struan apontou a Bíblia — concordarão que só um cristão, um parente, poderá algum dia ser Tai-Pan. Jurem sobre o Livro Sagrado, e concordem em fazer seu sucessor jurar sobre o Livro Sagrado, com relação às mesmas condições, antes de lhe passarem o controle.

Houve um silêncio. Depois Robb disse, sabendo como funcionava a mente de seu irmão.

— Podemos saber todas as condições que Jin-qua impôs?

— Não.

— Quais são as outras?

— Direi, depois que jurarem. Podem confiar em mim ou não, como preferirem.

— Isso não é lá muito correto.

— A prata não é lá muito correta, Robb. Preciso ter certeza. Não se trata de nenhuma brincadeira para crianças. E não estou pensando em nenhum de vocês dois como parente, neste momento. Lidamos agora com centenas de anos. Com duzentos anos. — Os olhos de Struan estavam de um verde luminoso, à meia-luz da lanterna balouçante. — Estou comprometendo a Casa Nobre com uma medida de tempo chinesa. E isto será feito com ou sem algum de vocês dois.

A atmosfera tornou-se perceptivamente mais carregada. Robb sentiu que seus ombros e o pescoço estavam úmidos. Culum olhou para o pai, espantado. Robb disse:

— O que significa para você “comprometer a companhia totalmente no apoio a Hong Kong”?

— Defendê-la, protegê-la, torná-la uma base permanente para o comércio. E o comércio significa abrir a China. Toda a China. Trazer a China para a família das nações.

— Isso é impossível — disse Robb. — Impossível!

— Sim, talvez. Mas é o que a Casa Nobre vai tentar fazer.

— Você quer dizer, ajudar a China a se tornar uma potência mundial? — perguntou Culum.

— Sim.

— Isso é perigoso! — replicou Robb. — É loucura! Já existem problemas suficientes na terra sem se ajudar a essa massa paga da humanidade! Eles vão nos engolir. Todos nós. A Europa inteira!

— Uma entre quatro pessoas na terra é chinesa, Robb. Temos a maior chance de ajudá-los, agora. A aprender nosso estilo de vida. O estilo de vida inglês. Lei, ordem, justiça. Cristianismo. Eles vão sair aos bandos um dia, por conta própria. Acho que precisamos mostrar-lhes nossa maneira de ser.

— É impossível. Você jamais conseguirá modificá-los, É inútil.

— São essas as condições. Dentro de cinco meses, você será Tai-Pan. Culum irá substituí-lo no devido tempo... se for digno disso.

— Deus do céu! — Robb explodiu. — Foi para isso que você lutou, todos esses anos?

— Sim.

— Eu sempre soube que você tinha sonhos, Dirk. Mas esse ... é demais. Não sei se é monstruoso, ou maravilhoso. Está além de mim.

— Talvez — disse Struan, com voz severa. — Mas é uma condição para sua sobrevivência, Robbie, e de sua família, e o futuro deles. Você será Tai-Pan dentro de cinco meses. Durante um ano, pelo menos.

— Eu já lhe disse antes, acho que essa é outra decisão pouco aconselhável — explodiu Robb, com o rosto contorcido. — Eu não tenho o conhecimento e nem a astúcia para lidar com Longstaff, ou manter a Casa Nobre na dianteira de toda essa intriga, de guerra. E nem para tratar com os chineses.

— Eu sei. E sei o risco que estou assumindo. Mas Hong Kong é nossa, agora. A guerra vai terminar tão depressa quanto a última. — Struan fez um aceno de mão em direção às barras de prata. — Tudo isso é uma defesa que não pode ser dissipada facilmente. De agora em diante, é uma questão de comércio. E você é um bom comerciante.

— Não é apenas comércio. Há navios para navegarem, piratas a serem combatidos, Brock para ser enfrentado e milhares de outras coisas.

— Cinco meses vão limpar as importantes. O resto é problema seu.

— Será?

— Sim. Porque, de toda essa prata, você terá mais de três milhões. Quando eu sair, pegarei um. E vinte por cento do lucro para o resto de minha vida. Você fará o mesmo. — Olhou para Culum. — No fim de seu período, estaremos merecendo dez milhões, porque vou proteger você e a Casa Nobre, no Parlamento, e torná-la mais rica do que você jamais sonhou. Não vamos mais precisar depender de Sir Charles Crosse, Donald MacDonald, McFee, Smythe, Ross, ou de todos os outros que apoiamos, para os nossos lances... eu vou fazer isso pessoalmente. E ficarei indo e vindo para Hong Kong, de maneira que vocês dois não vão precisar se preocupar.

— Quero apenas o dinheiro suficiente para sonhar tranqüilamente e acordar em paz

— disse Robb. — Na Escócia. Não no Oriente. Não quero morrer aqui. Vou embora no navio seguinte.

— Um ano e cinco meses não é tanto tempo assim para se pedir.

— É uma exigência, não um pedido, Dirk.

— Não estou obrigando você a nada. Há um mês, Robb, você estava disposto a aceitar cinqüenta mil e partir. Muito bem. Essa oferta ainda está de pé. Se você desejar o que é seu de direito, mais de um milhão, você conseguirá, dentro de dois anos. — Struan virou-se para Culum — De você, rapaz, quero dois anos de sua vida. Se você se tornar Tai-Pan, mais três anos. Cinco anos, no total.

— Se eu não concordar com as condições, então terei de partir? — perguntou Culum, com a boca seca, o coração doendo.

— Não. Você ainda é sócio, embora subordinado. Mas você não será mais Tai-Pan. Nunca. Terei de encontrar e treinar uma outra pessoa. Um ano é o período justo a pedir... exigir, de Robb. Ele já passou onze anos trabalhando. — Pegou um dos tijolos. — Você terá de provar seu próprio valor, Culum, mesmo se concordar agora. Será herdeiro aparente, é tudo. Não vai se aproveitar do meu suor, e nem de Robb. É a lei do clã, e uma boa lei para a vida. Todo homem tem de caminhar com os próprios pés. Claro que vou ajudar você, o quanto puder, enquanto estiver vivo, mas cabe a você provar o seu valor. Só um verdadeiro homem tem o direito de ficar em pé no pináculo.

Culum corou.

Robb estava olhando para Struan, detestando-o.

— Você não quer um Tai-Pan dentro de cinco meses, Dirk. Apenas uma ama-seca por um ano, não é isso?

— Garanta que assumirá por cinco anos e você escolherá a quem quiser.

— Posso eliminar Culum agora, em troca de uma promessa de cinco anos?

— Sim — disse Struan, imediatamente. — Acho que seria um desperdício, mas cabe a você decidir. Sim.

— Vê o que o poder faz a um homem, Culum? — disse Robb, com a voz tensa.

— A atual forma da Casa Nobre estaria morta, sem esta prata — disse Struan, sem rancor. — Eu já lhe dei minhas condições. Decida.

— Compreendo por que você é odiado nesses mares — disse Culum.

— É mesmo, rapaz?

— Sim.

— Você jamais saberá, verdadeiramente, até concluir seus cinco anos.

— Então, não tenho escolha, papai? São cinco anos, ou nada?

— É tudo ou nada, Culum. Se você está preparado para ser o segundo lugar, assuma o poder agora. O que estou tentando fazer você entender é que, para ser o Tai-Pan da Casa Nobre, você precisa estar preparado para existir sozinho, para ser odiado, para ter algum objetivo de valor imortal e para sacrificar qualquer pessoa que não lhe inspirar completa confiança. Devido ao fato de ser meu filho, estou oferecendo a você hoje, sem experimentá-lo, a chance de ter o supremo poder na Ásia. Ou seja, um poder de fazer quase tudo nesta terra. Eu não ofereci isto impensadamente. *Sei* o que significa ser o Tai-Pan. Escolha, por Deus!

Os olhos de Culum estavam presos à Bíblia. E à prata. Não quero ficar em segundo lugar, disse a si próprio. Sei isto agora. O segundo lugar não permitirá que sejam feitas coisas que valem a pena. Haverá todo tempo do mundo para se preocupar com as condições, com Jin-qua, com os chineses e com os problemas do mundo. Talvez eu não vá ter de me preocupar em ser Tai-Pan; talvez Robb não ache que eu sou suficientemente bom. Ó Deus, deixai que eu mostre ser

capaz de me tornar Tai-Pan, para poder usar esse poder para o bem. Deixai que isto seja um meio para Vossos fins. A Carta deve ser aprovada. É o único meio.

O suor brotava-lhe da testa. Ele pegou a Bíblia.

— Juro por Deus obedecer a essas condições. Se eu me tornar Tai-Pan, e quando isto acontecer. Então, que Deus me ajude. — Seus dedos tremiam, quando ele recolocou a Bíblia no lugar.

— Robb? — disse Struan, sem levantar os olhos.

— Cinco anos como Tai-Pan e posso mandar Culum de volta para a Escócia? Agora? Mudar tudo que eu quiser?

— Sim, por Deus. Terei de repetir tudo? Dentro de cinco meses, você fará o que quiser. Se concordar com as outras condições. Sim.

Fez-se um silêncio no porão, só quebrado pelas constantes corridas dos ratos, na escuridão.

— Por que você iria querer que eu saísse do negócio, tio? — perguntou Culum.

— Para magoar seu pai. Você é o último descendente.

— Sim, Robb. Ele é.

— Isso é uma coisa terrível para se dizer! Terrível. — Culum estava horrorizado.

— Somos parentes. Parentes.

— Sim — disse Robb, angustiado. — Mas estivemos falando verdades. Seu pai me sacrificaria, a você e a meus filhos, pelos objetivos dele. Por que eu não deveria fazer a mesma coisa?

— Talvez você faça, Robb. Talvez você faça — disse Struan.

— Você sabe que eu não faria nada para ferir você. Ó, meu Deus do céu, o que está acontecendo conosco? Adquirimos alguma prata e, de repente, estamos podres de cobiça e Deus sabe de que mais. Por favor, deixe que eu vá embora. Dentro de cinco meses. Por favor, Dirk.

— Eu *preciso* partir. Só no Parlamento posso realmente controlar Longstaff e seus sucessores... como você fará, quando deixar a Ásia. É assim que poderemos colocar o plano em execução. Mas Culum precisa ser treinado. Um ano como Tai-Pan e você partirá.

— Como pode ele ser treinado, num período tão curto?

— Eu saberei, dentro de cinco meses, se ele pode ser Tai-Pan. Se não puder, farei outros acertos.

— Que acertos?

— Você está pronto a concordar com as condições, Robb? Se estiver, jure sobre o Livro e vamos para cima.

— Que acertos?

— Cristo crucificado! Concorda, Robb, ou não? Será um ano, serão cinco? Ou nada?

Robb mexeu-se, mudando o apoio de uma perna para outra, enquanto o navio jogava, sob o vento mais forte. Todo seu ser o advertia a não fazer o juramento. Mas precisava fazer. Por causa de sua família, precisava. Pegou a Bíblia, que era pesada.

1.— Embora eu odeie o Oriente, e tudo que ele representa, juro por Deus obedecer às condições com o melhor das minhas capacidades, e que Deus me ajude a fazer isto. — Entregou a Bíblia a Struan. — Acho que você vai lamentar fazer-me Tai-Pan, por um ano.

— Talvez. Hong Kong não.

Struan abriu a Bíblia e lhes mostrou as quatro moedas pela metade que prendera na parte interna da capa, com cera de carimbar. Enumerou todas as condições de Jin-qua, com exceção do *laque* destinado a Gordon Chen. Esse é um negócio meu, disse Struan a si próprio, e ficou imaginando, rapidamente, o que Culum pensaria de seu meio-irmão — e de May-may — quando ouvisse falar deles. Robb sabia a respeito de May-may, embora jamais a tivesse encontrado. Struan ficou imaginando se seus inimigos já teriam contado a Culum a respeito de Gordon e de May-may.— Acho que você tinha razão em nos fazer jurar, Dirk — disse Robb. — Sabe Deus que horror significarão essas moedas.

***

Quando voltaram para a cabina, Struan foi até a escrivaninha e rompeu o selo da carta. Leu o primeiro parágrafo e gritou de alegria.

— Ela está viva! Winifred está viva, por Deus. Ela ficou boa!

Robb agarrou a carta. Struan estava fora de si e abraçou Culum e começou a dançar uma giga, e a giga se transformou em escocesa, e Struan juntou os braços aos de Culum e puxaram consigo Robb e, imediatamente, desvaneceram-se o ódio e a desconfiança entre eles.

Depois, Struan manteve-os quietos, com a enormidade de sua força.

— Agora, juntos! Um, dois, três — e deram o grito de guerra do clã, o mais alto que podiam.

— *Feri*! Golpe certeiro!

Depois se abraçaram novamente e gritaram:

— Camaroteiro!Um marinheiro apareceu correndo.

— Sim, sim, *sinhô!*

— Um duplo para todos. Ordene ao tocador de gaita que vá para o tombadilho!

Traga uma garrafa de champanha e outro bule de chá, por Deus!

— Sim, sim, *senhorrr!*

Então os três homens fizeram as pazes. Mas todos sabiam, nas secretas profundezas de suas mentes, que tudo mudara entre eles. Tinham sido ditas coisas demais. Logo eles seguiriam caminhos separados. Sozinhos.

— Graças a Deus você abriu a carta em seguida, Dirk — disse Robb. — Graças a Deus pela carta. Eu estava me sentindo terrível. Terrível.

— E eu — disse Culum. — Leia a carta, papai. Struan se instalou na funda poltrona de couro e leu a carta para eles. Era em gaélico e datada de quatro meses antes, um mês depois de Culum partir de Glasgow.

Parlan Struan escrevia que a vida de Winifred estivera em perigo durante duas semanas e, depois, ela começara a se recuperar. Os médicos não conseguiram explicar o motivo, e apenas encolheram os ombros e disseram: "É a vontade de Deus." Ela estava morando com ele, no pequeno sítio que Struan lhe dera há muitos anos.— Ela vai ficar feliz ali — disse Culum. — Mas há apenas os criados e as cabras para conversar. Onde ela vai freqüentar a escola?

— Primeiro, vamos deixar que se recupere bem. Depois, poderemos nos preocupar com isso — disse Robb. — Continue, Dirk.

Em seguida, a carta dava notícia da família. Parlan Struan tivera dois irmãos e três irmãs, e todos eles se casaram e agora seus filhos estavam casados, e tinham filhos. E também seus próprios filhos, Dirk e Flora, de seu primeiro casamento, e Robb, Uthenia e Susan, do segundo, formaram suas famílias.

Muitos de seus descendentes haviam emigrado: para as colônias canadenses, para os Estados Unidos da América. Alguns poucos estavam espalhados nas índias e na América do Sul espanhola.

Parlan Struan escrevia que Alastair McCloud, que se casara com a irmã de Robb, Susan, voltara de Londres com seu filho Hector, para viver outra vez na Escócia — a perda de Susan e de sua filha, Clair, com a cólera, lhe pesara muito, e quase o destruíra; ele recebera uma carta dos Kerns — Flora, irmã de Dirk, casara-se com Farran Kern, e, no ano passado, eles viajaram para Norfolk, Virgínia, de navio. Chegaram bem, a viagem fora boa e eles, e seus três filhos, estavam com boa saúde e felizes.

A carta continuava: "Conte a Robb que Roddy foi para a universidade ontem. Eu o coloquei na diligência para Edimburgo com seis xelins no bolso e comida para quatro dias. Seu primo, Dougall Struan, escreveu que vai ficar com ele nas férias

e será seu guardião, até Robb voltar para casa. Tomei a liberdade de enviar uma ordem de pagamento à vista em nome de Robb, de cinqüenta guinéus, para pagar quarto e pensão por um ano, e um xelim por semana para os pequenos gastos. Também lhe dei uma Bíblia e o adverti contra as mulheres fáceis, a bebedeira e o jogo, e li para ele um trecho do *Hamlet* de Will Shakespeare, a respeito de *'não ser devedor e nem fazer empréstimos'*, e fiz o rapaz escrever isto e pregar na capa do Livro Sagrado. Ele tem boa caligrafia.

"Sua querida Ronalda e as crianças estão enterradas numa das covas destinadas às vítimas da peste. Sinto muito, Dirk, meu filho, mas a lei dizia que todos os que morriam tinham de ser enterrados assim, e cremados e cobertos com cal, para a segurança dos vivos. Mas o enterro foi consagrado de acordo com nossa fé, e a terra isolada como terreno bendito. Que suas almas repousem em Deus". Não se preocupe com Winnie. A garota está verdadeiramente linda, e aqui em Loch Lomond, onde Deus pousou seu pé, ela crescerá e se transformará numa bela mulher, temente a Deus. Ouça bem, agora: não deixe os bárbaros pagãos da Cathay indiana dominarem sua alma e tranque sua porta cuidadosamente contra o mal que prolifera nessas terras diabólicas. Será que você não vai voltar logo para casa? Minha saúde está muito boa e o Senhor Deus me abençoou. Já tenho idade e poucos conseguem escapar, nesses dias terríveis, mas eu estou muito bem. Houve grandes tumultos em Glasgow e em Birmingham e Edimburgo, segundo dizem os jornais. Novos levantes cartistas. Os operários das fábricas pedem mais dinheiro, em troca de seus serviços. Houve um bom enforcamento há dois dias, em Glasgow, por roubo de carneiros. Malditos ingleses! Em que mundo estamos vivendo, quando um escocês é enforcado apenas por roubar um carneiro inglês, condenado por um juiz escocês. Terrível. Na mesma sessão do tribunal, centenas foram deportados para a terra australiana de Van Diemen, como punição por tumultos e greves e por queimarem fábricas. O amigo de Culum, Bartholomew Angus, foi condenado ao exílio por dez anos, em Nova Gales do Sul, por liderar uma manifestação cartista em Edimburgo. Ainda chegam pessoas..."

— Ah, meu Deus! — disse Culum.

— Quem é Bartholomew, Culum? — perguntou Struan.

— Morávamos no mesmo quarto, na universidade. Pobre Bart!

Struan disse, com voz dura:

— Você sabia que ele era um cartista?

— Claro. — Culum foi até à janela e ficou olhando para a esteira do navio.

— Você é cartista, Culum?

— Você próprio disse que a Carta era boa.

— Sim. Mas também lhe falei dos meus pontos de vista a respeito de insurreição. Você é cartista militante?

— Se estivesse em meu país, seria. A maioria dos estudantes universitários é a favor da Carta.

— Então é bom que você esteja por aqui, por Deus! Bartholomew liderou uma manifestação e pegou dez anos. Temos boas leis e o melhor sistema parlamentar do mundo. Insurreição, tumultos e greves não são a maneira certa de alcançar as modificações.

— O que mais diz a carta, papai?

Struan ficou olhando para as costas do filho, por um momento, ouvindo um eco do tom de voz de Ronalda. Ele fez uma anotação mental no sentido de examinar com mais cuidado, no futuro, a movimentação cartista. Depois, começou a ler novamente: “Ainda chegam pessoas diariamente a Glasgow, vindas dos Highlands, onde os proprietários rurais ainda cercam as terras dos clãs e mandam embora os membros do clã que teriam direito a elas, por nascimento.

Aquele demônio de coração negro, o Conde de Struan, que Deus o faça cair morto, está formando um regimento para combater nas colônias indianas. Os homens correm para sua bandeira, atraídos por promessas de pilhagem e terras. Há um boato de que ele vai ter de entrar em guerra outra vez com os malditos americanos, pelas colônias canadenses, e circulam rumores de que a guerra eclodiu entre aqueles demônios e os franceses e russos, por causa dos turcos otomanos.. Aqueles malditos franceses! Como se não já tivéssemos sofrido bastante com aquele satanás Bonaparte.

"Vivemos uma situação lamentável, meu filho. Ah, esqueci de mencionar que foram feitos planos para a construção de uma ferrovia unindo Glasgow e Edimburgo, dentro de cinco anos. Não será ótimo? Então, talvez, nós escoceses poderemos nos unir e derrubar os demônios ingleses e ter o nosso próprio rei. Beijo você e seu irmão, e abrace Culum por mim. Seu pai respeitoso, Parlan Struan."

Struan ergueu os olhos, com um sorriso seco.

— Tão sanguinário como sempre.

— Se o conde forma um regimento para ir à Índia, poderá aparecer por aqui — disse Robb.

— Sim. Tive o mesmo pensamento. Bom, rapaz, se chegar algum dia aos domínios da Casa Nobre, esse regimento voltará para casa sem líder, com a ajuda de Deus.

— Com a ajuda de Deus — ecoou Culum.

Houve uma batida na porta e o camaroteiro entrou às pressas com o champanha, copos e chá.

— O Capitão Orlov lhe agradece em nome da tripulação, *senhorrr.*

— Convide-o, e também a Wolfgang, para virem ter conosco depois da vigília.

— Sim, sim, *senhorrr!*Depois de terem sido servidos o vinho e o chá, Struan ergueu o copo.— Um brinde. Para Winifred, que retornou de entre os mortos!Beberam, e Robb disse:— Outro brinde. Este é para a Casa Nobre. Que nunca mais tornemos a pensar mal ou fazer mal um ao outro.

— Sim.

Beberam outra vez.

— Robb, quando chegarmos a Hong Kong escreva aos nossos agentes. Diga-lhes para descobrirem quem eram os dirigentes do nosso banco e quem foi responsável pelo abuso na concessão de créditos.

— Está bem, Dirk.

— E então, papai? — perguntou Culum,

— Então vamos destruir esses responsáveis — disse Struan. E as suas famílias. Culum sentiu um arrepio, diante da determinação implacável da sentença.

— Por que suas famílias?

— O que a cobiça deles fez com a nossa família? Conosco? Com nosso futuro? Teremos de pagar durante anos a sua cobiça. Então, eles terão de pagar em igual medida. Todos eles.

Culum levantou-se e caminhou para a porta.

— O que você quer, rapazinho?

— A latrina. Quero dizer, o “toalete”. A porta fechou-se atrás dele.

— Desculpe ter dito tudo aquilo — suspirou Struan. — Tinha de ser feito daquela maneira.

— Eu sei. Também sinto muito. Mas você tem razão, quanto ao Parlamento. Mais e mais poder passará para o Parlamento, e ali vão ser resolvidas as grandes transações de negócios. Eu supervisionarei o financiamento, e ambos poderemos supervisionar Culum e ajudá-lo. Não foi maravilhoso o que aconteceu com Winifred?

— Sim.

— Culum tem idéias muito próprias a respeito de algumas coisas, não é?

— Ele é muito novo. Ronalda os criou... bem, ela tomou as Escrituras ao pé da letra, como você sabe muito bem. Culum terá de amadurecer, algum dia.

— O que você vai fazer com relação a Gordon Chen?

— Você quer dizer, com relação a ele e Culum? — Struan observou as gaivotas grasnando. — Isto vai ter de ser pensado logo que voltarmos a Hong Kong.

— Pobre Culum. Amadurecer não é fácil. Struan abanou a cabeça.

— Nunca é fácil.

Depois de um momento, Robb disse:

— Lembra-se de minha mulher Ming Soo?

— Sim.— Muitas vezes ficou imaginando o que aconteceu com ela e com a criança.

— O dinheiro que você lhe entregou daria para se instalar como uma princesa e encontrar um ótimo marido, Robb. Ela deve ser a mulher de um mandarim, em alguma parte. Não precisa se preocupar com elas.

— A pequena Isabel deve ter dez anos, agora.

Robb se deixou mergulhar outra vez na lembrança sempre agradável de sua risada e da gratificação que lhe dava Ming Soo. Tanta, pensou ele. Ela lhe dava mais amor e bondade, gentileza e compaixão num só dia do que Sarah lhe dera durante todo o casamento dos dois.

— Você deveria casar-se outra vez, Dirk.

— Há tempo para pensar a respeito disso. — Struan disse, distraidamente, examinando o barômetro. Marcava 30.1, bom tempo. — Trate Culum de maneira bastante dura, quando você for Tai-Pan, Robb.

— Vou fazer isso — disse Robb.

***

Quando Culum chegou ao convés, o *China Cloud* deu a volta e saiu do canal que a pequena ilha de Tung Ku Chau, em alto-mar, formava com Hong Kong. O navio saiu velozmente do estreito, na via dominada pelas montanhas, e entrou em mar aberto, dobrando em direção sudoeste. Outra ilha maior, Pokliu Chau, ficava duas milhas a bombordo. Uma forte monção nordeste mosqueava as ondas, e acima havia um opaco lençol de nuvens.

Culum seguiu em frente, evitando cuidadosamente os círculos de cordas e amarras bem-arrumados. Caminhou ao longo das reluzentes fileiras de canhões, maravilhando-se com a limpeza de tudo. Estivera a bordo de outros navios mercantes no porto de Hong Kong e eram todos imundos.

O trecho da proa até estibordo estava ocupado por dois marinheiros, então ele passou por sobre a amurada e se instalou a estibordo. Segurou-se nas cordas dos salvavidas e, com grande dificuldade, tirou as calças e se acocorou precariamente na rede.

Um jovem marinheiro ruivo aproximou-se, pulou por sobre o passadiço e entrou na proa, tirando as calças. Ele estava descalço e não se segurou nas cordas, ao se acocorar.

— Bom-dia, *senhorrr* — disse o marinheiro.

— Para você também — disse Culum, segurando-se sombriamente nas cordas.

O marinheiro terminou depressa. Inclinou-se para a frente, em direção ao passadiço, e tirou um quadrado de papel de uma caixa, limpando-se em seguida. Depois, cuidadosamente, atirou o papel para baixo e ajeitou as calças em tomo da cintura.

— O que você está fazendo? — perguntou Culum.

— Hein? Ah, o papel, *senhorrr!* Que um raio me parta se eu sei, *senhorrr.* São ordens do Tai-Pan. Limpe a bunda com papel, ou então perca dois meses de pagamento e passe dez dias na maldita casa da guarda. — O marinheiro riu. — O Tai-Pan é muito correto, com seu perdão. Este é seu navio, então é bom limpar a maldita bunda. — Pulou para bordo, com facilidade, e mergulhou as mãos num balde de água do mar, atirando-a em seguida sobre os pés. — Lave também as malditas mãos, por Deus, e depois os pés, senão vai para a maldita prisão! É muito estranho. É um disparate completo... com seu perdão, *senhorrr.* Mas, com essa coisa de lavar as malditas mãos, e limpar a maldita bunda, e tomar banho uma vez toda maldita semana, e roupas limpas uma vez a cada maldita semana, a vida é mesmo uma merda.

— Merda total — disse outro marinheiro, debruçando-se no passadiço, a mastigar um naco de fumo. — O pagamento é em boa prata? Quando chegar o dia, por Deus! Comer como um maldito príncipe? Dinheiro da presa, além disso. Que mais você quer, Charlie? — Depois, para Culum: — Não sei como o Tai-Pan consegue isso, *senhorrr,* mas nos *navio dele* tem menos sífilis e menos escorbuto do que em qualquer outro, por esses mares. — Ele cuspiu em direção a estibordo o sumo do tabaco. — Então eu limpo a bunda e faço isso com gosto. Com seu perdão, *senhorrr,* se fosse o *senhorrr* eu fazia a mesma coisa. O Tai-Pan gosta muito que obedeçam às *orde* dele!

— Rizar a gávea e mastaréu de sobrejoanete — gritou o Capitão Orlov do tombadilho, com um vozeirão, para um homem tão pequeno. Os marinheiros bateram continência para Culum e uniram-se aos homens que estavam escalando os cabos.

Culum usou o papel e lavou as mãos, desceu e esperou uma oportunidade para intervir na conversa.

— De que adianta usar papel?

— Hein? — perguntou Struan.

— Na proa. Usar papel, ou dez dias de prisão na casa da guarda.

— Ah, eu esqueci de lhe dizer, menino. Os chineses acham que existe alguma ligação entre as fezes e as doenças.

— É ridículo — zombou Culum.

— Os chineses não pensam assim. Nem eu. — Struan virou-se para Robb. — Experimentei o sistema por três meses no *China Cloud*. O número de casos de doença diminuiu.

— Mesmo em comparação com o *Thunder Cloud*? — perguntou Robb.

— Sim.

— É uma coincidência — disse Culum.

Robb grunhiu.

— Você vai encontrar uma porção de coincidências em nossos navios, Culum. Faz apenas um pouco mais de cinqüenta anos desde que o Capitão Cook descobriu que limões e verduras frescas curavam o escorbuto. Talvez as fezes tenham alguma coisa a ver com as doenças.

— Quando você tomou banho pela última vez, Culum? — perguntou Struan.

— Não sei... um mês... não, eu me lembro. O Capitão Perry insistia para que eu tomasse banho junto com a tripulação uma vez por semana no *Thunder Cloud*. Quase morri de frio. Por quê?

— Quando você lavou suas roupas, pela última vez? Culum piscou para o pai e olhou para suas grossas calças de lã marrom e casaco de marinheiro.

— Nunca foram lavadas! Por que deveriam ser lavadas? Os olhos de Struan brilharam.

— De agora em diante, em terra ou a bordo, você banha seu corpo inteiro uma vez por semana. Use papel e lave as mãos. Mande lavar as roupas uma vez por semana. Não beba água, apenas chá. E escove os dentes todos os dias.

— Por quê? Não beber água? Isto é loucura. Lavar minhas roupas? Ora, elas vão encolher, perder o corte e Deus sabe o quê!

— É isto que você vai fazer. Assim é o Oriente. Quero você vivo. E bem. E saudável.

— Não vou fazer nada disso. Não sou uma criança e nem um de seus marinheiros.

— É melhor você fazer o que seu pai diz — falou Robb. — Eu lutei contra ele, também. Contra todas as idéias novas que ele pôs em prática. Até ele provar que essas coisas funcionavam. Por que, ninguém sabe. Mas, em locais onde morria gente feito mosca, nós escapamos.

— Você, nem tanto assim — disse Culum. — Você me disse que está doente o tempo todo.

— Sim, mas isso vem de anos. Nunca acreditei no que seu pai dizia a respeito da

água, e então continuei a bebê-la. Agora, minhas tripas sangram e sangrarão sempre. É tarde demais para mim, mas, por Deus, eu gostaria de ter experimentado. *Talvez* estivesse sem esse problema. Dirk jamais bebe água. Só chá.

— É o que os chineses fazem, rapaz.

— Não acredito nisso.

— Bom, enquanto você está descobrindo se é verdade ou não, — replicou Struan — obedecerá a essas ordens. *São* ordens. Culum fechou a cara.

— Só por causa de alguns costumes chineses pagãos, tenho de mudar todo meu estilo de vida. É isso que você está dizendo?

— Estou preparado para aprender com eles. Sim. Tentarei tudo para manter minha saúde, e você vai fazer a mesma coisa, por Deus. — Struan deu um grito. — Camaroteiro! A porta se abriu.

— Sim, sim, *senhorrr.*

— Prepare um banho para o Sr. Culum. Em minha cabina. E roupas limpas.

— Sim, sim, *senhorrr.*

Struan atravessou a cabina, e se debruçou sobre Culum. Examinou a cabeça do filho.

— Você tem piolhos no cabelo.

— Eu não entendo você, de maneira nenhuma! — explodiu Culum. — Todo

mundo tem piolhos. Os piolhos nos acompanham, gostemos ou não. A pessoa se coca um pouco, e é tudo.

— Eu não tenho piolhos, e nem Robb.

— Então vocês são esquisitos. Únicos. — Culum tomou um gole de champanha, cheio de irritação. — Tomar banho é um risco estúpido para a saúde, como todo mundo sabe.

— Você está fedendo, Culum.

— Como todo mundo — disse Culum, cheio de impaciência. — Não é por isso que sempre usamos pomadas? Feder também é um estilo de vida. Os piolhos são uma maldição que acompanha as pessoas, e daí?

— Eu não fedo, e nem Robb, e nem a família dele, e nem os meus homens, e nossa saúde é a melhor do Oriente. Você vai fazer o que eu lhe disser. Os piolhos não são necessários, e nem tampouco feder.

— É melhor você ir para Londres, papai. É o maior fedor do mundo. Se as pessoas ouvirem você falar a respeito de piolhos e de feder, vão pensar que está louco.

Pai e filho olharam um para o outro.

— Você vai obedecer às ordens. Vai se limpar, por Deus, ou então mandarei o

mestre fazer isto por você. Para o convés!

— Faça isso, Culum — intercedeu Robb. Ele sentia o ressentimento de Culum e a inflexibilidade de Struan. — Que importa? Um acordo. Experimente durante

cinco meses, hein? Se não se sentir melhor até então, volte para o estilo habitual.

— E se eu me recusar?

Struan olhou-o implacavelmente.

— Eu mimo você, Culum, como nunca fiz com ninguém. Mas algumas coisas você vai fazer. Senão, vou tratá-lo como a um marinheiro desobediente.

— O que, quer dizer isso?

— Levo você a reboque atrás do navio por dez minutos e assim você fica lavado.

— Em vez de dar ordens — Culum bradou, indignado — por que você não diz simplesmente “por favor”, de vez em quando? Struan deu uma boa risada.

— Por Deus, você tem razão, rapaz. — Bateu nas costas de Culum. — Quer, por favor, fazer o que eu digo? Por Deus, você tem razão. Vou dizer “por favor” com mais freqüência. E não se preocupe com as roupas. Vamos contratar para você o melhor alfaiate da Ásia. Você precisa de mais roupas, de qualquer jeito. — Struan olhou para Robb. — Seu alfaiate, Robb?

— Sim. — Logo que nos instalarmos em Hong Kong.

— Vamos mandar chamá-lo amanhã, para que venha de Macau, com seus ajudantes. A menos que já esteja em Hong Kong. Por cinco meses, rapaz?

— Está bem. Mas ainda acho esquisito.

Struan tornou a encher os copos.

— Agora, acho que deveríamos comemorar o renascimento da Casa Nobre.

— Como, Dirk? — perguntou Robb.

— Daremos uma festa.

— O quê? — Culum ergueu os olhos, excitadíssimo, com a indignação esquecida.

— Sim. Um baile. Para toda população européia. Em estilo principesco. Daqui a um mês.

— Isso vai causar o maior corre-corre! — disse Robb.

— O que quer dizer, tio?

— Haverá o maior pânico entre as senhoras. Todas competirão pela honra de ser a mais bem-vestida... segundo a última moda! Vão dar em cima dos maridos e tentar roubar os costureiros das outras! Meu Deus, um baile é uma idéia maravilhosa. Fico imaginando o que Shevaun vai usar.

— Nada... se isto lhe agradar! — Os olhos de Struan brilharam. — Sim, um baile. Daremos um prêmio para a senhora que estiver mais bem-vestida. Acho que o prêmio...

— Não ouviu falar do julgamento de Paris? — perguntou Robb, horrorizado.

— Sim, mas Aristotle será o juiz.

— Ele é inteligente demais para aceitar um encargo desses.

— Veremos. — Struan refletiu por um momento. — O prêmio tem de ser valioso. Mil guinéus.

— Você deve estar brincando! — disse Culum.

— Mil guinéus.

Culum ficou acabrunhado com a idéia de tal extravagância. Era obsceno. Criminoso. Mil guinéus na Inglaterra, hoje, e a pessoa poderia viver como um rei por cinco ou dez anos. O salário de um operário de fábrica, que trabalhava do amanhecer até o entardecer, e continuando pela noite adentro, seis dias por semana, durante todas as semanas do ano, era entre quinze e vinte libras anuais — e com isso tinha um lar e os filhos eram criados e mantida sua mulher, com pagamento de aluguel, comida, roupas, carvão. Meu pai está louco, pensou ele, embriagado pelo dinheiro. Pense nos vinte mil guinéus que arriscou na estúpida aposta com Brock e Gorth. Mas aquilo foi um jogo para se livrar de Brock. Um jogo que valeria a pena, se desse certo, e, de certo modo, deu — as barras de prata encontram-se no *China Cloud* e estamos ricos outra vez. Ricos.

Agora, Culum sabia que ser rico significava não ser mais pobre. Sabia que seu pai estava certo — não era o dinheiro que importava. Só a falta dele.

— É demais, demais — disse Robb, chocado.

— Sim. De certa maneira, é. — Struan acendeu um charuto. — Mas é dever da Casa Nobre ser principesca. A notícia vai se espalhar como nenhuma outra antes. E os

relatos a respeito circularão por cem anos. — Pôs a mão no ombro de Culum. — Jamais esqueça outra regra, rapazinho: quando você está fazendo apostas altas, tem de assumir grandes riscos. Se não está preparado para arriscar muito, não faz

parte do jogo.

— Uma soma tão grande pode fazer, digamos, algumas pessoas arriscarem mais dinheiro do que poderiam gastar. Isso não é bom, verdade?

— Dinheiro é para ser gasto. Eu diria que este vai ser um dinheiro bem gasto.

— Mas o que você está disputando?

— Prestígio, rapaz. — Struan virou-se para Robb. — Quem será a vencedora? Robb balançou a cabeça, atarantado.

— Não sei. Beleza... Shevaun. Mas a melhor vestida? Algumas arriscariam uma fortuna para conseguir essa honra, quanto mais o prêmio.

— Você já conhece Shevaun, Culum?

— Não, papai. Eu a vi uma vez passeando na estrada que George... George Glessing, construiu, do Cabo Glessing ao Vale Feliz. A Srta. Tillman é linda. Mas acho a Srta. Sinclair muito mais atraente. Tão encantadora... George e eu passamos algum tempo em sua companhia.

— É verdade? — Struan reprimiu seu repentino interesse.

— Sim — replicou Culum, ingenuamente. — Tivemos um jantar de despedida com a Srta. Sinclair e Horatio, no navio de George. O pobre George teve seu navio tomado. Ele estava muito aborrecido. Vamos realmente ter um baile?

— Por que Glessing perdeu o navio?

— Longstaff nomeou-o chefe e superintendente principal do porto, e o almirante

ordenou-lhe que aceitasse. A Srta. Sinclair concordou comigo que era uma boa oportunidade para ele... mas ele não pensa assim.

— Você gosta dele?

— Ah, sim. Foi muito gentil comigo. — Culum quase acrescentou: mesmo sendo eu o filho do Tai-Pan. Ele agradecia sua sorte por Glessing e ele terem um interesse em comum. Ambos eram ótimos jogadores de críquete — Culum fora o capitão do time na universidade e, no ano anterior, jogara por seu condado.

— Por Júpiter — dissera Glessing — você deve ser ótimo. Eu só joguei pela marinha. Que posição você ocupava?

— Defesa da meta, primeira posição.

— Por Deus... eu só consegui até agora ficar em segunda. Diabo, Culum, meu velho, talvez devêssemos separar um lugar para um campo de críquete, hein? Praticar um pouco, não é?

Culum sorriu para si mesmo, muito alegre por ser um jogador de críquete. Sem isso, ele sabia que Glessing o teria afastado, e então não teria tido o prazer de estar perto de Mary. Ficou imaginando se não poderia acompanhá-la ao baile.

— A Srta. Sinclair e Horatio gostam muito de você, papai.

— Pensei que Mary estivesse em Macau.

— Ela estava, papai. Mas voltou a Hong Kong há alguns dias, uma semana, mais ou menos. Ela é linda, não é? Houve um repentino soar de sino do navio e ruído de pés correndo e o grito:

“*Todos os homens ao convés*!” Struan saiu como um raio da cabina.

Robb começou a segui-lo, mas parou à porta da cabina.

— Duas coisas, rapidamente, enquanto estamos sozinhos, Culum. Primeiro, faça o

que o seu pai diz e seja paciente com ele. Ele é um homem estranho, com idéias estranhas, mas a maior parte delas funciona. Em segundo lugar, eu o ajudarei em tudo o que puder a se tornar Tai-Pan. — Depois, saiu correndo da cabina, com Culum atrás dele.

Quando Struan irrompeu no tombadilho, a tripulação já estava em posições de ação e abrindo as janelas de tiro e, lá em cima, os homens subiam pelo cordame.

Bem em frente, espalhado contra o horizonte, estava uma ameaçadora frota de juncos de guerra.

— Pela bunda de Thor, é uma maldita frota! — disse o Capitão Orlov. — Contei mais de cem, Tai-Pan. Viramos e fugimos?

— Mantenha seu curso, Capitão. Temos a velocidade deles, Desocupar o convés! Vamos nos aproximar e dar uma olhada. Içar velas no mastaréu e sobre a proa! Orlov berrou para cima:

— Içar velas no mastaréu e na proa! A todo pano! — Os oficiais escutaram os gritos e os marinheiros correram para os ovéns e desdobraram as velas, fazendo o *China Cloud* ganhar velocidade e cortar as águas.

O navio se encontrava no canal entre a grande Ilha de Pokliu Chau, duas milhas a bombordo e a Ilha de Ap Li Chau, de menores dimensões, meia milha a estibordo. Ap Li Chau ficava a um quarto de milha ao lago da costa da Ilha de

Hong Kong e formava uma bela baía que fora designada Aberdeen. Na costa de Aberdeen, havia uma pequena vila de pescadores. Struan observou mais sampanas e juncos de pesca do que existiam ali há um mês.

Robb e Culum subiram ao tombadilho. Robb viu os juncos e seu couro cabeludo formigou.

— Quem são eles, Dirk?

— Não sei. Saiam daí!

Culum e Robb se afastaram com um pulo, quando um grupo de marinheiros desceu pelo cordame e deu nós mais fortes nas amarras, correndo em seguida à popa, para posições de ação. Struan passou os binóculos para Mauss, que se arrastara a seu lado.

— Consegue distinguir a bandeira, Wolfgang?

— Não, ainda não, Tai-Pan. — Wolfgang, com a boca seca, espiava um grande e pesado junco de guerra, à frente dos outros, um dos maiores que já vira, mais de duzentos pés de comprimento e cerca de quinhentas toneladas, com a proa dominadora adernando lentamente, sob a pressão de três imensas velas. — *Gott im Himmel,* o número deles é grande demais para ser uma frota de piratas. Serão uma armada invasora? Com certeza, não ousariam atacar Hong Kong, estando tão próxima a nossa frota.

— Logo descobriremos — disse Struan. — Dois pontos a estibordo!

— Dois pontos a estibordo — bradou o timoneiro.

— Manter o curso! — Struan verificou a posição das velas. O palpitar do vento e o cordame esticado enchiam-no de excitação.

— Vejam! — Capitão Orlov gritou, apontando em direção à popa.

Outra flotilha de juncos arremeda, saindo de trás da extremidade sul de Pokliu Chau, preparando-se para cortar a retirada deles.

— É uma emboscada! Preparar para virar de bordo...

— Alto, Capitão! Eu estou no tombadilho!

O Capitão Orlov se aproximou mal-humorado do timoneiro, e ficou junto à bitácula, maldizendo a regra segundo a qual quando o Tai-Pan estava no tombadilho de qualquer navio da Casa Nobre, ele era o capitão.

Bom, pensou Orlov, boa sorte, Tai-Pan. Se não dermos a volta e corrermos, aqueles juncos emboscados vão cortar nosso curso e os outros, adiante, nos farão afundar, acabando com meu belo navio. Ah, não acabam, não! Vamos fazer trinta deles voarem para as covas em chamas do Valhala, e passaremos navegando entre eles, como uma Valquíria.

E, pela primeira vez, em quatro dias, esqueceu-se das barras de prata e, cheio de júbilo, pensou apenas na luta que ia começar.

A sineta do navio tocou oito vezes.

— Permissão para descer, Capitão! — disse Orlov.

— Sim. Leve o Sr. Culum e lhe mostre o que fazer. Orlov seguiu adiante de Culum, agilmente, até as profundezas do navio.

— Aos oito toques de sineta, na vigília da manhã, isto significa meio-dia, na contagem do tempo feita em terra, é dever do capitão dar corda no cronômetro — disse ele, aliviado de estar afastado do tombadilho, agora que Struan usurpara o comando. Mas também, ele disse a si próprio, se você fosse o Tai-Pan, faria o mesmo. Jamais permitiria que qualquer outra pessoa executasse a tarefa mais bela do mundo, enquanto você se encontrava ali.

Seus pequenos olhos azuis examinavam Culum. Ele vira o imediato desagrado de Culum e seus olhares disfarçados para suas costas e as pequenas pernas. Mesmo depois de quarenta anos suportando olhares assim, ele ainda detestava que o considerassem uma monstruosidade.

— Nasci durante uma tempestade de neve, num bloco de gelo flutuante. Minha mãe disse que era tão bonito que o espírito do mal, Vorg, esmagou-me com seus cascos, uma hora depois do meu nascimento.

Culum se mexeu, desajeitado, na semi-obscuridade.

— Ah?

— Vorg tem cascos fendidos. — Orlov deu uma risadinha. — Você acredita em espíritos?

— Não. Acho que não.

— Mas acredita no Demônio? Como todos os bons cristãos?

— Sim. — Culum tentava não demonstrar medo em sua expressão facial. — O que precisa ser feito com o cronômetro?

— É preciso dar corda nele. — Outra vez, Orlov deu uma risadinha. — Se você tivesse nascido como eu, talvez fosse Culum, o Corcunda, em vez de Culum, o Alto e Louro, hein? Então olharia as coisas de maneira diferente.

— Sinto muito... deve ter sido duro para você.

— Não foi duro... o Shakespeare de vocês teve palavras mais expressivas. Mas não se preocupe, Culum, o Forte. Posso matar um homem duas vezes maior do que eu com a maior facilidade. Gostaria que lhe ensinasse a matar? Não poderia ter melhor professor do que eu, a não ser o Tai-Pan.

— Não. Não, obrigado.

— É bom aprender. Muito bom. Pergunte a seu pai. Um dia, você vai precisar saber isso. Sim, muito breve. Sabia que eu tenho o dom da profecia? Culum estremeceu.

— Não.

Os olhos de Orlov brilharam e seu sorriso fez que se parecesse ainda mais com um duende maléfico.

— Você tem uma porção de coisas para aprender. Quer ser Tai-Pan, não é?

— Sim. Espero ser. Um dia.

— Haverá sangue em suas mãos, nesse dia.

Culum tentou controlar seu repentino sobressalto.— O que quer dizer com isso?

— Você ouviu. Terá sangue nas mãos, nesse dia. Sim. E logo vai precisar de

alguém em quem possa confiar por muito tempo. Enquanto Norstedt Stride Orlov, o corcunda, for capitão de um de seus navios, você pode confiar nele.

— Eu me lembrarei disso, Capitão Orlov — disse Culum, e prometeu a si mesmo que, quando realmente se tornasse Tai-Pan, Orlov jamais seria um de seus capitães. Depois, ao tornar a olhar para o rosto do homem, teve a sensação esquisita de que Orlov adivinhara seus pensamentos.

— O que há, Capitão?

— Pergunte isso a você mesmo. — Orlov destrancou a caixa do cronômetro. Para fazer isso, precisava ficar em pé num degrau da escada. Em seguida, começou a dar corda no relógio, cuidadosamente, com uma grande chave. — É preciso dar trinta e três voltas.

— Por que você faz isso? E não um dos oficiais? — perguntou Culum, sem dar realmente muita importância àquilo.

— É dever do capitão. Um dos deveres. A pilotagem é uma das coisas secretas. Se todos a bordo soubessem pilotar, haveria um motim atrás do outro. É melhor que só o capitão e uns poucos oficiais saibam. Então, sem eles, os marinheiros estariam perdidos e indefesos. Mantemos o cronômetro trancado, neste local, por uma questão de segurança. Não é bonita? A feitura? Feito por bons cérebros ingleses e boas mãos inglesas. Marca com exatidão a hora de Londres.

Culum sentiu a proximidade do passadiço e a náusea crescendo dentro dele — sobrecarregada pelo medo de Orlov e da batalha que ia começar. Mas se controlou e decidiu que não permitiria a Orlov irritá-lo, até lhe fazer perder a cabeça, e tentou fechar as narinas para não sentir o cheiro ácido e penetrante da água suja do fundo do casco. Mais tarde, haverá um ajuste de contas, jurou.

— O cronômetro é tão importante assim?

— Esteve na universidade e pergunta isso? Sem essa beleza, estaríamos perdidos. Já ouviu falar no Capitão Cook? Ele usou o primeiro cronômetro, e o testou, há sessenta anos. Até aquela data, não tínhamos nenhum meio de descobrir em que longitude nos encontrávamos. Mas agora, com a hora exata de Londres e o sextante, sabemos onde estamos, milha por milha. — Orlov tornou a fechar a caixa e lançou um olhar abrupto para Culum. — Sabe usar um sextante?

— Não.

— Quando tivermos afundado os juncos, eu vou lhe mostrar. Acha que pode ser Tai-Pan da Casa Nobre em terra? Hein?

Houve um ruído de pés correndo no convés, e eles sentiram o *China Cloud* pular ainda mais rápido, através das ondas. Ali embaixo, todo o navio parecia pulsar, cheio de vida.

Culum lambeu os lábios secos.

— Poderemos afundar tantas embarcações e escapar?

— Se não, nós nadaremos. — O homenzinho olhou radiante para Culum. — Já naufragou, ou afundou?

— Não. E não sei nadar.

— Se é marinheiro, melhor não saber nadar. Nadar só prolonga o inevitável... se o mar quer você, e se sua hora chegou. — Orlov puxou a corrente, para se certificar de que

o cadeado estava seguro. — Há trinta anos que estou no mar e não sei nadar. Já naufraguei mais de dez vezes, dos mares da China ao Estreito de Bhering, mas sempre encontrei algum pedaço de mastro ou bote. Um dia, o mar vai me pegar. Quando chegar a hora. — Afrouxou o chicote de ferro, no pulso. — Vou ficar satisfeito de voltar ao porto.

Culum, cheio de reconhecimento, seguiu-o pelo passadiço acima.

— Você não confia nos homens que estão a bordo?

— Um capitão confia em seu navio, só em seu navio. E em si mesmo, apenas.

— Você confia em meu pai?

— Ele é o capitão.

— Não entendo.

Orlov não respondeu. Ao chegar ao tombadilho, observou as velas e franziu a testa. Pano demais, muito perto da costa. Um número excessivo de recifes desconhecidos e um cheiro de borrasca, em alguma parte. A linha invasora de juncos encontrava-se duas milhas à frente: implacável, silenciosa, aproximando-se deles.

O navio estava a todo pano, as velas principais ainda rizadas, toda a embarcação pulsando de alegria. Esta alegria tomava conta da tripulação. Quando Struan ordenou que as rizes fossem soltas, eles pularam para o cordame, cantaram enquanto colocavam as velas nos lugares e esqueceram as barras de prata que os contaminavam. O vento se tornou mais forte e as velas estalejaram. O navio adernou e ganhou velocidade, com a água do mar espumando como fermento nos embornais.

— Sr. Cudahy! Dê uma olhada lá embaixo e traga as armas para cima!

— Sim, sim, *senhorrr* — Cudahy, o primeiro-imediato, era um irlandês de cabelos negros, com olhos que dançavam, e usava um brinco de ouro.

— Manter o rumo! Vigia nos convés! Preparar canhão! Carregar a metralha!

Os homens se atiraram aos canhões, fizeram-nos girar para fora das portinholas das canhoneiras, carregaram-nos com a metralha e, outra vez girando-os, recolocaram-nos em seus lugares.

— Grupo de tiro número três, dose dupla extra de rum! Número dezoito, limpar o fundo do casco!

Houve vivas e pragas.

Era um hábito que Struan iniciara há muitos anos. Quando ia haver uma luta, o primeiro grupo de tiro da tripulação era recompensado e o último incumbido de executar a tarefa mais suja do navio.

Struan examinou o céu e o esticamento das velas e virou o binóculo em direção ao grande junco de guerra. Tinha muitas portinholas de canhoneiras, um dragão como figura de proa e uma bandeira que, àquela distância, ainda era indistinta. Struan via dúzias de chineses no convés e tochas acesas.

— Aprontem os barris de água! — gritou Orlov.

— Para que são os barris de água, papai? — perguntou Culum.

— Para apagar incêndios, rapaz. Os juncos têm tochas ardendo. Devem ter um bom estoque de foguetes acesos e bombas de mau cheiro. As bombas de mau

cheiro são feitas de piche e enxofre. Podem causar devastação num clíper, quando não se está preparado. — Olhou em direção à popa. A outra flotilha de juncos entrava no canal, atrás deles.

— Estamos cercados, não? — perguntou Culum, “com o estômago dando voltas.”

— Sim. Mas só um louco iria por aquele caminho. Olhe para o vento, rapaz. Por aquele caminho teríamos de navegar contra ele, e algo me diz que ele logo vai mudar contra nós. Mas, para a frente, temos o vento e a velocidade de qualquer junco. Veja como são pesados, rapazinho! Como cavalos de carreta contra nós... um navio veloz. Temos dez vezes mais poder de disparo, navio contra navio.

Uma das adriças no alto do mastro principal se partiu abruptamente e a verga rangeu, batendo contra o mastro e deixando a vela solta a adejar.

— Vigia de bombordo para cima! — berrou Struan. — Mandem subir a corda de sustentação do sobrejoanete!

Culum observou os marinheiros agarrarem-se à verga, quase no alto do mastro principal, com o vento açoitando-os, a se segurarem com unhas e dentes, sabendo que ele jamais faria aquilo. Sentiu a bílis do medo em seu estômago. Não conseguiu esquecer o que Orlov dissera: sangue em suas mãos. Sangue de quem? Cambaleou até a amurada e vomitou.

— Toma aqui, rapazinho — disse Struan, oferecendo a bolsa de água que estava pendurada numa malagueta. Culum empurrou-a, detestando o pai por ter notado que ele estava enjoado.

— Limpe a boca, pelo amor de Deus! — a voz de Struan era áspera.

Culum obedeceu, desconsoladamente, e não notou que a água, na verdade, era chá frio. Bebeu um pouco e se sentiu enjoado outra vez. Então, lavou a boca e

sorveu um pouquinho do líquido, sentindo-se péssimo.

— A primeira vez em que entrei em combate, estava enjoado como um criado bêbado... mais enjoado do que você pode imaginar. E mortalmente assustado.

— Não acredito — respondeu Culum, com voz fraca. — Você nunca esteve amedrontado e nem enjoado em sua vida. Struan resmungou:

— Bom, você pode crer. Foi em Trafalgar.

— Eu não sabia que você tinha estado lá! — De tão pasmado, Culum, por um momento, esqueceu seu enjôo.

— Eu era carregador de pólvora. A Marinha usa crianças nas naus capitânias para levar pólvora do depósito até o convés de tiro. A passagem tinha de ser tão pequena quanto possível, para diminuir as chances de ser atingida por um disparo, fazendo todo o navio explodir.

Struan lembrava-se das armas que rugiam, dos gritos dos feridos, dos membros humanos espalhados pelo convés, escorregadios com o sangue — do fedor do sangue e de como os embornais estavam vermelhos. O cheiro de vômito no pequeno túnel negro que jamais terminava, viscoso de vômitos. Era preciso subir às apalpadelas até os canhões que explodiam, levando barriletes de pólvora e, depois, descer às cegas, mais uma vez, para a horrível escuridão, com os pulmões em fogo, o coração transformado numa máquina violenta, lágrimas de terror escorrendo — hora após hora.

— Eu estava mortalmente assustado.

— Você esteve realmente em Trafalgar?

— Sim. Eu tinha sete anos. Não era o mais velho do meu grupo, mas o mais assustado. — Struan deu palmadas calorosas no ombro do filho. — Então, não se preocupe. Não tem nada errado nisso.

— Não estou com medo agora, papai. É apenas o fedor do porão.

— Não se iluda. É o fedor do sangue que você acha que cheira... e o medo de que seja seu.

Culum, depressa, debruçou-se sobre a amurada do navio, vomitando outra vez. Embora o vento estivesse forte, não varria, de sua cabeça, o enjoativo cheiro doce, e nem, de sua mente, as palavras de Orlov. Struan foi até o barril de conhaque, bebeu uma dose dupla e entregou outra a Culum, ficando a observá-lo enquanto ele bebia.

— Com sua licença, *senhorrr* — disse o camaroteiro. — O banho que foi pedido está pronto, *senhorrr.*

— Obrigado. — Struan esperou até o camaroteiro se unir ao seu grupo de tiro e então disse a Culum: — Desça, rapaz. Culum se sentiu cheio de humilhação.

— Não. Estou bem aqui.

— Desça! — Embora fosse uma ordem, foi dada com gentileza, e Culum sabia que lhe estava sendo oferecida a oportunidade de descer e fugir à vergonha.

— Por favor, papai — disse ele, quase em prantos. — Deixe que eu fique. Sinto muito.

— Não precisa se desculpar. Já enfrentei este tipo de perigo mil vezes, e então é fácil para mim. Sei o que esperar. Desça, rapaz. Haverá tempo suficiente para tomar banho e voltar para o convés. E participar de um combate, se houver

combate. Por favor, desça.

Desconsoladamente, Culum obedeceu.

Struan passou a prestar atenção em Robb, que estava inclinado por sobre a amurada, pálido feito cera. Struan ficou pensando, por um momento, depois se aproximou dele.

— Quer me prestar um favor, Robb? Fazer companhia ao rapaz? Ele não está se sentindo bem, de jeito nenhum. Robb forçou um sorriso.

— Obrigado, Dirk. Mas, desta vez, eu preciso ficar, enjoado ou não. Será uma armada invasora?

— Não, rapaz. Mas não se preocupe. Podemos abrir caminho entre eles a tiro, se for preciso.

— Eu sei. Eu sei.

— Como vai Sarah? Ela está bem perto de ter criança, não? Desculpe, eu esqueci de perguntar.

— Ela está bem, como a maioria das mulheres quando faltam poucas semanas. Eu vou ficar satisfeito, quando a espera acabar.

— Sim. — Struan virou-se e ajustou ligeiramente o curso do navio.

Robb forçou sua mente a se desligar dos juncos, que pareciam encher o mar, adiante. Espero que seja outra menina, pensou ele. As meninas são muito mais fáceis de criar do que os meninos. Espero que ela seja como Karen. Minha querida Karen!

Robb detestou a si mesmo outra vez por ter gritado com ela aquela manhã — tinha sido ainda aquela manhã, que todos estavam juntos no *Thunder Cloud*. Karen desaparecera, e Sarah e ele pensaram que tivesse caído por sobre a amurada. Ficaram frenéticos e, quando começou a busca, Karen chegou alegremente ao convés, vinda do porão, onde estava brincando. E Robb ficara tão aliviado que gritara com ela, e Karen se refugiara soluçando nos braços da mãe. Robb amaldiçoara sua mulher por não tomar conta de Karen com mais cuidado, sabendo que não era culpa de Karen, mas sem conseguir se conter. Então, dentro de alguns minutos, a pequena Karen estava como qualquer outra criança, rindo com facilidade, tudo esquecido. E ele e Sarah como quaisquer outros pais, ainda perturbados com a raiva mútua, sem esquecer nada...

Pela frente e por trás, as frotas de juncos bloqueavam as vias de escape do *China Cloud*. Robb viu o irmão inclinado contra a bitácula, acendendo descontraidamente um charuto num pavio em chamas de um canhão, e desejou ser tão calmo.

Ó Deus, dai-me forças para suportar cinco meses e mais doze meses e a viagem para casa e, por favor, tornai mais fácil o parto de Sarah. Ele se debruçou por sobre a balaustrada e se sentiu muito enjoado.

— Dois pontos a bombordo — disse Struan, observando a costa de Hong Kong, com cuidado.

Ele estava quase suficientemente perto dos rochedos proeminentes ao largo da proa, a estibordo, e bem a barlavento da linha dos juncos. Alguns minutos mais e iria virar e investir contra o junco que já marcara para a morte, e atravessaria a linha com segurança

— se não houvesse navios de tiro, e se o vento não diminuísse, e se nenhum recife ou baixio escondido danificasse o navio.

O céu escurecia ao norte. A monção se mantinha forte, mas Struan sabia que, naquelas águas, o vento poderia mudar um quarto ou mais com alarmante

rapidez, ou uma violenta borrasca era capaz de varrer os mares. Com o navio a tanto pano, poderia ficar em grande perigo, pois o vento rasgaria suas velas antes de poder-se rizá-las, ou quebraria os mastros. Então, além disso, poderia haver também muitos recifes e escolhos esperando para rasgar o bojo da embarcação. Não havia mapas daquelas águas. Mas Struan sabia que só usando a velocidade eles poderiam escapar. E com *pagode.*

— *Gott im Himmel!* — Mauss estava espiando pelo binóculo — É o *Lótus*! *O Lótus de Prata*!

Struan agarrou o binóculo e focalizou a bandeira que drapejava no alto do grande junco: um lótus de prata com o fundo vermelho. Não havia erro. Era o *Lótus de Prata*, a bandeira de Wu Fang Choi, o rei dos piratas, cujo sadismo era lendário, cujas incontáveis frotas pilhavam e dominavam as costas de todo sul da China, extorquindo tributos num raio de mil milhas, de norte a sul. Pelo que se supunha, sua base era em Formosa.

— O que estará Wu Fang Choi fazendo nessas águas? — perguntou Mauss. Outra vez, sentiu uma estranha mistura de medo e esperança crescendo dentro dele. Sua vontade será feita, ó Senhor.

— As barras de prata — disse Struan. — Devem ser as barras de prata. De outra maneira, Wu Fang Choi jamais se arriscaria a vir aqui, com nossa frota tão próxima.

Durante anos, os portugueses e todos os negociantes pagavam tributos a Wu Fang Choi pelo salvo-conduto de seus navios. Os tributos saíam mais baratos do que a perda dos navios mercantes, e seus juncos mantinham os mares do sul da China livres de outros piratas — a maior parte do tempo. Mas, com a chegada da força expedicionária, no ano passado, os negociantes ingleses haviam parado de pagar por sua passagem livre, e uma das frotas piratas de Wu Fang Choi começara a saquear as vias marítimas e a costa perto de Macau. Quatro fragatas

da Marinha Real saíram à caça e destruíram a maioria dos juncos piratas, seguindo aqueles que fugiram para a Baía Bias — um reduto dos piratas na costa, quarenta milhas ao norte de Hong Kong. Ali, as fragatas destroçaram os juncos e sampanas piratas e investiram contra duas vilas dos piratas. Desde aquele tempo, a bandeira de Wu Fang Choi não se aventurara por perto.

Um canhão estrondeou na nau capitania dos piratas e, espantosamente, todos os juncos, com exceção de um, viraram com o vento e abaixaram as velas principais, deixando apenas as velas curtas à popa para ficar à deriva. Um pequeno junco destacou-se da frota e se encaminhou para o *China Cloud.*

— Virar o timão! — Struan ordenou, e o *China Cloud* mudou de posição com relação ao vento. As velas adejaram ansiosamente e o navio perdeu velocidade e quase parou. — Mantenha a proa em direção ao vento!

— Sim, sim, *senhorrr*!

Struan olhou através do binóculo para o pequeno junco. No mastro principal drapejava uma bandeira branca.

— Pela morte de Cristo! Que brincadeira é essa? Os chineses jamais usam uma bandeira de trégua!

A embarcação se aproximou e Struan ficou ainda mais assombrado ao ver um europeu alto de barba negra, vestido com pesadas roupas marítimas, espada à cinta, timoneando o junco. Ao lado do homem, estava um rapaz chinês, ricamente trajado, com túnica e calças de brocado verde e botas negras macias. Struan viu o europeu apontar seu longo telescópio para o *China Cloud.* Depois de um momento, o homem depôs o telescópio, riu ruidosamente e acenou.

Struan passou o binóculo para Mauss.

— O que pensa daquele homem? — Ele se inclinou para o Capitão Orlov, que

tinha um telescópio apontado para o junco. — Capitão?

— Pirata, com certeza — Orlov entregou seu telescópio a Robb. — Outro boato está confirmado... de que Wu Fang Choi tem europeus em sua frota.

— Mas por que todos iriam abaixar as velas, Dirk? — perguntou Robb, com incredulidade.

— O emissário vai dizer-nos. — Struan caminhou para a ponta do tombadilho. — Senhor — ele bradou para Cudahy — está pronto para dar um tiro de advertência?

— Sim, sim. — Cudahy pulou para o primeiro canhão e o apontou.

— Capitão Orlov! Apronte a chalupa. Você lidera o grupo de abordagem. Se não afundarmos aquele barco primeiro.

— Por que abordar, Dirk? — perguntou Robb, aproximando-se de Struan.

— Nenhum junco pirata vai chegar a menos de cinqüenta jardas. Pode ser um aviso de tiro ou estar cheio de pólvora. Em tempos como os de agora, é bom estar preparado para armadilhas.

Culum, desajeitado, apareceu na gaiúta, vestido com roupas de marinheiro — camisa grossa de lã, casaco, lã e calças boca de sino e sapatos de corda.

— Olá, rapaz — disse Struan.

— O que está acontecendo?

Struan lhe contou e acrescentou:

— As roupas ficaram bem em você, rapaz. Está com aspecto melhor.

— Estou muito melhor — disse Culum, sentindo-se desajeitado e estranho. Quando o junco pirata estava a uma distância de cem jardas, o *China Cloud* deu um tiro de advertência por cima da proa do outro e Struan pegou uma trompa.

— Parem! — ele gritou. — Senão vou fazer vocês explodirem. Obedientemente, o junco virou na direção do vento e deixou cair as velas, começando a derivar com a força da maré.

— Ó de bordo, *China Cloud*. Permissão para embarcar — gritou o homem de barba negra.

— Por que, e quem é você?

— Capitão Scragger, da cidade de Londres — gritou o homem, em resposta, e gargalhou. — Quero dar uma palavrinha com o senhor, Lorde Struan, em particular!

— Venha a bordo sozinho. E desarmado!

— Bandeira branca, camarada?

— Sim! — Struan caminhou para a grade do tombadilho. — Mantenha o junco sob cobertura, Sr. Cudahy!

— Ficará coberto, *senhorrr.*

Um pequeno escaler foi baixado por sobre a amurada do junco e Scragger entrou nele, agilmente, e começou a remar em direção ao *China Cloud.* Ao se

aproximar, começou a cantar com voz forte e cadenciada. Era uma canção marítima, *Derrubem o Homem.*

— Sujeitinho atrevido — disse Struan, divertido, contra a vontade.

— Scragger é um nome incomum — disse Robb. — Nossa tia-avó Ethel não se casou com um Scragger, de Londres?

— Sim. Pensei na mesma coisa, rapaz. — Struan sorriu. — Talvez nós tenhamos um parente pirata.

— Não somos todos piratas? O sorriso de Struan se alargou.

— A Casa Nobre estará segura em suas mãos, Robb. Você é um homem sábio... mais sábio do que você próprio pensa. — Ele olhou outra vez para o bote. — Sujeitinho petulante.

Scragger parecia ter uns trinta e tantos anos. Seu cabelo comprido e despenteado e a barba eram negríssimos. Os olhos azuis-claros e pequenos e as mãos pareciam presuntos. Argolas de ouro pendiam de suas orelhas e uma cicatriz irregular enrugava a metade esquerda de seu rosto.

Ele amarrou seu bote e subiu pela rede de embarque com a facilidade de quem tem prática. Ao pular sobre o convés, tocou a testa com fingida deferência em direção ao tombadilho e fez uma curvatura elaborada.

— Bom-dia, Excelências! — Depois, para os marinheiros que o olhavam, boquiabertos: — Bom-dia, camaradas! Meu patrão, Wu Fang Choi, lhes deseja uma boa viagem para casa! — Ele riu e mostrou os dentes estragados, e depois foi até o tombadilho e parou diante de Struan. Era mais baixo do que Struan, porém mais corpulento. — Vamos descer!

— Sr. Cudahy, reviste-o!

— Ora, estamos com bandeira branca e eu não estou armado, pode ter certeza. Tem minha palavra! — disse Scragger, com a cara mais inocente do mundo.

— Será revistado, de qualquer maneira! Scragger se submeteu à revista.

— Está satisfeito, Tai-Pan?

— Por enquanto, sim.

— Então, vamos descer. Sozinhos. Como eu pedi.

Struan verificou a escorva de sua pistola e fez sinal a Scragger para descer pelo passadiço.

— O resto de vocês fica no convés.

Para espanto de Struan, Scragger seguia pelo navio com a familiaridade de quem já estivera a bordo. Ao chegar à cabina, deixou-se cair na poltrona e estirou as pernas, satisfeito.

— Gostaria de molhar a garganta, antes de começarmos, por favor. Remar dá sede.

— Rum?

— Conhaque. Ah, conhaque! E, se tiver um barrilete disponível, eu estaria bem inclinado.

— A quê?

— A ser paciente. — Os olhos de Scragger eram de aço. — Você é exatamente como eu pensei.

— Disse que veio da cidade de Londres?

— Sim, é verdade. Há muito tempo. Ah, obrigado — disse Scragger, aceitando o canecão de ótimo conhaque. Ele o cheirou com amor, depois engoliu-o, suspirou e acariciou as suíças engorduradas. — Ah, conhaque, conhaque! A única coisa errada na minha atual função é a falta de conhaque. Faz bem ao meu coração.

Struan tornou a encher o canecão.

1.— Obrigado, Tai-Pan.

2.Struan brincava com sua pistola.

3.— De que parte de Londres você é?

4.— Shoreditch, camarada. Foi lá que me criei.

5.— Qual o seu nome de batismo?

— Dick. Por quê?

Struan deu de ombros.

— Agora, diga por que veio — falou. Planejava escrever, pelo próximo correio, para descobrir se Dick Scragger era o nome de um descendente de sua tia-avó.

— Vou dizer, Tai-Pan, vou dizer. Wu Fang Choi quer falar com você. A sós. Agora.

— A respeito de quê?

— Eu não lhe perguntei, e nem ele me disse. “Vá buscar o Tai-Pan”, foi o que falou. Então, eu estou aqui. — Esvaziou o canecão e depois sorriu, com afetação. — Vocês têm barras de prata a bordo, é o que dizem os boatos. Hein?

— Diga a ele que eu o verei aqui. Ele pode vir a bordo sozinho e desarmado. Scragger estourou de rir e, inconscientemente, coçou os piolhos que o infestavam.

— Ora, você sabe que ele não ia fazer isso, Tai-Pan, como você também não iria a bordo do navio dele sozinho e sem proteção. Viu o menino a bordo do meu junco?

— Sim.

— É o filho mais novo dele. Será o refém. Você vai a bordo, armado, se quiser, e o menino fica aqui.

— E se o menino não for mais do que o filho de um cule, com aquelas roupas, e eu for liquidado?

— Ah, não — disse Scragger, magoado. — Tem o meu juramento, por Deus, e é verdade. Não somos um bando velhaco de piratas. Temos três mil navios em nossas frotas e dominamos essas costas, como bem sabe. Tem o meu juramento, por Deus. E o dele.

Struan notou as cicatrizes brancas nos pulsos de Scragger e teve certeza de que havia outras em seus tornozelos.

— Por que você, um inglês, está com ele?

— Ora, e por que, camarada? E por que mesmo? — Scragger replicou, erguendose. — Posso me servir de mais bebida? Obrigado, muito obrigado. — Trouxe outra vez a garrafa para a escrivaninha, e se instalou novamente. — Tem mais de cinqüenta marinheiros ingleses, na frota dele. E quinze, ou mais, americanos, e um francês. Capitães, fabricantes de canhões, atiradores, imediatos. Por ofício, eu era imediato de contramestre — ele continuou, expansivamente, inspirado pelo conhaque. — Há dez anos ou mais, naufraguei em algumas ilhas, ao norte. Os filhos da mãe dos pagãos que me pegaram para ser escravo eram do Japão. E me venderam para outros filhos da mãe pagãos, mas escapei e encontrei Wu Fang. Ele me ofereceu colocação, quando soube que eu era imediato de contramestre e sabia fazer a maior parte das coisas de bordo. — Esvaziou o canecão, arrotou e tornou a enchê-lo. — Agora, o que vamos nós fazer?

— Por que não fica a bordo, agora? Posso abrir caminho e passar por Wu Fang muito bem.

— Obrigado, camarada, mas gosto do meu emprego.

— Por quanto tempo você ficou preso?

O canecão de Scragger parou no meio do caminho e sua expressão se tornou defensiva.

— Por bastante tempo, camarada. — Ele olhou para as cicatrizes em seus pulsos.

— As marcas dos ferros, hein? Sim, elas continuam aí, depois de doze anos.

— De onde você fugiu, da Baía Botany?

— Sim, foi da Baía Botany — disse Scragger, outra vez amistoso. — Peguei quinze anos de degredo, quando era ainda rapaz ou, pelo menos, quando era mais jovem. Mais ou menos com vinte e cinco anos. Quantos anos tem você?

— Sou bastante velho.

— Eu nunca soube minha idade com certeza. Talvez tenha trinta e cinco ou quarenta e cinco. Sim, quinze anos, por matar um imediato nojento, numa nojenta fragata.

— Teve sorte de não ser enforcado.

— Ah, isso tive. — Scragger, todo feliz, arrotou outra vez.

— Gosto de conversar com você, Tai-Pan. Mudo um pouco, dos meus imediatos.

Sim, fui deportado de Blighty. Nove meses no mar, acorrentado com mais quatrocentos outros pobres-diabos e mais ou menos a mesma quantidade de mulheres. Acorrentados no porão, pois é. Nove meses, ou mais. Passando a água e bolacha, nada de carne. Isso não é maneira de se tratar um homem, de jeito nenhum. Cem entre nós viveram até chegar em terra. Fizemos um motim no porto de Sidney e rompemos as correntes. Matamos todos os nojentos carcereiros. Depois, ficamos no mato por um ano, e então eu achei emprego num navio. Um navio mercante. — Scragger deu uma risadinha malévola. — Pelo menos, nos alimentávamos dos navios mercantes. — Ele olhou para as profundezas de seu canecão, e seu sorriso desapareceu. — Sim, malfeitores, é o que todos somos, que Deus amaldiçoe todos os bundas-moles dos policiais — ele rosnou. Durante um momento, ficou silencioso, perdido em suas recordações. — Mas naufraguei, como já disse, e daí todo o resto.

Struan acendeu um charuto.

— Por que servir a um maldito pirata como Wu Fang?

— Eu lhe digo, camarada. Sou livre como o vento. Tenho três mulheres e toda a comida que posso comer, e pagamento, e sou capitão de um navio. Ele me trata melhor do que meus malditos aparentados. Malditos parentes! Sim. Para eles sou malfeitor. Mas, para Wu Fang, não sou, e em que outro lugar e como eu ia poder ter mulheres e comida e o produto do saque sem guarda e sem força, hein? Claro que vou ficar com ele... ou com qualquer outro que me ofereça a mesma coisa. — Levantou-se.

— Agora, virá, como ele lhe pediu, ou vamos ter de levá-lo para bordo?

— Leve-me para bordo, Capitão Scragger. Mas, primeiro, acabe seu conhaque. Será o último que vai provar neste mundo.

— Temos mais de uma centena de navios contra você.

— Deve pensar que eu sou mesmo um idiota. Wu Fang jamais se aventuraria a vir pessoalmente para essas águas. Nunca. Com nossos navios de guerra ali do outro lado de Hong Kong. Wu Fang não está na frota com vocês.

— Você é muito inteligente, Tai-Pan — riu Scragger. — Fui avisado. Sim. Wu Fang não está conosco, mas seu principal almirante, sim. Wu Kwok, seu filho mais velho. E o menino é filho dele, Esta é a verdade.

— A verdade tem muitas faces, Scragger — disse Struan. — Agora, saia do meu navio e vá para o inferno. A bandeira branca é só para sua embarcação. Vou lhe mostrar o que penso de sua maldita frota pirata.

— Você faria isso, Tai-Pan, se tivesse uma chance. Ah, eu esqueci — disse ele, e puxou uma pequena bolsa de couro que estava amarrada em torno de seu pescoço. Tirou um pedaço de papel dobrado e empurrou-o através da escrivaninha. — Disseram-me para lhe entregar isso — ele falou, com o rosto ironicamente retorcido.

Struan desdobrou o papel. Tinha o carimbo de Jin-qua. E continha uma das metades de moeda.

CAPÍTULO DEZ

Struan estava de pé, descontraidamente, na proa de sua chalupa, com as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos de seu grosso casaco de marinheiro, um chicote de ferro amarrado ao pulso, pistolas à cinta. Seus homens remavam tensos, muito armados. Scragger permanecia sentado no meio da embarcação, cantando com voz de bêbado uma cançoneta marítima. Cem jardas adiante estava a nau capitânia dos piratas. De acordo com uma combinação prévia feita com Scragger — por insistência de Struan — a nau capitânia se afastara de sua frota protetora de juncos e se deslocara para mais perto da praia, algumas poucas jardas a sotavento do *China Cloud.* Ali, com apenas a pequena vela de popa erguida, para deixá-la à deriva, a nau capitania estava sob a mira dos canhões do *China Cloud* e à mercê deste. Mas o restante da armada de juncos ainda se encontrava em posição de bloqueio, cercando as duas embarcações.

Struan sabia que era perigoso ir a bordo de uma nau pirata sozinho, mas a moeda partida não lhe deixara nenhuma escolha. Ele queria levar Mauss consigo — um intérprete era necessário e Mauss também lutava como um demônio. Mas Scragger recusara:

— Sozinho, Tai-Pan. Tem gente a bordo que fala como pagão, e tem gente que fala inglês. Sozinho. Armado, se quiser, mas sozinho. Isto foi pedido. Antes de sair do *China Cloud,* Struan dera ordens finais, diante de Scragger.

— Se a nau capitania levantar velas, podem destruí-la. Se eu não tiver saído de lá dentro de uma hora, façam-na explodir.

— Ora, Tai-Pan — disse Scragger constrangido, forçando uma risada — isto não

é maneira de aceitar um convite. De jeito nenhum. Lembre-se da bandeira branca, camarada.

— Façam o navio explodir. Mas, primeiro, enforquem o menino, no laís de verga.

— Não se preocupe — disse Orlov, malevolamente. — O menino estará morto e, pelo sangue de Jesus Cristo, jamais sairei destas águas enquanto existir um junco flutuando.

— Comecem a remar!

Struan ordenou, enquanto o cúter se colocava ao lado do junco. Uma centena de piratas chineses enfileiravam-se junto à amurada, conversando, zombando. Struan observou as portinholas de tiro. Quarenta canhões.

Subiu a escada de embarque e, ao chegar ao convés, viu que os canhões estavam em boas condições; barriletes de pólvora se encontravam espalhados, descuidadamente, e havia numerosas bombas de fedor e incendiárias; o navio pirata estava bem tripulado. Havia sujeira por toda parte, mas nenhum sinal de doença ou de escorbuto. As velas em boas condições, o cordame teso. Difícil — ou impossível — de tomar, em termos de equilíbrio de forças. Mas não havia possibilidade de o *China Cloud* afundar — com *pagode.*

Ele seguiu Scragger para baixo, até a cabina principal, sob o convés da popa, observando automaticamente os passadiços e avaliando possíveis riscos, para o caso de ser necessária uma retirada. Chegaram a uma suja ante-sala, apinhada de homens. Scragger abriu caminho através deles, até uma porta na extremidade do aposento, guardada por um truculento chinês, que apontou para as armas de Struan e injuriou Scragger. Mas Scragger respondeu-lhe aos gritos, em cantonês e, com desprezo, afastou o guarda com uma mão e abriu a porta.

A cabina era enorme. Almofadas sujas enchiam um estrado elevado, dominado

por uma mesa baixa, laqueada em vermelho. O aposento, como toda a embarcação, fedia a suor, peixe apodrecido e sangue. Atrás da parte posterior do estrado havia uma parede de treliça, que ia do convés à antepara. Era elaboradamente entalhada e tinha cortinas do lado oposto, onde dormia o comandante. Impossível ver através dessa parede, do lado de cá, pensou Struan, mas fácil de fazer passar uma espada por ela. Notou que havia quatro vigias gradeadas e seis lanternas a óleo pendentes das traves do teto.

Abriu-se uma porta na parede de treliça.

Wu Kwok era baixo, corpulento e de meia-idade. Seu rosto era redondo e cruel, seu rabicho comprido e gorduroso. A rica túnica de seda verde, amarrada em torno da barriga proeminente, estava manchada de gordura. Usava belas botas navais de couro e seus pulsos estavam rodeados por muitas pulseiras de jade, de valor incalculável.

Ficou observando Struan por algum tempo e, depois, fez sinal para que subisse ao estrado e se sentasse a um dos lados da mesa. Struan sentou-se diante dele. Scragger recostou-se na porta fechada, coçando-se distraidamente, com um sorriso sardônico no rosto.

Struan e Wu Kwok fitaram-se impassíveis, imóveis. Afinal, Wu Kwok ergueu a mão ligeiramente e um criado trouxe pauzinhos, xícaras, chá e bolinhos — pequenos e delicados bolinhos de farinha de arroz recheados com creme de amêndoas — e um prato de *dim sum* variados.

Dim sum eram pequenos e delicados pastéis, com recheio de camarão, porco frito, galinha, verduras ou peixe. Alguns eram cozidos, outros bem fritos.

O criado serviu o chá.

Wu Kwok ergueu sua xícara e fez sinal a Struan para fazer a mesma coisa. Beberam silenciosamente, com os olhos fixos um no outro. Depois, o pirata

pegou seus pauzinhos e escolheu um *dim sum.* Colocou-o no pequeno prato diante de Struan e fez sinal a ele para comer. Struan sabia que, embora lhe tivessem sido fornecidos pauzinhos, Wu Kwok esperava que ele comesse com as mãos, como um bárbaro, assim perdendo prestígio.

Filho da mãe, pensou, e agradeceu a seu *pagode* por ter May-may. Pegou habilmente os pauzinhos, levou o *dim sum* à boca e recolocou os pauzinhos em seu recipiente de porcelana, mastigando em seguida com gosto, ainda mais satisfeito por sentir o espanto do pirata — de que um bárbaro pudesse comer como uma pessoa civilizada!

Struan pegou seus pauzinhos outra vez e, meticulosamente, escolheu outro *dim sum* do prato: o menor e o mais delicado, o mais difícil de sustentar. Era um pastel cozido, com recheio de camarão, com a massa tão fina ao ponto de ser quase transparente. Ele o ergueu depressa e sem esforço, rezando para não o deixar cair. Segurou-o com o braço estendido, oferecendo-o a Wu Kwok.

Os pauzinhos de Wu Kwok deram um bote e ele pegou o *dim sum* e o carregou para seu pratinho. Mas um pequeno pedaço de camarão caiu na mesa. Embora Wu Kwok permanecesse impassível, Struan sabia que ele estava enraivecido, pois perdera prestígio.

Struan deu o *coup de grâce.* Inclinando-se, pegou o fragmento de camarão e o colocou em seu prato, escolhendo em seguida outro pequeno *dim sum.* Outra vez ele ofereceu. Wu Kwok pegou-o. Não deixou cair nenhum pedaço.

Ele ofereceu um a Struan e Struan pegou-o, casualmente, no meio do ar, comendo

o com gosto, mas recusou o próximo oferecido. Era o cúmulo da etiqueta chinesa fingir para o anfitrião que a comida era tão boa a ponto de não se poder comer mais, mesmo que ambos, anfitrião e convidado, soubessem que poderiam continuar a comer, vorazmente.

— Pegue mais grude, camarada! Tem muitos mais desses — disse repentinamente Wu Kwok, insistindo como um anfitrião faria.

O choque ao ouvir o áspero sotaque *cockney* vindo de Wu Kwok diminuiu o prazer de Struan com o prestígio que ganhara, ao fazer o outro falar primeiro.

— Obrigado. Estou satisfeito de que fale inglês. Isto torna as coisas mais fáceis — disse Struan. — Muito mais fáceis.

— Sim, é verdade. — Wu Kwok estava muito orgulhoso de saber falar o idioma bárbaro.

— Onde aprendeu inglês? — Struan inclinou-se e coçou o tornozelo. O estrado e as almofadas estavam infestados de pulgas.

— Onde aprendeu a comer como um chinês, hein?

Struan escolheu outro pastel.

— Tentei aprender cantonês, muitas vezes. Mas não sou bom estudante e minha língua não pode reproduzir os sons direito. — Ele comeu o pastel, delicadamente, e bebeu um pouco de chá. — O chá é excelente. De Soochow?

Wu Kwok abanou a cabeça.

— Lin Tin. Gosta do chá de Soochow?

— O de Lin Tin é melhor.

— Aprendi inglês com Scragger e outros. Durante anos. — Ele comeu por um momento e outra vez insistiu para Struan se servir de uma nova porção da

deliciosa comida. — Coma mais grude, camarada. Você é estranho. Fico satisfeito de conhecer um homem como você. Você não é comum, aposto. Seria capaz de matar muitos por dia, muitos.

Os olhos de Struan tornaram-se mais verdes e mais luminosos.

— Você morreria muito depressa. Meus métodos são diferentes dos seus. Num momento, vivo, no outro, morto. — Estalou os dedos. — É melhor... para amigo ou inimigo. Ou para um cão danado!

— Por que você fala tão estranho, hein? — Wu Kwok perguntou, depois de uma pausa perigosa.

— O quê?

— Você não fala como eu. É difícil entender você. O sotaque é diferente.

— Há muitos dialetos... tipos... de inglês — disse Struan calmamente, dando prestígio a Wu Kwok.

— Ele é grãfino, Wu Kwok, como eu disse — explicou Scragger. — Grã-finos falam, diferente. Eles vão pra escola, como eu lhe disse.

— Esse puto malfeitor *Scragger* está falando a verdade, camarada? Meu inglês *né* correto?

— Quem fala cantonês mais correto... um camponês ou um professor? O camponês é correto para os campos, e o professor para a escola. WU Kwok recostou-se nas almofadas e bebeu seu chá. Ele rompeu o silêncio.

— Ouvimos dizer que você tem barras de prata a bordo. Quarenta *laques.*

— Como conseguiu isto? — Struan abriu o punho e colocou a metade da moeda sobre a mesa.

— Cada metade de moeda um favor, certo, camarada?

— Sim — disse Struan, furioso consigo mesmo, por cair na armadilha de Jin-qua.

— Como conseguiu?

— Com meu pai.

— Como ele conseguiu?

— Como acha que aquele velho salteador de estrada, Jin-qua, conseguiu meter as mãozinhas sujas em quarenta *laques* em barras de prata, camarada? Hein? De seus antigos companheiros de bordo, é claro. Você tem dez *laques* de meu pai a bordo. — A barriga de Wu Kwok tremeu, de tanto riso. — Sirva Sua Excelência de um pouco de grogue, Scragger. Ele *tá* precisando.

— Wu Fang Choi e Jin-qua são companheiros de bordo? — perguntou Struan, abalado.

— É maneira de falar, camarada. Estamos protegendo o comércio marítimo dele dos nojentos piratas. Nós somos os guardiães do mar. É justo pagar por serviços, hein? E o homem sábio investe seu dinheiro para lucrar, *né*? Então investimos com ele, de vez em quando. Chá, seda, ópio. Empréstimos. — Wu Kwok segurou a barriga, e lágrimas de riso escorreram de seus olhos oblíquos. — Então, agora nós somos sócios, nós e a Casa Nobre. Que investimento seria melhor, hein, camarada?

— Qual é o seu “favor”, Wu Kwok?

— Vamos beber às barras de prata e ao seu *pagode*, Tai-Pan. Depois falamos.

— Ele mandou enforcar o menino, se ficasse a bordo mais de uma hora — disse Scragger, enchendo seu canecão com rum.

— E, se você mandasse levantar a vela, mandou explodirem nosso barco e enforcarem o rapaz.

— Qual é a duração de uma hora, camarada?

— É tempo bastante.

Wu Kwok comeu por um momento.

— Você mandaria enforcar o menino? — Você não mandaria? — Struan tirou seu relógio e colocou-o sobre a mesa. — Você já usou metade de seu tempo.

Wu Kwok aceitou um canecão dado por Scragger e bebeu lentamente. Struan sentiu o cabelo de seu pescoço eriçar-se, com a tensão. Ouvia os ruídos abafados de conversas em chinês, amarras esticadas e madeiras que rangiam.

Houve um fraco tamborilar de chuva no convés acima. Wu Kwok pegou um palito e limpou os dentes, com uma mão polidamente cobrindo a boca. A chuva se intensificou.

— O favor de Wu Fang Choi... — começou Wu Kwok.

— Sua frota tem vinte clíperes, não é?

— Dezenove.

— Dezenove. Em cada um deles, nós colocaremos um dos nossos rapazes. Vocês treinam eles como capitães. Oficiais. Dezenove homens. Vocês treinam eles bem. Tudo que vocês acharem preciso e quiserem para fazer deles bons capitães. Podem meter o chicote, passar por baixo da quilha, como castigo... o que quiserem, se eles não estiverem obedecendo... mas nada de mortes. Durante cinco anos, eles ficam com vocês, depois voltam pra casa. Outra coisa: dentro de um ano e um dia, nós queremos um clíper. Como o *China Cloud.* Pagamos o que custar, em barras de prata. Com canhões, cordames e velas como o *China Cloud.* Dez de nossos homens vão para Blighty ver como é construído, depois voltam pra casa com ele. Onde e como pegamos o navio, isso se combina depois... certo, Scragger?

— Sim.

— Por fim, nós damos a vocês um menino... três meninos ... para treinar. Três rapazes para treinar como grã-finos. Melhor escola de Londres — disse Wu Kwok. — Custe o preço que custar.

— Melhores roupas, carruagens, casa e comida — Scragger acrescentou. — Devem ser criados como malditos grã-finos. Tratados da melhor maneira. Universidade de Oxford ou Cambridge. Sim. Quando completarem a universidade, então voltam pra casa.

— Isso não é um favor... são muitos — disse Struan.

— Muitos... poucos... são favor — disse Wu Kwok, maldosamente. — É esse o pedido. Talvez eu tome os dez *laques* e também os trinta. Depois compro navio. Dinheiro compra tudo, *né,* camarada? Sim, eu tomo *laques* talvez e faço trato com Demônio de Um Olho Só, como é o nome dele?

— Brock — disse Scragger.

— Sim, Brock. Faço trato com Brock, ou algum outro. Trato é trato. Só treinar homens. Um navio. Pedido justo. Você diz sim ou não.

— Vou fazer um novo acordo com você. Leve de volta a moeda e, estando eu ou não a bordo do *China Cloud,* experimente só pegar todas as barras de prata, por Deus.

— Tem duzentos navios no horizonte. Eu perco cem, mas são duzentos navios, veja bem. Levo *laques,* Tai-Pan, levo *laques.* Struan pegou sua metade da moeda e se levantou.

— Está certo?

— Não está certo. Favor... você concorda com favor. Será que o Tai-Pan da Casa Nobre não tem palavra, hein? Sim, não?

— Dentro de um mês, traga cem homens, nenhum deles procurado pelos mandarins por qualquer crime, todos sabendo ler e escrever. Entre eles, escolherei dezenove para ser capitães. E dez homens para observar a construção. Traga os três meninos depois.

— É muito perigoso, camarada — disse Wu Kwok — tantos homens. — Certo, Scragger?

— Não, se forem levados, vamos dizer... para Aberdeen. Para ir à feira, não tem perigo nisso. Hein? Secretamente? Wu Kwok ficou pensando, um momento.

— Trato feito. Dentro de um mês. Aberdeen.

— Eu só entregarei o clíper a você, pessoalmente... ou a Wu Fang Choi — disse Struan. — A ninguém mais.

— A qualquer pessoa que eu mandar.

— Não.

— Ou a mim, camarada? — perguntou Scragger.

— Não. A Wu Kwok ou a Wu Fang Choi. Em mar aberto.

— Por quê? — perguntou Wu Kwok. — Hein, por quê? Qual é a malandragem que está em sua cabeça, camarada?

— Vai ser navio seu. Não vou entregar uma beleza dessas a qualquer outra pessoa. Onde está o seu prestígio, hein?

— Trato feito — disse afinal Wu Kwok. — Sem traição, por Deus, porque senão você vai pagar.

Struan, cheio de desdém, começou a caminhar para a porta, mas Scragger lhe barrou a passagem.

— Seu juramento sagrado, Tai-Pan?

— Já jurei a Jin-qua, Scragger. Você sabe o valor do meu juramento, por Deus! Scragger fez um sinal afirmativo com a cabeça a Wu Kwok e se afastou.

— Obrigado, Tai-Pan.

— Vendo como você concorda, de maneira tão gentil e amistosa, Tai-Pan — disse Wu Kwok — meu pai mandou um presente para você e uma mensagem. — Ele fez um aceno de mão para Scragger, que abriu uma arca, tirou e trouxe uma trouxa e entregou-a a Struan.

A trouxa continha uma bandeira — O Leão e o Dragão entrelaçados. E o diário de bordo de um navio: o diário de bordo do perdido *Scarlet Cloud.*

Struan abriu o livro e procurou a última página: “16 de novembro. Meio dia. N 11° 23' 11” E 114° 9' 22”. Tempestades continuam, forte ventania. Aos três toques da sineta, no turno intermediário da noite passada, as velas para tempestades foram arrancadas, com os mastros. Nosso navio foi atirado, desprotegido, aqui nos Recifes Tizzard onde, pela graça de Deus, veio a repousar, com a quilha arrancada e o casco esburacado.

18 de novembro. Quatro horas. Quatro juncos avistados entre nordeste e leste. Feitos preparativos finais para abandonar o navio.

18 de novembro. Cinco horas. Os quatro juncos mudaram de curso e se encaminham para nós. Distribuí mosquetes. Tentei preparar um canhão, mas fui impedido pelo adernamento do navio. Nós nos preparamos da melhor maneira possível. Para a possibilidade de serem piratas.

18 de novembro. Oito horas. Fomos invadidos. Piratas. Matamos o primeiro grupo, mas eles estão aí.”

Struan fechou o livro.

— Vocês mataram todos?

— Os juncos não faziam parte de nossas frotas regulares, camarada. Pelo menos a maioria, não.

— Vocês mataram todos?

— Eles se mataram, Tai-Pan. Eu não estava lá.

— Você sabe como alguns deles eram tratantes. Tai-Pan — disse Scragger. — Se os homens fossem de Wu Fang Choi... por que ele lhe daria o diário de bordo, hein? A notícia foi dada a Wu Fang Choi. Ele me mandou dar uma olhada. Não havia homem nenhum a bordo, quando cheguei lá. E nem corpos. Nada.

— Você saqueou o navio?

— Você conhece as leis do mar, Tai-Pan. O navio estava naufragado e abandonado. Metade da carga foi recuperada. Dezesseis canhões e uma porção de pólvora e balas.

— Onde está o cronômetro?

As sobrancelhas de Scragger se ergueram.

— Ora, a bordo do meu junco, claro, embora eu não saiba como usá-lo. Mas, quem acha, guarda, hein? É justo, hein? Mas, sabe, Tai-Pan, sabe o que os malditos malfeitores fizeram? Deixaram o cronômetro parar. Imagine isso! Juro por Deus. Deixaram ficar sem corda. Foi preciso semanas até achar um navio mercante com a hora de Londres. Um americano, o *Boston Skylark.* — Ele gargalhou, ao se lembrar, e depois, acrescentou — quatro dos tripulantes foram escolhidos para vir conosco.

— E o resto?

— Foram deixados à deriva, ao largo das Filipinas. Perto da praia. Juro a você. Foi há três ou quatro semanas. Wu Kwok mudou de lugar sobre as almofadas, coçando-se preguiçosamente.

— Por fim, Tai-Pan, meu pai costuma dizer “Dez taéis por navio não é muito,

por uma viagem segura. Dez taéis por navio e a bandeira inglesa será protegida por Wu Fang Choi.” Você tem um novo ancoradouro agora, aqui em Hong Kong, pelo que ouvimos dizer. Cobre do seu mandarim.

— Vou cobrar a ele um tael.

— Seis é o mais barato. O mais barato. Isso é o que meu pai diz, sabendo que você é um negociante duro. Seis.

— Um.

— Sente-se. Bebemos mais grogue e aí vem mais grude — disse Wu Kwok.

— Dentro de cinco minutos, este navio explodirá e o refém será enforcado. Wu Kwok arrotou:

— Você não vai enforcar meu filho, camarada.

— Claro — disse Struan com desdém — que é algum pobre rapaz todo enfeitado. Wu Kwok riu e bebeu um grande gole.

— Você é mesmo esperto, Tai-Pan. Dois taéis por navio, o preço é esse. Cobre do seu mandarim, hein? E lhe digo mais, fique com o menino... pode enforcá-lo, se quiser, ou atirar ao mar... ele é todo seu. Traga-o para bordo e nós o enforcaremos para você.

— O quê? — explodiu Scragger. — O menino não é seu filho?

— Claro que não, Scragger. Você acha que sou idiota? — disse Struan, com dureza. — Sei o valor do juramento de um patife. — Caminhou para fora, altivamente.

— Mas você jurou e eu também — disse Scragger, horrorizado, a Wu Kwok. — Nós fizemos a ele o nosso juramento. Você disse que era seu filho. Você me disse, por Deus.

— O Tai-Pan nunca poria seu filho a bordo do nosso navio... por que ia pôr o meu no navio dele?

— Mas eu fiz a ele um juramento, por Deus. Isto é logro! Wu Kwok se levantou, muito devagar.

— Você está me chamando de trapaceiro, camarada?

— Não, patrão, não — disse Scragger, depressa, afastando do rosto sua raiva cega.

— Foi só por causa do meu juramento. Vamos manter os nossos juramentos. Não ficou bem para nós o que foi feito, não ficou bem. Isto é só o que tenho a dizer. Wu Kwok abanou a cabeça, cansadamente, ao se retirar para seu quarto de dormir.

— Os bárbaros são gente muito estranha, camarada. Muito estranha, na verdade.

— A porta de treliças se fechou.

Scragger foi para o convés. Por Deus, pensou ele, quase chorando de raiva, por Deus, isto foi demais. Eu vou dar um jeito naquele maldito pagão sujo, por Deus, juro que vou. Mas só depois que os homens forem escolhidos. Ah, só então. Antes disso, não, por Deus, porque iria estragar tudo.

Mas depois disso, por Deus, depois disso...

CAPÍTULO ONZE

O *China Cloud* atravessava a forte chuva, dirigindo-se à costa sul da Ilha de Hong Kong, ao porto principal do lado norte.

Os Struans jantavam na cabina principal: ostras cozidas, lingüiças, arenques, repolho cozido com *bacon*, frango assado frio, biscoitos, pratos com torta de maçã e torta de fruta em conserva. Vinho seco branco, à temperatura do mar, e champanha. E chá.

— Quarenta *laques*... quatro moedas — disse Robb, brincando com sua comida. — Uma para Wu Fang Choi. Quem terá as outras três?

— Jin-qua guardou uma, com certeza. Talvez duas — disse Struan. Estendeu o braço até o outro lado da mesa e se serviu de outro arenque frito defumado.

— Estamos comprometidos a um imenso favor — disse Robb. — Vale dez *laques* para aqueles demônios. Com um clíper como o *China Cloud* nas mãos, ora, até fragatas podem ser destruídas. As vias marítimas asiáticas de todo o império poderão ser cortadas. Um navio... e dez homens treinados para construir mais. Dezenove homens treinados como capitães... para treinar mais! Estamos numa armadilha, e nosso futuro está numa armadilha. Terrível.

— Jin-qua enganou você. Ele enganou você — disse Culum.

— Não. Ele foi mais esperto do que eu, sim, mas mesmo isto não está correto. Eu não fui suficientemente esperto. Eu, rapaz! Não ele. Quando alguém se senta numa mesa para fazer um acordo, cada lado está obrigado a fazer o melhor acordo possível. É muito simples. Sim, eu fui mais fraco do que ele. Mas, mesmo se eu tivesse pensado que as moedas serias divididas com outros... ainda assim eu faria o acordo como ele queria. Não tínhamos opção, nenhuma opção.

— Se ele foi mais esperto do que você, Dirk, que chance tenho eu? E Culum?

— Nenhuma. A não ser se estiverem preparados a pensar por si próprios e aprender com os erros dos outros. E não tratarem os chineses como se fossem iguais a nós. Eles são diferentes.

— Sim, são — disse Culum. — Feios, repulsivos, pagãos. E impossíveis de diferenciar um do outro.

— Não concordo. Só quis dizer que eles pensam diferente — disse Struan.

— Então, qual a resposta para eles, papai?

— Se eu soubesse, acertaria todas as vezes. Eles têm cinco mil anos de prática, é isso. Agora, passe o cozido, por favor. Ah, muito bem. Culum entregou-lhe o prato e Struan se serviu de uma terceira porção.

— Você não parece perturbado, Dirk — disse Robb. — Isto poderá nos arruinar. Arruinar o comércio asiático.

— Você não está comendo, Robb. E nem você, Culum. Comam. — Struan partiu uma perna de frango e colocou-a em seu prato. — A situação não é assim tão terrível. Em primeiro lugar, os dezenove homens: sim, serão espiões de Wu Fang Choi, e de sua malta. Mas, para nós ensinarmos alguma coisa a eles, terão de aprender inglês, hein? E se pudermos *falar* com eles, por que não poderemos mudá-los? De piratas a cidadãos úteis?

Talvez até cristãos, hein? Dezenove chances de trazê-los para nosso lado. Boas possibilidades, eu diria. E, se estiverem do nosso lado... mesmo que só um, entre eles... então saberemos onde estão os covis dos piratas. Então nós os controlaremos e destruiremos à vontade. Em segundo lugar, o clíper: dentro de um ano e um dia, terei de enfrentar uma batalha naval, é isso. Entregarei o navio, e depois o afundarei. Não prometi não afundá-lo.

— Por que não o entregar com barris de pólvora no porão e, preso a eles, um pavio, ardendo lentamente? — perguntou Robb.

— Wu Kwok é esperto demais para isso.

— Não há nenhuma maneira de você pendurar minas do lado de fora do casco, abaixo do nível do mar?

— Talvez fosse possível, sim. Isto poderia passar despercebido, no exame que eles farão. Mas, mesmo quando a pessoa está numa armadilha, tem de tentar abrir caminho, não se pode fugir a um juramento sagrado. Nenhum truque, Robb. Nós perderíamos prestígio por um século. Eu vou matar Wu Kwok.

— Por quê?

— Para lhe ensinar o valor de um juramento. E para nos proteger durante a próxima geração. Houve um silêncio.

— Pensei que você ia para a Inglaterra dentro de cinco meses — disse Robb.

— E vou. Viajarei de volta no novo navio, quando estiver pronto. Nós vamos chamá-lo *Lotus Cloud.* — Struan limpou a boca com um guardanapo. — Os homens e o navio, eu posso entender. Mas por que educar três meninos como "grã-finos"? Não entendo isso. Os meninos me preocupam, e eu não sei por quê.

— Não serão filhos de Wu Kwok?

— Filhos ou sobrinhos sim, certamente. Mas por quê? O que ganharão com isso?

— Tudo que é inglês. Todos os nossos segredos — disse Culum.

— Não, rapaz. Aos meninos se aplica o mesmo que aos homens. E ainda mais. Os meninos serão convertidos com mais facilidade ao nosso estilo de vida. Wu Fang e Wu Kwok devem ter pensado nisso. Por que estariam preparados para perder três filhos? Por que serem criados como “grã-finos”, e não capitães, soldados, construtores de navios ou armeiros, alguma coisa útil? Por que “grã-finos”?

Eles não conseguiram encontrar a resposta.

Quando o *China Cloud* atravessou o canal oeste e entrou no porto de Hong Kong, Struan chegava ao tombadilho, para se unir a Culum e Robb. A chuva parara e o vento estava forte. A noite começava a cair. Struan se sentia reanimado e sereno. Mas, logo ao pisar no convés, sua serenidade acabou.

— Meu Deus do céu! O porto estava apinhado com os navios mercantes da Ásia e da Frota Naval Real. E a praia cheia de tendas, que abrigavam os quatro mil soldados da força expedicionária.

O que realmente abalou Struan, entretanto, foram as centenas de sampanas chinesas agrupadas ao norte do Cabo Glessing. Verdadeiros enxames de juncos e sampanas partiam e chegavam. Milhares de pequenos casebres haviam brotado como obscenos cogumelos na encosta de uma das montanhas.

— Os chineses têm chegado aos montes, desde que voltei de Cantão — disse Culum. — Só Deus sabe quantos. Pelo menos quatro ou cinco mil. Estão nos engolindo. Chegam de sampana ou enchem os juncos e se espalham pela praia. Depois, misturam-se com essa confusão. À noite, esses demônios se esgueiram e roubam tudo que podem carregar.

— Meu Deus do céu!

— Primeiro, eles se espalhavam por toda a ilha. Depois, fiz Longstaff fixá-los naquela encosta, temporariamente. Eles chamam o lugar de Tai Ping Shan, ou

algo parecido.

— Por que você não me disse?

— Queríamos que você visse pessoalmente. O tio e eu. Algumas horas não fariam diferença. A população européia, deixando de parte os soldados, é de cerca de cento e cinqüenta pessoas. Longstaff está arrancando o que lhe sobra do cabelo. Já recolhemos dez ou quinze cadáveres de chineses numa só noite, no porto. Assassinados ou afogados.

— Só vendo, para você acreditar na miséria que existe ali — disse Robb. — De que jeito vivem! Havia espaço suficiente, mas eles vieram sem parar.

— Bom — disse Struan — não sofreremos com a falta de cules e de ajuda. — Virou-se para Orlov. — Faça uma salva para a nau capitânia e transmita um sinal, em seu nome: “Permissão para ancorar à distância de oito amarras.” Todos os homens ao convés, e que se reúnam na popa!

Orlov fez um sinal afirmativo com a cabeça.

***

Os canhões do *China Cloud* estrondearam e houve um disparo em resposta. A permissão foi dada. A tripulação reuniu-se. Então, Struan caminhou para a balaustrada do tombadilho.

— Todos estão confinados ao navio até o meio-dia de amanhã. Nenhuma palavra

sobre nossa carga. E nem digam que estou a bordo. Farei passar embaixo da quilha, como castigo, qualquer um que disser uma só palavra. Amanhã, ao entardecer, terão pagamento dobrado correspondente a um mês, em prata, entregue a todos. Oficiais montarão guarda armada por turnos, no tombadilho. Estão dispensados.

Houve três vivas para o Tai-Pan, e os homens se dispersaram.

— A que horas é a venda de terras, Culum?

— Às três, papai, amanhã. No Vale Feliz.

— Robb, certifique-se de que tem os números corretos dos lotes, antecipadamente.

— Sim. Trouxemos uma lista. Compraremos o outeiro?

— Claro.

Robb pensou, por um momento.

— Se Brock for tão inflexível quanto você, talvez nós vamos ter de colocar todo nosso futuro naquele maldito morro.

— Sim. — Struan fez sinal para Orlov. — Aos dois toques do sino, durante o turno da manhã, transmita um sinal a Brock, em nome de Robb, pedindo-lhe para vir a bordo aos quatro toques. Acorde-me aos dois toques. Até essa hora, não devo ser perturbado. Você está no comando, agora.

— Bom — disse Orlov.

— Vou dormir um pouco. Robb, você e Culum façam a mesma coisa. Temos um longo dia pela frente, amanhã. Ah, sim, Culum, talvez você possa ir planejando o baile. Onde e como. Dentro de trinta dias. Ele foi para baixo.

Quando o *China Cloud* se aproximava da nau capitânia, Culum se dirigiu a Orlov.

— Por favor, mande colocar de prontidão a chalupa, logo que ancorarmos.

— O Tai-Pan disse que todos estão confinados a bordo. Não haverá chalupa pronta, sem sua permissão.

— Isso, obviamente, não se aplica a nós, ao Sr. Struan e a mim — disse Culum, asperamente. Orlov deu uma risadinha.

— Você não conhece seu pai, Culum, o Forte. Ele disse “todos”. E assim será.

Culum virou-se para a portinhola, mas Orlov o deteve, com o chicote de ferro descontraidamente em sua mão.

— Ele não deve ser perturbado. Foram suas ordens.

— Saia da minha frente!

— Ele jamais dá uma ordem sem querer que seja realmente cumprida. Pergunte a seu tio. Ninguém vai à praia, enquanto eu for capitão do *China Cloud*. Se ele quisesse que você fosse à praia, teria dito isso.

— Ficaremos a bordo até o meio-dia, Culum — disse Robb. No meio de toda

sua fúria, Culum perguntou a si mesmo se seria obedecido com tal determinação, quando fosse Tai-Pan. Sabia que uma obediência assim não era prestada automaticamente ao título. Tinha de ser conquistada.

— Muito bem, Capitão. — Ele foi ficar ao lado de Robb, na amurada. Em silêncio, observaram a ilha se aproximar. Logo podiam ver o outeiro.

— Isso vai nos deixar falidos — disse Robb.

— Agora, temos a prata. Brock não vai competir.

— Ele fará ofertas sucessivas, sabendo que Dirk irá comprá-lo a qualquer preço.

Brock só vai parar de fazer seus lances quando o preço for astronômico. Dirk está comprometido com aquele outeiro, como nós estamos comprometidos com a Casa Nobre. É uma questão de prestígio, maldito prestígio! O maldito ódio dos dois um pelo outro acabará destruindo finalmente a ambos.

— Papai disse que cuidará dele dentro de cinco meses, não disse?

— Sim, rapaz. Tem de cuidar. Eu não posso. E nem você. Culum fixava os olhos no outeiro e em Hong Kong. Goste ou não, disse a si próprio, com o estômago dando voltas, aquele é o seu reinado. Se você tiver força bastante. E nervos para assumi-lo.

De repente, ficou muito assustado.

***

Ao amanhecer, Orlov chamou todos os homens e mandou polir e limpar o imaculado navio. Aos dois toques do sino, ele transmitiu o sinal e foi para baixo.

— Bom-dia. Dois toques — disse Orlov, junto à porta trancada.

— Bom-dia, Capitão — disse Struan, abrindo a porta. — Entre. — Usava uma túnica de brocado verde e nada embaixo. Com frio ou calor, Struan dormia nu. — Mande trazer o desjejum para mim. E peça ao Sr. Robb e a Culum para virem me ver dentro de meia hora.

— As ordens serão compridas.

— Onde está Wolfgang?

— Lá em cima.

— E o rapaz chinês?

— Está com ele. Seguindo-o por aí, como um cachorro. — Orlov entregou a Struan uma lista bem escrita. — Essas embarcações se aproximaram de nós, a noite passada ou hoje de manhã, e seus ocupantes perguntaram por si. A mulher de seu irmão mandou um barco procurá-lo, com o recado de que fosse para bordo o mais rápido possível. Capitão Glessing perguntou por seu filho. Sinclair e sua irmã também perguntaram por ele. Ela perguntou por si, e então está na sua lista. Houve um sinal da nau capitânia. “Seu filho deve ir para bordo o mais rápido possível.” O Capitão Glessing praguejava como um malandro, quando eu o mandei embora.

— Obrigado.

Houve uma batida à porta.

— Sim?

— Bom-dia, *senhorrr.* — disse o marinheiro. — Sinal do *White Witch:* "Com prazer."

— Obrigado, sinaleiro.

O homem saiu às pressas. Struan entregou a Orlov um cheque de mil guinéus.

— Com nossos cumprimentos, Capitão. Orlov leu a soma. Piscou e leu outra vez.

— É principesco. Principesco. — Entregou de volta. — Eu estava apenas cumprindo meu dever.

— Com essa quantidade de prata, não. Pegue. Você mereceu.

Orlov hesitou e depois colocou o cheque no bolso. Desamarrou o chicote de ferro e, pensativamente, colocou-o no cabide de armas, junto com os outros.

— Seu filho — disse ele, afinal — é melhor vigiá-lo. Ele vai enfrentar uma situação difícil.

— Hein? — os olhos de Struan desviaram-se depressa da lista.

— Sim. — Orlov esfregou o restolho da barba.

— Que quer dizer com isso? Mais uma de suas bruxarias?

— Sim, mais uma das minhas premonições.

— Que situação difícil? — Struan sabia, por experiência própria, que Orlov não fazia predições impensadamente. Por um número excessivo de vezes, o estranho homenzinho mostrara estar certo.

— Não sei. — Um repentino sorriso iluminou-lhe o rosto. — Quando for Tai-Pan, ele acha que vai tomar meu navio.

— Então, você vai ter de ganhar seu respeito, fazer com que mude sua maneira de pensar, senão perde mesmo.

Orlov sorriu. — Sim, vou, não tenha medo. — Depois, seu sorriso desapareceu, — Mas ele vai assumir num dia ruim. Haverá sangue em mãos. Depois de uma pausa, Struan disse:

— De quem? Meu?

Orlov deu de ombros.

— Não sei. Ele vai criar muitos problemas para você. Disso tenho certeza.

— Que filho não cria?

— Tem razão. — Orlov pensou em sua família, em Narvik. seus dois filhos, belos homens robustos, de vinte anos. Ambos o odiavam, desprezavam-no, embora ele os adorasse, e adorasse sua mulher, Leka, uma lapona. Eles eram felizes até os filhos fazerem com que ela se voltasse contra ele. — Sim — disse ele, sentindo-se muito cansado — tem razão. Como sempre.

— É melhor dormir um pouco — disse Struan. — Vou precisar de você aos oito

toques do sino.

Orlov saiu.

Durante muito tempo, Struan ficou olhando para o espaço. Que problema? Que

sangue? Por que um “dia ruim”? Depois, afastou de sua mente essas questões irrespondíveis, contente em pensar apenas no dia de hoje, talvez no de amanhã. “Você está se tornando cada dia mais chinês”, disse, em voz alta. Sorriu e examinou a lista outra vez. Gorth Brock. A Srta. Tillman. Quance. Gordon Chen. Skinner. Mestre McKay. McKay?

— Camaroteiro! — gritou ele.

— Sim, *senhorrr.* — O camaroteiro colocou água quente no vasilhame ao lado de seu material para fazer a barba.

— Dê um recado ao Sr. Cudahy. Se o Mestre McKay aparecer, traga-o para bordo.

— Sim, *senhorrr.* — O camaroteiro sumiu,

Struan ficou de pé junto às janelas da cabina. Via a massa pulsante que era a povoação chinesa do Tai Ping Shan. Mas sua mente estava em outra parte: por que Shevaun Tillman aparecera? Uma rainha enlameada, sem dúvida. Fico imaginando se é virgem. Claro que é! Tem de ser. Você iria para a cama com ela, se soubesse que era? Sem se casar com ela? Nessa situação eu não ria para a

cama com ela. O homem só precisa de virgindade duas vezes na vida. Uma vez com sua esposa e a outra vez na primavera da vida, com uma jovem amante escolhida a dedo. Quando homem aprendeu a sabedoria da paciência, da compaixão, e pode sem esforço transformar uma menina em mulher.

Claro que Shevaun é virgem; você está imaginando tolices. Mas o brilho atrás de seus olhos e o menear de suas nádegas prometem muito para seu marido, hein? Ela seria uma amante interessante. Quer casar com Shevaun? Ou apenas ir para a cama com ela?

Se você fosse chinês, poderia ter muitas esposas, abertamente, E todas viveriam em paz, debaixo do mesmo teto. Struan deu uma risadinha. Eu gostaria de ver Shevaun e May-may juntas, sob o mesmo teto. Quem ganharia esse combate? Pois combate iria ser, em se tratando de duas pequenas feras.

— Olá, papai. — Culum estava à porta.

— Dormiu bem, rapazinho?

— Muito bem, obrigado. — Culum tivera pesadelos: Orlov misturado com o outeiro, profetizando pobreza outra vez. Ah, Deus, não permiti que nós percamos outra vez. Ajudai-me a fazer o que devo. — Por falar nisso, se tivermos de ser anfitriões no baile, vamos convidar uma parceira?

— Mary Sinclair? Culum tentou, sem sucesso, parecer espontâneo.

— Sim.

Struan disse a si mesmo que melhor faria se encontrasse uma garota para seu filho, e depressa.

— Talvez, como somos anfitriões, seja melhor, simplesmente, recebermos todas, sem favor. Haverá mais de vinte jovens para você namorar.

— Orlov disse que havia uma mensagem da nau capitânia. Para eu ir a bordo. Posso partir agora? Quero ver Longstaff, a fim de discutir os detalhes finais da venda de terras. Gostaria que esse serviço fosse bem-feito.

— Sim — disse Struan, após uma pausa. — Eu não despediria Orlov, se fosse você. Culum corou.

— Ah, ele lhe disse, não é? Não gosto dele. Me dá arrepios.

— Aceite-o como o melhor capitão em atuação. Seja paciente com ele. Pode ser um valioso aliado.

— Ele diz que tem o dom da profecia.

— E tem. Algumas vezes. Muita gente tem. “Sangue em suas mãos” pode significar tudo ou nada. Não se preocupe, rapazinho.

— Não vou me preocupar, papai. Posso ir para a nau capitânia, agora?

— Sim. Logo que Brock sair.

— Você não acredita que eu consiga guardar um segredo?

— Alguns homens têm o dom de extrair informações simplesmente olhando para um rosto. Orlov, por exemplo. Brock também. Você mudou, desde que viu as barras de prata.

— Não é verdade.

Struan pegou seu pincel de barbear.

— O desjejum vai ser servido dentro de mais ou menos vinte minutos.

— Como foi que eu mudei?

— Existe uma grande diferença entre um rapaz que sabe que está na bancarrota e um rapaz que sabe que não está. Dá logo para farejar alguma coisa em você, basta chegar perto, — Struan começou a passar espuma de sabão no rosto. — Você tem uma amante, Culum?

— Não. — Culum respondeu, sem jeito. — Estive num bordel, se é isso que você quer dizer. Por quê?

— A maioria dos homens aqui tem amantes.

— Chinas?

— *Chinesas.* Ou eurasianas.

— Você tem?

— Claro. — Struan pegou sua navalha. — Há bordéis em Macau. Orientais e europeus. Mas pouquíssimos são seguros, na maioria deles pode-se pegar doenças. Esse é o costume... você sabe a respeito da “doença de mulher”, a sífilis francesa, a sífilis espanhola, seja lá como a chamar?

— Sim. Claro. Sim.

Struan começou a se barbear.— Dizem que foi inicialmente introduzida na Europa por Colombo e seus marujos, que a pegaram nas índias Ocidentais americanas. É irônico que nós a chamemos sífilis francesa ou espanhola, os franceses a chamem de sífilis espanhola ou inglesa, e os espanhóis de sífilis francesa. Quando todos somos culpados. Soube que sempre houve a doença na índia e na Ásia. Você sabe que não tem cura?

— Sim.

— Então sabe que a única maneira de pegar é com uma mulher?

— Sim.

— Sabe alguma coisa a respeito de “proteções”?

— Sim... sim, claro.

— Não precisa sentir nenhuma timidez por causa disso. Lamento ter ficado distante por tanto tempo. Teria gostado de lhe falar eu próprio a respeito dos fatos da vida. Talvez você saiba, talvez seja simplesmente tímido. Então eu vou lhe dizer, de qualquer maneira. É absolutamente necessário usar um preservativo. Os melhores são feitos de seda... vêm da França. Há um novo tipo, feito de uma espécie de pele de peixe. Vou providenciar um estoque para você.

— Não creio que eu vá precisar...

— Concordo — interrompeu Struan. — Mas não há mal nenhum em tê-los. Para uma necessidade. Não estou tentando interferir em sua vida e nem sugerindo que você se torne um devasso. Simplesmente, quero ter certeza de que você sabe de algumas coisas comuns... e de que você está protegido. Um preservativo o protegerá contra a sífilis. E impedirá que a moça engravide, assim evitando problemas para ela e embaraços para você.

— É contra as leis de Deus, não é? Quero dizer, usar... “bom, é pecado, não é? Não destrói todo o sentido do ato de amor? O objetivo é ter filhos.

— Os católicos pensam assim, é verdade, e também os protestantes muito devotos, sim.

— Você questiona o Livro Sagrado? — Culum estava horrorizado.

— Não, rapaz. Só algumas das... qual é mesmo a palavra?... interpretações.

— Pensei que eu tivesse idéias avançadas, mas você, bem... o que você diz é heresia.

— Para alguns homens. Mas a Casa de Deus é muito importante para mim, tem precedência face a mim, a você, a todos, até mesmo a Casa Nobre. — Struan continuou a se barbear. — É costume aqui se ter uma garota própria. Só para a pessoa. Você a mantém, paga suas contas, dá-lhe comida e roupa, uma criada, etc. Quando não a deseja mais, entrega-lhe algum dinheiro e a manda embora.

— Não é uma coisa bastante desumana?

— Sim... quando feita de maneira indigna. Em geral, o pouco dinheiro, segundo nossos padrões, que a pessoa lhe dá, é mais do que suficiente para servir à moça como dote e lhe garantir um bom marido. A escolha da garota é feita de maneira muito diplomática. O trato se realiza através de um “corretor”, um casamenteiro, e tudo se passa de acordo com o antigo costume chinês.

— Não é escravidão? Do pior tipo?

— Se sua idéia é comprar uma escrava, sim, e você a tratará como uma escrava. O que faz uma pessoa quando contrata um escravo? Paga algum dinheiro, e ele é comprado por alguns anos. É a mesma coisa. — Struan apalpou o queixo e

depois começou a

ensaboar outra vez as partes em que ainda estava áspero. — Iremos para Macau. Eu vou acertar tudo para você, se você quiser.

— Obrigado, pai, mas... — ele ia dizer, mas comprar uma mulher, prostituta, escrava ou amante, é uma coisa desagradável e um pecado... Eu, bom, obrigado, mas não é necessário.

— Se mudar de idéia me diga, rapaz. Não sinta timidez com isso. Acho que é muito normal ter “apetites”, e não um pecado, apenas tenha cuidado com bordéis. Jamais vá a um deles bêbado, nunca vá para a cama com uma moça sem se proteger. Jamais! E meta com a mulher ou a filha de um europeu... particularmente os portugueses, porque senão você acaba morto e bem morto, muito depressa, e com razão. Nunca chame um homem de filho da puta, a não ser que estiver preparado para sustentar essas palavras com arma branca ou bala. E jamais, jamais vá a um bordel que não seja recomendado por um homem em quem você possa confiar. Se não quiser perguntar a mim ou a Robb, pergunte a Aristotle. Você pode confiar nele.

Muito perturbado, Culum observava o pai, enquanto ele terminava de se barbear, com movimentos firmes e definidos. Parece tão seguro em tudo, pensou Culum. Mas está errado — a respeito de muitas coisas. Errado. As Escrituras são muito claras — a luxúria da carne é inspirada pelo demônio. O amor é inspirado por Deus, e fazer amor sem querer ter filhos é luxúria. E é pecado. Eu queria ter uma esposa. E poder esquecer a luxúria. Ou uma amante. Mas isto é ilegal e contra a Palavra Santa.

— Você comprou sua amante? — ele perguntou.

— Sim.

— Quanto pagou por ela?

— Bom, isso não é de sua conta, rapaz — respondeu Struan, gentilmente.

— Desculpe. Eu não queria ser rude... nem inquisitivo nem... — Culum corou.

— Eu sei. Mas isto não é pergunta para se fazer a outro homem.

— Sim. Quero dizer, o que custa uma mulher? Para comprar?

— Depende do seu gosto. A partir de um tael até tudo. — Struan não estava arrependido de ter iniciado uma conversa desse tipo. É melhor fazer você mesmo, do que deixar os outros fazerem em seu lugar. — A propósito; Culum, nós nunca fixamos seu salário. Você começa com cinqüenta guinéus por mês. Serão quase apenas para gastos miúdos, porque você terá tudo pago.

— É muito, muito generoso — exclamou Culum. — Obrigado.

— Dentro de cinco meses, aumentaremos muito essa soma. Logo que tivermos a terra, vamos começar a construir. Armazéns, a Grande Casa... e uma casa para você.

— Será maravilhoso. Eu nunca tive uma casa... quero dizer, nem mesmo quartos meus. Nem mesmo na universidade.— Um homem deve ter um lugar seu, por menor que seja. Privacidade é importante para manter a cabeça no lugar...

— Cinqüenta guinéus por mês é uma porção de dinheiro — disse Culum.

— Vai ser ganho por você.

É o bastante para casar, Culum estava pensando. Facilmente. Nada de bordéis e nem nativas fedorentas para ele. Lembrou-se com repugnância das três ocasiões em que fora para o bordel de que gostavam os estudantes da universidade e onde tinham dinheiro suficiente para pagar. Ele tivera de ficar meio bêbado para agir como um homem e entrar no quarto malcheiroso. Um xelim para se espojar numa cama com ranço de suor, com uma megera parecendo uma vaca, com o dobro de sua idade. Para se livrar dos incômodos enviados pelo demônio que atacam um homem. E sempre as semanas de terror, em seguida, esperando ser acometido pela sífilis. Deus me proteja de tornar a pecar, pensou ele.

— Você está se sentindo bem, Culum?

— Sim, obrigado. Bom, acho que vou me barbear antes do desjejum. Desculpe. Eu não queria, bem... eu não queria ser rude.

— Eu sei.

***

— Brock está aí ao lado, *senhorrr* — disse o marinheiro.

— Conduza-o para baixo — disse Struan. Ele não ergueu os olhos do catálogo de lotes de terreno que Robb lhe dera. Culum e Robb sentiram a tensão crescer na cabina, enquanto esperavam. Brock entrou, pisando forte. Sorria largamente.

— Ah, você está aí mesmo, Dirk. Bem pensei que se encontrava a bordo!

— Quer uma bebida?

— Obrigado. Bom-dia, Robb. Bom-dia, Culum.

— Bom-dia — disse Culum, detestando o medo que tomava conta dele.

— Essas roupas estão muito bem em você. Vai se tornar homem do mar, agora? Como seu papai?

— Não.

Brock sentou-se numa poltrona.

— A última vez que vi seu papai, Culum, ele estava adernando terrivelmente. Estava mesmo naufragando. Terrível mesmo. Foi um acontecimento horroroso... o acidente. — Ele aceitou um caneco de rum das mãos de Struan. — Obrigado. Quando eu consegui apagar aquele maldito incêndio que veio da noite, como um raio das profundezas, e estava pronto para ajudá-lo, ora, ele já tinha sumido. Passei a noite toda, e a maior parte do dia seguinte, procurando-o.

— Foi muita gentileza sua, Tyler — disse Struan.

— Mandei Gorth a noite passada procurar por você. Muito estranho, hein, Culum?

— O que é estranho, Sr. Brock?

— Ora, aquele demônio de anão não saber que seu papai estava a bordo. E ninguém ter permissão de vir a bordo até o meio-dia, pelo que eu soube. E

ancorar sob as armas da nau capitânia... muito estranho mesmo.

— Gorth tocou o pau da bandeira? — perguntou Struan.

— Sim. Ele ficou triste de verdade. Disse que era como colocar outro prego no seu caixão. Ficou sem saber o que fazer. Struan entregou-lhe uma ordem bancária — vinte mil guinéus.

— Obrigado, Dirk — disse Brock, sem tocar no papel e nem olhá-lo. — Mas não é meu. Talvez seja melhor dar a Gorth. Ou mandar para bordo. Não é pagamento para mim.

— Como quiser, Tyler. Ele irá à venda de terras?

— Ah, sim.Struan pegou o catálogo.

— Os lotes marinhos escolhidos são 7 e 8 a oeste do vale, 16 e 17 no centro, 22 e 23 a leste. O que você quer?

— Vai nos dar livre escolha, Dirk?

— Há suficiente para nós dois. Você escolhe o que quiser. Não faremos lances contra você. Nem você contra nós.

— Pensei a mesma coisa. É justo. E sábio. 16 e 17 dos lotes marinhos e 6 e 7 dos suburbanos.

— Pegaremos os lotes marinhos 7 e 8. Lotes suburbanos 3 e 4.

— Feito. E deixe o outeiro. Está planejando fazer lances, hein?

— Sim.

Brock engoliu um pouco de rum. Ele podia sentir o constrangimento de Culum.

— A frota está partindo amanhã, Dirk. Ouviu falar nisso?

— Não. Partindo para onde?

— Para o norte. A fim de combater — disse Brock, sardonicamente.

— Tinha esquecido a guerra — disse Struan, com uma risada curta. — Atacar Pequim outra vez? No inverno?

— Sim. Nossos líderes mandaram-nos para o norte. Seu lacaio tem balas de canhão na cabeça. Ouvi dizer que o almirante berrou, mas Longstaff só fez dizer, alto e bom som: “Norte, por Deus, terão ordem de ir para o norte! Vamos ensinar a esses patifes pagãos, que não respeitam tratados! Vamos ensinar a eles a lição que merecem!”

— Não irão para o norte.

— Com a sua volta, talvez não. É uma tristeza quando a vontade de Longstaff prevalece, Tai-Pan. Ridículo. E quando suas vontades chegam ao maldito ouvido dele. Quando temos de confiar em você, para salvar nossa frota. — Pigarreou ruidosamente, e depois farejou o ar. — Há um cheiro bem estranho a bordo.

— Hein?

— Cheiro de barras de prata. Sim, claro, barras de prata. — Brock deu uma olhada em Culum. — Então você não está em bancarrota, não é mesmo, rapaz? Culum nada disse, mas o sangue lhe subiu ao rosto. Brock grunhiu.

— Senti o cheiro quando você ancorou, Dirk. Ora, até mesmo quando você chegou ao porto. Então, você não afundou e tem dinheiro para pagar, e eu estou derrotado outra vez.

— Quando vencem as promissórias?

— Hoje, como você bem sabe.

— Quer prorrogar o prazo?

— Se não fosse pelo prestígio do rapaz e de todos a bordo, eu ia perguntar a mim mesmo se você estava blefando. E pensar que talvez as barras de prata não estivessem em seu porão. Mas eu sei muito bem. Está escrito em todos os rostos a bordo, menos no seu. E no de Robb. Vou aceitar o cheque de seu banqueiro hoje. Nenhum crédito.

— Depois da venda de terras, acertaremos tudo.

— Antes. Sim, antes. É melhor se livrar das dívidas antes de fazer os lances — disse ele, com os olhos brilhando, seu ódio bem à flor da pele. — Você me derrotou outra vez, maldito seja! Mas o outeiro será meu. É meu.

— Pertence à Casa Nobre. Não ao segundo lugar. Brock levantou-se, com os punhos fechados.

— Ainda vou cuspir em seu túmulo, por Deus.

— Vou cuspir em sua casa, lá do meu outeiro, por Deus, antes do anoitecer.

— Talvez não haja tesouro suficiente na Ásia para pagar o preço, por Deus! Bom dia para vocês.

Brock saiu apressadamente, com as botas batendo forte no passadiço.

Culum enxugou o suor das mãos.— Esse outeiro pegou você numa armadilha, Dirk. Ele vai parar de fazer ofertas e nos arruinará — disse Robb.

— Sim, papai. Eu sei que ele vai fazer isso. Struan abriu a porta da cabina.

— Camaroteiro!

— Sim, *senhorrr.*

— Chame o Sr. Cudahy!

— Sim, *senhorrr.*

— Escute, Dirk — disse Robb. — Aqui está sua oportunidade. Faça com ele que diabo ele fizer com você. Pare seus lances, de repente. Deixe a confusão para ele. Então, ele ficará arruinado. *Ele*! Não *nós*!

Struan não disse nada. Houve uma batida na porta e Cudahy entrou, apressadamente.

— Sim, *senhorrr.*

— Ponha o cúter ao lado. Diga ao mestre para levar o Sr. Robb e o Sr. Culum ao *Thunder Cloud.* Espere pelo Sr. Culum e o leve à nau capitânia. Depois, torne a se apresentar aqui. Todos os homens no convés e na popa!

Cudahy fechou a porta outra vez.

— Papai, o tio tem razão. Pelo amor de Deus, não vê que aquele maldito pirata colocou você numa armadilha?

— Então, vamos ter de ver se o amor de Deus nos tira da armadilha. É uma questão de prestígio!

— Dirk — Robb implorou. — Não quer ser razoável?

— Sarah quer que você vá para bordo. Não fale ainda sobre as barras de prata. E, Culum, meu rapaz, se Longstaff perguntar a você a meu respeito, diga apenas que estou a bordo. Nada mais.

— Dirk, esta é sua única chance...

— É melhor se apressar, Robb. Apresente meus cumprimentos a Sarah e às crianças. — Ele voltou para a pilha de papéis que estava sobre sua escrivaninha.

Robb sabia que era inútil discutir mais e partiu sem dar mais nenhuma palavra. Culum seguiu-o, com o coração doendo. Sabia que nada iria mudar seu pai — e nem Brock; que a Casa Nobre estava comprometida com um morrinho sem valor, um rochedo sem valor. É estúpido, ele gritou para si próprio. Por que papai é tão estúpido assim?

CAPÍTULO DOZE

Aquela tarde, Struan permaneceu de pé diante da grande tenda que armara na praia, no Vale Feliz. Observava o Capitão Orlov supervisionar os marinheiros, enquanto eles transportavam barriletes da chalupa para dentro da tenda, onde os empilhavam bem certinhos. Estava tão absorto que não viu Mary Sinclair aproximar-se, por trás dele.

O rosto dela estava emoldurado por um boné amarrado sob o queixo. Seu vestido de lã marrom varria a areia e, bem ajustado à sua cintura, tornava-lhe a figura elegantemente parecida com uma ampulheta. Mas o tecido não era de boa qualidade e o corte era antiquado. Ela carregava um regalo felpudo e, em torno dos ombros, tinha um xale cinzento que combinava com seus olhos. Parecia limpa, simples e pobre, recatada, uma dama.

— Olá, Tai-Pan — disse ela. Struan saiu de seu devaneio.

— Ah, olá, Mary. Você está muito bonita.

— Obrigada, gentil senhor — disse Mary, com um sorriso fugidio. Ela fez uma graciosa mesura. — É um grande elogio.

A praia e o vale começavam a se encher com os negociantes, suas mulheres e crianças, todos com ares festivos, em suas melhores roupas, cumprimentando uns aos outros e conversando loquazmente. Havia, espalhados ali e acolá, grupos de soldados e marinheiros, com seus oficiais em trajes resplandecentes. Chalupas traziam para a praia outras famílias, e oficiais. Perto da praia, havia massas de sampanas pescando e, a oeste, uma multidão de barulhentos e curiosos chineses, isolados do vale pelos soldados.

O estrado do leiloeiro fora colocado numa pequena elevação, a cinqüenta jardas de distância, e Struan notou Gordon Chen, em pé nas proximidades. Seu filho fez, imediatamente, uma curvatura. Era óbvio para Struan que o jovem queria falar com ele e devia ter esperado, pacientemente, por uma oportunidade adequada.

— Boa-tarde, Gordon. Vou conversar com você dentro de um minuto — ele gritou.

— Obrigado, senhor — respondeu Gordon, e fez outra curvatura.

Struan viu Robb caminhando com Sarah, que estava com a barriga muito grande, o rosto tenso. Karen corria ao lado deles. Struan procurou Culum com o olhar, mas não conseguiu descobri-lo e supôs que ainda estivesse na nau capitânia; então o viu, conversando animadamente com Glessing. Achou estranho que Culum não tivesse procurado por ele, logo ao desembarcar.

— Com licença, Tai-Pan, Srta. Sinclair — disse Orlov. — Estão todos aí.

— Espero que sim, Capitão Orlov — disse Mary, em tom de brincadeira. — Ouvi dizer que está trazendo barris para a praia há duas horas. Quer embriagar toda a população européia, Sr. Struan?

Struan deu uma risada curta.

— Não. Obrigado, Capitão.

Orlov fez uma continência para Mary e entrou na tenda, com alguns dos marinheiros. Outros se reuniram em torno dele, enquanto uns poucos se sentaram na praia e começaram a jogar dados.

— Você chegou cedo, Mary. O leilão ainda vai demorar uma hora para começar.

— O Capitão Glessing teve a gentileza de me oferecer sua companhia. — Vamos dar uma caminhada?

— Claro — respondeu Struan, detectando uma insinuação na voz dela. Começaram a caminhar em direção ao interior da ilha.

O leito do vale estava úmido e a chuva da véspera formava poças paradas. A água caía placidamente da pequena cachoeira. Moscas e libélulas, abelhas e mosquitos formavam com seu canto uma espécie de corrente subterrânea ao ruído da água. O sol tinha uma promessa de primavera.

Quando estavam bem afastados da multidão, Mary parou.

— Em primeiro lugar, queria dizer-lhe como fiquei sentida pela perda que sofreu.

— Obrigado, Mary.

— Tentei vê-lo antes de você partir para Cantão.

— Eu me lembro. Foi muita gentileza sua.

— A noite passada, tentei ir a bordo. Queria ver como você estava. Um mau *pagode*.

— Sim, mas acabou. Pertence ao passado.

— Sim, mas posso ver a dor em seu rosto. Outros não verão, mas eu posso ver.

— Como vão as coisas com você? — ele perguntou, desconcertado, como sempre, porque Mary parecia tão comum, doce, gentil, tudo que deveria ser, mas não era. Eu não devia gostar dela, pensou, mas gosto.

— A vida me diverte. Por algum tempo. — Mary olhou para trás, em direção à praia. Brock, Gorth e Nagrek Thumb, Eliza Brock e suas filhas saíam de uma chalupa. — Estou satisfeita por você ter derrotado Brock outra vez. Muito satisfeita.

— Será que derrotei?

Os olhos de Mary se enrugaram.

— Quarenta *laques* em barras de prata? Quatro moedas?

— Como sabe disso?

— Já se esqueceu, Tai-Pan? Tenho amigos bem situados. — Ela disse, em tom trivial. Mas, quando estava com o Tai-Pan, desprezava esses “amigos”.

— Quem tem... quem tem as outras quatro metades de moedas?

— Quer que eu descubra?

— Talvez eu ache que você já sabe.

— Ah, Tai-Pan, você é um homem muito especial. — Seu tom se tornou mais caloroso. — Sei onde estão duas. Quando souber a respeito das outras duas, eu lhe direi.

— Quem tem as duas?

— Se você arranjou um empréstimo tão grande, quantos favores cumprirá?

— Todos. Sim, por Deus, todos. Jin-qua tem duas?

— Uma. — Ela brincou com o xale, e o ajeitou melhor. — Há quatro mil bandeireiros em Cantão, agora. E uma grande armada com navios de tiro. Deverá atacar nossa frota, se esta tentar forçar os fortes Bogue. Outra frota está à

espera, cinqüenta milhas ao norte. O nome Wu Kwok significa alguma coisa?

Struan fingiu pensar mas, por dentro, estava fervendo. Antes do encontro com Scragger, ele jamais ouvira falar de Wu Kwok — de Wu Fang Choi, o pai, é claro, mas não do filho. Mauss não fora informado do que transpirara no junco ou do que Scragger dissera. Só Robb e Culum sabiam. Era impossível para Mary ter ouvido falar de Wu Kwok por eles. Então deveria ter vindo de Wu Kwok — ou de Jin-qua. Mas como?

— Ê um nome bastante comum — disse ele. — Por quê?

— Ele é o filho mais velho de Wu Fang Choi.

— O rei dos piratas? O Lótus Branco? — Struan fingiu espanto.

— Adoro chocar você — disse ela, alegremente. — Bom, o imperador ofereceu secretamente mandarinatos a Wu Kwok e a Wu Fang Choi, através do Hoppo em Cantão. E os governos-generalatos da província de Fukien, e Formosa, em troca de um ataque aos navios que estão no porto de Hong Kong. Toda a frota.

— Quando será o ataque? — seu choque era autêntico.

— Eles não aceitaram ainda. Como dizem os chineses “negociações estão em marcha”.

Seriam os favores de Wu Kwok um subterfúgio? Struan perguntou a si mesmo. Uma brincadeira diabólica para colocá-lo à vontade e prendê-lo numa armadilha? Por que, então, a moeda? Será que eles arriscariam toda sua frota? Quatro mil juncos tripulados por aqueles malditos piratas poderiam acabar conosco — talvez!

— Você saberá se eles aceitarem... se deverá ser feito o ataque?

— Não tenho certeza... mas acho que sim. Mas isso não é tudo, Tai-Pan. Você deve saber que a recompensa por sua cabeça dobrou. Há uma recompensa por Culum agora, também. Dez mil dólares. Para todos os ingleses. George Glessing, Longstaff, Brock. — A voz dela se tornou impessoal. — E para May-may, Duncan e Kate. Se forem seqüestrados vivos.

— O quê?

— Ouvi falar nisso há três dias. Você não estava aqui, assim eu tomei o primeiro barco para Macau, mas você já partira. Então, fui ver May-may. Eu lhe disse que fora enviada por você, pois você ouvira dizer que ela e as crianças estavam em perigo. Depois, fui ao seu *compradore,* e lhe disse, em seu nome, que levasse May-may e as crianças para a casa dele; se algo acontecesse com eles, antes de você voltar, você o enforcaria, e a seus filhos, e aos filhos destes.

— O que disse Chen Sheng?

— Ele disse para lhe comunicar que você não precisava ter medo. Acompanhei May-may e as crianças até à casa dele, e depois voltei para Hong Kong. Acho que estão salvos, por enquanto.

— Ele sabe, a respeito das barras de prata?

— Claro. Uma parte, uma pequena parte do dinheiro é dele. Que melhor investimento poderia ele fazer?

— Quem mais juntou a prata?

— Sei a respeito de Chen Sheng, Jin-qua, os mercadores da Co-hong... todos têm uma parcela. Isto corresponde a uma soma de quinze *laques.* Quanto ao resto, não tenho certeza. Provavelmente, os mandarins manchus.

— Ti-sen?

— Não. Ele está em completa desgraça. Toda sua riqueza foi confiscada. A Co-hong estima que sejam cerca de dois mil *laques.* Em ouro.

— Chen Sheng disse que cuidaria deles?

— Sim. Agora, com você rico outra vez, ele os protegerá com o mesmo empenho com que defenderia a vida de sua mãe. Por enquanto, pelo menos.

— Espere aqui, Mary. — Struan virou-se para a praia. Descobriu Wolfgang e gritou para ele, fazendo acenos. Correu, em seguida, em sua direção. — Wolfgang, chame Orlov e leve o *China Cloud* para Macau. Pegue May-may e as crianças e traga-os de volta, com a ama. A todo pano. Deixe Cudahy encarregado da tenda.

— Trazê-los para cá?

— Sim. Volte amanhã. Estão em casa de Chen Sheng.

— Trazê-los para cá? Abertamente?

— Sim, por Deus. Parta imediatamente.

— Não vou fazer isso, Tai-Pan. Não assim, abertamente. Você vai destruir a si mesmo. Sabe que será posto no ostracismo.

— Os mandarins colocaram a cabeça deles a prêmio. Vá depressa!

— *Gott im Himmel* — Mauss puxava sua barba, nervosamente. — Vou trazê-los a bordo secretamente e fazer Orlov jurar segredo. *Gott im Himmel*, perdoai este

pobre pecador.

Struan caminhou de volta, em direção a Mary.

— Quem lhe contou a respeito do seqüestro, Mary?

— Você não conhece.

— Você se coloca em grande perigo, garota. Conseguindo informações e depois agindo por conta própria.

— Sou muito cuidadosa.

— Vá embora de Macau para sempre. Saia dessa vida, enquanto tem vida. Seu *pagode* não durará para sempre.

— Vamos falar a seu respeito, Tai-Pan. Você não pode exibir por aqui sua amante chinesa.

— Ela e as crianças estarão salvas a bordo, e isto é o que importa.

— Não em nossa sociedade, por Deus, e você sabe disso. Eles vão destruir você, Tai-Pan, até você, caso viole seu maldito código. Eles precisam. Ela é chinesa.

— Malditos sejam!

— Sim. Mas será um caminho solitário, e você tem sua casa para pensar. Enquanto May-may for mantida em segredo, não os ameaça... o que não é visto,

não existe. Não me cabe aconselhar você... você sabe de tudo isso melhor do que ninguém, mas eu lhe peço, mantenha-a em segredo.

— Eu faço isso, e continuarei a fazer... a menos que estejam em perigo. Devo um favor a você, Mary.

— Sim. — Uma chama curiosa brilhou nos olhos dela. — Eu quero um favor.

— Diga qual é.

— Tudo que eu pedir?

— É só dizer.

— Agora não. Quando eu quiser meu favor, eu pedirei. Sim. Um dia eu vou querer um favor. — Depois ela acrescentou, em tom de brincadeira — você devia ser mais cuidadoso, Tai-Pan. Sou uma mulher, e a mente de uma mulher funciona de maneira bem diferente da mente masculina.

— Sim — ele disse, e sorriu.

— Você tem um sorriso tão simpático, Tai-Pan.

— Obrigado, gentil senhora — disse ele. Fez uma elegante curvatura. — É um elogio muito grande! — Deu-lhe o braço e começaram a caminhar de volta para a praia.

— Quem lhe contou a respeito de May-may e das crianças?

— Nós combinamos, há dois anos, que as fontes de minhas informações seriam sacrossantas.

— Quer fazer o favor de não usar essas palavras complicadas?

— Estou satisfeita de ter conhecido May-may, afinal. Ela é tão linda. E as crianças.

— Ela se sentia cálida, ao contato dele.

— Existe alguma possibilidade de ser incorreta a informação?

— Não. O seqüestro em troca de resgate é uma antiga arte Chinesa.

— É sórdido. Envolver mulheres e crianças. — Struan ficou silencioso, por um momento. — Por quanto tempo você vai ficar aqui?

— Alguns dias. Horatio... Horatio fica um pouco perdido, quando está sozinho. Por falar nisso, Chen Sheng sabe que eu falo cantonês, é claro. Agora, May-may sabe. Pedilhe para manter segredo quanto a isso. Ela manterá, não?

— Sim. Não tenha medo, quanto a isso. Mas lembrarei a ela. — Ele forçou a mente a se afastar de May-may e das crianças, de Wu Kwok e dos navios de guerra e das restantes três moedas pela metade. — Um segredo merece outro. A Casa Nobre vai dar um baile dentro de pouco mais de trinta dias. Claro que você está convidada.

— Que idéia maravilhosa!

— Vamos dar um prêmio. Mil guinéus para a senhora mais bem-vestida.

— Meu Deus, Tai-Pan, vão-lhe arrancar os olhos!

— Aristotle será o juiz.

— Mesmo assim, vão-lhe arrancar os olhos. — Os olhos dela pareceram mudar de cor. — É bom eu lhe lembrar. Agora, você é o melhor partido da Ásia.

— O quê?A risada dela era um tanto zombeteira.

— É bom escolher uma esposa, enquanto tem tempo. Haverá muitas prostitutas se oferecendo a você e muitas mães empurrando as filhas para sua cama.

— Não diga tolices!

— Ora, e não diga que não foi avisado, meu rapaz. Mil guinéus? Ah, eu gostaria muito de ganhar esse prêmio. — Repentinamente, o estado de espírito dela mudou. — Tenho o dinheiro para comprar um vestido assim, como você sabe muito bem... mas, se comprar, bom, isto iria estragar a Mary Sinclair que as pessoas conhecem. Todos sabem que somos pobres como cules.

— Mas não existe nada contra eu lhe dar um vestido. Pelo menos, que me impeça de fazer a oferta através de Horatio. Não é?

— Pelo sangue de Cristo, Tai-Pan, você faria isso? Eu lhe devolverei o dinheiro.

— Se você parar de praguejar, sim. Mas um presente é um presente. — Ele a examinou, pensativamente. — Já pensou em sua tia-avó Wilhelmina?

— Quem?

— A prima em segundo grau de sua mãe, que se mudou. Para a Holanda.

— Quem?

— A herdeira... que poderia deixar um bocado de dinheiro para você.

— Não tenho parentes na Holanda.

— Talvez sua mãe tenha esquecido de lhe contar. Talvez um advogado em Amsterdã possa escrever que você se tornou herdeira. — Ele acendeu um charuto. — Como herdeira, você poderia gastar dinheiro abertamente. Não é?

— Mas... mas... — a voz dela ficou insegura. — E Horatio?

— Tia Wilhelmina poderia deixar para ele dois mil guinéus. E a maior parte do dinheiro para você. Ela realmente só gostava dos descendentes do sexo feminino. Sua mãe era sua favorita... é estranho que ninguém tenha contado nada a você e nem a Horatio, a respeito dela. Pobre tia Wilhelmina. Morreu ontem.

Os olhos de Mary estavam arregalados de excitação.

— Será que você poderia, Tai-Pan? Será?

— Demora três meses para uma carta chegar a Londres. Um mês para fazer os acertos na Holanda. Três meses para voltar. Dentro de sete meses, você será herdeira. Mas é melhor desempenhar o papel de rato de igreja, enquanto isso. E ficar surpreendida, quando acontecer.

— Sim. Desculpe, eu... Estou desnorteada com... Não se preocupe. Não se preocupe. Se eu ficar meio doida e começar a chorar, ou gritar... adoro você, Tai-Pan. O sorriso dele desapareceu.

— Não diga uma coisa dessas!

— Nunca disse antes; e talvez jamais torne a dizer. Mas, para mim, você é Deus.

— Ela se virou, e se afastou sozinha.

Struan observou-a por um momento e, depois, dirigiu-se para Gordon Chen. Ele parece cada dia mais chinês, pensou Struan. Lá no mar, a chalupa com Orlov e Mauss a bordo ainda estava bem distante do *China Cloud*. Vão depressa, por Deus!

Skinner interceptou-o, ansiosamente.

— Boa-tarde, Sr. Struan.

— Ah, olá, Sr. Skinner.

— Um grande dia para o Oriente, não?

— Sim, com licença, eu preciso...

— Só vai demorar um minuto, Sr. Struan. Tentei vê-lo, a noite passada. — Skinner baixou a voz. Estava suando mais do que de costume e cheirando mal, como sempre. — As notas da Casa Nobre vencem hoje, pelo que me lembro.

— Ah, é?

— Vão ser pagas?

— Chegou a ter alguma dúvida, Sr. Skinner?

— Há boatos. A respeito das barras de prata.

— É, ouvi dizer.

— Espero que sejam verdadeiros. Eu não gostaria que houvesse uma mudança de proprietário no *Oriental Times.*

— E nem eu. Esta tarde, eu lhe darei uma matéria interessante. Agora, quer me dar licença? Skinner observou Struan aproximar-se de Gordon Chen e desejou inteirar-se daquela conversa. Depois, notou Brock e sua família conversando com Nagrek Thumb. Este é um grande dia, pensou, alegremente, enquanto se arrastava em direção a eles. Quem ficará com o outeiro?

— Fiquei sentido ao saber de sua perda, senhor — dizia Gordon Chen. — Tentei vê-lo, mas não consegui. Ofereci uma prece.

— Obrigado.

— Minha mãe me pediu para lhe dizer que observará os habituais cem dias de luto.

— Por favor, diga-lhe que não é necessário — disse Struan, sabendo que ela faria isso, de qualquer jeito. — E agora me conte o que tem acontecido com você, desde a última vez em que o vi.

— Nada especial. Tentei ajudar Chen Sheng a conseguir para a casa algum crédito, senhor, mas acho que não tivemos muito sucesso. — O vento puxou seu rabicho, fazendo-o balançar.

— É muito difícil conseguir crédito — disse Struan.

— Sim, realmente. Sinto muito.

Gordon Chen pensou na grande quantidade de prata no porão do *China Cloud* e ficou cheio de admiração pelo pai. Ouvira os boatos esta manhã e estes confirmavam outros, que já se haviam filtrado em Tai Ping Shan: de que o Tai-Pan contrabandeara a prata de Cantão, debaixo dos narizes dos odiados manchus. Mas nada disse sobre o renascimento da Casa Nobre, porque isto não seria cortês.

— Talvez tenha chegado a hora de você ter um pouco de crédito. Eu poderei consegui-lo. Vamos dizer, um *laque* de prata. Os olhos de Gordon Chen piscaram e ele arquejou:

— É uma grande quantidade de crédito, senhor.

— Você fica com um quarto do lucro e eu com três.

— Seria muito generoso, senhor — disse Gordon Chen, recompondo depressa seu raciocínio perplexo— Generoso. Em tempos difíceis como esses, é bastante justo. Mas, se eu tivesse dois terços e o senhor um terço, caberia a mim aumentar seus lucros consideravelmente. Muito consideravelmente.

— Espero que o lucro seja considerável — Struan jogou fora seu charuto. — Seremos sócios. Você fica com metade e eu com a outra metade. Este é um acerto particular, entre nós. Deve ser mantido em segredo. Mensalmente, você fará a escrituração e a contabilidade. Está combinado?

— Combinado. O senhor é muito generoso, senhor. Obrigado.

— Vá me visitar esta tarde, e eu lhe darei os papéis necessários. Estarei a bordo do *Resting Cloud.*

Gordon Chen ficou tão feliz que teve vontade de pular e gritar de alegria. Não conseguia adivinhar por que seu pai se mostrava tão generoso. Mas sabia que um *laque* era garantido, e aumentaria mil vezes. Com *pagode,* acrescentou ele, depressa. Depois, lembrou-se da Hung Mun Tong e ficou imaginando se sua lealdade à Tong entraria em conflito com a lealdade a seu pai. E, se isto acontecesse, qual das duas prevaleceria.

— Não posso lhe agradecer o suficiente, senhor. Este acordo poderá começar imediatamente?

— Sim. Suponho que você vai querer comprar alguma terra. . — Eu tinha pensado... — Gordon Chen parou. Culum se aproximava deles, com o rosto sério.

— Olá, Culum — disse Struan.

— Olá, papai.

— Este é Gordon Chen. Meu filho, Culum — disse Struan, consciente dos olhares e do silêncio da multidão na praia. Gordon Chen fez uma curvatura.

— É muita honra conhecê-lo, senhor.

— Gordon é seu meio-irmão, Culum — disse Struan.

— Eu sei. — Culum estendeu a mão. — Tenho muito prazer em conhecê-lo.

Ainda assombrado por ouvir Struan reconhecê-lo como filho, Gordon apertou frouxamente sua mão.

— Obrigado. Muito obrigado.

— Quantos anos você tem, Gordon? — perguntou Culum.

— Vinte, senhor.

— Meio-irmãos devem chamar um ao outro pelos seus nomes de batismo, não é?

— Se lhe agradar.

— Precisamos conhecer melhor um ao outro. — Culum virou-se para Struan, que estava abalado pelo reconhecimento de seu filho a Gordon. — Desculpe perturbá-lo, papai. Só queria conhecer Gordon — disse ele, e partiu.

Struan sentiu o silêncio se romper e a praia imóvel ganhar vida outra vez. E ficou espantado de ver lágrimas escorrendo pelo rosto de Gordon.

— Desculpe... eu... eu esperei minha vida inteira, Sr. Struan. Obrigado. Obrigado

— disse Gordon, com voz trêmula.

— A maioria das pessoas me chama “Tai-Pan”, rapaz. Vamos esquecer o “Sr. Struan”.

— Sim, Tai-Pan. — Gordon Chen fez uma curvatura e se afastou.

Quando Struan começou a procurar Culum, viu o cúter de Longstaff chegar à praia. O almirante e um grupo de oficiais de marinha estavam com ele. Horatio também. Bom, pensou Struan. Agora, Brock. Acenou para Robb e fez sinal a Brock. Robb fez um aceno afirmativo de cabeça e alcançou Culum. Juntos, eles se uniram a Struan.

— Tem os papéis, Robb?

— Sim.

— Vamos, então. Vamos pegar de volta as nossas promissórias. — Struan deu uma olhada em Culum.— Não há motivo algum para ficar nervoso, rapaz.

— Sim.Caminharam um pouco e Struan disse:

— Estou satisfeito por você ter conhecido Gordon, Culum. Obrigado.

— Eu... eu queria encontrá-lo hoje. Com você. Bom... publicamente.

— Por quê?

— Isso não lhe dará o prestígio que você diz ser tão importante?

— Quem lhe falou a respeito de Gordon?

— Ouvi rumores, quando voltei de Cantão. As pessoas estão sempre prontas a espalhar más notícias.

Ele se lembrou do divertimento sardônico da maior parte dos negociantes e suas esposas a quem encontrara. “Pena, rapaz, que você tenha vindo numa ocasião tão ruim. É uma pena que a casa esteja morta. Nada será a mesma coisa, sem a Casa Nobre”, diziam. Mas Culum sabia que estavam todos exultantes, satisfeitos de ver a casa humilhada. Tia Sarah fora quem realmente lhe abrira os olhos para sua

ingenuidade. Caminhavam pela Estrada da Rainha e passaram por alguns eurasianos, os primeiros que ele vira, um menino e uma menina, e ele lhe perguntara de que nacionalidade eram, e de onde tinham vindo.

— Daqui — disse ela. — São mestiços, metade ingleses, metade pagãos. Muitos negociantes têm filhos bastardos, de amantes pagas. É tudo muito secreto, claro, mas todo mundo sabe. Seu tio Robb tem uma.

— O quê?

— Eu a mandei embora, com sua cria, há anos. Não seria tão ruim, suponho, se a mulher fosse cristã, e bonita. Eu teria entendido isso. Mas ela... não.

— Meu pai... tem... outros filhos pequenos?

— Filhos pequenos eu não sei, Culum. Ele tem um filho homem que trabalha para o *compradore* dele, e se chama Gordon Chen. Curioso senso de humor, o do seu pai, ao dar a ele um nome cristão do clã. Ouvi dizer que foi batizado como cristão. Suponho que isto vale alguma coisa. Talvez eu não devesse ser dito a você, Culum. Mas alguém tinha de dizer, e quem sabe não é melhor para você conhecer a verdade através de seus parentes, e não escutar cochichos por trás das costas. Ah, sim, você tem pelo menos um meio-irmão na Ásia.

Aquela noite, ele não conseguira dormir. No dia seguinte, foi para terra, em desespero. Alguns oficiais de marinha, entre os quais Glessing, estavam jogando críquete, e ele fora convidado para integrar a equipe. Quando foi sua vez de rebater, ele despejou toda sua raiva na bola, atingindo-a com toda força, desejoso de destruí-la e, com ela, à sua vergonha. Jogara com brilhantismo, mas sem tirar nenhum prazer do jogo. Mais tarde, Glessing puxara-o de parte e lhe perguntara o que havia. Ele vomitou tudo.

— Não aprovo o que seu pai fez... como sabe, sem dúvida — dissera Glessing. — Mas isso nada tem a ver com sua vida particular. Eu próprio tenho o mesmo

problema que você. Sei que meu pai tem uma amante em Maida Vale. Dois filhos e uma filha. Ele jamais mencionou o fato a mim, embora eu espere que saiba que eu sei. É muito difícil, mas o que um homem pode fazer? Provavelmente, quando eu tiver a idade dele, farei a mesma coisa. Tenho de esperar para ver. Claro, concordo que é muito desagradável saber que se tem um irmão mestiço.

— Você o conhece?

— Já o vi. Nunca falei Com ele, embora tenha ouvido dizer que é um bom sujeito. Eu lhe daria um conselho... não se preocupe com o que o seu pai fizer em sua vida particular. Ele é o único pai que você terá.

— Você não o aprova, mas fala em seu favor. Por quê? Glessing encolheu os ombros.

— Talvez porque eu tenha aprendido que os “pecados” do pai são problema do pai e não do filho. Talvez porque o Tai-Pan seja melhor marinheiro do que eu jamais serei, e pilote a melhor frota dos mais belos navios da terra... e trate seus marujos como devem ser tratados, com boa comida, pagamento e alojamentos bons, quando nós temos de trabalhar com o que o maldito Parlamento nos dá, nenhum maldito dinheiro, homens sob pressão e malfeitores como tripulantes. Talvez por causa do Cabo Glessing... ou porque ele é *o* Tai-Pan. Talvez porque os Sinclairs o admirem. Não sei. Não me incomodo de lhe dizer que, se algum dia tiver ordem para caçá-lo, eu me limitarei aos estritos termos da lei. Mesmo assim, espero em Deus que ele consiga lograr aquele miserável patife Brock, outra vez. Eu não conseguiria suportar aquele tipo sujo como *o* Tai-Pan.

Daquele dia em diante, Culum vira Glessing constantemente. Entre eles, amadurecera uma amizade.

— Hoje — Culum continuou a dizer a Struan, muito desajeitadamente — bom, quando vi você e Gordon Chen juntos, perguntei a George Glessing. Ele foi suficientemente honesto para me dizer.

Struan parou.

— Quer dizer que foi desonestidade de minha parte não ter contado a você?

— Não. Você não precisa justificar nada do que fez. A mim. Um pai não precisa justificar nada a um filho, não é?

— Gordon é um bom rapaz — disse Robb, desconcertado.

— Por que você queria saber qual é a idade dele? — perguntou Struan.

— Ele tem a mesma idade que eu, não é?

— E daí?

— Não tem importância, papai.

— Tem. Para você. Por quê?

— Eu preferia não...

— Por quê?

— Uma questão de ética, eu acho. Se somos da mesma idade, a mãe dele foi "concorrente"... será essa a palavra... da minha?

— Sim, concorrente é a palavra certa.

— “Adultério” seria outra palavra certa, não?

— Uma das verdades do homem é que o adultério é tão inevitável quanto a morte ou o pôr-do-sol.

— Isto não está de acordo com os Dez Mandamentos. — Culum evitou o olhar do pai. — A venda deve começar... agora que Longstaff está aqui — disse ele.

— É por isso que está tão nervoso? Encontrar Gordon e aplicar a mim os Mandamentos?

— Você não precisa de mim, não é, papai, para falar com Brock? Acho que eu... se você não se importa... vou ver se tudo está pronto.

— Fique à vontade, rapaz. Eu acho que você deveria estar conosco. Esta é uma ocasião rara. Mas fique à vontade. — Struan recomeçou a caminhar pela estrada. Culum hesitou e, depois, alcançou-o.

A Estrada da Rainha saía diretamente do vale, a oeste, e marginava a praia. Uma milha atrás, passava pelas tendas dos fuzileiros navais que guardavam o número crescente de depósitos da Marinha. Uma milha adiante, estavam as tendas enfileiradas dos soldados, perto do Cabo Glessing, que era o ponto terminal da Estrada da Rainha.

E, acima do Cabo Glessing, ficava o Tai Ping Shan, ligado à praia por uma fila palpitante e interminável de chineses curvados ao peso de seus pertences. A fila permanecia em perpétuo movimento e era alimentada, constantemente, pela incessante chegada de juncos e de sampanas.

— Bom-dia, Excelência — disse Struan, tirando o chapéu, quando encontraram

Longstaff e seu grupo.

— Ah, boa-tarde, Dirk. Bom-dia, Robb — Longstaff não parou. — Não está pronto para começar, Culum?

— Dentro de um momento, Excelência.

— Bom, apresse-se. Tenho de ir para bordo, sabe? — E ele acrescentou, para Struan, um insultante comentário tardio: — É bom ver você de volta, Dirk. — Continuou sua caminhada, cumprimentando outros.

— Ele vai mudar dentro de cerca de três minutos — disse Struan.

— Maldito idiota, estúpido e desprezível — a voz de Culum era áspera e baixa. — Graças a Deus, este é o último dia em que o servirei. Struan abanou a cabeça.

— Se eu fosse você, usaria o cargo de “Vice-Secretário Colonial” em vantagem própria.

— Como?

— Recuperamos o nosso poder. Mas é ainda a mão dele que assina os papéis, transformando-os em leis. E sua mão ainda tem de ser guiada, hein?

Suponho... suponho que sim. — respondeu Culum. Quando os Struans se aproximaram dos Brocks, um silêncio caiu sobre a praia e a excitação aumentou. Gorth e Nagrek Thumb estavam enfileirados ao lado de Brock, Liza e as meninas. Skinner começou a assobiar baixinho e se aproximou. Aristotle Quance hesitou, no meio de uma pincelada. Só os muitos jovens não sentiram a

excitação, e não estavam espiando e nem escutando.

Boa-tarde, senhoras e cavalheiros — disse Struan, tirando o chapéu.

— Bom-dia, Sr. Struan — disse Liza Brock, com doçura. — Já conhecia Tess e Lillibet, não é mesmo?

— Claro. Bom-dia, senhoras — disse Struan, enquanto as meninas faziam mesuras, notando que Tess crescera consideravelmente, desde a última vez em que a vira. — Podemos acertar o nosso negócio? — disse a Brock.

— O momento é ótimo. Liza, você e as meninas voltem para o navio. E Lillibet, vê se não mete essas mãos no mar, senão você acaba morrendo. E não vá cair na água por cima da amurada. E você, Tess, amor, cuide de si e de Lillibet. Vão embora, agora, e façam o que sua mãe disser a vocês.

Elas fizeram mesuras rápidas e correram adiante da mãe, satisfeitas de serem mandadas embora.

— Crianças e a vida no mar não combinam, não é? — disse Brock. — Não se pode vigiar o tempo todo para onde estão indo. A pessoa fica louca.

— Sim. — Struan entregou a ordem de pagamento do banco-a Gorth. — Estamos quites agora, Gorth.

— Obrigado — disse Gorth. Examinou o papel, deliberadamente.

— Talvez você gostasse de dobrar a soma.

— Como?

— Mais vinte mil, digamos, se um de nossos navios derrotar você, na volta para nosso país.

— Obrigado. Mas dizem que o dinheiro do idiota acaba depressa. Eu não sou idiota... e nem gosto de apostar. — Olhou para a ordem de pagamento. — Chegou bem na hora. Talvez eu possa comprar um pedacinho do outeiro, do meu pai. A cor dos olhos de Struan ficou mais escura.

— Vamos até a tenda — disse ele, e seguiu adiante. Robb e Culum foram atrás, e Robb se sentia muito satisfeito por seu irmão ser o Tai-Pan da Casa Nobre. Seu velho medo voltou. Como é que vou lidar com Brock? Como?

Struan parou diante da tenda e fez um sinal com a cabeça para Cudahy.

— Vamos, rapazes — disse Cudahy a um pequeno grupo de marinheiros, à espera.

— Depressa. Para espanto de todos, os homens derrubaram a tenda.

— Nossas ordens de pagamento, por favor, Tyler. Brock cautelosamente, tirou as notas promissórias do bolso.

— Oitocentos e vinte e quatro mil libras.Struan deu as notas a Robb, que as conferiu cuidadosamente com as duplicatas.

— Obrigado — disse Struan. Quer assinar isto?

— Que é isso?

— Um recibo.

— E onde está a ordem de pagamento do seu banco? — perguntou Brock, suspeitosamente.

— Decidimos pagar à vista — disse Struan.

Os marinheiros arrastaram a tenda caída. Quase escondendo a massa dos barris vazios, estavam pilhas bem-arrumadas de tijolos de prata. Centenas e centenas de tijolos de prata, brilhando ao sol pálido. Brock olhou para eles, petrificado, e houve um silêncio monstruoso em Hong Kong.

— A Casa Nobre decidiu pagar à vista — disse Struan, descontraidamente.

Acendeu um fósforo e o encostou ao rolo de ordens de pagamento. Tirou três charutos, ofereceu um a Robb e outro a Culum e acendeu-os com o papel em chamas.

— Foi tudo bem pesado. Mas há uma balança, se você quiser verificar o total. O sangue subiu ao rosto de Brock.

— Vão para o inferno!Struan deixou cair o papel, queimado, que ficou na areia.

— Obrigado, Sr. Cudahy. Leve os homens para bordo do *Thunder Cloud.*

— Sim, sim, *senhorrr* — disse Cudahy, e os homens deram uma última e suada olhada para as barras de prata, correndo em seguida para seus botes.— Bom, este assunto está encerrado — disse Struan a Robb e a Culum. — Agora, podemos tratar da terra.

— Uma ocasião rara, na verdade, Dirk — disse Robb. — Foi uma idéia genial.

Culum examinou a praia. Viu a cobiça e a inveja, e os olhos que os examinavam disfarçadamente.

Obrigado, meu Deus, disse ele, silenciosamente, por me deixar fazer parte da Casa Nobre. Obrigado por me deixar ser Vosso instrumento.

Brock recuperou-se do choque.

— Gorth, mande seus guarda-costas para terra, e bem depressa.

— O quê?

— A toda pressa, maldição! — disse ele, com a voz baixa a violenta. — Armados. Dentro de alguns minutos, teremos atrás de nós todos os piratas pagãos da Ásia. Gorth saiu correndo. Brock puxou suas pistolas e as entregou a Nagrek.

— Se alguém chegar a uma distância de cinco jardas, acerte na cabeça. — Ele se aproximou depressa de Longstaff. — Posso pedir emprestados seus soldados, Excelência? Senão vamos ter muitos problemas.

— Hein? Soldados? Soldados? — Longstaff piscava diante das barras de prata. — Deus do céu, tudo isso é prata de verdade? Tudo? Nossa, vale oitocentas mil libras, você disse?

— Um pouco mais — disse Brock, com impaciência. — Os soldados. Fuzileiros, marinheiros. Todos os que estiverem armados. Para guardar a prata, por Deus.

— Ah, armados! Claro. Almirante, quer fazer o favor de tratar disso?

— Venham cá! — gritou o almirante, furioso com a cobiça que se mostrava em

todos os rostos, inclusive dos oficiais da Marinha Real. Fuzileiros, soldados e marinheiros vieram às pressas. — Formem um círculo a cinqüenta passos de distância desse tesouro. Ninguém tem permissão para se aproximar. Entendem? — Ele olhou para Brock. — Serei o responsável pela segurança da prata por uma hora. Depois, eu a deixarei onde está.

— Muito obrigado, Almirante — disse Brock, contendo-se para não soltar uma praga.

Ele olhou em direção ao mar. O cúter de Gorth seguia rapidamente para o *White Witch*. Uma hora será suficiente, pensou ele, maldizendo Struan e as barras de prata. Como, em nome de Deus, poderei desfazer-me de tanta prata? Que papel ousarei receber? Com a guerra começando e talvez nenhum comércio, hein? Se houver comércio, então isto pagará o chá de toda a temporada. Mas, a menos que o comércio esteja garantido, ora, então todo o papel das companhias será sem valor. Exceto da maldita Casa Nobre.

Não tem banco e nem cofre ou segurança para garantir isso, até sair de suas mãos. Sua vida será um tormento. Você devia ter pensado, por Deus. Você devia ter pensado que era isso que aquele amaldiçoado iria fazer. Ele pegaria você numa armadilha.

Brock afastou seus pensamentos da prata, e olhou para Struan. Viu seu sorriso zombeteiro e a raiva cresceu dentro dele.

— O dia não acabou ainda, por Deus.

— Está certo, Struan. — Ainda falta uma coisa para acertar.

— Sim, por Deus — Brock abriu caminho entre a multidão silenciosa e se aproximou do estrado. Repentinamente, a ansiedade de Culum voltou, mais aguda do que antes.

— Escute, papai — disse ele, num ímpeto, com a voz baixa.

— Tio Robb tem razão. Brock só vai deixar você em paz quando os lances chegarem a...

— Não fale nisso outra vez, rapaz, por Deus. O outeiro pertence à Casa Nobre. Culum olhou para o pai, desamparadamente. Depois, afastou-se.

— Que diabo há com ele? — Struan perguntou a Robb.

— Não sei. Está nervoso como uma cadela no cio. Depois, Struan notou Sarah, em pé à frente da multidão — com Karen a seu lado — pálida, como uma estátua. Pegou no braço de Robb e começou a guiá-lo em direção a elas.

— Você não disse a Sarah ainda, não é Robb? A respeito de sua permanência aqui?

— Não.

— Este é um bom momento. Agora que você está rico outra vez. Chegaram perto de Sarah, mas ela não os notou.

— Olá, tio Dirk — disse Karen. — Posso brincar com seus lindos tijolos?

— São mesmo verdadeiros, Dirk? — perguntou Sarah.

— Sim, Sarah — respondeu Robb.

— Só Deus sabe como você conseguiu, Dirk, mas obrigada.

— Ela piscou, enquanto o bebê dava chutes em seu útero, e pegou os sais odoríferos. — Isto significa... isto significa que estamos salvos, não é?

— Sim — disse Struan.— Posso brincar com um daqueles, mãezinha? — disse Karen, com voz estridente.

— Não, querida, vá brincar por aí — disse Sarah. Ela se aproximou de Struan e o beijou, com as lágrimas escorrendo. — Obrigada.

— Não me agradeça, Sarah. O preço de tanto metal é alto. — Struan tocou no chapéu e se afastou deles.

— O que quis ele dizer, Robb? Robb contou-lhe.

— Eu vou embora, de qualquer maneira — disse ela. — Logo que puder. Logo que o bebê nascer.

— Sim. É melhor.

— Estarei rezando para você nunca encontrar com *ela.*

— Ah, não comece com isso outra vez, Sarah. O dia está lindo. Somos ricos, outra vez. Você pode ter tudo o que quiser no mundo.

— Talvez eu queira apenas um homem para ser meu marido. — Sarah caminhou pesadamente para a chalupa e, quando Robb começou a segui-la, disse: — Obrigada, mas posso chegar a bordo sozinha. Vamos, Karen, querida.

— Como quiser — disse Robb, e voltou à praia. Por alguns momentos, não conseguiu enxergar Struan, no meio da multidão. Depois, ao se aproximar do estrado, descobriu-o conversando com Aristotle Quance. Uniu-se a eles.

— Olá, Robb, meu caro amigo — disse Quance, expansivamente. — Gesto maravilhoso, eu estava dizendo ao Tai-Pan. Maravilhoso. Digno da Casa Nobre. — Depois, a Struan, com o rosto feio dançando de alegria: — Por falar nisso, você me deve cinqüenta guinéus.

— Não é verdade!

— O retrato de Culum. Está pronto para a entrega. Espero que não tenha esquecido.

— Eram trinta guinéus e lhe dei dez adiantados, por Deus!

— Ah, sim? Ora só! Tem certeza?

— Onde está Shevaun?

— Está gripada, pelo que ouvi dizer, pobre senhora. — Quance tomou um pouco de rapé. — Principesco, é o que você é, meu rapaz. Pode me emprestar algum dinheiro? É para uma boa causa.

— Gripada, como?Quance olhou em torno e baixou a voz.

— Na verdade, são problemas amorosos.

— Quem é o felizardo? Quance hesitou.

— Você, rapaz.

— Ah, vá para o inferno, Aristotle! — disse Struan, coro irritação.

— Acredite se quiser. Eu estou lhe dizendo. Ela perguntou por você várias vezes.

— Durante as poses?

— Que poses? — perguntou Quance, inocentemente.

— Você sabe que poses.

— Apaixonada, meu rapaz. — O homenzinho riu. — E agora que você está rico outra vez, pronto para ser arrastado para a cama! Imortais testículos de Júpiter! Ela, com certeza, será magnífica. Só cinqüenta guinéus, e não o incomodarei por um mês.

— Qual é a “boa causa”?

— Meu caro rapaz, eu preciso de uma cura. Tenho andado ruim.

— Sim, eu sei qual é seu problema. Ainda não criou juízo. É lamentável, num homem de sua idade!

— Você devia estar satisfeito, querido rapaz. Deve admitir que eu sou maravilhoso. Cinqüenta não é muito, para um pobre mortal.

— Você vai receber seus vinte guinéus quando eu tiver o quadro em minhas mãos.

— Struan se curvou e sussurrou de maneira significativa: — Aristotle, quer uma comissão? Digamos, cem libras? Em ouro? Imediatamente, Quance estirou a mão.

— Sou seu empregado. Aqui está minha mão. Quem tenho de matar?

Struan riu e lhe contou a respeito do baile e do julgamento.

— Com mil raios, por Deus! — explodiu Quance. — Sou um louco idiota? Quer que me cortem os testículos? Que morra antes do tempo? Caçado por todas as putas da Ásia? No ostracismo? Nunca!

— Só um homem com seu conhecimento, com sua estatura, seu...

— Nunca, por Deus! Você, meu ex-amigo... por umas miseráveis cem libras, você me coloca em perigo mortal. Sim, por Deus! Perigo mortal! Serei atormentado, odiado, arruinado, morto antes do tempo... Se ainda fossem duzentas!

— Feito! — disse Struan.

Quance atirou o chapéu para o alto e dançou uma giga, abraçando o estômago. Depois, ajustou seu colete de seda carmezim e pegou o chapéu, enfiando-o garbosamente na cabeça.

— Tai-Pan, você é um príncipe. Quem, senão eu, Aristotle Quance, ousaria fazer uma coisa dessas? Quem, senão eu, faria a escolha perfeita? Perfeita! Ah, maravilhoso Quance! Príncipe dos pintores! Duzeritas. Adiantadas.

— Depois do julgamento.

— Não confia em mim?

— Não. Você pode ir embora. Ou beber.

— Sairei do meu leito de morte para julgar esse concurso. Na realidade, eu teria

me apresentado como voluntário. Sim, pelo sangue de Rembrandt... pagaria cem guinéus, nem que tivesse de me arrastar até Brock para pedir emprestado, a fim de ter esse privilégio.

— O quê? Quance atirou seu chapéu para o ar outra vez.

— Ah, dia feliz, muito feliz! Ah, perfeito Quance, imortal Quance. Você conseguiu seu lugar na história. Imortal, perfeito Quance.

— Não entendo você, absolutamente, Aristotle — disse Robb. — Quer realmente julgar? Quance pegou seu chapéu, limpou a areia, com os olhos reluzindo.

— Já considerou as vantagens que uma tarefa dessas me dará? Hein? Ora, todas as putas da Ásia estarão... como direi?... estarão prontas para comprar o juiz, hein? Antecipadamente.

— E você estará pronto para ser comprado! — disse Struan.

— Claro. Mas será uma escolha honesta. A escolha perfeita. Sei agora quem será a vencedora.

— Quem?

— Mais cem libras? Hoje?

— O que você fará com todo o dinheiro, hein? Cá entre Robb, Cooper e eu, estamos dando a você uma fortuna!

— Dar? Ora! Dar? É um privilégio seu apoiar a imortalidade. Privilégio, pela bunda de Lúcifer! Por falar nisso, haverá algum conhaque naqueles barris?

Tenho uma sede imortal.

— Não tem nenhum. Absolutamente nenhum.

— Que falta de educação! É lamentável. — Quance cheirou um pouco mais de rapé e viu Longstaff, que se aproximava. — Bom, estou de saída. Bom-dia, rapazes. — Afastou-se assobiando e, ao passar por Longstaff, tirou o chapéu, cerimoniosamente.

— Olá, Dirk — disse Longstaff, com um largo sorriso no rosto. — Por que Aristotle está assim tão bem-humorado?

— Ele está apenas satisfeito, como você, pelo fato de sermos ainda a Casa Nobre.

— Com todo direito, não é mesmo? — Longstaff estava jovial e cheio de respeito.

— Não sabia que havia tantas barras de preta na Ásia. Magnífico pagar assim. Por falar nisso, quer jantar comigo esta noite? Gostaria de saber sua opinião sobre algumas questões.

— Sinto muito, mas estou ocupado esta noite, Will. Que tal amanhã? E por que não vem a bordo do nosso quartel-general, o *Resting Cloud*? Ao meio-dia.

— Ao meio-dia será perfeito. Perfeito. Estou tão satisfeito..

— Por falar nisso, Will, por que não cancela a ordem mandando a frota para o norte? Longstaff franziu a testa.

— Mas aqueles demônios repudiaram nosso tratado, não foi?

— O Imperador Manchu sim. Mas o tempo está sujeito a tufões. É melhor manter a frota unida. E sob suas ordens diretas.

Longstaff tomou uma pitada de rapé e limpou as pregas de seu resplandecente colete.

— O almirante não está preocupado com o tempo. Mas, se você diz isso — ele espirrou. — Se não formos para o norte, o que vamos fazer, hein?

— Falemos a respeito disso amanhã, está bem?

— Muito sensato! Sim, vamos deixar passar um tempinho, para assentar as idéias. Isso mesmo. Vou ficar satisfeito em receber seus conselhos outra vez. Bom, parece que estamos prontos para começar. Aliás, fiquei encantado com aquele outro gesto seu. — Longstaff se afastou, todo feliz.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou Robb.

— Não sei. Referia-se às barras de prata, suponho. Ouça, Robb, amanhã será você quem o receberá — disse Struan. — E lhe dirá o que fazer.

— E ele deve fazer o quê? — O rosto de Robb se enrugou num sorriso.

— Tomar os fortes Bogue. E depois atacar Cantão. Imediatamente. Colocar Cantão sob resgate. Seis milhões de taéis de prata. Depois, quando o vento estiver favorável, seguir para o norte. Como estava programado antes.

— Mas ele quer falar com você.

— Você pode fazer com ele o que quiser, agora. Ele viu as barras de prata.

— Ele não vai confiar em mim como confia em você.

— Dentro de pouco mais de cinco meses, terá de confiar. Como Sarah recebeu a notícia?

— Como você esperava. Ela partirá, de qualquer maneira. — Robb olhou para o estrado, onde havia uma excitada movimentação. Longstaff subia os degraus. — Você o tratou tão bem, Dick, mesmo depois de ele ter sido tão insultuoso. Entretanto, sei que ele está marcado por você, agora. Não está?

— Ele é o primeiro governador de Hong Kong. Os governadores duram quatro anos. Haverá tempo bastante para cuidar de Longstaff.

— E o outeiro?

— Isto já está decidido.

— Vai deixar que Brock fique com ele?

— Não.

***

— Senhores — disse Longstaff, aos comerciantes reunidos — antes de começarmos, quero confirmar os princípios da propriedade de terras e sua venda, como me foram recomendados pelo Governo de Sua Majestade. — Começou a ler um documento oficial. — Toda a terra pertence a Sua Majestade. Será feita

uma partilha em leilão público a quem fizer lances mais altos a uma renda anual da terra... a renda anual será o objeto dos lances. Arrendamentos de novecentos e noventa e nove anos. Um prédio com valor mínimo de mil dólares deverá ser construído dentro de um ano, e o imposto sobre ele está fixado em quatro xelins e quatro centavos de dólar. Caso contrário, a partilha será desfeita. Deverá ser pago em espécie um depósito equivalente à metade do total do lance. — Ele ergueu os olhos. — Inicialmente, planejávamos oferecer cem lotes hoje, mas não foi possível demarcá-los todos. Aproximadamente cinqüenta estão em oferta, e o resto será posto logo que for possível. Também recomendei que os compradores tenham permissão para adquirir seus lotes no regime de livre propriedade, sujeitos à vontade de Sua Majestade. Sim, e também os compradores de “lotes marinhos” poderão ainda escolher lotes “suburbanos” e “rurais”. Os lotes marinhos estão demarcados com uma largura de cem pés, em frente à Estrada da Rainha e estendendo-se até o mar. — Ele ergueu os olhos e sorriu, amavelmente.

— Com a oferta de terra para a venda, hoje, podemos presumir que estão lançados os alicerces da cidade. Já foram separados os lotes de terra para o Tribunal, as instalações governamentais, a mansão do governador, a cadeia, um campo de críquete, a praça do mercado e os setores destinados aos orientais. Chamei formalmente nossa futura cidade de Cidade da Rainha!

Houve vivas.

— Esta é a primeira oportunidade que tenho, depois de muito tempo, de falar a todos vocês. Eu diria que teremos de enfrentar épocas difíceis. Mas não vamos desanimar. Devemos todos trabalhar juntos. Devemos colocar nossas costas sob a charrua e então, com a boa ajuda de Deus, conquistaremos os pagãos para a glória de Sua Majestade Britânica e para a glória da Colônia de Hong Kong.

Houve três vivas para a rainha, três vivas para a colônia e três vivas para Longstaff. E os espectadores chineses conversavam, espiavam e riam.

— Agora, se o Sr. Brock fizer o favor de afastar seus pensamentos da mudança radical de situação da Casa Nobre, declaro aberto o leilão! Brock e Gorth ferveram de raiva, enquanto eram engolidos pelas risadas. Longstaff saiu da plataforma e Glessing se aproximou. .— Quero repetir, Excelência — disse Glessing — que, devido ã falta de tempo, nem todos os lotes foram devidamente demarcados.

— Detalhes. Detalhes, meu caro companheiro. O que importam alguns poucos pés de terreno? Há terra suficiente para todos. Por favor, vá em frente, Culum, meu querido rapaz. Bom-dia para você. — Longstaff caminhou para o seu cúter e, ao passar por Struan, sorriu e tirou o chapéu. — Amanhã ao meio-dia, Dirk.

Culum enxugou o suor do rosto e deu uma olhada ao homenzinho que estava a seu lado.

— Sr. Hibbs?

Henry Hardy Gibbs esticou bem seus cinco pés e meio de altura e subiu na plataforma.

— Bom-dia, minha gente — disse, e acrescentou, com um sorriso untuoso: — Sou ‘Enry ‘Ardy ‘Ibbs. Da cidade de Londres, da firma de ‘Ibbs, ‘Ibbs e ‘Iggs, Leiloeiros e Corretores, leiloeiro oficial de Sua Excelência, o ilustre Longstaff. A seu serviço. — Era um gnomo sujo, piolhento, careca e com maneiras servis. — Lote número um. Quem dá mais?

— Onde diabo você achou esse homem, Culum? — perguntou Struan.

— Num dos navios mercantes — Culum ouviu a si mesmo responder, desejando que o dia já tivesse terminado. — Ele trabalhava para pagar sua passagem de Cingapura para cá. Meteram a mão no bolso dele, lá, e roubaram todo seu dinheiro.

Struan ficou escutando, enquanto Hibbs, com eficiência e habilidade, ia fazendo os preços subirem cada vez mais. Ele examinou a multidão e franziu a testa.

— O que há, Dirk? — perguntou Robb.

— Estava procurando Gordon. Você o viu?

— A última vez em que o vi estava caminhando em direção ao Cabo Glessing. Por quê?

— Não tem importância — disse Struan, achando muito estranho Gordon não estar ali. Pensei que ele ia comprar terra para si mesmo. Que investimento melhor poderia haver?

Os lances para os lotes foram feitos rapidamente. Todos os comerciantes sabiam que uma colônia significava permanência. Permanência significava que o valor da terra subiria como um foguete. Especialmente, sendo a colônia numa ilha, onde havia pouca terra plana para construir. Terra significava segurança; e a terra jamais poderia ser perdida. Seriam ganhas fortunas.

Enquanto o leilão continuava, Struan sentiu que a excitação aumentava. No meio dos homens comprimidos uns contra os outros, Brock estava à espera, igualmente tenso. Gorth se encontrava a seu lado, com os olhos saltando de Struan para seus homens, que cercavam as barras de prata. Struan e Brock compraram os lotes com relação aos quais haviam entrado em acordo. Mas os preços foram mais altos do que eles esperavam, pois os lances se tornaram muito competitivos. Eles fizeram lances um contra o outro por alguns lotes menores. Alguns Struan comprou. De outros ele desistiu.

O último dos lotes marinhos foi oferecido e comprado. Depois, os lotes suburbanos e rurais foram oferecidos e também comprados por altos preços. Só

restava o outeiro. Era o maior pedaço de terra, e o melhor.

— Bom, cavalheiros, acabamos — disse Hibbs, com a voz rouca de tanto leiloar.

Os que compraram têm de pagar metade, agora. Os recibos serão passados pelo vice secretário colonial. Façam o favor! Um silêncio pasmado se abateu sobre a multidão.

— A venda não terminou ainda. — A voz de Struan rompeu o ar.

— Sim, por Deus! — disse Brock.

— Como, cavalheiros? — perguntou Hibbs, cautelosamente, sentindo que havia algum problema.

— E o outeiro?

— Que outeiro, Excelência? Struan apontou, de dedo em riste.

— Aquele outeiro!

— Aquele, ah, não está na lista, meu senhor. Nada tem a ver comigo, senhor — disse Hibbs, apressadamente, e se preparou para correr. Ele olhou para Culum, que estava em pé, rígido como um pedaço de madeira. — Não é, Excelência?

— Não — Culum forçou a si próprio a olhar para seu pai, com o silêncio sufocando-o.

— Por que não está na lista, por Deus?

— Porque... porque, bom, já foi comprado.

Os pêlos da nuca de Culum se arrepiaram, quando ele viu — como se fosse um sonho — o pai aproximar-se dele. Todas as palavras tão bem pensadas sumiram de sua cabeça. Os motivos. Que ele dissera a Longstaff, aquela manhã, em desespero, que seu pai pensava em colocar ali uma igreja. Para o benefício de toda Hong Kong. Era a única maneira, Culum queria gritar. Não vê? Você teria destruído todos nós. Se eu lhe dissesse, você jamais teria escutado. Não vê?

— Comprado por quem?

— Por mim. Para a Igreja — gaguejou Culum. — Uma libra por ano. O outeiro pertence à Igreja.

— *Você tomou meu outeiro?* — As palavras foram pronunciadas com suavidade, mas tinham farpas, e Culum sentiu sua crueldade.

— Para a igreja. Sim — ele resmungou. — O documento... o documento foi assinado esta manhã. Eu... Sua Excelência assinou o documento. Em perpetuidade.

— *Você sabia que eu queria aquela terra?*

— Sim. — Tudo que Culum via era a luz ofuscante que parecia jorrar dos olhos de seu pai, consumindo-o, tirando-lhe a alma. — Sim. Sim. Mas decidi que seria para a Igreja. E agora o outeiro pertence à Casa de Deus.

— *Então, você ousou contrariar-me?*

Houve um silêncio frenético. Até Brock estava apavorado com o poder que parecia fluir de Struan, e envolver a todos.

Culum esperou pelo golpe que, ele sabia, viria — todos sabiam que viria.

Mas os punhos de Struan se descerraram, ele deu uma volta e se afastou do vale.

O estouro de riso de Brock despedaçou o funesto silêncio e todos recuaram

involuntariamente.

— Cale a boca, Brock — disse Quance. — Cale a boca.

— Vou calar, Aristotle — disse Brock. — Vou calar.

Os negociantes se dividiram em grupos sussurrantes e Hibbs chamou, com voz trêmula:

— Quem comprou alguma coisa, faça o favor de vir por aqui. Por gentileza, cavalheiros. Brock estudava Culum, quase com piedade.

— Eu diria que seus dias estão contados, rapaz — disse ele. — Você não conhece aquele demônio como eu conheço. Cuidado com as costas. — Ele se aproximou de Hibbs, para pagar a terra que comprara.Culum tremia. Sentia que as pessoas o observavam. Sentia o pasmo de todos. Ou seria medo?

— Pelo amor de Deus, por que você não lhe pediu? — Robb disse, mal se recuperando de seu choque.

— Hein? Antes de fazer isso?

— Ele não teria concordado, teria?

— Não sei. Não sei. Talvez concordasse. Ou poderia ter deixado Brock... — parou, fracamente. — E não preste nenhuma atenção ao que Brock disse. Ele está apenas tentando amedrontar você. Não há necessidade de se preocupar. Nenhuma.

— Acho que papai *é* o Demônio. Robb estremeceu, involuntariamente.

— Isso é uma tolice, rapaz. Uma tolice. Você está apenas superexcitado. Todos estamos. As barras de prata... e... bom, a excitação do momento. Não há nada com que se preocupar. Claro que ele entenderá quando... — As palavras de Robb se tornaram imprecisas. Depois, saiu correndo atrás do irmão.

Culum estava achando muito difícil focalizar alguma coisa. Os sons pareciam mais fortes do que antes, mas as vozes mais distantes, as cores e as pessoas bizarras. Seus olhos viram Mary Sinclair e seu irmão à distância. De repente, estavam falando com ele.

— Desculpem — disse ele. — Não os escutei.

— Eu apenas disse que será um belo lugar para a igreja. — Horatio forçou um sorriso. — Um lugar perfeito.

— Sim.

— Seu pai sempre quis aquele outeiro. Desde que viu Hong Kong pela primeira vez — disse Mary.

— Sim. Mas agora pertence à Casa de Deus.

— Sim — disse ela, tristemente. — Mas, a que preço? Depois, eles já não falavam mais com ele, e Culum olhava para Hibbs.

— Sim?

— Com licença, senhor, mas há os recibos. Para os que compraram a terra — disse Hibbs, desajeitadamente.

— Recibos?

— Sim, os recibos da terra. O senhor precisa assiná-los. Culum observava a si mesmo, ao seguir Hibbs ao estrado. Mecanicamente, assinou seu nome.

Robb corria pela Estrada da Rainha, sem ligar para os olhares horrorizados que o acompanhavam, com o peito doendo pelo exercício da caçada.

— Dirk, Dirk — gritou.

Struan parou por um momento.

— Diga a ele que quero vê-lo em *seu* outeiro, ao amanhecer.

— Mas, Dirk, Culum estava apenas...

— Diga a ele para ir sozinho.

— Mas, Dirk, ouça um momento. Não vá embora. Espere. O pobre rapaz estava apenas...

— Diga a ele para ir sozinho.

CAPÍTULO TREZE

Aquela noite, durante o turno intermediário, o vento mudou de direção do lestenordeste para o leste e diminuiu a velocidade em um nó. A umidade aumentou, a temperatura subiu um grau e os capitães da frota estremeceram, durante o sono, e acordaram por um momento, sabendo que outra monção irrompia. Agora, o vento iria soprar quente e úmido do leste, durante três meses, até maio, e depois mudaria de direção, tão repentinamente como agora, para o sul, ganhando calor e umidade. Depois, no outono, viraria para leste-nordeste outra vez, seco e frio, até a primavera do ano seguinte, quando novamente se deslocaria para leste e cairia um nó.

Os capitães dormiram outra vez, mas custaram mais tempo. O vento leste anunciava o período dos tufões.

Brock mudou de posição, irritado, em seu beliche, e se coçou.

— O que há com você, Tyler? — Liza perguntou, instantaneamente acordada e lúcida, como acontece com a mulher, quando o companheiro está perturbado, ou o filho doente. Ela estava no beliche atravessado na fétida cabina.

— Nada, Liza. O vento mudou, só isso. Vai descansar. — Ele ajustou seu barrete de flanela e bocejou fortemente.

— O que está fazendo?

— Abrindo a portinhola. Vá dormir.

Brock virou-se e fechou os olhos, mas sabia que perdera o sono. Sentiu o cheiro do vento penetrar na cabina.

— Logo haverá nevoeiro — disse.

Liza voltou para seu beliche e o colchão de palha rangeu. Ela ficou confortavelmente deitada sob as cobertas.

— São as barras de prata que o preocupam, não é?

— Sim.

— Não se preocupe agora. Amanhã você se preocupa. — Ela bocejou e se coçou, com a mordida de um percevejo. — Será uma maravilha ficar em terra outra vez. Vai demorar muito tempo para construir uma casa?

— Não muito — ele disse, e se virou.

— Esse baile que Struan vai dar — disse ela, escolhendo as palavras com muito cuidado. — É um tapa no seu rosto.

— Ridículo. Vá dormir. — Brock ficou instantaneamente na defensiva.

— Claro, se nós estivéssemos vestidos apropriadamente, seria outro tapa em resposta, hein, Tyler?

Brock gemeu, mas teve o cuidado de não deixar Liza ouvir. A notícia sobre o baile correra por toda a frota no momento mesmo em que Struan contara a Skinner. Todo marido na Ásia falara mal do Tai-Pan, pois sabiam que ele lhes roubara a paz. E o sangue de todo homem correu mais depressa. A aposta começara. Shevaun Tillman era a grande favorita.

— Quer dizer, tampar os canhões dele com enfeites? — disse. — Boa idéia, Liza. Você fica muito bem naquele seu vestido vermelho de seda que eu...

— Aquele velho trapo? — Liza disse, com uma fungadela de desprezo. — Você deve estar brincando!

— Velho, você disse? Ora, só foi usado três ou quatro vezes. Acho que você fica...

— Há três anos que estou usando aquilo. E você está precisando de um casaco novo, de calças, de um colete de festa, nem sei mais de quê.

— Gosto dos que eu tenho — disse ele. — Acho que...

— Está na hora de eu fazer umas compras. Antes que todas as peças decentes de seda da Ásia sejam compradas... e todas as costureiras contratadas. Amanhã, vou para Macau. No *Gray Witch.*

— Mas, Liza! Tudo isso para um baile idiota que Dirk...

— Partirei na maré do meio-dia.

— Sim, Liza — disse Brock, reconhecendo aquele tom especial na voz dela, sabendo que toda discussão do mundo não a faria desistir. Maldito Struan! Mas, apesar de sua fúria, ele pensou no prêmio e o concurso o excitou. Seria uma idéia maravilhosa! Maravilhosa! Ora, por que não pensei nisso? Maldito Struan!

Liza ajeitou seu travesseiro e continuou a cogitar a respeito do baile. Já decidira que Tess iria ganhar o prêmio. E a honraria. Custasse o que custasse. Sim, ela disse a si própria outra vez, a qualquer preço. Mas, como convencer Tyler a deixar Tess ir ao baile? Ele era muito cabeçudo, com relação a ela.

— Está na hora de pensar em nossa Tess — disse ela.

— O que há com ela?

— É bom você ir pensando num marido para ela.

— O quê? — Brock se sentou, ereto, no beliche. — Você está fora de si? Tess mal saiu do berço. Nem fez dezesseis anos ainda.

— Quantos anos eu tinha, quando você casou comigo?

— Isso é diferente, por Deus! Você era bem madura para sua idade, por Deus. E os tempos mudaram. Haverá tempo bastante para aquele diabrete tonto, por Deus! Um marido para Tess? Você está completamente louca, mulher! E que coisa para dizer, assim no meio da noite! Não fale nisso outra vez, senão lhe dou uma surra de cinto. — Ele virou-lhe as costas, furioso, bateu no travesseiro e fechou os olhos.

— Sim, Tyler — disse Liza, sorrindo.

Ela não o condenava pelas surras que lhe dera. Haviam sido poucas — e nunca com violência, ou com a raiva provocada pela embriaguez. E tinham ocorrido há muito tempo. Há vinte anos vivia com ele e estava contente com seu homem.

— Liza, menina — disse Brock, experimentalmente, com o rosto ainda virado para a parede. — Tess já sabe, bem... a respeito das “coisas”?

— Claro que não — disse ela, chocada. — Ela foi bem criada!

— Bom, por Deus, está na hora de você a chamar de parte e lhe dizer — falou ele, irritado, sentando-se novamente. — E é melhor ter cuidado com ela. Por

Deus, se eu pegar alguém farejando Tess... O que faz você pensar que ela já está na idade? Será que a garota disse alguma coisa? Está agindo de maneira diferente?

— Claro que eu tomo conta dela. É ridículo pensar que não. Ridículo! — bufou Liza. — Vocês homens são todos iguais. Ora! Faça isso e faça aquilo, ameaças e não sei o que mais, quando a menina só está crescendo e chegando na hora de casar! E eu lhe agradeceria se não praguejasse tanto, Sr. Brock! Seja gentil e bem-educado!

— Cale sua boca, por Deus, e a conversa se encerra aqui, por Deus!

Liza sorriu, complacentemente, de si para consigo. Quem será? Não aquele Nagrek Thumb, por Deus. Quem? O jovem Sinclair? Não tem dinheiro, e é muito pretensioso e dado demais à igreja. Mas parece ter futuro, não há dúvida, e está no conselho do maldito Longstaff. Nada como um filho de reverendo numa família. É possível. E o americano, Jefferson Cooper? Melhor. Bastante rico. Bastante poderoso. Mas é um maldito estrangeiro que detesta a nós, ingleses. Mesmo assim, Brock e Cooper-Tillman reunidos seriam uma bela faca nas tripas da Casa Nobre. Gorth seria bom, mas é meio-irmão dela e assim está excluído. Que pena!

Liza examinou os muitos que dariam bons maridos. O homem tinha de ter dinheiro, poder e potencialidade. E uma vontade de ferro e um braço forte para controlála. Sim, pensou. Aquela menina vai precisar de umas boas surras de cinturão no traseiro, de vez em quando. É uma grande teimosa. Não é fácil de manejar. Longstaff seria perfeito. Mas já é casado, embora eu tenha ouvido dizer que a mulher dele anda doente e vive em Londres, de maneira que talvez fosse melhor esperarmos.

A lista se reduziu para dois nomes. Mas quem?

— Tyler?

— Pelo amor de Deus, você não deixa um homem dormir em paz? O que é, agora?

— Que será que aquele demônio vai fazer com Culum Struan?

— Não sei. Talvez o mate, quem sabe. Nao sei. Só sei que fará com certeza alguma coisa terrível.

— Culum é um garoto de fibra, resistindo daquele jeito. Brock riu.

— Eu só queria que você tivesse visto a cara de Dirk. Aquele filho da mãe balançou. Balançou de verdade.

— O garoto foi muito esperto, dando a terra para a igreja. Ele salvou seu pai do perigo. E a você também.

— Ridículo, mulher. Não a mim, por Deus. Dirk queria aquele outeiro, desesperadamente. Ele faria um lance atrás do outro, e eu só iria parar quando ele estivesse estrangulado pelo preço. Se não fosse aquele fedelho, Dirk estaria de joelhos agora. Arrebentado.

— Ou Struan poderia deixar você se estrangular. Da mesma maneira.

— Não. Ele queria aquele outeiro.

— Ele queria mais ver você destruído.

— Não. Você está enganada. Vá dormir.

— O que ele fará com Culum?

— Não sei. Ele é um homem vingativo. Os dois se odeiam, agora. Nunca vi Dirk tão furioso. Uma briga entre ele e o rapaz poderia funcionar otimamente para nós.

Por um momento, Liza se sentiu dominada pelo medo. Medo por seu homem. Medo pela violência entre ele e Struan. Uma inimizade que só terminaria com a morte de um deles. Ou de ambos. Meu Deus do céu, ela rezou, pela milionésima vez, fazei que haja paz entre eles. Depois, parou de sentir medo e disse a si própria o que sempre dissera: "Acontecerá o que tiver de acontecer." E isto a fez lembrar o *Hamlet,* de Willian Shakespeare, que era sua paixão.

— Por que não construir um teatro, Tyler? Em Hong Kong. Agora vamos ficar aí, não é?

— Sim. — Brock se animou, seus pensamentos se afastaram de Struan. — É uma boa idéia, Liza, muito boa. Antes que aquele canalha pense nisso. Sim, vou falar com Skinner amanhã. Vou começar a levantar fundos. E mandarei buscar um grupo teatral. Vamos encenar uma peça no Natal. Pense qual será.

Liza ficou calada. Ela teria dito *Romeu e Julieta,* mas isto seria uma estupidez, pois sabia que seu marido adivinharia imediatamente por que dissera aquilo. Sim. Tess seria elo para unir os Brocks e Struans. Mas a união não acabaria em tragédia. Como acabou com os Montecchios e os Capuletos.

— Se Gorth tivesse feito aquilo com você, tomado o seu outeiro, o que você teria feito?

— Não sei, querida. Mas estou satisfeito de não ter sido Gorth. Vá dormir, agora.

Liza Brock deixou seus pensamentos vaguearem. Qual dos dois seria melhor? Melhor para nós, ou melhor para Tess? Culum Struan ou Dirk Struan?

***

O nevoeiro baixou sobre os navios calmamente ancorados. E, envolta nele, chegou uma sampana ensombrecida. Tocou a amarra dianteira da âncora do *White Witch* por um momento. Mãos seguraram rapidamente a amarra, um machado se ergueu e caiu e a sampana desapareceu tão depressa como surgira.

Os que se encontravam no convés, os marinheiros armados e Nagrek, oficial do turno, nada notaram de estranho. No meio do nevoeiro, sem costa à vista ou outros navios para servirem de ponto de referência, o vento fraco e o mar calmo não davam nenhuma idéia de movimento. O *White Witch* derivou em direção à praia.

O mestre fez o sino soar oito vezes e Nagrek ficou cheio de pânico, com o risco que ia correr. Maldito idiota, pensou ele. Você se põe em perigo mortal, marcando encontro com Tess. Não vá — fique no convés — ou siga para seu beliche e durma. Mas não vá onde ela está. Esqueça-a, e esqueça do dia de hoje, e esqueça a noite passada. Durante meses, Nagrek estivera consciente da presença dela, mas a noite passada, durante seu turno, ele espiara através da portinhola da cabina que ela partilhava com a irmã. Viraa de camisola de dormir, de joelhos diante do beliche como um anjo, fazendo suas orações. Os botões da camisola estavam abertos, os bicos dos seios dela duros ao encontro da seda branca. Depois de terminar suas orações, ela abriu os olhos e, por um instante, ele pensou que o vira. Mas ela afastara a vista da portinhola e arrepanhara a camisola num pufe, moldando-a contra o corpo. Depois, movimentara as mãos sobre si mesma. Numa carícia. Langorosamente. Seios, coxas, cintura. Em seguida, tirara a camisola e ficara diante do espelho. Seu corpo foi percorrido por um tremor e então ela tornou devagarinho a se vestir, suspirou e apagou a lanterna, metendo-se na cama.

E então hoje, observando-a correr pela praia, com a saia voando, a observar-lhe as pernas e desejar estar entre elas, decidira possuí-la. Esta tarde, a bordo, cheio de terror e desejo, ele lhe sussurrara o pedido e vira-a corar, e ouviu-a responder:

— Sim, Nagrek, esta noite, aos oito toques do sino. Seu substituto chegou ao convés.

— Pode descer, Nagrek — disse Gorth, caminhando até à popa.

Ele se aliviou nos embornais e, depois, bocejou e tomou seu lugar no tombadilho, ao lado da bitácula, sacudindo-se quase como um cão.

— O vento mudou para leste.

— Eu senti. — Gorth, irritado, serviu-se de uma dose dupla de rum. — Maldito nevoeiro!

Nagrek foi para sua cabina. Tirou os sapatos e se sentou no beliche, molhado de suor. Sufocado por sua estupidez, mas incapaz de controlá-la, deslizou para fora da cabina e, sem fazer ruído, caminhou nas pontas dos pés pelo corredor. Parou diante da cabina. Sua mão estava úmida, enquanto experimentava a maçaneta. Respirando com dificuldade, entrou na cabina e fechou a porta.

— Tess? — Sussurrou, quase rezando para que ela não o escutasse.

— Psiu — ela respondeu — senão você vai acordar Lillibet. O terror dele aumentou — sua mente gritava: “Vá embora!”

— Mas seus anseios o forçavam a ficar.

— Isto é terrivelmente perigoso — disse ele. Sentiu a mão dela sair da escuridão,

pegar a dele e guiá-lo para o beliche.

— Você queria falar comigo? O que você queria? — disse ela, inflamada pela escuridão e pelo mistério, e pela presença de Nagrek, aterrorizada com aquilo, mas adorando.

— Agora não é a hora, amor.

— Mas você queria falar em segredo. Como poderia ser em segredo, senão assim?

— Ela se sentou no beliche, puxou a roupa com mais força em redor do corpo e colocou a mão na dele, com as pernas moles.

Ele se sentou no beliche, sufocado de desejo. Sua mão avançou e ele tocou no cabelo dela, e depois em seu pescoço.

— Não faça isso — ela murmurou, e estremeceu quando ele lhe acariciou os seios.

— Quero casar com você, amor.

— Ah, sim, ah, sim.

Os lábios dos dois se tocaram. A mão de Nagrek percorreu o corpo dela, todos os seus contornos. E, com o seu toque, veio um frenesi de terror. Aproximando-se cada vez mais do centro.

***

Gorth parou de olhar em direção ao nevoeiro, enquanto o mestre fazia soar o sino uma vez, e caminhou pela bitácula. Olhou para ela, com a lanterna tremeluzindo, e não conseguiu acreditar no que viu. Sacudiu a cabeça, para pensar melhor, e olhou outra vez.

— É impossível!

— O que está errado, *senhorrr?* — perguntou o mestre, espantado.

— O vento, por Deus. Está a oeste! Oeste!

O mestre correu para a bitácula, mas Gorth já corria pelo convés, fazendo os marinheiros se dispersarem. Ele se inclinou sobre a proa e viu a amarra cortada.

— Cuidado! Estamos à deriva! — gritou, num pânico repentino, e houve um pandemônio no convés.

— Soltem a âncora da popa! Depressa, malditos! Enquanto os marinheiros corriam para a amarra da popa, a quilha raspou nas pedras do fundo e o navio estremeceu e gritou.

O grito atravessou o madeirame e entrou na fornalha da cabina, e Nagrek e a menina ficaram paralisados por um instante. Depois, ele deixou o calor aderente que emanava dela e saiu para o corredor, correndo em seguida para o convés. Brock abriu violentamente a porta de sua cabina, chegou a ver Nagrek a correr pelo passadiço, e mais ou menos notou que a porta da cabina das meninas estava

aberta, mas esqueceu tudo, em sua cega corrida para cima. Liza saiu correndo da cabina principal, atravessou o corredor e passou pela porta aberta.

Quando Brock chegou ao tombadilho, a âncora já fora solta, porém tarde demais. O *White Witch* deu um grito final, adernou ligeiramente a bombordo e encalhou, pesadamente. Naquele momento, sampanas saíram em bandos do nevoeiro e caíram sobre

o navio com ganchos, enquanto piratas começaram a subir pela embarcação.

Os piratas estavam armados com mosquetes, facas e espadas, e o primeiro a chegar ao convés foi Scragger. Logo, os homens do *White Witch* lutavam para defender suas vidas.

Gorth esquivou-se a um chinês que arremeteu contra ele e, agarrando o homem pela garganta, partiu-lhe o pescoço. Nagrek pegou um chicote de ferro e brandiu-o contra a horda invasora, notando a presença de Scragger e outros europeus entre os chineses. Ele aleijou um homem e correu em direção a Brock, que cobria o passadiço, para ninguém chegar aos alojamentos lá embaixo. E nem às barras de prata no porão.

Scragger abateu um homem a faca e recuou, observando seus comandados atacarem.

— Para baixo, por Deus! — gritou, e liderou a corrida contra Brock. Outros investiram e mataram o primeiro dos vigias que vinha da parte inferior do convés.

Brock fez explodir a cara de um europeu, jogou a pistola inútil na virilha de outro e deu um violento golpe com sua espada. Investiu contra Scragger, que se esquivou e puxou

o gatilho de sua arma apontada, mas Nagrek bateu contra ele naquele exato

segundo e a bala assobiou inofensiva no nevoeiro. Scragger virou-se, rosnando, e furou Nagrek com sua espada, ferindo-o ligeiramente e depois meteu-se na massa, atirando-se contra Brock outra vez. Sua espada atravessou um marinheiro; depois Brock agarrou-o pelo pescoço e os dois caíram, batendo-se com punhos e joelhos. Brock arquejou, quando a espada de Scragger alcançou-o, no rosto. Conseguiu levantar-se, atirou Scragger para um lado e investiu, de espada em riste, contra ele. Scragger rolou na hora certa e a espada se quebrou, ao bater no convés. Brock enterrou a espada partida num chinês que pulou em sua garganta, e Scragger fugiu correndo para trás de um grupo dos seus homens.

Gorth lutava no convés principal, dando golpes de espada, apontando a arma, quando uma faca entrou-lhe no flanco e ele arquejou e caiu. Brock viu o filho cair, mas permaneceu no passadiço, brigando e matando.

Embaixo, Liza Brock levou Tess e Lillibet para a cabina principal.

— Agora, não se aflijam, meninas — disse ela, fechando a porta pelo lado de fora.

Plantou-se no corredor, com uma pistola em cada mão e duas outras de prontidão, no bolso. Se o inimigo descesse o passadiço antes de terminar a luta, isto significaria que seu homem estava morto ou inconsciente. Mas quatro piratas morreriam, antes de passarem por ela.

Conduzidos por Scragger, os piratas atacaram a tripulação de Brock e foram mais uma vez repelidos. Um número maior de marinheiros lutava e conseguia sair do castelo de proa. Três se uniram a Brock, perto do passadiço, e eles investiram contra os piratas, fazendo-os recuar.

Uma malagueta bateu nas costas de Scragger e ele sentiu que a luta estava perdida. Imediatamente, gritou algo em chinês e seus homens abandonaram o combate, marinharam como ratos pelo costado, entraram nas sampanas e fugiram. Scragger pulou da proa e desapareceu na água. Brock agarrou o mosquete de um de seus homens e correu para o costado. Quando a cabeça de

Scragger apareceu na superfície, por um instante, ele disparou, mas errou o alvo e a cabeça desapareceu. Brock praguejou e, depois, atirou fora

o mosquete descarregado, na escuridão.

Seus homens começaram a disparar nas sampanas, que se dissolveram rapidamente no nevoeiro. Quando não havia mais piratas em fuga para matar, Brock ordenou que os inimigos mortos e feridos fossem atirados por sobre a amurada, e voltou sua atenção para Gorth.

O sangue gotejava da ferida que Gorth cobria com o punho fechado. Brock afastou a mão do filho. A faca fizera um corte fundo debaixo do braço, em direção às costas.

— Você tossiu sangue, rapaz?

— Não, papai.

— Ótimo. — Brock limpou o suor do rosto e ficou em pé.

— Peguem piche. E grogue. Depressa, por Deus! E, quem estiver ferido, venha à popa. Os outros vão para os botes e nos desencalhem. A maré está cheia. Depressa! Nagrek tentou afastar a agonia de sua mente, enquanto fazia baixar os barcos. O sangue escorria do ferimento em seu ombro.

Brock deu a Gorth um canecão de rum e, logo que o piche começou a ferver no braseiro, ele mergulhou nele uma malagueta, e passou o piche na ferida. O rosto de Gorth se contorceu, mas ele não deu um só gemido. Depois, Brock medicou os demais com rum e piche.

— Eu *senhorrr,* o *senhorrr* se esqueceu de mim — gemeu um dos marinheiros. Ele segurava o peito. Havia sangue escumando-lhe nos lábios e o ar era sugado

pela ferida em seu peito, e assobiava.

— Você está morto. É melhor fazer as pazes com o Criador. — disse Brock.

— *Não!* Não, por Deus! Me dê o piche, *senhorrr.* Vamos por Deus! — E começou a gritar. Brock deu-lhe um soco e ele ficou imóvel onde caíra, com o ar assobiando e gorgolejando.

Brock ajudou Gorth a se levantar. Uma vez de pé, Gorth se agüentou nos próprios pés.

— Eu ficarei bom, por Deus!

Brock deixou-o e examinou a popa. Os barcos remavam fortemente. A água estava parada.

— Mais força! — gritou ele. — Prepare uma âncora dianteira, Nagrek!

Eles arrastaram o navio, resgatando-o, enquanto o prumador gritava ordens e, quando Brock teve certeza de que estavam em “segurança, mandou soltar a âncora. A embarcação balançou, com a maré que enchia e se endireitou.

— Mestre de velas!

— Sim, sim, *senhorrr* — disse o velho.

— Costure mortalhas para eles — disse, apontando os sete corpos. — Use as velas grandes gastas. Uma corrente nos pés e dos lados, ao amanhecer. Eu presidirei o culto, como sempre.

— Sim, sim *senhorrr.*Brock voltou as atenções para Gorth.

— Por quanto tempo, depois de você vir dar seu plantão, ficamos encalhados?

— Apenas por uns poucos minutos. Não. Foi quando o sino deu um toque. Eu me lembro muito bem. Brock pensou, por um momento.

— Não poderíamos estar à deriva, do ancoradouro até a costa, no período de um toque de sino. De maneira nenhuma. Então, cortaram a amarra e ficamos à deriva no turno anterior. — Brock olhou para Nagrek e ele titubeou. — Seu turno. Vinte chicotadas ao amanhecer, para os que estavam no convés.

— Sim, senhor — disse Nagrek, aterrorizado.

— Quanto a você, eu teria sido morto pela pistola daquele maldito pirata, então vou pensar no seu caso, Nagrek. Então ele desceu.

— Está tudo bem, amor — disse ele.

Liza estava dura como uma pedra, em frente da cabina das filhas.

— Obrigada, Tyler — disse ela, e guardou as pistolas. — Foi muito ruim?

— Mais ou menos. É a prata. Alvo de piratas, no porto! No porto! Havia ingleses entre os piratas. Matei um, mas o líder, maldito seja, escapou. As meninas estão bem?

— Sim, Estão lá dentro. — Dormem agora. — Liza hesitou. — Acho melhor falar com você.

— Estamos falando, não?

Caminhou pelo corredor, gravemente, até a cabina principal. Ele a seguiu e ela fechou a porta.

***

Quando o sino deu três toques, Brock foi para o convés, outra vez. O nevoeiro diminuíra, mas o vento amainara. Ele o farejou e percebeu que logo refrescaria de novo e, pela manhã, o nevoeiro desapareceria.

— Gorth, vamos para baixo, dar uma olhada na carga.

— Nenhum daqueles filhos da mãe foi até lá embaixo, papai!

— Vamos olhar, de qualquer jeito. Você vem também, Nagrek!

Brock pegou uma lanterna e eles foram para o porão.

— Veja! A porta ainda está trancada — disse Gorth, com a ferida atormentando-o.

Brock destrancou a porta e eles entraram. Ele colocou a lanterna sobre as barras de prata e tornou a trancar a porta.

— Está fora de si, papai? — perguntou Gorth. Brock olhava para Nagrek.

— O que está errado, Sr. Brock? — Nagrek estava petrificado.

— Parece que Nagrek andou metendo as mãos em sua irmã, Gorth. Em Tess.

— Eu não... eu não, por Deus — Nagrek exclamou. — Eu não, de jeito nenhum! Brock pegou o chicote que estava pendurado na parede do porão.

— Parece que ele foi até a cabina dela, enquanto ela dormia, e então a acordou, e ficou brincando com ela.

— Eu não a toquei, eu não fiz mal a ela, não fiz, por Deus — gritou Nagrek. — Ela me convidou para ir à sua cabina. Ela me convidou. Esta tarde ela me convidou. Ela convidou, por Deus!

— Então você foi à sua cabina!

Gorth se atirou sobre Nagrek e praguejou de dor quando se partiu o piche de sua ferida. Nagrek fugiu para a porta, mas Brock o empurrou para trás.

— Você é um homem morto, Nagrek!

— Não fiz mal a ela, juro por Deus, juro por Deus...

— Você pôs essas mãos fedorentas embaixo da camisola dela!

O açoite atingiu Nagrek repetidamente, enquanto Brock o levava cada vez mais para o fundo do porão.

— Você fez isso, não fez?

— Juro por Deus que não a toquei, Sr. Brock. Por favor. Não foi feito nenhum mal... desculpe... só toquei nela... não aconteceu nada mais... nada mais. Brock parou, com a respiração espasmódica.

— Então era verdade. Você ouviu, Gorth? — Ambos os homens pularam em cima de Nagrek, mas Brock foi mais rápido e um soco seu deixou Nagrek inconsciente. Ele afastou Gorth com um empurrão. — Espere!

— Mas, papai, esse miserável...

— Espere! Sua mãe contou que a pobre garota ficou com medo de dizer alguma coisa, no começo. Tess achava que, como ele a tocara, ela agora ia ter filho. Mas Liza disse que Tess ainda é virgem. Ele só a tocou, graças a Deus!

Quando Brock recuperou o fôlego, despiu Nagrek e esperou até ele estar consciente. Então o castrou. E depois espancou-o até morrer.

CAPÍTULO QUATORZE

— Você queria me ver, papai? — O rosto de Culum estava rígido.

Struan se achava em pé no alto do outeiro, com os binóculos em torno do pescoço, faca à cinta, um chicote de ferro amontoado no chão. Ele observara Culum desembarcar e caminhar pelo vale, subindo em seguida o outeiro. O vento limpara o céu, e o sol no horizonte prometia um belo dia.

Struan fez um gesto, apontando para baixo.

— A vista daqui é bonita, hein?Culum não disse nada. Seus joelhos tremiam, sob a chama do olhar do pai.

— Não concorda?

— A igreja... todos poderão...

— Já sei tudo a respeito da igreja — interrompeu Struan. — Você ouviu falar de Brock? — A voz era demasiado mansa, calma demais.

— O que aconteceu com ele?

— Foi atacado por piratas, durante a noite. Os piratas cortaram o cabo de seu navio, que ficou à deriva e foi arrastado para a praia. Depois entraram a bordo. Não ouviu os tiros?

— Sim. — Culum estava oprimido e cansado. Noites sem dormir, depois a descoberta de que só ele poderia salvá-los, e a decisão, em seguida, de enganar Longstaff.

— Mas não sabia que era isso.

— Sim. Atacados por piratas, no porto de Hong Kong. Logo que o nevoeiro se desfez, eu me aproximei. Brock disse que perdeu sete homens e o capitão.

— Gorth?

— Não. Nagrek. Nagrek Thumb. O pobre homem morreu em conseqüência de seus ferimentos. Gorth ficou ferido, mas sem gravidade. — O rosto de Struan se endureceu. — O capitão morreu defendendo seu navio. Uma bela forma de morrer.

Culum mordeu os lábios e ficou examinando o outeiro, em torno, com o coração batendo.

— Quer dizer que este é meu Calvário?

— Não entendo o que quer dizer.

— Os capitães morrem defendendo seus navios? Este é meu navio... este outeiro... é isto que quer dizer? Está me perguntando se quero morrer defendendo isto?

— Quer?

— Não tenho medo de você. — As palavras saíram roucas da garganta ressecada de Culum. — Há leis contra o assassinato. Posso lutar contra você, e você pode me matar, mas será enforcado por isso. Estou desarmado.

— Acha que eu mataria você?

— Se eu me atravessar em seu caminho, sim, e me atravessei em seu caminho, não foi?

— Ah, se atravessou?

— Você era um Deus para mim. Mas, nos trinta dias que passei aqui, conheço você como é. Matador. Assassino. Pirata. Contrabandista de ópio. Adúltero. Você compra e vende pessoas. Você é o pai de bastardos e se orgulha deles, e seu nome fede nas narinas das pessoas decentes.

— Que pessoas decentes?

— Você queria me ver. Estou aqui. Diga-me o que quer e vamos acabar com isso. Estou cansado de brincar de rato para seu gato. Struan pegou seu bornal e o colocou num ombro.

— Vamos.

— Por quê?

— Quero falar com você em particular.

— Estamos sozinhos, agora. Struan fez sinal com a cabeça em direção aos navios ancorados.

— Ali existem olhos. Posso sentir que nos observam. — Apontou para a praia, pontilhada de chineses e europeus. Os comerciantes caminhavam pelos seus lotes. Crianças já brincavam. — Estamos sendo observados de toda parte. — Indicou um cume de morro, a oeste, — É para lá que vamos.

O morro era quase uma montanha, tinha treze mil pés de altura, rochoso, árido e sombrio.

— Não.

— Será que é longe demais para você? — Struan viu o ódio no rosto de Culum e ficou esperando uma resposta. Mas só houve um silêncio. — Pensei que não estivesse com medo.

Ele deu a volta e desceu o outeiro, começando em seguida a subir a encosta da montanha. Culum hesitou, devorado pelo medo. Depois, começou a ir atrás dele, dominado pela vontade de Struan.

Enquanto Struan subia, sabia que estava fazendo outro jogo perigoso. Não parou para olhar para trás, senão quando já alcançara a crista da montanha. O local era varrido pelo vento e desolado. Olhou para trás e viu Culum se esforçando para subir, ainda bem afastado.

Virou as costas para o filho.

O panorama era vasto. Maravilhosamente belo. O sol alto, no céu azul, e o Oceano Pacífico como um tapete azul-esverdeado. As montanhas das ilhas, de um marromoliváceo, salientavam-se no tapete marinho, Pokliu Chau a sudoeste; Lan Tao, a grande ilha, maior do que Hong Kong, a quinze milhas de distância, em direção oeste; e as centenas de pequenas ilhas áridas e rochedos descampados que cercavam o arquipélago de Hong Kong. Os navios, no porto, apareciam nitidamente em seu binóculo e, ao norte estava a China continental. Via frotas de juncos e sampanas que percorriam o canal Lan Tai, aproximando-se de Hong Kong pelo oeste. Outros viajavam de volta, entrando no estuário do Rio Pérola. A norte, sul e leste havia tráfego marinho: fragatas em patrulha, juncos de pesca, sampanas, mas nenhum navio mercante. Bom, ele pensou, mais algumas semanas, a segunda guerra terminará e então os navios mercantes vão dominar o mar.

Culum lutava para subir pela trilha aberta por Struan. Estava quase exausto e só sua vontade obstinada mantinha-lhe os pés em movimento. Suas roupas estavam rasgadas e tinha o rosto arranhado pelas ervas espinhentas. Mas ainda subia.

Afinal, chegou à crista, com o peito arquejante, o vento a empurrá-lo.

Struan estava sentado no chão, alguns pés abaixo, ao abrigo do vento. Uma toalha estava estirada no chão e havia comida e uma garrafa de vinho.— Aqui, rapaz — disse Struan, e ofereceu meio copo de vinho.

Ainda ofegando, Culum pegou o vinho e tentou beber, mas a maior parte lhe escorreu pelo queixo. Ele o enxugou e arquejou, procurando mais ar.

— Sente-se — disse Struan. Para pasmo de Culum, Struan sorria benevolentemente.

— Vamos, rapaz, sente-se. Por favor, sente-se.

— Eu... eu... não entendo.

— A vista é mais bonita daqui, não?

— Num momento, você parece o próprio Demônio — disse Culum, com os pulmões ardendo do exercício — e agora... agora... agora... não entendo...

— Trouxe frango e pão — disse Struan. — E outra garrafa de vinho. Não gosta? Culum se deixou cair, exausto.

— Frango?

— Bom, você não almoçou, não é? Deve estar morto de fome.

— A respeito do outeiro, eu...

— Recupere o fôlego, descanse, depois coma. Por favor. Com certeza está sem dormir há duas noites. Não é bom conversar com o estômago vazio. Coma devagar, senão vai ficar enjoado. Foi uma subida cansativa, até aqui. Eu próprio estou cansado.

Culum se recostou numa pedra e fechou os olhos, recuperando as forças, enquanto o corpo bradava por descanso. Forçou os olhos a se manterem abertos, pensando que aquilo fosse um sonho. Mas ali estava seu pai, examinando o mar, ao sul, através do binóculo.

— Com relação ao outeiro, eu estava...

— Coma — interrompeu Struan, e lhe ofereceu um pouco de frango.

Culum pegou uma perna da galinha.

— Não posso comer. Só quando tiver dito o que tenho para dizer. Eu tinha de fazer aquilo. *Era preciso.* Você jamais teria concordado, e era a única maneira. Brock teria destruído você. Ele ia parar de fazer os lances. Eu sei que sim. Se ele não o odiasse tanto, e você a ele, então você teria o outeiro. *Você* forçou a questão. Foi você. A culpa é sua. O outeiro é da Igreja e isto está certo. Você forçou esta situação.

— Sim — disse Struan. — Claro. Estou muito orgulhoso de você. Foi preciso muita coragem. Robb jamais teria feito isso, ou, mesmo que tivesse pensado em fazer, jamais seria capaz de levar a idéia avante.

Culum ficou perplexo.— Você... você queria que eu fizesse aquilo?

— Claro, rapazinho. Era a única solução para uma situação impossível.

— Você planejou que eu fizesse aquilo?

— Apostei que você faria, sim. Insinuei que você deveria fazer. Quando você ficou tão nervoso, à procura de Longstaff... e quando me evitou, no Vale Feliz... pensei que tinha combinado tudo. Então, fiquei desconcertado com sua reação a Gordon. Mas Longstaff, mais tarde, disse: “Seu *outro* gesto, maravilhoso!”, e então eu soube que você encontrara a única solução possível. Estou muito orgulhoso de você, rapaz. Brock certamente nos teria liquidado. Eu não podia fazer nada para impedir. O outeiro era uma questão de prestígio.

— Você... você me atirou... me atirou durante dois dias e duas noites num inferno... sabendo que meu gesto era uma simples solução?

— Será que foi tão simples assim?

— Para você, foi! — gritou Culum. — Ele ficou em pé, de um salto.

— Sim — disse Struan, com a voz repentinamente áspera. — Para mim. Mas não para você. Mas você tomou a decisão e, com isso, cresceu. Agora, você é um homem. Se eu tivesse sugerido a você a “Casa de Deus”, você não teria sido capaz de executar o plano. Nunca. Teria desistido. Você precisava acreditar no que estava fazendo. Se Brock tivesse pensado, por um só instante, que eu planejara tudo com você, ele faria de nós alvo de riso de toda a Ásia. Estaríamos desmoralizados para sempre.

— Você me sacrifica por uma questão de prestígio? — gritou Culum. — Seu maldito prestígio?

— O nosso, Culum — disse Struan. — E é bom ouvir você praguejar, afinal. Isto melhora você, rapaz!

— Então toda sua raiva, sua raiva... era fingida?

— Claro, rapaz — disse Struan. — Era para enganar Brock. E os outros.

— Até Robb?

— Robb mais do que qualquer outra pessoa. Coma um pouco.

— A comida que vá para o inferno! Você é o Demônio! Você nos carrega a todos para o inferno, com você. Mas, por Deus, juro que... Struan levantou-se, com um pulo, e agarrou Culum pelos ombros.

— Antes de você dizer alguma coisa de que possa se arrepender, é bom escutar. Eu apostei que você teria a coragem de decidir, e você assim fez. Sozinho. Sem minha ajuda. E eu abençoei você. Agora, você é Culum Struan, o homem que teve a coragem de contrariar o Tai-Pan. O homem que lhe tomou seu querido outeiro. Você é único. Você ganhou mais prestígio num só dia do que poderia adquirir em vinte anos. Como, pelo amor de Deus, você acha que é possível controlar homens e conduzi-los para onde se quer? Com a força bruta, apenas!

Não. Com o cérebro. E com magia. — Soltou Culum.

— Magia? — Culum estava sufocado. — Mas isto é magia negra!

Rindo baixinho, Struan se sentou e se serviu de um copo de vinho.

— Os inteligentes terão visto como você é esperto. “Aquele Culum é astuto. Ele dá o outeiro à Igreja. E assim impede aquele demônio do Struan de destruir a Casa Nobre, empregando sua fortuna num outeiro sem valor. Culum salvou o prestígio do Tai-Pan e, ao mesmo tempo, aquele demônio não pode matar Culum Struan por dar terras à Igreja.”

— Struan bebeu o vinho. — Até Brock deve estar impressionado, pense ou não que se trata de um pacto secreto, porque você foi capaz de fazer aquilo tudo. Os religiosos o abençoarão por dar “o melhor” à Igreja. Os idiotas como Longstaff terão medo de você e irão pedir seus conselhos. Os cínicos terão o maior respeito por sua esperta solução e vão detestá-lo, e dirão: “Culum tem nele o demônio do pai. É melhor ter cuidado.” Eu acho que você ganhou estatura, rapaz.

— Mas... mas se eu... e então você, você perdeu prestígio?

— Sim. Mas eu tenho prestígio mais do que suficiente, de sobra. Para dar também a você e a Robb. E não tenho muito tempo para firmar você em seu lugar. Cuidado, rapazinho. Todos estarão pensando: “Culum resolveu tudo uma vez, mas será capaz de fazer aquilo de novo?” E vão esperar que nós nos odiemos tanto, a ponto de nos destruirmos. E é exatamente o que vamos fingir que estamos fazendo. Abertamente. Em público.

— O quê?

— Claro. Fria hostilidade, sempre que nos encontrarmos. E, não vai demorar muito tempo, Brock tentará atraí-lo para seu lado. Cooper também... e Tillman. Eles encherão você de mentiras... ou verdades distorcidas, na esperança de você ficar tão cheio de ódio que arruíne a mim e a você próprio, na barganha. E à Casa Nobre. Pois todos os negociantes querem aquele prêmio. Mas, agora, jamais conseguirão. Você provou seu valor, por Deus.

— Você não tem nada a ver com isso — disse Culum, tranqüilamente.

— Você terá tudo a ver com isso. Durante cinco meses e cinco anos. Você fez um juramento sagrado.

— Vai me obrigar a cumpri-lo? Agora?

— Você o cumprirá por vontade própria. Seu salário foi triplicado.

— Acha que o dinheiro é importante, numa situação dessas?

— É um pequeno pagamento por dois dias no inferno.

— Não quero dinheiro nenhum. E não vou fazer isso. Não posso.

Struan escolheu uma perna de galinha, pensativamente.

— Estudei você com muito cuidado. Fiquei tentado a não lhe dizer nada. Deixar você desempenhar um papel sem saber. Mas, depois, pesei você. Decidi que você podia fazer isso sabendo. Será mais agradável para nós ambos agora que você sabe.

— Deixaria eu viver minha vida e acabar minha vida odiando você? Só para levar adiante a Casa Nobre?

— Você sabe a resposta para essa pergunta.

— Você é perverso.

— Concordo. De algumas maneiras — disse ele, mastigando o frango, com gosto.

— Sou todas as coisas que você diz, e ainda mais. Deixo de obedecer a muitos dos Mandamentos, mas não a todos. Sei o que eu faço e estou pronto para responder pelas minhas ações. Mas sou o único homem no mundo em quem você pode confiar completamente... desde que não vá contra a casa, deliberadamente. Sou *o* Tai-Pan. Com sofrimento e maldade, você será *a mesma coisa.*

— Não compensa a hipocrisia. E o mal.

— Ah, rapaz, você faz bem ao meu coração — disse Struan, atirando fora o osso de frango. — Você é tão jovem. Invejo você, os anos que tem diante de si. Não vale a pena? Ser o melhor? Dominar Brock e os outros pela força de sua presença? Longstaff e, através dele, a Corôa? O Imperador da China? E, através dele, trezentos milhões de chineses? — Struan bebeu um pouco de vinho. — Vale a pena. Muito ódio e um pouco de teatro são um preço pequeno a pagar.

Culum se recostou em seu berço de pedra, com a mente enfurecida diante das palavras e perguntas implacáveis e das respostas inexoráveis. É esta a vontade de Deus?

— perguntou a si mesmo. Os mais fortes sobreviveram à custa dos mais fracos? Pois Deus fez todas as coisas e sua maneira de ser. Mas Jesus disse: “Os mansos herdarão a terra.” Será que Ele queria dizer a terra... ou o Reino de Deus?

Mansidão não teria obtido as barras de prata, nem as protegeria. Mansidão não teria salvo a Casa Nobre, quando surgiu a questão do outeiro. Mansidão jamais levaria ao progresso, jamais se imporia aos cruéis e aos cobiçosos. Se eu for Tai-Pan, a Carta será promovida. A riqueza com um objetivo — um objetivo imortal, *ele disse.* Muito bem. O ódio de Culum Struan por seu pai desapareceu. E, com o ódio, seu amor. Tudo que ficou foi respeito.

— Por que você subiu até aqui? — perguntou Culum. Struan sabia que perdera o filho. Ficou triste como pai, mas não como homem. Trouxera seu inimigo para o combate nos termos dele, e na ocasião que escolhera. Então, cumprira seu dever de pai.

— Para cansar você, de modo que eu pudesse falar e fazê-lo entender — disse. — E para mostrar a você que, embora a vista do outeiro seja boa, a daqui é ótima.

Culum viu a vista, pela primeira vez.

— Sim, é mesmo. — Depois, inclinou-se para a frente, escolheu um pedaço de frango e começou a comer. Struan não deixou que a dor aparecesse em seu rosto. O sorriso do rapaz voltará, disse a si próprio. Dê tempo ao rapaz. É duro crescer tão depressa. Dê tempo ao rapaz.

Ele se sentiu muito cansado. Recostou-se numa pedra e virou seu binóculo para o sul, procurando o *China Cloud.* Mas não estava à vista. Ociosamente, esquadrinhou o horizonte. Então seus olhos se fixaram.

— Veja, rapaz, ali está o *Blue Cloud!*

Culum pegou o binóculo e viu o clíper. Era idêntico ao *Thunder Cloud,* com 18 canhões e igualmente veloz e belo. Belo até mesmo para Culum, que odiava navios e o mar.

— Deve ter a bordo ópio no valor de cem mil guinéus — disse Struan. — Agora, o que deverá fazer? Temos três navios aqui e mais dezesseis deverão chegar até o fim do mês.

— Mandá-los para o norte? A fim de vender suas cargas?

— Sim. — Uma sombra passou pelo rosto de Struan. — Isto me fez lembrar uma coisa. Você se recorda de Isaac Perry?

— Sim. Parece que há um século.

— Eu o despedi, lembra-se? Porque ele não deu apoio a McKay e tinha medo de mim, e eu não sabia o motivo. Dei a McKay quinze dias para descobrir a resposta desse enigma, mas ele nunca voltou para Cantão. A noite passada, eu vi McKay. Ele tem um emprego em terra, agora, juiz auxiliar e policial. — Acendeu um charuto, pondo a mão em concha para se proteger do vento, passou-o para Culum e acendeu outro. — Bom, parece que Perry tem agora uma colocação com Cooper-Tillman. Na linha entre a Virgínia e a África. Transportando escravos.

— Eu não acredito nisso.

— Wilf Tillman me disse. A noite passada. Ele deu de ombros e disse que Perry não queria mais fazer a linha para a China. Então, ofereceu-lhe um navio negreiro, e ele aceitou. Partiu há uma semana. Pouco antes de Perry partir, McKay o enganou. Eles beberam juntos. McKay disse que fora demitido por mim, como o outro, e me amaldiçoou, pedindo-lhe, em seguida, um emprego no novo navio de Perry e jurando vingar-se de mim. A bebida deixa qualquer língua solta e a de Perry se soltou. Contou a McKay que vendera uma cópia dos nossos locais secretos de comércio na costa, com as latitudes e longitudes, e os nomes de nossos negociantes de ópio, a Morgan Brock. Da última vez em que esteve em Londres.

— Então Brock sabe de todos os nossos locais secretos?

— Aqueles que Perry usava. Dez anos de comércio. Isto representa quase todos.

— O que podemos fazer?

— Encontrar novos locais e novos homens em que se possa confiar. Então, como vê, rapaz, não se pode confiar muito em ninguém.

— Isso é terrível.

— É a lei de sobrevivência. Descanse por uma hora, e depois vamos partir.

— Para onde?

— Para Aberdeen. Vamos dar uma olhada tranqüila. Antes da escolha dos homens de Wu Kwok. — Ele abriu o bornal e entregou uma pistola. — Sabe usar armas desse tipo?

— Não muito bem.

— Talvez seja bom você praticar.

— Está bem. — Culum examinou a arma. Usara pistolas de duelo uma vez, numa tola briga na universidade, e tanto ele como o adversário ficaram tão aterrorizados que as balas erraram o alvo a uma grande distância.

— Podemos ir agora — disse Culum. — Não estou mais cansado. Struan abanou a cabeça.

— Quero esperar até o *China Cloud* aparecer no horizonte.

— Onde esteve o navio?

— Em Macau.

— Por quê?

— Mandei-o para lá. — Struan limpou as migalhas do casaco. — Uma recompensa acaba de ser colocada pela cabeça de minha amante. E do filho e da filha que tive com ela, se forem capturados vivos. Mandei Mauss no *China Cloud* trazê-los ambos para cá. Estarão a salvo a bordo.

— Mas Gordon Chen já está aqui. Eu o vi ontem.

— Essa moça não é a mãe dele.

Culum achou curioso que agora não ficasse magoado por saber que seu pai tinha duas — não, três — famílias. Três, contando a ele próprio e Winifred.

— Seqüestro é uma coisa terrível. Terrível — disse.

— Há uma recompensa por sua cabeça, agora. Dez mil dólares.

— Será que eu valho tanto? Não sei, não.

— Se um chinês oferece dez, você pode apostar que vale cem. — Struan outra vez focalizou o binóculo no *Blue Cloud*. — Acho que cem mil seria uma soma mais exata. Para você.

Culum cobriu os olhos do sol e compreendeu o cumprimento de seu pai. Mas não deu nenhuma mostra disso. Estava pensando a respeito da outra amante e ficou imaginando como ela era, e se a mãe de Gordon Chen era parecida. Sua mente trabalhava friamente, sem emoção, sem rancor, mas com desprezo pela fraqueza e pela promiscuidade do seu pai. Culum achava estranho que sua mente estivesse tão calma.

— O que Brock vai fazer a respeito das barras de prata? Será alvo de ataques sem conta de piratas, enquanto estiver com elas.

— Terá de nos pedir para receber uma parte de volta. Em troca de papel. Faremos isto imediatamente. E com juros inferiores ao usual. Diga a Robb para acertar isto.

— Então seremos alvo de ataques de piratas.

— Talvez. — Struan espiava o *Blue Cloud* seguindo lentamente, contra o vento, na passagem entre Lan Tao e Hong Kong. — Logo que o *China Cloud* voltar, eu vou partir. Irei com a força expedicionária e não voltarei a Hong Kong senão na véspera do baile.

— Por quê?

— Para lhe dar tempo para se acostumar com nossa “inimizade”. Você precisará de prática. Você e Robb vão começar a construir. Os planos já estão prontos. Exceto com relação à Grande Casa. Vou decidir a respeito disso mais tarde. Comece a construir uma igreja no outeiro. Peça a Aristotle para fazer o projeto. Pague-lhe um décimo do que ele lhe pedir de início. Você e Robb deverão fazer tudo.

— Sim, Tai-Pan — disse Culum. Tai-Pan. Não papai. Ambos os homens sentiram o caráter decisivo da denominação. E aceitaram isto.

— Construa minha casa no lote suburbano dezessete. Robb tem o plano. Deverá estar pronto dentro de três semanas, com o jardim plantado e em torno dela um muro de dez pés.

— Isso é impossível.

— Custe o que custar. Coloque cem, duzentos homens no trabalho, se for necessário. Mobiliada, ajardinada, como manda o plano. E quero todos os prédios terminados dentro de três meses.

— Vai demorar pelo menos dez meses para construir. Um ano ou mais.

— Sim. Então usaremos mais homens. Mais dinheiro. E terminaremos antes.

— Por que a pressa?

— Por que não?

Culum olhou para o mar.

— E o baile?

— Acerte tudo. Com Robb e Chen Sheng, nosso *compradore.*

— E Robb? Ele não saberá que nossa inimizade é uma farsa?

— Eu vou deixar você decidir quanto a isso. Você pode dizer a ele na noite do baile. Se quiser. O *China Cloud* apareceu no horizonte.

— Podemos ir agora — disse Struan.

— Ótimo. Struan colocou o binóculo e o restante da comida dentro do bornal outra vez.

— Mande alguns homens aqui para cima, secretamente, a fim de manterem uma vigília permanente, durante o dia.

— Para quê?

— Os navios. Daqui teremos uma informação antecipada quatro ou cinco horas, quanto à sua chegada. Especialmente os que trazem a correspondência. Então, mandaremos um cúter veloz interceptá-los e conseguiremos nossa correspondência antes dos outros.

— Então?

— Passaremos na frente de todo mundo. Em quatro horas é possível fazer uma porção de compras e vendas. Saber com quatro horas de antecedência pode ser a diferença entre vida e morte.

O respeito de Culum aumentou. Muito inteligente, pensou. Estava olhando, ociosamente, em direção ao oeste, para a grande ilha de Lan Tai.

— Veja! — exclamou de repente, apontando para o sul da ilha. — Fumaça. Um navio está em chamas!

— Você tem olhos apurados, rapaz — disse Struan, virando o binóculo. — Pelo

sangue de Cristo, é um vapor!

O navio era negro, esguio e feio, com uma proa pontiaguda. Fumaça jorrava de seu atarracado cano de chaminé. Tinha dois mastros e cordame para velas, mas não usava velas agora, e fumegava malevolamente ao vento, com a bandeira vermelha drapejando na popa.

— Olhe para aquela merda de navio da Marinha Real! Culum ficou abalado com a veemência do pai.

— O que há?

— Aquela porcaria... é isso! Veja o vapor!

Culum olhou pelo binóculo. O navio lhe parecia inofensivo. Tinha visto antes alguns navios movidos a rodas, como aquele. Há dez anos, os navios irlandeses para o transporte de correspondência eram vapores. Via as duas gigantescas rodas propulsoras, no meio da embarcação, entre bombordo e estibordo, a fumaça que se elevava e a esteira espumejante. Havia canhões a bordo. Muitos.

Não consigo ver nada errado nele.

— Olhe para a esteira dele! E a direção em que segue! Para dentro do vento. Olhe para ele. Está alcançando nosso navio, como se o *Blue Cloud* fosse um briguezinho de merda, nas mãos de um bando de idiotas... em vez de ter uma das melhores tripulações do mundo!

— Mas o que há de errado nisso?

— Tudo. Agora, há um vapor no Oriente. Ele fez o impossível. Aquela merda enferrujada, com casco de ferro, movida a máquina e inventado por Stephenson, viajou da Inglaterra para cá, contra o desgosto do mar e o desprezo do vento. Se um fez isso, mil farão. Há progresso. E o começo de uma nova era! — Struan pegou a garrafa vazia de vinho e atirou-a contra uma pedra. — É aquilo que teremos de usar, dentro de vinte ou trinta anos. Aquele aborto monstruoso de navio, por Deus!

— É feio, quando se compara com um navio a vela. Com o *Blue Cloud.* Mas essa capacidade de navegar contra o vento, esquecer o vento, significa que será mais veloz, mas econômico e...

— Nunca! Não veloz, quando o vento está para a ré de través, e nem tão navegável. Quando há tempestade, não. Aqueles urinóis fedorentos vão virar e afundar como uma pedra. E nem tão econômicos. Precisam ter madeira para as caldeiras, ou carvão. E não serão bons para o comércio marítimo. O chá é sensível e vai se estragar, naquele fedor. Velas terão de transportar o chá, graças a Deus.

Culum achou engraçado, mas não demonstrou.

— Sim, mas com o tempo, certamente, vão melhorar. E se um deles pode navegar até cá, como você disse, mil outros poderão. Acho que devemos comprar vapores.

— *Você* deve, e está certo. Mas maldito seja eu, se comprar uma daquelas monstruosidades fedorentas. Maldito seja, se o Leão e o Dragão drapejarem sobre um deles, enquanto eu estiver vivo!

— Todos os homens do mar pensam como você? — Culum fez a pergunta despreocupadamente, mas por dentro fervia.

— É uma pergunta muito estúpida! O que tem em mente, Culum? — perguntou

Struan, mordazmente.

— Só estava pensando a respeito do progresso, Tai-Pan. — Culum tornou a olhar para o navio. — Qual será seu nome, hein?

Struan observava Culum com suspeita, sabendo que a mente do homem estava funcionando, mas sem perceber o que planejava. É estranho, disse a si mesmo. É a primeira vez em que você pensou em Culum como um homem, e não como seu filho e nem como “Culum”, “rapaz” ou “rapazinho”. — Graças a Deus, eu não viverei para ver a morte da vela. Mas aquela merda anuncia a morte do clíper na China. Os mais belos navios que já cruzaram os mares.

Seguiu em frente e desceu a montanha, em direção a Aberdeen. Mais tarde, o navio passou suficientemente perto para eles poderem ler seu nome. Era *Nemesis... H.M.S. Nemesis.*

LIVRO II

As duas fragatas descarregaram sucessivamente a artilharia no primeiro dos fortes transversais ao Bogue, braço de água de dez milhas que guardava o acesso a Cantão. O Bogue era pesadamente fortificado, com suas altas fortalezas, além de ser também perigosamente estreito na embocadura, e as fragatas pareciam estar em desvantagem suicida. Havia pouco espaço para manobrar e os canhões dos fortes podiam manter facilmente os atacantes a queima-roupa, sob a mira de suas armas, enquanto eles seguiam de um lado para outro, tateando pela correnteza. Mas os canhões eram fixos sobre suas bases, não podendo girar, e séculos de administrações corruptas tinham deixado decair as fortificações. Assim, as inúteis balas de canhão dos fortes passavam a bombordo ou a estibordo das fragatas, sem causar danos.

Cúteres saíram das fragatas e os fuzileiros navais atacaram em terra. Os fortes foram tomados rapidamente e sem perdas, pois os defensores, sabendo-se perdidos, sabiamente se retiraram. Os fuzileiros inutilizaram os canhões e alguns deles ficaram para ocupar os fortes. O restante voltou para bordo, outra vez, e as fragatas se deslocaram para o norte uma milha, ali fazendo sucessivas descargas de artilharia sobre os próximos fortes, que foram tomados com igual facilidade.

Mais tarde, uma frota de juncos e de navios de disparo foi enviada contra eles, mas a frota foi afundada.

As duas fragatas podiam dizimar tantos juncos com essa facilidade por causa de sua potência de fogo superior, e devido ao fato de seu cordame e velas lhes darem velocidade em direção a todos os pontos do compasso, sempre que o vento soprava. Os juncos não podiam virar como uma fragata, e nem seguir a barlavento. Os juncos eram projetados para águas chinesas e ventos da monção, as fragatas para a gritante miséria do Canal Inglês, o Mar do Norte ou o Atlântico, onde a borrasca era um lugar-comum, e a tempestade um estilo de

vida.

CAPÍTULO QUINZE

— É como atirar em patos sentados — disse o almirante, com desgosto.

— Sim — disse Struan. — Mas as perdas deles são leves e as nossas insignificantes.

— Uma vitória decisiva, o programa é esse — disse Longstaff.

— É isso que queremos. Horatio, lembre-me de pedir a Aristotle para registrar o ataque ao Bogue hoje.

— Sim, Excelência.

Estavam no tombadilho da nau capitania H.M.S. *Vengeance*, uma milha à ré das fragatas de tiro. Atrás, estava o corpo principal da força expedicionária. O *China Cloud* à frente — com May-may e as crianças secretamente a bordo.

— Estamos perdendo terreno, Almirante — disse Longstaff. — Não pode alcançar as fragatas?

O almirante conteve a raiva, esforçando-se para ser polido com Longstaff. Meses sob controle, meses de ordens e contra-ordens e uma guerra desprezível haviam-no deixado nauseado.

— Estamos com uma boa velocidade, senhor.

— Não é verdade. Andamos para a frente e para trás. Uma completa perda de tempo. Mande um sinal para o *Nemesis.* Ele pode nos rebocar.

— Rebocar minha nau capitania? — berrou o almirante, com o rosto e o pescoço vermelhos. — Aquela porcaria? Rebocar meu navio de linha com 74 canhões? Falou em rebocar?

— Sim, rebocar, meu querido amigo — disse Longstaff — porque assim chegaremos a Cantão bem mais depressa!

— Nunca, por Deus!

— Então, transferirei meu quartel-general para lá! Faça baixar um escaler. É ridículo todo esse ciúme. Um navio é um navio, a vela ou a vapor, e há uma guerra a ser ganha. Você pode vir para bordo quando quiser. Ficarei satisfeito se me acompanhar, Dirk. Vamos, Horatio.

Longstaff saiu pisando forte, exasperado com o almirante e suas atitudes insanas, com a disputa entre o Exército e a Marinha: disputa sobre quem estava no comando, quem tinha os pontos de vista mais respeitados, quem escolhia primeiro o espaço para querenagem ou para alojamento em Hong Kong, sé a guerra era marítima ou terrestre, e quem tinha a preferência, diante de quem. E ele estava ainda secretamente irritado com aquele demoniozinho esperto, Culum, que o enganara, fazendo-o vender o outeiro do Tai-Pan, na crença de que o Tai-Pan já aprovara a idéia — e assim colocara em risco a boa relação que construíra tão cuidadosamente com o perigoso Tai-Pan no curso de tantos anos, fazendo-o dobrar-se aos seus objetivos.

E Longstaff estava cansado de tentar estabelecer uma colônia, e cansado de receber pedidos e de ser injuriado, preso na armadilha da sórdida competição entre os negociantes. E estava furioso com os chineses, por ousarem repudiar o

maravilhoso tratado que ele, e só ele, magnanimamente lhes oferecera. Diabo, pensou, aqui estou eu, carregando o peso da Ásia inteira em minhas costas, tomando todas as decisões, impedindo que se matem uns aos outros, travando uma guerra pela glória da Inglaterra, salvando seu comércio, por Deus, e que agradecimentos recebo? Deveria ter sido nomeado cavaleiro há anos! Depois, sua ira diminuiu, pois sabia que logo a Ásia se estabilizaria e, da segura colônia de Hong Kong, o poder britânico se disseminaria. Segundo a livre vontade do governador. Os governadores são nomeados cavaleiros. Sir William Longstaff — isto soava muito bem. E, como os governadores coloniais são comandantes-chefes de todas as forças coloniais, oficialmente, e, de acordo com a lei, legisladores — e representantes diretos da rainha — então ele podia cuidar dos almirantes e generais parlapatões arbitrariamente, e sem pressa. Malditos sejam todos eles, pensou, e se sentiu mais feliz.

Então Longstaff foi para bordo do *Nemesis.*

Struan foi com ele. Navio a vapor ou não, chegaria a Cantão primeiro.

Dentro de cinco dias, a esquadra estava ancorada em Whampoa, deixando atrás o rio dominado e seguro. Uma delegação de mercadores da Co-hong, enviada pelo novo vice-rei, Ching-so, chegou imediatamente para negociar. Mas, por sugestão de Struan, a delegação foi mandada embora sem ser recebida e, no dia seguinte, a Colônia foi novamente ocupada.

Quando os negociantes desembarcaram e chegaram à Colônia, seus antigos criados estavam esperando nas portas da frente de suas feitorias. Era como se a Colônia jamais tivesse sido abandonada. Nada fora tocado, na ausência deles. Nada estava faltando.

A praça foi destinada para as tendas de um destacamento dos militares, e Longstaff instalou seu quartel-general na feitoria da Casa Nobre. Outra delegação de mercadores da Co-hong chegou e foi mais uma vez mandada embora, como antes, enquanto laboriosos e elaborados preparativos começavam abertamente a envolver Cantão.

Dia e noite a Rua Hog e a Rua da Décima Terceira Feitoria eram ocupadas por uma multidão empenhada em comprar, vender, brigar e roubar. Floresciam os bordéis e as tavernas. Muitos homens morriam por bebedeira e alguns tinham as gargantas cortadas, enquanto outros, simplesmente, desapareciam. Os lojistas disputavam o espaço e os preços subiam ou caíam, mas mantendo sempre o nível máximo que o mercado podia suportar.

Novamente uma delegação procurou ser atendida por Longstaff, e mais uma vez Struan dominou Longstaff e ela foi mandada embora. Os.navios de linha se instalaram transversalmente no Rio Pérola e o *Nemesis* fumegava, calmamente, de um lado para outro, deixando o horror em sua esteira. Mas os juncos e as sampanas continuavam a fazer seu comércio pelo rio afora. O chá e a seda da temporada vinham do interior e entupiam os armazéns da Co-hong, que marginavam o rio.

Então Jin-qua chegou, à noite. Em segredo.

— Olá, Tai-Pan — disse ele, ao entrar na sala de jantar particular de Struan, carregado por seus escravos pessoais. — É bom vê-lo diante de mim. Por que não foi me visitar?

Os escravos o ajudaram a se sentar, curvaram-se e, depois, partiram. O ancião parecia mais velho do que nunca, com a pele mais enrugada. Mas seus olhos eram jovens e muito sábios. Usava uma túnica longa, azul-clara, calças de seda azul e sandálias macias nos pés pequenos. Um casaco leve de seda acolchoada protegia-o da umidade e do frio da noite de primavera. E, na cabeça, tinha um chapéu de muitas cores.

— Olá, Jin-qua. Mandarim Longstaff ficou aborrecido. Não quer que Tai-Pan veja amigo. *Ayeee yah!* Chá?

Struan deliberadamente recebera-o em mangas de camisa, pois queria que Jin-qua soubesse imediatamente, como estava muito zangado por causa da moeda de Wu Fang Choi. O chá foi servido e apareceram criados carregando bandejas com

manjares que Struan encomendara especialmente.

Struan serviu Jin-qua e a si mesmo, com alguns *dim sum.*

— Comida muito boa — disse Jin-qua, sentado em sua cadeira, muito teso.

— Comida muito ruim — disse Struan, em tom de quem se desculpa, sabendo que era a melhor de Cantão. Um criado entrou com carvão e colocou-o no fogo, acrescentando alguns pauzinhos de madeira odorífera. O agradável perfume da madeira encheu o pequeno aposento.

Jin-qua comia os *dim sum* fastidiosamente, e bebia o vinho chinês, que estava aquecido — como todos os vinhos chineses — para se ajustar à temperatura correta. Ele se sentiu animado com o vinho e, ainda mais, com o conhecimento de que seu protegido Struan comportava-se perfeitamente, como faria um sutil adversário chinês. Servindo *dim sum* à noite, quando a tradição ditava que deviam ser comidos apenas no começo da tarde, Struan não apenas indicava com mais ênfase seu desagrado, mas o testava para ver' quanto saberia do encontro de Struan com Wu Kwok.

E, embora Jin-qua tivesse ficado encantado com o fato de seu treinamento — ou antes, o treinamento oferecido por sua neta, Tchung May-may — estar dando frutos tão delicados, ele se sentiu atormentado por vagos pressentimentos. É o risco infinito que se corre, disse a si mesmo, quando se treina um bárbaro nos costumes civilizados. O estudante pode aprender bem demais e, antes de se perceber como, já dominou o professor. Tenha cuidado.

Então, Jin-qua não fez o que pretendia fazer: escolher o menor dos pastéis cozidos com recheio de camarão e oferecê-lo no meio do ar, repetindo o que Struan fizera no navio de Wu Kwok, gesto que teria indicado, com suprema sutileza, que ele sabia de tudo que acontecera na cabine de Wu Kwok. Em vez disso, pegou um dos pastéis fritos e colocou-o em seu próprio prato, comendo-o em seguida, placidamente. Sabia que era muito mais sábio, no momento, esconder o conhecimento. Mais tarde, se quisesse, poderia ajudar o Tai-Pan a

evitar o perigo em que se encontrava e lhe mostrar como poderia evitar o desastre.

Enquanto mastigava o *dim sum*, refletiu sobre a profunda estupidez dos mandarins e dos manchus. Tolos! Desprezíveis comedores de esterco, filhos sem mãe idiotas! Que seus pênis encolham e suas tripas se encham de vermes!

Tudo fora planejado e executado tão engenhosamente, ele pensou. Manobramos os bárbaros para fazê-los entrar numa guerra — no lugar e ocasião de nossa própria escolha

— que resolveria seus problemas econômicos, mas não nos levaria, derrotados, a conceder nada importante. O comércio continuaria como antes, em Cantão apenas, e assim o Médio Reinado estaria ainda protegido dos bárbaros europeus invasores. E concederíamos apenas uma ilha fedorenta e cheia de moscas da qual, mal o primeiro cule pôs o pé em terra, já tínhamos começado a nos retirar.

E Jin-qua considerou a perfeição do esquema, que explorara a cobiça do imperador e seu temor de Ti-sen já ser uma ameaça ao trono, e fizera o imperador destruir seu próprio parente. Uma piada divina! Ti-sen ficara maravilhosamente preso na armadilha, e fora escolhido de maneira tão inteligente, e com tanta antecipação. O instrumento ideal para salvar o prestígio do imperador e da China. Mas, depois de anos de planejamento e paciência, e uma completa vitória sobre os inimigos do Médio Reinado, aquele filho da mãe — o imperador — tivera a fantástica e incrível estupidez de repudiar o tratado perfeito!Agora, os bárbaros ingleses estão zangados, e com razão. Eles perderam prestígio diante de sua demoníaca rainha e seus íntimos patetas. E agora teremos de começar tudo outra vez, e o antigo objetivo do Médio Reinado — de civilizar as áreas bárbaras da terra, de tirá-las da escuridão e trazê-las para a luz, com o mundo inteiro sob um só governo — terá de ser adiado.

Jin-qua não se importava de começar outra vez, porque sabia que o tempo eram séculos. Ficara só um pouco irritado pelo recuo desnecessário no tempo e pelo fato de ter sido desperdiçada uma soberba oportunidade.

Primeiro Cantão, ele disse a si próprio. Primeiro, nossa amada Cantão precisa ser resgatada. Qual será a soma mínima que poderei combinar? O mínimo?

Struan fervia. Esperava que Jin-qua pegasse um dos pastéis com recheio de camarão e lhe oferecesse, no meio do ar. Isto significa que ele não sabe. ainda que Wu Kwok entregou a primeira moeda? Claro que percebe a significação dos *dim sum*, não? Cuidado, rapazinho.

— Muitos navios atirando, hein? — falou Jin-qua, afinal.

— Longstaff tem muito mais, pode ter certeza. É muito ruim quando mandarim fica zangado.

— *Ayeee yah* — disse Jin-qua. — Mandarim Ching-so ficou muito zangado. Imperador diz que todos são como Ti-sen. — Passou o dedo de um lado para outro da garganta e riu – *Phfft!* Quando Longstaff não vai embora, fica guerreando... não tem comércio.

— Faz guerra, toma comércio. Longstaff está muito zangado.

— Quantos taéis ajudam fazer passar zanga, hein? — Jin-qua colocou as mãos nas mangas de seu casaco de seda verde, recostou-se e ficou esperando, pacientemente.

— Não sei. Talvez cem *laques.*

Jin-qua sabia que os cem poderiam ser reduzidos, amigavelmente, para cinqüenta. E cinqüenta *laques* por Cantão não era uma soma exagerada, quando a cidade se encontrava indefesa. Mesmo assim, fingiu horror. Depois, ouviu Struan dizer:

— Acrescente cem *laques.* De impostos.

— Acrescente cem o quê? — disse ele, com horror verdadeiro.

— Meus impostos — disse Struan, asperamente. — Não gosto de soma oferecida por cabeça de mulher escrava minha, de crianças minhas. Mandarim Ching-so muito ruim.

— Impostos sobre cabeça de crianças? *Ayeee Yah!* Maldito mandarim foi muito ruim, muito! — disse Jin-qua, fingindo pasmo.

Ele agradeceu ao seu *pagode* por já ter ouvido falar na recompensa e acertado a questão rápida e corretamente, tendo mandado notícia a respeito, por um intermediário, para a prostituta inglesa — e, assim, para Struan — pensando na eventualidade de alguém tentar receber a recompensa por May-may e as crianças, antes de estarem em segurança.

— Jin-qua ajeita! Não se preocupe, hein? Jin-qua ajeita para o amigo, dentro de poucos dias. Mandarim Ching-so muito malvado. Ruim, ruim, ruim.

— Muito ruim — disse Struan. — Difícil acertar, talvez, pode custar muitos *loques.*

Então, não acrescente cem *loques.* Acrescente duzentos!

— Jin-qua acerta para o amigo — disse Jin-qua, tranqüilizadoramente. — Não acrescente um, não acrescente dois! Acerto tudo depressa, depressa. — Sorriu, feliz, com a perfeita solução que já encontrara.

— Muito fácil. Pus outros nomes na lista de Ching-so. Mulher do Senhor de Um Olho Só e duas filhas.

— O quê? — explodiu Struan.

— O que tem de ruim, hein?

Qual a importância disso, ficou pensando Jin-qua. Conseguira uma troca simples — uma mulher bárbara sem valor e duas meninas sem valor, pertencentes ao homem empenhado em destruir Struan, em troca da segurança da família deste. O que havia de errado nisso? Como é possível entender o pensamento dos bárbaros?

Pelo amor de Deus, estava pensando Struan, como é possível entender esses demônios pagãos?

— Não gosto da lista — disse. — Nenhum filho meu, nenhum filho de Demônio de Um Olho Só, nenhum filho de ninguém. É muito ruim.

O seqüestro, sem dúvida, é muito, muito terrível, pensou Jin-qua, concordando, pois temia constantemente que ele ou seus filhos fossem seqüestrados e mantidos presos, em troca de resgate. Mas alguns nomes têm de ir na lista, em substituição. Quais?

— Jin-qua não põe meninas na lista, não se preocupe. Eu ajeito. Não se preocupe, hein? Struan disse:

— Acrescente duzentos impostos meus, de qualquer jeito. Jin-qua bebia seu chá.

— Amanhã Co-hong fala Longstaff, pode?

— Ching-so pode.

— Ching-so e Co-hong, hein?

— Amanhã Ching-so pode. Dia seguinte Co-hong pode. Discutam quantos taéis.

Enquanto discutem, compramos e vendemos chá como sempre.

— Quando a discussão terminar, o comércio pode ser feito.— Comércio como sempre. Jin-qua discutiu, implorou, arrancou os cabelos e, finalmente, concordou. Já obtivera o acordo de Ching-so para começar a negociar imediatamente e entregara metade da soma combinada de impostos — a outra metade deveria ser paga dentro de seis meses. E já sugerira o artifício para salvar o prestígio que Ching-so usaria, a fim de se proteger da ira do imperador, por desobedecer ordens: as negociações seriam retardadas até o último navio estar cheio de chá, e já pago o último tael em barras de prata, ocasião em que Ching-so cairia sobre a Colônia, incendiando-a e pilhando-a, enviando em seguida navios armados contra as embarcações mercantes dos bárbaros, para expulsá-las do Rio Pérola. As transações comerciais envolveriam os bárbaros num falso senso de segurança e dariam tempo para que chegassem os reforços chineses, obviamente necessários. Assim, os bárbaros ficariam indefesos e Ching-so obteria uma grande vitória.

Jin-qua maravilhava-se com a beleza do plano. Pois sabia que os bárbaros não estariam indefesos. E a queima e o saque da Colônia os deixariam furiosos. Imediatamente, navegariam para o norte de Cantão e atacariam outra vez Pei Ho, portão de Pequim. E, no instante em que a frota aparecesse em Pei Ho, o imperador pediria paz outra vez, e o tratado seria colocado novamente em vigor. O tratado perfeito. Assim seria, porque o Tai-Pan queria o tratado perfeito. E "*Pênis Óbvio*"(*Trocadilho com o nome de Longstaff*

— *NT*) era apenas o cão do Tai-Pan.

Assim eu evito ter de resgatar nossa amada Cantão agora, evito pagar a outra metade dos impostos, porque claro que Ching-so e sua família estarão enfiados em esquifes, debaixo da terra, o lugar que lhes cabe — e que aquele odioso avarento *fuquienês* fique impotente, nos poucos últimos meses que lhe restam de vida! O "resgate" terá de ser pago para acalmar o imperador agora, e os bárbaros, mais tarde, tirarão o dinheiro do lucro do chá, da seda e do ópio da temporada. E deixarão atrás de si bastante lucro. Como a vida é maravilhosa e excitante!

— Não se preocupe com as crianças, hein? Jin-qua ajeita.

Struan levantou-se.

— Acrescente duzentos impostos meus. — E prosseguiu, com voz doce: — Jin-qua diz a Ching-so: “Toque num só fio de cabelo de filho meu, e Tai-Pan leva dragão marinho que cospe fogo. E ele engolirá Cantão, pode ter certeza.

Jin-qua sorriu, mas estremeceu, diante da ameaça. Praguejou durante todo o caminho de volta para casa. Agora, terei de empregar mais espiões e mais guardas, e gastar mais dinheiro, para proteger os filhos de Struan, não só contra os malditos e óbvios seqüestradores, mas também contra qualquer vagabundo que pensar, estupidamente, que pode ganhar um dólar fácil. Que inferno, que inferno, que inferno!

Ao chegar na segurança de seu lar, ele chutou sua concubina favorita e mandou colocar instrumentos de tortura nos polegares de duas escravas, sentindo-se, com isso, muito melhor. Mais tarde, escapuliu de casa e foi a um local secreto de encontro onde vestiu os trajes cerimoniais escarlates de seu posto. Ele era o Tai Shan Chu — Líder Supremo da Hung Mun Tong no sul da China. Ouviu de líderes de escalão inferior da Tong o primeiro relatório sobre a recém-formada sede em Hong Kong. E confirmou Gordon Chen como seu líder.

***

Então, para completa satisfação e alívio dos negociantes chineses e dos mercadores, começaram as transações comerciais. Todos os soldados, com exceção de uma força simbólica de cinqüenta homens, foram enviados de volta a Hong Kong. A frota voltou para o porto de partida, em Hong Kong. Mas o

H.M.S. *Nemesis* continuou a patrulhar o rio, supervisionando os acessos a Cantão e mapeando todos os cursos da água que encontrou.

E a Colônia, e as vias marítimas em Whampoa, explodiram, com a frenética competição, noite e dia. Os navios mercantes tiveram de ser preparados para os delicados chás: tiveram os porões pintados de novo e o fundo do casco limpo e higienizado. Era preciso encontrar provisões para a viagem de volta. Tornava-se necessário fazer a separação do espaço para a carga.

Os negociantes que não possuíam navios próprios — e havia muitos deles — caíram sobre os proprietários de embarcações e lutaram por bons espaços para carga nas melhores delas. Preços exorbitantes pelos fretes foram cobrados, e alegremente pagos.

A Casa Nobre e Brock e Filhos haviam sempre comprado chá, seda e especiarias por conta própria. Mas, sendo sagazes, os Struans e Brocks também transportavam carga para outros, e agiam não só como expedidores, mas também como corretores, banqueiros e agentes comerciais, em viagens de volta à Inglaterra, ou de lá procedentes. Nestas, transportavam carga para outrem — produtos do algodão, fio e fibra de algodão principalmente, mas também tudo o que produzia o poder industrial da Inglaterra, e qualquer coisa julgada vendável por um negociante. Algumas vezes, navios de outras companhias inglesas lhes eram consignados, e eles aceitavam a responsabilidade de vender sua carga, fosse qual fosse, em comissão, na Ásia, e de encontrar uma carga para a viagem de volta, ainda em comissão. Em viagens de vinda, a única carga que os Struans e Brocks compravam era ópio, canhões, pólvora e metralha.

As barras de prata começaram a mudar de mãos, e Struan e Brock ganharam pequenas fortunas, fornecendo dinheiro à vista a outros negociantes e recebendo títulos bancários em Londres. Mas o dinheiro à vista só era entregue quando um navio e sua carga passavam a salvo pelo Bogue, permanecendo um dia em mar aberto.

Aquele ano, Struan passara por cima de Robb e mantivera todo o espaço de carga do *Blue Cloud* só para a Casa Nobre e todo o chá e a seda só para a casa.

Quatrocentos e cinqüenta e nove mil libras de chá, cuidadosamente acondicionadas em caixas de cinqüenta libras, revestidas com cedro, e cinco mil e quinhentos fardos de seda começaram a encher os porões do *Blue Cloud,* interminavelmente: seiscentas mil libras esterlinas, caso fossem entregues em segurança na cidade de Londres, chegando primeiro; cento e sessenta mil libras de lucro, se o navio tivesse a dianteira.

E, aquele ano, Brock conservara toda a carga do *Gray Witch.* Deveria transportar meio milhão de libras de chá e quatro mil fardos de seda. Como Struan, Brock sabia que não dormiria bem até o paquete com a correspondência, dali a seis meses, trazer a notícia de que o navio chegara a salvo — e a venda fora tranqüila.

***

Longstaff estava coroado de orgulho por ter, sozinho, reaberto o comércio tão facilmente, e levado o Vice-rei Ching-so em pessoa à mesa de negociações.

— Mas, meu querido almirante, para que eu mandei embora três delegações, ora? Uma questão de prestígio. É preciso entender a mentalidade dos pagãos, com relação ao prestígio. Negociações e comércio, quase sem disparar um tiro! E o comércio, meu caro senhor, o comércio é o sangue necessário à vida da Inglaterra.

Ele cancelou o sítio a Cantão, o que eufureceu ainda mais o Exército e a Marinha. E repetiu o que Struan lhe advertira, e que ele, Longstaff, já dissera:

— Devemos ser magnânimos, senhores, para com os derrotados. E proteger os fracos. O comércio da Inglaterra não pode nadar no sangue dos indefesos, não é?

As negociações serão encerradas em poucos dias e a Ásia estará estabilizada, de uma vez por todas.Mas as negociações não foram concluídas. Struan sabia que não poderia haver conclusão alguma em Cantão. Só em Pequim, ou no portão de Pequim. E ele ainda não queria conclusão alguma. Só comércio. A única coisa vital era conseguir o chá e a seda da temporada e vender o ópio. Com os lucros do ano de comércio, todas as casas de negócio se compensariam das perdas. O lucro os encorajaria a se sustentarem por mais um ano e se expandirem. O único lugar para esta expansão era Hong Kong. Lucros e comércio comprariam um tempo vital. Tempo para construir armazéns e docas e lares, na ilha que lhes servia como refúgio. Tempo até os ventos de verão tornarem outra vez possível o ataque ao norte. Tempo para suportar qualquer tempestade, até a próxima estação de comércio, no ano seguinte. Tempo e dinheiro para tornar Hong Kong segura — e transformá-la no degrau de acesso à Ásia.

Então Struan acalmou a impaciência de Longstaff, manteve as negociações em fogo brando e entrou em forte competição com Brock pelos melhores chás e sedas e os negócios mais convenientes de transporte de carga. Dezoito clíperes tinham de ser carregados e despachados. Era preciso lidar com dezoito tripulações e capitães.

Brock deu partida primeiro ao *Gray Witch*, e o navio rompeu as águas com os porões lotados. A última portinhola do *Blue Cloud* foi fechada um dia e meio mais tarde, e a embarcação saiu em perseguição à outra. Começava a corrida.

Gorth arengou e esbravejou, porque seu navio fora com um novo capitão, mas Brock mostrou-se inflexível. “Não será bom, com seu ferimento, e precisamos de você aqui.” Então Gorth, outra vez, faz planos para quando fosse o Tai-Pan. *O* Tai-Pan, por Deus. Ele voltou para bordo do *Nemesis.* Desde que o navio chegara ao porto passava todos os momentos livres dentro dele, aprendendo como pilotá-lo, como combatê-lo, o que faria a embarcação, e o que não faria. Pois sabia, como seu pai, que o *Nemesis* representava a morte da vela — e, com *pagode*, a morte da Casa Nobre. Ambos sabiam do horror de Struan aos vapores e, embora percebessem que a transição da vela para o vapor seria arriscada, decidiram apostar no futuro. O mesmo vento e a mesma maré que o *Nemesis*

vencera, ao vir até o porto de Hong Kong, mais tarde levara o paquete de correspondência de volta para Inglaterra. Nele havia uma carta de Brock para seu filho Morgan. A carta cancelava a encomenda de dois clíperes, substituídos pelas duas primeiras quilhas da nova linha a vapor de Brock e Filhos. A Orient Queen Line.

***

— Tai-Pan — disse May-may, na escuridão de seu quarto de dormir, e no conforto de sua cama. — posso voltar a Macau? Por alguns dias? Levarei as crianças comigo.

— Você está cansada da Colônia?

— Não. Mas é difícil aqui, sem todas as roupas e brinquedos das crianças. Só por alguns poucos dias, está bem?

— Eu já lhe falei das recompensas e eu...

Ela calou suas palavras com um beijo e se aproximou mais do seu calor.

— Você tem um cheiro tão bom.

— E você também.

— Aquela *Marry Sin-clair.* Gostei dela.

— Ela... ela tem muita coragem.

— Foi estranho você mandar uma mulher. Não parece coisa sua.

— Não havia tempo para mandar outra pessoa.

— O cantonês e o mandarim que ela fala são fantasticamente bons.

— Isso é um segredo. Você não deve contar a ninguém.

— Claro, Tai-Pan.

A escuridão se tornou mais densa em torno de ambos e eles permaneceram perdidos em seus pensamentos.

— Você sempre dormiu sem roupa? — ela perguntou.

— Sim.

— Como não sente frio?

— Não sei. A Alta Escócia é mais fria do que aqui. Em menino, eu era muito pobre. Ela sorriu.

— Gosto de pensar em você menino. Mas você não é pobre, agora. E duas das três coisas estão realizadas. Não estão?

— Que coisas? — ele perguntou, consciente do perfume dela e do contato da seda que a envolvia.

— A primeira era pegar as barras de prata, lembra-se? A segunda, chegar a salvo em Hong Kong. Qual era a terceira?

Ela se virou de lado, movimentou uma das pernas por sobre as dele e ficou imóvel. Ele sentiu o contato da perna dela através da seda e esperou, com a garganta seca.

— Hong Kong ainda não está segura — disse ele.

A mão dela começou a se mover sobre ele.

— Com o comércio deste ano, não estará? Então, a segunda logo se cumprirá.

— Com *pagode.*

A mão dele começou a abrir a camisola dela, sem pressa, e sua mão começou a se mover sobre May-may. Ela ajudou-o a tirar a camisola e acendeu a vela, afastando os lençóis de seda. Olhou para ela, maravilhado — sua suave luminosidade, como porcelana em fusão.

— É excitante... você olhar para mim, e eu saber que lhe agrado — disse ela. E então eles fizeram amor, sem pressa. Mais tarde ela disse:

— Quando você volta para Hong Kong?

— Dentro de dez dias. — Dez dias, pensou ele. Então, haverá a escolha dos homens de Wu Kwok em Aberdeen e, na noite seguinte, o baile.

— Eu irei com você?

— Sim.

— A nova casa estará pronta, então?

— Sim. E você estará segura lá. — O braço dele repousava sobre o dorso dela e ele passou a ponta da língua sobre sua face e até o pescoço.

— Será bom viver em Hong Kong. Então eu poderei ver mais o meu professor. Há meses não tenho uma boa conversa com Gordon. Quem sabe não poderemos ter aulas semanais outra vez? Preciso aprender mais palavras, e melhores. Como está ele?

— Muito bem. Eu o vi pouco antes de partir. Depois de uma pausa, ela disse, gentilmente:

— Não é bom ter brigas com seu filho número um.

— Eu sei.

— Queimei três velas para que sua raiva voe para Java e você o perdoe. Quando você o perdoar, eu gostaria de conhecê-lo.

— Isto acontecerá, no devido tempo.

— Posso ir a Macau, antes de Hong Kong? Por favor. Eu seria muito cuidadosa. Deixaria as crianças aqui. Estariam seguras aqui.

— Por que Macau é tão importante?

— Preciso de algumas coisas e... tenho um segredo, um bom segredo, uma surpresa. Só uns poucos dias? Por favor. Você poderia mandar Mauss e alguns homens, se quiser.

— É perigoso demais.

— Não é perigoso agora — disse May-may, sabendo que seus nomes estavam fora da lista e cheia de pasmo, outra vez, por Struan não ter batido palmas, encantado, como ela fizera, quando ele lhe contara sobre a solução de Jin-qua para a lista. *Ayeee yah*, pensou ela, os europeus são muito estranhos. Muito. — Não há perigo agora. Mesmo assim, eu serei muito cuidadosa.

— O que é tão importante? Qual é o segredo?

— É uma surpresa. Eu lhe direi, muito em breve. Mas é segredo agora.

— Vou pensar a respeito. Agora, durma.

May-may relaxou, contente, sabendo que, em poucos dias, iria para Macau, sabendo que há muitas maneiras de uma mulher conseguir o que quer com seu homem — bom ou ruim, inteligente ou estúpido, forte ou fraco. Meu vestido de baile será o melhor de todos, ela disse a si mesma, cheia de excitação. Meu.Tai-Pan ficará orgulhoso de mim. Orgulhosíssimo. Orgulhoso o bastante para se casar comigo e fazer de mim a Suprema Senhora.

E seu último pensamento, antes que o doce sono a dominasse, foi sobre a criança que germinava em seu útero. Com apenas algumas semanas. Meu filho será homem, prometeu a si mesma. Um filho, para ele se orgulhar. Duas maravilhosas surpresas, para ele se orgulhar.

***

— Não entendo, Vargas — disse Struan, mal-humorado. — É melhor você tratar disso com Robb. Ele conhece as cifras melhor do que eu.

Os dois estavam no escritório particular de Struan, estudando o livro-mestre de escrituração. As janelas do escritório estavam abertas para o burburinho de Cantão e as moscas pululavam. Era um dia quente de primavera e o mau cheiro já aumentara consideravelmente, em comparação com seu baixo nível do inverno.

— Jin-qua está muito ansioso para receber o nosso pedido final, senhor, e...

— Eu sei disso. Mas até ele nos dar seu pedido final de ópio, não poderemos fazer isso com exatidão. Estamos oferecendo o melhor preço para o chá e o melhor para o ópio, então qual o motivo da demora?

— Não sei, senhor — disse Vargas. Ele não perguntou, como gostaria de ter feito, por que a Casa Nobre estava pagando dez por cento mais para o chá de Jin-qua, em comparação com o dos outros comerciantes, e vendendo o melhor ópio indiano Padwa para Jin-qua a dez por cento menos do que o preço corrente do mercado.

— Com mil demônios! — disse Struan.

Ele se serviu de um pouco de chá. Desejaria não ter permitido a May-may ir para Macau. Ele mandara com ela Ah Sam, Mauss e alguns de seus homens, para vigiá-los. Ela deveria ter voltado ontem, mas ainda não retornara. Claro que o

fato não era incomum — o tempo necessário para a travessia de Macau à Colônia de Cantão não poderia jamais ser avaliado com precisão.E nem o de nenhuma viagem marítima. Tudo depende do vento, ele pensou, sardonicamente. Se ela estivesse num vapor fedorento, então seria diferente. Os vapores podem cumprir programas e esquecer ventos e marés, malditos sejam.

— Sim — ele respondeu, com rispidez, a uma batida na porta.

— Desculpe-me, Sr. Struan — disse Horatio, abrindo a porta. — Sua Excelência gostaria que o visitasse.

— O que há de errado?

— Talvez Sua Excelência queira dizer-lhe ele próprio, senhor. Está em seus alojamentos. Struan fechou o livro de escrituração.

— Vamos tratar disso com Robb, logo que voltarmos, Vargas. Você vai ao baile?

— Eu não teria paz nos próximos dez anos, senhor, se minha senhora, meu filho e minha filha mais velha não fossem.

— Vai buscá-los em Macau?

— Não, senhor. Irão para Hong Kong acompanhados por amigos. Eu irei diretamente daqui.

— Logo que Mauss voltar, mande-me notícia. — Struan saiu e Horatio acompanhou-o.

— Não posso agradecer-lhe suficientemente, Sr. Struan, pelo presente a Mary.

— O quê?

— O vestido de baile, senhor.

— Ah. Já viu o vestido que ela mandou fazer?

— Ah, não, senhor. Ela partiu para Macau no dia seguinte à venda de terras. Recebi uma carta sua ontem. Ela lhe manda os melhores votos.

Horatio sabia que o presente do vestido dava a Mary uma oportunidade muito boa de ganhar o prêmio. Embora existisse Shevaun. Se, pelo menos, Shevaun adoecesse! Nada sério, só para afastá-la, no dia. Então, Mary poderia ganhar os mil guinéus. Com esse dinheiro, eles poderiam fazer coisas maravilhosas! Voltar para sua terra, a fim de passar aquela estação. Viver esplendidamente. Ah, Deus, fazei com que ela ganhe o prêmio! Estou satisfeito por ela se encontrar fora de Hong Kong, enquanto eu estou aqui, disse a si mesmo. Assim fica fora do alcance de Glessing. Maldito. Fico imaginando se ele realmente pedirá a mão dela! Que topete! Ele e Culum... ah, Culum... pobre Culum.

Horatio permaneceu um passo atrás de Struan, enquanto subiam as escadas, de modo que não precisou esconder sua inquietação. Pobre, bravo Culum. Ele se lembrou de como Culum estava estranho, no dia seguinte à venda de terras. Ele e Mary procuraram e o encontraram a bordo do *Resting Cloud*. Culum os convidara para jantar e, toda vez que ele tentava levar a conversa para o Tai-Pan, esperando fazer as pazes entre eles, Culum mudava de assunto. Então, finalmente, Culum dissera:

— Vamos esquecer meu pai? Eu esqueci.

— Você não deve, Culum — dissera Mary. — Ele é um homem maravilhoso.

— Somos inimigos agora, Mary, por pior que isto seja. Não creio que ele vá mudar e, até ele mudar, eu não mudarei.

Pobre, bravo Culum, Horatio pensou. Eu sei o que é odiar um pai.

— Tai-Pan — ele disse, ao chegarem ao cais. — Mary e eu sentimos terrivelmente o

que aconteceu com relação ao outeiro. Mas ainda sentimos mais o que aconteceu entre o senhor e Culum. Culum, bom, tornou-se um grande amigo e...

— Obrigado pelo pensamento, Horatio, mas eu ficaria satisfeito se você não se referisse outra vez ao assunto.

Horatio e Struan atravessaram o cais em silêncio e entraram na ante-sala de Longstaff. Era ampla e rica. Um grande candelabro dominava o teto enfeitado e a reluzente mesa de conferências embaixo. Longstaff estava sentado à cabeceira da mesa, tendo ao lado o Almirante e o General Lord Rutledge-Cornhill.

— Bom-dia, senhores.

— É ótimo que tenha vindo unir-se a nós, Dirk — disse Longstaff. — Sente-se, meu querido amigo. Achei que seu conselho seria precioso.

— O que há de errado, Excelência?

— Bom, ah, eu pedi ao Sr. Brock para vir unir-se a nós, também. O assunto pode esperar até ele chegar, pois então não precisarei repetir-me, está bem? Xerez?

— Obrigado.

A porta se abriu e Brock entrou. Sua cautela aumentou quando viu Struan e os resplandecentes oficiais.

— Queria falar comigo, Excelência?

— Sim. Sente-se, por favor.

Brock fez um cumprimento de cabeça para Struan.

— Bom-dia, Dirk. Bom-dia, cavalheiros — acrescentou, sabendo que enfureceria ogeneral. Ficou sombriamente divertido com os acenos frios de cabeça que recebeu de volta.

— Chamei os dois para se unirem a nós — começou Longstaff — bom, além do fato de serem os líderes dos negociantes, não?... bom, seu conselho seria valioso. Parece que um grupo de anarquistas se estabeleceu em Hong Kong.

— O quê? — exclamou o general.

— Ora essa! — disse Brock, igualmente surpreso.

— Desprezíveis anarquistas, pode imaginar isso? Parece que mesmo os pagãos estão contaminados por esses demônios. Sim, se não tivermos cuidado, Hong Kong se tornará um foco. Que aborrecimento, não?

— Que tipo de anarquistas? — perguntou Struan. Anarquistas representavam problemas. E problemas interferiam no comércio.

— Essa, ah, qual é mesmo o nome, Horatio? Tang? Tung?

— Tong, senhor.

— Bom, essa tal Tong já está operando sob nossos narizes. É terrível.

— Operando em que sentido? — Struan perguntou, com impaciência.

— Talvez seja melhor começar do início, senhor — disse o almirante.

— Boa idéia. No encontro de hoje, o Vice-rei Ching-so estava muito preocupado. Ele disse que as autoridades chinesas tinham acabado de saber que esses anarquistas, uma sociedade secreta, haviam instalado seu quartel-general naquela podre monstruosidade, o Tai Ping Shan. Os anarquistas têm muitos, muitos nomes e eles... bom, é melhor você explicar a eles, Horatio.

— Ching-so disse que esse é um grupo de fanáticos revolucionários, empenhados na derrubada do imperador — começou Horatio. — Ele deu a Sua Excelência meia centena de nomes adotados pela sociedade: Partido Vermelho, Irmandade Vermelha, Sociedade do Céu e da Terra e assim por diante... é quase impossível traduzir alguns dos nomes para o inglês. Alguns a Chamam apenas "Hung Mun", ou "Hung Tong" — *tong* significa "irmandade secreta". — Ele se concentrou. — De qualquer maneira, esses homens são anarquistas do pior tipo. Ladrões, piratas, revolucionários. Há séculos, as autoridades tentam eliminá-los, mas sem sucesso. Segundo se supõe, têm um milhão de membros do sul da China. Possuem sedes próprias e suas cerimônias de iniciação são bárbaras. Eles incentivam a rebelião a qualquer pretexto e se nutrem do medo de seus irmãos. Pedem "dinheiro para proteção". Toda prostituta, todo camponês, dono de terras ou cule... todos estão sujeitos a lhes pagar impostos. Quando não é pago o imposto, então há mortes e mutilações. Todo membro paga taxas... como um sindicato. Toda vez em que há descontentamento, a Tong incita os descontentes à rebelião. São fanáticos. Estupram, torturam e se espalham como uma epidemia.

— Já tinham ouvido falar nas sociedades secretas chinesas? — perguntou Struan. — Antes de Ching-so falar nisso?

— Não, senhor.— Os anarquistas são demônios, é isso mesmo — disse Brock, cheio de preocupação. — Esse é o tipo de maldade que os chineses apreciam.

Longstaff empurrou uma pequena insígnia vermelha, triangular, através da mesa. Havia nela dois caracteres chineses.

— O vice-rei disse que o triângulo é sempre o símbolo deles. Os caracteres nesta bandeira significam “Hong Kong”. De qualquer jeito, estamos diante de problemas, isto é certo. Ching-so quer mandar soldados para o Tai Ping Shan e passar todo mundo na espada.

— Você não concordou, não é?

— Deus do céu, não. Não toleramos nenhuma interferência em nossa ilha, por Júpiter. Eu lhe disse que não temos nenhum trato com anarquistas sob nossa bandeira e cuidaríamos deles imediatamente, à nossa própria maneira. Agora, o que devemos fazer?

— Expulsar todos os orientais de Hong Kong e acabar com a sociedade — disse o almirante.

— Isso é impossível, senhor — disse Struan. — E não seria vantajoso para nós.

— Sim — disse Brock. — Precisamos de trabalhadores, cules, criados. Precisamos muito deles.

— Há uma solução simples — disse o general, tomando uma pitada de rape. Era um homem taurino, de faces vermelhas, cabelo grisalho, rosto gasto. — Emitir uma ordem no sentido de que todos os integrantes dessa... como a chamou, Tong?... sejam enforcados.

— Ele espirrou. — Cuidarei de executar a ordem.

— Não se pode enforcar um chinês, senhor, só por querer derrubar uma dinastia estrangeira. É contra a lei inglesa — disse Struan.

— Dinastia estrangeira ou não — disse o almirante — instigar a rebelião contra o imperador de uma "potência amiga"... e será amiga muito em breve, por Deus, se pudermos cumprir a missão que nos foi determinada aqui pelo Governo... é contra a lei internacional. E a lei inglesa. Veja aqueles patifes dos cartistas, por Deus.

— Nós não os enforcamos por serem cartistas. Só quando são apanhados em atos de rebeldia ou infringindo a lei; e aí está certo! — Struan franziu a testa para o almirante. — A lei inglesa diz que o homem deve ter liberdade de expressão. E liberdade de associação política.

— Mas não associações que promovem a rebelião! — disse o general. — Você aprova a rebelião contra a autoridade legal?

— Isto é tão ridículo que não vou ter nem a cortesia de responder.

— Senhores, senhores — disse Longstaff. — Claro que não podemos enforcar todos os que forem... seja lá o que for. Mas, *do* mesmo jeito, não podemos deixar Hong Kong infestada de anarquistas, não é? Ou de malditas idéias sindicalistas.

— Pode ser um truque de Ching-so, para nos colocar sem ação — Struan olhou para Brock. — Já ouviu falar nas *tongs?*

— Não. Mas estou pensando que, se os Triangs extorquem tributos de todos, então vão extorquir o comércio e logo estarão tirando dinheiro de nós.

O general, com petulância, deu um piparote em alguma poeira inexistente na imaculada túnica escarlate de seu uniforme.

— Isto, obviamente, está na jurisdição dos militares, Excelência. Por que não emitir uma proclamação colocando-os fora da lei? E faremos o resto. Ou seja, aplicaremos as regras que aprendemos na índia. Ofereceremos uma recompensa por qualquer informação. Os nativos estão sempre prontos para vender facções rivais, bastando atirar-lhes uma moeda. Castigaremos a primeira dúzia, para servir de exemplo, e então não mais haverá problemas.

— Não se pode aplicar as regras indianas aqui — disse Struan.

— O senhor não tem experiência em administração, meu caro, então não pode dar nenhuma opinião. Nativos são nativos, e apenas isso. — O general deu uma olhada em Longstaff. — Esta é uma questão simples para os militares, senhor. Como Hong Kong logo será estabilizada como acantonamento militar, ficará em nossa esfera. Emita uma proclamação colocando-os fora da lei e será feita justiça.

O almirante bufou.

— Já disse mil vezes que Hong Kong deveria ficar sob a jurisdição do serviço superior. Se não comandarmos as vias marítimas, Hong Kong estará morta. Portanto, a posição da Marinha é sem paralelo. Isto deveria ficar sob nossa jurisdição.

— Os exércitos decidem as guerras, Almirante... como já disse repetidas vezes. As batalhas terrestres encerram as guerras. A Marinha liquidou as frotas de Bonaparte, é verdade, e fez a França passar fome. Mas, mesmo assim, foi preciso que encerrássemos o conflito, definitivamente. Como fizemos em Waterloo.

— Sem Trafalgar, não haveria nenhum Waterloo.

— Uma questão discutível, meu caro Almirante. Mas, vejamos a Ásia. Logo teremos os franceses, holandeses, espanhóis e russos atrás de nós, disputando nossa justa liderança na área. Sim, você pode dominar as vias marítimas, e

graças a Deus que domina, mas, se Hong Kong não for militarmente indestrutível, então a Inglaterra não terá base nem para proteger suas frotas e nem para escapar ao inimigo.— A função principal de Hong Kong, senhor, é como empório comercial para a Ásia — disse Struan.

— Ah, eu entendo a importância do comércio, meu bom homem — disse o general, com impertinência. — Esta é uma discussão a respeito de estratégia e pouco tem a ver com o senhor.

— Se não fosse o comércio — disse Brock, com o rosto vermelho — não haveria razão para a presença de exércitos e frotas.

— Conversa fiada, meu bom homem. Vou lhe mostrar que...

— Estratégia ou não — disse Struan, em voz alta — Hong Kong é uma colônia e deve ficar sob as ordens de um ministro de Relações Exteriores, e isto será decidido pela Coroa. Sua Excelência agiu sabiamente, com relação à questão, e tenho certeza de que ele considera como vitais tanto a Marinha Real como os exércitos da rainha, para o futuro de Hong Kong. Como arsenal da Marinha Real, base militar e empório comercial — ele chutou Brock, disfarçadamente, por baixo da mesa — e como porto livre, o futuro da ilha está garantido.

Brock disfarçou um estremecimento e acrescentou, depressa:

— Ah, sim, na verdade! Um porto livre significa muito dinheiro para a Coroa, realmente. E renda para os melhores arsenais da Marinha e quartéis do mundo inteiro. Sua Excelência tem em seu coração os interesses de todos, cavalheiros. Um porto aberto será vantajoso para todos. Principalmente para a rainha, que Deus a abençoe.

— Tem toda razão, Sr. Brock — disse Longstaff. — Claro que precisamos tanto da Marinha como do Exército. O comércio é sangue vital para a Inglaterra, e o livre comércio será o próximo passo. Interessa a todos nós que Hong Kong

prospere.

— Sua Excelência quer abrir a Ásia para todas as nações sem favor — disse Struan, escolhendo cuidadosamente as palavras, — Como isto poderia ser feito de melhor maneira do que com um porto livre? Guardado pelas forças de elite da Coroa.

— Desaprovo deixar os estrangeiros engordarem à nossa custa. — disse o almirante, bruscamente, e Struan sorriu para si mesmo vendo que ele abocanhava a isca. — Travamos guerras e as ganhamos, e temos de travar outras, porque a paz é sempre destruída nas conferências civis. Malditos sejam os estrangeiros, eu digo.

— Um sentimento apreciável, Almirante — disse Longstaff de maneira igualmente brusca — mas não muito prático. E quanto às "conferências civis", é muito bom que os diplomatas sejam vis tos com pontos de vista amplos. A guerra, afinal, é apenas o braço longo da diplomacia. Quando todo resto falha.

— A "diplomacia" falhou aqui — disse o general — e então quanto mais rápido desembarcarmos forças na China, e implantarmos a lei e a ordem inglesas em toda a terra, melhor.

— A diplomacia não falhou, meu querido General. As negociações prosseguem, cautelosamente, e bem. Ah, por falar nisso, há trezentos milhões de chineses na China.

— Uma baioneta inglesa, senhor, vale mil lanças nativas. Deus do céu, controlamos a Índia com um punhado de homens e podemos fazer a mesma coisa aqui... e veja o benefício que nosso governo na índia trouxe para aqueles selvagens, hein? Vamos mostrar a bandeira em toda sua força, é isso que deve ser feito. Imediatamente.

— A China é uma nação, senhor — disse Struan. — Não dúzias, como acontece

na índia. Não se pode aplicar as mesmas normas.

— Sem vias marítimas seguras, o Exército não poderia controlar a índia por uma semana — disse o almirante.

— Ridículo! Ora, poderíamos...

— Senhores, senhores — disse Longstaff, cansado — estamos discutindo os anarquistas. Qual o seu conselho, Almirante?

— Expulsar todos os orientais da ilha. Se querem trabalhadores, escolham mil, ou dois mil... quantos precisarem, na ilha... e excluam todos os outros.

— Senhor?

— Já dei minha opinião, senhor.

— Ah, sim. Sr. Brock?

— Penso como o senhor, Excelência, que Hong Kong é um porto livre e precisamos dos chineses, devemos cuidar nós próprios dos Triangs. Penso como o general... vamos enforcar qualquer desses Triangs que for apanhado instigando a rebelião. E como o almirante... não devemos desejar na ilha nenhuma ação traiçoeira contra o imperador. Sim, vamos declará-los foras-da-lei. E penso como você, Dirk, que não será legal enforcálos, se estiverem agindo de maneira pacífica. Mas, qualquer um que sair da linha e, ao ser preso, for identificado como Triang... então vamos açoitá-lo, marcá-lo a fogo, expulsá-lo para sempre.

— Dirk? — perguntou Longstaff.

— Concordo com o Sr. Brock. Mas nada de açoite e nem de ferro em brasa. Isto

pertence à Idade Média.

— Pelo que vi aqui, desses pagãos — disse o general, com desgosto — ainda estão na era do obscurantismo. Claro que têm de ser punidos, caso pertençam a um grupo fora-da-lei. O chicote é uma punição comum. Vamos fixar em cinqüenta chicotadas. E a marca com ferro em brasa na face é um castigo inglês correto e legal, para certos delitos. Vamos marcá-los, também. Mas é melhor enforcar a primeira dúzia que pegarmos, e se evaporarão como dervixes.

— Se os marcarem permanentemente — irrompeu Struan — jamais lhes darão uma oportunidade de se tornarem outra vez bons cidadãos.

— Bons cidadãos não se passam para sociedades secretas anarquistas, meu bom senhor — disse o general. — Mas, na verdade, só um cavalheiro apreciaria o valor desse conselho.

Struan sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

— Da próxima vez que fizer uma observação como essa, senhor, mandarei alguns padrinhos visitá-lo, e receberá uma bala entre os olhos.

Houve um silêncio horrorizado. Branco de susto, Longstaff deu pancadinhas na mesa.

— Proíbo ambos de continuarem com esse tipo de conversa. É proibido. — Ele puxou seu lenço de renda e enxugou o repentino suor da testa. Tinha a boca seca e amarga.

— Concordo plenamente, Excelência — disse o general. — E sugiro, além disso, que este problema seja decidido apenas pelas *autoridades*... o senhor, junto com o almirante e eu, deveríamos decidir este tipo de assunto. Não está no domínio dos comerciantes.

— Está tão cheio de vento, senhor General — disse Brock — que se peidasse aqui em Cantão, faria explodir o portão da Torre de Londres!

— Sr. Brock! — começou Longstaff. — O senhor não... O general ficou em pé de um salto.

— Agradeceria, meu bom senhor, se guardasse para si mesmo este tipo de observação.

— Não sou o seu bom senhor. Sou um negociante na China, por Deus, e quanto antes você souber disso, melhor. Acabou para sempre aquele tempo em que as pessoas como eu lambiam o rabo de vocês por causa de uma merda de título concedido, a verdade é esta, primeiro à puta do rei e depois ao bastardo do rei, ou então comprado com uma faca enfiada às costas do rei.

— Por Deus, peço satisfações. Meu padrinhos irão visitá-lo hoje!

— Não farão isso, senhor — disse Longstaff, batendo com a mão espalmada na mesa. — Se houver qualquer problema entre os dois, eu os mandarei de volta para a Inglaterra, sob guarda, e os denunciarei perante o Conselho Privado. Eu sou o plenipotenciário de Sua Majestade na Ásia e eu sou a lei. Por Deus, que coisa inconveniente. Vão pedir desculpas um ao outro! Eu lhes ordeno. Imediatamente.

O almirante escondeu seu divertimento sombrio. Horatio olhou de um rosto para o outro, com descrença. Brock estava consciente de que Longstaff tinha o poder de feri-lo e ele não queria nenhum duelo com o general. E, além disso, estava furioso por ter-se deixado arrastar para uma aberta hostilidade.

— Peço desculpas, senhor. Por chamá-lo de saco de peido.

— E eu peço desculpas porque recebi ordens.

— Acho que vamos encerrar a reunião, neste momento — disse Longstaff, bastante aliviado. — Sim. Obrigado por seus conselhos, cavalheiros. Vamos adiar a decisão. Daremos a todos nós tempo para pensar, hein?

O general colocou seu capacete de pele de urso, fez um cumprimento e se encaminhou para a porta, com as esporas e a espada tilintando.

— Ah, General, a propósito — disse Struan, em tom casual — ouvi dizer que a Marinha desafiou o Exército para uma luta.

O general parou no meio do caminho, com a mão na maçaneta da porta, e se eriçou ao se lembrar das observações que o almirante deliberadamente fizera a respeito de seus soldados.

— Sim. Mas temo que a luta não vá ser grande coisa.

— Por que, General? — perguntou o almirante, irado, lembrando-se das observações que o general deliberadamente fizera a respeito de seus esplêndidos marujos.

— Porque eu acho que nosso homem vai ganhar, senhor. Sem fazer muito esforço.

— Por que não realizam a luta no dia do baile? — sugeriu Struan. — Consideraríamos isto uma honra e ficaríamos satisfeitos em oferecer um prêmio. Digamos, cinqüenta guinéus.

— É muito generoso, Struan, mas não creio que o Exército esteja preparado na ocasião.

— No dia do baile, por Deus — disse o general, escarlate. — Cem guinéus para nosso homem!

— Feito — disseram o almirante e Brock, simultaneamente.

— Cem para ambos! — O general deu meia-volta e saiu, pavoneando-se.

Longstaff serviu-se de um pouco de xerez.

— Almirante?

— Não, obrigado, senhor. Acho que vou voltar para meu navio. — O almirante pegou sua espada, fez um cumprimento de cabeça para Struan e Brock, uma continência, e partiu.

— Xerez, senhores? Horatio, talvez você faça as honras?

— Certamente, Excelência — disse Horatio, satisfeito por ter alguma coisa para fazer.

— Obrigado — Brock esvaziou o copo e estendeu-o para ser novamente cheio. — O gosto está bom. Tem um paladar excelente, Excelência. Não é, Dirk, meu rapaz?

— Na verdade, preciso censurá-lo, Sr. Brock. Imperdoável, dizer coisas assim. Senhor...

— Sim, senhor — disse Brock, como quem se penitencia. — Tem razão. Eu estava errado. Temos sorte de tê-lo neste posto. Quando fará a proclamação sobre o porto livre?

— Bom, ah, não há pressa. É preciso cuidar daqueles malditos anarquistas.

— Por que não cuidar das duas coisas, ao mesmo tempo? — perguntou Struan.

— Logo que voltar para Hong Kong. Por que não dar aos nossos súditos sino-britânicos o benefício da dúvida? Deporte-os, mas não os açoite e nem marque com ferro em brasa, para começo de conversa. É justo, hein, Tyler?

— Se você assim o diz e Sua Excelência concorda — Brock respondeu, expansivamente.

Os negócios tinham sido bons. E o *Gray Witch* estava já bem longe, e ia à frente. Prédios estavam sendo construídos no Vale Feliz. Havia uma hostilidade aberta entre Struan e Culum. E, agora, Hong Kong ia ser porto livre. Sim, Dirk, rapaz, ele disse a si próprio, estaticamente, você ainda serve para alguma coisa. É esperto como uma raposa. O porto livre compensa todas as suas maldades. E, em dois anos, nossos navios a vapor vão levar você à bancarrota.

— Sim — ele acrescentou — se ambos concordarem. Mas logo será preciso usar o açoite e o ferro em brasa.

— Ah, realmente espero que não — disse Longstaff. — É uma coisa muito desagradável. Mas, de qualquer maneira, a lei precisa ser cumprida e os delinqüentes punidos. Uma excelente solução, senhores, para os... como os chama, Sr. Brock? Ah, sim, Tríades. Nós os chamaremos Tríades, no futuro. Horatio, faça uma lista, em caracteres, corri os nomes da Tong que nos deu Sua Excelência, Ching-so, e nós a afixaremos junto com a proclamação. Vá tomando nota, enquanto eu penso: “Todas as *tongs* acima citadas estão fora da lei e serão conhecidas, no futuro, com o nome geral de ‘Tríades’. A punição por pertencer a uma Tríade é a imediata deportação e a entrega às autoridades chinesas. A punição por instigar rebelião aberta contra o governo de Sua Majestade Britânica, ou contra Sua Alteza, o Imperador dos Chineses, é enforcamento.”

CAPÍTULO DEZESSEIS

A vila de Aberdeen estava escura, úmida e silenciosa sob a lua cheia. As ruas se achavam desertas e as portas das cabanas bem trancadas. Centenas de sampanas encontravam-se ancoradas nas águas paradas e lamacentas. E, embora estivessem tão amontoadas como as cabanas, não havia nenhum som ou movimento a bordo.

Struan permanecia em pé, no lugar previamente combinado, na encruzilhada da estrada nas imediações da vila, ao lado do poço. O poço tinha as bordas de pedra e Struan pendurara nelas três lanternas. Estava sozinho, e seu relógio de bolso de ouro lhe dizia que quase chegara a hora. Ficou imaginando se Wu Kwok e seus homens viriam da vila ou das sampanas, ou ainda dos morros desolados. Ou do mar.

Observou o mar. Nada se movia, a não ser as ondas. Em alguma parte, na escuridão, navegando à trinca, estava o *China Cloud*, com os tripulantes de prontidão. Era longe demais para aqueles que se encontravam a bordo observá-lo com nitidez, mas suficientemente perto para verem a luz das lanternas. As ordens de Struan eram no sentido de que, se as lanternas se apagassem bruscamente, os homens baixassem escaleres e viessem para terra com mosquetes e espadas.

As vozes abafadas do punhado de homens que trouxera consigo elevaram-se da praia, num fraco sopro. Eles estavam à espera, ao lado dos dois escaleres, armados e prontos, também observando a luz das lanternas. Ele ficou ouvindo com atenção, mas não conseguiu distinguir o que estava dizendo. Eu estaria mais seguro completamente sozinho, disse a si próprio. Não quero olhos indiscretos em cima disso. Mas desembarcar sozinho, sem guardas, seria loucura. Pior, eu estaria pondo à prova o meu *pagode.* Sim.

Ele se enrijeceu, quando um cão rosnou, no silêncio da vila. recuou atentamente à escuta, à procura de sombras em movimento. Mas não viu nenhuma e sabia que o cão estava apenas se exercitando. Recostou-se no poço e começou a relaxar, contente de estar de volta à ilha. Contente porque May-may e as crianças estavam seguras, na casa construída para eles no Vale Feliz.

Robb e Culum cuidaram habilmente de tudo, enquanto ele estava fora. A pequena casa, com altos muros em torno e fortes portões, ficara pronta. Duzentos e cinqüenta homens haviam trabalhado nela dia e noite.

Ainda faltavam muitos detalhes para serem cuidados, e o jardim inteiro para ser plantado, mas a casa em si estava habitável e quase toda mobiliada. Era construída de tijolos, tinha lareira e um telhado de madeira. Os quartos eram travejados. Muitas das paredes eram cobertas com papel, mas umas poucas haviam sido pintadas, e todas tinham janelas envidraçadas.

A casa ficava diante do mar e tinha uma suíte principal, sala de jantar e uma grande sala de visitas. E, a oeste, um abrigo em treliça, em torno de um jardim, separado do resto da casa. Ali ficavam os alojamentos de May-may e os aposentos das crianças, e, por trás, os quartos dos empregados.

Struan levara May-may, as crianças, e Ah Sam, a ama, para a casa com ele, na antevéspera, e os instalara lá. Um rapaz de confiança, cozinheiro, chamado Lim Din, e uma lavadeira, e *makee-learnee*, como eram chamados as ajudantes de cozinha, tinham vindo com ele de Cantão.

E, embora nenhum europeu tivesse visto May-may, a maioria deles tinha certeza de que o Tai-Pan trouxera sua amante para a primeira morada permanente em Hong Kong. Davam risadinhas entre si, ou o denunciavam, com sua inveja. Mas nada diziam às suas mulheres. No devido tempo, iam querer trazer suas próprias amantes e, quanto menos falassem, melhor. As mulheres que suspeitavam mantiveram-se caladas. Nada havia que pudessem fazer.

Struan ficara muito satisfeito com sua casa e com o progresso nos armazéns e na feitoria. E também com os resultados de sua frieza pública diante de Culum. Culum dissera-lhe às escondidas que já fora sondado inicialmente por Brock, e Wilf Tillman convidara-o para ir à bordo do caro navio de ópio da firma e o recebera principescamente.

Culum contara que o comércio fora discutido — e como o futuro da Ásia

dependia vitalmente da cooperação, particularmente entre as raças anglo-saxônicas. E dissera que Shevaun estava na sala de jantar, muito bela e vivaz.

Um peixe saltou da água, permaneceu por um momento no ar, tornou a cair, e Struan ficou olhando por um momento, à escuta. Depois, relaxou outra vez e deixou a mente vaguear.

Shevaun seria um bom casamento para Culum, pensou Struan, sem emoção. Ou para ele próprio. Sim. Daria uma bela anfitriã e um acréscimo interessante aos banquetes que você oferecerá em Londres. Para lordes, *ladies* e membros do Parlamento. E ministros do Gabinete. Vai comprar para si próprio um título de baronete? Você poderia pagar dez vezes mais. Se o *Blue Cloud* chegar na Inglaterra primeiro. Ou em segundo e até em terceiro, bastando chegar a salvo. Se o comércio da temporada for concluído com segurança, então você pode comprar para si mesmo um título de conde.Shevaun é suficientemente jovem. Ela traria um dote útil e ligações políticas interessantes. E Jeff Cooper? Ele está loucamente apaixonado por ela. Se ela lhe disser não, é problema dele.

E May-rnay? Será que uma esposa chinesa barraria a você o acesso à nata? Certamente. Ela pesaria muito contra você. Está fora de cogitação.

Sem o tipo certo de esposa inglesa, a vida social será impossível. Os acertos diplomáticos são feitos sobretudo em salas de visita particulares, em meio ao luxo. Talvez a filha de um lorde, conde ou ministro de Gabinete? Espere até chegar à Inglaterra, hein? Há tempo suficiente.

Há mesmo?

Um cão latiu agudamente entre as sampanas e depois ganiu, enquanto outros se atiravam sobre ele. Os ruídos da briga mortal elevavam-se e decresciam até, finalmente, cessarem. Silêncio, outra vez, a não ser pelos furtivos rosnados, roçares de corpos e dilaceramentos na escuridão, enquanto os vencedores começavam a se alimentar.

Struan estava olhando as sampanas, de costas para as lanternas. Viu uma sombra se mover, outra, e logo um grupo de chineses foi saindo da vila flutuante e se reunindo na praia. Identificou Scragger. Struan segurou frouxamente sua pistola e esperou com calma, procurando Wu Kwok em meio à escuridão. Os homens vieram pela estrada, sem fazer ruído, com Scragger, cautelosamente, no meio. Pararam perto do poço e olharam fixamente para Struan. Todos eram jovens, no começo da casa dos vinte, e estavam vestidos com túnicas e calças negras, tinham nos pés sandálias com tiras de couro, e grandes chapéus de cule disfarçavam-lhes os rostos.

— Grande noite, Tai-Pan — disse Scragger, com voz baixa, em guarda, e preparado para uma retirada imediata.

— Onde está Wu Kwok?

— Mandou pedir desculpas, mas está muito ocupado. Aqui estão os cem. Faça a escolha e vamos embora, está bem?

— Diga-lhes para se dividirem em grupos de dez e tirarem a roupa.

— Tirar a roupa?

— Sim, tirar a roupa, pelo amor de Deus!

Scragger piscou para Struan. Depois, deu de ombros e voltou para perto dos homens, falando-lhes numa cantilena baixa. Os chineses conversaram baixinho e, depois, separaram-se às dezenas e tiraram as roupas.

Struan fez sinal para a primeira dezena e eles caminharam para a luz. De alguns grupos, escolheu um, de outros, dois ou três, de uns poucos, nenhum. Escolhia com o maior cuidado. Sabia que estava reunindo uma força-tarefa, a ponta de lança do seu avanço para o coração da China. Se conseguisse dobrá-los à sua vontade. Os homens que não conseguiam olhá-lo nos olhos eram imediatamente

excluídos. Passava ao largo daqueles cujos rabichos eram maltratados e desgrenhados. Não eram considerados os que não tinham bom físico. Mas, aqueles cujos rostos eram pontilhados com marcas de varíola, ganhavam um ponto a seu favor — pois Struan sabia que a varíola assolava os navios em todos os mares e um homem já acometido pela doença e recuperado era imune e forte e sabia o valor da vida. Os que tinham ferimentos a faca bem cicatrizados eram favorecidos. Aqueles capazes de ficar nus sem se importar, ele aprovava. Mas, os que mostravam sua nudez com hostilidade, examinava cuidadosamente, sabendo que a violência e o mar são companheiros. Alguns, escolheu por causa do ódio em seus olhos e, alguns, apenas por causa de uma intuição que teve, ao lhes ver os rostos.

Scragger observava a seleção com impaciência crescente. Puxava sua faca e, repetidamente, atirava-a no pó. Afinal, Struan terminou.

— Esses são os homens que quero. Todos podem vestir-se, agora.

Scragger deu uma ordem e os homens se vestiram. Struan pegou um maço de papéis e entregou um deles a Scragger.

— Pode ler alto para eles.

— O que é isso?

— Um contrato regulamentar. Taxas de pagamento e termos para um serviço de cinco anos. Todos deverão assinar um.

— Não sei ler. E para que esse documento, hein? Wu Fang Choi disse a eles que ficariam com você por cinco anos. Struan entregou-lhe outra folha coberta com caracteres chineses.

— Dê isso a alguém que saiba ler. Cada qual assinará uma, ou então não os aceitarei e o acordo está cancelado.

— Quer fazer tudo bem direitinho, hein?

Scragger pegou o papel e chamou um chinês de baixa estatura, com marcas de varíola, que fora escolhido. O homem se adiantou e, pegando o papel, estudou-o à luz da lanterna. Scragger fez um sinal com o polegar para aqueles que haviam sido rejeitados, e eles •desapareceram nas sampanas.

O homem começou a ler.

— Como é o nome dele?

— Fong.

— Fong o quê?— Fong o que você quiser. Quem sabe qual é o verdadeiro nome desses macacos?

Os chineses ouviram Fong atentamente. A certa altura, explodiram numa onda de riso abafada e nervosa.

— Qual é a graça? — Scragger perguntou, em cantonês. Fong demorou muito tempo para explicar. Scragger virou-se para Struan.

— Que negócio é esse, hein? Eles precisam prometer que não vão fornicar e nem casar durante os cinco anos? Isto não é direito. O que acha que eles são?

— É uma cláusula justa e normal, Scragger. Todos os contratos têm a mesma cláusula.

— Não em papéis de marinheiros, por Deus.

— Eles vão ser capitães e oficiais, então precisam ter contratos. Para tornar legal

sua situação.

— É muito impróprio, se quer saber minha opinião. Isto significa que não podem levar uma puta para a cama durante cinco anos?

— É apenas uma formalidade. Mas não podem casar. Scragger virou-se e fez um curto discurso. Outra vez, houve risos.

— Eu disse que eles precisam obedecer-lhe como a Deus Todo-Poderoso. Menos no que diz respeito à fornicação. — Enxugou o suor do rosto. — Wu Fang Choi disse a eles que seriam seus, por cinco anos. Então, não precisa se preocupar.

— Por que você está tão nervoso, hein?

— Por nada, por nada, eu lhe garanto.

Fong continuou a ler. Houve um silêncio e alguém pediu que uma cláusula fosse repetida. O interesse de Scragger aumentou. Era a respeito do pagamento. Os capitães em potencial receberiam cinqüenta libras no primeiro ano, setenta no segundo e no terceiro, cem quando alcançassem escalão de primeiro-imediato, e cento e cinqüenta ao terminarem sua formação. E teriam um sexto dos lucros dos navios que capitaneassem. Um bônus de vinte libras, se aprendessem inglês dentro de três meses.

— Cento e cinqüenta mangos é mais do que ganhariam em dez anos — disse Scragger.

— Quer um emprego?

— Estou satisfeito com meu atual emprego, muito obrigado. — Ele contorceu o rosto, quando teve um pensamento repentino.

— Wu Fang Choi não pagaria essa grana toda — disse.

— Ninguém vai lhe pedir. Esses homens vão fazer por merecer cada centavo, pode ter certeza. Ou então serão despedidos.

— O dinheiro não é meu, então pode pagar a eles quanto quiser e desperdiçar sua nota.

Quando Fong terminou de ler o documento, Struan fez cada homem escrever seu nome em caracteres, numa cópia. Todos os homens sabiam escrever. Ele fez cada um lambuzar a palma esquerda com tinta de carimbo e imprimir a palma no verso do papel.

— Para que é isso?

— Cada palma de mão é diferente da outra. Agora, eu conheço cada homem... seja qual for o seu nome. Onde estão os meninos?

— Quer que os homens vão para os botes?

— Sim. — Struan deu a Fong uma lanterna e fez sinal para que fosse até à praia. Os outros homens seguiram-no, em silêncio.

— A escolha e o negócio dos papéis foram muito inteligentes, Tai-Pan. Você é esperto mesmo. — Scragger chupava a ponta de sua faca, pensativamente. — Ouvi dizer que você deu uma boa lição em Brock. E também soube das barras de

prata.

Struan deu uma olhada em Scragger, repentinamente suspeitoso.

— Havia europeus naquele ataque, segundo disse Brock. Você era um deles?

— Se eu tivesse recebido ordens de Wu Fang, Tai-Pan, não teria havido falha. Wu Fang Choi não gosta de falhas. Deve ter sido coisa de gente do local mesmo, os malditos. Terrível. — Scragger deu uma olhada na escuridão em torno. Quando se certificou de que estavam completamente sozinhos falou em tom de conspiração. — Wu Kwok é *fuquienês*. Ele vem de Quemoy, lá pelo alto da costa, sabe? Conhece a ilha?

— Sim.

— Na noite do solstício de verão, haverá um festival, Wu Kwok, com certeza, comparecerá. Tem alguma coisa a ver com seus ancestrais. — Os olhos de Scragger brilharam, malevolamente. — Se uma fragata ou duas estivessem passando por lá, ora, ele seria pegado como um maldito rato de esgoto numa barrica.

Struan sorriu, com desdém.

— Ah, seria sim!

— É verdade, eu lhe digo, por Deus. Você tem meu juramento, por Deus. Aquele patife me enganou e me fez jurar a você, quando era mentira, e não vou perdoar isso. O juramento de Scragger é tão bom quanto o seu!

— Sim. Claro. Acha que eu confiaria num homem que vende seu patrão como se fosse um rato?

— Ele não é meu patrão. Wu Fang Choi é meu chefe, e ninguém mais. Jurei lealdade a ele, a nenhum outro. Você tem meu juramento. Struan observou Scragger.

— Vou pensar a respeito da noite do festival.

— Você tem meu juramento. Quero que ele morra, por Deus. O juramento de um homem é tudo que tem, entre ele mesmo e a danação. Aquele porco desmentiu o meu, que Deus o amaldiçoe, e então quero que ele morra para pagar.

— Onde estão os meninos?

— Eles vão ser grã-finos, como você disse?

— Depressa, quero ir embora.

Scragger virou-se e assobiou para dentro da escuridão. Três pequenas sombras saíram das sampanas. Os meninos desceram cautelosamente a vacilante prancha de desembarque e pisaram em terra, subindo a estrada às pressas, em seguida. Os olhos de Struan se arregalaram, quando os meninos apareceram à luz. Um deles era chinês. Um eurasiano. E o último era um imundo pirralho inglês. O menino chinês estava ricamente vestido, tinha o rabicho grosso e bem entrançado. Carregava uma mala. Os outros dois estavam pateticamente vestidos, com sujas roupas de menino imitando as inglesas — casacos feitos em casa, velhas cartolas e calças e sapatos costurados em casa, toscamente. Sobre os ombros, cada um carregava um bastão com uma trouxa pendurada na ponta.

Todos os meninos tentavam desesperadamente — e sem conseguir — esconder sua ansiedade.

— Este é Wu Pak Chuk — disse Scragger. O menino chinês se curvou, nervosamente. — Ele é neto de Wu Fang Choi. Um dos netos, mas não filho de Wu Kwok. E esses são meus próprios filhos. — Ele apontou orgulhosamente

para o pirralhinho, que piscou sem querer. — Este é Fred. Ele tem seis anos. E este é Bert, que tem sete.

Fez um leve sinal e ambos os meninos tiraram o chapéu, fizeram curvaturas e murmuraram alguma coisa, no meio de todo o pânico, olhando em seguida para o pai, a fim de ver se tinham feito tudo direito. Bert, o menino eurasiano, antes tinha o rabicho metido embaixo do chapéu, mas agora, com todo o nervosismo, o rabicho estava pendente às suas costas. O cabelo do pirralho estava sujo e, como o do seu pai, achava-se amarrado com um pedaço de cânhamo alcatroado, à nuca.

— Venham cá, rapazes — disse Struan, com pena.

O pirralho pegou a mão de seu meio-irmão e os dois adiantaram-se devagar. Pararam, quase sem conseguir respirar. O menino inglês limpou um fio de catarro do nariz, com as costas da mão.

— Você é Fred?

— Sim, Excelência — sussurrou, em voz quase inaudível.

— Fale alto, rapaz — disse Scragger, e o menino exclamou:

— Sim, Excelência, eu sou Fred.

— Eu sou Bert, Excelência. — O eurasiano recuou, quando Struan olhou para ele. Era um menino alto, bonito, com belos dentes e pele dourada. Tinha a estatura mais elevada dos três.

Struan olhou para Wu Pak. O menino baixou os olhos e riscou a terra com os pés.

— Ele não fala inglês?

— Não. Mas o Bert fala a língua dele. E Fred algumas palavras. A mãe de Bert é *juquienesa.* — O desajeitamento de Scragger piorou.

— Onde está sua mãe, Fred?

— Está morta, Excelência — disse o pirralho, num engasgo. — Ela está morta, *senhorrr.*

— Morreu há dois anos. O escorbuto a levou — disse Scragger.

— Há mulheres inglesas na frota de vocês?

— Algumas embarcações têm. Vão para lá, rapazes — disse, e seus filhos fugiram para onde ele estava apontando e ficaram duros feito pedras, num ponto onde não podiam ouvir o que se falava. Wu Pak hesitou e, depois, correu para perto deles, ficando bem juntinho.

Scragger baixou a voz.

— A mãe de Fred era prisioneira. Pegou dez anos de deportação por roubar carvão no mais frio do inverno. Fomos casados por um padre, na Austrália, mas ele era um renegado, e então talvez não valesse. Éramos casados, de qualquer maneira. Eu jurei a ela, antes que morresse, cuidar bem do menino.

Struan pegou outros papéis.

— Estes me dão a guarda dos meninos. Até terem vinte e um anos. Você pode assinar por seus filhos, mas como será com Wu Pak? Deveria ser assinado por um parente.

— Vou colocar minha marca em todos. Pode me dar uma cópia para eu mostrar a Wu Fang? O que eu assinei?

— Sim. Você pode levar um.

Struan começou a colocar os nomes, mas Scragger o deteve.

— Tai-Pan, não ponha Scragger nos meninos. Ponha outro nome. Qualquer um que você quiser. Não, não me diga qual — acrescentou, depressa. — Qualquer nome. Pense num bom nome.-O suor porejava em sua testa. Seus dedos tremiam, quando ele pegou o lápis e fez sua marca. — Fred deve me esquecer. E à sua mãe. Faça o melhor que puder por Bert, hein? A mãe dele é ainda minha mulher e ela não é ruim, para uma pagã. Faça o melhor que puder por eles, e terá um amigo pelo resto da vida. Faço o meu juramento. Ambos precisam ser ensinados a rezar direito suas orações. — Assoou o nariz nos dedos e os enxugou nas calças. — Wu Pak precisa escrever uma vez por mês a Jin-qua. Ah, sim, e você manda as contas para Jin-qua, pela escola e o resto. Uma vez por ano. Todos devem ir para a mesma escola e comer juntos.

Ele fez sinal para o menino chinês. Wu Pak adiantou-se, hesitante. Scragger fez um sinal com o polegar em direção aos botes e o menino foi embora, obedientemente. Depois, fez sinal para seus filhos.

— Agora eu vou embora, rapazes.

Os meninos correram até onde se encontrava, e se agarraram a ele, implorando-lhe para não mandá-los embora, com as lágrimas escorrendo e esmagados pelo terror. Mas ele os empurrou e forçou a voz a ficar dura.

— Vão embora, agora. Obedeçam ao Tai-Pan, aqui. Ele vai ser como um pai para vocês.

— Não nos mande embora, papai — disse Fred, em tom de lamentação. — Eu

sou um bom menino. Bert e eu somos bons meninos. Papai, não nos mande embora.

Estavam perdidos na imensidão de sua dor, com os ombros soerguidos.

Scragger pigarreou ruidosamente e cuspiu. Depois de hesitar um segundo, puxou sua

faca e pegou o rabicho de Bert. O eurasiano gritou de horror e tentou libertar-se. Mas Scragger cortou o rabicho e esbofeteou o menino, que estava histérico, com força suficiente para fazê-lo sair do seu choque, mas sem machucá-lo.

— Ah, papai — disse Fred, tremulamente, com sua vozinha esganiçada — você sabia que Bert prometeu à mãe dele conservar o cabelo direito.

— É melhor eu fazer isso, Fred, antes que outra pessoa faça — disse Scragger, com a voz cheia de dor. — Bert não precisa disso, agora. Ele vai ser um grã-fino, como você.

— Não quero ser grã-fino, quero ficar em casa.

Scragger despenteou os cabelos de Bert pela última vez. E de Fred.

— Adeus, meus filhos — disse ele.

Saiu correndo e a noite o engoliu.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Por que ir tão cedo, Tai-Pan? — perguntou May-may, sufocando um bocejo. — Duas horas de sono, a noite passada, não são suficientes para você. Vai perder seu vigor.

— Vamos, moça! E eu já lhe disse que não precisa me servir.

Struan empurrou o prato de seu desjejum e May-may lhe despejou mais chá. Era uma linda manhã. O sol lançava seus raios através das janelas de treliça e formava delicados desenhos no chão.

May-may tentou fechar os ouvidos às batidas e ao ruído de serras das contrações ao longo de toda a praia, no Vale Feliz, mas não conseguiu. O baralho era permanente e esmagador, noite e dia, desde que haviam chegado, três dias atrás.

— Há muita coisa para ser feita, e eu quero ter certeza de que os preparativos para o baile marcham bem — disse Struan.

— Vai começar uma hora antes do anoitecer.

May-may estremeceu de delícia, ao se lembrar do seu vestido secreto e de como era bonito.

— Tomar o desjejum ao amanhecer é um costume *barbarista.*

— Bárbaro — ele corrigiu. — E não está amanhecendo. São nove horas.

— Parece amanhecer. — Ela ajeitou mais confortavelmente seu robe de seda amarela, sentindo os bicos dos seios duros contra o tecido. — Quanto tempo vão demorar esses barulhos horrorosos?

— Vão parar dentro de mais ou menos um mês. E não há trabalho aos domingos,

é claro — disse ele, quase sem escutá-la, pensando a respeito de tudo que teria de fazer naquele dia.

— É barulho demais — disse ela. — E tem alguma coisa errada nesta casa.

— O quê? — perguntou ele, distraído, sem escutar.

— Está dando uma má impressão, uma impressão péssima. Tem certeza de que o *feng-shui* está correto, hein?

— *Feng* o quê? — Ele ergueu os olhos, espantado, e prestou-lhe completa atenção. May-may estava horrorizada.

— Você não procurou um cavalheiro *feng-shui?*

— Quem é esse?

— Pelo sangue de Cristo, Tai-Pan! — ela disse, exasperada. — Você constrói uma casa e não consulta o *feng-shui*? Que loucura! *Ayeee yah!* Vou tratar disso hoje.

— O que faz o cavalheiro *feng-shui* — perguntou Struan — além de custar dinheiro?

— Verifica se o *feng-shui* está correto, é claro.

— E o que, pelo amor de Deus, é *feng-shui?*

— Se o *feng-shui* está ruim, os espíritos do mal entram na casa e a pessoa tem um mau *pagode* terrível e doenças terríveis. Se o *feng-shui* for bom, então não entram maus espíritos. Todos sabem a respeito do *feng-shui.*

— Você é uma boa cristã e não acredita em espíritos do mal e nem em bruxaria.

— Concordo plenamente, Tai-Pan, mas o *feng-shui é* tremendamente importante para as casas. Não se esqueça de que estamos na China, e na China...

— Muito bem, May-may — ele disse, com resignação. — Consiga um cavalheiro *feng-shui* para fazer bruxaria, se você precisa disso.

— Ele não faz bruxaria — ela disse, em tom de importância. — Verifica se a casa está em boa posição, diante das correntes do Céu-Terra-Ar. E de que não é construída num poço de dragão.

— Ah?

— Ah, meu bom Deus, como diz você, às vezes! Isso seria horrível, porque então o dragão que dorme na terra não poderia mais dormir em paz. Pelo sangue de Cristo, espero que não estejamos em seu pescoço! Ou na cabeça! Você poderia dormir com uma casa em seu pescoço, ou na cabeça? Claro que não! Se o sono do dragão for perturbado, claro que coisas muito terríveis acontecerão. Teríamos de nos mudar imediatamente.

— Ridículo!

— Muito ridículo, mas nós nos mudaríamos, de qualquer jeito. Eu, ah, eu protejo nós dois. Ah, sim. É muito importante a gente proteger nosso homem, e nossa família. Se a casa estiver construída em cima de um dragão, nós nos mudaremos.

— Então é melhor você dizer ao cavalheiro *feng-shui* para ter o cuidado de não encontrar nenhum dragão por aqui, por Deus. Ela fez um gesto de amuo com o queixo.

— O cavalheiro do *feng-shui* não vai ensinar você a pilotar um navio... por que você quer ensinar a ele alguma coisa a respeito de dragões, hein? Não é fácil ser um cavalheiro do *feng-shui*.

Struan ficou satisfeito de ver que May-may começava de novo a ser ela mesma. Notara que, desde a volta a Cantão, de Macau, e durante a viagem para Hong Kong, ela parecia ressentida e distraída. Particularmente nos últimos dias. E ela tinha razão, o barulho era muito desagradável.

— Bom, eu estou saindo.

— Seria correto eu convidar *Marr-rry Sin-clcãr* hoje?

— Sim. Mas não sei onde ela está... e nem se já voltou.

Ela está na nau capitania. Chegou ontem, com sua ama, Ah Tat, e seu vestido de baile. É preto e muito bonito. Vai custar a você duzentos dólares. *Ayeee yah*, se você me deixasse ajeitar o vestido, eu economizaria sessenta ou setenta dólares para você, pode ter certeza. A cabina dela é vizinha à do irmão.

— Como você sabe de tudo isso?

— Sua ama é a quarta filha da irmã da mãe de Ah Sam. De que adiantaria uma escrava insinuante como Ah Sam, se ela não mantivesse a mãe informada e nem tivesse contatos?

— Como a mãe de Ah Sam lhe contou?

— Ah, Tai-Pan, você é tão engraçado — exclamou May-may. — Não é a mãe de Ah Sam, sou *eu*. Todas as escravas chinesas chamam sua patroa de “Mãe”. Exatamente como ela chama você de “Pai”.

— É mesmo?

— Todas as escravas chamam o dono da casa de “Pai”. É um costume antigo e muito cortês. Então Ah Tat, escrava de *Marry,* contou a Ah Sam. Ah Sam, que é uma bobalhona preguiçosa e inútil, bem precisada de umas boas surras, então contou à sua “mãe”. A mim. É realmente muito simples. E, se você falasse um idioma chinês, chamaria Ah Sam de “Filha”.

— Para que você quer ver Mary?

— Ficar sem conversar dá muita solidão. Só falo cantonês, não se preocupe. Ela sabe que eu estou aqui.

— Como?

— Ah Sam contou a Ah Tat — ele disse, como se estivesse dando explicações a uma criança. — Naturalmente, uma notícia tão interessante, Ah Tat tinha de contar à sua mãe — ela contou a *Marrry.* Aquela puta velha da Ah Tat é uma mina de jade de segredos.

— Ah Tat é uma prostituta?

— Pelo sangue de Cristo, Tai-Pan, só estou falando em linguagem figurada. Você realmente devia voltar para a cama. Está muito tolo hoje de manhã. Ele terminou seu chá e empurrou o prato.

— Não é de admirar, ouvindo tantos disparates. Vou almoçar com Longstaff, então darei o recado a Mary. Que; hora eu devo marcar?

— Obrigada, Tai-Pan, não se incomode. Ah Sam será melhor. Assim ninguém saberá, a não ser as criadas e elas sabem tudo, de qualquer jeito, pode ter certeza.

Lim Din abriu a porta. Era o criado pessoal de Struan, além de cozinheiro, um homenzinho atarracado, na casa dos cinqüenta, muito limpo, com suas calças negras e túnica branca. Tinha um rosto redondo e feliz, e olhos penetrantes, astutos.

— Senhor, a senhorita e o senhor vieram visitar. Pode?

— Senhor o quê? — Struan estava espantado de alguém ser tão descortês a ponto de aparecer sem ser convidado. Lim Din encolheu os ombros.

— Senhor e senhorita. Quer ver que senhor, que senhorita?

— Ah, não se incomode — disse Struan, e se levantou da mesa.

— Está esperando convidados? — perguntou May-may.

— Não.

Struan saiu da sala e entrou na pequena ante-sala. Abriu a porta mais afastada e fechou-a atrás de si. Passou ao corredor que conduzia ao saguão e aos aposentos separados, na frente da casa. E, no momento em que chegou ao corredor, soube que um dos visitantes era Shevaun. Seu perfume, uma fragrância turca especial que só ela usava, havia mudado delicadamente a qualidade do ar.

Seu coração bateu mais rápido e sua raiva diminuiu, enquanto caminhava pelo corredor, com suas macias botas curtas de couro estalando contra o chão de pedra, e se encaminhava à sala de estar.

— Olá. Tai-Pan — disse Shevaun.

Shevaun tinha vinte anos e era graciosa como uma gazela. Usava o cabelo ruivo escuro, mais escuro do que o de Struan, em longos cachos. Seu busto volumoso, sob o vestido de veludo verde discretamente decotado, erguia-se sobre uma cintura muito delgada. Seus tornozelos e pés delicados apareciam sob uma dúzia de anáguas. Seu gorro era verde, e a sombrinha de um laranja forte.

Sim, pensou Struan, cada dia ela está mais bonita.

— Bom-dia, Shevaun, Wilf.

— Bom-dia. Desculpe aparecer sem ser convidado. — Wilf Tillman estava muito constrangido.

— Ah, vamos, tio — disse Shevaun, alegremente — é um bom e velho costume americano fazer votos de felicidades para casa.

— Não estamos na América, querida.

Tillman desejava estar, hoje. E que Shevaun estivesse casada, em segurança, com Jeff Cooper, e não mais sob sua responsabilidade. Maldita Shevaun. E maldito Jeff, ele pensou. Eu queria muito que o homem fizesse seu pedido formalmente. Então eu poderia, simplesmente, anunciar o casamento, e tudo acabaria bem. Mas toda essa indecisão em torno do assunto é ridícula. “Vamos dar tempo a ela. Há muito tempo”, Jeff está sempre dizendo. Mas eu sei muito bem que há muito pouco tempo, agora que Struan está viúvo. Tenho absoluta certeza de que Shevaun está caída pelo Tai-Pan. Por que outro motivo insistiria em vir aqui, hoje de manhã? Por que não pára de fazer perguntas a respeito dele?

Todo o caminho até à casa de Struan, ele estivera ponderando sobre a possível sabedoria de uma união entre Struan e Shevaun. Naturalmente, poderia haver vantagens financeiras definidas, mas Struan era totalmente oposto ao estilo de vida deles, na América — ele, simplesmente, não entenderia.

Com certeza, iria virar Shevaun contra nós, pensou Tillman. Forçaria as coisas, através dela. Jeff ficaria furioso com a perda dela e, provavelmente, romperia a sociedade Cooper-Tillman. Não há nada que eu possa fazer para impedir isso. Se a companhia se desfizer, não haverá dinheiro para o irmão John oferecer recepções tão luxuosas, em Washington. A política é cara e, sem um apoio político, a vida será muito difícil para a família. Além disso, precisamos de qualquer ajuda disponível para enfrentar os malditos Estados do Norte. Não, pelo amor de Deus. Shevaun vai casar com Jeff e não com o Tai-Pan, não há dúvida.

— Desculpe vir sem ser convidado — ele repetiu.

— São ambos muito bem-vindos. — Struan fez sinal a Lim Din, em direção ao garrafão de bebida e aos copos. — Xerez?

— Ah, obrigado, mas acho que já vamos — disse Tillman. Shevaun riu e seu nariz arrebitado se enrugou graciosamente.

— Mas mal acabamos de chegar. Eu queria ser a primeira a dar as boas-vindas a você e à sua casa, Tai-Pan — disse ela.

— Está dando. Sente-se. É bom ver você.

— Compramos alguns presentes para a casa. — Ela abriu a sacola e tirou um pequeno pão, um vidrinho de sal e uma garrafa de vinho. — É um velho costume, a fim de trazer sorte para a casa. Eu queria vir sozinha, mas o tio disse que seria de péssimo gosto. Não é absolutamente culpa dele.

— Estou feliz porque você veio. — Struan pegou o pão. Era dourado, com a massa fresca e cheirosa..— Cozinhei-o a noite passada. Struan partiu um pedaço e provou-o. — Excelente!

— Na verdade, você não precisava comer. É apenas simbólico. — Ela riu outra

vez, pegou sua sacola e a sombrinha. — E, agora que já cumpri meu dever, nós vamos embora.

— Meus primeiros convidados não vão fazer uma coisa dessas. Eu insisto, pelo menos um xerez.

Lim Din ofereceu os copos. Shevaun pegou um e se instalou confortavelmente, enquanto Wilf Tillman franzia a testa. Lim Din afastou-se.

— Você realmente cozinhou o pão? Sozinha? — Struan perguntou.

— É muito importante uma moça saber cozinhar — ela disse, e devolveu-lhe o olhar, com um jeito desafiador. Tillman bebeu o xerez.

— Shevaun é uma boa cozinheira.

— Vou comer um pão por dia — disse Struan. Ele se sentou na poltrona de couro e ergueu o copo. — Muitos anos de vida!

— Para você também.

— Sua casa é bonita, Tai-Pan.

— Obrigado. Quando estiver terminada, eu gostaria de lhe mostrar todos os cômodos. — Struan sabia que ela estava curiosa para descobrir se os boatos a respeito de May-may eram verdadeiros. — Aristotle disse que você não estava bem a última vez em que a viu.

— Foi apenas um resfriado — ela disse.

— Vai mandar fazer outro retrato?

— Estou pensando nisso — disse ela, tranqüilamente. — O querido Sr. Quance. Admiro tanto os quadros dele. Titio e eu estamos tentando convencê-lo a passar uma temporada, como experiência, em Washington. Acho que ele ganharia uma fortuna.

— Nesse caso, eu acho que você teria um visitante. — Struan ficou imaginando se a inocência no rosto dela era fingida ou real. Olhou para Tillman. — Como vão os negócios?

— Excelentes, obrigado. Jeff volta de Cantão hoje à tarde. As coisas estão explodindo na Colônia. Você voltará para lá?

— Dentro de poucos dias.

— Ouvi dizer que o *Blue Cloud* e o *Gray Witch* estão empatando. Um de nossos navios, vindo de Cingapura, passou por eles há dois dias, em plena velocidade. Vai depender de sorte.

Enquanto os dois homens conversavam, polidamente, sobre questões comerciais, nenhum deles realmente interessado na opinião do outro, Shevaun bebia seu xerez e examinava Struan. Ele estava vestido com um terno de lã leve, bem cortado e elegante.

Você é um homem e tanto, ela pensou; talvez não saiba, Dirk Struan, mas vou casar com você. Fico imaginando como será sua amante oriental; sinto a presença dela na casa. Amante ou não, eu sou a moça para você. E, quando eu for sua mulher, você não vai precisar se afastar, por muito tempo. Por muitíssimo tempo.

— Bom, acho que já vamos — disse Tillman, e se levantou. — Mais uma vez, desculpe por chegar sem convite.

— São sempre bem-vindos.

— A propósito, Tai-Pan — disse Shevaun — pelo que eu soube, as senhoras não estão convidadas para a luta desta tarde. Quer apostar um guinéu no homem da Marinha por mim?

— Meu Deus, Shevaun — disse Tillman, chocado. — Você não deve dizer essas coisas! Não fica bem para uma moça!

— Você é muito desonesto — disse ela — e antiquado. Vocês homens apreciam uma luta, por que nós não deveríamos apreciar? Vocês homens gostam de jogar, mas nós não podemos, é?

— É uma boa pergunta, Shevaun. — Struan se divertia com o constrangimento de Tillman.

— Afinal, é um costume oriental. — Ela olhou inocentemente para Struan. — Ouvi dizer que os chineses jogam o tempo todo, especialmente as mulheres. Struan, complacentemente, ignorou a observação.

— Jogar é um mau hábito — disse Tillman.

— Concordo plenamente, tio. Quanto você já apostou?

— Uma coisa nada tem a ver com a outra.

Struan riu.

— Com sua permissão, Wilf, vamos satisfazê-la. Um guinéu na Marinha?

— Obrigada, Tai-Pan — disse ela, antes de Tillman poder responder, e estendeu a mão enluvada para Struan. — É apenas uma questão de princípio. Você é muito compreensivo.

Ele deixou que a mão dela repousasse na sua um momento mais do que o necessário e depois beijou-a, fascinado pelo pensamento de domá-la. Em seguida, levou os dois até a porta.

— Eu os verei esta noite.

— Se eu não ganhar aquele prêmio, ficarei desesperada. E também irei para a prisão, por dívidas.

— Você não irá, Shevaun, mas seu pobre pai e tio, que sofrem há tanto tempo, talvez vão mesmo — disse Tillman.

Quando partiram, Struan voltou para os alojamentos de May-may.Ela fitou-o, friamente.

— O que há de errado?

— Aquela maldita e melosa prostituta está atrás de você. É isso que está errado.

— Não seja tola e não fique aí praguejando! E como você a viu?

— Ora! Será que eu não tenho olhos? Não tenho nariz? Para que tanto estudei o projeto da casa, hein, horas a fio? Para que fosse planejada de modo a eu poder ver quem vem aqui e quem passa sem ser vista. Ora! Aquela putinha de merda está atrás de você, para *casa*!.

— Para casar — ele corrigiu.

— Beijando a mão dela, hein? Por que não beija minha mão? — Ela fechou o bule, com estrépito. — Por que ficou olhando para ela com os olhos de bezerro atrás da vaca, hein? *Ayeee yah!*

— *Ayeee yah* para você. E se fizer mais um comentário assim, eu lhe dou uma surra. Quer levar uma surra?

— Esses *homi*! — Ela atirou a cabeça para cima. — Esses *homi*!

— Homens... não *homi.* Eu já lhe disse isso mais de mil vezes.

— Esses homens! — May-may, toda trêmula, se serviu de um pouco de chá e depois bateu a xícara no pires e se levantou. — Ouvi dizer que os *homi* chineses jogam muito, *ispicialmente* as mulheres — ela disse, imitando Shevaun, erguendo o busto para lhe dar maior volume e balançando o traseiro. — E você fica sentado ali devorando os *peito* dela com o olhar. *Pra* meus *peito* você não olha, *né*?

Struan, tranqüilamente, depôs sua xícara de chá e se levantou. May-may refugiou-se do outro lado da mesa.

— Não estou dizendo nada, não se preocupe — disse, depressa.

— Foi o que eu pensei. — Ele, calmamente, acabou de tomar seu chá e ela ficou a olhá-lo, sem se mexer, mas pronta para fugir. Ele colocou a xícara no pires.

— Venha cá.

— Ah! Eu tenho medo quando seus olhos lançam fogo verde.

— *Venha cá*. Por favor — ele acrescentou, com doçura. Ela estava quase vesga de raiva e ele a achou parecida com um dos gatos siameses que vira em Bancoc. Tão rancorosa como eles, pensou.

Cautelosamente, ela se aproximou, sempre pronta para escapar, ou fazer uma investida, de unhas em riste. Ele, gentilmente, deu-lhe pancadinhas na face e se virou para a porta.

— Seja uma boa menina.

— Tai-Pan! — May-may, imperiosamente, estendeu a mão para ser beijada.

Fazendo força para não sorrir, ele voltou e, com galanteria, beijou-lhe a mão. Depois, forçou-a a se virar, sem tempo de se defender, e lhe deu uma forte palmada no traseiro. Ela arquejou, libertou-se com esforço das mãos dele e deu um pulo, para se proteger atrás da mesa. Ao se ver em segurança, atirou-lhe uma xícara. Esta se espatifou na parede, perto do ouvido dele, e ela pegou outra.

— Não atire isso!

Ela voltou a colocá-la sobre a mesa.

— Muito bem, garota. Uma, tudo bem. Duas já é demais. — Ele se virou para a porta.

— Só estou falando para proteger você — ela gritou. — Proteger daquela puta melosa, feia, com peitos de vaca velha!

— Obrigado, May-may — ele disse, fechando a porta atrás de si.

Ele fingiu seguir pelo corredor e depois ficou à escuta, tentando não rir. A xícara

espatifou-se contra o outro lado da porta. O som foi seguido por uma torrente de pragas, depois o nome de Ah Sam e mais pragas.

Alegremente, ele saiu nas pontas dos pés.

***

O Vale Feliz inteiro pulsava de atividade e, enquanto Struan descia o leve declive que levava de sua casa em direção à praia, sentiu um grande orgulho. Muitas edificações estavam em início. As duas maiores eram as grandes feitorias de três andares da Casa Nobre e de Brock e Filhos uma em frente à outra na Estrada da Rainha — prédios enormes contendo armazéns, escritórios e apartamentos, do tipo preferido pelos comerciantes na China e parecidos com os existentes na Colônia de Cantão. No momento, eram apenas carcaças de andaimes externos de bambu, erguendo-se em direção ao céu, com centenas de trabalhadores chineses apinhados em torno. E, ao redor dessas estruturas dominantes, havia dúzias de outros prédios, moradias e desembarcadouros.

À distância, no meio do caminho até o Cabo Glessing, Struan via que o trabalho já começara no estaleiro; uma torrente interminável de cules empilhava pedras e rochas para formar o primeiro dos ancoradouros de águas profundas. Em frente à casinha do capitão de porto, já toda pronta, com exceção do telhado, estavam as muralhas de pedra da prisão, com mais da metade dos trabalhos concluídos. E ao lado do estaleiro, estava o primeiro quartel do exército, com seus andaimes.Struan virou-se em direção oeste, onde estava a série de grandes tendas que abrigavam a sede temporária da companhia. Haviam sido montadas nas imediações do vale. A igreja ainda não tivera sua construção iniciada embora Struan visse homens examinando o topo do outeiro.

— Bom-dia, Robb — disse ele, entrando na tenda.

— Bem-vindo à casa. — Robb não fizera a barba e havia manchas negras sob seus olhos. — Resolveu os problemas lá em Aberdeen?

— Sim. E por aqui, como vão as coisas?

— Bem e mal. Não se pode caminhar pela Estrada da Rainha sem que um montão de mendigos malcheirosos caia em cima da pessoa. E, pior do que isso, estamos trazendo dez mil tijolos de Macau por dia, em sampanas e juncos, e mais de dois mil somem, na manhã seguinte. — Atirou as mãos para cima, violentamente. — E não apenas tijolos... madeira, escrivaninhas, cimento, penas, papel... roubam tudo. Assim, nossos custos de construção vão dobrar. — Jogou uma lista de números — um presente para você... as cifras de custos de sua casa, até agora. Três vezes mais do que Vargas calculou.

— Por que tanto?

— Bom, você quis que fosse construída em três semanas.

— Por mil libras eu quase poderia comprar o quinto de um clíper, ora bolas!

— Se o *Blue Cloud* não chegar a Londres, estaremos com um terrível problema. Outra vez.

— Chegará.

— Gostaria de ser assim tão confiante — Robb respondeu, agressivamente. Struan sentou-se em sua escrivaninha.

— Qual é o verdadeiro problema, rapaz?

— Ah, não sei. Todo esse roubo, essa mendicância... e há coisas demais para fazer. E esse barulho maldito e constante. Estou cansado, eu acho. Não, não é verdade. Há duas coisas. Em primeiro lugar, Sarah. Ela está atrasada duas semanas e você não tem idéia de como uma mulher fica irritada, quando isto acontece, e a pobrezinha está com medo de morrer. Justificadamente. Não há nada que se possa fazer para ajudar, exceto dizer que tudo vai acabar bem. Além disso, há esse negócio de eu ter ficado. Não paramos de brigar. Ela está absolutamente decidida a ir embora, dentro de um ou dois meses... logo que estiver outra vez em condições.

— Você gostaria que eu conversasse com ela?

— Não. Nada poderá ajudar. Ela já decidiu e, quando Sarah decide, é definitivo. Claro que está encantada por termos ficado ricos de novo, mas vai embora assim mesmo. O baile não ajudou. .. ela está furiosa por se encontrar “grávida, gorda e feia”, como diz de si mesma. Nada que você disser fará a menor diferença.

— Isso é a “primeira” coisa. E a segunda?

— Culum. Você e Culum.

Struan olhou, através da porta da tenda, para o porto e os muitos navios ordenadamente ancorados.

— Ele parece estar muito bem.

— Não é isso que eu queria dizer.

— Deixe as coisas como estão, por enquanto.

— É uma situação muito ruim. Ruim para vocês dois e ruim para a casa.

— Deixe passar algum tempo, Robb.

— Eu estou lhe pedindo. Por favor, perdoe-o. Por favor.

— Deixe o tempo passar, Robb. — Struan virou-se. — Um tempinho.

— Muito bem, Dirk. — Robb enfiou as mãos nos bolsos. — O que aconteceu a noite passada em Aberdeen?

Struan contou-lhe e lhe deu os contratos e papéis de tutela. Mas nada disse a respeito de Wu Kwok, Quemoy e a noite do festival de verão. A noite iria acontecer enquanto ele ainda fosse Tai-Pan, e o que fazer com relação ao assunto era decisão do Tai-Pan — e só dele.

Robb ficou interessado.

— Onde estão os meninos, agora?

— A bordo do *Resting Cloud*. Deixei-os aos cuidados de Wolfgang. Os homens estão a bordo do *China Cloud*.

— É melhor mandarmos os meninos para nosso país, logo que possível. Se todos souberem que temos ligações com aqueles malditos piratas... bom, só Deus sabe que problemas teremos de enfrentar.

—O *Thunder Cloud* está quase cheio de carga. Dentro de quatro ou cinco dias, estará em condições de navegar. Irão nele.

— Vou mandá-los para Whampoa hoje.

— Não, rapaz. Eu mesmo os levarei, amanhã. É mais seguro. Tem muita coisa em jogo em Cantão, então é melhor eu voltar diretamente para lá. Quer ir também?

— Não posso, Dirk. Sarah está muito perto de ter criança. Por que não leva Culum?

— Há muita coisa para fazer aqui.

— Há muita coisa para ensinar a ele a respeito de chá, seda e navegação. Só faltam quatro meses.

— Está bem.

— Qual o seu plano, com relação aos homens?

— Em primeiro lugar, Wolfgang e Gordon vão ensinar-lhes inglês. Dentro de três meses, nós os colocaremos nos clíperes. Nunca mais de um no mesmo navio. E ponha sua esperta cabeça para funcionar, a fim de descobrir como conseguiremos que passem para o

nosso lado.

— Vou tentar. Fico imaginando que maldade Wu Kwok e Scragger estarão maquinando. Não confio neles, nem um pouquinho.

Sim, Struan pensou, imagino o que você faria, Robb, com relação à noite do festival... se soubesse. Você enviaria fragatas. Tendo certeza. E talvez as estivesse mandando para uma armadilha. Será que vou fazer isso? Não sei ainda.

Robb observou, através da porta da tenda, a atividade de construção.

— Se Deus ficar do nosso lado, nesta temporada, vamos alcançar uma grande dianteira, com relação a Brock.

— Sim. — Mas o que fazer com ele? E com Gorth?

— Acho que deveríamos aterrar um trecho de mar e estender os ancoradouros até águas profundas — disse Robb. — Tanto faz executar esses trabalhos agora como no próximo ano.

— Boa idéia, rapaz.

— Com licença, senhor — disse Cudahy, chegando às pressas — mas o senhor me disse para me apresentar imediatamente.

— Entre, Sr. Cudahy — disse Robb. — Como foram as coisas?

— Tudo num abrir e fechar de olhos, senhor. O paquete com a correspondência estava onde o senhor disse. Consegui uma lista dos passageiros, como o senhor queria. Interceptamos o navio ao largo de Pokliu Chau. Estará no porto dentro de três horas. — Cudahy sorriu e depôs um pequeno saco de correspondência. — Desculpe, senhor, mas como soube que o paquete estava chegando? Está adiantado um dia.

— Foi só um palpite, Sr. Cudahy — disse Robb. — Espere lá fora, por favor. — E começou a dar uma olhada em sua correspondência. Cudahy bateu continência e saiu.

— Foi uma idéia brilhante, essa sua — disse Robb — de colocar um vigia na montanha.

— Culum lembrou-se, não foi? — Struan ficou satisfeito, registrou a informação e ainda se sentiu mais satisfeito porque Robb e Culum haviam posto o plano em prática secretamente. — Como vocês trocam sinais?

— Escolhemos um dos funcionários, um sobrinho do velho Vargas, Jesus de Vargas, a fim de olhar para o topo da montanha, a cada quinze minutos. Com telescópio, naturalmente, e em segredo, é claro. Culum elaborou um sistema de sinais, com bandeiras. Agora, podemos dizer se o navio é um paquete, se é um dos nossos, ou de Brock ou de Cooper-Tillman.

Examinaram a correspondência. Os jornais e periódicos de três meses eles separaram, para desfrutar com calma. Livros, partituras musicais, peças de teatro, volumes sobre moda para Sarah, ou sobre aperfeiçoamentos náuticos, para Struan, papéis financeiros para Robb.

Em primeiro lugar, os negócios.

O preço das especiarias no mercado de Londres — gengibre, noz-moscada, pimenta e canela — subira apreciavelmente. O do melaço caíra. O preço para compra do chá, devido ao escasso abastecimento, aumentara cinqüenta por cento — o que significava, se

o *Blue Cloud* chegasse primeiro, que o lucro deles seria superior a duzentos e quarenta mil libras. Sérias perturbações cartistas haviam prejudicado a capacidade das fábricas de algodão do Lancashire e das minas de carvão galesas, o que significava que o custo do óleo de carvão para as lâmpadas iria subir, e o preço dos tecidos de algodão estaria mais alto do que o previsto. O preço do ópio em Calcutá baixara, porque havia supersafra. Então, Struan mudou as ordens

dadas ao *Sea Cloud,* um de seus clíperes nas vias de Hong Kong, e enviou-o urgentemente para Manilha, a fim de receber uma carga de especiarias, em vez de ir a Whampoa, para pegar um carregamento de chá, e mandou em seguida o navio para a Inglaterra, a toda pressa, via Cabo da Boa Esperança. Robb deu instruções a Vargas para comprar todos os metros disponíveis de tecidos de algodão, de fio e linha de algodão, descarregar todos os seus estoques de melaço, e aumentar a encomenda de ópio a ser adquirido em Calcutá e descarregar seus estoques atuais, logo que possível,

E, antes do paquete de correspondência estar ancorado no porto, o *Sea Cloud* navegava para Manilha, enquanto em três horas de negócios já enriquecera potencialmente em quarenta mil guinéus. Pois em três horas haviam açambarcado o mercado, no tocante aos fornecimentos importados disponíveis de óleo para lâmpadas, mercadorias de algodão, fio e linha de algodão, e especiarias, além de contratarem antecipadamente todo espaço de carga disponível, em todos os navios americanos e ingleses — com exceção das embarcações de Brock e Filhos. Sabiam que, logo após o paquete ancorar e a notícia se espalhar, os compradores correriam às suas portas, a fim de obter algodão e especiarias e fretar navios para levarem tudo, às pressas, à Inglaterra. Ninguém sabia, a não ser os dois irmãos, que o *Sea Cloud* disparara com a vantagem de pelo menos um dia, e pegaria o melhor do mercado de Londres.— É uma pena que vá nos tomar dois dias, pelo menos, o atendimento às encomendas de todos os nossos clientes e o despacho dos navios para Manilha — disse Robb, alegremente.

— Que pena, Robb, que pena.

— Parece que fizemos um belo trabalho, esta manhã.

Estavam em pé, à porta da tenda, observando o paquete descer as âncoras. Em torno dele, apinhavam-se escaleres cheios de homens ansiosos para pegar sua correspondência. Struan deu uma olhada na lista de passageiros que chegavam.

— Meu Deus, veja isto! — Ele empurrou o papel.

Os olhos de Robb voaram pela lista de nomes. E se fixaram. H.R.H. Arquiduque Zergeyev.

— O que um prócer russo estará fazendo na Ásia, hein?

Robb continuou a ler. Esposas de negociantes, três mercadores que voltavam, nomes de homens que nada significavam para ele. Finalmente, chegou lá.

— Maureen Quance e família? — Ele riu, estrondosamente.

— Diabo, não é coisa para rir — disse Struan. — E o julgamento?

— Ah, meu Deus!

Há seis anos, a mulher de Aristotle entrara furiosa num navio em Macau, com destino à Inglaterra, acreditando — como todos eles acreditaram — que Aristotle, cujo terror por ela era mortal, fugira para lá. Mas em vez de fugir, ele estava escondido no Estabelecimento para Jovens Refinadas da Sra. Fortheringill — o “E & T”, como os moradores locais chamavam o bordel, as “Enguias Trepadoras”. Aristotle saíra do esconderijo uma semana depois de Maureen partir e só meses após voltara a si e se curara dos “eflúvios do álcool”, Os comerciantes atribuíram seus “eflúvios” a uma sobrecarga em sua recepção à casa. Mas ele negou, veementemente: “Quando alguém está num transe desses, por Deus, não tem nenhuma vontade de partilhar aquilo que, por falta de melhor palavra, só posso descrever como ‘quentão’. Deleitoso, certamente, mas ‘quentão’. Não, meus queridos e equivocados amigos, terror e “quentão’ não são “parceiros de cama.” Ninguém acreditou nele.

— O que faremos? — perguntou Robb.

— Se Aristotle ouvir falar nisso, certamente desaparecerá. Irá embora para Cantão e então estaremos perdidos. Precisamos encontrá-lo primeiro, e mantê-lo escondido até à noite.

— Onde está ele?

— Não sei. Despache grupos de busca. Todos os homens. Que o levem para bordo do *Thunder Cloud*, sob qualquer pretexto, e ali seja mantido até estarmos prontos para o julgamento. Mande Cudahy para bordo do paquete, imediatamente. Para dizer a Maureen que ela e a família são nossos hóspedes... coloquem-nos a bordo do pontão pequeno. Talvez seja possível mantê-la ocupada até amanhã.

— Você jamais conseguirá fazer isso. Ela sente o cheiro de Aristotle.

— Temos de tentar. Você está preparado para ser o juiz?

— E a luta? Ele não vai perder isso!

— Para fazer um retrato de Sarah, ou de uma das crianças, sim.

Robb saiu correndo.

Struan deu uma olhada em seu relógio. Ele ainda tinha uma hora, antes de precisar chegar à nau capitania. Mandou buscar Gordon Chen e lhe pediu para recrutar trinta chineses, a fim de ficarem como vigias.

— Acho que seria aconselhável, Tai-Pan, como precaução suplementar, ter vigias em sua casa, também — disse Gordon. — Eu ficaria mais satisfeito, se

assim fosse.

— Boa idéia, Gordon. Aumente o número de homens para trinta e cinco.

— Temo que a maioria dos chineses vindos para o Tai Ping Shan seja gente de muito maus antecedentes. São quase todos procurados por crimes em Kwangtung e, bom, aqui em Hong Kong estão fora do alcance dos mandarins. — Tirou um rolo de pergaminho do fundo da manga. — Ah, a propósito, fiz um acerto com o Rei dos Mendigos para seu baile, esta noite. — Colocou o rolo sobre a escrivaninha. — Aqui está seu recibo. Posso ser reembolsado pelo *compradore?*

— Recibo? A troco de quê?

— Três taéis. Este modesto imposto garante que nenhum de seus convidados seja incomodado, esta noite. Também fiz um ajuste mensal muito razoável com ele... três taéis, em seu favor, para que os mendigos fiquem afastados dos limites de sua casa, e da Casa Nobre.

— Não vou pagar isso — explodiu Struan. — Não importa que Macau tenha seu Rei dos Mendigos, ou que todas as cidades da China também. Não vamos deixar que isso comece em Hong Kong, por Deus.

— Mas ele já está aqui, e organizado — disse Gordon Chen, com voz calma. — Que outra pessoa dará autorização para os mendigos? Quem será o responsável, senão ele? A quem se poderá pagar imposto, a fim de conseguir o tratamento especial devido a pessoas de riqueza e posição, como nós próprios? Imploro-lhe para reconsiderar, Tai-Pan. Eu lhe aconselharia, empenhadamente.Garanto-lhe que será dinheiro bem gasto. Pelo menos, experimente por um mês. Não é pedir muito. Então verá a sabedoria desse costume. Com certeza, também, irá servir como proteção para sua propriedade, porque os mendigos dão informações sobre ladrões. É muito necessário, acredite no que lhe digo.

— Está bem — disse Struan, afinal — mas por um mês, não mais.

Rubricou o recibo, sabendo que haveria uma taxa permanente para o Rei dos Mendigos. Não havia nenhuma maneira de combater o hábito, a não ser expulsando todos os chineses de Hong Kong

— Você pode pegar isso com Chen Sheng, amanhã.

— Obrigado.

— O que dá a esse homem, em particular, o direito de ser o Hei dos Mendigos, hein?

— Suponho que os outros confiam nele, Tai-Pan.

Gordon Chen fez uma anotação mental para falar com o homem aquela tarde, a fim de garantir que tudo ocorresse como fora planejado, durante o mês seguinte. Estava muito satisfeito, não apenas com o imposto muito baixo que negociara a favor de Struan — dois taéis, para esta noite, e dois taéis por mês, com o saldo de um tael para si próprio, como justo imposto — mas também por sua previdência, quando pediu a Jin-qua que fornecesse um “Rei” de Cantão. Este homem era o irmão mais jovem do Rei dos Mendigos de Cantão, o que significava ser ele um profissional, bem versado nos métodos de extrair o máximo com o mínimo esforço. E este homem, naturalmente, fora recrutado como funcionário de menor escalão da Hung Mun, na sede de Hong Kong. Um acerto perfeito, disse Gordon Chen a si próprio. O imposto dos mendigos seria uma parte valiosa e permanente das rendas da Tong. Então, ele ouviu seu pai fazer a pergunta pela qual estava esperando.

Já ouviu falar nas Tríades, Gordon?

— Li a proclamação, naturalmente — disse Gordon, com calma. — Por quê?

— Sabe algo a respeito?

— Bom, Tai-Pan, ouvi dizer que, historicamente, as sociedades secretas sempre foram uma forma de defesa contra invasores estrangeiros. E que têm muitos nomes.

— Fique de ouvidos atentos e me mantenha informado, em particular, a respeito do que fizerem, se chegarem a fazer algo. Outra coisa, tenho vinte recrutas chineses em minha frota. Vou treiná-los para imediatos. Você vai trabalhar com o Sr. Mauss ensinando-lhes inglês. E dez outros vão para a Inglaterra, a fim de serem treinados para construtores de navios.

— Sim, senhor.

Gordon ficou radiante. Trinta homens. Claro, trinta novos Tríades. Sim, o nome Tríade soava bem, melhor do que Hung Mun. E vinte desses homens, estrategicamente colocados nos navios da Casa Nobre, representariam um acréscimo imensamente valioso para o poder da sede. Ele se sentiu enormemente satisfeito consigo mesmo. O recrutamento fora ótimo. Todos os servos da Tríade foram colocados sob seu controle — pois, naturalmente, desde que os bárbaros estavam na Ásia, os criados eram membros da Tríade, escolhidos a dedo. Em seguida, Gordon ia formar uma liga de cules de navios, todos eles Tríades. A Liga Operária já estava em andamento avançado. Logo todos os trabalhadores e todos os chineses em Hong Kong seriam membros pagantes — para a glória de seu país e do bem comum. Sim, ele disse a si mesmo, cheio de excitação, aqui em Hong Kong, livres do temor dos mandarins, nós nos tornaremos a sede mais poderosa da China. E quando derrubarmos os manchus, a liderança da sede estará na linha de frente entre aqueles de quem o imperador ficará devedor. Morte aos Chings — que chegue logo

o tempo dos dirigentes por direito, nossa dinastia chinesa anterior, dos Mings.

— Quando poderei começar?

— Amanhã.

— Excelente. Pode ter certeza de que me empenharei. — Ele se curvou ligeiramente. — Talvez, quando lhe convier, eu tenha permissão para ajoelhar-me diante da Sra. T'chung e prestar-lhe meus respeitos. E às crianças. Há meses não os vejo.

— Claro, Gordon — disse Struan. — Venha amanhã, ao meio-dia. Por que não começa a dar lições semanais outra vez? Acho que seria bom para ela.

— Eu gostaria de fazer isso. E de conversar com as crianças. — Gordon tirou mais dois pergaminhos da manga. — Eu tenho as contas correspondentes ao mês passado, relativas ao nosso acordo particular. Gostaria de examinar as cifras?

— Sim.

Gordon abriu os pergaminhos. Um estava escrito em caracteres, outro em inglês.

— Estou satisfeito de poder informar, Tai-Pan, que, com base num investimento inicial de dez mil dólares, temos um lucro conjunto de seis mil e cinqüenta e oito dólares

e quarenta e dois centavos. Os olhos de Struan se arregalaram.

— É um ótimo lucro para um mês de comércio.— Eu estou bastante orgulhoso, também. Nossos investimentos em terras são também excelentes. Prometem grande lucro.

— Mas você não comprou terra nenhuma.

— Não em seu leilão. Mas, ah... andei comprando lotes na localidade de Tai Ping

Shan. Foram aprovados pelo, ah... Departamento de Terras na semana passada. E possuímos grandes terrenos em torno da vila de Aberdeen e na Baía Deepwater.

— Mas ainda não foram postos à venda.

— São, ah... terras que estão em mãos de moradores locais, Tai-Pan. Direitos antigos. Comprei todos os títulos existentes, pelo menos todos que até agora descobri existirem.

— Mas isso não é legal, rapaz. Todas as terras são de propriedade da Coroa.

— Sim. Mas claro que alguns acordos terão de ser feitos para, ah... compensar os moradores da vila. Há anos estão aí e, bem... a Coroa é magnânima. — Seus olhos estavam cheios de inocência. — O Sr. Culum achou, segundo me pareceu, que Sua Excelência examinaria favoravelmente os títulos “validados”, creio que é esta a palavra, pelos anciãos da vila.

Fico imaginando que extensão dessa terra “validada” não pertence à vila e nem a ninguém, e nunca pertenceu, disse Struan a si próprio.

— Todos os nossos títulos são “validados”?

— Claro que sim, Tai-Pan, e isto foi verificado muito cuidadosamente. Senão, não teriam valor nenhum, não é? — Gordon sorriu. — Nossas terras estão em nome de ah... vários “testas-de-ferro” nossos, e não possuíamos abertamente, claro, propriedade alguma. Só os títulos originais. Os outros subtítulos, subsub e subsubsubtítulos podem passar pelo mais detalhado escrutínio. Fui muito cauteloso.

— Eu acho que você tem um grande futuro nos negócios, Gordon. — Ele examinou

o balancete minuciosamente. — Que item é este? Dois mil novecentos e setenta e oito dólares?

— São rendas de nossa propriedade no Tai Ping Shan.

— Você cometeu um engano. Segundo as datas que apresenta, esta conta cobre um período de rendas de dois meses, e você só possui a terra há um mês.

— Bom, Tai-Pan, logo que os chineses começaram a se instalar em nossas terras no Tai Ping Shan, comecei a lhes cobrar um imposto de serviço. O fato de não termos realmente adquirido a terra por um mês subseqüente não é da conta deles. Não é mesmo?

— Não. Só que se trata de uma fraude.

— Ah, não, senhor. Os fatos mostram o contrário. O ocupante que chegava queria, naturalmente, a melhor terra disponível para arrendar. Nós recebemos um pagamento à vista... e lhe demos o uso da terra antecipadamente, em boa fé. Ele ficava feliz porque estava pagando “aluguel”, pois, naturalmente, todos têm, de pagar aluguel. A soma é, na verdade, apenas uma taxa por serviço. Corri um grande risco ao fazer o serviço para eles. Se não tivermos conseguido comprar o lote e, assim, dar-lhes o benefício de um longo arrendamento, ora, com certeza teriam caído nas mãos de usuários, ladrões e bandoleiros.

Struan grunhiu.

— O que você planeja fazer com o resto do dinheiro?

— Se me dá permissão para pedir que seja paciente, eu gostaria de deixar este assunto para ser tratado no mês que vem. Continuarei a fazer uso do crédito que foi tão bondoso em me oferecer, mas com grande cautela.

Struan enrolou outra vez o pergaminho e entregou-o de volta.

— Ah, não, Tai-Pan, esta é sua cópia.

— Está bem.

Struan pensou por um momento; depois disse, com delicadeza:

— Ouvi dizer que os chineses estão acostumados a pedir dinheiro emprestado a altas taxas de juros. Confio que nossos investimentos não serão absolutamente usados desta maneira. — Seus olhos estavam fixos nos de Gordon. Houve um longo silêncio — A usura é mau negócio.

— Emprestar dinheiro é um negócio muito importante.

— Com taxas de juros razoáveis.

Gordon brincou com a extremidade de seu rabicho. — Um por cento a menos do que o costumeiro?

— Dois.

— Um e meio seria muito, muito justo.

— Sim. Muito justo. Você é um astuto homem de negócios, Gordon. Talvez no próximo ano eu possa melhorar o limite de crédito.

— Farei um esforço para obter lucros soberbos, apesar de sua decisão.

— Eu também aposto que você obterá, Gordon — disse Struan. Ele olhou através da porta da tenda e ficou surpreso ao ver que o mestre-d'armas dos fuzileiros navais corria em direção a eles.

— Sr. Struan? — O mestre-d'armas fez uma brusca continência. — Receba os cumprimentos de Sua Excelência, que lhe pede para ir encontrar-se com ele, imediatamente, na nau capitania.

Struan olhou para seu relógio. Não era tarde, mas ele não disse mais do que "Claro".

CAPÍTULO DEZOITO

Longstaff estava com as costas voltadas para a porta e olhava, através das janelas da cabina principal, para o paquete que trouxera a correspondência. Struan observou que a mesa de jantar estava posta para quatro pessoas. Sobre a escrivaninha havia muitos despachos oficiais.

— Bom-dia, Will.

— Olá, Dirk. — Longstaff virou-se e estendeu a mão, e Struan verificou que há meses ele não parecia tão jovem.

— Bom, isso é curioso, não?

— O quê? — perguntou Struan, sabendo que deveria ser o russo. Mas deixou Longstaff ter o prazer de lhe dizer. Ele também queria saber a opinião de Longstaff porque, embora estivesse deslocado na Ásia e fosse inútil como Capitão-Superintendente de Comércio, Struan sabia que os pontos de vista de Longstaff sobre as questões diplomáticas européias eram incisivos e

extremamente sagazes.

Desde que Struan conseguira resolver o problema imediato de Aristotle e vira Robb levá-lo para bordo em segurança, ficara a pensar, perplexo, sobre a razão da chegada do russo. Achou-a estranhamente perturbadora, mas não sabia por quê.

— Você não deve ter sabido ainda, mas temos um convidado.

— Ah, quem?

— Um arquiduque, nada mais, nada menos. Um arquiduque russo. Alexi Zergeyev. Ele chegou no paquete que trouxe a correspondência. Struan fingiu surpresa.

— Por que teríamos tal “honra”, aqui na Ásia?

— Por que, realmente? — Longstaff esfregou as mãos, todo satisfeito. — Ele vem almoçar conosco. Clive está a escoltá-lo.

Clive Monsey era o vice-capitão-superintendente de comércio de Longstaff, funcionário público por profissão e, como Longstaff, designado pelo Ministério de Relações Exteriores. Normalmente as funções de Monsey prendiam-no em Macau, onde Longstaff mantinha seu quartel-general permanente.

— Há também alguns despachos interessantes — disse Longstaff.

O interesse de Struan aumentou. Sabia que nenhum deles continha a aprovação formal do Tratado de Chuenpi e a indicação de Longstaff como primeiro

governador da Colônia de Hong Kong, porque a notícia do fim da guerra e da vitória mal estaria chegando à Inglaterra. Struan aceitou o xerez.

— Sobre o Oriente Médio? — perguntou, e prendeu a respiração.

— Sim. A crise acabou, graças a Deus! A França aceitou o acordo do Ministro de Relações Exteriores e não há mais temores de uma guerra generalizada. O sultão turco está tão grato pelo nosso apoio que assinou um tratado comercial conosco, cancelando todos os monopólios comerciais turcos, abrindo todo Império Otomano ao comércio britânico.

Struan deu um grito.

— Por tudo que há de mais sagrado! É a melhor notícia que ouço há muito tempo!

— Achei que você iria gostar — disse Longstaff.

A longa crise se relacionava com o Dardanelos, estreito que era controlado pelo Império Turco Otomano. Era a chave para a Europa mediterrânea e Um *casus belli* perpétuo entre as Grandes Potências — Inglaterra, França, Rússia, Áustria-Hungria e Prússia — porque o Dardanelos era um atalho para os navios de guerra russos penetrarem no vital Mediterrâneo, e também para belonaves de outras nações entrarem no Mar Negro e ameaçarem o fraco baixo-ventre da Rússia. Há oito anos, a Rússia compelira a Turquia a assinar um tratado que dava aos russos suzerania conjunta sobre o Dardanelos, e a tensão internacional tornara-se aguda, desde então. Mas, há três anos, Mehemet Ali, o arrivista soldado-paxá do Egito, apoiado pelos franceses, iniciara um ataque a Constantinopla, proclamando a si próprio Califa do Império Otomano. A França, aberta e delicadamente, apoiou-o contra o sultão. Mas um aliado francês no caminho de Dardanelos colocaria em risco os interesses das Grandes Potências

restantes, e toda Europa prometia envolver-se imediatamente em conflito aberto outra vez.

O Ministro de Relações Exteriores britânico, Lord Cunnington, persuadira as Grandes Potências — além da França, e sem consultá-la — a usar sua influência ao lado do sultão contra Mehemet Ali. A França ficou furiosa e ameaçou fazer guerra. O acordo proposto era no sentido de que Mehemet Ali se retirasse para o Egito; recebesse suzerania sobre a Síria enquanto vivesse; fosse confirmado como governante independente do Egito; pagasse apenas um tributo anual nominal ao sultão turco; e, o que era o mais importante, o antigo domínio do Estreito de Dardanelos fosse garantido por todas as potências, em caráter definitivo — enquanto a Turquia estivesse em paz. o estreito permaneceria fechado a *todos* os navios de guerra, de *todas* as nações.

O fato de a França ter aceitado o proposto acordo e a retirada de seu aliado egípcio significava riquezas para a Casa Nobre.Agora, os complexos acordos financeiros nos quais Robb e Struan haviam apostado tanto, por dois anos, seriam solidificados. Sua potência comercial iria estender-se, através de tentáculos financeiros, até o coração das Grandes Potências, dando-lhes a segurança suficiente para enfrentar a contínua crise internacional e abrir enormes mercados novos para o chá e a seda. Além disso, se o interesse britânico agora dominava o Império Otomano, talvez sua produção de ópio fosse impedida. Sem o ópio turco para equilibrar seu extravasamento de barras de prata, as companhias americanas teriam de aumentar o comércio com a Inglaterra, e os laços mais íntimos que Struan desejava com a América se transformariam em realidade. Sim, disse Struan a si mesmo, feliz, este é um ótimo dia. Estava aturdido com o fato de Longstaff ter recebido as notícias oficiais antes dele; os informantes de Struan no Parlamento habitualmente o aconselhavam sobre importantes revelações como essa com grande antecipação.

— Isto é excelente — disse.

— Haverá paz por um longo tempo, agora. Desde que a França não tente mais nenhum truque.

— Ou a Áustria-Hungria. Ou a Prússia. Ou a Rússia.

— Sim. O que nos leva a Zergeyev. Por que um russo muito importante viria à Ásia nesta ocasião? E por que não tivemos nenhum aviso oficial e nem extra-oficial, hein? Quando controlamos todas as vias marítimas a leste da África?

— Talvez ele só esteja fazendo uma visita oficial ao Alasca russo, e veio via Cabo da Boa Esperança.

— Aposto cem guinéus que ele diz isso — observou Longstaff. Instalou-se confortavelmente numa cadeira e pôs os pés sobre a mesa. — Zergeyev é um nome importante em São Petersburgo. Vivi ali por cinco anos, quando era menino... meu pai foi diplomata na corte dos tzares. Tiranos, todos eles. O atual, Nicolau I, é típico.

— Zergeyev é importante em que sentido? — perguntou Struan, surpreso com o fato de Longstaff jamais ter mencionado São Petersburgo, em todos os anos durante os quais o conhecera.

— Grandes proprietários de terras. Aparentados com o tzar. Eles “possuem” dezenas de milhares de servos e centenas de vilas, pelo que me lembro. Eu me recordo de ter ouvido meu pai dizer que o Príncipe Zergeyev, deve ser da mesma família, era íntimo dos elementos da corte que cercavam o tzar e um dos homens mais poderosos da Rússia. É curioso encontrar um deles aqui, entre todos os lugares do mundo, não é?

— Acha que a Rússia vai tentar interferir na Ásia?— Eu diria que esse homem é conveniente demais para sua vinda ser uma simples coincidência. Agora que o *status quo* foi restaurado no Oriente Médio e o caso de Dardanelos resolvido, estoura um arquiduque!

— Acha que existe uma ligação? Longstaff riu, baixinho.

— Bom, o acordo referente ao Oriente Médio claramente detém os avanços da Rússia para oeste, mas o país ainda pode permitir-se sentar e esperar. A França está doida por uma briga, e a Prússia também. Aquele demônio da Áustria-Hungria, Metternich, enfrenta dificuldades para dominar as possessões italianas da nação, e está furioso com a França, e com a Inglaterra, por ajudarem os belgas a formarem seu próprio país, às expensas dos holandeses. Vai haver um grande problema entre a Inglaterra e a França, com relação à sucessão espanhola... a rainha espanhola está com doze anos e logo vai ser dada em casamento. Louis Philippe quer que seu indicado seja o marido dela, não podemos permitir uma união dos tronos da França e da Espanha. A Prússia quer estender seu domínio na Europa que, historicamente a França sempre considerou como seu direito exclusivo e divino. Ah, sim — ele acrescentou, com um sorriso — a Rússia pode permitir-se esperar. Quando o Império Otomano se dividir, ela calmamente tomará toda área dos Bálcãs. Romênia, Bulgária, Bessarábia, Sérvia. e também tudo que puder engolir do Império Austro-Húngaro. Claro que não podemos deixá-la fazer isso, então haverá uma guerra generalizada, a menos que os russos aceitem um acordo razoável. Então, do ponto de vista da Rússia, a Europa não representa atualmente nenhum perigo. A Rússia foi bloqueada efetivamente, mas isto não importa. Sua política histórica foi sempre conquistar pela esperteza... subornar os líderes do país e os líderes da oposição, se esta existir. Para estender o território através da “esfera de influência” e não com a guerra e, depois, obliterar os líderes e engolir o povo. Quando não houver ameaça do Ocidente, eu acho que os olhos dos russos irão voltar-se para leste. Porque eles acreditam ainda, que seu país tem uma posição divina na terra, e também, como a França e a Prússia, tem a missão, destinada por Deus, de dominar o mundo. Para leste, nenhuma Grande Potência fica entre ela e o Pacífico.

— Com exceção da China.

— E nós sabemos, você e eu, que a China é fraca e indefesa. Isto não representa vantagem para nós, não é? Uma China fraca e uma Rússia muito forte, talvez controlando a China?

— Não — disse Struan. — Assim ela poderia estrangular-nos à vontade. E à índia.Os dois homens ficaram em silêncio, cada qual perdido em seus próprios pensamentos.

— Mas, por que mandar para cá um homem importante? — perguntou Struan.

— Para nos testar. A resposta é clara, historicamente. A Rússia é uma semeadora de grãos do descontentamento e sempre será, até descobrir quais são as suas fronteiras naturais, do seu ponto de vista. Ela faz fronteiras com a China, pelo menos, segundo sabemos, então, deve haver problemas aí. Zergeyev está aqui para verificar nosso sucesso. Quanto mais fraca ele pensar que a China é, mais razão terão os russos para apressarem sua expansão em direção ao leste. Então, temos de tentar neutralizá-lo, despistá-lo, fazê-lo pensar que a China é muito forte. Vou precisar de toda ajuda que você puder me dar. Poderíamos convidá-lo para o baile, esta noite?

— Claro.

— Precisamos mostrar, de qualquer jeito, que a China pertence à esfera privada de influência de Sua Majestade... que o Governo de Sua Majestade não tolerará nenhuma interferência aqui.

A mente de Struan deu um salto para a frente, rapidamente. Quanto mais a Coroa estivesse envolvida na Ásia, mais ajudaria no plano básico — levar a China para a família das nações, como uma Grande Potência. Quanto mais forte fosse a China, treinada e assistida pela Inglaterra, melhor para o mundo em geral. Sim. E não podemos permitir uma interferência russa despótica, quando nos encontramos no limiar do sucesso.

Houve uma batida à porta e Clive Monsey apareceu no umbral. Era um homem magro, na metade de seus quarenta anos, quieto, modesto, com cabelo ralo e um grande nariz bulboso.

— Excelência -disse ele — posso apresentar-lhe Sua Alteza o Arquiduque Alexi Zergeyev? Longstaff e Struan levantaram-se. Longstaff encaminhou-se para o

arquiduque e disse, em russo perfeito:

— Muito prazer em conhecê-lo, Alteza. Por favor, venha sentar-se. Fez uma boa viagem?

— Perfeita, Excelência — respondeu Zergeyev, sem demonstrar surpresa, e apertou a mão estendida, fazendo uma ligeira curvatura, com graça perfeita. — É muita generosidade sua convidar-me para almoçar, quando não tive a cortesia de lhe avisar da minha chegada. E, particularmente, sendo minha visita não oficial e nem programada.

— É uma felicidade para nós, Alteza.

— Eu esperava que fosse o filho do estimado amigo da Rússia, Sir Robert. Esta é uma coincidência muito afortunada.

— Sim, na verdade — disse Longstaff, laconicamente. — E como está seu pai, o príncipe? — perguntou, arriscando um palpite.

— Goza de boa saúde, tenho o prazer de dizer. E o seu?

— Morreu há alguns anos.

— Ah, sinto muito. Mas e sua mãe, Lady Longstaff?

— Muito bem de saúde, tenho o prazer de dizer.

Struan estava examinando o russo. Zergeyev era um belo homem, alto, vestido de maneira impecável e rica. Pômulos salientes e olhos azuis curiosos,

ligeiramente oblíquos, davam-lhe ao rosto uma expressão exótica. A espada embainhada que tinha à cintura, sob

o casaco aberto, parecia pertencer àquele lugar. Em torno ao pescoço, sob sua imaculada gravata branca, havia uma discreta condecoração de alguma ordem, sobre uma fina fita escarlate. Não era um homem para se brigar, pensou Struan. Aposto que ele é um demônio com a espada e um demônio quando sua "honra" é ferida.

— Permita-me apresentar-lhe o Sr. Dirk Struan — disse Longstaff, em inglês.

O arquiduque estendeu a mão, sorriu e acrescentou num inglês com apenas levíssimo sotaque:

— Ah, Sr. Struan, o prazer é todo meu.

Struan apertou-lhe a mão e achou que o aperto de Zergeyev era de aço.

— O senhor me coloca em posição de desvantagem, Alteza — disse ele, sendo deliberadamente brusco e não diplomático. — Tenho a nítida impressão de que sabe muito a meu respeito, mas nada sei sobre o senhor.

Zergeyev riu.

— O Tai-Pan da Casa Nobre tem uma reputação que chega até São Petersburgo. Esperava ter o privilégio de conhecê-lo. E estou ansioso para conversar e lhe contar a meu respeito, se isto lhe interessa. — Ele sorriu para Longstaff. — É generoso demais para comigo, Excelência. Garanto-lhe que informarei a Sua Alteza o Tzar que o plenipotenciário de Sua Majestade Britânica é muito hospitaleiro. Agora que tive o prazer de conhecê-lo, vou retirar-me e permitir que continuem a tratar de questões de Estado.

— Ah, não, Alteza, por favor, nós o esperávamos para o almoço. — Longstaff animou-se com a tarefa para a qual havia sido preparado e da qual entendia. — Ficaríamos muito desapontados. E é completamente informal, como pode ver.

— Bem, obrigado. Eu consideraria uma honra.

A porta se abriu e um camaroteiro entrou com champanha gelado e copos. Ele ofereceu a bandeja a Zergeyev, depois a Longstaff e Struan e em seguida a Monsey.— A uma viagem segura para casa — disse Longstaff.

Beberam.

— Soberbo champanha, Excelência. Soberbo.

— Sente-se, por favor.

O almoço foi servido dentro de um protocolo impecável, Zergeyev sentado à direita de Longstaff e Struan à esquerda. Os camaroteiros trouxeram salsichas e ostras defumadas, presuntos de Yorkshire, um cozido borbulhante de carne recém-abatida, pernil assado de carneiro, batatas cozidas e repolho em picles.

— Sinto não ter caviar — disse Longstaff.

— Ficaria satisfeito em lhe oferecer um pouco, Excelência, logo que meu navio chegar. Tivemos a infelicidade de enfrentar uma tempestade no Estreito Sunda. Sofremos um rombo e arribamos em seu porto de Cingapura. O paquete estava partindo na mesma maré, e então comprei passagem para cá.

E assim evitou nos dar notícia antecipada, pensou Longstaff. O Estreito de Sunda significava uma viagem via Cabo da Boa Esperança. O que diabo pretendia ele?

— Ouvi dizer que o clima de Cingapura não é bom, Sr. Struan, nesta época do ano — dizia Zergeyev.

— Sim, é verdade — disse Struan. — Esta é sua primeira viagem para a Ásia, Alteza?

— Sim.

— Bom, talvez possamos tornar sua estada agradável. Estou dando um baile, esta noite. Ficaria honrado, se comparecesse. Isto lhe daria a oportunidade de conhecer a todos.

— É muita gentileza sua.

— Por quanto tempo planeja ficar?

— Só até meu navio chegar. Estou fazendo uma visita informal às nossas possessões no Alasca.

— O navio ficou muito danificado?

— Realmente não sei, Sr. Struan. Não tenho muita experiência dessas coisas. Virá para cá logo que possível.

— Então, vai precisar de acomodações — disse Struan. Ele suspeitava que Zergeyev sabia muito a respeito “dessas coisas” e que o “defeito” de seu navio seria uma maneira conveniente de variar a seu gosto a duração da permanência.

Struan também tinha um palpite de que Cingapura seria o primeiro porto a ser tocado, numa viagem ao exterior partindo de São Petersburgo.

— Ficaremos satisfeitos de lhe oferecer uma suíte a bordo de um de nossos navios parados. Não será luxuosa, mas nos esforçaremos para lhe oferecer conforto.

— É uma gentileza imensa de sua parte. Somos apenas eu e quatro servos. Eles podem dormir em qualquer parte.

— Providenciarei para que fiquem bem instalados. Ah, obrigado — disse Struan ao camaroteiro, enquanto seu copo era outra vez cheio. — Trata-se de um brigue de quatro mastros?

— Três.

— Na verdade, prefiro os de três mastros. É muito mais fácil de manobrar em mar alto. As velas são mais fáceis de rizar. Tem sobrejoanetes e gáveas.

— O navio parece ter um número adequado de velas, Sr. Struan. Seja lá quais forem seus nomes.

Struan captara a imperceptível hesitação e teve certeza de que Zergeyev era um homem do mar. E por que desejaria esconder isto?

— Ouvi dizer que a crise do Oriente Médio foi resolvida — disse Zergeyev.

— Sim — respondeu Longstaff. — A notícia chegou pelo paquete.

— Que ótimo. A França foi muito sábia, desistindo de sua posição militante.

— A importância de Dardanelos para a Inglaterra é óbvia — disse Longstaff. — É vantajoso para todos nós manter a paz.

— É uma pena que a França e a Prússia, pelo que parece, tenham posições contrárias. E os Habsburgos. A Inglaterra e a Rússia são aliadas tradicionais e seus interesses se assemelham, É um pensamento feliz, o de que estaremos trabalhando mais próximos, no futuro.

— Sim — disse Longstaff, com brandura. — Claro que Paris está muito próxima de Londres.

— Não é uma pena que aquela gloriosa cidade sempre encontre, pelo que parece, os líderes mais estranhos? — disse Zergeyev. — Um belo povo, belo. Entretanto, seus líderes estão sempre inchados de vaidade e decididos a semear no mundo a discórdia.

— O grande problema do mundo, Alteza. A Europa, e como conter a vaidade dos príncipes. Claro, na Inglaterra temos a sorte de possuir um Parlamento, e o poder da GrãBretanha não é mais posto a serviço da guerra pelo capricho de um só homem.

— Sim. É uma grande e gloriosa experiência, adequada para os esplêndidos atributos de seu país, senhor. Mas não é adequada para todas as nações. Não foram os antigos gregos que concluíram ser a mais perfeita forma de governo uma ditadura benévola? O governo de um só homem?

— Benévola, sim. Mas eleita. Não um governante por direito divino.

— Quem pode dizer, com absoluta certeza, que o direito divino não existe?

— Ah, Alteza — disse Longstaff — ninguém questiona a existência de Deus. Só o direito de um rei fazer o que quer, quando quer, sem consultar o povo. Tivemos uma longa dinastia de reis ingleses “divinos”, que descobrimos serem falíveis. A falibilidade num líder é muito penosa. Não é? Eles derramam tanto sangue dos outros.

Zergeyev deu uma risadinha.

— Amo o humor dos ingleses. — Ele deu uma olhada em Struan. — É escocês, Sr. Struan?

— Sim. Britânico. Não há diferença entre os escoceses e os ingleses atualmente. — Ele bebeu seu vinho. — Estamos cansados de roubar o gado deles. Achamos que seria melhor roubar o país inteiro e então saímos da Escócia e marchamos para o sul.

Todos riram e beberam mais vinho. Longstaff divertiu-se ao ver que Monsey ficara silencioso durante toda a refeição, perturbado com a rudeza de Struan.

— O que acha, Sr. Struan? — disse Zergeyev. — Poderia dirigir a Casa Nobre discutindo com um “Parlamento”?

— Não, Alteza. Mas só coloco uma *companhia* em conflito... em competição, com outros negociantes. Arrisco apenas a mim e à minha companhia. Não a vida de outrem.

— Entretanto, há uma guerra, agora, com a China. Porque os pagãos tiveram a temeridade de interferir em seu comércio. Não é certo?

— Em parte. Claro, a decisão de entrar em guerra não chegou a ser minha.

— Claro. Meu ponto de vista era de que só o senhor tem o direito de operar uma

vasta sociedade comercial, e esta é a maneira de agir mais eficiente. Governo de um só homem. Certo para uma companhia, uma frota, uma nação.

— Sim. Desde que seja bem-sucedido — disse Struan, brincando. Depois, acrescentou, com seriedade: — Talvez, no presente, o sistema parlamentar não seja adequado para a Rússia... e para alguns outros países, mas estou convencido de que jamais haverá paz neste mundo, até todas as nações terem o sistema parlamentar inglês e todos os povos o direito de votar, e nenhum homem sozinho volte outra vez a controlar os destinos de qualquer nação, seja por direito divino ou por direito obtido através dos votos estúpidos, de um eleitorado estúpido.

— Concordo — disse Zergeyev. — Sua hipótese é correta. Mas tem uma grande falha. O senhor supõe uma população mundial esclarecida, toda igualmente educada, toda próspera, o que é, naturalmente, impossível, não é? Deveria viajar pela Rússia, para ver como isto é impossível. E o senhor não faz concessões ao nacionalismo e às diferenças de fé. Se acrescentasse “até todas as nações serem cristãs”, então talvez estivesse certo. Mas, como pode imaginar que os católicos franceses fossem concordar com os protestantes ingleses? Ou a Igreja Ortodoxa Russa com os jesuítas espanhóis? Ou todos os que estão com as massas dos infiéis maometanos, e os que apóiam os miseráveis judeus, ou os idolatras e pagãos?

Struan respirou fundo.

— Estou satisfeito porque o senhor fez esta pergunta — disse ele, e se calou, deliberadamente.

— Vejo que teremos muitas discussões interessantes — disse Longstaff, descontraidamente. — Chá, Alteza? Há uma luta, dentro de uma hora. Se não estiver demasiado cansado, talvez goste de assistir a ela. Promete ser uma grande luta. A Marinha contra o Exército.

— Ficarei encantado, Excelência. Em quem aposta? Eu ficarei com a oposição.

— Um guinéu para a Marinha.

— Feito.

Depois do almoço, tomaram chá e fumaram charutos e, afinal, Monsey escoltou o arquiduque de volta para o paquete. Longstaff dispensou os camaroteiros.

— Acho que uma fragata deveria imediatamente fazer uma visita, “por acaso”, a Cingapura — disse ele a Struan.

— Pensei a mesma coisa, Will. Ele é um homem do mar, tenho certeza.

— Sim. Foi uma coisa muito inteligente, Dirk. — Longstaff brincou com a sua xícara. — E ele é um homem muito astuto. Um homem assim, provavelmente, teria o maior cuidado com documentos oficiais.

— Pensei a mesma coisa.

— Eu gostei de minha estada em São Petersburgo. Menos das longas horas na escola. Tive de aprender a ler e escrever em russo, bem como em francês, claro. Russo é uma língua muito difícil.

Struan se serviu de um pouco de chá.

— Você jamais gostou de lutas, não é, Will?

— Não. Acho que só o acompanharei até a terra e depois voltarei para bordo. A fim de tirar um cochilo. — Longstaff riu, secamente. — Preparar-me para as festividades de hoje à noite, hein?

Struan levantou-se.— Sim. E é melhor que eu pense em alguns grãos de descontentamento para eu próprio semear. Enquanto os camaroteiros tiravam a mesa, Longstaff ficou olhando distraidamente as folhas em sua xícara.

— Não — disse, impedindo que a levassem, bem como ao bule. — E providenciem para que eu não seja perturbado. Quero ser chamado dentro de uma hora.

— Sim, *senhorrr.*

Ele sufocou um bocejo, com a mente vagando, prazerosamente, na tranqüilidade da cabina. Puxa vida, estou encantado por Zergeyev se encontrar aqui. Agora, podemos gozar a vida, um pouquinho. Uma boa esgrima diplomática. Sondar-lhe a mente, o objetivo é este. Esquecer as incessantes irritações da Colônia, os malditos negociantes e o malfadado imperador e os filhos da mãe dos pagãos, um bando amaldiçoado de ladrões.

Abriu a porta de sua cabina particular e ficou confortavelmente deitado no beliche, com as mãos sob a cabeça. O que Dirk tinha dito? — perguntou a si mesmo. Ah, sementes do descontentamento. É uma boa maneira de colocar as coisas. Que sementes poderemos plantar? Sombrias insinuações sobre a potência da China? A imensidão de sua população? Que o Governo de Sua Majestade poderá anexar todo país, se *qualquer* potência se intrometer? As complicações do comércio do ópio? Chá?

Ele ouviu ruído de passos, em cima, enquanto mudava o turno e a banda de fuzileiros começava a praticar. Bocejou de novo e fechou os olhos, satisfeito. Não há nada como um cochilo depois do almoço, disse a si próprio. Graças a Deus sou um cavalheiro — não preciso plantar sementes de verdade, como um camponês fedorento, ou um lavrador sujo. Droga, imagine trabalhar com as mãos o dia inteiro! Semeando. Fazendo o cultivo. Com todo o esparramento de estéreo. Pensamento horripilante. Plantar as sementes diplomáticas é muito mais importante e uma tarefa de cavalheiro. Ora, onde estava eu? Ah, sim. Chá. A

vida deve ter sido terrível, antes de termos o chá. Absolutamente terrível. Não posso entender como as pessoas existiam sem chá. É uma pena que não possa ser cultivado na Inglaterra. Isto evitaria uma série de problemas.

— Meu Deus do céu! — exclamou, e se sentou, teso. — Chá! Claro, chá! Esteve anos embaixo de seu nariz e você nunca viu! Você é um gênio!

Ele ficou tão excitado com sua idéia que pulou da cama e dançou uma giga. Depois, aliviou-se no urinol e foi para a cabina principal, onde se sentou à sua escrivaninha, com

o coração batendo forte. Você sabe como resolver o pesadelo da Inglaterra-China com relação ao desequilíbrio chá-barras de prata-ópio. *Você sabe,* ele disse a si mesmo, espantado e aterrorizado, com o brilhantismo e a simplicidade da idéia que a frase final de Struan deflagrara.

— Bom Deus, Dirk — disse, alto — se você soubesse. Você cortou sua própria garganta, e a de todos os negociantes na China, junto com você. Para a glória da. GrãBretanha e a minha imortalidade! Sim, é claro. Então é melhor você manter a boca fechada, advertiu a si mesmo. As paredes têm ouvidos.

A idéia era tão simples — destruir o monopólio de chá da China. Comprar, pedir ou roubar — com grande segredo — uma tonelada das sementes da planta do chá. Transportar as sementes, sub-repticiamente, para a Índia. Deve haver dúzias de áreas nas quais o chá floresceria. Dúzias. E, ainda no período da minha vida, as plantações poderão estar florescendo — e estaremos cultivando nosso próprio chá, em nosso próprio solo. Com chá nosso, não precisaremos mais de barras de prata e nem de ópio para pagar pelo chá da China. Os lucros sobre as vendas de chá indiano logo se igualarão, serão o dobro ou o triplo da venda do ópio, então isso não é problema. Cultivaremos o chá para o mundo e o venderemos para o mundo. A Coroa ganhará, com as rendas do chá fantasticamente aumentadas, pois, naturalmente, nós o cultivaremos de maneira mais barata e mais aperfeiçoada do que a China cultiva o seu chá. Ora, há os cérebros ingleses e tudo mais! E nós ganharemos em grandeza moral, por parar com o comércio do ópio. Os malditos contrabandistas de ópio serão postos para fora do negócio,

pois, sem a alavanca do ópio, não terão nenhuma função útil e, então, poderemos proibir o ópio. A Índia ganhará imensamente. E a China ganhará, pois não haverá mais contrabando de ópio, e ela consome seu próprio chá, de qualquer maneira.

E você, William Longstaff — o único homem que pode executar tal plano — você ganhará um prestígio monumental. Com um pouco de sorte, um ducado oferecido por um Parlamento cheio de gratidão, pois você, e só você, solucionou o que não tinha solução.

Mas, em quem poderei confiar, para obter as sementes do chá? E como persuadir os chineses a vendê-las? Claro que eles adivinharão imediatamente as conseqüências. E em quem confiar para transportar as sementes em segurança? Não podemos usar um dos negociantes — eles me sabotariam imediatamente, se tivessem a menor suspeita! E, como colocar o Vice-Rei da Índia do meu lado, agora, para ele não roubar o crédito da idéia?

CAPÍTULO DEZENOVE

Quando os dois homens e seus auxiliares subiram no ringue construído perto da bandeira, no Cabo Glessing, fez-se um silêncio não rompido sequer por ruído de respiração, na massa de espectadores.

Ambos os lutadores eram troncudos, mal-encarados e de elevada estatura, no começo da casa dos vinte. E os dois tinham a cabeça raspada, para se proteger do puxão do outro. E, quando tiraram as camisas grossas, cada qual tinha a mesma ondulação de aço nos músculos proeminentes, e apresentava nas costas antigos sulcos de açoites.

Os lutadores formavam uma bela dupla, e todos sabiam que havia muita coisa em jogo. O almirante e o general haviam aprovado pessoalmente a escolha dos

homens e os exortaram a ganhar. A honra de todo o Serviço estava sobre seus ombros, o dinheiro da poupança de seus companheiros. O futuro seria doce para o vencedor. Para o vencido, não haveria futuro.

Henry Hardy Hibbs trepou pela única corda e ficou em pé no centro do ringue, onde havia sido traçada a giz a marca do metro quadrado.

— Sua Excelência, Sua Alteza, senhoras e senhores cavalheiros — ele começou. — Uma luta decisiva entre, neste canto, Mestre Jem Grum, da Marinha Real...

Houve um grande viva, partindo da multidão de marinheiros, a leste, e apupos e obscenidades entre as fileiras numerosas de soldados ingleses e indianos, a oeste. Longstaff, o arquiduque, o almirante e o general estavam sentados no lugar de honra, ao norte do ringue, com uma guarda da honra de impassíveis fuzileiros navais a cercá-los. Atrás do arquiduque, estavam seus dois guarda-costas em libré, armados e vigilantes. Struan, Brock, Cooper, Tillman, Robb, Gorth e todos os *tai-pans* estavam sentados do lado sul e, atrás deles, se encontravam os negociantes de menor importância e os oficiais navais e do Exército, todos se acotovelando, para ver melhor. E, na periferia, havia a multidão sempre crescente de chineses que jorrava das choupanas do Tai Ping Shan, conversando, dando risadas, à espera.

— E, neste canto, representando o Exército Real, Sargento Bill Tinker...E, outra vez, roucos vivas o interromperam. Hibbs ergueu os braços e seu piolhento casaco de marinheiro descobriu-lhe a pança, semelhante a uma bola. Quando os vivas e vaias se extinguiram, ele bradou:

— As regras de luta vigentes em Londres... cada *round* terminará com uma queda. Haverá trinta segundos entre os *rounds* e, quando a sineta tocar, serão concedidos oito segundos para o homem voltar à competição e pisar na linha. Não serão permitidos chutes, cabeçadas e golpes abaixo da cintura, e nem estrangulamento. Quem não sair do canto, ou aquele cujos auxiliares atirarem a toalha, será o perdedor.

Fez um sinal, com ar de importância, para os ajudantes, que examinaram os punhos do lutador adversário, a fim de ver se estavam untados com sumo de nozes, como era de praxe, e não tinham presa nenhuma pedra, e examinaram as botas de luta, para verificar se as solas tinham apenas os três cravos regulamentares.

— Agora, apertem-se as mãos, e que vença o melhor!

Os lutadores foram para o centro do ringue, com os músculos dos ombros tremendo de excitação reprimida, os músculos da barriga tesos, narinas frementes ao respirarem o suor úmido e ácido do outro.

Eles pisaram na linha e tocaram-se as mãos. Depois, juntaram os punhos duros como rochas e esperaram, com reflexos instantâneos.

Hibbs e os ajudantes mergulharam por sob as cordas e saíram da frente.

— Alteza? — disse Longstaff, dando a honra a Zergeyev.

O arquiduque se ergueu e caminhou para a sineta de navio que se encontrava próxima ao ringue. Ele a fez soar, com o percussor, e um selvagem frenesi tomou conta da praia.

No instante em que a campanhia soou, os lutadores arremessaram-se um sobre o outro, com as pernas plantadas como carvalhos, e tão fortes como estas árvores, e os pés firmes na linha. Os nós dos dedos de Grum bateram no rosto de Tinker e deixaram um vergão sangrento, e o punho de Tinker mergulhou violentamente na barriga de Grum. Bateram incessantemente um no outro, impelidos pelo tumulto e por sua raiva e ódio. Não havia ciência alguma em sua luta, nenhuma tentativa para evitar os golpes.

Depois de oito minutos, seus corpos estavam manchados de escarlate, os rostos sangrentos. Ambos os homens tinham os narizes quebrados e os nós de seus dedos estavam em carne viva e escorregadios, cheios de suor e sangue. Ambos arquejavam, buscando recuperar o fôlego, com os peitos arfando como poderosos foles, e os dois tinham sangue na boca. Então, no nono minuto, Tinker desferiu um *hook* (gancho) que atingiu Grum na garganta, derrubando-o. *O* Exército deu vivas e a Marinha praguejou. Grum levantou-se fora de si com a raiva e a dor, e correu para seu inimigo, esquecendo-se de que o primeiro *round* acabara, esquecendo-se de tudo, a não ser de que tinha de matar aquele demônio. Pegou Tinker pela garganta e ficaram investindo um contra o outro, estrangulando-se, enquanto o Exército gritava: “Infração!” Os ajudantes apinharam-se no ringue e tentaram separar os lutadores, arrastando um para cada lado, e quase houve uma briga entre os soldados e os marinheiros e seus oficiais.

— Por Deus, Harry — gritou Glessing, sem se dirigir a ninguém em particular. — Aquele filho da mãe estrangulou nosso homem!

— E quem começou a confusão, por Deus? O *round* tinha terminado! — disse o Major Turnbull, começando a se irritar, a mão sobre a espada. Era um homem alto, de trinta e cinco anos, principal magistrado de Hong Kong. — Só porque você foi indicado como mestre do porto, acha que isto lhe dá o direito de mascarar uma infração?

— Não, por Deus! Mas não tente trazer toda a majestade de *seu* cargo para uma questão social. — Glessing deu-lhe as costas, e abriu caminho, por entre a multidão.

— Olá, Culum!

— Olá, George, Uma boa luta, não?

— Você viu aquele filho da mãe estrangular o nosso homem? — Acho que ele também foi estrangulado, não?

— Ah, não é esta a questão, por Deus!

Então o meio minuto acabou e os lutadores correram um para o outro.

O segundo e o terceiro *rounds* foram quase tão longos como o primeiro, e os espectadores sabiam que nenhum homem poderia suportar um castigo daqueles por muito tempo. No quarto *round*, um soco de esquerda pegou o soldado embaixo do ouvido e ele caiu sobre a lona. A sineta soou e os ajudantes agarraram seu homem. Depois do meio minuto de descanso, cruelmente breve, o soldado investiu para a linha, esmurrou o marinheiro, agarrou-o em seguida pelo peito e, selvagemente, atirou-o no chão. Depois, voltaram para o canto, outra vez, houve trinta segundos de intervalo e a luta começou de novo.

Round após *round.* Mais quedas, menos quedas.

No décimo quinto *round*, o punho de Tinker pegou no nariz quebrado de Grum. Irrompeu fogo na cabeça de Grum, cegando-o; ele gritou e deu socos descontroladamente, em pânico. Seu punho esquerdo acertou em. cheio, seus olhos clarearam um momento e ele viu que o inimigo estava desprotegido e trôpego e ouviu uma imensidão de gritos e vivas muito perto, e, entretanto, longe. Grum arremessou seu punho direito, cerrando-o como jamais o cerrara antes. Viu-o bater na barriga do soldado. Seu esquerdo foi em frente, atingiu o inimigo do lado do rosto, ele sentiu um ossinho de sua mão se espatifar, e então ficou sozinho. Houve, mais uma vez, um toque da maldita sineta e mãos o agarraram, alguém enfiou a garrafa de bebida em sua boca quebrada e ele bebeu muito, e vomitou a bebida cheia de sangue, e resmungou: “Que *round* é este, camarada?” e alguém disse: “É o décimo nono”, e ele voltou à luta, mais uma vez, e lá estava de novo o inimigo, ferindo-o, matando-o, e ele tinha de resistir, e ganhar ou morrer.

— Boa luta, hein, Dirk? — bradou Brock, em meio a toda excitação.

— Sim.

— Quer mudar de idéia e apostar?

— Não, obrigado, Tyler — disse-lhe Struan, pasmado com a bravura dos lutadores. Ambos se encontravam no limite de suas forças, muito castigados. A mão direita de Grum estava quase inútil, os olhos de Tinker mal se abriam. — Eu não gostaria de enfrentar nenhum deles num ringue, por Deus!

— Têm mais tutano do que ninguém! — riu Brock, mostrando seus dentes escuros e estragados. — Quem vai ganhar?

— Dê seu palpite. Mas aposto que jamais desistirão, não haverá toalha para nenhum dos dois.

— É verdade, por Deus!

Hibbs cantou: "Vigésimo quarto *round"*, e os lutadores arrastaram-se pesadamente para o centro do ringue, com as pernas emperradas, e socaram um ao outro. Mantinhamse em pé só pela força de vontade. Tinker desferiu um soco monstruoso pela esquerda, que teria derrubado um boi, mas o golpe deslizou pelo ombro de Grum e o outro escorregou e caiu. A Marinha deu vivas e o Exército rugiu, enquanto os ajudantes carregavam o soldado para seu canto. Quando o meio minuto acabou, o Exército observou, sem respiração. Tinker agarrar as cordas e se levantar. As veias de seu pescoço contorceram-se com o esforço, mas ele se ergueu sobre ambos os pés e se arrastou de volta para a linha.

Struan sentiu que alguém o espiava e, ao se voltar, viu o arquiduque acenando. Abriu caminho, contornando o ringue, e ficou imaginando, cheio de tensão, se Orlov, a quem ele enviara para "assistir" o arquiduque, na transferência para o pontão, burlara os criados e encontrara algum documento de valor.— Já escolheu o vencedor, Sr. Struan? — perguntou Zergeyev.

— Não, Alteza. — Struan deu uma olhada no almirante e no general. — Ambos os homens são uma honra para seus serviços, cavalheiros.

— O homem da Marinha tem muita coragem, por Deus, é notável — disse o general, jovialmente — mas acho que nosso homem tem ânimo para resistir.

— Não. Nosso homem é quem vai tocar a linha. Mas, por Deus, seu homem é bom, senhor. Uma honra para qualquer serviço.

— Por que não vem sentar-se conosco, Sr. Struan? — disse Zergeyev, indicando a cadeira vazia. — Talvez pudesse explicar aspectos da luta.

— Com sua licença, senhores — disse Struan, cortesmente, sentando-se. — Onde está Sua Excelência?

— Foi embora cedo, por Deus! — disse o general. — Falou algo a respeito de despachos. A sineta tocou de novo. Zergeyev mexeu-se inquieto na cadeira.

— Qual o maior número de *rounds* que uma luta já teve?

— Eu assisti à luta Burke-Byrne em 33 — disse o almirante, laconicamente. — Noventa e nove *rounds.* Pelo sangue de Cristo, aquela foi uma batalha esplêndida. Coragem fantástica! Byrne morreu, em conseqüência das pancadas que levou. Mas não desistiu, até o fim.

— Nenhum desses dois vai desistir também... já bateram um no outro até ficarem insensíveis — disse Struan. — Estão em condições equivalentes e são igualmente bravos. Eu diria que ambos já provaram seu valor.

— Mas, então, não haverá vencedor. Isto seria injusto, uma vacilação não provaria nada.

— É injusto matar um homem corajoso — disse Struan, calmamente. — Só a coragem está mantendo os dois em pé. — Virou-se para os outros. — Afinal, são ambos ingleses. Vamos poupá-los, para um inimigo de verdade.

Uma súbita irrupção de vivas distraiu o almirante e o general, mas não a Zergeyev.

— Isto soa quase como um desafio, Sr. Struan — ele disse, com um sorriso mortalmente calmo.

— Não, Alteza — disse Struan, afavelmente — apenas um fato. Honramos a coragem mas, num caso como este, ganhar é secundário para a preservação de sua dignidade como homens.

— O que diz, Almirante? — perguntou o general. — Struan tem certa razão? Qual é o *round?* Trigésimo quinto?

— Trigésimo sexto — disse Struan.

— Vamos estabelecer o limite da luta em cinqüenta. Alguém vai ter de ceder, antes disso... é impossível que permaneçam em pé até então. Mas, se puderem ambos tocar na linha no qüinquagésimo primeiro *round*, atiraremos a toalha juntos, hein? Declararemos empate. Hibbs poderá fazer o anúncio.

— Concordo. Mas seu homem não resistirá.

— Mais cem guinéus que sim, por Deus!

— Feito.

— Uma aposta, Sr. Struan? — disse o arquiduque, enquanto o almirante e o general, carrancudos, viraram-se e fizeram sinal para Hibbs. — Diga as paradas e escolha um homem,

— É nosso convidado, Alteza, então é privilégio seu escolher... se a parada lhe

agradar, uma pergunta... respondida pelo perdedor, em segredo, esta noite. Jurando diante de Deus.

— Que tipo de pergunta? — indagou Zergeyev, lentamente.

— Qualquer coisa que o vencedor queira saber.

O arquiduque ficou tentado, mas cheio de grandes apreensões. Era um jogo monumental, mas valia a pena. Havia muita coisa que ele queria saber do Tai-Pan da Casa Nobre.

— Feito!

— Qual o seu escolhido?

Zergeyev apontou instantaneamente para o Mestre Grum.

— Coloco nele a minha honra! — E, imediatamente, gritou para o marinheiro: —Mate-o, por Deus!

O número de *rounds* aumentava. Quarenta e três. Quarenta e quatro. Quarenta e cinco. Quarenta e seis. Quarenta e sete, quarenta e oito, quarenta e nove. E, agora, os espectadores estavam quase tão exaustos como os lutadores.

Afinal, o soldado caiu. Tombou como um carvalho morto e o ruído de sua queda ressoou pela praia. O marinheiro, bêbado de dor, ainda dava socos a esmo no ar, procurando o inimigo. Então, ele também caiu, igualmente inerte. Os ajudantes carregaram os homens para seus cantos e o meio minuto expirou, e o Exército gritava para seu homem se levantar, e o general batia no chão do ringue, com o rosto vermelho, implorando a Tinker: “Levante-se, levante-se, pelo amor de Deus, rapaz!” E o almirante ficou carmesim, enquanto Grum se forçava a ficar em pé, cambaleando, em seu canto. “Toque na linha, rapaz, toque na linha!” E

Struan exortava o soldado, e o arquiduque gritava frases de encorajamento, num paroxismo em russo-francês-inglês, para que o marinheiro tocasse a linha.

Cada lutador sabia que o outro estava derrotado. Ambos cambalearam até a linha e ficaram a se balançar, com os membros mortos e inúteis. Ambos levantaram os braços e tentaram tocar. Mas toda sua força havia desaparecido. Ambos caíram.

Último *round.*

A multidão ficou louca, pois era obviamente impossível para os dois lutadores saírem de seu canto em meio minuto e voltarem para a linha.

O gongo soou e, novamente, houve um silêncio sepulcral. Os lutadores ficaram desajeitadamente de pé, agarraram-se nas cordas e permaneceram em seus cantos, cambaleando. O marinheiro gemeu e deu o primeiro passo torturado, movendo um pé em direção à linha. Era seguida, após uma eternidade em suspense, outro. O soldado ainda estava em seu canto, tremendo e oscilando, quase a cair. Então, seu pé fez um arco para a frente, pateticamente, e houve uma gritaria furiosa — exortando, induzindo, implorando, rezando, praguejando, tudo a se misturar, num rugido final de excitação impossível, enquanto os dois homens avançavam cambaleando, polegada por polegada. De repente, o soldado deu uma reviravolta desamparada e quase escorregou, fazendo o general ficar a ponto de desmaiar. E aí o marinheiro deu uma guinada bêbada, e o almirante fechou os olhos, com o suor a lhe escorrer pelo rosto, e rezou.

Houve um pandemônio quando ambos os homens tocaram a linha, as toalhas voaram por sobre as cordas, e só quando o ringue se tornou um tumulto de homens que pulavam de um lado para outro foi que os lutadores tiveram certeza do fim do combate. E só então se permitiram mergulhar no pesadelo de dor, sem saber se eram vitoriosos ou vencidos — se estavam acordados ou mortos, sonhando ou vivos — sabendo apenas que haviam dado tudo.

— Pelas barbas de São Pedro — disse o arquiduque, com a voz rouca e dolorida e as roupas encharcadas de suor — foi a maior luta de todos os tempos.

Struan, também todo manchado de suor e exausto, puxou uma garrafa portátil e a ofereceu. Zergeyev inclinou-a e bebeu muito rum. Struan também bebeu e passou a garrafa ao almirante, que a deu ao general, e assim acabaram juntos a bebida.

– Pelo sangue de Cristo! — disse Struan, com voz roufenha. Pelo sangue de Cristo!

CAPÍTULO VINTE

O sol já mergulhara atrás das montanhas, mas o porto ainda estava imerso numa luz dourada. Ah Sam tirou o binóculo dos olhos e se afastou às pressas, ansiosamente, do orifício de espia no muro do jardim. Correu através das pilhas de pedras e de terra que logo se transformariam num verdadeiro jardim e entrou voando por uma porta da sala de estar.

— Mamãe! O barco de papai está perto da praia — disse. — Opa, ele parece realmente muito zangado. May-may parou de costurar a anágua.

— Ele veio do *China Cloud,* ou do *Resting Cloud?*

— Do *Resting Cloud.* É melhor ir dar uma olhada.

May-may agarrou o binóculo, correu para o jardim, e ficou atrás da pequena janela de treliça, focalizando as ondas da praia. Deteve-se em Struan. Ele estava sentado no meio da chalupa, com o Leão e o Dragão drapejando à popa. Ah Sam tinha razão. Ele parecia realmente muito zangado.

Ela fechou e trancou a portinhola do orifício de espia e voltou correndo.

— Limpe isto e providencie para que tudo fique bem escondido. — E, quando Ah Sam levantou descuidadamente o vestido de baile e as anáguas, ela a beliscou na face, com força. — Não amarrote tudo, sua puta. Vale uma fortuna. Lim Din! — gritou. — Prepare o banho de papai, depressa, e providencie para que suas roupas sejam arrumadas de maneira adequada e não falte nada. Ah, sim, e se certifique de que o banho está quente. Apanhe o novo sabonete perfumado.

— Sim, mamãe.

— E tome cuidado. A raiva de papai está no rosto dele!

— Opa!

— Realmente, opa! É melhor aprontarem tudo para papai, senão ambos serão açoitados. E, se alguma coisa interferir em meu plano, todos dois passarão por torturas e eu os chicotearei até seus olhos caíram das órbitas. Vão!

Ah Sam e Lim Din saíram correndo. May-may entrou em seu quarto de dormir e se certificou de que não havia nenhum sinal do vestido de baile. Colocou perfume atrás das orelhas e se compôs. Ah, meu Deus. Não queria que ele estivesse mal-humorado, esta noite.

Struan caminhou irascivelmente em direção ao portão, no alto muro.Estendeu a mão para a maçaneta do portão, mas este foi aberto rapidamente por Lim Din, que sorria e fazia curvaturas.

— Que belo entardecer, hein, senhor?

Struan respondeu com um granindo sombrio.

Lim Din fechou o portão e saiu às pressas para a porta da frente, onde riu ainda e fez curvaturas mais profundas.

Struan, automaticamente, examinou o barômetro de navio pendurado na parede do saguão. Estava colocado numa suspensão Cardan e a fina coluna de mercúrio dentro do vidro registrava a agradável temperatura de 29.8.

Lim Din fechou a porta, suavemente, e disparou na frente de Struan pelo corredor, abrindo a porta do quarto de dormir. Struan entrou, fechou a porta com um chute e trancou-a. Os olhos de Lim Din se reviraram. Ele levou um momento para se recompor e, depois, evaporou-se na cozinha.

— Alguém vai ser chicoteado — ele sussurrou, apreensivo, para Ah Sam. — Isto é tão certo quanto a morte e os impostos.

— Não se preocupe com o demônio do nosso pai bárbaro — sussurrou Ah Sam, em resposta. — Aposto com você o salário da próxima semana que mamãe vai transformá-lo numa pombinha, dentro de um hora.

May-may apareceu à porta.

— O que vocês, seus escravos filhos da mãe, estão aí cochichando? — ela sibilou.

— Só rezando para papai não ficar zangado com a pobrezinha da nossa linda mãe — disse Ah Sam, com os olhos esbugalhados.

— Então ande depressa, sua puta de fala macia. Por cada palavra de zanga que ele me disser, você leva um beliscão!

***

Struan estava em pé, no centro do quarto de dormir, olhando para o lenço cheio de nós, volumoso e sujo, que acabara de tirar do bolso. Com mil demônios, o que faço agora?, perguntou a si mesmo.

Depois da luta, acompanhara o arquiduque até seus novos alojamentos, no *Resting Cloud.* E ficara aliviado quando Orlov lhe dissera, em particular, que não tivera problema algum para esquadrinhar a bagagem do arquiduque.

— Mas não há papel nenhum — dissera Orlov. — Havia uma pequena caixa-forte, mas o senhor disse para não quebrar nada, então deixei como estava. Tive tempo suficiente... os homens mantiveram os criados ocupados.

— Obrigado. Nenhuma palavra a respeito, agora.

— Pensa que sou louco! — dissera Orlov, com sua dignidade ofendida. — A propósito, a Sra. Quance e os cinco filhos estão instalados no pontão pequeno. E eu disse que Quance estava em Macau, e deveria chegar com a maré do meio-dia, amanhã. Tive um grande trabalho para fugir às malditas perguntas que ela fez. Ela é capaz de extrair uma resposta de um caranguejo.

Struan deixara Orlov e fora para a cabina dos meninos. Eles estavam limpos, agora, e vestiam roupas novas. Wolfgang ainda se encontrava em sua companhia, e não tinham medo dele. Struan lhes dissera que no dia seguinte iriam com ele para Cantão, onde ele os embarcaria num navio para a Inglaterra.

— *Excelença* — dissera o menininho inglês, quando ele se virava para ir embora — será que poderia falar com o senhor, em particular?

— Sim — dissera Struan, e levara o menino para outra cabina.

— Meu papá disse *p'ra* dar isto ao senhor, *Excelença,* e não *dizê* a ninguém, nem Sr. Wu Pak, nem mesmo Bert.

Os dedos de Fred tremiam, quando ele desfez a trouxa de pano ainda amarrada no cajado, abrindo-a. Continha uma pequena faca, um cachorro de pano e um lenço volumoso, amarrado com nós. Ele lhe passou o lenço, nervosamente, e para pasmo de Struan, virou as costas e fechou os olhos.

— O que está fazendo, Fred?

— Meu papá *dizê* que eu *num* devia *olhá,* e *p'ra virá* as *costa, Excelença. P'ra num vê* — respondeu Fred, com os olhos fechados.

Struan desamarrou o lenço e olhou, embasbacado, para seu conteúdo — brincos de rubi, pingentes de diamante, anéis cravejados de diamantes, um grande broche de esmeraldas e muitas fivelas de cinto de ouro, retorcidas, cheias de diamantes e de safiras. Tudo com um valor de quarenta a cinqüenta mil libras. Espólio de pirata.

— O que ele queria que eu fizesse com isto?

— Posso *abri* os olhos, *Excelença?* Não devia *vê.*

Struan tornou a amarrar o lenço e colocou-o no bolso de seu casaco naval.

— Sim. Agora, o que seu papai queria que eu fizesse com isto?

— Ele disse que era minha... esqueci a palavra. Era, era uma coisa parecida com "rança", ou "anca". — Os olhos de Fred se encheram de lágrimas. — Sou um bom menino, *Excelença,* mas esqueço as *coisa.*

Struan se agachou e segurou-o com firmeza, mas gentilmente.

— Não precisa chorar. Vamos pensar. Será que foi “herança”?

O menino olhou para Struan como se ele fosse um mágico.

— Sim. “Rança”. Como sabia?

— Não precisa chorar. Você é um homem. Homens não choram.

— O que é “rança”?

— É um presente, em geral dinheiro, de um pai para um filho.

Fred cogitou sobre isso por um longo tempo. Depois, disse:

— Por que meu papai disse *p’ra* não *conta* ao irmãozinho Bert?

— Não sei.

— Por que, *Excelença?*

— Talvez ele quisesse que você recebesse isto, e não Bert.

— Uma “rança” pode ser para muitos filhos?

— Sim.

— Eu e meu irmão Bert podemos *dividi* uma “rança”, se a gente tem uma?

— Sim. Se você tem uma.

— Ah, bom — disse o menino, enxugando as lágrimas. — Irmãozinho Bert é meu melhor amigo.

— Onde você e seu papai viviam? — perguntou Struan.

— Numa casa. Com a mãe de Bert.

— Onde era a casa, rapaz?

— Perto do mar. Perto dos navios.

— O lugar tinha nome?

— Ah, sim, era chamado “Porto”. A gente vivia numa casa no Porto — disse o menino, com orgulho. — Meu papai disse *p’ra* eu *falá* tudo com o senhor, de verdade.

— Vamos voltar agora, hein? A não ser que haja mais alguma coisa.

— Ah, sim. — Fred, depressa, tornou a amarrar a trouxa. — Meu papai disse para amarrar como antes. Segredo. E *p’ra* não *contá*. Eu estou pronto, *Excelença*.

***

Struan abriu outra vez o lenço. Pela morte de Cristo, o que vou fazer com este tesouro? Jogá-lo fora? Não posso fazer isto. Procurar os proprietários? Como? Podem ser espanhóis, franceses, americanos ou ingleses. E como vou explicar como consegui as jóias?

Ele foi até a grande cama de armação e afastou-a da parede. Notou que suas novas roupas de noite estavam estendidas, meticulosamente. Ajoelhou-se ao lado da cama. Uma caixa-forte de ferro estava cimentada no chão. Destrancou a caixa e depositou a pequena trouxa junto com seus papéis particulares. A Bíblia que continha as outras três metades de moedas atraiu-lhe o olhar e ele praguejou. Tornou a trancar a caixa e moveu a cama outra vez para seu lugar, caminhando, em seguida, em direção à porta.

— Lim Din!

Lim Din apareceu imediatamente, com os olhos vidrados e todo sorridente.

— Prepare meu banho, depressa!

— O banho já está pronto, senhor! Não se preocupe!

— Chá!

Lim Din sumiu. Struan atravessou o quarto de dormir, em direção ao quarto especial que fora reservado só para o banho e a toalete. Robb rira, ao ver os projetos. Mesmo assim, Struan insistira para que a inovação fosse executada exatamente segundo os planos.

A alta banheira de cobre fora instalada numa plataforma baixa’ e dela saía um cano que atravessava a parede e ia dar num poço fundo, cheio de pedras, cavado

no jardim. Acima da banheira, um balde de ferro com orifícios estava suspenso das vigas. Outro cano dava no balde, saindo do tanque de água fresca, no teto. Havia uma torneira neste cano. A privada era um escrínio fechado, com uma tampa móvel e um balde removível, para os despojos noturnos.

A banheira já estava cheia de água quente. Struan tirou as roupas suadas e entrou no banho, satisfeito. Ficou deitado de costas e se ensaboou.

A porta do quarto se abriu e May-may entrou. Ah Sam a seguia, carregando uma bandeja com chá e *dim sum* quentes, tendo, logo atrás, Lim Din. Todos caminharam para dentro do banheiro, e Struan fechou os olhos, com silenciosa irritação; por mais que tivesse explicado e castigado, Ah Sam não conseguia entender que não devia entrar no banheiro, quando ele estava tomando banho.

— Olá, Tai-Pan — disse May-may, com um sorriso maravilhoso. Toda a irritação dele desapareceu. — Vamos tomar chá juntos — ela acrescentou.

— Ótimo — ele disse.

Lim Din pegou as roupas sujas e desapareceu. Ah Sam depôs a bandeja alegremente, pois sabia que ganhara sua aposta. Ela disse algo a May-may em cantonês, que fez May-may rir, e Ah Sam deu uma risadinha antes de correr para fora do banheiro e fechar a porta.

— Que diabo ela disse?

— Conversa de mulher!

Ele levantou a esponja para atirá-la, e May-may disse, depressa:.. — Ela falou que você é um homem muito bem-feito. .

— Por que, pelo amor de Deus, Ah Sam não entende que o banho é para ser

tomado em particular?

— Ah Sam é muito particular, não se preocupe. Por que você tem vergonha, hein? Ela tem muito orgulho de você. Você não tem nada para se envergonhar. — Ela tirou o vestido e caminhou para dentro da banheira, sentando-se na outra extremidade. Então serviu o chá e o entregou.

— Obrigado. — Ele bebeu o chá e depois estendeu o braço e comeu um dos *dim sum.*

— A luta foi boa? — ela perguntou. Notou as cicatrizes malcuradas que seus dentes haviam feito no antebraço dele, e escondeu um sorriso.

— Excelente.

— Por que você está zangado?

— Sem razão. Estão bons — ele disse, comendo outro dos pastéis. Depois, sorriu para ela. — Você é linda e não posso imaginar uma maneira mais agradável de tomar chá.

— Você também é lindo.

— A casa já tem *feng-shui?*

— Quando é o julgamento dos vestidos?

— À meia-noite. Por quê? Ela encolheu os ombros.

— Meia hora antes da meia-noite, você voltará para cá?

— Por quê?

— Gosto de ver meu homem. De tirá-lo daquela descarada com peitos de vaca. — O pé dela escorregou por baixo d'água. Struan recuou diante do ataque íntimo e quase deixou cair seu chá. — Não faça isso, e tenha cuidado, por Deus. — Ele lhe interceptou a mão e riu. — Seja uma menina boazinha.

— Sim, Tai-Pan. Se você também tiver cuidado. — May-may sorriu docemente e deixou a mão descansar, tranqüila, na dele. — Você não olha para mim como olha para aquela mulher diabólica, nem mesmo quando estou sem roupa nenhuma. O que está errado com o meu busto?

— Seu busto é perfeito. Você é toda perfeita. Claro que é. Agora, pare de me aborrecer.

— Então você volta, meia hora antes?

— Faço qualquer coisa, em troca de paz. — Struan bebeu um pouco mais de chá. — Ah, sim. Você não me respondeu. A casa já tem *feng-shui?*

— Sim. — Ela pegou o sabão e começou a se ensaboar. Mas não disse mais nada.

— Tem ou não tem?

— Sim. — Outra vez ficou silenciosa, com uma exasperante e bela doçura a envolvê-la.

— O que aconteceu?

— Sinto muitíssimo, Tai-pan, mas estamos bem no globo ocular do dragão e

precisamos nos mudar.

— Não vamos nos mudar e não se fala mais nisso.

Ela trauteou uma cançãozinha, enquanto terminava de usar o sabão. Lavou a espuma e olhou para ele, com os olhos muito abertos, toda gentil.

— Vire-se. Vou ensaboar suas costas — disse.

— Não vou me mexer — ele disse, com suspeita.

— *Marrr-rry* veio aqui hoje à tarde, e conversamos bastante.

— Não vou me mexer! Não se fala mais nisso.

— Realmente, Tai-Pan, não sou surda. Ouvi você muito bem, da primeira vez. Quer que eu esfregue suas costas ou não?

Ele virou as costas e ela começou a ensaboá-lo.

— Vamos nos mudar e não se fala mais nisso. Porque sua velha mãe decidiu — disse ela, em cantonês.

— O quê? — ele disse, movimentando um pouco o pescoço, apreciando o toque insinuante dela, enquanto suas mãos lhe massageavam deliciosamente os músculos dos ombros.

— Um velho provérbio cantonês: “Quando as andorinhas fazem seus ninhos, o sol sorri.”

— O que isto quer dizer?

— Exatamente o que diz. — Ela estava satisfeita consigo mesma. — É apenas um pensamento feliz, só isso. — Pegou um pouco de água e lavou a espuma de sabão. — Ah Sam, *ahhhh!*

Ah Sam entrou correndo, a carregar grandes toalhas. May-may se levantou e Ah Sam enrolou uma delas em torno de seu corpo e segurou a outra para Struan.

— Diga-lhe que farei isto eu próprio, por Deus! — disse ele. May-may traduziu e Ah Sam depôs a toalha, deu uma risadinha e saiu correndo. Struan saiu do banho e May-may embrulhou-o na toalha. Para surpresa sua, ele descobriu que estava aquecida.

— Disse a Ah Sam para "cozinhar" um pouco as toalhas, de hoje em diante - falou May-may. — É bom para a saúde.

— Ê muito agradável — ele disse, e se esfregou até ficar enxuto. Abriu a porta e descobriu que a cama havia sido arrumada e suas roupas novas postas sobre a cômoda.

— Você tem tempo para descansar um pouco — disse May-may e, quando ele começou a discutir, acrescentou, imperiosamente: — Você vai descansar! Struan deu uma olhada em seu relógio. Há bastante tempo, pensou, e então subiu na cama e se estirou, voluptuosamente.

May-may acenou para Ah Sam, que entrou no banheiro e fechou a porta. Ajoelhando-se, Ah Sam desatou os pés de May-may e os enxugou. Ela colocou pó nos pés e substituiu as ataduras por outras, limpas e secas, e calçou-lhes sandálias novas, bordadas.

— São tão lindas, mamãe — disse.

— Obrigada, Ah Sam. — May-may beliscou com ternura a bochecha de Ah Sam. — Mas, por favor, não faça tantas observações sobre os apêndices de papai.

— Eu só estava sendo cortês, e são muito dignos de respeito.

— Ah Sam soltou os cabelos de May-may e começou a escová-los.

— Normalmente, um pai ficaria muito satisfeito por ser elogiado. Realmente, não entendo nosso pai bárbaro, nem um pouquinho. Ele não me levou para a cama, nem uma só vez. Sou assim tão pouco atraente?

— Eu já lhe disse várias vezes que os pais bárbaros não levam para a cama todas as mulheres da casa — disse May-may, cansadamente. — Ele, simplesmente, não faria uma coisa dessas. É contra sua religião.

— É realmente muito mau *pagode* — fungou Ah Sam — ter um pai assim, tão dotado, e isso ser contra sua religião. May-may riu, e entregou-lhe a toalha.

— Vá embora, sua bajuladora. Traga chá, dentro de uma hora. Se chegar atrasada vou dar em você umas boas chicotadas!

Ah Sam fugiu.

May-may perfumou-se e, pensando no baile e em sua outra surpresa, cheia de excitação, entrou no quarto.

***

Liza Brock abriu a porta da cabina e foi para o beliche. Sentia suor frio escorrendo de suas axilas. Sabia que, para Tess, era agora ou nunca.

— Vamos, amor — disse ela, sacudindo Brock outra vez. — Está na hora de se levantar.

— Me deixe em paz. — Brock virou-se para o outro lado outra vez, suavemente embalado pela maré que balançava o casco do *White Witch.* — Quando chegar a hora eu me visto.

— Você *tá* dizendo isso faz meia hora. Levante, senão vai chegar atrasado. Brock bocejou e se estirou, erguendo-se no beliche.

— O sol nem se pôs ainda — ele disse, com os olhos turvos de sono, a espiar através da vigia.

— Gorth vai chegar logo e você queria estar pronto cedo. Vai ser preciso examinar os livros com o *compradore.* Você me pediu para lhe acordar.

— Está bem, chega, Liza.

Ele bocejou outra vez e olhou para Liza. Ela usava um vestido novo, de brocado de seda vermelho-escuro, com um grande pufe, deixando aparecerem muitas anáguas. Seu cabelo estava preso num coque.

— Você está muito elegante — disse ele, automaticamente, e se estirou outra vez.

Liza brincou com o grande chapéu de plumas que estava era suas mãos e, em seguida, o depôs.

— Vou ajudar você a se vestir — disse ela.

— Ora, o que é isso! Eu disse que minha roupa velha estava ótima — ele explodiu, ao ver suas roupas novas sobre a cadeira. — Você acha que o dinheiro é tão fácil de ganhar que pode ser gasto assim à vontade?

— Não, amor, você precisava de roupas novas e é necessário que esteja com seu melhor aspecto.

Ela ofereceu o pequeno espartilho que, segundo decretava a moda, o homem precisava usar para ficar com a cintura fina. Brock praguejou e saiu da cama. Depois de apertar o espartilho sobre sua roupa de baixo comprida, de lã, queixosamente, deixou-se ajudar a vestir suas roupas.

Mas, ao olhar para si próprio ao espelho, ficou satisfeitíssimo. A nova camisa pregueada crescia-lhe no peito e o casaco de veludo marrom, com lapelas bordadas a ouro, caía-lhe à perfeição — grande nos ombros e apertado na cintura. Suas calças brancas apertadas eram mantidas em caimento suave por correias, sob botas de festa negras, macias e lustrosas. Colete bordado em tom laranja, corrente de ouro e relógio no bolsinho.

— Meu Deus, você está parecendo o Rei da Inglaterra, amor!

Ele escovou a barba, deixando-a bem eriçada.

— Bom — disse ele, rudemente, tentando esconder seu prazer — talvez você tivesse razão. — Virou-se de perfil e alisou o veludo, para fazê-lo assentar bem sobre seu peito.

— Talvez pudesse ter ficado mais justo no peito, hein? Liza riu.

— Vamos com isso, rapaz — disse, com menos medo, agora — acho que o alfinete de rubi em sua gravata ficaria melhor do que o de diamante.

Ele mudou o alfinete e continuou a se admirar. Depois riu, segurou-a pela cintura e trauteou uma valsa, forçando-a a dançar.

— Você é a bela do baile, amor — disse.

Liza tentou ficar alegre, naquele momento, mas Brock viu em seus olhos que alguma coisa estava errada.

— O que há?

Ela puxou um lenço, enxugou o suor da testa e se sentou.

— Bom, é Tess.

— Ela está doente?

— Não. Nós vamos levá-la para o baile!

— Você está fora de si?

— Tenho um vestido pronto para ela... ah, é lindo... mandei ajeitar-lhe o cabelo e ela está à espera de sua aprovação antes de...

— Diga então a ela para ir para a cama, por Deus! Ela não vai para baile nenhum! Você mandou fazer um vestido para ela, não é? — e ele ergueu a mão

para lhe bater. — Ouça um momento — disse Liza, com sua força a lhe dominar o medo. — Primeiro escute. Nagrek... e ela. O golpe parou no meio do ar.

— O que há, quanto a Nagrek?

— Foi sorte que ele tivesse morrido, aquela noite. Tess, bom, Tess, ela... — As lágrimas jorraram. — Eu não queria preocupar você, mas ela...

— Está grávida?

— Não. Fiquei aterrorizada durante todo o mês passado, desde que você foi para Cantão. Com medo de ter-me enganado. Mas o incômodo mensal dela começou na semana passada, graças a Deus, e então o medo acabou.

— Mas ela não é virgem? — ele perguntou, horrorizado.

— Ela ainda é virgem. — As lágrimas lhe escorriam pelo rosto. :— Então, pelo amor de Deus, se ela ainda é virgem, por que diabo você se preocupa? Calma, calma, Liza — disse ele, dando-lhe palmadinhas na face.

Liza — ela sabia — jamais poderia dizer-lhe que Tess não era realmente virgem. Mas agradeceu ao Senhor por deixá-la convencer a menina de que tinha sido, principalmente, imaginação dela, e ainda era pura como deve ser uma mocinha.

— Este mês passado foi terrível — disse ela. — Terrível. Mas foi uma advertência para nós, Tyler. Fiquei preocupada com você, com o fato de você não ver que ela está crescida, e estou com medo. Você não quer ver o que está diante de seus olhos. — Ele começou a falar, mas ela interrompeu, depressa. — Por favor, Tyler. Eu lhe imploro. Basta olhar para ela e, se você concordar que cresceu, então nós a levamos. Se você pensar de outra maneira, ela não irá. Eu disse a ela que a decisão era sua.

— Onde está Tess, agora?

— Na cabina principal.

— Espere aqui.

o Sim, amor.

CAPÍTULO VINTE E UM

Quando a noite se instalara firmemente sobre Hong Kong, Culum caminhou para a borda do convés, à popa do *Thunder Cloud*, e deu sinal. O canhão estrondeou e houve um momento de silêncio na frota. Ele olhou nervosamente em direção à costa no Vale Feliz. Sua excitação aumentou quando viu uma tremulação de luz, depois outra, e logo todo lote marinho 8 era um mar de luzes dançantes.

Os criados, na praia, corriam para acender as lanternas restantes. Centenas haviam sido colocadas em torno do grande círculo de pranchas bem aplainadas que formavam a pista de danças, e sua luminosidade era cálida e convidativa. Mesas e cadeiras estavam dispostas em grupos atraentes, com uma lâmpada e flores vindas de Macau em cada mesa. Mais lâmpadas se encontravam penduradas em cordas presas entre esguios bambus, perto das mesas de cavalete repletas de comida. Outras estavam acortinadas sobre os barris de vinhos portugueses e franceses, rum, conhaque, uísque, vinho branco seco e cerveja. Quarenta engradados de champanha se achavam no gelo, e à mão.

Criados corriam por toda parte, todos bem uniformizados, com calças negras e túnicas brancas, os rabichos dançando. Eles estavam sob a imperiosa supervisão de Chen Sheng, *compradore* da Casa Nobre. Ele era um homem de imensa pança, com trajes ricos e chapéu enfeitado com jóias. Um pedaço principesco de puro jade branco formava a fivela de seu cinto, e seus pés estavam metidos em

botas de seda negra com solas brancas. Ele estava sentado, como uma aranha enorme, num assento no meio da pista de dança, e brincava com os cabelos compridos que nasciam numa pequena verruga em seu queixo. Um escravo particular abanava-o, dentro da noite amena.

Quando tudo, para satisfação sua, estava pronto, ele se levantou pesadamente e ergueu a mão. Os criados correram para suas posições e ficaram em pé, como estátuas, enquanto ele fazia uma última inspeção. Outro aceno de sua mão e um criado saiu correndo do círculo de luz na escuridão da praia, com uma vela na mão.

Houve, então, um monstruoso espocar de bichas, que durou vários minutos, e todos na frota e na praia correram para ver. Em seguida, surgiram bolas de fogo, luzes coloridas, mais barulho, fumaça, trovões e novas bichas. E rodas de fogo, e vulcões de fogo colorido. O trovejar continuou durante vários minutos e houve um ruído parecido com o de uma surriada da frota e uma centena de foguetes explodiu no céu. Suas caudas se ergueram e desapareceram. Depois de um momento de silêncio, todo céu explodiu em plumas escarlates, verdes, brancas e douradas. As penas foram caindo, majestosamente, e mergulharam no mar.

O criado acendeu a última vela e saiu às pressas. Fogo vermelho e verde serpenteou no grande andaime de bambu que logo estava em chamas, mostrando o Leão e o Dragão. A bandeira ardeu durante minutos e se extinguiu, com uma grande explosão, tão repentinamente como surgira.

Durante um momento, fez-se escuridão, enquanto um forte viva ecoava pelos morros em torno. Quando os olhos se ajustaram à escuridão, as luzes convidativas da pista de danças brilharam outra vez. E uma alegria expectante tomou conta de Hong Kong.

***

Shevaun gemia de agonia.

— Chega — ela implorou.

Sua criada apertou com mais força ainda os cordões do espartilho e colocou o joelho no traseiro de Shevaun.

— Solte a respiração — ordenou. E, quando Shevaun obedeceu, ela deu um puxão final nos cordões e os amarrou. Shevaun arquejou. — Pronto, querida — disse a empregada, que usava uma touca. — Está tudo pronto.

Era uma pequena e limpa irlandesa, com punhos de aço, e seu nome era Kathleen O'Rouke. Era babá e criada de Shevaun desde que esta usava cueiros, e ela a adorava. Seu cabelo castanho-escuro emoldurava um rosto agradável, com olhos sorridentes e queixo com covinha. Tinha trinta e oito anos.

Shevaun segurou-se numa cadeira, na cabina, e gemeu, mal conseguindo respirar.

— Vou desmaiar, antes do fim da festa. Kathleen pegou a fita e mediu a cintura de Shevaun.

— Dezessete polegadas e meia, minha Virgem Maria! E, quando você desmaiar, queridinha, caia bem graciosamente, e numa hora em que todos estiverem observando.Shevaun estava vestida com calças cheias de babados, as pernas metidas em meias de seda. O espartilho com ossos de baleia apertava-lhe os quadris, afinava violentamente sua cintura e subia até o busto, aumentando-o, forçando-o para cima.

— Preciso sentar um minuto — disse ela, com voz fraca. Kathleen pegou os sais

perfumados e os agitou sob o nariz de Shevaun.

— Pronto, meu amorzinho. Logo que aquelas prostitutas a virem, você não vai se sentir fraca, de maneira nenhuma. Pela Virgem Santa Mãe de Deus e por José, você vai ser a mais bela do baile.

Houve uma forte batida à porta.

— Você não está pronta ainda, Shevaun? — gritou Tillman.

— Não, titio. Não vou demorar.

— Bom, se apresse, querida. Precisamos chegar lá antes de Sua Excelência! — saiu pisando forte. Kathleen deu uma risadinha baixa.

— Que homem tolo, minha queridinha. Ele não percebe que a pessoa precisa causar boa impressão.

***

Quance afastou suas tintas.

— Aí está!

— Excelente, Aristotle — disse Robb, e ergueu a pequena Karen, para ela olhar seu retrato. — Não é, Karen?

— Eu sou assim? — perguntou Karen, desapontada. — Está horrível.

— Está imortal, Karen — disse Quance, chocado. Ele tirou-a dos braços de Robb e segurou-a com força. — Olhe para o brilho soberbo de suas faces, a luz em seus olhos lindos, a felicidade que rodeia você como uma auréola. Pelas barbas de Alcazabedabra, está tão bom quanto você.

— Ah, bom. — Ela lhe deu um abraço, ele a colocou no chão, e ela olhou para a pintura outra vez. — Quem é Alcaza... de quem você falou?

— Um amigo meu — disse Quance, com gravidade. — Um amigo barbado que cuida dos pintores e das crianças bonitas.

— Está muito, muito bonito — disse Sarah, com o rosto distendido. — Agora vá embora, já passou da hora de ir dormir.

— É cedo — disse Karen, com um amuo. — E você prometeu que eu podia ficar acordada até papai ir. Quance sorriu, limpou os dedos com terebintina e despiu seu camisolão de pintor.

— Virei pegar minhas tintas amanhã, Robb.

— Claro.

— Bom, é melhor sairmos. — Quance alisou o seu espalhafatoso colete bordado em púrpura e vestiu seu casaco de seda dourada.

— Gosto do senhor, Sr. Quance — disse Karen. — O senhor é muito bonito, embora o quadro seja horrível. Ele riu, deu-lhe um abraço e colocou sua cartola.

— Vou ficar esperando na chalupa, Robb.

— Por que não mostra ao Sr. Quance o caminho, Karen? — disse Robb.

— Ah, sim — ela respondeu, e foi dançando para a porta. Quance seguiu-a com um pavão.

— Está se sentindo bem, Sarah? — perguntou Robb, com solicitude.

— Não — disse Sarah, friamente. — Mas isso não tem importância. É melhor você ir. Vai chegar atrasado.

— Eu fico, se isso ajudar para alguma coisa — disse Robb, tenso.

— A única coisa que ajuda é a chegada do bebê e do navio para voltar para casa. — Sarah, mal-humoradamente, afastou dos olhos uma mecha de cabelo liso. — E ir embora desta maldita ilha!

— Ah, não seja ridícula! — disse ele, sem conseguir conter-se, com a raiva engolindo sua decisão de não discutir. — Não tem nada a ver com Hong Kong!

— Desde que passou a ser nossa, não pararam os problemas — disse ela. — Você mudou, Dirk mudou, Culum, eu. Pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Decidimos, finalmente, partir e entramos em bancarrota. Todos ficamos mortalmente assustados, brigando terrivelmente, e a pobre Ronalda e a família de Dirk morrem. Depois, as barras de prata nos salvam mas, ah, não, Dirk acua você, e você é fraco demais para escapar, então jura que vai ficar. Culum odeia Dirk e Dirk odeia Culum, e você fica estupidamente no meio, sem coragem de reivindicar os seus direitos e ir embora, para aproveitar a vida lá em nosso país. Nunca me atrasei num parto mas, desta vez, estou atrasada. Nunca me senti mal, antes, mas agora me sinto morta. Se você quer uma data para o início de todos os nossos problemas, é 26 de janeiro de 1841!

— Isso é uma tolice completa — ele retorquiu, furioso por ela ter articulado o que há muito estava fervendo, em fogo lento, em sua cabeça, e percebendo que,

igualmente, amaldiçoara aquele dia, durante longas insônias, a meditar. — Tolice, superstição — acrescentou, mais para convencer a si mesmo do que a ela. — A peste aconteceu no ano passado. A corrida ao banco foi no ano passado. Simplesmente, não tivemos as notícias antes de chegar a Hong Kong. E não sou estúpido. Precisamos ter dinheiro, muito dinheiro, e um ano não é tanto tempo assim. Estou pensando em você e nas crianças. Preciso ficar. Já está tudo resolvido.

— Você já reservou nossa passagem para casa?

— Não.

— Então eu ficaria satisfeita se você providenciasse tudo, imediatamente. Não vou mudar de idéia, se é isso que você pensa.

— Não, Sarah — disse Robb, em tom gélido. — Não acho que você vá mudar de idéia. Estava esperando para ver como se sentia. Temos muitos navios disponíveis. Como você bem sabe.

— Daqui a um mês, eu estarei em condições e...

— Não estará, e ir depressa assim é perigoso. Tanto para você como para a criança.

— Então, talvez seja melhor você nos acompanhar até em casa.

— Não posso.

— Claro que não. Você tem coisas mais importantes para fazer. — O mau gênio de Sarah se manifestou. — Talvez você tenha outra puta paga pronta, à sua espera.

— Ah, cale a boca, pelo amor de Deus. Eu já lhe disse mais de mil vezes...

— Dirk já tem uma na ilha. Por que você seria diferente?

— Ele tem?

— E não tem?

Ficaram olhando um para o outro, a se detestarem.

— É melhor você ir — ela disse, e deu a volta.

A porta se abriu e Karen entrou, dançando, no quarto. Pulou nos braços do pai, depois correu para Sarah e beijou-a.

— Paizinho está acertando nosso navio para casa, querida — disse Sarah, sentindo que o bebê dava chutes violentos em seu útero. Sua hora estava, afinal, muito próxima, e ela foi apunhalada por um medo descabido. — Passaremos o Natal em casa, este ano. Não será maravilhoso? Haverá neve, cantos de Natal e presentes maravilhosos. E Papai Noel.

— Ah, que ótimo, adoro Papai Noel. O que é neve?

— Fica tudo branco... as árvores e as casas... é uma chuva que se torna gelo. É muito bonito e as lojas estarão cheias de brinquedos e de coisas lindas. — A voz de Sarah tremeu e Robb sentiu a punhalada que era seu tormento. — Será tão bom estar numa

cidade de verdade outra vez... e não num descampado.

— Vou sair agora — disse Robb, consumido de pesar, Ele beijou Sarah, de leve, e ela, imperceptivelmente, desviou o rosto, enfurecendo-o mais uma vez. Ele abraçou Karen e saiu.

***

Mary Sinclair deu os toques finais em seu penteado e pregou com alfinetes, no lugar certo, a pequena coroa de flores campestres que Glessing enviara.

Seu vestido — de xantungue de seda negra como azeviche, com pufes, muito gracioso — era usado sobre inúmeras anáguas, que farfalhavam quando ela se movimentava. O decote era elegante, exibindo suaves ombros nus e seios firmes.

Ela estudou a própria imagem, imparcialmente.

O rosto que a olhava do espelho, era estranho. Havia uma beleza imprópria nos olhos, e nenhuma cor nas faces. Os lábios estavam muito vermelhos e brilhantes.

Mary sabia que nunca estivera mais linda.

Ela suspirou e pegou o calendário. Mas já sabia que não havia mais necessidade de tornar a contar os dias. O total seria sempre o mesmo e a descoberta que a aturdira, aquela manhã, seria também a mesma — você está grávida.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Culum fez uma polida curvatura.

— Boa-noite — disse, automaticamente, e outro convidado se dissolveu na multidão festiva. Por quase uma hora estivera em pé, ao lado de seu pai e do tio, recebendo formalmente os convidados, e estava impaciente para que o ritual terminasse.

Observou a pista de dança. Entre os ombros nus, trajes multicoloridos, resplandecentes uniformes e os leques que se agitavam constantemente, espiou Mary Sinclair. Por um momento, ficou aborrecido de ver que ela estava conversando com Glessing. Mas ora, pensou, você não devia ter ciúmes. Mary é, obviamente, a mulher mais bonita entre as presentes, e George tem toda razão de estar com ela. Não o culpe nem um pouquinho.

Dois coretos haviam sido construídos de cada lado do círculo, um para a banda da Marinha e outro para a do Exército. Quando o general ouviu dizer que o almirante concordara em emprestar sua banda para a noitada, fizera o mesmo.

Os soldados, com uniformes escarlates, estavam tocando, agora. Todos se sentiam ansiosos para começar a dançar, mas tinham de esperar até Longstaff chegar. E ele estava atrasado, o que era uma prerrogativa sua.

Culum fez novas curvaturas para os convidados e notou, com alívio, que a fila estava escasseando. Deu uma olhada em direção à praia, onde uma fileira de lanternas guiava os convidados ao saírem de seus botes, e viu o escaler de Longstaff chegar à areia. Longstaff, o arquiduque e o almirante foram ajudados a desembarcar. Ótimo, pensou Culum. Não vai demorar muito, agora. Novamente, seus olhos vaguearam pela pista, e, desta vez, detiveram-se em Manoelita de Vargas. Ela o observava, por cima de seu leque.

Era muito bonita — pele alvíssima, olhos escuros, uma mantilha sobre o cabelo negro. Culum sorriu e fez uma leve curvatura. Os olhos de Manoelita semicerraram-se e ela agitou o leque, depois deu as costas. Culum prometeu a si mesmo que dançaria com ela pelo menos uma vez.

Ele espanou um pouco de poeira de suas lapelas, consciente de que estava vestido de acordo com a última moda inglesa, bem à frente da maioria dos homens, aquela noite. Seu casaco era azul-celeste, com lapelas de seda azul-escura, apertado na cintura e alargandose sobre os quadris. A calça azul-clara, bem apertada, estava enfiada em meias-botas negras e macias. Seu cabelo descia em cachos sobre as orelhas e sobre o colarinho alto e engomado. O alfaiate de Robb fizera um trabalho muito bom, pensou. E tão barato! Ora, com cento e cinqüenta guinéus por mês poderia comprar dezenas de soberbos ternos e botas. A vida era maravilhosa.

Curvou-se para outro grupo de convidados que passava, deixando atrás um cheiro ácido de antigo suor coberto com perfume. Estranho, pensou. Agora sentia o cheiro das outras pessoas, e elas realmente fediam. Ficou espantado de não ter notado isto antes. Decerto se sentia melhor, muito melhor, desde que começara a tomar banho todo dia e a trocar de roupa. O Tai-Pan tinha razão.

Olhou para o pai, que estava absorto numa conversa com Morley Skinner. Culum teve consciência de que as pessoas o espiavam e sua expressão era hostil. No tocante aos convidados, não havia nenhum sinal de que o antagonismo entre pai e filho se abrandara. Na verdade, ele se aprofundara numa polidez fria. Desde que o jogo começara, Culum ia achando cada vez mais fácil levar avante o engodo em público. Seja honesto, Culum, disse a si mesmo. Você não o idolatra mais. Você ainda o respeita — mas ele é um herege, adúltero, uma influência perigosa. Então, você não está fingindo — você está frio. Frio e cauteloso.

— Vamos, Culum, rapaz — Robb sussurrou, desajeitadamente.

— O que é, tio?— Ah, nada. Só que esta noite é de comemoração.

— Ah, sim, é.

Culum percebeu a expressão perturbada nos olhos de Robb, nas nada disse e lhe deu as costas para cumprimentar outros convidados e espiar Mary e, ocasionalmente, Manoelita. Decidiu que não diria a Robb o que acontecera entre o Tai-Pan e ele, no alto da montanha.

— Você ainda não conhece meu sobrinho, Culum — ouviu Robb dizer. — Culum, esta é a Srta. Tess Brock.

Culum se virou. Seu coração deu um salto e ele se apaixonou.

Tess fazia uma mesura. A saia de seu vestido era ampla e fofa, de brocado de seda

branca, sobre anáguas cascateantes que irrompiam como espuma sob a bainha. Sua cintura era incrivelmente fina, abaixo do corpete decotado e empinado. Seu cabelo louro caía em macios cachos sobre os ombros nus. Culum viu que os olhos dela eram azuis e os lábios convidativos. E ela estava olhando para ele, como ele estava olhando para ela.

— É uma honra conhecê-la — ouviu a si próprio dizer, em voz irreal. — Talvez possa dar-me a honra da primeira dança.

— Obrigada, Sr. Struan — ouviu-a dizer, com a voz como um soar de sinos, e ela foi embora.

Liza estivera observando, cuidadosamente. Vira a expressão de Culum e a reação de Tess. Ah, Senhor, deixai que aconteça, fazei que aconteça, pensou, enquanto seguia Brock pela pista.

— Eu não reconheci a pequena Tess, e você? — Struan dizia a Robb.

Ele também observara o encontro entre seu filho e a garota dos Brocks, e sua mente estava fervendo, com as vantagens e perigos inerentes a uma união Culum-Tess. Meu Deus do céu!

— Não. Olhe para Brock. Ele está inchado de orgulho.

— Sim.

— E olhe para Mary. Eu jamais teria pensado que ela pudesse ficar tão... tão maravilhosa, também.

— Sim.

Struan observou Mary, por um momento. O vestido negro realçava a palidez luminosa e etérea de sua pele. Depois, ele examinou Manoelita. Em seguida, Tess outra vez. Ela sorria para Culum, que lhe respondia ao sorriso, com o mesmo ar abstrato. Meu Deus, pensou ele, Culum Struan e Tess Brock.

— Maldito Shakespeare — ele disse, involuntariamente.

— O que, Dirk?

— Nada. Eu diria que Mary está disputando mesmo o prêmio, com toda justiça.

— Ela não está na mesma classe, por Deus! — disse Quance, enquanto passava por perto, piscando. — Não com a Manoelita de Vargas.

— Ou Shevaun, eu aposto — disse Struan — quando se dignar a nos honrar com sua presença.

— Ah, a adorável Srta. Tillman. Ouvi dizer que está usando apenas calças e um

tecido transparente. Nada mais! Grandes esferas de Júpiter, hein?

— Ah, Aristotle — disse Jeff Cooper, aproximando-se. — Posso falar rapidamente com você? É a respeito de uma encomenda de pintura.

— Que Deus abençoe a minha pobre alma! Realmente, não entendo o que deu em todo mundo — disse Quance, suspeitosamente. — O dia inteiro estou recebendo encomendas de pinturas.

— Percebemos de repente a perfeição do seu trabalho — disse Cooper, depressa.

— E já era tempo, por Deus, esta é a imortal verdade. Meu preço aumentou. Cinqüenta guinéus.

— Vamos discutir isso tomando um champanha, hein? — Cooper piscou subrepticiamente para Struan, por sobre a cabeça de Quance, e arrastou o homenzinho.

Struan deu uma risadinha. Ele espalhara a notícia de que era preciso manter Quance ocupado e longe de tagarelas — até a hora do julgamento. E conseguira prender Maureen Quance a bordo do pequeno pontão, retirando todas as chalupas.

Naquele momento, Longstaff, o arquiduque e o almirante chegaram ao círculo de luz.

Houve um rufar de tambores e todos se levantaram, enquanto as bandas tocavam *Deus Salve a Rainha.* Em seguida executaram, vacilantes, o hino nacional russo, e afinal, *Rule Britannia.* Houve uma irrupção de aplausos.

— Foi muita consideração sua, Sr. Struan — disse Zergeyev.

— É um prazer. Alteza. Queremos que se sinta em casa. Struan sabia que todos os olhares estavam fixos em ambos e tinha certeza de que escolhera bem as suas roupas. Em contraste com todos os demais, usava negro, com exceção de uma pequena fita verde que prendia, na nuca, o seu cabelo comprido.

— Talvez queira abrir a primeira dança.

— Seria uma honra. Mas temo não conhecer nenhuma das damas.

Zergeyev usava um brilhante uniforme dos cossacos, com a túnica elegantemente colgada num ombro, uma espada embainhada no cinto cravejado de jóias. Dois criados em libré estavam obsequiosamente a serviço.— Isso será remediado com facilidade — disse Struan, alegremente. — Talvez queira escolher. Eu ficaria satisfeito em fazer a apresentação formal.

— Não seria cortês de minha parte. Talvez queira decidir quem me dará essa honra.

— Para me arrancarem os olhos? Está bem.

Ele se virou e começou a cruzar a pista. Manoelita seria a melhor escolha. Isto honraria muito a sociedade portuguesa, na qual a Casa Nobre e todos os negociantes confiavam, para fornecer funcionários, guarda-livros, almoxarifes — todos aqueles que fazem as companhias funcionarem. Mary Sinclair seria uma escolha quase igualmente boa, pois estava estranhamente misteriosa aquela noite, e era a mulher mais bela do salão. Mas nada seria ganho escolhendo-a, com exceção do apoio de Glessing. Struan notara como Glessing estava próximo, a seu serviço. Desde que se tornara mestre do porto, sua posição de influência aumentara. E ele seria um aliado muito útil.

Struan viu os olhos de Manoelita se arregalarem e Mary Sinclair prender a respiração, quando ele se encaminhou na direção das duas. Mas ele parou diante de Brock.

— Com sua permissão, Tyler, talvez Tess possa abrir a primeira dança, com o arquiduque? — Struan ficou satisfeito com a agitação provocada pelo espanto, que pôde perceber.

Brock fez um sinal afirmativo com a cabeça, corado de orgulho. Liza ficou extasiada. Tess corou e quase desmaiou. E Culum amaldiçoou e detestou seu pai e o abençoou por dar a honra a Tess. E todos os negociantes ficaram imaginando se o Tai-Pan estaria fazendo as pazes com Brock. E, se assim era, por quê?

— Eu não acredito — disse Glessing.

— Sim — concordou Cooper, preocupado, sabendo que a paz entre Brock e Struan não poderia ser benéfica para ele. — Não faz o menor sentido.

— Faz muito sentido — disse Mary. — Ela é a mais jovem e deve ter a honra.

— Há mais alguma coisa nisso, Srta. Sinclair — disse Glessing. — O Tai-Pan jamais faz nada sem pensar. Talvez ele espere que ela caia e quebre uma perna, ou algo assim. Ele odeia Brock.

— Acho que esse pensamento é muito pouco generoso, Capitão Glessing — disse Mary, abruptamente.

— Sim, é, e peço desculpas por dizer alto o que todo mundo está pensando. — Glessing lamentou sua estupidez, deveria ter percebido que uma inocência tão maravilhosa defenderia aquele demônio. — só estou irritado por que você é a mais bonita dama presente e, sem dúvida, deveria ter a honra.— É muito gentil. Mas não deve pensar que o Tai-Pan faz as coisas por maldade. Não é assim.

— Tem razão, e eu estou errado — disse Glessing. — Talvez eu possa ter a primeira dança... e levá-la para jantar. Então saberei que estou perdoado.

Há mais de um ano ela considerava George Glessing como um possível marido. Gostava dele, mas não o amava. Mas, agora estava tudo arruinado, pensou.

— Obrigada — disse ela. Baixou os olhos e agitou o leque. — Se prometer ser mais... mais gentil.

— Feito — disse Glessing, todo feliz. Struan conduzia Tess através da pista.

— Sabe valsar, garota?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça e tentou afastar os olhos do filho do Tai-Pan.

— Posso apresentar-lhe a Srta. Tess Brock, Alteza? Arquiduque Alexi Zergeyev.

Tess ficou paralisada, com os joelhos tremendo. Mas, lembrar Culum, e a maneira como a olhara, aumentou sua confiança e restabeleceu sua pose.

— Estou honrada, Alteza — disse, fazendo uma mesura.

O arquiduque curvou-se e, com galanteria, beijou-lhe a mão.

— A honra é minha, Srta. Brock.

— Fez uma viagem agradável? — ela perguntou, abanando-se.

— Sim, obrigado. — Ele olhou para Struan. — As jovens inglesas são todas assim tão lindas?

Mal ele acabara de falar, Shevaun irrompeu à luz, de braços dados com Tillman.

Seu vestido era uma névoa de gaze verde, com a saia ampla, em forma de sino. A parte externa do traje tinha o comprimento do joelho, para destacar as fileiras formadas por uma dúzia de anáguas cascateantes, cor de esmeralda. Ela usava longas luvas verdes e havia penas de aves do paraíso em seu cabelo ruivo. Inacreditavelmente, seu corpete não tinha alças para sustentá-lo.

— Desculpe estarmos atrasados, Excelência, Sr. Struan — disse ela, fazendo uma mesura, em meio ao silêncio. — Mas quebrei uma fivela do sapato, exatamente na hora de sair.

Longstaff afastou os olhos curiosos do decote e ficou imaginando, como todo mundo, como diabo o vestido era sustentado, e se iria cair.

— A hora de sua chegada é sempre perfeita, Shevaun. — Ele se virou para Zergeyev. — Quero apresentar-lhe a Srta. Shevaun Tillman, da América. Ah, e o Sr. Tillman. Sua Alteza, Arquiduque Alexi Zergeyev.Ali em pé, esquecida, Tess observou Shevaun fazer nova mesura, e a detestou por tirar-lhe seu momento de glória. Era a primeira vez em que sentia ciúme de outra mulher. E a primeira em que pensava em si mesma como mulher, não como menina.

— Que belo vestido, Srta. Tillman — disse, com doçura. — Foi a senhorita mesma quem fez? Os olhos de Shevaun dardejaram raios, mas ela replicou, com a mesma doçura:

— Ah, não, querida, acho que não tenho o seu talento. — Sua cachorrinha safada.

— Pode me dar a honra da primeira dança, Shevaun? — perguntou Longstaff.

— É um prazer, Excelência. — Ela estava exultante com a inveja e ciúme que tinha provocado. — Tudo parece tão lindo, Tai-Pan. — Ela sorriu para Struan.

— Ah... obrigado — disse Struan. Ele se virou e fez sinal para o regente da

banda da Marinha. O bastão baixou e então começaram os primeiros acordes excitantes de uma valsa vienense. Embora as valsas não fossem bem-vistas, eram as danças mais populares.

O arquiduque conduziu Tess para o centro da pista e Shevaun rezou para que Tess tropeçasse e caísse ou, melhor ainda, dançasse como uma vaca. Mas Tess flutuava como uma folha. Longstaff conduziu Shevaun. Enquanto ela girava, com maravilhosa graça, notou que Struan se dirigia para uma beldade portuguesa de olhos escuros, a quem nunca vira antes, e ficou furiosa. Mas, ao girar outra vez, viu que Struan levara Liza Brock para a pista e pensou. Ah, Tai-Pan, você é um homem esperto. Eu o amo por isto. Então seus olhos viram Tess e o arquiduque no centro da pista e ela guiou Longstaff, que dançava muito bem, para lá, sem que ele percebesse estar sendo guiado.

Culum, em pé a um canto, observava. Ele pegou uma taça de champanha e bebeu-a, sem lhe sentir o gosto, e, em seguida, curvou-se diante de Tess, convidando-a para a segunda dança.

Ele não notou que Brock franzia a testa e Liza, apressadamente, distraía-o. Nem a súbita curiosidade de Gorth.

Houve valsas, polcas, contradanças e galopes. Shevaun era cercada, no final de cada dança, e Manoelita também — mas com mais cautela. Culum dançou com Tess pela terceira vez, e quatro vezes por noite era o máximo permitido pelas convenções.

Na última dança antes da ceia, Struan abriu caminho através da multidão que cercava Shevaun.

— Senhores — disse ele com calma determinação — sinto muito, mas esta dança é prerrogativa do anfitrião.Os homens se lamentaram e deixaram que a

levasse. Ele não esperou pela música e começou a conduzi-la para a pista. Jeff Cooper observava, com ciúme. A dança era sua.

— Eles combinam — disse ele a Tillman.

— Sim. Por que não faz logo seu pedido? Conhece meus pontos de vista. E os do meu irmão.

— Há tempo.

— Agora que Struan está descasado, não. Os olhos de Cooper se estreitaram.

— Você encorajaria essa união?

— Claro que não. Mas parece bastante evidente para mim que Shevaun está apaixonada pelo homem. — Depois, Tillman acrescentou, com irritação: — Já é tempo para ela se aquietar. Não tenho tido senão problemas, desde que ela chegou, e estou cansado de bancar o cão de guarda. Sei o que pensa, e então peça formalmente sua mão, vamos acabar com isso.

— Não, até eu ter certeza de que ela está pronta para me aceitar... e satisfeita com isto, por sua livre vontade. Ela não é uma escrava, para ser comprada e vendida.

— Concordo. Mas, ainda assim, é uma fêmea, uma menor, e fará o que seu pai e eu considerarmos ser do seu interesse. Devo confessar que não aprovo sua atitude, Jeff. Você está procurando problemas.

Cooper não respondeu. Olhou para Shevaun, com uma dor nos rins.

— Eles formam um casal perfeito — disse Mary, querendo desesperadamente

ser Shevaun.

E, naquele momento, de repente, se sentiu impura — por causa de sua vida secreta, do filho e de Glessing. Ele fora tão terno aquela noite, terno e masculino, e muito inglês e muito puro. E ela quase chorou de dor, por causa de seu inútil amor pelo Tai-Pan.

— É verdade — disse Glessing. — Mas se houver justiça nesta terra, ganhará o prêmio, Srta. Sinclair.

Ela conseguiu sorrir e, outra vez, tentou descobrir quem seria o pai da criança — não que isto tivesse importância, porque o pai era chinês. Ter um bastardo chinês! Morrerei antes disto, disse a si própria. Daqui a dois ou três meses, vai começar a aparecer. Mas eu não estarei viva, para ver o horror e a reprovação nos rostos de todos. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ora, Mary, o que é isso — disse Glessing, tocando-lhe no braço, com afeto. — Não deve chorar porque lhe fiz um elogio. Você é realmente a pessoa mais bonita aqui... e a mais bonita que eu já vi. É verdade.Ela enxugou as lágrimas, atrás do leque. E, através da névoa de terror, lembrou-se de May-may. Quem sabe May-may poderia ajudar? Talvez os chineses tenham remédios para abortar uma criança. Mas isto é assassinato. Assassinato. Não, é meu corpo, Deus não existe e se tiver o filho estarei perdida.

— Desculpe, George, querido — disse ela, mais em paz consigo mesma, agora que tomara a decisão. — Eu me senti mal, por um momento.

— Tem certeza de que está bem, agora?

— Ah, sim.

Glessing estava cheio de um amor protetor. Pobre menininha frágil, ele pensou. Precisa de alguém para tomar conta dela, e esse alguém sou eu. Só eu.

***

Struan parou no centro da pista.

— Eu estava imaginando quando teria a honra, Tai-Pan — Shevaun irradiava travessura.

— Esta dança é em sua honra, Shevaun — disse ele, com doçura.

Os primeiros acordes da música mais eletrizante da terra começaram a ser executados. Era a Kankana. Uma dança selvagem, buliçosa, barulhenta, de passos rápidos, que entrara rapidamente em voga em Paris e, na década de trinta, tomara de assalto as capitais da Europa, mas era proibida, como escandalosa, nos círculos mais seletos.

— Tai-Pan — ela disse, assombrada.

— Subornei o regente da banda — sussurrou Struan.

Ela hesitou mas, sentindo todos os olhares escandalizados fixados em si, descontraidamente pegou nos braços de Struan, com o ritmo da música a tomar conta de seu corpo.

— Bom, espero que nada vá cair — disse Struan.

— Se cair, você me protegerá, espero.

E os dois começaram a dar os passos movimentados. Shevaun se soltou dos braços de Struan, ergueu as saias e deu chutes para o alto, mostrando as calças. Houve um grito de alegria e todos os homens correram em busca de pares. Agora, todos dançavam e davam chutes, possuídos pelo ritmo contagiante e desenfreado.

A música os dominava. A todos.

Quando terminou, houve uma irrupção de aplausos e gritos contínuos de bis, e a banda voltou a tocar o mesmo número. Mary esqueceu o filho e Glessing decidiu que aquela noite ele pediria — exigiria, por Deus — que Horatio abençoasse o casamento. Os pares continuaram a girar, chutar, cheios de uma arquejante animação, até a música acabar. Os jovens se apinharam em torno de Struan e Shevaun, agradecendo a ele e parabenizando-a. Ela segurou o braço dele, possessivamente, e se abanou, muito satisfeita consigo mesma. Ele enxugou o suor da testa e ficou muito feliz porque os dois jogos dele haviam dado certo — Tess e a Kankana.

Todos voltaram para seus assentos e os criados começaram a carregar bandejas de comida para as mesas. Salmão defumado presunto defumado, peixe, ostras, mexilhões e salsichas. Frutas frescas que Chen Sheng transportara de uma *lorcha* recém-chegada de uma perigosa viagem de Manilha. Quartos de boi que acabara de ser abatido, comprados da Marinha, e assados em fogueiras ao ar livre. Porquinhos de leite. Pés de porco ao picles, em geléia doce.

— Juro — disse Zergeyev — jamais vi tanta comida e nem me divertia assim há anos, Sr. Struan.

— Ah, Alteza — disse Shevaun, erguendo uma sobrancelha — isto é positivamente comum para a Casa Nobre.

Struan riu, com os demais, e se sentou à cabeceira de uma mesa. Zergeyev estava à sua direita e Longstaff à esquerda, Shevaun ao lado do arquiduque e Mary Sinclair ao lado de Longstaff, Glessing atenciosamente perto. Na mesma mesa,

encontravam-se Horatio, Aristotle, Manoelita e o almirante. Em seguida, Brock e Liza, e Jeff Cooper. Robb e Culum eram os anfitriões em mesas próprias.

Struan deu uma olhada em Aristotle e ficou imaginando como ele conseguira convencer Vargas a permitir que Manoelita fosse sua acompanhante, no jantar. Meu Deus, pensou, será que Manoelita é quem está posando para o quadro?

— A Kankana — dizia Longstaff — puxa vida. Um jogo diabólico e perigoso, TaiPan.

— Para muitas pessoas modernas, não, Excelência. Todos pareceram gostar muito.

— Mas, se a Srta. Tillman não tomasse a iniciativa — disse Zergeyev — duvido que qualquer um de nós tivesse a coragem.

— Que outra coisa poderia uma pessoa fazer, Alteza? — disse Shevaun. — A honra estava em jogo. — Ela se virou para Struan.

— Foi uma travessura muito grande, Tai-Pan.

— Sim — disse ele. — Com licença um momento, tenho de ver se meus convidados estão sendo bem atendidos.

Caminhou por entre as mesas, cumprimentando a todos. Quando chegou à mesa de Culum, houve um ligeiro silêncio e Culum ergueu os olhos... — Olá — disse ele.

— Está tudo bem, Culum?

— Sim, obrigado — Culum foi perfeitamente cortês, mas não havia calor. Gorth,

sentado diante de Tess na mesa de Culum, riu por dentro. Struan se afastou.

***

Quando o jantar terminou, as damas se retiraram para a grande tenda que fora instalada para elas. Os homens reuniram-se às mesas e fumaram, beberam Porto, encantados por ficarem sós um momento. Relaxaram, falaram a respeito do aumento do preço das especiarias, e Robb e Struan fizeram acordos lucrativos com relação a elas e ao espaço para carga. Todos decidiram que Shevaun era a vencedora, mas Aristotle não parecia convencido.

— Se não der o prêmio a ela — disse Robb — ela o matará.

— Ah, Robb, querido inocente! — disse Aristotle. — Você está petrificado diante dos peitos dela... claro, são impecáveis... mas o concurso é para a mais bem-vestida, e não para a menos vestida!

— Mas o vestido dela é maravilhoso. De longe, o melhor.

— Pobre homem, você não tem olhos de pintor... e nem a responsabilidade de uma escolha imortal.

As apostas eram maiores em Shevaun. Mary era uma das favoritas. E Manoelita tinha seus adeptos.

— Você é a favor de quem, Culum? — perguntou Horatio.

— Da Srta. Sinclair, é claro — disse Culum, com galanteria, embora, segundo seu modo de ver, só uma dama merecesse a honra.

— Você é muito generoso — disse Horatio. Ele se virou, quando Mauss o chamou.

— Com licença, um momento.

Culum ficou sentado numa das mesas, contente de estar a sós com seus pensamentos. Tess Brock. Que belo nome! Como ela era bonita! Que bela dama. Ele viu Gorth, aproximando-se.

— Posso falar-lhe em particular, Struan? — disse Gorth.

— Claro. Por que não se senta? — Culum tentou esconder seu constrangimento.

— Obrigado. — Gorth sentou-se. Ele pôs suas mãos enormes sobre a mesa. — É melhor eu falar de maneira direta. Só sei fazer assim. É a respeito do meu pai e do seu. Eles são inimigos, isto é um fato. Não há nada que possamos fazer quanto a isso, eu e você. Mas, só porque são inimigos, não é necessário que nós também tenhamos de ser. Pelo menos, penso assim. A China é grande o suficiente para você e para mim. Pelo menos, é o que Penso. Estou cansado de ver os dois agindo de maneira estúpida. Como no caso do outeiro... por que cada qual tinha de arriscar o futuro da casa, por uma questão de *prestigio?* Se não tivermos cuidado, vamos ser arrastados para essa inimizade, você e eu, sem ter nenhum motivo para ódio. O que você diz? Vamos julgar por nós mesmos. O que meu pai acha, ou o que seu pai acha... bom isso é com eles. Vamos começar de maneira honesta, você e eu. Aberta. Talvez a gente possa ser amigo, quem sabe? Mas acho que não é uma coisa cristã nós nos odiarmos, só por causa de nossos pais. O que você diz?

— Concordo — disse Culum, perplexo com o oferecimento de amizade.

— Não estou dizendo que meu pai está errado, e o seu certo. Só digo que temos de tentar, como homens, viver a nossa própria vida, da melhor maneira que pudermos. — O rosto rude de Gorth se abriu num sorriso. — Você parece bastante chocado, rapaz.

— Desculpe. É só que... bom, sim, eu gostaria que fôssemos amigos. Nunca esperei que... bom, que você tivesse uma mente aberta.

— Está vendo? É exatamente isso que quero dizer, por Deus. Nós nunca dissemos um ao outro mais do que quatro palavrinhas em toda nossa vida e você já está pensando que eu o detesto. Ridículo.

— Sim.

— Não é fácil, o que nós vamos tentar. Não esqueça, nós viemos de vidas diferentes. Minha escola foi um navio. Eu já estava junto ao mastro com dez anos. Então, você tem de desculpar minhas maneiras e meu jeito de falar. Mesmo assim, sei mais a respeito do comércio na China do que a maioria das pessoas, e sou o melhor marinheiro nessas águas. Com exceção de meu pai... e daquele filho da mãe, Orlov.

— Orlov é tão bom assim?

— Sim. Aquele maldito foi gerado por um tubarão e parido por uma sereia. — Gorth pegou um pouco de sal derramado e, supersticiosamente, atirou-o por sobre o ombro. — Aquele patife me causa arrepios.

— A mim também — concordou Culum.

Gorth ficou silencioso por um momento e depois disse:

— Nossos pais não vão gostar nem um pouco de nós sermos amigos.

— Sim. Eu sei.

— Vou ser sincero com você, Struan. Foi Tess quem disse que esta noite era uma boa oportunidade para falar em particular com você. A idéia não foi inicialmente minha. De falar abertamente nesta noite. Mas fiquei satisfeito por isto ter sido dito. O que você acha? Vamos tentar, hein? Aqui está minha mão.

Culum apertou alegremente a mão oferecida.

***

Glessing estava bebendo conhaque, cheio de irritação, na pista, esperando com impaciência. Ele estivera à beira de interromper Horatio e Culum, quando Mauss o chamou. Por que você está assim tão diabolicamente nervoso? — perguntou a si mesmo. Não estou. Só ansioso para dizer logo isso. Por Júpiter, Mary está maravilhosa.

— Com licença, Capitão Glessing — disse o Major Turnbull, com firmeza, aproximando-se dele. Era um homem de olhos cinzentos, meticulosamente limpo, que levava seu cargo de primeiro magistrado de Hong Kong muito a sério. — Boa festa, não?

— Sim.

— Acho que agora é a oportunidade. Sua Excelência está livre. É melhor falarmos com ele, aproveitando a oportunidade.

— Está bem. — Glessing, automaticamente, ajeitou sua espada à cinta e seguiu Turnbull por entre as mesas, até interceptarem Longstaff.

— Pode nos dar um momento de atenção, Excelência? — disse Turnbull.

— Certamente.

— Desculpe trazer questões oficiais para um encontro social, mas é algo importante. Uma de nossas fragatas em patrulha capturou um bando de velhacos piratas.

— Excelente. Um caso evidente?

— Sim, Excelência. A Marinha apanhou os patifes ao sul, ao largo de Aberdeen. Estavam atacando um junco. Assassinaram a tripulação.

— Porcos malditos — disse Longstaff. — Já os julgou?

— Este é o problema — disse Turnbull. — O Capitão Glessing acha que deveria ser um Supremo Tribunal da Marinha... e eu acho que é um julgamento civil. Mas minha autoridade não abrange senão crimes menores e, certamente, não crimes capitais, de nenhum tipo. Este caso deverá ter juiz e júri próprios, e requer um inquérito judicial.

— É verdade. Mas não podemos ter um juiz, até sermos oficialmente uma colônia. E isto ainda vai demorar meses. Não podemos deixar ninguém acusado de qualquer crime na cadeia, sem um julgamento rápido e justo... isto é ilegal. — Longstaff pensou Por um momento. — Eu diria que é uma questão civil. Se o júri condenar, enviem-me os papéis e eu confirmarei a sentença. É melhor erigir o patíbulo em frente à cadeia.

— Não posso fazer isso, Excelência. Não seria legal. A lei é muito clara... só um

juiz adequado poderia julgar um caso assim.

— Bom, não podemos manter homens acusados de crimes trancafiados indefinidamente, sem lhes dar um julgamento aberto e justo. O que sugere?

— Não sei, senhor.

— Que coisa aborrecida! — disse Longstaff. — Você está certo, naturalmente.

— Talvez seja o caso de entregá-los às autoridades chinesas, para que cuidem deles

— disse Glessing, ansioso para ter a questão resolvida, a fim de poder conversar com Horatio.

— Desaprovo isso — disse Turnbull, bruscamente. — O crime foi cometido em águas britânicas.

— Concordo plenamente — disse Longstaff. — Por enquanto, mantenha presos todos os acusados, enquanto envio um despacho urgente para o Ministério de Relações Exteriores, pedindo orientação.

— Sim, Excelência. — Turnbull fez uma pausa. — E eu gostaria então, de receber fundos, para aumentar a prisão. Tenho dúzias de casos de roubo com violência e um deles de arrombamento e invasão com arma mortífera.

— Está bem — disse Longstaff, preguiçosamente. — Vamos discutir isso amanhã.

— Também gostaria de ter um encontro com V. Exa. amanhã — disse Glessing. — Preciso de algum dinheiro para contratar pilotos, e necessitamos estabelecer

as tarifas para o porto e acostagem. Quero também autoridade para requisitar alguns rápidos caçapiratas. Há fortes rumores de que aquele demônio, Wu Fang Choi, está com uma frota no norte. Também preciso de autoridade para estender jurisdição sobre todas as águas de Hong Kong. Há necessidade urgente de padronizar as licenças do porto e questões similares.

— Muito bem, Capitão — disse Longstaff. — Ao meio-dia.

— E, em seguida, para Turnbull: — Às nove horas?

— Obrigado, Excelência.

Para lástima de Glessing, Longstaff se virou e caminhou em direção a Horatio. Meu Deus, pensou ele, nunca o encontrarei sozinho, esta noite.

***

Struan estava observando os navios ancorados e examinando o céu. Bom tempo, disse a si mesmo.

— É um belo porto, Sr. Struan — disse Zergeyev, em tom amistoso caminhando casualmente em sua direção.

— Sim. É bom termos nossas próprias águas, afinal. — Struan estava em guarda, mas suas maneiras eram descontraídas. — Hong Kong será, um dia, uma jóia perfeita na coroa da rainha.

— Vamos caminhar um pouco?

Struan começou a andar no mesmo ritmo do arquiduque, enquanto este seguia em direção ao mar.

— Pelo que soube, só obtiveram a ilha há pouco mais de dois meses. — O arquiduque fez um aceno de mão em direção ao início dos prédios em todo Vale Feliz. — Entretanto, têm quase uma cidade. Sua energia e indústria são espantosas.

— Bom, Alteza, se há algo a ser feito, não adianta esperar, não é?

— Não. Mas acho curioso, sendo a China tão fraca, que tenham tomado apenas um rochedo árido. Deve haver muitos outros prêmios importantes.

— Não estamos atrás de prêmios, na China. Apenas uma pequena base para querenar e reparar nossos navios. E eu diria que uma nação de trezentos milhões de habitantes nada tem de fraca.

— Então, com a guerra sem acabar, suponho que estão esperando reforços substanciais. Exércitos, não apenas alguns poucos milhares de homens. Frotas... e não trinta e tantos navios.

— Sua Excelência deve saber mais a respeito disso do que eu. Mas eu diria que qualquer potência que enfrenta a China terá diante de si uma longa luta. Sem os planos necessários e os homens necessários. — Struan fez um sinal em direção ao continente, do outro lado do porto. — A terra não tem limites.

— A Rússia não tem limites — disse Zergeyev. — Mas só em termos simbólicos. Na realidade, até mesmo a Rússia tem fronteiras. Com o Ártico, com o Himalaia. Com o Báltico e o Pacífico.

— Vocês tomaram terras ao norte? — Struan tentou disfarçar o pasmo em sua voz. Onde, pelo amor de Deus? Ao norte da Manchúria? A Manchúria? Ou a China, minha China?

— A Mãe Rússia se estende de um mar a outro. Governada por Deus, Tai-Pan — disse Zergeyev, com simplicidade. — Devia ver a terra da Mãe Rússia, para entender o que eu quero dizer. É negra e rica, cheia de vida. Entretanto, devastamos cento e cinqüenta milhas de nosso território, para conter Bonaparte e a *Grande Armêe*. O senhor pertence ao mar. Mas eu pertenço à terra. Eu lhe concedo o mar, Tai-Pan. — Os olhos de Zergeyev pareceram empanar-se. — Foi uma grande luta, a desta tarde. E um desafio interessante. Muito interessante.As rugas do rosto de Struan se aprofundaram, com seu sorriso.

— Pena que fosse empate. Agora jamais saberemos... não é, Alteza?... quem era o melhor homem.

— Gosto do senhor, Sr. Struan. Gostaria de ser seu amigo. Poderíamos prestar grandes serviços um ao outro.

— Será uma honra para mim ajudá-lo, de qualquer maneira.

Zergeyev riu, com os dentes reluzindo, muito brancos.

— Há tempo bastante. Uma vantagem que a Ásia tem sobre a Europa é sua avaliação de tempo. Minha família vem de Karaganda. Fica deste lado dos Urais, de modo que, talvez, em parte, eu seja asiático. Somos Kazaki. Algumas pessoas nos chamam “cossacos”.

— Não entendo. Os Urais?

— Uma cadeia de montanhas que corre do Ártico até o Mar Cáspio. Divide a Rússia em duas partes... leste e oeste.

— Sei muito pouco a respeito da Rússia.. . ou da Europa, diga-se de passagem — falou Struan.

— Deveria ir à Rússia. Dê-me seis meses de seu tempo e me deixe ser seu anfitrião. Há muita coisa para ver... cidades e mares de grama. Poderia ser uma experiência muito proveitosa. Grandes mercados para o chá e sedas e todo o tipo de mercadoria. — Seus olhos cintilaram. — E as mulheres são lindas.

— Estou um pouco ocupado esta semana, mas quem sabe na próxima?

— Ora, não vamos brincar, mas falar um pouco a sério. Por favor, examine o assunto. No próximo ano, no subseqüente. Acho que é muito importante. Para o senhor, para seu país e para o futuro. A Rússia e a Inglaterra jamais guerrearam uma com a outra. Durante séculos, fomos aliados, e temos diferenças com a França, nosso inimiga hereditária. A Rússia possui grandes recursos terrestres e milhões de pessoas, pessoas fortes. Vocês têm pouca terra, então precisam de seu Império, e nós somos a favor. Vocês governam os mares, e somos a favor. Vocês têm seu espantoso poderio industrial e a riqueza que ele traz. Estamos muito satisfeitos. Vocês têm mercadorias comerciais e os meios de entregá-las, e nós temos mercados. Mas também temos mercadorias que *vocês* podem usar; matéria-prima de que precisam para alimentar suas incríveis máquinas, e dar comida ao seu surpreendente povo. Juntos, somos imbatíveis. Juntos, podemos dominar a França. E o Sacro Império Romano, a Prússia e a infiel Turquia. Juntos, podemos manter a paz. E crescer e prosperar, para o benefício de todos.

— Sim — disse Struan, com a mesma seriedade. — Sou a favor disso. Mas você está falando em nível nacional. De um ponto de vista histórico. Isto não é prático. E eu não creio que possa culpar os franceses pela ambição de seus reis. Ou justificar a transformação dos turcos em cristãos com o uso da espada. Eu já dei minha opinião, durante o almoço. Em nível internacional, sem alguma forma de controle sobre os reis e rainhas, sempre teremos guerras. Sua Excelência disse muito bem. Os reis, e qualquer tipo de líderes, derramam o sangue dos outros. Para ser prático, há pouca coisa que eu possa fazer. Não opero em nível nacional e não tenho nenhum poder real no Parlamento, como sabe muito bem...

— Mas, a respeito da Ásia, sua opinião é cuidadosamente ouvida. E eu tenho grande poder em São Petersburgo. Struan deu uma longa tragada em seu charuto e, depois, soprou a fumaça.

— O que quer na Ásia?

— O que quer na China?

— Comerciar — disse Struan, imediatamente, mas muito em guarda, e com cuidado para não revelar seu verdadeiro objetivo. Existe uma diferença diabólica, disse ele a si próprio, entre a Ásia e a China.

— Eu poderia, talvez, garantir que a Casa Nobre tivesse uma autorização exclusiva de importar chá para o mercado de todas as Rússias. E, na viagem de volta, ficaria com todas as exportações de pele e trigo de todas as Rússias.

— Em troca de quê? — perguntou Struan, esmagado pela enormidade da oferta. Um monopólio assim significaria milhões. E uma posição de tal poder o situaria em boa colocação nos círculos políticos ingleses, dando-lhe enorme prestígio.

— Amizade — disse Zergeyev.

— Esta palavra tem uma variedade de significados, Alteza.

— Tem apenas um significado, Sr. Struan. Claro que há muitas maneiras através das quais um amigo pode ajudar o outro.

— Que ajuda específica iria especificamente, desejar, em troca de um acordo comercial específico, com a minha companhia? Zergeyev riu.

— São especificidades demais para uma noite só. Sr. Struan. Mas vale a pena

pensar a respeito, e vale a pena considerar. E discutir numa oportunidade específica, hein? — Ele olhou o porto, e os navios que seguiam para o continente. — O senhor deveria ir à Rússia — repetiu.

***

— Quando quer isto traduzido. Excelência? — Horatio ergueu os olhos do papel que Longstaff lhe entregara.— A qualquer momento, querido amigo. Dentro dos próximos dias, que tal? Mas coloque os caracteres chineses sobre as palavras inglesas, hein?

— Sim, senhor. Deve ser enviado a alguém?

— Não. Simplesmente, devolva-o a mim. Claro, é um assunto particular.

Longstaff se afastou, satisfeito com a maneira como o projeto ia progredindo. A carta dizia: “Sua Excelência o Capitão Superintendente do Comércio Inglês quer comprar sementes de amora, num peso de cinqüenta libras, ou mil mudas, para serem entregues o mais rápido possível. “Tudo que ele teria de fazer, quando Horatio devolvesse o texto traduzido, era substituir “amoras” por “chá”. Ele podia fazer isto sozinho; os caracteres chineses que significavam chá estavam escritos em todas as caixas exportadas. Então, esperaria até decidir quem mereceria confiança suficiente para receber o papel.

Sozinho, Horatio leu outra vez a carta. Ora, por que Longstaff iria querer amoras? Havia dezenas de milhares de amoreiras, com seus bichos-da-seda, no sul da França, e seria simples conseguir sementes de lá. Mas não tão simples consegui-las na China. Será que Longstaff está planejando plantar um pomar com essas árvores, aqui? Mas, por que cinqüenta libras? É uma quantidade

fantástica de sementes, e ele não é nenhum jardineiro. E por que dizer, bruscamente: “Claro que é um assunto particular”?

— Horatio?

— Ah, olá, George. Como vai?

— Bem, obrigado.

Horatio notou que Glessing estava suando, e pouco à vontade.

— O que há?

— Nada. É apenas que... bom... chega uma hora na vida de todo homem... quando ele deve... bom... a gente encontra alguém a quem... eu não estou explicando direito. É Mary. Quero me casar com ela, e desejo a sua bênção.

Horatio acalmou-se com esforço e disse o que decidira, antecipadamente, falar. Estava muito consciente da atenção de Glessing a Mary, aquela noite, e lembrava do olhar que tivera, naquele primeiro dia. Ele odiou Glessing por ousar complicar a sua vida e a de Mary, e ousar ter a impertinência de pensar que Mary consideraria, por um só instante, a sua proposta.

— Estou muito lisonjeado, Glessing. E Mary ficará também. Mas ela, bom, não creio que ela esteja ainda preparada para o casamento.

— Mas claro que está. E eu tenho belas perspectivas, meu avô vai deixar para mim a herdade. Ficarei em boas condições financeiras, e minhas expectativas quanto ao serviço são excelentes e...

— Calma, George. Precisamos considerar as coisas com muito cuidado. Você já discutiu o assunto com Mary?

— Meu Deus, não. Queria primeiro saber sua impressão. Claro.

— Bom, por que você não deixa o assunto comigo? Eu não tinha idéia de que suas intenções eram sérias. Acho que você vai precisar ter paciência comigo... sempre pensei em Mary como sendo mais jovem do que realmente é. Claro que ela não tem ainda a idade mínima para o consentimento — acrescentou, em tom despreocupado.

— Então você aprova, de maneira geral?

— Ah, sim... mas jamais me ocorreu que... bom, no devido tempo, quando ela tiver idade, tenho certeza de que receberá bem o seu pedido e ficará honrada com ele.

— Você acha que eu deveria esperar até ela ter vinte e um aos?

— Bom, só tenho em meu coração os interesses dela. É minha única irmã e, bom, somos muito unidos. Desde que papai morreu, eu a criei.

— Sim — disse Glessing, sentindo-se lisonjeado. — Foi um ótimo trabalho que você fez. E é muito decente de sua parte me considerar, ela é tão... bom, eu acho que ela é maravilhosa.

— Ainda assim, é melhor ser paciente. O casamento é um ato tão definitivo. Particularmente para alguém como Mary.

— Sim. Tem toda razão. Bom, vamos brindar ao futuro, hein? Não tenho pressa de... bom, mas gostaria de uma resposta formal. É preciso fazer planos, não?

— Claro. Vamos brindar ao futuro.

***

— Diabo — disse Brock, quando Gorth se aproximou dele. — Struan vai ficar com todos os centímetros de espaço de carga fora dos nossos navios. Como eles conseguiram isso? Esta manhã? Não é razoável!

— É quase como se ele tivesse sabido as notícias com antecipação... mas isto é impossível.

— Bom, não importa, por Deus — disse Brock, enfatuado por saber que tinha um navio viajando velozmente para Manilha, mas ignorando que o navio de Struan estava com horas de vantagem.

— Que dança, hein?

— Culum está muito encantado com a nossa Tess, papai.

— Sim... também notei isso. Está na hora de ela ir para casa.

— Não antes do julgamento. — Os olhos de Gorth arderam dentro dos de seu pai.

— Uma união entre eles seria muito boa para nós.

— Nunca, por Deus — disse Brock, severamente, com o rosto avermelhando-se.

— Eu digo sim, por Deus! Ouvi um boato... um de nossos funcionários portugueses escutou a notícia entre os Struans, o Tai-Pan vai voltar para a Inglaterra dentro de seis meses.

— O quê?

— Vai embora para sempre.

— Eu não acredito.

— Com aquele demônio fora, quem será o Tai-Pan, hein? Robb? — Gorth cuspiu, acintosamente. — Podemos engolir Robb. Antes do leilão de terras, eu diria que poderíamos mastigar Culum como porco salgado. Agora, não tenho certeza. Mas se Tess fosse a mulher dele... então seria Brock-Struan e Companhia. Depois de Robb. Culum será o Tai-Pan.

— Dirk nunca irá embora. Nunca. Você está louco. Só porque Culum dançou com ela, isto não quer dizer...

— Meta isto em sua cabeça, papai — interrompeu Gorth. — Um dia, Struan irá embora. Todo mundo sabe que ele quer ir para o Parlamento. Como você vai querer se aposentar. Um dia.

— Haverá tempo suficiente para isso, por Deus!

— Sim, mas um dia você vai se aposentar, não? Então, eu serei o Tai-Pan. — A voz de Gorth não era rude, mas calma e determinada. — Serei o Tai-Pan da Casa Nobre, por Deus, e não da segunda casa. O casamento de Culum e Tess ajeitará tudo de uma maneira inteligente.

— Dirk jamais irá embora — disse Brock, odiando Gorth por deixar implícito que ele falhara, onde Gorth seria bem-sucedido.

— Estou pensando em nós, papai! E em nossa casa. E em como você e eu andamos trabalhando noite e dia para derrotá-lo. E a respeito do futuro. Culum e Tess, seria perfeito — acrescentou Gorth, inflexivelmente.

Brock eriçou-se, com o desafio. Ele sabia que, no devido tempo, teria de passar as rédeas. Mas não tão rapidamente, por Deus! Porque, sem a casa, e sem ser o Tai-Pan da Brock, ele feneceria e morreria.

— O que faz você pensar que seria Brock-Struan? Por que não Struan-Brock, e ele sendo Tai-Pan, e você de fora?

— Não se preocupe, papai. Com você e aquele demônio Struan, é como a luta de hoje. Vocês são páreo, um para o outro. Ambos igualmente fortes e espertos. Mas eu e Culum? É diferente.

— Vou pensar a respeito do que você disse. E então decidirei.

— Claro, papai. Você é o Tai-Pan. Com *pagode*, será o Tai-pan da Casa Nobre antes de mim. — Gorth sorriu e caminhou em direção a Culum e Horatio.

Brock afrouxou o penso sobre o olho e observou o filho, tão alto, dinâmico e forte. Olhou para Culum e, depois, deu uma olhada em torno, procurando Struan. Viu o Tai-Pan em pé, sozinho, lá na praia, observando o porto. O amor de Brock por Tess e seu desejo de que ela fosse feliz estava contraposto à verdade do que Gorth dissera. E ele sabia, com igual verdade, que Gorth devoraria Culum, se surgisse um conflito entre eles — Gorth forçaria a disputa, no devido tempo. E isto era certo? Deixar Gorth devorar o marido que talvez Tess amasse?

Ficou imaginando o que realmente faria, se o amor florescesse — o que Struan faria. Isto resolveria nossa situação, disse a si mesmo. E não seria uma coisa

errada, não é mesmo? Sim. Mas você sabe que o velho Dirk jamais sairá de Cathay — e nem você — e haverá um acerto de contas entre vocês dois.

Endureceu o coração, odiando Gorth por fazê-lo sentir-se velho. Sabendo que, mesmo assim, deveria acertar contas com o Tai-Pan. Porque Gorth contra Culum, com Struan vivo, não era páreo. Sabendo que, mesmo assim, deveria acertar contas com o Tai-Pan.

***

Struan dançou primeiro com Mary e ela gostou muito; sua força a acalmava e lhe dava coragem.

Em seguida, escolheu Shevaun. Ela se comprimia contra ele, para excitá-lo, mas não ao ponto de ser indelicada. Seu calor e perfume cercavam-no. Ele notou distraidamente que Mary era conduzida para fora da pista por Horatio e, quando se virou outra vez, viu que eles caminhavam em direção à praia. Então, ouviu as sinetas do navio. Onze e meia.

Hora de ver May-may. Quando a dança terminou, ele acompanhou Shevaun de volta à mesa.

— Você me desculpa por um momento, Shevaun?

— Claro, Dirk. Mas volte logo.

— Voltarei — ele disse.

***

— É uma bela noite — disse Mary, desajeitadamente.

— Sim. — Horatio segurava-lhe levemente o braço. — Queria dizer-lhe algo divertido. George me puxou de lado e pediu, formalmente, sua mão em casamento.

— Você está espantado por alguém querer casar comigo? — ela perguntou, friamente.

— Claro que não, Mary. Quero dizer que é absurdo ele pensar que você iria considerar um idiota como ele, é isso. Ela examinou seu leque e, depois, olhou para a noite, perturbada.

— Eu disse que achava que ele...

— Eu sei o que você disse, Horatio. — Ela o interrompeu, bruscamente. — Você foi gentil e se livrou dele falando em “tempo” e “minha querida irmã”. Acho que vou casar com George.

— Você não pode fazer isso! Você não pode gostar daquele chato o suficiente para pensar nele nem um só momento.

— Acho que vou casar com George. No Natal. Se houver um Natal.

— O que você quer dizer com isso... se houver um Natal?

— Nada, Horatio. Gosto dele o suficiente para casar com ele e eu... bom, acho

que é tempo de partir. . — Não acredito nisso.

— Eu também não acredito. — Sua voz tremeu. — Mas, se George quer casar comigo... decidi que George é uma boa escolha para mim.

— Mas, Mary, eu preciso de você comigo. Eu a amo e você sabe...

Os olhos dela tiveram um relâmpago repentino e toda a amargura e a agonia contida há anos sufocaram-na.

— Não fale de amor comigo!

O rosto dele se tornou mortalmente pálido e seus lábios tremeram.

— Eu já pedi a Deus um milhão de vezes para nos perdoar.

— É um pouco tarde para pedir a Deus para "*nos*" perdoar, não?

Tudo começara depois de uma surra de chicote, quando ele era um menino e ela muito criança. Os dois subiram juntos na cama, agarrando-se um ao outro, para apagar o horror e a dor. Ela ficou confortada pelo calor de seus corpos e sentiu uma nova dor, que a fez esquecer o espancamento. Houve outras ocasiões, ocasiões felizes — ela criança demais para entender, mas Horatio, não. Depois, ele partira, para estudar na Inglaterra. Quando voltou, jamais se referiram ao que acontecera. Pois ambos já sabiam o significado daquilo.

— Juro por Deus que implorei perdão.

— Estou tão satisfeita, querido irmão. Mas não existe Deus — ela disse, com

voz impessoal e cruel. — Eu lhe perdôo. Mas isto não me transforma numa virgem, não é?

— Mary, eu lhe suplico, por favor, pelo amor de Deus, por favor...

— Eu lhe perdôo tudo, querido irmão. Só não perdôo sua lamentável hipocrisia. Nós não pecamos... você pecou. Reze por sua própria alma... não pela minha.

— Rezo mais pela sua do que pela minha. Nós pecamos, que Deus nos ajude. Mas o Senhor perdoará. Ele perdoará, Mary.

— Este ano, com *pagode, eu* me casarei com George e esquecerei você, e esquecerei a Ásia.

— Você não tem a idade mínima para o consentimento. Você não pode ir. Sou seu tutor, de acordo com a lei. Não posso deixar você ir. Em tempo, você verá como isto é aconselhável. É o melhor para você. Proíbo você de partir. Aquele patife, não é suficientemente bom para você, está ouvindo? Você não irá!

— Quando eu decidir casar-me com Glessing — ela sibilou, com a voz a dilacerá-lo

— é melhor você dar sua maldita “aprovação” depressa porque, se não der, vou contar a todo mundo... não, contarei ao Tai-Pan primeiro, e ele irá atrás de você com um chicote. Nada tenho a perder... nada. E todas as suas malditas preces para um Deus não existente e para o doce Cristo de papai não vão ajudá-lo em nada. Porque Deus não existe, nunca existiu, nunca existirá, e Cristo era apenas um homem... um santo mas, ainda assim, um homem!

— Você não é Mary; você é — a voz dele fraquejou — você é o mal. Claro que Deus existe. Claro que temos almas. Você é uma herege. Você é um demônio! Foi você, e não eu! Ó Senhor Deus, perdoai-nos...

Mary esbofeteou-o.

— Pare, querido, irmão. Estou cansada de suas inúteis orações. Está ouvindo? Você fez minha carne ferver, durante anos. Porque eu sabia, pela luxúria em seus olhos, que você ainda desejava ir para a cama comigo. Ainda assim, entendia o que era incesto, e entendia antes mesmo de ter começado. — Ela riu, uma risada terrível. — Você é pior do que papai. Ele estava louco, com sua crença, mas você... você só finge acreditar. Espero que seu Deus exista. Porque ele vai fazer você arder no fogo do inferno para sempre. E que bons ventos o levem.

Ela se afastou. O irmão ficou a procurá-la com o olhar e depois correu, cegamente, pela noite adentro.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Olá, senhor! — disse Lim Din, abrindo a porta com uma mesura.

— Olá, Lim Din — disse Struan, observando o barômetro. Bom tempo, 29.8. Excelente.

Começou a caminhar pelo corredor, mas Lim Din ficou no caminho e fez sinal, com ar importante, em direção à sala de estar.

— *Senhola* disse *pia* ir ali. Pode?

— Pode — Struan grunhiu.

Lim Din deu-lhe o conhaque, que já estava servido, e convidou-o, com outra mesura, a se sentar na cadeira de couro de encosto alto, afastando-se às pressas, em seguida. Struan colocou os pés sobre o escabelo estofado. A cadeira cheirava ligeiramente a mofo, a coisa velha e confortável, um odor que se misturava, agradavelmente, ao perfume de Shevaun, ainda parecendo rodeá-lo.

O relógio sobre o consolo da lareira marcava vinte minutos para as doze.Struan começou a trautear uma canção naval. Ouviu uma porta se abrir e um roçagar de seda que se aproximava. Esperando que May-may aparecesse à porta, ele outra vez a comparou com Shevaun. Estivera comparando as duas a noite inteira, tentando avaliá-las de maneira desapaixonada. Shevaun era um belo brinquedo, dinâmica, certamente, e cheia de vitalidade. Uma mulher que ele gostaria de domesticar, sim. E, como esposa, Shevaun seria uma soberba anfitriã — segura de si, inteligente e com a capacidade de abrir muitas portas. May-may constituía um jogo arriscado na Inglaterra — como esposa. Como amante, não. Sim, ele disse a si próprio. Ainda assim, vou casar com ela. Com o poder da Casa Nobre atrás de mim e uma autorização russa exclusiva em meu bolso, posso me arriscar a ignorar uma convenção e romper uma barreira quase intransponível entre Ocidente e Oriente. May-may provará, para além de todas as dúvidas — para sempre — entre as pessoas que realmente contam na sociedade, que o oriental é completamente digno de respeito. May-may, por si, apressará o dia da igualdade. E isto vai acontecer ainda durante minha vida.

Sim, ele exultou, de si para consigo, May-may é uma aposta maravilhosa. Juntos, poderemos fazer isso. Para sempre. Com *pagode*, Londres inteira cairá a seus pés.

E, então, a alegria dele se espatifou.

May-may estava em pé à porta, com um sorriso radiante no rosto, rodopiando. Seu vestido europeu era violentamente multicolorido, sobrecarregado de jóias, com a saia grande e cheia de pufes. Seu cabelo caía em cachos sobre os ombros nus e tinha um chapéu de plumas no cabelo. Estava horrorosa. Um pesadelo.

— Pelo sangue de Cristo!

Houve um silêncio horrível, enquanto eles olhavam um para o outro.

— É muito... bonito — ele disse, com voz pouco convincente, esmagado pela dor que apareceu nos olhos de May-may.

May-may estava fantasmagoricamente pálida, agora, a não ser pelas duas manchas escarlates que tinha no alto das faces. Sabia que perdera prestígio terrivelmente, diante de Struan. Cambaleou, quase desmaiando. Depois, gemeu e fugiu.

Struan saiu correndo atrás dela, pelo corredor. Invadiu os aposentos particulares de May-may. Mas o quarto de dormir estava trancado, para ele não entrar.

— May-may, garota, abra a porta!

Não houve resposta. Ficou furioso consigo mesmo, por não ter conseguido mascarar seus sentimentos, e por ter sido tão estúpido e despreparado. Claro que May-may desejaria ir ao baile, é lógico que todas as suas perguntas deveriam tê-lo advertido disto, naturalmente ela mandaria fazer um vestido de baile e — ah, Jesus Cristo!

— Abra a porta!

Outra vez, não houve resposta. Ele bateu os pés na porta, com toda força. Esta se abriu e ficou precariamente pendurada nas dobradiças quebradas. May-may estava em pé ao lado da cama, olhando para o chão.

— Você não devia ter trancado a porta, garota. Bom... bom, você... o vestido e você simplesmente me espantaram, por um momento. — Sabia que tinha de lhe devolver seu prestígio, senão ela morreria. Morreria de infelicidade, ou então se mataria. — Vamos — ele disse. — Nós vamos para o baile.

Quando ela caiu de joelhos, para se prosternar diante dele e lhe implorar perdão, o vestido atrapalhou-a e a fez tropeçar. May-may abriu a boca para falar, mas não saiu nenhum som. O chapéu de penas escorregou.

Struan correu para ela e começou a erguê-la. — Vamos, May-may, garota, você não deve fazer isso. Mas ela não queria ser ajudada a se levantar. Enterrou o rosto mais fundo no tapete e tentou enfiar as unhas no tecido.

Ele a levantou, desajeitadamente, e segurou-a. Ela não o olhava. Ele lhe segurou a mão, com firmeza.

— Vamos.

— O quê? — ela disse, estupidamente.

— Vamos para o baile.

Ele sabia que isto seria um desastre, para ele e para ela. Sabia que seria socialmente destruído e ela ridicularizada. Mas sabia também que deveria levá-la, senão o seu espírito morreria.

— Vamos — ele repetiu, com um toque de dor na voz. Mas ela continuou a olhar para o chão, tremendo.

Puxou-a, suavemente, mas ela quase caiu. Então ele, sombriamente, a levantou, e ela ficou em seus braços, um peso morto. Começou a carregá-la.

— Vamos, e este é o fim da questão.

— Espere — ela resmungou — eu preciso, eu, eu, o chapéu. Ele a pôs no chão e ela voltou para o quarto de dormir, com o andar trôpego enfeado pelo vestido.

Struan sabia que nada seria outra vez exatamente como antes, entre eles. Ela cometera um erro horrível. Ele deveria ter previsto, sim, mas...

Viu que ela se lançava sobre o estilete, afiado como uma navalha, que usava para bordar. Alcançou-a exatamente quando ela começava a virá-lo em direção a si mesma, e agarrou o punho da faca. A ponta resvalou pelo osso de baleia no corpete de May-may. Ele atirou a faca para um lado e tentou segurá-la mas, vociferando em chinês, ela o empurrou e meteu as unhas no vestido, rasgando-o. Struan, depressa, virou-a e abriu os colchetes de gancho. May-may rompeu a parte da frente e lutou para sair do vestido e do corpete, rasgando em seguida as calças. Quando estava livre, pisoteou o vestido, gritando.

— Pare! — ele gritou, e a agarrou, mas ela o empurrou, tomada de fúria cega. –

Pare!

Ele lhe bateu no rosto, com a mão aberta. Ela cambaleou, como se estivesse bêbada, e caiu atravessada na cama. Seus olhos se reviraram, e ela perdeu a consciência.

Struan levou um momento para se recuperar das marteladas nos ouvidos. Puxou as roupas de cama e cobriu May-may.

— Ah Sam! Lim Din!

Os dois rostos petrificados apareceram à porta quebrada.

— Chá... depressa! Não. Tragam conhaque.

Lim Din voltou com a garrafa. Struan ergueu May-may gentilmente e ajudou-a a beber. Ela ficou meio sufocada. Depois, seus olhos tremeram e se abriram. Olhou para ele, sem reconhecê-lo.

— Está bem, garota? Você está bem, May-may?

Ela não deu nenhum sinal de tê-lo escutado. Seu olhar assustado caiu sobre o vestido rasgado e ela se encolheu, deploravelmente. Um gemido lhe escapou dos lábios, e murmurou alguma coisa em chinês. Ah Sam avançou relutantemente, consumida pelo terror. Ela se ajoelhou e começou a pegar a roupa.

— O que ela disse? O que a senhora disse? — Struan mantinha os olhos em May-may, sem se desviarem.

— Para tocar fogo nas roupas endemoninhadas, senhor.

— Não toque fogo, Ah Sam. Ponha no meu quarto. Escondidas. Escondidas. Entendido?

— Entendido, senhor.

— Depois volte.

— Está bem, senhor.

Struan fez um aceno de mão, para Lim Din sair, e ele se afastou correndo.

— Vamos, garota — disse bondosamente, aterrorizado com a fixidez e a loucura do olhar dela. — Vista-se com suas roupas habituais. Você precisa ir ao baile. Eu quero que você conheça meus amigos.

Ele deu um passo em direção a ela, que recuou abruptamente, como uma cobra prestes a dar o bote. Ele parou. O rosto dela estava contorcido e seus dedos pareciam garras. Uma gota de saliva se formara num canto de sua boca. Seus olhos estavam aterrorizadores.

Sentiu medo dela. Vira o mesmo olhar em outros olhos. Nos olhos do fuzileiro, pouco antes de seu cérebro ser despedaçado, naquele primeiro dia em Hong Kong. Fez uma oração silenciosa ao Infinito e reuniu todas as suas forças.

— Eu a amo, May-may — ele disse suavemente, vezes repetidas, enquanto caminhava devagar de um lado para outro do quarto.

Cada vez mais perto. Devagar, tão devagarzinho. Ele se inclinou sobre ela, agora, e viu as garras prontas para atacarem. Ergueu as mãos e, suavemente, tocou-lhe o rosto.

— Eu a amo — repetiu. Seus olhos, perigosamente desprotegidos, sugestionavam-na com a imensidão de seu poder. — Preciso de você, garota, preciso de você.

A loucura que havia nos olhos dela transformou-se em agonia e May-may caiu soluçando em seus braços. Ele a segurou e agradeceu a Deus, fracamente.

— Sinto muito — ela gemeu.

— Não sinta, garota. Tudo bem, tudo bem.

Ele a carregou para a cama e ficou sentado com ela nos braços, embalando-a como se fosse uma criança.

— Tudo bem, tudo bem.

— Me deixe, agora. Está... tudo bem.

— Não vou fazer isso — ele disse. — Primeiro, se recomponha, depois você vai se vestir para ir ao baile. Ela abanou a cabeça, chorando.

— Não, não... posso. Eu... por favor...

Ela parou de chorar e, saindo de seus braços, ficou de pé, cambaleando. Struan pegou-a e a conduziu para a cama, ajudando-a a tirar o resto das roupas esfarrapadas. Cobriu-a bem com os lençóis. Ela ficou caída na cama, e fechou os olhos, exausta.

— Por favor. Estou bem, agora. Preciso... dormir. Vá embora.

Ele lhe acariciou a cabeça, gentilmente, afastando de seu rosto os cachos obscenos. Mais tarde, ele teve consciência de que Ah Sam estava à porta. A moça entrou no quarto, com as lágrimas a lhe escorrerem pelas faces.

— Pode ir, senhor — sussurrou. — Ah Sam vigia, não se incomode. Não tenha medo. Pode.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, cheio de cansaço. May-may estava profundamente adormecida. Ah Sam ajoelhou-se ao lado da cama e suavemente, com ternura, acariciou a cabeça de May-may.

– Não tenha medo, senhor. Ah Sam vigia muito bem, até o senhor voltar. Struan saiu do quarto, nas pontas dos pés.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Culum foi o primeiro a cumprimentar Struan, quando ele voltou para o baile.

— Podemos começar o julgamento? — perguntou, bruscamente. Nada poderia destruir sua euforia com o amor recém-descoberto, e com o irmão dela, seu novo

amigo. Mas ainda fazia o jogo.

— Você não devia ter esperado — respondeu Struan, com dureza. — Onde está Robb? Pelo sangue de Cristo, tenho de fazer tudo?

— Ele teve de ir embora. Chegou notícia de que as dores de parto de tia Sarah haviam começado. Parece que há algum problema.

— O quê?

— Não sei. Mas a Sra. Brock foi com ele, para ver se podia ajudar.

Culum se afastou. Struan mal notou que ele se fora. Sua preocupação com May-may voltou e, agora, estava sobrecarregada com a preocupação com Sarah e Robb. Mas Liz Brock era a melhor parteira da Ásia e, se fosse necessária qualquer ajuda, Sarah a teria.

Shevaun se aproximou, trazendo-lhe conhaque. Ela lhe entregou o copo sem uma só palavra e deu-lhe o braço, com delicadeza. Sabia que não havia necessidade de conversa. Numa ocasião assim, era melhor não dizer nada — pense quanto quiser, mas nada de perguntas. Pois mesmo a pessoa mais poderosa, ela sabia, precisava de um apoio silencioso, compreensivo e paciente, de vez em quando. Então, ficou à espera, deixando que sua presença o envolvesse.

Struan bebeu o conhaque, devagar. Seus olhos vaguearam pela multidão e ele viu que tudo estava bem — risos aqui e acolá, leques adejando, espadas a reluzirem. Observou Brock, em conversa particular com o arquiduque. Brock escutava e, ocasionalmente, acenava afirmativamente com a cabeça, por completo concentrado. Será que Zergeyev lhe oferecia a autorização? Mary abanava-se, ao lado de Glessing. Algo está errado ali, disse a si próprio. Tess, Culum e Gorth riam entre si. Ótimo.

E, quando Struan acabou o conhaque e se recompôs, olhou para Shevaun.

— Obrigado — disse, comparando o ridículo de May-may, em trajes e penteado europeus, com a perfeição de Shevaun. — Você é muito bonita e muito compreensiva.

Sua voz estava soturna e ela sabia que deveria ter sido algo relativo à sua amante. Não importa, pensou e segurou o braço dele, compassivamente.

— Estou bem, agora — disse ele.

— O Sr. Quance se aproxima — ela o advertiu, gentilmente. — Está na hora do julgamento. A luz verde dos olhos dele escureceu.

— Você é muito sensata, Shevaun, além de ser bonita.

Um agradecimento veio-lhe à ponta da língua, mas ela nada disse, limitando-se a mover ligeiramente o leque. Sentia que o conhaque, o silêncio e a compreensão — e, acima de tudo, o fato de não ter feito perguntas — haviam contribuído muito para levá-lo à beira de uma decisão.

— Ah, Tai-Pan, meu caro amigo — disse Quance, ao se aproximar, com os olhos cheios de alegria, um rubor alcoólico a envolvê-lo. — Está na hora do julgamento!

— Muito bem, Aristotle.

— Então, faça a comunicação, vamos saber o resultado!

— *Sr. Quance!* — Como um trovão, as palavras rasgaram a noite.

Todos se viraram, espantados. Quance gemeu alto.

Maureen Quance estava ali em pé, com seus olhos a reduzi-lo a pó. Era uma irlandesa alta, de ossos grandes, com um rosto como um pedaço de couro, nariz enorme e pernas sólidas como carvalhos. Tinha a mesma idade de Quance, mas era forte como um touro, o cabelo grisalho preso num coque desarrumado. Quando jovem, era atraente, mas agora, com a pança provocada pelas batatas e pela cerveja, tornara-se esmagadora.

— Muito boa-noite, Sr. Quance, meu bom rapaz — disse. — Sim, sou eu mesma, que Deus seja louvado!

Ela se arrastou pela pista de danças, sem se importar com os olhares e com o silêncio embaraçado, e ficou em pé diante de seu marido.

— Andei procurando por você, meu bom rapaz.

— Ah? — disse ele, com a voz num trêmulo falsete.

— Ah, sim. — Ela virou a cabeça. — Muito boa-noite, Sr. Struan, quero agradecerlhe pela hospedagem e comida. Deus seja louvado, peguei o malvado.

— A senhora, ah... está com bom aspecto, Sra. Quance.

— Sim, na verdade me sinto maravilhosamente bem. Foi um abençoado milagre de São Patrício que enviou o navio nativo até onde eu me achava, e me guiou os passos a este recanto imortal. — Ela virou os olhos lúgubres para Aristotle, e ele tremeu. — Vamos nos despedir, meu querido!

— Mas, Sra. Quance — disse Struan, depressa, lembrando o julgamento. — O Sr. Quance tem algo que...

— Vamos dizer boa-noite — ela grunhiu. — Diga boa-noite, meu rapaz. — Boa-noite, Tai-Pan — guinchou Aristotle. Mansamente, deixou que Maureen o levasse pelo braço. Depois que haviam partido, todos morreram de rir.

— Pelo sangue de Cristo — disse Struan. — Pobre Aristotle.

— O que aconteceu com o Sr. Quance? — perguntou Zergeyev.

Struan explicou as tribulações domésticas de Aristotle.

— Talvez nós devêssemos socorrê-lo — disse Zergeyev. — Eu gostei muito dele..— Mas não podemos nos meter em briga de marido e mulher, não é?

— Acho que não. Mas quem julgará o concurso?

— Creio que vou ter de fazer isso.

Os olhos de Zergeyev semicerraram-se.

— Posso me apresentar como voluntário? Sendo um amigo?

Struan examinou-o. Depois, deu uma volta sobre os calcanhares e caminhou para o centro da pista. As bandas tocaram um alto acorde.

— Sua Excelência, Sua Alteza, senhoras e cavalheiros. Há um concurso para julgar a dama mais bem-vestida da noite. Temo que nosso imortal Quance tenha outro compromisso. Mas Sua Alteza o Arquiduque Zergeyev apresentou-se como voluntário para fazer a escolha. — Struan olhou para Zergeyev e começou a bater palmas. Seus aplausos foram acompanhados e houve um rugido de aprovação, enquanto Zergeyev avançava.

Zergeyev pegou a bolsa com os mil guinéus.

— A quem devo escolher, Tai-Pan? — perguntou, falando pelo canto da boca. — A Tillman para você, a Vargas para mim, a Sinclair porque é a mais misteriosa? Escolha quem deve ganhar.

— A escolha é sua, meu amigo — disse Struan e, com um sorriso calmo, se afastou.

Zergeyev esperou um momento, gozando o suspense da escolha. Sabia que devia escolher quem o Tai-Pan queria. Decidiu-se, atravessou a pista, curvou-se e depôs a bolsa de ouro aos pés dela.

— Acredito que isto lhe pertence, Srta. Brock.

Tess olhou para o arquiduque, atônita. Depois, corou, quando o silêncio foi rompido.

Houve um aplauso forte, e os que haviam apoiado Tess, em suas apostas, gritaram de satisfação. Shevaun aplaudiu junto com a multidão e conteve seu ressentimento. Sabia que era uma escolha sábia.

— A escolha política ideal, Tai-Pan — sussurrou, calmamente. — Você é muito esperto.

— A decisão foi do arquiduque, não minha.

— Outra razão para eu gostar de você, Tai-Pan. Você é um grande jogador e seu *pagode* é inacreditável.

— E você é uma mulher maravilhosa.

— Sim — ela disse, sem vaidade. — Compreendo a política muito bem. Meu pai, ou um de meus irmãos, será presidente dos Estados Unidos, um dia.

— Você devia estar na Europa — ele disse. — Aqui, você se desperdiça.

o Será mesmo? — os olhos dela o desafiaram.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Struan entrou tranqüilamente em casa. O amanhecer principiava. Lim Din dormia junto da porta e acordou espantado.

— Chá, senhor? Desjejum? — perguntou, sonolento.

— Vá para a cama, Lim Din — disse Struan, gentilmente. Enquanto Struan atravessava o corredor, deu uma olhada nasala de visitas e parou. May-may, pálida e imóvel, estava sentada na cadeira de couro, observando-o.

Quando ele entrou na sala, ela levantou-se e se curvou, graciosamente. Seu cabelo estava suspenso, puxado para trás, seus olhos amendoados eram delicados e tinha as sobrancelhas arqueadas. Usava um longo e flutuante vestido chinês.

— Como vai, moça? — ele perguntou.

— Obrigada, esta escrava está bem, agora. — A palidez e o verde-claro de seu vestido de seda aumentavam a imensidão de sua dignidade. — Quer beber conhaque?

— Não, obrigado.

— Chá?

Ele abanou a cabeça, pasmado com sua majestade. — Estou satisfeito de você se sentir melhor. Devia estar na cama.

— Esta escrava pede que lhe perdoe. Esta escrava...

— Você não é escrava, e nunca foi. E não há nada a perdoar, garota, então vá para a cama. Ela esperou, pacientemente, até ele terminar.

— Esta escrava lhe implora para escutar. Ela precisa dizer, à sua maneira, o que é preciso ser dito. Por favor, sente-se. Uma lágrima deslizou pelo canto de cada olho e escorreu sobre a brancura de suas faces. Ele se sentou, quase hipnotizado por ela.

— Esta escrava implora a seu amo para vendê-la.

— Você não é escrava, e não pode ser vendida ou comprada.

— Por favor, venda. Para qualquer pessoa. Para um bordel, ou para outro escravo.

— Você não está à venda.

— Esta escrava ofendeu-o além do suportável. Por favor, venda.

— Você não me ofendeu. — Ele se levantou, e sua voz estava metálica. — Agora, vá para a cama.

Ela caiu de joelhos e tocou a testa no colchão. .— Esta escrava sente vergonha diante de seu amo e senhor. Ela não pode viver aqui. Por favor, venda!

— Levante-se! — O rosto de Struan se endureceu.

Ela se levantou. Seu rosto estava cheio de sombras, etéreo.

— Você não está à venda, porque ninguém a possui. Você vai ficar aqui. Você não me ofendeu. Você me surpreendeu, só isso. Roupas européias não ficam bem em você. Das roupas que você usa, eu gosto. E gosto de você como você é. Mas, se não quer ficar, você é livre para ir embora.

Struan estava quase explodindo. Controle-se, disse a si mesmo, desesperado. Se perder a cabeça, agora, você a perderá para sempre.

— Vá para a cama.

— Deve vender esta escrava. Venda esta escrava ou lhe ordene para ir embora.

Struan percebeu que era inútil argumentar ou discutir com May-may. Você não pode tratá-la como européia, disse a si mesmo. Trate-a como se você fosse chinês. Mas como vou fazer isso? Não sei. Trate-a como uma mulher, ele ordenou a si mesmo, decidindo-se por uma tática.

Então explodiu, com raiva fingida.

— Você é uma miserável escrava, por Deus! E estou pensando em vender você na Rua das Lanternas — gritou, citando a pior das ruas com bordéis para marinheiros de Macau — muito embora eu não saiba quem vai querer comprar

uma escrava sem préstimo feito você. Você só dá problema e estou pensando em entregar você aos leprosos. Sim, por Deus! Paguei oito mil taéis de boa prata por você, e como ousa me aborrecer? Fui enganado, por Deus! Você não vale nada! Escrava suja... não sei como suportei você todos esses anos! — Sacudiu o punho junto ao seu rosto, e ela se encolheu. — Não sou bom para você? Hein? Generoso? *Hein? Hein?* — Ele rugiu e ficou satisfeito, ao descobrir medo nos olhos dela — *Diga lá!*

— Sim, senhor — ela sussurrou, mordendo os lábios.

— Você ousa arranjar roupas feitas sem eu saber, e ousa usar essas roupas sem minha aprovação, por Deus? Responda, *ousa?*

— Sim, senhor.

— Vou vender você amanhã. Estou pensando em expulsá-la agora, sua miserável prostituta filha da mãe! Ajoelhe-se! Vamos, ajoelhe-se, por Deus! Ela empalideceu, diante da fúria dele, e se ajoelhou, depressa.

— E fique aí ajoelhada, até eu voltar!

Ele saiu correndo da sala e foi para o jardim. Puxou a faca e escolheu um bambu fino, de um bosque recém-plantado. Cortou-o brandiu-o no ar e voltou correndo para a sala de visitas.

— Tire a roupa, escrava miserável! Vou açoitar você até meus braços ficarem doendo.

Tremendo, ela tirou a roupa. Ele tomou o vestido de suas mãos e atirou para um canto.

— Deite-se aí. — Apontou para o escabelo estofado. Ela fez como ele lhe

ordenara. — Por favor, não bata em mim com força demais... estou grávida de dois meses. — Ela enterrou a cabeça no escabelo.

Struan queria tomá-la nos braços, mas sabia que isto o faria perder prestígio diante dela. E chicoteá-la era a única maneira de devolver-lhe a dignidade.

Então bateu-lhe nas nádegas com o bambu. O suficiente para doer, mas não para causar danos. Logo ela estava gritando, chorando e se contorcendo, mas ele continuou. Duas vezes, deliberadamente, errou o alvo e bateu no couro, violentamente, causando um barulho terrificante, para impressionar Lim Din e Ah Sam que, ele sabia, deviam estar à escuta.

Depois de dez pancadas, fez uma pausa e disse a ela para ficar onde estava, indo, então, pegar a garrafa de conhaque. Bebeu muito, atirou a garrafa contra a parede e recomeçou a açoitá-la. Mas, sempre com muito cuidado.

Afinal, parou e levantou-a no ar.

— Vista-se, sua escrava miserável! — Quando ela já estava vestida, ele berrou: — *Lim Din! Ah Sam!*

Instantaneamente, eles apareceram à porta, tremendo.

— Por que não trazem chá e nem comida, seus miseráveis escravos! Vão pegar comida! Atirou o bambu para o lado da porta e se virou outra vez para May-May.

— Ajoelhe-se, sua filha da mãe!

Aterrorizada com a imensidão da fúria dele, ela obedeceu depressa.

— Limpe-se e volte para cá. Em trinta segundos, senão eu começo tudo de novo!

Lim Din serviu o chá e, embora estivesse perfeito, Struan disse que estava frio demais e jogou o bule contra a parede. May-may, Lim Din e Ah Sam saíram correndo e trouxeram mais.

A comida veio também com incrível velocidade, e Struan permitiu que May-may o servisse. Ela gemeu de dor e ele gritou: — Cale a boca, senão vou chicoteá-la para sempre!

Depois, ele ficou agourentamente silencioso e comeu, deixando a quietude torturálos.

— Pegue o bambu! — ele gritou, quando terminou. May-may pegou o bambu e entregou-o a ele. Ele o empurrou contra seu estômago.

— Cama! — ordenou, com dureza, e Lim Din e Ah Sam fugiram, sentindo-se seguros por saber que o Tai-Pan perdoara sua Tai-tai, tendo esta ganho um prestígio ilimitado por suportar sua justa fúria.

May-may virou-se chorosa e seguiu pelo corredor, em direção aos seus aposentos, mas ele rosnou: — Minha cama, por Deus!

Ela correu para o quarto dele. Ele a seguiu, bateu a porta e trancou-a.

— Então, você está grávida. De quem é o filho?

— Seu, senhor — ela gemeu.

— Ele se sentou e estendeu um pé calçado com a bota.

— Vamos, depressa.Ela caiu de joelhos e puxou as botas, e depois ficou em pé, ao lado da cama.
— Como você ousa pensar que eu queria que você conhecesse meus amigos? Quando quiser levar você para fora da casa, eu lhe digo, por Deus!

— Sim, senhor.

— Lugar de mulher é em casa. *Aqui!*

— Sim, senhor.

Ele permitiu ao seu rosto abrandar-se um pouquinho.

— Assim é melhor, por Deus!

— Eu não queria ir para o baile — ela disse, num sussurro tímido. — Só queria me vestir como... Eu não queria ir para o baile. Quanto a ir para o baile... eu nunca quis. Só agradar. Desculpe. Sinto muito.

— Por que eu deveria perdoar você, hein? — Ele começou a se despir. — Hein?

— Não há razão. Nenhuma. — Agora ela estava chorando de causar dó, em silêncio. Mas ele sabia que, agora, em breve aquilo iria parar completamente.

— Talvez como você está grávida, eu possa lhe dar outra oportunidade. Mas é melhor ser filho homem, não uma menina inútil.

— Ah, sim... por favor, por favor. Por favor, perdoe. — Ela se ajoelhou e bateu a cabeça no chão.

Seu choro lhe despedaçava o coração, mas ele continuou a se despir, com ar

sombrio. Depois, apagou a lanterna e se deitou. Ele a deixou em pé. Depois de um minuto ou dois, ele disse, asperamente:

— Venha para a cama. Estou com frio.

Mais tarde, quando não podia mais suportar vê-la chorando abraçou-a ternamente e a beijou.

— Você está perdoada, garota.

Ela chorou até dormir, nos braços dele.

LIVRO IV

Passaram-se semanas e a primavera se transformou em começo de verão. O sol ia ficando mais forte e a atmosfera tornava-se pesada de umidade. Os europeus, com seus trajes habituais e grossa roupa interna de lã — e vestidos cheios de pufes e espartilhos — sofriam muito. O suor secava nas axilas e nas virilhas e provocava o aparecimento de feridas inflamadas. Começaram as costumeiras doenças de verão — a diarréia de Cantão, a gripe de Macau, o mal asiático. Os que morriam eram pranteados. Os vivos, estoicamente, suportavam seus tormentos como se fossem tribulações inevitáveis, enviadas pelo bom Deus para atormentar a humanidade, e continuavam a fechar suas janelas para se proteger do ar que, todos acreditavam, carregava os gases nocivos emanados da terra no verão; e continuavam a permitir que seus médicos lhes receitassem purgantes, e lhes aplicassem sanguessugas, pois todos achavam ser aquela a única cura real

para a doença; e continuavam a beber a água contaminada pelas moscas e a comer carnes infectadas; e continuavam a evitar o banho que, todos achavam, era perigoso para a saúde; e continuavam a rezar pelo frio do inverno, que outra vez purificaria a terra de seus venenos mais letais.

Por volta de junho, as epidemias tinham dizimado as fileiras do Exército. A temporada comercial quase terminara. Aquele ano, seriam ganhas grandes fortunas. Com pagode. *Pois jamais a compra e a venda haviam sido tão extravagantes na Colônia de Cantão. Os negociantes, seus funcionários portugueses e* compradores *chineses, e os mercadores da Co-hong estavam todos exaustos com o calor, mas ainda mais devido às semanas de frenética atividade. Todos estavam prontos para relaxar, até começarem as compras de verão.*

E aquele ano, afinal ao contrário de todos os anteriores, os europeus estavam ansiosos para passar o verão em seus próprios lares, em suas próprias terras em Hong Kong.

Suas famílias, em Hong Kong, já se haviam mudado das atravancadas cabinas dos navios para o Vale Feliz. A construção tivera um boom. *A Cidade da Rainha já tomava forma — ruas, armazéns, prisão, docas, dois hotéis, tavernas e casas.*

As tavernas que supriam os soldados ficavam perto das tendas, no Cabo Glessing. As que serviam aos marinheiros se situavam diante do ancoradouro, na Estrada da Rainha. Algumas eram mesmo tendas, estruturas toscas e provisórias. Outras, tinham caráter mais permanente.

Da Grã-Bretanha chegavam navios trazendo abastecimentos, parentes e amigos, e muitos estrangeiros. E cada maré trazia mais gente de Macau — portugueses, chineses, eurasianos, europeus -. mestres de velas, tecelões, alfaiates, funcionários, criados, negociantes, compradores e vendedores, cules, gente à procura de emprego ou cujos empregos os haviam forçado a ir para Hong Kong — todos os que serviam ao comércio da China, todos os que dele viviam ou tiravam seu sustento, artífices, jogadores e contrabandistas, punguistas e seqüestradores, ladrões, mendigos, piratas -. a escória de todas as nações. Eles também procuravam casa, ou começavam a construir casas e lojas. Botequins,

bordéis, locais para fumar ópio começaram a infestar a Cidade da Rainha e a macular a Estrada da Rainha. O crime aumentou violentamente e a força policial, sendo

o que era, foi engolfada. A quarta-feira se tornou o dia dos açoites. Para divertimento dos justos, os criminosos presos eram publicamente açoitados, em frente à cadeia, como advertência para os maus.

A justiça britânica, embora rápida e dura, não parecia cruel aos chineses. Torturar publicamente, espancar até à morte, comprimir os polegares, mutilar, causar a perda de um ou dois olhos, uma ou duas mãos, um ou dois pés, marcar a ferro em brasa, cortar pedaços de carne, garrotear, cegar, arrancar a língua, esmagar os órgãos genitais — tudo isso eram punições chinesas convencionais. Os chineses não tinham julgamento por júri. Como Hong Kong estava além dos limites da justiça chinesa, todos os criminosos do continente que podiam escapar fugiam para a segurança do Tai Ping Shan e zombavam da moleza da lei bárbara.

E, enquanto a civilização florescia na ilha, o lixo começou a se juntar. E, com o lixo, vieram as moscas.

A água começou a se estagnar em barris atirados fora, em vasos e panelas quebrados. Ela se acumulava nos andaimes de bambu, nos jardins inacabados e no pântano raso na bacia do vale. Essas pequenas águas pútridas começaram a fervilhar de vida: larvas, que se tornavam mosquitos. Eram pequenos, frágeis e muito especiais — tão delicados que só voavam quando o sol se punha: o Anofeles.

E a população do Vale Feliz começou a morrer.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

— Pelo amor de Deus, Culum, nada sei além do que você sabe. Há uma febre mortífera na Cidade da Rainha. Ninguém sabe o que a provoca e, agora, a pequena Karen contraiu a doença. Struan estava muito infeliz. Há uma semana não tinha notícias de May-may. Partira de Hong Kong há quase dois meses e só voltara numa rápida visita de dois dias, fazia algumas semanas, quando sua necessidade de ver May-may dominou-o. Ela florescia, sua gravidez não tinha nenhum enjôo e eles estavam mais satisfeitos um com o outro do que nunca.

— Graças a Deus nosso último navio foi embora e vamos deixar a Colônia amanhã!

— Tio Robb diz que é malária — disse Culum, exasperado, brandindo a carta de Robb que acabara de chegar.

Estava frenético de preocupação por causa de Tess. Ainda na véspera, recebera uma carta sua, dizendo que ela e sua irmã, bem como a mãe, se haviam mudado do navio para a feitoria de Brock, parcialmente pronta. Mas não fora feita nenhuma menção à malária.

— Qual a cura da malária?

— Que eu saiba, nenhuma. Não sou médico. E Robb diz que apenas poucos médicos acham que é malária. — Struan sacudiu o espanta-moscas com irritação. — “Malária” é a palavra latina que significa “mau ar”. É tudo que eu sei... ou qualquer pessoa sabe. Mãe de Deus, se o ar do Vale Feliz for ruim, estamos arruinados!

— Eu lhe disse para não construir ali — disse Culum enfurecido. — Detestei aquele vale desde a primeira vez em que o vi!

— Pelo sangue de Cristo, você está dizendo que já sabia antecipadamente da ruindade do ar?

— Não. Não quis dizer isso. Quis dizer... bom, detestei o lugar, é tudo.

Struan fechou violentamente a janela, para se proteger contra o mau cheiro que vinha da praça da Colônia e afastou mais moscas, com o abano. Rezou para que a febre não fosse malária. Se fosse, a epidemia poderia atingir a todos que dormissem no Vale Feliz. Todos sabiam que a terra, em alguns lugares do mundo, era envenenada pela malária e, por razão desconhecida, emitia à noite gases letais.

Segundo Robb, a febre começara misteriosamente há quatro semanas. Primeiro, atingira os trabalhadores chineses. Depois, acometera outras pessoas — um negociante europeu ali, uma criança acolá. Mas só no Vale Feliz. Em nenhum outro lugar de Hong Kong. Agora, quatrocentos ou quinhentos chineses estavam contaminados, e vinte ou trinta europeus. Os chineses se sentiam supersticiosamente assustados, certos de que os deuses os puniam por trabalharem em Hong Kong contra o decreto do imperador Só um aumento de salário os persuadira a voltar.

E, agora, a pequena Karen fora atingida. Robb terminava a carta assim: “Sarah e eu estamos desesperados. O curso da doença é insidiosa. Primeiro, uma febre horrível, durante meio-dia, depois uma recuperação, em seguida, uma recaída mais séria da febre, dentro de dois ou três dias. O ciclo é repetido inúmeras vezes sendo cada ataque pior do que o anterior. Os médicos deram a Karen o purgante calomelano mais forte que ousaram. E sangraram a pobre criança, mas não esperamos grandes resultados. Os cules morreram depois do terceiro ou quarto ataque. E Karen está tão fraca, depois do purgativo e da sangria, tão fraquinha. Que Deus nos ajude, mas acho que Karen está perdida.”

Struan caminhou em direção à porta. Meu Deus, primeiro o bebê, agora Karen! Sarah dera à luz um filho, Lochlin Ross, no dia seguinte ao baile, mas a criança nascera doente, com o braço esquerdo aleijado. O parto fora muito difícil e ela quase morrera. Mas escapara à temida enfermidade do pós-parto e, embora seu leite tivesse azedado e seu cabelo se tornasse grisalho, sua força aos poucos voltara. Quando Struan voltou para ver May-May, visitou Sarah. As rugas de angústia e amargura lhe marcavam profundamente o rosto e ela parecia uma velha. Struan ficou mais triste quando viu o bebê: com o braço esquerdo

inutilizado, ele era doentio, chorava deploravelmente, e não havia expectativa de sobrevida. Fico imaginando se o bebê está morto, pensou Struan, ao abrir violentamente a porta; Robb não fala nele:

— Vargas!

— Sim, senhor?

— Já houve malária aqui em Macau?

— Não, senhor. — Vargas empalideceu. Seu filho e seu sobrinho trabalhavam para a Casa Nobre e agora viviam em Hong Kong. — Tem certeza de que é malária?

— Não. Apenas alguns dos médicos pensam assim. Nem todos. Vá procurar Mauss. Diga-lhe que quero ver Jin-qua, imediatamente. Com ele.

— Sim, senhor. Sua Excelência quer que jante com ele e com o arquiduque esta noite, às nove horas.

— Aceite, em meu nome.

— Sim, senhor.Struan fechou a porta e se sentou, sombriamente Usava uma camisa leve, sem gravata, bem como calças é botas leves. Os outros europeus achavam que ele estava louco por se arriscar a pegar os diabólicos resinados que, todos achavam, eram trazidos pelos ventos de verão.

— Não pode ser malária — disse ele. — Não é malária. Alguma outra coisa.

— A ilha é amaldiçoada.

— Agora, você está pensando como uma mulher — disse Struan.

— A febre não estava lá, antes dos cules chegarem. Livre-se dos cules e se livrará da epidemia. Eles a estão levando consigo. São os culpados.

— Como sabe disso, Culum? Admito que começou entre os cules. E concordo que vivem nas regiões baixas. E concordo que, como sabemos, só se pode pegar malária, respirando o ar noturno envenenado. Mas, por que só há febre no vale? Só o Vale Feliz tem ar ruim? Ar é ar, pelo amor de Cristo, e há uma ótima brisa soprando ali, a maior parte do dia e da noite. Não faz sentido.

— Faz muito bom sentido. É a vontade de Deus.

— Maldita seja uma resposta assim!

Culum se levantou.

— Eu lhe agradeceria se não blasfemasse.

— E eu lhe agradeceria se lembrasse que, não faz tanto tempo assim, os homens foram queimados na fogueira só por dizerem que a terra girava em torno do sol! Não é a vontade de Deus!

— Pense o que pensar, Deus tem uma interferência vital e contínua em nossas vidas. O fato de que a febre está no lugar onde escolhemos viver na Ásia é, eu acho, a vontade de Deus. Você não pode negar isso, porque não pode provar algo diferente, da mesma maneira como eu também não posso provar que isto é verdade. Mas acredito que é... a maioria acredita, e acho que devíamos abandonar o Vale Feliz.

— Se fizermos isso, abandonaremos Hong Kong.

— Podemos construir no terreno próximo ao Cabo Glessing.

— Você sabe quanto dinheiro nós, e todos os comerciantes, investimos no Vale Feliz?

— Sabe quanto dinheiro se pode gastar, quando se está a seis pés de profundidade no chão?

Struan observou friamente seu filho. Já fazia semanas que fora percebendo ser a hostilidade de Culum cada vez mais verdadeira. Mas não se incomodou com isso. Sabia que, quanto mais Culum aprendesse, mais procuraria pôr suas próprias idéias em prática e mais lutaria pelo poder. É justo, pensou, e ficou muito satisfeito com o desenvolvimento de Culum. Ao mesmo tempo sentiu-se preocupado com a segurança de Culum. Culum passava tempo demais em companhia de Gorth, com a mente perigosamente aberta.

Há dez dias, houvera uma briga cruel, que não levara a conclusão alguma. Culum declamara algumas teorias a respeito de navegação — obviamente opiniões de Gorth — e Struan discordara. Então, Culum falara na disputa entre Brock e Struan, e dissera que a geração mais jovem não cometeria os erros da mais velha. Que Gorth sabia não ser necessário para a geração mais jovem ficar aprisionada pela mais velha. Que Gorth e ele haviam concordado em esquecer toda inimizade, e ambos tentariam fazer as pazes entre seus pais. E, quando Struan começou a argumentar, Culum recusou-se a ouvir e saiu, furioso.

Além disso, havia o problema de Tess Brock.

Culum jamais falara dela a Struan. E nem ele com o filho. Mas sabia que Culum estava desesperado de saudade por ela e isto lhe obscurecia a mente. Struan lembrou-se de sua própria juventude e de como ansiara por Ronalda. Tudo parecia tão nítido, tão importante e tão limpo, naquela idade.

— Ah, Culum, rapaz, não se canse — ele disse, sem querer discutir com Culum. — O dia está quente e todos os ânimos exaltados. Sente-se e procure se acalmar. A pequena Karen está doente, e muitos de nossos amigos. Ouvi dizer que Tillman está com a febre, quem sabe quantos mais?

— E a Srta. Tillman?

— Acho que não.

— Gorth disse que vão fechar a feitoria deles amanhã. Ele vai passar o verão em Macau. Todos os Brocks vão.

— Nós vamos para Hong Kong. A feitoria aqui fica aberta.

— Gorth disse que seria melhor passar o verão em Macau. Ele tem uma casa lá.

Ainda temos propriedade lá, não? Struan remexeu-se em sua cadeira.

— Sim. Passe uma semana ou duas, se quiser. Passe em Macau. Mas quero você na Cidade da Rainha. E lhe direi outra vez, cuidado com as costas. Gorth não é seu amigo.

— E eu devo lhe dizer outra vez, acho que é.

— Ele está tentando enfraquecer você para, um dia, reduzi-lo a pó.

— Você está enganado. Eu o entendo. Eu gosto dele. Nós nos damos muito bem. Descobri que posso conversar com ele e aprecio sua companhia. Ambos sabemos que é difícil para você, e para o pai dele, compreender isso, mas... bom, é difícil de explicar.

— Eu compreendo Gorth muito bem, por Deus!

— Não vamos discutir isso — disse Culum.

— Acho que deveríamos discutir. Você está sob o fascínio de Gorth. Isto é fatal para um Struan.

— Você vê Gorth com outros olhos. Ele é meu amigo.

Struan abriu uma caixa, escolheu um charuto Havana e decidiu que chegara a hora.

— Acha que Brock aprovará que você se case com Tess?

Culum corou e disse, impulsivamente:

— Não vejo por que não. Gorth é a favor.

— Você discutiu o assunto com Gorth?

— Não discuti com você. E nem com ninguém. Então, por que deveria falar a respeito com Gorth?

— Então, como sabe que ele aprova?

— Não sei. Simplesmente, ele diz sempre como eu e a Srta. Brock parecemos nos dar bem, como ela gosta de minha companhia, encorajando-me a escrever para ela, esse tipo de coisa.

— Você acha que eu não tenho direito algum de perguntar suas intenções para

com Tess Brock?

— Tem o direito, certamente. Só que... bom, sim, pensei em casar com ela. Mas nunca disse isto a Gorth.

Culum parou, desajeitadamente, e esfregou a sobrancelha. Ficara abalado com a rapidez com que o Tai-Pan tocara no que era mais importante em sua mente, e, embora quisesse falar a respeito, não queria ver o seu amor maculado. Diabo, eu deveria estar preparado, pensou, e ouviu a si mesmo prosseguir, apressadamente, incapaz de parar.

— Mas não creio que meu... meu afeto pela Srta. Brock seja do interesse de ninguém, no momento. Nada foi dito, e não há nada... bom, o que sinto pela Srta. Brock é assunto meu.

— Sei que sua opinião é essa — disse Struan — mas isto não significa que você tenha razão. Já considerou que pode estar sendo usado?

— Pela Srta. Brock?

— Por Gorth. E por Brock.

— Você já considerou que seu ódio por eles contamina todos os seus julgamentos?

— Culum estava furioso.

— Sim. Já considerei isso. Mas e você, Culum? Já pensou que podem estar usando você?

— Vamos dizer que você tenha razão. Vamos dizer que eu me case com a Srta.

Brock. Não será vantajoso, comercialmente, para você? Struan estava satisfeito por ver o problema abordado abertamente.

— Não. Porque Gorth o devorará, quando você for Tai-Pan. Ele tomará tudo que temos e destruirá você... para ficar com a Casa Nobre.

— Por que iria ele destruir o marido de sua irmã? Por que não juntaríamos as duas companhias... Brock e Struan? Eu dirijo os negócios, ele dirige os navios.

— E quem será o Tai-Pan?

— Podemos dividir isso, Gorth e eu.

— Só pode haver um Tai-Pan. Este é o próprio significado da palavra. É a lei.

— Mas sua lei não é, necessariamente, a minha lei. E nem a de Gorth. Podemos aprender com os erros dos outros. Fundir nossas companhias nos daria imensas vantagens.

— É o que Gorth tem em mente?

Struan ficou imaginando se cometera um erro, com relação a Culum. A fascinação de seu filho por Tess e sua confiança em Gorth seriam a chave para destruir a Casa Nobre e dar a Brock e Gorth tudo que eles queriam. Só faltam três meses para eu partir para a Inglaterra. Meu Deus!

— Ah, é? — ele perguntou.

— Nunca discutimos isso. Conversamos a respeito de comércio, navegação e companhias, esse tipo de coisa. E como fazer as pazes entre vocês dois. Mas uma fusão seria vantajosa, não?

— Com aqueles dois, não. Você não está na mesma classe. Ainda.

— Mas, um dia, estarei?

— Talvez. — Struan acendeu o charuto. — Você realmente acha que poderia controlar Gorth?

— Talvez eu não precisasse controlá-lo. Como ele não precisaria me controlar. Vamos dizer que eu, realmente, me case com a Srta. Brock. Gorth tem a sua companhia, nós temos a nossa. Separadas. Podemos ainda competir. Mas amistosamente. Sem ódio.

— O tom de voz de Culum se endureceu. — Vamos pensar, por um momento, em termos de um Tai-Pan. Brock tem uma filha adorada. Eu ganho as suas boas graças e também as de Gorth. Casando-me com ela, só estarei amaciando a animosidade de Brock com relação a mim, enquanto ganho experiência. Sempre acenando com a isca da fusão das companhias. Depois, posso espezinhá-los, quando *eu* estiver preparado. Uma manobra segura e bem armada. A moça que se dane. Apenas usá-la... para maior glória da Casa Nobre.

Struan não disse nada.

— Você não considerou essas possibilidades imparcialmente? — prosseguiu Culum. — Ah, esqueci que você é inteligente demais a não ter notado que estou apaixonado por ela.

— Sim — disse Struan. Ele sacudiu cuidadosamente a cinza do charuto, num cinzeiro de prata. — Pensei em você e em Tess “imparcialmente”.

— E qual foi sua conclusão?

— Que os perigos, para você, superam as vantagens.

— Então você desaprova totalmente que eu me case com ela?

— Desaprovo que você a ame. Mas o fato é que você a ama, ou acha que ama. E outro fato é que você se casará com ela, se puder. — Struan sugou, longamente, o charuto. — Acha que Brock aprovará?

— Não sei. Não creio que aprove, por Deus.

— Acho que sim, por Deus. -. Mas você, não?

— Eu já lhe disse uma vez, antes: sou o único homem nesta terra em que você pode confiar completamente. Desde que não se coloque deliberadamente contra a Casa.

— Mas acha que tal casamento é contra os interesses da companhia.

— Eu não disse isso. Disse que você não entendia os perigos. — Struan apagou o charuto e se levantou.

— Ela não tem idade. Você vai esperá-la, por cinco anos?

— Sim — disse ele, horrorizado com a enormidade de tempo. — Sim, por Deus! Você não sabe o que ela significa para mim. Ela é... bem, ela é a única moça que poderei realmente amar. Não vou mudar e você não entende, não pode entender. Sim, esperarei cinco anos. Estou apaixonado por ela.

— Ela está apaixonada por você?

— Não sei. Eu... ela parece gostar de mim. Rezo para que esteja. Ah, meu Deus do céu, o que vou fazer?

Graças a Deus eu não sou novamente jovem, Struan pensou, com pena. Agora eu sei que o amor é como o mar, algumas vezes calmo e outras tempestuoso; é perigoso, belo, mata e dá vida. Mas nunca o mesmo, sempre mutável. E único apenas por um curto período, diante do tempo.

— Você não fará nada, rapaz. Mas eu vou falar com Brock esta noite.

— Não — disse Culum, ansiosamente. — A vida é minha. Não quero que você...

— O que você quer fazer tem a ver com a minha vida, e a de Brock — interrompeu Struan. — Falarei com Brock.

— Então, você vai me ajudar?

Struan espantou uma mosca que lhe pousara no rosto.— E os vinte guinéus, Culum?

— O quê?

— O dinheiro para o meu caixão. As vinte moedas de ouro que Brock me deu e você guardou. Já esqueceu? Culum abriu a boca para dizer não, mas mudou de idéia.

— Sim, eu esqueci. Pelo menos, tinham saído de minha cabeça. — Sua angústia apareceu nas profundezas de seus olhos. — Por que eu mentiria para você? Quase menti. Isto é terrível.

— Sim — disse Struan, satisfeito por Culum ter passado por outro teste e aprendido outra lição.

— E as moedas?

— Nada. A não ser que deve lembrá-las. Brock é assim. Gorth é pior, porque ele não tem sequer a generosidade do pai.

***

Era quase meia-noite.

— Sente-se, Dirk — disse Brock, esfregando a barba. — Grogue, cerveja ou conhaque?

— Conhaque.

— Traga conhaque — ordenou Brock ao criado, e depois fez um sinal em direção à comida que estava na mesa, à luz trêmula das velas. — Coma alguma coisa, Dirk. — Cocou as axilas, que estavam grossas comas erupções chamadas de “brotoejas”. — Maldito clima! Por que diabo você não está sofrendo, como todos nós?

— Vivo de maneira correta — disse Struan, e estirou confortavelmente as pernas. — Eu já lhe disse um milhão de vezes. Se você tomar banho quatro vezes por dia, não vai ficar com brotoejas. Os piolhos desaparecerão e...

— Isso não tem nada a ver — disse Brock. — É tolice. É contra a natureza, por Deus! — Ele riu. — Aqueles que o consideram um parceiro do demo talvez estejam descobrindo por que você é do jeito que é. Hein? — Empurrou seu canecão de prata, de meio galão, em direção ao criado, que imediatamente o encheu, tirando cerveja do pequeno barril encostado a uma parede. Mosquetes e espadas estavam em armeiros, nas proximidades. — Mas você logo terá sua

recompensa, hein, Dirk? — Brock apontou bruscamente o polegar para baixo.

Struan pegou o grande copo de cristal em forma de balão e cheirou o conhaque.

— Todos temos nossas recompensas, Tyler.

Struan manteve o conhaque próximo ao nariz para neutralizar o fedor da sala. Ficou imaginando se Tess fedia, como seu pai e sua mãe, e se Brock sabia a razão de sua visita. As janelas estavam bem fechadas, como proteção contra a noite e o monstruoso zumbido da praça lá embaixo.

Brock resmungou, ergueu o canecão bem cheio e bebeu avidamente. Estava usando seu habitual casaco naval de lá, roupa interna grossa, gravata alta e colete. Observou Struan, com frieza. Struan parecia não sentir calor e irradiava força, com sua camisa leve, calças brancas e meias-botas, os pêlos vermelhos-dourados de seu largo peito iluminados pelas velas.

— Você parece nu, rapaz. Que coisa desagradável.

— É a próxima moda, Tyler. Saúde! — Struan ergueu o copo e beberam.

— Por falar no diabo, ouvi dizer que Maureen Quance dobrou o pobre velho Aristotle. Segundo os boatos, vão embora na próxima maré.

— Ele fugirá, ou cortará a garganta, antes de fazer uma coisa dessas.

Brock gargalhou.

— Quando ela apareceu, de repente, no baile, eu ri como não ria desde que Mamãe prendeu os peitos na calandra da roupa lavada. — Fez um aceno de mão para o criado, que foi embora.

— Ouvi dizer que todos os navios já partiram.

— Sim. Uma grande temporada, não?

— Sim. E será melhor quando o *Blue Witch* chegar primeiro na cidade de Londres. Ouvi dizer que leva um dia de vantagem.

— Brock bebeu muita cerveja e suou copiosamente. — Jeff Cooper disse que seu último navio partiu, e então Whampoa está vazia.

— Você vai ficar em Cantão?

Brock abanou a cabeça.

— Vamos embora amanhã. Para a Cidade da Rainha e, depois, para Macau. Mas vamos manter este lugar aberto, não será como antes.

— Longstaff vai ficar. As negociações prosseguirão, suponho.

— Struan sentiu uma tensão no ar e sua inquietação aumentou.

— Você sabe que não serão alcançadas conclusões aqui. — Brock brincava com o penso que tinha sobre o olho. Soergueu-o e esfregou a órbita irregular, marcada por cicatrizes. O cordão que prendia o penso há anos cavara um nítido sulco vermelho em sua festa. — Gorth disse que a filha mais nova de Robb está com febre.

— Sim. Suponho que Culum tenha dito a ele.

— Sim. — Brock notou a aspereza na voz de Struan. Bebeu muita cerveja e enxugou a espuma dos bigodes com as costas da mão. — Senti muito ao saber.

Mau *pagode*. — Bebeu outra vez.

— Seu garoto e o meu são como velhos companheiros de bordo.

— Vou ficar satisfeito ao embarcar outra vez. — Struan ignorou o escárnio. — Conversei longamente com Jin-qua, esta tarde. A respeito da febre. Nunca deu em Cantão, pelo que ele saiba.

— Se for verdadeiramente malária, então estamos com uma porção de problemas pela frente. — Brock estendeu o braço e pegou um peito de frango. — Sirva-se. Ouvi dizer que os preços dos cules subiram. Os custos estão subindo terrivelmente em Hong Kong.

— Não o suficiente para prejudicar. E a febre vai passar. Brock movimentou a pança, penosamente, e esvaziou o canecão.

— Queria falar comigo em particular? Para conversar sobre a febre?

— Não — disse Struan, sentindo-se sujo com o fedor, o perfume que Brock estava usando e o cheiro de cerveja velha. — Era a respeito de uma promessa há muito tempo feita por mim, de sair atrás de você com um chicote.

Brock pegou a campainha na mesa e a tocou com veemência. O som ecoou nas paredes. Quando a porta não se abriu imediatamente, tocou de novo.

— Aquele maldito macaco — disse. — Vai precisar de um bom chute no traseiro.

Aproximou-se do barril de cerveja e, após tornar a encher seu canecão, sentou-se outra vez e observou Struan. E esperou.

— De que se trata? — disse Brock, afinal.

— De Tess Brock.

— Hein? — Brock ficou pasmado com o fato de Struan querer precipitar a decisão com relação à que ele e, sem dúvida, também Struan, se haviam atormentado por tantas noites.

— Meu filho está apaixonado por ela.

Brock deu mais alguns goles na cerveja e enxugou a boca outra vez.

— Eles só se encontraram uma vez. No baile. Depois, houve passeios à tarde, com Liza e Lilibeth. Três.

— Sim. Mas ele está apaixonado por ela. Tem certeza de que está apaixonado por ela...

— Você tem certeza?

— Sim.

— E qual a sua impressão?

— De que é melhor falarmos sobre o assunto. Abertamente.

— Por que agora? — perguntou Brock, com suspeita, sua mente tentando descobrir a verdadeira resposta. — Ela é muito jovem, como sabe.

— Sim. Mas tem idade suficiente para casar.

Brock, pensativamente, brincava com o canecão, olhando para seu reflexo na prata polida. Ficou imaginando se decifrara corretamente Struan.

— Você está pedindo formalmente a mão de Tess para seu filho?

— É dever dele, não meu... fazer o pedido formal. Mas precisamos conversar informalmente. Primeiro.

— O que você pensa? — perguntou outra vez Brock. — Dessa união?

— Você já sabe. Sou contra. Não confio em você. Não confio em Gorth. Mas Culum pensa por si e ele se impôs a mim, e um pai não pode sempre fazer o filho agir como ele quer.

Brock ficou pensando a respeito de Gorth. Sua voz estava áspera, quando ele falou.

— Se você é tão contra ele, então meta um pouco de senso em sua cabeça ou então o mande embora para a Inglaterra, embarque-o. É fácil se livrar daquele jovem janota.

— Você sabe que estou preso numa armadilha — disse Struan, com amargura. — Você tem três filhos — Gorth, Morgan, Tom. Só tenho Culum, agora. Então, é ele quem tem de me suceder.

— Há Robb e seus filhos — disse Brock, satisfeito por ter interpretado corretamente o pensamento de Struan, e brincando com ele, agora, como se fosse um peixe no anzol.

— Você sabe a resposta para isso. Fiz a Casa Nobre, não foi Robb. O que você acha, hein?

Brock esvaziou o canecão, pensativamente. Outra vez, tocou a sineta. E, outra vez, nenhuma resposta.

— Eu vou fazer das tripas daquele macaco jarreteiras! — Levantou-se e começou a encher de novo seu canecão. — Também sou contra a união — disse Brock, asperamente. Viu um relâmpago de surpresa no rosto de Struan. — Mesmo assim — acrescentou Brock

— aceitarei seu filho, quando ele me pedir.

— Eu achei que aceitaria, por Deus! — Struan levantou-se, com os punhos cerrados.

— O dote dela será o mais rico da Ásia. Eles se casarão no próximo ano.

— Primeiro, quero ver você no inferno.

Os dois homens se encararam, agourentamente.

Brock viu o mesmo rosto cinzelado de há trinta anos, com a mesma vitalidade impregnando-o. A mesma qualidade indefinível que fazia todo seu ser reagir tão violentamente. Por Jesus Nosso Senhor, praguejou, não entendo como Vós pusestes este demônio em meu caminho. Só sei que o pusestes aí para ser destruído.

— Mais tarde, Dirk — disse ele. — Primeiro, eles se casam, tudo certinho. Você está numa armadilha, é certo. Não por minha causa, não fui eu quem atirou este mau *pagode* em sua cara. Mas andei pensando muito... como você... a respeito dos dois e de nós, e acho que é melhor para eles e melhor para nós.

— Sei o que tem em mente. E Gorth também.

— Quem sabe o que acontecerá, Dirk? Talvez haja uma fusão, no futuro.

— Enquanto eu estiver vivo, não.

— Por outro lado, talvez não haja fusão, e você conserva o que é seu e nós o que é nosso.

— Você não vai tomar a Casa Nobre e destruí-la, usando as saias de uma moça!

— Agora, me escute, por Deus! Você foi quem começou toda essa conversa! E disse para se falar abertamente, e eu não acabei. Então, você vai escutar, por Deus! A não ser que tenha perdido a coragem, como perdeu as boas maneiras e a cabeça.

— Está bem, Tyler. — Struan se serviu de outro conhaque, — Diga o que tem na cabeça. Brock relaxou um pouco, sentou-se e emborcou sua cerveja.

— Eu o odeio, e sempre odiarei. Também não confio em você. Estou mortalmente cansado de matar, mas juro por Jesus Cristo que o matarei, no dia em que o vir caminhando contra mim com um chicote na mão. Mas não vou começar essa briga. Não. Não quero matar você, só botar você nos eixos. Mas andei pensando que talvez os mais moços estejam endireitando o que nós... o que nós não pudemos endireitar. Então eu digo, seja o que tiver de ser. Se houver uma fusão, então haverá uma fusão. Vai depender deles... e não de mim e de você. Se não houver fusão... que eles também decidam isso. O que fizeram dependerá deles. Não de nós. Então eu digo que o casamento é bom.

Struan esvaziou seu copo e o empurrou sobre a mesa.

— Nunca pensei que você fosse tão desalmado a ponto de usar Tess, quando é tão contra a união quanto eu. Brock tornou a olhar para ele, sem raiva, agora.

— Não estou usando Tess, Dick. Esta é a verdade, diante de Deus. Ela está amando Culum, e esta é a mortal verdade. É a única razão por que estou falando assim. Estamos ambos na armadilha. Vamos dizer o óbvio. Ela é como Julieta, para seu Romeu, sim, por Deus, e é disso que eu tenho medo. E você também, se considerarmos a verdade. Eu não quero que a minha Tess acabe numa tumba de mármore porque eu o odeio. Ela o ama. E estou pensando nela!

— Não acredito nisso.

— E nem eu, por Deus! Mas Liza já me falou mais de meia dúzia de vezes a respeito de Tess. Ela disse que Tess está sonhando, suspirando e conversando a respeito do baile, mas só por causa de Culum. Tess já falou mais de dezesseis vezes ou mais a respeito do que Culum disse e Culum deixou de dizer, e o que ela disse a Culum, e como Culum estava ou deixava de estar, o que ele respondeu, até eu quase estourar. Ah, sim, ela o ama.

— Amor de adolescente. Não significa nada.

— Pelo Senhor Jesus Cristo, você é um homem duro de se convencer das coisas. Você está errado, Dirk. — Brock de repente se sentiu muito cansado e muito velho. Queria acabar com isso. — Se não fosse o baile, jamais teria acontecido. Você a escolheu para abrir a dança. Você a escolheu para ganhar o prêmio. Você...

— Eu não! A escolha foi de Zergeyev, não minha!

— Isso é verdade, por Deus?

— Sim.

Brock olhou demoradamente para Struan.

— Então talvez haja a mão de Deus nisto tudo. Tess não era a mais bem-vestida do baile. Eu sabia disso, todos sabiam disso, menos Culum e Tess. — Ele acabou seu canecão, e o depôs. — Eu lhe faço uma oferta: você não ama Culum como eu amo Tess, mas dê aos dois um bom vento, mar aberto e porto seguro, e eu farei a mesma coisa. O rapaz merece isso... ele salvou seu pescoço naquela questão do outeiro, porque, juro por Cristo que eu o teria estrangulado, por causa daquilo. Se é uma briga que você quer, você tem. Se eu conseguir um instrumento para quebrar você juro por Cristo que ainda quebro. Mas não aqueles dois. Vamos dar a eles bom vento, mar aberto e porto seguro, que Deus seja testemunha, hein?

Brock estendeu a mão.

A voz de Struan estava irritada.

— Vou apertar por Culum e Tess. Mas não por Gorth.

A maneira como Struan disse “Gorth” deu calafrios em Brock. Mas ele não retirou sua mão, embora soubesse que o acordo estava cheio de perigos. Apertaram-se as mãos, com firmeza.

— Vamos tomar mais uma bebida, para deixar as coisas bem firmadas — disse Brock — e então você pode ir para o inferno. — Ele pegou a sineta, tocou pela terceira vez e, quando ninguém apareceu, atirou-a contra a parede. — Lee Tang! — rugiu.

Sua voz teve um eco estranho.

Houve o som de passos a subir correndo a grande escadaria e o rosto assustado de um funcionário português apareceu.— Os criados todos desapareceram, senhor. Não consigo encontrá-los em parte alguma.

Struan correu para a janela. Os vendedores ambulantes, tendeiros, transeuntes e mendigos saíam silenciosamente da praça. Grupos de negociantes no jardim inglês estavam em pé, completamente imóveis, escutando e observando.

Struan virou-se e correu para os mosquetes e ele e Brock chegaram ao armeiro no mesmo instante.

— Mande todos descerem! — gritou Brock para o funcionário.

— Na minha feitoria, Tyler. Faça soar o alarma — disse Struan, e foi embora.

***

Dentro de uma hora, todos os negociantes e seus funcionários estavam aglomerados na feitoria de Struan e no jardim inglês, que ficava em frente. O destacamento de cinqüenta soldados estava armado, em posição de combate, junto ao portão. Seu oficial, o Capitão Oxford, mal completara vinte anos, e era um rapaz esguio e elegante, com um fino bigode louro.

Struan, Brock e Longstaff estavam no centro do jardim. Jeff Cooper e Zergeyev se encontravam próximos. A noite estava úmida, quente e pressaga.

— É melhor ordenar uma evacuação imediata, Excelência — disse Struan.

— Sim — concordou Brock.

— Não há necessidade de nos precipitarmos, cavalheiros — disse Longstaff. —

Isto já aconteceu antes, não foi?

— Sim. Mas sempre tivemos algum tipo de advertência, da Co-hong ou dos mandarins. Jamais foi assim tão repentino. — Struan escutava atentamente os ruídos da noite, mas seus olhos contavam as *lorchas* ancoradas no cais. Bastantes para todos, pensou. — Não gosto do jeito da noite.

— Nem eu, por Deus — Brock cuspiu, furiosamente. — Vamos embarcar, eu digo.

— Não pensam, é claro, que haja algum perigo? — disse Longstaff.

— Não sei, Excelência. Mas algo me diz para sair daqui — disse Struan. — Ou, pelo menos, para embarcar. O comércio terminou, esta temporada, então podemos ir embora ou ficar, como preferirmos.

— Mas eles não ousariam nos atacar — zombou Longstaff. — Por que iriam fazer isso? O que ganhariam? As negociações estão indo tão bem. Ridículo.

— Estou apenas sugerindo que ponhamos em prática aquilo que está sempre dizendo, Excelência: é melhor estar preparado para qualquer eventualidade. Longstaff fez um sinal contrafeito para o oficial.

— Divida seus homens em três grupos. Guarde as entradas a leste e oeste e a Rua Hong. Impeça o acesso à praça até novas ordens.

— Sim, senhor.

Struan viu Culum, Horatio e Gorth juntos, perto de uma lanterna. Gorth explicava a Culum como carregar um mosquete, e o segundo ouvia atentamente. Gorth parecia forte, cheio de vitalidade e poderoso, perto de Culum. Struan desviou o olhar e viu Mauss nas sombras, conversando com um chinês alto a

quem Struan jamais vira. Curioso, Struan se aproximou.

— Ouviu alguma coisa, Wolfgang?

— Não, Tai-Pan. Nenhum boato, nada. Horatio também não. *Gott im Himmel,* não entendo.

Struan examinava o chinês. O homem usava sujas roupas de camponês e parecia estar no início da casa dos trinta. Seus olhos tinham grossas pálpebras e eram penetrantes, e ele examinava Struan com igual curiosidade.

— Quem é ele?

— Hung Hsu Ch'un — disse Wolfgang, com muito orgulho. — Ele é Hakka. É batizado, Tai-Pan. Eu o batizei. É o melhor que eu já tive, Tai-Pan. Inteligente, estudioso e, entretanto, um camponês. Afinal, tenho um convertido, que espalhará a palavra de Deus... e me ajudará em Seu trabalho.

— É melhor dizer a ele que vá embora. Se houver problemas e os mandarins o pegarem conosco, você terá um convertido de menos.

— Eu já disse, mas ele respondeu: “Os caminhos do Senhor são estranhos e os homens de Deus não viram as costas para os pagãos.” Não se preocupe. Deus o protegerá e eu cuidarei dele com o risco de minha própria vida.

Struan fez um aceno de cabeça para o homem e voltou para junto de Longstaff e Brock.

— Eu vou para bordo — disse Brock — sem a menor dúvida.

— Tyler, mande Gorth e os homens dele reforçarem os soldados, ali. — Struan

apontou para o centro da Rua Hong. — Eu irei para leste e darei cobertura a vocês, se houver problema. Você Pode recuar para cá.

— Cuide dos seus — disse Brock — que eu cuidarei dos meus. Você não é comandante-chefe, por Deus. — Fez sinal a Gorth. — Venha comigo. Almeida, você e o restante dos funcionários vão pegar os livros e se dirijam para bordo. — Ele e seu grupo saíram do jardim e atravessaram a praça.

— Culum!

— Sim, Tai-Pan?

— Limpe o cofre e vá para bordo da *lorcha.*

— Está bem. — Culum baixou a voz. — Falou com Brock?

— Sim. Agora não, rapaz. Depressa. Conversaremos mais tarde.

— Foi sim ou não?

Struan sentiu que os outros o observavam e, embora quisesse muito dizer a Culum o que fora conversado, o jardim não era o lugar para aquilo.

— Pela morte de Cristo, quer fazer o que eu lhe disse?

— Quero saber — disse Culum, com os olhos em brasa.

— E eu não estou preparado para, discutir seus problemas agora. *Faça o que eu*

lhe disse! — Struan saiu correndo para a porta da frente. Jeff Cooper o deteve.

— Por que evacuar? Qual o motivo de toda essa pressa, Tai-Pan? — ele perguntou.

— Só cautela, Jeff. Você tem uma *lorcha?*

— Sim.

— Ficarei satisfeito em dar espaço a qualquer um de seus homens que não tenha onde ficar. — Struan olhou para Zergeyev. — A vista do rio é bastante agradável, Alteza, se quiser vir conosco.

— Você sempre corre, quando a praça se esvazia e os criados desaparecem?

— Só quando tenho vontade. — Struan voltou, abrindo caminho entre a massa de homens. — Vargas, traga os livros para bordo, e todos os funcionários. Armados.

— Sim, senhor.

Quando os outros negociantes viram que Struan e Brock se preparavam para uma rápida retirada, apressadamente voltaram para suas feitorias, reuniram seus livros, registros de embarques e tudo que representava prova de suas temporadas de comércio — e, portanto, de seu futuro — e começaram a colocar tudo em seus barcos. Havia poucos tesouros com que se preocupar, pois a maior parte do comércio era feita com letras de câmbio — Brock e Struan já haviam mandado suas barras de prata de volta para Hong Kong.

Longstaff limpou sua escrivaninha particular e colocou seu livro de código e papéis secretos na caixa de despachos, unindo-se em seguida a Zergeyev, no jardim.

— Já fez as malas, Alteza?

— Não há nada de importância. Acho tudo isso extraordinário. Ou há perigo, ou não há. Se há perigo, por que seus soldados não estão aqui? Se não há nenhum, por que correr?

Longstaff riu.

— A mentalidade dos pagãos, meu caro senhor, é muito diferente da civilizada. O Governo de Sua Majestade lida com ela há mais de um século. Então, aprendemos a tratar dos negócios chineses. Claro — acrescentou, secamente — não estamos preocupados com a conquista, apenas com o comércio pacífico. Muito embora consideremos que esta área se encontra sob total influência britânica.

***

Struan examinava seu cofre, verificando se todos os papéis vitais estavam a bordo.

— Já fiz isso — disse Culum, ao entrar, pesadamente, no aposento, e bater a porta.

— Agora, qual foi a resposta, por Deus?

— Você está noivo — disse Struan, brandamente — por Deus! Culum ficou estupefato demais para conseguir falar.

— Brock está encantado em tê-lo por genro. Você pode casar-se no próximo ano.

— Brock disse sim?

— Sim. Parabéns. — Struan calmamente examinou a gaveta de sua escrivaninha e a trancou, satisfeito por sua conversa com Brock ter decorrido como ele planejara.

— Quer dizer que ele diz sim? E você diz sim?

— Sim. Você terá de lhe fazer o pedido formalmente, mas ele disse que o aceitará.

Temos de discutir o dote e detalhes mas, segundo ele, você poderá casar no próximo ano. Culum abraçou impulsivamente os ombros de Struan.

— Ah, papai, obrigado, obrigado. — Ele não notou que dissera “papai”. Mas Struan, sim.

Uma explosão de disparos rompeu o silêncio da noite. Struan e Culum correram para a janela em tempo de ver os primeiros integrantes de uma turba, na entrada oeste da praça, cambaleando sob a fuzilaria. As centenas de pessoas atrás empurravam os que se encontravam na dianteira e os soldados eram pateticamente engolfados, enquanto a torrente de chineses, aos gritos, jorrava para a extremidade da praça.

A multidão carregava tochas, machados e lanças — e estandartes da Tríade. Eles se lançaram sobre a feitoria situada mais a oeste, que pertencia aos americanos. Uma tocha foi atirada através de uma janela e as portas foram forçadas. A multidão começou a pilhar, incendiar e saquear o prédio.

Struan agarrou seu mosquete.

— Nenhuma palavra a respeito de Tess... mantenha tudo em grande segredo, até encontrar com Brock. — Eles correram para o saguão. — Mande isso para o inferno, Vargas — gritou, ao vê-lo vergado ao peso de duplicatas de faturas. — Vamos para bordo!

Vargas saiu correndo.

A praça, em frente à feitoria de Struan, e o jardim estavam cheios de negociantes em plena fuga para as *lorchas*. Alguns dos soldados encontravam-se estacionados no muro do jardim, prontos para se entrincheirarem, como recurso final, e Struan uniu-se a eles, a fim de ajudar a cobrir a retirada. Pelo canto do olho, viu Culum correr de volta para a feitoria, mas se distraiu quando a vanguarda da segunda turba irrompeu na Rua Hog. Os soldados que protegiam a entrada de sua feitoria dispararam um tiro e se retiraram, em boa ordem, para o jardim inglês, onde assumiram suas posições junto aos outros soldados, na defesa dos últimos negociantes que corriam para as embarcações. Os que já se encontravam nos navios tinham mosquetes prontos, mas a multidão só se concentrava nas feitorias da extremidade da praça e, o que era espantoso, prestava pouca atenção aos negociantes.

Struan ficou aliviado ao ver Cooper e os americanos a bordo de uma das *lorchas*. Pensara que se encontravam ainda em sua feitoria.

— Puxa vida, olhem para aqueles malandros — disse Longstaff, sem se dirigir a ninguém em particular, enquanto permanecia em pé, fora do jardim, e espiava a multidão marchando, de porretes na mão. Sabia que isto significava o fim das negociações, a guerra era inevitável. — As forças de Sua Majestade logo colocariam um ponto final a esta loucura.

Ele voltou para o jardim, pisando forte, e encontrou Zergeyev observando o tumulto, com seus dois criados de libré armados e nervosos a seu lado.

— Talvez queira se unir a mim a bordo, Alteza — ele disse, falando alto por causa do barulho. Longstaff sabia que, se Zergeyev fosse ferido, isto

representaria um incidente internacional, que daria ao tzar um pretexto perfeito para mandar belonaves e exércitos, em represália, às águas chinesas. E isto não vai acontecer, disse a si próprio.

— Só há uma maneira de lidar com essa carniça. Acha que sua democracia irá funcionar com eles?

— Claro. É preciso dar-lhes tempo, não é? — Longstaff respondeu, descontraidamente. — Vamos para bordo, agora. Temos sorte, a noite está amena.Um dos criados russos disse algo a Zergeyev, que simplesmente olhou para ele. O criado empalideceu e ficou em silêncio.

— Se quiser, Excelência. — disse Zergeyev, para não ser derrotado pelo óbvio desprezo de Longstaff diante da multidão. — Mas acho que prefiro esperar pelo Tai-Pan.

— Tirou sua caixa de rapé e ofereceu-o, ficando satisfeito ao ver que seus dedos não estavam tremendo.

— Obrigado. — Longstaff pegou um pouco de rapé. — Maldito negócio, não é? — Caminhou até Struan. — Que diabo fez tudo isso começar, Dirk?

— Foram os mandarins, com certeza. Nunca houve uma multidão como essa antes. Nunca. É melhor ir para bordo.

Struan observava a praça. Os últimos negociantes embarcavam. Só Brock não aparecia. Gorth e seus homens ainda estavam protegendo a porta de sua feitoria, do lado leste, e Struan ficou enfurecido ao ver Gorth disparar contra a multidão saqueadora, que não o ameaçava diretamente.

Ficou tentado a ordenar uma retirada imediata; e então, na confusão, erguer seu mosquete e matar Gorth. Sabia que ninguém notaria, em meio ao pandemônio. Isto iria poupar-lhe um assassinato, no futuro. Mas Struan não disparou. Queria o prazer de ver o terror nos olhos de Gorth, quando o matasse.

Aqueles que se encontravam nas *lorchas* desatracaram, apressadamente, e muitas das embarcações seguiram pela correnteza. Estranhamente, a multidão ainda os ignorava.

Jorrava fumaça da feitoria Cooper-Tillman. O prédio todo acendeu como um pavio, quando uma rajada de vento o varreu, e as chamas lamberam a noite.

Struan viu Brock sair correndo de sua feitoria, com um mosquete numa mão, uma espada na outra, os bolsos inchados de papéis. Seu principal funcionário, Almeida, corria em frente, na direção da embarcação, vergado ao peso dos livros, com Brock, Gorth e os outros homens a protegê-lo, e então outra multidão chegou à entrada leste, engolfando os soldados, e Struan percebeu que era hora de correr.

— Vamos para bordo! — rugiu, virando-se para o portão do jardim. Parou, no meio do caminho. Zergeyev estava encostado no muro do jardim, com uma pistola numa mão e sua espada na outra. Longstaff encontrava-se a seu lado.

— Está na hora de correr! — gritou, por sobre o tumulto. Zergeyev riu.

— Qual é o caminho?

Houve uma violenta explosão, quando as chamas chegaram ao arsenal americano, eo prédio se espatifou, a cuspir destroços inflamados sobre a multidão, matando alguns e mutilando outros. Bandeiras da Tríade cruzaram a Rua Hog, e a multidão enlouquecida que fazia a pilhagem seguiu-as, invadindo sistematicamente as feitorias situadas a leste. Struan atravessava o portão, quando se lembrou de Culum. Gritou para seus homens que dessem cobertura e

voltou correndo.

— Culum! Culum!

Culum desceu velozmente as escadas.

— Esqueci uma coisa — disse, e disparou para a *lorchas.* Zergeyev e Longstaff ainda estavam à espera, com os homens junto ao portão. Sua fuga foi bloqueada por uma terceira multidão, que irrompeu através da praça e caiu sobre a feitoria ao lado da deles, Struan apontou para o muro, e o escalaram, Culum caiu, mas Struan agarrou-o e o ergueu, e correram juntos para os barcos, com Zergeyev e Longstaff bem próximos.

A multidão deixou-os passar mas, quando começaram a correr pela praça, deixando livre o caminho para a feitoria, os líderes invadiram o jardim. Muitos levaram tochas. E caíram sobre a Casa Nobre.

Agora jorravam chamas da maior parte das feitorias, um teto afundou, com um grande suspiro, e mais chamas caíram sobre milhares de pessoas na praça.

Brock se encontrava no convés superior de sua *lorcha,* exortando, com xingamentos, a tripulação. Todos estavam armados e seus canhões apontavam para terra.

Em pé, à popa, Gorth viu as amarras serem soltas, dianteiras e traseiras. Quando a *lorcha* começou a se afastar do cais, Gorth pegou um mosquete, fez pontaria para os chineses apinhados à entrada de sua feitoria, e puxou o gatilho. Viu um homem cair e sorriu, diabolicamente. Pegou outro mosquete; então viu Struan e os outros correndo para a *lorcha* — com os chineses rodopiando na frente e atrás. Certificou-se de que ninguém o observava e fez pontaria, cuidadosamente. Struan estava entre Culum e Zergeyev, Longstaff ao lado. Gorth puxou o gatilho.

Zergeyev girou sobre si mesmo e caiu no chão.

Gorth pegou outro mosquete, mas Brock subiu correndo para a popa.

— Vá para a frente e ocupe posição junto aos canhões dianteiros! — gritou. — Não haverá tiros, até eu ordenar! — Empurrou Gorth, rugindo para seus homens. — Virem esse timão, por Deus! Soltem as rizes, vamos seguir a todo pano!

Ele olhou em direção à terra e viu Struan e Longstaff curvados sobre Zergeyev, com Culum ao lado dele, e a multidão investindo em direção a eles. Agarrou o mosquete que Gorth deixara cair, fez pontaria e disparou. Um dos líderes tombou e a multidão hesitou.

Struan içou Zergeyev num ombro.

— Disparem por sobre as cabeças deles! — ordenou.

Seus homens deram a volta, colocando-se em posições protetoras, e dispararam um tiro à queima-roupa. Os chineses que estavam à frente recuaram e os que se encontravam atrás fizeram pressão para a frente. A confusão histérica que se seguiu deu a Struan e aos seus homens tempo suficiente para chegarem ao barco.

Mauss estava esperando no cais, junto à *lorcha*, com o estranho convertido chinês nas imediações. Ambos se achavam armados. Mauss tinha uma Bíblia numa das mãos e uma espada na outra, e gritava:

— Bendito seja o Senhor, que Ele perdoe esses pobres pecadores. — Perfurava o ar com a lâmina e a multidão evitava-o.

Quando estavam todos a bordo e a *lorcha* no meio das águas, olharam para trás.

Toda a Colônia estava em chamas. As labaredas dançantes, a fumaça aos jorros e os

gritos diabólicos, tudo se misturava num verdadeiro inferno. Longstaff encontrava-se ajoelhado junto a Zergeyev, este deitado no tombadilho. Struan correu para eles.

— Vá para a frente! — rugiu para Mauss. — Fique de vigia!

Zergeyev estava branco de susto e segurava o lado direito da virilha. Sangue gotejava sob sua mão. Os criados gemiam de terror. Struan empurrou-os, para tirá-los do caminho, e rasgou a frente das calças de Zergeyev. Cortou a perna da calça. A bala de mosquete cortara fundo o estômago, obliquamente, descendo até uma fração de polegada acima de seu sexo, e depois entrara na coxa direita. O sangue escorria muito, mas não jorrava. Struan agradeceu a Deus porque a bala não havia perfurado o estômago, como pensara. Virou Zergeyev e o russo sufocou um gemido. A parte posterior de sua coxa estava ferida e sangrenta, no ponto em que a bala saíra. Struan, cautelosamente, sondou a ferida e tirou um pequeno pedaço de osso quebrado.

— Pegue lençóis, conhaque e um braseiro — gritou Struan para um marinheiro. — Alteza, pode movimentar sua perna direita?

Zergeyev mudou-a ligeiramente de posição e piscou de dor, mas a perna se moveu.

— Seu quadril está bem, eu acho, rapaz. Fique quieto, agora.

Quando os cobertores foram trazidos, envolveu neles Zergeyev e acomodou-o mais confortavelmente no assento atrás do timoneiro, dando-lhe, em seguida, conhaque.Quando o fogareiro chegou, Struan expôs a ferida ao ar e inundou-a com conhaque. Aqueceu sua faca nos carvões do braseiro.

— Segure-o, Will! Culum, ajude aqui. — Eles se ajoelharam, Longstaff junto aos pés, e Culum à cabeça.

Struan colocou a faca em brasa na ferida dianteira, o conhaque se inflamou e Zergeyev desmaiou. Struan cauterizou a ferida da frente e fez nela uma sondagem profunda e rápida, querendo agir bem rápido, agora que Zergeyev estava inconsciente. Ele

o virou e fez nova sondagem. O.cheiro de carne queimada encheu o ar. Longstaff voltouse para o lado e vomitou, mas Culum resistiu e ajudou, até Longstaff tornar à posição anterior.

Struan tornou a aquecer a faca e despejou mais conhaque sobre o ferimento posterior, cauterizando-o em seguida de maneira profunda e completa. Sua cabeça doía com o mau cheiro e o suor escorria-lhe pelo queixo, mas suas mãos estavam firmes e ele sabia que, se não realizasse a queima com cuidado, o ferimento apodreceria e Zergeyev, certamente, morreria. Com tal ferida, nove entre dez homens morreriam.

Então, ele terminou sua tarefa.

Pôs ataduras em Zergeyev e lavou a própria boca com conhaque; seus eflúvios afastaram o cheiro de sangue e de carne queimada. Então ele deu grandes goles e examinou Zergeyev. Seu rosto estava acinzentado e lívido.

— Agora, ele está entregue ao seu próprio *pagode* — disse. — Você está bem, Culum?

— Sim. Acho que sim.

— Desça. Providencie rum quente para todos os homens. Verifique os abastecimentos. Você é o número dois a bordo, agora. Distribua tarefas para todos.

Culum saiu da popa.

Os dois criados russos estavam ajoelhados ao lado de Zergeyev. Um deles tocou

Struan e falou entrecortadamente, tudo indicava que estava lhe agradecendo. Struan lhes fez sinal para que ficassem junto de seu amo. Ele se espichou, cansadamente, colocou a mão no ombro de Longstaff, afastando-o, e se curvou sobre o ouvido de Longstaff.

— Viu mosquetes entre os chineses? Longstaff abanou a cabeça.

— Nenhum.

— E nem eu — disse Struan.

— Havia armas disparando por toda parte. — Longstaff estava pálido e muito preocupado. — Um desses acidentes infelizes. Struan nada disse, por um momento.

— Se ele morrer, haverá grandes problemas, hein?

— Vamos esperar que não morra, Dirk. — Longstaff mordeu o lábio. — Terei de avisar imediatamente do acidente o Ministro de Relações Exteriores. Vou ter de abrir um inquérito.

— Sim.

Longstaff olhou para o rosto cinzento como o de um cadáver. A respiração de Zergeyev era fraca.

— Que coisa mais aborrecida, não é?

— Pela posição do ferimento, e de onde ele estava quando caiu, não há dúvida

de que a bala partiu de um dos nossos.

— Foi um desses infelizes acidentes.

— Sim. Mas a bala pode ter sido disparada com pontaria.

— Impossível. Quem iria querer matá-lo?

— Quem iria querer matar você? Ou Culum? Ou talvez eu? Estávamos todos muito próximos.

— Quem?

— Tenho uma dúzia de inimigos.

— Brock não mataria você a sangue-frio.

— Eu nunca disse isso. Ofereça uma recompensa a quem der informações. Alguém pode ter visto algo.

Juntos, observaram a Colônia. Estava bem distante, à popa, agora — apenas chamas e fumaça sobre os telhados de Cantão.

— É uma loucura uma pilhagem assim. Jamais aconteceu antes. Por que eles fariam isso? Por quê? — perguntou Longstaff.

— Não sei.

— Logo que chegarmos a Hong Kong, iremos para o norte... desta vez para os portões de Pequim, por Deus. O imperador vai lamentar muito ter ordenado isso.

— Sim. Mas, primeiro, organize um ataque imediato contra Cantão.

— Mas é uma perda de tempo, não é?

— Ataque ainda esta semana. Você não terá tempo de comunicar o fato ao nosso país. Sitie Cantão, outra vez. Seis milhões de taéis de resgate.

— Por quê?

— Você precisa de um mês ou mais para aprontar a frota, a fim de atacar o norte. O tempo não está bom ainda. Terá de esperar até os reforços chegarem. Quando deverão estar aqui?

— Dentro de um mês, ou de seis semanas.

— Ótimo. — O rosto de Struan se endureceu. — Enquanto isso, a Co-hong terá de encontrar seis milhões de taéis. Isto lhes ensinará a não nos fazerem advertências, por Deus! Você terá de fincar a bandeira aqui, antes de ir para o norte, senão perderemos prestígio. Se eles queimam a Colônia e tudo fica por isso mesmo jamais teremos segurança, no futuro. Ordene ao *Nemesis* que permaneça ao largo da cidade. Um ultimato de doze horas, senão você deixará Cantão em ruínas.

Zergeyev gemeu, e Struan se aproximou dele. O russo ainda estava em estado de choque, quase inconsciente.

Então Struan notou o chinês convertido de Mauss observando-o. O homem estava em pé no convés superior, ao lado da amurada a estibordo. Ele fez o sinal-da-cruz sobre Struan e fechou os olhos, começando silenciosamente a rezar.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Struan pulou do escaler sobre o novo cais da companhia, na Cidade da Rainha, e correu sobre ele em direção ao grande prédio de três andares, quase pronto. Sua coxeadura estava mais pronunciada, sobre o céu branco de calor. O Leão e o Dragão drapejavam no alto do mastro.

Notou que muitos prédios e casas menores estavam prontos, por todo Vale Feliz, e começara a edificação da igreja, sobre o outeiro; o ancoradouro de Brock, do outro lado da baía, estava concluído e a feitoria adjacente quase pronta. Outros prédios e residências ainda se encontravam envoltos por altos andaimes de bambu. A Estrada da Rainha era pavimentada com pedras.

Mas havia muito poucos cules trabalhando, embora a tarde mal começasse. O dia estava quente e muito úmido. Um agradável vento leste principiava a tocar o vale, levemente.

Entrou no saguão principal do prédio com a camisa colada às costas. Um funcionário português suado ergueu os olhos, espantado.

— *Madre de Deus,* Sr. Struan! Bom-dia, senhor. Não o esperávamos.

— Onde está o Sr. Robb?

— Lá em cima, senhor, mas lá...

Mas Struan já subia a escada correndo. O corredor do primeiro andar levava para norte, leste e oeste, dentro das profundezas do edifício. Muitas janelas davam para o mar e outras para a terra. A frota estava silenciosamente ancorada, e sua *lorcha* fora a primeira a voltar de Cantão.

Virou-se para leste e passou pela sala de jantar ainda não finada, com o ruído de

seus passos provocando um efêmero eco na pedra não carpetada. Bateu numa porta e abriu-a.

A porta dava para uma espaçosa suíte. Estava apenas meio mobiliada — cadeiras, sofás, chão de pedra e pinturas de Quance na parede, belas tapeçarias, uma lareira vazia. Sarah estava sentada numa cadeira de encosto alto, junto a uma das janelas, com um leque de treliça de bambu na mão. Olhava para ele.

— Olá, Sarah.

— Olá, Dirk.

— Como vai Karen?

— Karen está morta.

Os olhos de Sarah eram azul-pálido e firmes, seu rosto estava corado e lustroso de suor. Seu cabelo tinha mechas brancas em torno das feições envelhecidas.

— Sinto muito, sinto muito — ele disse.

Sarah se abanava, distraidamente. A leve brisa causada pelo leque impeliu sobre seu rosto alguns fios de cabelo liso, mas ela não os afastou.

— Quando aconteceu? — ele perguntou.

— Há três dias. Talvez dois — ela disse, com a voz impassível. — Eu não sei.

O leque continuava a se movimentar, para adiante e para trás, como se tivesse mobilidade própria.

1.— E o menino?

2.— Ainda vivo. Lochlin ainda está vivo.

3.Struan limpou uma gotícula de suor do queixo, com os dedos.

— Somos os primeiros a voltar de Cantão. Incendiaram a Colônia. Recebemos a carta de Robb pouco antes de partirmos. Acabei de chegar.

— Eu vi seu escaler chegar à praia — ela disse.

— Onde está Robb? — ele perguntou. Ela fez sinal com o leque para uma porta e ele observou a magreza de seus pulsos estriados de veias azuis. Struan entrou no quarto de dormir. O aposento era amplo e a cama de armação, com dossel, havia sido feita com um desenho especial.

Robb jazia na cama, com os olhos fechados, o rosto cinzento e emaciado sobre o travesseiro manchado de suor.

— Robb? — chamou Struan. Mas seus olhos não se abriram, e ele tinha os lábios entreabertos. A alma de Struan se contorceu.

Tocou o rosto do irmão. Frio. A frieza da morte.

Um cão latiu próximo, e uma mosca adejou de encontro á vidraça. Struan virou-se e saiu do quarto, fechando silenciosamente .a porta. Sarah ainda estava sentada na cadeira de encosto alto. O leque se movimentava, lentamente. Para adiante e para trás. Para adiante e para trás. Ele a odiou, por não ter-lhe dito.

— Robb morreu há uma. hora — ela falou. — Há duas ou três horas, ou uma hora. Não me lembro. Antes de morrer, ele me deu um recado para você. Foi

hoje de manhã, eu acho. Talvez de noite. Acho que foi esta manhã. Robb falou: “Diga a Dirk que eu nunca quis ser Tai-Pan.”

— Farei os acertos necessários, Sarah. É melhor você e os meninos irem para bordo do *Resting Cloud.*

— Eu fechei os olhos dele. E fechei os olhos de Karen. Quem vai fechar seus olhos, Tai-Pan? E quem fechará os meus?

***

Ele tomou as providências e, depois, subiu a pequena elevação que conduzia à sua casa. Estava pensando no primeiro dia em que Robb chegara a Macau.

— Dirk! Todos os seus problemas acabaram, eu cheguei! — dissera Robb, com seu maravilhoso sorriso. — Vamos destruir a Companhia das índias Orientais e esmagar Brock. Seremos verdadeiros nobres e iniciaremos uma dinastia que governará a Ásia para sempre! Há uma moça com quem vou casar! Sarah McGlenn. Tem quinze anos agora e me foi prometida. Vamos nos casar dentro de dois anos.

Diga-me, meu Deus, perguntou Struan, o que fizemos de errado? Como aconteceu? Por que as pessoas mudam? Por que as brigas, a violência, o ódio e a dor nascem da doçura, juventude, ternura e amor? E por quê? Assim acontece sempre. Com Sarah. Com Ronalda. E será a mesma coisa com Culum e Tess. Por quê?

Ele estava no portão do muro alto que rodeava sua casa. Abriu-o e olhou para a

casa. Tudo estava silencioso: agourentamente silencioso. A palavra “malária” passou-lhe pela mente. Um vento leve mexeu com os altos bambus. O jardim estava bem plantado, agora: flores, arbustos, com abelhas em torno.

Subiu as escadas e abriu a porta. Mas não entrou logo. Ficou à escuta, no degrau de entrada. Não havia nenhuma risada de boas-vindas, e nem se ouvia a abafada ladainha da conversa dos criados. A casa parecia vazia.

Ele olhou para o barômetro — 29.8, bom tempo. Seguiu lentamente pelo corredor, o ar estranhamente carregado de incenso. Notou poeira onde não havia nenhuma, antes. O quarto das crianças se encontrava vazio. Nem camas e nem brinquedos.

Então, ele a viu através das janelas. Ela vinha do lado escondido do jardim, com flores cortadas na mão e uma sombrinha alaranjada a lhe proteger o rosto. Logo ele estava do lado de fora, e a apertava nos braços.

— Pelo sangue de Cristo, Tai-Pan, você esmagou minhas flores. — May-may depôs as flores e passou-lhe os braços pelo pescoço. — De onde você vem, hein? Tai-Pan, você está me apertando com força demais! Por favor. Por que está com uma cara tão estranha?

Ele a carregou e sentou-a num banco, ao sol. Ela ficou satisfeita em seus braços, feliz com a força dele e com o seu alívio ao vê-la. Sorriu para ele.

1.— Ah, sim. Você sentiu uma falta louca de mim, hein?

2.— Sim. Senti uma falta louca de você.

— Ótimo. Por que está infeliz? E por que, quando vejo você, você está sempre como quem viu um fantasma?

— Problemas, May-may. E pensei que tinha perdido você. Onde estão as crianças?

— Em Macau. Mandei-as para a casa de Chen Sheng, a fim de que a Irmã Mais Velha tomasse conta delas. Quando a febre começou, achei que isto seria aconselhável. Mandei-as com *Marrr-rry* Sinclair. Por que pensou que me tinha perdido, hein?

— Por nada. Quando as crianças partiram?

— Há uma semana. *Marrr-rry* ia tomar conta delas. Ela volta amanhã.

— Onde estão Ah Sam e Lim Din?

— Mandei os dois comprarem comida. Quando vimos sua *lorcha,* eu pensei, *ayeee yah,* a casa está terrivelmente suja e sem comidas, e então mandei que limpassem a casa depressa e fossem comprar comida, não se preocupe. — Ela atirou a cabeça para Irás. — Aqueles imprestáveis preguiçosos precisam de uma surra. Estou muito feliz por você ter voltado, Tai-Pan, ah, sim. O preço de tudo aumentou e não tenho dinheiro, então você precisa me dar mais, porque sustento todo clã de Lim Din e de Ah Sam. Ah, não me incomodo com a família deles, mas o clã inteiro? Mil vezes não, por Deus! Somos ricos, sim, mas não tão ricos assim, e precisamos guardar nossa riqueza, senão logo ficaremos sem tostão! — Ela franziu a testa, observando-o. — Que problemas?

— Robb morreu. E a pequena Karen.

Os olhos dela se arregalaram e sua felicidade acabou.

— Eu sabia a respeito da menina. Mas não do Irmão Robb Ouvi dizer que ele estava com febre... há três ou quatro dias. Mas não que tinha morrido. Quando aconteceu isso?

— Há algumas horas.

— É um terrível *pagode*. É melhor partirmos deste maldito vale.

— Não é maldito, garota. Mas, realmente, aqui existe a febre.

— Sim. E me perdoe por falar nisso outra vez, mas não esqueça que vivemos no globo ocular do dragão. — Seus olhos se reviraram para o alto e ela proferiu uma torrente de súplicas em cantonês e mandarim. Quando se acalmou outra vez, disse: -. Não se esqueça de que o nosso *feng-shui* aqui é horroroso e terrível.

Struan tinha de enfrentar o dilema que o sacudia há semanas. Se saísse do vale, todos sairiam; se ficasse, May-may poderia pegar a febre e morrer e ele jamais se arriscaria a isto. Se ele ficasse e ela fosse para Macau, morreriam outros, que poderiam ser poupados. Como salvar a todos da febre e, ao mesmo tempo, preservar a Cidade da Rainha e Hong Kong?

1.— Tai-Pan, ouvi dizer que você teve muitos problemas em Cantão.

2.Ele lhe contou o que acontecera.

3.— Que loucura. Por que a pilhagem, hein?

4.— Sim.

— Mas foi muito sábio não incendiarem a Colônia antes de terminada a temporada de comércio. Muito aconselhável. O que acontecerá agora? Vocês vão atacar Pequim?

— Primeiro, esmagaremos Cantão. Depois, Pequim.

2.— Por que Cantão, Tai-Pan? Foi o imperador, não foram eles. Apenas cumprem ordens.

3.— Sim. Mas deveriam ter-nos avisado de que havia problemas. Pagarão seis milhões de resgate, e depressa, senão ficarão sem a cidade, por Deus! Primeiro Cantão, depois o norte.

A testa de May-may se franziu mais. Sabia que deveria mandar um aviso ao seu avô, Jin-qua, a fim de preveni-lo. Porque a Co-hong deveria reunir toda a soma do resgate e, se Jin-qua não estivesse preparado, ficaria arruinado. Ela jamais mandara qualquer informação para seu avô, antes, e nunca usara seus conhecimentos clandestinamente. Mas, desta vez, sentiu que deveria. E o pensamento de que faria parte de uma intriga excitou-a muito. Afinal, disse a si própria, sem intrigas e sem segredos perde-se grande parte da alegria de viver. Fica imaginando por que aquela multidão saqueou, quando não havia necessidade de saquear. Que estupidez.— Prantearemos durante cem dias seu irmão? — ela perguntou.

— Não posso prantear tanto assim, garota — ele disse, exausto.

1.— Cem dias é o costume. Combinarei um funeral chinês com Gordon Chen. Cinqüenta pranteadores profissionais. Com tambores, matracas e bandeiras. Tio Robb terá um funeral lembrado durante anos. Não pouparemos gastos para isso. Então você ficará satisfeito, e os deuses ficarão satisfeitos.

2.— Não podemos fazer uma coisa dessas — disse ele, chocado. — Isto não é um funeral chinês. Não podemos contratar pranteadores profissionais!

— Então, como você honrará publicamente seu amado irmão, e lhe dará prestígio diante dos moradores de Hong Kong? Claro que deve haver pranteadores. Não somos a Casa Nobre? Podemos perder prestígio diante do

mais insignificante cule? Além de ser uma inexplicável falta de educação e mau *pagode*, você simplesmente não pode fazer uma coisa dessas!

— Não é nosso costume, May-may. Fazemos as coisas de maneira diferente.

3.— Claro — ela disse, alegremente. — É justamente isso que eu quero dizer, Tai-Pan. Você cuida de seu prestígio com os bárbaros, mas eu farei o mesmo com meu povo. Prantearei em particular durante cem dias, pois claro que não posso ir a público, no seu funeral ou no funeral chinês. Vou me vestir com roupas brancas, que é a cor do luto. Mandarei fazer uma placa, como de hábito, e nos prosternaremos sobre ela, todas as noites. Então, no final dos cem dias, queimaremos a placa, como de hábito, e a alma do Irmão Robb renascerá em segurança, como de hábito. É *pagode*, Tai-Pan. Os deuses precisam disso, pode ter certeza.

Mas ele não a escutava. Estava dando tratos à bola, em busca de uma solução — como combater a febre, como manter o vale e como proteger Hong Kong?

CAPÍTULO VINTE E OITO

Três dias depois, Robb foi enterrado, ao lado do túmulo de Karen. Wolfgang Mauss oficiou o serviço na igreja sem teto, sob um céu sem nuvens.Todos os *tai-pans* estavam presentes, exceto Wilf Tillman, que ainda se encontrava no pontão da Cooper-Tillman,

mais morto do que vivo, com a febre do Vale Feliz. Longstaff não foi ao serviço

fúnebre.

Ele, o general e o almirante já haviam navegado para Cantão — com a frota, os navios para transporte de tropas e todos os soldados aptos. A disenteria dizimara suas fileiras. O

H.M.S *Nemesis* fora mandado antes.

Sarah estava sentada no primeiro banco de igreja falquejado Vestia-se de negro e seu véu era negro. Shevaun também estava de negro. Assim como Mary e Liza, Tess e as outras. Os homens também vestiam roupas escuras e suavam profusamente.

Struan levantou-se para ler o sermão e Shevaun fitou-o, intencionalmente. Ela lhe dera os pêsames na véspera, e sabia que nada mais havia a ser feito, agora. Dentro de uma ou duas semanas, tudo estaria bem outra vez. Agora que Robb morrera, ela teria de rever seus planos. Planejara casar-se com Struan rapidamente, e depois levá-lo embora: primeiro a Washington, para encontrar pessoas de grande importância, e depois a Londres, ao Parlamento — mas com a força somada a laços próximos com os americanos. Mais tarde, de volta a Washington, embaixador. Mas, agora, o plano seria retardado, porque ela sabia que ele não poderia partir, até Culum estar pronto para assumir.

Simultaneamente ao silencioso e sombrio funeral em que todos se vestiam de negro, no Vale Feliz, e do cortejo ao longo da Estrada da Rainha até o cemitério, uma ensurdecedora procissão fúnebre chinesa, todos com roupas brancas, percorria as ruelas do Tai Ping Shan, gritando aos deuses sobre a grande perda da Casa Nobre, berrando, gemendo, lamentando-se, com seus integrantes a rasgarem as próprias roupas e batucarem tambores.

E os moradores do Tai Ping Shan ficaram muito impressionados com as maneiras do Tai-Pan e a generosidade de sua casa. A estrutura de Gordon Chen aumentou, com o prestígio ganho por seu pai, pois nenhum dos habitantes do morro teria adivinhado que o Tai-Pan honraria assim os seus deuses e os seus

costumes. Não que Gordon Chen precisasse de um aumento de prestígio. Já não era o maior proprietário de terras de Hong Kong, e os tentáculos de seu negócio não se estendiam em todas as direções? Já não possuía a maior parte dos prédios? E não explorava o negócio das liteiras? E três lavanderias? E catorze sampanas de pesca? Duas farmácias? Seis restaurantes? Dezenove bancas de engraxates? E lojas de roupas e sapatarias e oficinas para a fabricação de facas? E não possuía cinqüenta e um por cento da primeira fábrica de jóias com peritos entalhadores de Kwangtung, tanto trabalhando em metal como em madeira?Tudo isso além de seu grande negócio de agiotagem. *Ayeee yah, e que* agiota! Era quase inacreditável, mas ele era tão rico a ponto de emprestar dinheiro a um e meio por cento menos do que o habitual, tendo assim monopolizado o negócio. E se dizia que era sócio do próprio Tai-Pan e, com a morte de seu tio bárbaro, novas imensas riquezas iriam para suas mãos.

Entre os Tríades, Gordon Chen não precisava de nada para melhorar sua posição. Sabiam quem ele era e o obedeciam sem questionar. Mesmo assim, os Tríades que estavam na indústria da construção, no negócio da estiva, da limpeza e no recolhimento noturno de esterco humano, bem como nos negócios da pesca, cozinha e venda ambulante, lavanderias, criadagem e cules – eles também precisavam tomar dinheiro emprestado, de vez em quando, e necessitavam de casas onde morar; conseqüentemente, também ficaram cheios de dor com o fato do tio bárbaro de seu líder ter morrido e, com boa vontade, pagaram uma semana extra de impostos. Sabiam que era aconselhável ficar do lado do Tai-Pan do Tai Ping Shan; sabiam que parte do dinheiro era para pagar oferendas aos deuses — porquinhos de leite, pastéis, carne doce, carne cozida em inúmeras variedades, sampanas cheias de lagostas, camarões grandes, peixe e caranguejos, além de pães e montanhas de arroz; sabiam que, logo após os deuses terem benignamente olhado tal magnificência, as ofertas seriam distribuídas e eles próprios se banqueteariam, para satisfação até mesmo dos mais famintos.

Então, todas as pessoas gemiam alto, com os pranteadores, gozando muitíssimo o drama da morte, abençoando seu *pagode* por estarem vivos para prantear, para comer, para fazer amor, para ganhar dinheiro, para se tornar, talvez — com *pagode* — igualmente ricos e assim terem um prestígio tão colossal na morte, perante os seus vizinhos.

Gordon Chen acompanhou o cortejo. Estava muito solene e rasgou as roupas — mas com grande dignidade — e lamentou bem alto, perante os deuses, a grande perda que sofrera. O Rei dos Mendigos o acompanhou e, assim, ambos ganharam prestígio. E os deuses sorriram.

***

Quando o túmulo estava cheio com a seca terra estéril, Struan acompanhou Sarah ao escaler.

— Irei a bordo esta noite — disse.

Sem responder, Sarah sentou-se à popa do bote e virou as costas à ilha.

Quando o cúter ganhava distância, Struan dirigiu-se para o Vale Feliz.

Mendigos e cules com liteiras infestavam a rodovia. Mas não incomodaram o Tai-Pan; ele continuara a pagar o imposto mensal ao Rei dos Mendigos. Struan viu Culum sentado ao lado de Tess, no meio de todo o clã de Brock. Ele se aproximou do grupo e tirou o chapéu, cortesmente, para as senhoras. Olhou para Culum.

— Quer me acompanhar, Culum?

— Decerto — disse Culum.

Ele não falara com o pai desde a volta dos dois — inclusive a respeito de coisas

importantes, como a maneira pela qual a morte de tio Robb afetaria seus planos, ou quando o noivado seria oficializado. Não era mais segredo que ele pedira, formalmente, a mão de Tess, em Whampoa, após a retirada de Cantão, e fora mal-humoradamente aceito. Também não era segredo que, por causa da repentina tragédia, os planos para o anúncio do compromisso haviam sido adiados.

Struan tirou o chapéu outra vez e se afastou, com Culum a seu lado.

Caminharam silenciosamente pela estrada. Outros que os haviam visto com os Brocks abanaram a cabeça, pasmados, mais uma vez, por Brock ter concordado com um casamento que, seguramente, era uma manobra do Tai-Pan.

— Bom-dia, Mary — disse Struan, quando Mary Sinclair se aproximou, tendo ao lado Glessing e Horatio. Parecia exausta e adoentada.

— Bom-dia, Tai Pan. Será que eu poderia fazer-lhe uma rápida visita, esta tarde? — ela perguntou. — Poderia dar-me alguns minutos de seu tempo?

— Sim, naturalmente. Por volta do entardecer? Em minha casa?

— Obrigada. Não posso dizer-lhe quanto senti... senti a perda que sofreu.

— Sim — disse Glessing. — Foi uma terrível falta de sorte. De algumas semanas para cá, ele fora ficando cada vez mais impressionado com Struan. Diabo, uma pessoa que pertencera à Marinha Real, que carregara pólvora em Trafalgar, merecia o maior respeito, por Deus! Quando Culum lhe contara, ele imediatamente indagou: “Em que navio?” E ficou espantado quando Culum disse: “Não sei, não perguntei.” Imaginou se o Tai-Pan não servira com seu pai. A pergunta lhe veio à ponta da língua, mas ele não podia fazê-la, porque Culum lhe contara o fato em particular.

— Sinto muitíssimo, Tai-Pan.

— Obrigado. Como vão as coisas com você?

— Muito bem, obrigado. Há um trabalhão dos diabos para fazer, isto é verdade.

— Talvez fosse uma boa idéia colocar âncoras de tempestade para água profunda, nas naus capitanias. Glessing ficou de repente atento.

— Você pressente uma tempestade?

— Não. Mas é temporada de tufões. Algumas vezes chegam cedo, outras vezes tarde.

— Obrigado pela sugestão. Vou mandar começar a fazer isso, esta tarde.

Muito bem pensado, disse Glessing a si mesmo. O homem suporta bem tanta tragédia. E ele é tão esperto quanto o melhor dos marinheiros que já navegou pelos mares afora. Mary pensa maravilhas a respeito dele, e a opinião dela é valiosa, por Júpiter! E, por causa dele, a frota atacará Cantão, por Deus! Poucos dias após aqueles demônios ousarem incendiar a Colônia. Maldito seja o almirante! Por que aquele patife não me manda de volta para meu navio? Fico imaginando se eu ousaria pedir ao Tai-Pan que interferisse a meu favor.

— Vai unir-se à frota?

— Não sei. — Struan olhou para Horatio. — Quando você voltou, rapaz?

— A noite passada, Tai-Pan. Sua Excelência me mandou de volta, a fim de representá-lo no funeral. Tenho a honra de lhe dar os meus pêsames. Voltarei com a maré.

— Foi gentil da parte dele, e é uma gentileza sua. Cumprimente-o em meu

nome.

— Ele estava muito ansioso para descobrir como está Sua Alteza.

— Passa razoavelmente. Encontra-se a bordo do *China Cloud*. Por que não lhe faz uma visita? Acho que tem o quadril lesado, mas não se pode afirmar isto, por enquanto. Verei você mais tarde, Mary.

Ele tirou o chapéu outra vez, e partiu com Culum. Struan ficou pensando em Mary. Suponho que ela quer falar-me a respeito das crianças. Espero que não haja nada errado. O que há com Horatio e Glessing? Parecem tensos e agitados.

***

— Posso visitá-la no hotel, Srta. Sinclair? — Glessing dizia. — Talvez queiram ambos almoçar comigo no cais.

— Gostaria de fazer isso, querido George — disse Mary — Mas Horatio não poderá nos acompanhar. — Antes de Horatio poder dizer qualquer coisa, acrescentou, tranqüilamente: — Meu querido irmão me disse que você lhe pediu formalmente minha mão em casamento.

Glessing ficou espantado.

— Ah, sim, é verdade. Espero... bom, sim.

— Eu gostaria de lhe dizer que aceito.

— Por Júpiter! — Glessing pegou-lhe a mão e a beijou. — Juro por Deus, Mary, por Lord Harry, por Júpiter! Juro... — Ele se virou para agradecer a Horatio. Sua alegria desapareceu — Pela morte de Cristo, o que há?

Os olhos de Horatio estavam malevolamente fixos em Mary Ele forçou um sorriso amarelo, mas não afastou os olhos da irmã

— Nada.

— Você não aprova? — a voz de Glessing estava tensa.

— Ah, sim, ele aprova, não é, querido irmão? — Mary interveio.

— É que... você é muito... muito jovem e...

— Mas aprova, não? E nos casaremos três dias antes do Natal. Será que isso lhe convém, George? Glessing ficou gelado, com a evidente animosidade entre irmão e irmã.

— Não é satisfatório, Horatio?

— Tenho certeza de que o Tai-Pan apreciará sua aprovação, Horatio.

Mary ficou satisfeita, por ter decidido casar com George. Agora, ela teria de se livrar do bebê. Se May-may não pudesse ajudar, precisaria pedir ao Tai-Pan o favor que ele lhe devia.

— Aceito, George — ela disse, num desafio, escondendo seu medo.

— Malditos sejam ambos! — Horatio se afastou.

— Em nome de Deus, o que há com ele? Isto significa que ele aprova? Ou não? — George perguntou, irado.

— Ele aprova, querido George. Não se preocupe. E, por favor, perdoe-me por ser tão brusca, mas eu queria que isto fosse dito agora.

— Não, Mary. Sinto muito. Não tinha idéia de que seu irmão fosse tão contrário. Se eu tivesse pensado, por um momento... bom, não teria sido tão precipitado.

Sua alegria por ser aceito foi sufocada pela dor que viu no rosto de Mary. E por sua fúria, sempre presente, de não se encontrar com a frota. Maldito almirante! Maldito seja este cargo em terra e maldito seja Sinclair. Como diabo posso um dia ter gostado daquele filho da mãe! Como ousou ele ser tão rude?

— Estou tão satisfeita por você se encontrar aqui, George — ele a ouviu dizer.Viu-a enxugar algumas lágrimas e sua felicidade voltou. Sem cargo em terra, não poderia jamais passar tanto tempo com Mary — Abençoou sua sorte. Ela o aceitara, e isto era tudo que importava. Deu-lhe o braço.

— Não chore mais — disse. — Este é o dia mais feliz de minha vida, vamos almoçar e comemorar. Jantaremos juntos esta noite... e almoçaremos e jantaremos juntos sempre, de agora em diante. Faremos a comunicação no próximo mês. De agora em diante, eu cuidarei de você. Se alguém a perturbar, terá de me dar satisfações, por Deus!

***

Struan e Culum bebiam conhaque no escritório situado na feitoria. A sala era grande, com chão de pedra. Havia nela uma escrivaninha lustrosa de teca e lanternas de navio, um barômetro num balanceiro, perto da porta de teca. Pinturas de Quance nas paredes, cadeiras e sofá de couro bem encerados, com um cheiro bom.

À janela, Struan observava o porto. A calma extensão parecia vazia, sem a frota e os navios para transporte de soldados. Dos clíperes, só permaneciam o *China Cloud* e o *White Witch.* Havia poucos navios mercantes que ainda não tinham encontrado carga completa para a Inglaterra, e vários navios em viagem de volta, recém-chegados com mercadorias encomendadas no ano passado.

Culum examinava a pintura sobre o consolo da lareira. Era o retrato de uma barqueira chinesa, usando casaco; sua beleza surpreendia. Carregava uma cesta sob o braço, e sorria.

Culum ficou imaginando se o boato era verdadeiro — aquela era a amante de seu pai, que vivia em sua casa, a algumas centenas de metros de distância.

— Não posso ir embora agora, como planejamos. Decidi ficar — disse Struan, sem

se virar da janela. Culum sentiu uma pontada de desapontamento.

— Eu poderia administrar as coisas. Tenho certeza de que poderia.

— Sim. No devido tempo.

Culum ficou maravilhado, outra vez, com a sabedoria de seu amigo Gorth. A noite passada, no tombadilho do *White Witch,* Gorth dissera:

— Tome nota, meu amigo. Ele jamais partirá, agora. Aposto o que você quiser,

mas ele chamará você e lhe dirá que não vai embora. É terrível dizer uma coisa dessas, mas vamos ter de esperar pelo legado dos mortos.

— Mas eu não poderia resolver tudo sozinho. Como Tai-Pan, sozinho.

— Claro que poderia. Ora, se precisar de ajuda, eu o ajudarei em tudo. E papai também. Afinal de contas, Culum, você agora faz parte da família. Claro que resolveria tudo, por Deus! •Mas, se você disser isso, o Tai-Pan responderá: "Claro que pode, Culum. *No devido tempo."*

— Acha, realmente, que eu poderia?

— Não tenho a menor sombra de dúvida. Qual é a dificuldade, hein? Você compra e vende, e seu *compradore* assume a maior parte do risco. Navios são navios, chá é chá e ópio é ópio. Um Tai-Pan toma decisões, apenas isso. É, principalmente, uma questão de bom senso. Ora, veja o que você fez com o outeiro! Decidiu de uma maneira muito inteligente. *Você* decidiu, não foi outra pessoa. E forçou-o a conversar com papai a respeito de Tess, e papai forçou-o a dar a você e a Tess uma oportunidade.

— Talvez eu pudesse dirigir a casa, se tudo estivesse tranqüilo. Mas não com Longstaff, com uma guerra e com Jin-qua.

— Eles não têm importância. E a guerra está fora de nosso controle, por mais que seu pai goste de fingir outra coisa. Quanto àquela velha raposa, Jin-qua, eu posso ajudar você a manter o macaco no seu galho. Não, Culum, temos de esperar até eles morrerem e isto é terrível, quando se é jovem, com novas idéias e tudo mais. Se nos dessem as rédeas agora, o que haveria de tão errado nisso? Nossos pais protegeriam nossa retaguarda, lá da Inglaterra e nós pediríamos ajuda, em qualquer necessidade. Não seria como se nós os expulsássemos. A casa seria deles, claro. Mas, jamais iriam acreditar nisso. Têm cocô nos miolos. Precisam conservar tudo para si mesmos, só assim serão felizes. Ele vai acalmar você, dizendo: "Você vai precisar de experiência, dois ou três anos". Mas isto significa para sempre...

Culum olhou para as costas do pai.

— Eu poderia assumir, Tai-Pan. Struan virou-se para ele.

— E Longstaff? E Jin-qua, e a guerra?

— A guerra não depende de você, não é?

— Não. Mas, sem orientação, Longstaff nos teria destruído, já há uns dois anos.

— Se você partisse, bom... não estaria lavando as mãos com relação à casa, não é? Se acontecesse alguma coisa que eu não pudesse resolver, pediria imediatamente ajuda.

— Quando eu partir, rapaz, você terá de resolver tudo. A correspondência leva seis meses para ir à Inglaterra e voltar. Coisas demais poderiam ocorrer neste espaço de tempo. Você precisa de experiência. Não está preparado ainda.

— E, quando estarei?

— Depende de você.

— Você prometeu que eu seria Tai-Pan um ano depois... bom, um ano depois do tio Robb.

— Sim. Se estivesse preparado. Mas não está preparado para eu partir, como foi planejado. Brock e Gorth engoliriam você. Sim, disse Culum a si mesmo, Gorth tem razão, outra vez. Só esperando pela morte.

— Muito bem. O que posso fazer, para provar que sou capaz? .

— Nada mais do que está fazendo, rapaz. Você precisa de mais experiência. Dois anos, três... eu lhe direi, quando tiver certeza. Culum sabia que nada ganharia discutindo, naquela ocasião.

— Quer que eu assuma os departamentos do tio Robb?

— Sim. Mas, no momento, não encomende nada, na venda, e tampouco demita alguém sem a minha aprovação. Eu lhe darei uma carta específica, com instruções. Ajude Vargas a avaliar nossas perdas na Colônia e a pôr em ordem os livros.

— Quando acha que seria bom anunciar o noivado?

— Já discutiu o assunto com Brock?

— Só quando o encontrei em Whampoa. Ele sugeriu a noite do Festival de Verão.

Struan, repentinamente, lembrou-se de Scragger e do que dissera a respeito de Wu Kwok: que Wu Kwok cairia facilmente numa emboscada em Quemoy, no noite do Festival de Verão. Sabia que agora não tinha outra alternativa senão acreditar que Scragger falara a verdade, e ir atrás de Wu Kwok. A morte de Wu Kwok significaria um risco a menos para Culum se preocupar. E as outras três metades de moedas? Que favores maquiavélicos iriam pedir-lhe? E quando? Olhou para o calendário sobre sua escrivaninha. Aquele dia era 15 de junho. A noite do Festival de Verão seria dali a nove dias.

— Deixe para a noite do Festival. Mas, reunindo apenas um pequeno grupo. Só a família. — Acrescentou, com sutil ironia.

— Pensamos a respeito do presente de casamento que queremos que nos dê. Foi idéia de Tess. — Entregou uma folha de papel a Struan.

— Só um contrato solene de esquecer o passado e iniciar uma amizade. Para ser assinado pelos Brocks e pelos Struans.

— Já fiz a única barganha que farei com aqueles dois — disse Struan, devolvendo o papel, sem lê-lo.

— Gorth quer assinar, e ele disse que seu pai também.

— Aposto que Gorth quer mesmo, por Deus! Mas Tyler não assinará um papel desses.

— Se ele assinar, você assina?

— Não.

— Por favor.

— Não.

— Nossos filhos pertencerão a vocês dois e...

— Considerei os filhos com cuidado, Culum — interrompeu Struan. — E uma porção de outras coisas. Duvido muito que seus filhos vão ter um tio e um avô por parte de mãe, quando estiverem suficientemente crescidos para entender o que são essas coisas.

Culum caminhou irritado para a porta.

— Espere, Culum!

— Quer fazer o favor de nos dar o presente que pedimos, que imploramos?

— Não posso. Eles jamais honrarão um compromisso assim. Gorth e Brock querem tirar seu couro e... Culum bateu a porta na cara dele.

Struan bebeu outro conhaque e, depois, atirou o copo na lareira.

***

Aquela noite, Struan ficou acordado na cama de dossel, ao lado de May-may. As janelas estavam abertas para a lua e a brisa que trazia um cheiro estimulante de sal. Do lado de fora da grande rede que envolvia a cama, uns poucos mosquitos tentavam, incansavelmente, encontrar caminho para a comida do lado de dentro. Ao contrário da maioria dos europeus, Struan sempre usara um mosquiteiro. Jin-qua advertira-o de que era bom para a saúde, há muitos anos.

Struan estava pensando a respeito dos gases noturnos da malária, com medo de que ele e May-may os estivessem respirando, agora.

E ele estava preocupado com Sarah. Quando a vira, há algumas horas, ela lhe dissera que estava decidida a partir no primeiro navio.

— Você ainda não está bastante forte — comentara. — Nem Lochlin.

— Mesmo assim, vamos partir. Você acertará tudo, ou terei de fazer isto eu mesma? Tem uma cópia do testamento de Robb?

— Sim.

— Acabei de lê-la. Por que você deveria ficar como curador de suas ações na companhia, e não eu?

— Não é tarefa para uma mulher, Sarah! Mas você não precisa se preocupar. Receberá cada tostão.

— Meus advogados vão tratar disso, Tai-Pan.

Ele controlara sua raiva com esforço.

— A temporada é de tufões. Uma má ocasião para viajar para a Inglaterra. Espere até o outono. Estarão ambos mais fortes então.

— Partiremos imediatamente.

— Faça como quiser.

Ele fora ver Zergeyev. O ferimento do russo estava inflamado, mas não dera gangrena. Então, havia esperança. Em seguida, voltara a seu escritório e escrevera um despacho para Longstaff, informando-lhe ter ouvido dizer que o pirata Wu Kwok estaria em Quemoy, na noite do Festival de Verão, e que fragatas deveriam esperá-lo. Ele conhecia aquelas águas muito bem, e ficaria satisfeito de liderar a expedição, se o almirante assim o desejasse. Enviara o despacho a Horatio. E, pouco antes de partir para casa, os médicos do Exército foram vê-lo. Disseram-lhe que não, havia mais dúvidas. A febre do Vale Feliz era malária...

***

Ele se contorcia espasmodicamente na cama.

— Gosta de jogar gamão? — perguntou May-may, tão cansada e inquieta quanto ele.

— Não, obrigado, garota. Você também não consegue dormir?

— Não. Não se incomode — respondeu.

Estava preocupada com o Tai-Pan. Ele estava estranho, aquele dia. E ela se preocupava com Mary Sinclair. Aquela tarde, Mary chegara cedo, antes de Struan voltar. Mary contara-lhe a respeito do bebê e de sua vida secreta em Macau. Até mesmo sobre Horatio. E Glessing.

— Sinto muito — Mary dissera, em prantos. Ambas falavam mandarim, que preferiam ao cantonês. — Eu tinha de contar a alguém. Não há ninguém a quem eu possa pedir ajuda. Ninguém.

— Acalme-se, *Marrr-rry,* minha querida — dissera May-may. — Não chore. Primeiro, vamos tomar um pouco de chá e, depois, decidiremos o que fazer.

Então tomaram chá e May-may ficou espantada com os bárbaros e a maneira como encaravam a vida e o sexo.

— Que ajuda você precisa?

— Ajuda para... para me livrar da criança. Meu Deus, já está começando a aparecer.

— Mas, por que você não me pediu isso há semanas?

— Não tive coragem. Se eu não tivesse forçado a decisão, perante Horatio, ainda não teria coragem. Mas agora... o que posso fazer?

— Há quanto tempo está em seu útero?

— Quase três meses, menos uma semana.

— Não é bom, *Marrr-rry.* Pode ser muito perigoso, depois de dois meses. — May-may considerara as possíveis soluções para o problema de Mary e os perigos que acarretavam. — Vou mandar Ah Sam ao Tai Ping Shan. Ouvi dizer que existe ali um herbanário que poderá ajudá-la. Mas, entende que talvez seja muito perigoso?

— Sim. Se puder me ajudar, eu farei tudo. Tudo.

— Você é minha amiga. Os amigos devem ajudar um ao outro. Mas você não deve nunca, nunca contar a ninguém.

— Prometo, juro por Deus.

— Quando eu tiver as ervas, mandarei Ah Sam procurar sua criada, Ah Tat. Pode confiar nela?

— Sim.

— Quando é seu aniversário, *Marrr-rry*?

— Por quê?

— O astrólogo terá de descobrir um dia auspicioso para tomar o remédio, claro. Mary dissera-lhe o dia e a hora.

— Onde você tomará o remédio? Não pode fazer isso no hotel... e nem aqui. Poderá demorar dias para você se recuperar.

— Em Macau. Irei para Macau. Para minha... casa particular. Será seguro lá. Sim, estarei segura lá.

— Esses remédios nem sempre funcionam, minha querida. E não são fáceis.

— Não tenho medo. Vai dar certo. Tem de dar certo — dissera Mary.

***

May-may revirava-se na cama.

— O que há de errado? — perguntou Struan.

— Nada, é só o bebê se mexendo.

Struan pôs a mão sobre a pequena redondeza em sua barriga.

— É melhor procurarmos um médico, para tomar conta de você.

— Não, obrigada, Tai-Pan, não se incomode. Nenhum desses demônios bárbaros, obrigada. Com relação a isso eu serei, como sempre, chinesa.

May-may ficou deitada de costas, aprazivelmente, satisfeita com seu bebê, triste por causa de Mary.

— *Marrr-rry* não parecia bem, não é? — disse, numa sondagem.

— Não. E aquela moça tem alguma coisa na cabeça. Ela lhe disse o que era? May-may não queria mentir, mas estava hesitante em contar a Struan algo que poderia, realmente, não ter nada a ver com ele. — Acho que ela está preocupada com o irmão.

— O que há com ele?

— Ela disse que quer casar com Glessing.

— Ah, sim. — Struan sabia que Mary viera, principalmente, ver May-may e não a ele. Mal lhe falara, a não ser para lhe agradecer por ter levado as crianças para Macau. — Suponho que Horatio não aprova, e então ela quer que eu converse com ele? Foi isso que veio falar?

— Não. O irmão aprova — disse May-may.

— É surpreendente.

— Por quê? Esse Glessing é um homem ruim?

— Não, garota. É só porque Mary e Horatio vivem muito unidos, há vários anos. Ele vai achar a vida muito solitária sem ela, aqui. — Struan ficou imaginando o que diria May-may, se soubesse da casa secreta de Mary em Macau. — Ela, provavelmente, está triste porque se preocupa com ele.

May-may nada disse e abanou a cabeça, tristemente, por causa dos problemas do homem e da mulher.

— Como vão os jovens namorados? — perguntou, tentando descobrir o que realmente o incomodava.

— Muito bem. — Nunca lhe contara o que ele e Brock tinham dito um ao outro.

— Decidiu o que fazer a respeito da febre diabólica?

— Ainda não. Acho que você deveria voltar para Macau.

— Sim, por favor, Tai-Pan. Mas não antes de você decidir a respeito de Hong Kong.

— Aqui é perigoso. Não quero que lhe aconteça nada.

— *Pagode* — ela disse, com um encolher de ombros. — Claro mie nosso *feng-shui* é muito ruim. — Pôs a mão sobre o peito dele e o acariciou, depois beijou-o suavemente.

— Uma vez você disse que havia três coisas que precisava fazer, antes de decidir a respeito de uma Tai-tai. Duas, eu sei. Qual era a terceira?

— Passar a Casa Nobre para mãos seguras — ele disse. Depois, contou-lhe o que Brock dissera, e sua discussão com Culum, naquele dia.

Ela ficou silenciosa, por um longo tempo, pensando com cuidado a respeito do problema que representava a terceira coisa. E, como a solução era tão fácil, escondeu-a profundamente no coração e falou, inocentemente:

— Eu disse que ajudaria você, com relação às duas primeiras, e pensaria a respeito da terceira. Esta terceira é demais para mim, não posso ajudar, como gostaria.

— Sim — disse Struan. — Não sei o que fazer. Pelo menos — ele acrescentou — só há uma solução.

— A solução do assassinato não é aconselhável — ela disse, com firmeza. — Perigosamente desaconselhável. Os Brocks vão esperar por isso. Todos. E você se arrisca a uma vingança de sua lei terrível, que pede estupidamente olho por olho, mesmo que alguém tenha olhos de louco. Para que serviria o dinheiro? Você não deve fazer isso, Tai-Pan. E lhe aconselho, aliás, a dar a seu filho e à

nova filha o presente que eles desejam.

— Não posso fazer isso, por Deus! É como se eu próprio estivesse cortando a garganta de Culum.

— Ainda assim, é o meu conselho. E aconselho, além disso, um casamento o mais rápido possível.

— Isso está fora de questão — ele explodiu. — É de muito mau gosto, um insulto à memória de Robb, e ridículo.

— Concordo plenamente, Tai-Pan — disse May-may. — Mas segundo me lembro, de acordo com o costume bárbaro... que, desta vez, é igual ao sábio costume chinês, a moça vai para a casa do marido. Não é o contrário, hein? Então, quanto mais rápido a garota Brock se libertar do domínio de Gorth, logo os Brocks perderão o controle sobre seu filho.

— O quê?

— Claro! Por que o seu filho está assim louco? Ele precisa ir para a cama com ela o mais rápido possível. — A voz dela se elevou, quando Struan se sentou na cama. — Agora, não me dê argumentos, por Deus, mas escute e, depois, eu escutarei atentamente. É isso que o deixa completamente louco... o pobre rapaz está com frio e cansado, não tem ninguém com quem ir para a cama, à noite. É um fato. Por que não diz abertamente, hein? Eu digo abertamente. Ele está ardendo, freneticamente. Então escuta, babando-se, toda a conversa maluca de Gorth. Eu se fosse ele, faria a mesma coisa, porque irmão tem poder sobre irmã! Mas deixe seu filho Culum possuir a moça, e então será que vai passar hora após maldita hora escutando o irmão Gorth? Por Deus, não! Vai passar cada minuto na cama, trepando, se cansando, fazendo bebês, e detestará interrupções suas, de Brock ou de Gorth. — Ela o olhou, com doçura. — Não é?

— Sim — disse ele. — Eu a amo porque você é esperta.

— Você me ama porque eu ponho você maluco, mas eu sei fazer você dormir, eu ponho você para dormir, até você estourar. — Riu, muito satisfeita consigo mesma. — Em seguida: faça com que eles comecem a construir sua casa. Amanhã. Desvie os pensamentos deles para isso, afastando-os do *fan-quai* Gorth. Ela *è* jovem, hein? Então, pensar em sua própria casa será uma ocupação fantástica para sua mente. Isso irritará os Brocks e eles começarão a decidir que tipo de casa, etc, o que a aborrecerá, e a trará para mais perto de você, que lhe dá sua casa. Gorth vai se opor completamente a um casamento rápido, fazendo, assim, Culum voltar-se contra ele, porque perderá, como vocês dizem?... seu *tronfo.*

— Trunfo. — Ele a abraçou, encantado. — Você é fantástica! Eu deveria ter pensado nisso. Há outra venda de terras, na próxima semana. Vou comprar para você um lote marinho. Porque é sábia.

— Ora! — ela disse, zangada. — Acha que eu protejo meu homem em troca da suja terra de Hong Kong? Um único e miserável lote suburbano? Por taéis de prata? Por jades? O que você acha que é esta valiosíssima Tchung May-may, hein? Uma puta qualquer?

Ela tagarelou sem parar mas, com hesitação, acabou permitindo-lhe presenteá-la, orgulhosa por ele entender o valor da terra para uma pessoa civilizada, e grata por ele lhe dar tal prestígio, fingindo que não sabia como ela estava satisfeita.

O quarto se achava silencioso, agora, a não ser pelo zunir dos mosquitos.

May-may aninhou-se contra Struan e desviou seus pensamentos para uma solução da terceira coisa. Decidiu pensar a respeito em mandarim, e não em inglês, porque não sabia palavras suficientes para os matizes certos de significado. Como *nuance,* pensou ela. Como se iria dizer isso em bárbaro? Ou *finesse?* A solução para a terceira coisa requeria uma verdadeira *nuance* chinesa e perfeita *finesse.*

A solução é tão deliciosamente simples, ela disse a si própria, alegremente. Assassinar Gorth. Mandar assassiná-lo de uma maneira que ninguém suspeite que os assassinos não passam de assaltantes ou piratas. Se assim for feito, clandestinamente, um perigo para o meu Tai-Pan será afastado; Culum ficará protegido de um óbvio risco futuro; e o pai Brock nada poderá fazer, porque ainda está preso pela espantosa e inacreditável determinação que os bárbaros atribuem a um tal juramento “sagrado”. Tão simples. Mas cheio de perigo. Preciso ser muito cuidadosa. Se meu Tai-Pan chegar a descobrir, ele me levará perante um dos juizes bárbaros — aquele revoltante Mauss, provavelmente! Meu Tai-Pan me acusaria — até a mim, sua adorada concubina. E eu seria enforcada. Que ridículo!

Depois desse tempo todo, e com todos os meus estudos — aprendendo a língua deles, e tentando continuamente compreendê-los — certas atitudes dos bárbaros ainda estão absolutamente além do meu alcance. Como é ridículo ter a mesma lei para todos — ricos e pobres. De que adianta trabalhar e suar, para se tornar rico e poderoso?

Qual será a melhor maneira?, perguntou a si mesma. Sei muito pouco a respeito de assassinatos. Como fazer isso? Onde? Quando?

May-may ficou acordada a noite inteira. Ao amanhecer, decidiu a respeito do melhor procedimento. Então, dormiu suavemente.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Quando chegou o Festival de Verão, o Vale Feliz estava em completo desespero. A malária continuara a se disseminar, mas não havia nenhum padrão estabelecido para a epidemia. Nem todos na mesma casa eram contaminados. Nem todas as casas na mesma área era atingidas.

Os cules não iam para o Vale Feliz até o sol estar alto e voltavam ao Tai Ping Shan antes do anoitecer. Struan, Brock e todos os negociantes estavam quase loucos. Não havia nada que pudessem fazer — a não ser se mudar, e mudar-se representava uma calamidade. Ficar poderia significar um desastre pior. E, embora houvesse muitos que insistiam não ser possível responsabilizar pela malária ao solo envenenado e ao ar noturno poluído, só aqueles que dormiam no vale eram afetados. Os tementes a Deus acreditavam, como Culum, que a febre era a vontade divina, e redobraram suas súplicas ao Todo-Poderoso para protegê-los; os ateus davam de ombros, embora igualmente assustados, e diziam: *Pagode.* A fuga das famílias de volta para os navios tornava-se cada vez mais numerosa, e a Cidade da Rainha se transformou numa cidade-fantasma.

***

Mas este desespero não atingiu Longstaff. Ele voltara de Cantão na véspera, à noite, na nau capitania, embriagado com o sucesso, e vivia a bordo do navio, sem a menor intenção de residir no Vale Feliz, assim sabendo que se encontrava fora do alcance dos venenosos gases noturnos.

Conquistara tudo que estava decidido a conquistar — e ainda mais.

No dia seguinte ao início da investida a Cantão, os seis milhões de taéis de resgate que pedira foram plenamente pagos, e cancelara o ataque. Mas determinara imediatos preparativos para uma guerra ao norte, em escala completa. E, desta vez, não haveria interrupção — até o tratado ser ratificado. Dentro de poucas semanas, chegariam os prometidos reforços da índia. E então a armada navegaria para o norte, mais uma vez, para o Pei Ho — para Pequim — e o Oriente se abriria, de maneira definitiva.

— Sim, com toda certeza — Longstaff deu uma risadinha. Estava sozinho em seus aposentos no H.M.S. *Vengeance,* admirando a si próprio no espelho. — Você é realmente muito inteligente, meu querido amigo — disse a si mesmo, em voz alta. — Sim, realmente. Muito mais inteligente do que o Tai-Pan, e ele é a personificação da inteligência. — Depôs o espelho e esfregou água-de-colônia no rosto, olhando em seguida para o seu relógio de bolso. Struan deveria chegar dentro de poucos minutos. — Mesmo assim, não é preciso deixar sua mão direita saber o que a esquerda está fazendo, hein? — ele riu.

Longstaff mal podia acreditar que tivesse conseguido acertar a aquisição das sementes de chá com tanta facilidade. Pelo menos, lembrou a si próprio, satisfeito, *Horatio* conseguira. Fico imaginando por que o homem está tão perturbado com o desejo de sua irmã de casar com Glessing. Eu teria pensado que era um excelente casamento. Afinal de contas, ela *é* bastante mal-vestida e insignificante — embora estivesse lindíssima, no baile. Mas é uma sorte grande que ele deteste Glessing, não? E uma sorte grande que sempre tenha detestado o comércio de ópio. E foi muito inteligente a maneira como eu pus a idéia em sua cabeça — com a isca da remoção de Glessing.

— Puxa vida, Horatio — ele dissera, há uma semana, em Cantão — é um maldito negócio, esse comércio de ópio, não? E tudo porque temos de pagar barras de prata pelo chá. É uma pena que a índia Britânica não o *cultive,* não? Assim, não haveria necessidade de ópio. Simplesmente o proibiríamos, pouparíamos os pagãos para coisas melhores, não? *Plantar sementes* de bondade entre eles, em vez daquela droga maldita. Então, a frota poderia voltar para a Inglaterra e viveríamos em paz e tranqüilidade para sempre.

Dentro de dois dias Horatio o puxara de lado e, excitadamente, expusera a idéia de obter sementes de chá dos chineses e mandá-las para a índia. Ele ficara adequadamente espantado, mas permitira a Horatio convencê-lo das potencialidades da idéia.— Mas, por Deus, Horatio — dissera — como poderemos obter as sementes de chá?

— Este é meu plano: falarei em particular com o Vice-Rei Ching-so, Excelência. Direi que o senhor é um amante da jardinagem e teve a idéia de transformar Hong Kong num jardim. Pedirei cinqüenta libras de cada semente: de amora,

algodão, arroz camélias e outras flores, bem como chás variados. Isto desviará sua atenção do chá, especificamente.

— Mas, Horatio, ele é um homem muito inteligente. Deve saber que poucas ou nenhuma dessas plantas crescerão em Hong Kong. Claro. Ele simplesmente vai achar que é uma estupidez dos bárbaros.

Horatio estava fora de si, de excitação.

— Mas, como você conseguiria fazer com que ele guardasse segredo sobre isso? Ching-so contaria aos mandarins, ou à Co-hong, e eles, certamente, contariam aos comerciantes. Você sabe que esses malditos piratas moveriam céus e terras para impedir o que você propõe. Com certeza adivinhariam quais as suas intenções. E o Tai-Pan? Você percebe, claro, que sua proposta iria colocá-lo fora do negócio.

— Ele é suficientemente rico agora, Excelência. Temos de acabar com o mal do ópio. É nosso dever.

— Sim, mas tanto chineses como europeus ficariam implacavelmente contra o plano. E, se Ching-so perceber o que você tem realmente em mente, como pode acontecer... então, bom, você nunca vai conseguir as sementes.

Horatio ficou pensando por um momento. Depois, disse:

— Sim. Mas se eu fosse prometer isso em troca do favor feito a mim... e eu só quero que o senhor, meu patrão, fique satisfeito com o presente-surpresa, então eu, que tenho de contar os caixotes de prata e assinar os papéis por eles, poderia deixar passar um caixote, e então ele, com certeza, guardaria esse segredo.

— Quanto vale um caixote?

— Quarenta mil taéis de prata.

— Mas a prata pertence ao Governo de Sua Majestade, Horatio.

— Claro. Em suas negociações, o senhor poderia “privadamente” garantir que haja um caixote extra, não oficial, e, assim, a Coroa não teria prejuízo. As sementes serão seu presente para o Governo de Sua Majestade, senhor. Eu ficaria honrado se dissesse que a idéia foi sua. Tenho certeza de que foi. Algo que me disse deflagrou-a em minha mente. E, com justiça, o senhor deverá receber o crédito. Afinal de contas, é o plenipotenciário.

— Mas, se seu plano for bem-sucedido, então você não apenas estará destruindo os negociantes na China, mas também a si próprio. Não faz sentido.

— O ópio é um vício terrível, senhor. Qualquer risco que corrermos é justificável. Mas meu emprego depende de seu sucesso, não do ópio.

— Se este plano for bem-sucedido, você está minando os próprios alicerces de Hong Kong.

— Mas demorará muitos anos para o chá vicejar em outro lugar. Hong Kong estará segura durante seu tempo, senhor. Hong Kong será ainda o empório do comércio asiático. Quem sabe o que acontecerá, no curso dos anos?

— Então, quer que eu investigue as possibilidades do cultivo do chá junto ao Vice-Rei da índia?

— Quem, senão o senhor, Excelência, poderia levar a idéia, a sua idéia, a uma execução perfeita? Relutantemente, deixara-se persuadir, e advertira a Horatio sobre a necessidade de

extremo segredo. Já no dia seguinte, Horatio informara, cheio de alegria:

— Ching-so concordou! Ele disse que, dentro de seis semanas a dois meses, os caixotes de sementes serão entregues em Hong Kong, Excelência. Agora, tudo que falta para tornar as coisas todas perfeitas, para mim, é o envio imediato de Glessing para nosso país. Creio que Mary está apenas totalmente apaixonada. É uma pena que ela não possa dispor de um ano, ou um pouco mais, para ter certeza absoluta quanto ao que está fazendo, fora do alcance da influência diária...

Longstaff dera outra risadinha, diante da transparente tentativa do jovem, de ser sutil. Escovou o cabelo, abriu a porta da cabina e foi para a casa de navegação. Procurou em meio aos papéis de seu cofre e descobriu a carta que Horatio traduzira, há semanas.

— Isto não é mais necessário — disse, alto. Rasgou o papel, debruçou-se por uma vigia e atirou os pedaços ao mar, observando-os enquanto se afastavam, a flutuar.

Talvez Glessing fosse enviado para a Inglaterra. A moça é menor e Horatio está numa posição muito difícil. Bom, vou pensar a respeito. Depois que as sementes estiveram em viagem para a índia.

Viu a chalupa de Struan, que se aproximava. Struan estava sentado, desconsoladamente, no meio da embarcação. A gravidade do Tai-Pan fez Longstaff lembrar a malária. Que diabo você vai fazer com relação a isso, hein? Arruína toda a estratégia de Hong Kong, não é?

***

Struan espiava através das vigias da popa, esperando pacientemente que

Longstaff terminasse.

— Puxa vida, Dirk, era quase como se Ching-so soubesse que íamos pedir seis milhões de taéis. O resgate foi posto imediatamente à disposição. Até o último centavo. Ele quase pediu desculpas pelo saque da Colônia. Disse que foram aqueles malditos anarquistas, os Tríades. Já ordenou que seja feita uma investigação completa e espera poder destruí-los, de uma vez por todas. Parece que um dos líderes caiu-lhe nas mãos. Se ele não conseguir extrair alguma coisa do homem, é porque ninguém mais poderia. Prometeu dizer-me imediatamente os nomes dos Tríades aqui.

Struan afastou-se das vigias e se sentou numa poltrona funda, de couro.

— Muito bem, Will. Eu diria que você fez um trabalho notável.

Longstaff sentiu-se muito satisfeito.

— Devo dizer que as coisas saíram de acordo com o plano. Ah, a propósito. A informação que você mandou a respeito do pirata Wu Kwok. Eu teria preferido que você liderasse a flotilha, mas o almirante mostrou-se inflexível. E foi ele próprio.

— É privilégio dele. Vamos esperar que faça um bom serviço esta noite. Vou descansar um pouco mais, sabendo que aquele demônio naufragou.

— Muito bem.

— Agora, tudo que você tem de fazer é salvar Hong Kong, Will. Só você pode fazer isso — disse Struan rezando para que, mais uma vez, conseguisse fazer Longstaff executar o plano que afinal traçara, como único jeito para salvar todos eles. — Acho aconselhável que você ordene uma saída imediata do Vale Feliz.

— Deus do céu, Dirk — exclamou Longstaff — se eu fizer isso, bom... Será o equivalente a sair de Hong Kong!

— A Cidade da Rainha tem malária. Pelo menos, o Vale Feliz tem. Então, precisa ser abandonado. Longstaff, abalado, aspirou um pouco de rapé.

— Não posso ordenar a retirada. Isto me tornaria responsável por todas as perdas.

— Sim. Você decidiu usar os seis milhões de taéis para reembolsar a todos. — Meu Deus, não posso fazer isso! — Longstaff explodiu. — A prata pertence à Coroa. A Coroa, só a Coroa, pode decidir o que fazer com ela!

— Você decidiu que Hong Kong é valiosa demais para ser posta em risco. Sabe que precisamos nos mudar, depressa. É um gesto digno de um governador.

— Não posso absolutamente, Dirk! De maneira alguma. É impossível!

Struan aproximou-se do aparador e encheu dois copos de xerez.

— Todo seu futuro depende disso.

— Hein? Será? Como?

Struan deu-lhe um copo.

— Sua reputação na corte está ligada a Hong Kong. Toda sua política na Ásia, e isto significa a política da Coroa na Ásia, focaliza-se em Hong Kong. Com razão. Sem segurança para Hong Kong, o governador, que representa Sua Majestade, não poderá dominar a Ásia, como deveria. Sem uma cidade construída, não haverá segurança para você e nem para a Coroa. O Vale Feliz

está morto. Então, uma nova cidade deverá ser construída, e depressa. — Struan bebeu o xerez, saboreando-o. — Se reembolsar imediatamente aqueles que construíram, restaurará imediatamente a confiança. Todos os negociantes se unirão em seu apoio... de que precisará, no futuro. Não esqueça, Will, muitos têm considerável influência na corte. É um gesto grandioso, digno de você. Além disso, o reembolso realmente estará sendo pago pelos chineses.

— Não entendo.

— Dentro de três meses, você estará nos portões de Pequim, comandante-chefe de uma força invencível. O custo da expedição será, digamos, de quatro milhões. Acrescente seis milhões pelos danos à Colônia. Dez milhões. Mas peça catorze milhões, que serão uma indenização justa. Os quatro milhões extras serão a base para o tesouro de seu governo em Hong Kong... um dos tesouros coloniais mais ricos do Império. Na realidade, em vez de catorze, você pedirá vinte milhões; os seis extras pagarão os seis que você, com sua astúcia, "investiu" em Hong Kong, em nome da Coroa. Não se esqueça, sem uma base segura, você *não pode ousar* fazer o ataque ao norte. Sem Hong Kong segura, a Inglaterra está morta na Ásia. Você estará pensando em todo o futuro da Inglaterra, Will. Os termos são esses!

Struan podia sentir a mente de Longstaff repassando as possibilidades. Esta era a única solução possível. O único caminho pelo qual todos poderiam salvar seu prestígio e salvar a ilha. E, no instante em que viu Longstaff abrir a boca para falar, disse:— Uma última coisa, Will. Você receberá o dinheiro de volta imediatamente, a maior parte dele.

— Hein?

— Faça logo uma venda de terras. Os lances pelos novos lotes serão frenéticos. Para onde vai o dinheiro? De volta ao seu tesouro governamental. Você ganha, de todas as maneiras. A terra que está vendendo não lhe custa nada. Você sabe como precisa desesperadamente de dinheiro, para todos os problemas do governo: salários, polícia, o palácio governamental, estradas, tribunais, instalações portuárias e mil outras coisas e, certamente, não pode usar o resgate para isso. Eu diria que seria a pincelada de gênio de um estadista. Você *tem* de

tomar a decisão agora, porque é impossível para você esperar seis meses até um despacho chegar à Inglaterra e sua óbvia aprovação voltar para cá. Você salva Hong Kong, a preço de nada. Mas, acima de tudo, mostrará a Zergeyev, de maneira muito positiva, que a Inglaterra planeja ficar na Ásia, permanentemente. Eu acho, Will, que sua astúcia impressionaria todo o Gabinete. E, certamente, a Sua Majestade a Rainha. E honrarias permanentes resultariam dessa aprovação.

Soaram os oito toques de sino. Longstaff pegou seu relógio de pulso. Estava atrasado, e ele virou os ponteiros para o meio-dia, enquanto sua mente tentava encontrar uma falha no raciocínio de Struan. Não havia nenhuma, disse a si próprio. Sentiu-se contra-feito ao perceber que, se não fosse o Tai-Pan, nada teria feito, com relação à febre. A não ser ficar fora do vale, esperando que a cura chegasse. Ele também ficara perturbado com a epidemia, mas, bom, era mais importante ganhar a guerra em Cantão, primeiro.

Sim. Não há nenhuma falha. Diabo, você quase colocou em risco um futuro brilhante. Decerto, será ir além das instruções, mas os governadores e plenipotenciários têm poderes não escritos. Não podemos esperar até o próximo ano para implantar a vontade de Sua Majestade sobre os pagãos. Absolutamente, não. O esquema relativo às sementes de chá se enquadra muito bem no plano, e mostra um sentido de previsão em escala que até ultrapassa a do Tai-Pan.

Longstaff teve um fortíssimo impulso de contar a Struan a respeito das sementes. Mas se controlou.

— Acho que tem razão. Vou fazer uma comunicação, imediatamente.

— Por que não convoca uma reunião de *tai-pans* para amanhã? Dê-lhes dois dias para apresentar as contas da construção e da terra ao seu tesoureiro. Marque a nova venda de terras para daqui a uma semana. Isto lhe dará tempo para mandar demarcar os lotes. Suponho que desejará o novo local da cidade próximo ao Cabo Glessing

— Sim. É exatamente o que *eu* penso. Aquele será o melhor lugar. Afinal, nós o

consideramos há muito tempo. — Longstaff ergueu-se e se serviu de mais xerez, depois puxou o cordão do sino. — Como sempre, estou satisfeito por ouvir os seus conselhos, Dirk. Vai ficar para o almoço, não?

— É melhor eu ir embora. Sarah está partindo para a Inglaterra com a maré de amanhã, a bordo do *Calcutta Mahrajah,* e há muita coisa a ser feita.

— Foi muita má sorte. O caso de Robb e sua sobrinha.

A porta se abriu.

— Sim, *senhorrr?* — perguntou o mestre-d'armas.

— Pergunte ao general se vem almoçar comigo.

— Sim, *senhorrr.* Desculpe, *senhorrr,* mas a Sra. Quance está esperando para vê-lo. E o Sr. Quance. E há todas essas pessoas — ele deu a Longstaff uma longa lista de nomes

— que vieram marcar encontros. Devo dizer que está ocupado à Sra. Quance?

— Não. É melhor eu vê-la agora. Por favor, não vá ainda, Dirk. Acho que vou precisar de apoio moral.

Maureen Quance entrou. Aristotle Quance seguiu-a. Havia círculos negros sob seus olhos sem vida. Agora, ele era simplesmente um homenzinho desmazelado. Pois até suas roupas estavam sujas e sem graça.

— Bom-dia, Sra. Quance — disse Longstaff.

— Que os santos protejam Sua Excelência.

— Bom-dia, Excelência — disse Aristotle, com a voz mal audível, os olhos fixos no chão da cabina.

— Bom-dia, Tai-Pan — disse Maureen. — Sua conta será paga, com a graça de São Patrício, dentro de alguns dias.

— Não há pressa. Bom-dia, Aristotle.

Aristotle Quance, devagar, ergueu os olhos para Struan. Eles se encheram de lágrimas, quando percebeu o afeto no rosto de Struan.

— Ela quebrou todos os meus pincéis, Dirk — desabafou. — Hoje de manhã. Todos, E ela... ela atirou minhas tintas ao mar.

— É a respeito disso que viemos ver o senhor, Excelência — disse Maureen, com voz rouca. — O Sr. Quance decidiu desistir de toda essa tolice de pintura, afinal. Ele quer se ajeitar num bom emprego fixo. E foi a respeito do emprego que viemos falar a Sua Excelência. — Olhou para o marido e seu rosto demonstrou aborrecimento. — Qualquer coisa. Desde que seja fixa e dê um bom salário. — Tornou a se virar para Longstaff. — Talvez um bom emprego de escritório. O pobre Sr. Quance não tem muita experiência.

— Ah... é o que quer, Aristotle?

— Ela quebrou meus pincéis — disse Quance, desamparadamente. — Era tudo que eu possuía. Meus pincéis e tintas.

— Nós entramos em acordo, não foi meu caro? Em nome de tudo que é. sagrado? Hein? Parar com a pintura? Um bom emprego fixo e assumir suas responsabilidades para com a família, nada mais de vagabundagem.

— Sim — disse Aristotle, entorpecidamente.

— Eu ficaria satisfeito de oferecer um emprego, Sra. Quance — interveio Struan. — Preciso de um funcionário. O salário é de quinze xelins por semana. Oferecerei, de quebra, suas instalações no pontão, por um ano. Depois disso, ficarão por conta própria.

— Que os santos o protejam, Tai-Pan. Feito. Agora, agradeça ao Tai-Pan — disse Maureen.

— Obrigado, Tai-Pan.

— Esteja no escritório às sete, amanhã de manhã, Aristotle. Pontualmente.

— Ele estará lá, Tai-Pan, não se preocupe. Que as bênçãos de São Patrício lhe caiam sobre a cabeça, nesses tempos perturbados, por cuidar de uma pobre esposa e de seus filhos famintos. Bom-dia para ambos.

E foram embora. Longstaff serviu-se de uma dose dupla.

— Meu Deus! Eu nunca teria acreditado. Pobre, pobre Aristotle. Você realmente vai fazer de Aristotle Quance um funcionário de escritório?

— Sim. É melhor eu do que outra pessoa qualquer. Preciso de pessoal — Struan pôs

o chapéu na cabeça, muito satisfeito consigo mesmo. — Não me meto em briga de marido e mulher. Mas qualquer pessoa que faz isso com o velho Aristotle não tem direito ao título de “mulher”, por Deus!

Longstaff sorriu, de repente.

— Destaco uma nau capitania, se isto ajudar. E todos os recursos do Governo de Sua Majestade estão à sua disposição.

***

Struan correu para a praia. Fez sinal para uma liteira fechada e orientou os cules.

— Esperem, está bem? — disse, ao chegarem ao destino.

— Está bem, senhor.

Passou pelo surpreendido porteiro, na sala da casa. O aposento era atapetado — grandes sofás, cortinas de *chintz*, espelhos e bricabraque. Houve um farfalhar nos fundos, e depois, ruído de passos que se aproximavam. Uma pequena senhora idosa atravessou as cortinas de contas. Era limpa, engomada, com cabelos grisalhos, olhos grandes e óculos.

— Olá, Sra. Fortheringill — disse Struan, cortesmente.

— Olá, Tai-Pan, quanto prazer em vê-lo — disse ela. — Não tínhamos o prazer de sua companhia há muitos anos. É um pouco cedo para visitas, mas as moças estão se aprontando. — Ela sorriu e mostrou os dentes postiços, amarelos.

— Bom, sabe, Sra. Fortheringill...

— Compreendo perfeitamente, Tai-Pan — ela disse, com ar sábio. — Chega uma hora, na vida de todo homem, em que ele...

— Vim falar de um amigo meu.

— Não se preocupe, Tai-Pan, o sigilo é norma neste estabelecimento. Não precisa se preocupar. Num momentinho, será atendido. — Ela se levantou às pressas. — Moças! — gritou.

— Sente-se e escute! Vim falar de Aristotle!

— Ah, aquele pobre coitado se meteu numa tremenda confusão.

Struan lhe disse o que queria, e as moças ficaram tristes ao vê-lo ir embora.

Logo que ele chegou em casa, May-may disse:

— Por que você foi a um puteiro, hein?

Ele suspirou e lhe contou.

— Acha que acredito nisso, hein? — Os olhos dela estavam cheios de desprezo.

— Sim. É melhor acreditar.

— Acredito em você, Tai-Pan.

— Então pare de fazer essa cara de dragão! — ele entrou em seu quarto.

— Muito bem — disse May-may, fechando a porta atrás de ambos. — Agora vamos ver se você disse a verdade. Faça amor imediatamente. Estou desejando

você loucamente, Tai-Pan.

— Obrigado, mas estou ocupado — ele disse, achando difícil não rir.

— *Ayeeee yah* que você está ocupado! — ela disse, começando a desabotoar seu pijama cor-de-mel. — Vamos fazer amor imediatamente. Logo verei se alguma puta tirou sua força, por Deus! E, então, sua velha mãe vai cuidar de você, por Deus!

— Você também está ocupada — disse Struan.

— Estou muito ocupada. — Ela saiu de dentro das calças de seda. Seus brincos tiniam como sinos. — E é melhor você se ocupar logo.

Ele a examinou e não deixou transparecer nem um pouco de sua felicidade. O estômago de May-may estava com uma bela curva, com a criança de quatro meses no útero. Ele a tomou depressa nos braços e beijou-a violentamente, deitando-se na cama e deixando que seu peso a esmagasse um pouco.

— Cuidado, Tai-Pan — ela disse, sem fôlego — não sou nenhuma de suas ossudas

gigantes bárbaras! Beijar não prova nada. Tire as roupas e então veremos a verdade. Ele a beijou de novo. Então ela disse, com voz diferente:

— Tire a roupa.

Ele se apoiou nos cotovelos, olhou para ela e, depois, esfregou o nariz contra o de May-may, sem a pressionar mais.

— Não há tempo, agora. Preciso ir a uma festa de noivado, e você tem de fazer

as malas.

— Fazer as malas para quê? — ela perguntou, espantada.

— Vamos nos mudar para o *Resting Cloud.*

— Por quê?

— Nosso *feng-shui* está ruim aqui, garota.

— Ah, ótimo, que maravilha! — ela atirou os braços em torno do pescoço dele. — Ir mesmo embora daqui? Para sempre?

— Sim.

Ela o beijou, deslizou rapidamente para fora de seus braços e começou a se vestir.

— Pensei que você queria fazer amor — ele disse.

— Ora! Para que serve essa prova? Conheço você muito bem. Mesmo que tivesse andado com uma puta há uma hora, você é macho bastante para fingir e enganar sua pobre velha mãe. — Ela riu e atirou outra vez os braços em tomo do pescoço dele. — Ah, que bom deixar um *feng-shui* ruim. Vou fazer as malas correndo.

Ela correu à porta e gritou:

— Ah Sam-ahhhhhhh!

Ah Sam chegou às pressas, ansiosa, seguida por Lim Din e, depois de um tumulto, gritos e tagarelice, Ah Sam e Lim Din saíram a toda, invocando os deuses, com enorme e barulhenta excitação. May-may voltou, sentou-se na cama e se abanou com o leque.

— Já estou fazendo as malas — disse alegremente. — Agora, vou ajudar você a se vestir.

— Obrigado, eu mesmo posso fazer isso.

— Então, vou ficar espiando. Esfregue bem as costas. O banho está à espera. Estou muito alegre e cheia de benevolência, porque você decidiu ir embora.

Conversava animadamente, enquanto ele tirava a roupa. Após ele se banhar, ela gritou, pedindo toalhas quentes e, ao chegarem, enxugou-lhe as costas. O tempo todo, pensava se ele estivera com uma prostituta, após combinar as coisas referentes ao artistazinho engraçado que pintara um retrato seu tão lindo. Não que eu me incomode, disse a si mesma, esfregando-o vigorosamente. Só que ele não deveria ir a um desses lugares. Absolutamente não. Prejudica seu prestígio. E prejudica o meu. Muito ruim. Logo esses miseráveis criados vão começar a espalhar boatos de que eu não posso cuidar do meu homem. Ah, deuses, dai-me proteção contra os sujos boatos e a ele contra as sujas putas de todos os tipos.

Anoiteceu antes que ela, Ah Sam e Lim Din estivessem prontos e todos ficaram exaustos com o drama e a excitação da partida. Cules levaram a bagagem. Outros esperaram pacientemente, ao lado da liteira que a conduziria ao escaler.

May-may usava pesados véus. Ela ficou por um momento no portão do jardim, com Struan, e olhou para trás, para sua primeira casa em Hong Kong. Se não fosse o *feng-shui* ruim — e a febre era parte do *feng-shui* — teria detestado partir.

O crepúsculo estava agradável. Alguns mosquitos zumbiam em torno deles. Um se instalou em seu tornozelo, mas ela não notou.

O mosquito bebeu sangue até se fartar, e depois saiu voando.

***

Struan entrou na grande cabina do *Withe Witch*. Os Brocks estavam todos esperando por ele, exceto Lillibet, que já fora para a cama. Culum se encontrava ao lado de Tess.

— Boa-noite — disse Struan. — Sarah manda pedir desculpas. Ela não se sente bem.

— Bem-vindo a bordo — disse Brock, com voz rouca e carregada de preocupação, o rosto melancólico.

— Bom — disse Struan com uma risada — isto não é maneira de iniciar um evento feliz.

— Não é a ocasião, por Deus, como sabe muito bem. Estamos todos em bancarrota... pelo menos terrivelmente prejudicados pela maldita malária.

— Sim — disse Struan. Sorriu para Culum e Tess e, notando a inquietação dos dois, decidiu dar-lhes logo a boa notícia. — Segundo ouvi dizer, Longstaff vai ordenar que a Cidade da Rainha seja abandonada — comentou, despreocupadamente.

— Pelo sangue de Cristo! — explodiu Gorth. — Não podemos abandoná-la. Colocamos dinheiro demais na terra e nas construções. Não podemos abandonar aquilo. Se não fosse a maldita escolha que fez, daquele vale amaldiçoado, nós não...

— Cale a boca — disse Brock. Virou-se para Struan. — Você vai perder mais do que nós, por Deus, mas está com um sorriso nos lábios. Por quê?

— Papai — disse Tess, aterrorizada com a possibilidade de que a raiva estragasse a noite, e a inacreditável aceitação de Culum por seu pai — vamos beber alguma coisa? O champanha está fresco e pronto.

— Sim, claro, Tess, amor — disse Brock. — Mas não entende o que Dirk disse? Vamos perder uma quantidade terrível de dinheiro. Se tivermos de abandonar o local, então nosso futuro vai ser negro como breu. E o dele também, por Deus!

— O futuro da Casa Nobre será branco como os rochedos de Dover — disse Struan, tranqüilamente. — E não só o nosso, como o de vocês também. Longstaff vai reembolsar a todos nós do dinheiro que gastamos no Vale Feliz. Cada tostão. À vista.

— Não é possível! — exclamou Brock.

— É uma mentira, por Deus! — disse Gorth. Struan virou-se para ele. — Ouça um conselho, Gorth. Não me chame de mentiroso pela segunda vez. — Então, disse-lhe o que Longstaff pretendia fazer.

Culum ficou maravilhado com a perfeição do acerto. Viu claramente que, embora seu pai em nenhum momento insinuasse que influenciara a decisão de Longstaff, deveria ter colaborado para tudo ser ajeitado de maneira tão sutil. Lembrou-se de seu primeiro encontro com Longstaff, e de como seu pai

manipulara o homem, como a um fantoche. A fé de Culum em si mesmo ficou abalada. Percebeu que as palavras de Gorth não eram completamente verdadeiras, ele nunca poderia dominar Longstaff como seu pai fizera — para salvá-los outra vez.

— É quase um milagre — disse, e segurou a mão de Tess.

— Por tudo que é sagrado, Tai-Pan — falou Gorth — retiro o que disse. Desculpe... eu estava sob o efeito do choque. Sim... eu lhe dou os parabéns.

— Dirk — começou Brock, com um sombrio bom humor — estou satisfeito... muito satisfeito, por ter você como parente. Você salvou nossa situação, Deus é testemunha.

— Não fiz nada. Foi idéia de Longstaff.

— Muito bem — disse Brock, sardonicamente.— Mais poder para ele. Liza, bebidas, por Deus! Dirk, você nos deu uma grande razão para comemorar esta noite. Você fez a noite, por Deus! Então, vamos beber e festejar. — Pegou uma taça de champanha, e depois de todos apanharem suas taças, ergueu a dele, num brinde. — Para Tess e Culum, que tenham sempre em sua vida mar calmo e porto seguro.

Todos beberam. Então Brock apertou a mão de Culum, Struan abraçou Tess e houve amizade entre todos.

Mas só temporariamente. Todos sabiam disso. Mas aquela noite estavam preparados para esquecer. Só Tess e Culum se sentiam seguros.

Todos se sentaram para jantar. Tess usava um vestido que favorecia sua silhueta juvenil, e Culum estava quase louco de adoração. Mais vinho foi servido, e houve novas risadas e brindes. Num momento de calma, Struan pegou um envelope grosso e entregou o a Culum. -Um pequeno presente para os dois.

— O que é? — perguntou Culum.

Abriu o envelope. Tess espichou o pescoço para ver também. O envelope continha um maço de papéis, um deles cheio de caracteres chineses.

— É a escritura de um lote de terra, logo acima do Cabo Glessing.

— Mas nunca houve venda de terras ali — disse Brock, com suspeita.

— Sua Excelência aprovou certos títulos de chineses da vila que possuíam terras antes de nos apoderarmos de Hong Kong. Este é um deles. Culum, agora você e Tess têm um acre juntos. A vista é muito bonita. Ah, sim, e junto com a escritura, há material de construção suficiente para uma casa com sete quartos, um jardim e um alpendre.

— Ah, Tai-Pan — disse Tess, com um sorriso cheio de felicidade — obrigada! Obrigada!

— Nossa própria terra? E nossa própria casa? É mesmo verdade? — perguntou Culum, tonto com a magnanimidade do pai.

— Sim, rapaz. Pensei que gostaria de começar a construir imediatamente. Marquei um encontro para ambos com nosso arquiteto amanhã, ao meio-dia. Para começar o projeto.

— Vamos partir para Macau amanhã — disse Gorth, com azedume.

— Mas, Gorth, você não se importaria de adiar a viagem por um ou dois dias, não é? — disse Culum. — Afinal, isto é muito importante...

— Ah, sim — disse Tess.

— ... e com a solução para o caso da Cidade da Rainha e a venda de terras... — Culum parou e se virou, cheio de excitação, para sua noiva. — Sousa é o melhor arquiteto do Oriente.

— Nosso arquiteto, Remédios, é melhor, eu acho — disse Brock, furioso consigo mesmo por não ter pensado em deixá-los construir sozinhos uma casa. Planejara dar-lhes uma das casas da companhia em Macau, como presente de casamento, bem longe da influência de Struan.

— Ah, sim, ele é muito bom, Sr. Brock — disse Culum, depressa, percebendo o ciúme. — Se não ficarmos satisfeitos com Sousa, então poderemos procurá-lo. — Depois, para Tess: — Você concorda? — e, em seguida, para Struan: — Não posso agradecer a você o bastante.

— Não agradeça, Culum. Os jovens devem ter um bom começo na vida e casa própria para morar. — Struan estava encantado com a maneira como provocara Gorth e Brock.

— Sim — disse Liza, com indulgência. — Por Deus, é uma grande verdade. Brock pegou o título e examinou-o.

— Tem certeza de que este documento é legal? — perguntou.

— Não é regular.

— Sim. — Longstaff confirmou-o. Oficialmente. Seu carimbo está na última página.

Brock franziu a testa para Gorth, e suas sobrancelhas cerradas formaram uma barra negra no rosto curtido.

— Andei pensando que talvez seja bom examinarmos esses títulos de

propriedade nativos.

— Sim — disse Gorth. Ele olhou diretamente para Struan.

— Talvez não haja mais nenhum à venda, papai.

— Creio que há outros, Gorth — disse Struan, descontraidamente — se você estiver preparado para descobri-los. A propósito, Tyler, logo que os novos lotes de terra tiverem sido demarcados, talvez seja melhor discutirmos nossa posição.

— Também acho — disse Brock. — Como antes, Dirk. Mas você escolhe primeiro, desta vez. — Passou outra vez a escritura a Tess, que a acariciou.

— Culum, você ainda é vice-secretário colonial?

— Acho que sim. — Culum riu. — Embora meus deveres jamais tenham sido especificados. Por quê?

— Por nada.Struan terminou de beber seu vinho e decidiu que era hora.

— Agora que o Vale Feliz será abandonado e o problema resolvido, com a nova cidade a ser erguida na costa da Coroa, o futuro de Hong Kong está garantido.

— Sim — disse Brock, expansivamente, com um pouco de seu bom humor voltando. Agora que a Coroa se arrisca, junto conosco.

— Então, acho que não há necessidade de adiar o casamento. Proponho que Tess e

Culum se casem nó próximo mês.

Houve um silêncio impressionante.

O tempo pareceu parar, para todos eles. Culum ficou imaginando o que havia por trás do sorriso que Gorth ostentava com tanta dificuldade e por que o Tai-Pan escolhera o próximo mês — Ó Deus, permiti que seja no próximo mês.

Gorth sabia que o próximo mês eliminaria seu poder sobre Culum e que, por Deus, isto não deveria ser aceito. Diga papai o que disser, jurou, não haverá casamento rápido. No próximo ano, talvez. Sim, talvez. O que haverá na mente desse demônio?

Brock também tentava adivinhar o objetivo de Struan — porque deveria haver um objetivo, e não augurava nada de bom para ele e nem para Gorth. Seu instinto lhe disse, imediatamente, para retardar o casamento. Mas ele jurara diante de Deus dar aos dois um porto seguro — como também Struan — e sabia que um juramento assim seria cumprido por Struan, como por ele.

— Poderíamos mandar ler os primeiros proclamas no próximo domingo — disse Struan, rompendo deliberadamente a tensão. — Acho que o próximo domingo seria ótimo. — Sorriu para Tess: — Hein, garota?

— Ah, sim. Sim — ela disse, e segurou a mão de Culum.

— Não — disse Brock.

— É rápido demais — retrucou Gorth.

— Por quê? — perguntou Culum.

— Eu estava justamente pensando em você, Culum — disse Gorth apaziguadoramente — e na triste perda de seu tio. Seria uma pressa inconveniente, muito inconveniente.

— Liza, amor — disse Brock com voz rouca — damos licença a você e Tess. Iremos encontrar as duas depois do vinho do Porto.

Tess atirou os braços em torno de seu pescoço e sussurrou:

— Ah, por favor, papai — e os quatro homens foram deixados a sós.

Brock levantou-se, pesadamente, e pegou a garrafa de Porto. Encheu quatro copos e os entregou a todos. Struan bebeu o vinho, apreciativamente.

— Muito bom Porto, Tyler. — É do ano de 31.

— Um grande ano para o Porto. Fez-se outro silêncio.

— Não será conveniente adiar sua partida por alguns dias, Sr. Brock? — perguntou Culum, constrangido. — Quero dizer, se for possível... mas eu, decerto, gostaria que Tess visse a terra e conversasse com o arquiteto.

— Com o abandono do vale, a venda de terras e todo o resto, não vamos partir agora. Pelo menos — disse Brock — Gorth e eu não iremos. Liza e Tess e Lillibet deverão ir, logo que possível.Macau é mais saudável neste período do ano. E mais fresco, não é, Dirk?

— Sim. Macau está ótima agora — disse Struan, acendendo um charuto. — Ouvi dizer que o inquérito sobre o acidente sofrido pelo arquiduque será na próxima semana.

— Olhou inquisitiva-mente para Gorth.

— Foi mau *pagode* — disse Brock.

— Sim — repetiu Gorth. — Armas estavam sendo disparadas por toda parte.

— Sim — disse Struan. — Logo depois que ele foi atingido alguém disparou no cabeça da multidão.

— Fui eu — disse Brock.

— Obrigado, Tyler — disse Struan. — Você também estava na luta Gorth?

— Eu estava lá na frente, cuidando da navegação.

— Sim — disse Brock. Tentou lembrar se vira alguém disparando. Só recordou ter mandado Gorth para a frente. — Mau *pagode.* Essas multidões desenfreadas são uma coisa terrível, numa ocasião dessas ninguém sabe o que pode acontecer.

— Sim — disse Struan. Sabia que, se a bala fora disparada intencionalmente, Gorth era o culpado. E não Brock. — Uma dessas coisas que acontecem.

As lâmpadas a óleo pendentes do caibro do telhado oscilaram suavemente para bombordo do navio, enquanto o vento mudava um pouco de posição. Os homens do mar, Gorth, Brock e Struan, ficaram repentinamente alertas. Brock abriu uma vigia e cheirou a brisa. Gorth foi espiar o mar pelas vigias da popa e Struan se pós à escuta dos ruídos do navio.

— Não é nada — disse Brock. — O vento mudou de posição alguns graus, nada mais.

Struan foi até o passadiço, onde estava pendurado um barômetro. Marcava 29.8 firme. A pressão do ar só variara uma fração, em semanas.

— Está bastante firme — disse.

— Sim — replicou Brock. — Mas logo não estará mais firme e, então, teremos de usar reforços. Já reparei que você colocou bóias de tempestade ao largo do seu ancoradouro, em águas profundas.

— Sim. — Struan serviu-se de mais Porto e ofereceu a garrafa a Gorth. — Quer um pouco mais?

— Obrigado — disse Gorth.

— Está farejando tempestade para breve, Dirk?

— Não, Tyler. Mas gosto de ter algumas bóias prontas, para qualquer eventualidade. Glessing ordenou que sejam postas as da frota.

— Sim.

— Ouvi boatos de que ele vai casar com a jovem irmã de Sinclair.

— Parece que o casamento está no ar.

— Acho que serão muito felizes — disse Culum. — George a idolatra.

— Vai ser muito duro para Horatio — disse Gorth — ela deixá-lo assim de repente. É a única parente que ele tem. E ela é jovem, não tem a idade mínima para o consentimento.

— Quantos anos ela tem? — perguntou Culum.

— Dezenove — respondeu Struan. A tensão aumentou na cabina.

— Tess é muito jovem — disse Culum, com a voz angustiada. — Eu não queria magoá-la de nenhuma maneira. Muito embora... bom, será que podemos... O que acha, Sr. Brock? A respeito do casamento? No próximo mês? O que for melhor para Tess está bom para mim.

— Ela é muito jovem, rapaz — disse Brock, tonto, com o vinho — mas estou satisfeito por você dizer isso.

Gorth manteve a voz em tom gentil e firme. — Alguns poucos meses não vão perturbar vocês dois, hein, Culum? O próximo ano está a menos de seis meses de distância.

— Janeiro é daqui a sete meses, Gorth — disse Culum, com impaciência.

— Não cabe a mim decidir. O que for bom para vocês dois é bom para mim, eu digo. — Gorth esvaziou seu copo e se serviu de um pouco mais. — O que você diz, papai? — perguntou ele, deliberadamente colocando Brock em evidência.

— Vou pensar a respeito — disse Brock, examinando seu copo com cuidado. — Ela é muito menina. A pressa seria imprópria. Vocês se conheceram há menos de três meses e...

— Mas eu a amo, Sr. Brock — insistiu Culum. — Três meses ou três anos não fariam nenhuma diferença.

— Eu sei, rapaz — disse Brock, com benevolência. Ele se lembrou da alegria que tomara conta de Tess, quando lhe disse que aceitaria Culum. — Só estou pensando em seu bem, no bem dela. Preciso de tempo para decidir. — Para descobrir o que você tem em mente, Dirk, disse a si mesmo.

— Acho que seria muito bom para eles e para nós. — Struan sentia a felicidade que irradiava de Culum. — Tess é jovem, sim. Mas Liza era jovem também e, igualmente, a mãe de Culum. Casar jovem é bom. Eles têm dinheiro bastante. E um futuro de riqueza. Com *pagode*. Então eu digo que vai ser bom. Brock esfregou a testa com as costas da mão.

— Vou pensar. Depois lhe digo, Culum. É uma idéia inesperada, por isso preciso de tempo.

Culum sorriu, tocado pela sinceridade que havia na voz de Brock. Pela primeira vez, gostava dele, confiava nele.

— Claro — disse.

— De quanto tempo você acha que precisará, Tyler? — perguntou Struan, abruptamente. “Viu que Culum estava amolecendo, diante da falsa amabilidade deles, e sentiu que uma pressão os faria mostrar as verdadeiras intenções. — Não devemos manter os jovens como peixes no anzol, e haverá muita coisa a planejar. Temos de fazer deste casamento o maior que a Ásia já viu.

— Pelo que me lembro — disse Brock, rispidamente — é o pai da noiva quem a dá em casamento. E eu tenho plena competência para saber o que está certo e o que não está. — Sabia que Struan o tinha no anzol, e brincava com ele. — Então, qualquer plano para o casamento será nosso.

— Claro — disse Struan. — Quando dará a notícia a Culum?

— Breve. — Brock se levantou. — Vamos para a companhia das senhoras.

— Breve, mas quando, Tyler?

— Você ouviu o que papai disse — falou Gorth, acaloradamente. — Por que o

irritar, hein?

Mas Struan ignorou-o, e continuou a olhar para Tyler.

Culum teve medo de que houvesse uma briga e isto mudasse completamente a

maneira de pensar de Brock, em relação a seu casamento. Ao mesmo tempo, queria saber quanto teria de esperar e ficou satisfeito por Struan estar pressionando Brock.

— Por favor — disse. — Tenho certeza de que o Sr. Brock não... de que ele considerará a idéia com cuidado. Vamos esquecer o assunto, por enquanto.

— O que você quer fazer é com você, Culum! — disse Struan, com fingida raiva. — Mas *eu* quero saber agora. Quero saber se você está sendo usado, ou se estão brincando de gato e rato com você, por Deus!

— Você disse uma coisa terrível — comentou Culum.

— Sim. Mas não tenho mais nada para tratar com você, no momento, então fique calado. — Struan tornou a se virar para Brock, sabendo que, ao repreender Culum, satisfizera tanto Brock como Gorth. — Quanto tempo, Tyler?

— Uma semana. Uma semana, nem mais, nem menos. — Brock olhou para Culum e, outra vez, sua voz era benevolente.— Não há mal em pedir tempo, rapaz, e nem mal em pedir uma resposta de homem para homem. Isto é correto. Uma semana, Dirk. Será que o prazo acalmará seus maus modos?

— Sim. Obrigado, Tyler. — Struan caminhou para a porta e abriu-a, amplamente.

— Passe primeiro, Dirk.

***

Seguro, no recolhimento de seus alojamentos a bordo do *Resting Cloud*, Struan disse a May-may tudo que acontecera. Ela ouviu com atenção, deliciada.

— Ah, bom, Tai-Pan. Muito bom. Ele tirou o casaco e ela o pendurou no armário. Um pergaminho enrolado caiu da manga de sua túnica. Ele o apanhou e olhou-o.

O pergaminho tinha uma delicada pintura chinesa, uma aquarela, com muitos caracteres. Era uma bela paisagem marinha e havia um homenzinho a se curvar diante de uma mulherzinha, abaixo de grandes montanhas enevoadas. Uma sampana flutuava ao largo da praia pedregosa.

— De onde veio isso?

— Ah Sam trouxe do Tai Ping Shan — disse ela.

— É bonito — ele disse.

— Sim — disse May-may, calmamente, de novo maravilhada com a sutileza de seu avô.

Ele enviara o pergaminho para um de seus agentes no Tai Ping Shan, de quem May-may comprava jade, às vezes. Ah Sam aceitara-o sem suspeitas, como um presente casual para sua patroa. E, embora May-may tivesse certeza de que Ah Sam e Lim Din haviam examinado a pintura e os caracteres muito cuidadosamente, sabia que jamais descobririam a existência de uma mensagem secreta. Estava muito bem oculta. Mesmo o carimbo particular, da família de seu avô, estava inteligentemente coberto com outro. E o verso — Seis ninhos sorriem para as águias, o verde fogo faz parte do amanhecer. E a flecha prenuncia filhotes de esperança — era tão simples e tão belo. Quem iria saber que ele lhe agradecia pela informação referente aos seis milhões de taéis; que "fogo verde" significava o Tai-Pan; e que ele lhe enviaria um mensageiro levando alguma forma de flecha como identificação, para ajudá-la de todas as maneiras possíveis.

— O que significam os caracteres? — perguntou Struan.

— É difícil traduzir, Tai-Pan. Não sei todas as palavras, mas está escrito — Seis ninhos de passarinhos sorriem para grandes Pássaros, o fogo verde está no amanhecer, flecha traz — ela franziu a testa, procurando a palavra em inglês — traz pequenos pássaros de esperança.

— Isto não faz sentido, por Deus! — Struan riu. Ela suspirou, toda feliz.

— Adoro você, Tai-Pan.

— E eu adoro você, May-may.

— Da próxima vez em que construir uma casa para nós, quer fazer o favor de chamar primeiro um cavalheiro do *feng shui?*

CAPÍTULO TRINTA

Ao amanhecer, Struan foi a bordo do *Calcutta Mahrajah*, o navio mercante que ia levar Sarah para a Inglaterra. A embarcação pertencia à Companhia das Índias Orientais. Deveria partir com a maré, dentro de três horas, e os marinheiros faziam os preparativos finais.

Struan desceu e bateu à porta do camarote particular de Sarah.

— Entre — ele a ouviu dizer.

— Bom-dia, Sarah.

Ele fechou a porta. A cabina era grande e confortável. Brinquedos, roupas, malas e sapatos estavam espalhados por toda parte. Lochlin encontrava-se lamentosamente semiadormecido, num pequeno berço perto da vigia.

— Você já aprontou tudo, Sarah?

— Sim.

Ele pegou um envelope.

— É uma ordem de pagamento de cinco mil guinéus. Você receberá outro igual a cada dois meses.

— Você é muito generoso.

— O dinheiro é seu... pelo menos, é dinheiro de Robb, não meu. — Ele colocou o envelope sobre a mesa de carvalho. — Estou apenas cumprindo seu testamento. Já escrevi para que seja organizado o fundo de crédito que ele queria, e você receberá os papéis referentes a isso. Também pedi a papai para ir esperar o navio. Você gostaria de ocupar minha casa em Glasgow, até encontrar

outra parecida?

— Não quero nada seu.

— Escrevi aos nossos banqueiros para aceitarem sua assinatura, mais uma vez seguindo as instruções de Robb, para a retirada de até cinco mil guinéus uma vez por ano, além do seu quinhão. Deve ter consciência de que é uma herdeira, e eu devo aconselhá-la a ser cuidadosa, pois muitos tentarão tomar-lhe a fortuna. Você é jovem e tem a vida pela frente...

— Não quero nenhum conselho seu, Dirk — disse Sarah em tom fulminante. — Quanto a tomarem o que é meu, sei cuidar de mim mesma. Sempre cuidei. E, a respeito de minha juventude, a olhei no espelho. Estou velha e feia. Sei disso, e você também. Estou gasta! E você fica sentado em seu maldito pedestal, jogando homem contra homem, mulher contra mulher. Está satisfeito por Ronalda ter morrido... ela deu tudo que podia, e ainda mais. E isto abre caminho maravilhosamente, para a próxima. Quem será? Shevaun? Mary Sinclair? Quem sabe a filha de um duque? Você sempre teve objetivos ambiciosos. Mas, quem quer que seja, será jovem e rica, e você a sugará até o bagaço, como fez com todos. Você se alimenta dos outros e nada dá em troca. Eu o amaldiçôo diante de Deus, e rezo para viver até cuspir em seu túmulo.

A criança começou a chorar, pateticamente, mas nenhum dos dois ouviu os gritos, enquanto olhavam um para o outro.

— Você se esquece de uma verdade, Sarah. Toda sua amargura vem de você achar que escolheu o irmão errado. E você tornou a vida de Robb um inferno, por causa disso. Struan abriu a porta e foi embora.

— Odeio a verdade — Sarah chorava para o vazio em torno dela.

***

Struan estava afundado, soturnamente, atrás de sua escrivaninha, no escritório da feitoria, odiando Sarah, mas compreendendo-a, e atormentado com a maldição dela.

— Será que me alimento dos outros? — disse alto, inadvertidamente. Olhou para o retrato de May-may. — Sim, suponho que sim. Será que é um erro? Eles não se alimentam de mim? O tempo todo? Quem está errado, May-may? Quem está certo?

Lembrou-se de Aristotle Quance.

— Vargas!

— Sim, senhor.

— Como vai o Sr. Quance?

— Está muito triste, senhor. Muito triste.

— Mande ele vir aqui, por favor.

Dentro em pouco, Quance aparecia à porta.

— Entre, Aristotle — disse Struan. — Feche a porta.

Quance fez como lhe fora ordenado e, depois, ficou em pé com um jeito infeliz,

diante da escrivaninha. Struan falou, rapidamente.

— Aristotle, você não tem tempo a perder. Saia escondido da feitoria e vá até o cais. Há uma sampana esperando você. Embarque no *Calcutta Mahrajah*... vai partir dentro de uns poucos minutos.

— O que, Tai-Pan?

— A ajuda está aí, rapaz. Faça uma grande cena quando embarcar no *Calcutta Mahrajah*... acene, grite, enquanto estiver afastando-se do porto. Deixe todos saberem que você está a bordo.

— Deus lhe abençoe, Tai-Pan. — Um bruxuleio de luz voltou-lhe aos olhos. — Mas não quero partir da Ásia. Não posso ir embora.

— Há roupas de cule na sampana. Você pode passar para a *lorcha* do piloto, quando estiver fora do porto. Subornei a tripulação, mas não o piloto, então mantenha-se longe da vista dele.

— Com mil demônios! — Quance parecia ter crescido polegadas. — Mas... onde poderei esconder-me no Tai Ping Shan?

— A Sra. Fortheringill está à sua espera. Acertei uma permanência de dois meses. Mas você me deve o dinheiro que gastei, por Deus!

Quance atirou os braços em torno de Struan e soltou um berro, que Struan interrompeu.

— Pelo sangue de Cristo, tenha cuidado. Se Maureen tiver qualquer suspeita, vai tornar as nossas vidas um inferno e nunca irá embora.

— Tem toda razão — disse Quance, num sussurro gutural, e correu para a porta.

Parou logo. — Dinheiro! Vou precisar de dinheiro. Pode me emprestar algum, Tai-Pan? Struan já segurava uma pequena bolsa de ouro.

— Aqui tem cem guinéus. Vou acrescentar na sua conta.

A bolsa desapareceu no bolso de Quance. Aristotle abraçou Struan outra vez e atirou um beijo para o retrato sobre a lareira.

— Dez retratos da lindíssima May-may. Dez guinéus abaixo do meu preço normal,

por Deus. Ah, imortal Quance, eu o adoro! Livre! Livre, por Deus! Dançou uma Kankana e, depois, deu um grande salto e desapareceu.

***

May-may olhou para o bracelete de jade. Ela o levou para mais perto da luz do sol, que jorrava através da vigia, aberta, e examinou-o meticulosamente. Não se enganara quanto à seta que estava delicadamente entalhada nele, e nem quanto aos caracteres, que diziam: “Filhotes de esperança.”

— É um belo jade — ela disse, em mandarim.

— Obrigado, Suprema entre as Supremas — respondeu Gordon Chen, no mesmo idioma.

— Sim, muito lindo — respondeu May-may e devolveu-o a ele.

Gordon pegou o bracelete e gozou seu contato, por um momento, mas não tornou a colocá-lo em seu pulso. Em vez disso, atirou-o habilmente pela portinhola e ficou a observá-lo até desaparecer no mar.

— Eu ficaria honrado se o tivesse aceitado como presente, Suprema Senhora. Mas certos presentes pertencem à escuridão do mar.

— Você é muito sábio, meu filho — disse ela. — Mas não sou uma Suprema Senhora. Apenas uma concubina.

— Meu pai não tem esposa. Portanto, é a Suprema das Supremas.

May-may não respodeu. Ela ficara desconcertada, ao verificar que o mensageiro era Gordon Chen. E, não obstante o bracelete, decidiu ser muito cautelosa e falar através de enigmas, para o caso de ele ter interceptado o bracelete — como sabia também que Gordon Chen seria igualmente cauteloso e falaria através de enigmas.

— Quer chá?

— Seria muito trabalho, Mãe.

— Nenhum trabalho, meu filho — ela disse.

Foi para a cabina contígua. Gordon Chen seguiu-a e ficou maravilhado com a beleza de seu andar e com seus pequenos pés, a cabeça tonta com a delicadeza de seu perfume. Você a amou desde o primeiro momento em que a viu, disse para si próprio. Ela é uma criação sua, de certa maneira, pois foi você quem lhe

deu a língua bárbara e pensamentos bárbaros.

Ele abençoou seu *pagode* por o Tai-Pan ser seu pai e seu respeito por ele ser imenso. Sabia que, sem este respeito, seu amor por May-may não poderia permanecer filial. O chá foi trazido e May-may dispensou Lim Din. Mas, por uma questão de decoro, permitiu a Ah Sam que ficasse. Sabia que Ah Sam não poderia entender o dialeto de Soochow, no qual recomeçou sua conversa com Gordon.

— Uma seta pode ser muito perigosa.

— Sim, Suprema Senhora, se estiver em mãos erradas. Está interessada na arte de atirar com o arco?

— Quando eu era muito pequena, costumávamos empinar papagaios, meus irmãos e eu. Uma vez, usei um arco, mas me assustou. Porém, suponho que, algumas vezes, o arco seja um presente dos deuses, e não represente perigo.

Gordon Chen pensou por um momento.

— Sim. Se estivéssemos nas mãos de um homem faminto, e ele quisesse caçar e atingir sua presa.

O leque de May-may movimentava-se graciosamente. Estava satisfeita por ele saber a maneira como sua mente funcionava; isto tornava a transferência de informações mais fácil e mais excitante.

— Um homem assim precisaria ser muito cuidadoso, se só tivesse uma possibilidade de atingir o alvo.

— É verdade, Suprema Senhora. Mas um caçador esperto tem muitas setas em sua aljava. — Que caça tinha de ser perseguida?, ele perguntou a si mesmo.

— Uma pobre mulher jamais poderá experimentar as alegrias masculinas da caça — ela disse, calmamente.

— O homem é o princípio *yang*... ele é o caçador, por escolha dos deuses. A mulher é o princípio *yin*... aquela para quem o caçador traz a comida a ser preparada.

— Os deuses são muito sábios. Muito. Ensinam ao caçador a caça que serve para alimentar e a que não serve.

Gordon Chen bebeu seu chá, delicadamente. Quererá ela dizer que deseja que alguém seja encontrado? Ou alguém seja caçado e morto? Quem será que ela quer encontrar? Quem sabe a última amante do tio Robb e sua filha? Provavelmente não, pois não haveria necessidade de tal sigilo — e, certamente, Jin-qua jamais me envolveria. Por todos os deuses, que poder tem esta mulher sobre a cabeça de Jin-qua? O que lhe fez, para forçá-lo a me ordenar — e, através de mim, todo o poder dos Tríades — a fazer o que ela quiser?

Então, um boato que ouvira assumiu seu sentido: o boato de que Jin-qua sabia, antes de todos os outros, que a frota voltaria imediatamente a Cantão, e não iria para o norte, como todos haviam suposto que faria. Ela deveria ter mandado a informação em particular a Jin-qua, e assim o colocara em posição de seu devedor! *Ayeee yah*, e que dívida! Saber antecipadamente de uma coisa dessas certamente poupara a Jin-qua três ou quatro milhões de taéis.

Seu respeito por May-may aumentou.

— Algumas vezes, o caçador tem de usar suas armas para se proteger contra os animais selvagens da floresta — disse, oferecendo-lhe uma abertura diferente. — É verdade, meu filho. — Seu leque se fechou abruptamente e ela estremeceu. — Que os deuses protejam uma pobre mulher contra esses males.

Então, ela quer que alguém seja morto, pensou Gordon. Examinou a xícara de

porcelana e ficou imaginando quem.

— O *pagode* determina que o mal caminhe em muitos lugares. Elevados e baixos. No continente, nesta ilha.

— Sim, meu filho — disse May-may, e seu leque adejava, os lábios tremiam ligeiramente. — Até mesmo no mar. Até entre aqueles de nobre estirpe e os muito ricos. Terríveis são os caminhos dos deuses.

Gordon Chen quase deixou a xícara cair. Ele se virou de costas para May-may e tentou recompor seu espírito abalado. “Mar” e “de nobre estirpe” só poderiam significar duas pessoas. Longstaff ou o próprio Tai-Pan. Dragões da morte, ir de encontro a qualquer um dos dois precipitaria um holocausto! Seu estômago deu voltas. Mas por quê?

E seria o Tai-Pan? Não o meu pai, ó deuses. Não permiti que seja meu pai.

— Sim, Suprema Senhora — disse ele, com um traço de melancolia, pois sabia que seu juramento o comprometia a fazer qualquer coisa que ela ordenasse. — Os deuses têm caminhos terríveis.

May-may observara a repentina mudança em Gordon Chen e não conseguia entender

o motivo. Hesitou, desconcertada. Depois, levantou-se e caminhou para as vigias da popa.

A nau capitania estava tranqüilamente ancorada no porto, com sampanas a cercá-la, no mar cintilante. O *China Cloud* encontrava-se mais além, com âncoras de tempestade, tendo próximo o *White Witch.*

— Os navios são tão lindos — ela disse. — Qual você acha mais interessante?

Ele se aproximou das vigias. Não pensou que poderia ser Longstaff. Não haveria nenhum objetivo nisso, não para ela. Para Jin-qua, talvez, mas não para ela.

— Acho que é aquele — disse ele, gravemente, fazendo um aceno de cabeça em

direção ao *China Cloud.* May-may arquejou e deixou cair o leque.

— Pelo sangue de Cristo — disse, em inglês. Ah Sam ergueu os olhos, por um momento, e May-may recuperou instantaneamente o controle. Gordon Chen pegou o leque e fez uma profunda curvatura ao devolvê-lo a ela.

— Obrigada — ela continuou, em dialeto Soochow. — Mas prefiro aquele navio. — Apontou com o leque para o *White Witch.* Ainda estava abalada por perceber, horrorizada, que Gordon Chen pensava ser seu desejo a morte do adorado Tai-Pan. — O outro é jade valiosíssimo. De valor incalculável, entende? Inviolável, por todos os deuses. Como ousa ter a impertinência de pensar de outra maneira?

O alívio dele foi palpável.

— Perdoe-me, Suprema Senhora. Eu me prosternaria mil vezes, em abjeto pedido de desculpas, aqui e agora, mas sua escrava poderia achar curioso — disse, numa apressada mistura de palavras em Soochow e Mandarim, deliberadamente misturadas. — Por um momento, um demônio entrou em minha tola cabeça e não a entendi claramente. Claro que jamais, jamais consideraria uma comparação entre esses navios, um contra o outro.

— Sim — ela disse. — Se um fio de corda de cânhamo, se uma lasca de madeira fossem tocados no outro, eu seguiria quem tivesse ousado desafiar uma coisa tão preciosa até às profundezas do inferno, e ali dilaceraria seus testículos e lhe arrancaria os olhos e o faria comer as próprias entranhas!

Gordon Chen piscou, mas manteve a voz em tom casual.

— Não tema, Suprema Senhora. Não tema, de maneira alguma. Eu me prosternarei cem vezes, em penitência, por não ter entendido a diferença entre jade e madeira. Eu não quero jamais sugerir... eu não quero que pense que não entendo.

— Ótimo.

— Se me dá licença agora, Suprema Senhora, vou cuidar dos meus negócios.

— Seu negócio não terminou — ela disse, rudemente. — E a boa educação sugere que tomemos mais chá. — Bateu palmas majestosamente para Ah Sam, e mandou-a trazer chá novo. E toalhas quentes. Quando Ah Sam voltou, May-may falou em cantonês:

— Ouvi dizer que muitos navios estarão partindo para Macau muito em breve — disse ela, e Gordon Chen, imediatamente, entendeu que Brock deveria ser liquidado em Macau, e imediatamente.

Ah Sam se animou.

— Acha que iremos? Ah, adoraria ver Macau outra vez. — Ela sorriu, timidamente, para Gordon Chen. — Conhece Macau, nobre senhor?

— Claro — ele disse.

Normalmente, uma escrava não teria ousado dirigir-se a ele. Mas sabia que Ah Sam era a confidente pessoal de May-may e sua escrava particular e, como tal, tinha múltiplos privilégios. Também a achou muito bonita — para uma barqueira Hoklo. Tornou a olhar para May-may.

— Infelizmente, não poderei ir este ano. Embora muitos de meus amigos naveguem sempre de cá para lá.

May-may fez um sinal afirmativo com a cabeça.— Ouvi dizer que a noite passada o filho bárbaro de Papai ficou noivo? Pode imaginar uma coisa dessas? Com a filha de seu inimigo. Gente extraordinária, esses bárbaros.

— Sim — disse Gordon, surpreso por May-may achar necessário tornar mais clara a remoção de Brock. Não iria ela querer a destruição de toda família, não? — Inacreditável.

— Não que eu me preocupe com o pai... ele é velho e, se os deuses forem— justos, seu *pagode* acabará em breve. — May-may atirou a cabeça para trás e fez tilintarem seus ornamentos de jade e prata. — Quanto à moça, suponho que fará bons filhos... embora, realmente, eu não possa imaginar o que qualquer homem possa apreciar naquela coisa de pernas grossas e peito de vaca.

— Sim — disse Gordon Chen, em tom amável.

Então, não é Brock quem deve ser morto. E nem a filha. Isto deixa de fora a mãe e o irmão. A mãe é bastante improvável; portanto, deverá ser o irmão. Gorth. Mas por que só

o irmão, por que só Gorth Brock? Por que não pai e filho? Obviamente, ambos são um perigo para o Tai-Pan. O respeito de Gordon por seu pai aumentou imensamente. Como era sutil fazer parecer que May-may era a instigadora do estratagema! Que sinuosidade deixar escapar uma sugestão a May-may, que foi a Jin-qua, que veio a mim! Que sutileza! Claro, disse a si próprio, isto significa que o Tai-Pan sabia que May-may passava informações secretas — deveria ter, deliberadamente, dado a ela informação, para colocar Jin-qua como seu devedor. Mas será que ele, conseqüentemente, sabe a respeito dos Tríades? E de mim? Claro que não.

Sentiu-se muito cansado. Sua mente estava esgotada de tanta excitação e perigo. E ele estava muito preocupado com a pressão crescente que os mandarins exerciam contra os Tríades em Kwangtung. E os Tríades de Macau. E até no Tai Ping Shan. Os mandarins contavam com muitos agentes entre os habitantes do

morro e, embora a maior parte deles fosse conhecida e quatro já tivessem sido liquidados, a ansiedade provocada por sua presença pesava muito sobre ele. Se chegassem a saber que era o líder da Tríade de Hong Kong, jamais poderia voltar a Cantão, e sua vida aqui não valeria as fezes do proprietário de uma sampana.

Além disso, seus sentidos estavam dominados pelo sutil perfume de May-may e pela clamorosa sexualidade de Ah Sam. Gostaria de levar a criada para a cama, pensou. Mas isto não é aconselhável, e é perigoso. A não ser que a Mãe sugira. É melhor voltar correndo para o Tai Ping Shan, para os braços da concubina mais valiosa do morro. Por todos os deuses, ela quase vale os mil taéis que custou. Faremos amor dez vezes esta noite, de dez maneiras diferentes. Sorriu para si mesmo. Seja honesto Gordon, serão apenas três vezes. E três com *pagode* — mas como será maravilhoso!

— Sinto muito não poder ir para Macau — ele disse. — Suponho que todos os parentes de Papai, através do casamento, estarão indo, não? Particularmente o filho?

— Sim — disse May-may, com um doce suspiro, percebendo que sua mensagem agora estava clara — suponho que sim.

— Ah! — disse Ah Sam, com desprezo. — Haverá grande felicidade quando o filho partir de Hong Kong.

— Por quê? — perguntou May-may, com atenção, e Gordon Chen ficou igualmente alerta, sua fadiga desaparecendo. Ah Sam guardara a informação rara para uma ocasião importante como aquela.

— Esse filho é um verdadeiro demônio bárbaro. Ele vai para um dos bordéis bárbaros duas ou três vezes por semana. — Ela parou e serviu mais chá.

— Bom, continue, Ah Sam — disse ela, com impaciência.

— Ele as espanca — disse, em tom de importância.

— Talvez desagradem a ele — disse May-may. — Um bom espancamento jamais poderia magoar uma daquelas putas bárbaras.

— Sim. Mas ele as açoita e espezinha antes de se deitar com elas.

— Você quer dizer, todas as vezes? — perguntou May-may, com incredulidade.

— Todas as vezes — disse Ah Sam. — Ele paga pelo espancamento e depois pela... pela... bom, pela manipulação... pois o resto é apenas isso. Pffff! E então tudo acaba — estalou o dedo — assim!

— Ah! E como você sabe de tudo isso, hein? — perguntou May-may. — Acho que você merece um bom beliscão. Acho que você está inventando isso tudo, sua faladora!

— Claro que não, Mãe. Aquela madame bárbara... a velha feiticeira, com um nome incrível? A que tem olhos de vidro e os incríveis dentes que se deslocam?

— Fortheringill? — perguntou Gordon Chen.

— Exatamente, nobre senhor. Fortheringill. Bom, aquela madame tem a maior casa da Cidade da Rainha. Recentemente, ela comprou seis moças Hoklo e uma cantonesa. Uma das...

— Foram cinco moças Hoklo — disse Gordon Chen.

— Também está nesse negócio? — perguntou May-may, polidamente.

— Ah, sim — ele respondeu. — Tornou-se muito lucrativo.

— Continue, Ah Sam minha bonequinha.

— Bom, Mamãe, como eu estava dizendo, uma das moças Hoklo é parente de Ah Tat que, como sabe, é parente de minha mãe, e essa moça foi destacada para ser a parceira dele, por uma noite. Uma vez foi o bastante! — Ah Sam baixou a voz, ainda mais. — Ele quase a matou. Bateu-lhe na barriga e nas nádegas até sair sangue e, depois, forçou-a a fazer coisas esquisitas com o sexo. Depois...

— Que coisas esquisitas? — perguntou Gordon Chen, em igual sussurro, inclinando-se para mais perto.

— Sim — disse May-may — que coisas?

— Certamente não cabe a mim contar práticas tão estranhas e obscenas, ah, meu Deus, não, mas ela teve de usar todas as partes de seu corpo para satisfazer a ele.

— Todas?

— Todas, Mamãe. E com os terríveis espancamentos e a maneira como ele a mordeu e chutou e maltratou, a pobre moça quase morreu.

— Que extraordinário! — Depois, May-may disse a ela, rudemente: — Ainda acho que você está inventando, Ah Sam. Não tinha dito que isto era tudo — estalou os dedos, imperiosamente — pfff! e só isso, para ele?

— É isso mesmo. E ele sempre culpa, horrivelmente, a moça, embora não seja nunca por causa dela. Esse é o problema principal. Isso, e o fato de ser tão pequeno e mole. — Ah Sam ergueu as mãos para o céu e começou a se lamentar: — Que eu nunca tenha filhos, se menti! Que meus ancestrais sejam consumidos pelos vermes, se menti! Que meus ancestrais jamais descansem em paz, e nunca renasçam, se menti! Que...

— Ah, está bem, Ah Sam — disse May-may, irritada. — Acredito em você. Ah Sam, melindrosamente, voltou a tomar seu chá.

— Como ousaria mentir para minha soberba mãe, e seu nobre parente? Mas acho que os deuses, com certeza, irão punir uma fera bárbara como aquela!

— Sim — disse Gordon Chen.

E May-may sorriu para si mesma.

LIVRO V

Aquela tarde, Struan embarcou no China Cloud. *Enviou o Capitão Orlov para uma das* lorchas *e Zergeyev para alojamentos espaçosos no* Resting Cloud. *Mandou desfraldar todas as velas e soltar as amarras e saiu do porto, dirigindo-se a águas profundas.*

Durante três dias, arremessou o China Cloud, *como uma flecha, em direção a sudoeste, com as vergas rangendo, devido ao pano estar todo inflado.*

Foi para o mar a fim de se purificar. Limpar as impurezas e as palavras de Sarah e a perda de Robb e Karen.

E abençoar May-may pela alegria que ela representava.

Foi para o seio do oceano como um amante afastado há uma eternidade, e o oceano lhe deu as boas-vindas com ventos e tempestade, mas controlados, jamais colocando em risco o navio e nem a ele, que o dirigia. O mar lhe ofertou generosamente sua riqueza, fortalecendo-o outra vez, dando-lhe vida, dando-lhe dignidade e abençoando-o como só o mar pode abençoar um homem, purificando-o como só o oceano pode purificar um homem.

Arremessava a si próprio como ao navio, sem dormir, testando os limites de sua força. E os turnos dos marinheiros se sucediam, com ele sempre a caminhar pelo tombadilho: de sol a sol, cantando baixinho para si mesmo, quase sem se alimentar. E sem falar jamais, exceto para exigir mais velocidade, ou ordenar que fosse substituído um jovem roto ou desfraldada outra vela. Arremessou-se para as profundezas do Pacífico, para o infinito.

No quarto dia, deu a volta e impeliu o navio, durante a metade do dia, em direção a noroeste. Depois, colocou-o à capa e desceu, fez a barba, tomou banho, dormiu durante um dia e uma noite e, na madrugada seguinte, comeu uma refeição completa. Em seguida, foi para o convés.

— *Bom-dia,* senhorrrr — *disse Cudahy.*

— *Tome o curso de Hong Kong.*

— *Sim,* senhorrrr.

Ficou no tombadilho o dia inteiro e parte da noite e, mais uma vez, dormiu. Ao amanhecer, observou o sol e fez uma marca no mapa, determinando outra vez que o navio fosse colocado à capa. Então mergulhou por sobre a amurada e nadou nu no mar. Os marinheiros fizeram o sinal-da-cruz, supersticiosamente. Havia tubarões nadando em torno.

Mas os tubarões se mantiveram à distância:

Tornou a subir a bordo e ordenou que o imaculado navio fosse lavado e os conveses esfregados — com areia, escova e água — o cordame substituído, as velas cuidadas, embornais e canhões limpos. Sua própria roupa e a dos homens ele atirou por sobre a amurada. Entregou novos trajes aos marinheiros e pegou roupas de marinheiro para si mesmo.

Foi servida a todos uma dose dupla de rum.

Ao amanhecer do sétimo dia, Hong Kong apareceu no horizonte, bem em frente. O Cume estava amortalhado em neblina. Havia cirros no alto e nuvens gordas mais embaixo.

Ele ficou em pé no gurupés, com a espuma encapelando-se logo abaixo. — Distribua seus malefícios, Ilha! — gritou, e o vento leste lhe levou a voz. — Estou em casa!

CAPÍTULO TRINTA E UM

O *China Cloud* voltou para o porto, através do canal oeste. O sol que se levantava era forte, o vento, vindo do leste, firme e úmido.

Struan estava no tombadilho, nu até à cintura, com a pele muito bronzeada e o cabelo vermelho-dourado clareado pelo sol. Focalizou seu binóculo nos navios no porto. Primeiro o *Resting Cloud*. Bandeiras de código drapejavam na mezena: "Zenith" — o proprietário deve vir imediatamente a bordo. Já era de se esperar, pensou. Lembrou-se da última vez — há uma eternidade — em que lera "Zenith" no *Thunder Cloud* e isto prenunciava a notícia de tantas mortes e a chegada de Culum.

No porto, havia mais navios para transporte de soldados do que antes. Todos tinham bandeiras da Companhia das índias Orientais. Ótimo. Os primeiros reforços. Viu um grande bergantim perto da nau capitania. A bandeira russa drapejava à popa e a bandeirola tzarista estava acima do mastro principal.

Havia muito mais sampanas e juncos do que o habitual, cortando as ondas.

Depois de examinar meticulosamente o resto da frota, virou-se para a praia, enquanto o cheiro do mar se misturava, agradavelmente, com o da terra. Podia ver atividade perto do Cabo Glessing e muitos europeus e grupos de mendigos caminhando pela Estrada da Rainha. O Tai Ping Shan parecia ter crescido apreciavelmente.

O Leão e o Dragão adejavam sobre a feitoria abandonada da Casa Nobre e o vazio Vale Feliz.

— Quatro pontos a estibordo!

— Sim, sim, *senhorrrr* — cantou o timoneiro.

Struan, habilmente, pilotou a *lorcha* para colocá-la ao lado do *Resting Cloud.* Vestiu uma camisa e subiu para bordo.

— Bom-dia — disse o Capitão Orlov. Conhecia o Tai-Pan bastante bem e não lhe perguntou onde estivera.

— Bom-dia. Estão com o sinal “Zenith”. Por quê?

— Ordens de seu filho.

— Onde está ele?

— Em terra.

— Por favor, traga-o para bordo.

— Chamaram-no, quando seu navio entrou no porto.

— Então, por que não se encontra aqui?

— Posso receber meu navio de volta, agora? Por Thor, Olhos Verdes, estou mortalmente cansado de ser um capitão-lacaio. Deixe-me ser um capitão do chá, ou um capitão do ópio, deixe-me levar o navio para águas do Ártico. Conheço cinqüenta lugares onde posso pegar uma carga de peles... mais prata para cevar seus cofres. Não é pedir demais.

— Preciso de você aqui. — Struan riu, e remoçou anos.

— Pode rir, pelo prepúcio de Odin! — O rosto de Orlov se retorceu, com o seu próprio sorriso. — Foi para o mar, enquanto eu estava preso num pontão ancorado. Você parece um deus, Olhos Verdes. Pegou tempestade? Tufão? E por que minha vela grande está mudada, como também a sobre de proa, e de mezena, a giba? Há novas adriças, estais e estingues por toda parte. Por que, hein? Você arrancou o coração de meu lindo navio, só para limpar sua alma?

— Que tipos de pele, Capitão?

— De foca, zibelina, *vison*... dê o nome de qualquer pele e lhe direi que há, desde que eu possa dizer a qualquer um: “Saia do meu navio e vá para o inferno”, até a você.

— Em outubro, você viaja para o norte. Sozinho. Será que isso o satisfaz? Peles para a China, hein?

Orlov deu uma espiada em Struan e percebeu, imediatamente, que não navegaria para o norte em outubro. Um calafrio o percorreu e ele detestou o dom da profecia, que o atormentava. O que irá acontecer comigo entre junho e outubro?

— Posso pegar meu navio agora? Sim ou não, por Deus? Outubro é um mês ruim e está muito longe. Posso pegar meu navio agora, sim ou não?

— Sim.

Orlov marinhou por sobre a amurada e caiu ruidosamente em pé no tombadilho.

— Soltem a amarra dianteira — gritou.

Depois, acenou para Struan e riu, estrepitosamente. O *China Cloud* afastou-se da nave-mãe e serpenteou, elegantemente, em direção à sua amarração de tempestade, ao largo do Vale Feliz.

Struan desceu para os alojamentos de May-may. Ela estava profundamente adormecida. Ele disse a Ah Sam para não acordá-la; voltaria mais tarde. Depois, foi para o convés acima, para seus próprios alojamentos particulares, tomou banho, fez a barba e vestiu roupas limpas. Lim Din trouxe-lhe ovos, frutas e chá. A porta da cabina se abriu e Culum entrou às pressas.

— Onde esteve? — começou, num ímpeto. — Há mil coisas que precisam ser feitas e a venda de terras é hoje à tarde. Você poderia ter me avisado, antes de desaparecer. Isso aqui está um verdadeiro torvelinho e...

— Você não bate nas portas, Culum?

— Claro, mas estava com pressa. Desculpe.

— Sente-se. Que mil coisas são essas? — perguntou Struan. — Pensei que você pudesse resolver tudo.

— Você é o Tai-Pan, eu não sou — disse Culum.

— Sim. Mas diga o que teria feito, se eu não voltasse hoje. Culum hesitou.

— Teria ido para a venda de terras. Comprado terras.

— Fez algum acordo com Brock sobre os lotes pelos quais não faríamos lances um contra o outro? Culum ficou constrangido com o olhar de seu— pai.

— Bom, de certa forma, sim. Fiz um acerto provisório. Sujeito à sua aprovação.

Puxou um mapa e estendeu-o sobre a escrivaninha. O local da nova cidade cercava o Cabo Glessing, duas milhas a oeste do Vale Feliz. O lugar plano para construção era restrito pelas montanhas que o cercavam, e tinha pouco menos de meia milha de largura, ficando afastado da praia apenas meia milha. O Tai Ping Shan elevava-se acima do local e bloqueava a expansão para leste.

— Esses são todos os lotes. Escolhi o oito e o nove. Gorth disse que eles queriam o catorze e o vinte e um.

— Você confirmou isso com Tyler?

— Sim.

Struan deu uma olhada no mapa.

— Por que escolher dois lotes um junto do outro?

— Bom, nada sei a respeito de terra e nem de feitorias ou ancoradouros, então fiz perguntas a George Glessing. E a Vargas. E depois, em particular, a Gordon Chen. E...

— Por que Gordon?

— Não sei. Pensei que era uma boa idéia. Ele parece ser muito inteligente.

— Continue.

— Bom, todos concordaram que os melhores lotes marinhos eram o oitavo, o nono, o décimo, o décimo quarto e o vigésima primeiro. Gordon sugeriu que os dois fossem juntos para o caso de querermos nos expandir e, então, um cais serviria para as duas feitorias. Por sugestão de Glessing, mandei o Capitão Orlov medir a profundidade ao largo da praia. Ele disse que há um bom fundo de rochedos, mas a plataforma é rasa. Teremos de aterrar e colocar nosso cais bem afastado.

— Que lotes suburbanos você escolheu? Culum, nervosamente, apontou-os.

— Gordon achou que deveríamos fazer lances para aquela propriedade ali. É... bom, é um morro, e... bom, acho que seria um lugar ótimo para a Grande Casa.

Struan levantou-se, foi até às vigias da popa e olhou o morro pelo binóculo. Ficava a oeste do Tai Ping Shan, em frente ao local.

— Teremos de construir uma estrada para lá, hein?

— Vargas disse que, se pudermos comprar os lotes suburbanos 9A e 15B, teremos ahn... acho que ele chamou de “uma servidão”, ou algo parecido, e isto protegeria nossa propriedade. Mais tarde, poderíamos construir no local e alugar os prédios se quiséssemos. Ou os revenderíamos, em outra ocasião.

— Discutiu isso com Brock?

— Não.

— Com Gorth?

— Não.

— Com Tess?

— Sim.

— Por quê?

— Sem nenhuma razão especial. Gosto de conversar com ela. Conversamos a respeito de uma porção de coisas.

— É perigoso conversar com ela a respeito de um assunto desses. Queira você ou não, submeteu-a a um teste.

— O quê?

— Se Gorth ou Brock fizerem lances para o 9A e o 15B, você saberá que ela não é digna de confiança. Sem os lotes menores, o morro fica arriscado.

— Ela nunca diria nada — afirmou Culum, beligerantemente. — Foi em particular, entre nós. Talvez os Brocks tenham a mesma idéia. Não provará nada, se eles fizerem lances contra nós.

Struan examinou-o. Depois, disse:

— Quer um drinque, ou chá?

— Chá, obrigado. — As palmas das mãos de Culum estavam pegajosas. Ele ficou imaginando se Tess realmente conversara com Brock, ou com Gorth. — Para onde você foi?

— Que outras coisas precisam de decisões? Culum se concentrou, com um esforço.

— Há uma porção de correspondência, tanto para você como para o tio Robb. Não sabia o que fazer com ela e então coloquei tudo no cofre. Vargas e Chen Sheng calcularam nossas despesas no Vale Feliz e eu... bom... eu assinei pela prata. Longstaff pagou a todos, como você disse. Assinei pela prata e contei as barras. Ontem, um homem chegou da Inglaterra no navio de Zergeyev. Roger Blore. Disse que pegou a embarcação em Cingapura. Quer ver você com urgência. Não me falou o que deseja mas, bom... de qualquer jeito eu o instalei no pontão pequeno, Quem é ele?

— Não sei, rapaz — disse Struan, pensativamente.

Tocou a campainha na escrivaninha e o camaroteiro entrou. Struan mandou que um escaler fosse buscar Blore.

— Que mais, rapaz?

— As encomendas para a compra de materiais e abastecimentos de navios se amontoam. Temos de encomendar novos estoques de ópio... mil coisas. Struan brincou com seu caneco de chá.

— Brock já lhe deu resposta?

— Hoje é o último dia. Ele me convidou para ir a bordo do *White Witch* esta

noite.

— Tess não deu indicação a respeito de qual será a decisão do pai?

— Não.

— E Gorth?

Outra vez, Culum abanou a cabeça.

— Vão partir para Macau amanhã. Exceto Brock. Fui convidado a ir com eles.

— E vai?

— Agora que você voltou, eu gostaria. Por uma semana... ; disser que poderemos casar-nos logo. — Culum bebeu um pouco de chá. — Vai ser preciso comprar mobília e... bom, esse tipo de coisa.

— Você se encontrou com Sousa?

— Sim, encontramos. A terra é maravilhosa, e o projeto já está traçado. Jamais poderemos agradecer-lhe o suficiente. Estarmos pensando... bom, Sousa nos contou a respeito do quarto separado para o banho e toalete que você mandou projetar para sua casa. Nós... bom... nós pedimos a ele para construir a mesma coisa para nós.

Struan ofereceu um charuto e acendeu-o.

— Por quanto tempo você teria esperado, Culum?

— Não entendo.

— Que eu voltasse. O mar poderia ter-me engolido.

— Ah, não você, Tai-Pan.

— Um dia poderá engolir... engolirá. — Struan soprou uma baforada de fumaça e olhou-a flutuar. — Se eu, algum dia, for embora outra vez sem lhe dizer para onde, espere quarenta dias. Não mais. Ou estou morto ou não tornarei a voltar.

— Está bem. — Culum ficou imaginando onde seu pai queria chegar. — Por que você partiu assim?

— Por que você conversa com Tess?

— Isso não é resposta.

— O que mais aconteceu desde que eu fui embora?

Culum estava desesperadamente tentando entender, mas não conseguia. Ele tinha pelo pai um respeito ainda maior do que antes, mas não sentia nenhum amor filial. Conversara durante horas com Tess e descobrira nela uma fantástica profundidade. E haviam discutido seus pais, tentando avaliar aqueles dois que eles amavam, temiam, e, algumas vezes, odiavam mais do que qualquer outra coisa na terra, mas para quem corriam, ao primeiro sinal de Perigo.

— As fragatas voltaram de Quemoy.

— E?...

— Destruíram entre cinqüenta e cem juncos. Grandes e pequenos. E três ninhos de piratas na costa. Talvez tenham afundado Wu Kwok, talvez não.

— Acho que logo saberemos.

— Anteontem, eu visitei sua casa no Vale Feliz. Os vigias... ah, você sabe que ninguém quer ficar ali à noite... acho que a casa foi invadida e muito saqueada. Struan ficou pensando se o cofre secreto havia sido violado.

— Não há nenhuma notícia boa?

— Aristotle Quance fugiu de Hong Kong.

— Hein?

— Sim. A Sra. Quance não acredita, mas todos, pelo menos quase todos, o viram no navio, o mesmo que levou a tia Sarah para a Inglaterra. A pobre mulher acredita que ele ainda está em Hong Kong. Você sabia a respeito de George e Mary Sinclair? Eles vão casar. Isto é bom, embora Horatio esteja terrivelmente aborrecido. Mas, também, nem tudo está bem. Acabamos de saber que Mary está muito doente.

— Malária?

— Não, uma enfermidade qualquer, contraída em Macau. É muito estranho. George recebeu uma carta, ontem, da madre superiora da Ordem Católica de Enfermeiras. O pobre coitado está mortalmente preocupado! Não se pode confiar nesses papistas.

— O que disse a madre superiora?

— Só que achava seu dever informar a respeito de Mary ao parente mais próximo. E que Mary dissera para escrever a George. Struan franziu a testa.

— Por que diabo ela não foi para o Hospital Missionário? E por que não informou Horatio?

— Não sei.

— Você contou a Horatio?

— Não.

— Será que Glessing disse a ele?

— Duvido. Eles parecem se odiar agora.

— É melhor você ir com os Brocks, e ver como ela está.

— Achei que você ia querer notícias em primeira mão, por isso enviei o sobrinho de Vargas, Jesus, de *lorcha,* ontem. O pobre George não conseguiu uma licença, por parte de Longstaff e eu também queria ajudá-lo.

Struan se serviu de mais chá e, depois, olhou para Culum com um respeito novo.

— Muito bem.

— Bom, eu sei que ela é quase como uma tutela sua.

— Sim.

— A única coisa além disso é que o inquérito sobre o acidente com o arquiduque foi arquivado, há alguns dias. O júri achou que fora apenas um acidente mesmo.

— Você acha que foi?

— Claro. Não acha?

— Visitou Zergeyev?

— No mínimo uma vez por dia. Ele esteve no inquérito, claro, e... disse muitas coisas lisonjeiras a seu respeito. Como você o ajudou, salvou-lhe a vida, coisas assim. Zergeyev não pôs a culpa em ninguém e disse que já informara o tzar, neste sentido. Disse, abertamente, que acreditava dever sua vida a você. Skinner tirou uma edição especial do *Oriental Times*, dando cobertura ao inquérito. Eu a guardei para você. — Culum entregou-lhe o jornal. — Não ficaria surpreso se você receber uma comenda real do tzar, pessoalmente..

— Como vai Zergeyev?

— Está caminhando, agora, mas seu quadril ficou muito rígido. Acho que sente muitas dores, embora jamais fale disso. Diz que nunca cavalgará outra vez.

— Mas está bem?

— Tão bem quanto é possível a um homem que vive para cavalgar.

Struan foi até o aparador e serviu xerez para dois. O rapaz mudou, pensou. Sim, mudou muito. Estou orgulhoso de meu filho. Culum aceitou o copo e ficou a olhá-lo. — À sua saúde, Culum. Você se saiu muito bem.

— À sua, .papai. — Culum escolheu a palavra intencionalmente.

— Obrigado.

— Não me agradeça. Quero ser Tai-Pan da Casa Nobre. E muito. Mas não quero esperar por uma herança.

— Nunca pensei que você fosse esperar por herança — replicou Struan.

— Sim, mas considerei o assunto. E sei que, na verdade, não gosto da idéia.

Struan perguntou a si mesmo como seu filho podia dizer uma coisa dessas tão calmamente.

— Você mudou muito nas últimas semanas.

— Estou aprendendo a respeito de mim mesmo, talvez. Por causa de Tess, principalmente... e por ter ficado sozinho por sete dias. Descobri que não estou preparado ainda para ficar sozinho.

— Gorth tem a mesma opinião que você, sobre a questão da herança?

— Não posso responder por Gorth, Tai-Pan. Só por mim mesmo. Sei que você tem razão na maioria das coisas, que eu amo Tess, que você está indo contra tudo em que acredita para me ajudar.

Outra vez, Struan lembrou as palavras de Sarah.

Bebeu seu xerez, contemplativamente.

***

Roger Blore tinha vinte e poucos anos, e um rosto tão tenso quanto seus olhos. Suas roupas eram caras, mas surradas, e seu físico de pequenas dimensões, enxuto e destituído de gordura. Tinha cabelo louro-escuro e seus olhos azuis estavam profundamente fatigados.

— Por favor, sente-se, Sr. Blore — disse Struan. — E agora, por que todo esse mistério? E por que precisava ver-me a sós? Blore continuou em pé.

— O senhor é Dirk Lochlin Struan?

Struan ficou surpreendido. Muito poucas pessoas sabiam de seu nome intermediário.
— Sim. E quem poderá ser o senhor?

Nem o rosto do homem e nem o seu nome significavam nada para Struan. Mas seu sotaque era de pessoa bem-educada — Eton, Harrow ou Charter House.

— Posso ver o seu pé esquerdo, senhor? — pediu o jovem, cortesmente.

— Pela morte de Cristo! Mas que sujeitinho insolente! Diga o que quer e saia!

— Tem toda razão em se irritar, Sr. Struan. As possibilidades de que o senhor seja o Tai-Pan são de cinqüenta contra uma. Cem contra uma. Mas preciso ter certeza de que o senhor é quem diz ser.

— Por quê?

— Porque tenho uma informação para Dirk Lochlin Struan, o Tai-Pan da Casa Nobre, cujo pé esquerdo foi meio arrancado por um tiro... uma informação da maior importância.

— Da parte de quem?

— Do meu pai.

— Não me lembro do seu nome e nem do seu pai, e tenho uma boa memória para nomes, por Deus!

— Meu nome não é Roger Blore, senhor. Trata-se apenas de um pseudônimo... por uma questão de segurança. Meu pai é membro do Parlamento. Tenho quase certeza de que o senhor é o Tai-Pan. Mas, antes de dar a informação, preciso ter absoluta certeza. Struan tirou o punhal de sua bota direita e levantou a bota esquerda.

— Pode puxar — disse, com um tom perigoso. — E se a informação não for “da maior importância”, vou gravar minhas iniciais em sua testa.

— Então suponho que estou arriscando a minha vida. Uma vida pela outra. Ele arrancou a bota, suspirou de alívio e se sentou, debilmente.

— Meu nome é Richard Crosse. Meu pai é Sir Charles Crosse, membro do parlamento de Chalfont, St. Giles.

Struan encontrara Sir Charles duas vezes, há alguns anos. Naquele tempo, Sir

Charles era um pequeno proprietário rural sem recursos, um veemente defensor do livre comércio e da importância do comércio asiático, bem-visto no Parlamento. Ao longo dos anos, Struan dera-lhe apoio financeiro e nunca lamentara o investimento. Devia ser a respeito da ratificação, pensou, com ansiedade.

— Por que não disse logo isso?

Crosse esfregou os olhos, cansado.

— Posso beber alguma coisa, por favor?

— Grogue, conhaque, xerez... sirva-se.

— Obrigado, senhor. — Crosse se serviu de um pouco de conhaque. — Obrigado. Desculpe, mas... bom, estou um pouco cansado. Papai me disse para ter muito cuidado... para usar um pseudônimo. E falar só com o senhor... ou, se estivesse morto, com Robb Struan. — Desabotoou a camisa e abriu uma bolsa que tinha amarrado em torno da cintura. — Ele lhe mandou isto. — Entregou a Struan um envelope sujo, com muitos selos, e se sentou.

Struan pegou o envelope. Estava endereçado a ele, datado de Londres. 29 de abril. Abruptamente, ele ergueu os olhos e sua voz desafinou.

— Você é um mentiroso! É impossível que tenha chegado aqui tão depressa. A carta é de apenas sessenta dias atrás!

— Sim, é, senhor — disse Crosse, alegremente — fiz o impossível. — Riu, nervosamente. — Papai jamais me perdoará.

— Ninguém fez nunca a viagem em sessenta dias. Qual o seu jogo?

— Parti numa terça-feira, 29 de abril. Diligência de Londres a Dover. Peguei o paquete para Calais no último minuto. Uma diligência para Paris e outra para Marselha. O paquete francês para Alexandria, faltando um segundo para a partida. Por terra para Suez, através dos bons ofícios de Mehemet Ali... a quem papai encontrou certa vez, e, depois, o paquete de Bombaim, por um átomo de segundo. Apodreci em Bombaim durante três dias e, então, tive um golpe fabuloso de sorte. Comprei passagem num clíper de ópio para Calcutá. Então...

— Que clíper?

— O *Flying Witch*, pertencente a Brock e Filhos.

— Continue — disse Struan, erguendo as sobrancelhas.— E, depois, um navio mercante de carreira indiana para Cingapura. O *Bombay Prince*. Então, que falta de sorte, não havia nenhum navio programado para Hong Kong por semanas. Mas tive sorte. Consegui convencer o pessoal de um navio russo, aquele e embarquei — disse Crosse, apontando pelas vigias da popa. — Era o jogo mais arriscado de todos, mas era minha última chance. Dei ao capitão os últimos guinéus que tinha. Antecipadamente! Pensei que eles, com certeza, iriam cortar a minha garganta e me atirar no mar, logo que partíssemos, mas era minha última chance. Cinqüenta e nove dias, na verdade, senhor... de Londres a Hong Kong.

Struan levantou-se e serviu outra dose a Crosse e uma dupla para si mesmo. Sim, é possível, pensou. Não é provável, mas é possível.

— Sabe o conteúdo da carta?

— Não, senhor. Pelo menos, sei apenas a parte que se refere a mim.

— E qual é?

— Papai diz que sou gastador, trapalhão, jogador e louco por cavalos — disse Crosse, com franqueza cândida. — E há um mandado de prisão por dívida contra

mim, na prisão de Newgate. Que ele me confia à sua generosidade, e espera que seja capaz de encontrar um uso para meus “talentos”... qualquer coisa que me mantenha fora da Inglaterra, e distante dele pelo resto de sua vida. E expõe as paradas da aposta.

— Que aposta?

— Cheguei ontem, senhor. 28 de junho. Seu filho e muitos outros são testemunhas. Talvez deva ler a carta, senhor. Posso garantir-lhe que meu pai jamais aposta comigo, a não ser em questões da “máxima importância”.

Struan reexaminou os selos e os rompeu. A carta dizia: “Westminster, 11 horas da noite de 28 de abril de 41. Meu caro Sr. Struan: acabo de me inteirar, secretamente, de um despacho do Ministro de Relações Exteriores, Lord Cunnington, enviado ontem para o Ilustre William Longstaff, plenipotenciário de Sua Majestade na Ásia. O despacho diz, num trecho: ‘O senhor desobedeceu e negligenciou minhas ordens e parece considerá-las inúteis. Obviamente, parece decidido a resolver os negócios do Governo de Sua Majestade de acordo com seus caprichos. De maneira impertinente desconsiderou as instruções no sentido de que cinco ou seis portos chineses no continente se tornassem acessíveis aos interesses comerciais britânicos, e plenos canais diplomáticos permanentemente estabelecidos, nesse particular; de que isto fosse feito prontamente, de preferência através de negociações, mas, se as negociações fossem impossíveis, através do uso da força enviada para este explícito propósito e com despesas consideráveis. Em vez disso, o senhor procura um miserável rochedo, que mal tem nele uma só casa, e isto através de um tratado inteiramente inaceitável, e, ao mesmo tempo, a se dar crédito aos despachos navais e militares, continuamente vem empregando mal as Forças de Sua Majestade que estão sob seu comando. De maneira alguma pode Hong Kong se tornar, um dia, o empório comercial na Ásia — como Macau não se tornou. O Tratado de Chuenpi é totalmente repudiado. Seu sucessor, Sir Clyde Whalen, chegará aí a qualquer momento, meu caro senhor. Talvez possa ter a gentileza de transmitir seu cargo ao vice, Sr. C. Monsey, ao receber este despacho, e partir da Ásia imediatamente, numa fragata para tanto destacada, pela presente. Apresente-se no meu escritório logo

que puder...”

“Estou sem saber que...”

Impossível! Impossível que tenha podido cometer um erro tão estúpido, louco e absurdo!, pensou Struan. Continuou a ler: “Estou sem saber que atitude tomar. Não há nada que possa fazer até a informação ser dada oficialmente na Casa. Não ouso usar abertamente esta informação secreta. Cunnington pediria minha cabeça e eu seria afastado da política. Mesmo colocar isto no papel, para si, desta maneira, é dar aos meus inimigos

— e quem, em política, só tem poucos? — uma oportunidade para me destruir e, comigo, todos aqueles que defendem o livre comércio e a posição pela qual o senhor vem lutando durante todos esses anos. Peço a Deus que meu filho coloque isto só em suas mãos.

“(A propósito, ele nada sabe a respeito do conteúdo particular desta carta.)

“Como sabe, o Ministro de Relações Exteriores é um homem autoritário, guia-se por seus próprios princípios, é o baluarte do nosso partido Whig. Sua atitude, no despacho, é perfeitamente clara. Temo que Hong Kong seja uma questão vencida. E, a menos que o Governo seja derrotado e os Conservadores de Sir Robert Peel subam ao poder — uma impossibilidade, eu diria, em futuro previsível — Hong Kong, provavelmente, permanecerá uma causa vencida.

“A notícia da falência do seu banco espalhou-se nos círculos internos na City — muito ajudada por seus rivais, liderados pelo jovem Morgan Brock. ‘Em grande confiança’, Morgan Brock, judiciosamente, lançou as sementes da desconfiança, juntamente com a informação de que os Brocks agora possuem a maioria — senão todas — das suas ações importantes, e isto prejudicou incomensuravelmente sua influência aqui. Além disso, uma carta do Sr. Tyler Brock e de certos outros negociantes chegou, quase simultaneamente com o despacho do Tratado de Chuenpi, de Longstaff, em violenta oposição ao estabelecimento em Hong Kong e à conduta de Longstaff, durante as

hostilidades. A carta era endereçada ao Primeiro-Ministro, ao Ministro de Relações Exteriores, e cópias foram enviadas aos seus inimigos — que, como sabe, são muitos.

“Sabendo que pode ter posto o remanescente de seus recursos, se ainda tem alguns, em sua querida ilha, escrevo para lhe dar uma oportunidade de se desemaranhar e salvar alguma coisa do desastre. Talvez tenha entrado em algum tipo de acordo com Brock — rezo para que sim — embora, a se acreditar no arrogante Morgan Brock, o único acordo que agradaria a eles seria a eliminação de sua Casa. (Tenho boas razões para acreditar que Morgan Brock e um grupo de interesses bancários continentais — franceses e russos, segundo outros boatos — iniciaram a repentina corrida ao banco. O grupo continental propôs a manobra quando, de alguma maneira, transpirou a notícia da planejada estrutura internacional do Sr. Robb Struan. Eles quebraram seu banco, em troca de cinqüenta por cento num plano similar que Morgan Brock está, agora, tentando executar.)

“Sinto muito dar notícias tão más. Faço isso com boa fé, esperando que, de alguma maneira, a informação seja útil e o senhor possa sobreviver à luta, mais uma vez. Ainda acredito que seu plano para Hong Kong seja o correto. E pretendo continuar a tentar executá-lo.

“Sei pouco a respeito de Sir Clyde Whalen, o novo Capitão-Superintendente do Comércio. Ele serviu com distinção na Índia e tem uma excelente reputação como soldado. Não é administrador, segundo creio. Ouvi dizer que parte amanhã para a Ásia; assim, sua chegada deve estar iminente.

“Para finalizar: confio meu filho mais moço ao senhor. Ele é um gastador, uma ovelha negra, um trapalhão cujo único propósito na vida é jogar, preferivelmente em cavalos. Há um mandado por dívidas contra ele, da prisão de Newgate. Eu lhe disse que — pela última vez — pagaria seus débitos aqui, se ele, imediatamente, empreendesse esta perigosa viagem. Ele concordou, apostando que, se realizasse o feito impossível de chegar a Hong Kong em menos de sessenta e cinco dias — metade do tempo normal — eu lhe daria mil guinéus, como despedida.

“Para garantir que a entrega fosse a mais rápida possível, eu estipulei mil guinéus para menos de sessenta e cinco dias; quinhentos a menos para cada dia que ultrapassasse o período determinado; desde que ele permanecesse fora da Inglaterra pelo resto de minha vida — e o dinheiro seria pago na proporção de cem guinéus por ano, até se esgotar. Anexo está o primeiro pagamento. por favor, avise-me pela volta do correio da data em que ele chegou.

“Se houver alguma maneira pela qual possa usar seus ‘talentos’ e controlá-lo, conquistará a imorredoura gratidão de um pai. Tentei, que Deus me perdoe, e a ele também, e fracassei. Muito embora eu o ame profundamente.

“Por favor, aceite o meu pesar, por sua má sorte. Meus cumprimentos para o Sr. Robb, e concluo com a esperança de que terei o prazer de encontrá-lo pessoalmente, em circunstâncias mais favoráveis. Tenho a honra de ser, senhor, seu mais obediente criado, Charles Crosse.”

Struan fitou o porto, lá fora, e a ilha. Lembrou-se da cruz que queimara no primeiro dia. E dos vinte guinéus de ouro de Brock. E das três moedas restantes de Jin-qua. E dos *loques* de prata que deveriam ser investidos em alguém que, um dia, viria com um certo carimbo. Agora, todo suor e todo trabalho e todos os planos e todas as mortes estariam desperdiçados. Devido à estúpida arrogância de um homem — Lord Cunnington. *Bom e doce Cristo, o que farei, agora?*

Struan superou o choque da notícia e forçou a si próprio a pensar. O Ministro de Relações Exteriores é um homem brilhante. Ele não repudiaria Hong Kong impensadamente. Deve haver uma razão. Qual será? E como controlarei Whalen? Como encaixar um “soldado e não administrador” no futuro?

Talvez eu devesse parar de comprar a terra hoje. Vamos deixar o resto dos negociantes comprar e que vão para o inferno. Brock será liquidado, junto com os outros, porque Whalen e a notícia não chegarão antes de um mês, ou mais. Nessa ocasião, estarão mergulhados numa frenética atividade de construção. Sim, esta é uma saída e, quando a notícia for do conhecimento geral, nós nos retiraremos todos para Macau — ou para um dos portos obtidos por Whalen através de tratado — e os demais serão liquidados. Ou quase. Sim. Mas se *eu*

posso obter essa informação, Brock também pode. Então, talvez ele não seja destruído. Talvez.

Sim. Mas dessa maneira você perde a chave para a Ásia: este miserável rochedo gasto, sem o qual todos os portos abertos e o futuro não terão sentido.

A alternativa é comprar, construir e apostar no fato de que, como Longstaff, Whalen pode ser persuadido a ir além das determinações, que o próprio Cunnington pode ser envolvido. Para derramar a riqueza da Casa Nobre na nova cidade. Um jogo. Fazer Hong Kong florescer. De modo que o governo seja forçado a aceitar a colônia.

É mortalmente perigoso. Você não pode forçar a Coroa a fazer isso. Os riscos são terríveis, terríveis. Mesmo assim, você não tem escolha. Tem de jogar.

Pensar em jogo fez com que lembrasse o jovem Crosse. Ora, é um rapaz de méritos. Como posso usá-lo? Como posso fazer que fique de boca calada com relação à sua fantástica viagem? Sim, e como posso dar a Whalen uma impressão favorável de Hong Kong? E me aproximar de Cunnington? Como posso manter o tratado do jeito que eu quero?

— Bom, Sr. Crosse, fez uma viagem notável. Quem sabe quanto tempo o senhor levou?

— Só o senhor.

— Então fique calado a respeito. — Struan escreveu alguma coisa num bloco de papel. — Entregue isto ao chefe dos meus funcionários. Crosse leu a nota.

— Vai me dar o total dos cinco mil guinéus?

— Coloquei no nome de Roger Blore. Acho melhor que conserve este nome...

por enquanto, pelo menos.

— Sim, senhor. Agora, eu sou Roger Blore. — Ele se levantou. — Ainda precisa de mim agora, Sr. Struan?

— Quer um emprego, Sr. Blore?

— Temo que... bom, Sr. Struan, tentei dúzias de coisas, mas nunca funciona. Papai tentou tudo e, bom... eu me aceito... talvez seja uma fatalidade... eu me aceito como sou. Sinto muito, mas o senhor está desperdiçando suas boas intenções.

— Aposto com você cinco mil guinéus que aceitará o emprego que vou lhe oferecer. O rapaz sabia que ganharia a aposta. Não havia nenhum emprego que o Tai-Pan pudesse oferecer-lhe e ele aceitasse.

Mas espere. Este não é um homem para se brincar, e nem para se apostar assim sem mais nem menos. Esses olhos calmos e diabólicos são impassíveis. Detestaria vê-los do outro lado de uma mesa de pôquer. Ou no bacará. Tenha cuidado, Richard Crosse Roger Blore. E este é o homem que cobraria uma dívida.

— Bom, senhor Blore? Onde está a sua coragem? Ou não é o jogador que finge ser?

— Os cinco mil guinéus são minha vida, senhor. A última parada que posso ganhar.

— Então aposte sua vida, por Deus!

— Não está arriscando a sua, senhor. Então a aposta é desigual. Essa soma é desprezível para o senhor. Então me dê vantagens. Cem a um. Struan admirou o

atrevimento do rapaz.

— Muito bem... a verdade, Sr. Blore. Diante de Deus. — Lhe estendeu a mão e Blore teve uma tontura, porque contara que pedir tais vantagens iria acabar com a aposta. Não faça isso, seu louco, ele disse a si mesmo. Quinhentos mil guinéus! Apertou a mão de Struan.

— Secretário do Jóquei Clube de Hong Kong — disse Struan.

— O quê?

— Acabamos de formar um Jóquei Clube. Você é secretário, a tarefa é conseguir os cavalos. Traçar uma pista de corridas. Uma sede de clube. Começar a mais rica e a mais fina estrebaria da Ásia. Tão boa quanto *Aintree*, ou qualquer outra no mundo. Quem ganha, rapaz?

Blore procurou, desesperadamente, desafogar-se. Pelo amor de Deus, concentre-se, gritou, para si mesmo.

— Uma pista de corridas?

— Sim. Você vai iniciá-la, administrá-la... cavalos, o jogo, arquibancadas, apostas, prêmios, tudo. Comece hoje.

— Mas, por Jesus Cristo, onde vai conseguir os cavalos?

— Onde o *senhor* conseguirá os cavalos?

— Na Austrália, por Deus! — exclamou Blore. — Ouvi dizer que eles têm cavalos de sobra, por lá! — Tornou a entregar a ordem de pagamento a Struan e deu um berro de êxtase. — Sr. Struan, jamais se arrependerá disso. — Deu a

volta e correu para a porta.

— Aonde vai? — perguntou Struan.

— Para a Austrália, claro.

— Por que não vai ver o general primeiro?

— Hein?

— Pelo que me lembro, eles têm alguma cavalaria. Peça emprestados alguns cavalos. Eu acho que o senhor pode fazer a primeira corrida no próximo sábado.

— Será?

— Sim. Sábado é um bom dia para corridas. E a Índia é mais próxima do que a Austrália. Eu o enviarei para lá, pelo primeiro navio disponível.

— Enviará?

Struan sorriu.

— Sim. — Ele entregou de volta o papel. — Os quinhentos são um bônus sobre seu primeiro ano de salário, Sr. Blore, quinhentos por ano. O restante é o dinheiro para o prêmio das primeiras quatro ou cinco corridas. Vamos *dizer* oito corridas, com cinco cavalos cada, sábado sim, sábado não.

— Que Deus o abençoe, Sr. Struan.

Então, Struan ficou sozinho. Acendeu um fósforo e ficou olhando a carta arder.

Misturou as cinzas à poeira do chão e depois desceu. May-may ainda estava na cama, mas trocara de roupa e estava linda.

— Olá, Tai-Pan — disse May-may. Ela o beijou, rapidamente, e depois continuou a se abanar. — Estou muito satisfeita por você ter voltado. Quero que compre para mim um

pequeno lote de terra, porque decidi me tornar negociante.

— Que tipo de negociante? — ele perguntou, ligeiramente agastado com a brusca recepção, mas satisfeito por ela aceitar suas idas e vindas sem perguntas e sem brigas.

— Você verá, não se preocupe. Mas quero alguns taéis para começar. Pago dez por cento de juros, o que é muito bom. Cem taéis. Você será um sócio inativo. Ele estendeu o braço e colocou a mão sobre o seio dela.

— Por falar em inatividade, eu acho... Ela tirou a mão dele.

— Os negócios antes do repouso. Você compra a terra para mim e me empresta os taéis?

— Repouso antes dos negócios?

— *Ayeeee yah*, com esse calor? — ela disse, com uma risada. — Muito bem. É péssimo fazer qualquer esforço com esse calor... sua camisa já está grudando nas costas. Mas venha, não se preocupe. — Ela, obedientemente, caminhou em direção à porta do quarto de dormir, mas ele a agarrou.

— Só estava brincando. Como vai você? O bebê lhe deu algum problema?

— Claro que não. Sou uma mãe muito cuidadosa e só como alimentos muito especiais, para construir um belo filho. E fico pensando coisas bem agressivas, para que ele se torne um bravo Tai-Pan.

— Quantos taéis você quer?

— Cem. Eu já disse. Não tem ouvidos? Você está estranhíssimo hoje, Tai-Pan. Sim. Seguramente muito estranho. Não está doente, não é? Recebeu más notícias? Ou apenas se sente cansado?

— Só cansado. Cem taéis, pode contar com isso. E qual é o “negócio”?

Ela bateu palmas, toda excitada e tornou a se sentar à mesa.

— Ah, você verá. Pensei muito, desde que você foi embora. O que faço por você? Faço amor, oriento você... são coisas excelentes, claro, mas não é o bastante. Então, agora quero ganhar taéis para você também e para a minha velhice. — Ela riu outra vez, e ele ficou deliciado com sua risada. — Mas só com os bárbaros. Ganharei fortunas... ah, você vai achar que eu sou *genteintelíssima.*

— Não existe essa palavra.

— Você sabe muito bem o que eu quero dizer. — Ela o abraçou. — Quer fazer amor agora?

— Há uma venda de terras dentro de uma hora.

— É verdade. Então é melhor você trocar de roupa e voltar correndo. Um

pequeno lote na Estrada da Rainha. Mas não pago mais do que dez taéis de aluguel por ano! Você trouxe presente para mim?

— O quê?

— Bom, é um bom hábito — ela disse, com os olhos inocentes — quando o homem deixa a mulher traz presente para ela. Jades. Coisas assim.

— Não trouxe jades. Mas da próxima vez, serei mais atencioso.

Ela deu de ombros.

— É um bom hábito. Sua pobre velha mãe é muito pobre. Comemos mais tarde, hein?

— Sim. — Struan foi para seu camarote particular, no convés logo acima, Lim Din fez uma curvatura.
— O banho está bem frio, senhor. Quer assim?

— Sim.

Struan tirou as roupas amassadas e ficou deitado na banheira, deixando a mente considerar as implicações da notícia dada por Sir Charles, sua fúria com a estupidez de Cunnington quase a esmagá-lo. Ele se enxugou e vestiu roupas limpas, mas em poucos minutos sua camisa estava úmida de suor outra vez.

É melhor eu me sentar para pensar no assunto, ele pensou. Deixar Culum se encarregar da terra. Aposto minha vida que Tess contou ao pai sobre o plano dele com relação ao morro. Talvez Culum seja acuado e forçado a fazer lances altos

demais. O rapaz fez tudo bem; devo confiar isso a ele.

Então, mandou recado a Culum para fazer os lances em nome da Casa Nobre, e também lhe disse para comprar um lote pequeno, porém bom, na Estrada da Rainha. E mandou recado a Horatio de que Mary não estava bem e determinou que uma *lorcha* o levasse imediatamente a Macau.

Depois, sentou-se numa funda poltrona de couro e ficou olhando para a ilha, através de uma vigia, deixando a mente vaguear.

***

Culum comprou os lotes marinhos e suburbanos, orgulhoso de estar fazendo os lances pela Casa Nobre e ganhando mais prestígio. Muitos lhe perguntaram onde estava o Tai-Pan — onde ele estivera — mas respondeu laconicamente que não tinha idéia e continuou a deixar implícita a hostilidade não mais sentida.

Comprou o morro — e os lotes que o tornavam seguro – e ficou aliviado ao ver que os Brocks não faziam lances contra ele, provando ser Tess digna de confiança. Mesmo assim, decidiu ser mais cauteloso, no futuro, e não a colocar em tal posição outra vez. Era perigoso ser aberto demais com relação a certos assuntos, pensou. Perigoso para ela e perigoso para ele próprio. Por exemplo, o fato de que pensar nela, ou seu mais leve toque o deixavam quase louco de desejo. Fato que ele não poderia jamais discutir com ela e nem com seu pai, mas só com Gorth, que o compreendia: “Sim, Culum, rapaz. Sei disso muito bem. É uma dor terrível, terrível. A pessoa fica quase sem poder caminhar. Sim... e é terrivelmente difícil de controlar. Mas não se preocupe rapaz. Somos amigos e eu entendo. É bom sermos francos, eu e você. É terrivelmente perigoso para você viver como um monge. Sim. Pior do que isso, é acumular problemas para o

futuro... e ainda pior, ouvi dizer que, com isso, os filhos nascem doentes. A dor em suas entranhas pode ser uma advertência de Deus. Sim, essa dor deixa um homem doente pelo resto da vida, esta é a verdade absoluta e então, que Deus me perdoe! Não se preocupe, conheço um lugar em Macau. Não se preocupe, meu velho.

E, embora Culum não acreditasse realmente nas superstições que Gorth enumerou, as dores que suportava noite e dia minaram sua vontade de resistir. Queria alívio. Mesmo assim, jurou, se Brock concordar que nos casemos no próximo mês, então não irei a um bordel. Não irei!

***

Ao anoitecer, Culum e Struan foram para bordo do *White Witch.* Brock os esperava no tombadilho, com Gorth a seu lado. A noite estava fresca e agradável.

— Decidi a respeito do seu casamento, Culum — disse Brock. — No próximo mês seria impróprio. No próximo ano, provavelmente melhor. Mas, daqui a três meses Tess estará fazendo dezessete anos e então, nesse dia, dia dez, você pode casar.

— Obrigado, Sr. Brock — disse Culum. — Obrigado.

Brock sorriu para Struan.

— Isso convém a você, Dirk?

— É sua decisão, Tyler, não minha. Mas acho que três meses ou dois não fazem muita diferença de um mês. Ainda digo que seria bom no próximo mês.

— Setembro convém a você, Culum? Como eu disse? Seja honesto, rapaz.

— Sim. Naturalmente. Eu esperei, mas... bom, sim Sr. Brock. — Culum jurou que esperaria os três meses. Mas lá dentro dele mesmo, sabia que não poderia.

— Então isto será acertado convenientemente.

— Sim — Struan replicou. — Serão três meses, então. Sim, ele disse a si mesmo, três meses. Você assinou uma sentença de morte, Tyler. Talvez duas.

— E, Dirk, talvez possa me dar um pouco do seu tempo amanhã? — Podemos fixar

o dote.

— Ao meio-dia?

— Sim. Ao meio-dia. E agora acho que podemos nos reunir às senhoras, lá embaixo. Vai ficar para a ceia, Dirk?

— Obrigado, mas tenho de resolver algumas coisas.

— Como as corridas, hein? Tenho de lhe dar os parabéns. Foi uma ótima idéia trazer aquele sujeito, o Blore, lá da Inglaterra. É mesmo um jovem galã. A última corrida de cada rodada será a Parada Brock. Nós daremos o dinheiro do prêmio.

— Sim. Ouvi dizer. É conveniente que a melhor pista da Ásia fique aqui.

Blore fizera o anúncio durante a venda de terras. Longstaff concordara em ser o primeiro presidente do Jóquei Clube. A taxa anual para se ser sócio foi estipulada em dez guinéus, e todo europeu na ilha entrou imediatamente. Blore foi assediado por voluntários para montar os animais que o general concordara em fornecer.

— Sabe montar, Dirk?

— Sim. Mas nunca corri a cavalo.

— Estou no mesmo caso. Mas talvez nós devêssemos praticar um pouco, hein? Você monta, Culum?

— Sim. Mas não sou um perito. Gorth deu-lhe uma palmada nas costas.

— Podemos conseguir montadas em Macau e Culum praticará um pouco. Talvez a gente possa vencer nossos pais, hein? Culum sorriu, com constrangimento.

— Sim, podemos ver isso, Gorth — disse Struan. — Bom, boa-noite. Verei você ao meio-dia, Tyler.

— Sim. Boa-noite. Dirk.Struan partiu. Durante o jantar, Culum tentou amenizar o antagonismo que existia entre Gorth e Brock. Achou estranho que gostasse de ambos, pudesse entender os dois — porque Gorth queria ser Tai-Pan, e Brock não passaria o controle, por algum tempo. E, estranho, porque ele se sentia mais sensato com relação a isso do que Gorth. Não é tão estranho, realmente, pensou. Gorth não tinha sido deixado de repente sozinho por sete longos dias, com toda a responsabilidade. No dia em que eu *me* casar com Tess, vou jogar fora as vinte moedas de Brock. Não é direito guardá-las, agora. Aconteça o que acontecer, vamos começar da estaca zero. Só três meses. Ah, meu Deus, obrigado.

Depois do jantar, Culum e Tess foram para o convés sozinhos. Ambos estavam sem fôlego sob as estrelas, segurando as mãos um do outro e sentindo uma dor.

Culum roçoulhe os lábios, numa primeira tentativa de beijo, e Tess se lembrou da aspereza do beijo de Nagrek e do fogo que suas mãos lhe despertaram e a dor por ele causada — não uma dor, realmente, mas uma agonia-prazer cuja lembrança sempre a fazia arder outra vez. Ela estava satisfeita de logo poder apagar o fogo que havia dentro dela. Só três meses e, depois, a paz.

Eles voltaram para a fétida cabina abaixo, e depois que Culum partiu ela ficou deitada em seu beliche. Seu anseio lhe doía e ela chorou. Porque sabia que Nagrek a tocara de uma maneira como só Culum deveria tê-la tocado, e sabendo que este fato deveria ser mantido secreto para ele, por toda a eternidade. Mas como? Ah, meu amor, meu amor.

***

— Eu lhe digo, papai, foi um erro — dizia Gorth, na cabina grande, mantendo a voz baixa. — Um erro terrível!

Brock bateu o canecão sobre a mesa e a cerveja se espalhou, chegando a cair no chão.

— Foi minha decisão, Gorth, e o assunto está encerrado. O casamento deles será em setembro.

— E foi outro erro não fazer lances para o morro. Aquele demônio nos passou para trás outra vez, por Deus.

— Use seu cérebro, Gorth — sibilou Brock. — Se tivéssemos feito isso, então o jovem Culum saberia com certeza que Tess andava contando a mim,

inocentemente, coisas que não deveria contar. O morro não tem importância. Talvez chegue uma ocasião em que ela diga algo importante, que vá destruir Dirk, e é isso que eu quero saber, nada além disso. Brock desprezou a si mesmo por ouvir a conversa de Tess, por usá-la, sem ela saber, para espionar Culum e como um instrumento contra Dirk Struan. Mas detestou Gorth mais do que nunca, e confiou nele ainda menos. Porque sabia que Gorth tinha razão. Mas desejava a felicidade de Tess acima de qualquer outra coisa e saber disso fazia com que ele se tornasse perigoso. Agora o descendente do maldito Struan ia unir-se a sua adorada Tess.

— Juro por Cristo que matarei Culum, se ele lhe arrancar um fio de cabelo — disse, com voz terrível.

— Então, por que deixar que Culum se case com ela tão depressa, por tudo que é sagrado? Claro que ele vai magoá-la, e vai usá-la contra nós, agora.

— E o que fez você mudar de idéia, hein? — exclamou Brock. — Você era a favor, entusiasticamente, do casamento.

— Ainda sou, mas não dentro de três meses, por Deus! Isto vai arruinar tudo.

— Por quê?

— Claro que vai arruinar tudo — ele disse. — Quando eu era a favor, Robb estava vivo, hein? E o Tai-Pan ia partir este verão para sempre e passar seu cargo de Tai-Pan para Robb... e depois para Culum, em um ano. É verdade. Se eles se casassem no próximo ano, seria perfeito. Mas agora o Tai-Pan vai ficar. E agora você concorda que eles se casem em três meses, e o Tai-Pan vai tirá-la de você e vai exercitar Culum contra nós, e agora eu acho que ele nunca irá embora. Com certeza jamais, enquanto você for Tai-Pan de Brock e Filhos!

— Ele nunca iria sair da Ásia, dissesse o que dissesse a Culum. Ou a Robb. Eu conheço Dirk.

— E eu conheço você!

— Quando ele partir, ou morrer, então eu estarei partindo.

— Então, é melhor que ele morra logo.

— É melhor você se munir de paciência.

— Sou paciente, papai.

Estava na ponta da língua de Gorth contar a Brock a vingança que ele planejara para Struan — através de Culum — em Macau. Mas não contou. Seu pai estava mais preocupado com a felicidade de Tess do que em se tornar Tai-Pan da Casa Nobre. Seu pai não tinha mais a necessária inflexibilidade devoradora que Struan possuía numa medida capaz de lhe possibilitar ser o Tai-Pan.

— Lembre-se, papai, ele enganou você com a prata, com a casa dos dois, o casamento, e até no baile. Tess é a sua fraqueza — ele vociferou. — Ele sabia disso e você está agindo com ela como se ela fosse o guia para o seu carrasco, e marcha para um desastre!

— Não é verdade! Não é verdade! Sei o que estou fazendo — disse Brock, tentando manter a voz baixa, com as veias de suas têmporas grossas como os nós de um chicote. — E eu avisei você antes. Não vá atrás daquele demônio. Ele vai lhe cortar os colhões e se alimentar com eles. Eu conheço aquele demônio!

— É, conhece mesmo, papai! — Gorth farejava a idade de seu pai e sabia que, na verdade, pela primeira vez poderia esmagá-lo, de homem para homem. — Então saia do caminho e deixe um homem cumprir sua tarefa de homem, por Deus!

Brock ficou em pé de um pulo e a cadeira caiu. Gorth também ficou em pé,

esperando que o pai pegasse sua faca, sabendo que agora, e para sempre, já podia esperar, porque sabia a medida do outro.

Brock viu claramente que aquela era sua última chance de dominar Gorth. Se não pegasse a faca, estava perdido. Se pegasse a faca, teria de matar Gorth. Sabia que poderia — mas só com esperteza, não mais apenas usando a força. Gorth é seu filho, seu filho mais velho. Não é um inimigo, ele disse a si mesmo.

— Não é direito — ele disse, sufocando seu desejo de matar.

— Não é direito para você, nem para você e nem para mim, agir assim. Não, por Deus! Eu lhe digo pela última vez vá, vá atrás dele e encontrará seu Criador. Gorth sentiu a emoção da vitória.

— Só com *pagode* nós vamos sair dessa confusão. — Deu um chute em sua cadeira, tirando-a do caminho. — Vou para terra.

Brock ficou sozinho. Terminou o canecão, mais outro e ainda outro. Liza abriu a porta, mas ele não a notou e ela o deixou bebendo, foi para a cama e rezou pela felicidade do casamento. E pelo seu homem.

Gorth foi para terra. Para a casa da Sra. Fortheringill.

— Não quero saber de suas coisas, Sr. Brock — disse ela. — A última moça foi brutalmente ferida.

— O que significa uma macaca para você, feiticeira velha? Aqui está! — Gorth atirou vinte soberanos de ouro sobre a mesa.

— E aqui está a mesma coisa para você manter a boca fechada.

Ela lhe deu uma jovem Hakka e um quarto no porão, nos fundos da casa. Gorth abusou da moça, açoitou-a brutalmente e deixou-a agonizante. No dia seguinte, partiu no *White Witch* para Macau, a quarenta milhas sudoeste.

Todos os Brocks estavam a bordo, exceto o próprio Brock. Culum também se encontrava no tombadilho, de braços dados com Tess.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Cinco dias mais tarde era a data da corrida.

E, durante esse período, os alicerces da nova cidade haviam sido construídos. Liderados pela Casa Nobre, os comerciantes utilizaram todos os labores e habilidades do Tai Ping Shan para cavar, carregar e construir. Os negociantes despejavam de volta na terra toda a prata que Longstaff lhes dera. Os fabricantes de tijolos em Macau e os cortadores de madeira em Kwangtung — e todos aqueles ligados à construção de casas, feitorias, ancoradouros — começaram a trabalhar dia e noite para satisfazer o zelo frenético dos comerciantes na substituição àquilo que haviam abandonado. Os salários subiram. Os cules começaram a faltar — só a Casa Nobre empregava três mil pedreiros, construtores e artesãos de todos os tipos — muito embora cada nova maré trouxesse mais trabalhadores. Estes logo encontravam tarefas bem pagas. O Tai Ping Shan crescia ainda mais. A praia em torno ao Cabo Glessing pulsava de energia.

E o dia da corrida era o décimo quarto, desde que Struan e May-may haviam partido de sua casa, no Vale Feliz, para se instalarem a bordo do *Resting Cloud.*

— Você não está com bom aspecto, garota — disse Struan. — É melhor ficar na cama, hoje.

— Acho que vou ficar — disse ela. Permanecera inquieta durante toda a noite e sua cabeça, pescoço e costas começaram a doer. — Não é nada, não se preocupe. Você está com excelente aspecto.

— Obrigado.

Struan usava roupas novas que mandara fazer em homenagem à corrida. Um casaco de montaria verde-escuro da mais fina e leve lã. Calças de tecido grosso de algodão, pregueadas, metidas sob suas botas de cano curto, colete de primorosa casimira, gravata verde.

May-may aliviou a dor nos ombros e Ah Sam colocou o travesseiro de maneira mais confortável para ela.

— É apenas um demônio do verão. Mandei buscar um médico. Você vai em terra, agora?

— Sim. A corrida começa dentro de uma hora. Acho que vou chamar nosso médico, garota. Ele...

— *Eu* mandarei buscar um médico. Médico chinês. E não quero mais falar sobre este assunto. Agora, não se esqueça, vinte taéis no cavalo número quatro, na quarta volta. O astrólogo disse que tem todas as condições para ganhar.

— Não vou esquecer. — Struan lhe deu palmadinhas nas faces. — Descanse.

— Quando eu ganhar, vou me sentir fantasticamente melhor, hein? Agora, vá embora. Ele a ajeitou na cama e mandou buscar chá novo e uma garrafa de cerâmica cheia de água quente, para suas costas. Depois, foi para terra.

A pista de corridas fora demarcada a oeste do Cabo Glessing, e estava cheia de gente. Parte da praia, perto do poste que marcava tanto as linhas de partida como de chegada, havia sido isolada com corda, para os europeus, a fim de impedir a entrada das hordas de chineses curiosos, que se apinhavam no local. Tendas haviam sido armadas aqui e acolá. Um padoque e barracas para apostas foram construídos. Bandeiras sobre varas de bambu marcavam a pista oval.

As apostas eram pesadas e Henry Hardy Hibbs tinha o livro mais grosso.

— Façam suas escolhas, cavalheiros — ele gritava, com voz sonora, batendo em seu quadro-negro, no qual estavam anotadas as paradas. — Major Trent, no garanhão Satã, o favorito da primeira. Pago à vista. Três contra um!

— Maldito seja, Hibbs — disse Glessing, cheio de irritação, suando com o calor do dia. — Com três contra um, você vai ganhar. Quero seis contra um na égua cinzenta. Um guinéu!

Hibbs deu uma olhada para o quadro-negro e sussurrou com voz rouca:

— Para o senhor, Capitão, cinco. Um guinéu. Em Mary Jane Glessing deu meiavolta. Estava furioso por não se encontrar em Macau e porque a prometida carta de Culum não chegara Ó Deus, ele pensou, frenético de preocupação, eu já deveria ter notícias dele, a essa altura. Que diabo o estará retardando? O que estará fazendo aquele patife do Horatio? Será que a está apoquentando, outra vez?

Caminhou melancolicamente em direção ao padoque e viu Struan e Zergeyev juntos, mas Longstaff se uniu aos dois e então ele não parou.

— Qual a sua escolha, Alteza? — Longstaff dizia, jovialmente

— O capão — respondeu Zergeyev, apoiando-se numa bengala. A excitação e o cheiro dos cavalos o animavam e diminuíam muito sua dor constante. Queria poder cavalgar, mas abençoava sua sorte por ter sobrevivido ao ferimento. E bendizia Struan Sabia que, sem a operação realizada por Struan, teria morrido.

— Olá, Alteza — disse Shevaun, ao se aproximar, de braços dados com Jeff Cooper. Estava vestida de verde brilhante e protegia-se do sol com uma sombrinha laranja. — Tem algum palpite para mim? — Gratificou a todos com um sorriso. Particularmente a Struan.

— O capão é o melhor cavalo, mas não sei quem é o melhor jóquei, Shevaun — disse Zergeyev. Shevaun deu uma olhada no grande cavalo marrom, com a. pelagem lustrosa e os olhos saltados.

— Ora — disse ela, com um brilho malicioso no olhar. — Pobre cavalo! Se eu fosse um cavalo e isto tivesse sido feito comigo, eu jamais correria nem um metro. Para ninguém! Que barbaridade!

Todos riram com ela.

— Vai apostar no capão, Tai-Pan?

— Não sei — disse ele, preocupado com May-may. — De certo modo, minha favorita é a potranca. Mas acho que farei minha escolha final quando estiverem no portão de partida.

Ela o observou por um instante, imaginando se ele falava através de parábolas.

— Vamos dar uma olhada com mais cuidado na potranca — disse Jeff, forçando uma risada.

— Por que não vai você, Jeff, meu caro? Vou ficar aqui à sua espera.

— Vou junto — disse Longstaff, sem perceber a repentina irritação de Cooper. Este hesitou e, depois, eles se afastaram juntos.

Brock tirou o chapéu, cortesmente, ao passar por Shevaun, Struan e Zergeyev, mas não se deteve. Estava alegre por Struan ter decidido não montar um dos cavalos, pois não gostava de montar e sua alfinetada em Struan fora involuntária. Maldito seja, pensou.

— Como vai o seu ferimento, Alteza? — perguntou Shevaun.

— Muito bem. Estou quase bom outra vez, graças ao Tai-Pan. — Eu não fiz nada — disse Struan, embaraçado com o elogio de Zergeyev. Notou Blore lá no padoque, em conversa particular com Skinner. Fico imaginando se apostei corretamente no rapaz, pensou.

— Como é modesto, senhor — disse Shevaun a Struan, e fez uma graciosa mesura.

— Não dizem que *noblesse oblige?* Struan notou a aberta admiração de Zergeyev pela moça.

— Tem um belo navio, Alteza. — A embarcação russa, tinha quatro mastros e uma capacidade de carga de oito toneladas. Muitos canhões.

— Seria uma honra mandar o capitão mostrar-lhe o navio — disse Zergeyev. — Talvez nós possamos falar-lhe de assuntos específicos. Quando estiver preparado.— Obrigado, eu gostaria de fazer isso. — Struan teria continuado, mas Blore se aproximou às pressas, sujo de poeira e exausto.

— Quase pronto para começar, Tai-Pan... está muito bonita, Srta. Tillman, boa-

tarde, Alteza — disse ele, correndo. — Todos apostaram no número quarto na quarta, e eu decidi cavalgá-la eu mesmo... ah, sim, Tai-Pan. Examinei o garanhão, a noite passada, Ele aceitou a brida e então poderemos usá-lo na próxima corrida. Alteza, deixe que eu o conduza para sua posição, vai dar partida à primeira volta.

— Ah, é?

— Sua Excelência não lhe falou nisso? Diabo!. .. quero dizer, será que faria esse favor? — Jamais Blore trabalhara com tanto afinco e nem se excitara tanto. — Quer me acompanhar, por favor? Guiou Zergeyev apressadamente, através da multidão.

— Blore é um rapaz simpático — disse Shevaun, satisfeita por estar, afinal, a sós com Struan. — Onde o encontrou?

— Ele me encontrou — disse Struan. — E estou satisfeito com isso.

Sua atenção foi distraída por uma discussão perto de uma das tendas. Um grupo de soldados-guardas estava expulsando um chinês do cercado. O chapéu do cule caiu e, com ele, o longo rabicho. O homem era Aristotle Quance.

— Desculpe-me por um segundo — disse Struan. — Ele foi até lá correndo e ficou diante do homenzinho, protegendo-o com seu corpo. — Está tudo bem, rapazes, ele é um amigo meu! — disse.

Os soldados deram de ombros e se afastaram.

— Com todos os raios, Tai-Pan — desabafou Quance, ajeitando suas roupas sujas.

— Salvo no último minuto. Que Deus o abençoe!

Struan empurrou o chapéu de cule outra vez na cabeça de Quance e o puxou para baixo de uma das abas da tenda.

— Que diabo está você fazendo aqui? — sussurrou.

— Eu tinha de ver as corridas, por Deus! — disse Quance, ajeitando o chapéu de modo que o rabicho caísse às suas costas. .. e queria falar com você.

— Isso não é hora! Maureen está em meio à multidão, em algum lugar.

Quance empalideceu.

— Que Deus me proteja!

— Sim, muito embora eu não saiba por que Ele iria fazer isso. Suma, enquanto ainda está salvo. Ouvi dizer que ela comprou passagem para a Inglaterra, na próxima semana. Se suspeitar... bom, você pode imaginar por si mesmo!

— Só a primeira corrida, Tai-Pan? — implorou Quance. — Por favor. E tenho uma informação para você.

— O quê?

Para choque de Struan, Quance lhe contou a respeito do que Gorth fizera com a prostituta.

— Que horror! A pobre moça está quase morta. Gorth é louco, Tai-Pan. Louco.

— Mande informar-me, se a moça morrer. E então... bom, terei de pensar a respeito do que fazer. Obrigado, Aristotle. Mas suma, enquanto é tempo.

— Só a primeira corrida? Por favor, pelo amor de Deus! Não sabe o que isso significa para um pobre velho!

Struan deu uma olhada em torno. Shevaun, deliberadamente, ignorava-os. Depois, notou Glessing, que passava por perto.

— Capitão!

Quando Glessing reconheceu Quance, seus olhos se reviraram para o céu.

— Por Júpiter! Pensei que já se encontrasse em alto-mar!

— Faça-me um favor, sim? — disse Struan, depressa. — A Sra. Quance está junto ao poste de partida. Quer livrar Aristotle de problemas e afastá-lo do caminho dela? Melhor ainda, leve-o para lá. — Struan apontou para o local onde os chineses estavam dando voltas. — Deixe-o olhar a primeira corrida e, depois, leve-o para casa.

— Pois não. Bom Deus, Aristotle, estou satisfeito de vê-lo — disse Glessing e, depois, dirigindo-se a Struan: — Teve notícias de Culum? Estou terrivelmente preocupado com a Srta. Sinclair.

— Não. Mas eu disse a Culum que fosse vê-la logo ao chegar. Deveremos ter notícias a qualquer momento. Tenho certeza de que ela está bem.

— Espero que sim. Ah, onde devo levar Aristotle depois da corrida?

— Para a casa da Sra. Fortheringill.

— Por Júpiter! Como é aquilo lá, Aristotle? — perguntou Glessing, deixando a curiosidade dominar o que havia de melhor nele.

— É aterrorizante, meu rapaz, aterrorizante. — Quance agarrou-lhe o braço e sua voz ficou rouca. — Não se pode dormir um minuto e a comida é horrível. Só tem *quentão* para o desjejum, almoço, chá, jantar e ceia. Pode me emprestar alguns guinéus, Tai-Pan?

Struan resmungou e se afastou.

— O que é *quentão,* Aristotle?

— É, ah... uma espécie de mingau.

Struan tornou a se unir a Shevaun.

— Um amigo seu, Tai-Pan?

— Não é boa política notar alguns amigos, Shevaun.

Ela lhe bateu de leve no braço, com seu leque.

— Não é preciso nunca me advertir a respeito de política, Dirk. Senti sua falta — ela acrescentou, gentilmente.

— Sim — disse ele, percebendo que seria fácil e sensato casar com Shevaun. Mas não é possível. Por causa de May-may, — Por que você quer ser pintada nua? — ele perguntou de repente, e percebeu, pelo relâmpago nos olhos dela, que seu palpite era correto.

— Aristotle disse isso? — a voz dela era neutra.

— Bom Deus, não! Ele jamais faria isso. Mas, há alguns meses, estava a nos atormentar. Disse que tinha uma nova encomenda. Para um nu. Por quê? Ela corou e se abanou, rindo.

— Goya pintou a Duquesa de Alba. Duas vezes, eu acho. Ela se tornou famosa no mundo inteiro. Os olhos dele se enrugaram, de divertimento.

— Você é um demônio, Shevaun. Você realmente o deixou... bom, ver o tema?

— Foi licença poética da parte dele. Discutimos a idéia de dois retratos. Você não aprova?

— Acho que seu tio e seu pai iriam subir pelos ares, se ouvissem falar disso, ou se os retratos caíssem em mãos erradas.

— Você os compraria, Tai-Pan?

— Para esconder?

— Para apreciar.

— Você é uma moça estranha, Shevaun.

— Talvez eu despreze hipocrisia. — Ela o olhou inquisitivamente. — Como você.

— Sim. Mas você é uma moça, num mundo dominado pelos homens, e certas coisas você não pode fazer.

— Há uma porção de “certas coisas” que eu gostaria de fazer.

— Houve vivas e os cavalos começaram a desfilar. Shevaun tomou uma decisão final. — Acho que deixarei a Ásia. Dentro de dois meses.

— Isso soa como uma ameaça.

— Não, Tai-Pan. É apenas porque estou apaixonada... e também apaixonada pela vida. E concordo com você. Que a hora de escolher o vencedor é quando eles estão no portão de partida.

— Ela se abanou, rezando para que seu jogo justificasse o risco.

— Qual você escolhe?

Ele não olhou para os cavalos.

— A potranca, Shevaun — disse, tranqüilamente.

— Qual é o nome dela? — ela perguntou.

— May-may — disse ele, com uma suave luz nos olhos.

O leque de Shevaun hesitou e, depois, continuou como antes.

— Uma corrida jamais está perdida até o vencedor ser julgado e engrinaldado. — Ela sorriu e se afastou, com a cabeça erguida, mais bonita do que nunca. A potranca perdeu a corrida. Só por uma cabeça. Mas perdeu.

***

— De volta, tão cedo, Tai-Pan? — perguntou May-may, com voz fraca.

— Sim. Cansei da corrida, e estava preocupado com você.

— Eu ganhei?

Ele abanou a cabeça. Ela sorriu e suspirou.

— Ah, está bem, não tem importância. — O branco de seus olhos estava cor-de-rosa e seu rosto pálido sob o dourado.

— O médico esteve aqui? — perguntou Struan.

— Ainda não. — May-may deitou-se de lado, e se encolheu, mas isto não aliviou seu desconforto. Ela afastou o travesseiro, mas também não ajudou, e então recolocou-o no lugar. — Sua pobre velha mãe está mesmo velha demais — disse, com uma tristeza desesperançada.

— Onde dói?

— Em lugar nenhum, em toda parte. Um bom sono vai curar tudo, não se preocupe.

Ele lhe massageou o pescoço e as costas e não quis permitir-se pensar o impensável. Mandou vir chá novo e comida leve e tentou convencê-la a comer, mas ela não tinha apetite algum.

Ao anoitecer, Ah Sam entrou e falou rapidamente com May-may.

— O médico chegou. E Gordon Chen — disse May-may a Struan.

— Ótimo! — Struan se levantou e se espreguiçou.

Ah Sam aproximou-se de uma caixa de jóias e tirou uma pequena estátua de marfim, uma mulher nua deitada de lado. Para pasmo de Struan, May-may apontou para partes da estatueta e falou demoradamente com Ah Sam. Esta fez um aceno afirmativo com a cabeça e saiu, seguida por Struan, completamente confuso.

O médico era um ancião, com um longo rabicho bem oleoso, usando uma roupa negra antiga e surrada. Seus olhos eram claros e alguns cabelos compridos cresciam numa verruga em sua face.Ele tinha dedos longos e finos e as costas de suas mãos magras eram cheias de veias azuis.

— Sinto muito, Tai-Pan — disse Gordon, e fez uma curvatura, juntamente com o médico. — Este é Kee Fa Tan, o melhor médico do Tai Ping Shan. Viemos tão rápido quanto pudemos.

— Obrigado. É melhor virem por... — Ele parou. Ah Sam se aproximara do médico, fizera uma profunda curvatura e lhe mostrara a estátua, indicando partes dela, da mesma maneira que May-may. E agora respondia a perguntas, loquazmente.

— Que diabo ele está fazendo?

— Dando um diagnóstico — disse Gordon Chen, ouvindo atentamente Ah Sam e o médico.

— Com a estátua?

— Sim. Pareceria impróprio para ele ver a Senhora sem necessidade, Tai-Pan. Ah Sam está explicando onde são as dores. Por favor, tenha paciência, tenho certeza de que não é grave.

O médico contemplou a estátua em silêncio. Finalmente, ergueu os olhos para Gordon e disse alguma coisa, com brandura.

— Ele diz que o diagnóstico não é fácil. Com sua permissão, gostaria de examinar a Senhora. Fervendo de impaciência, Struan mostrou o caminho até o quarto. May-may deixara cair as cortinas que rodeavam a cama. Era apenas uma discreta sombra, por trás delas.

O médico foi à cabeceira de May-may e, outra vez, ficou em silêncio. Depois de alguns minutos, falou tranqüilamente. Obedientemente, a mão esquerda de May-may saiu de debaixo das cortinas. O médico tomou-lhe a mão e examinou-a com muita atenção. Depois, colocou os dedos em seu pulso e fechou os olhos. Seus dedos começaram a bater suavemente na pele.

Os minutos se passaram. Os dedos batiam devagar, como se procurassem algo impossível de achar.

— O que ele está fazendo agora? — perguntou Struan.

— Auscultando-lhe o pulso, senhor — sussurrou Gordon. — Precisamos ficar muito silenciosos. Há nove pulsos em cada punho. Três na superfície, três um pouco mais abaixo e mais três muito profundos. Estes lhe dirão a causa da doença. Por favor, Tai-Pan, seja paciente. É muito difícil escutar com os dedos.

As batidas de dedos continuaram. Era o único som na cabina. Ah Sam e Gordon Chen olhavam fascinados. Struan mexeu-se, desajeitadamente, mas não fez nenhum som. O médico parecia estar num devaneio místico. Depois, de repente — como se encontrassem uma presa fugidia — as batidas pararam e o médico fez uma forte pressão. Por um minuto, ficou como uma estátua. Depois, deixou o

pulso cair sobre a colcha da cama, e May-may, silenciosamente, deu-lhe o pulso direito, e ele repetiu o procedimento.

E, outra vez, após muitos minutos, as batidas cessaram, abruptamente. O médico abriu os olhos, suspirou e colocou o pulso de May-may sobre a colcha. Fez sinal para Gordon Chen e para Struan. Gordon Chen fechou a porta atrás deles. O médico riu suavemente, com nervosismo, e começou a falar de maneira tranqüila e rápida. Os olhos de Gordon se arregalaram.

— O que há? — disse Struan, asperamente.

— Eu não sabia que a Mãe estava grávida, Tai-Pan. — Gordon virou-se outra vez para o médico e fez uma pergunta e o médico respondeu longamente. Depois, houve um silêncio.

— Bom, que diabo ele disse?

Gordon olhou para ele e tentou, sem conseguir, aparentar calma.

— Ele diz que Mãe está muito doente, Tai-Pan. Que um veneno lhe entrou no sangue, através dos membros inferiores. Este veneno centralizou-se em seu fígado e o fígado está agora — ele procurou a palavra — mal-ajustado. Logo haverá febre, muita febre. Uma febre alta. E depois de três ou quatro dias, novamente febre. Repetidas vezes.

— Malária? A febre do Vale Feliz?

Gordon se virou e fez a pergunta.

— Ele diz que sim.

— Todos sabem que são os gases noturnos... e não um veneno através da pele, por Deus — ele gritou para Gordon. — Há semanas que ela não vai lá! Gordon encolheu os ombros.

— Só estou dizendo o que ele diz, Tai-Pan. Não sou médico. Mas eu confiaria neste médico... acho que deve confiar.

— Qual é a cura?

Gordon perguntou ao médico.

— Ele diz, Tai-Pan: “Tratei de alguns daqueles que sofriam do veneno do Vale Feliz. As recuperações bem-sucedidas foram de homens fortes, que tomaram um certo remédio antes do terceiro ataque da febre. Mas esta paciente é uma mulher, e embora tenha vinte e um anos e seja forte, com um espírito de fogo, toda sua força está indo para o filho que está com quatro meses em seu útero”. — Gordon parou, constrangido. — Ele teme pela vida da Senhora e da criança.

— Diga-lhe que traga o remédio e trate dela agora. Não depois de nenhum ataque.

— Esse é o problema. Ele não pode, senhor. Não sobrou nenhum remédio.

— Então lhe diga para conseguir algum, por Deus!

— Não existe nenhum em Hong Kong, Tai-Pan. Ele tem certeza.

O rosto de Struan se ensombreceu.

— Deve haver algum. Diga-lhe para conseguir... custe o que custar.

— Mas, Tai-Pan, ele...

— Pelo sangue de Deus, diga a ele! Outra vez, houve uma conversa.

— Ele diz que não existe nenhum em Hong Kong, não haverá nenhum em Macau e nem em Cantão. Que o remédio é feito com a casca de uma árvore muito rara, que cresce em alguma parte nos Mares do Sul, ou em terras do outro lado do oceano. A pequena quantidade que ele tinha veio de seu pai que também era médico, e que a recebeu de seu pai. — Gordon acrescentou, desamparadamente: — Ele diz que tem completa certeza de que não há mais.

— Vinte mil taéis de prata, se ela for curada.

Os olhos de Gordon se arregalaram. Ele pensou um momento e depois falou rapidamente com o médico. Ambos fizeram curvaturas e saíram correndo. Struan tirou seu lenço, enxugou o suor do rosto e caminhou de volta para o quarto.

— Olá, Tai-Pan — disse May-may, com voz ainda mais fraca. — Qual o meu *pagode?*

— Eles foram pegar um remédio especial que a curará. Não precisa se preocupar.

Ele a ajeitou o melhor que pôde, com a mente atormentada. Depois, correu para a nau capitania e perguntou ao médico-chefe da Marinha a respeito da casca de árvore.

— Sinto muito, meu caro Sr. Struan, mas esta é uma história da carochinha. Existe uma lenda a respeito da Condessa Cinchón, mulher do vice-rei espanhol no Peru, que introduziu na Europa uma casca de árvore vinda da América do Sul, no século dezessete.

Era conhecida como “casca de árvore dos jesuítas” e, algumas vezes, como “casca de árvore cinchona”. Transformada em pó e tomada com água, segundo se supunha curava a febre. Mas, quando foi tentada na índia, falhou completamente. Era inútil! Os malditos papistas dizem qualquer coisa para conseguir convertidos.

— Onde diabo posso obter um pouco dessa casca?

— Realmente não sei, meu caro senhor, no Peru, suponho. Mas, por que sua ansiedade? A Cidade da Rainha está abandonada, agora. Não precisa se preocupar, se não está respirando o gás noturno.

— Um amigo acaba de adoecer com malária.

— Ah! Então é bom dar um forte purgativo calomelo. Logo que possível. Não posso prometer nada, naturalmente. Faremos sangrias, imediatamente.

Struan tentou, em seguida, o médico-chefe do Exército e, sucessivamente, à medida que o tempo passava, todos os médicos de menor importância — tanto militares como civis — e todos lhe disseram a mesma coisa.

Então, Struan lembrou-se de que Wilf Tillman estava vivo. Foi apressadamente para o pontão de transporte de ópio de Cooper-Tillman.

E todo esse tempo, enquanto Struan questionava os médicos, Gordon Chen voltara ao Tai Ping Shan e mandara chamar os dez líderes da Tríade que estavam sob seu comando. Depois, eles foram para seus quartéis-generais e mandaram chamar os dez líderes sob o comando de cada um deles. Espalhou-se a notícia, com incrível rapidez, de que uma certa casca, de uma certa árvore, deveria ser encontrada. Por sampana, por junco, a notícia se filtrou, através do porto, até Kowloon, logo chegando a povoados e vilas, burgos e cidades. Em toda extensão da costa, no continente. Logo todos os chineses de Hong Kong — pertencentes ou não à Tríade — sabiam que estava sendo procurada uma rara casca de árvore.

Não sabia por quem, e nem qual a razão: só que uma grande recompensa era oferecida. E a história caiu nos ouvidos dos agentes anti-Tríade dos mandarins. Eles começaram a procurar a casca de árvore, e não só por causa da recompensa; sabiam que uma porção da casca poderia, talvez, ser usada como isca para desmascarar os líderes da Tríade.

***

— Desculpe chegar sem ser convidado, Wilf. Eu — Struan parou, alarmado com a visão de Tillman.

Tillman estava enterrado num travesseiro, encharcado de suor, com o rosto esquelético — cor de linho antigo não lavado — os brancos dos alhos de um amarelo sujo.

— Entre — disse ele, com voz mal audível. E então Struan viu que Tillman, cujos dentes eram bonitos, fortes e brancos, estava agora desdentado.

— O que aconteceu com seus dentes?

— Calomelo. Afeta algumas pessoas... — À voz de Tillman se arrastava, monotonamente. E seus olhos ganharam um brilho curioso. — Eu estava esperando por você. A resposta é não!

— O quê?

— Não. Um simples não. — A voz de Tillman ficou mais forte. — Sou o tutor

dela, e ela jamais se casará com você.

— Não vim aqui pedir a mão dela. Só vim ver como você estava e como a malária...

— Não acredito em você. — A voz de Tillman se elevou, histericamente. — Você está, simplesmente, esperando que eu morra!

— Isso é ridículo! Por que eu iria querer que você morresse? Tillman, fracamente, ergueu a campainha que estava na fétida colcha da cama e a tocou. A porta se abriu e um negro alto, escravo de Tillman, entrou descalço.

— Jebidiah, peça ao Sr. Cooper e à senhorita para virem aqui imediatamente. Jebidiah fez um aceno afirmativo com a cabeça e fechou a porta.

— Ainda vendendo seres humanos. Wilf?

— Jebidiah está contente de ser quem é, vá para o inferno! Você tem sua maneira de ser e nós temos a nossa, seu porco maldito!

— Maldita seja sua maneira de ser, maldito traficante de escravos!

O segundo navio em que Struan trabalhara estava gravado em sua memória e, vez por outra, ele tinha pesadelos de que estava a bordo, outra vez. Com sua parte do dinheiro do prêmio de Trafalgar, comprara sua saída da Marinha e se empregara como cabineiro num navio mercante inglês que fazia a travessia do Atlântico. Só em alto-mar descobriu que se tratava de uma embarcação ilícita, dedicada ao comércio de escravos, que ia buscálos em Dacar e, depois, cruzava o Atlântico Sul, enfrentando as calmarias, até Savannah, com os homens, mulheres e crianças comprimidos no porão como animais. Seus gritos e gemidos agonizantes encheram-lhe os ouvidos e o fedor o sufocou, semana após semana. Ele era um menino de oito anos, desprotegido. Desertou em Savannah. Foi o único navio de que desertou, em toda sua vida.

— Você é pior do que os traficantes de escravos — disse, com voz dura. — Compra a carne, põe em bloco e pega o lucro. Já yi um mercado de escravos.

— Nós os tratamos bem! — gritou Tillman. — São apenas selvagens e nós lhes damos uma boa vida. É verdade! — Seu rosto se contorceu, enquanto jazia deitado, lutando para ganhar forças, desesperado de inveja da vitalidade e da saúde de Struan, sentindo-se perto da morte. — Você não vai se beneficiar com a minha morte, que Deus o amaldiçoe pela eternidade!

Struan virou-se para a porta.

— É melhor você esperar. O que tenho para dizer lhe interessa.

— Nada que você possa dizer me interessa!

— Você me chama de vendedor de escravos? Como você conseguiu sua amante, maldito hipócrita? A porta se abriu com violência e Cooper entrou às pressas.

— Ah, olá, Tai-Pan! Não sabia que estava a bordo.

— Olá, Jeff — disse Struan, mal conseguindo controlar sua raiva.

Cooper olhou para Tillman.

— O que há, Wilf?

— Nada. Queria ver você e minha sobrinha. Shevaun entrou e parou, surpreendida.

— Olá, Tai-Pan. Está bem, tio?

— Não, filha. Eu me sinto muito mal.

— O que há, Wilf? — perguntou Cooper.

Tillman tossiu, fracamente.

— O Tai-Pan veio fazer uma “visita”. Pensei que esta é uma ocasião perfeita para resolver um assunto importante. Devo ter outro ataque de febre amanhã e acho... bom — os olhos sem vida voltaram-se para Shevaun. — Estou orgulhoso de lhe dizer que Jeff pediu formalmente sua mão em casamento e aceitei com alegria.

Shevaun empalideceu.

— Não quero me casar ainda.

— Considerei tudo com muito cuidado e...

— *Não vou casar!*

Tillman se apoiou num cotovelo, com grande esforço.

— Agora, você escute! — ele gritou, fortalecido pela raiva. — Sou seu tutor legal. Durante meses, tenho mantido correspondência com seu pai. Meu irmão aprovou formalmente a união, se eu decidisse que era vantajosa para você. E eu decidi que é. Portanto...

— Mas eu não decidi, tio. Estamos no século dezenove, e não na Idade Média. Não quero casar ainda.

— Não estou preocupado com seus desejos, e você tem toda razão, estamos no

século dezenove. Você *está* prometida. Você vai se casar. A esperança de seu pai e a minha era de que, durante sua visita aqui, Jeff gostasse de você. Ele gostou. — Tillman se deixou cair de costas, exausto. — É um casamento muito bom. E não há mais nada a discutir.Cooper aproximou-se de Shevaun.

— Shevaun, querida, você sabe como eu me sinto. Eu não tinha nenhuma idéia de que Wilf estava... Esperei que, bom... Ela se afastou dele, num recuo, e seus olhos encontraram os de Struan.

— Tai-Pan! Diga a meu tio. Diga-lhe que ele não pode fazer isso... ele não pode prometer minha mão... diga a ele que não pode!

— Quantos anos você tem, Shevaun? — perguntou Struan.

— Dezenove.

— Se seu pai aprovar e seu tio também, você não tem escolha. — Olhou para Tillman. — Suponho que você pôs isso por escrito? Tillman fez um sinal em direção à escrivaninha.

— A carta está ali. Embora você não tenha nada a ver com isso.

— É a lei, Shevaun. Você é menor, portanto obrigada a fazer o que seu pai quiser.

— Struan, tristemente, virou-se para a porta, mas Shevaun o deteve.

— Sabe por que eu estou sendo vendida? — ela exclamou.

— Cale a boca, menina! — gritou Tillman. — Você não me trouxe outra coisa senão problemas, desde que chegou aqui, e é tempo de aprender boas maneiras e

respeito pelos mais velhos e por seus superiores.

— Estou sendo vendida por ações — ela disse, com amargura. — Da Cooper-Tillman.

— ‘Não é verdade! — disse Tillman, com o rosto cadavérico.

— Shevaun, você está superexcitada — começou Cooper, todo infeliz. — Foi tudo muito repentino e... Struan começou a se afastar, mas ela o deteve.

— Espere, Tai-Pan. É um trato. Sei como funciona a mente de um político. A política é um negócio caro.

— *Cale a boca!* — gritou Tillman, e depois gemeu de dor e tornou a cair na cama.

— Sem a renda vinda daqui — ela continuou, depressa, trêmula — papai não pode custear sua campanha como senador. O tio é o irmão mais velho e, se o tio morrer, Jeff pode comprar os interesses de Tillman por uma soma nominativa, e então...

— Ora, Shevaun — interrompeu bruscamente Cooper. — Isto nada tem a ver com meu amor por você. Quem você pensa que eu sou?

— Seja honesto, Jeff. É verdade, não. Sobre a soma nominativa?

— Sim — disse Cooper, depois de uma pausa sombria. — Posso comprar os interesses de Tillman nessas circunstâncias. Mas não fiz esse acordo. Não estou comprando uma escrava. Eu amo você. Quero que seja minha mulher.

— E se eu não for, você *não* comprará os interesses do tio?

— Não sei. Decidirei quando chegar a hora. Seu tio poderia comprar minhas ações, se eu morresse antes dele. Shevaun virou-se para Struan.

— Por favor, compre-me, Tai-Pan.

— Não posso, garota. Mas também não acho que Jeff esteja comprando você. Eu sei que ele está apaixonado por você.

— Por favor, compre-me — ela disse, com voz trêmula.

— Não posso, garota. É contra a lei.

— Não é. Não é. — Ela chorava incontidamente. Cooper abraçou-a, atormentado. Quando Struan voltou para o *Resting Cloud*, May-may ainda estava dormindo, tranqüilamente.

Enquanto a vigiava, ele ficou imaginando, obtusamente, o que fazer com relação a Gorth e Culum. Sabia que deveria ir para Macau, imediatamente. Mas não até May-may estar curada — ah, Deus, fazei com que ela se cure. Devo mandar o *China Cloud*, com Orlov? Talvez Mauss? Ou esperar? Eu disse a Culum para se proteger — mas será que ele fará isso? Ah, Jesus Cristo, ajudai May-may.

À meia-noite, houve uma batida na porta.

— Sim?

Lim Din entrou maciamente. Ele olhou para May-may e suspirou.

— Senhor gordo veio ver Tai-Pan, pode?

As costas e o pescoço de Struan doíam e ele tinha a cabeça pesada, enquanto

subia o passadiço até seus alojamentos, no próximo convés.

— Desculpe chegar sem ser convidado e tão tarde, Tai-Pan — disse Morley Skinner, erguendo de uma cadeira seu corpanzil gorduroso e suado. — *É*, um tanto importante.

— Sempre fico satisfeito de me encontrar com a imprensa, Sr. Skinner. Sente-se. Quer uma bebida? — tentou desviar seus pensamentos de May-may e se forçou a concentrar-se, sabendo que aquela não era uma visita casual.

— Obrigado. Uísque.

Skinner deu uma olhada no rico interior da grande cabina: tapetes chineses verdes sobre os conveses bem esfregados; cadeiras e sofás e o odor de couro limpo e oleado, sal e alcatrão; e o fraco e doce e oleoso cheiro de ópio, vindo dos porões abaixo. Lâmpadas a óleo bem-arrumadas forneciam uma luz pura e cálida e lançavam sombras às vigas do convés principal. Comparava tudo com o galpão que tinha em Hong Kong — um quarto miserável, sujo e fedorento, sobre o grande cômodo que abrigava a impressora.

— É uma gentileza sua me ver, tão tarde — disse ele. Struan ergueu seu copo.

— Saúde!

— Sim, “saúde”. É um bom brinde, nesses dias ruins. Com malária e tudo mais. — Os olhinhos de porco se estreitaram. — Ouvi dizer que tem um amigo com malária.

— Sabe onde encontrar cinchona?

Skinner abanou a cabeça.

— Não, Tai-Pan. Tudo que já li a respeito diz que isso é uma história fantástica. Lenda. — Puxou a prova de um exemplar do semanário *Oriental Times* e entregou-a a Struan. — Achei que gostaria de ver o editorial a respeito das corridas de hoje. Vou tirar uma edição especial amanhã.

— Obrigado. Foi por isso que veio me ver?

— Não, senhor — Skinner deu goles sedentos no uísque e olhou para o copo vazio.

— Sirva-se, se quiser outro.

— Obrigado — Skinner se arrastou até o garrafão, com as nádegas elefantinas meneando-se. — Queria ter a sua forma, Sr. Struan.

— Então, não coma tanto.

Skinner riu.

— Comer nada tem a ver com a gordura. A pessoa é gorda ou não é. Uma dessas coisas que o Senhor Deus estabelece, quando se nasce. Sempre fui corpulento. — Encheu

o copo e voltou. — Uma informação me chegou às mãos, a noite passada. Não posso revelar a fonte, mas queria discuti-la com o senhor, antes de publicá-la.

Que podre você farejou, meu bom amigo?, pensou Struan. Há tantos para escolher. Só espero que seja o certo.

— É verdade que sou proprietário do *Oriental Times,* sim. Pelo que sei, só nós dois temos conhecimento disso. Mas, eu nunca lhe disse o que publicar ou não. Você é o diretor e o editor. É totalmente responsável e, se publicar ataques a alguém, é quem será processado. Por quem quer que seja o ofendido.

— Sim, Sr. Struan. E aprecio a liberdade que me dá. — Os olhos pareceram afundar mais, nos rolos de geléia. — A liberdade exige responsabilidade... perante si próprio, o jornal, a sociedade. Não necessariamente nesta ordem. Mas isto é diferente, as...como direi?... "potencialidades" são de longo alcance. — Puxou um pedaço de papel. Estava coberto com hieróglifos escritos às pressas que só ele poderia ler. Ergueu os olhos. — O Tratado de Chuenpi foi repudiado pela Coroa e Hong Kong junto com ele.

— Isso é uma piada, Sr. Skinner? — Struan ficou imaginando quão convincente fora Blore. Será que você apostou corretamente, meu rapaz?, perguntou a si mesmo. O jovem tem um excelente senso de humor: *O garanhão aceitou a brida.* Cavalos de *caneta* seriam mais aptos.

— Não, senhor — disse Skinner. — Talvez seja melhor eu ler.

E leu tudo, quase palavra por palavra, que Sir Charles Crosse escrevera, e que Struan dissera a Blore para soprar secretamente nos ouvidos de Skinner. Struan decidira que Skinner era a pessoa indicada para agitar os negociantes até um estado de fúria que os levasse todos, cada qual à sua maneira, a se recusar a deixar Hong Kong perecer; a fazerem agitação, como haviam feito há tantos anos e, afinal, dominado a Companhia das Índias Orientais.

— Não acredito nisso.

— Acho que talvez devesse acreditar, Tai-Pan. — Skinner esvaziou o copo. — Posso?

— Claro. Traga o garrafão para cá. Vai evitar suas idas e vindas. Quem lhe deu a

informação?

— Não posso dizer-lhe.

— E, se eu insistir?

— Ainda assim, não lhe direi. Isto destruiria meu futuro como jornalista. Há questões éticas muito importantes envolvidas. Struan testou-o.

— Um jornalista precisa ter um jornal — ele disse, bruscamente.

— É verdade. Esse é o risco que estou correndo ao falar com o senhor. Mas, se quer pôr as coisas nesses termos, ainda assim não lhe contarei.

— Tem certeza de que é verdade?

— Não. Mas acredito que seja.

— Qual a data do despacho? — perguntou Struan.

— 27 de abril.

— E acredita, seriamente, que possa ter chegado aqui tão depressa? Ridículo!

— Eu disse a mesma coisa. Mas ainda acho que a informação é verdadeira.

— Se for verdadeira, então estamos todos arruinados.

— Provavelmente — disse Skinner.

— Não provavelmente... com toda certeza.

— O senhor se esquece do poder da imprensa e do poder coletivo dos negociantes.

— Não temos nenhum poder contra o Ministro de Relações Exteriores. E o tempo age contra nós. Vai publicar isso?

— Sim. Na ocasião certa. Struan movimentou o copo e ficou a observar as lanternas bruxuleando, com suas bordas chanfradas.

— Acho que, quando fizer isso, haverá um pânico monumental. E Longstaff o repreenderá, imediatamente.

— Não estou preocupado com isso, Sr. Struan.

Skinner estava perplexo; Struan não reagia como ele esperava. A menos que o Tai-Pan já soubesse, disse a si próprio, pela centésima vez. Mas não faz sentido ele ter mandado Blore a mim. Blore chegou há uma semana — e, esta semana, o Tai-Pan investiu muitos milhares de taéis em Hong Kong. Seria ação de um louco. Então Blore serviu de correio para quem? Brock? É pouco provável. Porque ele está gastando tão grandes somas quanto Struan. Deve ser o almirante — ou o general — ou Monsey. Monsey! Quem, senão Monsey tem essas ligações de alto nível? Quem, senão Monsey, detesta Longstaff e quer o seu lugar? Quem, senão Monsey, está vitalmente interessado em que Hong Kong seja bem-sucedida? Porque, sem este sucesso, Monsey não tem nenhum futuro no Corpo Diplomático.

— Parece que Hong Kong está morta. Todo dinheiro e esforço que dispendeu nela... que todos dispendemos... será jogado fora.

— Hong Kong não pode acabar. Sem a ilha, todos os futuros portos continentais que tivermos serão lixo.

— Eu sei, senhor. Todos sabemos.

— Sim. Mas o Ministro de Relações Exteriores pensa de outra maneira. Por quê? Eu fico imaginando por quê. E o que, possivelmente, poderíamos fazer? Como convencê-lo, hein? Como?

Skinner era tão favorável a Hong Kong como Struan. Sem Hong Kong, não haveria Casa Nobre. E, sem Casa Nobre não haveria nenhum semanário *Oriental Times* e nem emprego algum.

— Talvez não seja preciso nós convencermos aquele patife — disse ele, bruscamente, com os olhos gelados.

— Hein?

— Aquele patife nem sempre estará no poder.

O interesse de Struan aumentou. Esta era uma nova perspectiva, e inesperada. Skinner era um leitor voraz de todos os jornais e periódicos e um homem muito bem informado a respeito de questões parlamentares "publicadas". Ao mesmo tempo – com uma memória extraordinária e um profundo interesse pelas pessoas — Skinner tinha múltiplas fontes de informação.

— Acha que existe uma chance de mudança de governo?

— Aposto dinheiro que Sir Robert Peel e os Conservadores vão derrubar os *Whigs* este ano.

— É um jogo diabolicamente perigoso. Eu próprio poria dinheiro contra você.

— Apostaria o *Oriental Times* contra a queda dos *Whigs* dentro de um ano... e

que Hong Kong será mantida pela Coroa?

Struan estava cônscio de que uma aposta assim colocaria Skinner completamente de seu lado e o jornal seria um preço pequeno a pagar. Mas uma rápida concordância mostraria suas intenções.

— Você não tem a menor possibilidade no mundo de ganhar essa aposta.

— É muito boa, Sr. Struan. O inverno na Inglaterra, ano passado, foi um dos piores que já houve... do ponto de vista econômico e industrial. O desemprego é incrível. As colheitas foram terríveis. Sabe que o preço do pão subiu até um xelim e dois penies por unidade, segundo a correspondência da semana passada? O torrão de açúcar está custando oito penies por libra; o chá sete xelins e oito penies; o sabão nove penies cada; os ovos estão a quatro xelins a dúzia. As batatas um xelim a libra. O *bacon* três xelins e seis penies a libra. Vejamos, agora, os salários; artesãos de todos os tipos, pedreiros, bombeiros, carpinteiros... na maioria ganham dezessete xelins e seis penies por semana, por sessenta e quatro horas de trabalho; os trabalhadores rurais, nove xelins por semana, por Deus sabe quantas horas; operários de fábricas cerca de quinze xelins... isto, se conseguirem encontrar trabalho. Bom Deus, Sr. Struan, o senhor vive no alto da montanha, com uma incrível riqueza que lhe permite dar mil guinéus a uma moça, só porque tem um vestido bonito, e então não sabe, não pode saber que uma pessoa em cada nove, na Inglaterra, é indigente. Em Stockton, quase dez mil pessoas ganharam menos de dois xelins por semana, o ano passado. Trinta mil, em Leeds, menos de um xelim. Quase todos estão passando fome, e somos a nação mais rica da terra. Os *Whigs* estão com a cabeça na forca e não querem encarar o que todos percebem ser absurdamente injusto. Nada fizeram com relação aos Cartistas, a não ser fingir que são anarquistas. Não querem enfrentar as terríveis condições existentes nos moinhos e fábricas. Bom Cristo, crianças de seis ou sete anos estão trabalhando em jornada de doze horas, e as mulheres também, e representam trabalho barato, então põem os homens na rua. Por que deveriam os *Whigs* fazer alguma coisa? Possuem a maior parte das fábricas e moinhos. E o dinheiro é o deus deles... cada vez mais, sempre mais, e o resto das pessoas que vá para o inferno. Os *Whigs* não querem enfrentar o problema irlandês. Meu Deus, houve inanição no ano passado, e de novo este ano, toda Irlanda estará em rebelião outra vez, e já era tempo. E os

Whigs não moveram um dedo para reformar o sistema bancário. Por que iriam fazer isso... também possuem os bancos! Veja sua própria falta de sorte! Se tivéssemos uma lei adequada para proteger os depositantes contra as malditas maquinações, contra os malditos *Whigs*... — ele parou, com um esforço, as mandíbulas tremendo e o rosto corado. — Desculpe, eu não pretendia fazer um discurso. Claro que os *Whigs* têm de cair. Eu diria que, se não caírem nos próximos seis meses, haverá um banho de sangue na Inglaterra que fará a Revolução Francesa parecer um piquenique. O único homem que pode nos salvar é Sir Robert Peel, por tudo que é sagrado!

Struan lembrou-se do que Culum dissera a respeito da situação na Inglaterra. Ele e Robb haviam dado pouca atenção, considerando suas palavras como divagações de um estudante universitário. E ele não levara muito em conta as coisas que seu próprio pai escrevera, considerando-as desimportantes.

— Se Lord Cunnington cair, quem será o próximo Ministro de Relações Exteriores?

— O próprio Sir Robert. Se não for ele, Lord Aberdeen.

— Mas ambos são contra o livre comércio.

— Sim, mas os dois são liberais e pacíficos. E, uma vez no poder, terão de mudar. Sempre que a oposição ganha o poder e a responsabilidade, muda. O livre comércio é a única maneira pela qual a Inglaterra poderá sobreviver, sabe disso, e, então, terão de apoiá-lo. E precisarão de todo apoio que puderem, dos poderosos e dos ricos.

— Está dizendo que eu deveria apoiá-los?

— O *Oriental Times*, com a chave, o estoque e a impressora, contra uma queda dos *Whigs* este ano.

— Acha que pode contribuir para isso?

— Quanto a Hong Kong, ah, sim, sim.

Struan ajeitou sua bota esquerda, para ficar mais confortável, e se recostou na cadeira, outra vez. Deixou que se fizesse um silêncio.

— Cinqüenta por cento das ações, e faço um acordo — disse.

— Tudo ou nada.

— Talvez eu devesse pô-lo para fora e acabar com tudo.

— Talvez devesse. Tem riqueza mais do que suficiente para durar sempre, para si e os seus. Estou lhe perguntando quanto quer Hong Kong... e o futuro da Inglaterra. Acho que tenho uma solução.

Struan se serviu de mais uísque e encheu outra vez o copo de Skinner.

— Feito. Tudo ou nada. Quer cear comigo? Sinto-me um tanto faminto.

— Sim, aceito. Obrigado. Falar dá fome. Muito obrigado. Struan tocou a campainha e abençoou seu *pagode* por ter arriscado. Lim Din veio e ele pediu comida.

Skinner bebia sofregamente seu uísque e agradecia a Deus por ter julgado o Tai-Pan corretamente.

— Não lamentará isso, Tai-Pan. Ouça um momento. A perda de Longstaff... sei que ele é um amigo seu, mas estou falando de um ponto de vista político... é uma grande sorte para Hong Kong. Em primeiro lugar, ele é de alta estirpe, em

segundo é um *Whig* e, em terceiro, um tolo. Sir Clyle Whalen é filho de um proprietário rural, em segundo lugar não é nenhum tolo e, em terceiro, trata-se de um homem de ação. Em quarto lugar, conhece a índia... passou trinta anos a serviço da Companhia das Índias Orientais. Antes disso, pertencia à Marinha Real. Finalmente, o que é o mais importante de tudo, embora seja, externamente, um *Whig*, tenho certeza de que deve, em segredo, odiar Cunnington e o atual governo, e tudo faria para provocar sua derrubada.

— Por quê?

— Ele é irlandês. Cunnington tem sido a ponta de lança da maior parte da legislação referente à Irlanda, no curso dos últimos quinze anos, e é diretamente responsável... todos os *irlandeses* sentem isso... pela desastrosa política que a Inglaterra tem adotado com relação à Irlanda. Esta é a chave para chegar a Whalen, se descobrirmos uma maneira de explorá-la. — Skinner mastigava a unha do polegar manchada de tinta.

Lim Din e outro criado voltaram com pratos de carnes frias, salsichas em salmoura, carnes doces, pastéis frios, tortas frias e grandes canecões de cerveja fresca, além de champanha, num balde de gelo.

Skinner sorriu, cobiçosamente.

— Um festim próprio para um dono de fábrica!

— Próprio para um dono de jornal! Sirva-se.

A mente de Struan fervia. Como dobrar Whalen? Será que os *Whigs* cairão? Devo colocar meu poder a serviço dos Conservadores, agora? Parar de apoiar homens como Crosse? Já agora circularão na Inglaterra notícias de que a Casa Nobre ainda é a Casa Nobre e mais forte do que nunca. Devo apostar em Sir Robert Peel?— Quando publicar o seu despacho, todos serão tomados de pânico — ele disse, aproximando-se da caça.

— Sim, senhor Struan. Mas sou profundamente contrário à perda de Hong Kong, e penso também no futuro do meu jornal. — Skinner enfiou mais comida na boca, e conversava enquanto mastigava. — Mas há maneiras e maneiras de apresentar uma notícia. É isso que torna o trabalho em jornal tão excitante. — Riu, e um pouco da comida escorreu-lhe pelo queixo. — Ah, sim, tenho o futuro do *meu* jornal para pensar. — Voltou toda sua atenção para a comida e comeu, monstruosamente.

Struan comeu pouco, perdido em seus pensamentos. Afinal, quando até mesmo Skinner já estava farto, ele ficou em pé e lhe agradeceu pela informação e pelos conselhos.

— Eu lhe informarei em particular, antes de publicar o despacho — disse Skinner, inchado. — Será dentro de uns poucos dias, mas preciso de tempo para planejar. Obrigado, Tai-Pan. — Ele foi embora.

Struan desceu. May-may ainda estava desassossegada, em seu sono. Ele mandou fazer uma tarimba no quarto dela e se deixou mergulhar num meio-sono. Ao amanhecer, May-may começou a tremer. Havia gelo em suas veias, em sua cabeça e em seu útero. Era o décimo quinto dia.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

May-may se encontrava deitada, frágil e desamparada como um bebê, sob o peso de doze cobertores. Seu rosto estava cinzento, os olhos horríveis. Por quatro horas, seus dentes bateram. Depois, abruptamente, os calafrios se transformaram em febre. Struan banhou-lhe o rosto com água gelada, mas isto não trouxe nenhum alívio. May-may entrou em delírio. Agitava-se na cama, resmungando e gritando, numa mistura incoerente de chinês e inglês, consumida pelo fogo terrível. Struan a segurava e tentava confortá-la, mas ela não o reconhecia, não o escutava.

A febre desapareceu tão depressa como viera. O suor escorria de May-may, encharcando-lhe as roupas e os lençóis. Seus lábios se partiram ligeiramente e ela proferiu um gemido extático de alívio. Seus olhos se abriram e, aos poucos, começaram a focalizar as coisas.

— Sinto-me tão bem, tão cansada — ela disse, fracamente. Struan ajudou Ah Sam a mudar os travesseiros, lençóis é roupas ensopados.

Então May-may dormiu — como dormem os mortos, inerte. Struan sentou-se numa cadeira e ficou a observá-la. Ela acordou após seis horas, serena mas esgotada.

— Olá, Tai-Pan. Estou com a febre do Vale Feliz?

— Sim. Mas o seu médico tem um remédio que pode curá-la. Ele vai consegui-lo dentro de um ou dois dias.

— Bom. Muito bom. Não se preocupe, não tem importância.

— Por que está sorrindo, garota?

— Ah — ela disse, e fechou os olhos, satisfeita, enfiando-se mais entre os lençóis e travesseiros limpos. — De que outra maneira se pode dominar o *pagode?* Se a pessoa sorri quando perde, então ganha na vida.

— Você vai ficar boa — disse ele. — Completamente boa. Não se preocupe.

— Não tenho preocupações por mim. Só por você.

— O que você quer dizer? — Struan estava exausto com sua vigília, e angustiado com o fato de que ela parecia mais magra do que antes, fantasmagórica, com os olhos cercados por sombras profundas. E envelhecida.

— Nada. Gostaria de tomar um pouco de sopa. Um pouco de sopa de frango.

— O médico mandou alguns remédios para você. A fim de que se sinta mais forte.

— Ótimo. Eu me sinto fantasticamente fraca. Tomarei o remédio, depois da sopa. Ele mandou vir a sopa e May-may bebeu um pouquinho, depois se deitou outra vez.

— Agora descanse, Tai-Pan — disse ela. Franziu a testa. — Quantos dias antes da próxima febre?

— Três ou quatro — ele disse, muito infeliz.

— Não se preocupe, Tai-Pan. Quatro dias são uma eternidade, não se preocupe. Vá descansar, por favor, e, mais tarde, conversaremos.

Ele foi para sua própria cabina e dormiu mal, acordando a intervalos de poucos momentos, depois tornando a dormir e sonhando que estava acordado, ou permanecendo num meio-sono que não lhe trazia nenhum descanso.

O sol crepuscular estava baixo no horizonte, quando ele despertou. Tomou banho e fez a barba, com o cérebro confuso e anuviado. Olhou para seu rosto no espelho e não gostou do que viu. Pois seus olhos lhe diziam que May-may jamais sobreviveria a três embates daqueles. Doze dias de vida era o que lhe restava, no máximo.

Houve uma batida na porta.

— Sim?

— Tai-Pan?

— Ah, olá, Gordon. Quais são as notícias?

— Nenhuma, eu lamento. Estou fazendo tudo que posso. Como vai a Senhora?

— O primeiro ataque veio e passou. Não foi nada bom, rapaz.

— Está sendo feito todo possível. O médico mandou alguns remédios para manter a força dela, e alguns alimentos especiais. Ah Sam sabe o que fazer.

— Obrigado.

Gordon partiu e Struan voltou outra vez para suas reflexões. Procurava desesperadamente uma solução. Onde conseguirei cinchona? Devia haver alguma, em qualquer parte. Onde haveria casca de árvore peruana na Ásia? Não era casca de árvore peruana, mas casca de árvore dos jesuítas.

Então seus pensamentos vagueantes explodiram numa idéia.

— Pelo amor de Deus! — ele gritou, com uma irrupção de esperança. — Se quer mutucas, procure um cavalo. Se quer casca de árvore dos jesuítas... em que outra parte poderá procurá-la, seu idiota!?

***

Dentro de duas horas, o *China Cloud* corria como uma Valquíria no porto colorido pelo crepúsculo, com todas as velas levantadas, mas bem rizadas, como proteção contra a monção, que se tornava mais forte. Quando cruzou o canal oeste e alcançou a plena força das ondas e do vento do Pacífico, o navio cambou e o cordame cantou, com exultação.

— A sudeste! — rugiu Struan, no meio do vento.

— Sudeste será, *senhorrr* — ecoou o timoneiro.

Struan olhou para os ovéns, lá no alto, desenhados contra a noite que chegava implacavelmente, e ficou aborrecido de ver tanta lona rizada. Mas sabia que, com aquele vento leste e aquele mar, as rizes teriam de permanecer.

O *China Cloud* entrou no novo curso e abriu caminho em meio à noite, mas ainda lutava contra o mar e o vento. Logo iria dar a volta outra vez e então o vento ficaria à sua popa, permitindo-lhe correr livremente.

Depois de uma hora, Struan gritou:

— Todos os homens ao convés... preparar para cuidar do navio!Os homens correram do castelo de proa e ficaram em pé, de prontidão, no escuro, sobre as cordas, amarras e adriças.

— Oeste para sudeste — ele ordenou.

O timoneiro virou a roda do leme para o novo curso, fazendo o clíper virar com o vento. As vergas rangeram e se esticaram a sotavento, as adriças gemeram e se espicharam e o navio entrou no novo curso, enquanto Struan gritava:

— Soltem as rizes da vela principal e da gávea!

O navio rompia as ondas, com o vento bem para a ré do trais, as ondas cascateando à proa.

— Firme para a frente — ordenou Struan.

— Sim, sim, *senhorrr* — disse o timoneiro, forçando a vista para ver a tremeluzente luz da bitácula e manter um curso firme, enquanto o leme lutava contra ele.

— Assuma, Capitão Orlov!

— Estava na hora, Olhos Verdes.

— Talvez você consiga uma velocidade maior — disse Struan. — Gostaria de chegar imediatamente a Macau! — ele desceu.

Orlov agradeceu a Deus por estar preparado, como sempre, para uma partida

imediata. Soube, no momento em que viu o rosto do Tai-Pan, que era melhor o *China Cloud* sair do porto em tempo recorde, do contrário ficaria sem o navio. E embora sua cautela de homem do mar lhe dissesse que era perigoso tanto pano à noite, em mares cheios de recifes e rochedos, ele exclamou, exultante: “Soltem as rizes do sobre de proa e da gávea superior”, e festejou a alegria de estar no mar e no comando outra vez, após tantos dias ancorado. Impeliu o navio um ponto a estibordo e soltou novas rizes, fazendo

o ganhar cada vez mais velocidade.

— Apronte o escaler dianteiro, Sr. Cudahy! Deus sabe que é melhor estar pronto, quando ele chegar ao convés, e erga a lanterna do timoneiro!

— Sim, sim, *senhorrr.*

— Baixe a lanterna do timoneiro! Não vamos conseguir nenhum a essa hora da noite! — disse Orlov, corrigindo a si mesmo. — Não vou esperar pelo amanhecer e nem por nenhum maldito timoneiro. Eu mesmo cuidarei do navio. Temos carga urgente a bordo.

Cudahy se curvou, abaixando-se, e aproximou os lábios da orelha de Orlov.

— Será ela, senhor? Aquela que ele estava procurando, comprando seu peso em ouro? Viu o rosto dela?

— Vá lá para a frente, senão eu mando estripar você! E fique com a boca calada, e mande os outros ficarem, pelo sangue de Cristo! Todos devem permanecer confinados ao navio, quando chegarmos a Macau!

— Sim, sim, meu Capitão, *senhorrr* — disse Cudahy, com uma risada, e ficou em pé, com toda sua altura, dominando o homenzinho de quem gostava e a quem admirava.

— Nossas bocas são conchas de ostras, pelas barbas de São Patrício. Não tema! — Deu um pulo para o passadiço do tombadilho abaixo, e seguiu em frente.

Orlov caminhou pelo tombadilho, imaginando que mistério todo seria aquele, e o que havia de errado com a pequena moça envolta em lençóis que o Tai-Pan trouxera para bordo em seus braços. Viu o atarracado chinês Fong seguindo Cudahy como um cão paciente e imaginou também por que o homem fora enviado a bordo a fim de ser treinado como capitão, e o motivo de ter o Tai-Pan posto um pagão a bordo de cada um dos clíperes.

Gostaria de ter visto o rosto da moça, disse a si próprio. Seu peso em ouro, sim, é o que diz o boato. Eu queria... ah, como eu queria não ser como sou, para poder olhar para o rosto de um homem ou de uma mulher e não ver repulsa e não precisar provar que sou um homem como todos os outros, e melhor do que qualquer outro, nesses mares. Estou cansado de ser Orlov, o Corcunda. Terá sido por isso que senti medo, quando o Tai-Pan disse: “Em outubro, você irá para o norte, sozinho”?

Olhou melancolicamente por sobre a amurada, para as ondas negras que passavam velozmente. Você é o que é, e o mar está esperando. E você é capitão do mais belo navio do mundo. E, uma vez na vida, você olhou para um rosto e viu os olhos verdes examinando-o, simplesmente, como a um *homem.* Ah, Olhos Verdes, pensou, a infelicidade desaparecendo, eu iria para o inferno em troca do momento que você me ofereceu.

— Alto aí, seus idiotas! Dobrem imediatamente os sobrejoanetes! — gritou.

Para obedecer a sua ordem, os homens correram para o alto outra vez, a fim de aproveitar mais a potência do vento. E então, quando viu as luzes de Macau no horizonte, ele ordenou que as velas fossem rizadas e diminuiu cautelosamente a velocidade do navio. — Mas sempre com a máxima força possível — ao entrar no raso porto de Macau, com o prumador a gritar as profundidades.

— Belo serviço, Capitão — disse Struan. Orlov deu a volta, espantado.

— Ah, não vi você. Aparece de repente, como um fantasma. O escaler está pronto para ser baixado. — Depois, acrescentou, despreocupadamente: — Achei que podia dar conta, sem esperar pelo amanhecer e por um piloto.

— Você lê os pensamentos, Capitão. — Struan olhou para as luzes e para a cidade invisível, perdida na água, mas se erguendo numa crista de montanha. — Ancore em nossa bóia costumeira, proteja pessoalmente minha cabina. Não deve entrar... e nem ninguém mais. Todos estão confinados a bordo. Com a boca fechada.

— Já dei essas ordens.

— Quando as autoridades portuguesas subirem a bordo, peça desculpas por não ter esperado o piloto e pague as taxas costumeiras. E o imposto para os chineses. Diga que estou em terra.

Orlov sabia muito bem que não adiantava perguntar por quanto tempo ele demoraria.

***

O amanhecer clareava o horizonte, quando o *China Cloud* ancorou a meia milha do cais ainda não discernível no porto a sudoeste. ira o mais próximo que o navio podia chegar, em segurança; a baía era perigosamente rasa e, portanto, quase inútil — outra razão pela qual Hong Kong era uma necessidade econômica. Ao encaminhar depressa para a praia, no escaler, Struan notou as

luzes em movimento de outro clíper, que se dirigia para o sul — o *White Witch.* Alguns navios europeus de menores dimensões estavam ancorados e centenas de sampanas e juncos seguiam seu curso silencioso.

Struan correu ao longo do desembarcadouro ainda alugado pela Casa Nobre. Viu que não havia luz alguma na grande residência da companhia, também alugada aos portugueses. Era uma mansão com colunas, quatro andares, na extremidade mais afastada da praia marginada de árvores. Ele se virou para o norte e caminhou ao longo da praia, contornando a alfândega chinesa. Cruzou uma rua larga e começou a subir a ladeira suave que levava à Igreja de São Francisco.

Estava satisfeito por se encontrar de volta a Macau, de volta à civilização, pisando em ruas pavimentadas, em meio a majestosas catedrais e graciosas casas no estilo mediterrâneo, praças com fontes e amplos jardins, docemente perfumados devido à abundância de flores.

Hong Kong, um dia, será assim, disse a si próprio... com *pagode.* Depois lembrou-se de Skinner, e Whalen e a malária e de May-may a bordo do *China Cloud,* tão frágil e tão fraca e da febre que voltaria, em dois ou três dias. E o *Blue Cloud?* Deveria, em breve, estar de volta à Inglaterra. Será que derrotará o *Gray Witch?* Ou se encontrará mil milhas atrás, no fundo do mar? E todos os outros clíperes? Quantos perco, nesta temporada? Que

o *Blue Cloud* chegue primeiro! E como estará Winifred? Será que Culum está bem, onde se encontrará Gorth, e o ajuste de contas acontecerá hoje? A cidade ainda estava adormecida, ao amanhecer. Mas ele sentia olhares de chineses a observá-lo. Subiu o morro e cruzou a bela Praça de São Francisco.

Além da praça, em direção ao norte, no ponto mais elevado do istmo, ficavam as ameias do antigo forte de São Paulo do Monte. E, por trás, o setor chinês de Macau: ruelas e casebres, construídos por sobre casebres, incrustando-se na encosta norte do morro e ali descendo, até sumir.

Por mais meia milha, havia terra plana, e o istmo se estreitava até menos de

cento e cinqüenta jardas. Havia jardins, passeios. o verde-esmeralda da pequena pista de corridas de cavalos e o campo de críquete que os ingleses haviam instalado e mantido, ao longo de séculos. Os portugueses não aprovavam as corridas e não jogavam críquete.

A uma centena de jardas além do campo de críquete, estava a muralha onde Macau terminava e começava a China.

A muralha tinha vinte pés de altura, dez de espessura e se estendia de uma praia à outra. Só após ter sido construída, há três séculos, o imperador concordara em arrendar o istmo aos portugueses e permitir-lhes que se instalassem na terra.

No centro da extensão da muralha, havia uma torre de guarda com um portal e um único portão majestoso. O portão para a China estava sempre aberto, mas nenhum europeu o atravessava.

As botas de Struan faziam um ruído alto, enquanto ele corria através da praça e abria os altos portões de ferro lavrado do palácio do bispo, caminhando em seguida pelos jardins cultivados há três séculos. Um dia, terei um jardim como este, prometeu a si mesmo.

Cruzou o pátio dianteiro pavimentado, com as botas batendo forte, e subiu até a grande porta. Puxou o sino e ouviu-o ecoar, lá dentro, puxou-o repetidamente, com insistência.

Afinal, uma lanterna bruxuleou ao longo das janelas do piso térreo e ele ouviu passos aproximando-se e uma torrente de reclamações em português. A porta se abriu.

— Bom-dia. Quero ver o bispo.

O criado meio vestido e meio adormecido olhou para ele sem o reconhecer e sem compreender, depois soltou outra torrente de palavras em português e começou a

fechar a porta. Mas Struan empurrou o pé na porta, abriu-a e caminhou para dentro da casa.Entrou no primeiro cômodo — um belo gabinete com estantes — e se sentou numa cadeira com encosto entalhado— Então deixou os olhos caírem sobre o criado boquiaberto.

— O bispo — repetiu.

***

Meia hora mais tarde, Flarian Guineppa, Bispo de Macau, General da Igreja de Roma, entrou caminhando imperiosamente no aposento de que Struan se apoderara. Era um aristocrata de elevada estatura, que carregava com jovialidade seus cinqüenta anos. Seu nariz era romano e adunco, a testa alta, os traços gastos. Usava um barrete magenta e manto da mesma cor, e em torno de seu pescoço tenso estava pendurado um crucifixo cravejado de jóias. Seus olhos negros estavam cheios de sono e eram hostis. Mas, quando deram com Struan, a raiva causada pelo sono desapareceu. O bispo ficou parado no umbral, com todas as fibras do corpo alertas.

Struan levantou-se,

— Bom-dia, Reverendíssimo. Desculpe vir sem ser convidado, e tão cedo.

— Seja bem-vindo, em nome de Deus, senhor — disse o bispo, amavelmente. Fez sinal em direção a uma cadeira. — Vou tomar um pequeno desjejum. Quer acompanharme?

— Obrigado.

O bispo falou laconicamente em português com o criado, que fez uma curvatura e saiu às pressas. Depois, caminhou devagar até a janela, com os dedos sobre seu crucifixo, e olhou para o sol que nascia. Viu o *China Cloud* ancorado na baía, bem em frente, e os grupos de sampanas que o cercavam. Que emergência, ficou imaginando, traz a mim o Tai-Pan da Casa Nobre? O inimigo que conheço tão bem, mas jamais encontrei?

— Obrigado por ter-me despertado. O amanhecer está muito lindo.

— Sim.

Os dois homens fingiam uma cortesia que nenhum dos dois sentia.

Para o bispo, Struan representava os ingleses protestantes, materialistas, maus, fanáticos, que infringiram as leis de Deus e para sua danação eterna — negaram o Papa, como os judeus haviam negado Cristo; o homem que era o líder deles, quase sozinho destruíra Macau e, com Macau, a dominação católica sobre os pagãos asiáticos.

Para Struan, o bispo representava tudo que ele desprezava nos católicos — o fanatismo dogmático de homens autocastrados que buscavam o poder, homens que sugavam gota a gota dinheiro dos pobres, em nome de um Deus católico, e com essas gotas de dinheiro construíam majestosas catedrais, para a glória de sua versão da divindade, e que, de maneira idolatra, haviam instalado um homem em Roma, como Papa, e tornando este homem árbitro infalível de outros homens.

Criados de libré, obsequiosamente, trouxeram bandejas de prata, chocolate quente e levíssimos *croissants*, manteiga fresca e a doce geléia de *kumquat* por causa da qual o mosteiro era famoso.

O bispo fez uma ação de graças e o latim aumentou o constrangimento de Struan, mas ele nada disse. Os dois homens comeram em silêncio. Os sinos das

inúmeras igrejas badalavam matinas e a fraca e gutural litania dos coros de monges na catedral enchiam o silêncio. Depois do chocolate, veio o café, proveniente do Brasil, colônia portuguesa: quente, doce, forte, delicioso. A um sinal da mão do bispo, um criado abriu uma cigarreira cravejada de jóias e ofereceu-a a Struan.

— São de Havana, se lhe agradam. Depois do desjejum, aprecio a "dádiva" de Sir Walter Raleigh à humanidade.

— Obrigado. — Struan escolheu um. Os criados acenderam os charutos e, a um sinal do bispo, foram embora.

O bispo observava as espirais de fumaça.

— Por que o Tai-Pan da Casa Nobre viria procurar minha ajuda? Ajuda *papista?* — acrescentou, com um sorriso irônico.

— Pode apostar com segurança, Reverendíssimo, que não está sendo procurado de maneira impensada. Já ouviu falar na casca de árvore chamada cinchona? A casca dos jesuítas?

— Ah, é isso. Está com malária. A febre do Vale Feliz — ele disse, suavemente.

— Sinto desapontá-lo. Não, não tenho malária. Mas uma pessoa a quem quero, sim. A cinchona cura a malária?

Os dedos do bispo brincaram com o grande anel em seu dedo médio, e depois tocaram seu crucifixo.

— Sim. Se a malária do Vale Feliz for a mesma malária existente na América do Sul. — Os olhos dele eram penetrantes. Struan sentiu-lhes o poder, mas devolveu a mirada com a mesma firmeza. — Há muito anos, eu era missionário

no Brasil. Contraí a malária ali existente. Mas a cinchona me curou.

— Tem cinchona aqui? Em Macau?

Houve um silêncio, rompido pelos estalidos das unhas batendo na cruz, lembrando a Struan o médico chinês a dar pancadinhas no pulso de May-may. Ficou imaginando se julgara corretamente o bispo.

— Não sei, Sr. Struan.

— Se a cinchona puder curar nossa malária, estou disposto a pagar. Se quer dinheiro, terá. Poder? Eu lhe darei. Se quer minha alma, pode ficar com ela... não subscrevo seus pontos de vista, de maneira que seria. uma troca segura. Alegremente, até mesmo passaria pelo ritual de me transformar em católico, mas não teria sentido, como sabe e eu sei. O que quer que desejar, eu lhe darei, se estiver em meu poder lhe dar. Mas quero um pouco da casca. Quero curar uma pessoa da febre. Diga seu preço.

— Para quem vem como suplicante, suas maneiras são curiosas.

— Sim. Mas estou supondo que, a despeito de minhas maneiras, ou do que pensa a meu respeito e eu ao seu, temos os meios de realizar um negócio. Tem cinchona? Se tiver, curará a malária do Vale Feliz? E se curar, qual será o seu preço?

O aposento estava muito silencioso, um silêncio sobrecarregado de movimentos de mentes, vontades e pensamentos.

— Não posso responder a nenhuma dessas perguntas agora — disse o bispo. Struan levantou-se.

— Voltarei hoje à noite.

— Não há necessidade de que volte, senhor.

— Quer dizer que não haverá negócio?

— Estou dizendo que hoje à noite pode ser cedo demais. Levará tempo para mandar o aviso a todos os curadores de doentes e para obter uma resposta. Entrarei em contato com o senhor logo que tenha uma resposta. Para todas as suas perguntas. Onde estará? No *China Cloud* ou em sua residência?

— Mandarei um homem sentar-se à sua porta, à espera.

— Não há necessidade. Mandarei notícia. -. O bispo permaneceu em sua cadeira. Depois, vendo a profundidade da preocupação de Struan, acrescentou, compassivamente:

— Não se preocupe, senhor. Mandarei um aviso para ambos os lugares, em nome de Cristo.

— Obrigado. — Quando Struan partia, ouviu o bispo dizer: “Vá com Deus”, mas não parou. A porta da frente bateu atrás dele.

No silêncio do pequeno aposento, o bispo suspirou profundamente. Seus olhos contemplaram o crucifixo cravejado de jóias pendurado em seu peito. Rezou, silenciosamente. Depois, mandou buscar seu secretário e ordenou que começasse a procura. Em seguida, mais uma vez sozinho, ele se dividiu nas três pessoas que todos os generais da igreja devem ser, simultaneamente. Antes de tudo, Pedro ungido, primeiro bispo de Cristo, com o que isso implicava, espiritualmente. Em segundo lugar, o guardião militante da igreja temporal, com todas as conseqüências. E, finalmente, apenas um simples homem, que acreditava nos ensinamentos de um homem simples que era o Filho de Deus.

Voltou a se instalar em sua cadeira e deixou essas facetas de si mesmo discutirem uma com a outra. E ficou a escutá-las.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Struan subiu as escadas de mármore da residência da companhia, fatigado mas, estranhamente, em paz. Fiz tudo que podia, pensou.

Antes de tocar na porta, esta foi amplamente aberta, com um floreio. Lo Chum, o mordomo dos funcionários da Casa Nobre de Macau, exibiu-lhe um sorriso desdentado. Era um velho baixinho, com um rosto que parecia de marfim antigo e um sorriso de duende, e estava a serviço de Struan desde que este pudera pagar a um criado. Usava uma limpa bata branca, calças negras e sandálias de corda.

— *Hallo-ah,* Tai-Pan. O banho está pronto, o desjejum está pronto, as roupas estão prontas, tudo que o Tai-Pan quiser. Não se preocupe.

— Olá, Lo Chum. — Struan nunca deixava de se maravilhar diante da rapidez com que circulavam as notícias. Sabia que, se tivesse, logo ao desembarcar, corrido pelo desembarcadouro diretamente para a mansão, a porta teria sido aberta rapidamente, do mesmo jeito, e Lo Chum ali estaria, como estava agora.

— Quero banho e roupas — disse Struan.

— *Compradore* Chen Sheng foi embora. Diz que volta às nove horas, pode?

— Pode — respondeu Struan, cansado.

Lo Chum fechou a porta e disparou na frente de Struan, subiu a escadaria de mármore e abriu a porta do quarto de dormir do patrão. A grande banheira de assento, de ferro, estava cheia de água fumegante, como sempre, um copo de leite se encontrava sobre uma mesinha, como sempre, seus aparelhos de barbear se achavam separados a um canto, a camisa e as roupas limpas sobre a cama — como sempre. É bom estar em casa, pensou Struan.— Tai-Pan quer moça no banho, hein? — uma risada, como um relincho.

— *Ayeee yah*, Lo Chum. Sempre disse que moça no banho traz muitos problemas. Acorde o Senhor Culum... diga para vir aqui. — Struan falou, tirando as roupas sujas.

— Senhor Culum não dormiu.

— Onde o Senhor Culum foi? — perguntou Struan. Lo Chum pegou as roupas e deu de ombros.

— Passou a noite toda fora, senhor.

Struan franziu a testa.

— A mesma coisa toda noite, hein?

Lo Chum abanou a cabeça.

— Não, senhor. Uma, duas noites dormiu aqui. — Saiu, afobado.

Struan mergulhou no banho, perturbado pelo relato das ausências de Culum. Espero em Deus que Culum tenha suficiente bom senso para não ir a Chinatown.

***

Pontualmente, às nove horas, uma rica liteira parou diante da mansão. Chen Sheng, *compradore* da Casa Nobre, fez uma pesada curvatura. Seu traje era escarlate e o chapéu cravejado de jóias, e ele tinha muita consciência de sua majestade.

Subiu os degraus e a porta foi aberta por Lo Chum. pessoalmente — como sempre. Isto dava a Chen Sheng grande prestígio, pois Lo Chum só abria a porta pessoalmente para o Tai-Pan e para ele.

— Ele está à minha espera? — perguntou, em dialeto cantonês.

— Claro, Excelência. Sinto muito ter marcado seu encontro para tão cedo, mas achei que iria desejar ser o primeiro.

— Ouvi dizer que ele partiu de Hong Kong com uma pressa frenética. Sabe qual é o problema?

— Ele foi diretamente ao Tai-Pan dos saias-compridas e...

— Sei disso — disse Chen Sheng, com petulância. Não podia adivinhar por que Struan correra ao mosteiro. — Realmente, não sei por que sou tão paciente com você, Lo Chum, ou por que continuo a lhe pagar uma soma mensal, a fim de me manter informado, nesses tempos difíceis. Eu já sabia que o navio estava no porto, antes de você mandar me avisar. É uma desagradável falta de interesse por meus assuntos.

— Realmente, sinto muito, Excelência — disse Lo Chum. — Claro, o Tai-Pan trouxe sua concubina, no navio.

— Ah! — Ótimo, pensou. Estou satisfeito de devolver as crianças e me livrar dessa responsabilidade. — Isso é um pouco melhor, embora eu fosse receber esta informação, por parte de outras pessoas, em menos de uma hora. Que outras maravilhosas informações tem você para merecer um pagamento tão alto. todos esses anos?

Lo Chum mostrou o branco dos olhos.

— Que sabedoria poderia ter eu, um miserável escravo, diante de um mandarim como o senhor? — falou muito tristemente. — Atravessamos tempos difíceis, Excelência. Minhas esposas me aborrecem, pedindo dinheiro, e meus filhos gastam taéis no jogo, como se a prata crescesse como arroz. É terrível. Só tendo conhecimentos prévios de grande importância a pessoa pode defender-se contra o destino. É terrível pensar que tais conhecimentos podem cair nos ouvidos errados.

Chen Sheng brincava com o rabicho, imediatamente cônscio de que Lo Chum tinha uma informação muito especial.

— Concordo. Em tempos difíceis como esses, é muito importante... os deuses assim decretaram... assistir os pobres — disse ele, com gravidade. — Eu estava pensando em lhe enviar um presente sem valor, em nome de seus ilustres ancestrais: três porcos assados, catorze galinhas poedeiras, duas peças de xantungue de seda, uma pérola no valor de dez taéis da mais pura prata, uma bela fivela de cinto de jade do início da dinastia *Ch'ing*, no valor de cinqüenta taéis e alguns doces e pastéis sem importância completamente inadequados para seu paladar, talvez você prefira dá-los aos seus criados.

— Uma dádiva de tal magnificência eu dificilmente poderia aceitar — disse Lo Chum, com grande deferência. — Isto me colocaria como seu devedor para sempre.

— Se recusar, então só posso supor que é uma oferta inadequada para seus ilustres ancestrais e perderei prestígio.

Finalmente, Lo Chum permitiu-se ser persuadido a aceitar, e Chen Sheng se permitiu ser persuadido de que o presente era principesco.

— Ouvi dizer que o Tai-Pan procura algo — sussurrou Lo Chum — porque sua concubina está muito doente. Doente com a febre venenosa de Hong Kong. — O quê? — Chen Sheng ficou horrorizado com a notícia, mas satisfeito porque o montante do presente fora bem gasto. — Por favor, continue.

Lo Chum lhe contou a respeito do médico e do estranho remédio — e tudo que Ah Sam sussurrara aquela manhã a um proprietário de sampana que Lo Chum enviara até ela.

— Há também boatos de que o Tai-Pan ofereceu vinte mil taéis como recompensa. O filho dele, filho ilustre de sua terceira esposa e seu filho de criação, iniciou uma busca frenética da droga em Hong Kong.

A mente de Chen Sheng mergulhou nas implicações. Fez sinal a Lo Chum e foi conduzido até o gabinete de Struan.

— *Hallo-ah,* Tai-Pan — ele disse, expressivamente. — É bom vê-!o em Macau. -. *Hallo-ah,* Chen Sheng — disse Struan. Fez sinal em direção a uma cadeira. — Sente-se.

— O navio *Blue Cloud* chegou primeiro à Inglaterra?

— Não sei. Digo-lhe depressa, quando souber. Chen Sheng queria me ver?

Chen Sheng estava preocupado, Ele, o líder das Tríades de Macau, recebera de Jin-qua a responsabilidade pessoal da segurança de Tchung May-may e das suas crianças. Só ele, entre todos os associados de Jin-qua, sabia que ela era neta de

Jin-qua e que, como concubina do Tai-Pan, seu valor para eles, pessoalmente, era enorme, e seu valor para a futura causa da Tríade — que era a causa da China — inestimável. A notícia de que a frota voltaria imediatamente a Cantão, em vez de ir direto a Pequim, poupara-lhes quase quatro milhões de taéis — cem vezes o custo da educação de May-may. Abençoara seu *pagode* por May-may existir; sem ela, teria tido de encontrar ele próprio um montante substancial daquele resgate.

E, agora, a estúpida e inútil mulher tivera o mau *pagode* de pegar uma doença incurável. Pelo menos, emendou depressa, incurável a menos que nos seja possível encontrar a droga. E se pudermos, ela melhorará, e nosso investimento nela — e no Tai-Pan será garantido e haverá vinte mil taéis de recompensa. Então, outro fragmento de informação se encaixou no lugar e ele pensou, então isto explica por que Gordon Chen mandou chamar a Macau ontem, secretamente, quarenta membros da Tríade, da sede Hong Kong. Deve haver um pouco da droga aqui. Ficou imaginando o que Gordon Chen diria se lhe contasse que seu "Professor" secreto lhe fora enviado por ordens de Jin-qua — que Jin-qua era o líder da Tríade de toda Kwangtung e que ele, Chen Sheng, era o vice de Jin-qua. Ah, disse a si próprio, é muito aconselhável manter em segredo muitas coisas; nunca se sabe quando alguém vai escorregar.

— Crianças de Tai-Pan lá em casa muito bem, muito felizes — Disse, jovialmente.

— Quer ver eles, hein? Levar de volta a Hong Kong?

— Vejo hoje. Levo de volta logo. Digo quando. — Struan ficara imaginando se deveria contar a Chen Sheng a respeito de May-may.

— Tai-Pan. Suas crianças muito boas. — Começou Chen Sheng. — Acho que é melhor levar crianças para mamãe. Fazer feliz mamãe. Médico importante aqui diz que pode. Não tem problemas. Acho que tem remédio aqui em Macau. Chen Sheng dá um jeito.

— Como sabia que ela está aqui, e com malária?

— O quê? Não entendo.

— Como sabia que minha mulher tem doença grave?

Chen Sheng deu uma risadinha para si próprio e encolheu os ombros.

— Sabia de qualquer jeito, não se preocupe.

— Tem remédio aqui? Verdade?

— Se tiver aqui, consigo. Mando junco depressa para o *China Cloud*, Traga mulher para terra. Chen Sheng ajeita.

Ele fez uma curvatura cortês e saiu.

Struan foi para bordo do *China Cloud* e deu à tripulação licenças para desembarcar por turnos. Logo o junco de Chen Sheng se aproximou. May-may foi cuidadosamente levada para terra, aos cuidados de um médico chinês, e carregada para sua casa, encravada no morro de Santo Antônio.

A casa estava limpa e os criados se encontravam de prontidão, havendo chá preparado. Ah Sam deu uma volta, solicitamente, e abraçou as crianças que esperavam na casa, com sua ama, ajeitou May-may na grande cama e levou os filhos até ela. Houve lágrimas de felicidade, novas corridas de um lado para outro, gritos, e Ah Sam e May-may ficaram satisfeitas por estarem em casa, afinal.

O médico trouxera alimentos e remédios especiais para fortalecer May-may e manter a força da criança em seu útero, e lhe ordenara para ficar na cama.

— Voltarei logo — disse Struan.

— Ótimo. Obrigada, Tai-Pan, obrigada.

— Vou para a sede e, depois, talvez para a casa de Brock.

— Ele estão em Macau?

— Sim. Todos, com exceção de Tyler. Pensei que lhe havia dito. Não se lembra? Culum e Tess estão aqui também.

— Ah, sim — ela respondeu. Lembrou-se do que fora combinado com Gordon Chen. — Sinto muito. Eu tinha esquecido. Minha cabeça está como uma peneira. Claro que me lembro, agora. Estou muito feliz de ter saído do navio e de me encontrar em casa. Obrigada.

Ele voltou para a sede da companhia. Culum não voltara, então caminhou pela praia, até à casa de Brock. Mas nem Tess e nem Liza sabiam onde se encontrava Culum. Gorth disse que os dois haviam jogado na noite da véspera, no English Club, mas ele, Gorth, saíra cedo.

— Vou levá-lo até à porta — disse Gorth. Quando estavam sozinhos, junto à porta, sorriu sardonicamente, exultando na doçura da vingança. — Sabe como é... eu estava visitando uma senhora. Talvez ele estivesse fazendo a mesma coisa. Não há perigo nenhum nisso, não é? Ele estava ganhando no jogo quando eu o deixei, se é isto que o está preocupando.

— Não, Gorth, não estou preocupado com isso. Sabe que há boas leis britânicas relativas a assassinato... um julgamento rápido e uma rápida forca, seja quem for a vítima. Até mesmo uma prostituta.

Gorth empalideceu.

— O que quer dizer com isso?

— Se alguém se tornar merecedor da forca, eu serei alegremente o carrasco.

— Está me ameaçando? Há leis contra isso também, por Deus!

— Se houver morte... então haverá acusação de homicídio, por Deus!

— Não sei o que quer dizer! — explodiu Gorth. — Está me acusando falsamente!

— Não estou acusando você de nada, Gorth. Só lembrando você de fatos. Sim. Ouvi dizer que há duas possíveis testemunhas para uma possível morte... que estariam preparadas para falar no tribunal.

Gorth controlou seu pânico. Foi aquela maldita cadela Fortheringill, e também o patife do Quance. Ela foi paga o suficiente para manter o bico calado. Bom, vou cuidar dos dois imediatamente, se for necessário, mas não será, porque a cadela não vai morrer, de qualquer jeito.

— Não tenho medo de falsas acusações como as suas.

— Não estou acusando você, Gorth — disse Struan.

Ficou fortemente tentado a provocar agora a inevitável luta. Mas sabia que teria de esperar que Gorth cometesse seu primeiro erro, insultá-lo imperdoavelmente em público. Só assim poderia, aberta e livremente, mandar ajudantes com um desafio formal e matá-lo diante de uma platéia. Só dessa maneira poderia impedir a ruptura do casamento de Culum e Tess e evitar dar a Brock um meio de destruí-lo nos tribunais de justiça. Porque May-may estava certa — todos na Ásia sabiam que ele estava louco para matar Gorth.

— Se encontrar Culum, por favor diga-lhe que estou procurando por ele.

— Dê os seus próprios recados! Não sou seu lacaio. Você não será por muito tempo mais o Tai-Pan da Casa Nobre, por Deus.

— Cuidado — disse Struan. — Não tenho medo de você.

Gorth engoliu a isca.

— Nem eu, Dirk. Eu lhe digo de homem para homem tenha cuidado, ou vou atrás de você. Struan caminhou de volta para a sede da companhia, encantado consigo mesmo. Você está fisgado, Gorth.

Culum ainda não voltara. E não havia notícia alguma do bispo. Struan disse a Lo Chum para tentar encontrar Culum. E foi para a praia, subiu o morro em direção à catedral, em seguida entrou em ruas menos transitadas, passando por graciosos restaurantes na calçada e sombrinhas coloridas. Cruzou uma extensa praça e atravessou um grande pórtico.

A freira, à escrivaninha, ergueu os olhos.

— Bom-dia. Fala inglês? — perguntou Struan.

— Um pouco, senhor.

— Tem uma paciente. Srta. Mary Sinclair. Sou amigo dela.

Uma longa pausa.

— Quer vê-la?

— Por favor.

Ela fez sinal para uma freira chinesa e lhe falou rapidamente, em português. Struan seguiu a freira chinesa por um corredor e subiu algumas escadas que davam no quarto de Mary.

Era pequeno, sujo e rançoso, e tinha as janelas totalmente cerradas. Um crucifixo pendia sobre a cama. O rosto de Mary estava abatido, seu sorriso era fraco. E o sofrimento a envelhecera.

— Olá, Tai-Pan.

— Qual é o problema, Mary? — ele perguntou brandamente.

— Nada que eu não mereça.

— Eu vou tirar você deste maldito lugar — disse Struan.

— Estou ótima, Tai-Pan. Eles são muito bons para mim.

— Sim, mas isto não é lugar para uma moça inglesa protestante.

Um monge magro e tonsurado entrou. Usava uma batina simples — suja de manchas de sangue e remédios derramados — e um crucifixo simples de madeira.

— Bom-dia — disse o monge, com um inglês cultivado e sem sotaque. — Sou Padre Sebastião. O médico desta paciente.

— Bom-dia. Acho que a tirarei de seus cuidados.

— Eu não aconselharia isso, Sr. Struan. Ela não deve ser movimentada por um mês, pelo menos.

— O que há com ela?

— Tem problemas internos.

— É inglês?

— É tão estranho isso, Sr. Struan? Há muitos ingleses, e também escoceses, que reconhecem a verdade da Igreja de Cristo. Mas o fato de ser católico não diminui os meus méritos como médico.

— Tem aqui a casca de árvore cinchona?

— O quê?

— Casca de árvore cinchona. Casca dos jesuítas.

— Não. Jamais usei isso. Nunca vi. Por quê?

— Por nada. O que há de errado com a Srta. Sinclair?

— É muito complicado. A Sra. Sinclair não deverá ser movimentada por um mês... melhor dois.

— Sente-se suficientemente bem para ser movimentada, garota?

— O irmão dela, Sr. Sinclair, não faz objeção ao fato de permanecer aqui. E eu acredito que o Sr. Culum Struan também aprova o que eu sugiro.

— Culum esteve aqui hoje? — Struan perguntou a Mary.

Ela abanou a cabeça e falou com o monge, o rosto trágico.

— Por favor, conte ao Tai-Pan. A respeito... a meu respeito. O Padre Sebastião disse com gravidade.

— Acho que tem razão. Alguém deve saber. A Srta. Sinclair está muito doente, Sr. Struan. Ela bebeu uma poção de ervas chinesas... talvez veneno fosse a palavra certa... para provocar um aborto. O veneno deslocou o feto, mas causou uma hemorragia que está agora, graças a Deus, quase sob controle.

Struan sentiu um repentino suor.

— Quem mais sabe disso, Mary? Horatio? Culum?

Ela abanou a cabeça.

Struan tornou a se virar para o monge.

— Quase sob controle? Quer dizer que a moça está bem? Que dentro de um mês, aproximadamente, ela estará bem?

— Fisicamente, sim. Se não houver gangrena. E se esta for a vontade de Deus.

— O que quer dizer “fisicamente”?

— Quero dizer, Sr. Struan, que é impossível considerar o físico sem o espiritual. Esta senhora pecou terrivelmente contra as leis de Deus... contra as leis da Igreja Católica e também de sua igreja... e então a paz, o acerto de contas, têm de ser feitos com Deus, antes de ela poder curar-se. Era isto que eu estava tentando

dizer.

— Como... como ela chegou aqui?

— Foi trazida para cá por sua ama, que é católica. Consegui uma licença especial para tratá-la e, bom, nós a colocamos aqui e a tratamos o melhor que pudemos. A madre superiora insistia que alguém fosse informado, porque sentimos que não estava resistindo. Foi enviada notícia para o Capitão Glessing. Supusemos que ele fosse o pai, mas a Srta. Sinclair jura que não... que não era. E nos implorou para não revelar a causa de sua doença. — O Padre Sebastião fez uma pausa. — Essa crise, graças a Deus, passou.

— Manterá isso em segredo? O que... o que aconteceu com ela?

— Só o senhor e as freiras sabem. Temos juramentos diante de Deus, que não podem ser rompidos. Não precisa temer por nós. Mas sei que não haverá cura para esta pobre pecadora sem um acerto de contas. Porque Ele sabe.

O Padre Sebastião afastou-se.

— O... o padre era um de seus “amigos”, Mary?

— Sim. Eu não... eu não me arrependo de minha vida, Tai-Pan. Eu não... não posso. E nem do que fiz. É o pagode. — Mary olhava através da janela. — Pagode. — Ela repetiu. — Eu fui estuprada, muito jovem... pelo menos... não é verdade. Mas eu não sabia o que... Eu não entendia, mas fui um pouco forçada, da primeira vez. Depois, eu... não foi necessário forçar... eu queria.

— Quem foi ele?

— Um de meus colegas de escola. Ele morreu. Foi há tanto tempo.

Struan procurou lembrar, mas não identificou nenhum menino que tivesse morrido. Nenhum menino que pudesse ter ido à casa dos Sinclair.

— E, depois disso — Mary continuou, cheia de vacilação — eu tive necessidade. Horatio... Horatio estava na Inglaterra e, então, eu pedia... pedia a uma das amas para procurar um amante para mim. Ela me explicou que eu... que eu poderia ter um amante, muitos amantes e que, se fosse inteligente, e ela fosse inteligente, eu poderia ter uma vida secreta e coisas bonitas. Minha verdadeira vida nunca foi agradável. Você sabe o pai que eu tive. Então, a ama me mostrou como. Ela... procurava para mim. Nós... ficamos... nós ficamos ricas juntas, e eu estou satisfeita. Comprei as duas casas e ela sempre trouxe só homens muito ricos. — Ela parou e, depois de um longo tempo, gemeu: — Ah, Tai-pan, estou com tanto medo.

Struan sentou-se a seu lado. Lembrou-se do que lhe dissera há apenas poucos meses. E da confiante resposta da moça.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Struan estava à janela aberta, melancolicamente a observar a praia lá embaixo. Entardecia. Os portugueses todos vestiam trajes de noite e davam voltas de um lado para outro, fazendo mesuras, conversando animadamente — com os jovens fidalgos e as moças a se namorarem cautelosamente, sob os olhares vigilantes de pais e aias. Algumas liteiras, com seus cules, labutavam à procura de clientes ou depositavam pessoas que chegavam atrasadas para o passeio. Aquela noite, havia um baile no palácio do governador e ele fora convidado, mas não sabia se iria. Culum não voltara ainda. E não havia notícias do bispo.

Ele vira Horatio, aquela tarde. Horatio ficara furioso porque Ah Tat, ama de Mary, desapareceu.

-Tenho certeza de que foi ela quem deu à pobre Mary a poção, Tai-Pan — disse ele. Mary contara-lhe que bebera por engano um chá de ervas por ela encontrado na cozinha, e nada mais.

— Isso é tolice, Horatio. Ah Tat está com vocês dois há anos. Por que faria uma coisa dessas? Foi um acidente.

Depois da partida de Horatio, Struan procurara os homens com quem Culum e Gorth haviam estado, na noite anterior. Na maioria, eram camaradas de Gorth e todos disseram que, algumas horas depois de Gorth sair, Culum fora embora; que ele bebera, mas não estava mais bêbado do que os outros, do que habitualmente ficava.

Seu estúpido idiota Culum, pensou Struan. Você devia ter tido cuidado.

De repente, notou um criado imaculado, de peruca e libré, que se aproximava, e reconheceu o brasão do bispo, instantaneamente. O homem vinha sem pressa pela praia, mas passou pela sede da companhia sem parar, e desapareceu na praia mesmo.

A luz sumia rapidamente agora, e as luzes do passeio marginado por lanternas começaram a dominar o clarão do entardecer. Struan viu uma liteira com cortinas parar diante da casa. Dois cules, apenas, entrevistos, depuseram-na e sumiram numa ruela.

Struan saiu correndo do aposento e desceu as escadas.

Culum estava estirado, inconsciente, na parte de trás da liteira, com as roupas rasgadas e manchadas de vômito. Fedia a álcool.

Struan ficou mais divertido do que zangado. Puxou Culum até colocá-lo em pé, atirou-o sobre o ombro e, sem se preocupar com os olhares dos transeuntes, carregou-o para a casa.

— Lo Chum! Banho, depressa!

Struan depositou Culum na cama e o despiu. Não havia ferimentos no seu peito e nem nas costas. Ele o virou. Arranhaduras causadas por unhas no estômago. E manchas provocadas por mordidas amorosas.

— Idiota — disse ele, examinando-o rapidamente, mas de maneira minuciosa. Não havia ossos quebrados. Nenhum dente arrancado. O anel de sinete e o relógio haviam sumido. Os bolsos estavam vazios.

— Você foi “depenado” rapazinho. Talvez, pela primeira vez, mas, com certeza, não pela última. — Struan sabia que drogar a bebida de um rapaz era um truque antigo em bordéis.

Criados trouxeram baldes de água quente e encheram a banheira de ferro. Struan ergueu Culum, colocou-o no banho e o ensaboou e lhe passou uma esponja. Lo Chum segurava a cabeça pendurada.

— Patrãozinho bebeu demais, fez muito amor.

— Ayeee yah! — disse Struan.

Ao retirar Culum do banho, sentiu uma dor forte, como uma punhalada, no tornozelo esquerdo, e percebeu que a caminhada de hoje lhe cansara o tornozelo mais do que esperava. É melhor envolvê-lo em gaze durante alguns dias, pensou.

Enxugou Culum e colocou-o na cama. Deu-lhe palmadinhas leves no rosto, mas isto não o acordou, e então jantou e ficou esperando. Sua preocupação aumentou com a passagem do tempo, porque sabia que, àquela hora, por mais que Culum tivesse bebido, já deveria estar recuperado.

A respiração de Culum era profunda e regular. As batidas do coração, fortes. Struan levantou-se e se espreguiçou. Não havia nada a fazer, senão esperar.

— Vou ver a senhora. Fique olhando com cuidado, está bem? — disse ele.

— Lo Chum olha como se fosse uma mãe!

— Mande notícia, está bem? Quando o patrão acordar, não deixe de mandar notícia. Entendido?

— Não precisa perguntar se entendido, sim? Sempre entendido muito bem, não se preocupe.

Mas Lo Chum não mandou notícia alguma, aquela noite.

Ao amanhecer, Struan saiu da casa de May-may e voltou para a sede da companhia.

May-may dormira em paz, mas Struan ficara à escuta de todos os movimentos de transeuntes, e de cada liteira — e de muitos ruídos que apenas sua imaginação criava. Lo Chum abriu a porta da frente.

— O que adianta Tai-Pan vir cedo, hein? Desjejum pronto, banho pronto, o que Tai-Pan quer ver, hein?

— Patrão acordou?

— Por que perguntar? Se acorda, mando notícia. Entendido tudo muito bem, Tai-Pan — disse Lo Chum, com sua dignidade ofendida. Struan foi para o andar superior. Culum ainda dormia, profundamente.

— Uma, duas vezes, patrão faz a mesma coisa — e Lo Chum resmungou, fez ruídos com os maxilares, fungou, bocejou e gemeu alto. Depois do desjejum, Struan mandou dizer a Liza e Tess que Culum voltara, mas não lhes contou em que condições. Em seguida, tentou concentrar-se nos negócios.

Assinou papéis e aprovou gastos maiores nas construções de Hong Kong, indignado com os custos crescentes da madeira, do tijolo e do trabalho e toda sorte de suprimentos para navios, reparos de navios, equipamento náutico.

Maldição! Os preços tiveram um aumento de cinqüenta por cento — e não há sinal de que vão descer. Devo começar a construir clíperes para o próximo ano, ou vou apostar nos que já temos? Apostar que o mar não afundará nenhum? É preciso comprar mais.

Então, mandou fazer um novo clíper. Ele o chamaria de *Tessan Cloud* e o navio seria dado a Culum, como presente de aniversário. Mas, mesmo o pensamento de um novo e belo clíper não o entusiasmou como de costume. Fez com que ele se lembrasse do *Lótus Cloud*, que logo deveria ser construído em Glasgow, e do combate naval, no ano seguinte, com Wu Kwok — se ainda estivesse vivo — ou com Wu Fang Choi, o pai, e seus piratas. Ficou imaginando se os filhos de Scragger desembarcariam na Inglaterra a salvo. Outro mês se passaria, no mínimo, antes de eles chegarem — e mais três meses para a notícia voltar.

Fechou seu escritório e foi para o English Club, onde bateu papo com Horatio por um momento, em seguida com alguns negociantes, e jogou bilhar, mas não se divertiu nem um pouco com a companhia e nem com o jogo. A conversa foi toda sobre negócios, toda cheia de ansiedade com relação a sinais de desastre quanto ao nível internacional e à expansão de seus grandes lances comerciais da temporada.

Sentou-se no grande e tranqüilo salão de leitura e pegou os últimos jornais — de três meses atrás — chegados com a correspondência.

Com esforço, concentrou-se num editorial. Falava das disseminadas

perturbações industriais nos Midlands, e garantia que era imperativo pagar um salário justo para uma jornada de trabalho justa. Outro artigo lamentava que a grande máquina industrial da Inglaterra estivesse operando com apenas metade de sua capacidade, e insistia que grandes mercados novos deveriam ser encontrados para a riqueza produtiva que a nação podia vomitar; mais produção significava mercadorias mais baratas, aumento dos empregos, salários mais altos.

Havia outros artigos falando de tensão e de nuvens de guerra sobre a França e a Espanha, por causa da sucessão do trono espanhol; a Prússia metia seus tentáculos em todos os Estados alemães, a fim de dominá-los, e— uma confrontação franco-prussiana estava iminente; havia nuvens de guerra sobre a Rússia e o Sacro Império Romano dos Habsburgos; nuvens de guerra sobre os Estados italianos, que queriam derrubar o adventício rei francês de Nápoles, e desejavam unir-se, ou não se unir, e o Papa, apoiado pelos franceses, estava envolvido na arena política; havia ainda nuvens de guerra sobre a África do Sul, porque os Bôers — que, nos últimos quatro anos, haviam migrado da colônia do Cabo para se estabelecerem no Transvaal e no Estado Livre de Orange — agora ameaçavam a colônia britânica de Natal, e esperava-se que a guerra já fosse anunciada nos próximos despachos; havia manifestações anti-semitas e *pogroms* em toda a Europa; os católicos lutavam contra os protestantes, maometanos contra indianos, contra católicos, contra protestantes, e esses lutavam entre si mesmos; havia guerras com os índios peles-vermelhas na América, hostilidade entre os Estados do norte e do sul, hostilidade entre a América e a Grã-Bretanha, com relação ao Canadá, perturbações na Irlanda, Suécia, Finlândia, Índia, Egito, os Bálcãs...

— Seja lá o que se leia! — explodiu Struan, sem se dirigir a ninguém, em particular.

— O mundo inteiro está louco, por Deus!

— O que há de errado, Tai-Pan? — perguntou Horatio, repentinamente despertado de seu devaneio cheio de ódio.

— O mundo inteiro está louco e você pergunta o que há de errado! Por que diabo as pessoas não param de se destruir, e não vivem em paz?

— Concordo plenamente — gritou Masterson, do outro lado da sala. — Plenamente. É um lugar terrível para se ter filhos, por Deus! O mundo inteiro está se arrebentando. Arrebentou-se. Era muito melhor antigamente, não? Que horror!

— Sim — disse Roach. — O mundo está andando depressa demais. O maldito Governo encontra-se desgovernado... como sempre. Por Deus, a gente pensa que eles aprendem, mas não aprendem nunca. Todo maldito dia a gente lê que o Primeiro-Ministro disse: “Temos todos de apertar os cintos.” Pelo amor de Deus, você já ouviu alguém declarar que podíamos afrouxar os cintos um pouquinho?

— Ouvi dizer que o imposto de importação sobre o chá vai dobrar — disse Masterson. — E, se aquele maníaco do Peel chegar a ganhar, o patife, com certeza vai criar um imposto sobre a renda! Aquela invenção do demônio.

Houve uma grita geral e Peel foi atacado por todos.

— O homem é um miserável anarquista! — disse Masterson.

— Tolice — disse Roach. — Não é uma questão de impostos, o problema é que há gente demais. O negócio é controlar a natalidade.

— O quê? — rugiu Masterson. — Não comece com essa idéia horrorosa e blasfema! Você é um anticristo, pelo amor de Deus?

— Não, por Deus! Mas estamos sendo engolidos pelas classes inferiores. Não estou dizendo que nós deveríamos controlar a natalidade, mas que eles deveriam, por Deus! A maioria dessa ralé é de malfeitores!

Struan atirou os jornais para um lado e foi para o Hotel Inglês. Era um prédio imponente, cheio de colunas, como o clube. Na barbearia, aparou e lavou o cabelo. Mais tarde, mandou chamar Svenson, o marinheiro sueco massagista. O velho retorcido esmurrou-o com mãos de aço e esfregou gelo sobre seu corpo todo, enxugando-o em seguida com uma toalha áspera, até sua carne arder.

— Por Lord Harry, Svenson, sou um homem novo.

Svenson sorriu, mas não disse nada. Sua língua fora arrancada por corsários no Mediterrâneo há muitos anos. Fez sinal para que Struan repousasse na mesa acolchoada e o cobriu de leve com cobertores, deixando-o a dormitar.

— Tai-Pan! — era Lo Chum.

Struan acordou instantaneamente.

— O patrão Culum?

Lo Chum abanou a cabeça e sorriu, desdentado.

— O senhor da saia comprida!

***

Struan seguiu o taciturno monge jesuíta ao longo das galerias cobertas em torno ao pátio interno, com seu belo jardim.

O relógio da catedral bateu as quatro horas.

O monge virou-se no final da galeria, e abriu uma grande porta de teca que dava para uma vasta ante-sala. As paredes eram cobertas de tapeçarias. Tapetes cobriam o chão de mármore gasto.

Bateu respeitosamente numa porta, na outra extremidade, e entrou num aposento. Imponente como um rei, Falarian Guineppa estava sentado numa cadeira de encosto alto, semelhante a um trono. Ele fez gestos dispensando o monge, que se curvou e saiu.

— Sente-se, por favor, senhor.

Struan sentou-se na cadeira indicada. Era ligeiramente mais baixa do que a do bispo e ele sentiu a força de vontade do homem se estendendo para dominá-lo.

— Mandou chamar-me?

— Pedi-lhe para vir ver-me, sim. Cinchona. Não existe nenhuma em Macau, mas creio que há alguma em nossa missão em Lo Ting.

— Onde fica isso?

— No continente. — O bispo endireitou uma dobra em seu traje carmim. — Cerca de cento e cinqüenta milhas noroeste. Struan levantou-se.

— Vou mandar alguém imediatamente.

— Já fiz isso, senhor. Por favor, sente-se. — O bispo estava solene. — Nosso emissário partiu ao amanhecer, com ordens de fazer um tempo recorde. Acho que conseguirá. Ele é chinês e vem daquela área.

— Quanto tempo acha que ele levará? Sete dias? Seis dias?

— Também estou preocupado com isso. Quantos ataques de febre já teve a moça?

Struan teve vontade de perguntar ao bispo como ele sabia a respeito de May-may, mas se conteve. Percebeu que as fontes para informação secreta dos católicos eram uma legião e, de qualquer maneira, a “moça” seria uma dedução simples para um homem tão astuto como o bispo.

— Uma. Ela começou a suar há dois dias, mais ou menos a essa hora.

— Então terá outro ataque amanhã, ou, com certeza, dentro de quarenta e oito horas. Levará pelo menos sete dias para o mensageiro chegar a Lo Ting e voltar... se tudo correr bem e não houver dificuldades imprevistas.

— Não creio que ela possa suportar mais dois ataques.

— Ouvi dizer que ela é jovem e forte. Deveria poder suportar oito dias.

— Ela está grávida de quatro meses.

— Isso é péssimo.

— Sim. Onde fica Lo Ting? Dê-me um mapa. Talvez eu possa reduzir esse prazo em um dia. — Nessa viagem, meus contatos são mil vezes mais felizes do que os seus — disse o bispo. — Talvez sejam sete dias. Tudo dependerá da vontade de Deus.

Sim, pensou Struan. Mil vezes. Queria ter o conhecimento que os católicos acumularam no curso dos séculos, através de constantes incursões à China. Que

Lo Ting será esse? Pode haver cinqüenta, num raio de duzentas milhas.

— Sim — disse ele, afinal — tudo dependerá da vontade de Deus.

— É um homem estranho, senhor. Estou satisfeito de ter tido a oportunidade de conhecê-lo. Gostaria de tomar um cálice de Madeira?

— Qual o preço da casca de árvore? Se existir e se chegar a tempo e curar a enfermidade?

— Gostaria de tomar um cálice de Madeira?

— Obrigado.

O bispo tocou a sineta e, imediatamente, um criado de libré apareceu à porta, com uma bandeja de prata lavrada na qual se achavam a garrafa e os cálices.

— A uma melhor compreensão de muitas coisas, senhor. Eles beberam — e se mediram, reciprocamente.

— O preço, Reverendíssimo?

— Há muitas dúvidas, no momento. A resposta pode esperar. Mas duas coisas não podem. — O bispo saboreou seu vinho. — Madeira é um aperitivo perfeito. — Ele voltou à sua linha de raciocínio. — Estou gravemente preocupado com a Srta. Sinclair.

— Eu também — disse Struan.

— O Padre Sebastião é um médico maravilhoso. Mas ele me levou a acreditar que, se a senhorita não for espiritualmente ajudada, poderá matar-se.

— Não, Mary, não! Ela é muito forte. Não faria uma coisa dessas.

Falarian Guineppa juntou os dedos finos. Um raio de sol liquefez o grande anel de rubi.

— Se fosse inteiramente confiada ao Padre Sebastião, e à Igreja de Cristo, poderíamos transformar sua maldição em bênção. Seria a melhor coisa para ela. Acredito, com todo meu coração, que esta é a única solução real. Mas,— se não for possível, antes de ter alta eu passarei a responsabilidade sobre ela a alguém que a aceite.

— Eu aceito.

— Muito bem, mas eu não acho que seja sensato, senhor. Mesmo assim, sua vida e sua alma... e a dela... estão também nas mãos de Deus. Rezo para que o senhor e ela recebam a bênção da compreensão. Muito bem. Antes de ela partir, farei tudo ao meu alcance para salvar sua alma... mas, logo que estiver em condições de partir, eu mandarei notícias.

O relógio da catedral bateu cinco horas.

— Como está o ferimento do Arquiduque Zergeyev? As sobrancelhas de Struan se franziram.

— Essa é a segunda coisa que não pode esperar?

— Para vocês britânicos, talvez.

Falarian Guineppa abriu uma gaveta e tirou uma pasta de couro para documentos bem fechada.

— Pediram-me para lhe dar isto, com prudência. Parece que certas autoridades diplomáticas estão muito preocupadas com a presença do arquiduque na Ásia.

— As autoridades da Igreja?

— Não, senhor. Pediram-me para lhe dizer que pode, se quiser, passar adiante os documentos. Pelo que soube, alguns selos garantem sua validade. — Um fraco sorriso passou-lhe pelo rosto. — A pasta também está selada.

Struan reconheceu o selo do escritório do governador-geral.

— Por que me dariam segredos diplomáticos? Há canais diplomáticos, o Sr. Monsey está a meia milha daqui e Sua Excelência se encontra em Hong Kong. Ambos se acham bem familiarizados com o protocolo.

— Eu nada lhe estou dando. Simplesmente, faço o que me pediram para fazer. Não se esqueça, senhor, por mais que eu, pessoalmente, deteste o que representa, o senhor é um poder na Corte de St. James e suas ligações comerciais são mundiais. Vivemos em tempos arriscados, e Portugal e Grã-Bretanha são antigos aliados. A Grã-Bretanha tem sido uma boa amiga de Portugal, e é sensato os amigos ajudaram-se mutuamente, não? Talvez seja apenas isso.

Struan pegou a pasta oferecida.

— Mandarei notícia logo que voltar o mensageiro enviado a Lo Ting. — Falarian Guineppa disse. — A qualquer hora. Gostaria que o Padre Sebastião examinasse a senhora?

— Não sei — disse Struan, levantando-se. — Talvez. Vou pensar a respeito, Reverendíssimo.

— Como desejar, senhor. — O bispo hesitou. — Vá com Deus.

— Fique com Deus, Reverendíssimo — respondeu Struan.

***

— Olá, Tai-Pan — disse Culum, com a cabeça latejando e a língua com gosto de esterco seco.

— Olá, rapaz. — Struan depôs a pasta ainda sem abrir, que o queimara durante todo o caminho para casa. Foi até o aparador e se serviu de um conhaque forte. — Comida, mestre Culum? — perguntou Lo Chum, todo satisfeito. — Porco? Batata? Um caldo de carne? Hein?

Culum abanou a cabeça, fracamente, e Struan dispensou Lo Chum.

— Tome isto — disse ele, dando o conhaque a Culum.

— Não posso — disse Culum, nauseado.

— Beba.

Culum engoliu o conhaque. Sufocou e logo bebeu mais do chá que havia ao lado da cama. Ficou deitado de costas, com as têmporas latejando.

— Gostaria de falar? Dizer-me o que aconteceu?

O rosto de Culum estava cinzento e o branco de seus olhos avermelhado.

— Não consigo lembrar de nada, por Deus. Sinto-me muito mal.

— Comece do princípio.

— Eu estava jogando *uíste* com Gorth e alguns poucos amigos nossos — disse Culum, com um esforço. — Lembro-me de ter ganho cerca de cem guinéus. Bebemos bastante. Mas eu me recordo de ter posto os ganhos no bolso. Depois... bom, o resto é um vazio.

— Lembra-se para onde foi?

— Não. Não me lembro direito. — Ele bebeu mais chá, com muita sede, e enxugou o rosto com as mãos, tentando afastar a dor. — Ah, meu Deus, eu me sinto terrível.

— Lembra-se para que bordel você foi?

Culum abanou a cabeça.

— Você tem um bordel para o qual vai regularmente?

— Bom Deus, não!

— Não precisa se exaltar, rapazinho. Você esteve num bordel... isto é claro. Foi “depenado” é claro. Sua bebida foi drogada... é claro.

— Fui drogado?

— É o truque mais velho do mundo. Por isso, eu lhe disse para nunca ir a uma casa não recomendada por um homem em que você pudesse confiar. É a primeira vez que vai a uma casa em Macau?

— Sim, sim. Bom Deus, eu fui drogado?

— Agora, use sua cabeça. Pense, rapaz! Lembra-se da casa?

— Não, nada. Tudo um vazio.

— Quem escolheu a casa para você, hein?

Culum se sentou na cama.

— Estávamos bebendo e jogando e eu estava, ah... bastante bêbado. Então, ah... todos começaram a falar de... de garotas. E, ah... — ele olhou para Struan, expondo sua vergonha e seu tormento — eu estava — ah... com a bebida... eu me senti aceso por uma garota. Decidi, então, que tinha... de ir para um bordel.

— Não há perigo nisso, rapaz. Quem lhe deu o endereço?

— Acho... não sei... mas acho que todos me deram um endereço. Escreveram os endereços... ou me disseram os endereços, não consigo lembrar. Eu me lembro de ter saído do clube. Havia uma cadeira à espera e eu entrei. Espere um minuto... eu me lembro agora! Eu disse a ele para me levar ao “E & F”!

— Nunca iriam “depenar” você ali, rapaz. E nem colocar uma droga em sua bebida. E nem trazer você de volta desse jeito. Prezam mais a reputação da casa.

— Não. Tenho certeza. Foi o que eu disse ao homem. Sim. Tenho absoluta certeza!

— Por que caminho conduziram você? Pelo Chinatown?

— Não sei. Parece que me lembro... não sei.

— Você disse que se sentia “aceso”. Como assim?

— Bom, era como... Eu me lembro de me sentir muito quente e, bom... pela morte de Cristo, eu estou frenético de desejo por Tess e com a bebida e tudo... Não tenho paz, então... então eu fui para o bordel... — As palavras se arrastavam. — Ah, Deus, minha cabeça está explodindo. Por favor, deixe-me sozinho.

— Você levou protetores?

Culum abanou a cabeça.

— Aquele fogo. Aquela necessidade. Foi diferente, a noite passada?

Outra vez Culum abanou a cabeça.

— Não. Tem sido a mesma coisa há semanas, mas... bom, de certa maneira, suponho que sim... bom, não, não sei bem. Eu estava duro como ferro e meus rins ardiam como fogo e eu precisava de uma garota, e... não sei! Deixe-me sozinho! Por favor ... desculpe, mas por favor...

Struan foi até a porta.

— Lo Chum... *ahhhh*!

— Sim, patrão?

— Vá à casa de Chen Sheng. Traga médico da moça doente aqui, depressa! Entendido?

— Muito entendido! — Lo Chum disse, em tom rabugento. — Já tem bom *dotô* lá embaixo para a doença da cabeça doendo e tudo que é doença. O patrãozinho é como Tai-Pan, não se preocupe!

No andar inferior, Struan conversou com o médico, através de Lo Chum. E o médico disse que enviaria os remédios e alimentos especiais imediatamente, aceitando um pagamento generoso.

Struan voltou para o andar de cima.

— Consegue lembrar alguma outra coisa, rapaz?

— Não, nada. Desculpe. Eu não queria decepcioná-lo.

— Escute, rapaz! Vamos, Culum, é importante!

— Por favor, papai, não fale tão alto — disse Culum, abrindo os olhos desamparadamente. — O quê?

— Parece que fizeram você tomar um afrodisíaco.

— O quê?

— Sim, afrodisíaco. Há dúzias de afrodisíacos que poderiam ser colocados dentro de uma bebida.

— Impossível. Era apenas a bebida e minha necessidade... necessidade... é impossível!

— Só há duas explicações. Primeiro, que os cules levaram você para uma casa... e não foi a sede do “E & F” em Macau... onde eles conseguem mais dinheiro por um cliente rico e uma parcela do roubo. Lá, a moça ou as moças drogaram você, roubaram-no e o mandaram de volta. Para seu bem, espero que tenha sido só isso o que aconteceu. A outra possibilidade é a de que um de seus amigos tenha dado o afrodisíaco a você no clube, e combinado para que a cadeira ficasse à sua espera... e o levasse a uma determinada casa.

— Não faz sentido! Por que alguém faria isso? Por cem guinéus, um anel e um relógio? Um de meus amigos? Isso é loucura.

— Mas, vamos imaginar que alguém o odeie, Culum. Vamos dizer que o plano fosse colocar você com uma moça doente... com sífilis.

— O quê?

— Sim. Temo que tenha acontecido isso.

Culum morreu, por um instante.

— Você só está tentando me assustar.

— Por Deus, meu filho, não. Mas é uma possibilidade muito concreta. Mais provável do que a outra, porque você foi trazido de volta.

— Quem faria isso comigo?

— Essa pergunta você mesmo tem de responder, rapaz. Mas, mesmo que tenha

sido o que aconteceu, nem tudo está perdido. Ainda. Mandei buscar remédios chineses. Você precisa beber tudo, sem faltar nada.

— Mas não existe cura para a sífilis!

— Sim. Quando a doença está instalada. Mas os chineses acreditam que se pode matar o veneno da sífilis, ou aquilo que a provoca, quando se toma precauções imediatas para purificar o sangue. Anos atrás, quando vim para cá pela primeira vez, a mesma coisa aconteceu comigo. Aristotle me encontrou numa sarjeta, no quarteirão chinês, mandou buscar um médico chinês e tudo acabou bem. Foi assim que o encontrei... e o motivo pelo qual é meu amigo há tanto tempo. Não posso ter certeza de que a casa ou a moça estavam contaminadas ou não, mas nunca peguei a sífilis.

— Ah, que Deus me ajude!

— Sim. Não teremos certeza por uma semana. Se, até daqui a uma semana, não houver inchação, dor ou supuração... desta vez você escapou. — Viu o terror nos olhos do filho e foi dominado pela compaixão. — Você tem uma semana do inferno em sua frente, rapazinho. Esperando para saber. Sei como é isso... procure não se torturar muito. Ajudarei no que puder. Como Aristotle me ajudou.

— Eu me matarei. Eu me matarei se... ah, Deus, como posso ter sido tão tolo? Tess! Ah, Deus, é melhor dizer...

— Você não vai fazer uma coisa dessas! Diga a ela que foi atacado por assaltantes, no caminho de casa. Nós daremos queixa como tal. Diga a mesma coisa a seus amigos. Que você acha que deve ter bebido demais... depois de estar com a moça. Que não consegue lembrar de nada, a não ser que se divertiu muito e acordou lá. E, durante a semana, comporte-se da maneira habitual.

— Mas Tess! Como é que eu posso...

— É o que você vai fazer, rapazinho! É o que vai fazer, por Deus!

— Não posso, papai, é simplesmente imp...

— De maneira alguma você contará a qualquer pessoa a respeito dos remédios chineses. Não vá a nenhum bordel até termos certeza, e não toque em Tess, até se casarem.

— Estou com tanta vergonha.

— Não precisa ter, rapaz. É difícil ser jovem. Mas, neste mundo, o homem deve ter cuidado com as costas. Há uma porção de cães loucos por aí.

— Quer dizer que foi Gorth?

— Não estou dizendo nada. Acha que foi?

— Não, claro que não. Mas é isso que você está pensando, não?

— Não esqueça, você tem de agir de maneira normal, senão perderá Tess.

— Por quê?

— Acha que Liza e Brock iriam permitir que se casasse com Tess, se descobrissem que você é tão imaturo e estúpido a ponto de ir a bordéis em Macau bêbado... e a um bordel desconhecido, encher-se de poções de amor e ser roubado? Se eu fosse Brock, diria que você não tem bom senso suficiente para ser meu genro!

— Desculpe.

— Descanse um pouco, rapaz. Voltarei mais tarde.

E, no caminho todo, até à casa de May-may, Struan ficou decidindo sobre a maneira de matar Gorth — se Culum tivesse sífilis. Da maneira mais cruel. Sim, ele pensou, friamente, eu posso ser muito cruel. Este não vai ser um assassinato simples — e nem rápido. Por Deus!

***

— Você está com um aspecto terrível, querido Culum — disse Tess. — Precisa mesmo ir dormir cedo.

— Sim.

Passeavam ao longo da praia, na noite tranqüila. Ele acabara de jantar e tinha a cabeça desanuviada, mas sua agonia era quase insuportável.

— O que há? — ela perguntou, sentindo o tormento de Culum.

— Nada, querida, bebi demais, foi só isso. E aqueles assaltantes não eram lá muito gentis. Por Deus, juro que não beberei durante um ano. — Por favor, meu Deus, não deixai que nada aconteça. Fazei com que a semana passe depressa, e nada aconteça.

— Vamos voltar — ela disse e, pegando firmemente no braço dele, encaminhou-o para a residência dos Brocks. — Uma boa noite de descanso vai fazer muito bem a você.

— Ela se sentia muito maternal e não podia deixar de se sentir feliz, ao ver que

ele estava quase desamparado. — Estou satisfeita por você repudiar a bebida por um ano. Meu pai se embriaga terrivelmente, algumas vezes... e Gorth, puxa vida, muitas vezes vi ele embrutecido.

— Eu o vi — disse ele, corrigindo-a.

— Eu o vi embrutecido. Ah, estou tão satisfeita por nos casarmos logo.

Que possível razão teria Gorth para fazer isso?, Culum perguntou a si mesmo. O Tai-Pan deve estar exagerando. Deve estar. Um criado abriu a porta e Culum levou Tess para a sala de visitas.

— De volta tão cedo, amores? — perguntou Liza.

— Estou um pouco cansada, mamãe.

— Bom, já vou indo — disse Culum. — Verei você amanhã. Vai para o jogo de críquete?

— Ah, sim? Vamos, mamãe!

— Quem sabe não quer nos acompanhar, caro Culum?

— Obrigado. Gostaria, sim. Eu as verei amanhã. — Culum beijou a mão de Tess. — Boa-noite, Sra.Brock.

– Boa-noite, rapaz.

– Culum virou-se para a porta, justamente quando Gorth entrava.

— Ah, olá, Gorth.

— Olá, Culum. Eu estava esperando você. Vou tomar uma bebida no clube. Por que não vem também?

— Hoje à noite não, obrigado. Estou exausto. Noites demais dormindo tarde. E há o críquete, amanhã.

— Uma bebida não lhe fará mal. Depois de apanhar, é a melhor coisa.

— Hoje à noite não, Gorth. Mas obrigado. Verei Você amanhã.

— Como quiser, amigo velho. Mas tome conta de você mesmo. — Gorth fechou atrás de si a porta da frente.

— Gorth, o que aconteceu a noite passada? — Liza o examinou.

— O pobre rapaz atravessou um mau pedaço. Saí do clube, como lhe disse, antes dele, então não sei. O que ele contou a Tess?

— Que bebeu muito e foi atacado por bandoleiros. — Ela riu. — Pobre Culum, acho que vai se curar do demônio da bebida por um longo tempo.

— Quer ir pegar meus charutos, Tess, querida? — perguntou Gorth. — Estão na cômoda.

— Pois não — disse Tess, e saiu correndo.

— Ouvi dizer — falou Gorth — ouvi dizer que nosso Culum andou saindo fora da linha.

— O quê? — Liza parou de costurar.

— Não tem perigo — disse Gorth. Talvez eu não devesse ter contado. Não tem perigo quando o homem é cuidadoso, por Deus! Sabe do que um homem gosta.

— Mas ele vai casar com a nossa Tess! E ela não vai casar com um devasso.

— Sim. Acho que vou ter uma conversa com o rapaz. É melhor ter cuidado em Macau, não há dúvida quanto a isso. Se papai estivesse aqui, seria diferente. Mas tenho de proteger a família... e o pobre rapaz de suas fraquezas. Não vá dizer nada a respeito disso, hein?

— Claro que não. — Liza detestava aquilo que tornava os homens masculinos. Por que não podiam controlar-se? Talvez seja melhor eu pensar outra vez a respeito desse casamento. — Tess não vai casar com um devasso. Mas Culum não é assim, de jeito nenhum. Tem certeza do que está dizendo?

— Sim — disse Gorth. — Pelo menos, foi o que alguns dos rapazes disseram.

— Eu queria que seu pai estivesse aqui.

— Sim — disse Gorth. E depois acrescentou, como se estivesse tomando uma decisão súbita. — Acho que vou visitar Hong Kong por um ou dois dias, a fim de conversar com papai. É melhor. E, depois, falarei com o próprio Culum. Partirei com a maré.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Struan terminou de ler a última página da tradução inglesa dos documentos

russos. Lentamente, ajeitou as páginas, recolocou-as na pasta e deixou que esta permanecesse em seu colo.

— Que há? — perguntou May-may. — Por que está tão fantasticamente silencioso, hein? — Ela estava recostada na cama, sob um mosquiteiro, com seu vestido de seda dourada tornando-lhe a pele mais branca.

— Nada, garota.

— Deixe os negócios para lá e converse comigo. Há uma hora, você parece um professor.

— Deixe-me pensar por cinco minutos. Depois, conversarei com você, hein?

— Sim — ela disse. — Se eu não estivesse doente, estaríamos juntos na cama o tempo todo.

— Claro que sim, garota. — Struan foi até à porta do jardim e ficou olhando o céu noturno. As estrelas estavam brilhantes e tudo fazia prever bom tempo. May-may ajeitou-se na cama e ficou a observá-lo. Ele está parecendo muito cansado, pensou. Pobre Tai-Pan, tantos problemas.

Ele lhe contara a respeito de Culum e seus temores por ele, mas nada com relação a Gorth. Dissera também que a casca de árvore que curava a febre chegaria dentro de poucos dias. E lhe contara a respeito de Mary, maldizendo Ah Tat.

— Louca assassina. Ela deveria ter visto o que estava fazendo. Se Mary me cantasse, ou a você, poderíamos tê-la mandado para ter o bebê em segurança,

secretamente. Para a América, ou alguma outra parte. O bebê poderia ter sido adotado e...

— E Glessing? — ela perguntou. — Será que ainda teria casado com ela? Nove meses depois?

— Isso acabou, de qualquer jeito!

— Quem é o pai? — May-may perguntou.

— Ela não me contaria — disse Struan, e May-may sorriu para si mesma. — Pobre Mary — acrescentou. — Agora, a vida dela acabou.

— Bobagem, Tai-Pan. O casamento pode realizar-se se Glessing e Horatio jamais souberem.

— Você perdeu a cabeça? Claro que tudo isso acabou... o que você diz é impossível. Desonesto, terrivelmente desonesto.

— Sim. Mas o que jamais é sabido não tem importância, e a razão para esconder é boa, e não má, pode ter certeza.

— Como ele jamais saberá, por Deus? Hein? Com certeza, descobrirá. Certamente, vai saber que ela não é virgem.

Há maneiras, Tai-Pan, May-may pensou. Maneiras de enganar. Vocês homens são tão simplórios em relação a certas coisas. As mulheres são muito mais espertas a respeito da maioria das coisas importantes.

E ela resolveu mandar alguém a Marr-rry, capaz de explicar tudo que era necessário e, assim, acabar com essa tolice suicida. Quem? Obviamente, a Irmã Mais Velha, a terceira esposa de Chen Sheng, que outrora estivera num bordel e sabia, com certeza, esses segredos. Vou mandá-la amanhã. Ela saberá o que dizer a Marr-rry. Então Marr-rry não é mais problema. Com pagode. Mas, e Culum, Gorth, e Tess? Em breve, não haverá problema, com o assassinato. E o problema

de minha febre? Este será resolvido de acordo com meu pagode. Todas as coisas são resolvidas de acordo com o pagode, então por que se preocupar? É melhor aceitar. Tenho pena de você, Tai-Pan. Você pensa tanto e planeja tanto e tenta eternamente mudar o pagode, de acordo com seus caprichos, mas não é assim, é?, ela perguntou a si mesma. Mas, decerto, ele faz apenas o que você faz, o que todos os chineses fazem. Ri do destino e do pagode e dos deuses e tenta usar homens e mulheres para executar seus objetivos. E mudar o pagode. Sim, claro que isso está certo. De muitas maneiras, Tai-Pan, você é mais chinês do que os chineses.Afundou mais na coberta perfumada e esperou que Struan conversasse com ela.

Struan, entretanto, estava completamente concentrado no que soubera através dos documentos da pasta.

Os documentos incluíam uma cópia traduzida de um relatório secreto preparado pelo Tzar Nicolau I, em julho do ano passado, 1840, e continha, o que era incrível, mapas das ilhas entre a Rússia e a China. Só os mapas, os primeiros que Struan vira, tinham um valor incalculável. Havia também uma análise das implicações dos documentos.

O relatório secreto fora preparado pelo Príncipe Tergin, chefe da Comissão de Planejamento do Ministério de Relações Exteriores. Dizia:

“É nossa opinião, baseada em dados, que dentro de meio século o Tzar governará do Báltico ao Pacífico, dos mares gelados do norte até o Oceano Indico, e estará em posição de dominar o mundo se a seguinte estratégia for adotada, dentro dos próximos três anos.

“A chave para a dominação do mundo é a Ásia, e mais a América do Norte. A América do Norte está quase em nossas mãos. Se a Grã-Bretanha e os Estados Unidos nos derem dez anos de liberdade, na parte russa da América, o Alasca, toda a América do Norte será nossa.

“Nossa posição ali é sólida e amistosa. Os Estados Unidos de maneira alguma

consideram nossa vasta extensão territorial nas terras desérticas do norte como uma ameaça. A consolidação do Alasca até nosso ‘forte comercial’ mais ao sul, ao norte da Califórnia — e de lá, por terra, até o Atlântico — pode ser realizada pelo método habitual: emigração imediata, em vasta escala. A maior parte do oeste dos Estados Unidos e todo leste do Canadá, com exceção de uma pequena parte, estão atualmente quase despovoados. Portanto, o volume de nossa emigração para os ermos do norte pode ser mantido em segredo — e deve ser. De lá, os emigrantes, que seriam nossas valentes tribos guerreiras eurasiáticas — uzbeks, turcos, siberianos, kirghiz, tardzhiks e uigurs — muitas das quais consistiriam, deliberadamente, em povos nômades, abrir-se-iam num leque e reivindicariam toda a terra, quase à vontade.

“Devemos manter relações cordiais com a Inglaterra e os Estados Unidos, durante os próximos dez anos. Por essa época, a emigração terá tornado a Rússia a mais viril potência européia e nossas tribos — que, outrora, formaram as hordas de Tamerlão e Gêngis Khan — armadas com equipamento moderno e comandadas por russos podem, segundo nossos desejos, empurrar os anglo-saxões para o mar.” Mas, mil vezes mais importante — a Ásia. Podemos ceder a América, nunca a Ásia.

“A chave para a Ásia é a China. E a China fica aos nossos pés. Temos quase cinco mil milhas de terra contínua de fronteira com o Império Chinês. Devemos controlar a China, ou jamais estaremos em segurança. Não podemos nunca permitir que ela se torne forte ou seja dominada por outra grande potência, caso contrário ficaremos presos numa armadilha entre Leste e Oeste e poderemos ser forçados a entrar em guerra nas duas frentes. Nossa política para a Ásia é axiomática: a China deve ser mantida fraca, vassala e sob a esfera russa de influência.

“Só uma potência — a Grã-Bretanha — se interpõe entre nós e o sucesso. Se puder ser impedida, através da astúcia ou de pressão, de adquirir e consolidar uma ilha-fortaleza ao largo da China, a Ásia será nossa.

“Claro, não ousamos alienar nossa aliada Grã-Bretanha, nesta oportunidade. A França, a Polônia, a Prússia e os Habsburgos não estão, de maneira alguma, satisfeitos com a *détente* dos Dardanelos, como também a Rússia, e devemos

permanecer em guarda constante contra suas contínuas hostilidades. Sem o apoio britânico, nosso território sagrado estaria aberto a uma invasão. Contanto que os britânicos sustentem sua posição declarada na China — que eles ‘meramente desejem estabelecer relações comerciais e armazéns comerciais abertos a uma participação igual de todas as nações ocidentais’ — poderemos avançar para Sinkiang, Turquestão e Mongólia, e controlar as vias terrestres para a China. (Já dominamos as rotas de invasão, facilmente alcançáveis a partir da passagem de Khyber e de Kashmir e, em seguida, entrando na índia britânica.) Caso se filtre alguma notícia sobre nossas conquistas territoriais, nossa posição oficial será a de que ‘a Rússia está meramente dominando tribos selvagens hostis em nosso interior’. Dentro de cinco anos, deveremos estar colocados nos umbrais do coração da China, a noroeste de Pequim. Então, através de simples pressão diplomática, estaremos em posição de forçar conselheiros do Imperador Manchu e, através dele, controlar o Império Chinês, até a ocasião em que possa ser convenientemente repartido em Estados vassalos. A hostilidade entre os senhores manchus e os súditos chineses é muito favorável a nós e, é claro, continuaremos a encorajá-la.

“Custe o que custar, devemos encorajar e assistir os interesses comerciais britânicos no sentido de se instalarem nos portos continentais da China, onde seriam contidos pela pressão chinesa direta que nós, no devido tempo, controlaríamos diplomaticamente. E, a todo custo, precisamos desencorajar a Inglaterra de fortificar e colonizar qualquer ilha — como fizeram em Cingapura, Malta, Chipre (ou uma posição inexpugnável, como Gibraltar) — que não estaria sujeita à nossa pressão e serviria como bastião permanente para seu poderio militar e naval. Seria vantajoso iniciar relações comerciais imediatas e próximas com firmas escolhidas naquela área.

“A pedra angular para a nossa política externa deve ser ‘deixemos a Inglaterra dominar os mares e as rotas comerciais, e ser a primeira nação industrial da terra. Mas que a Rússia domine a terra’. Pois, uma vez garantida a terra — e é nossa herança sagrada, um direito dado por Deus, civilizar a terra — os mares se tornarão russos. E, assim, o Tzar de todas as Rússias dominará o mundo.”

Zergeyev poderia facilmente ser uma chave para o plano, pensou Struan. Será ele o homem enviado para descobrir a nossa força na China? Para estabelecer

“relações comerciais com firmas escolhidas”? Não fará parte de sua missão informar, em primeira mão, sobre as atitudes americanas diante do Alasca russo? Será ele o homem enviado para preparar o Alasca russo para as hordas? Lembre-se de que ele lhe disse: “A terra é nossa, o mar é de vocês!”

O comentário sobre esse relatório era igualmente ousado e penetrante: “Com base neste documento secreto e nos mapas anexos, cuja validade não deve ser questionada, podem ser tiradas certas conclusões de longo alcance:

“Primeira, com relação à estratégia norte-americana: Deve-se notar que, embora os Estados Unidos estejam gravemente preocupados com a atual disputa de fronteiras entre o país e o Canadá britânico, não deseja, segundo parece, adquirir mais território no continente norte-americano. E, devido às relações amistosas existentes entre os Estados Unidos e a Rússia — cuidadosamente alimentadas, segundo se acredita, para alcançar esse objetivo — o sentimento político dominante, atualmente, em Washington, é de que o envolvimento russo no Alasca e para o sul, pela costa oeste, não atinge a soberania do país. Em suma, os Estados Unidos da América não invocarão a Doutrina Monroe contra a Rússia e assim — espantosamente — deixarão sua porta dos fundos aberta para uma potência estrangeira, contrariando seus óbvios interesses. E, seguramente, contrariando os interesses do Canadá britânico. Se quinhentos mil membros de tribos eurasiáticas forem introduzidos, discretamente, no norte, como é perfeitamente possível, com certeza os ingleses e americanos ficarão numa posição completamente insustentável.” É preciso notar, além disso, que embora o atual Tzar sinta desprezo pela América russa, este território constitui uma chave russa para o continente. E, se chegar a ocorrer uma guerra civil nos Estados Unidos, relativa à questão dos escravos, como realmente parece inevitável, essas tribos russas estariam em posição de dominar o conflito. Isto, certamente, levaria a Inglaterra e a França à guerra. As hordas nômades russas, com curtas linhas de comunicação por sobre o Mar de Bhering e uma capacidade primitiva de viver ao largo da terra, teriam uma nítida vantagem. E, como a maior parte das terras ocidentais e a sudoeste é escassamente povoada, esses povoadores — ou “guerreiros” — poderiam abrir caminho para o sul com relativa facilidade.

“Assim, se a Inglaterra quiser manter sua posição como potência mundial e

anular o constante desejo da Rússia de dominar o mundo, deve primeiro eliminar a ameaça do Alasca russo ao Canadá e aos débeis Estados Unidos. Deve persuadir este país, por todos os meios a seu alcance, a invocar a Doutrina de Monroe para expulsar a ameaça russa. Ou deve exercer pressão diplomática e comprar este território, ou tomá-lo através da força. Pois, a menos que a Rússia seja rapidamente contida, toda a América do Norte, dentro de meio século, estará sob seu domínio.

"Em segundo lugar, a Inglaterra deve manter absoluta predominância na China. É necessário verificar a extensão de território já conquistado pelos russos até o outro lado dos Urais e ver até onde eles já penetraram em terras que se encontram frouxamente sob o domínio histórico do Imperador chinês." Com uma série de mapas, datas e lugares, cópias traduzidas de tratados, todo o panorama do deslocamento russo para leste estava documentado.

"Durante os últimos trezentos anos (desde 1552), exércitos moscovitas trabalharam firmemente em direção a leste, em sua procura de uma fronteira 'definitiva'! Por volta de 1640, Okhotsk; no Mar de Okhotsk, norte da Manchúria, no Oceano Pacífico, foi alcançada. Imediatamente, esses exércitos moveram-se para o sul e, pela primeira vez entraram em conflito com hordas sino-manchus.

"O Tratado de Nerchinsk, em 1689, assinado entre a Rússia e a China, fixava a fronteira norte entre os dois países ao longo do Rio Argun e das Montanhas Stanovoi. Toda a Sibéria, a leste da Manchúria, era cedida à Rússia. Até então, esta linha era uma fronteira russa '*definitiva*' ao norte da China.

"Mais ou menos nessa ocasião, em 1690, um russo chamado Zaterev foi enviado por terra a Pequim, como embaixador. A caminho, ele examinou os meios de uma possível invasão do incrivelmente rico coração da China. A melhor rota que descobriu seguia o corredor natural do Rio Selenga, que se dirige para as planícies ao norte de Pequim. A chave para esta rota é a posse do Turquestão, da Mongólia Externa e da província chinesa de Sinkiang.

"E, como declarou o relatório do Príncipe Tergin, os exércitos russos já

dominam a Eurásia, ao norte da Manchúria, em direção ao Pacífico, e já se encontram nas fronteiras de Sinkiang, do Turquestão e da Mongólia Externa. É desta direção que, adequadamente, partirá a invasão russa à China, e continuará a partir, por um longo tempo."

O relatório acrescentava: "A menos que a Grã-Bretanha mantenha uma atitude firme de que a China e a Ásia estão sob sua esfera de influência, os conselheiros russos estarão em Pequim dentro de uma geração. Os exércitos russos controlarão todas as rotas de acesso fáceis procedentes do Turquestão, Afeganistão, Kashmir, para a Índia britânica, e todo Império Britânico Indiano pode ser invadido e engolido à vontade.

"Se a Inglaterra quiser continuar como potência mundial, é vital que a China seja transformada em baluarte contra a Rússia. É vital que os avanços russos sejam detidos na área de Sinkiang. É vital que uma fortaleza britânica dominante seja localizada na China, porque, sozinha, a China não tem capacidade de defesa. Se a China for deixada fenecer em seus hábitos milenares e não for ajudada a emergir na era moderna, será conquistada facilmente pela Rússia e o equilíbrio da Ásia destruído.

"Em conclusão: É lamentável que Portugal não seja suficientemente forte para deter a fome de terra dos russos. Nossa única esperança é que nossa antiga aliada, a Inglaterra, impeça, pela superioridade e pela força, o que parece inevitável.

"Só por esta razão preparamos ilegalmente este dossiê, sem nenhuma permissão, oficial ou não. O relatório do Príncipe Tergin e os mapas foram adquiridos em São Petersburgo, e chegaram a mãos não-oficiais e amistosas em Portugal. E delas passaram às nossas.

"Pedimos a Sua Eminência — que não tem conhecimento de qualquer destas informações — para colocar esses documentos nas mãos do Tai-Pan da Casa Nobre, que garantirá, segundo acreditamos, sua chegada ao destino correto, permitindo sejam tomadas medidas, antes de ser demasiado tarde. E, como medida de nossa sinceridade, assinamos nossos nomes, rezando para que nossas

carteiras e talvez as nossas vidas estejam em mãos igualmente seguras.”

O relatório era assinado por dois peritos portugueses em política externa, de menor importância, que Struan conhecia ligeiramente.Ele atirou a ponta de seu charuto no jardim e espiou-a consumir-se. Sim, disse a si próprio, é inevitável. Mas não, se conservarmos Hong Kong. Maldito Lord Cunnington.

Como usar as informações? É fácil. Logo que eu voltar a Hong Kong, uma palavra nos ouvidos de Longstaff e de Cooper. Mas, o que ganho com isso? Por que eu próprio não vou para meu país? Este tipo de conhecimento representa uma oportunidade única na vida. E Zergeyev? Será que conversaremos sobre “assuntos específicos”, agora? Devo negociar com ele?

— Tai-Pan?

— Sim, garota?

— Quer fechar a porta para o jardim? Estou ficando com muito frio.

A noite estava quente.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Calafrios convulsionavam May-may. Calores a consumiam. Durante o delírio, May-may sentiu seu útero romper-se e gritou. A vida em formação deixou-a e levou-lhe tudo, menos uma simples centelha de sua alma e força. Então, a febre cedeu e o suor livrou-a do pesadelo. Durante horas, ela oscilou à beira da morte. Mas seu pagode determinou que voltasse.

— Olá, Tai-Pan. — Sentia o contínuo vazamento do seu útero. — É mau pagode perder bebê — sussurrou.

— Não se preocupe. Procure só melhorar. A qualquer momento a casca de árvore cinchona vai chegar. Sei que vai.

May-may reuniu suas forças e deu de ombros, com um vestígio de seu antigo ar imperioso.

— Malditos sejam os homens de saias compridas. Como pode um homem correr de saias, hein?

Mas o esforço esgotou-a e ela deslizou para a inconsciência. Dois dias depois, parecia muito mais forte.

— Bom-dia, garota. Como se sente hoje?

— Fantasticamente bem — disse May-may. — Está um belo dia, hein? Viu Marrrry?

— Sim. Ela parece muito melhor. Uma mudança incrível. Quase miraculosa!— Por que uma mudança tão boa, hein? — ela perguntou, inocentemente, sabendo que a Irmã Mais Velha fora vê-la, na véspera.

— Não sei — ele disse. — Vi Horatio, pouco antes de partir. Ele trouxe algumas flores. Por falar nisso, ela lhe agradeceu pelas coisas que você lhe enviou. O que foi?

— Mangas e um pouco de chá de ervas que meu médico recomendou. Ah Sam foi lá, há dois ou três dias. — May-may descansou por um momento. Mesmo falar era um grande esforço para ela. Precisava ficar muito forte, aquele dia, disse a si própria com firmeza.

Há muito a fazer hoje, e amanhã chegará a febre outra vez. Ah, bem, pelo menos agora não há problemas para Marr-rry — ela está salva. Tão fácil, agora que a Irmã Mais Velha explicou a ela o que todas as mocinhas nos bordéis aprendem — que, com cuidado e meticuloso fingimento, lágrimas de fingida dor e medo, e as modestas manchas finais, denunciadoras, cuidadosamente colocadas, uma moça pode, se necessário, ser virgem dez vezes, para dez homens diferentes.

Ah Sam entrou, prosternou-se e murmurou alguma coisa para ela. May-may se alegrou.

— Ah, muito bom, Ah Sam! Você pode ir. — E, depois para Struan: — Tai-Pan, preciso de alguns taéis de prata, por favor.

— Quantos?

— Muitos. Estou pobre. Sua velha mãe gosta muito de você. Por que perguntar essas coisas?

— Se você se apressar e melhorar, eu lhe darei todos os taéis de que você precisar.

— Você me dá grande prestígio, Tai-Pan. Grande prestígio. Vinte mil taéis pelo remédio para a cura... Ayeee yah, valho para você tanto quanto uma imperatriz.

— Gordon lhe contou?

— Não. Eu estava escutando, à porta. Claro! Acha que sua velha mãe gosta de não saber o que o médico diz e o que você diz, hein? — ela deu uma olhada para a porta.

Struan virou-se e viu uma linda jovem curvando-se, graciosamente. Seu cabelo estava enrolado num espesso coque escuro no alto de sua bela cabeça, e

enfeitado com ornamentos de jade e flores. Seu rosto em forma de amêndoa era como o mais puro alabastro.

— Essa é Yin-hsi — disse May-may. — Ela é minha irmã.

— Não sabia que você tinha irmã, garota. Ela é muito bonita.

— Sim, mas... bom, ela não é realmente irmã, Tai-Pan. As senhoras chinesas muitas vezes chamam umas às outras de “irmã”. É cortesia. Yin-hsi é seu presente de aniversário.

— O quê?

— Eu a comprei para seu aniversário.

— Você está fora de si?

— Ah, Tai-Pan, você é muito exasperante, algumas vezes demais! — disse May-may, começando a chorar. — Seu aniversário é daqui a quatro meses. Nessa ocasião, eu estarei com a barriga enorme, então mandei procurar uma “irmã”. Foi difícil decidir a melhor escolha. Ela é a melhor e agora, como estou doente, dou logo o presente, não vou esperar. Não gosta dela?

— Bom Deus, garota! Não chore, May-may. Escute. Não chore... Claro que gosto de sua irmã. Mas não se faz isso, comprar moças como presente de aniversário, pelo amor de Deus!

— Por que não?

— Ora, porque não!

— Ela é muito boazinha... quero que seja minha irmã. Eu ia ensinar a ela, durante esses quatro meses, mas agora... — Começou a soluçar, outra vez.

Yin-hsi veio correndo da porta, e se ajoelhou diante de May-may, segurando-lhe a mão e lhe enxugando as lágrimas, com solicitude, além de ajudá-la a beber um pouco de chá. May-may avisara-a de que os bárbaros são, algumas vezes, estranhos e mostram sua felicidade gritando e praguejando, portanto não deveria preocupar-se.

— Veja, Tai-Pan, como ela é bonita! — disse May-may. — Claro que gosta dela, não?

— Isso não vem ao caso, May-may. Claro que gosto dela.

— Então, está tudo decidido. — May-may fechou os olhos e tornou a se aninhar nos travesseiros.

— Não está decidido.

Ela reuniu forças para uma repreensão final.

— Está sim, e não vou mais discutir com você, por Deus! Peguei muito dinheiro por ela e ela é a melhor e não posso mandá-la embora, porque perderia todo prestígio e teria de se enforcar.

— Não seja ridícula!

— Juro a você que ela se enforca, Tai-Pan. Todos sabem que eu estava procurando uma nova irmã para mim e para você e, se você a mandar embora, o prestígio dela acaba. Acaba de vez. Ela vai se enforcar, pode ter certeza!

— Não chore, garota, por favor.

— Mas você não gostou de meu presente de aniversário.

— Gosto dela, e você não precisa mandá-la embora — ele disse, depressa; faria qualquer coisa para impedir suas lágrimas. — Diga a ela que fique. Ela será... uma irmã para você e, quando você estiver boa nós... nós encontraremos um bom marido para ela. Hein? Não há necessidade de chorar. Vamos, garota, pare com essas lágrimas.

Afinal, May-may parou de chorar e ficou outra vez deitada de costas. Sua irritação tira-lhe muito de sua preciosa energia. Mas valeu a pena, exultou. Agora, Yin-hsi ficará. Se eu morrer, ele estará em boas mãos. Se eu viver, ela será minha irmã, e a segunda irmã da casa, pois claro que ele a quererá. Claro que ele a quererá, ela disse a si mesma, enquanto adormecia. Ela é tão bonita.

Ah Sam entrou.

— Patrão. O patrãozinho está aí fora. Pode encontrar com ele?

Struan estava alarmado com a terrível palidez de May-may.

— Chame o médico depressa, entendido?

— Entendido, patrão.

Struan, desanimado, saiu do quarto. Ah Sam fechou a porta, e se ajoelhou ao lado da cama, dizendo a Yin-hsi:

— Segunda Mãe, eu preciso mudar a roupa da Suprema Senhora, antes do médico chegar.

— Sim. Eu vou ajudá-la, Ah Sam — disse Yin-hsi. — Papai certamente é um estranho gigante. Se a Suprema Senhora e você não me tivessem avisado, eu ficaria muito assustada.

— Papai é muito bom. Para um bárbaro. Claro, a Suprema Senhora e eu temos treinado Papai — Ah Sam franziu a testa, diante de May-may, que estava profundamente adormecida. — Ela parece realmente muito mal.

— Sim. Mas meu astrólogo previu boas notícias, de modo que devemos ser pacientes.

— Olá, Culum — disse Struan, ao entrar no belo jardim da frente, cercado por muros.

— Olá, Tai-Pan. Espero que não se incomode por eu vir aqui. — Culum ergueu-se do banco à sombra do salgueiro e tirou uma carta. — Acaba de chegar e... bom, em vez de mandar Lo Chum, achei que gostaria de ver como você estava. E saber como ela está.

Struan pegou a carta. Tinha uma anotação “Pessoal, Particular e Urgente” — e vinha de Morely Skinner.

— Perdeu a criança anteontem — disse ele.

— Terrível! — disse Culum. — A cinchona veio?

Struan abanou a cabeça.

— Sente-se, rapaz. — Abriu a carta.

Morely Skinner escrevia que pretendia reter a notícia sobre o “repúdio” até Struan voltar — achava perigoso liberá-la em sua ausência — mas agora era imperativo publicar

o relatório, imediatamente: “Uma fragata inglesa chegou hoje de manhã. Meu informante, na nau capitania, disse que o almirante ficou deliciado com o despacho particular do almirantado que recebeu, e alguém o ouviu dizer: ‘Está mesmo na hora, diabo! Com sorte, estaremos no norte dentro de um mês.’ Isto só pode significar que ele também sabe da notícia e a chegada de Whalen é iminente. Não posso enfatizar o suficiente a necessidade de sua volta. A propósito, ouvi dizer que há uma curiosa cláusula adicional no acordo entre Longstaff e Ching-so sobre o resgate de Cantão. Finalmente espero que tenha podido provar, de uma maneira ou de outra, o valor da casca da árvore cinchona. Lamento que, pelo que sei, não haja nenhuma por aqui. Sou, senhor, o seu mais humilde criado, Morely Skinner.”

May-may não resistirá a outro acesso de febre, pensou Struan, angustiado. Esta é a verdade, e você precisa encará-la. Amanhã, estará morta — a não ser que chegue a cinchona. E quem sabe se realmente irá curá-la?

Se ela morrer, você precisa salvar Hong Kong. Se ela viver, você precisa salvar Hong Kong. Mas, por quê? Por que não deixar aquela maldita ilha como era antes? Você pode estar errado — Hong Kong pode não ser necessária à Inglaterra. O que você prova, com sua louca cruzada para abrir a China e trazê-la para o mundo em seus termos, à sua maneira? Deixe a China ao seu próprio pagode e volte para seu país. Com May-may, se ela viver. E deixe Culum encontrar seu próprio valor como Tai-Pan. Um dia, você morrerá, e então a Casa Nobre encontrará seu próprio valor. Esta é a lei — a lei de Deus, a lei da natureza, e a lei do pagode.

Vá para a Inglaterra, e goze aquilo por que você suou e se sacrificou. Libere Culum de sua servidão de cinco anos; há mais do que suficiente para sustentar você, ele e os filhos de seus filhos. Deixe Culum decidir se quer ficar ou não. Vá

para a Inglaterra e esqueça. Você é rico e poderoso e poderá freqüentar as cortes dos reis, se quiser. Sim. Você é o Tai-Pan. Parta como o Tai-Pan e a China que vá para o inferno. Desista da China. Ela é uma amante-vampiro.

— Mais notícias ruins?

— Ah, desculpe, Culum, esqueci de você. O que disse?

— Mais notícias ruins?

— Não, mas são importantes.

Struan notou que os últimos sete dias haviam marcado Culum. Não há mais traços juvenis em seu rosto, rapaz. Você é um homem. Então, lembrou-se de Gorth e pensou que não poderia sair da Ásia sem um ajuste de contas — com Gorth e com Brock.

— Hoje é o seu sétimo dia, rapaz, o último, não é?

— Sim — disse Culum.

Ó Deus, ele pensou, protegei-me contra outra semana dessas. Duas vezes, sentira um medo mortal. Uma vez, doera ao urinar e, outra, parecia haver uma inchação e coceira. Mas o Tai-Pan o acudira, e pai e filho se aproximaram mais um do outro. Struan lhe contara a respeito de May-may.

E, nas vigílias noturnas, Struan falara ao filho como um pai algumas vezes pode falar, quando a dor — ou, algumas vezes, a felicidade — abre todas as portas. Planos para o futuro, problemas do passado. Como é difícil amar alguém e viver

com alguém, no curso dos anos. Struan levantou-se.

— Quero que vá para Hong Kong imediatamente — disse a Culum. — Irá no China Cloud, com a maré. Colocarei o Capitão Orlov oficialmente sob suas ordens. Nesta viagem, você será o capitão do China Cloud.

Culum gostou da idéia de ser capitão de um verdadeiro clíper. Sim.

— Logo que chegar a Hong Kong, mande o Capitão Orlov levar Skinner para bordo. Entregue-lhe pessoalmente uma carta que lhe darei. Depois, faça a mesma coisa com outra, para Gordon. Em hipótese alguma vá você próprio para terra, ou permita qualquer outra pessoa a bordo. Logo que Skinner e Gordon tiverem escrito suas respostas, mandeos de volta à terra e retorne para cá, imediatamente. Você deve estar de volta amanhã à noite. Parta com a maré do meio-dia.

— Está bem. Não posso agradecer-lhe o suficiente por... bom, por tudo.

— Quem sabe, rapaz? Talvez você nunca tenha estado sequer a uma légua da sífilis.

— Sim. Mas, mesmo assim... muito obrigado.

— Verei você no escritório, dentro de uma hora.

— Ótimo. Assim terei tempo bastante para me despedir de Tess.

— Já pensou na possibilidade de vocês tomarem as rédeas de seu destino? Não esperarem três meses?

— Você quer dizer, fugir?

— Só perguntei se chegou a pensar nisso. Não estou dizendo que devia fazer tal coisa.

— Gostaria de poder... de podermos fazer isso. Resolveria... Mas não é possível, senão eu faria isso. Ninguém nos casaria.

— Brock, certamente, ficaria furioso. Gorth também. Eu não recomendaria essa maneira de agir. Gorth já voltou? — ele perguntou, sabendo que não.

— Ainda não. Deve voltar esta noite.

— Mande um recado para o Capitão Orlov, a fim de se encontrar conosco em meu escritório, dentro de uma hora.

— Você o colocará absolutamente sob minhas ordens? — perguntou Culum.

— No que diz respeito à marinharia, não. Mas, em todas as outras questões, sim. Por quê?

— Por nada, Tai-Pan. Eu o verei dentro de uma hora — disse Culum.

***

— Boa-noite, Dirk — disse Liza, entrando na sala de jantar da sede da companhia.

— Desculpe interromper sua ceia.

— Não faz mal, Liza — disse Struan, levantando-se. — Por favor, sente-se. Não quer acompanhar-me?

— Não, obrigada. Os jovens estão aqui?

— Hein? Como poderiam estar aqui?

— Estou com a ceia deles pronta há mais de uma hora — disse Liza, com irritação.

— Pensei que estivessem vadiando outra vez. — Ela se virou para a porta. — Desculpe interromper sua ceia.

— Não entendo. Culum partiu no China Cloud, com a maré do meio-dia. Como você poderia estar a esperá-lo para a ceia?

— O quê?

— Ele partiu de Macau com a maré do meio-dia — Struan repetiu, pacientemente.

— Mas Tess... pensei que estivesse com ele. Jogaram críquete a tarde inteira.

— Tive de mandá-lo para lá, de repente. Hoje de manhã. A última coisa que me disse foi que ia se despedir de Tess. Ah, deve ter sido logo antes do meio-dia.

— Eles não disseram que ele ia embora hoje, só que me veriam mais tarde. Sim, foi antes do meio-dia! Então, onde está Tess? Ela não voltou o dia inteiro.

— Não há nada com que se preocupar. Ela, provavelmente, está com amigos... sabe como os jovens não notam a passagem do tempo. Liza mordeu o lábio, cheia de ansiedade.

— Ela nunca se atrasou, antes. Nunca se atrasou tanto. Ela é caseira, não é como essas namoradeiras que há por aí. Se alguma coisa aconteceu com ela, Tyler vai... Se partiu com Culum naquele navio, vai haver o diabo.

— Por que iriam fazer isso, Sra. Brock? — perguntou Struan.

— Que Deus os ajude, se fizeram. E se você os ajudou.

Depois que Liza partiu, Struan se serviu de um copo de conhaque, e foi para a janela, a fim de observar a praia e o porto. Quando viu o White Witch quase atracando, desceu as escadas.

— Vou para o clube, Lo Chum.

— Sim, patrão.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Gorth irrompeu no saguão do clube como um touro selvagem, com um chicote nas mãos. Empurrou para fora de seu caminho pasmados criados e freqüentadores e invadiu o salão de jogos.

— Onde está Struan?

— Acho que está no bar, Gorth — disse Horatio, chocado com a expressão de

Gorth e com o chicote que se retorcia malevolamente.

Gorth deu a volta, passou como um raio pelo saguão e entrou no bar. Viu Struan numa mesa, com um grupo de comerciantes. Todos saíram do caminho, quando Gorth se aproximou de Struan.

— Onde está Tess, seu filho da puta?

Fez-se um silêncio mortal no bar. Horatio e os outros se apinhavam à porta.

— Não sei e, se me chamar assim outra vez, eu o matarei.

Gorth deu um puxão em Struan, aproximando-o de si.

— Não estará no China Cloud?

Struan libertou-se das mãos de Gorth.

— Não sei. E se estiver, o que importa? Não há nenhum mal quando um casal de jovens...

— Você planejou isso! Você planejou isso, seu patife! Você disse a Orlov para casá-los!

— Se fugiram, o que importa? Se estão casados agora, o que importa?

Gorth bateu em Struan com o chicote. Uma das extremidades, com a ponta de ferro, cortou nitidamente o rosto de Struan.

— Nossa Tess casada com aquele devasso sifilítico? — ele gritou. — Seu filho

da puta fedorento!

Então eu tinha razão, pensou Struan. Foi você! Pulou sobre Gorth e agarrou o punho do chicote, mas outros, no bar, caíram sobre os dois e os separaram. Na confusão, um candelabro numa das mesas tombou no chão e Horatio apagou as chamas que consumiam o tapete felpudo. Struan se soltou, com violência, e olhou para Gorth.

— Vou mandar meus padrinhos visitá-lo esta noite.

— Não preciso de padrinhos, por Deus! Agora. Escolha suas malditas armas. Vamos! Depois de você, Culum. Juro por Deus!

— Por que me provocar, hein, Gorth. E por que ameaçar Culum?

— Você sabia, seu filho da puta. Ele está sifilítico, por Deus!

— Você está louco!

— Não adianta esconder, por Deus! — Gorth tentava soltar-se das mãos de quatro homens, mas não conseguia. Deixem-me livre, por Deus!

— Culum não tem sífilis! Por que diz que sim?

— Todos sabiam. Ele esteve em Chinatown. Você sabia disso, e por isso foi que partiram... antes que tudo aparecesse, de maneira terrível. Struan pegou o chicote, com a mão direita.

— Soltem-no, rapazes. Todos recuaram. Gorth pegou sua faca e se preparou para um ataque, e uma faca pareceu surgir, como por milagre, na mão esquerda de Struan.

Gorth simulou que ia atacar, mas Struan permaneceu imóvel como um rochedo e deixou Gorth ver, por um instante, a sede primitiva de matar que o consumia. E seu prazer. Gorth parou no meio do caminho, farejando perigo.

— Este não é lugar para lutar — disse Struan. — Este duelo não foi uma escolha minha. Mas não há nada que eu possa fazer. Horatio, quer ser padrinho?

— Sim. Sim, claro — respondeu Horatio.

Ele estava com a consciência doendo por causa das sementes de chá que arranjara para Longstaff. É essa a maneira de pagar por uma vida de ajuda e amizade? O Tai-Pan mandou-lhe notícia a respeito de Mary e lhe deu uma lorcha para ir a Macau. Ele foi como um pai para vocês dois e, agora, você o apunhala pelas costas. Sim — mas você não é nada para ele. Você só está destruindo um grande mal. Se puder fazer isso então compensará seu próprio mal, quando enfrentar a Deus, como irá acontecer.— Ficaria honrado em ser seu outro padrinho, Tai-Pan — dizia Masterson.

— .Então, talvez possam vir comigo, senhores — Struan enxugou o fio de sangue do queixo e atirou o açoite por sobre o balcão do bar, encaminhando-se para a porta.

— Você é um homem morto! — gritou Gorth, quando ele saía, novamente confiante. — Se apresse, seu filho da mãe! Struan só parou quando estava fora do clube, a salvo, na praia.

— Escolho maças como armas.

— Bom Deus, Tai-Pan... isso não é habitual — disse Horatio. — Ele é muito forte e você... bom, você... as últimas semanas lhe pesaram mais do que você percebe.

— Concordo plenamente — disse Masterson. — Uma bala entre os olhos é mais

sensato. Ah, sim, Tai-Pan.

— Voltem e digam a ele agora. Não discutam. Minha mente é firme!

— Onde... onde você... bom, claro que isto deve ser mantido em segredo, não? Talvez os portugueses tentem impedi-lo.

— Sim. Contratem um junco. Vocês dois, eu, Gorth e seus padrinhos partiremos ao entardecer. Quero testemunhas e um duelo justo. Haverá espaço mais do que suficiente no convés de um junco.

Não vou matar você, Gorth, Struan exultou. Ah, não, isso seria fácil demais. Mas, pelo Senhor Deus, a partir de amanhã você nunca mais caminhará, nunca mais se alimentará com as próprias mãos, nunca mais verá, nunca mais voltará a fazer sexo. Eu mostrarei a você o que é a vingança.

***

Ao cair da noite, a notícia do duelo correra de boca em boca e, com a notícia, começaram as apostas. Muitas eram a favor de Gorth: ele estava em sua plena força e, afinal de contas, tinha boas razões para desafiar o Tai-Pan, se fosse verdade o boato de que Culum tinha sífilis e, sabendo disso, o Tai-Pan enviara Tess e Culum para o mar, com um capitão capacitado a casá-los, além do limite de três milhas.

Os que puseram dinheiro no Tai-Pan assim agiram porque esperavam, embora não acreditassem, que ele ganhasse. Todos sabiam de sua frenética ansiedade com relação à cinchona, e que sua legendária amante estava morrendo. E todos

viam a perturbação que isso lhe causara. Só Lo Chum, Chen Sheng, Ah Sam e Yin-hsi tomaram emprestado cada tostão que puderam e apostaram no Tai-Pan, com confiança, pedindo aos deuses para velarem por ele. Sem o Tai-Pan. estariam perdidos, de qualquer jeito.Ninguém falou do duelo a May-may. Struan deixou-a, cedo, e voltou para sua residência. Queria dormir profundamente. O duelo não o perturbava; tinha certeza de que podia cuidar de Gorth. Mas, no processo, poderia ser mutilado, e sabia que precisaria ser muito forte e muito rápido.

Calmamente, caminhou pelas ruas tranqüilas, no calor de mais uma bela noite estrelada.

Lo Chum abriu a porta.

— Boa-noite, senhor. — Fez sinal, delicadamente, para a ante-sala. Liza Brock estava à espera.

— Boa-noite — disse Struan.

— Culum está com sífilis?

— Claro que não! Pelo sangue de Cristo, nós nem mesmo sabemos se eles estão casados. Talvez simplesmente tenham ido fazer uma viagem secreta.

— Mas ele esteve numa casa... quem sabe onde? Aquela noite em que foi assaltado.

— Culum não tem sífilis, Liza.

— Então, por que os outros disseram isso?

— Pergunte a Gorth.

— Eu perguntei e ele me disse que lhe contaram.

— Direi outra vez, Liza. Culum não tem sífilis.

Os grandes ombros de Liza estremeceram de soluços.

— Ah, Deus, o que fizemos?

Ela queria poder impedir o duelo. Gostava de Gorth, embora não fosse seu filho. Sabia que também teria culpa pelo sangue derramado — de Gorth, do Tai-Pan, de Culum ou do seu homem. Se não tivesse forçado Tyler a deixar Tess ir para o baile, então talvez tudo isso não tivesse acontecido.

— Não se preocupe, Liza — disse Struan, bondosamente. — Tess está bem, tenho certeza. Se casaram, você nada tem a temer.

— Quando o China Cloud voltará?

— Amanhã à noite.

— Deixará o nosso médico examiná-lo?

— Quem decide isso é Culum. Mas não proibirei. Ele não tem sífilis, Liza. Se tivesse, acha que eu permitiria o casamento?

— Sim, acho — disse Liza, atormentada. — Você é um demônio, e só o demônio sabe o que tem na cabeça, Dirk Struan. Mas eu juro por Deus, se você estiver mentindo eu o matarei, se meus homens não o matarem. Saiu às apalpadelas para a porta. Lo Chum abriu-a e fechou-a após sua saída.

— Senhor, é melhor ir dormir — disse Lo Chum alegremente. — Amanhã chega logo, hein?

— Vá para o inferno.

A aldrava de ferro da porta da frente causou um eco surdo, através da residênciaadormecida. Struan ficou atentamente à escuta, na ventilada calidez de seu quarto e, depois, ouviu os passos macios de Lo Chum. Saiu da cama, com a faca na mão, e agarrou seu robe de seda. Foi até o patamar, rápida e silenciosamente, e espiou por sobre a balaustrada. Dois andares abaixo, Lo Chum pôs a lanterna no chão e destrancou a porta. O relógio antigo bateu 1:15.

Padre Sebastião estava no umbral.

— O Tai-Pan pode ver-me?

Lo Chum fez um sinal afirmativo com a cabeça e pôs de lado a machadinha que segurava atrás das costas. Começou a subir a escada, mas parou quando Struan gritou.

— Sim?

O Padre Sebastião esticou o pescoço para o alto, em meio à escuridão, com os tendões do pescoço saltados, devido ao imprevisto do grito.

— Sr. Struan?

— Sim? — disse Struan, com a voz estrangulada.

— Sua Eminência me mandou aqui. Temos a casca de cinchona.

— Onde está?

O monge segurava uma pequena bolsa suja.

— Aqui. Sua Eminência disse que o senhor estava à espera de um mensageiro.

— E o preço?

— Nada sei a respeito disso, Sr. Struan — gritou com voz fraca Padre Sebastião. — Sua Eminência, simplesmente, disse-me para tratar qualquer pessoa à qual o senhor me conduzisse. Só isso.

— Estarei aí num segundo — berrou Struan, voltando às carreiras para o quarto. Enfiou as roupas às pressas, lutou com as botas, correu para a porta e parou. Depois de pensar um segundo, pegou o chicote de ferro e desceu as escadas, aos saltos. Padre Sebastião viu a maça e recuou.

— Bom-dia, Padre — disse Struan. Disfarçou a náusea provocada pelo hábito sujo do monge e detestou, de novo, todos os médicos.

— Lo Chum, quando o Sr. Sinclair chegar aqui, leve-o até lá, entendido?

— Entendido, senhor.

— Vamos, Padre Sebastião!— Só um momento, Sr. Struan! Antes de irmos, devo explicar uma coisa. Nunca usei cinchona antes... nenhum de nós usou.

— Bom, isso não importa, não é?

— Claro que importa! — exclamou o descarnado monge. — Tudo que sei é que devo fazer um “chá” com esta casca, fervendo-a. O problema é que não sei ao certo por quanto tempo fervê-la, ou se é preciso fazer um chá forte ou fraco. Ou a quantidade que o paciente deve tomar. Ou em quantas doses. O único tratado médico disponível que fala na cinchona é em latim arcaico... e muito vago!

— O bispo disse que ele teve a malária. Quanto chá tomou?

— Sua Eminência não se lembra. Só que tinha um gosto muito amargo e o enjoou. Acha que tomou chá durante quatro dias. Sua Eminência me disse para deixar bastante claro que estamos fazendo o tratamento sob sua responsabilidade.

— Sim. Entendo muito bem. Vamos!

Struan correu porta afora, com o Padre Sebastião a seu lado. Seguiram pela praia, procurando um caminho mais curto, e começaram a percorrer uma silenciosa avenida marginada de árvores.

— Por favor, Sr. Struan, não tão depressa — disse o Padre Sebastião sem fôlego.

— Está prevista mais febre para amanhã. Precisamos correr.

Struan cruzou a Praça de São Paulo e se encaminhou, impacientemente, para outra rua. De repente, seus instintos advertiram-no e ele parou, atirando-se para um lado. Uma bala de mosquete atingiu o muro, junto dele. Puxou para baixo o padre aterrorizado. Outro disparo. A bala cortou o ombro de Struan e ele amaldiçoou a si mesmo por não trazer pistolas.

— Corra, para salvar a vida!

Ele arrastou o monge, erguendo-o, e empurrou-o através da estrada, até um

pórtico, onde se encontraram em segurança. Luzes apareciam nas casas.

— Por aqui! — sussurrou, e saiu correndo, Abruptamente, mudou de direção, e outro tiro deixou de atingir seu alvo por uma fração de centímetro, enquanto ele alcançava uma ruela segura, com o Padre Sebastião arquejando a seu lado.

— Ainda tem a cinchona? — perguntou Struan.

— Sim. Pelo amor de Deus, o que está acontecendo?

— Assaltantes! — Struan pegou o braço do assustado monge e correu através das profundidades da ruela, saindo no espaço aberto do forte de São Paulo do Monte. Nas sombras do forte, tomou fôlego.

— Onde está a cinchona?

Padre Sebastião ergueu frouxamente a bolsa. O luar banhou o lívido corte de chicote no queixo de Struan e bruxuleou em seus olhos, parecendo torná-lo maior e mais diabólico.

— Quem era? Quem disparava em nós? — perguntou.

— Assaltantes — repetiu Struan.

Sabia que, na verdade, homens de Gorth — ou Gorth — deveriam estar emboscados. Ficou imaginando, por um momento, se Padre Sebastião fora enviado como engodo. Era improvável — o bispo não fada isso, e nem era preciso trazer cinchona. Bom, logo saberei, pensou. E, se for o caso, cortarei algumas gargantas de papistas.

Observou, cansadamente, a escuridão. Tirou sua faca da bota e afrouxou a

correia do chicote de ferro em torno do pulso. Quando Padre Sebastião respirava menos pesadamente, foi mostrando o caminho pela ladeira acima, passando pela Igreja de Santo Antônio e descendo o morro por uma rua que ia dar diante do muro da casa de May-may. Havia uma porta, na alta e grossa muralha de granito.

Bateu com força, com a aldrava. Em poucos momentos, Lim espiava através da vigia. A porta se abriu, depressa. Entraram no pátio da frente e a porta foi trancada atrás deles.

— Estamos em segurança, agora — disse Struan. — Lim Din, chá... beber muito, depressa! — fez sinal para que o Padre Sebastião se sentasse e colocou o chicote de ferro sobre a mesa. — Recupere o fôlego, primeiro.

O monge tirou as mãos do crucifixo que agarrava e franziu as sobrancelhas.

— Será que alguém realmente tentava matar-nos?

— Assim me pareceu — disse Struan. Tirou o casaco e olhou para o ombro. A bala queimara a carne.

— Deixe-me dar uma olhada nisso — disse o monge.

— Não é nada. — Struan tornou a vestir o casaco. — Não se preocupe, Padre. Você a tratará, mas a responsabilidade é toda minha. O senhor está bem?

— Sim. — Os lábios do monge estavam secos e tinha ha boca um gosto ruim. — Primeiro, prepararei o chá de cinchona.

— Ótimo. Mas, antes de começarmos, jure pela cruz que jamais falará a ninguém a respeito desta casa, ou do que acontece aqui.

— Isso não é necessário, pode ter certeza. Não há nada que...

— Sim, há! Gosto de minha privacidade! Se não jurar, então eu tratarei dela, por mim mesmo. Parece que sei o mesmo que o senhor a respeito do uso da cinchona. Decida.O monge estava aborrecido com sua falta de conhecimento e desejava desesperadamente curar, em nome de Deus.

— Muito bem, juro pela cruz que meus lábios estão selados.

— Obrigado. — Struan mostrou o caminho até a porta da frente e, dali por um corredor. Ah Sam saiu de seu quarto e fez uma curvatura tímida, puxando mais contra o corpo

o pijama verde. Seu cabelo estava desgrenhado, o rosto ainda inchado de sono. Ela os acompanhou à cozinha, com a lanterna.

A sala para cozinhar era pequena, com uma lareira e um braseiro a carvão, contígua ao repleto jardim posterior à casa. Estava cheia de potes, panelas e chaleiras. Centenas de molhos de ervas e cogumelos secos, vegetais, vísceras, salsichas estavam pendurados nas paredes escurecidas pela fumaça. Sacos de palhinha cheios de arroz entulhavam o chão cheio de manchas de sujeira.

Duas empregadas de cozinha, dopadas pelo sono, encontravam-se meio erguidas em beliches sujos, olhando, tontas, para Struan. Mas quando ele, descuidadamente, varreu da mesa uma confusão de panelas e pratos sujos, a fim de abrir espaço, elas pularam de suas camas e fugiram da casa.

— Chá, senhor? — Ah Sam perguntou, confusa.

Struan abanou a cabeça. Pegou a bolsa de pano, manchada de suor, das mãos do nervoso monge, e abriu-a. A casca era marrom, comum e partida em pequenos pedaços. Cheirou-a, mas não tinha odor algum.

— E agora?

— Precisamos de alguma coisa para ferver o caldo. — Padre Sebastião pegou uma panela mais ou menos limpa.

— Primeiro, quer fazer o favor de lavar as mãos? — Struan apontou para um pequeno barril e o sabão próximo.

— O quê?

— Primeiro, lave as mãos. Por favor. — Struan abaixou-se sobre o barril e ofereceu o sabão. — Não fará nada até lavar as mãos.

— Por que é necessário?

— Não sei. Uma antiga superstição chinesa. Por favor... vá, Padre, por favor.

Enquanto Struan lavava a panela e a colocava sobre a mesa, Ah Sam observava, de olhos brilhantes. Padre Sebastião esfregar as mãos com sabão, passar água e enxugá-las com uma toalha limpa.

Depois, fechou os olhos, uniu as mãos e sussurrou uma prece silenciosa.

— Agora, algo para medir — disse, voltando à terra, e escolhendo, ao acaso, uma xicrinha, encheu-a até a borda com cinchona. Passou a casca para a panela e então, lenta e metodicamente, acrescentou dez medidas iguais de água. Pôs a panela para ferver no braseiro de carvão. — Dez para uma, como começo — disse, com voz rouca. — Esfregou as mãos, nervosamente, dos lados do seu hábito. — Agora, gostaria de ver a paciente. Struan fez sinal a Ah Sam e indicou

a panela.

— Não toque!

— Não vou tocar, senhor! — disse Ah Sam. Agora que superara seu susto inicial, por ser acordada de repente, estava começando a gostar de todos esses estranhos procedimentos. — Não vou tocar, senhor, não se incomode!

Struan e o monge saíram da cozinha e foram para o quarto de dormir de May-may. Ah Sam os acompanhou. Uma lanterna espalhava áreas de luz na escuridão. Yin-hsi estava escovando seu

cabelo despenteado diante do espelho. Parou e se curvou, apressadamente. Sua cama, um colchão, estava no chão a um lado da grande cama de dossel de May-may.

May-may tremia de leve, sob o peso dos cobertores.

— Olá, garota. Temos a cinchona — disse Struan, aproximando-se. — Afinal. Tudo está bem, agora!

— Sinto tanto frio, Tai-Pan — ela disse, desamparadamente. — O que você fez com seu rosto?

— Não é nada, garota.

— Você se cortou. — Ela estremeceu, fechou os olhos e caiu outra vez no nevoeiro que começava a engolfá-la. — Está tão frio. Struan virou-se e olhou para o Padre Sebastião. Viu o susto em sua face esticada.

— O que há de errado?

— Nada, nada.

O monge colocou uma pequena ampulheta sobre uma mesa e, ajoelhando-se ao lado da cama, pegou o pulso de May-may e começou a contar suas batidas cardíacas. Como pode uma moça chinesa falar inglês?, perguntou a si mesmo. Será que a outra moça é uma segunda amante? Estarei num harém deste demônio? Ah, Deus, protegei-me, dai-me o poder de Vossa cura e deixai-me ser o Vosso instrumento, esta noite.

O pulso de May-may estava tão lento e fraco que ele teve grande dificuldade em auscultá-lo. Com extrema delicadeza, virou-lhe o rosto e lhe observou os olhos.

— Não tenha medo — disse. — Não há nada para temer. Você está nas mãos de Deus. Preciso olhar seus olhos. Não tenha medo. Você está em Suas mãos.

Indefesa e petrificada, May-may fez como ele lhe disse. Yin-hsi e Ah Sam permaneciam em pé, atrás, e espiavam cheias de apreensão.— O que ele está fazendo? Quem é? — sussurrou Yin-hsi.

— Um médico bárbaro, um demônio feiticeiro — Ah Sam respondeu, também num sussurro. — Ele é um monge. Um desses padres de saias compridas que adoram o Deushomem nu, que eles prenderam numa cruz.

— Ah! — Yin-hsi estremeceu. — Ouvi falar deles. Como foi terrível fazerem uma coisa dessas! São realmente uns demônios! Por que não traz um pouco de chá para Papai? É sempre bom para a ansiedade.

— Lim Din está pegando o chá, Segunda Mãe — sussurrou Ah Sam, jurando que nada a faria se mover dali, pois assim poderia perder algo de grande importância. — Eu gostaria de poder entender a língua terrível que eles falam.

O monge colocou o pulso de May-may sobre a coberta da cama e ergueu os olhos para Struan.

— Sua Eminência disse que a malária provocou um aborto. Preciso examiná-la.

— Pode examinar.

Quando o monge afastou os cobertores e lençóis, May-may tentou impedi-lo e Yin-hsi e Ah Sam, ansiosamente, correram para ajudá-la.

— Não — gritou Struan. — Fiquem lá! — Ele se sentou ao lado de May-may e segurou-lhe as mãos. — Está tudo bem, garota. Vamos — disse ao padre.

Padre Sebastião examinou May-may e, depois, instalou-a confortavelmente outra vez.

— A hemorragia quase já parou. Isso é muito bom. Colocou seus longos dedos na base do crânio dela e apalpou cuidadosamente.

May-may sentiu que os dedos suavizavam um pouco de sua dor. Mas o gelo se formava nela outra vez, e seus dentes começaram a bater.

— Tai-Pan. Sinto tanto frio. Posso mandar colocar uma garrafa quente nos cobertores? Por favor. Sinto tanto frio.

— Sim, garota. Espere só um pouquinho. — Havia uma garrafa quente às suas costas. Ela estava deitada debaixo de quatro cobertores acolchoados.

— Tem um relógio, Sr. Struan? — perguntou Padre Sebastião.

— Sim.

— Por favor, vá para a cozinha. Logo que a água ferver, anote a hora. Quando tiver fervido uma hora... — Os olhos do Padre Sebastião espelharam seu terrível desespero. — Duas? Meia hora? Quanto tempo? Ah, Deus, por favor, ajudai-me neste momento de necessidade.— Uma hora — disse firmemente a Struan, com confiança. — Marcaremos a mesma quantidade para ferver por duas horas. Se a primeira não fizer efeito, tentaremos a segunda.

— Sim. Sim.

Struan examinou seu relógio à luz da lanterna, na cozinha. Tirou a infusão do braseiro e colocou-a num balde de água, para esfriar. A segunda panela já fervia.

— Como vai ela? — perguntou, quando o padre entrou, tendo logo atrás Ah Sam e Yin-hsi.

— Os calafrios estão fortes. O coração se encontra muito fraco. Pode lembrar-se por quanto tempo ela tremeu, antes de começar a febre?

— Quatro horas, talvez cinco. Não sei. — Struan despejou um pouco do líquido quente dentro de uma pequena xícara de chá e o provou. — Pelo sangue de Cristo, é terrivelmente amargo!

O padre tomou um gole e também fez uma careta.

— Bom. Vamos começar. Só espero que ela possa mantê-lo no estômago. Uma xícara de hora em hora. — Ele escolheu uma xícara ao acaso, numa prateleira manchada de fumaça, e pegou um trapo sujo na mesa.

— Para que é isso? — perguntou Struan.

— Terei de coar a casca, separando-a do chá. Este pano está bom. A mistura é bastante grossa.

— Eu vou fazer isso — disse Struan. Pegou o coador de chá de prata que já tinha pronto e poliu-o outra vez, com um lenço limpo.

— Por que está fazendo isso?

— Os chineses têm sempre muito cuidado em manter o bule e as xícaras limpos. Dizem que isso torna o chá mais saudável. — Começou a despejar o chá malcheiroso numa imaculada xícara de porcelana. Queria que a força da bebida estivesse certa.

— Por que não a mesma coisa com a próxima dose, hein?

Levou o bule e a xícara para o quarto de dormir. May-may vomitou a primeira xícara. E a segunda. Apesar de suas súplicas patéticas, Struan forçou-a a beber outra vez. May-may não vomitou — faria tudo para não ter de engolir outra vez. Ainda assim, nada aconteceu. A não ser que seus calafrios se tornaram mais fortes. Uma hora mais tarde, Struan fez com que ela bebesse outra vez. Ela não vomitou,

mas os calafrios continuaram a piorar.

— Vamos dar duas xícaras — disse Struan, lutando contra o pânico. E ele a forçou a consumir a dose dupla.

Hora após hora, o processo foi repetido. Agora amanhecia.Struan olhou para seu relógio. Seis horas. Nenhuma melhora. Os tremores faziam May-may se agitar como um raminho ao vento do outono.

— Pelo amor de Deus — explodiu Struan — precisa funcionar!

— Com o amor de Deus, está funcionando, Sr. Struan — disse Padre Sebastião.

Segurava o pulso de May-may. — O calor da febre deveria começar há duas horas. Se não começou, ela tem uma chance. Seu pulso se acha imperceptível, sim, mas a cinchona está funcionando.

— Agüente firme, garota — disse Struan, agarrando a mão de May-may. — Mais algumas horas. Agüente.

Mais tarde, houve uma batida no portão do muro do jardim. Struan saiu de casa, meio tonto, e destrancou a porta.

— Olá, Horatio. Venha cá, Lo Chum.

— Ela está morta?

— Não, rapaz. Acho que está curada, com a graça de Deus!

— Você conseguiu a cinchona?

— Sim.

— Masterson se encontra no junco. Está na hora de Gorth chegar. Vou pedir a eles, os seus padrinhos, para adiarem o duelo até amanhã. Você não está em condições de lutar com ninguém.

— Você não precisa se preocupar. Há outras maneiras de matar uma serpente além de arrancar sua cabeça com uma pisadela. Estarei lá dentro de uma hora.

— Está bem, Tai-Pan. — Horatio saiu às pressas, levando Lo Chum.Struan trancou a porta e voltou para May-may.

Ela estava deitada na cama, completamente imóvel. Padre Sebastião lhe tomava o pulso. O rosto dele estava enrijecido pela ansiedade. Curvou-se e auscultou-lhe as batidas do coração. Passaram-se segundos. Ele ergueu a cabeça e olhou inquisitivamente para Struan.

— Por um momento, pensei... mas ela está bem. As batidas de seu coração estão terrivelmente lentas, mas ela é jovem. Com a graça de Deus... a febre passou, Sr. Struan. A cinchona peruana curará a febre do Vale Feliz. Com são maravilhosos os desígnios de Deus!

Struan sentia-se estranhamente distanciado.

— Será que a febre voltará? — perguntou.

— Talvez. Ocasionalmente. Porém, mais cinchona a deterá... não há nada mais com que se preocupar, agora. Esta febre está morta. Não entende? Ela se curou da malária.

— Será que viverá? Diz que seu coração está muito fraco. Será que viverá?— Se Deus quiser, a chance é boa. Muito boa. Mas ainda não tenho certeza.

— Preciso ir, agora — disse Struan, levantando-se. — Quer fazer o favor de ficar aqui até eu voltar?

— Sim. — Padre Sebastião ia fazer o sinal-da-cruz sobre ele, mas se decidiu contra.

— Não posso abençoar sua partida, Sr. Struan. Vai para uma matança, não é?

— O homem nasceu para morrer, Padre. Apenas tento proteger a mim mesmo e

aos meus o melhor que posso, e também escolher a ocasião de minha morte, apenas isso. Pegou o chicote de ferro e amarrou-o ao pulso, depois saiu da casa. Enquanto caminhava pelas ruas, sentiu olhos que o observavam, mas não prestou atenção. Ele tirava força da manhã e do sol, e da vista e do odor do mar. Está um belo dia para matar uma cobra, pensou. Mas quem vai morrer é você. Não tem força para enfrentar Gorth com um chicote de ferro. Hoje, não.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Havia uma grande multidão perto do junco. Comerciantes, um destacamento de soldados portugueses comandado por um jovem oficial, marinheiros. O junco estava ancorado num desembarcadouro ao largo da praia. Quando Struan apareceu, os que haviam apostado nele ficaram desalentados. E os que haviam apostado em Gorth, exultantes.

O oficial português, cortesmente, interceptou Struan.

— Bom-dia, senhor.

— Bom-dia, Capitão Machado — respondeu Struan.

— O governador-geral quer que o senhor saiba que duelos são proibidos em Macau.

— Sei disso — disse Struan. — Agradeça a ele em meu nome, por favor, e diga-lhe que serei o último a infringir as leis portuguesas. Sei que somos todos hóspedes, e os hóspedes têm responsabilidades perante seus anfitriões.

Ele ajeitou a correia de seu chicote de ferro e caminhou em direção ao junco. A multidão se dividiu e ele viu animosidade nos rostos dos homens de Gorth e

daqueles que desejavam vê-lo morto. Havia muitos. Lo Chum esperava no tombadilho alto, ao lado de Horatio.

— Bom-dia, senhor. — Estendeu o material para fazer a barba. — Quer?

— Onde está Gorth, Horatio?

— Seus padrinhos estão procurando por ele. Struan rezou para que Gorth estivesse deitado num bordel, bêbado como uma cabra. Ah, Deus, tomara que nossa luta seja amanhã! Começou a fazer a barba. A multidão observava, silenciosamente, e muitos se benziam, espantados com a serenidade do Tai-Pan.

Após barbear-se, ele se sentiu um pouco melhor. Olhou para o céu. Colares de cirros enfeitavam o firmamento e o mar estava calmo como um lago. Gritou para Cudahy, que trouxera o China Cloud:

— Proteja minhas costas.

— Sim, senhorrr.

Struan espichou-se sobre uma escotilha e adormeceu, imediatamente.

— Bom Deus — disse Roach — ele não é humano.

— Sim — disse Vivien — ele é o próprio Demônio.

— Por que não dobra a aposta, hein, se está tão confiante?

— Não. A não ser que Gorth chegue bêbado.

— Digamos que ele mate Gorth... e Tyler?

— Travarão um duelo de vida ou morte, eu acho.

— O que fará Culum, hein? Se Gorth vencer hoje?

— Nada. O que pode ele fazer? A não ser odiar, talvez. Pobre rapaz, eu até gosto dele. Ele odeia o Tai-Pan, de qualquer maneira... então talvez abençoe Gorth, hein? Ele se torna Tai-Pan, por direito. Onde está o demônio do Gorth?

O sol se erguia implacavelmente no céu. Um soldado português saiu correndo de uma rua adjacente e conversou animadamente com o oficial que, imediatamente, começou a fazer seus homens marcharem depressa para a praia. Transeuntes começaram a seguilos.

Struan acordou para uma dolorida realidade, com cada fibra de seu corpo pedindo sono. Pôs-se de pé, cambaleando. Horatio olhava-o, com uma expressão de estranheza.

***

O corpo de Gorth, brutalmente maltratado, jazia, numa viela suja, perto das docas do bairro chinês e, em torno do cadáver, estavam os corpos de três chineses. Outro chinês, mais morto do que vivo com o cabo de uma lança partida enterrado na virilha, jazia gemendo aos pés de uma patrulha de soldados portugueses.Comerciantes e portugueses se apinhavam em torno, procurando ver melhor. Os que conseguiram ver Gorth deram meiavolta, enjoados.

— A patrulha diz que ouviu gritos e ruído de luta — disse o oficial português a Struan e aos outros, que se encontravam por perto. — Quando correram para cá, viram o Sr. Brock no chão, como está agora. Três ou quatro chineses enfiavam-lhe lanças. Quando os demônios assassinos viram nossos homens, desapareceram daqui. — Apontou para um grupo de silenciosos barracos, ruelas retorcidas e becos. — Os soldados saíram à caça deles, mas... — Deu de ombros.

Struan sabia que fora salvo pelos assassinos.

— Oferecerei uma recompensa pelos que escaparam — disse. — Cem taéis mortos, quinhentos vivos.

— Economize seu dinheiro, no caso dos “mortos”, senhor. Os pagãos apenas apresentarão três cadáveres... os primeiros que conseguirem encontrar. Quanto aos “vivos” — o oficial apontou com um polegar, num gesto de desdém, para o prisioneiro — a menos que esse degenerado filho da mãe nos diga onde estão os outros, seu dinheiro está bem seguro. Pensando melhor, acho que as autoridades chinesas seriam, digamos, mais hábeis, num interrogatório. — Falou com dureza, em português, e os soldados colocaram o homem numa porta quebrada e o carregaram.

O oficial limpou uma mancha de poeira de seu uniforme.

— Uma morte estúpida e desnecessária. O Senhor Brock não deveria ter-se arriscado a vir a esta área. Parece que não houve honra satisfeita.

— Tem muita sorte, Tai-Pan — zombou um dos amigos de Gorth. — Muita sorte.

— Sim. Estou satisfeito por este sangue não se encontrar em minhas mãos.

Struan virou as costas para o cadáver e se afastou, devagar. Saiu da ruela e subiu a ladeira, em direção ao antigo forte. Na crista do morro, cercado de mar e de

céu, sentou-se num banco e agradeceu ao infinito a bênção da noite e a bênção do dia.

Não prestava atenção aos transeuntes, aos soldados, ao portão do forte, à canção dos sinos da igreja. Nem aos pássaros cantando, ao vento suave ou ao sol reconfortante. E nem à hora.

Mais tarde, tentou decidir o que fazer, mas sua mente não queria funcionar.

— Controle-se — disse alto.

Desceu o morro, foi até à residência do bispo, mas este não se encontrava lá. Dirigiu-se à catedral e perguntou por ele. Um monge lhe disse para esperar no jardim do claustro. Struan sentou-se num banco, à sombra, e ficou à escuta das fontes borbulhantes. As flores lhe pareciam mais coloridas do que nunca, seu perfume mais suave. As batidas de seu coração, a força de seus membros e até mesmo a constante dor no tornozelo — não eram um sonho, mas a realidade.

Ah, meu Deus, obrigado pela vida.

***

O bispo olhava-o, sob a galeria do claustro.

— Olá, Eminência — disse Struan, maravilhosamente reconfortado. — Vim agradecer-lhe. O bispo franziu os lábios finos.

— O que estava vendo, senhor?

— Não sei — respondeu Struan. — Apenas olhava para o jardim. Apreciando-o. Apreciando a vida. Não sei exatamente.

— Creio que estava muito próximo de Deus, senhor. Talvez não ache, mas eu sei que sim. Struan abanou a cabeça.

— Não, Eminência. Só feliz, num dia esplêndido, num lindo jardim. Só isso.

Mas a fisionomia de Falarian Guineppa não mudou. Seus dedos esguios tocaram o crucifixo.

— Eu fiquei a observá-lo por um longo tempo. Senti que estava próximo. Logo o senhor! Certamente, isto não está certo. — Suspirou. — Entretanto, como poderemos nós, pobres pecadores, saber os desígnios de Deus? Invejo-o, senhor. Queria falar comigo?

— Sim, Reverendíssimo. A cinchona curou a febre.

— *Deo gratias*! Mas é maravilhoso! Como são esplêndidos os desígnios de Deus!

— Vou fretar uma embarcação para ir imediatamente ao Peru, com ordem para carregar cinchona — disse Struan. — Com sua permissão, gostaria de mandar o Padre Sebastião, para que descubra como cultivam a casca, de onde vem, como eles tratam a malária lá... tudo. Dividiremos a carga e o conhecimento igualmente, quando ele voltar. Gostaria que ele, sob sua autoridade, escrevesse um relatório médico, de imediato, e o enviasse para o Lancet, na Inglaterra, e para o Times, falando do seu tratamento bemsucedido da malária com a cinchona.

— Um tratado médico-oficial como esse teria de ser enviado através de canais oficiais do Vaticano. Mas eu lhe direi que faça isso. Quanto a mandá-lo... isto eu terei de considerar. Entretanto, mandarei alguém com o navio. Quando partirá?

— Dentro de três dias.

— Está bem. Dividiremos igualmente a carga e os conhecimentos. É muita generosidade.

— Não estabelecemos um preço para a cura. Ela está curada. Então, agora, quer fazer o favor de me dizer o preço?

— Nada, senhor.

— Não entendo.

— Não há preço para um punhado de cinchona que salvou a vida de uma moça.

— Claro que há um preço, pode pedir o que quiser! Estou pronto para pagar. Vinte mil taéis foram oferecidos em Hong Kong, Eu lhe enviarei uma ordem de pagamento à vista.

— Não, senhor — respondeu, com paciência, o sacerdote de elevada estatura. — Se fizer isso, eu simplesmente rasgarei o papel. Não quero pagamento pela casca de árvore.

— Farei uma doação a uma igreja católica em Hong Kong — disse Struan. — Um mosteiro, se quiser. Não brinque comigo, Eminência. Comércio é comércio. Diga seu preço.

— Nada me deve, senhor. Nada deve à igreja. Mas deve muito a Deus. — Ele

ergueu a mão e fez o sinal-da-cruz. — *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti* — disse, tranqüilamente, e foi embora.

CAPÍTULO QUARENTA

May-may se achou acordando, com os braços de Struan a apoiá-la e a xícara em seus lábios. Vagamente, ouviu Struan conversar, com tranqüilidade, com o Padre Sebastião, mas não fez o esforço necessário para entender as palavras em inglês. Obedientemente engoliu a cinchona e se deixou deslizar outra vez para o estado de inconsciência.

Ouviu o monge partir, sentiu que a presença estranha se fora, e isto lhe agradou. Percebeu que Struan a erguia outra vez e engoliu a segunda xícara, com o gosto ruim ainda a enjoá-la.

Através da névoa confortável, ouviu Struan sentar-se na cadeira de bambu e logo escutou sua respiração pesada e regular, percebendo que dormia. Isto a fez sentir-se muito segura.

O ruído das amas conversando na cozinha, o humor irritável e cáustico de Ah Sam, e o perfume de Yin-hsi eram tão agradáveis que May-may não quis deixar o sono dominá-la inteiramente.

Ficou deitada, quieta, e reuniu forças durante aquele minuto. E soube que iria viver.Queimarei incenso para os deuses pelo meu pagode. Talvez uma vela para o deus de saias compridas. Afinal de contas, o monge trouxe a casca, não foi? — por pior que seja o gosto. Talvez eu devesse tornar-me uma cristã de saias compridas. Isto daria ao monge grande prestígio. Mas o meu Tai-Pan não aprovaria. Mesmo assim, talvez eu me torne. Porque, se não existe nenhum Deus de saias compridas, então não haverá perigo e, se ele existir — então terei sido muito esperta. Fico imaginando se o deus bárbaro é como nossos deuses

chineses. Que a pessoa descobre serem muito estúpidos, quando pensa seriamente a respeito. Mas, realmente, não são. São como seres humanos, com todas as nossas fraquezas e forças. É muito mais sensato do que fingir, como fazem os bárbaros, que seu deus é perfeito e vê tudo, escuta tudo, a tudo julga e pune.

Estou satisfeita por não ser um deles. Ouviu o sibilar das roupas de Yin-hsi e respirou sua presença perfumada. Abriu os olhos.

— Parece melhor, Suprema Senhora — sussurrou Yin-hsi, ajoelhando-se perto dela.

— Veja, trouxe-lhe algumas flores.

O pequeno buquê era muito bonito. May-may fez um sinal afirmativo com a cabeça, fracamente, mas sentiu que suas forças fugiam. Struan estava estirado na cadeira de encosto inclinado, profundamente adormecido, o rosto rejuvenescido pelo repouso, sombras escuras sob os olhos e o vermelho cru de um vergão no queixo.

— Papai está aí há mais de uma hora — disse Yin-hsi. Usava calças de seda azulclaro e uma túnica que ia até os joelhos, trespassada, cor verde-oceano, e havia flores em seus cabelos.

May-may sorriu e movimentou a cabeça, verificando que entardecia.

— Quantos dias se passaram desde que esta febre começou. Irmã?

— Foi a noite passada. Papai chegou com um monge de saias compridas. Eles trouxeram a bebida mágica, não se lembra? Eu mandei aquela miserável escrava Ah Sam ao templo, hoje de manhã cedo, a fim de agradecer aos deuses. Por que não me deixa lavá-la? Deixe que eu lhe ajeite o cabelo. Vai sentir-se muitíssimo melhor.

— Ah, sim, por favor, Irmã — disse May-may. — Devo estar com uma aparência terrível.

— Sim, Suprema Senhora, mas só porque quase morreu. Dentro de dez minutos, estará tão bonita quanto sempre foi... eu prometo!

— Seja silenciosa como uma borboleta, Irmã — disse May-may. — Não acorde o Papai, seja lá o que você fizer, e diga àqueles miseráveis escravos que, se Papai acordar antes de eu estar apresentável, você, pessoalmente, sob minhas ordens, vai colocar instrumentos de tortura em seu polegares.

Yin-hsi, toda satisfeita, afastou-se. Um vasto silêncio caiu sobre a casa.

Yin-hsi e Ah Sam entraram outra vez no quarto, nas pontas dos pés, banharam May-may com água perfumada, trouxeram calças que acabavam de sair do sol, do mais fino xantungue escarlate, com uma túnica também escarlate, e ajudaram-na a se vestir. Banharam-lhe os pés e mudaram as ataduras, seguraram-na enquanto ela escovava os dentes e lavava a boca com urina de bebê. Finalmente, May-may mastigou folhas de chá perfumadas e se sentiu muito purificada.

E, mesmo tendo o movimento e a mudança minado muito de sua força, May-may se sentiu renascida.

— Agora um pouco de sopa, Suprema Senhora. E, em seguida, uma manga fresca — disse Yin-hsi.

— E, em seguida — disse Ah Sam, com um tom de importância, as argolas de prata tilintando... temos notícias maravilhosas para a senhora.

— O quê?

— Só depois de ter comido, Mamãe — disse Ah Sam. Quando May-may começou a protestar, Ah Sam abanou a cabeça, com firmeza. — Temos de cuidar da senhora, ainda é uma paciente. A Segunda Mãe e eu sabemos que boas notícias são maravilhosas para a digestão. Mas, primeiro, precisa de alguma coisa para digerir.

May-may bebeu um pouco de caldo e comeu um pouquinho da manga cortada em fatias. Elas a encorajaram a comer mais.

— Deve fortalecer-se, Suprema Senhora.

— Termino a manga se você contar as notícias agora — disse May-may.

Yin-hsi franziu a testa. Depois, fez um sinal para Ah Sam.

— Vá, Ah Sam. Mas comece com o que Lo Chum lhe contou... como tudo começou.

— Não tão alto — disse May-may, em tom de advertência. — Não acordem Papai.

— Bom — começou Ah Sam — na noite antes de chegarmos, há sete terríveis dias, o filho bárbaro de Papai caiu nas garras do demônio em pessoa, um bárbaro. Esse monstro bárbaro armou uma trama tão suja, tão diabólica, para destruir o filho bem-amado de Papai, que quase não posso descrevê-la. E, a noite passada, hoje, enquanto a bebida mágica destruía sua doença febril, as coisas chegaram ao seu clímax fatal. Passamos a noite acordados, de joelhos, implorando aos deuses. Mas de nada adiantou. Papai estava perdido, a senhora estava perdida, nós estávamos perdidos e o pior era que... o inimigo tinha ganho o jogo. — Ah Sam fez uma pausa e, com estudada fraqueza, cambaleou até a mesa, pegou o pequeno copo cheio com o vinho que Yin-hsi trouxera como presente para May-may e bebeu-o, dominada pela emoção.

Quando estava reanimada, contou toda a história com pausas aflitivas, incríveis suspiros e movimentada gesticulação.

— E ali, no chão sujo — concluiu Ah Sam, com um sussurro soluçante, batendo os dedos na porta — cortado em quarenta pedaços, cercado pelos cadáveres de quinze assassinos, jazia o cadáver do demônio bárbaro Gorth! Assim Papai foi salvo.

May-may bateu as mãos alegremente, e congratulou-se por sua previsão. Os deuses estão certamente velando por nós! Graças a Deus falei com Gordon Chen, naquela oportunidade. Se não fosse ele...

— Ah, que maravilha! Ah, Ah Sam, você contou de uma maneira maravilhosa. Quase morri, quando você chegou àquela parte em que Papai saía de casa hoje de manhã.

Se não me tivesse dito antes de começar que as notícias eram maravilhosas, então eu realmente teria morrido.

— Olá, garota! — Struan estava acordado, fora desperto pelas palmas de May-may. Yin-hsi e Ah Sam levantaram-se depressa e fizeram curvaturas.

— Eu me sinto fantasticamente melhor, Tai-Pan — disse May-may.

— Seu aspecto está fantasticamente melhor.

— Precisa de alimento, Tai-Pan — disse May-may. — Provavelmente não comeu o dia inteiro.

— Obrigado, garota, mas não estou com fome. Vou pegar alguma coisa na residência, mais tarde. — Struan levantou-se e se espreguiçou.

— Por favor, coma aqui — disse May-may. — Fique aqui esta noite. Por favor. Não quero... bom, por favor, fique. Isto me faria muito feliz.

— Claro, garota — disse Struan. — Precisa tomar a cinchona durante os próximos quatro dias. Três vezes por dia.

— Mas, Tai-Pan, eu me sinto ótima. Por favor, não é preciso mais.

— Três vezes por dia, May-may. Durante os próximos quatro dias.

— Pelo sangue de Cristo, tem gosto de fezes de passarinho misturadas com vinagre e bílis de cobra.Uma mesa cheia de alimentos foi trazida para o quarto. Yin-hsi serviu-os e, depois, deixou-os sozinhos. May-may apanhou elegantemente alguns camarões fritos.

— O que fez hoje? — perguntou.

— Nada de importante. Mas um problema está resolvido. Gorth está morto.

— Ah? Como? — May-may perguntou e ficou adequadamente surpresa e chocada, quando ele lhe contou as novidades. — Você é muito inteligente, Tai-Pan. Mas seu pagode é fantasticamente bom.

Struan empurrou seu prato, sufocou um bocejo e pensou a respeito de pagode.

— Sim.

— Será que Brock vai ficar terrivelmente zangado?

— A morte de Gorth não foi por minhas mãos. Mesmo se fosse, ele merecia morrer. De certo modo, eu sinto ele ter morrido dessa maneira.

A morte de Gorth e a fuga vão deixar Brock furioso, pensou. É melhor me preparar, com um revólver ou uma faca. Será que ele vem atrás de mim, como um assassino de emboscada? Ou abertamente? Eu me preocuparei com isso amanhã.

— Culum deve voltar logo.

— Por que não vai para a cama? Parece muito cansado. Quando Lo Chum trouxer a notícia, Ah Sam o acordará, hein? Acho que também gostaria de dormir agora.

— Acho que vou dormir, sim, garota. — Struan beijou-a, ternamente, e prendeu-a em seus braços. — Ah, minha garota. Fiquei com tanto medo, por sua causa.

— Obrigada, Tai-Pan. Vá dormir agora, e amanhã eu estarei muito melhor, e você também.

— Tenho de ir a Hong Kong, garota. Logo que possível. Por uns poucos dias. Ela sentiu um aperto no coração.

— Quando irá, Tai-Pan?

— Amanhã, se você estiver bem.

— Pode fazer uma coisa por mim, Tai-Pan?

— Claro.

— Leve-me com você. Não quero... ficar sozinha aqui, enquanto você está lá.

— Você ainda não está suficientemente bem para se mover, e eu preciso ir, garota.

— Ah, mas amanhã eu estarei bem. Prometo. Ficarei na cama, no navio, e podemos permanecer no Resting Cloud, como antes. Por favor.— Serão apenas uns poucos dias,

garota, e seria melhor para você ficar aqui. Muito melhor. Mas May-may se aninhou perto dele, arreliando-o.

— Por favor. Serei muito boa, tomarei todas as xícaras sem criar problemas e ficarei na cama, e ficarei boa, comerei, comerei, comerei, ficarei fantasticamente muito boa. Prometo. Por favor, não me deixe até eu realmente melhorar.

— Bom, durma e decidiremos amanhã. Ela o beijou.

— Nada de decidir amanhã. Se for embora, eu não comerei, não tomarei as xícaras de chá, por Deus! Ouça! — disse ela, imitando as maneiras dele. — Sua velha mãe vai pôr os pés no tombadilho e não se mexerá!

Struan abraçou-a, com força. Minuto a minuto, sentia que ela ficava mais forte. Deus abençoe a cinchona.

— Está bem, mas não iremos amanhã. No dia seguinte, ao amanhecer. Se você estiver suficientemente bem. Se você...

— Ah, obrigada, Tai-Pan. Eu estarei muito bem.

Ele a afastou de si e examinou-a minuciosamente. Sabia que levaria meses para ela recuperar sua antiga beleza. Mas não é só um rosto que torna a pessoa bela, disse a si próprio. É aquilo que se encontra por trás, nos olhos e no coração.

— Ah, garota, você é tão linda. Eu a amo. Ela tocou o nariz dele, com seu dedinho.

— Por que dizer essas coisas à sua velha mãe? — Ela o abraçou com força. — Eu também acho que você é maravilhosamente lindo.

Então ele lhe deu as duas xícaras e ela tapou o nariz e bebeu-as. Ela colocou algumas folhas perfumadas de chá na boca, para tirar o gosto. Ele a ajeitou na cama como se fosse uma criança, beijou-a outra vez e foi para seu quarto.

Tirou a roupa e se deitou, permanecendo cheio de felicidade nos lençóis frescos. O sono veio rapidamente. E enquanto ele dormia, o assassino chinês continuava a ser interrogado. Seus torturadores eram muito pacientes — e muito hábeis na arte de extrair informações.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

O China Cloud voltou ao porto de Macau pouco depois do amanhecer. Quando se aproximava de sua amarração, Struan correu pelo desembarcadouro. Seu escaler estava à espera.

— Dirk!

Ele ergueu os olhos, espantado.

— Bom-dia, Liza!

Liza Brock estava lívida e abatida.

— Vou com você.

— Claro. — Struan estendeu a mão para ajudá-la a subir, mas ela recusou-a.

— Largar! — ele ordenou.

Os remadores deram um forte impulso. O dia estava esplêndido e o mar calmo. Struan viu a pequena figura do Capitão Orlov no tombadilho do navio e sabia que estava sendo observado. Bom, ele pensou.

— Vou levar o corpo de Gorth de volta a Hong Kong amanhã — disse Liza. Struan não respondeu. Simplesmente, fez um aceno afirmativo com a cabeça e olhou para seu navio. Quando chegaram ao passadiço, ele deixou Liza subir primeiro ao convés.

— Bom-dia — disse o Capitão Orlov.

— A Srta. Brock está a bordo? — perguntou Struan.

— Sim.

— O senhor... o senhor os casou? Culum e a minha Tess? — perguntou Liza.

— Sim. — Orlov virou-se para Struan. — Você me colocou sob as ordens dele. Ele ordenou que eu os casasse. O capitão é o capitão e esta é sua lei. Eu obedeci às ordens.

— Concordo plenamente — disse Struan, com brandura. — Você não era responsável, exceto em questões de marinharia. Tornei isto claro a Culum. Liza virou-se para Struan, furiosamente.

— Então foi deliberado. Você combinou tudo isso. Sabia que eles iam fugir.

— Não, ele não sabia, Sra. Brock. — Culum saía do passadiço, confiante, porém tenso. — A idéia foi minha. Olá, Tai-Pan. Ordenei a Orlov que nos casasse. A responsabilidade é minha.

— Sim. Vamos para baixo, rapaz.

Liza, com o rosto cinzento, pegou Culum pelo ombro.

— Tem sífilis?

— Claro que não. O que pôs isso em sua cabeça? Acha que eu casaria com Tess, se tivesse?

— Peço a Deus que esteja dizendo a verdade! Onde está Tess?

— Na cabina. Nós... venha para baixo.

— Ela... ela está bem?

— Claro, Sra. Brock!— Este não é o lugar para tratar de assuntos de família — disse Struan. Ele desceu o passadiço e Liza o acompanhou.

— Olá — disse Tess, timidamente, saindo da cabina principal.

— Olá, mamãe.

— Você está bem, amor?

— Ah, sim, ah, sim.

Então mãe e filha se atiraram nos braços uma da outra. Struan fez sinal a Culum para sair da cabina.

— Desculpe, Tai-Pan, mas decidimos que assim era melhor.

— Escute, rapaz. Houve problemas enquanto você estava fora. — Ele contou a Culum a respeito de Gorth. — Não há dúvida de que foi ele. Ele projetou tudo, como nós pensamos.

— Não há nenhuma possibilidade de que, após sete dias... há?

— Não. Mas é melhor ir ao médico de Brock. Isto fará com que Liza se tranqüilize.

— Você tinha razão outra vez. Você me advertiu. Deus do céu, você me advertiu. Por que Gorth faria uma coisa dessas?

— Como podia qualquer homem fazer isso a outro, ele perguntou a si próprio.

— Não sei. Está tudo bem entre você e Tess?

— Ah, sim. Maldito Gorth! Ele estragou tudo. — Ele tirou duas cartas do bolso. — Aqui estão as respostas de Skinner e Gordon.

— Obrigado, rapaz. Não se preocupe...

— Vamos desembarcar — disse Liza, colocando-se com todo seu peso à porta. — Vou levar Tess, e... Culum interceptou-a.

— Não vai levar minha esposa para parte alguma, Sra. Brock. Quanto aos boatos a respeito da sífilis, iremos ao seu médico imediatamente, e resolveremos isso agora mesmo.

— Tyler vai anular esse casamento. Foi sem permissão.

— Estamos casados diante de Deus, legalmente, e não se fala mais nisso. — Culum dizia o que ele e Tess haviam planejado. Mas sua ousadia parecia vazia, agora, por causa de Gorth. — Sinto muito que tenhamos fugido... não, não sinto. Estamos casados e farei tudo que estiver ao meu alcance para ser um bom genro, mas Tess fica comigo e fará o que eu disser.

— Tyler vai açoitá-lo!

— Ah, mamãe, não — exclamou Tess, correndo para Culum.

— Estamos casados e é a mesma coisa que se esperássemos três meses. Diga a ela, Tai-Pan, diga a ela que está errada.

— Tenho certeza de que seu pai vai ficar zangado, Tess. E com razão. Mas também tenho certeza de que ele perdoará a ambos. Liza, não pode perdoá-los aqui, agora?

— Não sou eu, Dirk Struan, quem tem de perdoar.

— Vamos, mamãe — disse Tess.

Nada pode acontecer agora, ela disse a si mesma. Agora que somos marido e mulher e ele me amou e doeu como antes, mas de maneira diferente. E ele está satisfeito e tem sido tão gentil e maravilhoso. Ela se esquecera de Nagrek para sempre.

— Vamos todos tomar juntos o desjejum.

Liza enxugou os lábios sobre os quais nasciam gotas de suor.

— É melhor você ir para casa. Mandarei um aviso para seu pai.

— Vamos ficar no Hotel Inglês — disse Culum.

— Não precisa fazer isso, Culum — disse Struan. — Há uma suíte para você em nossa residência.

— Obrigado, mas decidimos que assim é melhor. Achamos que devemos voltar para Hong Kong imediatamente, ver o Sr. Brock e pedir seu perdão. Por favor, Sra. Brock, vamos ser amigos. Papai me disse o que aconteceu com Gorth. Não foi culpa dele.

— Acho que foi, rapaz. E você não pode partir imediatamente. Temos de levar o caixão de volta, amanhã.

— O quê? — perguntou Tess.

— Gorth foi morto, querida — disse Culum. — Ontem.

— O quê?

— Ele foi traiçoeiramente morto por assassinos! — Liza gritou.

— Ó, Deus, não!

Struan contou-lhe tudo. Exceto o que Gorth tentara fazer a Culum.

— Não tive escolha senão desafiá-lo. — Finalizou Struan. — Mas seu sangue não está em minhas mãos. Acho que é melhor todos desembarcarmos. Tess soluçava, quieta. Culum mantinha seu braço em torno dela.

— Vamos, querida, enxugue os olhos. Não foi culpa nossa... nem de papai. — Ele a conduziu para fora da cabina. Struan rompeu o silêncio.

— Eles estão casados e felizes, Liza. Por que não deixar as coisas como estão?

— Se fosse por mim, eu diria sim. Se o que Culum diz é verdade. Mas Tyler não fará isso... você o conhece, como ele o conhece. Eu sei que você planejou isso, Dirk. Ele vai saber. Ele o matará... ou tentará matá-lo, e acho que você planejou tudo assim. Tyler e você matarão um ao outro, quando ele começar a persegui-lo, ou você a ele. Por que não deixou as coisas como estavam? Três meses não eram mais tanto tempo. Mas agora... ó, Deus!

***

Struan ergueu os olhos das cartas, enquanto Culum entrava desanimado no escritório e se sentava.

— Vai tudo bem?

— Sim. O médico disse que eu estou são.

— Já almoçou?

— Não. Nenhum de nós tinha vontade de comer. Ah, Deus!... tudo ia tão bem. Maldito Gorth e maldita sua loucura.

— Como vai a Sra. Brock?

— Tão bem quanto se poderia esperar... como diriam os jornais. Como vai... a cinchona chegou?

— Sim. Ela está ótima, agora.

— Ah, isso é maravilhoso!

— Sim.

Mas, apesar de seu sentimento de bem-estar, Struan estava perturbado por uma vaga mas penetrante apreensão. Não era nada que ele pudesse articular, só uma sensação de perigo, em alguma parte. As cartas não lhe deram nenhuma sugestão quanto ao que poderia ser. Gordon Chen escrevia que ainda tinha esperanças de achar a cinchona. E Skinner dissera que liberaria a notícia imediatamente, e esperava Struan naquele mesmo dia.

Mas agora não poderá mais ser hoje. Queria muito ter sido firme e dito a May-may que ela ficaria.

— Voltarei a Hong Kong amanhã. É melhor vocês dois virem comigo.

— Acho melhor irmos no White Witch, com a Sra. Brock e Lillibet — disse Culum.

— A Sra. Brock mandou notícia a Brock por uma lorcha, hoje pela manhã. A nosso respeito... e sobre Gorth.

— Não se preocupe, rapaz. Liza Brock se conformará e Tyler também não o incomodará. Ele fez um juramento, lembra-se? Culum observou o Tai-Pan por um momento.

— Você sabia que eu ia levar Tess no China Cloud?

— Bom, rapaz, quando ela sumiu eu fiquei esperando que sim — disse Struan, circunspectamente.

Culum pegou um peso de papel que se encontrava sobre a escrivaninha. Era de jade branco e pesado.

— Fui muito estúpido.

— Não acho. Foi a melhor coisa que poderia ter feito. Agora você está com tudo resolvido.

— Fui estúpido porque agi outra vez como um fantoche.

— Hein?

— Acho que você colocou em minha cabeça a idéia de fugir. Eu acredito que você, deliberadamente, colocou Orlov sob meu comando, sabendo que eu lhe ordenaria para nos casar. Acho que você mandou a mim e a Tess para fora sabendo que isto enlouqueceria Gorth e o faria atacar você publicamente, dando-lhe a oportunidade de matá-lo diante de todos. Não foi isso?

Struan ficou sentado, imóvel, em sua cadeira. Seus olhos não se desviaram dos olhos de Culum.

— Não sei direito como lhe responder, Culum. Não sei bem se você quer mesmo

uma resposta. O fato é que você queria casar com Tess depressa e está casado. O fato é que Gorth realmente tentou matá-lo, da maneira mais traiçoeira que um homem poderia imaginar. O fato é que ele está morto. O fato é que eu lamento não ter tido o prazer de matá-lo, mas o fato é que seu sangue não está em minhas mãos. O fato é que, estando ele morto, você está vivo... você e Tess. O fato é que Brock, embora querendo fazer de tudo, com relação ao assunto, estará preso pelo juramento sagrado prestado por ele, e dar a você um ancoradouro seguro, num porto seguro. E o fato final é que, agora, logo você poderá assumir. Como o Tai-Pan.

Culum recolocou o peso de papel em seu lugar.

— Não estou preparado para ser o Tai-Pan.

— Eu sei. Mas logo estará. Voltarei para a Inglaterra dentro de poucos meses — disse Struan. — Levarei o *Lótus Cloud* no próximo ano e cuidarei de Wu Kwok. Mas tudo o mais será problema seu.

Culum pensou em ser Tai-Pan, em agir sozinho. Mas sabia que agora não agia mais sozinho. Agora, ele tinha Tess.

— Acho que posso fazer as pazes com Brock... se você não tentar fazer tudo em meu lugar — disse ele. — Planejou tudo isso? Posso ter um “sim” ou um “não”? — Ele esperou, desesperadamente desejoso de ouvir um “não”.

— Sim — disse Struan, deliberadamente. — Usei certos fatos para alcançar um fim calculado.

— Quando eu for Tai-Pan, ingressarei em Struan e Companhia com Brock e Filhos

— disse Culum. — Brock será o primeiro Tai-Pan e eu só assumirei depois dele! Struan ficou em pé, de um salto.

— Aquele filho da mãe não será o Tai-Pan da Casa Nobre. Ele não dirigirá meus navios!

— Não são seus navios. São da companhia. Será Brock só outro peão, para ser usado ou abusado de acordo com seus caprichos?

— Juro por Deus, Culum, eu não entendo você. Você tem toda a sua vida em suas próprias mãos e agora fará a única coisa capaz de destruí-la.

Culum de repente viu o pai com clareza — como homem. Viu a dimensão e a força do rosto castigado pelas intempéries, o cabelo vermelho-dourado e o verde surpreendente dos olhos. E percebeu que seria sempre o instrumento desse homem. Sabia que não poderia nunca combatê-lo, e nem convencê-lo de que a única maneira para ele sobreviver como Tai-Pan seria unir-se a Brock e apostar que Brock deixaria a ele e a Tess em paz.

— Não poderei nunca ser o Tai-Pan da Casa Nobre. Não sou como você — disse, com calma determinação. — Eu não quero ser, e nunca serei. Houve uma batida à porta.

— Sim? — disse Struan, irritado. Lo Chum abriu a porta.

— Soldado quer ver senhor, pode?

— Dentro de um minuto. Culum levantou-se.

— Acho que vou embora e...

— Só uni minuto, Culum. — Struan deu as costas a Lo Chum. — Pode mandar entrar. Lo Chum se abespinhou, cheio de irritação, e abriu mais a porta. O jovem oficial português entrou.

— Boa-tarde, senhor.

— Por favor, sente-se, Capitão Machado. Conhece meu filho, Culum?

Apertaram-se as mãos e o oficial se sentou.

— Como líder dos cidadãos de nacionalidade inglesa, meus superiores pediram-me para lhe comunicar oficialmente o resultado de nossa investigação sobre o assassinato do Senhor Brock — ele começou.

— Pegou os outros? — interrompeu Struan. O oficial sorriu e abanou a cabeça.

— Não, senhor. Duvido que vamos pegar. Passamos o assassino às autoridades chinesas, como é nossa obrigação fazer. Eles o submeteram a uma investigação à sua maneira, que é inimitável. Ele admitiu ser membro de uma sociedade secreta. A Hung Mun. Tríades, creio que a chamam assim. Parece que ele veio para cá, de Hong Kong, há alguns dias. Segundo ele, há uma sede dessa sociedade que floresce no Tai Ping Shan. — O oficial sorriu, outra vez. — Parece também que tem muitos inimigos, senhor Struan. Aquele cabrão declarou que seu... seu filho natural, Gordon Chen, é o líder.

— É a melhor piada que já ouvi em minha vida — disse

Struan, fingindo divertir-se. Mas considerava muito cuidadosamente a possibilidade de ser verdade. E, se for? Ele perguntou a si mesmo. Não sei. Mas é melhor descobrir depressa, de qualquer jeito.

— Os mandarins também se divertiram, assim disseram -•contou-lhe Machado. — De qualquer maneira, infelizmente, o demônio pagão morreu antes de se poder conseguir

o nome do verdadeiro líder. — Acrescentou com desdém. — Declarou ter sido

enviado aqui para assassinar o Sr. Brock obedecendo a ordens do líder. Claro que ele deu os nomes de seus cúmplices, mas também não fazem sentido, como o resto de sua história. Foi um simples roubo. Esses malditos Tríades não passam de bandoleiros. — Ou talvez — ele disse, com agudeza — uma questão de vingança.

— Hein?

— Bom, senhor. O jovem senhor Brock não era... como direi... exatamente admirado em certas áreas de má reputação. Parece que freqüentava um bordel perto do qual foi encontrado. Agrediu brutalmente uma prostituta, há mais ou menos uma semana. Ela morreu anteontem. Acabamos de receber uma queixa contra ele, dos mandarins. Quem sabe? Talvez os mandarins tenham decidido que dente por dente, e tudo não passe de uma forma de desviar a atenção. Sabe como eles são tortuosos, em sua maneira de agir. Talvez seja bom que esteja morto, porque teríamos de tomar medidas embaraçosas para todos. — Ele se levantou. — Meus superiores, é claro, enviarão um relatório oficial a Sua Excelência, já que um cidadão de nacionalidade inglesa foi envolvido.

Struan estendeu-lhe a mão.

— Quer agradecer a eles em meu nome? E será que tudo isso não poderia ser silenciado? Quero dizer, a parte referente à prostituta. Meu filho é casado com a irmã dele, e gostaria de proteger o nome dos Brocks. Tyler Brock é um antigo sócio.

— Entendo — disse o oficial, com um tom ligeiramente irônico. Deu uma olhada em Culum. — Parabéns, senhor.

— Obrigado.

— Mencionarei sua sugestão a meus superiores, Sr. Struan. Tenho certeza de que eles avaliarão a delicadeza de sua posição.

— Obrigado — disse Struan. — Se pegar os outros, a recompensa ainda vale.

O oficial bateu continência e saiu.— Obrigado por sugerir aquilo — disse Culum. — O que iria acontecer com Gorth?

— Ele teria sido enforcado. Existem sólidas leis inglesas referentes a assassinato.

— Seria irônico, se essa história fosse verdadeira.

— Hein?

— Gordon Chen e a sociedade secreta. Se, realmente, você não teria planejado o desafio a Gorth porque já combinara secretamente que ele fosse assassinado.

— É uma terrível acusação. Terrível.

— Não o estou acusando — disse Culum. — Eu simplesmente disse que seria irônico. Sei que você é o que é; qualquer assassinato que cometer terá de ser abertamente, de homem para homem. Esta é a maneira como a mente do Tai-Pan funcionaria. Mas a minha, não. Nunca serei assim. Estou cansado de colocar pessoas em armadilhas e usálas. Você precisa me suportar como puder. E, se sua Casa Nobre morrer em minhas mãos... bom, para usar suas próprias palavras, é uma questão de pagode. Seu prestígio está salvo. Você partirá como o Tai-Pan, aconteça o que acontecer em seguida. Jamais o entenderei e você jamais me entenderá, mas podemos ser amigos, mesmo assim.

— Claro que somos amigos — disse Struan. — Só uma coisa... prometa que nunca se unirá a Brock.

— Quando eu for Tai-Pan, terei de fazer o que achar melhor. A decisão não caberá mais a você. É a lei que você criou e à qual eu jurei obedecer.

Da praia, vieram ruídos. Em alguma parte, à distância, os sinos de uma igreja começaram a bimbalhar.

— Vai jantar conosco esta noite? No clube?

— Sim. Culum partiu. Struan permaneceu à sua escrivaninha. Como posso inflamar Culum?, perguntou a si mesmo.

Não conseguia imaginar uma resposta. Mandou buscar seu secretário e tomou providências no sentido de que todos os negócios da companhia fossem concluídos antes de sua volta para Hong Kong. Saiu do escritório e, a caminho da casa de May-may, pensou em Brock. Será que ele vai invadir o clube furioso, esta noite, como Gorth fez?

Struan parou por um momento, e olhou para o mar. O White Witch e o China Cloud estavam lindos, ao sol da tarde. Seus olhos vaguearam por Macau, e viu a catedral. Por que aquele bispo diabólico não deu um preço justo para a casca de árvore? Seja justo você próprio, Dirk. Ele não é nenhum demônio. Sim, mas prendeu você numa armadilha. Agora, você jamais o esquecerá, pelo resto de sua vida — e fará todo tipo de favores à igreja. É aos demônios católicos. Serão mesmo demônios? Vamos ver a verdade.

Não. O único demônio que você conhece é Gorth, e Gorth está morto — liquidado. Graças a Deus! Sim.

Gorth está morto. Mas não esquecido.

LIVRO VI
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

O China Cloud soltou as amarras ao amanhecer. O mar estava calmo e o vento era firme e vinha do leste. Mas, após duas horas no mar, a brisa se tornou mais fresca e Struan deixou May-may na cabina grande e foi para o convés.

Orlov examinava o céu. Estava claro no horizonte mas, lá longe, reuniam-se algumas nuvens cúmulos.

— Não há perigo ali — disse.

— Também não há nada errado lá — disse Struan, com um gesto em direção ao mar.

Caminhou pelo convés e, depois, balançou-se nos cabos do mastro dianteiro. Subiu com facilidade, o vento puxando-o agradavelmente, e só parou quando segurava as adriças do mastaréu de joanete, no alto do mastro dianteiro.

Examinou o céu e o mar, procurando meticulosamente os ventos ou tempestades que poderiam estar à espreita, o recife escondido ou o baixio não mapeado. Mas não havia nenhum sinal de perigo no horizonte.

Por um momento, deixou-se gozar a velocidade, o vento, a ausência de limites, abençoando seu pagode pelo vida e por May-may. Ela estava muito melhor — ainda muito fraca, porém forte, em comparação com a véspera.

Examinou todo o cordame à vista, procurando ver se havia danos ou fraquezas e, depois, desceu pelas cordas e voltou para o tombadilho. Uma hora mais tarde, o

vento refrescou outra vez e o clíper adernou mais, fazendo a espuma bater nas velas mais baixas.

— Ficarei satisfeito ao voltar ao porto esta noite — disse Orlov, contrafeito.

— Sim. Você também está sentindo isso?

— Não sinto nada. Só que ficarei satisfeito ao chegar ao porto esta noite. — Orlov cuspiu a barlavento e substituiu seu naco de fumo. — O mar está tranqüilo, o vento tranqüilo, o céu está limpo... mas, mesmo assim, há alguma coisa horrível preparando-se.

— Tem Sempre alguma coisa em preparo nessas águas.

— Com sua permissão, vamos rizar as velas e mandarei o prumador ir dando as profundidades. Talvez seja apenas um baixio, um maldito rochedo por aí. — Orlov estremeceu e fechou mais seu casaco de marinheiro, embora o dia estivesse quente e o vento calmo.

— Sim. Então o prumador foi mandado para a frente, e mediu as profundidades. E a tripulação subiu pelo cordame e diminuiu a pressão sobre as velas do China Cloud.

No fim da tarde, o navio estava salvo na entrada do canal oeste. A Ilha de Hong Kong encontrava-se a bombordo, o continente a estibordo. Uma viagem perfeita, sem nenhum incidente.

— Talvez nós estejamos apenas ficando velhos — disse Struan, com uma risada curta.

— Quanto mais velho se fica, mais o mar quer levar-nos — disse Orlov, sem rancor, olhando para o oceano, à popa. — Se não fosse pelo meu belo navio, eu

me demitia hoje. Struan caminhou para o timão.

— Vou substituir você por um turno, timoneiro. Vá para a frente.

— Sim, sim, senhor. — O timoneiro deixou-os a sós no tombadilho.

— Por que? — Struan perguntou a Orlov.

— Sinto que o mar me observa. Está sempre observando um marinheiro, testando-o. Mas chega um tempo em que o observa de maneira diferente, com ciúme, sim, com ciúme, pois o mar é uma mulher. E perigosa. — Orlov cuspiu por sobre a amurada o naco de fumo e lavou a boca com o chá frio que havia na bolsa de lona perto da bitácula. — Eu não tinha nunca agido como padre e nem casado ninguém, antes. Foi mortalmente estranho... estranho, Olhos Verdes, olhar aqueles dois, tão jovens, ansiosos e confiantes. E ouvi-lo falar igual a você, inchado como um pavão, ele estava. “Por Deus, Orlov, você vai nos casar, por Deus! Sou o capitão do *China Cloud*, por Deus! Você conhece a lei do Tai-Pan, por Deus!” E ali estava eu, arengando e esbravejando, terrivelmente relutante, de modo a dar a ele prestígio, mas sabendo, o tempo todo, que o velho Olhos Verdes era quem mexia os cordéis. — Orlov deu uma risadinha e olhou para Struan. — Mas agi muito bem e deixei que ele me comandasse... como você queria que eu fosse comandado. Foi como... bom, como meu presente de casamento para o rapaz. Ele lhe contou nosso acordo?

— Não.

— Faça o nosso casamento e você conservará seu navio, por Deus! Se não casar, eu vou tirar você do mar, por Deus!” — Orlov sorriu. — Eu teria casado os dois, de qualquer maneira.

— Eu estava pensando em lhe tirar seu navio, eu mesmo.

O sorriso de Orlov sumiu.

— Hein?

— Estou pensando em reorganizar a companhia... colocar a frota sob o comando de um homem. Gostaria de assumir esse cargo?

— Em terra?

— Claro que em terra. Você pode administrar uma frota do tombadilho de um clíper? Orlov fechou o punho e o estendeu em direção ao rosto de Struan.

— Você é um demônio do inferno! Você me tenta com um poder que vai além dos meus sonhos, para tirar a única coisa que eu amo na terra. Num tombadilho, esqueço quem eu sou. Por Deus, você sabe disso. Em terra, quem sou eu, hein? Stride Orlov, o corcunda!

— Você poderia ser Stride Orlov, tai-pan da mais nobre frota da terra. Eu acho que é trabalho para um homem de verdade. — Os olhos de Struan não se desviaram do rosto do anão.

Orlov deu a volta, foi para a amurada a barlavento e começou a proferir uma torrente de obscenidades em norueguês e russo, que durou minutos. Voltou, pisando forte.

— Quando será isso?

— No fim deste ano. Talvez mais tarde.

— E minha viagem para o norte? À procura de peles? Esqueceu disso?

— Você iria querer cancelá-la, não?

— O que lhe dá o direito de transformar todo mundo em títere? Hein?

— Timoneiro! Venha à popa! — Struan devolveu o timão ao marinheiro, enquanto o *China Cloud* saía do canal para as águas calmas do porto.

Uma milha mais adiante, estava a saliente península de Kowloon. A terra, de cada lado do navio, era barrenta e árida e se esfarinhava rapidamente. A bombordo, mais ou menos uma milha adiante, estava a rochosa ilha que fora chamada de Ponto Norte e formava um promontório. Além do Ponto Norte, invisível daquela posição, estavam o Vale Feliz, o Cabo Glessing e a pequena parte do porto em uso.

— Norte por noroeste — ordenou Struan.

— Norte por noroeste, senhorrr — ecoou o timoneiro.

— Firme para a frente. — Ele olhou para Orlov por sobre seu ombro. — E então?

— Não tenho escolha. Sei quando você decide alguma coisa. Você não me demitiria sem pensar duas vezes. Mas, há condições.

— Quais?

— Em primeiro lugar, quero o *China Cloud*. Por seis meses. Quero voltar para casa.

Pela última vez. — Ou sua mulher e filhos voltam com você ou ficam para trás, disse Orlov a si mesmo. Ficarão, e vão cuspir em sua cara, e mandarão você para o inferno e você desperdiçará seis meses de vida de um navio.

— Combinado. Logo que tiver aqui outro clíper, o *China Cloud* será seu. Você trará de volta uma carga de peles. Qual a outra?

— A outra, Olhos Verdes, é sua lei: quando você está a bordo, é capitão. Quero a mesma coisa.

— Combinado. E a outra?

— Não há “outra”.

— Não discutimos dinheiro.

— O dinheiro que vá para o inferno! Serei tai-pan da frota da Casa Nobre. O que mais pode um homem desejar?

Struan sabia a resposta. May-may. Mas nada disse. Eles apertaram-se as mãos, selando o acordo e, quando o navio estava a um quarto de milha ao largo de Kowloon, Struan ordenou que o China Cloud entrasse numa amura sudoeste-pelo-sul e se encaminhasse diretamente ao porto.

— Todos os homens ao convés! Apresentem-se! Assuma, Capitão. Coloque-se ao lado do *Resting Cloud*. Nossos passageiros farão o transbordo primeiro. Depois, coloque as âncoras de tempestade.

— Obrigado, Capitão — rosnou Orlov. — É bom estar no porto, por Deus!

Struan observou a terra com seu binóculo. Agora, via as profundezas do Vale Feliz: prédios abandonados, nenhum movimento. Moveu as lentes, ligeiramente, e ajustou o foco, fazendo tornarem-se mais nítidos os locais de construção da nova Cidade da Rainha, em— torno do Cabo Glessing. Os andaimes de sua nova e grande feitoria já estavam erguidos e via cules azafamando-se como formigas: carregando, construindo, cavando. Também já estavam erguidos os andaimes no

outeiro onde ordenara que fosse construída a Grande Casa. E via o estreito e esguio corte da estrada que agora serpenteava morro acima.O Tai Ping Shan crescera apreciavelmente. Onde havia algumas poucas centenas de sampanas, indo e vindo do continente, agora havia mil.

Mais navios de guerra e de transporte estavam ancorados, além de mais alguns poucos navios mercantes. Casas, barracos e abrigos temporários alastravam-se pela fita da Estrada da Rainha, que marginava a praia. E toda a faixa da praia próxima à arrebentação pulsava de atividade.

O China Cloud saudou a nau capitania, enquanto contornava o promontório e um canhão disparou em resposta.

— Sinal da nau capitania, senhorrr! — gritou o vigia. Struan e Orlov viraram seus binóculos para as bandeiras, que diziam: “Pede-se ao Capitão para vir a bordo imediatamente.”

— Quer que eu pare junto? — perguntou Orlov.

— Não. Ponha o escaler ao lado, quando estivermos à distância de duas correntes. Você é responsável pelo transbordo de meus passageiros para o *Resting Cloud* com segurança. Sem olhos de intrusos vendo o que não devem.

— Pode deixar por minha conta. Struan foi para baixo e disse a May-may que a veria logo, e fez com que ela, Ah San e Yin-hsi se preparassem para o transbordo.

Os olhos de Orlov percorreram rapidamente o navio. Um emprego em terra, hein? Bom, veremos. Há muitas léguas para viajar ainda, disse a si mesmo. Que o demônio o leve. Sim, mas eu enfrentaria o próprio demônio por Olhos Verdes — cria de Odin. Ele precisa de um homem como eu. Mas tem razão, novamente.

Aquele é um cargo para homem. Esse pensamento o animava muito.

— Fiquem ativos! — rugiu para a tripulação, sabendo que muitos binóculos estariam fixados neles, e manteve a vela a todo pano, avançando, despreocupadamente, em direção à nau capitania. Seu coração cantou com o cordame e, depois, no último minuto, gritou: — Timão a sotavento! — e o navio deu a volta, atirando-se em seguida para a frente, sem fôlego, como um sabujo a perseguir uma ninhada de perdizes.

Baixaram o escaler e Struan desceu pelas cordas. Quando o cúter se afastou, o *China Cloud* mudou de direção alguns pontos, colocando-se com perfeição ao lado do *Resting Cloud*.

— Todos os homens para baixo! — ordenou Orlov. — Desocupe o convés, Sr. Cudahy. O nosso e o deles. Estamos baldeando uma carga que não precisa ser contada, por Deus!

***

Struan abriu a porta da cabina principal da nau capitania.

— Por Deus, Dirk! Estamos todos arruinados — disse Longstaff todo agitado, aproximando-se dele a acenar com um exemplar do Oriental Times em seu rosto. — Já viu isso? Arruinados! Arruinados!

Struan pegou o jornal. A manchete, na página editorial interna, era imensa: Ministro de Relações Exteriores Repudia os Comerciantes na China.

— Não, Will! — disse.

— Por tudo que é sagrado, como ousou ele fazer uma coisa tao estúpida, hein? Que louco idiota! O que vamos fazer?

— Deixe-me ler, Will. Então verei de que se trata.

— O idiota do Cunnington repudiou nosso tratado. É disso que se trata. E eu estou demitido! Substituído! Eu! Como ele ousa? Struan ergueu as sobrancelhas e assobiou.

— Não foi informado ainda através de despacho?

— Claro que não! Quem diabo informa o plenipotenciário, hein?

— Quem sabe se não é tudo falso?

— Aquele sujeito, o Skinner, jura que é verdade. É melhor que seja, do contrário eu o processarei, por Deus!

— Quando saiu isso, Will?

— Ontem. Como diabo esse obeso e fedorento peralvilho Skinner pôs suas mãos gordas e sujas num despacho secreto que eu nem sequer recebi ainda? Devia ser chicoteado! — Serviu-se de uma taça de Porto, esvaziou-a e se serviu de outra. — Não dormi um só minuto, a noite passada, preocupado com o nosso futuro na Ásia. Leia isso. Maldito Cunnington!

Enquanto Struan lia, descobriu que começava a ferver. Embora o artigo apresentasse, ostensivamente, os fatos amplos, e documentasse o despacho palavra por palavra, como Cross escrevera para ele, o editorial de Skinner

implicava que Cunnington, bem conhecido pela sua maneira imperiosa de tratar as questões estrangeiras, repudiara totalmente não só o próprio tratado, mas toda a experiência da comunidade comercial, e também da Marinha Real e do Exército: “Lord Cunnington, que nunca esteve a leste de Suez, arvora-se em perito para opinar sobre o valor de Hong Kong. Muito provavelmente não sabe se Hong Kong fica ao norte ou ao sul de Macau, a leste ou a oeste de Pequim. Como ousa sugerir que o Almirante de nossa gloriosa frota é um saco de vento e nada sabe sobre marinharia e o valor histórico de maior porto da Ásia? Onde estaríamos nós, sem a Marinha Real? Ou o Exército, ambos igualmente desprestigiados — não, insultados – pela estúpida e equivocada maneira de tratar os nossos assuntos? Sem Hong Kong, onde nossos soldados encontrariam um refúgio, ou ossos navios um santuário? Como ousa esse homem, que está seu posto há demasiado tempo, dizer que, com toda sua experiência, todos os negociantes que, honradamente, investiram seu futuro e sua riqueza em Hong Kong são idiotas? Como ousa sugerir que essas pessoas, cuja vida foi passada na China, para a glória da Inglaterra, nada sabem a respeito dos negócios chineses, do imenso valor de um porto livre, de um empório comercial e uma ilha fortificada... — E o artigo avaliava a ilha e descrevia como, com grande risco para si próprios, os negociantes desenvolveram o Vale Feliz, e como, ao terem de abandoná-lo, destemidamente começaram a nova cidade, para a glória da Grã-Bretanha. Era uma peça magistral de manipulação de notícia.

Struan escondeu seu encanto. Sabia que, se ele — que introduzira a história — podia ser atiçado pelo editorial, outros iriam à violência.

— Estou chocado! Que ele tivesse ousado! Cunnington devia ser destituído!

— É exatamente o que eu penso! — Longstaff esvaziou seu copo outra vez, e bateu o na mesa. — Bom, agora estou demitido. Todo o trabalho, o suor, as conversas, a guerra... tudo por água abaixo, por causa daquele autoritário e precipitado maníaco, que acredita ser o dono do mundo.

— Ele não vai conseguir levar isso a cabo, Will! Temos de fazer algo com ele! Não conseguirá levar isso a cabo!

— Já conseguiu, por Deus! — Longstaff levantou-se e caminhou pela cabina, e Struan sentiu uma ponta de piedade por ele.

— O que vai acontecer? Minha carreira está arruinada... todos estamos arruinados!

— O que você fez com relação a isso, Will?

— Nada. — Longstaff olhou para fora, pelas vigias da cabina.

— Essa maldita ilha é a origem de todos os meus problemas. Esse rochedo do inferno me destruiu. Destruiu a todos nós! — Ele se sentou, soturnamente. — Ontem, quase houve um motim. Uma delegação de comerciantes veio aqui e pediu que eu me recusasse a partir. Outra, comandada por Brock, pediu que eu partisse da Ásia imediatamente, com a frota, e me apresentasse em Londres para pedir o impeachment de Cunnington e, se necessário, bloqueasse o porto de Londres. — Ele apoiou o queixo nas mãos. — Bom, a culpa foi minha. Eu deveria ter seguido minhas instruções ao pé da letra. Mas isso não teria sido certo. Não sou um conquistador sedento de poder, querendo tomar todas as terras. Maldito seja tudo! — Ele ergueu os olhos, o rosto retorcido de humilhação. — O almirante e o general estão encantados, é claro. Quer uma bebida?

— Obrigado. — Struan serviu-se de um conhaque. — Nem tudo está perdido, Will. Pelo contrário. Ao chegar a nosso país, você pode colocar em ação sua influência.

— Hein?

— O que você fez aqui está certo. Você poderá convencer Cunnington, se ele ainda estiver ocupando o cargo. Cara a cara, você estará em posição muito forte. Tem a razão do seu lado. Definitivamente.

— Você já encontrou Cunnington? — perguntou Longstaff, amargamente. — Não se discute com aquele monstro.

— É verdade. Mas eu tenho alguns amigos. Vamos dizer que você tivesse uma chave para provar que estava certo e ele errado?

Os olhos de Longstaff brilharam. Se Struan não se mostrava preocupado com a terrível notícia, nem tudo estava perdido.

— Que chave, meu caro amigo? — perguntou.

Struan saboreava seu conhaque.

— Os diplomatas são permanentes, os governos mudam. Antes de você chegar à Inglaterra, Peel será Primeiro-Ministro.

— Impossível!

— Provável. Digamos que você leve notícias da mais alta importância, provando que Cunnington é um idiota. Como Peel e os Conservadores iriam encarar você?

— Admiravelmente. Puxa vida! Que notícias, Dirk, meu amigo?

Houve uma confusão do lado de fora da porta, e Brock invadiu a sala, embora uma desafortunada sentinela tentasse, inutilmente, detê-lo. Struan ergueu-se, num átimo de segundo, pronto para puxar a faca.

O rosto de Brock estava inchado de ódio.

— Eles estão casados?

— Sim.

— Gorth foi assassinado?

— Sim.

— Quando deverá chegar o *White Witch*?

— Antes do entardecer, eu acho. Estava programado para partir no meio da manhã.

— Primeiro, falarei com Liza. Depois, com os dois. Então, em nome do Senhor, virei falar com você. — Saiu furioso.

— Que patife mal-educado! — Longstaff estava ofendido. — Poderia ter, pelo menos, batido à porta.

Struan relaxou como um gato relaxaria, depois de um perigo passar — os músculos se afrouxando, prontos para se enrijecerem outra vez, diante da próxima ameaça, mas os olhos imutáveis, ainda observando onde estava o perigo.

— Você nada tem a temer de Cunnington, Will. Ele está liquidado.

— Sim, claro, Dirk. E que bons ventos o levem! — Olhou para a porta, lembrou-se da luta e sentiu que a luta entre Dirk e Brock seria igualmente rancorosa. — O que Brock tem em mente, hein? Será que ele vai desafiar você para um duelo? Claro que ouvimos falar de sua briga com Gorth. As más notícias costumam circular rapidamente, não é? Que coisa terrível! Foi uma tremenda sorte que ele tivesse sido morto por outros.

— Sim — disse Struan. Agora que o perigo passara, ele sentia-se ligeiramente enjoado e fraco.

— O que deu naqueles dois jovens idiotas, para fugirem assim? É lógico que Brock só poderia ficar louco. Estupidez!

— Não foi estupidez, Will. Era a melhor coisa que podiam fazer.

— Claro. Se você diz que era. — E Longstaff ficou imaginando se os rumores eram verdadeiros: de que o Tai-Pan, deliberadamente, precipitara o casamento e o duelo. O Tai-Pan era esperto demais para não ter planejado isso, disse a si próprio. Então, Tai-Pan versus Brock. — E Peel, Dirk?

— Você é um diplomata, Will. Os diplomatas não devem ter ligações partidárias específicas. Pelo menos, deveriam ter boas relações com todos os partidos.

— É exatamente o que eu penso. — Os olhos de Longstaff se arregalaram. — Você quer dizer que eu devo tornar-me um Conservador... apoiar Peel?

— Apoiar igualmente os Whigs e os Conservadores. Hong Kong é bom para a Inglaterra. Você é Hong Kong, Will. Talvez isto — Struan agitou o papel — seja um grande golpe de sorte para você. Prova que Cunnington não só é um idiota, mas também um falador. É chocante ler um despacho particular nesse jornal. — Depois, falou-lhe da pasta de documentos, mas só o suficiente para deixar Longstaff tonto.

— Bom Deus!

Se, como o Tai-Pan sugeria, havia uma cópia do verdadeiro relatório secreto, com mapas de áreas de fronteira entre a Rússia e a China, e do interior, por Deus, isso seria um passaporte para um posto de embaixador e um cargo de nobreza.

— Onde a conseguiu?

— De uma fonte acima de qualquer suspeita. — Struan levantou-se. — Eu colocarei a pasta em suas mãos, antes de você partir. Use-a como quiser. Certamente, provará que você tem razão e Cunnington está errado, além de tudo o mais.

— Jantará comigo, Dirk? — Longstaff não se sentia tão bem há anos. — Podemos conversar a respeito dos velhos tempos.

— Hoje à noite, não, desculpe-me. Quem sabe, amanhã?

— Ótimo. Obrigado. E estou muito satisfeito por nossos pontos de vista terem sido comprovados.

— E, finalmente... há uma outra coisa que necessita de atenção imediata. Os Tríades.

— Hein?

— Gorth Brock foi assassinado pelos Tríades de Hong Kong. Do Tai Ping Shan.

— Puxa vida! Por quê?

— Não sei.

Struan contou o que o oficial português lhe contara sobre os Tríades. E sobre Gordon Chen. Sabia que tinha de dar a Longstaff esta informação pois, do contrário, iria parecer que tentara proteger seu filho, quando fosse oficialmente

divulgada. Se Gordon estivesse envolvido com a sociedade, isto iria afastá-lo. Caso contrário, não haveria nenhum prejuízo.

— Ora essa — disse Longstaff, com uma risada. — Uma história ridícula.

— Sim, espalhada por meus inimigos, não há dúvida. Mas faça uma proclamação a respeito dos Tríades e ordene ao Major Trent para esmagá-los. De outra maneira, teremos os malditos mandarins atrás de nós.

— Boa idéia. Excelente, por Júpiter! Vou chamar Horatio... ora bolas, eu o mandei a Macau, numa folga de duas semanas. Você me cederia Mauss?

— Claro. Eu o mandarei procurá-lo.

Quando Struan partiu, Longstaff sentou-se, entusiasmado, à sua escrivaninha.

— Meu caro Sir William — ele disse para seu copo. — Eu me sinto ótimo. Para dizer a verdade, estou felicíssimo por deixar essa ilha fedorenta. Não dou a mínima para o que vai acontecer com ela... com os negociantes, os chineses ou os malditos Tríades. — Foi à janela e começou a rir. — Veremos o que a pasta contém. E quando voltarmos para a Inglaterra decidiremos. Se Cunnington cair, poderemos voltar com segurança para Hong Kong, e levando vantagem. Se Cunnington continuar, posso concordar que ele está certo e jogar a ilha no lixo, como uma coisa à-toa. Porque terei os documentos, uma chave para a alcova de qualquer Ministro de Relações Exteriores, e terei também uma porção de chá.

— Estourou de rir. Fazia alguns dias, um emissário particular, Ching-So viera vê-lo, para lhe dizer que as sementes pedidas Horatio poderiam ser embarcadas dentro de duas semanas. — Acho que teve um belo dia de trabalho, Excelência!

***

À bordo do *Resting Cloud*, Struan encontrou May-may já na cama, em seus próprios alojamentos, com excelente aspecto e ainda mais

— Estou muito satisfeita por me encontrar em casa, Tai-Pan. Você viu, não é? Sua velha mãe obedece como um marinheiro. Tomei duas xícaras de cinchona e estou preparada para mais três.

— Hein? — ele disse, com uma repentina suspeita.

— Ora, é a pura verdade. E não me olhe assim. Estou falando-, sério! Será que sou uma prostituta Hoklo? Uma miserável mendiga? Tenho cara de quem mente? Promessa é promessa, e não esqueci. Claro — ela acrescentou, com doçura — agora eu tomo o veneno com gosto de esterco misturado com suco de manga, coisa de que qualquer mulher normal se lembraria imediatamente, mas não os homens, ah, meu Deus, não... seria simples demais. — Ela ergueu a cabeça, com seu antigo ar imperioso. — Os homens!

Struan disfarçou o sorriso e o prazer de ver que ela voltara a ser como antes. — Retornarei mais tarde. E você fique na cama.

— Ora! Será que deixo de cumprir promessa? Será que sou um esterco inútil de tartaruga? — Estendeu a mão, como uma imperatriz. — Tai-Pan! Ele beijou-lhe a mão, com galanteria, e ela explodiu em risos e o abraçou.

— Vá, meu filho, mas nada de sujos bordéis!

Struan deixou-a, e foi para sua própria cabina. Destrancou seu cofre e tirou da pasta uma das duas cópias dos documentos e mapas, que mandara fazer

meticulosamente. Colocou-os no bolso, com os pequenos sacos que continham os restos da casca de cinchona.

Entrou outra vez em seu escaler.

— Boston Princess — ordenou, dando o nome do pontão de Cooper-Tillman.

O sol morria no horizonte, mas tinha um brilho opaco, como se um véu tivesse sido puxado através do céu.

— O que acha disso, Mestre?

— Não sei, senhorrr. Vi tempo assim nos Mares do Sul, antes de clima bom e de tempestade. Se a lua tiver um anel em torno esta noite, então talvez vá chover, por um período.Ou coisa pior. Struan acrescentou para si mesmo. Levantou-se e olhou para o canal oeste. Não havia sinal do White Witch. Bom, cogitou, talvez permaneçam fora e voltem ao amanhecer. Não vou pensar a seu respeito ainda, Tyler.

O escaler parou ao lado do Boston Princess. Era um navio mercante adaptado, de grandes dimensões e três conveses, permanentemente ancorado. Struan subiu correndo a prancha de desembarque.

— Permissão para subir a bordo — disse ao oficial americano que se encontrava no convés. — Talvez o Sr. Cooper queira receber-me. É urgente.

— Só um minuto, Sr. Struan. — O oficial foi para baixo. Struan acendeu um charuto e atirou o fósforo por sobre a amurada. O China Cloud passava ao largo, encaminhandose para sua amarração, que ficava em águas profundas, em frente ao Vale Feliz.

— Olá, Tai-Pan — disse Jeff Cooper, chegando rapidamente ao convés. —

Suponho que tenha ouvido dizer o que fez aquele estúpido filho da mãe do Cunnington? Ficamos muito sentidos ao saber do duelo, e todo o resto. Aqueles dois jovens loucos fugiram?

— Sim. Como vai Wilf?

— Morreu.

— Maldição! Quando morreu?

— Há três dias.

— Vamos para baixo, hein?

— Está bem. O que achou da demissão de Longstaff e do repúdio ao tratado?

— Não significa nada. Apenas um estúpido erro político. Tenho certeza de que será corrigido.

Cooper mostrou o caminho até embaixo. A cabina principal era luxuosa.

— Conhaque?

— Obrigado. — Struan aceitou a bebida. — Saúde!

Struan abriu a pequena bolsa e tirou um pouco da cinchona.

— Está vendo isso, Jeff? É uma casca de árvore. Casca de cinchona. Algumas vezes chamada casca de árvore dos jesuítas. Com ela se faz um chá que cura a malária.

— Tem certeza?

— Sim. Curei minha amante. Esta revelação é particular... mas cura com certeza. Cooper pegou um pedaço da casca, com os dedos trêmulos.

— Ah, meu Deus, Tai-Pan, percebe o que fez? Percebe o que está dizendo?

— Sim. A malária existe no mundo inteiro... vocês têm a doença nos Estados Unidos por toda a Flórida e no território da Louisiana. Conheço a cura e como obter a casca de árvore. O que isso leva você a pensar?

— Trata-se de um serviço prestado à humanidade e representa uma fortuna para quem conseguir a casca primeiro.

— Sim, rapaz. Estou propondo uma sociedade. — Struan colocou a casca outra vez na bolsa, repentinamente triste. — É irônico, não? Há poucas semanas, isto poderia ter salvo Robb e a pequena Karen... e todos os outros, até Wilf, embora eu o desprezasse.

— Ele teve uma morte terrível — disse Cooper.

— Sinto muito. — Struan provou o conhaque e esqueceu o passado — Minha proposta é simples. Formamos uma nova companhia especializada na casca. Colocamos dinheiro em proporção igual. Quatro diretores... você, um designado seu, eu e Culum. Você administra a companhia. Eu forneço os dados referentes a onde, e como, e o que fazer de imediato, e você começa a planejar amanhã.

Cooper estendeu a mão.

— Negócio feito.

Struan contou-lhe onde obtivera a casca, de quem, e a respeito do navio que fretara e ia partir de Macau no dia seguinte, para o Peru.

— O bispo mandou dizer que o Padre Sebastião seguirá a bordo. Proponho a parceria, e não nos arriscaremos. Os custos dessa embarcação serão debitados da companhia e enviaremos outro navio... mas diretamente da América. Contrataremos dois médicos e dois homens de negócios para irem no navio e descobrirem tudo que puderem a respeito da cinchona. No dia em que partir o navio dos Estados Unidos, divulgaremos a notícia lá, usando suas relações. Estaremos um passo à frente de nossos concorrentes e cumpriremos minha aposta com o bispo. Divulgaremos a notícia aqui imediatamente, para afastar a maldição do Vale Feliz. E, logo que possível, na Europa. Quando nossos navios tiverem voltado, médicos no mundo inteiro estarão gritando por cinchona. Meus navios transportarão a mercadoria para o Império Britânico... você toma conta do continente americano... e dividiremos o resto do mundo. Podemos vender toneladas do produto só no sul da Itália.

— Quem mais sabe a respeito disso?

— Só você. Hoje. Vou dar a Skinner uma matéria a respeito esta noite, se conseguir encontrá-lo. Então, o assunto negócios está encerrado. Como vai Shevaun?

— Bem e mal. Aceitou o fato de que está prometida. Mas tenho de admitir, por mais que eu a ame, que ela não me ama.

— Vai comprar os interesses de Tillman?

— Se Shevaun casar comigo, não. Se ela não tivesse concordado... bom, seria um mau negócio não fazer isso. Agora que Wilf está morto, preciso encontrar um outro sócio. Isto significará uma participação nas ações... sabe muito bem dos problemas.

— Sim. O que foi feito de Zergeyev?

— Ah, ele ainda está aqui. O quadril já não o incomoda tanto. Nós o vemos muitas vezes. Jantamos com ele duas ou três vezes por semana. — Cooper sorriu, polidamente.

— Ele é muito ligado a Shevaun e ela parece apreciá-lo. Está fazendo uma visita a seu navio, agora. Struan esfregou o queixo, especulativamente.

— Então, tenho outro jogo para você. Mais perigoso do que a cinchona.

— Qual?

— Mande Shevaun para casa, por um ano. Dê a ela o poder de decisão... é uma puro-sangue. Se quiser voltar no fim de um ano, você se casará com ela, feliz. Se decidir contra você, dê-lhe liberdade. De qualquer maneira, diga-lhe que continuará a pagar a seu pai sua “parcela”, durante toda a vida dele. Quanto aos irmãos dela, que vão para o inferno. Não esqueça, podemos tirar vantagem das ligações do Senador Tillman, em nosso negócio da cinchona. O dinheiro que lhe dá renderá juros.

Cooper aproximou-se de sua escrivaninha para pegar os charutos e para dar tempo a si mesmo. Por que estaria o Tai-Pan sugerindo isso? Será que planejaria ele próprio ir atrás de Shevaun? Não, não havia necessidade de ser tão tortuoso: bastaria acenar, para Shevaun ir correndo.

— Tenho de pensar a respeito disso, Tai-Pan — disse. — Quer um charuto?

— Não, obrigado. E, enquanto estiver considerando isso, acrescente um novo jogo. Peça a Zergeyev para oferecer a ela passagem para os Estados Unidos em seu navio... acompanhada, claro.

— Você está louco!

— Não, rapaz. — Struan apresentou a cópia dos documentos, bem amarrados com uma fita verde. — Por favor, leia isso. Cooper pegou os papéis.

— O que é isso?

— Leia. Não tenha pressa.

Cooper sentou-se à sua escrivaninha e desamarrou a fita.

Bom, Struan dizia a si próprio, a cinchona está lançada. E Culum? Talvez o rapaz tenha razão, ele precisa de um sócio. Jeff é a solução. Struan-Cooper-Tillman. Pelo menos, Struan-Cooper; podemos esquecer Tillman, agora. Por que não? É uma grande vantagem para Jeff. Ganhamos uma vantagem com as Américas. Jeff é hábil e honesto. Pense a respeito disso com cuidado. É uma boa saída. Longstaff? Já foi mais bem cuidado do que nunca, em sua vida. Quando se afastar de você, fará só o que o próximo homem forte lhe disser. E Skinner? Até agora, agiu bem. Blore? É preciso ver o que anda fazendo. Mauss também. E depois? Depois, é ir para casa, ver May-may. Talvez Orlov tivesse razão. Talvez você só estivesse sentindo o mar a espiá-lo — teve um bom trabalho para ganhar seu dinheiro. Não ponha de lado sentimentos assim sem lhes dar nenhuma importância.

Inexoravelmente, sua mente se voltou para Brock: sim. Há um assassinato para ser cometido. E Liza tinha razão. Quando começa, talvez nunca termine. Ou terminará com ambos.

— Será que isso é verdadeiro?

— A fonte poderia ser classificada como “acima de qualquer suspeita”. O que acha disso?

— É diabólico. Zergeyev, obviamente, é um dos homens enviados para investigar a “esfera britânica de influência” na Ásia, e estudar os meios de emigração para o Alasca russo. — Cooper ficou pensando, por um momento. Depois, disse: — O que faremos com relação a isso? Bom, seguindo sua linha de pensamento: Shevaun. Zergeyev ficaria encantado em escoltá-la à América. Ela o seduz, deliberadamente, ou sem saber, e o leva para Washington. Seu pai, que é a pessoa indicada para receber isso tudo, claro, diz a Zergeyev, em particular, que os Estados Unidos estão aborrecidos com os russos e querem que vão embora. A Doutrina de Monroe e tudo mais. É isso que tem em mente?

— Você é um homem esperto, Jeff.

— Essas informações fazem Lord Cunnington parecer um idiota.

— É verdade.

— E evidenciam a necessidade, e a importância vital, de Hong Kong.

— Sim.

— Agora, temos a decidir como levar essas informações, de maneira imediata e segura, às mãos do senador. Ele verá sua cotação crescer enormemente nos círculos políticos, por causa delas, e procurará tirar todo o proveito. Deveremos arriscar-nos a deixar Shevaun inteirar-se dessa história ou, simplesmente, dar-lhe uma cópia do dossiê para levar a seu pai?

— Eu não a deixaria ler o dossiê, e nem mesmo lhe diria o que contém. Afinal de contas, ela é uma mulher. As mulheres tendem a fazer coisas imprevisíveis. Ela pode apaixonar-se por Zergeyev. Então jogará no lixo os Estados Unidos da América porque a lógica da fêmea diz que ela precisa proteger seu companheiro, sem levar em conta pátria, ou seja lá o que for. Seria desastroso, se Zergeyev soubesse que estamos a par do conteúdo do dossiê.

— Gostaria de pensar a respeito de tudo isso — disse Cooper Amarrou a pasta e devolveu-a. — Soa um tanto pomposo, Tai-Pan, mas meu país saberá lhe agradecer.

— Não quero agradecimentos, Jeff. Talvez ajudasse, se o Senhor Tillman e outros diplomatas começassem a ridicularizar os ridículos equívocos de Lord Cunnington em nossa área.

— Sim. Pode considerar como feito. A propósito, você me deve vinte guinéus.

— A troco de quê?

— Não se lembra de nossa aposta? Sobre quem seria a mulher que posava nua? No primeiro dia, Dirk. A pintura de Aristotle mostrando a cessão da ilha fazia parte da aposta, não se lembra?

— Sim. Quem era ela? — perguntou Struan. Vinte guinéus não são muito contra a honra de uma dama, pensou. Sim, mas, diabo, eu gostava daquela pintura.

— Shevaun. Ela me disse, há dois dias... disse que ia mandar fazer uma pintura de si mesma. Como a Duquesa de Alba.

— Você vai deixar?

— Não sei. — O rosto de Cooper se enrugou num pálido sorriso e perdeu, por um momento, sua angústia habitual. — A viagem marítima impediria isso, não é?

— No caso daquela moça, não. Vou mandar a bolsa para bordo amanhã. Segundo me lembro, o perdedor deveria mandar Aristotle pintar o vencedor, também. Está feito.

— Talvez você queira aceitar a pintura. Como um presente. Vou mandar Aristotle pintar nós dois, hein?

— Bom, obrigado. Sempre gostei daquela pintura. Cooper fez um sinal em direção aos documentos.

— Vamos falar com mais calma a respeito disso, amanhã. Esta noite eu decidirei se mando ou não Shevaun. Struan pensou a respeito de amanhã. Devolveu os documentes a Cooper.

— Coloque em seu cofre. É uma questão de segurança.

— Obrigado. Obrigado por confiar em mim, Tai-Pan.

***

Struan foi para terra, dirigindo-se ao escritório provisório que mandara construir em seu novo terreno junto ao mar. Vargas esperava-o.

— As notícias ruins primeiro, Vargas.

— Há um informe de nossos agentes, senhor, em Calcutá.

Parece que o Gray Witch estava com três dias de vantagem do Blue Cloud, de acordo com as últimas informações.

— Qual a próxima?

— Os custos da construção estão imensos, senhor. Com o editorial de ontem, mandei parar todo o trabalho. Talvez devêssemos reduzir nossas perdas.

— Continue imediatamente o trabalho’ e dobre nossa força de operários, amanhã.

— Sim, senhor. As notícias da bolsa de valores da Inglaterra são ruins. O mercado está muito nervoso. O orçamento não se equilibrou ainda e estão previstos problemas financeiros.

— Isso é normal. Você não tem alguma calamidade especial para contar?

— Não, nenhuma, senhor. Claro que os roubos são incrivelmente freqüentes. Houve três casos de pirataria, desde que o senhor partiu, e uma dúzia de tentativas. Dois juncos piratas foram capturados e a tripulação publicamente enforcada. Cerca de quarenta a cinqüenta ladrões, assaltantes, e assassinos cortadores de gargantas são chicoteados, toda quarta-feira. É difícil uma noite em que uma casa não seja invadida. É uma tristeza. Ah, a propósito, o Major Trent determinou um toque de recolher para todos os chineses, ao anoitecer. Esta parece ser a única maneira de controlá-los.

— Onde está a Sra. Quance?

— Ainda no pequeno pontão, senhor. Ela cancelou sua passagem para a Inglaterra. Segundo parece, há um boato de que o Sr. Quance ainda se encontra em Hong Kong.

— E é verdade?

— Eu não gostaria de pensar que perdemos o imortal Quance, senhor.

— O que tem andado fazendo o Sr. Blore?

— Está gastando dinheiro como se as pedras de Hong Kong; fossem feitas de ouro. Claro, não é nosso dinheiro — disse Vargas, tentando não mostrar sua desaprovação — mas “fundos do Jóquei Clube”. Pelo que entendi, o clube deverá ser uma entidade-não-lucrativa, e todos os seus lucros serão empregados em corridas, cavalos e assim por diante. — Ele enxugou as mãos num lenço. O dia estava muito úmido. — Ouvi dizer que o Sr. Blore organizou uma briga de galos, sob os auspícios do Jóquei Clube. Struan animou-se.

— Ótimo. Quando será?

— Não sei, senhor.

— E Glessing, o que está fazendo?

— Cumprindo todos os deveres de um mestre do porto. Mas ouvi dizer que está furioso com Longstaff por não ter permitido que fosse a Macau. Há um boato de que será mandado de volta para a Inglaterra.

— Mauss?

— Ah, o Reverendo Mauss. Voltou de Cantão e tem quartos do hotel.

— Por que o “ah”, Vargas?

— Nada, senhor. Apenas outro boato — respondeu Vargas, aborrecido por ter dado com a língua nos dentes. — Bom, parece... claro que nós católicos não aprovamos, e sentimos tristeza porque os protestantes não têm as mesmas crenças que nós, em benefício da salvação de suas próprias almas. De qualquer maneira, ele tem um seguidor querido, um Hakka que se batizou, chamado Hung Hsiu-ch’uan.

— Será que Hung Hsiu-ch’uan tem alguma coisa a ver com a Hung Mun... os Tríades?

— Ah, não, senhor, o nome é muito comum.

— Sim, eu me lembro dele. Um homem alto, com aspecto curioso. Continue.

— Bom, não há muita coisa para contar. Só que ele começou a pregar entre os chineses de Cantão. Sem o consentimento do Reverendo Mauss, e chamando a si próprio de irmão de Jesus Cristo, afirmando que fala com seu pai, Deus, todas as noites. Que é o novo Messias, vai limpar os templos, como seu irmão fez, e uma “porção de outras tolices idolatras. Obviamente, é louco Se não fosse um sacrilégio tão grande, seria muito divertido.

Struan pensou a respeito de Mauss. Gostava dele como homem e tinha pena dele. Depois, lembrou-se outra vez das palavras de Sarah. Sim, disse a si próprio, você usou Wolfgang de diversas maneiras. Mas, em troca, deu-lhe o que ele queria — a oportunidade de converter os pagãos. Sem você, ele estaria morto há muito tempo. Sem você... deixe para lá. Mauss tem sua própria salvação com que se preocupar. Os caminhos de Deus são aparentemente estranhos.

— Quem sabe, Vargas? Talvez Hung Hsiu-ch’uan seja aquilo que ele proclama. De qualquer maneira — acrescentou, vendo Vargas se empertigar — eu concordo. Não é divertido. Falarei com Wolfgang. Obrigado por me contar.

Vargas pigarreou.

— Acha que eu poderia ter uma licença, na próxima semana? Este calor e... bom, seria agradável ver a minha família.

— Sim. Tire duas semanas, Vargas. E acho que seria bom para a comunidade portuguesa ter o seu próprio clube. Vou começar a fazer uma subscrição. Você está indicado como tesoureiro e secretário temporário. — Rabiscou num bloco

de papel e arrancou uma folha. — Pode tirar isto imediatamente, em dinheiro. — Era uma ordem de pagamento à vista no valor de mil guinéus.

Vargas ficou esmagado.

— Obrigado, senhor.

— Não agradeça — disse Struan. — Sem o apoio da comunidade portuguesa, não teríamos comunidade nenhuma.

— Mas, senhor, essa notícia... esse editorial! Hong Kong está liquidada. A Coroa repudiou o tratado. Dobrar a força de trabalho? Mil guinéus? Eu não entendo.

— Hong Kong estará viva enquanto nela existir um negociante e houver uma só embarcação da Marinha no porto. Não se preocupe. Algum recado para mim?

— O Sr. Skinner deixou uma mensagem. Gostaria de vê-lo, quando o senhor assim quiser. O Sr. Gordon Chen, também.

— Mande dizer a Skinner que darei uma passada no jornal, esta noite. E a Gordon que eu o encontrarei a bordo do Resting Cloud, às oito horas.

— Sim, senhor. Ah, a propósito, uma outra coisa. Lembra-se de Ramsey? O marinheiro que desertou? Bom, ele viveu nas montanhas todo esse tempo, numa caverna, como um eremita. No Cume. Sobreviveu roubando comida da vila de pesca de Aberdeen. Parece que estuprou várias mulheres e os chineses o amarraram e entregaram às autoridades. Ontem, foi julgado. Cem chicotadas e dois anos de servidão penal.

— Seria preferível que o tivessem enforcado — disse Struan. — Jamais resistirá a dois anos. — As prisões eram armadilhas mortíferas, indescritivelmente brutais.

— Sim. Terrível. Mais uma vez obrigado, senhor. Nossa comunidade apreciará muito seu gesto — disse Vargas. Ele partiu, mas voltou quase no mesmo minuto.

— Com licença, Tai-Pan. Um de seus marinheiros está aí. O chinês, Fong.

— Mande-o entrar.

Fong fez uma silenciosa curvatura, ao chegar.

Struan observou o chinês robusto, cheio de marcas de varíola. Nos três meses em que permanecera a bordo, mudara, de "várias maneiras. Agora, usava com facilidade roupas européias de marinheiro, com o rabicho bem enrolado sob um gorro de tricô. Seu inglês era passável. Um excelente marinheiro. Obediente, fala mansa, rápido no aprender.

— O que está fazendo fora do navio?

— Capitão disse que podia vir para terra, Tai-Pan. Meu turno de vir.

— O que você quer, Fong?

Fong entregou um pedaço de papel amassado. A caligrafia que havia nele era infantil: "Aberdeen, em algum lugar, camarada. Oito toques de sino, turno intermediário. Venha só." Estava assinado: "O pai de Bert e de Fred."

— Onde conseguiu isso?

— Um cule me parou. E me deu.

— Sabe o que diz?

— Eu leio sim. Não leio fácil. Muito difícil, pode ter certeza. Struan observou o pedaço de papel.

— O céu. Já viu?

— Sim, Tai-Pan.

— O que lhe disse o céu?

Fong sabia que estava sendo testado.

— *Tai-fung* — ele disse.

— Quanto tempo?

— Não sei. Três dias, quatro dias, mais ou menos. Tai-fung, pode ter certeza. O sol já se encontrava abaixo do horizonte e sua luz morria rapidamente. A praia e os locais de construção estavam pontilhados de lanternas.

O véu que havia sobre o céu se tornara mais espesso. Uma gigantesca lua sangrenta se achava dez graus acima do horizonte límpido.

— Acho que você tem um bom faro, Fong.

— Obrigado, Tai-Pan.

Struan levantou o papel.

— O que o seu faro diz a respeito disso?

— Para não ir sozinho — disse Fong.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Com a chegada da escuridão, o céu começou a se cobrir de nuvens e a unidade intensificou-se. Os negociantes da China, experimentados na leitura do vento e do mar, sabiam que logo começaria a chover. As nuvens anunciavam, simplesmente, as primeiras chuvas da temporada, que aliviariam, por algum tempo, o constante abafamento, e fariam a poeira assentar. Apenas um aguaceiro, se estivessem com pagode. Se o pagode estivesse contra eles, poderia haver uma tempestade. E só o pagode decidiria se a tempestade se transformaria em tufão.

— Estou com calor, Tai-Pan — disse May-may, abanando-se na cama.

— Eu também — disse Struan. — Estava mudando uma camisa amassada e úmida por outra, limpa. — Eu lhe disse que você devia ficar em Macau. Lá é muito mais fresco.

— Talvez, mas então eu não teria o prazer de lhe dizer que estou com calor, que diabo!

— Eu gostava mais de você quando estava doente. Não era atrevida e não vivia com esse vulgar praguejar.

— Ora! — ela bufou. — Não seja mendaz comigo!

— Não seja o que, com você?

— Mendaz Tai-Pan. Não sabe inglês? Enquanto você estava fora o dia inteiro, sem se preocupar com sua pobre velha mãe, eu andava terrivelmente ocupada lendo seu livro de palavras do Dr. Johnson, melhorando minha mente com a língua bárbara. Todo mundo sabe o que é “mendaz”. Quer dizer “mentiroso”. É o que você é, por Deus. — Fez uma expressão amuada, que a tornou ainda mais bonita. — Você não me adora mais!

— Eu me lembro bem de seu traseiro mendaz.

May-may forçou um gemido sofrido.

— Tai-Pan quer ir pra cama com vaca cria, hein, senhor? Ah, pode, sim!

Struan se aproximou da cama e May-may recuou.

— Ora, Tai-Pan, era uma brincadeira. Ele a apertou com força.

— Ah, garota, fique boa, isso é que é importante.

Ela usava uma túnica macia de seda azul, tinha o cabelo penteado com elegância e seu perfume era embriagador.

— Não ouse ir para bordéis, hein?

— Não seja tola.

Ele a beijou e acabou de se vestir. Colocou sua faca na bainha, às suas costas, e o pequeno punhal na bota esquerda, e tornou a amarrar o cabelo, bem arrumado, com uma fita à nuca

— Por que corta seu cabelo, Tai-Pan? Deixe crescer, num rabicho, como fazem

as pessoas civilizadas. É muito bonito. Lim Din bateu e entrou.

— Senhor. Está aí o Senhor Chen. Pode?

— Eu o verei na cabina acima.

— Você volta, Tai-Pan?

— Não, garota. Vou desembarcar, em seguida.

— Peça a Gordon para vir ver-me, está bem?

— Sim, garota.

— Onde você vai?

— Vou sair, ora. E é melhor você se comportar, enquanto eu estiver fora. Não voltarei antes da meia-noite. Mas apareço aqui logo que estiver a bordo.

— Ótimo — ela ronronou. — Mas me acorde, se eu estiver dormindo. Sua velha mãe gosta de saber que o filho *mendacioso* está bem. Ele lhe deu palmadinhas afetuosas e foi para a cabina, no convés acima.

— Olá, Gordon.

Gordon Chen usava um traje longo de seda azul e calças leves de seda. Estava agitado e muito preocupado.

— Boa-noite, Tai-Pan. Seja bem-vindo. Fiquei muito feliz ao saber a respeito da cinchona. Como vai a Sra. T’chung?

— Muito bem, obrigado.

— Sinto muito meus inadequados esforços não terem dado resultado.

— Obrigado por tentar.

Gordon Chen ficou outra vez aborrecido porque tivera de gastar número substancial de taéis na procura, mas seu aborrecimento não era nada comparado com sua ansiedade com relação a Hong Kong. Toda hierarquia das Tríades em Kwangtung estava num tumulto, devido às notícias chegadas da Inglaterra. Fora convocado por Jin-qua e recebera ordens de sondar o Tai-Pan, usar todo o poder dos Tríades e todos os meios necessários — barras de prata, impostos, aumento do comércio — para impedir os bárbaros de sair da ilha e encorajá-los a ficar.

— É um assunto de grave importância, Tai-Pan; senão, eu não me intrometeria. Hong Kong. Aquele editorial. É verdadeiro? Se for, estamos perdidos... arruinados.

— Ouvi dizer que você é o Tai-Pan dos Tríades de Hong Kong.

— O quê?

— Tai-Pan dos Tríades de Hong Kong — repetiu Struan, com brandura, e lhe contou o que dissera o oficial português. — História estúpida, hein?

— Não é estúpida, Tai-Pan, é realmente terrível! Uma mentira chocante! — Se Gordon estivesse sozinho, teria arrancado os cabelos, rasgado as roupas e gritado de raiva.

— Por que os Tríades iriam assassinar Gorth?

— Não sei. Como eu iria saber o que fazem esses anarquistas? Tai-Pan dos Tríades? Eu? Que acusação sórdida!

Minha vida não vale o preço dos excrementos de um cule, ele gritava para si mesmo. Aquele miserável traidor! Como ousou divulgar segredos! Não perca a cabeça. O Tai-Pan dos bárbaros está olhando para você e é melhor dar uma resposta inteligente!

— Simplesmente, não tenho a menor idéia. Deus do céu! Tríades no Tai Ping Shan, debaixo do meu nariz? Terrível.

— Você tem inimigos que pudessem espalhar uma história dessas?

— Devo ter, Tai-Pan. Deus do céu! Fico imaginando se... — os brancos de seus olhos apareceram.

— Se o quê?

— Bom, eu sou... bom, você é meu pai. Será que alguém está tentando atacá-lo, através de mim?

— Talvez seja verdade, Gordon. Talvez você seja o chefe dos Tríades.

— Um anarquista? Eu? Ó deuses, por que me abandonaram? Gastei cinqüenta taéis de incenso e oferendas para mandar dizer preces, ainda a semana passada. Não sou, sem favor, o mais generoso patrocinador dos seus templos? Não fiz, pessoalmente, a doação de três templos e quatro cemitérios, e não tenho em minha lista pessoal de pagamentos uma comitiva de quarenta e três sacerdotes budistas? Por que eu iria me associar a esses criminosos? Com a ajuda dos deuses, estou ficando rico. Não tenho necessidade alguma de roubar e nem de

saquear.

— Mas gostaria de afastar os manchus do trono da China?

— Manchus ou chineses, é tudo a mesma coisa para mim, Tai-Pan. Por que iria eu preocupar-me com isso? Nada tem a ver com meus negócios. — Ah, deuses, tapai os ouvidos, por um momento. — Não sou chinês... sou inglês. Acho que a última pessoa em quem confiaria qualquer sociedade secreta chinesa seria eu. Representaria um perigo.

— Talvez. Não sei. Talvez você deva gastar alguns taéis, Gordon. Organize um sistema de espionagem. Descubra quem são esses homens e quais os seus líderes.

— Imediatamente, Tai-Pan.

— Três meses devem bastar para um homem astuto como você apresentar os líderes.

— Seis meses — disse Gordon Chen, automaticamente, tentando desesperadamente pensar numa maneira de sair da armadilha

Teve uma inspiração. Claro. Vamos deixar os bárbaros lidarem com os miseráveis anti-Tríades. Vamos recrutar espiões entre eles e fazer com que montem uma sociedade subsidiária e iniciá-los em falsas cerimônias. Excelente! Então... deixe-me ver. Vamos deixar escapar que o verdadeiro líder da Tríade é... quem? Vou pensar em algum inimigo, quando chegar a ocasião. Depois, nós revelaremos seus nomes aos bárbaros como os verdadeiros Tríades e eles serão decapitados.

— Ah, sim, Tai-Pan, vou começar imediatamente a fazer isso.

— Acho que deve. Porque, de uma forma ou de outra, eu vou esmagar os Tríades.

— E eu farei tudo que puder para ajudá-lo — Gordon disse, com fervor.

Dez cabeças devem satisfazer até a você, Tai-Pan, ele pensou. É pena que Chen Sheng seja da família, senão seria a pessoa perfeita para ser apontada como "líder dos Tríades". Com algum pagode eu seria o próximo na fila de candidatos a compradore da Casa Nobre. Não se preocupe, Jin-qua ajudará você a encontrar o engodo certo.

— Tai-Pan, vamos falar de coisas mais importantes. E esse editorial? Hong Kong está liquidada? Poderemos perder uma fortuna. Seria desastroso, se perdêssemos a ilha.

— Há alguns pequenos problemas. Mas eles serão resolvidos. Hong Kong é permanente. Esse Governo sairá em breve. Não se preocupe. A Casa Nobre e Hong Kong são a mesma coisa.

A ansiedade de Gordon Chen desapareceu.

— Tem certeza? Esse Cunnington será afastado?

— De uma maneira ou de outra. Sim.

Ele olhou para seu pai com admiração. Ah, pensou ele, até através de um assassinato. Excelente. Ele teria gostado de dizer ao Tai-Pan que eliminara Gorth e, assim, salvara sua vida. Mas isto poderia esperar para uma ocasião mais importante, disse a si próprio, muito encantado.

— Excelente, Tai-Pan. Você me tranqüilizou de uma maneira maravilhosa. Concordo. A Casa Nobre e Hong Kong são a mesma coisa — Se não forem,

você está liquidado, pensou. Mas é melhor não tornar a pôr os pés no continente, outra vez. Enquanto estiver circulando essa história sobre as Tríades. Não. Você está comprometido com Hong Kong. É o seu lugar ou o seu túmulo. — Então, será melhor nos expandirmos, apostarmos muito. Trabalharei para tornar Hong Kong muito forte. Ah, sim. Pode confiar em mim! Obrigado, Tai-Pan, por me tranqüilizar.

— A minha Senhora quer dizer-lhe olá. Vá lá embaixo, hein?

— Obrigado. E obrigado por me avisar sobre aquela ridícula, porém perigosa história. — Gordon Chen curvou-se e saiu.

Struan observara seu filho com muito cuidado. Será, ou não? perguntou a si mesmo. A surpresa poderia ter sido verdadeira, e o que ele disse faz muito sentido. Não sei. Mas se Gordon for, então você terá de ser muito esperto para pegá-lo. E aí?

***

Struan encontrou Skinner na sala de impressão do Oriental Times. Era sufocante e barulhenta. Cumprimentou o jornalista pela maneira como apresentara a notícia.

— Não se preocupe, Tai-Pan — disse Skinner. — Haverá uma suíte amanhã. — Entregou a prova tipográfica a Struan. — Ficarei satisfeito quando este maldito verão terminar. — Usava sua habitual sobrecasaca negra de lã e calças de tecido grosso.

Struan leu o artigo. Estava cheio de invectivas, sarcasmo, e enfatizava que todos os negociantes deveriam unir-se para bombardear o Parlamento e destruir Cunnington.

— Acho que isso vai fazer alguns dos rapazes enlouquecerem — disse Struan, com aprovação.

— Ah, espero que sim. — Skinner afastou os braços do corpo, a fim de aliviar a feroz coceira nas axilas.

— Maldito calor! Você arrisca a vida, Tai-Pan, saindo assim à noite — disse. Struan usava apenas uma camisa fina, calças de linho e botas leves.

— Devia experimentar. Suaria menos... e não teria brotoejas.

— Não fale nessa maldita praga. Nada tem a ver com o calor, é uma doença de verão. O homem nasceu para suar.

— Sim, e para ser curioso. Você mencionou algo em sua matéria a respeito de uma estranha cláusula adicional no acordo de Longstaff com o Vice-rei Ching-so. O que era?

— Apenas uma dessas informaçõezinhas esquisitas que um jornalista recolhe. — Skinner enxugou o rosto com um trapo que deixava manchas de tinta, e se sentou num banquinho alto. Contou a Struan a respeito das sementes. — Amoras, camélias, arroz, chá, todo tipo de flores.

Struan ficou pensando, por um momento.

— Sim, é bastante curioso.

— Que eu saiba, Longstaff não é nenhum jardineiro. Talvez fosse idéia de Sinclair... ele tem um pendor para a jardinagem Pelo menos, a irmã tem. — Skinner espiou os cules chineses trabalhando nas impressoras. — Ouvi dizer que ela está bastante doente.

— A moça está se recuperando, tenho a satisfação de informar. O médico disse que foi uma perturbação estomacal.

— Ouvi dizer que Brock foi a bordo da nau capitania esta tarde.

— Sua informação é muito boa.

— Fiquei imaginando se deveria preparar um obituário.

— Algumas vezes não me divirto com seu humor.

O suor escorria pelo queixo de Skinner e caía em sua camisa amarrotada.

— Não era brincadeira, Tai-Pan.

— Prefiro considerar assim — disse Struan, descontraidamente. — É mau pagode falar em obituários. — Espiou a impressora vomitando o jornal do dia seguinte. — Pensei a respeito de Whalen. Longstaff chamou a cidade velha de Cidade da Rainha. Agora, temos uma nova cidade. Quem sabe se Whalen não deveria ter a honra de escolher outro nome.

Skinner deu uma risadinha.

— Isso o envolveria de uma maneira ótima. Que nome decidiu, Tai-Pan?

— Vitória.

— Eu gosto. Vitória, hein? Com uma simples pincelada, Longstaff é apagado. Considere “sugerido”, Tai-Pan. E deixe comigo. Whalen jamais perceberá que a idéia não foi dele... eu garanto. — Skinner cocou a barriga, satisfeito. — Quando o jornal será meu?

— No dia em que Hong Kong for aceita pela Coroa, e o tratado ratificado por ambos os governos. — Struan entregou-lhe um documento. — Está tudo aqui. Com o meu carimbo. Claro, desde que o Oriental Times ainda esteja funcionando, na ocasião.

— Tem alguma dúvida, Tai-Pan? — perguntou Skinner, todo feliz.

Ele enxergava claramente o futuro. Dez anos, disse a si mesmo. Então, eu serei rico. Então, irei para a Inglaterra e me casarei com a filha de um proprietário rural e comprarei uma pequena casa de herdade em Kent e abrirei um jornal em Londres. Sim, Morley, meu velho, pensou, você percorreu um longo caminho a partir das vielas de *Limehouse* e daquele maldito orfanato e dos tempos em que remexia a sarjeta. Que Deus amaldiçoe aqueles demônios que me deram à luz e me abandonaram.

— Obrigado, Tai-Pan. Não vou falar, não tema.

— A propósito, talvez você goste de uma matéria exclusiva. A cinchona cura a malária do Vale Feliz.

Por um momento, Skinner ficou sem fala.

— Ah, meu Deus, Tai-Pan, isso não é uma matéria... é a imortalidade. —

Finalmente, exclamou: — Exclusiva, você diz? Esta é a maior matéria do mundo! Claro

— acrescentou, astutamente — o gancho para essa matéria é quem, “ele” ou “ela”, foi

curado. -Escreva o que quiser... mas não me envolva, e nem às pessoas próximas a mim.

— Ninguém irá acreditar nisso, a menos que vejam a cura com seus próprios olhos. Os médicos dirão que é tolice.

— Deixe dizerem. Os pacientes deles morrerão. Escreva isso! — Struan declarou, bruscamente. — Eu acredito tanto na história que estou investindo nela, substancialmente. Cooper e eu somos agora sócios no negócio da cinchona. Dentro de seis meses, teremos estoques disponíveis.

— Posso publicar isso?

Struan deu uma curta risada.

— Eu não lhe contaria, se fosse segredo.

***

Na Estrada da Rainha, Struan recebeu um sopro do calor da noite. A lua estava alta e nevoenta, num céu quase completamente nublado. Mas, ainda assim, não havia nenhum nimbo.

Seguiu pela estrada e não parou, até chegar ao ancoradouro. Ali, desviou-se

ligeiramente em direção ao interior e desceu uma rua suja e esburacada. Subiu então um pequeno lance de escadas e entrou numa casa.

— Deus do céu — disse a Sra. Fortheringill, com os dentes postiços tornando grotesco seu sorriso. Estava na sala de jantar, ceando: arenques, pão preto e um jarro de cerveja. — Senhoras — gritou, e tocou uma campainha que tinha presa ao cinto. — Não há nada como uma boa brincadeira, numa noite quente, é o que eu sempre digo. — Notou que Struan estava em mangas de camisa— — A idéia é não perder tempo tirando a roupa, Tai-Pan?

— Só vim ver, ah... seu hóspede.

Ela sorriu, com doçura.— Aquele velho malandro já ficou aqui tempo demais. Quatro moças galoparam para dentro da sala. Seus quimonos de lã, enfeitados de plumas, estavam manchados, e elas fediam a perfume misturado com suor antigo. Mal chegavam aos vinte anos — mas tinham o aspecto endurecido, áspero e usado, devido à vida que levavam. Esperavam que Struan escolhesse.

— Nelly está ótima para você, Tai-Pan — disse a Sra. Fortheringill. — Tem dezoito anos, goza de boa saúde e é vigorosa.

— Obrigada, madame — Nelly fez uma mesura e seus seios grande saíram do quimono. Era robusta e loura, com os olhos envelhecidos e baços. — Quer vir comigo, Tai-Pan, amor?

Struan deu um guinéu a cada uma delas e mandou-as embora.

— Onde está o Sr. Quance?

— No segundo andar, aos fundos, à esquerda. O Quarto Azul. — A Sra. Fortheringill espiou-o por sobre os óculos. — Os tempos estão muito difíceis, Tai-Pan. Seu amigo, Sr. Quance, come como um cavalo e xinga de uma maneira terrível. É chocante para as moças. Sua conta está atrasada há muito tempo.

— Onde consegue as moças, hein?

— Um brilho pétreo iluminou os olhos da velha.

— Onde há mercado há sempre senhoras para servir, não é? Na Inglaterra. Algumas na Austrália. Aqui e acolá. Por quê?

— Quanto lhe custa uma delas?

— O negócio é secreto, Tai-Pan. Tem o seu, nós temos o nosso. — Ela fez um sinal com a cabeça, em direção a mesa, e mudou de assunto. — Gostaria de cear? O arenque veio especialmente da Inglaterra. Pelo paquete desta semana.

— Obrigado, mas já comi.

— Quem vai pagar a conta do querido Sr. Quance?

— Quanto é?

— Ele tem as notas. Ouvi dizer que a Sra. Quance está bem zangada.

— Vou discutir as contas com ele.

— Seu crédito jamais estará em questão, Tai-Pan.

— A moça que dormiu com Gorth morreu? — perguntou abruptamente Struan. A velha se tornou, outra vez, um modelo de distinção.

— O quê? Não sei o que quer dizer. Não há casos de mau comportamento em

meu estabelecimento!

Struan empunhou a faca e fez a ponta tocar nas fanadas dobras de pele que pediam do pescoço da Sra. Fortheringill.

— Morreu?

— Aqui, não. Levaram-na embora. Pelo amor de Deus, não...— Morreu, ou não?

— Ouvi dizer que sim, mas nada tem a ver comigo...

— Quanto Gorth lhe pagou para manter a boca calada?

— Duzentos guinéus.

— O que aconteceu com a moça?

— Não sei. Esta é a verdade, juro por Deus! Vieram parentes buscá-la. Ele lhes pagou cem guinéus e ficaram satisfeitos. Levaram-na embora. Era apenas uma paga. Struan afastou a faca.

— Talvez vá ter de repetir isso num tribunal.

— O miserável está morto, pelo que ouvi dizer, então não vai ser preciso falar nada, eu acho. E como poderia eu dizei qualquer coisa? Não conheço o nome dela, e pelo que sei não existe nenhum cadáver. Sabe como é, Tai-Pan. Mas jurarei sobre uma Bíblia a Brock, se é isso que quer.

— Obrigado, Sra. Fortheringill.

Ele subiu as escadas até o Quarto Azul. Suas paredes caiadas de branco estavam cinzentas de sujeira e o vento soprava através das rachaduras. Havia um grande espelho, numa das paredes, e cortinas com rufos carmesim cercavam a grande cama de armação. Havia pinturas empilhadas no chão e penduradas nas paredes, o chão estava salpicado de tintas a óleo e aquarela. No centro do quarto, achava-se um cavalete e, espalhados em torno dele, dúzias de potes de tinta e pincéis.

Aristotle Quance roncava na cama. Só seu nariz e barrete de dormir eram visíveis.

Struan pegou um jarro quebrado e atirou-o contra a parede. Explodiu em pequenos fragmentos, mas Quance só se enroscou mais sob as cobertas. Struan pegou um jarro maior e espatifou-o contra a parede.

Quance levantou-se devagarinho e abriu os olhos.

— Deus do céu! O próprio Demônio, minha Virgem Santa! Pulou da cama e abraçou Struan.

— Tai-Pan, meu amado patrono! Eu o idolatro! Quando chegou?

— Tome cuidado! — disse Struan. — acabo de chegar hoje!

— Soube da morte de Gorth.

— Sim.

— Dei graças a Deus. Há três dias, aquele miserável veio aqui e jurou que cortaria minha garganta, se eu contasse alguma coisa sobre a moça.

— Quanto ele lhe deu para não contar?

— Nem um centavo, meu senhor! Diabo, eu só pedi cem.

— Como vão as coisas com você?

— Uma tristeza, meu caro amigo. Ela ainda está aqui, em pessoa. Ah, que Deus me proteja! Então tenho de permanecer metido neste buraco. Não posso me mexer... não ouso. — Quance pulou outra vez para a cama e, pegando um grande bastão, bateu no chão três vezes. — Pedindo o café — explicou. — Não quer me acompanhar? Agora, conte-me todas as suas novidades!

— Você toma o desjejum às nove da noite?

— Ah, meu caro amigo, quando se está num prostíbulo, age-se como uma prostituta!

— Estourou de rir e, depois, agarrou o próprio peito. — Pelo sangue de Cristo, Tai-Pan, estou fraco. Vê diante de você a sombra de um homem... um verdadeiro fantasma do imortal Quance.

Struan sentou-se na cama.

— A Sra. Fortheringill disse alguma coisa a respeito de uma conta. Eu lhe dei um saco de ouro, por Deus!

— Conta?

Quance deu um busca embaixo do travesseiro e tirou um sanduíche meio comido, dois livros, alguns pincéis e várias peças de roupa feminina, e encontrou o papel. Ele o empurrou nas mãos de Struan, sem fôlego.

— Veja o que aquela usurária está cobrando a você.

— Cobrando a você, é o que quer dizer — disse Struan. Leu o total. — Deus todopoderoso!

A conta se elevava a quatrocentos e dezesseis libras, quatro xelins e quatro penies e um quarto de pêni. Sete libras e seis penies por dia, com alojamento e comida. Cento e sete libras de tintas, pincéis, telas. O restante tinha o cabeçalho: “Contas variadas”.

— Que diabo quer dizer isso? Quance cerrou os lábios.

— Puxa vida, foi o que tentei fazer aquela gata velha me explicar.

Struan foi até à porta e berrou, para baixo:— Sra. Fortheringill!

— Chamou-me, Tai-Pan? — ela perguntou, com doçura, do fundo do poço das escadas.

— Sim. Quer fazer o favor de vir até cá?

— Queria que eu viesse? — ela perguntou, com doçura ainda maior, ao entrar no quarto.

— Que diabo é isso? — Struan apunhalava rancorosamente a conta, com um dedo.

— “Variadas... quase trezentas e vinte libras?

— Ah — ela respondeu, brejeiramente. — Transações, Tai-Pan.

— Hein?

— O Sr. Quance gosta de companhia todas as horas, e esse é o volume de suas transações, desde que se encontra sob nossos cuidados. — Ela fungou, com desdém. — Mantemos os livros em ordem, aqui. Tudo correto, nos menores detalhes.

— Mentira! — uivou Quance. — Ela falsificou os livros, Tai-Pan. É chantagem.

— Chantagem? — gritou a Sra. Fortheringill. — Ora, seu... seu... e aqui estou eu, com as minhas damas, a salvá-lo de algo pior do que a morte, e pela segunda vez consecutiva!

— Porém, mais de trezentas libras? — disse Struan.

— Absolutamente correto, por Deus. Ele gosta de pintá-las e também de... meu guarda-livros é o melhor da Ásia. Tem de ser!

— É impossível — insistiu Struan.

Quance ficou em pé na cama e colocou uma mão sobre o coração e com a outra apontou para a mulher.

— Recuso a conta toda, em seu nome, Tai-Pan! — Estava inchado como um pavão.

— É usura!

— Ah, é? Bom, eu lhe digo já, seu velho de merda, e bem na sua cara... dê o fora daqui! E vou mandar um recado para aquela mulher esta noite. — A mulherzinha deu uma volta e gritou: — Senhoras!

— Ora, Sra. Fortheringill, também não precisa aborrecer-se assim — disse

Quance, amavelmente. As moças vieram correndo. Oito, ao todo.

— Levem tudo para fora e ponham no meu quarto — ela ordenou, fazendo um aceno em direção às tintas, pincéis e quadros. — Não haverá mais crédito, e essas coisas são minhas, até a conta ser paga, sem faltar um centavo! — E saiu, abespinhada.

— Quance engatinhou para fora da cama, com sua camisola de dormir tufada.

— Senhoras! Não vão tocar em nada, por Deus!

— Ora, comporte-se como um bom menino — disse Nelly, calmamente. — Se a Madame disse que é para irem, elas vão, nem que o próprio Senhor Deus fique na frente!

— Ah, sim, meu engraçadinho — disse outra. — A nossa Nelly explicou direitinho.

— Só um minuto, senhoras — disse Struan. — O Sr. Quance recebeu uma conta. Esta é a razão de todo o problema. Srta. Nelly, ah... a senhorita, bom, passou tempo com ele?

Nelly olhou para Struan.

— Falou em tempo, Tai-Pan? Nosso querido Sr. Quance tem um apetite pelo tempo que não tem igual, nem mesmo na Bíblia.— Ah, sim, Tai-Pan — disse outra, com uma risadinha. — Algumas vezes ele quer duas juntas. Ah, ele é uma graça!

— Para pintar, por Deus! — gritou Quance.

— Ah, deixe disso, Sr. Quance — disse Nelly. — Somos todos amigos.

— Durante algum tempo, ele nos retrata — disse outra, amavelmente.

— Quando? — outra perguntou. — Eu não fui retratada.

— Mentiras, por Deus! — Quance protestou para Struan, e, quando viu a expressão do Tai-Pan, piscou e voltou a se encolher na cama. — Vamos, Tai-Pan — implorou. — Não precisa precipitar-se. A gente não pode evitar... ser popular.

— Se acha que vou pagar por seu “quentão”, está completamente louco!

— “Quentão”, isso é jeito de falar! — exclamou Nelly indignada. — Somos senhoras respeitáveis, ora essa. Somos gente fina e não gostamos de palavras grosseiras!

— É uma palavra latina que significa “tempo”, querida Srta. Nelly — disse Quance, com voz rouca.

— Ah — disse ela, e fez uma mesura. — Perdão, Tai-Pan! Quance pôs a mão no peito e revirou os olhos.

— Tai-Pan, se você me abandonar, estou liquidado. Prisão por dívidas! Eu lhe suplico — ele escorregou para fora da cama e se ajoelhou, com atitude suplicante: — Não vire as costas para um velho amigo!

— Vou pagar essa conta e levar todas as suas pinturas, para cobrir o empréstimo. Mas é o último vintém. Entende, Aristotle? Não pagarei mais nada!

— Deus o abençoe, Tai-Pan. Você é um príncipe!

— Ah, sim — disse Nelly, e avançou furtivamente para Struan. — Vamos, amor. Pague a conta da Madame e isso vai por conta da casa.

— E eu? — outra perguntou. — Claro que Nelly sabe mais truques.

Todas fizeram acenos amáveis com a cabeça e esperaram.

— Eu recomendaria — começou Quance, mas o olhar de Struan fez com que se interrompesse. — Todas as vezes em que olha para mim assim, Tai-Pan, eu me sinto perto da morte. Desamparado. Perdido. Abandonado.

Apesar de sua irritação, Struan riu.

— Que o diabo o leve! — E caminhou em direção à porta. Mas um repentino pensamento fez com que parasse. — Por que este quarto é chamado Quarto Azul? Nelly se inclinou e pegou o urinol embaixo da cama. Era azul.

— Madame começou uma moda nova, Tai-Pan. Cada quarto tem uma cor diferente. O meu é verde. — O meu é aquele dourado, velho e rachado — disse outra, com uma fungadela. —

Não é fino, de maneira nenhuma! Struan abanou a cabeça, desamparadamente, e desapareceu.

— Agora, senhoras — disse Quance, com um sussurro exultante, e houve um silêncio cheio de expectativa. — Como será tudo pago, proponho uma modesta comemoração, depois do desjejum.

— Ah, ótimo — disseram elas, e se reuniram em torno da cama.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

À meia-noite, a lorcha avançou para a praia, em Aberdeen, e Struan pulou para o banco de areia, tendo Fong a seu lado. Antes, ele mandara seus homens desembarcarem, secretamente, a oeste, e se postarem em torno do poço. Caminhou pela praia e se aproximou do poço e da encruzilhada. Fong carregava uma lanterna e estava muito nervoso.

A lua achava-se escondida pelas nuvens baixas, mas vestígios de seu clarão se filtravam através das sombras. O ar estava carregado com o mau cheiro da maré baixa, e as centenas de sampanas no estreito braço de mar pareciam percevejos amontoados. Nenhuma lanterna, com exceção da que Fong levava, rompia a escuridão. Não havia som algum, a não ser o provocado pela inevitável voracidade dos cães.

A aparência da vila era igualmente agourenta.

Quando Struan chegou à encruzilhada, observou a noite. Sentia muitos olhos a espiá-lo das sampanas.

Afrouxou as pistolas no cinto e evitou cuidadosamente a luz da lanterna que Fong colocara à beira do poço.

O silêncio se intensificou. De repente, Fong se enrijeceu e apontou, tremendo, para alguma coisa. Logo além da encruzilhada, bem no meio do caminho, estava um saco. Parecia um saco de arroz. Com as pistolas prontas, Struan fez sinal a Fong para avançar, pois não confiava nele. Fong avançou, tomado pelo pânico.Ao chegarem ao saco, Struan atirou um punhal para Fong, com o cabo voltado para ele.

— Abra. Fong ajoelhou-se e cortou a aniagem. Deixou escapar um gemido aterrorizado e recuou.

Scragger estava no saco. Não tinha pernas e nem braços, olhos ou língua, e os tocos de seus membros estavam cauterizados com alcatrão.

— Boa-noite, camarada! — a maligna risada de Wu Kwok ecoou sepucralmente, dentro da noite, e Struan ficou em pé de um salto. A risada parecia vir das sampanas.

— O que você quer, seu demônio do inferno? — gritou Struan.

Houve uma torrente gutural de frases em chinês e Fong empalideceu. Gritou algo, em resposta, com a voz tensa.

— O que ele disse?

— Ele... Wu Kwok disse para eu ir... até lá.

— Fique onde está — disse Struan. — O que quer, Kwok? — ele gritou em direção às sampanas.

— Quero você vivo! Por Quemoy, por Deus! Você e suas malditas fragatas!

Vultos saíram aos bandos das sampanas e subiram a encosta furiosos, com lanças e espadas. Struan esperou até poder ver claramente o primeiro dos piratas e então derrubouo, com um tiro. Imediatamente, mosquetes chamejaram nas mãos dos tripulantes de Struan, emboscados. Houve grito, e a primeira onda de vinte ou trinta piratas foi aniquilada.

Outra onda de bandidos, aos gritos, subiu o caminho. Novamente, os mosquetes fizeram-nos em pedaços, mas quatro conseguiram chegar ao poço. Struan derrubou um deles a faca, Fong outro, e balas de mosquete mataram os outros dois.

Houve novo silêncio.

— Maldito seja, camarada!

— Maldito seja você, Wu Kwok! — gritou Struan.

— Minhas frotas vão lutar contra o Leão e o Dragão!

— Saia do seu buraco de rato e me enfrente, e eu o matarei agora. Patife!

— Quando eu pegar você, essa vai ser sua maneira de morrer, camarada. Um membro por semana. Aquele malandro viveu cinco, seis semanas, mas você vai levar um ano para morrer, aposto. Nós nos encontraremos dentro de um ano, ou antes! — Outra vez, a risada maligna e, depois, silêncio. Struan ficou tentado a atirar em direção às sampanas, mas sabia que havia a bordo centenas de homens, mulheres e crianças.

Olhou para o saco entreaberto.

— Apanhe isso, Fong. — E gritou para seus homens, que se encontravam em torno, na escuridão: — Voltem para a lorcha, rapazes!

Cobriu Fong, e os dois se retiraram. Quando estava no meio do mar, colocou uma corrente em torno do saco, leu um serviço fúnebre e atirou-o nas profundezas. Observou-o desaparecer, num pequeno círculo de espuma do mar.

Struan teria gostado de contar a Scragger a despedida de seus filhos.

Ele os colocara aos cuidados do capitão em Whampoa, com cartas para agentes da Casa Nobre em Londres, aos quais conferiu a responsabilidade pelos meninos e seu aprendizado escolar.

— Bom, boa sorte, rapazes. Quando voltar para a Inglaterra, eu irei visitar vocês.

— Posso falar com Vossa Senhoria em particular? — o pequeno Fred perguntara, tentando não chorar.

— Sim, rapaz. Vamos. — Struan levara-o para uma cabina, e Bert, o eurasiano, ficara triste, por ser deixado só, e Wu Pak segurara-lhe a mão.

— Sim, Fred? — perguntara, quando os dois se encontravam sozinhos.

— Meu papai disse que devíamos ter um nome decente antes de partimos, Excelência.

— Sim, rapaz. Está nos documentos de vocês. Eu lhe disse, a noite passada. Não se lembra?

— Desculpe, Excelência. Eu esqueci. Será que podia dizer de novo, por favor?

— Você é Frederick MacStruan — ele dissera, pois gostara do menino e o nome do clã era um bom nome. — E Bert é Bert Chen.

— Ah — dissera o menino. — Sim, agora eu me lembro. Mas, por que temos nomes diferentes? Eu e meu mano?

— Bom — dissera Struan, esfregando a mão na cabeça do menino, a lembrar, com dor pungente, a perda de seus próprios filhos — vocês têm mães diferentes, não é? O motivo é este.

— Sim. Mas somos irmãos, Excelência — dissera Fred, com os olhos enchendo-se de lágrimas. — Desculpe, mas não podemos ter o mesmo nome? Chen é um bom nome, e bonito. Frederick Chen está ótimo, Tai-Pan.

Então Struan mudara os documentos e o capitão testemunhara sua assinatura.

— Veja, rapazes, agora vocês são ambos MacStruan. Albert e Frederick MacStruan. Então os dois choraram, muito felizes, e o abraçaram.

***

Struan foi para baixo e tentou dormir. Mas não conseguia. O fim de Scragger atormentava-o. Sabia que era uma tortura favorita de Wu Fang Choi, o pai de Wu Kwok e avô do pequeno Wu Pak. A vítima a ser desmembrada tinha três dias para escolher qual o membro que seria cortado primeiro. E, na terceira noite, um amigo do homem era mandado secretamente até ele, a fim de sussurrar-lhe que ia receber ajuda. Então o homem escolhia o membro que achava ser menos necessário, até a ajuda chegar. Depois que o alcatrão selara o toco, o homem era forçado a escolher ainda outro membro e, mais uma vez, havia a promessa de uma ajuda iminente, que jamais chegaria. Só os muito fortes sobreviviam a duas amputações.

Struan saiu do beliche e foi para o convés. As nuvens se achavam inchadas e mais espessas: o brilho do luar desaparecera. A maré estava cheia, mas não apresentava perigo.

— Chuva, amanhã, Sr. Struan — disse Cudahy.

— Sim — respondeu. Espiou em direção a leste, para onde soprava o vento. Sentia o mar a observá-lo.

***

— Suprema Senhora — disse Ah Sam, tocando em May-may para acordá-la. — O escaler do Papai se aproxima.

— Lim Din preparou o seu banho?

— Sim, Mamãe. Ele subiu para dar as boas vindas ao Papai.

— Você pode voltar para a cama, Ah Sam.

— Devo acordar a Segunda Mãe? — Yin-hsi estava encolhida numa cama, a uma canto da cabina.

— Não. Volte para a cama. Mas primeiro dê-me a minha escova e o pente e veja se Lim Din preparou o desjejum, para o caso de Papai querer comer.

May-may ficou deitada um momento, lembrando-se do que Gordon Chen lhe dissera. Aquele assassino sujo! Imagine acusar meu filho de estar ligado a uma sociedade secreta! Ele foi mais do que suficientemente pago para ficar com a bom fechada e morrer em silêncio. Que loucura!

Saiu da cama, cautelosamente. Nos primeiros segundos, suas pernas estavam fracas e trêmulas. Depois, parou de sentir fraqueza e ficou em pé, ereta.— Ah — disse alto — agora estou melhor. — Caminhou para o espelho e se examinou, criticamente. — Você está velha — disse, para seu reflexo.

— Não está, não. E não devia sair da cama — disse Yin-hsi, sentando-se em seu leito. — Deixe-me escovar seu cabelo. Papai voltou? Fico tão satisfeita de ver

como está melhor. Seu aspecto é realmente ótimo.

— Obrigada, Irmã. O barco dele se aproxima. — May-may deixou Yin-hsi escovar e entrançar seu cabelo. — Obrigada, querida.

Perfumou-se e voltou para a cama, sentindo-se reanimada. A porta se abriu e Struan entrou, na ponta dos pés.

— O que você está fazendo acordada? — perguntou.

— Queria ver você voltar a salvo. Seu banho está pronto. E o desjejum. Estou muito feliz por você voltar são e salvo!

— Acho que vou descansar, por algumas horas. Volte a dormir, garota, e tomaremos o desjejum quando eu acordar. Disse a Lim Din para me deixar dormir, a não ser que aconteça alguma coisa urgente. Ele a beijou rapidamente, um pouquinho embaraçado com a presença de Yin-hsi.

May-may notou isso e sorriu para si mesma. Como os bárbaros eram engraçados! Struan fez vagamente um aceno de cabeça para Yin-hsi e saiu do quarto.

— Ouça, querida Irmã — disse May-may, quando teve certeza de que Struan já não podia ouvir. — Tome um banho com água perfumada e, quando Papai estiver profundamente adormecido, vá para sua cama e durma com ele.

— Mas, Suprema Senhora, tenho certeza de que Papai não indicou, de maneira nenhuma, que queria minha presença. Eu estava observando, com muito cuidado. Se eu for sem ser convidada, ele... ele pode ficar muito zangado e me mandar embora, e então eu perderia muito prestígio diante da senhora e diante dele.

— Você precisa entender que os bárbaros são muito diferentes de nós, Yin-hsi. Não têm a mesma idéia de prestígio que nós. Agora, faça o que eu digo. Ele vai tomar banho e irá para a cama. Espere uma hora. Depois, vá para junto dele. Se ele acordar e lhe ordenar que saia, tenha paciência e diga — ela mudou para inglês: — A Suprema Senhora mandou que eu viesse.

Yin-hsi repetiu as palavras em inglês, decorando-as.

— Se não adiantar, volte para cá — continuou May-may. — Não haverá perda de prestígio, eu lhe prometo. Não tenha medo. Conheço muito Papai e sei como ele encara essa questão de prestígio. Não podemos, realmente, deixar que ele visite esses sujos bordéis. Esse teimoso foi direto a um deles, a noite passada.

— Não! — disse Yin-hsi. — Perdemos muito prestígio. Ah, querida. Eu, com certeza, desagrado Papai. Talvez seja melhor me vender a um coveiro.

— Ah! — disse May-may. — Eu ensinaria a ele, se estivesse boa. Não se preocupe, Yin-hsi. Ele nem mesmo a viu ainda. Eu já lhe expliquei. Ele é um bárbaro. É terrível ir a um bordel, quando você está aqui, e até mesmo Ah Sam.

— Concordo plenamente. Que homem terrível!

— São todos terríveis, querida — disse May-may. — Espero que ele esteja cansado e não mande você embora, como prevejo que vai fazer. Só durma na cama dele. Com Papai, temos de trabalhar bem as coisas. Mesmo na idade dele, ainda é muito tímido com relação ao amor.

— Ele sabe que eu não sou virgem? — Yin-hsi acariciava a cabeça de May-may.

— Ele ainda é bastante jovem para não precisar de virgens, a fim de se excitar, querida Irmã. E velho demais para ter a paciência de ensinar a uma virgem a fazer o amor, novamente. Basta dizer a ele: A Suprema Senhora me mandou vir.

Yin-hsi repetiu as palavras, em inglês, outra vez.

— Você é muito bonita, irmã. Vá, agora. Espere uma hora e então vá para junto dele. — May-may fechou os olhos e se instalou na cama, toda contente.

***

Yin-hsi olhou para Struan. Um dos braços dele estava atirado descuidadamente por sobre o travesseiro e dormia profundamente. As cortinas nas vigias da cabina estavam bem fechadas, para vedar a claridade da manhã. Tudo se achava muito silencioso.

Yin-hsi tirou seu pijama e deslizou cautelosamente por sob as cobertas, ao lado de Struan.

O calor da cama a excitou.

Ela esperou, sem fôlego, mas ele não acordou. Chegou mais perto dele e, suavemente, pôs uma mão sobre seu braço e esperou. Ainda assim, ele não acordou. Ela se moveu para mais perto ainda, e colocou seu braço em torno do peito dele, deixando-o descansar ali. E esperou.

Através da névoa de seus sonhos, Struan percebeu que May-may estava a seu lado. Sentia seu perfume e sua proximidade, e ficou satisfeito por sua febre ter-se tornado uma coisa distante, do passado, e por ela estar bem outra vez. Encontravam-se juntos ao sol, e ele podia sentir o bem-estar de May-may. Perguntou-lhe o que ela gostaria de ganhar de aniversário e ela, simplesmente, riu e abraçou-o ao sol, que era escuro e estranho, irreal, porém belo. Depois,

ficaram muito juntos e ele escutou-lhe a conversa e, em seguida, nadaram juntos e ele achou isso estranho, pois sabia que ela não nadava, e imaginou como aprendera. Mais tarde, ficaram deitados, nus, na praia, lado a lado, todo o corpo dela tocando-o. Então, ela começou a tremer e ele ficou aterrorizado, temendo que tivesse febre outra vez, e lá estava o monge com sua batina manchada de sangue, e a taça de chá curou a febre de May-may e aí caiu a escuridão. Mas havia nuvens lá no alto, e estava escuro, quando deveria ser dia e Fong gritava, no meio das ondas: *Tai-fung*! Fugiram das nuvens e foram para a cama, salvos.

Ele estremeceu, adormecido, começou a acordar e sentiu o corpo cálido e macio tocando-o, e sua mão vagueou, e ele cobriu-lhe o seio e sentiu o tremor percorrê-la e a ele também.

Ficou deitado, quase acordando, na penumbra do quarto. O seio dela era macio em sua mão e ele sentiu a rigidez do mamilo.

Então, abriu os olhos.

Yin-hsi sorriu, recatadamente.

Struan apoiou-se sobre um cotovelo.

— Pelo sangue de Cristo, que diabo você está fazendo aqui? Yin-hsi piscou os olhos, com ar de quem não entende.

— Suprre... ma... Senhora... me mandou.

— Hein? — Struan tentava desanuviar as idéias.

— Suprrre... ma... Senhora... me mandou... Tai-Pan.

— Hein? May-may? May-may? Ela está louca? — Apontou para a porta. — Saia!

Yin-hsi abanou a cabeça.

— Suprrre... ma Senhora me mandou.

— Não me importa se você foi mandada pela Rainha da Inglaterra! Saia!

Yin-hsi fez uma expressão amuada.

— Suprrre... ma Senhora me mandou! — E plantou a cabeça firmemente no travesseiro, olhando para ele.

Struan começou a rir.

Yin-hsi estava confusa. Meu Deus, a Suprema Senhora tinha razão. Os bárbaros são

incríveis! Como você ousa ir a um bordel e me fazer perder prestígio diante da Tai-tai? Será que sou uma bruxa velha, por Deus? Ah, não, Tai-Pan! Não vou sair daqui! Sou muito atraente e sou a Segunda Irmã e Segunda Senhora em sua casa, é isso aí!

— Por todos os deuses! — disse Struan, recompondo-se. — Vou casar com May-may, nem que seja a última coisa que eu faça na vida. E que todo mundo vá para o inferno!

Deitou-se de novo e ficou imaginando o que ele e May-may fariam na Inglaterra. Ela será a favorita de Londres... desde que não use nunca roupas européias. Juntos, abalaremos a sociedade inglesa. Agora, tenho de voltar rapidamente para

meu país. Talvez possa destruir pessoalmente o Ministro de Relações Exteriores! Ou derrubar Whalen. Sim. Agora, a chave para Hong Kong está em Londres. Então, é voltar para casa — quanto antes, melhor.

Virou a cabeça no travesseiro, olhou para Yin-hsi e realmente a viu, pela primeira vez. Achou-a muito desejável. Seu perfume era tão encantador como sua pele.

— Ah, garota eu estou seriamente tentado.

Ela se aproximou mais e aninhou-se contra ele.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

O White Witch entrou com dificuldade no porto, pouco antes do meio-dia. Seu mastro dianteiro fora arrancado e havia no convés principal um emaranhado de vergas quebradas e cordame torcido.

Brock aproximou-se num escaler, enquanto o navio se encaminhava para suas amarrações.

— Por Deus, alguém vai pagar por isso! — rugiu, ao chegar ao convés, descobrindo, por instinto, ao ver as velas rasgadas e não rizadas, espalhadas entre as adriças, que o navio soltara pano demais. — O que aconteceu?

— Bom-dia, senhor — disse Michaelmas. Era o primeiro-imediato, um homem rijo e com marcas de bexiga. — Assumi o lugar do Sr. Gorth. Até saber o que o senhor pretendia. — Havia um chicote em seu grande punho! — O vento nos pegou duas horas depois da partida de Macau. O maldito vento quase nos fez virar. Arrancou o mastro e nos afastou do curso cinqüenta léguas.

Brock cerrou o punho e sacudiu-o junto ao rosto do homem.

— Não sabe se defender do vento? Não sabe rizar as velas, nesta temporada?

— Sim, senhor Brock — disse Michaelmas, sem medo. — Mas as rajadas nos pegaram a sotavento. Não me repreenda por causa do vento, por Deus! O punho de Brock atirou-o contra a amurada e ele caiu, inconsciente, no convés.

— Bennyworth! — gritou Brock ao segundo-imediato, um jovem atarracado e troncudo. — Você é o capitão, até segunda ordem! Lance as âncoras de tempestade. Vamos ter mau tempo. — Então, viu Culum no tombadilho. Os marinheiros se dispersaram, quando ele subiu no cordame e transpôs o curto passadiço. Ele se agigantou diante de Culum.

— Bom-dia, Sr. Brock, eu queria...

— Onde está a Sra. Brock?

— Lá embaixo, senhor. Não foi culpa do Sr. Michaelmas. E eu queria...

— Cale o bico! — Brock rosnou e, depois, deu as costas com desprezo para Culum. Culum ferveu com o insulto; Brock jamais viraria as costas para o Tai-Pan.

— Ninguém tem permissão para desembarcar! — Brock gritou. — Limpe tudo isso, Pennyworth, do contrário será demitido, como aquele patife do Michaelmas. Mande-o embora do meu navio! — Rodopiou, virando-se de novo para Culum. — Falarei com você com calma.

— Gostaria de falar agora.

— Mais uma só palavra, antes de eu estar preparado, e reduzo você a pó. Culum seguiu Brock até embaixo e desejou que o Tai-Pan estivesse ali. Ah, Deus, como posso tratar com Brock? Por que entramos naquele maldito vento?

Tess estava em pé, à porta de sua cabina. Ela sorriu com meiguice e fez uma mesura, mas Brock passou direto e abriu a porta da cabina principal, batendo-a atrás de si.

— Ah, que Deus nos ajude, querido — Tess gritou para Culum.

— Não se preocupe, tudo vai acabar bem. — Culum tentou manter a voz calma, desejando desesperadamente ter uma pistola. Foi até um armeiro, tirou uma malagueta e fez sinal a Tess para entrar na cabina. — Não se preocupe. Ele fez um juramento sagrado. Prometeu.

— Vamos fugir, enquanto podemos — ela implorou.

— Não podemos fugir agora, querida — disse Culum. Não se preocupe. É melhor esclarecer tudo logo. Devemos fazer isso.

— Então, você deixou Tess escapar e aquele patife lhe tampou os olhos, hein? — disse Brock.

— Sim. — disse Liza, tentando conter seu pânico. — Eu estava observando com cuidado e jamais pensei que isso acontecesse, mas aconteceu, e a culpa é minha. Mas estão casados, rapaz, e não adianta nós...

— Quem decide sou eu, por Deus! O que houve com Gorth? Ela lhe contou tudo que sabia.

— Foi Gorth quem desafiou Dirk Struan — disse. Estava aterrorizada, não só por si mesma mas, ainda mais, por Tess e Culum e por seu homem. Se Tyler for

atrás de um demônio como aquele, está perdido. — Foi Gorth, Tyler. Ele chamou o Tai-Pan de nomes terríveis. E bateu-lhe com um chicote. Foi em público. Eu disse a Gorth para esperar... para vir buscar você ... mas ele me bateu e saiu.

— O quê?

Ela afastou o cabelo da orelha direita. Estava inchada e negra e dentro havia sangue coagulado.

— Ele ainda me feriu de maneira terrível. — Desabotoou a blusa. Seu peito estava horrivelmente machucado. — Ele fez isto. Seu filho. Era um demônio, e você sabia disso.

— Por Deus, Liza. Se ele... se eu soubesse... é melhor que esteja morto. Mas não por assassinos e não sem honra, por Deus!

Com uma expressão terrível, tirou um caneco de cerveja do barril e Liza agradeceu a Deus por ter tido a previdência de pôr à mão um barrilete novo.

— O médico tem certeza quanto à sífilis? Daquele jovem patife?

— Ele não tem sífilis e não é um patife. É seu genro!

— Sei disso. Que Deus o amaldiçoe!

— Tyler, perdoe os dois. Eu lhe suplico. Ele é um bom rapaz e está terrivelmente apaixonado por Tess e ela está feliz e...

— Cale a boca! — Brock engoliu a cerveja e bateu o caneco na mesa. — Dirk planejou isso tudo. Sei disso. Para me humilhar! Primeiro, ele destruiu meu filho mais velho... e, depois, não me deixou casar minha filha de maneira decente.

Maldito Struan! Até isso ele me fez! — Atirou o canecão contra a antepara. — Vamos enterrar Gorth no mar, hoje.

— Tyler, amor — começou Liza. Ela lhe tocou o braço. — Tyler, amor, tem outra coisa. É preciso que seja dita. Você precisa perdoar. Há muita coisa a ser perdoada. A respeito de Nagrek.

— Hein?— Gorth me contou o que você e ele fizeram com Nagrek. Foi terrível... mas ele mereceu. Porque teve relações com Tess. Ele fez isso. Mas Culum não sabe, parece. Então, nossa menina foi salva de um destino terrível.

Os músculos em torno da órbita vazia de Brock começaram a tremer fortemente.

— O que você está dizendo?

— É verdade, Tyler — disse Liza, e então seu tormento irrompeu. — Pelo menos, dê a eles uma chance. Você fez um juramento, diante de Deus. E Deus nos ajudou com relação a Tess. Perdoe os dois. — Ela enterrou a cabeça nos braços e soluçou, convulsivamente.

Os lábios de Brock se mexeram, mas não saiu nenhum som. Ele percorreu o corredor arrastando os pés, e então ficou em pé diante de Culum e de Tess. Viu o terror nos olhos de Tess. Isto o magoou e tornou-o cruel.

— Você preferiu não atender à minha vontade. Três meses eu disse. Mas você...

— Ah, papai, ah, papai...

— Sr. Brock, será que eu posso...

— Cale a boca. Logo terá sua vez de falar! E você, Tess, você preferiu fugir como uma puta qualquer. Muito bem. Vá dizer adeus a sua mãe. E, depois, saia de nossa vida, suma com seu homem.

— Papai, por favor, ouça...

— Vá! Eu quero falar com ele.

— Não vou sair! — Tess gritou, histericamente. Ela pegou a malagueta. — Você não vai tocar nele. Eu lhe mato! Ele lhe arrancou das mãos a malagueta, antes que ela percebesse seus movimentos.

— Saia e desembarque. — Brock observava a si mesmo, como se tudo aquilo fosse um pesadelo; queria perdoar e desejava que ela o abraçasse, mas algum outro eu, malvado, impulsionava-o, e ele não podia resistir. — Saia, por Deus!

— Está bem, querida — disse Culum. — Vá pegar suas malas. Ela saiu da cabina,

aos recuos, e depois correu. Brock fechou a porta, com um chute.

— Jurei dar a você um ancoradouro e porto seguro. Mas foi quando você ia casar direito.

— Ouça, Sr. Brock...

— Ouça você, por Deus, senão o esmago como se fosse um percevejo. — Um fio de saliva escorria pelo canto de sua boca. — Eu combinei com você de maneira justa, de homem para homem, que três meses estava bem. Você concordou. Mas não cumpriu sua palavra. Eu disse: “Seja honesto, rapaz.”

Culum nada disse. Rezou pedindo forças e sabia que estava derrotado. Mas tentaria, por Deus.

— Foi ou não foi?

— Sim.

— Então, acho que estou livre de cumprir o juramento.

— Posso falar, agora?

— Não terminei. Mas, mesmo tendo ludibriado, você está casado. Quer responder a uma pergunta? Diante de Deus? Então estaremos quites.

— Claro. — Culum queria contar a Brock a respeito da sífilis e do bordel e dos motivos para tudo aquilo.

— Diante de Deus?

— Sim. Nada tenho a esconder e... Brock interrompeu-o.

— Seu pai planejou tudo isso? Meteu em sua cabeça a idéia de fugir? Sabendo que isto deixaria Gorth louco? Sabendo que isto deixaria Gorth tão louco a ponto de desafiá-lo em público, para seu pai poder lutar com ele de maneira legal? Você foi para o bordel bêbado, sem saber onde estava, com quem se deitaria? Não precisa responder a isto. Está escrito em seu rosto.

— Sim... mas precisa ouvir. Há uma porção...

— Você tem garantias minhas. Mas vou dizer-lhe claramente. Estou atrás de seu pai. Estou atrás da Casa Nobre. Nunca vou descansar, até estar arruinada. Agora,

sua única garantia será Brock e Filhos. Só lá, Culum. Maldito Struan! E, até esse dia, você estará morto para mim. Você e Tess.

Abriu violentamente a porta.

— O senhor não escutou o que eu tinha para dizer! — gritou Culum. — Não é justo!

— Não fale a respeito de “justiça” — disse Brock. — Eu lhe pedi pessoalmente. Três meses! Eu disse: “Seja honesto, rapaz”. Mas você, ainda assim, deixou de cumprir sua palavra. Não tem honra nenhuma a meus olhos, por Deus!

Afastou-se, e Culum ficou a segui-lo com o olhar, sufocado pela angústia, o alívio, a vergonha e o ódio.

— Você não agiu de maneira justa — disse ele, sentindo-se magoado com sua própria voz. Brock apareceu no convés e a tripulação se manteve afastada.

— Pennyworth!

O segundo-imediato parou de supervisionar os trabalhos de recolhimento das vergas e cordame partido e caminhou com dificuldade até onde se encontrava Brock.

— Procure Struan — disse Brock. — Diga a ele que estou a esperá-lo no Vale Feliz. Entre o ancoradouro dele e o meu. — Parou, com o rosto retorcido num sorriso sem alegria. — Não. No outeiro, na Vale Feliz. Sim. O outeiro que seria dele. Diga a ele que estou esperando por ele no outeiro, no Vale Feliz... onde ele queria enfrentar Gorth.

— Sim, senhor. — Pennyworth mordeu o lábio. — Sim, senhor. — E, se você contar isso a qualquer outra pessoa além dele, eu castro você, juro por Deus. — Brock começou a descer o passadiço.

— Quem vai consertar o navio, senhor?

— Você. É o capitão do White Witch. Mas depois que der o recado

***

Struan observava Yin-hsi. Ela ainda dormia, a seu lado. Ele a comparou com

May-may. E May-may com sua amante chinesa de anos atrás. E as três com Ronalda, sua única esposa. Tão diferentes. Entretanto, em muitas maneiras, tão parecidas. E ficou imaginando por que as três orientais o excitavam mais do que Ronalda, que era seu amor — até ele conhecer May-may. E ficou perguntando a si próprio o que era o amor.

Sabia que as três chinesas tinham muito em comum: a pele incrivelmente sedosa e um humor, uma entrega, uma muda comunicação que excediam a tudo que já vira. Mas May-may superava de longe as outras duas. Era perfeita.

Tocou afetuosamente em Yin-hsi. Ela estremeceu, mas não acordou. Com cuidado, ele deslizou para fora da cama e espiou o céu, através das vigias. As nuvens eram ainda mais pesadas. Vestiu-se e desceu.

— Então... — disse May-may. Ela estava sentada na cama, inda.

— Então... — ele disse.

— Onde está minha irmã?

— Suprrre...ma Senhorr...ra me mandou vir.

— Ah — disse May-may, e jogou a cabeça para trás. — Você é mendaz e cheio de luxúria e já não adora mais sua velha mãe.

— É verdade — disse Struan, para arreliá-la. Ela parecia mais bela do que nunca e a palidez de seu rosto lhe ficava bem. — Acho que vou mandar você embora!

— Ayeee yah! E eu me importo muito!

Ele riu, e ergueu-a em seus braços.

— Cuidado, Tai-Pan — disse ela. — Você gostou de Yin-hsi? Estou tão satisfeita. Satisfeitíssima.

— Quando quer ser Tai-tai?

— O quê?

— Bom, se não está interessada, não falaremos mais disso.

— Ah, não, Tai-Pan! Quer dizer Tai-tai? Verdadeira Tai-tai, segundo os costumes? Não está falando isso de brincadeira? Por favor, não brinque comigo a respeito de uma coisa tão importante.

— Não estou brincando, May-may. — Sentou-se na cadeira, segurando-a nos braços. — Vamos para meu país. Juntos. Tomaremos o primeiro clíper disponível e nos casaremos a caminho de casa. Dentro de poucos meses.

— Ah, maravilhoso. — Ela o abraçou. — Solte-me, por um momento.

Ele a soltou e, capengando ligeiramente, ela caminhou até à cama.

— Veja, já estou quase boa.

— Vá para a cama, agora — ele disse.

— Pretende mesmo casar? De acordo com seus costumes? E com os meus?

— Sim. De acordo com ambos, se você quiser.

Ela se ajoelhou, graciosamente, diante dele, e tocou o tapete com a testa.

— Juro que serei digna de me tornar Tai-tai.

Ele a ergueu depressa e colocou-a na cama.

— Não faça isso, garota.

— Eu me ajoelhei porque você me deu o maior prestígio da terra. — Ela o abraçou outra vez e, depois, afastou-o um pouco e riu. — Gostou muito do presente de aniversário, hein? É por isso que quer casar com sua pobre mãe velha?

— Sim e não. Foi só por causa da idéia.

— Ela é ótima. Gosto muito dela. Estou satisfeita de que também goste.

— Onde você a encontrou?

— Era concubina na casa de um mandarim que morreu há seis meses. Eu já lhe disse que ela tinha dezoito anos? A casa dele entrou num período de dificuldade e então a Taitai chamou um casamenteiro para encontrar um bom marido para ela. Ouvi falar a seu respeito e conversei com ela.

— Onde? Em Macau?

— Ah, não. Há dois ou três meses. — May-may se aconchegou mais, de encontro a ele. — Conversei com ela em Cantão. A Tai-tai de Jin-qua foi quem me contou a seu respeito. Quando engravidei, pensei, ah, ótimo, e então mandei buscá-la. Porque meu homem é cheio de luxúria e em vez de ficar em casa talvez vá para um bordel. Você me prometeu não ir a bordel, mas foi, a noite passada. Maldição!

— Não procurei nenhuma mulher. Fui apenas visitar Aristotle.

— Ah! — May-may agitou um dedo, na cara dele. — Isso o que você diz. Eu não tenho ciúme de prostituta, mas não aquelas. Ah, muito bem, desta vez eu acredito em você.

— Muito obrigado.

— Yin-hsi é ótima, então você não precisa ir a bordéis. Ah, estou tão feliz. Ela canta maravilhosamente e toca muitos instrumentos, costura à perfeição e aprende tudo muito depressa. Eu lhe ensino inglês. Ela vai para a Inglaterra conosco. E Ah Sam e Lim Din também. — Franziu a testa, de leve. — Mas voltaremos à China? Muitas vezes?

— Sim. Talvez.

— Ótimo. Voltaremos, é claro. — Outra vez, um sorrisinho. — Yin-hsi é muito prendada. Ela é boa na cama? Os olhos de Struan semicerraram-se, de divertimento.

— Não fiz amor, se é isso que você está perguntando.

— O quê?

— Gosto de escolher quem vai para minha cama, e quando.

— Ela está em sua cama e você não fez amor?

— Sim.

— Juro por Deus, Tai-Pan. Não vou entender você nunca. Não a deseja?

— Claro. Mas decidi que hoje não era a ocasião. Talvez hoje à noite. Ou amanhã. Quando eu escolher. Não antes. Mas aprecio sua consideração.

— Juro por Deus que você é mesmo esquisito. Ou talvez estivesse tão cansado, por causa de uma suja prostituta, que não reagiu. Hein?

— Pense o que quiser. Houve uma batida à porta.

— Sim?

Lim Din entrou, com passos macios.

— Tai-Pan, há um senhor aqui. Quer ver Tai-Pan. Pode?

— Que senhor?

— Senhor Peeennnyworth.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Brock observou Struan subir a estrada que levava até o cume do outeiro à sombra da igreja sem teto, abandonada. Viu o chicote de ferro reunido num molho e se sentiu um pouco enjoado. Entretanto, estava satisfeito por haver, afinal, um ajuste de contas.

Ajustou a correia de seu próprio chicote de ferro, levantou-se e saiu para terreno aberto. Agarrou a faca com a mão esquerda.

Struan viu Brock no momento em que saía do abrigo da igreja e, por um instante, esqueceu o plano que decidira executar. Parou. Só se lembrou de que o outro era um inimigo seu, a quem precisava destruir. Com um esforço, Struan desanuviou as idéias e continuou a subir o caminho, com os músculos tremendo de ansiedade em começar.

Afinal, os dois homens se enfrentaram.

— Você planejou a fuga e o duelo, não foi? — rosnou Brock.

— Sim — Struan deixou cair o chicote de ferro. Este tilintou, com ódio. Outra vez, ele precisou esforçar-se para lembrar o que decidira dizer. Brock agarrou o cabo de seu chicote de ferro, deu um passo para a frente e se preparou. Só os olhos de Struan se moveram.

— Sinto muito Gorth ter morrido do jeito que morreu — disse Struan. — Eu teria gostado de matá-lo. Brock não deu resposta. Mas deslocou seu peso, imperceptivelmente, com o vento leste agitando-lhe o cabelo. O punhal de Struan apareceu em sua mão esquerda e ele se agachou ligeiramente.

— Tess está com sífilis.

Brock parou no meio do caminho.

— Não! O médico disse que Culum está sadio.

— Os médicos podem ser comprados — disse Struan, sentindo a sede de sangue tomar conta dele. — Ela foi contaminada de sífilis, de propósito!

— Seu, seu... — Brock fez girar malignamente a maça e investiu contra Struan. A farpa de metal deixou de alcançar os olhos de Struan por apenas uma fração de polegada.

Struan recuou rapidamente e tornou a atacar, Brock se desviou e eles começaram a cercar um ao outro como dois animais.

— Foi o que Gorth planejou — disse Struan. Desejaria parar de falar. — Está ouvindo? Foi o que Gorth quis fazer.

A cabeça de Brock estalava. Tudo que ele conseguia pensar, era em cercar o inimigo e matá-lo.Novamente houve uma violenta escaramuça, e outra vez eles brandiram suas maças. Brock fugiu a uma punhalada de Struan, que saiu de seu alcance, com uma contorção, e percebeu não poder conter-se mais e nem se manter afastado por muito tempo.

— Gorth planejou a sífilis!

— Que Deus amaldiçoe suas mentiras! — Brock aproximou-se lentamente de Struan.

— Gorth deu a Culum uma bebida drogada. Com um afrodisíaco. Gorth pagou a um bordel para que ele se deitasse com uma mulher sifilítica. Queria que Culum contraísse sífilis! Aquele seu filho maldito! Entende?

— Mentiroso!

— Mas, graças a Deus, Culum não tem sífilis... só contei para fazer você entender por que eu queria matar Gorth. Culum não tem sífilis. E nem Tess.

— O quê?

— Sim. É a verdade, juro por Deus!

— Demônio! Blasfemo! Jura falso!

Struan negaceou, Brock recuou e assumiu uma ameaçadora posição de ataque. Mas Struan não investiu com a arma. Atravessou a porta aberta da igreja abandonada e ficou em pé, diante do altar.

— Juro diante de Deus que é a verdade!

Ele se virou e perdeu o controle. Todos os ruídos pareceram cessar e o mundo inteiro era Brock e a frenética vontade de matar. Começou a voltar pela nave, lentamente.

— Gorth assassinou uma prostituta em Macau e outra aqui — ele silvou. — Esta é outra verdade. O sangue dele não está em minhas mãos, mas o seu estará.

Brock recuou do pórtico, sem desviar nunca o olhar de Struan. O vento parará de soprar, e ele sabia que isto era estranho, agourento e estranho. Mas não prestou atenção.

— Então você... você tinha motivo — disse Brock. — Eu... retiro o que eu disse. Você tinha motivo, por Deus! — Agora, estava do lado de fora, no gramado, e parou, acossado. — Eu retiro o que disse sobre Gorth, mas isto não significa que nossas contas estejam ajustadas. — Sua raiva de Gorth, de Struan, e de todos aqueles anos fustigava-o e ele só sabia que, agora, tinha de lutar, investir, matar. A fim de continuar vivo.

Então, sentiu outra vez o vento no rosto. Abruptamente, sua mente se desanuviou. Olhou para o continente. Struan perdeu repentinamente o equilíbrio, com a rapidez do movimento de Brock, e
hesitou.— O vento mudou — resmungou Brock.

— Hein? — Struan fez um esforço para se concentrar e recuou, sem confiar em Brock. Então, ambos olharam para o continente chinês, escutando com atenção e

provando o vento. Vinha do norte. Lento, mas inequívoco.

— Talvez seja uma ventania — disse Brock, com a voz cheia de mortificação, o coração batendo; toda sua força o abandonara.

— Vindo do norte, não! — disse Struan, sentindo-se igualmente esvaziado. Ah, Deus, por um momento, eu fui um animal. Se o vento não tivesse mudado...

— Tufão!

Olharam para o porto. Os juncos e sampanas corriam em direção à terra.

— Sim — disse Struan. — Mas eu disse a verdade. A respeito de Gorth.

Brock sentiu um gosto de bílis na boca e cuspiu.

— Peço desculpas por Gorth. Sim. Aquilo foi provocado, e ele está morto, o que me dá ainda mais pena.

— Onde foi que eu errei?, perguntou a si mesmo. Onde? — O que foi feito, está feito. Mas eu já lhe disse umas verdades, na Colônia. Sim, eu errei em chamar você hoje, mas já lhe disse umas verdades em Cantão, e não vou mudar. Não vou mudar, e nem você. Mas, no dia em que me aparecer outra vez com uma maça na mão, ninguém vai nos fazer parar. Escolha esse dia, como eu disse antes. Concorda?

Struan se sentia curiosamente fraco.

— Concordo. — Ele recuou, desamarrou seu chicote de ferro e embainhou sua faca,

observando Brock, sem confiar nele. Brock também depôs as armas.

— E você perdoa Culum e Tess?

— Estão mortos para mim, como eu disse. Até Culum fazer parte de Brock e Filhos, e Brock e Filhos ser a Casa Nobre, e eu ser o Tai-Pan da Casa Nobre.

Struan atirou ao chão sua maça e Brock a dele. Ambos os homens partiram depressa do morro, por caminhos diferentes.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Aquele dia inteiro o vento norte aumentou. Ao cair da noite, a Cidade da Rainha estava preparada como nunca estivera. As janelas trancadas, as portas calçadas e aqueles que haviam tido a previdência de construir porões abençoaram seu pagode. Os que viviam em residências improvisadas ou temporárias procuraram prédios mais sólidos. Mas poucos prédios eram sólidos — exceto no Vale Feliz. E poucos homens estavam dispostos a se arriscar a respirar os gases noturnos, embora tivessem lido no Oriental Times daquele dia a notícia sobre a cura da malária. Naquela ocasião, não existia cinchona disponível.

Todos os navios cerraram as escotilhas e todas as âncoras disponíveis foram lançadas ao fundo. Os navios foram colocados tão distantes quanto possível uns dos outros, a fim de lhes dar o máximo espaço de movimentação, quando o vento mudasse de direção.

Mas alguns diziam que, como o vento soprava constantemente do norte, não havia possibilidade de ser um tufão em início. Ninguém tinha notícia de um tufão que soprasse só do norte. O vento do tufão mudava constantemente de direção.

Até Struan inclinava-se a concordar. Jamais o barômetro estivera tão elevado. E jamais houvera um tufão sem queda do barômetro.

Ao entardecer, chuviscou, com nuvens baixas, e houve um alívio do calor.

Struan considerara cuidadosamente os perigos. Se só tivesse a si mesmo com que se preocupar, teria partido no China Cloud, em direção ao sul, até o vento mudar. Então, tomaria o curso mais seguro e escaparia. Mas algum instinto, que ele não entendia, dizialhe para não se arriscar no mar. Em vez disso, levou May-may, Yin-hsi, Ah Sam e Lim Din para a grande feitoria abandonada no Vale Feliz e colocou-os em seus alojamentos no terceiro andar. Sentiu que a chuva e o vento afastariam os gases noturnos. May-may estaria mais protegida por tijolo e pedra do que no mar, ou num buraco no chão, e isto era o mais importante.

Culum agradecera a Struan a oferta de um abrigo na feitoria, mas dissera que preferia levar Tess para o escritório do mestre do porto. Ficava num prédio baixo, de granito, e Glessing separara espaço para Culum e Tess nos alojamentos que faziam parte do edifício.Struan contara-lhes o que acontecera no outeiro, e que havia sido feita uma espécie de paz. E o dia inteiro, enquanto se preparava contra um tufão que poderia não chegar nunca, ele ficou meditando sobre a violência do homem.

— O que há, Marido? — perguntara May-may.

— Não sei. Brock, eu, o tufão... não sei. Talvez o teto de nuvens esteja baixo demais.

— Eu lhe digo o que está errado. Você pensa demais sobre o que aconteceu... pior ainda, imagina o que poderia ter acontecido. Ah! Que tolice! Seja chinês! Eu lhe ordeno! O que passou, passou. Foi feita a paz com Brock! Não perca tempo assim triste, como uma galinha constipada. Coma alguma coisa, beba um pouco de chá e faça amor com Yin-hsi.

Ela riu e chamou Yin-hsi, que veio às pressas pelo grande aposento, sentou-se à cama e lhe segurou a mão.

— Olhe para ela, por Deus! Já conversei um bocado com ela. Ele sorriu e se sentiu melhor.

— Assim é melhor — disse ela. — Penso em você o tempo todo, não se preocupe. Yin-hsi está sozinha, no quarto vizinho. Espera, atenta a noite inteira.

— Pare com isso, garota. — Ele deu uma risadinha e May-may falou rapidamente em chinês com Yin-hsi. Yin-hsi ficou toda atenta e depois, bateu palmas, extasiada, e sorriu radiante para Struan, saindo em seguida.

— O que você disse, May-may? — ele perguntou, cheio de suspeita.

— Eu disse a ela como você faz amor. E como deixar você fantasticamente excitado. E para não ter medo quando você gritar, no final.

— Vá para o inferno! Será que não posso ter nada particular?

— Tai-tai sabe o que é melhor para seu menino zangado. Yin-hsi está esperando você, agora.

— O quê?

— Yin-hsi. Eu disse a ela para se preparar. O amor à noitinha é bem agradável, pode ter certeza. Já se esqueceu? Struan grunhiu e caminhou para a porta.

— Muito obrigado, mas estou ocupado.

Desceu as escadas e, de repente, descobriu que se sentia muito melhor. Sim, era

tolice preocupar-se com o passado. E, outra vez, abençoou seu pagode por ter May-may.

***

Brock mandara retirar da carlinga e prender ao costado, para maior segurança, o mastro de proa quebrado do White Witch. Todas as vergas quebradas e cordame retorcido haviam sido separados e o navio tivera as escotilhas cerradas. Ele mandara lançar três âncoras e uma outra, de lona, própria para tempestades, à popa, para manter a embarcação em direção ao vento.

O dia inteiro, ele se sentiu atoleimado. Sua cabeça e o peito doíam-lhe, e sabia que teria pesadelos, aquela noite. Teria gostado de se embriagar, atordoar-se. Mas sabia que o perigo se aproximava. Deu uma última volta pelo convés encharcado de chuva, com uma lanterna, e depois desceu para ver como iam Liza e Lillibet.

— Aqui está o seu chá, amor — disse Liza. — É melhor mudar de roupa, vestir algo seco. Aqui estão. — Apontou para o beliche, onde se encontravam um casaco e calças navais, e um chapéu de marinheiro e botas.

— Obrigado, amor. — Sentou-se à mesa e bebeu o chá.

— Papai — disse Lillibet — quer jogar comigo? — E quando Brock se manteve em silêncio, pois não a escutara, ela puxou-lhe o casaco molhado. — Papai, joga comigo?

— Deixe seu pai em paz — disse Liza. — Eu jogo com você. Levou Lillibet

para a cabina vizinha e agradeceu a Deus pela paz entre seu homem e Struan. Brock contou-lhe o que acontecera e ela agradeceu a Deus por atender às suas preces. O vento foi um milagre, disse a si mesma. Agora, ele precisava de paciência. Acabaria por dar sua bênção a Tess. Liza pediu a Deus para proteger Tess e Culum, e o navio, e a todos eles, e se sentou e começou a disputar uma partida do jogo-da-velha com Lillibet. Aquela tarde, o caixão de Gorth fora colocado num escaler. Liza e Brock foram até águas profundas e Brock disse o serviço fúnebre. Quando acabou, amaldiçoou o filho e lançou o esquife nas profundezas. Voltaram ao White Witch e Brock foi para sua cabina, trancando a porta em seguida, e ali chorou pelo filho e por sua filha. Chorou pela primeira vez, depois de adulto, e a alegria de viver abandonou-o.

***

A noite inteira, o vento e a chuva foram piorando aos poucos. Ao amanhecer, o aguaceiro era forte, mas não terrível, e o mar estava agitado, mas não ameaçador.

Brock dormira vestido e apareceu no convés com os olhos lacrimejantes. Examinou o barômetro. Ainda 29.8 polegadas, firme. Bateu-lhe com a junta de um dedo, mas o registro não se alterou.

— Bom-dia, senhor — disse Pennyworth.

Brock fez um aceno com a cabeça, apaticamente.— Parece que é só uma chuvarada — disse Pennyworth, perturbado com a falta de ânimo de Brock. Brock observou o mar e o céu. A capa de nuvens estava cerca de cem pés de altura e escondia as montanhas da ilha e o Cume, mas isto também não era fora do comum.

Brock forçou-se a ir adiante e examinar as amarras das âncoras. Estavam firmes: três âncoras e três amarras da grossura da coxa de um homem. O bastante para resistir a qualquer tempestade, pensou. Mas isto não lhe causou satisfação. Nada sentiu.

O China Cloud estava elegantemente fundeado nas águas do porto, com o pessoal de plantão agachado a sotavento, no tombadilho. Todos os outros navios estavam fundeados também sem problemas, com a grande nau capitania dominando o porto. Alguns poucos juncos e sampanas atrasados procuravam amarrações ao lado da vila flutuante, na praia abrigada do vento de uma pequena enseada, perto do Cabo Glessing.

Brock desceu e Pennyworth e o resto do pessoal em serviço ficaram muito aliviados ao vê-lo ir embora.

— Ele envelheceu, desde ontem — disse Pennyworth. — Parece um morto-vivo.

***

À luz do amanhecer, Struan examinava as persianas do primeiro andar. Desceu até o piso principal e examinou as outras. Observou o barômetro: 29.8, firme.

— Pelos deuses! — disse, e sua voz estrondeou pelo edifício. — Que essa maldita chuva comece a cair de uma vez, ou pare logo, e vamos acabar com isso!

— O que, Tai-Pan? — May-may gritou do patamar.

Estava minúscula e linda.

— Nada, garota. Volte para a cama — ele disse. May-may ficou escutando a chuva cair e desejou estar em Macau, onde o ruído da água sobre os telhados seria doce.

— Não gosto desta chuva — disse. — Espero que as crianças estejam bem. Sinto muita falta delas.

— Sim. Volte para a cama, seja uma boa menina. Vou sair um pouco.

Ela fez um aceno jovial.

— Tenha cuidado, hein?

Struan vestiu seu grosso casaco marítimo e saiu.

Agora, a chuva era oblíqua. Não aumentara, durante a última hora. Na verdade, pensou, parecia estar diminuindo. As nuvens estavam muito baixas. Observou a posição do China Cloud. É lindo e está em segurança, disse a si mesmo.Voltou e examinou o barômetro. Nenhuma mudança. Tomou um bom desjejum e se preparou para sair outra vez.

— Vive para cima e para baixo! Por que é tão impaciente? Onde vai agora, hein? — perguntou May-may.

— Ao escritório do chefe do porto. Quero ver se Culum está bem. De maneira alguma você deve sair, e nem abrir qualquer janela ou porta, Suprema Senhora Tai-Tai, ou não Suprema Senhora Tai-Tai.

— Sim, Marido — May-may beijou-o.

A Estrada da Rainha estava toda enlameada e quase vazia. Mas o vento e a chuva eram revigorantes e ele se sentia melhor do que trancafiado na feitoria. Parecia um aguaceiro de primavera na Inglaterra, pensou; não, nem tão forte assim. Entrou no escritório do mestre do porto e sacudiu a água da chuva. Glessing levantou-se de sua escrivaninha.

— Bom-dia. Que tempestade estranha, não? Quer um pouco de chá? — Fez sinal para uma cadeira. — Suponho que esteja procurando Culum e a Sra. Struan. Eles foram ao serviço religioso matinal.

— Hein?

— Voltarão a qualquer momento. Hoje é sábado.

— Ah, eu tinha esquecido.

Glessing despejou o chá de um grande vaso, depois tornou a colocá-lo junto ao fogareiro. O aposento era grande e cheio de mapas. Um mastro atravessava o teto de caibros e, ao lado dele, havia uma portinhola. Bandeiras de código estavam em cubículos bem divididos, mosquetes em armeiros, e a sala inteira era limpa e bem-arrumada.

— O que acha da tempestade?

— Se for um tufão, estamos bem em seu caminho. É a única resposta. Se o vento não muda de direção, então o vórtice vai passar sobre nós.

— Que Deus nos ajude, se você estiver com razão.

— Sim.

— Uma vez, fui apanhado por um tufão ao largo de Formosa. Jamais quero estar num mar como aquele, outra vez, e nós não estávamos nem mesmo perto do vórtice. Se é que isso existe.

Uma rajada de vento, carregada de chuva, bateu com força nas persianas cerradas. Observaram o indicador de vento. Ainda inexoravelmente norte. Glessing pôs a xícara sobre a mesa.

— Sou-lhe devedor, Sr. Struan. Recebi uma carta anteontem, de Mary. Ela me contou como foram gentis... o senhor e Culum. Particularmente o senhor. Parece que ela está bem melhor.

— Eu a vi pouco antes de partir. Estava, com certeza, dez vezes melhor do que a primeira vez em que a visitei.

— Ela diz que terá alta em dois meses. E que o senhor disse aos papistas que aceitaria a responsabilidade por ela. Claro, isto cabe a mim, agora.

— Como quiser. É apenas uma formalidade. — Struan ficou imaginando o que faria, quando descobrisse a verdade a respeito de Mary. Lógico que ele teria de descobrir; como poderia May-may imaginar que não?

— O médico disse qual era a doença?

— Uma perturbação estomacal.

— Foi o que ela escreveu. Mais uma vez, obrigado. — Glessing movimentou um mapa sobre sua escrivaninha e enxugou um pouco de chá que caíra na teca. — Culum contou que o senhor esteve na Marinha Real, em menino. Em Trafalgar. Espero que não se incomode com a minha pergunta, mas meu pai teve a honra de servir também, naquela oportunidade. Fiquei imaginando em que navio se encontrava o senhor. Ele era ajudante-de-ordens do Almirante Lord Collingwood no...

— No Royal Sovereign — disse Struan, tirando-lhe a palavra da boca. — Sim, eu estava a bordo.

— Por Júpiter! — foi tudo que Glessing conseguiu gaguejar. Struan escondera o fato de Glessing deliberadamente, sempre sabendo que tinha outro ás para jogar, caso precisasse atraí-lo para seu lado.

— Sim. Claro, não me lembro de seu pai... eu era um menino carregador de pólvora, e morto de medo. Mas o almirante se encontrava a bordo e eu estava no Royal Sovereign.

— Por Júpiter! — Glessing repetiu. Vira o navio de 110 canhões ao largo de Spithead, uma vez, em menino. — Uma companhia de oitocentos e trinta e seis navios e o futuro Tai-Pan da Casa Nobre. Não é de admirar a nossa vitória, por Deus!

— Obrigado — disse Struan. — Mas tive pouco a ver com o combate.

— Por Deus, Tai-Pan — se me permite chamá-lo assim... acho isso maravilhoso. Estou muito satisfeito. Sim, estou. Palavra de honra! Eu o detestava, como sabe. Mas não detesto mais. Ainda acho que minha decisão era correta, na Batalha de Chuenpi, mas percebo agora que aquele maldito filho da mãe de Longstaff estava certo, quando disse que, se eu fosse o senhor, ou o senhor fosse eu, nossas atitudes seriam as mesmas.

— Por que está aborrecido com Longstaff?

O rosto de Glessing perdeu a animação.

— O maldito teve a impertinência de interferir em questões navais! Ele “sugeriu” ao almirante que eu fosse enviado para a Inglaterra! Graças a Deus o almirante é da Marinha Real e aquele patife foi demitido! E, por falar em idiotas, tenho certeza de que leu o jornal de ontem à noite. Aquele estúpido filho da mãe,

o Cunnington! Como ousa dizer que Hong Kong é um rochedo abandonado, onde mal existe uma só casa! Que maldita coragem, declarar uma coisas dessas! É o melhor porto do mundo! Como ele ousa dizer que não sabemos nada sobre o mar?

Struan lembrou-se do primeiro dia — bom Deus, só fazia pouco mais de seis meses? — e percebeu que tinha razão. Glessing poderia afundar junto com Hong Kong, mas lutaria até à morte para proteger o Cabo Glessing.

— Talvez o novo designado, Whalen, concorde com Cunnington.

— No que me diz respeito, tudo farei para impedir isso. O almirante também. Ele quase teve uma apoplexia, quando leu o jornal. Vamos pôr a cabeça para pensar. Veja a frota. Ancorada com toda proteção e segurança, como se estivesse no porto de Portsmouth. Diabo, o que suportaríamos, num dia como este, sem Hong Kong? Meu bom Deus! Eu estaria morto de medo, se estivesse fundeado em Macau. Hong Kong é necessária, e não se fala mais no assunto. Até aquele general idiota viu a luz uma vez na vida e concorda plenamente — e ele continuou a amaldiçoar Cunnington e Longstaff, para divertimento de Struan.

A porta se abriu e uma rajada de vento e chuva agitou os mapas. Culum e Tess entraram, muito animados, apesar do tempo.

— Olá, Tai-Pan — disse Culum. — Será que podemos tomar um pouco de chá, Glessing, meu velho? Rezamos por você!

— Obrigado. — Glessing fez sinal para o vaso de ferro no fogareiro. — Sirvam-se. Tess fez uma mesura para Struan e tirou seu casaco encharcado.

— Bom-dia, Tai-Pan.

— Está linda hoje, Sra. Struan — disse ele.

Ela corou e serviu o chá mais apressadamente.

— Vocês dois parecem muito felizes — disse Struan.

— Sim, estamos — disse Culum. — Agradecemos a Deus. E pedimos para o vento mudar.

— Não quer mudar de idéia, rapaz? E ir para a residência?

— Não, obrigado. Estamos completamente seguros, aqui.Struan notou uma pequena caixa de prata, cravejada de pedras preciosas, pendente da corrente de relógio de Culum.

— O que é isso, Culum?

— Um presente. Foi Tess quem me deu.

A caixinha continha agora os vinte soberanos de ouro de Brock, e Culum sentia-se culpado por nunca ter contado a Tess seu significado. Colocara-os na caixa depois que ele e Tess desembarcaram do White Witch pela última vez: para lembrá-lo de Tyler Brock, de que Brock não fora justo, não lhe dera a oportunidade de falar.

— Foi de minha avó. Não é um grande presente de casamento — disse Tess a Struan. — Mas, sem dote nenhum, temos de nos conformar.

— Não se preocupe com isso, garota. Você faz parte da Casa Nobre. Quando irão para a casa de vocês!

— Dentro de três semanas — Culum e Tess disseram, juntos, e riram, outra vez felizes.

— Ótimo. Faremos uma comemoração. Bom, até mais tarde.

— Olhe para aquele idiota, Tai-Pan! — disse Glessing. Ele estava focalizando seu telescópio, através de uma portinhola, numa lorcha que entrava no canal norte, com as velas rizadas.

— Que diabo estará fazendo? Não é dia para sair — disse Struan.

— Com sua permissão, Sr. Struan, farei sinal para que ancore em seu desembarcadouro no Vale Feliz. Terá problemas para ancorar nas Estradas. E seu desembarcadouro está desimpedido.

— Sim, com prazer. Que navio é aquele?

— É uma lorcha da Marinha, Com a flâmula de vice-capitão superintendente. — Ele fechou o telescópio. — Seu capitão precisa fazer um exame de sanidade mental, imagine partir de Macau com um tempo desses. Ou então o Sr. Monsey está com uma pressa diabólica. Qual a sua opinião?

Struan sorriu.

— Não sou nenhuma bola de cristal, Capitão Glessing.

Glessing deu as necessárias ordens a um marinheiro, que prontamente amarrou as bandeiras de código na adriça. Abriu a escotilha do teto. A chuva respingou-os, enquanto as bandeiras eram levadas para cima.

— Onde está Longstaff? — perguntou Struan.

— A bordo da nau capitania — disse Glessing. — Devo confessar que estaria mais feliz se me encontrasse também a bordo.

— Eu, não — disse Culum.

— Ah, meu Deus, não! — Tess acrescentou.

Struan acabou de tomar seu chá.

— Bom, estou de partida. Sabem onde me encontro, para o caso de precisarem de mim.

— Não será perigoso, Tai-Pan? — perguntou Tess. — Ficar ali, com a febre do Vale Feliz, e tudo mais.

— O vento e a chuva afastarão quaisquer gases venenosos — disse Struan, com uma confiança que não sentia.

— Não esqueça, Tess, sobrou alguma cinchona, e logo teremos uma porção — disse Culum. — Tai-Pan, acho que o novo empreendimento é maravilhoso. Um serviço prestado a toda humanidade.

Struan contara a Culum a respeito de seu acerto com Cooper, antes da notícia ser publicada. Também encorajara Culum a procurar mais o americano; quanto mais pensava numa ligação de Cooper e Culum, mais gostava da idéia.

— Jeff é muito inteligente, rapaz. Você vai gostar de trabalhar com ele. — Vestiu a capa de chuva. — Bom, vou embora. Escutem, vocês dois. Não se preocupem com Brock. Não se preocupe com seu pai, menina. Tenho certeza de que mudará de idéia, se lhe derem tempo. Basta dar tempo a ele.

— Espero que sim — disse Tess. — Ah, espero que sim.

À saída, Struan parou junto do barômetro.

— Meu Jesus Cristo! Baixou para 29.5 polegadas!

Glessing olhou a hora, ansiosamente. Eram quase dez horas.

— Isto representa quase meia polegada em meia hora. — Fez uma anotação num gráfico de pressão e seguiu Struan, que correra para fora.

Um quarto do horizonte, a leste, estava negro, e não parecia haver divisão alguma entre mar e céu. O vento tornara-se mais forte, com muitas rajadas, ainda soprando diretamente do norte, e a chuva mais pesada.

— Lá está ele, sem dúvida — disse Struan, tenso. — Fechem tudo, se querem sobreviver. — Começou a correr a toda a velocidade pela Estrada da Rainha, em direção ao Vale Feliz.

— Para dentro! Culum, Tess! — ordenou Glessing. Bateu a porta e passou a tranca.

— De maneira alguma abram qualquer porta, até novas ordens. — Fechou todas as janelas e examinou os trincos, percebendo que Struan tinha razão. O vórtice ia passar diretamente sobre eles. — Fico muito satisfeito por você ter feito as pazes com seu pai, Culum. Agora, eu acho, é bom tomar algum desjejum — disse ele, acalmando-os. — Sra. Struan, quer tomar conta de tudo?

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Struan corria o mais rápido que podia. Alguns cules chineses que trabalhavam em liteiras corriam para o Tai Ping Shan, e alguns poucos europeus extraviados procuravam abrigo, às pressas. Através da chuva, Struan via a lorcha da Marinha à sua frente, no porto, encaminhando-se velozmente para o Vale Feliz, com

muitas rizes nas velas. O mar agitado estava de um opaco verde acinzentado. A linha escura de um pé-de-vento percorreu o porto com incrível velocidade; sua beirada apanhou a lorcha, rasgou-lhe a vela principal e fê-la adernar. Struan concentrou suas energias e foi envolvido pelo vento. Demorou apenas uns poucos segundos, mas ele sentiu o açoite cego da chuva e quase foi derrubado. Quando conseguiu abrir os olhos, fitou o mar. Surpreendentemente, a lorcha ainda flutuava, e seguia em frente com dificuldade, — restando-lhe uma mezena, com o convés lavado e os farrapos da vela principal arrastados atrás.

Mais uma vez, Struan começou a correr. Chegou a seu desembarcadouro, no Vale Feliz, exatamente a tempo de ver os vagalhões de brancas cristas apanharem a lorcha e atirarem-na contra a estacaria. Um marinheiro pulou da amurada, com a amarra dianteira, mas escorregou e caiu entre o cais e o navio. Suas mãos agarraram a beirada do cais, e ele gritou quando o navio bateu no desembarcadouro, cortando-o ao meio. Quando o mar puxou outra vez o navio, o marinheiro desaparecera.

Struan gritou para os assustados marinheiros no convés e correu em frente. Um dos marinheiros atirou-lhe a corda e ele amarrou-a depressa em torno de um pilar. Outro, com risco de vida, pulou e conseguiu pisar a salvo no cais, com a amarra da popa.

O mar subia, e a lorcha e as estacas do cais rangiam. Então, a lorcha foi afinal amarrada e os homens começaram a pular em terra.

— Vão para a feitoria!

Struan lhes fez sinal para segui-lo, e correu para a porta da frente. Abriu-a com um empurrão, enquanto o vento o impelia. A tripulação de oito homens entrou correndo, a rogar pragas e bendizer sua sorte.

Struan tirou suas roupas ensopadas e, depois, notou Horatio e Monsey.— Meu Deus, o que está fazendo aqui, Horatio? Olá, Sr. Monsey!

— Jamais pensei que veríamos terra outra vez — ofegou Monsey.
Horatio encostou-se numa parede, com o peito arquejante e vomitou.

A porta se abriu e, num torvelinho de vento e chuva, o capitão — um jovem tenente— entrou zangado, sacudindo-se como um cão. Struan foi até lá e bateu a porta.

— Meu Deus do céu! — disse o homem, a Struan. — Viu o céu?

— Que diabo estavam fazendo no mar, num dia desses? Não tiveram bom senso suficiente para usar os olhos em Macau?

— Sim, por Deus! Mas recebi ordens de vir a Hong Kong, então vim para Hong Kong. Estamos nas mãos de um maníaco!

— Hein?

— Aquele maldito Capitão-Superintendente do Comércio, Sir Clyde Malfadado Whalen, por Deus! Aquele estúpido patife irlandês quase faz meu navio afundar com toda a tripulação. Eu disse a ele que o tempo estava ruim e ele só olhou para o céu e declarou: “Há tempo mais do que suficiente para chegar lá. Ordeno que parta!” Graças a Deus existe Hong Kong.

— Como está o mar, lá fora?

— Mais uma hora e jamais teríamos chegado. Vagas de vinte ou trinta pés. E aquele maldito vento! Não muda de rumo e não recua... é impossível! É um tufão, ou não? Como isso é possível?

— Porque a tempestade segue para leste daqui e estamos bem em seu caminho, rapaz!

— Ah, que Deus nos proteja!

— Fiquem à vontade. Vou pegar um pouco de chá e grogue para todos.

— Obrigado — disse o jovem. — Desculpe a explosão. Struan atravessou a sala, aproximando-se de Monsey e de Horatio.

— Consegue subir as escadas e ir para cima, Sr. Monsey?

— Sim. Obrigado, Tai-Pan. É muito gentil.

— Ajude-me com Horatio.

— Claro. Não sei o que deu no pobre rapaz. Está murmurando coisas sem nexo, desde que saímos de Macau. É muito esquisito.

— É medo — disse Struan.

Ajudaram Horatio a tirar o casaco encharcado. Seu rosto estava acinzentado e opaco, agora, e ele estava dominado pela náusea. Juntos, quase o carregaram pelas escadas acima e colocaram-no no sofá na ala oeste das instalações, parte que antes pertencia a Robb.

Struan aproximou-se do aparador e serviu doses de conhaque. Monsey pegou uma, com as mãos trêmulas, e esvaziou o cálice. Aceitou nova dose.

— Obrigado. Caminhou pelo corredor até o patamar e lá virou, tomando o corredor da ala leste. Sua suíte ocupava a extremidade sul deste pavimento.

May-may, Yin-hsi e Lim Din jogavam *mah-jong* numa pequena mesa, na vastidão da sala de estar. Havia lanternas acesas e as chamas dançavam

alegremente.

— Olá, Tai-Pan — disse May-may. Ela pegou outra das pedras de bambu e marfim e atirou-a, com uma praga. — Ah, que dia terrível, Tai-Pan! — disse. — Meu pagode está horrível. Não ganhei um só jogo. Perdi quatrocentas, e estamos jogando há horas. Que horror, que horror, que horror! Mas estou satisfeita de ver você, não se preocupe.

A chuva castigava as persianas e o vento aumentava. — Maldito barulho! Pode me emprestar alguns taéis? Estou arruinada!

— Descontarei de sua mesada. Volte para seu jogo, garota. — Struan sorriu. — Temos companhia lá embaixo e por toda parte, então não saiam.

— Para que sair?

Ele voltou aos alojamentos de Robb.

Monsey parecia melhor. Tirara suas roupas ensopadas e se enrolara num cobertor. Horatio dormia, inquieto.

— Deus nos salvou desta vez, Tai-Pan — disse Monsey.

— Por que diabo partiram de Macau? Parece que procuravam mesmo problemas. Deviam ter visto o tempo.

— Negócios oficiais, Tai-Pan — zombou Monsey. — Sua Excelência Imperial Whalen chegou de fragata a noite passada. Ele me ordenou a vir a Hong Kong com um despacho oficial para o ex-plenipotenciário. Com este tempo, veja só! Como se um ou dois dias fossem fazer alguma diferença! Não tive coragem de lhe contar que a “grande notícia” já fora publicada no jornal.

— Como é ele?

— Eu diria que é bastante exasperante. Chegou a Macau cerca de meia-noite, numa fragata, sem se fazer anunciar. Dentro de quatro minutos, fui convocado para ir a bordo. Ele apresentou suas credenciais, deu-me para ler o despacho do Ministro de Relações Exteriores... palavra por palavra como estava na matéria de Skinner; como esses malditos jornalistas conseguem documentos secretos? E me ordenou para partir ao amanhecer, a fim de entregar imediatamente o despacho a Longstaff. Disse que chegaria imediatamente a Hong Kong, que Longstaff deveria partir na mesma hora. E que eu deveria procurar o almirante e o general e lhes dizer que tudo deveria estar pronto para uma imediata partida para o norte. — Monsey afundou numa cadeira. — Um irlandês. O que mais posso dizer?

— Por que ele não veio diretamente para cá?

— Não se pode ter dois plenipotenciários aqui, de uma só vez... é nitidamente contra os regulamentos, Sr. Struan. Existe uma coisa chamada protocolo, graças aos céus. Tenho de assumir imediatamente o cargo de Longstaff. Logo que ele sair do porto, devo informar o fato a Sua Excelência. Então, ele chegará.

Uma rajada de vento atingiu as persianas, fazendo-as estalejarem

— Maldito seja aquele homem. Quase me matou. As coisas vão ferver na Ásia, com ele no comando. A primeira coisa que disse, foi: “Aquele rochedo amaldiçoado pode afundar, que pouco estou ligando.” Puxa vida! Se não se importa, vou dormir um pouco. Não me sinto bem.

Horatio começou a gemer de novo e, depois, vomitou.

— Dê a ele um pouco mais de conhaque — disse Struan. — Há um quarto de dormir vizinho. Desceu para ver como ia a tripulação da lorcha. Eles já haviam encontrado provisões e bebida. Os que não estavam bebendo ou comendo, dormiam ou tentavam dormir.

O barômetro registrava 29.1, ainda caindo.

— Meu bom Deus, isto significa mais do que três décimos de polegada por hora —

disse o jovem tenente. Era alto e louro. — A propósito, Sr. Struan, sou o Tenente Vasserly-Smythe, R.N. Struan apertou. a mão que ele lhe estendia.

— Obrigado por nos dar abrigo.

Uma janela ao norte abriu-se com violência e a chuva e o vento jorraram para dentro do saguão. Três dos marinheiros bateram a janela e tornaram a fechar as persianas.

— Acho que vou dar uma olhada em meu navio — disse o tenente.

— É melhor vir por este caminho. — Struan conduziu-o por um corredor até uma janela lateral bem reforçada por persianas, e localizada num ponto protegido contra o vento norte. Abriu-a, com cuidado, e olhou para fora.

Viu que o China Cloud e o Resting Cloud estavam bem ancorados. A lorcha do tenente erguia-se e caía, com as ondas rangendo e se raspando contra a estacaria, e a leste não havia horizonte. Apenas escuridão. E a escuridão descia sobre eles.

— Seu navio nunca esteve tão seguro, Tenente.

— Sim. — O jovem deu uma última olhada assustada no céu, a leste, e trancou as persianas. — É o primeiro navio que eu comando. Só estou nessas águas há alguns meses. O que acontece quando vem um tufão?

— Os Ventos Supremos lançam-se contra nós.

— Que ventos são esses?

— Pés-de-vento. Rajadas. Algumas vezes são chamados os Ventos Diabólicos.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

O primeiro dos Ventos Supremos varreu o porto uma hora mais tarde e pegou em cheio o Resting Cloud. Suas amarras se romperam e o navio ficou à deriva, sem proteção, em meio à escuridão. Mauss, numa das cabinas, ergueu os olhos de sua Bíblia e agradeceu a Deus por suas graças e por Hung Hsiu-ch'uan. A rajada fez o Resting Cloud adernar, e Mauss foi atirado contra a antepara, ficando inconsciente, enquanto o navio era arrastado para a praia, quase virando. Em seu caminho, estava o Boston Princess, da Cooper Tillman. Os dois navios colidiram, violentamente, e o gurupés do Resting Cloud arrancou parte das instalações superiores da outra embarcação, antes de se quebrar, e então a embarcação adernou, com a proa em direção à praia. A tempestade atirou-o na cidade flutuante das sampanas, afundando dezenas dos barquinhos, e a fez encalhar. Centenas de chineses afogaram-se, e os que ainda estavam a salvo, nas sampanas, agacharam-se sob seus frágeis abrigos de bambu. Mas o próximo Vento Supremo arrancou os abrigos, e muitas famílias foram engolfadas.

***

A bordo do Boston Princess, Jeff Cooper arrastou-se na cabina principal e ajudou Shevaun a se levantar. O vento aumentou de violência e castigou o navio, mas as amarras resistiram.

— Você está bem? — gritou Cooper por sobre o tumulto.

— Acho que sim. Ah, que Deus nos acuda!

— Fique aí!

Cooper abriu a porta da cabina e lutou para chegar ao convés, cercado por um pandemônio. Mas o vento e a chuva horizontal empurraram-no para baixo. Ele desceu três conveses e seguiu por um corredor que dava no porão. Espiou em torno, com uma lanterna. Onde o Resting Cloud batera, o madeirame estava esmagado e as soldaduras começavam a se desprender. Cooper voltou até onde se encontrava Shevaun.

— Está tudo bem — mentiu ele. — Basta que nossas amarras resistam.

***

Um Vento Supremo alcançou o Cabo Glessing e arrancou o pau da bandeira, atirando-o como um dardo no escritório do mestre do porto.

O pau da bandeira atravessou a parede de granito e decepou o braço de Glessing à altura do cotovelo. E continuou abrindo caminho até o outro lado do edifício, atirando Culum para um lado e fazendo caírem tijolos, destroços e carvões acesos sobre Tess, antes de, afinal, parar.

A chuva e o vento gemiam através das paredes quebradas e o vestido de Tess se incendiou. Culum ergueu-se com esforço e apagou o fogo, batendo-lhe com as mãos.

Quando acabou, ele segurou Tess em seus braços. Ela estava inconsciente. Tinha o rosto branco e o cabelo parcialmente chamuscado. Ele arrancou-lhe o vestido e examinoua cuidadosamente. Havia queimadura em suas costas.

Culum ouviu gritos. Virando-se, viu Glessing, com o sangue a jorrar do coto. E, do outro lado da sala, enxergou o braço decepado. Culum levantou-se, mas suas pernas não lhe obedeceram.

— Faça alguma coisa, Culum! — ele gritou, no meio do vento.

Os músculos, afinal, atenderam, e ele agarrou uma adriça do mastro da bandeira e atou um torniquete em torno do coto, fazendo parar a hemorragia. Tentou decidir o que deveria fazer em seguida e, então, lembrou-se do que seu pai fizera, quando Zergeyev fora atingido por um disparo.

— Limpe o ferimento — disse, alto. — É o que você precisa fazer. Depois, cauterize-o. Apanhou a chaleira. Havia ainda água dentro, de modo que ele se ajoelhou ao lado de Glessing e começou a molhar o coto.

— Resina, amigo velho — murmurou, com a agonia de Glessing a lhe cortar o coração.Tess gemeu, ao recuperar a consciência. Ergueu-se vacilante, com o vento agitando papéis, bandeiras e poeira, quase a cegá-la. Seus olhos se desanuviaram e ela gritou.

Culum virou-se, em pânico, e viu-a olhando para o braço decepado.

— Ajude-me! Procure as tenazes da lareira! — ele gritou, em meio ao ruído

provocado pela tempestade. Ela abanou a cabeça e recuou histericamente, muito enjoada.

— Pegue as malditas tenazes! — gritou Culum, com as mãos em fogo. — Mais

tarde você fica enjoada!

Tess forçou-se a ficar ereta, chocada pela virulência na voz de Culum. Começou a procurar as tenazes.

— Pelo amor de Deus, apresse-se!

Ela as encontrou e, como se aquilo fosse um pesadelo, entregou-as a Culum. Culum pejou um carvão aceso com as tenazes e segurou-o de encontro ao coto.

Glessing gritou e desmaiou outra vez. O fedor de carne queimada era arrasador. Culum lutou contra sua náusea até o coto estar completamente cauterizado. Então, virou a cabeça e vomitou violentamente.

***

Brock ergueu os olhos do barômetro, com todo o navio vibrando e o madeirame gemendo.

— 28.2 polegada, Liza! Nunca esteve tão baixo! Liza agarrou Lillibet e tentou conter o seu medo.

— Fico imaginando onde estará Tess. Que Deus a proteja!

— Sim — disse Brock.

Então, houve um grito da madeira e todo navio adernou, mas corrigiu sua posição.

— Vou para o convés!

— Fique aqui! Pelo amor de Deus, não se arrisque — mas ela parou, porque ele já fora embora.

— Quando isso vai passar, mamãe? — soluçou Lillibet.

— Daqui a pouco, amor.

Brock enfiou a cabeça, cautelosamente, para fora do passadiço do tombadilho, a sotavento. Ergueu o pescoço para olhar os mastros. Estavam quebrados como raminhos. Houve um ruído monstruoso quando se partiu o mastro principal.

— Agüentem aí! — gritou Brock para baixo do passadiço. — Guarda da proa ao convés!

Um Vento Supremo irrompeu do norte e outra adriça se partiu, e mais outra, e o mastro principal caiu até quase sobre o convés e bateu na mezena e ambos os mastros, vergas e cordame tombaram sobre o convés, destruindo o passadiço do tombadilho. O White Witch adernou terrivelmente.

Brock abriu caminho em meio aos destroços e injuriou a tripulação petrificada.

— Para o convés, patifes! Lutem pelas suas vidas! Cortem os mastros quebrados, do contrário estaremos perdidos!

Exortou os homens no convés e, agarrando-se com uma das mãos, o vento a empurrá-lo e a chuva a cegá-lo, brandiu freneticamente um machado contra as

adriças, lembrando-se do outro tufão, que lhe custara um olho, e rezando para conservar o outro e para que Tess estivesse salva e Liza e Lillibet não se afogassem.

***

Os andaimes da nova cidade há muito haviam sido arrancados, quando um dos Ventos Supremos varreu a praia, derrubando o que restava das tendas dos soldados e destruindo o cais. Arrasou as tavernas, bares e prostíbulos perto das docas e destroçou o estabelecimento da Sra. Fortheringill, pulverizando a pintura e sepultando Aristotle Quance no entulho. Depois, direto como uma flecha, ceifou casebres do Tai Ping Shan, liquidando centenas de famílias, e lançou restos dos destroços a uma milha de distância, no seio do Cume.

Nas profundezas da terra, nas encostas do Tai Ping Shan, Gordon Chen se abrigava no porão secreto que construíra e se congratulava por sua prudência. O porão era de pedra e muito forte e, embora ele soubesse que a casa acima desaparecera, alegremente lembrou a si mesmo de que todos os seus pertences de valor estavam salvos ali, e a casa poderia ser depressa substituída. Seus olhos percorreram fileiras de livros de contabilidade, arquivos de títulos de propriedade de terras, notas promissórias, débitos e hipotecas importantes, caixotes de barras de prata, caixas contendo jades, peças de caras sedas e barriletes do mais fino vinho. E em sua concubina. Flor Preciosa. Ela estava instalada confortavelmente, sob as mais ricas cobertas, na cama encostada a uma das paredes. Ele se serviu de outra xicrinha de chá e deitou-se a seu lado.

Você é um sujeito muito inteligente, disse a si mesmo.

***

O vento e a chuva castigavam o lado norte da feitoria de Struan no Vale Feliz e, de vez em quando, um dos Ventos Diabólicos a empurrava. Mas, apesar dos tremores ocasionais, e do barulho terrível, o prédio resistiu.

Struan acendeu um charuto. Detestava ficar assim dentro da casa, sem fazer nada.

— Você fuma demais — May-may gritou, em meia aos ruídos da tempestade.

— Fumar acalma os nervos,

— Hábito sujo. Fedorento.

Ele não disse nada, mas deu outra olhada no barômetro.

— Por que você não pára de olhar, a cada dez minutos?

— É para descobrir onde está a tempestade. Quando o barômetro parar de cair, o centro estará sobre nós. Então, subirá. Eu acho.

— Não estou muito satisfeita por nos encontrarmos aqui, Tai-Pan. Seria muito melhor em Macau.

— Não acho.

— O quê?

— Não acho!

— Ah! Temos de dormir aqui outra vez, esta noite? — ela perguntou, cansada de gritar. — Não quero que você, ou Yin-hsi e até mesmo aquela idiota da Ah Sam peguem a febre.

— Acho que estamos bastante seguros.

— O quê?

— Não há perigo!

Ele deu uma olhada em seu relógio. Duas e vinte. Mas, quando espiou através de uma fenda na persiana, não conseguiu ver nada. Só um vago movimento na escuridão e na chuva horizontal que batia nas vidraças. Ficou satisfeito por se encontrarem ao abrigo do vento. Aquele canto da residência era virado para leste, e a oeste, e ao sul, estava protegido da violência. E Struan sentia-se satisfeito por se encontrar em terra. Nenhum navio pode sobreviver a isto, pensou. Nenhum porto no mundo pode proteger por muito tempo as frotas de um ato assim de Deus. Aposto que Macau está sendo atingida. E não há proteção ali. Aposto que metade dos navios estão destruídos, bem como dez mil juncos e sampanas, ao longo de quinhentas milhas da costa. Sim. E o navio enviado ao Peru? Aposto que foi atingido e destruído, e o Padre Sebastião com ele.

— Vou dar uma olhada nos outros.

— Não demore, Tai-Pan.

Ele seguiu pelo corredor e examinou os trincos das persianas. Depois, atravessou o patamar e, distraidamente, endireitou uma pintura de Quance e entrou nos alojamentos de Robb.

Horatio estava sentado — meio à sombra — na cadeira de bambu na qual há muito tempo Sarah se sentara e, à frágil e bruxuleante luz das lanternas, Struan pensou, por um momento, que fosse Sarah.

— Olá, Horatio. Onde está Monsey?

Horatio olhou para Struan sem reconhecê-lo.

— Encontrei Ah Tat — disse ele, com voz fúnebre.

— Não consigo ouvir, rapaz. Você tem de gritar.

— Ah Tat. Sim, eu a encontrei.

— Hein?

Horatio começou a rir, terrivelmente, como se Struan não estivesse no aposento.

— Mary. teve um aborto. Ela é uma puta suja, para fedorentos pagãos, há anos.

— Tolice. Isso é tolice, rapaz. Não acredite -: disse Struan.

— Eu encontrei Ah Tat e lhe arranquei a verdade. Mary é uma puta diabólica dos chineses, e estava grávida de um mestiço. Mas Ah Tat deu-lhe veneno para matá-lo. — Outra vez, uma gargalhada. — Mas eu peguei Ah Tat e lhe bati até ela me dizer a verdade. Ela era a alcoviteira de Mary. Mary vendeu-se aos pagãos. — Seus olhos voltaram para o centro da lanterna. — Glessing jamais se casará com

uma puta de chineses. Então, ela será minha outra vez. Toda minha. Eu a perdoarei, se ela rastejar e implorar.

— Horatio! Horatio!

— Ela será minha. Como quando éramos meninos. Ela será toda minha, outra vez. Eu a perdoarei.

Outra rajada diabólica atingiu o prédio, e mais outra, e uma terceira, e parecia que se encontravam no meio de dez mil sorvedouros terríveis, e Struan ouviu janelas e persianas quebrando-se. Correu pelo corredor, até sua suíte. May-may e Yin-hsi estavam assustadas, na cama, e Ah Sam gemia, petrificada. Struan correu até a cama e abraçou May-may. A violência infernal aumentava.

Abruptamente, a tempestade parou.

Fez-se silêncio.

A luz começou a se filtrar através das fendas nas persianas, aumentando de

intensidade com a passagem dos segundos.

— O que aconteceu? — perguntou May-may, com a voz soando irreal, no silêncio esmagador.

Struan depôs May-may na cama e se aproximou da janela. Espiou através de uma das fendas e, depois, abriu cautelosamente a janela e destrancou as persianas. Piscou, enquanto o ar quente e seco invadia o quarto.

Olhou incrédulo para o porto.

O China Cloud ainda estava em suas amarras. O White Witch perdera seus mastros e as pontas das adriças caíam sobre o casco. O Resting Cloud encontrava-se encalhado no Cabo Glessing e a lorcha ainda amarrada no cais da companhia. Viu uma fragata encalhada, adernada, bem acima da arrebentação. Mas o resto da frota e os navios transportadores de soldados e mercantes ainda estavam ancorados, intactos.

Acima, havia pequenas nuvens, céu azul e sol. Mas, no porto, o mar enlouquecera. Ondas piramidais elevavam-se da superfície e se chocavam umas com as outras, e ele viu

o China Cloud fazer água por sobre a amurada, dos dois lados, bem como pela proa e pela popa, ao mesmo tempo. Além, à distância, uma cortina rodopiante de nuvens gigantescas elevou-s& do mar e subiu até sessenta mil pés, dominando tudo.

E, em toda parte, com exceção do ruído das ondas entrechocando-se, havia aquele silêncio sobrenatural.

— Estamos no vórtice!

— O quê?

— O olho da tempestade. É isso. O centro!

May-may e Yin-hsi e Ah Sam aproximaram-se, correndo.

— A frota está salva, por tudo que é sagrado! — disse Struan, exultante. — Os navios estão salvos. Salvos. — Abruptamente, sua alegria desapareceu e ele bateu as persianas e janelas, trancando-as em seguida.

— Vamos — disse, com urgência, abrindo repentinamente a porta, e elas o

acompanharam, espantadas. Ele correu pelo corredor, atravessou o patamar, foi até a ala oposta do prédio e abriu a porta da suíte mais ao norte.

As persianas estavam parcialmente quebradas e uma janela espatifara-se, lançando vidro por toda parte.

— Fiquem aqui — disse.

— O que há, Tai-Pan? A tempestade foi embora.

— Façam como eu digo. — Saiu correndo. May-may deu de ombros e se sentou numa cadeira quebrada.

— O que há com Papai? — perguntou Yin-hsi.

— Não sei. Realmente, eu não o entendo, algumas vezes. Graças a Deus o barulho parou. Que silêncio, não? Um silêncio tão grande que chega a incomodar. Yin-hsi foi até uma janela e abriu-a.

— Ah, vejam! — disse. — Não é lindo? Estou tão feliz por a tempestade ter passado. May-may e Ah Sam colocaram-se a seu lado.

***

Brock estava no convés, paralisado. Via vagas aproximando-se de todas as direções, mas ali, a sotavento da praia, as ondas eram pequenas. O sol estava quente e seco. A água fazia ruído. As nuvens de tempestade em torno eram como

as paredes de uma grande catedral, com cinco milhas de largura. Mas as paredes se moviam. O quadrante leste se acercava.

— O que está acontecendo, amor? — perguntou Liza, chegando ao convés com Lillibet. — Ah, que beleza!

— É tão lindo — disse Lillibet.

— Estamos no olho da tempestade! No vórtice! — exclamou Brock. Os marinheiros que chegavam ao convés viraram-se e olharam para ele.

— Ah, veja — disse Lillibet. Apontou para a ilha. — Não é engraçado?

As árvores que pontilhavam a ilha estavam brancas, contra a terra marrom; seus ramos haviam sido despojados de todas as folhas. A nova Cidade da Rainha quase sumira e o Tai Ping Shan estava em ruínas. Pequenas figuras começavam a se mover sobre a praia.

— Vão para baixo — disse Brock, com a voz desafinada. Confusos, eles fizeram o que ele ordenara.

— Capitão Pennyworth!

— Sim, senhor?

— É melhor fazer as pazes com seu Criador — disse Brock. — Só ele sabe o que há do outro lado dessas nuvens diabólicas. Vão todos para baixo.

Ele pegou seu telescópio e focalizou-o na residência da Casa Nobre. Viu Struan em pé no meio de um grupo, diante da porta da frente. Havia algumas cabeças espiando para fora das janelas do terceiro andar.

Fechou o telescópio.

— É melhor entrar, Dirk — disse tranqüilamente. Colocou os remanescentes da portinhola do passadiço no lugar e cerrou-a como pôde, descendo em seguida.

— Acho bom rezarmos — disse ele, alegremente.

— Ah, que bom — disse Lillibet. — Posso começar? Como na hora de dormir?

***

Culum tinha o braço passado sobre Tess.

— Se escaparmos vivos, maldito seja eu se ficar aqui — disse, ele. — Quero voltar para a Inglaterra e este lugar que se dane.

— Sim — disse Tess, horrorizada com a destruição. Ela olhou, com terror, para a cortina de nuvens que se aproximava, aos poucos. Engoliu a península de Kowloon. — É melhor entrarmos — disse.

Culum fechou a porta e sentiu uma dor terrível nas mãos queimadas. Mas fechou o trinco. Ela abriu caminho entre os destroços e se ajoelhou ao lado de Glessing. O rosto dele estava cadavérico, mas seu coração batia.

— Pobre George.

***

Struan media a distância do cais até o China Cloud e até as nuvens, que se encontravam mais a leste. Sabia que não havia tempo para tomar um escaler, então correu até a extremidade do cais e pôs as mãos em concha.

— Orlov! — rugiu. — Ó de bordo, China Cloud — sua voz ecoava estranhamente sobre o porto do Vale Feliz, e ele viu Orlov acenar-lhe, e ouviu-o responder fracamente:

— Sim?

— Vire o navio para o sul! Os ventos virão do sul, agora! Embique para o sul!

— Sim — ouviu Orlov responder e, dentro de um momento, viu marinheiros correndo, um escaler foi baixado e os homens começaram a empurrar febrilmente, virando o casco.

Struan voltou correndo para junto do grupo de homens na porta da frente.

— Entrem!

Alguns deles se moveram, mas o jovem tenente ainda olhava para sua lorcha no porto, sem acreditar.

— Deus do céu, ainda está inteira! E olhem para a frota, olhem para os navios! Pensei que já tivessem sido todos destruídos, a esta altura, mas só uma fragata está virada, e aquele clíper perdeu os mastros. Incrível, por Deus! Sul, o senhor disse? Por quê?

— Vamos — disse Struan, puxando-lhe o braço. — Entre... e leve seus homens para dentro.

— O que há?

— Pelo amor de Deus, sairemos do vórtice dentro de alguns minutos. E então haverá uma reversão dos ventos... acho que mudarão de direção e vão soprar do sul. Leve seus homens...

Foi quase derrubado, quando Horatio passou correndo e se dirigiu à Estrada da Rainha, em direção ao cais.

— Volte, seu louco, você será morto! — gritou Struan, mas Horatio não prestou a menor atenção. Struan saiu correndo atrás dele.

— Horatio! Que diabo há com você? — disse, alcançando-o e agarrando-lhe o ombro.

— Preciso dizer a Glessing. Acabar com essa loucura de casamento — gritou Horatio. — Afaste-se de mim... assassino! Você e sua suja puta assassina! Quero ver ambos na forca! — Ele se soltou, e saiu correndo.

Struan tornou a correr atrás dele, mas a chuva começou a cair e ele parou. A muralha de nuvens já estava quase na metade do porto, e o mar fervia à sua chegada. Viu a tripulação do escaler marinhar para bordo do China Cloud e desaparecer sob o convés. Orlov acenou pela última vez, depois também sumiu.

Struan virou-se e correu para o abrigo da residência. Uma rajada envolveu-o e ele redobrou seus esforços. Chegou ao umbral em meio ao aguaceiro e olhou para trás.

Horatio saía correndo do Vale Feliz, pela praia. A muralha de nuvens cobriu o

cais e Horatio começou a desaparecer no meio do nevoeiro. Struan viu-o parar e erguer os olhos, e depois a pequena figura foi arrastada como uma folha.

Struan abriu violentamente a porta e a empurrou, em seguida, para fechá-la mas, antes de poder passar a tranca, baixou a escuridão e um Vento Supremo irrompeu, lançando-o lá para dentro do saguão. Fez explodirem todas as janelas do térreo e matou três marinheiros. Então, parou.

Struan levantou-se, espantado por ainda estar vivo. Correu para a porta e, com toda sua imensa força, fechou-a. O sorvedouro passava pelas janelas, sugando destroços, papéis e lanternas da residência — tudo que não estivesse preso por pregos.

Ao correr para as escadas, Struan deu com o corpo esmagado do jovem tenente. Parou, mas outra rajada empurrou-o e arrastou o cadáver, enquanto Struan lutava para escapar à sucção e subir as escadas, pondo-se a salvo.

***

Quando os ventos sopraram do sul, o White Witch sacudiu-se, bêbado. Adernou até quase virar, inclinou-se sobre as amarras dianteiras mas, por um milagre, endireitou-se outra vez e, tremendo, apontou para o vento. Brock pegou Lillibet e Liza e colocou-as de volta no beliche. Gritou-lhes frases de encorajamento, mas ela não ouviram, e todos eles procuraram, desesperadamente, manter-se vivos.

A água descia pelo passadiço e começou a bater na porta fechada da cabina, insinuando-se por baixo dela. Um Vento Diabólico atingiu o navio. Houve um barulho imenso e a embarcação estremeceu, e Brock percebeu que uma das

amarras se partira.

***

A bordo do Boston Princess, Shevaun mantinha as mãos contra os ouvidos, tentando não escutar o grito dos ventos que assaltavam o navio. Cooper sentiu que a última amarra se partia. Gritou a Shevaun para resistir, mas ela não o escutou. Ele cambaleou até o local onde ela se encontrava e segurou-a de encontro a um balaústre, com todas as forças que lhe restavam.

O navio deu uma guinada. A amurada a bombordo oscilou e começou a fazer mais água, causando o afundamento da embarcação. A tempestade tomou conta da nave e atirou-a contra o navio russo.

***

Na cabina principal do grande bergantim, um armário com portas de vidro quebrouse, espalhando garrafas, cristal e instrumentos de cutelaria, e Zergeyev segurou-se, praguejou e rezou uma oração. Quando o navio tornou a se equilibrar, com o nariz em direção ao vento, ele chutou os destroços de debaixo dos pés, rezou outra vez e se serviu de mais um conhaque.

Maldita seja a Ásia, pensou. Queria estar em meu país. Maldita seja esta

tempestade do demônio. Malditos sejam os ingleses. Maldita seja esta suja ilha. Maldito seja tudo. Maldito o Príncipe Tergin, por me mandar para cá. Maldito o Alasca — e a emigração. E as Américas, e os americanos. Mas bendita Shevaun.

Sim, disse a si mesmo, enquanto o navio rodopiava outra vez e gemia, sob a violência da tempestade. E bendita a Mãe Rússia, por sua santidade e seu lugar na História. O plano do príncipe Tergin é maravilhoso e correto, claro que é, e eu ajudarei na sua execução. Sim. Maldita aquela bala e maldita dor. Não cavalgarei mais pelas planícies infinitas. Acabou. Agora sou forçado a esquecer os esportes. Encare a si mesmo, Alexi! A bala foi sorte — qual é a palavra que usa o Tai-Pan? — ah, sim, pagode. A bala foi pagode. Bom pagode. Agora, posso concentrar todas as minhas energias a serviço da Rússia.

O que fazer? Partir de Hong Kong, agora. Acabou. O estúpido Lord Cunnington estrangulou a Grã-Bretanha e nos deu a chave para a Ásia. Ótimo. Faça um acordo comercial com o Tai-Pan ou com Brock e, depois, vá embora logo que possível e prossiga até o Alasca. Faça acertos referentes às tribos. Depois, retorne para seu país. Não, melhor ainda — vá a Washington. Olhe e ouça e pense, e faça o que nasceu para fazer — sirva a Mãe Rússia até os confins da terra. A terra dela.

Zergeyev sentiu a dor no quadril e, pela primeira vez, gostou dela. Muito bom pagode, pensou. Então, está decidido. Partiremos, se sobrevivermos.

Mas, e Shevaun? Ah, eis uma moça sobre a qual vale a pena pensar, pela cruz! Valiosa politicamente, hein? E fisicamente. Mas não é suficientemente boa para um casamento, mesmo sendo seu pai um senador. Ou talvez seja. Talvez fosse uma medida muito aconselhável. Considere isso, Alexi. Vamos precisar de líderes para a América russa. O continente será dividido em principados. O casamento entre nacionalidades sempre foi uma forma de conquista, hein? Talvez você deva apressar esse dia.

Por São Pedro, gostaria que ela fosse minha amante. Como poderia conseguir isso? Será que ela aceitaria? Por que não? Louco idiota, o Cooper. É muito aborrecido que esteja prometida. Pena. Ela disse que não o amava.

O tufão estava no auge, mas o anel de montanhas ainda desviava a maior parte de sua violência do porto.

O Boston Princess debatia-se no meio do porto, com uma das amuradas sob o mar, fazendo água, pesadamente. Cooper sabia que o fim estava próximo, e segurava Shevaun, gritando que tudo acabaria bem.

O navio afundou mais e seguiu velozmente em direção a Kowloon. Depois encalhou. Os rochedos perfuraram-lhe o casco e as ondas lamberam-lhe os porões, e então um Vento Supremo ergueu-o acima do torvelinho e atirou-o de lado, por sobre a linha da arrebentação.

***

Agora que o vento soprava do sul, passava por sobre a cordilheira de montanhas e seguia em direção ao continente. E, no funil que formava o Vale Feliz, ele aumentava sua força incrível. Abateu-se sobre a Casa Nobre, procurando seu ponto fraco.

Struan embalava May-may em seus braços, na suíte relativamente protegida, do lado norte. Uma lanterna bruxuleava nervosamente, lançando sombras bizarras e dançantes. Além das janelas espatifadas, a sotavento das rajadas carregadas de chuva, só havia escuridão. Ah Sam estava ajoelhada no chão e Yin-hsi aninhava-se perto de Struan, procurando abrigo.

May-may virou-se e colocou os lábios perto da orelha de Struan, gritando: — Tai-Pan, estou muito infeliz com esse barulho todo.

Ele riu, segurou-a com mais força e ela colocou os braços em torno de seu pescoço. Sabia que nada os atingiria agora. O pior passara.

— Dentro de mais três, ou quatro horas, passará, garota.

— Tempestade horrível. Eu não lhe disse que era um dragão? Um dragão marinho?

— Sim.

— Pelo sangue de Cristo!

— O que há?— Esqueci de tomar a última xícara do nojento chá de cinchona. Hoje é o último dia, lembra-se?

— Você vai tomar, dentro de algumas horas.

— Sim, Marido! — May-may sentia-se muito feliz e saudável. Brincava com o cabelo comprido na nuca de Struan. — Espero que as crianças estejam bem.

— Sim. Não se preocupe. Chen Sheng cuidará deles.

— Quando iremos embora, hein? Estou com uma pressa incrível de me casar.

— Daqui a três meses. Seguramente, antes do Natal.

— Acho que você deve tomar outra esposa bárbara como Terceira Irmã.

Ele riu.

— É muito importante ter muitos filhos. Não ria, por Deus!

— Talvez você tenha tido um bom pensamento, garota — ele disse. — Talvez eu deva ter três bárbaras. Depois, virão você e Yin-hsi. Acho terrivelmente importante arranjarmos outra irmã chinesa, antes de partirmos.

— Ora! Se sua atividade com a Segunda Irmã até agora continuar assim, arranjaremos amantes, por Deus! — Depois ela beijou-lhe a orelha e gritou: — Estou muito satisfeita com meu pagode por me trazer você, Tai-Pan!

Um tiroteio dos Ventos Supremos quebrou as janelas do lado sul e todo prédio se mexeu como se houvesse um terremoto. Os pregos do telhado rangeram diante do puxão incômodo e, depois, uma rajada diabólica arrancou o telhado e atirou-o no mar.

Struan sentiu Yin-hsi ser arrastada para cima, pelo sorvedouro. Tentou agarrá-la, mas ela já desaparecera. Struan e May-may abraçaram-se, apertadamente.

— Não desista, Tai-Tai!

— Nunca! Eu o amo, Marido!

E os Ventos Supremos abateram-se sobre eles.

CAPÍTULO CINQÜENTA

O sol se ergueu bravamente e espalhou calor sobre a cidade destroçada e o porto seguro.

Culum encontrou o pai no torvelinho da residência. Struan estava esmagado num canto da suíte norte e, em seu braços, havia uma pequena e magra moça chinesa. Culum ficou imaginando como o pai poderia tê-la amado, pois, para ele, não era bonita.

A morte não os enfeara. Seus rostos estavam calmos, como se dormissem.

Culum saiu do quarto e desceu a escadaria quebrada, sendo envolvido, lá fora, pela suave brisa do leste.

Tess estava à espera. E quando viu que ele abanava desamparadamente a cabeça, seus olhos também se encheram de lágrimas e ela segurou-lhe a mão. Saíram do Vale Feliz pela Estrada da Rainha, sem nada ver.

A nova cidade encontrava-se em ruínas, com destroços espalhados por toda parte. Mas, aqui e acolá, havia prédios ainda de pé, alguns meras cascas, outros só ligeiramente danificados. A praia estava cheia de gente que corria de um lado para outro, ou permanecia em pé, em grupos, observando os destroços de suas residências ou casas de negócios. Muitos supervisionavam equipes de cules, resgatando seus pertences enlameados ou fazendo consertos. Cules com liteiras exerciam sua atividade. Os mendigos também. Patrulhas de soldados haviam sido colocadas em pontos estratégicos para impedir o inevitável saque. Mas, estranhamente, havia pouquíssimos saqueadores.

Sampanas e juncos pescavam no calmo porto, entre os pedaços flutuantes de navios quebrados. Outros chegavam trazendo novos povoadores. E o cortejo de chineses da praia até o Tai Ping Shan começara outra vez.

Havia fumaça por sobre a encosta. Alguns incêndios ardiam entre os destroços dos casebres. Mas, além da fumaça, havia a movimentação do trabalho. Restaurantes, casas de chá e de venda de alimentos e vendedores ambulantes faziam negócios outra vez, enquanto os moradores — martelando, costurando, cavando, conversando — consertavam suas casas ou começavam a reconstruir, abençoando seu pagode por estarem vivos.

— Olhe, Culum, amor — disse Tess. Estavam perto do cais. Culum se achava obtuso, com o cérebro mal funcionando.

Ele olhou para onde ela apontava. Numa encosta, seu lar quase concluído estava sem teto e deslocado dos alicerces.

— Ah, meu Deus — ela disse. — O que vamos fazer? Ele não respondeu. O medo dela aumentou, ao sentir o pânico dele.

— Vamos, amor. Iremos... iremos para o hotel e depois... depois para bordo do White Witch. Vamos, amor.

Skinner aproximou-se, correndo. Seu rosto estava manchado, as roupas rasgadas e sujas.

— Com licença, Sr. Culum. Onde está o Tai-Pan?

— O quê?

— O Tai-Pan. Sabe onde ele está? Preciso vê-lo, imediatamente.

Culum não respondeu, então Tess disse:

— Ele... ele está morto.

— Hein?

— Ele está morto, Sr. Skinner. Eu... meu Culum o viu. Ele está morto. Na feitoria.

— Ah, meu Deus, não! — disse Skinner, com voz rouca. Que mau pagode! Ele murmurou condolências e voltou para sua impressora e a máquina destroçada.

— Você é dono de jornal! — ele gritou. — De quê? Não tem impressora e nem dinheiro para comprar outra, e agora o Tai-Pan está morto, de modo que não pode pedir emprestado a ele, então nada tem e está liquidado! Liquidado! Que diabo você vai fazer?

— Chutou os destroços, sem ligar para os cules que estavam a um lado, esperando pacientemente. — Por que diabo ele tinha de morrer numa ocasião dessas? Arengou por alguns minutos e depois sentou-se num banquinho.

— O que vai fazer? Recomponha-se. Pense!

Bom, disse a si mesmo, a primeira coisa é tirar o jornal. Edição especial. Como? Impresso manualmente.

— Sim, impresso manualmente — repetiu, em voz alta. — Você tem a mão-de-obra e pode fazer isso. E então?

Notou os cules a observá-lo. Então fique com a boca calada, advertiu a si mesmo. Tire o jornal e então vá procurar aquele jovem idiota desamparado, Culum, e faça-o empregar dinheiro numa nova impressora. Você pode dobrá-lo facilmente. Sim. E fique com a boca calada.

Chegou Blore. Seu rosto estava sem vida.

— Bom-dia — disse. — Que maldita confusão! As arquibancadas sumiram, e o padoque. Tudo. Perdemos quatro cavalos... o capão também, maldição!

— O Tai-Pan está morto.

— Ah, meu Deus! — Blore recostou-se contra a porta quebrada. — Isso acaba com tudo. Ah, bom, pensei mesmo que era bom demais para poder durar.

— Hein?

— Hong Kong... o Jóquei Clube... tudo. Isto é o fim. Pense bem. A Colônia é um

desastre. Esse novo patife, o Whalen, vai dar uma olhada e morrer de rir. Não há esperança agora, sem o Tai-Pan. Diabo, eu gostava dele.— Foi ele quem mandou você me procurar, não? Para me entregar o despacho?

— Não — disse Blore. O Tai-Pan fizera-o jurar segredo. Um segredo era um segredo. — Pobre sujeito. De certa maneira, estou satisfeito por ele não ter vivido para ver o fim da Colônia.

Skinner tomou-o pelo braço e apontou para o porto.

— O que há ali?

— Hein? O porto, por Deus!

— Esse é que é o problema das pessoas. Não usam as cabeças e nem os olhos. A frota está salva... todos os navios mercantes! Perdemos uma fragata, que encalhou, mas será consertada e voltará para o mar dentro de uma semana. O mesmo aconteceu com o Resting Cloud. O Boston Princess afundou em Kowloon. Mas foi tudo. Não entende? O pior tufão da história submeteu Hong Kong ao teste... e ela passou com todas as bandeiras drapejando, por Deus! O tufão foi um grande pagode. Acha que o almirante não vai entender? Pensa que até aquele imbecil do Cunnington ignora que todo nosso poder está na frota... pense o que pensar aquele general debilóide? Poder marítimo, por Deus!

— Santo Cristo, pensa mesmo assim?

Skinner já voltara para dentro e estava tirando o lixo de seu caminho. Sentou-se, pegou uma pena, tinta e papel e começou a rabiscar.

— Se eu fosse você, começaria a fazer planos para as novas arquibancadas. Quer que eu publique que vai cumprir o programa estabelecido?

— Sim. Ótimo! Sim. — Blore pensou um momento. — Vamos começar um costume... teremos uma corrida especial. O maior prêmio do ano... a maior corrida da temporada. Vamos chamá-la o Grande Prêmio Tai-Pan.

— Ótimo. Esta noite, você lerá a respeito disso no jornal. Blore espiou Skinner escrevendo.

— Está fazendo o obituário dele?

Skinner abriu uma gaveta e empurrou um maço de papel em direção a ele.

— Já o escrevera há alguns dias. Leia. Depois você pode ajudar-me com a impressão manual.

***

Culum e Tess ainda estavam em pé onde Skinner os deixara.

— Vamos, amor — disse Tess, puxando-lhe o braço, angustiada.

Com um esforço Culum concentrou-se.— Por que você não vai para bordo do White Witch? Tenho... tenho certeza de que estão ansiosos para saber se você está salva. Irei para bordo mais tarde. Deixe-me só um pouquinho, está bem, querida? Preciso... bom, só quero ficar um pouco sozinho.

— Ah, Culum, o que vamos fazer?

— Não sei. Não sei.

Viu que ela erguia os olhos para ele e depois partia. Ele continuou caminhando em direção ao Cabo Glessing, sem ouvir e sem ver, o tempo parando, para ele. Ah, Deus do céu, o que farei?

— Sr. Struan?

Culum sentiu que alguém lhe puxava o braço e saiu de seu estupor. Notou que o sol estava alto no céu e ele estava encostado no pau da bandeira partida do Cabo Glessing. O mestre-d'armas olhava-o.

— Receba os cumprimentos de Sua Excelência, Sr. Struan. Quer fazer o favor de subir a bordo?

— Sim, sim, naturalmente — disse Culum, sentindo-se vazio e embrutecido.

Permitiu que o mestre-d'armas o guiasse até o escaler à espera. Subiu o passadiço da nau capitania e, depois, desceu.

— Meu querido Culum — disse Longstaff — que notícia terrível. Terrível. Quer Porto?

— Não. Não, obrigado, Excelência.

— Sente-se. Sim, terrível. Chocante. Logo que ouvi a notícia, mandei buscá-lo para lhe apresentar minhas condolências.

— Obrigado.

— Vou partir com a maré, amanhã. O novo plenipotenciário mandou notícia por

Monsey de que está em Macau. — Maldito Whalen, por que diabo não esperou? Maldito tufão! Maldito Dirk! Maldito tudo! — Já conhece Monsey, não?

— Não... não senhor.

— Não importa. Puxa vida, que coisa triste. Monsey estava na residência e não sofreu um só arranhão. Sim, terrível. Tudo é uma questão de pagode. — Aspirou rapé e espirrou. — Ouviu dizer que Horatio foi morto também?

— Não... não, senhor. A última vez... pensei que ele estava em Macau.

Idiota, por que tinha de morrer? Complica tudo.

— Ah, a propósito, seu pai tinha uns documentos para mim. Eu precisava deles, antes de partir.

Culum revistou sua memória. O esforço esgotou-o ainda mais.— Ele não falou a respeito comigo, Excelência. Nada sei a respeito deles.

— Bom, tenho certeza de que os guardo em lugar seguro — disse Longstaff, encantado por ver que Culum não sabia de nada. — Um cofre, Culum, é lá onde devem estar. Onde fica seu cofre particular?

— Eu... eu não sei, senhor. Perguntarei a Vargas.

— Vamos, Culum, recomponha-se. A vida continua. Os mortos devem enterrar os seus mortos, e tudo mais. Não deve desistir, não é? Onde fica o cofre dele? Pense! Na residência? A bordo do Resting Cloud?

— Não sei.

— Então sugiro que verifique, e muito depressa. — A voz de Longstaff se tornou mais aguda. — É um assunto da máxima importância. E não fale com ninguém. Sabe qual o castigo por traição?

— Sim... sim, claro — respondeu Culum, assustado com Longstaff.

— Ótimo. E não esqueça que você ainda é vice-secretário colonial e se encontra sob solene juramento à Coroa. Coloquei os documentos nas mãos de seu pai para que os guardasse em segurança. Documentos diplomáticos altamente secretos referentes a uma "potência amiga". Mapas, documentos em russo com traduções inglesas. Encontre tudo. Volte a bordo quando tiver o material. Volte a bordo ao entardecer, de qualquer maneira. Se não puder cumprir a tarefa, eu a farei por mim mesmo. Ah, sim, e vou confiar a você algumas sementes. Chegarão dentro de alguns dias. Você vai reencaminhá-las para mim e tratará o assunto com igual sigilo. Ordenança! — gritou. A porta se abriu imediatamente.

— Sim, senhor!

— Acompanhe o Sr. Culum à terra!

Culum voltou para a chalupa em pânico. Ele foi às pressas até o Resting Cloud. Estava no meio da cidade nas sampanas, quase na vertical. Soldados haviam sido colocados nas imediações, como proteção contra saqueadores. Escalou o barco e dirigiuse à cabina.

Lim Din montava guarda, com uma machadinha, em frente aos alojamentos de Struan.

— O Senhor está morto? — perguntou.

— Sim.

Lim Din ficou calado. E nem sua expressão mudou.

— Quando o Tai-Pan tinha papel... documento importante... onde guardava? — perguntou Culum.

— Hein?

— Documento... põe cofre. Tem cofre? Caixa segura?

Lim Din fez sinal para dentro e mostrou-lhe o cofre na antepara do quarto de Struan.

— Isto?

— E a chave?

— Chave não tem. Tai-Pan tem, pode ter certeza.

Onde ele guardaria a chave?, Culum perguntou a si mesmo, desesperado. Em suas roupas! Em suas roupas, claro! Vou ter de... Será que Vargas não terá uma duplicata? Ah, Deus do céu, ajude-me. Haverá... haverá um funeral; com esquife. Onde eu, e... e aquela moça, a moça chinesa? Será que pode ser enterrada com ele? Não, não seria direito. Será que ele tem filhos com ela? Ele não disse que tinha? Onde estarão eles? Nas ruínas? Pense, Culum! Acorde, pelo amor de Deus! E os navios? E dinheiro? Será que ele deixou um testamento? Esqueça isso, não tem importância agora... nada disso. Precisa achar os documentos secretos. O que Longstaff disse? Mapas e um documento russo?

Brock entrou sem ser notado na cabina. Viu o medo e o desamparo na fisionomia do jovem, e as manchas de sangue em suas mãos e no rosto.

— Bom-dia, rapaz — disse, gentilmente. — Vim, logo que soube. Sinto muito, rapaz, não se preocupe. Eu vou fazer tudo para você.

— Ah, obrigado, Sr. Brock — disse Culum, obviamente aliviado. — É apenas que eu... — Ele se sentou, fraco.

— Tess disse que, sem você, ela estaria morta, e Glessing também. Foi um mau pagode o que aconteceu com seu pai, mas não se preocupe. Fui à residência, rapaz, e tomei todas as providências adequadas. Ordenei a Orlov para colocar o Leão e o Dragão a meio-mastro e vou colocar em ordem o Resting Cloud sem demora. Você recupere o fôlego. Vou tomar conta de tudo.

— Ah, obrigado, Sr. Brock. Viu a chave? Eu preciso pegar... — Culum estava quase explicando a respeito dos documentos, mas lembrou-se do que Longstaff dissera a respeito de traição e se deteve em tempo. — Só pensei — ele disse, gaguejando

— Bom, acho que preciso dar uma olhada nos papéis dele.

— Não examinei os seus bolsos — disse Brock, com voz fria.

— Só o deitei ajeitado e coloquei a mulher em outro lugar, escondido. Ah, Dirk, disse a si mesmo, jamais vou esquecer como você estava, e a pagã. Juntos. Mas, por sua própria causa, e por causa das crianças, você será enterrado sozinho, como cristão.

— Fiz alguns acertos relativos a ela, com discrição.

— Sim, claro — disse Culum.

— Vamos fazer uma fusão, Culum. Brocks e Struans. Será o melhor para todos. A Casa Nobre será Brock-Struan. Vou ajeitar os papéis imediatamente para que

tudo fique legalizado. — Sim, ele disse a si mesmo. Não vou esfregar esse pagode em sua cara, Dirk, mas eu sou o Tai-Pan, agora. Afinal. Culum será o seguinte, se for suficientemente bom, depois de Morgan e Tom. — Tudo está esquecido entre você, Tess e eu. rapaz. É melhor ir para bordo do White Witch. Tess precisa ser confortada.

— Sim. Está bem, Sr. Brock. Obrigado. Mas... bom, se não se incomoda, gostaria de... voltar à residência, primeiro.

— Vá para bordo ao anoitecer — Brock saiu.

Culum enxugou o rosto com as mãos. É melhor. Fazer uma fusão. Você sempre disse que faria. Recomponha-se, Culum. Vá pegar a chave!

— Senhor? — Lim Din fez-lhe sinal para segui-lo e levou-o a outra cabina. Mauss jazia no chão. Estava feio, morto. — Pagode. Não se preocupe — disse Lim Din, e riu, nervosamente.

Culum saiu às cegas do navio, com o coração doendo, e atravessou as vigias de pranchas da cidade das sampanas, até se aproximar do Cabo Glessing. Caminhou pela Estrada da Rainha, abrindo caminho entre destroços e pertences quebrados, murmurando incoerentes agradecimentos às muitas pessoas que dele se aproximavam oferecendo-lhe sua simpatia. Tinha apenas um pensamento, em sua mente despedaçada: você precisa examinar-lhe os bolsos.

— Culum!

Em sua perturbação, viu Cooper, com Shevaun a seu lado, num grupo de negociantes perto do hotel. Gostaria de prosseguir, mas eles se aproximaram.

— Acabamos de saber, Culum. Sinto muitíssimo — disse Cooper. — Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? Foi um pagode terrível.

— Sim — disse Shevaun, com o rosto muito machucado e as roupas em frangalhos.

— Terrível. Acabamos de voltar de Kowloon. Acho simplesmente horrível, tão injusto.

— Eu... eu... bom... sinto muito, não posso falar agora. Preciso... preciso... Observaram-no afastar-se às pressas.— Pobre rapaz — disse Cooper.

— Ele parece louco de susto.

— Não é de estranhar. Depois do que aconteceu com o Tai-Pan e com Glessing.

— Ele vai ficar bom? Glessing?

— Não sei. Espero que sim. — Cooper olhou para o porto. Viu os destroços do Boston Princess e agradeceu a Deus outra vez por estarem salvos. — Se fosse ele, eu estaria da mesma maneira.

Aquele pobre rapaz vai precisar de toda ajuda que lhe puder ser oferecida, disse Cooper a si mesmo. Graças a Deus, o Tai-Pan viveu tempo suficiente para me dar os papéis. Eu fico imaginando se ele teve uma premonição. Não. Com certeza não. E Culum? O que vai fazer? Está desamparado como um bebê. Talvez eu devesse tomar conta dele — devo isto ao Tai-Pan, e mais ainda. Temos juntos, agora, o negócio da cinchona. Vamos cancelar os dois outros diretores, ficaremos só Culum e eu. Por que não juntar forças? Fundir totalmente as companhias? A nova Casa Nobre — Cooper-Struan. Não! Struan-Cooper. Você será justo com Culum. Ele será o próximo. Há gigantescas possibilidades numa fusão, claro. Mas será melhor agir depressa, senão Brock vai colocar

o rapaz a seus pés. Tai-Pan da Casa Nobre. O Tai-Pan. Por que não?

— Por que você está sorrindo? — perguntou Shevaun.

— Um pensamento que me ocorreu — ele disse, e deu-lhe o braço. Você foi muito inteligente, Dirk, meu amigo. Em ambas as jogadas. Sim. Vai me custar um ano para consolidar. — Estou tão satisfeito por termos sobrevivido. Vamos para o desembarcadouro. Precisamos ver se Zergeyev está bem. Escute, Shevaun, decidi mandar você para a América por um ano, no próximo navio.

— O quê? — disse Shevaun, e parou.

— Sim. No final desse período, se você decidir que me ama e quer casar comigo, serei o mais feliz dos homens. Não, não diga nada — Cooper acrescentou, quando ela começou a falar. — Deixe-me terminar. Se você decidir em contrário, então tem sua liberdade e minha bênção. De qualquer maneira, não comprarei os interesses de Tillman. Seu pai receberá, durante toda sua vida...

Shevaun virou-se e os dois começaram a caminhar outra vez, de braços dados, enquanto ele continuava a falar. Mas ela não estava escutando, agora. Um ano, exultava, escondendo sua alegria Livre por um ano. Livre deste maldito lugar! E papai ainda terá suas ações! Ah, Deus, Vós atendestes às minhas orações. Obrigada, obrigada, obrigada. Pobre Dirk, meu amor. Agora eu estou livre e agora você está morto.Olhou para o bergantim russo. Sim, pensou, o Tai-Pan está morto. Mas você está livre, e o arquiduque seria uma escolha perfeita.

— Desculpe, Jeff. O que você disse?

— Só que quero entregar alguns documentos particulares a seu pai.

— Claro, meu caro. E muito obrigada, muito obrigada. O ano passará depressa.

***

Gordon Chen curvou-se diante de Buda, no templo em ruínas, e acendeu um último bastão de incenso. Chorara por seu pai e por May-may.

Mas agora não é hora de chorar, disse a si mesmo. Pagode é pagode. Agora é hora de pensar.

A Casa Nobre está morta.

Culum não tem a força para levá-la adiante. Brock irá dominá-lo e fundirá as companhias. Não posso cuidar de Brock. Se Culum se unir a Brock, Culum estará liquidado. Então, de nenhuma das duas maneiras, ele poderá ajudar-me. Será que posso ajudá-lo? Sim. Mas não com os bárbaros, e não posso ajudá-lo a ser o Tai-Pan. Isto é uma coisa que só o próprio homem consegue para si mesmo.

A fumaça do incenso fazia delicados anéis no ar e ele a observava, satisfeito com seu perfume.

Só meu pai sabia do nosso acordo. Eu tenho o loque de prata e, no devido tempo, ele se transformará em cinqüenta, cem loques. Sou o chinês mais rico de Hong Kong. E o mais poderoso. O Tai-Pan dos chineses.

Tenho de ser honesto... não sou chinês, e nem inglês. Mas estou contente com meu pagode, e sou mais chinês do que inglês. Casarei com uma chinesa e também meus filhos e os filhos de meus filhos, podem ter certeza.

Hong Kong? Vou ajudar a ilha a se tornar mais forte. Detive os saqueadores, hoje. A força de trabalho será ampla e obediente, no futuro.

Acredito no que o meu pai disse: o governo britânico cairá. Tem de cair. Ah, deuses, peço que caia, para o futuro da China! Vocês são chineses... pensem na China. Vou financiar o maior templo do sul da China... bom, pelo menos, um templo adequado para a sede da Tríade e para o Tai Ping Shan: logo que o governo cair e Hong Kong for absolutamente britânica.

Ele se ajoelhou, tocou o chão com a cabeça, diante da estátua, para confirmar a barganha. Sim, só papai sabe como iríamos ficar ricos. Mesmo assim, metade será de Culum. Todos os meses, eu lhe prestarei contas e dividiremos tudo de maneira justa, enquanto ele cumprir a parte de papai na barganha: que eu controle tudo e me sejam feitas poucas, ou nenhuma, perguntas; e tudo em particular... só entre nós dois.

Vá procurá-lo, agora. Preste suas homenagens.

É uma pena que Culum tenha casado com a filha de Brock, Isto será sua derrocada. Pena que ele não tenha tido a força de prosseguir sozinho. Queria que eu e ele pudéssemos trocar de lugar. Eu mostraria aos bárbaros como dirigir a Casa Nobre. E ao imperador, diga-se de passagem. Se Culum tivesse pelo menos alguma força e estivesse preparado para ouvir conselhos, Chen Sheng e eu poderíamos manter acuados Brock e todos os outros chacais.

Bom, não tem importância. Darei a meu pai e a sua Tai-tai um funeral que se transformará em legenda por cem anos. Mandarei fazer para ele uma tabuleta, e outra para sua Tai-tai, e prantearei durante cem dias. Depois, queimarei as tabuletas, para que renasçam em paz.

Vou mandar buscar Duncan e o bebê e os criarei eu próprio. E iniciarei uma dinastia.

***

Quase anoitecia. Culum estava sentado nos degraus da igreja abandonada, no

outeiro do Vale Feliz, com a cabeça apoiada nas mãos. Estava com os olhos perdidos na distância. Você precisa pegar a chave, dizia a si próprio, repetidas vezes. Não há nada a temer. Precisa pegar a chave e, depois, os documentos. Vamos, Culum.

Superara o pânico, agora. Mas estava consumido pelo desgosto consigo mesmo — e pela solidão. Olhava para a residência, lá embaixo. Vargas e Orlov estavam ainda em pé à porta. Lembrou-se vagamente de ter chegado ao vale, há horas, e vendo-os ali afastara-se, para evitá-los, e depois gritara: “Deixem-me sozinho”, quando vieram atrás dele. Notou que Gordon Chen estava com eles, agora. Gordon não se encontrava lá, antes, lembrou a si mesmo. O que ele quer? Zombar? Ter pena de mim, como os outros? Longstaff... Brock... Cooper... Shevaun... Skinner... Vargas... Orlov. Até mesmo Tess. Sim, eu vi isso no seu rosto quando paramos na Estrada da Rainha. Até o seu. E você tem razão. Está certa.

O que eu faço? O que posso fazer? Não sou meu pai. Eu disse a ele que não sou. Fui honesto com ele. Pegue a chave. Pegue a chave e pegue os papéis. Você precisa entregar os papes. Longstaff ordenou-lhe para ir a bordo. Já está quase na hora. Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!

Observou as sombras se alongarem.

Devo contar a Brock a respeito das moedas de Jin-qua? A respeito das restantes três metades de moedas, e dos três favores, e do juramento sagrado, e do Lótus Cloud. Eu preciso. Ah, Deus, e Wu Kwok? E os aprendizes de capitão chineses, e os meninos que estão sob a tutela de papai? Brock não cumpriria meu juramento, eu sei que não. Não me importo. Que diferença faz?

— Olá. — Ah, olá, Sr. Quance. — Culum olhou de soslaio, atoleimado, para as sombras. — Por favor, deixe-me sozinho. Por favor.

Todos os membros de Aristotle Quance doíam. Há apenas uma hora ele fora desenterrado dos escombros. Seu cabelo e o rosto estavam cheios de sangue

coagulado e poeira, e tinha as roupas rasgadas.

— Sinto tanto — disse ele. — Foi o pagode. Só pagode.

— Detesto essa palavra. Por favor, por favor, deixe-me sozinho.

Quance viu o desamparo, a agonia e o ódio por si mesmo no rosto vagamente parecido com aquele que ele conhecia tão bem. Lembrou-se da primeira vez em que vira Struan. Numa viela obscura em Macau, caído, inconsciente, na sujeira. Tão desamparado, exatamente assim, disse a si mesmo. Não, não exatamente, jamais da mesma maneira. Dirk era como um deus, mesmo caído na lama. Ah, Dirk, você sempre teve o rosto de um deus e o poder de um deus — acordado ou dormindo. Sim, e até mesmo morto, sou capaz de apostar. Prestígio. Era o que você tinha.

Tão diferente de seu filho.

Sim, mas não tão diferente. Culum enfrentou-o, com relação ao outeiro. E ficou com você, contra Brock. E apertou a mão de Gordon Chen, diante de você. E fugiu com a moça, sem ligar para as conseqüências. E salvou a vida de Glessing. A centelha está aí.

Lembra-se do que você disse, quando recuperou a consciência? “Não sei quem são, mas obrigado por me devolverem o prestígio.”

Você nunca perdeu o seu, Dirk, meu amigo.

“Sim. Mas devolva a meu filho o dele.”

Não é o que você diria, se estivesse aqui? Estará aqui? Sinto falta de você, rapaz.Aristotle Quance esqueceu sua própria tristeza e se sentou no degrau, ao lado de Culum.

— Sei que não é hora de falar nisso, Tai-Pan, mas será que você poderia emprestarme quatrocentos e cinqüenta guinéus?

— O quê? O que você disse?

— Poderia emprestar-me quatrocentos e cinqüenta guinéus, Tai-Pan? Sei que é um momento terrível, mas aquela velha feiticeira, a Fortheringill, está viva... nenhum tufão ousaria tocá-la, por Deus! E ameaça colocar-me na prisão por dívidas. Não tenho a quem recorrer, a não ser você.

— Você disse “Tai-Pan”. Você me chamou de “Tai-Pan”.

— E você não é?

Então, Culum lembrou-se do que seu pai dissera. A respeito da alegria e da dor de ser Tai-Pan; a respeito de ser homem; de se cuidar sozinho; a respeito da vida e seu combate.

Sua solidão desapareceu. Olhou para os três homens lá embaixo. Sua ansiedade voltou. Era bastante simples para Aristotle dizer “Tai-Pan”, pensou. Mas e eles? Precisa conquistar sua confiança, colocá-los de seu lado. Como? O que papai disse? “Os homens são governados com o cérebro e com magia.”

Levantou-se, todo trêmulo.

— Eu... eu tentarei. Por Deus, realmente tentarei. Jamais o esquecerei, Aristotle. Jamais.

Desceu o morro, com o estômago dando voltas. O mestre-d’armas aproximava-se, vindo do escaler, e eles se encontraram na porta da frente.

— Sua Excelência quer que vá a bordo imediatamente.

— Por favor, diga-lhe que o verei logo que possível — disse Culum, com uma calma que não sentia.

— Ele quer vê-lo agora.

— Estou ocupado. Diga-lhe que estou ocupado!

O homem corou, fez continência e saiu às pressas.

O que haverá nesses papéis, afinal?, Culum perguntou a si mesmo. Reuniu suas forças e encarou Orlov, Vargas e Gordon Chen.

— Brock deu ordens a bordo do meu navio — disse Orlov. Viu as manchas de sangue nas mãos e nas mangas de Culum e estremeceu. — Ordens para baixar a bandeira, por Odin! Eu teria feito isso, de qualquer maneira, logo que soubesse. Devo receber ordens dele, agora, hein?

— Brock irá destruir-nos, Sr. Culum. O que vamos fazer? — disse Vargas, torcendo as mãos.

— Vargas, vá fazer acertos para o funeral. Meu pai e sua senhora serão enterrados juntos.

— O quê?

— Sim. Juntos. Ela é cristã e será enterrada com ele. Gordon, espere por mim. Quero falar com você. Orlov, vá para bordo de seu navio e ice a bandeira. Depois, vá a bordo do White Witch e traga minha senhora para terra.

— Disse para trazê-la?

— Sim. Para cá. — Pegou os vinte soberanos. — Entregue essas moedas a Brock, com meus cumprimentos. Diga a ele que eu mandei dizer que são para comprar um caixão para si mesmo.

Os três homens olharam com estranheza para Culum. Depois, disseram:

— Sim, Tai-Pan. — E obedeceram.

Fim

Table of Contents

Página de Rosto
LIVRO I
- CAPÍTULO UM
- CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
LIVRO II
- CAPÍTULO NOVE
- CAPÍTULO DEZ
- CAPÍTULO ONZE
- CAPÍTULO DOZE
- CAPÍTULO TREZE
- CAPÍTULO QUATORZE

LIVRO II
- CAPÍTULO QUINZE
- CAPÍTULO DEZESSEIS
- CAPÍTULO DEZESSETE
- CAPÍTULO DEZOITO
- CAPÍTULO DEZENOVE
- CAPÍTULO VINTE
- CAPÍTULO VINTE E UM
- CAPÍTULO VINTE E DOIS
- CAPÍTULO VINTE E TRÊS
- CAPÍTULO VINTE E QUATRO
- CAPÍTULO VINTE E CINCO
- CAPÍTULO VINTE E SEIS
- CAPÍTULO VINTE E SETE
- CAPÍTULO VINTE E OITO
- CAPÍTULO VINTE E NOVE
- CAPÍTULO TRINTA
- CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
LIVRO VI
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
CAPÍTULO QUARENTA E OITO
CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
CAPÍTULO CINQÜENTA